STELLA LUIZA MOURA ARANHA CARNEIRO

A VIOLÊNCIA NOTIFICADA CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NA FAMÍLIA: QUANDO TUDO COMEÇA EM CASA

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Saúde Mental

Orientadora: *Profª. Drª. Mara Aparecida Alves Cabral*

Este exemplar corresponde à versão final da Tese de Doutorado,apresentada ao Curso de ' Pós-Graduação em Ciências Médicas, área de Saúde Mental FCM/UNICAMP, para obtenção do título de Doutor em Ciências Medicas, Área de Saúde Mental da aluna Stella Luiza M.A. Carneiro.

Campinas, 18 de outubro de 1999.

Profa. Dra. Mara Ap. Alves Cabral
Orientadora

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
Nº CHAMADA:
V. 1 Ex.
TOMBO BC/ 39575
PROC. 229/99
C D
PREÇO R$ 11,00
DATA 02-12-99
Nº CPD

CM-00137488-3

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

C215q

Carneiro, Stella Luiza Moura Aranha
"Quando tudo começa em casa" a violência notificada contra a criança e o adolescente na família / Stella Luiza Moura Aranha Carneiro. Campinas, SP : [s.n.], 1999.
2v.

Orientador : Mara Aparecida Alves Cabral
Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

1. Psicologia social. 2. Relações interpessoais. 3. Crianças - Maus-tratos. 4. Violência conjugal. I. Mara Aparecida Alves Cabral. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

ERRATA Volume I

Página 9 - No último parágrafo , na terceira linha , leia-se trazia no lugar de traz.

Página 40 - Na nota de rodapé ocorreu um problema de impressão . Leia-se 43ª no lugar de 43.

Banca examinadora da tese de Doutorado

Orientador: Profa. Dra. Mara Aparecida Alves Cabral

Membros:

1. Profa. Dra. Isabel Altenfelder S. Bordin - Isabel A. S. Bordin

2. Prof. Dr. Sérgio Luiz Blay -

3. Prof. Dr. Joel Sales Giglio -

4. Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda - Sergio Arruda

5. Profa. Dra. Mara Ap. Alves Cabral - Mara Aparecida Alves Cabral

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, área de concentração em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 18.10.99

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que,

através dos seus sofrimentos,

tornaram este trabalho possível.

AGRADECIMENTOS

À orientação segura, competente e ao apoio constante da Profª . Drª Mara Aparecida Alves Cabral.

Aos professores e funcionários da Pós – Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, em especial à Mônica Aparecida Cintra Garcia de Almeida.

À direção da Pós – Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, pela oportunidade de aprofundamento do trabalho com profissionais, no exterior, da área de estudo da pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, pela atenção dispensada na organização dos dados do trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Pesquisa e Estatística da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp pelo interesse e empenho no tratamento estatístico dos dados coletados, em especial à Maria Aparecida Moreira Mendes (Cidinha).

À Diretoria de Apoio Didático, Científico e Computacional, pela disponibilidade e eficiência na correção e formatação do trabalho, em especial ao Sr. Emilton B. Oliveira, às revisoras Iracema, Maria Rita e Marília e à Sílvia e Juliana, pela editoração.

Aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas, em especial, à Cleusa Telles , pela gentileza, interesse e apoio nas pesquisas bibliográficas.

Aos professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH – pela oportunidade de ampliar a minha visão a respeito do fenômeno em estudo.

À FAPESP pelo imprescindível apoio através do seu Programa de Bolsas de Estudos; pelas sugestões e aprimoramento científico ao trabalho , através do Assessor *ad hoc*.

À direção, equipe técnica e funcionários do SOS – Ação Mulher e Família, em especial, às queridas Maria José de Mattos Taube e Maria Helena de Mara,pela acolhida calorosa na Instituição e pelas discussões incansáveis a respeito de alguns pontos do estudo.

À direção , equipe técnica e funcionários do Crami, em especial à Enza Bueno Mattar, pelo esforço e interesse empreendido no atendimento às minhas solicitações.

A José Carlos dos Reis de Souza pelo senso de responsabilidade, seriedade e competência em me conduzir aos locais das entrevistas.

À imprescindível colaboração de todos os pais, responsáveis , crianças e adolescentes que participaram da pesquisa.

Ao técnico em estatística Alexandre Pinto de Carvalho , pelo trabalho realizado com os dados obtidos. Ao professor Frederico da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pelas observações realizadas .

Aos amigos José Francisco Assis , Maria Cristina Sacramento, Carmen Sílvia Sacramento e Pedro Henrique , pelo apoio e ajuda inesquecível .

A meus familiares pelo apoio, compreensão e colaboração , sempre que se fizeram necessários, em especial ,ao incentivo, carinho e dedicação do meu marido, Mozart Carneiro, principalmente, no término do trabalho.

"Somos culpados de muitos erros e muitas falhas,

mas nosso pior crime é abandonar as crianças,

desprezando a fonte de vida.

Muitas das coisas que precisamos podem esperar.

A criança não pode.

É exatamente agora que os seus ossos estão se

formando,

seu sangue é produzido e seus sentidos estão se

desenvolvendo.

Para ela não podemos responder "Amanhã".

Seu nome é "Hoje".

Gabriela Mistral

SUMÁRIO- Volume I

PÁG.

RESUMO ..... *i*

1. INTRODUÇÃO 1

1.1. Família 7

1.1.1. História da família e da criança 7

1.1.2. História da família e da criança no Brasil 11

1.2. Violência 30

1.2.1. Violência e sociedade 30

1.2.2. Família e violência 33

1.3. Violência doméstica contra crianças e adolescentes 36

1.3.1. Histórico 36

1.3.2. Terminologia 39

1.3.3. Conceituação 40

1.3.4. Pressupostos teóricos 42

1.3.5. Fatores de risco 44

1.3.5.1. Situações de risco psíquico 45

1.3.6. Tipos de violência doméstica contra crianças e adolescentes 51

1.3.7. Crianças e adolescentes, testemunhas de violência doméstica 64

1.3.8. Intervenção, tratamento e prevenção 69

1.3.8.1. Intervenção e tratamento 69

1.3.8.2. Prevenção 73

2- OBJETIVOS DO TRABALHO 76

2.1. Geral 77

2.2. Específicos 77

2.3. Hipóteses fundamentais 77

3. METODOLOGIA 79

3.1. Contexto geográfico do estudo 80

3.2. Contexto institucional do trabalho 80

3.3. Característica da pesquisa 84

3.4. Sujeitos 85

3.5. Instrumentos 88

3.6. Estratégias de atuação 92

3.7. Dificuldades surgidas 95

3.8. Aspectos éticos 97

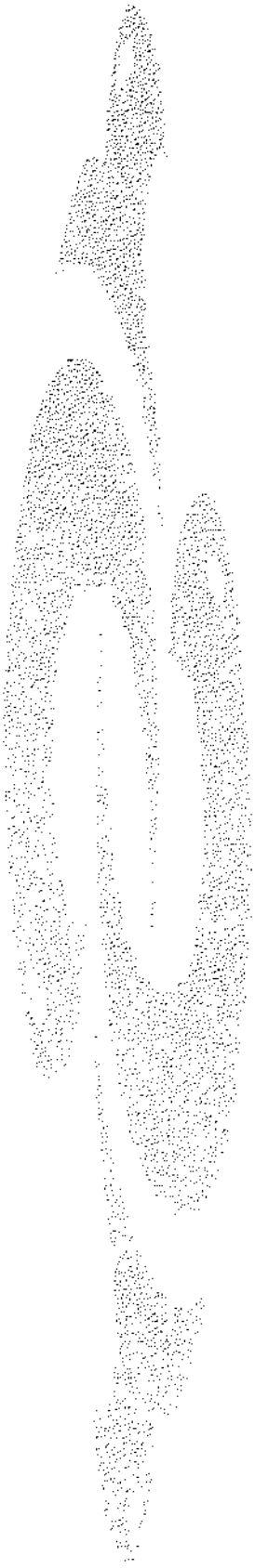
3.9. Tratamento e análise dos dados 97

LISTA DE SIGLAS

CID – 10	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relativos à Saúde - 10ª Revisão.
Crami	Centro Regional de Atendimento aos Maus -Tratos na Infância
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócioeconômicos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
Febem	Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor
Funabem	Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor
IBGE	Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU	Organização das Nações Unidas
S A S	Statistical Analysis System
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância
Unifem	Fundo das Nações Unidas para a Mulher

LISTA DE SÍMBOLOS

χ^2	Qui – quadrado
G^2	Razão de verossimilhança do Qui – quadrado
α	Nível de significância ou de confiança
p	Probabilidade de rejeitar a hipótese nula, que decorre do resultado do χ^2 tabelado
$>$	Maior
$<$	Menor



RESUMO

O presente trabalho é um estudo exploratório sobre a violência doméstica notificada contra crianças e adolescentes , em seus aspectos psicossociais. Este tipo de violência é um fenômeno multicausal , resultado da influência de diversos aspectos, que só podem ser compreendidos, se considerarmos as situações que envolvem estas famílias e que afetam os seus relacionamentos.

Examinaram-se alguns aspectos demográficos, sócioeconômicos, ambientais e culturais não só em famílias que utilizam este tipo de violência doméstica notificada, como também entre aquelas que não a utilizam, com o objetivo de identificar as influências destes sobre o fenômeno em questão. Fez-se o levantamento de alguns aspectos da personalidade das crianças e (ou) adolescentes vítimas e não vítimas de violência doméstica notificada. A identificação dos agressores domésticos foi realizada com base nas notificações às instituições e na denúncia das vítimas.

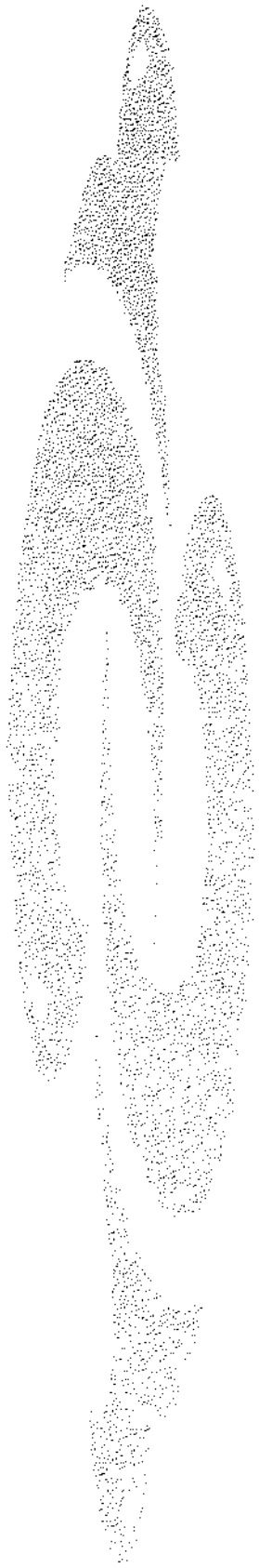
A amostra foi composta de 154 famílias que apresentavam violência doméstica notificada contra a criança e (ou) adolescente, nos órgãos, SOS Ação Mulher e Família e Crami; 119 famílias, sem notificação deste tipo de violência, até o momento; e sem haver cometido qualquer tipo de violência doméstica contra a criança e o adolescente, segundo a sua visão, a da criança e (ou) do adolescente e a avaliação da pesquisadora, 199 crianças e adolescentes, com notificação de violência doméstica contra eles; e, 146 crianças e adolescentes sem notificação, deste tipo de violência, até o momento, e sem relato de violência doméstica segundo a sua visão, a do seus pais e (ou) responsáveis e a avaliação da pesquisadora.

Realizou-se a coleta de dados nos domicílios destas famílias, mediante a aplicação de entrevistas semi- estruturadas aos participantes, ou seja, adultos, adolescentes e crianças dos grupos SOS Ação Mulher e Família, Crami e grupo comparativo. Estes instrumentos constaram de questões abertas e fechadas, sobre as histórias de vida dos membros da família e suas inter-relações (namoros, casamentos, gestações, relacionamentos,etc.), incluindo aspectos ligados à violência doméstica, de uma forma geral e também específica.

A análise quantitativa foi realizada através de métodos estatísticos não paramétricos A abordagem qualitativa teve como instrumento, para a avaliação das histórias de vida, a análise dos temas mais freqüentes, no conteúdo dos relatos dos membros das famílias , em que ocorria a violência doméstica notificada contra a criança e/ou adolescente.

A violência conjugal (agressão com lesão ou sem lesão), a violência doméstica nas famílias de origem dos pais e (ou) responsáveis, a gestação agitada e com problemas emocionais e o baixo desempenho escolar, foram os fatores de risco, de maior predominância, nos grupos que apresentavam notificação de violência doméstica contra crianças e (ou) adolescentes, quando comparados com o grupo sem história de violência doméstica. Não se encontraram nas crianças e nos adolescentes ,vítimas de violência doméstica notificada, transtornos do desenvolvimento psicológico (F80-89) comportamentais e emocionais habituais da infância ou da adolescência, que pudessem prejudicar os seus desenvolvimentos psicossociais, em relação ao grupo comparativo.

A questão da interdisciplinaridade, no enfrentamento da violência, é a aquisição mais importante, em conjunto com a descoberta da importância da participação de toda a sociedade, indiscriminadamente, para se alcançar medidas preventivas eficazes.



1. INTRODUÇÃO

A vida social, em todas as formas que conhecemos na espécie humana, não está imune ao que se denomina, no senso comum, de violência, isto é, ao uso agressivo da força física de indivíduos ou grupos, contra outros (MICHAUD, 1989). No entanto, a violência não se limita, apenas, ao uso da força física, mas à possibilidade ou à ameaça de usá-la, constituindo-se, este fato, segundo VELHO (1996), numa dimensão fundamental de sua natureza.

A decisão de elaborar um trabalho sobre a violência doméstica[1] notificada contra crianças e adolescentes ocorreu a partir da constatação de que estávamos diante de um problema grave, com amplas dimensões, atingindo uma parcela significativa da população. Nosso trabalho abordará apenas um aspecto da violência contra crianças e adolescentes - a violência cometida na família. É importante ressaltar que a violência doméstica não está circunscrita a uma condição econômica, às crianças e aos adolescentes que, a partir deste fenômeno, afastam-se de seus lares e vivem longe de suas famílias, nas ruas, pois não há classe social, religião, cor, idade ou nacionalidade, em que este fato não ocorra.

A família, muitas vezes, como nos chama atenção LASCH (1991), longe de ser um refúgio seguro,pode representar um fator de risco à segurança física e emocional das crianças e adolescentes. MEYER(1988), acrescenta a esta colocação que, na família, facilmente, podem ser instalados padrões violentos de resolução de conflitos, visto que, para o exercício da maternidade e paternidade, não é exigido qualquer tipo de treinamento ou preparação.

Assim, pretendemos, com esta pesquisa, contribuir para a compreensão prática da violência doméstica notificada contra crianças e adolescentes. Trata-se de um estudo exploratório, visando conhecer a magnitude da problemática deste tipo de violência e o seu impacto no comportamento das crianças e adolescentes entrevistados .

Adotamos, como premissa básica, a noção de que a violência doméstica contra crianças e adolescentes é multicausal, isto é, resulta da confluência de diversos aspectos. Desta forma, consideramos que a relação violenta entre pais e filhos, só pode ser entendida

[1] Violência doméstica – é uma forma de violência privada, abrangendo práticas sexuais, agressões físicas e abusos emocionais (AZEVEDO, 1993).

se estudarmos como as situações familiares afetam tal relacionamento. Neste sentido, nossa compreensão teórica do fenômeno, remeteu-nos à Teoria Crítica da Sociedade[2], elaborada pela Escola de Frankfurt[3].

ADORNO & HORKHEIMER (1976), seus representantes mais diretos e autores do artigo "Sociologia da Família" afirmam: "... a relação autoridade / família tem a função essencial, de fixar, desde a infância, a necessidade 'objetiva' do domínio do homem sobre o homem. A família se torna a terrível matriz dos mecanismos de internalização da submissão, e a mais funcional das 'agências psicológicas da sociedade'.

Este trabalho pretende ser, não só uma pesquisa de campo mas também uma reflexão sobre a família e o relacionamento entre os seus membros, do ponto de vista da Psicologia Contemporânea e da Saúde Mental. Vamos abordar uma temática de importância mundial, com toda a sua historicidade e diversidade nos sistemas sociais. A bibliografia utilizada será multidisciplinar, visto que é impossível ser ortodoxo em relação às questões que deverão ser analisadas. Segundo VASCONCELOS (1995), somente um conhecimento interdisciplinar poderá proporcionar uma perspectiva adequada do homem, enquanto ser violento.

O aprofundamento crítico na compreensão das causas da violência na família, reproduzindo uma relação de poder e dominação, que enfrentamos na sociedade atual, contribuirá na luta por melhores condições de vida e na promoção da saúde mental

As universidades, mais do que um conjunto de cursos, devem constituir-se num espaço, onde ocorra um desdobramento constante de trocas de conhecimentos, debates de idéias, reflexões, estudos, leituras e discussões, não só nas salas de aulas mas também em grupos informais, interessados em temas afins, reuniões extracurriculares e encontros culturais e científicos.

---

[2] Teoria Crítica da Sociedade – é a passagem da Filosofia Social à Pesquisa Social, com um traço,fortemente, dialético, distinta do neopositivismo e do "marxismo burocrático". As investigações empíricas são realizadas sobre os mais diversos campos das atividades humanas e relacionadas, constantemente, a uma análise da totalidade social, capaz de eliminar o perigo de uma mera descrição de fatos. Tem como objeto "os homens enquanto produtores das suas formas históricas de vida; e, como finalidade, a crítica imanente da sociedade historicamente determinada". (CANEVACCI, 1976).

[3] Escola de Frankfurt – designa a institucionalização dos trabalhos de um grupo de intelectuais marxistas não ortodoxos, surgida a partir da década dos anos 20.(FREITAG, 1994)

Para FREIRE (1978), "o saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática". A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento. Neste sentido, a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente do conhecimento, centrado na descoberta, na análise e na transformação da realidade pelos que a vivem.

Na sociedade brasileira, marcada por tantas e tão graves contradições, a importância da violência familiar, assume um caráter de extrema gravidade. Por um lado, é escassa a compreensão crítica do processo de produção deste tipo de violência, no contexto sócio-econômico e cultural da sociedade; e, do outro lado, constatamos a ausência de uma postura eficaz que, realmente, previna e combata este tipo de violência, no contexto de uma política maior, assistencial e preventiva, que resgate a cidadania destes adolescentes e destas crianças.

No Brasil, a questão da violência, ainda é tratada de forma incidental, emergencial e, geralmente, a partir de uma denúncia. Observa-se, porém, no decorrer dos anos, que é através da prevenção e responsabilidade de todos, que controlar-se-á a violência doméstica, maior causa de fuga das crianças e adolescentes para as ruas.

Iniciaremos nosso trabalho mediante uma abordagem histórica da família, da criança e do adolescente e, também, do aparecimento do sentimento de família, na sociedade européia e na realidade brasileira. Até o século XVII, segundo ARIÈS (1978), a densidade social não deixava lugar para a família. A família existia como realidade,mas não havia o sentimento ou o valor de família, de forma explícita e reconhecida, como na atualidade . O nascimento e o desenvolvimento do sentimento de família começou a surgir, a partir do século XV. O sentimento de infância surgiu ligado a esta situação. Outras mudanças importantes ocorreram, principalmente, na área da saúde e da educação.

Na realidade brasileira, a família foi uma das instituições mais importantes da nossa sociedade (MEDINA, 1997). No entanto, tivemos situações específicas, em função de nossa colonização e miscigenação. Com base em fatores sociais, econômicos e culturais, a história da criança brasileira, excetuando as famílias tradicionais e as classes dominantes, é repleta de tragédias anônimas (DEL PRIORE & LONDOÑO, 1991).

No subítem 1.2. - Violência - faremos uma breve abordagem sobre a questão da violência na sociedade. Sua inserção, atualmente, em nosso cotidiano, transformou-a, muitas vezes, em permissiva e cúmplice desta situação. A família tem sido, no decorrer da história da humanidade, uma das instituições mais violentas da sociedade. A preocupação com a violência contra a criança e o adolescente começou a ser tematizada, com maior destaque, nos anos 60. Este tipo de violência é apenas um dos vários inseridos no contexto familiar.

A abordagem histórica, pressupostos teóricos, terminologias e conceituações, sobre a violência doméstica, serão tratados no subitem 1.3. Usaremos como fundamento teórico, para algumas definições, os estudos realizados por AZEVEDO & GUERRA (1995), por serem autoras nacionais e possuírem grande produção científica sobre o tema. Os fatores de risco que podem possibilitar o aparecimento do comportamento violento serão descritos sob duas perspectivas: a médico-psicológica (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986); e a psicossocial (SANTOS, 1987). Os tipos de violência contra a criança e o adolescente, neste trabalho, serão abordados sob quatro formas, cada uma envolvendo situações conceituais específicas. São elas: psicológica, sexual, física e a negligência. Ao final deste item , discutiremos algumas questões a respeito de tratamento e prevenção destas situações, em suas especificidades.

Os objetivos do trabalho, item 2, serão divididos em: geral e específicos. A pretensão mais ampla da pesquisa é o estudo das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica notificada, em seus aspectos psicossociais. No que diz respeito às situações mais específicas, vamos procurar identificar os fatores de risco à segurança e integridade física e psicossocial das crianças e adolescentes; os agressores domésticos denunciados e notificados, além das histórias de vida destes grupos em estudo, na tentativa de analisar alguns aspectos da personalidade dos entrevistados.

A partir destas colocações, situaremos, no subitem 2.3, duas hipóteses fundamentais para esta pesquisa: nas famílias que cometem violência notificada, contra a criança e (ou) adolescente há um maior número de fatores de risco à segurança e integridade psicofísica dos mesmos, em relação às famílias que não apresentam o mesmo comportamento; e, as crianças e os adolescentes, vítimas de violência doméstica notificada,

apresentam uma maior incidência de traços psicopatológicos (neuróticos, psicopáticos e psicóticos), do que aqueles que não têm a mesma vivência familiar.

No item 3, que trata dos procedimentos metodológicos, apresentaremos a descrição do contexto geográfico do estudo, isto é, a cidade de Campinas. As instituições escolhidas como fontes de pesquisa e encaminhamento dos casos notificados - Crami e SOS Ação Mulher e Família - serão apresentadas, administrativamente, com o objetivo de possibilitar uma visão, mais ampla e diversificada, do que é o atendimento institucional, nos casos de violência familiar. As dificuldades ocorridas na pesquisa, também serão destacadas neste item, na tentativa de proporcionar uma visão da prática de campo, sobre um tema tão complexo e íntimo para as famílias. A descrição dos sujeitos, instrumentos utilizados e a forma de tratamento dos dados coletados, serão colocados, em detalhes, neste capítulo.

Analisar-se-ão os resultados obtidos sob dois aspectos: qualitativo e quantitativo. Na abordagem qualitativa, analisaremos os aspectos mais relevantes das histórias de vida, centrados nos temas mais significativos e presentes nos relatos dos participantes. Estes serão classificados como temas – eixo dos discursos dos pais e das crianças e adolescentes. A análise quantitativa abrangerá a apresentação de tabelas e gráficos, associada à interpretação dos resultados .

No item 5, 'Conclusão', apresentaremos algumas respostas à problemática do tema exposto, em relação às hipóteses levantadas e discutidas no trabalho. Avaliar-se-ão os resultados obtidos e seus alcances. Algumas propostas finais serão colocadas, na tentativa de continuar o aprofundamento deste tema, tão (mal)dito e impregnado de mitos e preconceitos.

O que vamos investigar não são as pessoas, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento e linguagem, referentes às suas realidades, níveis de percepção, visões de mundo e suas conseqüências.

1.1. FAMÍLIA

1.1.1. História da família e da criança

Segundo ARIÉS (1978), em épocas anteriores à Idade Média, existiram organizações de comunidades em classes de idade, inclusive com ritos de passagem. Nestas sociedades, cada idade teria a sua função: a educação seria transmitida pela iniciação e pela participação nos serviços assegurados por cada faixa etária.

Houve uma grande mudança na época do feudalismo, nestas formações sociais. A educação, ou seja, a transmissão de valores e saber, foi afetada: ela passou a ser assegurada pela aprendizagem. A mistura de idades, decorrente desta atividade, foi um aspecto dominante dos meados da Idade Média até o século XVIII. Desta forma, as classificações etárias tradicionais não foram tão significativas e perderam a sua razão de ser. Entretanto, tais marcos continuaram a existir, no que dizia respeito à vigilância sexual, à organização e à participação em festas .

O infanticídio foi tolerado até o fim do século XVII. Não era uma prática aceita, mas um crime punível, praticado talvez, disfarçado, sob a forma de acidente. As crianças morriam asfixiadas na cama de seus pais e não havia nenhuma atitude para conservá-las ou salvá-las. Estas situações, além de não serem confessadas, também não eram consideradas motivo de vergonha ou tristeza. Elas faziam parte dos fatos 'moralmente neutros', condenados pelo Estado e pela Igreja, mas praticados em segredo.

Esta sociedade não via com bons olhos as crianças e, menos ainda, os adolescentes. A duração da infância era abreviada para um período considerado mais frágil, em geral, o caminhar. Mal a criança adquiria desembaraço físico, era misturada ao mundo dos adultos, participando de seus jogos e trabalhos (ARIÈS, 1978).

A criança transformava - se, rapidamente, em adulto jovem, sem passar pelas etapas de vida, que se tornaram aspectos essenciais das sociedades dos nossos tempos. A socialização da criança não era realizada ou controlada pela família. A criança era afastada de seus pais e sua educação realizada através da convivência com adultos. Em função desta passagem tão rápida pela família e pela sociedade, não havia tempo ou razão para que ela permanecesse, como tal, na memória e na sensibilidade dos adultos.

A família, representada pelos seus membros, tinha a missão de conservar os seus bens, praticar um ofício, ajudar-se,mutuamente, protegendo a honra e a vida de seus representantes . Ela não tinha função afetiva, isto é, o sentimento entre o casal e entre os pais e os filhos não era necessário à existência ou ao equilíbrio familiar. Se existisse, seria melhor.

As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas fora da família, em um meio composto por vizinhos, amigos, criados, homens, mulheres, velhos e crianças, através da livre escolha. As famílias conjugais, desta forma, misturavam-se, neste meio (ARIÈS, 1978).

A partir do século XVII, a criança passou a ser mais respeitada. Os pais tornaram-se melhor informados pelos reformadores sociais e religiosos e se tornaram mais vigilantes em relação aos seus filhos (ARIÈS, 1978). No final do século XVII e início do século XVIII houve, na França, o recolhimento das famílias para longe das praças e vida coletiva. Ocorreu a sua entrada em uma casa melhor defendida e preparada para a intimidade. Neste espaço privatizado, surgiu um sentimento entre os membros da família, isto é, mais diretamente ligado à mãe e à criança: o sentimento de família. Esta 'cultura' centrava-se nas mulheres e nas crianças, com um interesse renovado na educação e uma certa elevação no *status* da mulher.

A escola substituiu a aprendizagem como forma de educação. A criança deixou de se misturar aos adultos. Iniciou-se o enclausuramento das crianças, ao qual damos o nome de escolarização. A separação das crianças dos adultos foi parte de um movimento de moralização proporcionado pelos reformadores católicos e protestantes, ligados à Igreja, às Leis ou ao Estado. No entanto, a garantia de sua realização foi dada pelo que ARIÈS (1978) chamou de 'cumplicidade sentimental' da família. Esta tornou-se o local de afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, atribuindo grande importância à educação.

A família passou a se organizar em torno da criança e a lhe dar valor. Esta saiu do anonimato e se tornou impossível perdê-la ou substituí-la, sem dor ou pesar. Na avaliação de ARIÈS (1978), a conseqüência de tudo isto foi a polarização, no século XIX, em torno da família e da profissão e o desaparecimento gradual da antiga sociabilidade. A casa perdeu o

caráter público, que possuía, em certos casos, no século XVIII, em favor do clube. A vida profissional e a familiar abafaram uma atividade que, antes, invadia toda a vida das pessoas : a atividade das relações sociais.

A família tornou-se, a partir do século XVIII, lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor. O que se passou desde o século XVII, de acordo com FOUCAULT (1979), pode ser descrito da seguinte forma: o dispositivo da sexualidade, que se desenvolvera primeiro às margens das instituições familiares, vai convergir pouco a pouco para família. O que ele podia comportar de estranho, de irredutível, de perigoso talvez, para o dispositivo de aliança, é tomado em consideração pela família. Surge uma família reorganizada, com laços mais estreitos, intensificada em relação às antigas funções que exercia no dispositivo de união.

Os pais e os cônjuges tornaram - se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que, no exterior, apoiava-se nos médicos e pedagogos; mais tarde, nos psiquiatras e que, no seu interior, vem duplicar e logo, psicologizar e psiquiatrizar as relações de aliança. Para FOUCAULT (1979), quatro grandes conjuntos estratégicos, nesta época, desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo: a histeria estudada nas mulheres, a pedagogia sexual da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso.

O estudo da histeria no corpo da mulher ocorreu a partir do momento em que este foi analisado, qualificado e desqualificado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, integrada ao campo das práticas médicas.

Quase todas as crianças dedicam-se ou são suscetíveis à prática de atividades sexuais. Tal atividade, naquela época, sendo 'indevida', ao mesmo tempo 'natural e contra a natureza', traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais. Os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, posteriormente, os psicólogos, encarregavam-se desta 'pedagogia' que se manifestou, principalmente, na 'guerra' contra o onanismo, que durou quase dois séculos.

Várias são as formas de socialização das condutas de procriação. Usando-se de medidas sociais ou fiscais,à fecundidade dos casais, é realizada a socialização econômica. Mediante a responsabilização dos casais em relação ao grupo social, limitando ou reforçando, temos a socialização política. E, por último, foi construída a socialização médica, por intermédio do valor patogênico atribuído às práticas de controle da natalidade, em relação ao indivíduo e à espécie (FOUCAULT, 1979).

O instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo, acarretando o último dispositivo específico de saber e poder a respeito do sexo: a psiquiatrização do prazer perverso. Realizou-se a análise clínica de todas as formas de anomalia sexual, atribuindo à conduta um papel normal ou patológico, buscando-se uma tecnologia corretiva, para tais situações.

Numa abordagem sociológica sobre a família, DONZELOT (1986) afirma que o sentimento moderno de família teria surgido nas camadas burguesas e nobres do Antigo Regime, estendendo-se, posteriormente, para todas as classes sociais, inclusive o proletariado, no final do século XIX.

A crise da família, sua crise de liberação, apareceria, não tanto contra a ordem social, mas como uma condição de possibilidade de sua emergência. A família é uma instância em que a heterogeneidade, face às exigências sociais, pode ser reduzida ou funcionar através de um processo de flutuação das normas sociais e dos valores familiares.

Independente de classe social, houve um recrutamento da família sobre si mesma, porém este processo não teve o mesmo sentido entre estas. A família burguesa constituiu-se mediante um retraimento tático de seus membros, com o objetivo de recalcar ou controlar o inimigo interior : os serviçais. Ao passo que a família popular amoldou-se com base em uma redução de cada um dos seus membros aos outros, numa relação circular de vigilância contra as tentações do exterior : ruas e cabarés. Ela realizou novas tarefas educativas, às custas de uma perda da co - extensividade com o campo social, mediante uma separação de tudo aquilo que a situava num campo de forças exteriores. Isolada, ela se expôs a uma vigilância maior dos seus desvios.

A diferença de posições em que se encontravam, a mulher burguesa e a mulher popular, foi ainda mais significativa. Através da revalorização das tarefas educativas, estabeleceu-se para a mulher burguesa, uma nova continuidade entre suas atividades familiares e sociais. A mulher do povo, por sua natureza, possuía um trabalho antagônico com o seu *status* materno . Algumas vezes, este representou uma necessidade, mas sempre foi um obstáculo à realização de sua função de guardiã do lar.

Em torno da criança, a família burguesa traçou um cordão sanitário que delimitou o seu campo . O desenvolvimento do corpo e do seu espírito foi encorajado por todos . As contribuições da psicopedagogia foram colocadas ao seu serviço e controladas por uma vigilância discreta. No caso da criança de classe popular, o modelo pedagógico foi o da liberdade vigiada (DONZELOT, 1986).

Para COOPER (1994), numa abordagem crítica sobre a família, esta sempre existiu como um desafio para o indivíduo tentar superar todo o condicionamento a que nela esteve submetido, durante anos. É considerada como uma especialista em estabelecer papéis para os seus membros, mais do que criar condições para cada um assumir,livremente, a sua identidade. Além disso, na sua função de socialização primária do indivíduo, coloca controles sociais sobre a criança, maiores do que precisava, porque, na verdade, não ensina à criança como é sobreviver na sociedade, mas como submeter-se a ela e a um sistema elaborado de tabus, através da implantação do sentimento de culpa .

Passemos, agora, a uma abordagem das famílias e crianças no Brasil.

1.1.2. História da família e da criança no Brasil

A família é um fenômeno internacional e, até hoje, historicamente, permanente. Em todos os grupos sociais, mesmo os mais culturalmente diversos, encontramos a instituição familiar. Ela é um sistema de relações estruturadas em dois eixos: o da linhagem, articulando gerações; e, o da aliança, articulando famílias distintas, através da união (MEDINA, 1997) . A história das formas de organização familiar no Brasil, segundo

CÔRREA (1993), tem se contentado em ser a história da família patriarcal[4]. Uma organização familiar e doméstica com tipos fixos, em que os seus personagens apenas são substituídos, ao longo das gerações.

Este modelo tradicional, quando usado como parâmetro da história da família brasileira, faz com que todas as outras formas de organização apareçam como subsidiárias dela, ou bastante inexpressivas para serem estudadas. Segundo CÔRREA(1993), o privilégio dado ao estudo de apenas uma organização familiar, reduz os outros tipos a meras extensões deste grupo homogêneo. Elabora-se uma visão que ignora a 'multidão de anônimos', que fez a nossa história.

A família patriarcal existiu e seu papel foi muito importante, no entanto, não estava sozinha, nem determinou o processo total de formação da família brasileira. Se não dermos a devida atenção a este fato, estaremos, segundo GIANOTTI (1976), realizando a "instauração de uma história universal através da destruição das histórias particulares". Além das diferenças internas entre as culturas, segundo a sua vinculação à produção e à localização, temos diferentes tipos de mão-de-obra. Por exemplo, nos engenhos, não havia apenas escravos, mas trabalhadores livres e assalariados : lavradores e técnicos de engenho.

Nas vilas, viviam os artesãos e os pequenos proprietários que cultivavam algodão, tabaco e gêneros de subsistência, isto é, uma população com características bem diferentes daquelas evocadas pelos escritores, que fundamentam a organização familiar brasileira como patriarcal. Para CÔRREA (1993), privilegiar uma instituição dominante, em um certo momento do Brasil Colonial, é assumir um olhar dos seus ocupantes – senhores brancos, donos de engenho e suas famílias.

[4] Família patriarcal brasileira. – expressão difundida por Gilberto Freyre, um dos mais importantes pesquisadores deste tipo de organização familiar (CÔRREA, 1993. p. 16).
Patriarcado – diz – se de um tipo ou forma de família que se desenvolveu em certas épocas, como por exemplo, na Antiguidade Clássica, e em que o chefe de família ou patriarca duma autoridade absoluta, resumia toda a Instituição social do tempo. (FERREIRA, Aurélio B . de H . 1985. p. 1047)

A transformação da situação,deste tipo de família, vai ocorrer por decadência e ruína das grandes propriedades rurais, com o surgimento da industrialização. A partir daí, temos a sua substituta – 'a família conjugal moderna'.[5] Este tipo de organização é produto da urbanização. Ela é representada pelo casal e seus filhos. A finalidade do casamento não é mais a manutenção da propriedade comum ou dos interesses políticos, mas sim a satisfação dos impulsos sexuais e afetivos.

A educação dos filhos, em geral, seria distinta, de acordo com MEDINA (1997), obedecendo à segregação dos papéis sexuais e das classes sociais. Ao homem, comumente, caberia o mundo do trabalho[6], de onde viria o sustento; enquanto para a mulher, caberia o mundo doméstico, de onde viria a criação e proteção dos filhos, enquanto pequenos. O mundo diário marcava a mulher como o centro de todas as rotinas familiares . Segundo MATTA (1997b), tanto na casa, onde supõe-se não haver trabalho[7], quanto na rua, este é visto, no Brasil, como algo bíblico. Diferentemente da concepção anglo – saxônica que equaciona o trabalho (*work*) com o agir ou fazer .

MATTA (1997a) afirma que não poderia ser de outra forma pois nossa sociedade, até bem pouco tempo, era escravista e as pessoas 'decentes', não saíam às ruas para trabalhar. Nosso sistema foi marcado pelo trabalho escravo e as relações entre patrões e empregados ficaram, definitivamente, confundidas. Não eram apenas econômicas, mas morais. O senhor não tirava apenas o trabalho do outro, mas era o seu representante e dono, perante a sociedade.

Para MEDINA (1997), a segregação também ocorria entre adultos e crianças, cada um no seu próprio mundo, porém os filhos faziam parte do mundo doméstico da mãe. A mãe era a mediadora entre o pai e os filhos, numa organização hierárquica e autoritária .

---

[5] Família conjugal moderna – expressão usada por Antônio Cândido de Mello e Souza, para caracterizar o ponto terminal da trajetória histórica da família patriarcal brasileira (CÔRREA, 1993 . p. 16)

[6] De acordo com DAMATTA (1997b), para nós, brasileiros, o trabalho, o famoso "batente", já indica um obstáculo que temos de cruzar, ultrapassar ou tropeçar. A palavra trabalho deriva do latim *tripaliare*, que significa castigar com o *tripaliu*,instrumento que na Roma Antiga, era um objeto de tortura para supliciar escravos. Perdura, entre nós, a concepção católica romana, que transformou o trabalho em castigo, uma ação destinada à salvação. Não há a glorificação do trabalhador, nem a idéia de que na rua e através do trabalho pode-se honestamente enriquecer e ganhar dignidade.

[7] Curiosa e erroneamente, não se toma, em geral, o trabalho doméstico como trabalho mas, como serviço, favor ou obrigação (DAMATTA, 1997b).

Este papel dava à mulher a dimensão afetiva . A mulher teria o domínio dos mecanismos de expressão das emoções; do homem esperava-se a razão e a frieza na expressão dos seus sentimentos .

De acordo com SARTI (1995), a análise das relações na família, sobretudo a partir da mudança nos papéis familiares,diante da crescente incorporação da mulher no mercado de trabalho e da possibilidade da contracepção mais assegurada, tornou evidente uma questão estrutural na família moderna: o conflito entre a afirmação da individualidade e o respeito às obrigações e às responsabilidades próprias dos vínculos familiares.

Nas famílias pobres, entretanto, este conflito, ainda que existente, porque eles também fazem parte do mundo capitalista, moderno e individualizado, aparece pouco acentuado, por causa da precedência do todo - família, sobre as partes - os indivíduos. As relações familiares, entre os pobres, ainda nos dias de hoje, seguem um padrão tradicional de autoridade e hierarquia (SARTI, 1996).

A história da criança,nas famílias tradicionais, segue o mesmo modelo das famílias européias, descrito no item anterior, em virtude da própria importação de costumes e valores que a nossa sociedade dominante realizava, nestes segmentos. No entanto, existe uma outra história da criança brasileira, segundo DEL PRIORE & LONDOÑO (1991), que é cheia de tragédias anônimas. E é esta que vamos descrever, a partir de agora.

a) Crianças – crianças

Neste final do século XX, a infância tornou-se uma questão importante para o Estado, para as políticas não governamentais, para o planejamento econômico e sanitário, para legisladores, psicólogos, educadores e antropólogos, para a criminologia e para a comunicação de massa (LEITE, 1997). Mediante diferentes formulações, segundo LAJOLO (1997), começaram a circular diversas concepções de criança: primeiro, colocando – a como um adulto em miniatura; depois, concebendo-a como um ser,essencialmente diferente deste .

Enquanto objeto de estudo,a infância foi sempre 'um outro' em relação àquele que a nomeia e a estuda (LAJOLO, 1997). As palavras infante, infância e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem um campo semântico, estreitamente ligado à idéia de ausência de fala. Esta noção de infância, como qualidade ou estado do infante, isto é, daquele que não fala, constrói-se a partir dos prefixos e radicais lingüísticos que compõem a palavra: *in* = prefixo que indica negação; *fante* = particípio presente do verbo latino *fari*, que significa falar, dizer.

Não se deve estranhar, portanto, que esse silêncio, que se infiltra na noção de infância, continue marcando-a, quando ela se transforma em matéria de estudo ou de legislação. Junto com as crianças, as mulheres, os negros, os índios e outros segmentos da humanidade, foram ou continuam sendo, 'outros eles e outras elas', no discurso que os define. Até os nossos dias, como observamos, a infância, assim como o feminino e a negritude, não tem existência autônoma . Estas palavras são categorias que só apresentam existência no espaço social em que são estabelecidas, negociadas, desestabilizadas e reconstruídas, na concepção de LAJOLO (1997).

A infância passou a ser 'mais visível', quando o trabalho deixou de ser domiciliar e as famílias, ao se deslocarem e dispersarem, não conseguiram mais administrar o desenvolvimento dos filhos pequenos. Desta forma, algumas crianças transformaram-se em 'menores' e, como tal, congregavam as características de abandonadas e delinqüentes (LEITE, 1997) .

No século XIX, a criança, por definição, era uma derivação das pessoas que lhe deram origem. Havia, também, os que eram chamados de 'crias da casa', de responsabilidade, nem sempre assumida, inteira ou parcialmente, da família consangüínea ou da vizinhança. O abandono de crianças e o infanticídio foram práticas encontradas entre brancos, índios e negros e, em determinadas circunstâncias, distantes da questão da concentração devastadora das cidades, da perversa distribuição de bens e serviços entre as camadas sociais e das fronteiras que entre elas se estabeleceram.

Apesar dos trabalhos estatísticos (LEITE, 1997), às vezes, adotarem uma abordagem microanalítica, perseverante e minuciosa, as denominações adotadas para designar os dados são, freqüentemente, ambíguas e disfarçam preconceitos raciais, tradicionais e de classe. As crianças 'sem pai' podem ser órfãs, filhas ilegítimas, expostas, ou ter um pai ausente. A denominação de 'bastardas', com todas as conotações do termo, pesava sobre elas como um decreto de exclusão. Abandonadas, mendigas e infratoras, freqüentemente, foram confundidas sob o nome de 'menor', que nunca designou os filhos de famílias das camadas médias e altas, com suas conotações negativas e desqualificantes.

As crianças eram duplamente mudas, segundo DEL PRIORE (1991) .Não eram percebidas, nem ouvidas. Não falavam, nem delas se falava. Quem eram essas crianças ? A distinção mais clara é a que se fundamenta no desempenho econômico. Uma caracterização nítida é a do período de 0 a 3 anos, em que, como ainda não andam, ou andam com dificuldade, os pequenos eram carregados pelas mães, pelos irmãos ou pelas escravas. Até o fim do século XIX, a Igreja Católica normatizou a vida das famílias e estabeleceu, 7 anos, como a idade da razão. Dos 8 aos 12 anos, os meninos eram considerados adultos, aprendizes, e se vestiam como tais (LEITE, 1997).

Se o conjunto de idéias e crenças sobre a infância, quando lido, em seqüência, soa como uma série de contradições, é admirável observar que todas estas crenças subsistiram.

b) Crianças - culumins[8], meninos da terra, indiozinhos ou filhos de gentios

O século XVI foi o momento da descoberta da infância, segundo ARIÈS (1978). A lenta mudança, sofrida a partir deste período, não se fez apenas como resultado de transformações na estrutura familiar, mas tornava-se evidente, na medida em que atitudes pioneiras eram incorporadas a critérios morais e políticos. Em Portugal, no primeiro quarto do século XVII, por exemplo, aprimorava-se a legislação no sentido de recolher as crianças das ruas e dar melhores condições de vida aos enjeitados (DEL PRIORE, 1991).

[8] Ou curumins (MICHAELIS, 1998).

Um fato importante, no que diz respeito à infância brasileira e aos jesuítas, seus catequistas, foi a elaboração, quinhentista e européia, dos primeiros modelos ideológicos sobre a criança. Difundiam-se entre duas representações infantis : a da criança mítica e a da criança que imita Jesus. Foi a emergência das atitudes de valorização da infância, somada à elaboração de um modelo ideológico da criança - Jesus, ambos emigrados para a colônia, na mentalidade jesuítica, segundo DEL PRIORE (1991), que fez a Companhia[9] escolher as crianças indígenas como o "papel blanco", a cera virgem em que tanto se desejava escrever e inscrever – se, na nova terra.

Eram chamados de 'culumins, 'meninos da terra', 'indiozinhos', 'filhos de gentios' que, junto com os órfãos portugueses, enviados pela metrópole, auxiliavam os padres inacianos. Os jesuítas viam nos pequenos indígenas, 'um inocente, muito elegante e formoso'. No entanto, o 'muito mimo' devia ser repudiado, 'fazia mal' à criança, fosse este filho carnal ou espiritual, como nos casos dos indígenas e órfãos. O amor do pai ou do educador espelhava-se no amor divino, em que Deus ensinava que amar "é castigar e dar trabalhos nesta vida". Os vícios e pecados deviam ser combatidos com açoites e castigos. O amor feito de disciplina, castigos e ameaças, importados para o Brasil Colonial, foi o sentimento que os primeiros padres da Companhia de Jesus trouxeram (DEL PRIORE,1991).

Percebia-se a infância como o momento oportuno para a catequese, porque era, igualmente, o momento de unção, iluminação e revelação. Esta situação marcava, ao mesmo tempo, um violento processo de aculturação. Era comum, quatro ou cinco meninos órfãos, nascidos de pai português, com mãe brasileira, que viviam em casa, sob o regimento do pai, serem recolhidos por algum tempo ao colégio. Outros meninos, eram 'pedidos' aos caciques indígenas. Cedidos pelos progenitores ou pelos grupos dos quais faziam parte, crianças índias e mestiças, os chamados 'órfãos da terra' eram reunidos sob os cuidados jesuíticos, nas chamadas casas de "muchachos".

A disciplina tornou-se uma das cenas recorrentes do grande espetáculo que foi a catequese . O castigo, não era só exemplar mas também pedagógico. Aqueles que se

[9] Companhia de Jesus – Companhia formada pelos padres jesuítas que chegou ao Brasil, em 1549, no governo de Tomé de Souza.

negavam a participar do processo doutrinal sofriam corretivos e castigos físicos. O tronco funcionava como uma ajuda à memória, para os que quisessem faltar à escola e a palmatória era distribuída comumente . As punições faziam-se presentes a despeito da reação dos índios que preferiam ir embora, como nos relata DEL PRIORE (1991).

Qualquer resistência física e cultural aparecia, sempre, aos olhos dos jesuítas, como tentação demoníaca, assombração ou visão terrível. Os elogios iniciais, rapidamente, passaram para a crítica. A puberdade, aos olhos dos padres catequistas, era uma idade perigosa e ingrata, na qual as raízes falavam mais alto. O momento de 'seguir a seus pais' tornou-se um marco de ruptura entre o ideal jesuítico e as realidades coloniais. A puberdade marcava, por fim, a expulsão do paraíso prometido pelos jesuítas, que queriam ter, apenas, crianças dóceis e obedientes.

O desejo de tornar o projeto missionário eficaz conduziu a algumas mudanças de objetivo. Uma vez descartadas as primeiras expectativas trazidas da metrópole, foi estabelecendo-se uma maior afinidade com as tribos tupi - guaranis, investindo-se mais na instrução, do que apenas na formação de cristãos. No início do século XVII, foi adotado um manual de bons modos, abandonou-se o hábito do castigo físico e o modelo inspirador passou a ser o ensino básico, por meio das escolas dominicais.

Apesar do relevante esforço dos padres jesuítas, a cultura indígena impregnou suas crianças com uma força de crenças e valores, que as procissões, autos e capelas de flores não conseguiram fazê-las esquecer. A adolescência indicava o reingresso dos jovens aos costumes parentais e, mais do que isso, unia mamelucos, mestiços e órfãos da terra, numa mesma luta pela sobrevivência nas adversas condições de vida que havia no sistema colonial. A adolescência era o momento de deixar a casa dos "muchachos" e voltar para casa, retornar às origens, tendo acrescentado referências da cultura européia cristã, à experiência vivida (DEL PRIORE, 1991).

c) Crianças - escravas

Segundo MATTOSO (1991), no século passado, a criança escrava era representada, algumas vezes de forma valorizada como um anjinho barroco de cor preta; outras vezes, de maneira menos romântica, era identificada como o menino nu, carregado pela mãe, nas diversas situações de trabalho

Para nós, do século XX, o conceito de idades de vida apresenta um sentido diferente do século XIX e, segundo a autora citada acima, seria puro anacronismo, utilizar o termo criança, para caracterizar crianças escravas que, na época, eram vistas e tratadas como adolescentes.

A criança branca, livre e, até mesmo, a criança negra ou mestiça, livre, podiam ter seu prazo de ingresso na vida ativa protelado, enquanto que a criança escrava, ao atingir certa idade, entrava, compulsoriamente, no mundo do trabalho. Havia, desta forma, um certo momento em que o filho da escrava deixava de ser criança negra ou mestiça, sem responsabilidades, para tornar-se uma força de trabalho para os seus donos.[10]

MATTOSO (1991) destaca duas idades, na infância, para os escravos: de 0 aos 7 para 8 anos, 'o crioulinho' ou 'a crioulinha', 'o pardinho' ou 'a pardinha', 'o cabrinha' ou 'a cabrinha', eram as crianças mais novas, geralmente, sem desempenho econômico; dos 7 para os 8 anos até os 12 anos de idade, os jovens escravos deixavam de ser crianças para entrar no mundo dos adultos, mas na qualidade de aprendiz . Moleque ou moleca eram termos que designavam outrora, todo pequeno negro ou jovem e que, hoje em dia, tomou um sentido crítico, pejorativo, pois designa o jovem de sexo masculino, em especial, considerado irresponsável, muitas vezes, delinqüente.

No entanto, todo escravo foi criança, em algum momento na sua vida. Existem, com relação a estas pessoas, vivências e experiências que são diversas, porque diferem de várias circunstâncias. Por exemplo, se o escravo nasceu na África ou nasceu "crioulo"; se o escravo chegou criança ao Brasil, ou na fase de idade que o transformou em jovem trabalhador. O escravo permanecia criança até a idade de 7 a 8 anos . Nas grandes propriedades de engenho de açúcar, as crianças escravas passeavam com toda liberdade, participando das brincadeiras das crianças brancas e dos carinhos das mulheres da casa, sendo chamadas de cupidos de ébano. Na cidade, a exigüidade do espaço ocupado pela

[10] O caráter compulsório de ingresso na vida ativa talvez não tenha sido próprio somente do escravo. Nas camadas baixas livres da população a participação de crianças na vida ativa talvez tenha sido tão importante quanto a das crianças escravas. É importante ressaltar que, teoricamente, tal ingresso não tinha o mesmo caráter compulsório de quando se tratava de crianças cativas. A decisão pelo trabalho de uma criança era produto de um consenso familiar, mesmo no caso de uma família monoparental, e não de uma ordem emanada de um senhor ou mestre (MATTOSO, 1991)

família do senhor, com freqüência, relegou os filhos das escravas ao alojamento reservado aos escravos ou a outras áreas. A vida das brincadeiras infantis era curta. Aproximadamente, aos sete para oito anos, a criança se dava conta da sua situação inferior, em relação, sobretudo, às crianças livres, brancas.

De acordo com MATTOSO (1991), a taxa de ilegitimidade era muito grande .Um grande número de crianças escravas não conhecia o pai, nem a mãe. Quando a comunidade escrava era numerosa, a mãe biológica era substituída por uma mãe postiça, ou até por toda a comunidade. A criança escrava ficava, desde muito cedo, sem referências familiares, pelo menos no sentido que os ocidentais as entendem. O filho da escrava era uma criança cuja mãe biológica estava, freqüentemente, ausente. Era criado sem referências parentais seguras. Os homens da comunidade podiam simbolizar o papel do pai ausente; a comunidade feminina, o da mãe ausente. Assim, se no ato de seu nascimento, o escravo era uma criança sem pai, a má sorte ou a má fortuna, podiam torná-lo, ainda, órfão de mãe.

O escravo bebê era batizado sem demora. A lei impunha a todas as mães, livres ou escravas, a obrigação de alimentar os seus filhos até os 3 anos de idade. Ultrapassada esta primeira fase da idade infantil, a criança adquiria certa autonomia, que marcava, para ela, uma mudança . Afirma MATTOSO (1991), que o curto período na vida da criança que ia dos 3 até os 7 para 8 anos, era tanto um período de iniciação aos comportamentos sociais, no seu relacionamento com a sociedade dos senhores como também, no seu relacionamento com a comunidade escrava. Nesta idade, o seu senhor formaria uma idéia sobre as habilidades e o caráter da criança e, também, esta começaria a perceber, o que são os castigos corporais que iriam pela idade adulta, porque eram indispensáveis à manutenção do sistema escravista.

Aos 7 para os 8 anos, a criança não teria mais o direito de acompanhar a sua mãe brincando: ela deveria prestar serviços regulares para fazer jus às despesas que ocasionava ao seu senhor, até mesmo à própria mãe, se esta trabalhava e residia fora da casa do seu dono. Este utilizava o pequeno escravo como mensageiro, como carregador de encomendas ou como pajem. Os senhores nunca deixaram de conhecer o valor real destas crianças. O batismo com a segurança do compadrio protetor, o amor materno dispensado pela mãe biológica, ou por todas as outras escravas que poderiam vir a substituí-la, para MATTOSO

(1991), tornavam a criança escrava parecida com as outras crianças brasileiras, mas, pela sua condição de cor, eram e o são, até hoje, escravas dos preconceitos da sociedade em que vivem.

Com a autonomia dos gastos e do pensamento, com a 'idade da razão' (7 para 8 anos), não há mais criança escrava, somente escravos, que ainda são muito novos. Para os senhores, somente a sua força de trabalho os distinguia do resto da escravaria adulta. Sob as aparências enganosas, a Lei do Ventre Livre foi a clara confissão e a mensagem simbólica do olhar que um corpo social inteiro levantou sobre a criança escrava. "A lei do Ventre Livre foi o triunfo das mentalidades antiquadas e perversas" (MATTOSO, 1991).

Em 1850, o fim do tráfico de escravos anunciava o declínio da escravidão, como sistema de trabalho no Brasil. Posteriormente, a aprovação da Lei do Ventre Livre destruiria a possibilidade de perpetuação do regime através da reprodução interna da população escrava. A Lei do Ventre Livre foi sancionada, em 1871, após muitas discussões, "declarava em seu artigo primeiro, livres os filhos da mulher escrava, determinando que ficassem em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quais seriam obrigados a criá-los e tratá-los até a idade de 8 anos completos. Chegando a essa idade, o senhor teria a opção de utilizar-se dos serviços do menor, até que este completasse os 21 anos, ou entregá-lo ao Estado, recebendo uma indenização, paga em títulos de renda anual fixa, o qual se consideraria extinto num prazo de 30 anos. O senhor teria um prazo de 30 dias para comunicar sua opção pelo resgate, caso não o fizesse, ficaria subentendido que preferia aproveitar-se do trabalho do menor até a idade estipulada. A lei garantia ainda, o direito do menor eximir-se desta prestação de serviço, mediante indenização pecuniária, previamente, acertada com o senhor" (LIMA & VENÂNCIO, 1991).

A fiscalização ficava a cargo dos Juízes de órfãos. A lei era inoperante, inócua, ineficaz e alvo constante de burlas e fraudes. Os efeitos da libertação dos nascituros foram, praticamente, nulos, para a transformação do sistema escravista no Brasil. A venda de crianças[11] continuou até 1884, demonstrando que os senhores consideravam estas crianças

[11] Segundo MOTT (1991), eram 4 as razões pelas quais os traficantes de escravos davam preferência à importação de crianças: a facilidade com que estas se adaptavam ao trabalho; a perspectiva de uma vida longa; a diferença no preço, a criança tendo sempre um preço inferior ao escravo adulto; e a crença de que os escravos crioulos eram menos dóceis, menos ativos (MOTT, 1991)

da mesma forma como viam os seus escravos. A maior parte das crianças continuava num estado de escravidão, de fato,até serem libertadas, ao mesmo tempo que os escravos, em 13 de maio de 1888.

Hoje, há mais de cem anos da Abolição, convivemos com cerca de 12 milhões de crianças abandonadas, nos centros urbanos do País, das quais a maioria absoluta é de origem negra (LIMA & VENÂNCIO, 1991).

d) Crianças expostas

A roda dos expostos foi uma das instituições brasileiras de mais longa vida, sobrevivendo aos três grandes regimes de nossa História. Criada na Colônia, perpassou e multiplicou-se no período imperial, conseguiu manter-se durante a República e só foi extinta, definitivamente, na recente década de 1950 (MARCÍLIO, 1997). Esta instituição cumpriu um papel importante. Quase por século e meio, a roda dos expostos foi, praticamente, a única assistência à criança abandonada no Brasil.

O sistema de roda dos expostos foi inventado na Europa Medieval, na Itália. Ele surgiu, particularmente, com a aparição das confrarias de caridade, no século XII. O nome da roda provém do dispositivo onde se colocavam os bebês que se desejava abandonar. Sua forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior, em sua abertura externa, o expositor depositava a criança que enjeitava. A seguir, ele girava a roda, e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com a sineta, para avisar a vigilante ou rodeira que um bebê acabava de ser abandonado . A pessoa retirava-se do local, sem ser identificada (MARCÍLIO, 1997).

Em Portugal, as rodas de expostos foram instaladas pela primeira vez, tal como na Itália, nos últimos anos da Idade Média . Elas seguiram os modelos italianos e foram introduzidas nos muros do Hospital Geral de Todos os Santos, administrada pela Santa Casa de Misericórdia e com subvenções da Câmara Municipal. Desta forma, quando se iniciou a colonização no Brasil, Portugal já conhecia e havia estruturado a sua roda de enjeitados . Durante a época colonial foram implantadas três rodas de expostos, no Brasil, em suas cidades mais importantes: Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Todas no século XVIII.

O fenômeno de abandonar os filhos é tão antigo, no Brasil, quanto a história de sua colonização. Antes da roda, os meninos abandonados, supostamente, deveriam ser assistidos pelas Câmaras Municipais. A maioria dos bebês que ia sendo enjeitado, acabava merecendo a compaixão das famílias que os encontravam. Estas, criavam os expostos por espírito de caridade, mas também, em muitos casos, calculando utilizá-los, quando maiores, como mão-de- obra familiar suplementar, fiel, reconhecida e gratuita; desta forma, melhor do que a escrava. A prática de criar filhos alheios sempre e, em todos os tempos, foi, amplamente difundida e aceita no Brasil. Eram, inclusive, raras as famílias brasileiras que, mesmo antes de existir o estatuto da adoção, não possuíam um filho de criação (MARCÍLIO, 1997).

O abandono, a alta mortalidade e a doação de crianças não eram sempre vistos como um tráfico de exploração da infância, mesmo nos países mais desenvolvidos. A prática ilegal e quase aberta do abandono e o fatalismo com que era aceita a mortalidade infantil , segundo LEITE (1997), revelavam certa indiferença ao valor da criança, até o início do século XIX, quando as escolas começaram a descobri-las e a classe médica passou a insistir na necessidade da criação dos filhos pelas mães, pois cada criança achada (depois de abandonada), era uma criança perdida.

No Brasil, esta situação era agravada pela existência da escravidão, pela exploração sexual das escravas e das crianças escravas. As amas de leite, a quem eram entregues os recém-nascidos, quase sempre eram escravas ou negras livres.A situação das crianças abandonadas na França, Itália, Bélgica e Inglaterra no século XIX, em termos de condições sociais e sanitárias, não diferiam, em muito, da situação do Brasil, na mesma época. A alta mortalidade e o tratamento dos recém-nascidos não eram tão diferentes, quanto seria de se supor, da situação brasileira, a não ser, é claro, segundo LEITE (1997), pelo seu agravamento em virtude da escravidão.

As rodas dos expostos foram em número insuficiente para atender à demanda de todas as épocas. Só havia roda em três cidades capitais, portanto, foi um fenômeno essencialmente urbano (MARCÍLIO, 1997). Apesar das discussões, a imoralidade das instituições e a alta mortalidade dos internados prolongaram-se até o século XX. A roda sobreviveu, com alterações internas e maiores controles estatísticos e sanitários de seu

funcionamento, até 1948, no caso de São Paulo (LEITE, 1997). No início deste século, a maioria das rodas de expostos, já havia desaparecido. Nas cidades onde não houve a assistência institucionalizada das rodas, eram as Câmaras, por exigência legal, as únicas responsáveis pela criação dos expostos, obrigação que todas viam como um encargo acima de suas possibilidades materiais e organizacionais (MARCÍLIO, 1997).

Segundo CÔRRÊA (1997), depois da I Guerra Mundial, vários tratados internacionais estabeleceram novas regras de convivência entre os países membros da Sociedade das Nações. Um dos resultados desses tratados foi a aprovação de uma Declaração dos Direitos da Criança, na Conferência de Genebra, em 1921. No Brasil, em 1927, foi decretado um Código de Menores, no qual constava a proibição do trabalho de crianças de até 12 anos de idade e sua impunidade até os 14 anos. Dos 14 aos 18 anos, os adolescentes poderiam ser internados em 'estabelecimentos especiais' e, dos 18 anos em diante, seriam puníveis pelos crimes cometidos. Os adolescentes, dos 14 aos 18 anos, desde então, numa espécie de limbo legal, foram transformados em menores. Os estabelecimentos legais destinados a eles, bem como os agentes sociais, que deveriam ser encarregados dos seus cuidados, passam a ser objetos da atenção de médicos, juristas, psicólogos e pedagogos.

As associações filantrópicas foram sendo criadas, notadamente, a partir de 1930, para amparo e assistência à infância abandonada. Só a partir de 1960, houve uma mudança no modelo e orientação na assistência, de acordo com MARCÍLIO (1997) . Começava a fase do 'Estado do Bem Estar', com a criação da Funabem[12] (1964), seguida da instalação em vários Estados das Febems[13]. A Constituição de 1988 inseriu em nossa sociedade os Direitos Internacionais da Criança, proclamados pela ONU, em 1950.Com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, o Estado assumiu, através da Lei, teoricamente, a sua responsabilidade sobre a assistência à infância e à adolescência desvalidas e estas tornaram-se sujeitos de Direito, pela primeira vez na História.

[12] Funabem - Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor
[13] Febem –Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor

e) Criança 'menor'

Até o século XIX, segundo LONDOÑO (1991), a palavra menor, como sinônimo de criança, adolescente ou jovem, era usada para assinalar os limites etários, que impediam as pessoas de ter direito à emancipação paterna, ou assumir responsabilidades canônicas ou civis. Neste sentido, no Brasil Colonial, a palavra menor aparece em alguns documentos associada, quase sempre, à palavra idade.

Além do menor, existia o filho de família e o órfão. Este, em caso de abandono dependia do Juiz de Órfãos, ficando, normalmente, aos cuidados da Santa Casa ou de particulares. Aquele, por sua vez, encaminhava os abandonados que chegavam aos 7 anos, ao Arsenal da Marinha, ao Exército, aos Seminários ou às Ordens Religiosas, nos casos das meninas. Na segunda metade do século XIX, foi comum a entrega de órfãos abandonados a familiares ou a outras pessoas sob o regime que ficou conhecido como soldada.[14]

O interesse pela menoridade, por parte dos juristas, coincide, também, com a introdução da puericultura, por parte dos médicos, e com a importância que, já desde o século XIX, havia em relação à educação dos jovens . No final deste século, os juristas brasileiros descobriram o menor nas crianças e adolescentes pobres das cidades, que, por não estarem sob a autoridade dos seus pais e tutores foram chamados pelos juristas de abandonados. Eram, então, 'menores abandonados', crianças que povoavam as ruas do centro das cidades, os mercados, as praças e que, por cometerem delitos, freqüentavam a cadeia; nestes casos, passando a ser chamadas de 'menores criminosos'.

MORAES, citado por LONDOÑO(1991),[15] jurista da época, em 1900, diferenciava os tipos de abandono destes menores: os 'materialmente abandonados' e os 'moralmente abandonados'. O menor não era pois, o filho de família sujeito à autoridade paterna ou mesmo o órfão devidamente tutelado e sim a criança ou o adolescente abandonado, tanto moral como materialmente .

---

[14] Soldada – ordenado, paga, salário (MICHAELIS, 1998).

[15] Moraes,E. *apud* LONDOÑO, F.T. A origem do conceito de menor. In: DEL PRIORE, M . (Org.) - **A história da criança no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1991. p. 129-145.

Partindo desta definição, tanto através dos jornais, das revistas jurídicas, dos discursos e das conferências acadêmicas foi se definindo uma imagem do menor, que se caracterizava como criança, pobre, totalmente desprotegida moral e materialmente pelos pais, tutores, Estado e sociedade. Esta, através de seus representantes legais, apontava a rua como o lugar da desagregação, onde floresciam e se multiplicavam todos os vícios que a ameaçava.

A infância abandonada, que vivia entre a vadiagem e o roubo , de acordo com LONDOÑO (1991), era tratada, na opinião dos juristas, como um caso de polícia e de simples repressão urbana. Esta era confiada aos delegados, que recolhiam as crianças das ruas, limpando assim, as praias, parques e praças, porque elas representavam um perigo para os comerciantes e os transeuntes. Tudo isto era realizado com o apoio da imprensa, sem que as crianças e seus destinos fossem levados em conta.

A idéia de encaminhar os menores às instituições criadas a formar e educar, com o objetivo de prevenir a criminalidade deles, confronta-se com a idéia de encaminhá-los às instituições para o castigo e a punição, reprimindo-os nos moldes das pessoas adultas . A prevenção supunha que a criança deveria ser retirada da rua e colocada na escola. Afastado o menor dos focos de contágio, era responsabilidade das instituições dirigir-lhe a índole, educá-lo, formar-lhe o caráter, através de um sistema de medidas preventivas e corretivas.

No entanto, a prevenção, para ter sucesso, exigia um plano de assistência e proteção à infância. Isto começou a ser conseguido a partir de 1921, com a Lei 4242 de 5 de janeiro, que autorizou o serviço de assistência e proteção à infância abandonada e aos delinqüentes, sendo regulamentado em 20 de novembro de 1923, pelo decreto 16.272 (LONDOÑO, 1991).Assim, a questão da criança abandonada, vadia e infratora, pelo menos no plano da lei, deixou de ser um caso de polícia e passou a ser uma questão de assistência e proteção, garantida pelo Estado, através de instituições e patronatos.

Segundo PASSETTI (1991), a questão do menor, no Brasil Republicano, passou a ser enfrentada em meados dos anos 70, através de denúncias regulares na imprensa contra a situação em que se encontravam as crianças, principalmente, após o Golpe de 64 e o

fracasso do milagre econômico. Em 1978, com a indicação do Ano Internacional da Criança, a sua história no Brasil e sua repressão começaram a ser pesquisadas.

"O menor é um nó cego para o Brasil", afirma PASSETTI (1991) . Mudar o termo menor para criança, ainda é pouco, porque o preconceito está enraizado na sociedade. O autoritarismo continua assombrando o nosso cotidiano e contra ele não bastam passeatas, eleições presidenciais, em que o cidadão é obrigado a votar, nem esperar que a justiça consiga punir os desvios e os excessos policiais .

O problema do menor, apesar de ser considerado universal, possui agravantes no plano nacional pelas condições sócioeconômicas do Brasil. Menores, aqui entendidos, a partir do seu afastamento progressivo de um processo normal de desenvolvimento e promoção humana, que os leva ou à condição de abandono, ou à exploração, ou à conduta anti-social.

"Menor é, portanto, a forma jurídico - social de controle estatal sobre as crianças e jovens do proletariado, que estão condenados ao estigma pela sua condição de possível infrator, identificado como delinqüente, pelo saber das instituições" (PASSETTI, 1991). Substituir o termo menor, por criança e adolescente, pode trazer apenas novas modernizações reconfortantes aos técnicos e aos políticos de ocasião. Por outro lado, saber operar com a categoria de menor como estigma e, ao mesmo tempo, como elemento de uma política de enfrentamento e resistência ao Estado, passa a ser uma das possibilidades para que estratégias de atuação, nesta área, tenham alguma eficácia (PASSETTI, 1991).

f) Crianças 'operárias'

Segundo MOURA (1991), a partir da fase de industrialização incipiente, a presença de crianças e adolescentes no trabalho das fábricas e oficinas, em São Paulo, predominantemente no setor têxtil, resultou em reações de caráter crítico à utilização e à exploração desta mão de obra no trabalho industrial.

No final da década de 1910, o trabalho do menor e os acidentes de trabalho foram concebidos em nível prioritário, no que diz respeito, à necessidade de regulamentação. A provável inexistência de uma estatística sistemática de acidentes de trabalho, anterior à década de 1910, não está relacionada a uma incidência inexpressiva do fenômeno. No final do século passado, o acidente de trabalho já fazia parte da rotina nos estabelecimentos industriais, situação que se manteve durante as primeiras décadas deste século. Nos primeiros anos do século XX, os menores foram plenamente incorporados ao processo produtivo e, ainda hoje, são vítimas freqüentes de acidentes de trabalho nos estabelecimentos industriais, inclusive oficinas de pequeno porte.

Está cada vez mais claro, que a vivência concreta da infância está condicionada pelo papel reservado à classe social em que a criança está inscrita. Um aspecto que deve ser relatado é o da brincadeira natural, não só da criança mas também do adolescente, sem dúvida, um ato inseguro na situação de trabalho, assumindo, frente à população operária absorvida pelo processo de produção, proporções de ato condenável. No mundo do trabalho, as atitudes naturais da infância e da adolescência transformam-se em comportamentos dissonantes. Embora, institucionalmente, irresponsável, o menor é, na prática, investido de responsabilidade frente ao processo de produção e, conseqüentemente, frente ao ato inseguro que o leva a acidentar-se no trabalho (MOURA, 1991).

SANTOS (1996) ressalta que "vivemos, hoje, no Brasil do século XX, a super exploração da mão de obra de crianças e adolescentes que pode ser comparada à Europa Pré – Revolução Industrial. Cresce, em proporção geométrica o número daqueles que adotam as múltiplas atividades do mercado informal como estratégia de sobrevivência própria e de suas famílias. As condições em que trabalham são as mais adversas: jornadas prolongadas, atividades insalubres, penosas e realizadas em locais prejudiciais à sua formação e desenvolvimento físico, psíquico, moral e social".

Além disto, DIMENSTEIN (1995) chama atenção para outro aspecto importante, "eles ganham pouco porque tem baixa instrução. Como não tem tempo para estudar por causa do trabalho, continuam ganhando pouco". Para SANTOS (1996), o sistema de formação profissional do País precisa fazer mudanças substanciais. No governo Getúlio Vargas foram criados dois órgãos de classes patronais, destinados à formação de

mão de obra especializada para a indústria e o comércio. Estes detém a quase exclusividade da formação ou supervisão desta. Por serem órgãos patronais, SANTOS (1996) chama a atenção, que seu trabalho visa atender os seus interesses. Além disto, acrescenta que a formação é excludente pois, no caso dos adolescentes menos privilegiados financeiramente, os critérios rigorosos para o ingresso, nestes cursos, limitam uma grande parcela desta população a uma formação profissional mais competente.

Sendo assim, segundo SABÓIA (1996), as ocupações das crianças e adolescentes, no mercado formal de trabalho, são, relativamente, simples, exigindo baixo nível de qualificação, ou seja, vendedores, trabalhadores administrativos, auxiliares de escritório, trabalhadores agropecuários, trabalhadores braçais, etc. Em grande parte, são ocupações do setor terciário.

Embora a pobreza seja, inequivocamente, o principal elemento indutor ao trabalho precoce, as condições do mercado de trabalho local, também são fundamentais para transformar uma criança em trabalhador ou operário. Não se trata apenas de uma questão de oferta de mão-de-obra barata. Para que a criança ou o adolescente participem do mercado de trabalho é necessário que haja procura por seu trabalho. Este fato reflete-se, claramente, nas taxas de atividades dos adolescentes, que são mais elevadas nas regiões mais desenvolvidas do país, isto é, com um mercado de trabalho mais organizado para esta demanda (SABÓIA, 1996).

Em suma, a legislação referente ao trabalho infanto – juvenil continua sendo desrespeitada . O nosso país está muito distante da Recomendação 146[16] da Organização Internacional do Trabalho e, mais grave do que isto, muito mais afastado do próprio ECA[17], criado em 1990.

1.2. VIOLÊNCIA

1.2.1. Violência e sociedade

A palavra violência vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento, bravo, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir . Tais termos referem-se não só à força, vigor, potência, emprego de força física mas também à quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de alguma coisa (MICHAUD, 1989).

O homem moderno, ao mesmo tempo que rejeita a violência, deixa-se fascinar por ela (CHESNAIS,1981). Atualmente, ela parece tão entranhada em nosso dia –a – dia que, pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, para se transformar numa forma de ver e de viver o mundo. Contudo, quando se fala em violência, ou quando

[16] "Os países membros devem, ter como objetivo a elevação progressiva da idade do início ao trabalho para 16 anos (....) Onde a idade mínima para emprego ou trabalho estiver abaixo dos 15 anos, urgentes providências devem ser tomadas para elevá-la a esse nível". (SABOIA, 1996)

[17] Capítulo V – Do Direito à Profissionalização e à proteção no trabalho. Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz; Art.61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo no disposto nesta Lei; Art. 62. Considera-se aprendizagem a formação técnico – profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor; Art.63. A formação técnico – profissional obedecerá aos seguintes princípios: garantia de acesso e freqüência obrigatória ao ensino regular, atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente e horário especial para o exercício das atividades; Art.64. Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem; Art.65. Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários; Art.66. Ao adolescente portador de deficiência é assegurado o trabalho protegido; Art.67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não governamental, é vedado trabalho: I) noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte; II) perigoso, insalubre ou penoso; III) realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social; IV) realizado em horários e locais que não permitam a freqüência à escola; Art.68. O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob a responsabilidade de entidade governamental ou não governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício regular de atividade remunerada; Art.69. O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observado os seguintes aspectos, entre outros: I) respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento; II) capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho. (ECA, 1996)

nós falamos e nos preocupamos com a violência, sua primeira imagem, sua face mais imediata e sensível, é a que se exprime através da agressividade.

Os termos agressão e violência, segundo MOSER (1991), cobrem uma vasta gama de comportamentos e atos . De um modo geral, podemos dizer que, em nossa sociedade, existe um consenso que condena os atos de violência . A agressão, como um grande número de condutas sociais, é regulamentada por uma norma.

A agressão é um comportamento, por definição, social, na medida em que pressupõe uma relação , como a maioria das condutas humanas. É uma interação social, porque tem sua origem e se efetiva na relação com o outro. Existem duas pessoas que participam desta interação : o autor e a vítima. Não existe agressão sem vítima, mas também não existe sem um contexto segundo o qual ela se manifesta. A agressividade é um impulso destrutivo que pode voltar-se para fora (heteroagressão), ou para dentro (auto-agressão). Está sempre relacionada às atividades do pensamento, imaginação, ação verbal e não-verbal. A violência é o uso desejado da agressividade, com fins destrutivos (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1993). Este desejo pode ser: voluntário (intencional), racional (premeditado) e consciente; ou, involuntário, irracional e inconsciente.

Deste modo, a agressividade está na constituição da violência, mas não é o único fator que a explica. É necessário compreendermos como a organização social estimula, legitima e mantém suas diferentes modalidades. Esta violência, qualquer que seja a sua intensidade, está presente nos bairros sofisticados e nas favelas, nos bairros de classe média e nos cortiços. "Ela se estende do centro à periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem, criando o que se poderia chamar, ironicamente, de uma democracia na violência" (ODALIA, 1991).

No sentido estrito, a única violência mensurável e incontestável é a violência física (CHESNAIS, 1981) . A violência pode ser ministrada de uma só vez ou gradualmente, ou até, insensivelmente, distribuída. Pode-se matar, deixar morrer ou favorecer condições de subnutrição. Pode-se fazer desaparecer uma pessoa, ou afastá-la, progressivamente de suas funções, mediante proibições administrativas e profissionais . Aqui está, de acordo com MICHAUD (1989), a distinção entre estados e atos de violência. Os estados de violência

supõem situações de dominação que abrangem todos os aspectos da vida social e política e sendo assim, tornam-se menos passíveis de localização .

CABRAL (1989) faz referência, também, a uma distinção entre o ato de violência e o estado de violência. O ato de violência seria o emprego de ações diretas que atentam contra a integridade física, psíquica ou moral de alguém. O estado de violência seria algo mais profundo, poderia representar a situação, o clima de violência em que se vive, repleto de incertezas, de insegurança, de terror.

Apesar das dificuldades , a violência não é indefinível, como vimos. No entanto quatro observações impõem-se como importantes, segundo MICHAUD (1989), para quem se coloca disposto a trabalhar com ela:

- é preciso estar consciente de que as definições objetivas, mesmo úteis, não são isentas de pressupostos e, da mesma forma, não apreendem o conjunto de fenômenos;

- na apreensão da violência, há um componente subjetivo que depende dos critérios utilizados ;

- não há um equilíbrio satisfatório entre os diferentes pontos de vista a respeito da violência;

- é preciso admitir que não há saber universal sobre a violência: cada sociedade tem a sua própria violência, segundo os seus próprios critérios, e trata os seus problemas com maior ou menor êxito.

As violências sociais disseminam-se por todas as partes, elas se oferecem quando se abre um jornal, ou quando se assiste à televisão. Elas estão na discriminação racial, nas diferenças entre as classes sociais, na fragmentação do trabalhador, nos preconceitos políticos, na separação dos sexos e assim por diante.

A violência, hoje, é meio de ataque e de defesa, segundo MINAYO (1990). Nossa sociedade é tolerante com a violência, incorpora-a no seu cotidiano de forma a que não nos espantemos mais com as notícias de assassinatos e brutalidades cometidos, indiscriminadamente,contra adultos, velhos e crianças .Nós somos permissivos com a violência. Complacentes. Acomodados. Às vezes cúmplices.

Passemos agora, à análise de um tipo específico desta violência, a familiar.

1.2.2. Família e violência

Embora o aumento da atenção pública sugira que esteja ocorrendo um crescimento da violência familiar, a maioria das evidências históricas sugere que a família tem sido uma das instituições mais violentas da sociedade, em todos os tempos (GELLES & STRAUS, 1979).

Os desenvolvimentos históricos que influenciaram a violência familiar, por meio do comportamento dos seus membros e respostas das agências de controle social, incluem, segundo GORDON (1988), fundamentalmente, mudanças na situação do homem e da mulher.

A violência familiar não pode ser classificada, tal qual uma doença , por exemplo, uma tuberculose, que pode ter o seu microorganismo identificado e morto. A sua definição muda, substancialmente, desde a sua primeira aparição como problema social . A maioria das discussões sobre a violência familiar, hoje, assume que ela é problemática e requer uma ação social . No entanto, o que era considerado, dar uma palmada, no século passado, pode ser considerado abusivo, nos dias atuais. Além disso, os padrões do que se constitui negligência, na infância, têm mudado bastante.

A violência familiar contra a criança começou a ser tematizada como problema social grave, no começo dos anos 60, quando alguns autores, KEMPE *et al.* (1962), descreveram a síndrome da criança maltratada[18], redefinindo os maus- tratos na infância.

No começo dos anos 70, a crescente influência do movimento feminista resultou decisiva para atrair a atenção da sociedade sobre as formas e conseqüências da violência contra as mulheres. Até pouco tempo, a violência familiar era considerada como um fenômeno pouco freqüente, catalogado como anormal e atribuído a pessoas com transtornos psicopatológicos (CORSI, 1994) .

[18] Síndrome da criança maltratada – um termo usado para caracterizar uma condição clínica em crianças jovens que receberam sérios abusos físicos, geralmente de uma dos pais ou responsáveis. A síndrome deve ser considerada em qualquer criança exibindo evidências de fratura de algum osso, hematoma subdural, falhas no crescimento ou queimaduras na pele; em qualquer criança que morre subitamente, ou onde o grau e tipo de lesão não apresenta relação com a história relatada (KEMPE *et al.*, 1962)

KAPLAN (1996) afirma que a violência familiar é repetitiva, aumenta em severidade, assim como persiste e é transmitida através de gerações e da sociedade, pela exposição dos lares. Conflitos que parecem inerentes à vida familiar, não geram, necessariamente, violência . Pelo contrário, enfatiza CORSI (1994), negar a inevitabilidade do conflito é o que, muitas vezes, contribui para a aparição da violência.

STRAUS & GELLES (1986), investigando famílias que usavam a violência como recurso para a solução dos seus problemas, acharam onze fatores que poderiam aumentar o risco potencial de violência dentro de uma família :

1. a duração do período de risco, isto é, o tempo emque os membros da família estão juntos;

2. atividades e interesses, ou seja, a interação entre os membros de uma família, em uma multiplicidade de contextos;

3. a intensidade dos vínculos interpessoais;

4. os conflitos de atividades, isto é, as diferenças de opiniões, que afetam todos os membros;

5. o direito adquirido, culturalmente, de influenciar nos valores, comportamentos e atitudes de outros membros da família;

6. as diferenças de idade e sexo;

7. os papéis atribuídos, em função de idade e sexo;

8. o caráter privado do meio familiar;

9. a pertinência involuntária, ou o fato de não ter escolhido essa família;

10. o estresse atribuído ao ciclo vital, mudanças sócioeconômicas e outras mudanças;

11. o conhecimento íntimo da vida de cada um dos membros, dos seus pontos fracos, de seus medos e de suas preferências .

Todos estes fatores aumentam a vulnerabilidade da família e transformam o conflito, inerente a toda interação, em fator de risco para a violência. As duas variáveis sobre

as quais se organiza o funcionamento familiar são: o poder [19] e o gênero [20]. Verticalidade, disciplina, hierarquia, respeito e castigo são elementos indispensáveis para a organização das instituições de forma geral. Quando estes regulamentos servem de base para controlar as relações intrafamiliares encontramos as seguintes leis (CORSI, 1994):

- os filhos devem respeito aos mais velhos;
- a mulher deve seguir o marido ;
- os filhos devem obedecer aos pais;
- o pai deve manter o lar;
- o pai é que impõe a lei;
- as faltas de obediência e de respeito devem ser castigadas .

Uma das características da legalidade destes preceitos é a sua unidirecionalidade. O conceito de respeito não apresenta reciprocidade, porém é definido a partir de uma estrutura de poder, na qual a direção é estabelecida, de cima para baixo.

A aceitação destas normas legitima a violência intrafamiliar. Nessa estrutura vertical, vamos encontrar mais obrigações do que direitos entre os seus membros. A avaliação do potencial de violência numa família requer a consideração dos seguintes elementos : grau de verticalidade da estrutura familiar; grau de rigidez das hierarquias; crenças em torno da obediência e do respeito; crenças em torno da disciplina e do valor do castigo; grau de adesão aos estereótipos de gênero e grau de autonomia relativa dos membros.

O termo violência familiar atende a todas as formas de abuso que tem lugar entre os membros de uma família. A relação de abuso é aquela forma de interação reforçada em

[19] Poder - é a capacidade de afetar as outras pessoas; influência é o uso desta capacidade; controle é a forma exitosa do uso do poder . (CORSI, 1994)
[20] Gênero - é uma construção cultural, enquanto que sexo é uma categoria com atributos biológicos . (CORSI, 1994)

um contexto de desequilíbrio de poder, incluindo condutas que, por ação ou omissão, ocasionam danos físicos e psicológicos a outros membros na relação.

Para que possamos definir uma situação como violência familiar, ela deve ser crônica, permanente e periódica. Qualquer membro da família, independente de sua raça, sexo e idade, pode ser o agente ou a vítima da relação abusiva.

Para definir os diversos casos de violência familiar, devemos responder às seguintes perguntas: Quem é a vítima da violência ? Qual é o tipo de violência que predomina ? É uma violência unidirecional ou é recíproca? É um mau-trato ativo ou passivo? (CORSI, 1994).

Passaremos, no item seguinte, à delimitação da nossa categoria de violência familiar.

1.3. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

1.3.1. Histórico

No transcurso dos séculos, as considerações, sobre a infância sofreram substanciais modificações. Entretanto, esta mesma infância, reveste-se de alguns significados que permanecem imutáveis através dos tempos.

As crianças estiveram, em muitos períodos da História, sujeitas, desde a tenra idade, a todos os castigos e sanções destinados aos adultos, incluindo a pena de morte. De acordo com GUERRA (1985), a história da criança tem sido também a história de um mundo de violências perpetradas contra ela, na forma de escravidão, abandonos, mutilações, filicídio e espancamentos .

A Bíblia é um dos instrumentos valiosos para se verificar o quanto a perseguição de crianças é antiga, pois nela são descritos os grandes massacres ocorridos na infância . A prática do infanticídio era aceita pelas sociedades antigas, sendo facultado aos pais greco - romanos aceitar ou renegar o filho recém-nascido, condenando-o à morte (VEYNE, 1997). Nos momentos de escassez do povo hebreu, a alternativa de comer os filhos mais novos é mencionada (ASSIS, 1994b).

Com o passar dos anos, estes comportamentos começaram a suscitar sanções nas sociedades, demonstrando uma crescente conscientização dos direitos das crianças à vida. Em 374 d.C., na Itália, considerou-se o infanticídio pecado capital, porém fora da alçada política. No ano de 830 d.C., uma mulher que matasse um recém-nascido ou tentasse abortar, deveria ser excomungada, mas os sacerdotes poderiam reduzir o castigo, na prática, e impor penitência por um decênio. Apenas no início do século XII, a Inglaterra promulgou uma lei que considerava a morte de crianças por nutrizes ou professores, como igual a homicídios de adultos (LYMAN, 1982).

Segundo ASSIS (1994b), a violência dos pais e responsáveis frente à desobediência infanto - juvenil é também um tema importante a ser considerado. Uma lei hebraica do período de 1250 - 1225 a . C., instruía que, caso os filhos não dessem ouvidos às recomendações paternais, cabia aos anciãos da cidade puni-los, expondo-os para que fossem apedrejados pelos homens, até a morte. O problema da disciplina não era a única dificuldade na vida familiar. A rivalidade entre irmãos, também foi, muitas vezes, relatada.

O direito sempre garantiu o poder absoluto dos pais sobre os filhos. Segundo LOBO (1990), a Revolução Francesa, em 1789, decidiu decretar a perda dos direitos do pai ou da mãe, por causa de embriaguez habitual, maus procedimentos, maus-tratos, comprometendo a saúde e a moral de seus filhos. A nova legislação trouxe sanções penais para os pais que batiam, deixavam de dar comida e segurança ou abusavam de seus filhos.

Nos Estados Unidos, o primeiro processo contra pais foi em 1871, em Nova York. A menina Mary Ellen era espancada pelos pais adotivos, mas não havia lei que pudesse protegê-la. Foi preciso recorrer à lei de prevenção de crueldade contra os animais. A Justiça reconheceu Mary Ellen como um membro do reino animal e, por isto, merecia proteção contra os maus-tratos.

O Código Penal Brasileiro, de 1830, não previa pena para estas situações, porque não considerava crime, o castigo excessivo à criança. Matar uma criança, era um crime menos grave do que matar um adulto, a pena era reduzida de um máximo de 12 anos, para um máximo de 3 anos. Se o crime fosse cometido por um progenitor, para ocultar alguma desonra, a pena, em geral, não passava de 1 ano.

O Código de 1890 não considerava crime, torturar ou espancar uma criança, a não ser que ela morresse. No entanto, aumentava a pena dos assassinos de criança, de 6 a 24 anos. Exceção feita para os pais que, em nome da honra, ao matarem o seu filho (a), pegariam apenas 9 anos de prisão, no máximo (LOBO, 1990).

Mello Matos*, em 1927, citado por LOBO (1990), introduziu o crime de negligência, abandono e maus-tratos, no Código Penal Brasileiro. Passou a ser crime deixar de alimentar, negligenciar a segurança, obrigar a trabalhar e abusar na correção e disciplina, em relação às crianças. Estes crimes mereciam de 2 meses a um ano, no máximo, de cadeia. Quando ocorria lesão corporal, a pena podia chegar a 4 anos; e, 12 anos, nos casos de morte.

Em fins do século passado, na Inglaterra, os pais pobres vendiam os seus filhos. Crianças de 4 anos, já trabalhavam em fábricas e, desde os 8 anos, em minas de carvão. Em 1945, Engels**, citado por LOBO (1990), descreve que as mortes por queimaduras graves, com água fervente, eram freqüentes. Ele chegou a calcular uma morte por dia e afirmava que cerca de 60% das mortes violentas ocorridas com crianças, na Inglaterra, eram infanticídios.

As primeiras inserções da Medicina, nesta área, começaram em 1860, na França (LOBO, 1990). TARDIEU (1860) [21]publicou o seu "Estudo Médico Legal sobre as sevícias e maus-tratos exercidos sobre as crianças". Ele descrevia as fraturas, queimaduras, hematomas e equimoses de 32 casos, atendidos por ele, com 18 falecimentos . A metade destas crianças tinha menos de 5 anos de idade. Tardieu, foi o primeiro a estabelecer o

---

* MELLO MATOS, J. *apud* LOBO, L. Nossas crianças maltratadas e tão espancadas. In: LIPPI, J.R. (Ed.) **Abuso e negligência na infância. Prevenção e direitos.** Rio de Janeiro, ECN, 1990. p 27 –30.

** ENGELS. *apud* LOBO, L. Nossas crianças maltratadas e tão espancadas. In: LIPPI, J.R.(Ed.) **Abuso e negligência na infância. Prevenção e direitos.** Rio de Janeiro, ECN,1990. p 27 –30.

[21] TARDIEU, A . *apud* LOBO, L. Nossas crianças maltratadas e tão espancadas. In: LIPPI, J.R. (Ed.) **Abuso e negligência na infância. Prevenção e direitos.** Rio de Janeiro, ECN, 1990. p 27 –30.

conceito de criança maltratada e foi bastante criticado, na época, por estar devassando um 'assunto de família'.

Apenas em 1929, Parisot e Causade[22], retornaram ao assunto, em um Congresso de Medicina Legal. Em 1962, Silverman e Kempe (KEMPE, SILVERMAN, STEELE, DROEGEMUELLER, SILVER, 1962) lançam o livro 'Síndrome da criança espancada' onde colocam que a violência doméstica contra a criança, não era uma questão de educação, ou de classe social mas atingia, principalmente, as crianças com menos de 3 anos de idade. O motivo principal achado, por eles, dos maus-tratos e espancamentos, era o choro do bebê ou da criança. Silverman e Kempe (KEMPE, SILVERMAN, STEELE, DROEGEMUELLER, SILVER, 1962) também apontaram a resistência da classe médica, em diagnosticar a violência familiar.

Segundo GORDON (1988), na década de 60, os movimentos das feministas, dos estudantes e dos direitos civis alimentariam questões críticas sobre a santidade da privacidade familiar. Várias propostas de ampliação da definição de Kempe e Silverman foram surgindo, no decorrer dos anos (GIL, 1969; FONTANA, 1970; GELLES, 1979).

Os trabalhos de Tardieu (1860) até os de Kempe & Silverman (1962), resgataram as histórias controvertidas dos pais sobre os ferimentos dos seus filhos, tentando ocultar a responsabilidade sobre os mesmos. Desta forma, além das evidências clínicas, segundo AZEVEDO & GUERRA (1995), há o discurso dos pais, a ser levado em consideração, quando estamos lidando com este tipo de violência.

1.3.2. Terminologia

O discurso sobre a violência doméstica contra crianças e adolescentes, em nível nacional e internacional, revela uma utilização indiscriminada de termos, alguns mais, outros menos populares.

[22] PARISOT & CAUSADE *apud* LOBO, L. Nossas crianças maltratadas e tão espancadas. In: LIPPI, J.R. (Ed.) **Abuso e negligência na infância. Prevenção e direitos.** Rio de Janeiro, ECN, 1990. p 27 –30.

Para AZEVEDO & GUERRA (1995), abuso - vitimização, com sua qualificação doméstica, constituem os termos mais adequados, na medida em que designam os dois pólos de uma relação interpessoal de poder: o pólo adulto, mais forte (abuso) ; e o pólo infantil, mais fraco (vitimização) . Os dois termos, para as autoras, indicam duas faces da mesma moeda e podem ser aplicados para designar várias modalidades do fenômeno em estudo. Em nosso país o termo vitimização ainda não foi dicionarizado.

A literatura internacional usa, com freqüência, a terminologia maus-tratos. Neste trabalho, utilizaremos os termos: abuso e maus-tratos. Eles parecem ser opções mais gerais, na descrição do evento.

1.3.3. Conceituação

A primeira dificuldade na conceituação da violência doméstica contra a criança e o adolescente encontra-se na terminologia. Os termos utilizados, como relatamos anteriormente, não são uniformes. Podemos falar de, maus-tratos, abuso, vitimização etc., para designar o mesmo fenômeno. Além disso, o seu conteúdo não é homogêneo. Isto é, os abusos podem ser físicos, sexuais ou psicológicos. Muitas vezes, nestas conceituações, a gravidade das conseqüências de algumas situações, nem sempre aparece; e a especificidade do fenômeno, em alguns casos, fica misturada a outras situações .

A Classificação Internacional de Doenças – 10 (1997)[23] apresenta algumas classificações para o fenômeno que estamos abordando. Na classificação T74.- encontramos as síndromes de maus-tratos. Nela estão subdivididos: abandono (T74.0); sevícias físicas (T74.1), englobando a síndrome da criança espancada e a síndrome da esposa espancada; abuso sexual (T74.2); abuso psicológico (T74.3); outras síndromes especificadas de maus-tratos (T74.8), em suas formas mistas; e síndromes não especificadas de maus-tratos (T74.9), efeitos de sevícias infligidas aos adultos e crianças.

[23] CID – 10 – Classificação Internacional de Doenças, aprovada pela Conferência Internacional de Saúde em 1989, e adotada pela 43ª Assembléia Mundial de Saúde (CID – 10 . Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde, 1997).

Outra classificação encontrada, no CID - 10, é a Z61.- e a Z62.-, que dizem respeito aos problemas relacionados com 'eventos negativos na infância', e 'outros problemas relacionados com a educação da criança' . As duas formas de classificar excluem as síndromes de maus-tratos (T74.-). Na situação Z61.- apresentam-se : a perda da relação afetiva na infância (Z61.0); remoção do lar na infância (Z61.1); padrão alterado de relação familiar na infância(Z61.2); eventos que originam a perda da auto – estima na infância (Z61.3), problemas relacionados com abuso sexual alegado de uma criança, por uma pessoa dentro do seu grupo familiar (Z61.4); problemas relacionados com o abuso físico alegado da criança (Z61.6) ; e, experiência pessoal amedrontadora, na infância (Z61.7).

Em "Outros problemas relacionados com a educação da criança", Z62.-, encontramos : supervisão e controle inadequado por parte dos pais (Z62.0); superproteção por parte dos pais (Z62.1); educação numa instituição(Z62.2); hostilidade com relação a uma criança transformada em bode expiatório (Z62.3); negligência emocional da criança (Z62.4); outros problemas relacionados com a negligência na educação dos filhos (Z62.5); pressões não apropriadas por parte dos pais e outras falhas de educação(Z62.6); outros problemas especificados relacionados com a educação dos filhos (Z62.8); e problemas não especificados, relacionados com a educação dos filhos (Z62.9).

O item Z63.-, também trata de situações familiares, mas não especificamente em relação à criança ou ao adolescente, como nas classificações anteriores. É importante observar que, em várias situações, parece haver uma superposição de padrões classificatórios, não havendo uma definição, mais ou menos delimitada, para alguns fatores.

Partindo das dificuldades encontradas na conceituação de violência doméstica contra a criança e o adolescente, optamos pela definição de AZEVEDO & GUERRA (1995), que nos parece, mesmo correndo o risco de simplificação, a mais adequada, ao nosso estudo:

Violência doméstica contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e adolescentes que podem causar danos físicos, sexuais e (ou) psicológicos à vítima - implica de um lado, numa transgressão de poder / dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento .

Para SAFFIOTTI (1989), " a violência doméstica contra crianças e adolescentes é uma exacerbação do poder, da autoridade e do dever de proteção parental, que ocorre numa mesma família, enquanto instituição de socialização primária".

1.3.4. Pressuposto teórico

Nesse trabalho, usaremos como pressuposto teórico, para compreender o fenômeno da violência doméstica contra a criança e o adolescente, a Teoria Crítica. A expressão Teoria Crítica está ligada à chamada Escola de Frankfurt[24]. Essa teoria encontra-se fundamentada no compromisso social com aqueles que, em determinadas relações sociais, incluem-se no pólo oprimido. Seu pressuposto básico é de que toda relação social é uma relação de poder, que pode ser exercida sob a forma de dominação X submissão.

Segundo AZEVEDO (1993), os fundamentos de uma teoria crítica da violência doméstica contra a criança e o adolescente devem ser buscados nas teorias críticas: da infância, da família, da sexualidade humana, da criminalidade e violência. Faremos uma breve explanação sobre estes pontos, de forma a tornar mais clara a nossa postura teórica:

a) Infância

A criança e o adolescente têm as suas especificidades, como seres em condições peculiares de desenvolvimento, titulares do direito de proteção e não de dominação (AZEVEDO, 1993).

b) Família

Historicamente, a família é uma instituição construída em suas estruturas e seus determinantes. Na família, forma-se a personalidade, mediante a socialização e nela, enquanto modelo, temos em comum, uma estrutura de desigualdades básicas: sexo / idade.

[24] Escola de Frankfurt - escola de pensamento que critica o positivismo e enfatiza a reabilitação da reflexão como uma categoria de conhecimento válido .(GEUSS, 1988)

As estruturas familiares devem ser correlacionadas, dinamicamente. Esse fato requer três níveis de análise: cotidianidade[25], padrões de relacionamento emocional e relações entre a sociedade e a família.

c) Sexualidade

O significado das violências sexuais está inserido no cotidiano de uma trama de relações sociais, no decorrer da história.

d) Violência e criminalidade

Toda violência é social e histórica. Sua compreensão é feita dentro do contexto de uma sociedade específica e de uma cultura determinada. Em especial, a criminalidade doméstica pesquisa o perfil, o significado e as raízes históricas do fenômeno, em que este ocorre.

A interação pais – filhos, desta forma, refletirá, por um lado, as experiências de socialização dos pais; e, por outro lado, as características psicológicas , posições sociais e visões de mundo.

Com relação ao fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes, temos de observar, também, os fatores de risco à integridade e à segurança psicofísica destes, que passaremos a descrever a seguir.

[25] Cotidianidade - atividades de vida diária e de costumes (AZEVEDO, 1993)

1.3.5. Fatores de risco

Denominamos fatores de risco, segundo a conceituação de AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), a todas as condições existenciais na criança ou em seu ambiente que acarretem um risco de morbidade superior ao observado na população em geral, através de pesquisas epidemiológicas. Eles poderiam ser :

- na criança - a prematuridade ; o sofrimento neonatal ; a patologia somática precoce; as separações precoces ; etc.
- na família - a separação parental ; o desentendimento crônico; o alcoolismo; a doença crônica, em particular em um dos pais ; o falecimento de um dos pais; etc.
- na sociedade - a miséria sócioeconômica, a migração, etc.

Estas variáveis não são independentes e têm efeitos cumulativos. Outra observação importante é a de que a natureza da situação patogênica é variável. Podemos ter acontecimentos focais e localizáveis (hospitalização, separação, morte, nascimento, etc.); e situações crônicas e duráveis (insuficiência sócioeconômica) ou com efeitos prolongáveis (prematuridade) .

Segundo SANTOS (1987), os fatores de risco, de ordem ambiental, a que as crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos estão submetidos podem ser : a contaminação atmosférica, ruído exagerado, uso abusivo e indiscriminado de agrotóxicos, poluição dos rios, etc. É claro que a muitos destes fatores, qualquer pessoa poderá estar exposta mas, individualmente, teremos : as intoxicações provocadas pelo uso intencional de cola de sapateiro, álcool, substâncias psicoativas e envenenamentos por medicação (no caso dos medicamentos : xaropes, antibióticos, aspirinas, tranqüilizantes, etc.) .

Os fatores de risco podem estar associados à privação familiar, por abandono temporário ou permanente; à privação ou uso abusivo de alimentos dados pelos pais.

As situações de risco psíquicas podem estar relacionadas a transtornos mentais e comportamentais [26] dos familiares envolvidos com a violência à criança e ao adolescente, bem como podem se achar presentes nas próprias vítimas. No caso dos pais, podemos encontrar um distúrbio mental ou comportamental, com o conseqüente desencadeamento da violência. Estas situações poderão contar como fatores desencadeantes: o uso de álcool ; dependência de substâncias psicoativas (opiáceos, canabinóides, sedativos e hipnóticos, cocaína, estimulantes, alucinógenos, solventes voláteis (CID - 10, 1997); abuso de substâncias que não produzem dependência (laxativos, analgésicos, antiácidos, vitaminas, hormônios, ervas ou remédios populares); situações de estresse como o desemprego, trabalho excessivo, brigas familiares, separações e mortes, etc.

Para este autor, SANTOS (1987), todos estes fatores de risco, geralmente, apresentam-se integrados em situações de violência doméstica contra a criança e o adolescente.

Pela sua importância, em relação às entrevistas e anamneses realizadas com crianças, adolescentes, pais e (ou) responsáveis, no sentido de afastar ou confirmar os fatores de risco psíquicos ligados à violência contra a criança e o adolescente, decidimos desenvolver,de forma sucinta, os critérios diagnósticos contidos no CID - 10 e utilizados como referência classificatória na pesquisa.

1.3.5.1. Situações de risco psíquico

Segundo a OMS[27] (1993), as descrições e diretrizes contidas na CID - 10 (1997) [28] não apresentam implicações teóricas e não pretendem ser proposições completas acerca do estágio atual de conhecimentos de transtornos. Elas são simplesmente um conjunto de sintomas e comentários sobre os quais houve uma concordância, por parte de um grande número de conselheiros e consultores da OMS, em diferentes países.

[26] Transtornos mentais e comportamentais – (CID – 10, 1997).
[27] OMS - Organização Mundial de Saúde.
[28] CID - 10 - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde. Décima Revisão (1997).

- Transtornos mentais orgânicos, incluindo sintomáticos (F00 - F09) - este grupo abrange uma série de transtornos mentais reunidos em virtude de ter em comum uma etiologia demonstrável de doença ou lesão cerebral ou outra afecção que leva a uma disfunção cerebral. Esta disfunção pode ser primária, como em doenças lesões e afecções que lesem o cérebro diretamente; ou secundária, como em doenças e transtornos sistêmicos que atacam o cérebro como um dos múltiplos órgãos ou sistema envolvidos . A maioria dos transtornos, nesta classificação, tende a iniciar-se na vida adulta ou na velhice (OMS, 1993). São eles: demência na doença de Alzheimer (F00.-); demência vascular (F01.-); demência em outras doenças classificadas em outros locais (F02.-); demência não especificada (F03); síndrome amnésica orgânica, não induzida por álcool e outras substâncias psicoativas (F04); *delirium* não induzido pelo álcool ou por outras substâncias psicoativas (F05.-); outros transtornos mentais devidos a lesão e disfunção cerebral e a doença física (F06.-); transtornos de personalidade e do comportamento devidos a doença, a lesão e a disfunção cerebral (F07.-); transtorno mental orgânico ou sintomático, não especificado (F09).

- Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa (F10 - F19) - este grupo contém uma ampla variedade de transtornos que difere em gravidade, porém, que são atribuíveis ao uso de uma ou mais substâncias psicoativas, as quais podem ou não terem sido prescritas pelo médico. São eles: transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool (F10.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de opiáceos (F11.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de canabinóides (F12.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de sedativos e hipnóticos (F13.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso da cocaína (F14.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de outros estimulantes, inclusive a cafeína (F15.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de alucinógenos (F16.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de fumo (F17.); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de solventes voláteis (F18.-); transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas (F19.-).

- Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e delirantes (F20 - F29) - a esquizofrenia é o mais comum e o mais importante transtorno deste grupo. O transtorno esquizotípico possui alguns aspectos do transtorno esquizofrênico, mas as alucinações, delírios e perturbações do comportamento da esquizofrenia estão ausentes. A maioria dos transtornos delirantes pode ser dividido de acordo com a sua duração em : persistentes e agudos; e transitórios. São classificados em : esquizofrenia (F20.-); transtorno esquizotípico (F21); transtornos delirantes persistentes (F22.-); transtornos psicóticos agudos e transitórios (F23.-); transtorno delirante induzido (F24); transtornos esquizoafetivos (F25.-); outros transtornos psicóticos não orgânicos (F28); psicose não orgânica não especificada (F29).

- Transtornos do humor ou afetivos (F30 - F39) - nestes transtornos, a perturbação fundamental é uma alteração do humor ou afeto, usualmente, para a depressão (com ou sem ansiedade associada) ou elação. Esta alteração de humor é, geralmente, acompanhada por uma alteração no nível global de atividade . A maioria destes transtornos tende a ser recorrente e o início dos episódios individuais é, freqüentemente, relacionado com eventos ou situações estressantes. Este grupo engloba todos os níveis etários. Os episódios únicos são diferenciados dos transtornos bipolares [29] e de outros transtornos de episódios múltiplos. Há um grande percentual de pacientes que apresenta apenas um episódio da doença (OMS, 1993). São classificados : episódio maníaco (F30.-); transtorno afetivo bipolar (F31.-); episódios depressivos (F32.-); transtorno depressivo recorrente (F33.-); transtornos de humor (afetivos) persistentes (F34.-); outros transtornos do humor (afetivos) (F38.-); e transtorno do humor (afetivo) não especificado (F39).

[29] Transtornos bipolares - estes transtorno é caracterizado por episódios repetidos (isto é, pelo menos dois) nos quais o humor e os níveis de atividade do paciente são significativamente perturbados; esta alteração consiste em algumas ocasiões de uma elevação do humor e aumento de energia e atividade e em outras, de um rebaixamento do humor, diminuição da energia e da atividade (OMS, 1993).

- Transtornos neuróticos[30] relacionados ao estresse e somatoformes (F40 - 48) - neste grupo ocorre uma mistura de sintomas, que é assim classificada: transtornos fóbico-ansiosos (F40.-); outros transtornos ansiosos (F41.-); transtorno obsessivo compulsivo (F42.-); reações ao estresse grave e transtornos de adaptação (F43.-); transtornos dissociativos (de conversão) (F44.-); transtornos somatoformes (F45.-); outros transtornos neuróticos (F48.-).

- Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos (F50 - 59) - neste grupo ocorre uma mistura de sintomas que pode ser classificada em : transtornos da alimentação (F50.-) ; transtornos não orgânicos do sono devidos a fatores emocionais (F51.-); disfunção sexual, não causada por transtorno ou doença orgânica (F52.-); transtornos mentais e comportamentais associados ao puerpério, não classificados em outra parte (F53.-); fatores psicológicos e comportamentais associados a doença ou transtornos classificados em outra parte (F54); abuso de substâncias que não produzem dependência (F55); síndromes comportamentais associadas a transtornos das funções fisiológicas e a fatores físicos, não especificados (F59).

- Transtornos de personalidade e do comportamento do adultos (F60 - 69) - este grupo inclui uma variedade de condições e padrões de comportamento clinicamente significativos, que tende a ser persistente e é a expressão do estilo de vida e do modo de relacionar-se, consigo mesmo e com os outros. Algumas destas condições ou padrões de comportamento surgem precocemente, no curso do desenvolvimento individual, como resultado tanto de fatores constitucionais como da experiência social, enquanto outros são adquiridos mais tarde (OMS, 1993). Podem ser classificados em : transtornos específicos da personalidade (F60.-); transtornos mistos da personalidade e outros transtornos da personalidade (F61); modificações duradouras da personalidade não atribuíveis a lesão ou doença cerebral (F62.-); transtornos dos hábitos e dos impulsos (F63.-); transtornos da identidade sexual (F64.-); transtornos da preferência sexual (F65.-); transtornos psicológicos e comportamentais associados ao desenvolvimento sexual e à sua orientação (F66.-); outros

[30] Neurose - é um transtorno crônico ou recorrente, não psicótico, caracterizado, principalmente por ansiedade que é experimentada ou expressada de modo direto ou modificado, através dos mecanismos de defesa. Ela aparece como um sintoma, como obsessão, compulsão, fobia ou disfunção sexual (KAPLAN, SADOCK & GREBB, 1997).

transtornos da personalidade e do comportamento do adulto (F68.-); transtorno da personalidade e do comportamento do adulto não especificado (F69).

- Retardo mental (F70 - 79) - é uma condição de desenvolvimento interrompido ou incompleto da mente, a qual é especialmente caracterizada por comprometimento de habilidades manifestadas durante o período de desenvolvimento, que contribuem para o nível global de inteligência (aptidões cognitivas, de linguagem, motoras e sociais). Nestes casos, o comportamento adaptativo está sempre comprometido, mas em ambientes sociais protegidos, onde há um suporte, esta deficiência pode não ser tão prejudicial, principalmente, em pacientes com retardo mental leve. Estão classificados: retardo mental leve (F70); retardo mental moderado (F71); retardo mental grave (F72); retardo mental profundo (F73); outro retardo mental (F78); e retardo mental não especificado (F79).

- Transtornos do desenvolvimento psicológico (F80 - 89) - estes transtornos apresentam os seguintes aspectos em comum: tem um início que ocorre, invariavelmente, na infância; um comprometimento ou atraso no desenvolvimento de funções que estão ligadas a maturação biológica; e definem-se por um curso estável que não envolve remissões e recaídas. Na maioria dos casos, as funções afetadas envolvem a linguagem, as habilidades visoespaciais e (ou) coordenação motora. É característico que os comprometimentos diminuam progressivamente, à medida que a criança desenvolva-se. Eles apresentam uma história familiar de transtornos similares ou relacionados. Os fatores ambientais, freqüentemente, influenciam as funções do desenvolvimento afetadas . A etiologia, na maioria dos casos, é desconhecida e há incertezas quanto aos limites e subdivisões precisas destes . São eles: transtornos específicos do desenvolvimento da fala e da linguagem (F80.-) ; transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares (F81.-); transtornos específicos do desenvolvimento motor (F82); transtornos específicos mistos do desenvolvimento (F83); transtornos globais do desenvolvimento (F84.-); outros transtornos do desenvolvimento psicológico (F88) ; e transtornos não especificados do desenvolvimento psicológico (F89).

- Transtornos do comportamento e transtornos emocionais que aparecem habitualmente durante a infância ou a adolescência (F90 - 98) - são eles : transtornos hipercinéticos (F90.-) - este grupo de transtornos é caracterizado por um início precoce. Há

uma combinação entre um comportamento hiperativo, pobremente modulado, com desatenção marcante , falta de envolvimento persistente nas tarefas, conduta invasiva nas situações e a persistência no tempo destas características de comportamento. Eles sempre começam cedo no desenvolvimento (geralmente, nos primeiros 5 anos de idade) e são,usualmente, persistentes através dos anos escolares e, mesmo, em alguns casos, na vida adulta . O comprometimento cognitivo é comum e atrasos específicos do desenvolvimento motor e da linguagem são freqüentes. As complicações secundárias, nestes casos, incluem o comportamento anti-social e a baixa auto-estima . Distúrbios de conduta (F91.-) - são caracterizados por um padrão repetitivo e persistente de conduta anti-social, agressiva ou desafiadora. Deve alcançar violações importantes das expectativas sociais apropriadas à idade do indivíduo, sendo mais grave do que as travessuras infantis ou a rebeldia adolescente,normais. Eles são,freqüentemente, associados a ambientes psicossociais adversos, incluindo relacionamentos familiares insatisfatórios e fracasso escolar. Alguns critérios de exclusão incluem condições subjacentes incomuns, tais como a esquizofrenia, mania, transtornos globais do desenvolvimento, transtornos hipercinéticos e depressão. Outra situação importante é a sua não recomendação, como diagnóstico, a menos que a duração deste comportamento esteja acima de seis meses ou mais. Transtornos mistos de conduta e das emoções (F92.-) - este grupo de transtornos é caracterizado pela combinação de comportamentos, persistentemente, agressivo, anti - social ou desafiador, com sintomas bem delimitados de depressão, ansiedade ou outros transtornos emocionais. Transtornos emocionais com início especificamente na infância (F93.-) - muitos destes transtornos parecem constituir exageros das tendências normais do desenvolvimento, mais do que fenômenos qualitativamente anormais em si mesmos. Eles são classificados em : transtornos de ansiedade de separação na infância (F93.0), transtornos de ansiedade fóbica na infância (F93.1), transtornos de ansiedade social na infância (F93.2), transtornos de rivalidade entre irmãos (F93.3), outros transtornos emocionais na infância (F93.8) e transtornos emocionais na infância não especificados (F93.9). Transtornos do funcionamento social com início especificamente durante a infância e a adolescência (F94.-) - este é um grupo heterogêneo de transtornos, que tem em comum anormalidades no funcionamento social, que começam durante o período de desenvolvimento, mas que não são caracterizados, primariamente, por uma incapacidade ou déficit social aparentemente constitucional, que invade todas as áreas

de funcionamento. As distorções ou privações ambientais graves estão, geralmente, associadas. Tiques (F95.-) - um tique é um movimento motor involuntário, rápido, recorrente e não rítmico (geralmente, envolvendo grupos musculares circunscritos) ou produção vocal, que é de início súbita e sem propósito aparente. Eles tendem a ser vivenciados como irresistíveis, mas podem ser suprimidos por períodos variáveis de tempo e não apresentam evidência de transtorno neurológico subjacente. Muitas vezes, eles ocorrem como um fenômeno isolado, mas com freqüência, podem estar associados a uma ampla variedade de perturbações emocionais. Outros transtornos comportamentais e emocionais com início habitualmente durante a infância ou a adolescência (F98.-) - estes transtornos abrangem um grupo heterogêneo que compartilha características do início da infância, mas diferem em muitos aspectos. Alguns representam síndromes bem definidas; outros, são mais complexos de sintomas . Eles estão classificados da seguinte forma: enurese não orgânica (F98.0); encoprese não orgânica (F98.1); transtorno de alimentação na infância (F98.2); pica na infância (F98.3); transtornos de movimentos estereotipados (F98.4); gagueira (tartamudez) (F98.5); fala desordenada (taquifemia) (F98.6) ; outros transtornos emocionais e de comportamento especificados com início geralmente ocorrendo na infância e adolescência (F98.8); transtornos emocionais e de comportamento com início geralmente ocorrendo na infância e adolescência, não especificados (F98.9). Transtorno mental, não especificado em outra parte (F99) - esta categoria não é recomendada, no entanto deve ser utilizada quando não for possível a classificação em nenhum código de F90 - F98.

1.3.6. Tipos de violência

Segundo AZEVEDO & GUERRA (1989), ser vítima não é um estado natural . Em nossa sociedade, para as autoras, podemos encontrar duas formas de violência que nossas crianças e adolescentes podem vivenciar. A primeira forma derivada das profundas desigualdades sociais, apresentam um reflexo direto nas condições de vida das crianças e adolescentes (precárias condições de saúde, habitação, alimentação, educação, exploração de mão-de-obra infantil no mercado informal e extermínio de crianças e adolescentes, por grupos organizados), cuja resultante são as crianças de 'alto risco';

A outra forma seria a violência intersubjetiva, inerente às relações interpessoais, adulto – criança / adolescente, cuja resultante são as crianças em 'estado de sítio'. O termo 'estado de sítio' refere-se ao fato de ser um processo que se prolonga, às vezes, por anos, e a vítima passa a viver numa situação em que sua liberdade e sua autonomia pessoal são, constantemente, cerceadas.

Apesar de não ser o objetivo específico de nosso trabalho, a violência fora dos lares merece uma pequena explanação, em função de sua relação com a outra forma de violência. Estas são as crianças e adolescentes vítimas de violência estrutural [31]. O termo 'alto risco' refere-se ao fato de que estas crianças e adolescentes têm alta probabilidade de sofrer, cotidiana e permanentemente, a violação de seus direitos humanos mais elementares: direito à vida, à educação, `a saúde, à segurança, ao lazer, etc.

Os dois processos descritos acima, não são excludentes. Muitas vezes vamos encontrar crianças e adolescentes, passando por esta dupla situação . Registraremos, nesse trabalho, quatro formas de violência, segundo a caracterização da Academia Americana de Pediatria (KRYNSKI, 1986). Cada uma delas envolve conceitos específicos, como veremos a seguir.

a) Psicológica

AZEVEDO & GUERRA (1989) designam este tipo de violência doméstica contra a criança e o adolescente como abuso psicológico ou tortura psicológica. Ela ocorre, quando o adulto bloqueia os esforços de auto-aceitação da criança e do adolescente, causando-lhe sofrimento mental. Ameaças de abandono, também podem tornar uma criança ou um adolescente medroso e ansioso, representando uma forma de sofrimento psicológico.

KENT & WALLER (1998) afirmam que há pouca pesquisa, nesse campo, em comparação às outras formas de violência. Em particular, HART & BRASSARD (1991), diferenciaram cinco categorias, do que eles chamam de 'maus-tratos psicológicos': aterrorizar, isolar, explorar, insultar e negar emocionalmente. Estas formas foram

[31] Violência estrutural - violência característica das sociedades capitalistas, marcada pela dominação de classes e desigualdades na distribuição de riquezas. (AZEVEDO & GUERRA, 1989).

conceitualizadas, como sendo mais dimensões do que categorias, em sua natureza. A repetição e a manutenção da natureza dos atos são importantes, nestas situações.

O abuso psicológico é uma realidade constante e, facilmente, perpetrada contra crianças e adolescentes. O abuso psicológico pode começar quando a criança ainda tem meses. Sua definição, segundo O 'HAGAN (1996), é a de um comportamento repetitivo e inapropriado que danifica ou reduz substancialmente a criatividade e o desenvolvimento potencial de importantes processos mentais de uma criança que incluem: inteligência, memória, reconhecimento, percepção, atenção e desenvolvimento moral. O abuso psicológico impede a criança de compreender o mundo à sua volta e torná-lo familiar e manejável. Este mundo será confuso e (ou) ameaçador, levando a uma falta de confiança, afetando a sua educação, desenvolvimento geral e socialização.

LESNIK – OBERSTEIN (1986) afirma que a forma mais ampla de abuso à criança é a emocional. Esta vem freqüentemente acompanhada de maus-tratos físicos, negligência, abandono ou abuso sexual. Apresenta três formas:

- por excesso – na relação normal da criança ou adolescente com os pais e (ou) responsáveis, estes protegem-no contra os perigos. Há vezes em que a proteção toma a forma de superproteção, tendo como resultado a dificuldade da criança ou do adolescente tornar-se independente, adquirir auto – confiança e participar de forma adequada de uma vida social com pessoas da sua idade. Parece que em tais casos, o (s) adulto (s) superprotetor (es) compensa (m) uma hostilidade inconsciente contra a criança ou o adolescente. A superproteção, ao mesmo tempo que compensa a hostilidade, permite sua descarga indireta;

- por deficiência – apresenta duas formas: abuso por privação, a criança ou o adolescente não recebe e nunca recebeu atenção emocional necessária; abuso por carência, a criança ou o adolescente recebeu, no passado, os cuidados emocionais adequados porém, em um determinado momento, deixou de recebê-los. Nestes tipos de situações, a criança ou o adolescente não recebe carinho suficiente, nem física, nem verbalmente, estimulação e encorajamento adequados. Os pais e (ou) responsáveis não demonstram interesse pela criança ou adolescente, ou estão ausentes a maior parte do tempo e, quando estão presentes,

não se ocupam deles. Segundo LESNIK – OBERNSTEIN (1986), os efeitos da privação são mais nefastos do que os da carência;

- por deformação patológica – este tipo pode tomar várias formas: rejeição emocional, agressão emocional, rotulação negativa, mensagens contraditórias e negação da realidade à criança ou ao adolescente.

Para LESNIK – OBERNSTEIN (1986), a situação de violência é o resultado de três fatores: um alto nível de sentimentos agressivos dos pais e / ou responsáveis; um baixo nível de inibição dos sentimentos agressivos dos pais e/ou responsáveis; e o foco da agressão dirigido para a criança e (ou) adolescente.

Consideraremos, igualmente, nesta categoria, os raptos que, geralmente, se associam às brigas dos direitos dos pais, quando em litígio judicial, pela guarda das crianças (SANTOS, 1987) . Segundo AZEVEDO & GUERRA (1997), a violência psicológica doméstica é difícil de ser detectada, porque costuma disfarçar a sua perfídia sob a máscara enganosa das intenções pretensamente 'boas' e (ou) palavras pretensamente 'inócuas' . Estas autoras criaram o termo 'parente serpente', para definir os pais diabolicamente perversos com seus filhos.

Segundo GARBARINO & GILIANO (1980), são as conseqüências psicológicas de um ato, que o definem como abusivo ou não. A criança abusada psicologicamente pode revelar uma persistente infelicidade, e (ou) medo, e (ou) estresse, ou pode encontrar-se impedida de realizar os seus trabalhos escolares, de usar a inteligência, memória ou atenção para resolver seus problemas. A compreensão do mundo pode tornar-se confusa e ameaçadora, levando a uma falta de confiança, que afetará a sua educação, bem-estar e socialização.

b)Sexual

O abuso sexual contra crianças e adolescentes não é um fato novo. Relatos bíblicos revelam que a exploração sexual da criança e do adolescente, por adultos e o incesto, praticado pelos pais e parentes, estavam presentes desde épocas remotas (SANTOS, 1991).

A raça humana surgiu a partir de impulsos incestuosos. Segundo COHEN (1993), não podemos pensar em famílias incestuosas como raras aberrações da natureza, mas devemos admitir que o incesto é um comportamento humano, bem mais freqüente em nosso meio do que se poderia esperar .

Segundo o "National Center on Child Abuse and Neglect" (SANTOS, 1991), o abuso sexual é todo contato ou interação entre uma criança e um adulto, em que a mesma é usada para a estimulação sexual do adulto ou de terceiros. Pode ser cometido até mesmo por menores de 18 anos, desde que, significativamente, mais velho do que a vítima, o abusador exerça uma posição de poder ou controle sobre a criança ou o adolescente. Esta definição é capaz de englobar a maioria das formas de abuso sexual e explorações perpetradas contra a criança ou o adolescente, por um adulto.

O incesto representa uma subcategoria de abuso sexual, que aparece quando a relação existente é a familiar. Na verdade, a relação incestuosa, para este autor (SANTOS, 1991), é realizada por qualquer indivíduo com, pelo menos, 5 anos de diferença significativa de idade, que tenha um longo período de convivência com a criança, exercendo geralmente sobre ela algum tipo de poder ou responsabilidade. Desta forma, uma pessoa estranha que viva na companhia familiar e que tenha um longo período de convivência, exercendo autoridade sobre a criança na situação de violência sexual, estará praticando atos incestuosos. Entre estes atos incluem-se o abuso e a exploração sexual tais como, exposição genital, masturbação, felação, etc., na presença de uma criança.

Alguns pesquisadores, segundo SANTOS (1991), limitam o uso do termo incesto a casos envolvendo o coito com uma pessoa, legalmente responsável pela criança ou adolescente. Outros autores, incluem ambas as situações com ou sem coito, desde que com a participação de um membro da família. Corroborando com a falta de uniformidade conceitual, temos as definições legais, considerando o incesto como o abuso sexual cometido por descendentes do mesmo sangue ou por um membro legal.

Nos diferentes conceitos de abuso sexual contra a criança e o adolescente, são componentes permanentes : a natureza e a proposta de atividade sexual; a idade e a relação do abusador com a criança ou adolescente, como indivíduo que pertence à família e,

principalmente, a incompreensão da criança ou adolescente da (s) atividade(s) ; tipo de conduta coercitiva, incluindo-se a presença ou ausência de força física nela.

De acordo com AZEVEDO & GUERRA (1989), as ocorrências de abuso sexual de crianças e adolescentes podem ser classificadas em intra e interfamiliares, conforme sejam perpetradas por familiares ou não da vítima. Os atos podem ser classificados em três grupos: não envolvendo contato físico, envolvendo contato físico, e envolvendo violência.

Sem contato físico

Abuso verbal - há vários tipos de abusos verbais . Neste grupo incluem-se as discussões abertas sobre atos sexuais, destinadas a despertar o interesse da criança e do adolescente ou chocá-los ;

Telefonemas obscenos - as ofensas de natureza sexual, mesclam-se a convites explícitos ou implícitos;

Exibicionismo - exibição intencional e não natural a uma criança, do corpo nu de um adulto, ou partes dele;

Voyerismo - 'espionagem' da nudez total ou parcial de uma criança ou adolescente por um adulto, a partir de um local escondido de observação.

Com contato físico

Enquadram-se atos físicos genitais que incluem, 'passar a mão', coito ou tentativa de manipulação genital, contato oral com a genitália e uso sexual do ânus. Aqui, incluem-se a pornografia e a prostituição infantil, isto é, a exploração de crianças e adolescentes para fins econômicos.

Com violência

Incluem-se as ocorrências de estupro [32], brutalização ou mesmo assassinato de crianças e adolescentes como forma progressivamente mais violenta de ataque sexual.

[32] Estupro - é a violência sexual caracterizada pelo contato íntimo entre uma criança e um adulto, praticada sempre com o uso da força,ameaça ou intimidação (AZEVEDO & GUERRA, 1988).

Nos casos de violência sexual contra a criança e o adolescente é necessário, segundo AZEVEDO & GUERRA (1989), contextualizarmos o fenômeno, indicando se foi praticado por familiares ou não ; contra a criança e o adolescente de um ou outro sexo, com finalidades comerciais ou não; e mediante uso ou não de força, ameaça ou intimidação.

Segundo SANTOS (1991), várias são as causas responsáveis pela não notificação dos casos de abuso sexual, tais como a oposição `a denúncia, por parte dos envolvidos, com medo da reação do abusador, presença de gravidez, sentimento de perda afetiva e desejo de evitar escândalos, entre outros. De qualquer forma, o resultado do abuso sexual contra a criança e o adolescente é sempre desastroso.

As situações mais freqüentes de abuso sexual na infância, em especial, encontram-se no interior dos lares, entre quatro paredes, sob o mesmo teto da criança, proporcionado por um dos pais, responsáveis ou parentes. Os fatores sociais, culturais, antropológicos, psicológicos ou psiquiátricos, que podem explicar tal fenômeno, são múltiplos e a maioria deles encontram-se presentes, de forma integrada, em qualquer categoria social, sendo sua alta incidência, estatisticamente significativa, em países desenvolvidos, como é o caso da Austrália, Holanda, Alemanha Ocidental, EUA e outros.

"O abuso sexual contra uma criança ou adolescente é uma forma presente de violência doméstica, geralmente mantido em silêncio, mascarado pela revolta, pela conspiração dos sentimentos de impotência, passividade e punição" (SANTOS, 1991). Tem uma distribuição democrática, ocorrendo em todos os níveis sócioeconômicos, embora alguns fatores como a miséria extrema trabalhem contra o lado mais fraco da gangorra social, tendo como fatores predisponentes : a promiscuidade, a fome e demais necessidades de sobrevivência. Como regra, muitas vezes, vamos observar o aparecimento da prostituição, na busca de formas alternativas de prazer, já que inexiste o lazer adequado e o acesso a bens materiais . Estes, cada vez mais distantes, nos países subdesenvolvidos e em periferias de cidades grandes. (SANTOS, 1991 ; AZEVEDO E GUERRA, 1997).

c) Negligência

Segundo HELFER (1990), inicialmente, a palavra negligência referia-se a várias manifestações na criança, resultantes de falhas em prover as suas necessidades básicas . Por anos, pensou-se em abuso e negligência, como uma entidade, achando freqüentemente casos de abusos, na maioria dos casos de negligência e vice-versa.

A situação de negligência, afirma SANTOS (1995) , aparentemente, aponta ser muito comum na população pobre. No entanto, ela aparece sob a forma de 'privação de afeto' também, na classe média e rica, motivadas pela inclusão dos pais na competição de mercado, por uma sociedade consumista, que tende inclusive à 'negação do amor'.

GUERRA & LEME (1997) introduzem algumas polêmicas importantes sobre o fenômeno . A negligência apresenta uma diversidade de definições, algumas tomando como base, as normas da comunidade ;outras, as conseqüências que tal tipo de violência acarreta sob o ponto de vista do crescimento e desenvolvimento da criança; e, ainda, colocando o comportamento dos pais como deliberado ou decorrente de falta de atenção. Nesta última situação poderíamos acrescentar alguns acidentes no lar, descritos por SANTOS (1988).

A partir de algumas definições, as autoras (GUERRA & LEME, 1997) tentaram resgatar a perspectiva social, intrínseca, a este fenômeno e elaboraram uma definição que norteará o nosso trabalho, neste tipo de situação:

A negligência se configura quando os pais (ou responsáveis) falham, em termos de alimentar, de vestir adequadamente os filhos, etc., e quando tal falha não é o resultado de condições de vida além do seu controle.

As autoras, acima citadas, enfatizam as condições sociais de vida dos pais, sem relacioná-las à negligência. Isto é, se uma criança está mal alimentada porque os pais não conseguem obter dinheiro para fazê-lo, adequadamente, o caso não será considerado negligência. No entanto, se todo o dinheiro conseguido, que seria para a alimentação, for desviado para qualquer outro fim (bebidas, jogos, substâncias psicoativas, etc.), então se configura um cuidado negligente.

A negligência tem várias modalidades :

- Médica - (incluindo dentária) - necessidades de saúde de uma criança que não estão sendo preenchidas;
- Educacional - os pais não providenciam a ida da criança ou do adolescente à escola ;
- Higiênica - quando a criança e o adolescente vivenciam precárias condições de higiene;
- De supervisão - a criança é deixada só, sujeita a riscos;
- Física - não há roupas adequadas para uso e não recebem alimentação suficiente.

Em termos de grau podemos dividir a negligência em :

a) severa - os alimentos nunca são providenciados; não há roupas limpas, os alimentos espalham-se pelo chão, há fezes e urina pela casa; não existem rotinas para as crianças e adolescentes (dormem quando querem, fazem o que querem) ; são deixadas sós muitos dias, podendo falecer de inanição ou acidentes . Para GUERRA & LEME (1997), há nestas casas, uma presença relevante de álcool, substâncias psicoativas, quadros psiquiátricos e retardos mentais;

b) moderada - existem alimentos, estão prontos, mas balanceados de forma errada ; há sujeiras na casa, porém sem as características do grupo anterior; há algumas roupas limpas; as crianças são deixadas sós por algumas horas; os pais ignoram algumas doenças, contudo levam a criança ou o adolescente ao hospital, em emergências.

GABLE (1998) afirma que estas crianças apresentam o risco de problemas de comportamento social e de aprendizagem . Estes problemas aparecem cedo em suas vidas e persistem durante a infância e a idade escolar.

d) Física

Por séculos, como já vimos, as crianças vêm sendo mortas, abusadas, abandonadas, negligenciadas e castigadas com crueldade. Os maus-tratos às crianças, segundo SMITH (1975),foram justificados, por séculos, através da crença de que eles eram necessários para manter a disciplina, transmitir idéias educacionais, presentear certos deuses ou expulsar demônios do corpo.

Em 1860, houve o primeiro estudo realizado sobre o fenômeno, pelo Professor Ambroise Tardieu. Ele descreveu,em seu trabalho, várias lesões sofridas por crianças e as explicações fornecidas pelos pais, que não correspondiam às evidências (SMITH, 1975).

KEMPE *et al.*, em 1962, , batizaram o fenômeno de 'Síndrome da criança espancada'. Esta síndrome refere-se, usualmente, a crianças de baixa idade, que sofreram ferimentos inusitados, fraturas ósseas, queimaduras, etc., ocorridas em diversas épocas, bem como em diferentes etapas do desenvolvimento e sempre, inadequada e inconsistentemente, explicada pelos pais . O seu diagnóstico tem que ser fundamentado em evidências radiológicas.

A literatura vem enfatizando que a violência física deve abranger *toda ação que causa dor física na criança ou adolescente, desde um simples tapa até o espancamento fatal, representam um só* continuum *de violência* (NEWELL, 1975) . Desta forma, seria considerada violência, mesmo a chamada punição mais leve, na medida em que toda punição corporal deve implicar no conceito de dor física. Por outro lado, esta punição não deixa de ser uma porta aberta para os quadros de violência mais graves.

O campo conceitual deste fenômeno é vasto e complexo. Por um lado, há os que defendem que este tipo de violência só pode ser assim chamado, quando apresenta dano para a vítima; por outro lado, há os que incluem sob esta terminologia, todos aqueles atos que causem dor física, e não apenas dano (lesão). Esta última corrente luta para abolir a punição corporal, como forma de disciplinar crianças e adolescentes, seja na família ou na escola.

BIBLIOTECA CENTRAL

No Brasil, encontramos algumas definições, segundo diferentes autores e posturas teóricas :

A síndrome da criança maltratada é o termo usado por nós para caracterizar uma condição clínica em crianças jovens que recebem sérios abusos físicos, geralmente, de pais e parentes próximos. Esta condição é, também descrita como trauma, reconhecido pelos radiologistas, ortopedistas, pediatras e trabalhadores sociais. Ele constitui uma significativa causa de desabilidades e morte... (LIPPI, 1986).

A violência direta contra a criança pode ser conceituada sob dois aspectos : um primeiro aspecto, quando o agressor é abrangente, traduzindo em situações, fatos ou atitudes que redundam em alterações corporais, mentais e sociais, reversíveis ou irreversíveis, podendo ser considerado como um acidente não intencional, porém previsível. A segunda forma de abordagem da violência direta contra a criança relaciona-se a um conceito no qual se busca individualizar o agente, como uma pessoa, considerando-se os efeitos da mesma. Desta forma, a violência é conceituada como um conjunto de alterações somáticas, mentais e (ou) sociais, apresentadas pela criança, quando sujeita a acidentes do tipo intencional (SANTOS, 1987) .

Violência física é entendida como o emprego da força física contra a criança, de forma não acidental, causando-lhe diversos tipos de ferimentos e perpetrada pelo pai, mãe, padrasto ou madrasta ... (GUERRA, 1985) .

... os castigos corporais têm sido considerados como abuso-vitimização física. A literatura só é unânime em considerar como maus-tratos, duas modalidades de castigos corporais : os castigos cruéis e pouco usuais e os castigos que resultam em ferimentos. No primeiro caso estão os castigos extremos e inapropriados à idade e à compreensão da criança, por exemplo, cárcere privado, treino prematuro de toalete, etc. No segundo caso, estão o bater descontroladamente e com instrumentos contundentes (AZEVEDO & GUERRA, 1989).

Neste trabalho, na conceituação de violência física contra crianças e adolescentes, levaremos em consideração, não só as várias definições expostas mas também a complementação que GUERRA (1985) faz, a respeito do tema : *Ao se definir violência física dever-se-ia ter em conta quais os atos que estariam sob esta rubrica . Sabemos que uma criança pode receber uma bofetada, um beliscão, uma chinelada ou uma surra de correia. Como estas diferentes medidas poderiam ser enquadradas, e se todas poderiam ser consideradas como atos de violência representam interrogações de diferentes estudos sobre o problema.*

Geralmente, nestas famílias, há o estabelecimento de um tipo de 'aliança solidária' entre os cônjuges, pela qual um, dificilmente, exerce esse tipo de violência, sem a cumplicidade silenciosa do outro, sendo mais raro que o parceiro não-agressor revele o problema a terceiros.

As vítimas podem ser tanto do sexo feminino, quanto do masculino. É um fenômeno que aparece nas diferentes classes sociais, embora as camadas populares sejam as mais denunciadas ao poder do Estado. As conseqüências podem ser :

❖ Orgânicas - seqüelas provenientes de lesões abdominais, oculares, de fraturas dos membros inferiores e superiores, e /ou do crânio, de queimaduras, enfim, que poderão causar invalidez permanente ou temporária; a morte, para a vítima, conhecida como violência fatal e, muitas vezes, bastante subestimada, em função das dificuldades de se detectar as reais causas da morte.

❖ Psicológicas - são de natureza variada, no entanto, algumas merecem destaque: sentimentos de raiva e de medo, em relação ao agressor; quadros de dificuldades escolares; dificuldades quanto a confiar nos outros; delinqüência, etc.

A punição corporal treina a criança para aceitar e tolerar a agressão e a violência, na medida em que tais atos realizados pelos adultos destinam-se a ensinar a obediência e a submissão. Os sentimentos associados com tal punição, segundo AZEVEDO & GUERRA (1997), - de angústia, de raiva, ansiedade, medo, terror, ódio e hostilidade - estão dentro dos relacionamentos domésticos dos adultos que foram espancados, quando crianças. Os padrões

de agressões dirigidos contra as crianças tornam-se modelos de agressão dirigidos contra outros adultos amados, especialmente esposas, maridos e companheiros (as) .

As vítimas de um processo dessa natureza, de acordo com MCLAREN (1989), podem se refugiar no uso de substâncias psicoativas, sofrer de quadros depressivos e, em raros casos, as sevícias físicas graves podem dar origem à aparição de múltiplas personalidades.

Segundo GREVEN (1992), *os sentimentos gerados pela dor decorrente das agressões físicas de adultos contra crianças são na maioria das vezes, reprimidos, esquecidos, negados, mas eles nunca desaparecem. Tudo permanece gravado, no mais íntimo do ser e os efeitos da punição permeiam nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura* .

Todas as modalidades de violência doméstica contra crianças e adolescentes têm em comum, além da própria natureza do processo, algumas características básicas. São fenômenos que não são herdeiros do sistema de estratificação social e do regime vigente de uma sociedade. Não pode-se dizer que é um fenômeno característico da pobreza ou da falta de recursos. Para ela, não há etnia, credo religioso ou classe social que esteja imune às suas ocorrências .

São fenômenos que têm no lar a sua origem e a sua ecologia privilegiada, podendo reproduzir-se em termos de verdadeiros ciclos de violência . As famílias que vivenciam a violência doméstica não devem ser vistas como, dicotomicamente, divididas em vítimas e abusadores. O agente agressor deve, da mesma forma, ser envolvido em qualquer intervenção, assim como os demais familiares. A atenção deve ser integral à família e não somente à criança e (ou) ao adolescente que sofrem a violência (DESLANDES, 1994).

É complexa a violência doméstica. O contato com as famílias que maltratam, segundo DESLANDES (1994), mostra uma série de questões distintas, que reforçam as condições predisponentes às relações familiares violentas: desemprego; condições de pobreza ou empobrecimento; valores culturais que justificam condutas violentas; conflitos

conjugais; problemas psicológicos e afetivos; alcoolismo; falta de serviços básicos, como creches, escolas e habitações condizentes com as necessidades da população .

Uma situação que merece ser descrita, em nosso trabalho, é a das crianças e adolescentes testemunhas da violência doméstica, visto que, em dois dos grupos da pesquisa, este fato foi um fator preponderante.

1.3.7. Crianças e adolescentes testemunhas de violência conjugal

Tendo em vista o fato de encontrarmos, nos grupos entrevistados na pesquisa, situações de violência conjugal, algumas mais severas, nas suas conseqüências físicas, além de emocionais; e, outras, mais leves, pensamos ser de fundamental importância incluirmos algumas considerações sobre este aspecto da violência, que não é diretamente contra a criança ou o adolescente, mas que, de certa forma, poderá ou não afetá-la.

As pesquisas sobre os efeitos do testemunho de crianças e adolescentes da violência conjugal, segundo BERMAN (1993) têm sido confusas, com alguns estudos parecendo contradizer outros. Segundo MULLENDER (1996), em 90% dos incidentes de violência conjugal, a criança está no mesmo quarto do casal ou ao lado deste. Crianças e adolescentes que são testemunhas de violência entre os pais e vivem nestes ambientes, podem tornar-se preocupados com este fato e demonstrá-lo de várias formas. Muitas vezes, encontramos crises de asma, enurese noturna, insegurança, gagueira, nervosismo generalizado e pesadelos. Não há uma síndrome ou um padrão de sintomas. As respostas das crianças e adolescentes são afetadas pelos fatores: idade, personalidade e circunstâncias.

Algumas avaliações (STRAUS & GELLES, 1986; HUGHES, PARKINSON, VARGO, 1989) sugeriram que, quando o número de situações estressoras para a criança e o adolescente aumenta, os seus efeitos são mais severos. As crianças e adolescentes testemunhas de violência entre os seus pais e, diretamente, agredidos por eles, demonstraram efeitos emocionais mais profundos do que aqueles que apenas testemunhavam os fatos. Crianças e adolescentes provenientes de lares com abuso verbal mostravam efeitos menos severos do que as crianças e adolescentes de lares com abuso físico e verbal; e, crianças e

adolescentes que experimentavam estes tipos de abusos e viviam em abrigos eram os mais prejudicados . Além destes aspectos, as crianças mais novas eram mais suscetíveis aos efeitos negativos da violência conjugal.

HUGHES, PARKINSON, VARGO (1989) demonstraram que crianças pré-escolares, nesta situação de violência, exibiam maior número de problemas de comportamento e menores níveis de auto – estima, do que crianças em idade escolar. Além disso, as crianças mais novas permanecem mais tempo em casa, o que as torna mais vulneráveis do que as mais velhas e os adolescentes, com maiores oportunidades de permanecer na escola ou em outros ambientes seguros. Entretanto, se as crianças mais velhas e adolescentes apresentavam maior capacidade para reagir com raiva, sensibilidade e envolvimento aos conflitos dos outros, tinham, contudo, um menor deslocamento de afeto, em resposta às brigas dos pais.

Segundo MULLENDER (1996), crianças pré-escolares demonstram, geralmente, ansiedade, através de problemas orgânicos, tais como : dores de estômago, dores de cabeça, enurese, distúrbios do sono (incluindo medo de escuro e resistência a ir para a cama), ansiedade de separação, comportamento 'pegajoso' e falhas no desenvolvimento motor ou da fala. Crianças em idade escolar apresentam, com maior freqüência, medos e comportamentos exagerados, tais como: receio da raiva dos pais ou dos outros; medo de ser abandonado, ser morto ou morrer alguém próximo; distúrbios da alimentação, do tipo bulimia; tentativa de controlar a tensão em casa; insegurança e desconfiança. Os adolescentes, de acordo com MULLENDER (1996), podem buscar as drogas, fugir de casa, engravidar cedo ou casar, ter pensamentos ou ações suicidas e agressividade exagerada.

As diferentes respostas das crianças e adolescentes ao observarem a violência entre os seus pais refletem diferenças no desenvolvimento de suas personalidades. Três padrões de reação à violência conjugal, nas crianças e adolescentes, podem ser encontrados: a criança ou o adolescente pode tornar-se um agressor dos outros (reação externa); uma ítima dos outros (reação interna); ou ser capaz de recuperar-se das situações ("resilient" [33]) .

[33] Resilient – capaz de rápida recuperação; elástico. Resilience / Resiliency – capacidade de rápida recuperação; elasticidade. MARQUES & DRAPER, 1991. p . 264.
Resilient – able to quickly return to a previous (good) condition. CAMBRIDGE, 1996. p . 1209.

➢ Agressor

Muitas crianças e adolescentes testemunhas da violência entre os pais podem tornar-se agressivos e cometerem atos delinqüentes. As crianças aprendem papéis e comportamentos, observando e interagindo com seus pais. Num ambiente violento, as crianças aprendem que a violência é a base do controle, do poder e da desigualdade de força, com o homem representando o mais forte. Nos lares violentos, as crianças, aprendem que as mulheres são fracas e vítimas, porque são incompetentes, insignificantes e menos importantes que os homens. Lições sobre a intimidade do casal, nestas famílias, podem ensinar que é aceitável machucar, fisicamente, aqueles a quem amamos. Os padrões de comunicação e resolução de problemas, através da violência, são demonstrados como métodos apropriados e efetivos de solução de conflitos, assim como, uma forma de demonstrar insatisfação e desejo de mudança.

DODGE, BATES, PETIT (1990), observaram que as crianças, provenientes de lares violentos, apresentavam déficits cognitivos no processamento de informações, incluindo falhas em demonstrar opiniões, preconceitos na atribuição de intenções hostis em relação aos outros e ausência de estratégias eficazes na resolução de problemas interpessoais.

Tanto meninos, quanto meninas, podem desenvolver a identidade de agressor, no entanto, segundo BERMAN (1993), a incidência maior é no gênero masculino. Estes demonstram mais comumente respostas de raiva ao testemunho da violência interpessoal. Existe uma tendência,na pesquisa canadense e americana, a dar ênfase às diferenças entre as reações dos meninos e as das meninas. Na prática, segundo MULLENDER (1996), ambos internalizam reações (ansiedade, depressão e sintomas somáticos) e externalizam comportamentos (atuações agressivas, em geral), sem uma linha estereotipada de gênero. Todas as formas de comportamento podem ser encontradas em ambos os sexos.

➢ Vítima

Algumas crianças e adolescentes podem se sentir fracos e desvalorizados, nestas situações, assumindo o papel da vítima. Em resposta à violência conjugal, segundo BERMAN (1993), algumas crianças e adolescentes podem tornar-se retraídos, dependentes e isolados socialmente. O papel básico da família é prover segurança e proteção. Nos lares

com violência conjugal, as crianças e os adolescentes aprendem que para sobreviver, fisicamente, as mulheres devem criar estratégias para evitar serem punidas, rejeitadas ou fisicamente abusadas. Estas mulheres tornam-se hipervigilantes em relação aos seus companheiros, na tentativa de evitar a violência. Em termos de relações interpessoais, estas crianças e adolescentes podem concluir que as mulheres são mais frágeis e que não é seguro para elas, nem para eles serem independentes (STRAUS & GELLES, 1986) .

Quando estas crianças tornam-se mais velhas e ávidas por independência, o agressor pode reagir com as mesmas tentativas de controle que usa em relação à mulher. Quando a criança ou o adolescente volta-se para a mãe, no intuito de obter segurança em relação ao pai ou responsável violento, esta pode ser incapaz de oferecer este refúgio para a criança ou o adolescente, confirmando a sua incompetência. Nestas famílias, as necessidades pessoais das mulheres não são consideradas e as necessidades dos outros vêm sempre em primeiro lugar (BERMAN, 1993). As estratégias de resolução de problemas e comunicação, nestas situações, sugerem que a violência é inevitável e (ou) um indicador de amor. As vítimas são responsáveis pela violência ou devem tolerá-la.

Muitas vezes, as mulheres que sofrem violência conjugal negam ou diminuem a extensão da violência, subestimando a periculosidade da situação e apresentando sinais de desamparo. Estas atitudes maternas podem impedir que a criança e o adolescente estabeleçam uma compreensão a respeito do contexto agressivo . De acordo com BERMAN (1993), estas tendências passivas podem refletir na escola, um baixo rendimento acadêmico, fobia escolar, dificuldade de concentração e isolamento social.

- Capacidade rápida de recuperação ("Resilient")

A capacidade rápida de recuperação é o caminho mais positivo para estas crianças e adolescentes. A "resilience" tem sido definida de várias maneiras, no contexto da violência familiar. A melhor definição, segundo BERMAN (1993), é a de "resilience" como uma atitude efetiva, em que a criança ou o adolescente faz esforços para restaurar e manter o equilíbrio interno e externo, frente às situações ameaçadoras.

Segundo GARBARINO & GILIANO (1980), a habilidade da mãe em prover um modelo adulto capaz de poder dar um significado aos eventos violentos, pode prover uma acomodação positiva na compreensão das atitudes violentas, gerando "resilience" na criança ou no adolescente. Enquanto os pais estão envolvidos nos conflitos conjugais, pode ocorrer uma diminuição nos cuidados aos filhos. Crianças com competência natural e sentimentos de auto – estima podem preencher as falhas parentais. Os filhos mais velhos podem, naturalmente, tentar proteger seus irmãos mais novos, nos episódios de violência, e cuidar deles até o final desta situação.

As crianças e os adolescentes podem achar os padrões de resolução de conflitos e comunicação dos seus pais ineficazes. Através de relações com outros adultos compreensivos e colegas, fora da família, eles recebem evidências concretas de que existem relações recompensadoras, e que as pessoas podem ser valiosas para eles, em tempos de necessidade de apoio emocional. Para os adolescentes que apresentam uma maior capacidade de raciocínio abstrato, segundo BERMAN (1993), estas experiências deixam neles o desejo de tentar padrões de relacionamento diferentes daqueles usados pelos seus pais ou responsáveis. Através da visão dos efeitos negativos da violência sobre os membros da sua família, eles podem chegar a decisões conscientes de que suas próprias famílias, no futuro, serão diferentes da atual.

Ser "resilient" não é o equivalente a ser feliz ou seguro. Crianças e adolescentes com capacidade de recuperação rápida, no seu desejo de oferecerem proteção e cuidados às mães e irmãos mais novos, podem permanecer em casa, no ambiente de violência, quando poderiam sair ou se afastar desta situação. Tentando proteger suas mães e irmãos mais novos e acalmar a raiva dos seus pais, eles criam ligações entre as gerações que ultrapassam os sistemas de casal e filhos. A criança e o adolescente "resilients" são colocados na posição de ter de crescer, rapidamente, e tomar para si a responsabilidade da família.

É papel dos pais protegerem as crianças e os adolescentes e não o inverso. Entretanto, apesar destas dificuldades, algumas destas crianças e adolescentes demonstram bom desempenho acadêmico e social. Ao se voltarem para seus colegas e trabalhos escolares proporcionarão um caminho para o seu dia- a- dia e poderão, no futuro, construir um ambiente de paz.

Para BERMAN (1993), embora a literatura sobre a pesquisa empírica e descritiva, sobre crianças e adolescentes vítimas de violência, indique a existência de várias reações para a violência conjugal – agressor, vítima e capacidade rápida de recuperação ("resilient") – não há resultados que prevaleçam para estas reações, baseados em estudos epidemiológicos. Quanto maior for a extensão e a situação de violência, maiores serão os efeitos para as crianças e os adolescentes.

1.3.8. Intervenção, tratamento e prevenção

... nem a lei, nem a medicina, nem a ciência têm poderes mágicos.

Não existe consenso social acerca do que constitui a melhor

ou pelo menos uma boa solução para todas as crianças.

GOLDSTEIN, FREUD, SOLNIT, 1989.

1.3.8.1. Intervenção e tratamento

Segundo GOLDSTEIN, FREUD, SOLNIT (1989), encaramos os laços biológicos como uma força de motivação muito poderosa, permitindo à maioria dos pais oferecer às suas crianças o afeto e os cuidados de que têm necessidade. No entanto, devemos levar em consideração que o apego e o desenvolvimento harmonioso não dependem apenas de condições biológicas, mas sim e, principalmente, de afeição recíproca, de atenção dispensada às suas necessidades e aos cuidados diários.

A sociedade, ao lado da confiança nos laços de sangue, apresenta uma inquietude crescente quanto à dissolução da vida familiar e quanto à situação de crianças, cuja responsabilidade não é assumida (GOLDSTEIN *et al.*, 1989).

A intervenção do Estado na unidade familiar sofre pressões, contra e a favor de uma tomada de posição. Muitas vezes, frente à autoridade parental abusiva, nociva para a criança, em que os laços entre as crianças e os seus pais não são benéficos, seja pela violência, ou pela indiferença; também, a intervenção do Estado não cumpre o seu papel.

GOLDSTEIN *et al.* (1989) chamam atenção para o fato de que em algumas ocasiões, o Estado, com o pretexto de defender os interesses da criança, por meio dos seus representantes, impõe seus próprios sistemas de valores aos pais. Na tentativa bem intencionada, de resguardar os 'direitos' da criança, acaba por destruir os últimos vestígios de laços familiares, ao mesmo tempo que não oferece à criança, os substitutos familiares de que ela necessita.

Um programa de intervenção pode envolver múltiplas medidas profissionais. A intervenção tem vários planos: jurídico, social, médico e psicológico, devendo ter como foco, a família. É importante que todos os profissionais envolvidos tenham em mente que 'a família é um espaço privado', apenas, enquanto não violar e (ou) ameaçar a segurança e a integridade psicofísica de suas crianças e adolescentes. Quando abusiva, a família pode e deve sofrer intervenção profissional. O objetivo é interromper o ciclo da violência doméstica, no sentido de proteger crianças já agredidas e vítimas potenciais (presentes e futuras).

Muitas vezes, é indicada a separação efetiva do agressor e da vítima, isto é, o afastamento do agressor da moradia em comum. No entanto, a prática usual é afastar a criança, implicando, esta atitude, numa nova agressão. Embora as crianças não sejam culpadas dos atos que os adultos contra elas praticam, as alternativas encontradas visam, com o intuito de 'protegê-la', deslocá-las do ambiente agressivo, para um lar substituto, ou para uma instituição, ou para uma adoção, como se elas fossem o problema a ser solucionado e a questão sempre se dá por 'resolvida', ao se colocá-la em algum local (JUNQUEIRA,1989).

O encaminhamento da família para tratamento é sempre necessário. Segundo BEEZLEY (1989), o tratamento às crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos, restringe-se ao atendimento de casos pelos profissionais dos serviços de proteção à criança e pelos serviços médicos e de enfermagem da Saúde Pública . Estas opções são essenciais, entretanto, nos últimos 5 anos, outras formas de tratamento vêm sendo utilizadas com sucesso, em relação às famílias abusivas e negligentes. A combinação planejada de várias opções de tratamento pode ser um meio bastante útil, em termos de intervenção, nestes casos.

O objetivo do trabalho com pais abusivos é o de ajudá-los a abrir mão de um padrão educacional negligente ou agressivo, para um mais recompensador para todos. É importante focalizar, inicialmente, o tratamento nos pais, propiciando a estes, um gradual processo de crescimento e desenvolvimento.

BEEZLEY (1989) chama atenção que não são apenas os pais abusivos que estão em situação de angústia e precisam de ajuda. A criança abusada e seus irmãos apresentam necessidades que levam a um tratamento, independente, do prognóstico dos seus pais.

A integração de diversos tratamentos dirigidos, separadamente, a diferentes membros da família, é uma tarefa difícil, mas, às vezes, necessária. Este fato torna-se complicado para os profissionais envolvidos no caso, que deverão esclarecer, de forma periódica os seus papéis, dividir informações e articular decisões.

No caso dos pais, teremos como possibilidades de tratamentos: psicoterapia individual, terapia de casal e terapia de grupo. No tratamento das crianças e adolescentes vamos encontrar como indicações: as escolas de recreação terapêutica; ludoterapia individual ou de grupo; e a terapia de grupo. Para o tratamento da família, BEEZLEY1989) propõe: terapia de família, tratamento residencial da família[34], creches de emergência[35] e intervenção pais – filhos. [36]

A participação da família em programas de educação, também, é outra atitude recomendável. As medidas sociais teriam como premissa, segundo AZEVEDO & GUERRA(1997), a colocação e a verificação da criança ou adolescente em abrigos (temporários ou não) e famílias substitutas, ou encaminhar para hospitais, dependendo do caso. Nas situações médicas, as principais medidas seriam os tratamentos das possíveis seqüelas orgânicas da violência e o tratamento das doenças sexualmente transmissíveis e abortos, legalmente autorizados, nos casos de abuso sexual.

As medidas judiciárias possíveis seriam de dois tipos: civis, aplicáveis pelas Varas da Infância e Juventude; e, criminais, aplicáveis através das Varas de Justiça Criminal.

[34] Tratamento residencial da família – a família se muda para o local do tratamento, por meses, como tentativa da criança de colocação em lar substituto,
[35] Creche de emergência – é uma alternativa para os pais em situação de crise e propicia segurança para as crianças.
[36] Intervenção pais – filhos – muitos aconselhamentos realizados por vários profissionais

Estas medidas constam do ECA (1990) e da Lei de Crimes Hediondos (1990). A criminalização do agressor é indispensável, contudo, é recomendável a aplicação de penas sociais, dependendo da gravidade do caso (AZEVEDO & GUERRA, 1997).

Segundo JUNQUEIRA (1989), os princípios de abertura de um processo, de instrução e de colocação, devem visar à família de fato e não, à família de direito. É em benefício das crianças, de diferentes idades, níveis diversos de desenvolvimento e de origens variadas, que a Lei deve restringir as intervenções coercitivas.

Em todas as situações de tratamento, a criminalização da família, ou do seu agente agressor, como princípio para a atuação, constituem apenas um paliativo para o problema pois, podem, em contrapartida, ser um fator de desagregação familiar. A família que experimenta a violência, devidamente atendida, continua a ser a principal referência afetiva para aquela criança ou adolescente.

Ainda quanto às medidas judiciárias, pelo artigo 141, parágrafo 1°, do ECA (1990), a criança vitimizada pode e deve ter um advogado que a represente e a defenda. No Brasil, 'o advogado da criança', ainda é um profissional raro. Sua função seria garantir os interesses legítimos das crianças e dos adolescentes.

As formas de tratamento podem ser combinadas com Serviços Médicos, de Saúde Pública e Serviço Social. Um aspecto importante, neste, nem sempre observado, é o terapeuta. Mesmo o plano bem elaborado e organizado, não terá sucesso se o terapeuta não possuir determinadas características e uma formação que o torne capaz de dar um atendimento adequado a estas crianças e adolescentes . Nem todos os profissionais podem trabalhar na área de abuso e negligência. Além de uma conduta cuidadosa nos seus julgamentos e cautelosa, quanto às suas expectativas, ele deve ser capaz de estar disponível ao chamado da família, quando necessário.

De acordo com BEEZLEY (1989), as mudanças de ordem pessoais, nas famílias abusivas, são pequenas e demoradas. O terapeuta, desta forma, deve ficar satisfeito ao menor progresso terapêutico, tendo satisfação e vontade de atuar numa equipe multidisciplinar.

1.3.8.2. Prevenção

A prevenção é, sem dúvida, a mais humana, lógica, racional e barata forma de atender à criança e ao adolescente, em situação familiar. Este é um problema universal, antigo e difundido, às vezes negado, coletivamente. Segundo LIPPI (1990), somos responsáveis, embora não sejamos culpados.

Em nosso país, segundo CÉLIA (1990), infelizmente, chamado de Belíndia, por apresentar contrastes como Bélgica e Índia, segundo dados da Unicef, temos quase 60% de menores em completo abandono. É um país grande, mas não um grande país.

A maioria das crianças brasileiras começa a ser agredida ainda no ventre materno, pela desnutrição da mãe e da violência contra a mulher. Quando consegue sobreviver às doenças perinatais, respiratórias, evitáveis por vacinação, à diarréia e à fome, chegam à idade adulta, agredidas pela falta de oportunidade no mercado de trabalho (CÉLIA, 1990).

A violência, de uma forma geral, segundo DESLANDES (1994), tem sido responsável por uma demanda crescente de atendimentos nos Serviços Públicos de Saúde. Na realidade, o tipo de violência, tratado neste trabalho, não é um problema novo para estes profissionais . Nos ambulatórios, postos ou emergências, encontramos esta dura realidade. Os profissionais, desta área, além de sofrer o impacto da situação que a violência contra a criança e o adolescente lhes provoca, defrontam-se com a precariedade de recursos dos seus serviços.

Esta situação gera uma série de sentimentos: raiva, revolta, pena, angústia e, principalmente, a dúvida. Grande parte dos casos de maus-tratos que chega aos Serviços de Saúde não é identificada (DESLANDES, 1994). Os motivos pelos quais isto ocorre são vários e interligados. O primeiro refere-se à informação deficiente sobre o tema, por parte destes profissionais. Outro aspecto que dificulta a identificação, destes casos, é o processo de atendimento, geralmente, socorrista, em que, na maior parte das vezes, o problema dos maus-tratos fica misturado à 'procura de doenças' ou ao atendimento imediato de outras necessidades.

No entanto, o maior obstáculo para a identificação dos maus-tratos, ressalta DESLANDES (1994), é a dimensão ética. Esta é representada pelo medo de se envolver [37], com o que é considerado 'problema alheio', e reforçado pela cultura 'como um problema da família'. Esta situação acrescenta um aspecto polêmico ao tema, pois o ECA (1990), ao definir, legalmente, as normas de conduta dos profissionais de Saúde, torna obrigatória a notificação dos maus-tratos (art. 13 e 245).[38]

As atividades de intervenção, a partir da constatação da violência podem significar, muitas vezes, apenas uma tentativa de solução imediata, mas não curativa para o problema. Há uma importância reconhecida, mundialmente, na prevenção, isto é, agir antes que uma família venha a se tornar abusiva. A prevenção é uma estratégia privilegiada de combate à violência doméstica contra as crianças e os adolescentes. São reconhecidos 3 níveis (AZEVEDO & GUERRA, 1995) :

- primário – as estratégias são dirigidas a um conjunto da população, num esforço para reduzir a incidência ou o índice de ocorrência de novos casos. As estratégias adotadas incluem : programas de pré-natal, que abordem a temática e reforcem os vínculos pais – filhos; programas de treinamentos para pais e, em escolas, para professores, dirigentes e alunos; campanhas através dos meios de comunicação, palestras e debates;

- secundário – envolve a identificação precoce das populações de risco. As estratégias incluem visitação domiciliar para promover cuidados médicos e sociais aos pais dos grupos de riscos; 'telefones de crises', aos quais se recorre nos momentos difíceis, para obter ajuda e encaminhamento especializado; programas de creches para as crianças do grupo de riscos;

[37] AZEVEDO & GUERRA propõem o nome desta situação de 'reticências psicológicas', por parte do profissional.

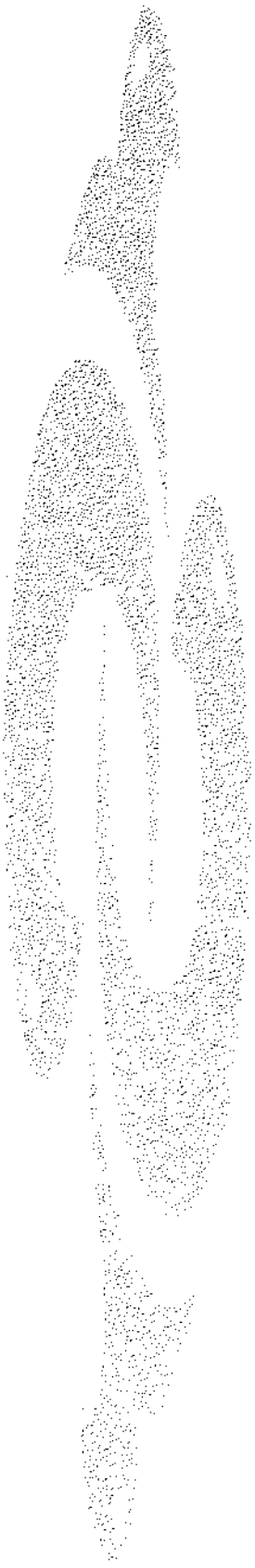
[38] Art. 13 – "Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente communicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais".
Art. 245 – Das infrações administrativas. "Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola, ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus tratos contra a criança ou adolescente". Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro, em caso de reincidência.

- terciário – dirigida aos indivíduos que já são agressores ou vítimas, tentando reduzir as conseqüências adversas do fenômeno, ao mínimo, evitando que o indivíduo sofra algum processo de incapacitação permanente. Estas estratégias vão incluir as mais diversas modalidades de serviços, para oferecer um pouco de infra-estrutura às vítimas.

Investir nas várias formas do comportamento humano e na nossa práxis, de forma mais adequada, é uma meta a ser buscada. Devemos enfatizar ações psicoprofiláticas, que favoreçam as crianças e os adolescentes. Isto, sem dúvida, é investir na humanização e, por conseqüência, numa sociedade menos injusta, menos infeliz e menos maltratada.

Segundo JUNQUEIRA (1989),uma outra proposta de prevenção, "é conscientizar a sociedade em geral para que sejam reconhecidas as conseqüências negativas da violência contra as crianças e adolescentes, tratando, num futuro próximo, de forma aberta, as relações violentas entre pais e filhos, não mais como um tema maldito, mas em busca de alternativas para estas pessoas".

Nos capítulos seguintes, passaremos a descrever os objetivos, hipóteses, metodologia e o trabalho de pesquisa de campo realizado, na tentativa de contribuir para a compreensão do fenômeno.



2. OBJETIVOS DO TRABALHO

2.1. GERAL

Estudar as crianças e os adolescentes, vítimas de violência doméstica notificada, em seus aspectos psicossociais.

2.2. ESPECÍFICOS

a) Estudar dados sociais e demográficos das famílias das crianças e dos adolescentes, vítimas de violência doméstica notificada, em relação às do grupo comparativo;

b) Identificar alguns fatores de risco à segurança e à integridade psicofisica da criança e do adolescente, nas famílias que apresentam violência doméstica notificada contra os mesmos ;

c) Identificar os agressores domésticos, com base na denúncia das vítimas e da notificação à Instituição;

d) Estudar alguns aspectos da personalidade das crianças e dos adolescentes do grupo em estudo, em relação ao grupo comparativo;

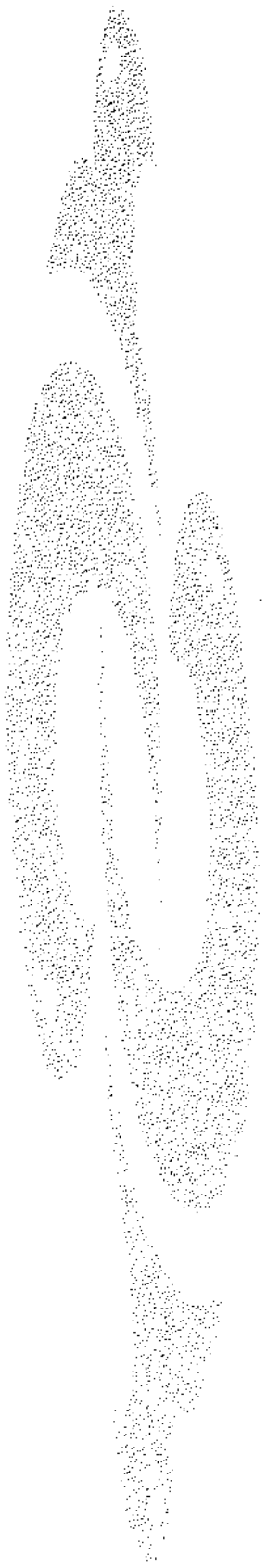
e) Descrever a história de vida das crianças e adolescentes, vítimas de violência doméstica notificada, realçando aspectos do desenvolvimento psicossocial.

2.3. HIPÓTESES FUNDAMENTAIS

1) Há maior número de fatores de risco à segurança e à integridade psicofisica das crianças e dos adolescentes , nas famílias , que suportam e mantêm o comportamento agressivo entre os seus membros , em relação ao grupo comparativo (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986; MADONNA, VAN SCOYK, JONES, 1991; GRIZENKO & FISHER, 1992; MCLEER *et al.*, 1992; SEIFER *et al.*, 1992);

2) Há maior incidência de transtornos do desenvolvimento psicológico e emocional e de comportamento, cujo início, usualmente, ocorre na infância e na adolescência[1], prejudicando o desenvolvimento psicossocial, no grupo de crianças e adolescentes que sofrem violência doméstica, em relação ao grupo comparativo (BROWN & ANDERSON, 1991; CONSENTINO *et al.*, 1993; LIVINGSTON *et al.*, 1993; SALZINGER *et al.* , 1993; BALBERNIE, 1994; LUNTZ & WIDOM, 1994; MIAN, 1994; STEIN, 1994).

[1]Transtornos do desenvolvimento psicológico – F80-89: Transtornos específicos do desenvolvimento da fala e da linguagem(F80); transtornos específicos do desenvolvimento de habilidades escolares (F81); transtorno específico do desenvolvimento da função motora (F82); Transtornos específicos mistos do desenvolvimento(F83); Transtornos invasivos do desenvolvimento (F84); Outros transtornos do desenvolvimento psicológico (F88); Transtorno não especificado do desenvolvimento psicológico (F89).
Transtornos emocionais e de comportamento com início usualmente na infância e na adolescência -F90-98: Transtornos hipercinéticos (F90); Transtornos de conduta (F91); Transtornos mistos de conduta e emoções (F92); Transtornos emocionais com início especifico na infância (F93); Transtornos de funcionamento social com início específico na infância e adolescência (F94); Transtornos de tique (F95); Outros transtornos emocionais e de comportamento com início ocorrendo usualmente na infância e na adolescência (F98)



3. METODOLOGIA

3.1. CONTEXTO GEOGRÁFICO DO ESTUDO

Campinas está localizada no Estado de São Paulo. É o pólo de uma região metropolitana formada por 22 cidades e cerca de 2,2 milhões de habitantes. Está distante 100 km da capital, São Paulo.

Tem sua origem diretamente ligada à abertura dos caminhos para o sertão de Goiás , Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Apresenta uma área total de 798 km^2 e altitude de 680 metros.

Localizam-se em Campinas, 9% do Produto Interno Bruto (PIB) e 17% da população industrial do Estado de São Paulo . A região é responsável por 10% de toda a população agroindustrial de São Paulo, assim como é a primeira colocada no País , quanto ao uso de sementes de alta qualidade e mecanização agrícola. Está incluída no segundo mercado consumidor do Brasil, com um total de 14.550 lojas no comércio varejista .

É a quinta maior praça bancária do País ,em valor de compensação de cheques. Há um total de 17 mil empresas ligadas ao setor terciário. Quanto à ocupação de mão de obra campineira , 65% está alocada no setor de comércio e serviços; 34% na indústria e 1% na agricultura.

3.2. CONTEXTO INSTITUCIONAL DO TRABALHO

O período da pesquisa de campo foi de 1995 a junho de 1997. Os locais utilizados como fonte de pesquisas e encaminhamento de casos notificados foram:

a) Crami - Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus-Tratos na Infância

O Crami é uma entidade sem fins lucrativos, que assiste crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos (agressão física, negligência, abuso sexual e violência psicológica) e suas famílias, fazendo a prevenção da violência doméstica contra a criança e o adolescente.

O objetivo do Crami é a assistência e proteção à criança, vítima de maus-tratos ,por multiprofissionais da área de Saúde, Serviço Social, Psicologia, e Direito, visando , principalmente, a integridade física , mental e social da criança, com promoção da família.

O programa de atenção integral à criança vítima de maus-tratos busca:

- fornecer dados reais que ocorrem em termos de incidência, morbidade e mortalidade de crianças;

- atendimento integral à criança, vítima de maus-tratos;

- promover a família. Muitos problemas ou fatores desencadeantes dos maus-tratos a crianças podem ser prevenidos e necessitam de tratamento médico ou mental e reabilitação;

- prevenir , a médio e a longo prazo, a violência contra a criança na comunidade.

Para atingir os seus objetivos , o Crami conta com um programa de esclarecimento público, um setor de registro aberto à comunidade, através de um telefone... Isso permite após realizada a notificação, uma atuação para a verificação da veracidade da denúncia, desenvolve uma ação assistencial e promocional familiar, segundo prioridades médica, jurídica, social ou de saúde mental, com o objetivo de proteção ao menor, buscando a manutenção do mesmo junto à família (SANTOS, 1995).

Os agentes da notificação podem ser : a família (pai, mãe, parentes), vizinhos, hospitais, juizados, conselhos tutelares, Instituto Médico Legal e membros da comunidade em geral. As formas de notificação podem ser por telefone ou procura espontânea ou por encaminhamento.

A secretária do Crami, a partir da denúncia, registra em formulário próprio, os seguintes dados: nome da criança , dos pais, endereço, tipo de maus-tratos e outros dados relevantes. As fichas são recebidas diariamente pelo Serviço Social, que estabelece as prioridades para as visitas. Para que estas se realizem, o Crami conta com veículo e motorista próprios.

Ao chegar ao local, o visitador domiciliar (profissional designado para o caso) identifica-se por um crachá de identidade, delineando os objetivos da Instituição e ressaltando o caráter não policial da mesma. Após a apresentação , ocorre a entrevista com o adulto que estiver no local e que seja o parente mais próximo da criança, levantando, também, depoimentos com vizinhos ou outras pessoas relacionadas ,direta ou indiretamente, com a vítima.

Esta entrevista tem como objetivo coletar dados que se referem aos maus-tratos para a identificação do tipo , possíveis causas sociais, psicossociais ou outras que possam estar desencadeando este tipo de comportamento.

O diagnóstico social, do Serviço Social, é apresentado à equipe multidisciplinar, com a finalidade de discussão e encaminhamento do caso. O encaminhamento é feito para os serviços próprios da comunidade, para os Serviço de Saúde Mental, para o Setor jurídico e para os Serviços de Saúde, em geral, de acordo com a classificação do caso.

Nos casos registrados em que, de acordo com a problemática apresentada, a criança ou o adolescente está em risco iminente de vida, ou já se encontram vítimas de danos físicos e mentais severos, a ação é imediata. A orientação, em geral, é: internação da criança para exames e tratamentos; encaminhamento ao Instituto Médico Legal para exame de corpo de delito, após a abertura de boletim de ocorrência, no Distrito Policial. Solicita-se, da mesma forma, a intervenção do Poder Judiciário, quando necessário, para a retirada da criança do meio familiar e posterior condução para um local seguro.

Após os procedimentos necessários , o caso retorna ao Crami, para o registro dos resultados desse trabalho. Os casos cadastrados para visitas periódicas, têm por objetivo o estudo e a prevenção da reincidência.

b) SOS Ação Mulher e Família

O SOS Ação Mulher e Família foi fundado em 1980 ,como uma ONG[1], para oferecer à população um serviço especializado de orientação e apoio às mulheres e famílias em situação de violência doméstica e sexual. Em 1986, foi reconhecido como um serviço de Utilidade Pública Municipal. Desde 1987, mantém convênio de cooperação com a Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Em 1994, recebeu o apoio do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher - UNIFEM - ONU.

Esses convênios propiciaram a expansão dos serviços, favorecendo desta forma estudos, pesquisas, atendimento, formação de banco de dados sobre a problemática e campo de estágio, em várias áreas do conhecimento.

O objetivo da instituição é tratar a violência doméstica e sexual, como problema social e de saúde pública, envolvendo a mulher, a família, as instituições sociais e a comunidade. Relaciona o problema da violência contra a mulher à questão dos Direitos Humanos e Cidadania, sob um enfoque das relações de gênero dos papéis sexuais na nossa sociedade.

Instrumentaliza, valendo-se de procedimentos nas áreas psicossocial e jurídica , a mulher e a família, na resolução dos seus problemas, visando à interpretação da história da violência. Promove programas preventivos , por meio de grupos de vivências, palestras, seminários e cursos, que buscam a formação de agentes sociais multiplicadores.

As pessoas procuram o SOS Ação Mulher e Família pelo telefone ou pessoalmente. A secretária faz o registro e a marcação das entrevistas de triagem. Após o primeiro atendimento e avaliação da situação, a pessoa é encaminhada para os diferentes tipos de serviços de apoio, de acordo com as características do problema apresentado.

[1] ONG – Organização não-governamental.

Estes serviços são :

- área psicológica - atendimento mediante orientação individual, casal ou família;
- área biopsicossocial - avaliação , acompanhamento de casos e encaminhamentos às outras instituições ou recursos da comunidade;
- área jurídica - orienta , informa e ingressa com ações na Vara de Família: separação judicial, divórcio, separação de corpos, investigação da paternidade, ação e execução de alimentos.

Os programas educativos são realizados através de dinâmicas de grupo.

3.3. CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Este trabalho caracterizou-se por ser um estudo exploratório.

O reduzido nível de conhecimento sobre a violência doméstica contra a criança e o adolescente no Brasil, recomenda, segundo MEYER (1988), a utilização deste tipo de investigação.

TRIPODI (1983) afirma que para um estudo ser classificado como exploratório, é necessário que obedeça a três critérios principais: que combine descrições quantitativas e qualitativas a respeito de determinado fenômeno; que sejam usados procedimentos sistemáticos para a obtenção dos dados ou para a sua análise; que o investigador transcenda as descrições qualitativas ou quantitativas, na tentativa de conceitualizar as inter-relações sobre o fenômeno observado .

Acrescentam alguns autores e profissionais da área de Bioestatística (TRIPODI, 1983 ; CIOL, 1996) que, na pesquisa exploratória , os objetivos são descritivos e o interesse maior está na qualificação das coletas das observações. Mais importante, neste tipo de estudo, do que a descrição detalhada das relações quantitativas entre as variáveis ou a representatividade da amostra, é a seleção de uma série de dados para estimular idéias.

Os estudos exploratórios são essenciais para o levantamento de hipóteses que possam, no futuro, serem testadas por estudos confirmatórios , observando-se um maior controle sobre as variáveis.

3.4. SUJEITOS

O grupo em estudo foi formado por pais e (ou) responsáveis e pelas crianças e adolescentes que sofreram violência doméstica notificada, por estes. A idade e o sexo dos grupos de adultos não apresentaram restrições , quanto à participação no trabalho.

O grupo de pais e (ou) responsáveis obedeceu aos seguintes critérios:

a) Pais e (ou) responsáveis legais que moravam ou não com a criança e (ou) adolescente;

b) Adultos que moravam com a criança e (ou) adolescente e que tinham algum tipo de sociedade conjugal decretada ,judicialmente ou não, com um dos progenitores e (ou) responsáveis ;

c) Apresentar denúncia de violência contra a criança e (ou) adolescente, notificada em órgão especializado, orientado para a defesa dos direitos à cidadania;

d) Ter condições de desenvolvimento mental para compreender as questões formuladas na entrevista;

e) Ser voluntário e participar da entrevista, sem pressão, após a assinatura do consentimento pós – informação;

f) Residir no município de Campinas.

O grupo de crianças e adolescentes obedeceu a alguns critérios:

a) Ter entre 7 e 18 anos;

b) Ter condições de desenvolvimento mental para compreender as questões formuladas na entrevista;

c) Ser voluntário e participar da entrevista, sem pressão, após a assinatura do consentimento pós – informação pelos pais e (ou) responsáveis;

d) Ter sofrido qualquer tipo de violência doméstica, notificada em órgão especializado, orientado para a defesa dos direitos à cidadania;

e) Residir no município de Campinas.

O grupo comparativo foi formado pelos pais e (ou) responsáveis pelas crianças e adolescentes que não sofreram violência doméstica notificada ou não notificada , segundo a visão dos pais, das crianças e adolescentes e da pesquisadora . A idade e o sexo do grupo de adultos não apresentaram restrições , quanto à participação no trabalho.

O grupo de adultos obedeceu aos seguintes critérios:

a) Pais e (ou) responsáveis legais que moravam ou não com a criança e (ou) adolescente;

b) Adultos que moravam com a criança e (ou) adolescente e que tinham algum tipo de sociedade conjugal decretada, judicialmente ou não, com um dos progenitores e (ou) responsáveis;

c) Não apresentar notificação de violência contra a criança e (ou) adolescente, notificada em órgão especializado, orientado para a defesa dos direitos à cidadania, nem haver cometido qualquer tipo de violência doméstica contra a criança e o adolescente, segundo a sua visão, a da criança e (ou) do adolescente e a avaliação da pesquisadora;

d) Ter condições de desenvolvimento mental para compreender as questões formuladas na entrevista;

e) Ser voluntário e participar da entrevista, sem pressão, após a assinatura do consentimento pós – informação;

f) Residir em região geográfica vizinha ou nas proximidades dos membros dos grupos em estudo.

O grupo de crianças e adolescentes obedeceu aos seguintes critérios:

a) Ter entre 7 e 18 anos;

b) Ter condições de desenvolvimento mental para compreender as questões formuladas na entrevista;

c) Ser voluntário e participar da entrevista sem pressão, após a assinatura do consentimento pós – informação pelos pais e (ou) responsáveis;

d) Não ter sofrido qualquer tipo de violência doméstica notificada ou não notificada, segundo a sua visão, a do seus pais e (ou) responsáveis e a avaliação da pesquisadora;

e) Residir em região geográfica vizinha ou nas proximidades dos membros do grupo em estudo.

A constituição familiar, ocupação profissional, nível sócio-econômico e escolaridade dos membros das famílias foram variáveis ,de certa forma, semelhantes, em ambos os grupos.

A delimitação da idade do grupo de crianças e adolescentes, entre 7 e 18 anos, apresenta uma argumentação fundamentada em observações da Psicologia do Desenvolvimento. A partir desta fase intermediária da segunda infância, como denominou PIKUNAS (1992), a criança poderá estar apta a compreender e a responder às questões formuladas na entrevista.

Estas indagações dizem respeito a sentimentos morais autônomos, com intervenção da vontade, julgamentos morais e simbolizações mais elaboradas de situações que, em geral, as crianças mais novas, ainda não tem esta capacidade, de forma mais estruturada .

Para que fosse possível ter a avaliação da criança e do adolescente sobre a sua situação, partimos do princípio de que ele deveria estar iniciando ou ter em desenvolvimento a construção do pensamento social, lógico e moral, sob a influência da realidade. Isto não quer dizer que deixamos de dar importância aos aspectos simbólicos de suas elaborações; ou acreditar que crianças mais novas não possam emitir seus sentimentos e posições, no que diz respeito à situação estudada.

3.5. INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram entrevistas semi – estruturadas com os pais e (ou) responsáveis pelas crianças e adolescentes e com as próprias, vítimas e não vítimas de violência doméstica notificada ou não notificada.

Fez-se a escolha da entrevista como instrumento da pesquisa, levando-se em consideração a natureza da questão em estudo. A entrevista é um instrumento flexível e, através dela, é possível explorar, em profundidade, um assunto (PHILLIPS, 1974). A opção por esta técnica, foi motivada, também, pela necessidade de resgatar a história da violência doméstica através da visão dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Segundo RICHARDSON (1989), a entrevista constitui uma oportunidade singular na vida das pessoas : a oportunidade de falar e, em especial, de ser ouvido. Além disso, é uma prova do conhecimento de sua existência, por alguém que não pertence ao seu mundo.

Várias leituras foram realizadas como embasamento teórico para a construção destes instrumentos (KNOBEL, 1977; GRÜNSPUN, 1988; CABRAL, 1989; LIPP, 1991; WYMAN, 1992). Antes de sua elaboração foram definidas quais informações deveriam ser obtidas, a fim de que estas fossem pertinentes e relevantes ao estudo.

Foram construídas questões abertas e fechadas. As perguntas com alternativas fixas ou fechadas tinham o objetivo de produzir uma maior uniformidade nas respostas. As perguntas abertas tinham a intenção de levar o indivíduo a revelar suas próprias definições das situações vividas. Alguns exemplos podem ser citados :

- pergunta fechada - Você realizou algum aborto ? ( ) Sim ( ) Não

  De que tipo ? ( ) Espontâneo ( ) Provocado

- pergunta aberta - Como você se percebe como pessoa ? Fale - me sobre você

Ao estabelecer a ordem das perguntas, foram apresentadas, primeiramente, as mais simples e, no final, as mais complexas, ajudando o entrevistado na organização do seu pensamento lógico, à medida em que ia fornecendo as suas respostas. Igualmente, as questões que exigiam respostas de cunho mais íntimo foram colocadas com cuidado e antecedendo-as, indagações mais impessoais e comuns.

Elaborou-se , a partir de uma adaptação da folha de dados iniciais da triagem do SOS Ação Mulher e Família, uma folha de rosto para cada sujeito em estudo. Nesta folha eram colocados de maneira resumida: número do caso; data; nome da pessoa codificado; endereço; número de filhos (sexo e idade); cônjuge; idade, escolaridade, ocupação profissional e religião dos pais ou responsáveis; renda familiar; sustento do lar; e tipo de família.

Alguns dados sobre a violência doméstica também foram inseridos nessa folha: tipo de violência contra a criança e (ou) adolescente; agressor; denunciante à Instituição; violência denunciada pela criança e (ou) adolescente na entrevista; agressor; violência contra a criança e/ou adolescente observada pela pesquisadora ; agressor; violência sofrida pelo (a) parceiro (a); características do (a) parceiro (a); problemas na família de origem dos pais e (ou) responsáveis.

Este último grupo de dados foi elaborado com o objetivo de sistematizar algumas respostas às perguntas abertas, que eram realizadas no decorrer da entrevista.

Os principais temas escolhidos para fazer parte das entrevistas versaram sobre o desenvolvimento na infância e na adolescência, em seus aspectos biológicos e psicossociais; grau de escolaridade; condições sociais; relações familiares; antecedentes de doença mental na família; história psicossocial da violência; entre outros dados.

Os instrumentos da pesquisa abrangeram atitudes e opiniões dos pais e filhos sobre a violência, sendo formuladas algumas questões sobre o seu uso como medida disciplinar. A violência no ambiente familiar foi igualmente pesquisada, bem como os estresses a que todos estão sujeitos , nestas situações. Foram realizadas questões , também, acerca das famílias de origem (modelos da folha de rosto, anamneses e entrevista, em anexo).

As entrevistas, apesar de bem sucedidas em suas propostas de aplicação, sofreram algumas modificações no decorrer das primeiras realizações. A sua estrutura interna, no que diz respeito aos objetivos dos itens não foi modificada.

As primeiras entrevistas, "Anamnese - Questionário para pais e (ou) responsáveis pelas crianças e (ou) adolescentes ", eram realizadas, integralmente, com os dois adultos, caso isso fosse possível. No decorrer das aplicações, foi percebido que o companheiro, pai ou responsável, nas questões pertinentes ao desenvolvimento na história das crianças e adolescentes, nos itens gestação e parto não tinham conhecimento sobre o assunto. Outros itens retirados, da 'anamnese – questionário', específica para pais e (ou) responsáveis do sexo masculino, juntamente, com os dois citados acima, foram: amamentação , desenvolvimento motor e doenças da infância.

Quando as crianças e adolescentes viviam com o progenitor do sexo masculino, a 'anamnese - questionário' utilizada era a mesma aplicada às mães ou responsáveis. Algumas modificações foram feitas em todas , sendo acrescentadas, no item "Vida Profissional", as perguntas : *'Você trabalha ? ( ) Sim ( ) Não . Em quê ?'*. Sendo retirada a questão *'Quais as suas ocupações ?'*, que nos pareceu, de certa forma, pouco esclarecedora.

Na 'Vida conjugal', a pergunta *'Já ocorreram agressões verbais ou físicas notificadas entre o casal ? ( ) Sim ( ) Não'*, foi desmembrada em: *'Já ocorreram agressões físicas ou verbais entre o casal ? ( ) Sim ( ) Não. Foram notificadas ? ( ). Sim( ) Não.'* Esta mudança ocorreu , porque muitas vezes a agressão acontece, mas não chega a ser notificada, embora o padrão de relacionamento seja violento.

Foi modificada na 'Vida Familiar ', o item 'Mudanças familiares ', a resposta à questão: *'Visitam-se ? Com que freqüência ? '* . Substituiu-se *'Outros '*, por *'Raramente'*.

Ao subtítulo 'Antecedentes familiares' foi acrescentado 'patológicos'. Neste grupo , algumas perguntas foram modificadas : *'Tem problemas de doença ? '* para *'Você tem algum problema de doença ? '* . *'E os pais do seu (sua) parceiro (a) ? '* para *'E seus pais ? '*.

As crianças e adolescentes, na maioria, acharam divertido responder as entrevistas. Estas visaram , especialmente, o desenvolvimento psicossocial fora e dentro da família, tendo como principais aspectos : a vida escolar, a vida social, a vida íntima, aspectos da personalidade, vida familiar, hábitos pessoais e lazer.

Os dois últimos assuntos abordados no instrumento de avaliação das crianças e adolescentes foram a história da violência e a história do abuso. As perguntas forma colocadas sempre de forma a não criar constrangimento nos participantes. O último item, específico para aqueles (as) que sofreram abuso sexual ('História do abuso'), era respondido de acordo com a disponibilidade afetiva da criança ou adolescente para fazê-lo. A liberdade de falar ou não sobre o assunto foi sempre respeitada.

As folhas de rosto ,a princípio , criadas para o preenchimento dos casos a serem contatados, transformaram-se em valiosos instrumentos de sistematização de dados importantes. Sofreram algumas modificações e tornaram-se tão ricas de informações que terão um espaço, à parte , para serem discutidos os seus resultados.

Os acréscimos realizados nela foram: a discriminação do agressor, da vítima e de quem fez a denúncia; a denúncia da criança e (ou) adolescente, tipo de violência e agressor, no momento da entrevista; o agressor, o tipo de violência e a vítima segundo a observação da pesquisadora, no momento da entrevista. Colocamos, também, o tipo de família, nesta folha.

De uma forma geral, tanto as crianças e os adolescentes, quanto pais e (ou) responsáveis, não tiveram dificuldades na compreensão das questões. Os instrumentos construídos pareceram adequados à realidade e ao cotidiano das famílias entrevistadas.

3.6. ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO

Foram selecionados, aleatoriamente, para participar do grupo em estudo, casos recentes, notificados, excluindo-se aqueles que não obedeciam aos critérios de idade das crianças e adolescentes, estabelecidos na pesquisa (entre 7 e 18 anos). As entrevistas com os grupos em estudo e o grupo comparativo ocorreram nos domicílios [2]das famílias . Segundo a localização do domicílio, a situação escolhida foi a urbana [3].

No grupo SOS Ação Mulher e Família foram atendidos, no período compreendido entre 1995 a junho de 1997, 1.851 casos de violência doméstica notificada contra a mulher, distribuídos da seguinte forma: 779 casos, em 1995; 668 casos, em 1996; e 384 casos, de janeiro a junho de 1997.

As situações em que, igualmente, ocorreram notificações de violência doméstica contra a criança e (ou) o adolescentes, formaram um total de 514 casos, isto é: 276 notificações, em 1995; 138 notificações, em 1996; e 100 notificações de janeiro a junho de 1997.

Apenas 192 casos estavam fora dos limites etários estabelecidos na pesquisa. Foram entrevistadas 132 famílias. Os 188 casos que não participaram da pesquisa, puderam ser justificados a partir das seguintes razões: 11 foram contatados e não entrevistados por agressividade do companheiro ou cônjuge e risco para as pessoas envolvidas, inclusive a pesquisadora; 13 foram contatados e não entrevistados pela localização dos domicílios; 18 não aceitaram a entrevista; 65 não foram encontrados nos endereços cadastrados; e 81 não foram contatados , em decorrência do tempo estabelecido para o trabalho de campo.

---

[2] Domicílio - conceituou-se domicílio, o local de moradia estruturalmente separado e independente, constituído por um ou mais cômodos. A separação fica caracterizada quando o local de moradia é limitado por paredes, muros , cercas, etc., coberto por um teto e permitem que seus moradores se isolem, arcando com parte ou todas as suas despesas de alimentação e moradia. (IBGE , 1996)

[3] Localização urbana - definida por Lei Municipal , em vigor , em 1 de setembro de 1991. Na situação urbana foram consideradas as áreas urbanizadas ou não, as vilas (sedes distritais) e as áreas urbanas isoladas (IBGE, 1996)

No grupo Crami foram atendidas , no período de 1995 a 1996, um total de 436 notificações, distribuídas da seguinte forma: 231, em 1995; e 205, em 1996. Não foram computadas as notificações de janeiro a junho de 1997, porque a pesquisadora já havia se afastado da Instituição, pelos motivos que serão expostos no item ' Dificuldades surgidas'.

Quanto à faixa etária, em 1995, ocorreram 115 casos notificados de violência doméstica contra crianças acima de 7 anos; e, em 1996, 95 casos, nesta mesma situação. As entrevistas, no trabalho de campo, ocorreram com apenas 22 famílias, durante o período de 1995 a 1996, em função de prioridades estabelecidas pela instituição.

O primeiro contato, com as famílias do grupo em estudo, podia ser realizado de duas formas: pelo telefone ou pessoalmente. Através do telefone, os objetivos da pesquisa eram esclarecidos e, caso a pessoa concordasse com a visita, esta era marcada. O contato pessoal era estabelecido, na residência da pessoa, nos casos de visita domiciliar ou na Instituição, quando a pessoa selecionada comparecia para algum atendimento. O mesmo procedimento de esclarecimento sobre o trabalho era realizado e, havendo a concordância na participação, os consentimentos pós – informação eram assinados (para os pais e (ou)responsáveis e para as crianças e (ou) adolescentes), e o dia das entrevistas era agendado.

Nas entrevistas realizadas com o grupo comparativo, a pesquisadora fazia contato na vizinhança ou próximo à moradia de cada caso em estudo. Nas residências que atendiam a pesquisadora, esta se apresentava, através de um crachá, que a identificava como aluna da Unicamp. Os objetivos da pesquisa eram esclarecidos e algumas perguntas informais eram realizadas, no intuito de verificar se a família preenchia ou não a condição básica, a princípio, para participar da pesquisa; isto é, se as crianças e (ou) adolescentes, que dela faziam parte, estavam dentro dos limites etários estabelecidos (7 a 18 anos). Quando esta condição era preenchida, e havia a aceitação para participar, os consentimentos pós – informação eram assinados. Às vezes, as entrevistas ocorriam, naquele momento, ou era marcada uma visita posterior.

No início da entrevista, realizaram-se indagações que serviam para caracterizar o entrevistado, tais como: sexo, idade, estado civil, escolaridade, etc. Os nomes dos participantes foram colocados sob a forma de iniciais e estabelecido um número para a sua identificação. Segundo RUDIO (1978), quando o entrevistado não é obrigado a se identificar, geralmente, pode responder com mais sinceridade e liberdade, sobretudo se as perguntas se referirem a assuntos delicados ou muito pessoais .

Na formulação das perguntas foram tomados os cuidados para que estas fossem claras, facilmente compreendidas, evitando-se qualquer forma de confusão e ambigüidade. A formulação das perguntas tentou ser inequívoca. Quando um termo não era bem compreendido, era imediatamente explicado. As perguntas tendenciosas foram evitadas, para não orientar as respostas.

As perguntas não compreendidas, como um todo, eram repetidas e, dependendo do caso, enunciadas de forma diferente, tomando-se o cuidado para não modificar o seu conteúdo. Era dado um certo tempo para que o entrevistado refletisse e respondesse, com tranqüilidade. O tempo de duração da entrevista era variável, porque dependia do número de entrevistados na família, e do nível de prontidão individual para responder às questões formuladas.

As entrevistas com as crianças e os adolescentes, no que diz respeito à forma de expressão e abordagem do seu conteúdo, variaram de acordo com a idade e o estágio do desenvolvimento destes. Com os adolescentes, as entrevistas, geralmente, envolveram um questionamento direto e neutro. Com as crianças mais novas, as comunicações não-verbais, além das verbais, foram da mesma forma consideradas. Foi de fundamental importância, nestas entrevistas, a comunicação no nível real de desenvolvimento cognitivo, intelectual, psicossocial e psicossexual da criança e do adolescente.

Os registros das entrevistas foram feitos ao mesmo tempo em que elas estavam sendo realizadas. Houve o cuidado para que este procedimento não trouxesse inibição aos entrevistados, nem os obrigasse a interromper os seus pensamentos, ou ficassem esperando, a cada instante, para as anotações serem feitas.

3.7. DIFICULDADES SURGIDAS

Visitar os lares das pessoas que foram denunciadas ao CRAMI, que constituiu o nosso grupo de estudo – piloto, criou, num primeiro momento, certa resistência. As pessoas sentiam-se ameaçadas e intimidadas pela visita dos representantes deste Órgão. A 'segunda invasão de privacidade' era a minha presença , como pesquisadora da Unicamp. As dificuldades continuavam, quando eram explicados os objetivos da pesquisa e, culminavam com a solicitação da assinatura do consentimento pós-informação.

Muitas pessoas recusavam-se a assiná-lo, porque achavam que este documento iria ser levado às autoridades ligadas à Vara da Infância e Juventude, ou seria utilizado contra as mesmas, em processos de posse e guarda dos filhos. As explicações esgotavam-se, e não conseguindo a anuência, por escrito, da pessoa, as entrevistas não ocorriam. Outras vezes, os endereços fornecidos eram errados, ou as casas estavam vazias e abandonadas. As famílias de classe média e alta, denunciadas, geralmente, recusavam-se a receber os profissionais e, conseqüentemente , a pesquisadora.

Além de todas estas dificuldades, a disponibilidade para o uso do carro, do Crami, nas visitas era restrita, pois existia apenas um veículo para atender a todas as demandas da Instituição. No período de um ano, foram realizadas apenas 22 entrevistas. Um outro fator que ocorreu para tornar, este primeiro momento da pesquisa, em um estudo-piloto e a busca de outra Instituição, foi a prioridade justificada, pelo Crami, do atendimento de crianças em faixa etária mais baixa da estabelecida pela pesquisadora, devido ao alto risco de conseqüências piores, e pouca capacidade de proteção destas, nas situações de violência doméstica.

Na tentativa de tornar a coleta de dados mais operativa e aumentar o número de entrevistas, buscamos outra Instituição e a opinião especializada da Profª Drª Márcia Ciol, bioestatística da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (carta em anexo), a respeito da coleta dos dados e do tamanho da amostra, em função das dificuldades apresentadas na realização das entrevistas, no grupo Crami. Sua orientação foi limitar o tempo, em função do tema em questão; e procurar obter o máximo possível de observações, dentro do período delimitado.

No SOS Ação Mulher e Família, como o objetivo da Instituição não abrangia a visita aos lares, até pelas suas próprias limitações de recursos, a conduta foi diferente. Os casos eram selecionados, segundo a idade das crianças e (ou) adolescentes e a existência de violência doméstica notificada contra os mesmos , através dos arquivos de triagem. Alguns locais foram excluídos pelo difícil e precário acesso que apresentavam.

Algumas visitas não se realizaram, em razão de certos aspectos da personalidade dos agressores. Ao ser feito um primeiro contato com a pessoa, explicados os objetivos do trabalho e solicitada a assinatura do documento de consentimento, a recusa era imediata. Estas mulheres sofriam violência de seus parceiros e não lhes haviam comunicado, ou até mesmo decidido, sobre a possível separação conjugal, sendo a presença da pesquisadora, em suas casas, um elemento a mais de discórdia.

Em outros casos selecionados, o companheiro era pessoa de conhecida reputação violenta. Muitos deles já tinham vários registros na polícia, respondendo a processo por tentativa de homicídio contra pessoas da família e terceiros. Nestas situações, o acesso à família ficava vetado, não só por colocar em risco a segurança da mesma, assim como, a da pesquisadora.

Quanto ao grupo comparativo ocorreram situações inesperadas. Apesar do crachá da Unicamp, nem sempre a pesquisadora foi atendida com hospitalidade, ou até muitas vezes, não atendida. Devido ao aumento da violência e os golpes de pessoas oportunistas às residências em Campinas, em várias ocasiões, a pesquisadora foi confundida como membro de seita religiosa, vendedora de livros e enciclopédias e representante de Instituições de caridade, em busca de donativos.

Em alguns locais, houve dificuldade de encontrar famílias, próximas ou vizinhas, com crianças e (ou) adolescentes dentro do limite de idade estabelecido, ou até mesmo, famílias com crianças e (ou) adolescentes. Nestes casos, as buscas ocorreram em ruas mais próximas do local notificado.

Pesquisar sobre violência, em particular, a violência doméstica contra crianças e adolescentes, é uma tarefa árdua que, apesar de enriquecedora, coloca-nos frente a uma série de situações, muitas vezes, não descritas na literatura que aborda o assunto. É uma experiência extremamente rica e importante, mas que, ao mesmo tempo, exige cautela, paciência e compreensão.

3.8. ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi aprovado pela Comissão de Ética do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas. Antes do início das entrevistas era explicado aos participantes os objetivos da pesquisa. Foi enfatizado que a recusa em colaborar com a mesma não implicaria em qualquer atitude, e que as informações fornecidas seriam confidenciais. Solicitou-se a todos os adultos que aceitaram participar a assinatura em um termo de consentimento. Nestas situações de aprovação de participação, outro termo era assinado para cada criança e (ou) adolescente participante do estudo (ANEXO).

3.9. TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Fez-se o processamento dos dados coletados pelo computador, utilizando o EPI INFO. Este instrumento consta de uma série de programas de microcomputador, destinados a manusear dados epidemiológicos, em forma de questionário, organizar planos de estudos e resultados em um texto para a constituição de relatórios. Através do EPI INFO processaram-se as respostas às entrevistas, que formaram a nossa base para o banco de dados da pesquisa (LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA - FCM , 1996).

Análise quantitativa

A análise quantitativa das amostras entrevistadas na pesquisa foi realizada através de métodos de inferência estatística[4]. É importante salientar que ao estudarmos as amostras, não obtemos os verdadeiros valores das características da população, mas uma estimativa dos mesmos.

As questões que fizeram parte das entrevistas realizadas com os grupos de adultos, adolescentes e crianças foram classificadas em categorias e codificadas pela pesquisadora. As variáveis qualitativas[5] foram apresentadas em tabelas e através da distribuição de freqüências: absoluta [6] e relativa[7]. Com o objetivo de facilitar a visualização dos resultados expostos nas tabelas, realizamos as representações gráficas, destes, por histogramas[8].

A opção pela utilização de técnicas de análise não paramétricas deveu-se à natureza das variáveis que não apresentavam uma distribuição normal .[9] Para compararmos a distribuição de certos acontecimentos, nas diferentes amostras, a fim de observar se os resultados observados , destes acontecimentos, não mostravam diferenças significativas; ou, se as amostras diferiam significativamente, quanto à freqüência destes, utilizamos o teste do χ^2 (Qui ou chi – quadrado) [10].

---

[4] Inferência estatística – parte da Estatística que se dedica à criação e ao emprego de métodos para obter conclusões a respeito de uma população, por intermédio de uma amostra retirada desta (BEIGUELMAN, 1994.)

[5] Variável qualitativa - também chamada de variável categórica ou de atributo. Admitem apenas valores inteiros nas respostas e classifica os elementos de uma amostra. (BEIGUELMAN, 1994).

[6] Freqüência absoluta (f) – é o número de vezes que cada variável foi observada no grupo (BEIGUELMAN, 1994)

[7] Freqüência relativa (fr ou %) – é a divisão dos resultados das freqüências absolutas pelo tamanho da amostra. Costumam ser expressas em números decimais ou percentagens (BEIGUELMAN , 1994).

[8] Histograma – é uma representação gráfica de uma distribuição de freqüência , mediante a área de um retângulo, cuja a base corresponde a um intervalo de classe; e, a altura é proporcional à freqüência da classe (MICHAELIS , 1998).

[9] Distribuição normal – é uma distribuição teórica de freqüências importante e útil para a análise de variáveis contínuas (variável que permite uma infinidade de valores em um intervalo qualquer, por menor que seja. Ex: medidads lineares, de superfície ou de volumes) (BEIGUELMAN , 1994).

[10] Teste do Qui – quadrado (χ^2) - através do seu cálculo podemos testar a hipótese de que os desvios entre as proporções submetidas à comparação podem ser consideradas semelhantes ou apresentarem desvios significativos. (BEIGUELMAN, 1994).

Este teste de significância das diferenças entre as proporções comparadas, esegundo BEIGUELMAN (1994), é o mais adequado e, freqüentemente, usado, nestes estudos. Outro teste de estatística utilizado foi o "Likehood ratio chi – square (Razão de Verossimilhança do χ^2 ou G^2)[11] .

O nível de significância ou de confiança (α)[12] estabelecido para a análise dos dados foi fixado em 5% ou 0.05. Os graus de liberdade[13] (G.L.) utilizados nos cálculos variaram , de acordo com os tamanhos das tabelas apresentadas.

Nesta pesquisa, procurando maximizar os resultados do teste do χ^2, utilizamos a estatística "Likelihood ratio chi – square" ou Razão de verossimilhança do Qui – quadrado (G^2), ao invés do Teste exato de Fischer.

Os cálculos estatísticos foram realizados através do SAS (Statitics Analysis System). Este é um dos sistemas computacionais de maior emprego em Estatística, atualmente. Abrange uma enorme gama de aplicações estatísticas e, também, é um sistema completo para gerenciamento de bases de dados e geração de relatórios.

Análise qualitativa

A análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplica a discursos extremamente diversificados . Segundo BARDIN (1991), qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de mensagem de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, pode ser descrito e decifrado.

Para BARDIN (1991), as respostas às questões abertas, nas entrevistas não diretivas ou mais estruturadas, individuais ou em grupo, podem ser freqüentemente analisadas, tendo o tema como base.

---

[11] Razão de verossimilhança do χ^2 ou G^2 - tem a função de maximizar a probabilidade do Teste do χ^2.

[12] Nível de significância ou de confiança (α) – é um risco expresso como uma probabilidade que o pesquisador tem de rejeitar uma hipótese verdadeira. Usualmente é fixado em 5% ou 0.05 (BEIGUELMAN, 1994)

[13] Grau de liberdade (G.L.) – é o número de classes dos resultados, subtraído do número de informações da amostra que são necessárias ao cálculo dos valores esperados , nestas classes (BEIGUELMAN, 1994)

Com o objetivo de aprofundar o material qualitativo, utilizou-se como recurso a análise temática, com base no emprego das entrevistas não – diretivas[14]. A análise temática é uma das possibilidades da análise do conteúdo. Ela consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou freqüência de aparição, podem significar importantes informações , principalmente, para o objetivo escolhido do trabalho.

Cada entrevista foi transcrita ,tendo por finalidade, conservar o máximo de informação tanto lingüística (registro da totalidade dos significantes), como paralingüística (anotação dos silêncios, onomatopéias, perturbações da palavra e aspectos emocionais, tais como o riso, o choro, o tom irônico, etc.).

Realizamos um recorte no conjunto das entrevistas, através de uma série de categorias projetadas sobre os conteúdos. Não se considerou a organização dos discursos, mas a freqüência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados como dados segmentáveis e comparáveis (BARDIN ,1991).

Em função dos temas - eixo [15], das anamneses e entrevistas com os grupos selecionados, agrupamos os temas mais predominantes e freqüentes , que os interlocutores exprimiam . Eles foram distribuídos da seguinte forma:

Casal, tema–eixo: casamento

Pai, temas–eixo: papel do pai, irresponsabilidade, isolamento, atitudes agressivas, separação e culpa.

Mãe, temas–eixo: submissão, auto-estima e culpa, separação, problemas psicológicos, psiquiátricos e orgânicos, filhos, projeção e racionalização.

Filhos, temas–eixo : violência familiar e sentimentos, sonhos e disciplina.

Veremos , no próximo capítulo, a análise e discussão dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas , no trabalho de campo.

[14] As entrevistas não diretivas apresentavam questões orientadas segundo um guia de entrevista implícito sobre o assunto a ser pesquisado.
[15] Temas - eixo - objeto ou referente em função do qual o discurso se organiza (BARDIN, 1991).

SUMÁRIO Volume II

4. RESULTADOS 1

4.1. Análise quantitativa dos dados 3

4.1.1. Características demográficas, estruturais, socieconômicas e educacionais das famílias entrevistadas 3

4.1.2. História da criança e do adolescente relatada pelos pais e / ou responsáveis entrevistados (gestação, parto, desenvolvimento da conduta, amamentação, desenvolvimento motor, manipulação e hábitos, socialização, sexualidade, escolaridade e doenças.) 54

4.1.3. Vida familiar descrita pelos pais e (ou) responsáveis pelas crianças e adolescentes entrevistados (relacionamento entre as pessoas; relacionamento entre os irmãos relacionamento entre os pais e / ou responsáveis e a criança e o adolescente problemas familiares.) 156

4.1.4. Relacionamento do casal 200

4.1.5. Famílias de origem 225

4.1.6. A história da criança e do adolescente relatada por eles nas entrevistas (sexo, número de irmãos, escolaridade, socialização, esportes, aspectos da personalidade, vida familiar, hábitos pessoais e lazer.) 236

4.1.7. História da violência 316

4.2. Análise qualitativa – análise do conteúdo de alguns temas mais freqüentes nas entrevistas 336

4.2.1. Casal 336

4.2.2. Pai 339

4.2.3. Mãe 358

4.2.4. Filhos 377

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

LISTA DE TABELAS

PÁG.

Tabela 4.1.1.1. Tipos de famílias de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997 7

Tabela 4.1.1.2a. Número total de filhos nas famílias dos grupos entrevistados – 1995/Jun. 1997 10

Tabela 4.1.1.2b. Número de filhos na faixa etária estabelecida pela pesquisa nas famílias dos grupos entrevistados – 1995 / Jun. 1997 12

Tabela 4.1.1.3a. Sexo de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 15

Tabela 4.1.1.3b. Grau de parentesco de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 16

Tabela 4.1.1.4a. Idade da mãe e/ou responsável do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997 19

Tabela 4.1.1.4b. Idade do pai e/ou responsável do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997 20

Tabela 4.1.1.5a. Escolaridade da mãe e/ou responsável do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/jun.1997 24

Tabela 4.1.1.5b. Escolaridade do pai e/ou responsável do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995 / Jun.1997 25

Tabela 4.1.1.6a. Tipos de religiões das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997 29

Tabela 4.1.1.6b. Tipos de religiões dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997 30

Tabela 4.1.1.7a. Desempenho de atividades econômicas das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 33

Tabela 4.1.1.7b. Desempenho de atividades econômicas dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997. 34

Tabela 4.1.1.8a. Tipos de ocupações profissionais das mães e/ou responsáveis do sexo feminino dos grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 40

Tabela 4.1.1.8b. Ocupações profissionais dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino nos grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997..... 41

Tabela 4.1.1.9. Renda familiar de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 44

Tabela 4.1.1.10. Sustento do lar de acordo com os grupos de pai e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 47

Tabela 4.1.1.11. Número de pessoas que moram nos domicílios das famílias entrevistadas – 1995/Jun.1997..... 49

Tabela 4.1.1.12a. Mudança de domicílio da família de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 52

Tabela 4.1.1.12b. Freqüência na mudança de domicílio da família de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 53

Tabela 4.1.2.1a. Desejo da gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados – 1995?Jun.1997..... 57

Tabela 4.1.2.1b. Planejamento na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 58

Tabela 4.1.2.1c. Atendimento na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 59

Tabela 4.1.2.2. Características da gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 63

Tabela 4.1.2.3a. Existência de aborto de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 65

Tabela 4.1.2.3b. Tipo de aborto de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados- 1995/Jun.1997..... 66

Tabela 4.1.2.4. Tipo de parto de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 68

Tabela 4.1.2.5. Condições de nascimento das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 70

Tabela 4.1.2.6a. características do adormecimento de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 78

Tabela 4.1.2.6b. Características do sono de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 79

Tabela 4.1.2.6c. Condições do sono das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 80

Tabela 4.1.2.7a. Privacidade das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 83

Tabela 4.1.2.7b. Privacidade das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 84

Tabela 4.12.8. Amamentação das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 86

Tabela 4.1.2.9a. Características do desenvolvimento motor em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 90

Tabela 4.1.2.9b. Características do desenvolvimento da fala em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 91

Tabela 4.1.2.10. Lateralidade das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 93

Tabela 4.1.2.11a. Uso da chupeta nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 95

Tabela 4.1.2.11b. Uso da chupeta nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 96

Tabela 4.1.2.12a. Ato de sugar o dedo nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 99

Tabela 4.1.2.12b. Ato de sugar o dedo nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 100

Tabela 4.1.2.13a. Presença de manipulações das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 104

Tabela 4.1.2.13b. Algumas manipulações das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 105

Tabela 4.1.2.13c. Presença de manipulações nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997... 106

Tabela 4.1.2.13d. Algumas manipulações das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997.... 107

Tabela 4.1.2.14a. Algumas características de socialização em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 110

Tabela 4.1.2.14b. Algumas características de socialização em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 111

Tabela 4.1.2.14c. Algumas características de socialização em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 112

Tabela 4.1.2.15a. Alguns sentimentos das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 115

Tabela 4.1.2.15b. Alguns sentimentos das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 116

Tabela 4.1.2.16a. Alguns sentimentos das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 118

Tabela 4.1.2.16b. Alguns sentimentos das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 119

Tabela 4.1.2.17. Mentiras das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 123

Tabela 4.1.2.18a. Curiosidade sexual em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 127

Tabela 4.1.2.18b. Educação sexual em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 128

Tabela 4.1.2.18c. Orientador sexual das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 129

Tabela 4.12.19a. Freqüência escolar das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995 a junho de 1997..... 133

Tabela 4.1.2.19b. Período escolar das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995 a junho de 1997..... 134

Tabela 4.1.2.19c. Reprovação das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 135

Tabela 4.1.2.19d. Reprovação das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 136

Tabela 4.1.2.20a. Algumas situações em sala de aula com as crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 141

Tabela 4.1.2.20b. Algumas situações em sala de aula com as crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997 142

Tabela 4.1.2.20c. Algumas situações em sala de aula com as crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 143

Tabela 4.1.2.20d. Algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola segundo os pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 144

Tabela 4.1.2.20e. Algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola segundo os pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 145

Tabela 4.1.2.20f. Algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola segundo os pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997 146

Tabela 4.1.2.21a. Mudança de escola das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997 149

Tabela 4.1.2.21b. Mudança de escola das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997 150

Tabela 4.1.2.22. Expectativa de escolaridade para as crianças e/ou adolescentes de acordo com as respostas dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997 153

Tabela 4.1.2.23. Problemas orgânicos nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 155

Tabela 4.1.3.1. Relacionamento entre as pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997... 159

Tabela 4.1.3.2a. Conduta agressiva na rua de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 164

Tabela 4.1.3.2b. Conduta agressiva em casa de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 165

Tabela 4.1.3.2c. Problemas de relacionamento no lar de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 166

Tabela 4.1.3.2d. Grau de parentesco nos relacionamentos com problemas de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 167

Tabela 4.1.3.3. Relacionamento dos pais e/ou responsáveis entrevistados com as crianças e/ou adolescentes 1995/Jun. 1997..... 170

Tabela 4.1.3.4. Relacionamento entre os irmãos de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun.1997..... 175

Tabela 4.1.3.5a. Síndrome de dependência do álcool nas mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997..... 181

Tabela 4.1.3.5b. Síndrome de dependência de substâncias psicoativas nas mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 182

Tabela 4.1.3.5c. Jogo patológico nas mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 183

Tabela 4.1.3.5d. Síndrome de dependência do álcool nos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 184

Tabela 4.1.3.5e. Síndrome de dependência de substâncias psicoativas nos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 185

Tabela 4.1.3.f. Jogo patológico nos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 186

Tabela 4.1.3.5g1. Transtornos mentais e comportamentais nos entrevistados e/ou nos familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis – 1995/Jun. 1997..... 189

Tabela 4.1.3.5g2. Transtornos mentais e comportamentais nos entrevistados e/ou familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis – 1995/Jun.1997..... 190

Tabela 4.1.3.5h1. Problemas dos familiares dos participantes nos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 193

Tabela 4.1.3.5h2. Problemas dos familiares dos participantes nos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 194

Tabela 4.1.3.5h3. Suicídio de familiares de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 195

Tabela 4.1.3.5h4. Familiares homicidas nos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 196

Tabela 4.1.3.5h5. Mortes violentas entre os familiares dos entrevistados dos grupos de pais e/ou responsáveis – 1995/Jun. 1997..... 197

Tabela 4.1.3.5i. Dependência de substâncias psicoativas entre os familiares de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997... 199

Tabela 4.1.4.1a. Agressão sem lesão nos grupos de mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 207

Tabela 4.1.4.1b. Agressão com lesão nos grupos de mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995 /Jun. 1997..... 208

Tabela 4.1.4.2a. Agressão sem lesão nos grupos de pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 209

Tabela 4.1.4.2b. Agressão com lesão nos grupos de pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 210

Tabela 4.1.4.3a. Ofensas às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 211

Tabela 4.1.4.3b. Infidelidade às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 212

Tabela 4.1.4.3c. Abandono das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 213

Tabela 4.1.4.4a. Ofensas aos grupos de pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 214

Tabela 4.1.4.4b. Infidelidade aos grupos de pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 215

Tabela 4.1.4.4c. Abandonos nos grupos de pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 216

Tabela 4.1.4.5a. Intimidação às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados - 1995/Jun. 1997..... 217

Tabela 4.1.4.5b. Ameaça de morte às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 218

Tabela 4.1.4.5c. Tentativa de homicídio às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 219

Tabela 4.1.4.6a. Intimidação aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 220

Tabela 4.1.4.6b. Ameaça de morte aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 221

Tabela 4.1.4.6c. Tentativa de homicídio aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 222

Tabela 4.1.4.7a. Problemas na área da sexualidade em pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 223

Tabela 4.1.4.7b. Problemas na área da sexualidade em pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 224

Tabela 4.1.5.1a. Violência doméstica nas famílias de origem das mães e/ou responsáveis do sexo feminino dos grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 230

Tabela 4.1.5.1b. Síndrome de dependência alcoólica nas famílias de origem das mães e/ou responsáveis do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 231

Tabela 4.1.5.2a. Violência doméstica nas famílias de origem dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 232

Tabela 4.1.5.2b.Síndrome de dependência alcoólica nas famílias de origem dos pais e/ou responsáveis do sexomasculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 233

Tabela 4.1.5.3. Tipos de violência doméstica sofrida na infância e /ou adolescência pelos pais e/ou responsáveis dos grupos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 234

Tabela 4.1.5.4. Familiares agressores na infância e/ou adolescência dos participantes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 235

Tabela 4.1.6.1. Sexo das crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 243

Tabela 4.1.6.2. Idade das crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 244

Tabela 4.1.6.3. Número de irmãos de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 246

Tabela 4.1.6.4. Grau de escolaridade das crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 248

Tabela 4.1.6.5. Tempo de permanência na escola de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 249

Tabela 4.1.6.6a. Adaptação escolar de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 252

Tabela 4.1.6.6b. Afinidade com o estudo de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 253

Tabela 4.1.6.6c. Dificuldades em matérias de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 254

Tabela 4.1.6.7. Relacionamento com os professores de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 257

Tabela 4.1.6.8. Matérias com maior dificuldade para os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 259

Tabela 4.1.6.9a. Persistência nas atitudes de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 262

Tabela 4.1.6.9b. Persistência nas tarefas de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 263

Tabela 4.1.6.10. Habilidade artística de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 265

Tabela 4.1.6.11a. Prática de algum esporte de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 268

Tabela 4.1.6.11b. Preferência por algum esporte de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 269

Tabela 4.1.6.11c. Esportes preferidos de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 270

Tabela 4.1.6.12a. Amizades na escola de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 274

Tabela 4.1.6.12b. Amizades no local onde mora de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 275

Tabela 4.1.6.12c. Sociabilidade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 276

Tabela 4.1.6.12d. Sociabilidade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 277

Tabela 4.1.6.12e. Atitudes que as pessoas não aprovam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 278

Tabela 4.1.6.12f. Atitudes que as pessoas não aprovam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 279

Tabela 4.1.6.13a. Preocupação com as pessoas de que gostam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 282

Tabela 4.1.6.13b. Preocupação com as pessoas de que gostam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 283

Tabela 4.1.6.14. Reações diante dos aborrecimentos dos grupos de crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 287

Tabela 4.1.6.15a. Obediência aos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 291

Tabela 4.1.6.15b. Atitudes despertadas nos pais e/ou responsáveis quando não há obediência de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 292

Tabela 4.1.6.15c. Atitudes despertadas nas crianças e/ou adolescentes segundo as atitudes dos pais de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 293

Tabela 4.1.6.16a. Existência de medos de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 296

Tabela 4.1.6.16b. Freqüência do medo de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 297

Tabela 4.1.6.16c. Medos dos participantes dos grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 298

Tabela 4.1.6.17a. Tristeza sem razão aparente de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 301

Tabela 4.1.6.17b. Vontade de chorar de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados –1995/Jun.1997..... 302

Tabela 4.1.6.18. Tipos de reações às situações ansiosas de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 305

Tabela 4.1.6.19a. Relacionamento entre as pessoas que moram com as crianças e/ou adolescentes segundo os grupos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 309

Tabela 4.1.6.19b. Relação com as pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 310

Tabela 4.1.6.19c. Preferência pelas pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 311

Tabela 4.1.6.20a. Agressividade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 314

Tabela 4.1.6.20b. Direção da agressividade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 315

Tabela 4.1.7.1a. Autor da denúncia à instituição nos grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997..... 319

Tabela 4.1.7.1b. Tipos de violência de acordo com a notificação à instituição segundo os grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun. 1997..... 320

Tabela 4.1.7.1c. Identidade do agressor na denúncia à instituição nos grupos de adultos entrevistados – 1995/Jun.1997..... 321

Tabela 4.1.7.2a. Tipos de violência de acordo com a denúncia das crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 325

Tabela 4.1.7.2b. Identidade do agressor denunciada pelas crianças e/ou adolescentes na entrevista – 1995/Jun.1997..... 326

Tabela 4.1.7.2c. Tipo de punição de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados – 1995/Jun.1997..... 327

Tabela 4.1.7.3. Avaliação dos grupos das crianças e/ou adolescentes entrevistados das atitudes dos pais e/ou responsáveis – 1995/Jun.1997..... 330

Tabela 4.1.7.4a. Existência de violência de acordo com a observação da pesquisadora durante a entrevista – 1995/Jun.1997..... 333

Tabela 4.1.7.4b. Tipos de violência de acordo com a observação da pesquisadora – 1995/Jun.1997..... 334

Tabela 4.1.7.4c. Identidade do agressor de acordo com a observação da pesquisadora – 1995/Jun.1997..... 335

LISTA DE FIGURAS

PÁG.

Figura 4.1.1.1. Representação gráfica dos tipos de famílias de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 7

Figura 4.1.1.2a. Representação gráfica do número total de filhos nas famílias entrevistadas no período de 1995 a junho de 1997..... 11

Figura 4.1.1.2b. Representação gráfica do número de filhos na faixa etária estabelecida pela pesquisa nas famílias entrevistadas no período de 1995 a junho de 1997..... 12

Figura 4.1.1.3a. Representação gráfica do sexo de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 15

Figura 4.1.1.3b. Representação gráfica do grau de parentesco de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 16

Figura 4.1.1.4a. Representação gráfica da idade das mães e/ou responsáveis do sexo feminino dos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 19

Figura 4.1.1.4b. Representação gráfica da idade dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 20

Figura 4.1.1.5a. Representação gráfica do nível de escolaridade das mães e/ou responsáveis do sexo feminino acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 24

Figura 4.1.1.5b. Representação gráfica do nível de escolaridade do pai e/ou responsável do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 25

Figura 4.1.1.6a. Representação gráfica dos tipos de religiões nas mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 29

Figura 4.1.1.6b. Representação gráfica dos tipos de religiões dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 30

Figura4.1.1.7a. Representação gráfica do desempenho da atividade econômica das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 33

Figura 4.1.1.7b. Representação gráfica do desempenho da atividade econômica dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 34

Figura 4.1.1.8a. Representação gráfica das ocupações profissionais das mães e/ou responsáveis do sexo feminino segundo os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 40

Figura 4.1.1.8b. Representação gráfica das ocupações profissionais dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 41

Figura 4.1.1.9. Representação gráfica da renda familiar de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 44

Figura 4.1.1.10. Representação gráfica do sustento do lar de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 47

Figura 4.1.1.11. Representação gráfica do número de pessoas que moram nos domicílios das famílias entrevistadas no período de 1995 a junho de 1997..... 49

Figura 4.1.1.12a. Representação gráfica das mudanças de domicílio da família de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 52

Figura 4.1.1.12b. Representação gráfica da freqüência de mudanças de domicílio da família de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 53

Figura 4.1.2.1a. Representação gráfica do desejo da gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 57

Figura 4.1.2.b. Representação gráfica do planejamento na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 58

Figura 4.1.2.1c. Representação gráfica do atendimento na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 59

Figura 4.1.2.2. Representação gráfica das características na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 63

Figura 4.1.2.3a. Representação gráfica da existência de aborto ocorrido de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 65

Figura 4.1.2.3b. Representação gráfica do tipo de aborto ocorrido de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 66

Figura 4.1.2.4. Representação gráfica do tipo de parto de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 68

Figura 4.1.2.5. Representação gráfica das condições de nascimento de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 70

Figura 4.1.2.6a. Representação gráfica do adormecimento de crianças e/ou adolescentes de acordo com o grupo de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 78

Figura 4.1.2.6b. Representação gráfica das características do sono de crianças e/ou adolescentes de acordo com o grupo de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 79

Figura 4.1.2.6c. Representação gráfica das condições do sono das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 80

Figura 4.1.2.7a. Representação gráfica de certos aspectos da privacidade de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 83

Figura 4.1.2.7b. Representação gráfica de certos aspectos da privacidade de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 84

Figura 4.1.2.8. Representação gráfica da amamentação de crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 86

Figura 4.1.2.9a. Representação gráfica do desenvolvimento motor nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 90

Figura 4.1.1.9b. Representação gráfica do desenvolvimento da fala nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 91

Figura 4.1.2.10. Representação gráfica da lateralidade de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 93

Figura 4.1.2.11a. Representação gráfica do uso da chupeta em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 95

Figura 4.1.2.11b. Representação gráfica do uso da chupeta em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados de 1995 a junho de 1997..... 96

Figura 4.1.2.12a. Representação gráfica do ato de sugar o dedo em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 99

Figura 4.1.2.12b. Representação gráfica do ato de sugar o dedo em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 100

Figura 4.1.2.13a. Representação gráfica da presença de manipulações de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 104

Figura 4.1.2.13b. Representação gráfica de algumas manipulações de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 105

Figura 4.1.2.13c. Representação gráfica da presença de manipulações nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 106

Figura 4.1.2.13d. Representação gráfica de alguma manipulações nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 107

Figura 4.1.2.14a. Representação gráfica de algumas características de socialização nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 110

Figura 4.1.2.14b. Representação gráfica de algumas características de socialização nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 111

Figura 4.1.2.14c. Representação gráfica de algumas características de socialização nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados de 1995 a junho de 1997..... 112

Figura 4.1.2.15a. Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 115

Figura 4.1.1.15b. Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 116

Figura 4.1.2.16a. Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 118

Figura 4.1.2.16b. Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 119

Figura 4.1.2.17. Representação gráfica da mentira de crianças e/ou adolescentes segundo os participantes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 123

Figura 4.1.2.18a. Representação gráfica da curiosidade sexual em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 127

Figura 4.1.2.18b. Representação gráfica de educação sexual em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 128

Figura 4.1.2.18c. Representação gráfica dos orientadores sexuais de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre1995 a junho de 1997..... 129

Figura 4.1.2.19a. Representação gráfica da freqüência escolar das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 133

Figura 4.1.2.19b. Representação gráfica do período escolar das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 134

Figura 4.1.2.19c. Representação gráfica de reprovação das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997..... 135

Figura 4.1.2.19d. Representação gráfica da freqüência de reprovação das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997..... 136

Figura 4.1.2.20a. Representação gráfica de algumas situações em sala de aula com crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 141

Figura 4.1.2.20b. Representação gráfica de algumas situações em sala de aula com crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 142

Figura 4.1.2.20c. Representação gráfica de algumas situações em sala de aula com crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 143

Figura 4.1.2.20d. Representação gráfica de algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 144

Figura 4.1.2.20e. Representação gráfica de algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas á escola de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 145

Figura 4.1.2.20f. Representação gráfica de algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 146

Figura 4.1.2.21a. Representação gráfica da mudança de escola das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 149

Figura 4.1.2.21b. Representação gráfica da mudança de escola das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997..... 150

Figura 4.1.2.22. Representação gráfica da expectativa de escolaridade em relação às crianças e/ou adolescentes de acordo com as respostas dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 153

Figura 4.1.2.23. Representação gráfica dos problemas orgânicos em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 155

Figura 4.1.3.1. Representação gráfica do relacionamento entre as pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados de 1995 a junho de 1997..... 159

Figura 4.1.3.2a. Representação gráfica da conduta agressiva na rua das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 164

Figura 4.1.3.2b. Representação gráfica da conduta agressiva em casa das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 165

Figura 4.1.3.2c. Representação gráfica dos problemas de relacionamento no lar das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 166

Figura 4.1.3.2d. Representação gráfica dos parentes com os quais as crianças e/ou adolescentes apresentam problemas de relacionamentos nos seus lares de acordo com grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 167

Figura 4.1.3.3. Representação gráfica do relacionamento entre os pais e/ou responsáveis entrevistados e as crianças e/ou adolescentes no período de 1995 a junho de 1997..... 170

Figura 4.1.3.4. Representação gráfica do relacionamento entre os irmãos de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 175

4.1.3.5a. Representação gráfica da síndrome de dependência álcoolica em mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 181

Figura 4.1.3.5b. Representação gráfica da síndrome de dependência de substâncias psicoativas em mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 182

Figura 4.1.3.5c. Representação gráfica do jogo patológico em mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 183

Figura 4.1.3.5d. Representação gráfica da dependência alcoólica em pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 184

Figura 4.1.3.5e. Representação gráfica da dependência de substâncias psicoativas em pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 185

Figura 4.1.3.5f. Representação gráfica do jogo patológico em pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 186

Figura 4.1.3.5g1. Representação gráfica dos transtornos mentais e comportamentais nos entrevistados e/ou familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 189

Figura 4.1.3.5g2. Representação gráfica dos transtornos mentais e comportamentais nos entrevistados e/ou familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 190

Figura 4.1.3.5h1. Representação gráfica dos problemas com os familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 193

Figura 4.1.3.5h2. Representação gráfica dos problemas com os familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 194

Figura 4.1.3.5h3. Representação gráfica dos parentes suicidas nas famílias dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 195

Figura 4.1.3.5h4. Representação gráfica dos familiares homicidas entre os participantes dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 196

Figura 4.1.3.5h5. Representação gráfica das mortes violentas entre os familiares dos entrevistados dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997..... 197

Figura 4.1.3.5i. Representação gráfica dos familiares com dependência de substâncias psicoativas nas famílias dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 199

Figura 4.1.4.1a. Representação gráfica da agressão sem lesão nos grupos de mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados entre 1995 a junho de 1997..... 207

Figura 4.1.4.1b. Representação gráfica da agressão com lesão nos grupos de mães e/ou responsáveis do sexofeminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados entre 1995 a junho de 1997..... 208

Figura 4.1.4.2a. Representação gráfica da agressão sem lesão nos grupos de pais e/ou responsáveis do sexo masculino segundo os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 209

Figura 4.1.4.2b. Representação gráfica da agressão com lesão nos grupos de pais e/ou responsáveis do sexo masculino segundo os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 210

Figura 4.1.4.3a. Representação gráfica das ofensas às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 211

Figura 4.1.4.3b. Representação gráfica da infidelidade às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 212

Figura 4.1.4.3c. Representação gráfica do abandono às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 213

Figura 4.1.4.4 Representação gráfica das ofensas aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 214

Figura 4.1.4.4b. Representação gráfica das infidelidades aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 215

Figura 4.1.4.4c. Representação gráfica dos abandonos dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a 1997..... 216

Figura 4.1.4.5 Representação gráfica das intimidações às mães e/ou responsáveis do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 217

Figura 4.1.4.5b. Representação gráfica das ameaças de morte às mães e/ou responsáveis do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 218

Figura 4.1.4.5c. Representação gráfica da tentativa de homicídio às mães e/ou responsáveis do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de1997..... 219

Figura 4.1.4.6 Representação gráfica das intimidações aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 220

Figura 4.1.4.6b. Representação gráfica das ameaças de morte aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 221

Figura 4.1.4.6c. Representação gráfica das tentativas de homicídio aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 222

Figura 4.1.4.7a. Representação gráfica de problemas na área da sexualidade dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 223

Figura 4.1.4.7b. Representação gráfica dos problemas na área da sexualidade dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 224

Figura 4.1.5.1a. Representação gráfica da violência doméstica nas famílias de origem das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 230

Figura 4.1.5.1b. Representação gráfica da síndrome de dependência alcoólica nas famílias de origem das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 231

Figura 4.1.5.2a. Representação gráfica da violência doméstica nas famílias de origem dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 232

Figura 4.1.5.2b. Representação gráfica da dependência alcoólica nas famílias de origem dos pais e/ou responsáveis do gênero masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 233

Figura 4.1.5.3. Representação gráfica dos tipos de violência sofridos na infância e/ou adolescência pelos pais e/ou responsáveis dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 234

Figura 4.1.5.4. Representação gráfica dos agressores familiares na infância e/ou adolescência dos participantes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 235

Figura 4.1.6.1. Representação gráfica do gênero de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 243

Figura 4.1.6.2. Representação gráfica das idades de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 244

Figura 4.1.6.3. Representação gráfica do número de irmãos dos grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 246

Figura 4.1.6.4. Representação gráfica do grau de escolaridade das crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 248

Figura 4.1.6.5. Representação gráfica do tempo de permanência na escola de acordo com as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 249

Figura 4.1.6.6a. Representação gráfica da adaptação escolar das crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 252

Figura 4.1.6.6b. Representação gráfica da afinidade com o estudo nas crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997. 253

Figura 4.1.6.6c. Representação gráfica da(s) dificuldade(s) em alguma(s) matéria(s) nas crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 254

Figura 4.1.6.7. Representação gráfica do relacionamento com os professores de acordo com as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 257

Figura 4.1.6.8. Representação gráfica das matérias mais difíceis para as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 259

Figura 4.1.6.9a. Representação gráfica da persistência em atitudes de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 262

Figura 4.1.6.9b. Representação gráfica da persistência nas tarefas de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 263

Figura 4.1.6.10. Representação gráfica da habilidade artística de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 265

Figura 4.1.6.11a. Representação gráfica da prática por algum esporte de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 268

Figura 4.1.6.11b. Representação gráfica da preferência por algum esporte de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 269

Figura 4.1.6.11c. Representação gráfica dos esportes preferidos de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 270

Figura 4.1.6.12a. Representação gráfica das amizades na escola de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 274

Figura 4.1.6.12b. Representação gráfica das amizades no local onde mora de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 275

Figura 4.1.6.12c. Representação gráfica da sociabilidade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 276

Figura 4.1.6.12d. Representação gráfica da sociabilidade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 277

Figura 4.1.6.12e. Representação gráfica da realização de atitudes que as pessoas não aprovam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 278

Figura 4.1.6.12f. Representação gráfica da realização de atitudes que as pessoas não aprovam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 279

Figura 4.1.6.13a Representação gráfica da preocupação com as pessoas de que gostam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 282

Figura 4.1.6.13b. Representação gráfica da preocupação com as pessoas de que gostam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 283

Figura 4.1.6.14. Representação gráfica das reações diante de aborrecimentos de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 287

Figura 4.1.6.15a. Representação gráfica da obediência aos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 291

Figura 4.1.6.15b. Representação gráfica das atitudes despertadas nos pais e/ou responsáveis quando não há obediência de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 292

Figura 4.1.6.15c. Representação gráfica das atitudes despertadas nas crianças e/ou adolescentes diante das reações dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 293

Figura 4.1.6.16a. Representação gráfica da existência do medo de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 296

Figura 4.1.6.16b. Representação gráfica da freqüência do medo segundo os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 297

Figura 4.1.6.16c. Representação gráfica dos medos de acordo com as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997. 298

Figura 4.1.6.17a. Representação gráfica da tristeza sem razão aparente com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 301

Figura 4.1.6.17b. Representação gráfica da vontade de chorar de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 302

Figura 4.1.6.18. Representação gráfica das reações às situações ansiosas de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 305

Figura 4.1.6.19a. Representação gráfica do relacionamento entre as pessoas com as crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 309

Figura 4.1.6.19b. Representação gráfica do relacionamento com as pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 310

Figura 4.1.6.19c. Representação gráfica da preferência pelas pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997..... 311

Figura 4.1.6.20a. Representação gráfica da agressividade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 314

Figura 4.1.6.20b. Representação gráfica da direção de agressividade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 315

Figura 4.1.7.1a. Representação gráfica dos denunciantes da violência doméstica à instituição de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 319

Figura 4.1.7.1b. Representação gráfica dos tipos de violência de acordo com as notificações às instituições segundo os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 320

Figura 4.1.7.1c. Representação gráfica dos agressores denunciados à instituição de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 321

Figura 4.1.7.2a. Representação gráfica dos tipos de violência segundo a denúncia das crianças e/ou adolescentes durante a entrevista no período de 1995 a junho de 1997 325

Figura 4.17.2b. Representação gráfica da identidade do agressor segundo denúncia das crianças e/ou adolescentes na entrevista realizada no período de 1995 a junho de 1997 326

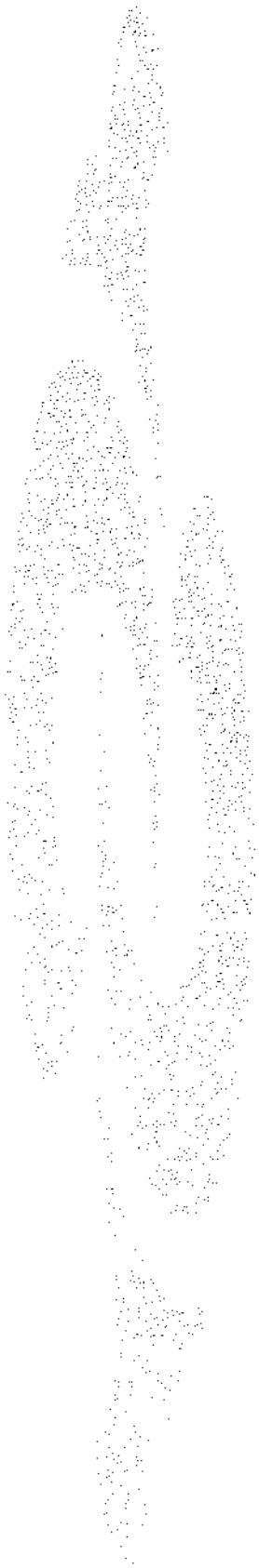
Figura 4.1.7.2c. Representação gráfica dos tipos de punição de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997 327

Figura 4.1.7.3. Representação gráfica da avaliação dos grupos das crianças e/ou adolescentes entrevistados quanto as atitudes dos pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997 330

Figura 4.1.7.4a. Representação gráfica da existência da violência de acordo com a observação da pesquisadora durante as entrevistas no período de 1995 a junho de 1997..... 333

Figura 4.1.7.4b. Representação gráfica dos tipos de violência de acordo com a observação da pesquisadora durante a entrevista no período de 1995 a junho de 1997..... 334

Figura 4.1.7.4c. Representação gráfica da identidade do agressor de acordo com a observação da pesquisadora durante a entrevista no período de 1995 a junho de 1997..... 335



4. RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e analisados os dados coletados por meio das anamneses e entrevistas com os participantes do estudo. Fizeram parte da pesquisa: 132 famílias do grupo SOS Ação Mulher e Família; 22 famílias do grupo Crami; e 119 famílias constituíram o grupo comparativo . Foram realizadas no total, com os pais e (ou) responsáveis pelas crianças e adolescentes: 124 entrevistas com o grupo comparativo; 27 entrevistas com o grupo Crami; e 134 entrevistas com o grupo SOS. Com as crianças e adolescentes foram realizadas 146 entrevistas com o grupo comparativo; 26 entrevistas com o grupo Crami; e 173 entrevistas com o grupo SOS Ação Mulher e Família.

Para maior clareza estes resultados foram agrupados, na seguinte ordem:

1- Características demográficas, sócioeconômicas e educacionais da família;

2- História da criança e do adolescente relatada pelos pais e (ou) responsáveis entrevistados (gestação, parto, desenvolvimento da conduta, amamentação, desenvolvimento motor, manipulação e hábitos, socialização, sexualidade, escolaridade e doenças);

3- Vida familiar (relacionamento entre as pessoas; relacionamento entre os irmãos; relacionamento entre a criança e o adolescente e seus pais; relação com outros parentes; problemas familiares);

4- Relacionamento do casal (características dos cônjuges; características do casamento);

5- Família de origem (problemas de violência doméstica; tipo de violência; agressor);

6- História da criança e do adolescente relatada pelas crianças e adolescentes entrevistados (idade; gênero; número de irmãos; escolaridade; socialização; esportes; aspectos da personalidade; vida familiar; hábitos pessoais; lazer);

7- História da violência (autor da denúncia na Instituição, identificação do agressor, segundo a denúncia à Instituição; identidade do agressor,segundo denúncia das crianças e adolescentes na entrevista; identidade do agressor, segundo observação da pesquisadora na entrevista; existência e tipo de punição; atitudes das crianças e adolescentes frente diante da punição; avaliação das crianças e adolescentes das atitudes dos pais).

A análise do conteúdo de alguns temas mais relevantes nas entrevistas foi realizada com o referencial teórico de BARDIN (1991).

Os resultados obtidos, se por um lado não permitiram responder a todos os questionamentos feitos, contribuíram com elementos que suscitaram outras dúvidas.

Vamos conhecer um pouco destas famílias.

4.1. Análise quantitativa dos dados

Usamos neste estudo o teste do χ^2 (chi - quadrado) e a Razão de verossimilhança do χ^2 (G^2), procurando maximizar o teste anterior. O nível de significância para a análise dos dados foi fixado em 5% ou 0.05. O p , nos casos expostos através de gráficos , foi considerado como a probabilidade de rejeitarmos a hipótese nula (ho), que decorre do resultado do χ^2 tabelado. A regra de decisão estabelecida foi : rejeitamos a hipótese nula se o valor observado da estatística χ^2 for maior do que o valor tabelado do χ^2 correspondente ao nível de significância (α=0.05); não existe associação. Aceitamos a hipótese nula, se o valor observado da estatística χ^2 for menor do que o valor tabelado do χ^2 correspondente ao nível de confiança ou significância (α=0.05); existe associação.

4.1.1. Características demográficas, estruturais, socioeconômicas e educacionais das famílias entrevistadas

A questão da multicausalidade presente na violência doméstica, contra crianças e adolescentes, constituiu-se na premissa que orientou este trabalho. Partimos do pressuposto de que a relação violenta dos pais e (ou) responsáveis, com seus filhos, não pode ser entendida, sem levarmos em conta, as condições em que vivem estas famílias e, como estas situações afetam o comportamento dos seus membros. Este estudo examinou, primeiramente, os dados demográficos, socioeconômicos, ambientais e culturais que poderiam atuar como fatores de risco, associados aos episódios violentos, entre os pais e (ou) responsáveis e seus filhos. Apesar dos dados obtidos não poderem ser generalizados a toda população brasileira afetada por este problema de Saúde Pública, algumas hipóteses foram levantadas para considerações em investigações posteriores.

Tipos de famílias (Tabela e gráfico 4.1.1.1.)

Segundo OSÓRIO (1996), família não tem um conceito unívoco. Pode-se até afirmar que família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão somente de descrições. Partindo desta colocação, escolhemos fazer uma abordagem descritiva da classificação dos tipos de famílias. Notamos que esta escolha ficou mais próxima da própria definição que as pessoas da pesquisa fizeram de suas famílias: *Como é a sua família ? Sou eu e meus filhos... Sou eu, meus filhos e o padrasto deles ... Sou eu, meus filhos e meu marido...*

Embora fazendo apenas a descrição dos tipos de famílias, alguns critérios foram estabelecidos para as suas classificações:

- pai / mãe / filho (s) - sociedade conjugal decretada judicialmente, com filhos advindos desta união;

- padrasto / mãe / filho (s) - sociedade conjugal decretada judicialmente, com filhos da mulher gerados em uniões anteriores;

- pai / madrasta / filho(s) - sociedade conjugal decretada judicialmente, com filhos gerados em uniões anteriores do homem;

- amásio / mãe / filho (s) - sociedade conjugal não decretada judicialmente, com tempo inferior a três anos, com filhos gerados em uniões anteriores da mulher;

- mãe / filho (s) - a mulher vive só com o (s) filho(s), seja ela: solteira, casada, separada[1], divorciada [2] ou viúva.

- avó / neto(s) - a avó vive com os netos por determinação judicial. Esta situação é diferente daquela estabelecida, informalmente, ou seja, os pais ou responsáveis saem para trabalhar fora e as crianças e adolescentes ficam sob os cuidados diários, semanais ou temporários, da avó.

Na tabela e gráfico 4.1.1.1., observamos a predominância nos três grupos da família do tipo 'pai / mãe / filho (s)'. Uma outra porcentagem elevada foi encontrada na

[1] Separada - suspensão da sociedade conjugal decretada judicialmente a requerimento de um dos cônjuges, durante a qual ficam separados um do outro corporalmente e administrando cada um o que lhe pertence ou lhe foi atribuído em partilha (MICHAELIS, 1998)

[2] Divorciada - disssolução absoluta do vínculo conjugal. (MICHAELIS, 1998)

família 'mãe / filho (s)', no grupo SOS (50,8%). De acordo com MAYRINK (1994), pelo menos 5,7 milhões de famílias,ou 15% de um total de 38 milhões, no país, eram chefiadas por mulheres, em 1994. Na região metropolitana de São Paulo, a porcentagem chegava a 17,3% ou 700 mil famílias, num total de quatro milhões.

De acordo com uma pesquisa realizada pela revista VEJA (11/10/1995), na mesma época em que o trabalho de campo começou a ser realizado, "de cada cinco famílias brasileiras, conforme o IBGE[3] (1991), uma é chefiada por mulher" - proporção que se observa desde as mais altas ocupações profissionais a operárias e empregadas domésticas.

Na cidade de Campinas, segundo FURTADO (1995), no mesmo ano do início das entrevistas, levantamentos realizados pelo NEPP[4], da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com 744 famílias atendidas pelo Programa de Garantia da Renda Mínima da Família, 41% das famílias eram monoparentais, ou seja, apenas um dos pais (a mãe, na grande maioria dos casos) estava presente.

Este fato parece indicar que as pessoas já não estão muito conformadas, como antes, com a miséria e sofrimentos de um casamento que não deu certo. Resolveram seguir em frente, no esforço permanente de tentar encontrar a sua felicidade.

Um fator que é importante ressaltar sobre a alta incidência desse tipo de família,neste grupo (SOS - 50,8 %), foi o próprio objetivo da Instituição que estas mulheres procuram. Muitas das mulheres entrevistadas já se encontravam separadas de seus maridos, requerendo aumento de pensão, divórcio e outras situações legais.

É interessante notar que a percentagem do grupo comparativo do modelo de família "mãe - filho (s)", 26,9%, pareceu demonstrar que este tipo de família pode ocorrer em qualquer grupo, independente dele ser institucional ou não. No entanto, entre os grupos, encontramos diferenças, nestes resultados, principalmente, na relação entre o grupo SOS (50,8%) e os grupos Crami (9,2%) e comparativo (26,9%).

[3] IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
[4] Núcleo de Estudos de Políticas Públicas

No grupo Crami, notamos que 86,4% de sua população, encontrava-se vivendo na situação pai / mãe / filho (s); padrasto / mãe / filho (s); pai / madrasta / filho(s) e amásio / mãe / filho(s); e, no grupo comparativo, encontramos um percentual de 73,1%, para os tipos de famílias descritos acima.

Segundo SARTI (1995), "o homem corporifica a idéia de autoridade, ele é responsável pela imagem externa da família . Ele garante o respeito e a respeitabilidade da família ." Não é necessário que ele tenha o controle dos recursos financeiros da família, o seu papel de intermediário entre a família e o mundo externo, lhe dá o título de 'guardião da respeitabilidade familiar'. Em algumas entrevistas, eram comuns frases como: *Ele não faz nada mas pelo menos, todo mundo sabe que tem um homem em casa; Aqui,, se não tiver um homem a mulher não presta; Me sinto mais protegida com ele em casa* .

(Caso 13 - SOS Ação Mulher e Família).

A análise estatística, dos tipos de famílias que participaram da pesquisa, através do teste do χ^2 [5], constatou diferenças significativas entre os resultados dos três grupos entrevistados ($p > 0.05$)[6]. Observamos, em nosso trabalho, que a violência doméstica contra crianças e adolescentes ocorreu nos vários tipos de uniões formadas pelos participantes adultos.

Em nossa pesquisa houve uma predominância de famílias violentas, nos modelos pai – mãe – filho(s), para o grupo Crami (59,1%); e mãe – filho (s), para o grupo SOS (50,8%). No entanto, a média percentual apresentada, no modelo de família pai – mãe – filho (s) (55,2%), demonstrou um resultado mais alto, neste tipo de relação no estudo, confirmando alguns estudos realizados por autores e instituições, nesta área (CASTILLO, 1988; CARSWELL, 1990; CRAMI, 1995; PASSETTTI, 1995; SANTOS, 1995) .

Neste trabalho, não foi possível confirmar as afirmações de alguns pesquisadores (LIPPI, 1986; YOUSSEF, ATTIA, KAMEL, 1998), de que as crianças e os adolescentes que vivem em famílias desfeitas, por razões de viuvez, divórcio ou separação, costumam sofrer violência doméstica.

[5] χ^2 - Qui – quadrado ou Chi - quadrado
[6] p - probabilidade

TABELA 4.1.1.1. TIPOS DE FAMÍLIAS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPOS DE FAMÍLIAS																			
	Pai/Mãe/Filho(s)				Padrasto/ Mãe/ Filho(s)				Pai/ Madrasta/ Filho (s)				Amásio /Mãe/ Filho (s)				Mãe/ Filho (s)				Avó/ Neto(s)			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	53	40,1	53	40,1	10	7,6	63	47,7	0	0,0	0	0,0	2	1,5	65	49,2	67	50,8	132	100,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	13	59,1	13	59,1	5	22,7	18	81,8	1	4,6	19	86,0	0	0,0	0	0,0	2	9,2	21	95,4	1	4,5	22	100,0
COMPARATIVO	79	66,4	79	66,4	5	4,2	84	70,8	0	0,0	0	0,0	3	2,5	87	73,1	32	26,9	119	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 55.265$ G.L.= 10 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 42.369$ G.L.= 10 p>0.05

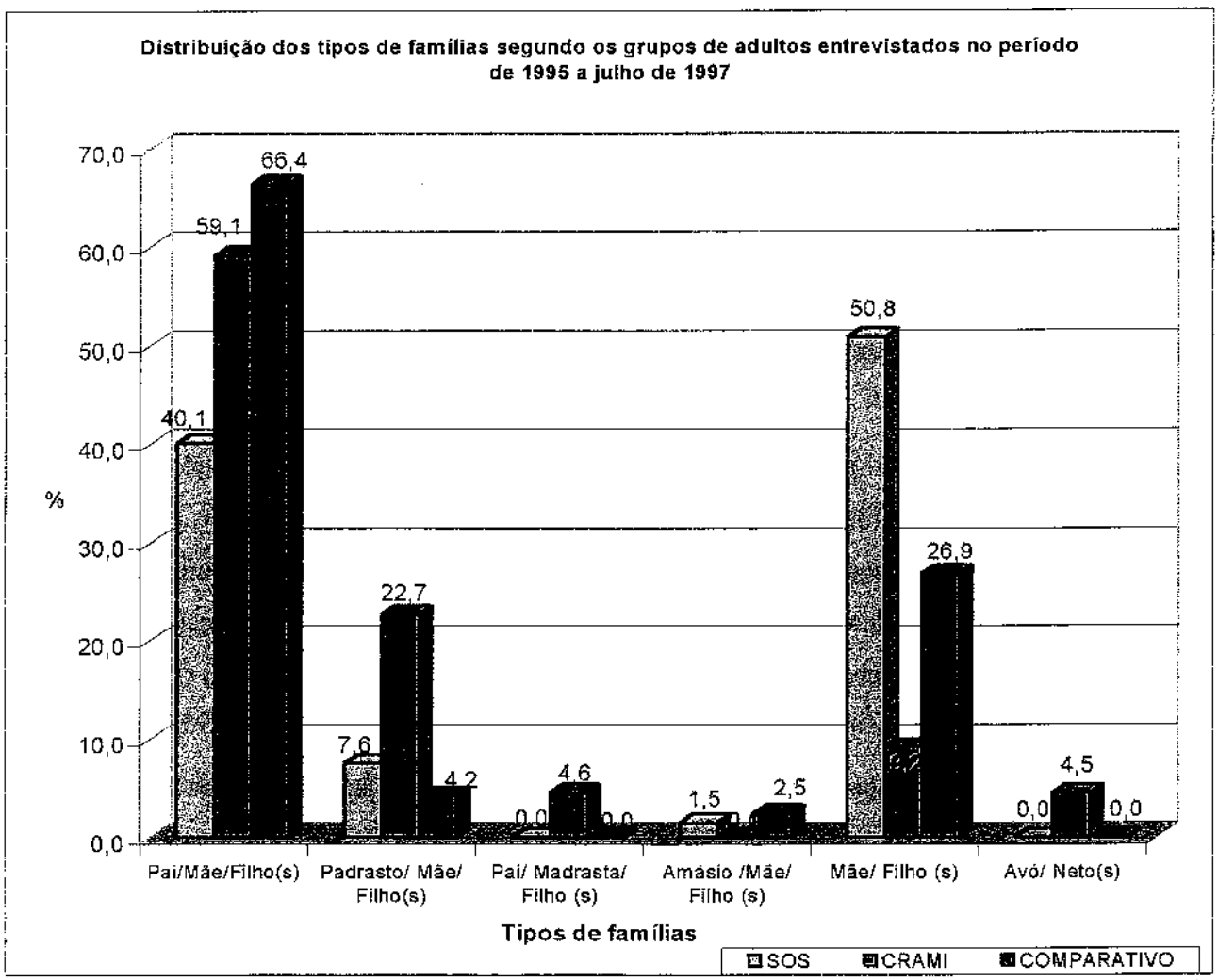


Figura 4.1.1.1. Representação gráfica dos tipos de famílias de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Número de filhos

Total (Tabela e gráfico 4.1.1.2a.)

A média de número de filhos nos grupos ficou em torno de três filhos por família. O grupo Crami foi o que apresentou as famílias mais numerosas. Cerca de 68,2 % destas famílias tinham quatro ou mais filhos. Os outros dois grupos encontravam-se nas faixas de dois a três filhos, em média (SOS – 69,7%; comparativo – 58,8%).

Desta forma, nos três grupos entrevistados, houve uma certa predominância de 2 a 4 filhos por família (SOS – 83,3%; Crami – 72,7%; comparativo – 73,1%), dados que coincidem com os publicados em um levantamento realizado na mesma época, com famílias que praticam abuso (CRAMI, 1995). Os grupos SOS (69,7%) e comparativo (58,8%) tiveram maior percentual, de dois a três filhos; e o Crami, quatro a cinco filhos ou mais (68,2%).

As freqüências observadas nos resultados, nesta variável, apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p > 0.05$), quando utilizamos o teste do χ^2. O número elevado de filhos nas famílias principalmente em situações em que não ocorreram intervalos entre os nascimentos, foi um fato característico. É possível pensar que esta situação possa acarretar um desgaste emocional nos pais, favorecendo, entre outras, as situações de violência doméstica, como afirmam alguns autores (MEYER, 1988; PASSOS, 1994;; U . S . DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 1995; YOUSSEF, ATTIA, KAMEL, 1998).

Isto não significa que o filho único não seja um risco para famílias que praticam abuso . Segundo TANG (1998), os pais de filhos únicos, muitas vezes não têm experiência em relação a cuidados e disciplina de crianças e podem, com isto, não ter uma necessária habilidade para lidar com estes aspectos. Além disso, as expectativas e demandas dos pais ficam concentradas em uma só pessoa.

MEYER (1988), na tentativa de estabelecer alguns parâmetros em relação ao tamanho da família e o tipo de punição, chegou aos seguintes resultados: famílias pequenas - 81% cometiam punições leves e 23% cometiam punições moderadas; famílias grandes - 19% cometiam punições leves e 76,9% cometiam punições moderadas. Afirmando, desta forma, que não havia um número de filhos determinado na família para que a violência doméstica ocorresse, pois todas as famílias pesquisadas a cometiam . O que apresentava diferenças era a intensidade da punição realizada.

TABELA 4.1.1.2a. NÚMERO TOTAL DE FILHOS NAS FAMÍLIAS DOS GRUPOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	NÚMERO TOTAL DE FILHOS																			
	Um				Dois				Três				Quatro				Cinco ou mais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	11	8,3	11	8,3	51	38,6	62	46,9	41	31,1	103	78,0	18	13,6	121	91,6	11	8,3	132	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	5	22,7	5	22,7	2	9,1	7	31,8	9	40,9	16	72,7	6	27,3	22	100,0
COMPARATIVO	11	9,2	11	9,2	34	28,6	45	37,8	36	30,2	81	68,0	17	14,3	98	82,3	21	17,7	119	100,0

$\chi^2 = 24.055$ G.L.= 8 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 24.262$ G.L.= 8 p>0.05

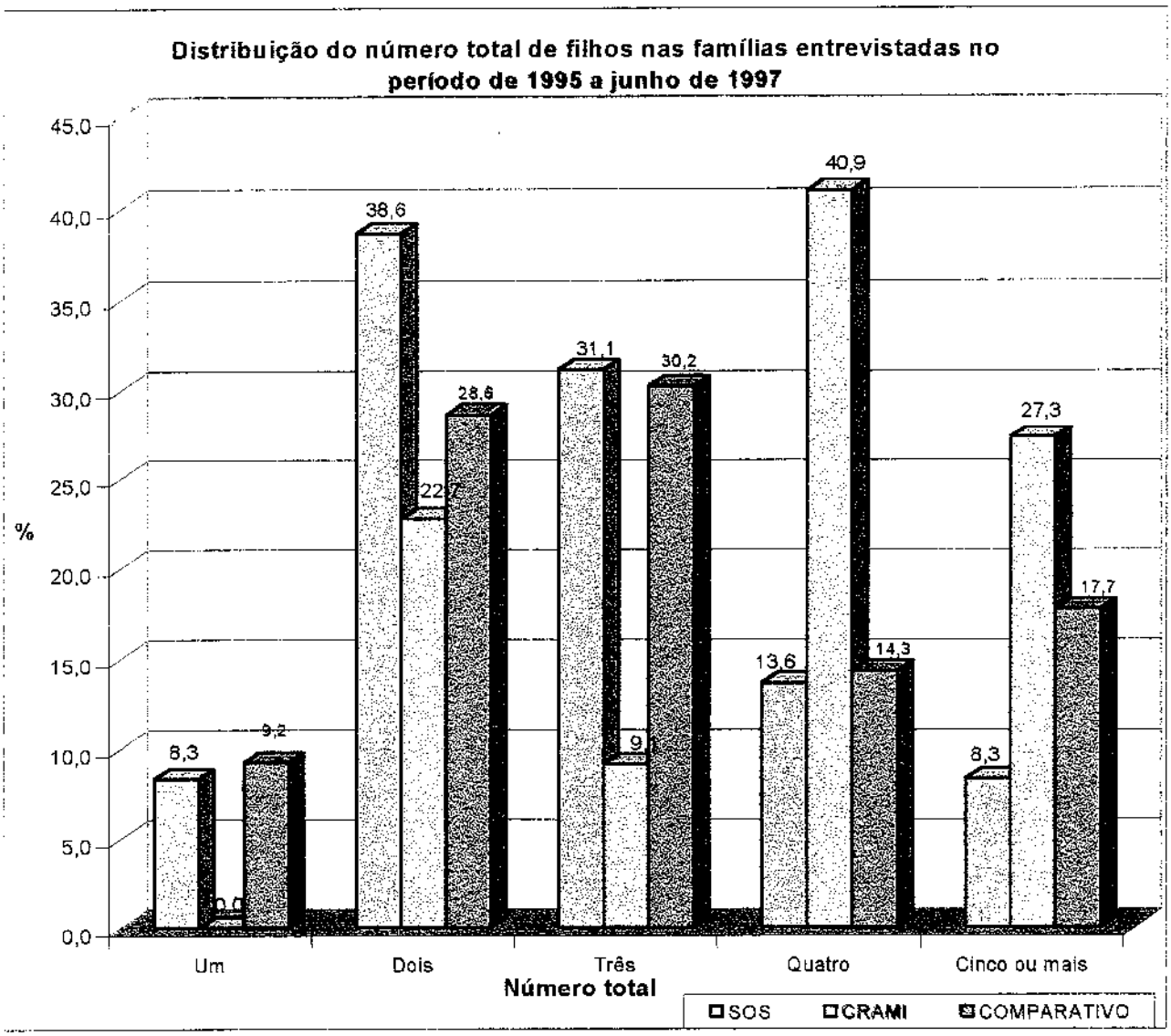


Figura 4.1.1.2a. Representação gráfica do número total de filhos nas famílias entrevistadas no período de 1995 a junho de 1997

Na faixa etária estabelecida pela pesquisa (Tabela e gráfico 4.1.1.2b.)

A exposição dos motivos da escolha desta faixa etária já foi realizada no capítulo sobre metodologia.

Na análise destes dados, observamos à mais alta concentração de número de filhos, na idade estabelecida, em torno de dois, para os dois grupos em estudo (SOS – 41,7%; Crami – 54,5%). No grupo comparativo, o resultado mais expressivo foi para um filho, 34,4%. Estes resultados, segundo a análise do χ^2, foram semelhantes entre as amostras entrevistadas ($p < 0.05$).

As mais altas incidências nas faixas de quatro a cinco ou mais filhos ficaram no grupo Crami (13,7%), estando os outros dois grupos, com percentuais não muito distantes deste (SOS – 7,5%; comparativo – 11,8%).

TABELA 4.1.1.2b. NÚMERO DE FILHOS NA FAIXA ETÁRIA ESTABELECIDA PELA PESQUISA NAS FAMÍLIAS DOS GRUPOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	NÚMERO DE FILHOS																			
	Um				Dois				Três				Quatro				Cinco ou mais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	47	35,6	47	35,6	55	41,7	102	77,3	20	15,2	122	92,5	6	4,5	128	97,0	4	3,0	132	100,0
CRAMI	3	13,6	3	13,6	12	54,5	15	68,1	4	18,2	19	86,3	2	9,1	21	95,4	1	4,6	22	100,0
COMPARATIVO	41	34,4	41	34,4	38	31,9	79	66,3	26	21,9	105	88,2	9	7,6	114	95,8	5	4,2	119	100,0

$\chi^2 = 9.009$ G.L.= 8 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 9.652$ G.L.= 8 $p<0.05$

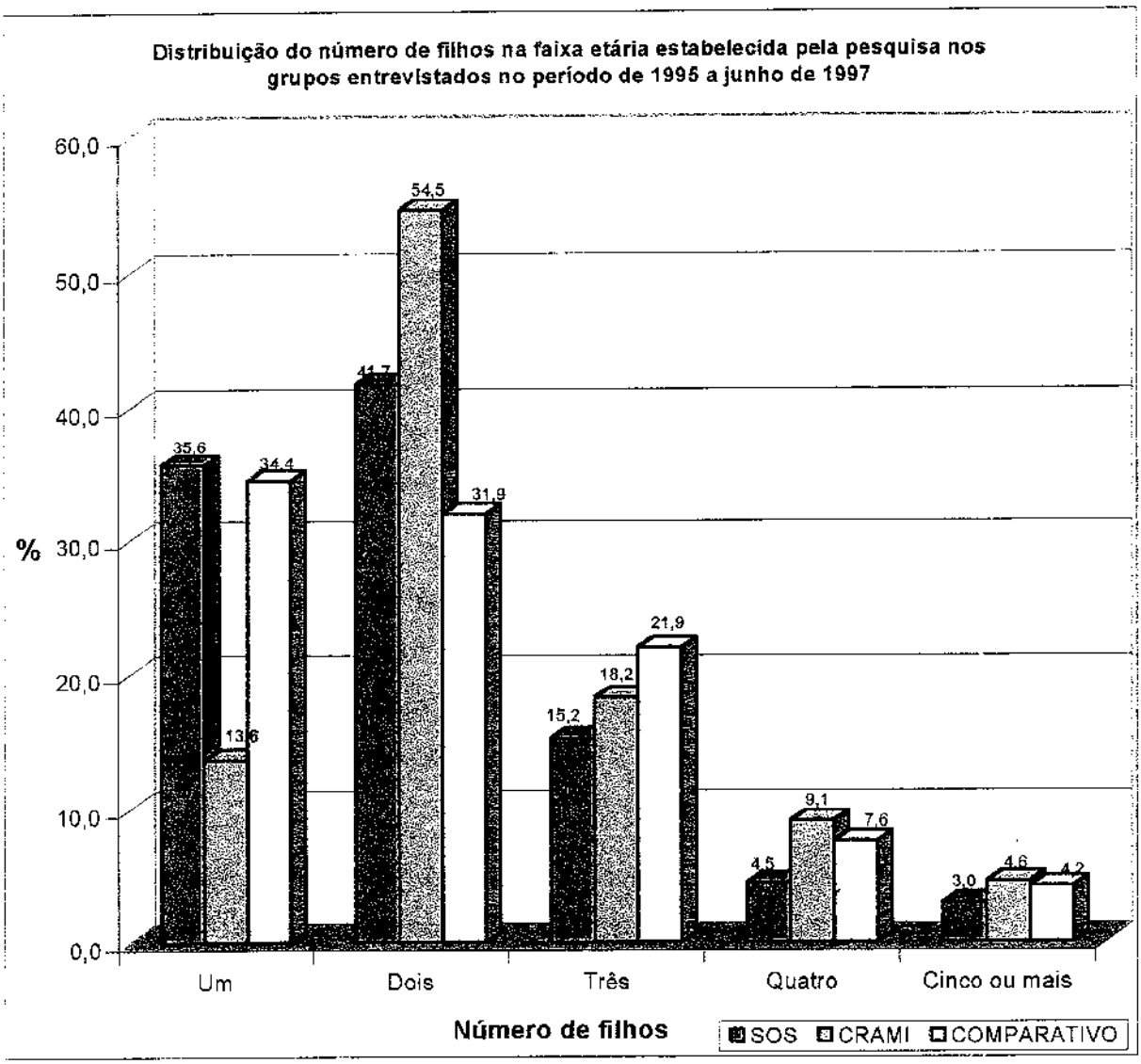


Figura 4.1.1.2b. Representação gráfica do número de filhos na faixa etária estabelecida pela pesquisa nas famílias entrevistadas no período de 1995 a junho de 1997

Sexo e parentesco (Tabelas e gráficos 4.1.1.3a . e 4.1.1.3b.)

Na distribuição do sexo dos pais e (ou) responsáveis entrevistados encontramos maior representatividade no sexo feminino (SOS – 98,5%; Crami – 81,5%; comparativo – 96,0%). Os pais e (ou) responsáveis, do sexo masculino, em geral, quando estavam nos domicílios, eram convidados a participar mas, poucos aceitavam (SOS – 1,5%; Crami – 18,5%; comparativo - 4,0%) .

As freqüências observadas nas respostas apresentaram diferenças estatísticas significativas entre elas ($p > 0.05$), no que diz respeito ao sexo e ao parentesco, ao ser realizado o teste do χ^2, havendo um percentual maior de pais e (ou) responsáveis do sexo masculino, do grupo Crami (18,5%), que se dispuseram a participar da pesquisa, em relação aos demais grupos.

A recusa ou evitação dos pais e (ou) responsáveis do sexo masculino ocorreu em todos os grupos. As respostas eram: *Não tenho tempo... Não entendo destas coisas...* (Caso 34 – SOS Ação Mulher e Família); *Eu fico pouco com eles* (Caso 69 – SOS Ação Mulher e Família); *Quem pode responder sobre isso é a mulher, ela é que cuida deles* (Caso 53 – SOS Ação Mulher e Família); *Eu sou ruim para isso* (Caso 124 – SOS Ação Mulher e Família).

A partir destas declarações, podemos pensar na existência de uma divisão complementar de autoridade que corresponde, segundo SARTI (1995), a divisão entre a casa e a família. Como observamos na apresentação dos tipos de famílias (tabela e gráfico 4.1.1.1.), temos novamente, a dicotomia: *o homem é o chefe da família; a mulher é a chefe da casa* .

É reconhecida e incontestável a autoridade da mulher. Sua autoridade é doméstica, baseada no papel de gênero, de mãe e de dona de casa (MATTA, 1997a) Nos grupos que participaram da pesquisa foi possível afirmar que a mãe é a presença mais constante na vida dessas crianças e adolescentes. A tarefa de educar e disciplinar os filhos, desta forma, é, em muitos casos, delegada, unicamente, à mãe.

Além destes fatos, foram as mães e (ou) responsáveis do sexo feminino, nas amostras, que tiveram maior disponibilidade afetiva e tempo para falar sobre suas crianças e adolescentes. Para algumas delas, a entrevista foi a oportunidade de realizar uma verdadeira catarse[7].

Situações semelhantes, a respeito da disponibilidade das mães falarem sobre suas vidas e, consequentemente, se disporem a participar de pesquisas, foram fatos também encontrados nos trabalhos de MEYER (1988) e MARQUES (1994).

[7] Catarse - reevocação à consciência de estados e lembranças afetivas recalcadas, proporcionando alívio e bem-estar (MICHAELIS, 1998).

TABELA 4.1.1.3a. SEXO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN.1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SEXO							
	Feminino				Masculino			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	132	98,5	132	98,5	2	1,5	134	100,0
CRAMI	22	81,5	22	81,5	5	18,5	27	100,0
COMPARATIVO	119	96,0	119	96,0	5	4,0	124	100,0

$\chi^2 = 16.169$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2 (G^2) = 10,942$ G.L.= 2 p>0.05

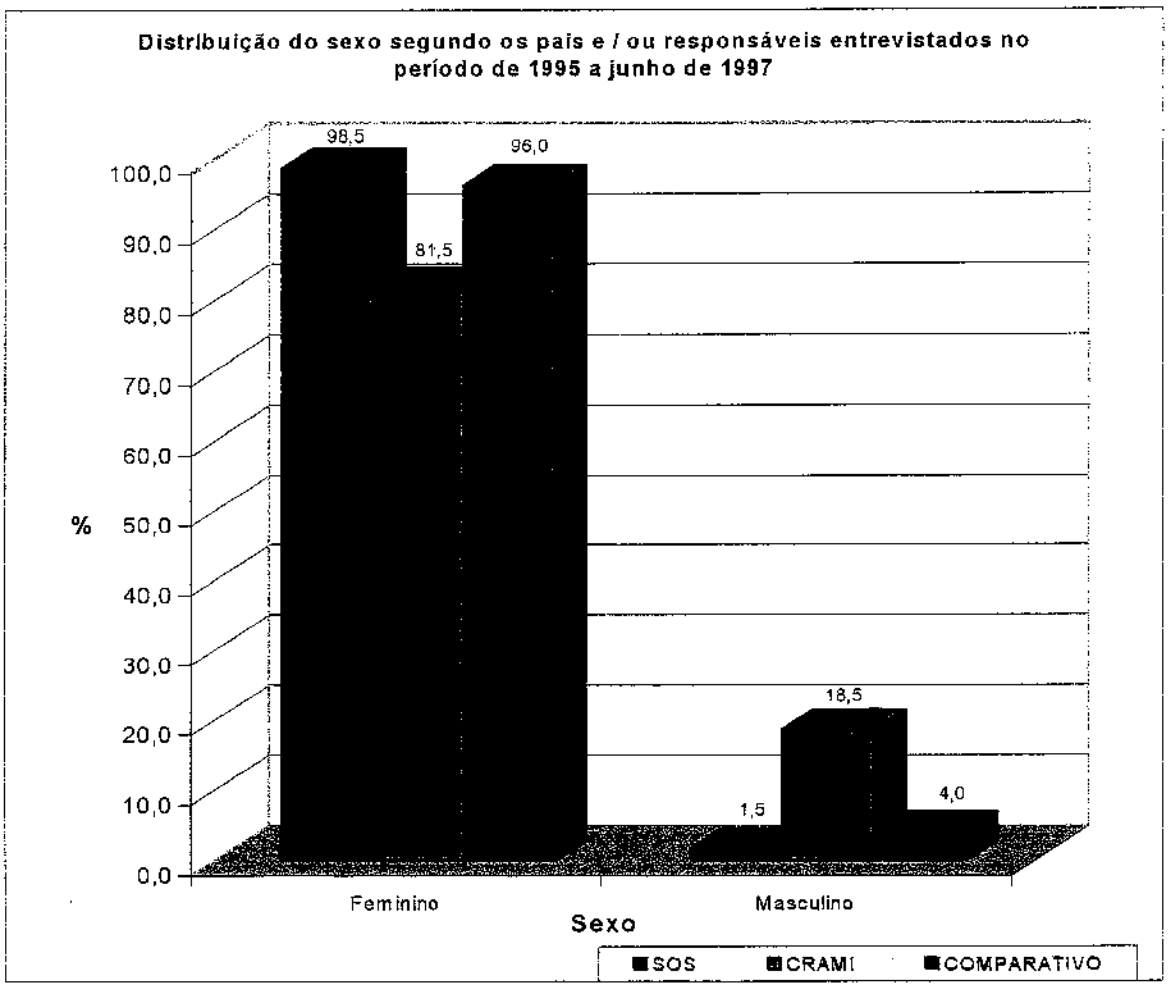


Figura 4.1.1.3a. Representação gráfica do sexo de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.1.3b. GRAU DE PARENTESCO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN.1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	GRAU DE PARENTESCO															
	Pai				Mãe				Responsável (Avó)				Padrasto			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	2	1,5	2	1,5	132	98,5	134	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	4	14,8	4	14,8	21	77,8	25	92,6	1	3,7	26	96,3	1	3,7	27	100,0
COMPARATIVO	4	3,2	4	3,2	119	96,0	123	99,2	0	0,0	0	0,0	1	0,8	124	100,0

$\chi^2 = 26.418$ G.L.= 6 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 16.826$ G.L.= 6 $p>0.05$

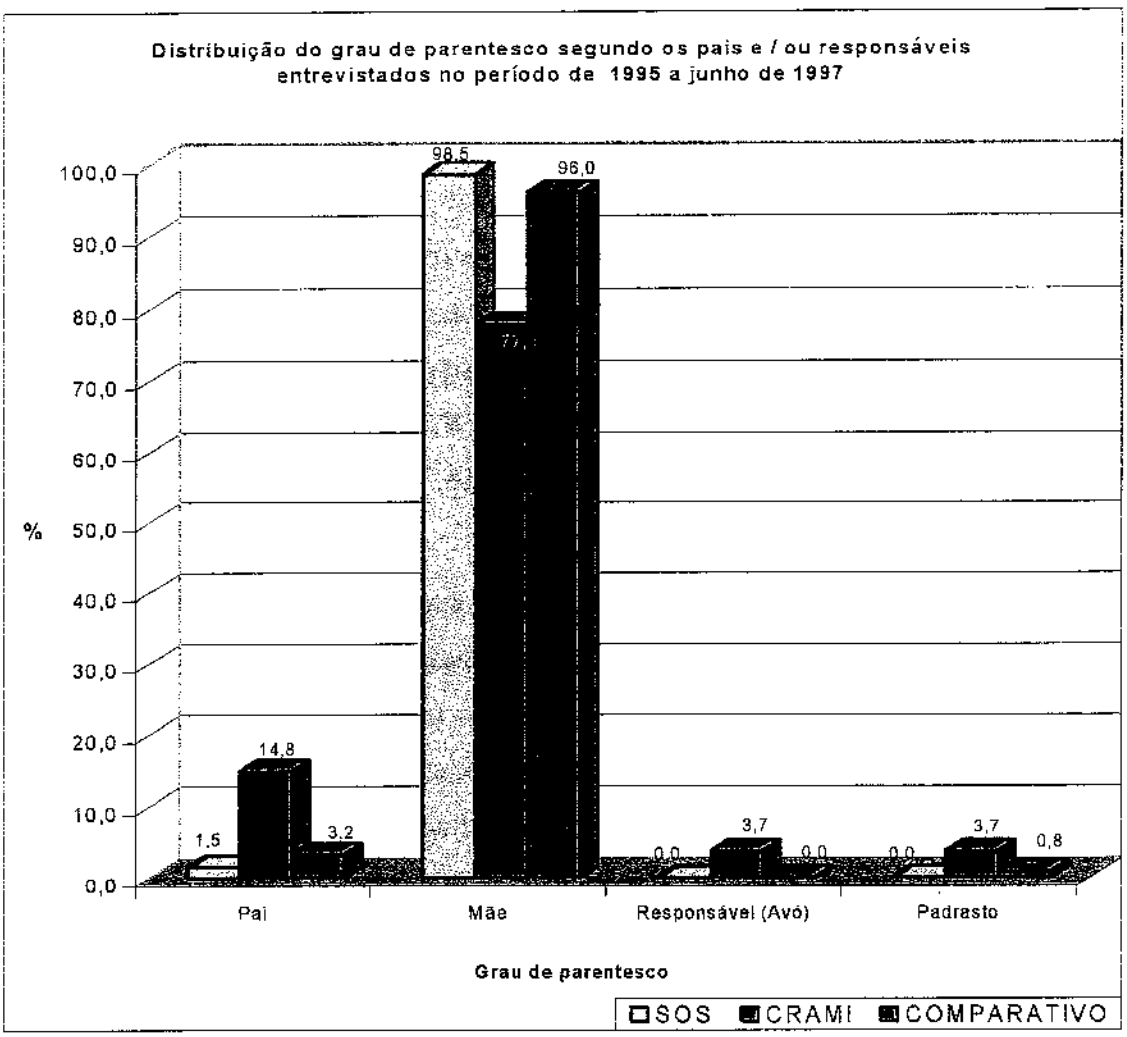


Figura 4.1.1.3b. Representação gráfica do grau de parentesco de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Idade[8] dos pais e (ou) responsáveis (Tabelas e gráficos 4.1.1.4a . e 4.1.1.4b.)

A distribuição de idade dos pais e (ou) responsáveis pode ser observada nas tabelas 4.1.1.4a . e 4.1.1.4b. . A faixa predominante de idade ficou em torno de 36 a 40 anos, para os pais e (ou) responsáveis do sexo masculino (SOS – 29,5%; Crami– 28,6%; comparativo – 26,5%), e de 31 a 35 anos para as mães e (ou) responsáveis do sexo feminino, nos três grupos (SOS – 30,3%; Crami – 31,8%; comparativo – 25,2%). A faixa etária de 26 a 30 anos, no grupo Crami (31,8%), apresentou um resultado semelhante ao grupo de 31 a 35 anos (31,8%). Um pouco abaixo mas, também elevada, foi a porcentagem dos grupos SOS (26,5%) e comparativo (26,9%), nas idades de 36 a 40 anos.

Os grupos de pais, mães e (ou) responsáveis do estudo não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre si, quanto à variável idade, na aplicação do teste do χ^2 ($p < 0.05$). Não houve possibilidade de estabelecer, no trabalho, uma faixa etária característica ou predominante para os pais e (ou) responsáveis, que vivem em situação de violência doméstica contra seus filhos. No entanto, os percentuais encontrados, nos grupos em estudo, foram semelhantes aos das pesquisas nacionais e internacionais (GIL, 1969; SMITH, 1972; LIPPI, 1986; MARCOVICH, 1986; CARSWELL, 1990; GELLES, 1992; CRAMI, 1995; SANTOS, 1995; MAPA CENSITÁRIO, 1997; TANG, 1998)

Comparando estes dados dos grupos do sexo feminino com a idade das crianças e adolescentes, vamos nos deparar com a seguinte situação: 19 mulheres do grupo SOS (cerca de 14%) foram mães adolescentes, com idade da primeira gestação em torno dos quinze aos dezessete anos, exceto duas mulheres que foram mães aos 13 e 14 anos; no grupo Crami, 6 mulheres (cerca de 27%) tiveram suas primeiras gestações, no mesma faixa etária anterior, exceto uma pessoa, que foi mãe aos quatorze anos; e o grupo comparativo, apresentando dezesseis adolescentes (cerca de 13%) que enfrentaram a maternidade nesta fase da vida, havendo uma pessoa que foi mãe aos 14 anos.

São conhecidos os riscos destas gestações na adolescência e a elevada taxa de mortalidade e morbidade nos bebês, principalmente de mães com menos de dezessete anos

[8] Idade - de acordo com os critérios estabelecidos, ou não, como limites de idade, em todos os grupos entrevistados - crianças, adolescentes e pais e/ou responsáveis - os grupamentos dos dados são qüinqüenais.

(MARCELLI & BRACONNIER, 1989) . A maternidade de solteiras menores muitas vezes inscreve-se em um contexto de severas dificuldades familiares.

Segundo MARCELLI & BRACONNIER (1989), uma gravidez é muitas vezes desejada pela adolescente em identificação com sua mãe, reforçando os laços de dependência em relação a ela, tanto mais quando a mãe desta adolescente engravidou cedo. Nos casos entrevistados, a maioria destas jovens não se casou com os pais dos seus filhos e muito cedo entrou para o mercado de trabalho, deixando as crianças com suas mães ou irmãs mais novas .

A maternidade precoce parece inibir o crescimento da identidade individual e da personalidade (MARCELLI & BRACONNIER, 1989) . Isto é, a gravidez e a maternidade parecem interferir no curso do desenvolvimento de um processo de adolescência.

Para os grupos do sexo masculino entrevistados, a variação de maior freqüência foi a de 36 a 40 anos (SOS – 29,5%; Crami – 28,6%; comparativo – 26,5%). Na distribuição referente à idade do pai e (ou) responsável, observamos ausências de dados em três casos do grupo Crami e dois do grupo comparativo. Estas pessoas eram pouco conhecidas pelas participantes, apesar de serem os pais biológicos de seus filhos. Estão incluídos nestes casos, progenitores que apenas estabeleceram uma relação de namoro e,ao saberem da gravidez, desapareceram, e encontros fortuitos que resultaram na gestação.

Uma situação que ocorreu no grupo Crami foi a da avó responsável pela posse e guarda dos netos, cuja filha e o genro eram dependentes químicos e não tinham condições de criar os filhos. Essa senhora teve muito pouco contato com o pai dos seus netos e, desta forma, algumas informações sobre ele não foram esclarecidas.

TABELA 4.1.1.4a. IDADE DA MÃE E/OU RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO NOS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS	IDADE																											
DE	20 - 25anos				26 - 30 anos				31 - 35 anos				36 - 40 anos				41 - 45 anos				46 - 50 anos				Acima de 50 anos			
ENTREVISTADOS	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	7	5,3	7	5,3	20	15,2	27	20,5	40	30,3	67	50,8	35	26,5	102	77,3	17	12,9	119	90,2	10	7,6	129	97,8	3	2,3	132	100,0
CRAMI	2	9,1	2	9,1	7	31,8	9	40,9	7	31,8	16	72,7	4	18,2	20	90,9	0	0,0	0	0,0	1	4,5	21	95,4	1	4,5	22	100,0
COMPARATIVO	3	2,5	3	2,5	24	20,2	27	22,7	30	25,2	57	47,8	32	26,9	89	74,8	15	12,6	104	87,4	12	10,1	116	97,5	3	2,5	119	100,0

$\chi^2 = 10.694$ G.L.= 12 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 12.927$ G.L.= 12 $p<0.05$

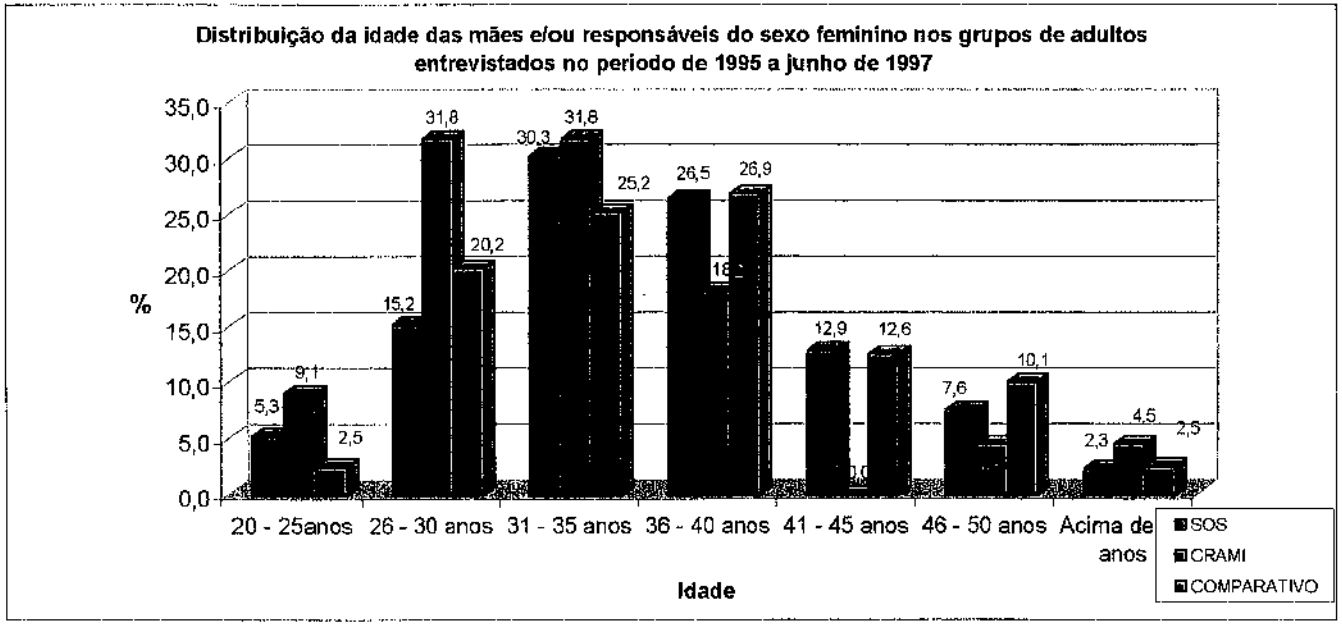


Figura 4.1.1.4a. Representação gráfica da idade das mães e/ou responsáveis do sexo feminino dos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.1.4b. IDADE DO PAI E/OU RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	IDADE																									
	20 - 25 anos				26 - 30 anos				31 - 35 anos				36 - 40 anos				41 - 45 anos				46 - 50 anos				Acima de 50 anos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% A
SOS	2	1,5	2	1,5	17	12,9	19	14,4	20	15,2	39	29,6	39	29,5	78	59,1	34	25,8	112	84,8	13	9,8	125	94,7	7	5,3	132	100,
CRAMI	0	0,0	0	0,0	6	28,6	6	28,6	6	28,6	12	57,2	6	28,6	18	85,8	3	14,2	21	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	2	1,7	2	1,7	12	10,3	14	12,0	23	19,7	37	31,7	31	26,5	68	58,2	24	20,5	92	78,7	14	12,0	106	90,7	11	9,4	117	100,

$\chi^2 = 14.312$ G.L.= 12 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 16.932$ G.L.= 12 $p<0.05$

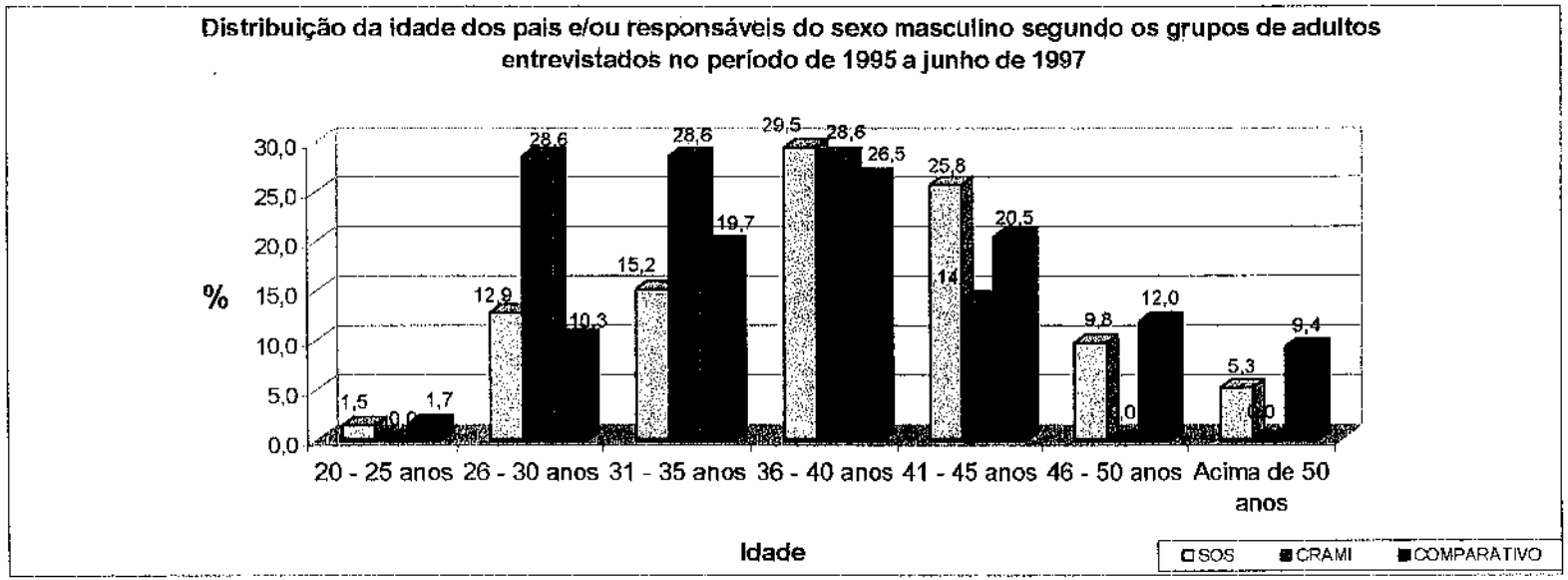


Figura 4.1.1.4b. Representação gráfica da idade dos pais e/ou responsáveisde do sexo masculino acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Escolaridade (Tabelas e gráficos 4.1.1.5a . e 4.1.1.5b.)

Efetuou-se a investigação do grau de escolaridade dos entrevistados. As composições dos graus foram: primeiro grau completo e incompleto; segundo grau completo e incompleto; e superior completo e incompleto. Acrescentou-se a esta classificação o item 'Sem escolaridade', representando aquelas pessoas que nunca freqüentaram qualquer instituição de ensino e não sabiam ler e escrever.

No sexo feminino, o grupo Crami, apresentou certa prevalência na ausência de escolaridade, 13,6% de mães e (ou) responsáveis (SOS – 1,5%; comparativo – 8,4%) e o resultado mais alto para o primeiro grau completo, 22,7% (SOS – 14,4%; comparativo – 16,0%). Em contrapartida, nos outros dois grupos (SOS e comparativo), tivemos representações em todos os níveis de escolaridade, o que não ocorreu com aquele grupo.

Os resultados encontrados, nos grupos de mães e (ou) responsáveis não foram semelhantes quanto a esta variável ($p > 0.05$), quando utilizamos a análise estatística do teste do χ^2.

Podemos supor que algumas participantes dos grupos entrevistados tiveram, por algum motivo, que interromper os seus estudos . Muitas mães e (ou) responsáveis, nas entrevistas, justificaram essa interrupção pelo nascimento dos filhos; outras, por razões de trabalho para ajudar a família em casa.

Nos grupos do sexo masculino, apesar de sua distribuição irregular pelos níveis de escolaridade, vamos encontrar o grupo Crami, com maior índice no segundo grau completo, em relação aos outros grupos entrevistados (9,5%) . O primeiro grau completo obteve uma porcentagem, relativamente maior do que as dos outros níveis, para os grupos SOS (18,2 %) e comparativo (17,9 %), exceto para o primeiro grau incompleto (SOS – 61,4%; Crami – 76,2%; comparativo– 62,4%).

Os entrevistados do grupo Crami, que não possuíam escolaridade (9,5%), afirmaram que não aproveitaram a oportunidade para estudar, porque tiveram que trabalhar na roça para ajudar os pais. Outros participantes, principalmente os que concluíram o segundo grau, demonstraram certo aborrecimento pelo fato de não terem cursado uma faculdade, porque 'tiveram de casar'.

Estes grupos do sexo masculino foram semelhantes, estatisticamente ($p < 0.05$), quanto aos resultados apresentados na variável estabelecida, ao realizarmos o teste do χ^2.

A maior incidência no grau de escolaridade nos grupos entrevistados, independente do sexo, foi o primeiro grau incompleto. Os índices mais altos de ausência de escolarização, nos grupos de pais e (ou) responsáveis, de ambos os sexos, ocorreram no grupo Crami (mães e (ou) responsáveis –13,6%; pais e (ou) responsáveis – 9,5%).

Muitas pesquisas realizadas, que abordam a educação formal dos agressores, estabeleceram o baixo nível de escolaridade dos pais, como um fator de risco e predisponente à violência contra a criança e o adolescente (LIPPI, 1986; CARSWELL, 1990; PASSOS, 1994; MATEOS, 1995; MONTEIRO, CABRAL, MORGADO, 1995; MAPA CENSITÁRIO, 1997; QASEM *et al.*, 1998; KOTCH *et al.*, 1999).

Entretanto, é importante levar em consideração que, as notificações que são feitas em relação à violência doméstica, seja ela de que tipo for, apresentam uma população específica (baixo nível socioeconômico e ausência ou pouca escolaridade), na maior parte dos casos (CRAMI, 1995; AZEVEDO & GUERRA, 1997; MAPA CENSITÁRIO, 1997). Isto é, são pessoas que não dispõem de outro recurso, a não ser os que lhe são oferecidos pelas instituições do Estado e, por esta razão, tornam-se mais expostas às denúncias e avaliações.

Algumas pesquisas demonstram que a violência doméstica contra crianças e adolescentes é uma prática cultural, independente do nível socioeconômico e educacional, como no Egito (YOUSSEF *et al.*, 1998), na Índia (SEGAL, 1995) e na China (TANG, 1998), onde é enfatizada a ética da reverência filial, onde as crianças e jovens são consideradas propriedades dos seus pais, e podem ser manobradas por eles, com pouca ou nenhuma interferência de estranhos. A violência contra a criança e o adolescente é uma sanção social .

Pesquisas realizadas com responsáveis, por crianças em escolas públicas e particulares, revelaram não haver diferença na prevalência da violência doméstica, entre os grupos, quanto ao fato de admitir bater nos filhos, como prática educativa (ASSIS, 1994a; CATALAN *et al* ., 1995). Nestes estudos, os responsáveis pelas crianças e adolescentes em escolas particulares, possuíam níveis educacionais elevados.

Os dados incompletos, para os grupos de pais e(ou) responsáveis foram justificados no item idade. Cabe-nos ressaltar, entretanto, que no grupo Crami ocorreram as lembranças das mães de que, apesar de não saberem as idades dos pais dos seus filhos, sabiam a escolaridade porque estudavam no mesmo colégio.

TABELA 4.1.1.5a. ESCOLARIDADE DA MÃE E/OU RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ESCOLARIDADE																											
	Sem escolaridade				Primeiro grau incompleto				Primeiro grau completo				Segundo grau incompleto				Segundo grau completo				Superior incompleto				Superior completo			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	2	1,5	2	1,5	89	67,4	91	68,9	19	14,4	110	83,3	2	1,5	112	84,8	13	9,8	125	94,6	5	3,8	130	98,4	2	1,5	132	100,0
CRAMI	3	13,6	3	13,6	14	63,6	17	77,2	5	22,7	22	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	10	8,4	10	8,4	72	60,5	82	68,9	19	16,0	101	84,9	10	8,4	111	93,3	4	3,4	115	96,7	1	0,8	116	97,5	3	2,5	119	100,0

$\chi^2 = 26.907$ G.L.= 12 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 30.393$ G.L.= 12 p>0.05

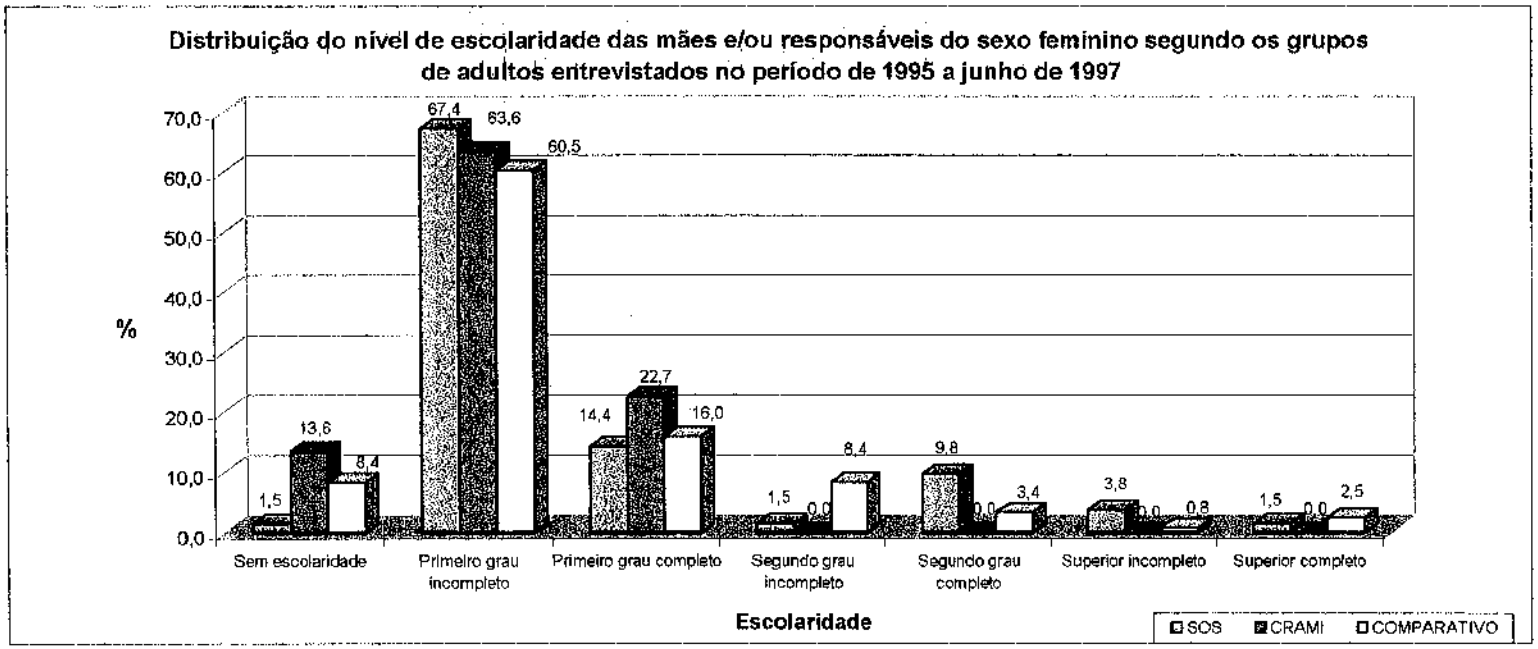


Figura 4.1.1.5a. Representação gráfica do nível de escolaridade das mães e/ou responsáveisde do sexo feminino acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.1.5b. ESCOLARIDADE DO PAI E/OU RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ESCOLARIDADE																											
	Sem escolaridade				Primeiro grau incompleto				Primeiro grau completo				Segundo grau incompleto				Segundo grau completo				Superior incompleto				Superior completo			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	5	3,8	5	3,8	81	61,4	86	65,2	24	18,2	110	83,4	6	4,5	116	87,9	10	7,6	126	95,5	1	0,8	127	96,3	5	3,8	132	100,0
CRAMI	2	9,5	2	9,5	16	76,2	18	85,7	1	4,8	19	90,5	0	0,0	0	0,0	2	9,5	21	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	7	6,0	7	6,0	73	62,4	80	68,4	21	17,9	101	86,3	5	4,3	106	90,6	4	3,4	110	94,0	4	3,4	114	97,4	3	2,6	117	100,0

$\chi^2 = 11.089$ G.L.= 12 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 13.571$ G.L.= 12 $p<0.05$

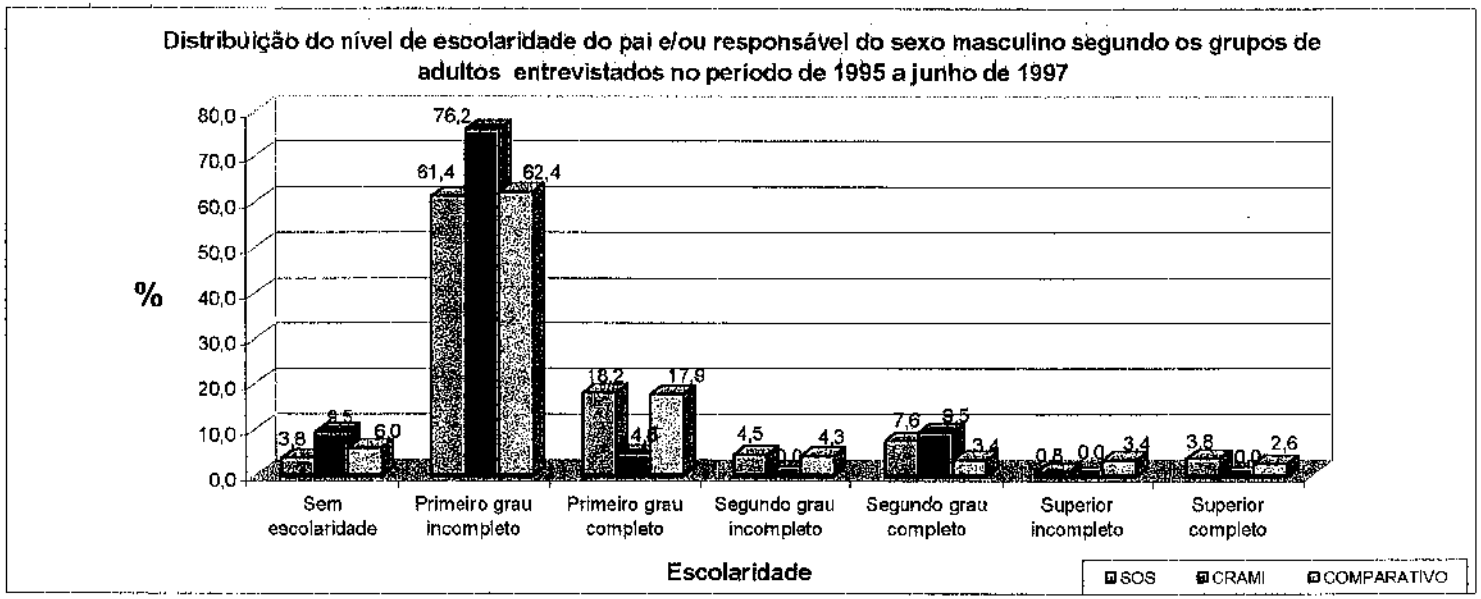


Figura 4.1.1.5b. Representação gráfica do nível de escolaridade do pai e/ou responsável do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Religião (Tabelas e gráficos 4.1.1.6a . e 4.1.1.6b.)

Na investigação foram registradas seita, culto ou ramo da religião professada. No caso da pessoa que não praticava qualquer religião, o registro feito foi 'sem religião'.

As respostas foram classificadas nos seguintes grupos (IBGE, 1991):

Cristã tradicional - que engloba a Católica Apostólica Romana, a Católica Ortodoxa e a Católica Apostólica Brasileira.

Cristã Reformada - que engloba a Adventista, a Batista, a Luterana, a Metodista, a Presbiteriana, a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil, a Deus é amor, a Evangelho Quadrangular, a Tradicional Renovada, a Universal do Reino de Deus e denominações genéricas, tais como: Crente, Evangélico, Cristão Evangélico, etc.

Neocristã - que engloba a Mórmon, a Testemunha de Jeová e outras como: a Ciência Cristã, o Racionalismo Cristão, os Sinos de Belém, etc.

Mediúnica - que engloba a Espírita, a Candomblecista e a Umbandista.

Judaica ou Israelita

Outras - que engloba o Islamismo, as religiões orientais (Budista, Messiânica, Seicho No - Ie, Soka Gakoe, Perfect Liberty, Xintoísmo, etc.) e diversas outras religiões que abrangem grupos de pessoas em menor número no Brasil.

Sem Religião

Na distribuição dos tipos de religiões dos grupos das mães e (ou) responsáveis, notamos um predomínio das religiões Cristãs Tradicionais (em torno de 60%), cuja maior representatividade esteve na religião Católica Apostólica Romana. As religiões Cristãs Reformadas tiveram certa expressão (cerca de 20 %) e as mais relatadas foram as denominações genéricas, principalmente: crente e evangélico. O percentual mais elevado no item 'Sem Religião' esteve no grupo Crami com 13,6 % (SOS – 9,1%; comparativo – 10,1%).

Quanto ao grupo masculino, o grupo Crami foi o que obteve o percentual mais alto, atingindo 81%, na religião Cristã Tradicional (SOS – 63,6%; comparativo – 71,8%). Em contraste com o grupo feminino, da mesma Instituição, obteve o menor percentual no nível 'Sem religião' (4,8%). As religiões Cristãs Reformadas tiveram certa expressividade nos grupos SOS (19,7%) e comparativo (14,5 %). Elas também foram designadas pelas suas formas genéricas: crente e evangélico.

As amostras de ambos os gêneros apresentaram semelhanças estatísticas nos resultados ($p < 0.05$), quanto à variável religião, ao ser aplicado o teste do χ^2. A religião praticada não foi um fator de determinação nas punições dadas às crianças e adolescentes dos grupos em estudo.

A prática da religião Cristã Tradicional, encontrada em maiores níveis percentuais nas famílias onde ocorre a violência doméstica contra crianças e adolescentes, é um fato confirmado em outras pesquisas (LIPPI, 1986; CARSWELL, 1990; MAPA CENSITÁRIO, 1997).

O que percebemos durante os relatos era a tendência de algumas mulheres para justificar a permanência nas relações violentas com seus parceiros, pelo aspecto religioso. Observamos, quanto à prática das religiões que muitas vezes elas eram usadas como pretexto para manter as relações conjugais. Em algumas entrevistas, as mulheres justificavam: *Tenho de agüentar isso, porque a minha religião não deixa eu me separar*(Caso 48 – SOS Ação Mulher e Família) . *Se eu largar dele tenho de sair da Igreja* (Caso 22 – Crami) . *Eu sou mulher e o pastor diz que tenho de servir meu marido* (Caso 49 – SOS Ação Mulher e Família). Outro aspecto era o fator mágico atribuído à sua prática: *Tenho orado bastante e Jesus vai fazer ele parar de beber* (Caso 41 – SOS Ação Mulher e Família) . *Estou obrigando ele a prá a Igreja, para melhorar . Desde que fui para esta Igreja, nunca mais briguei* (Caso 25 – SOS Ação Mulher e Família).

Os grupos de homens eram mais céticos quanto às suas crenças. Falavam pouco sobre elas e quase não as praticavam. Constantemente tinham de ser lembrados de suas obrigações religiosas. *Ela vive me mandando prá Igreja .Eu vou nesse culto prá não me aborrecer. Se ela não falar que é prá ir, eu não vou.*(Caso 25 – SOS Ação Mulher e Família).

Como já foi citado nos itens anteriores (idade e escolaridade), os grupos Crami e comparativo apresentaram dados incompletos para os pais e responsáveis, devido ao pouco conhecimento das mulheres, a respeito destas questões particulares, por causa do tipo de relacionamento estabelecido.

TABELA 4.1.1.6a. TIPOS DE RELIGIÕES DAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPOS DE RELIGIÕES																							
	Sem religião				Cristã tradicional				Cristã reformada				Mediúnica				Neocristã				Outras			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	12	9,1	12	9,1	80	60,6	92	69,7	28	21,2	120	90,9	7	5,3	127	96,2	5	3,8	132	100,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	3	13,6	3	13,6	13	59,1	16	72,7	5	22,7	21	95,4	1	4,5	22	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	12	10,1	12	10,1	78	65,5	90	75,6	23	19,3	113	94,9	3	2,5	116	97,4	2	1,7	118	99,1	1	0,8	119	100,0

$\chi^2 = 5.069$ G.L.= 10 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.973$ G.L.= 10 $p<0.05$

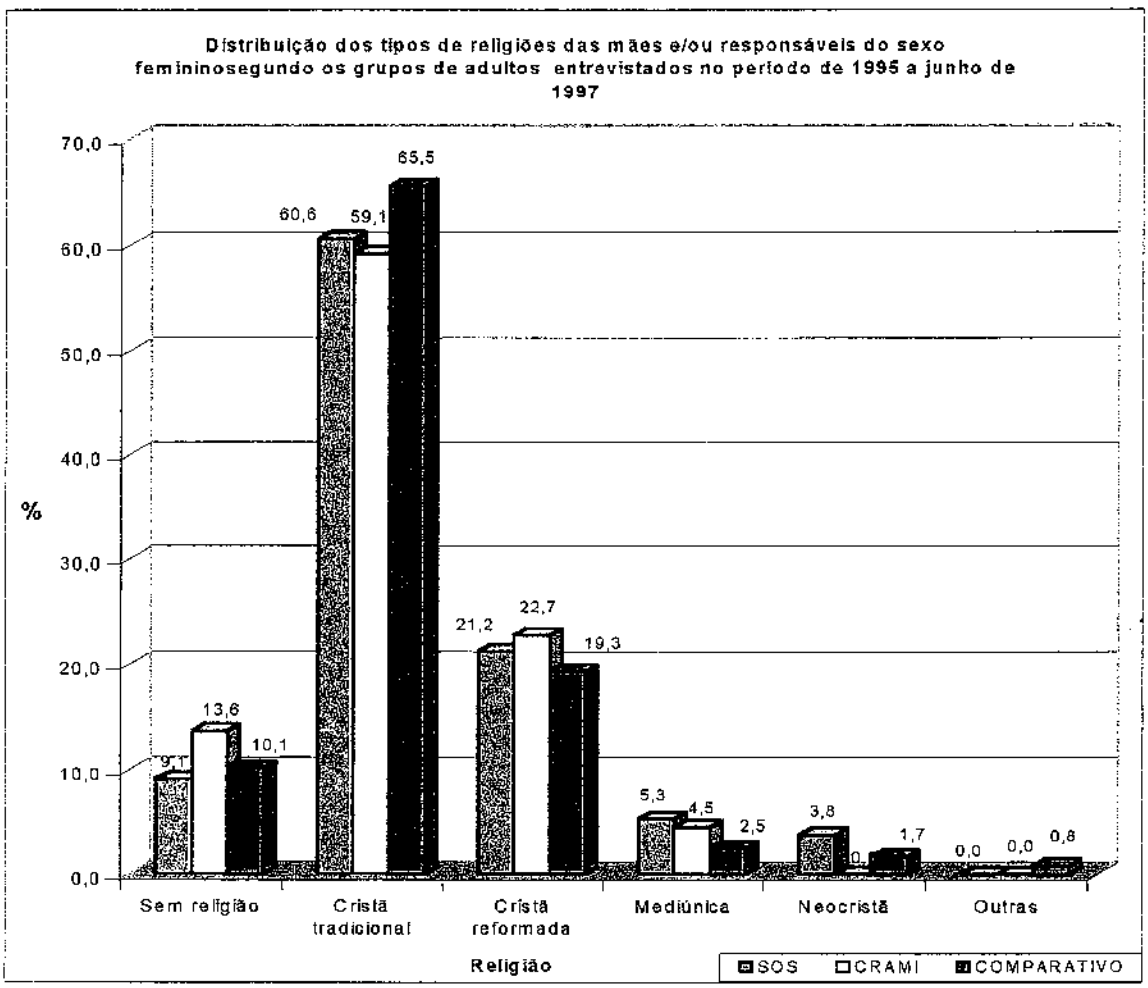


Figura 4.1.1.6a. Representação gráfica dos tipos de religiões nas mães e /ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.1.6b. TIPOS DE RELIGIÕES DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPOS DE RELIGIÕES																							
	Sem religião				Cristã tradicional				Cristã reformada				Mediúnica				Neocristã				Outras			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	15	11,4	15	11,4	84	63,6	99	75,0	26	19,7	125	94,7	4	3,0	129	97,7	3	2,3	132	100,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	1	4,8	1	4,8	17	81,0	18	85,8	2	9,5	20	95,3	1	4,8	21	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	16	12,8	15	12,8	84	71,8	99	84,6	17	14,5	116	99,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,9	117	100,0

$\chi^2 = 12.378$ G.L.= 10 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 15.917$ G.L.= 10 $p<0.05$

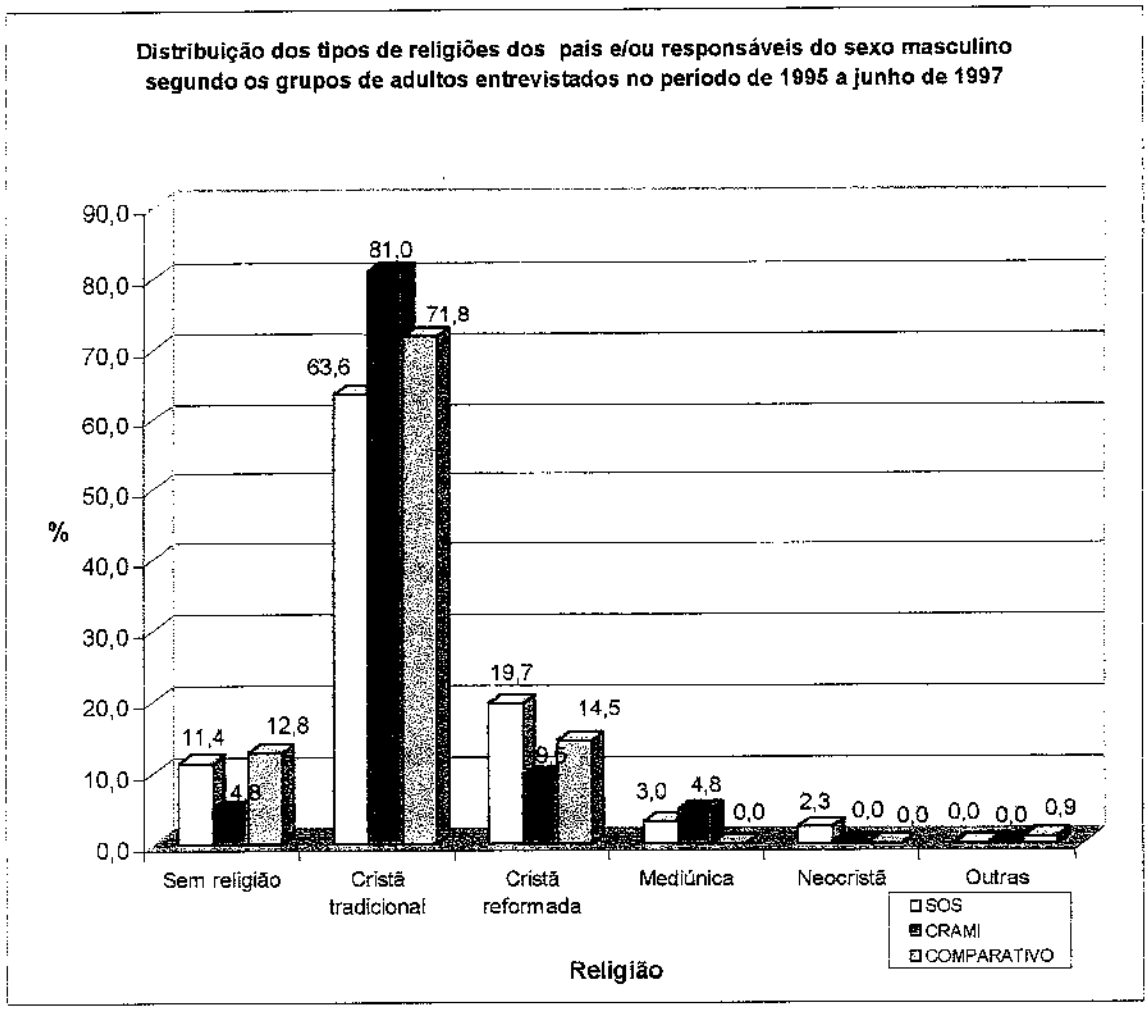


Figura 4.1.1.6b. Representação gráfica dos tipos de religiões dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Condição de atividade (Tabelas e gráficos 4.1.1.7a . e 4.1.1.7b.)

As pessoas foram classificadas, quanto à condição de atividade na semana de referência, em economicamente ativas e não economicamente ativas(IBGE, 1991).

- população economicamente ativa - pessoas que no momento da entrevista exerciam trabalho remunerado, em dinheiro e (ou) produtos ou mercadorias, inclusive as licenciadas, com remuneração por doença, com bolsas de estudo, etc.

- população não economicamente ativa - pessoas que no momento da entrevista tinham uma ou mais das seguintes situações: exerciam afazeres domésticos no próprio lar, estudavam, viviam de rendimentos de aposentadoria, pensão ou aplicação de capital; eram doentes ou inválidos sem serem licenciados no trabalho; não desejavam trabalhar ou, desejando, não o fizeram porque não encontraram.

Movidas pela necessidade de contribuir para a manutenção da família, ou mesmo o desejo de obter realização profissional, as mulheres estão ao longo desta década, segundo o DIEESE[9] (1997), cada vez mais presentes no mercado de trabalho. Apesar de os homens ainda terem uma participação bem mais expressiva no mercado de trabalho (74,5%) que as mulheres (50,2%), de 1989 até 1996, a taxa de participação feminina cresceu 8,9%, enquanto a masculina caiu 3,6%.

No desempenho de atividades econômicas, as mães e (ou) responsáveis do grupo SOS, apresentaram a maior incidência (84,1%) . Podemos supor que este elevado resultado, deve-se também, ao fato deste grupo apresentar um percentual alto no tipo familiar 'Mãe - filho(s) ' (50,8%).

De acordo com o DIEESE (1997), em 1996, a taxa de participação economicamente ativa,de mulheres, que ocupam a posição de chefes de famílias apresentou um crescimento na ordem de 3%, enquanto a relativa aos homens, que se encontram na mesma situação, recuou 1,5 %.

Em contraste, no nosso estudo, cerca de 54% das mães e (ou) responsáveis dos outros dois grupos (Crami e comparativo) estão classificadas como não economicamente ativas. Algumas hipóteses podem ser levantadas: para o grupo Crami, podemos pensar no

fato de sua alta taxa de natalidade e pouca escolaridade. Estes fatores poderiam acarretar na permanência no domicílio para cuidar dos filhos, e das poucas chances de trabalho, devido à baixa qualificação.

Outras situações que podemos supor para os grupos femininos seriam os baixos salários recebidos (Tabela e gráfico 4.1.1.8a.), extensas jornadas de trabalho, informalidade de suas contratações, tipos de ocupações ou instabilidade no trabalho,etc.

Nos grupos de pais e (ou) responsáveis, do sexo masculino, defrontamo-nos com outra realidade. A taxa de não economicamente ativos, principalmente nos grupos Crami (18,2%) e comparativo (13,7%), é relativamente baixa comparada com os representantes do grupo SOS (39,4%). Os homens pertencentes aos grupos não economicamente ativos encontravam-se em várias situações, que podem ser distribuídas desta forma: não conseguiam ou nem procuravam emprego, porque bebiam, ou porque achavam que trabalharam demais e agora seria a vez da mulher e dos filhos; ficavam em casa tomando conta dos filhos; iam jogar cartas ou sinuca nos bares; atribuíam aos problemas orgânicos ou emocionais, a impossibilidade de trabalhar.

Os grupos entrevistados, de ambos os sexos, apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p > 0.05$), quanto ao desempenho ou não de atividades econômicas, na análise realizada pelo teste do χ^2. Estes dados foram semelhantes, em relação a pesquisas realizadas em nível nacional e internacional (GARBARINO & GILIANO, 1980; MEYER, 1988; ASSISa, 1994; MARQUES *et al.*, 1994; CRAMI, 1995; MAPA CENSITÁRIO, 1997), em contraste com outros estudos que afirmam ser o desemprego um dos fatores importantes da violência doméstica contra crianças e adolescentes (PASSOS, 1994; SANTOS, 1995; TANG, 1998) .

[9] DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

TABELA 4.1.1.7a. DESEMPENHO DE ATIVIDADES ECONOMICAS DAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	DESEMPENHO DE ATIVIDADES ECONÔMICAS							
	Economicamente ativa				Não economicamente ativa			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	111	84,1	111	84,1	21	15,9	132	100,0
CRAMI	11	50,0	11	50,0	11	50,0	22	100,0
COMPARATIVO	49	41,2	49	41,2	70	58,8	119	100,0

$\chi^2 = 50.880$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 53.412$ G.L.= 2 p>0.05

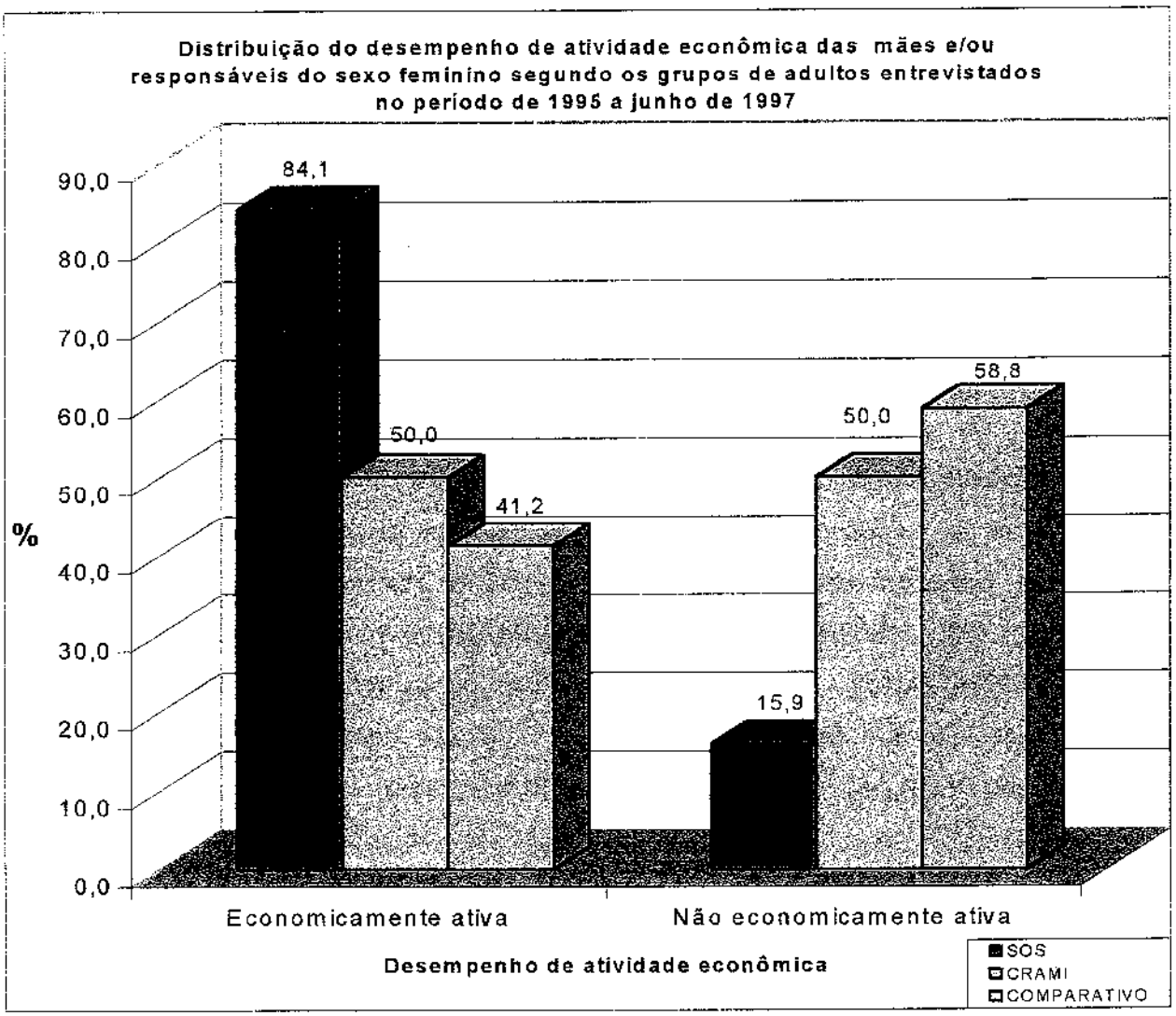


Figura 4.1.1.7a. Representação gráfica do desempenho da atividade econômica das mães e/ou responsáveis do sexo femininode acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.1.7b. DESEMPENHO DE ATIVIDADES ECONOMICAS DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	DESEMPENHO DE ATIVIDADES ECONÔMICAS							
	Economicamente ativo				Não economicamente ativo			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	80	60,6	80	60,6	52	39,4	132	100,0
CRAMI	18	81,8	18	81,8	4	18,2	22	100,0
CONTROLE	101	86,3	101	86,3	16	13,7	117	100,0

$\chi^2 = 21.892$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 22.533$ G.L.= 2 p>0.05

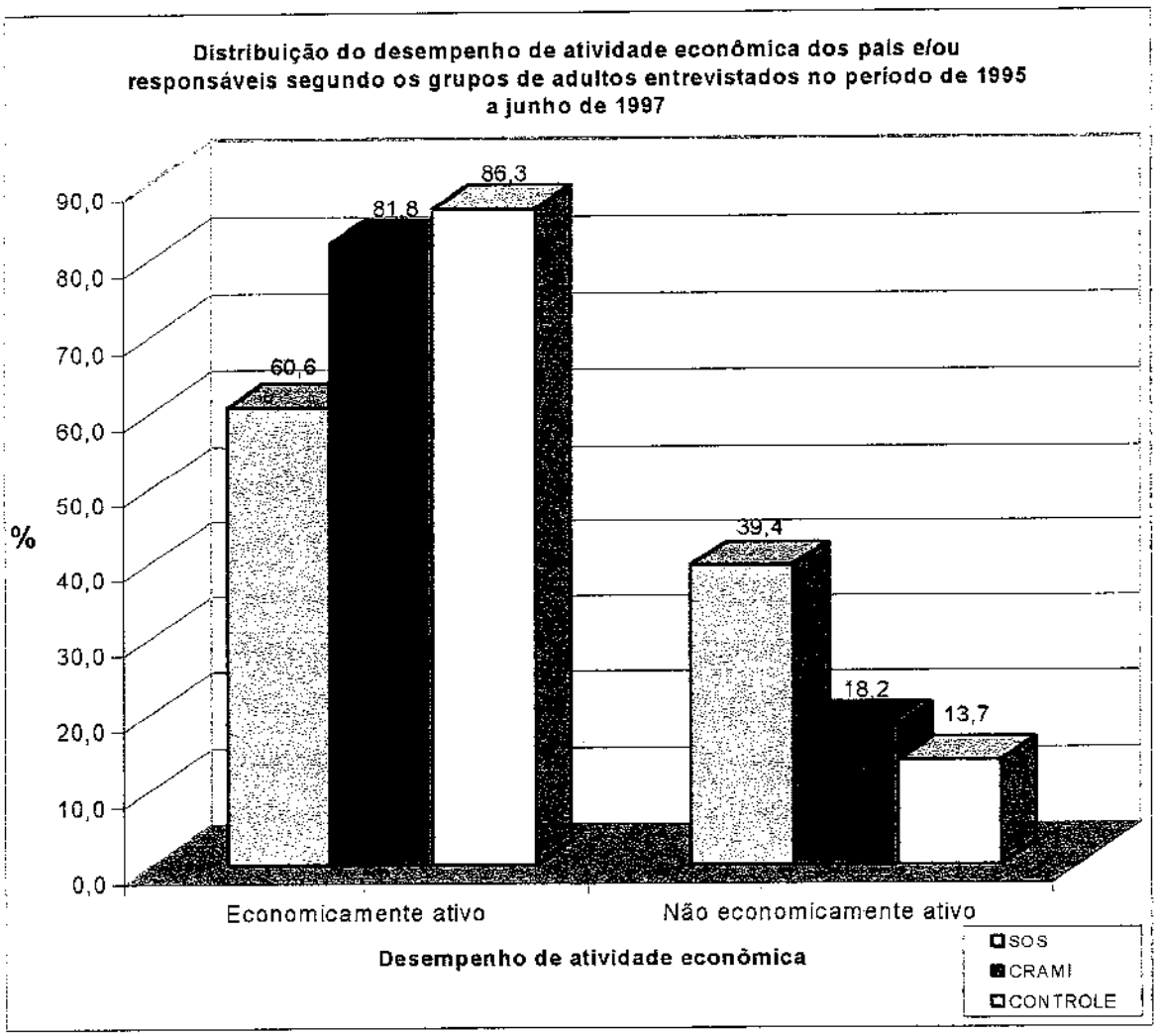


Figura 4.1.1.7b. Representação gráfica do desempenho da atividade econômica dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Ocupação principal (Tabelas e gráficos 4.1.1.8a . e 4.1.1.8b.)

Como ocupação entendeu-se o cargo, função, profissão, etc., quando adotada com ânimo definitivo (IBGE, 1991). Quando exercidas simultaneamente ocupações diferentes, o registro foi da ocupação principal considerada como tal, aquela em que a pessoa se ocupava de maior número de horas semanalmente ou, em caso de igualdade, a que proporcionava maior rendimento.

Os dados referentes às ocupações serão apresentados em grupos e subgrupos de ocupações, cujas composições são (IBGE, 1991):

Ocupações administrativas

Empregadores, diretores e chefes na administração pública e privada; ministros de Estado, governadores, prefeitos, membros do Poder Legislativo e do corpo diplomático; administradores e gerentes de empresas; chefes e encarregados de seção de serviços administrativos de empresa; funções burocráticas ou de escritório

Ocupações técnicas, científicas, artísticas e assemelhadas

Engenheiros, arquitetos e especialistas assemelhados; cupações auxiliares de engenharia e arquitetura; químico, farmacêutico, físicos e especialistas assemelhados; ocupações auxiliares da química, farmácia e física; agrônomos, biólogos, veterinários e especialistas assemelhados; médicos dentistas e especialistas assemelhados; ocupações auxiliares da medicina e odontologia; matemáticos, estatísticos e analistas de sistemas; economistas, contadores e técnicos de administração; ocupações auxiliares da contabilidade, estatística e análise de sistema; cientistas sociais; professores; ocupações auxiliares do ensino; magistrados, advogados e especialistas assemelhados; ocupações auxiliares da justiça; religiosos; escritores e jornalistas; artistas, ocupações afins e auxiliares.; outras ocupações técnicas, científicas e assemelhadas.

Ocupações da agropecuária e da produção extrativa vegetal e animal

Trabalhadores da agropecuária e aquicultura; caçadores e pescadores; trabalhadores florestais

Ocupação de produção extrativa mineral

Mineiros; canteiros e marroeiros; operadores de máquinas de extração e beneficiamento de minérios e pedras; trabalhadores de extração de petróleo e gás; garimpeiros; salineiros; sondadores de poços.

Ocupações das indústrias de transformação e construção civil

Mestres, contramestres e técnicos de indústrias de transformação e construção civil; ocupações das indústrias mecânicas e metalúrgicas; ocupações da indústria têxtil; ocupações da indústria do couro; ocupações da indústria do vestuário; ocupações das indústrias de madeira e móveis; eletricistas; ocupações da indústria da construção civil; ocupações da indústria de alimentação e bebida; ocupações da indústria gráfica; ocupações da indústria de cerâmica e vidro; outras ocupações das indústrias de transformação.

Ocupações do comércio e atividades auxiliares

Lojistas; vendedores ambulantes; vendedores de jornais e revistas; viajantes, representantes e pracistas; outras ocupações do comércio.

Ocupações dos transportes e comunicações

Ocupações do transporte aéreo; ocupações do transporte marítimo, fluvial e lacustre; ocupações dos serviços portuários; ocupações dos transportes ferroviários; ocupações do transporte rodoviário e animal; outras ocupações dos transportes; ocupações das comunicações.

Ocupações da prestação de serviço

Ocupações domésticas remuneradas; ocupações dos serviços de alojamento e alimentação; ocupações dos serviços de higiene pessoal; atletas profissionais e funções afins; porteiros, ascensoristas, vigias e serventes; proprietários nos serviços, conta própria, não classificados anteriormente.

Ocupações da defesa nacional e segurança pública

Oficiais e praças da Forças Armadas; oficiais e praças do Corpo de Bombeiros; delegados e comissários de Polícia; investigadores de Polícia; guardas - civis e inspetores de tráfego; carcereiros e guardas de presídios; datiloscopistas; guardas vigias de organizações particulares.

Outras ocupações, ocupações mal definidas ou não declaradas

Aprendizes; bilheteiros, nos serviços de diversões; bombeiros (exclusive do Corpo de Bombeiro); capatazes; dedetizadores; guardadores de automóveis; guardas sanitários; inspetores e fiscais; jardineiros (exclusive na lavoura); lixeiros; lubrificadores; operadores de tratamento de água; operadores de máquinas; trabalhadores braçais, sem especificação; trabalhadores de conservação de rodovias; babás (exclusive no serviço doméstico); outras ocupações ou ocupações mal definidas;

Sem declaração de ocupação.

Os serviços domésticos absorveram a maior parte da mão-de-obra feminina dos grupos entrevistados (SOS - 56,8%; Crami - 36,4%; comparativo - 22,7%), não só pela demanda existente, como também pelas vantagens paralelas neste trabalho, tais como: flexibilidade de horário, refeições gratuitas e auxílio nas horas de crise. Entre a população feminina, na classificação de prestação de serviços, a grande maioria era de faxineiras e empregadas domésticas.

Os dados para as atividades de comércio e auxiliares nos três grupos foram: SOS (10,6%) e comparativo (7,6%) houve um predomínio de lojistas; e no Crami (4,5%), encontramos uma vendedora ambulante.

As atividades técnicas e científicas não apresentaram dados para o grupo Crami (0, 0 %). Este fato pode ser explicado pela baixa incidência das suas participantes, em níveis escolares mais elevados. Entretanto, nos outros dois grupos (SOS - 12,1%; comparativo - 10,9%) tivemos a distribuição, neste item, de várias ocupações, em que as escolaridades do tipo segundo grau e nível superior eram exigidas. Entre as mais freqüentes ocupações, tivemos como respostas: professora, pedagoga, auxiliar de enfermagem, técnica de contabilidade, secretária, biblioteconomista, nutricionista, analista de recursos humanos, etc.

Notamos no decorrer dos relatos que, para a população feminina do grupo SOS, a perda do emprego representava sempre uma grande ameaça. Isto parecia ocorrer, por ser este grupo o que apresentou maior percentual na classificação da família tipo 'Mãe - filho (s)' (50,8%).

As amostras do sexo feminino apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p > 0.05$), nesta variável, segundo a aplicação do teste do χ^2.

Para os grupos de homens, a ocupação mais freqüentemente mencionada, nos três grupos entrevistados, foi a de trabalhador na construção civil (SOS - 38,6%; Crami - 40,9%; comparativo - 37,8%), com vínculo empregatício e função definida como: mestre de obra, contramestre, servente, pedreiro e armador. Apesar de apresentar os resultados mais altos na distribuição, essas modalidades de emprego são altamente instáveis, uma vez que, o trabalho dura, enquanto a obra estiver sendo executada, o que proporciona uma fonte de renda descontínua.

Um outro setor que obteve certa expressão, em dois grupos, foi o comércio e atividades auxiliares (SOS - 18,2%; e comparativo - 9,2%), cujo maior número de ocupações esteve concentrada no comércio varejista . As ocupações administrativas no grupo Crami tiveram destaque (9,1%), sendo estas representadas por funções burocráticas no Serviço Público. Por outro lado, entre as funções técnicas, científicas, artísticas e assemelhadas no grupo SOS (3,8%) e comparativo (8,4%) destacaram-se a advocacia, análise de sistemas de computação, economia, zootecnia .

As atividades de defesa nacional e segurança pública (SOS - 10,6%; Crami - 4,5%; comparativo - 8,4%), na sua maioria, foram representadas por ocupações do tipo guarda - vigia,de organizações particulares. O setor de transportes e comunicações (SOS - 15,9%; Crami - 4,5%; comparativo - 22,7%) teve nas ocupações de motorista de ônibus e trocadores, sua total freqüência. Na prestação de serviços (SOS - 8,3%; Crami - 0,0%; comparativo - 5,9%) encontramos como ocupações de destaque: porteiros, serventes e vigias.

Os grupos do sexo masculino apresentaram, em suas respostas, diferenças significativas, estatisticamente ($p > 0.05$), no que diz respeito aos tipos de ocupações profissionais, quanto ao teste do χ^2.

Tanto na distribuição feminina, quanto na masculina, no item ' Sem ocupação', observamos incidência alta, nos grupos Crami (59,1%) e comparativo (56,3%), no sexo feminino; e no grupo Crami (40,9%), para o sexo masculino. Isto veio demonstrar que, grande parte da população destas amostras entrevistadas, sobrevivia por meio de trabalhos informais, sem vínculo empregatício. Em geral, acumulavam dois empregos, faziam 'bicos' nos finais de semana, com o objetivo de aumentar a renda familiar.

Estes fatores demonstraram, na nossa pesquisa, que a ocupação ou a sua falta não foram elementos determinantes para o aparecimento da violência doméstica notificada contra a criança e o adolescente. Assim, houve uma proporção bem próxima do grupo comparativo (56,3%) ao grupo Crami (59,1%), de pessoas 'sem ocupação' e este fator não foi preponderante na presença da violência, como afirmam alguns estudos (PASSOS, 1994; TANG, 1998) . Da mesma forma, a ocupação do grupo SOS (90,8%) não pôde confirmar, neste estudo, que as mães e (ou) responsáveis, que exercem uma atividade, têm maiores probabilidades de exercer uma autoridade violenta, em relação aos seus filhos, segundo afirma ASSIS (1994c), em seu trabalho.

TABELA 4.1.1.8b. OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO NOS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTAD	OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS																											
	Indústria de transformação e construção civil				Comércio e atvidades auxiliares				Técnicas , científicas , artísticas e assemelhadas				Prestação de serviços				Administrativas				Defesa nacional e segurança pública				Transportes e comunicações				Sem ocupação			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	51	38,6	51	38,6	24	18,2	75	56,8	5	3,8	80	60,6	11	8,3	91	68,9	4	3,0	95	71,9	14	10,6	109	82,5	21	15,9	130	98,4	2	1,5	132	100,0
CRAMI	9	40,9	9	40,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	9,1	11	50,0	1	4,5	12	54,5	1	4,5	13	59,0	9	40,9	22	100,0
OMPARATIV	45	37,8	45	37,8	11	9,2	56	47,0	10	8,4	66	55,4	7	5,9	73	61,3	2	1,7	75	63,0	10	8,4	85	71,4	27	22,7	112	94,1	7	5,9	119	100,0

$\chi^2 = 65.823$ G.L.= 14 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 51.737$ G.L.= 14 $p>0.05$

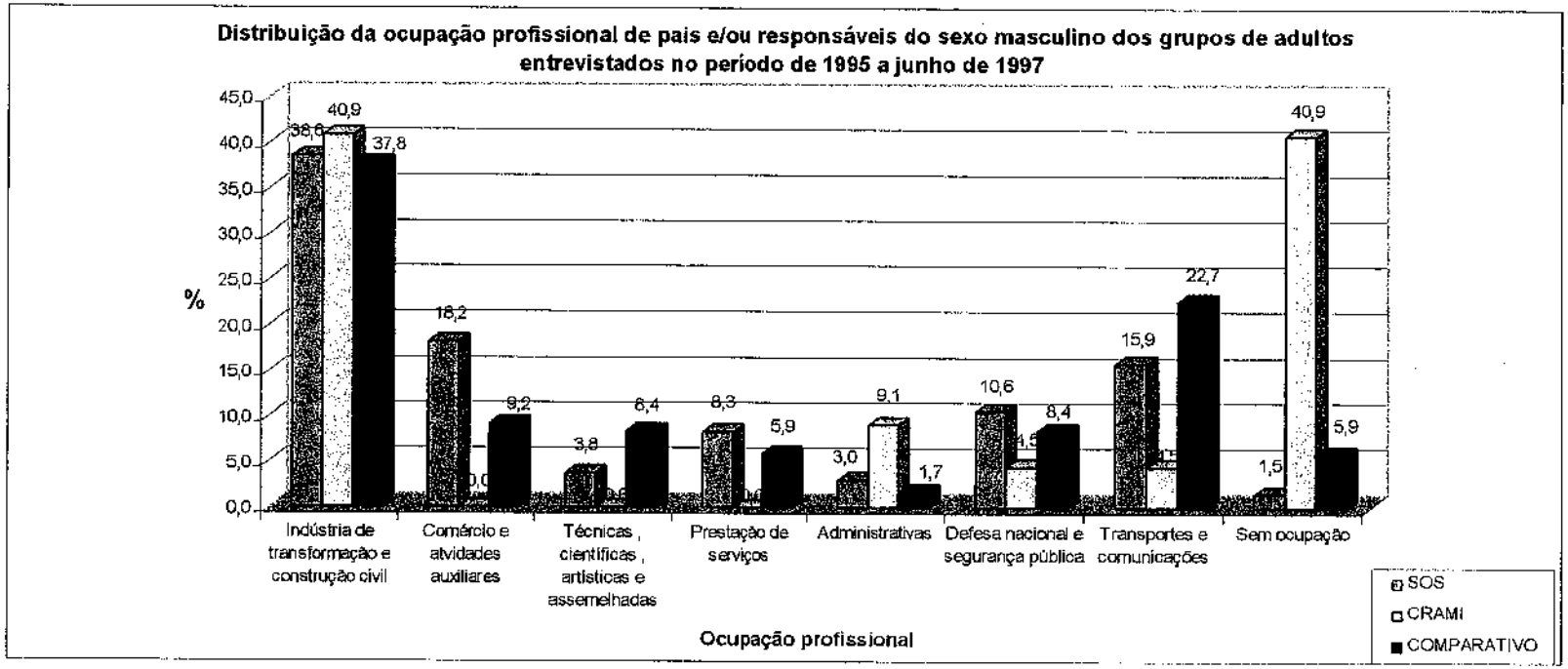


Figura 4.1.1.8b. Representação gráfica das ocupações profissionais dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.1.8b. OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO NOS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS	OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS																											
DE	Indústria de transformação e construção civil				Comércio e atividades auxiliares				Técnicas , científicas , artísticas e assemelhadas				Prestação de serviços				Administrativas				Defesa nacional e segurança pública				Transportes e comunicações				Sem ocupação			
NTREVISTADO	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	51	38,6	51	38,6	24	18,2	75	56,8	5	3,8	80	60,6	11	8,3	91	68,9	4	3,0	95	71,9	14	10,6	109	82,6	21	15,9	130	98,4	2	1,5	132	100,0
CRAMI	9	40,9	9	40,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	9,1	11	50,0	1	4,5	12	54,5	1	4,5	13	59,0	9	40,9	22	100,0
COMPARATIVO	45	37,8	45	37,8	11	9,2	56	47,0	10	8,4	66	55,4	7	5,9	73	61,3	2	1,7	75	63,0	10	8,4	85	71,4	27	22,7	112	94,1	7	5,9	119	100,0

$\chi^2 = 65.823$ G.L.= 14 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 51.737$ G.L.= 14 p>0.05

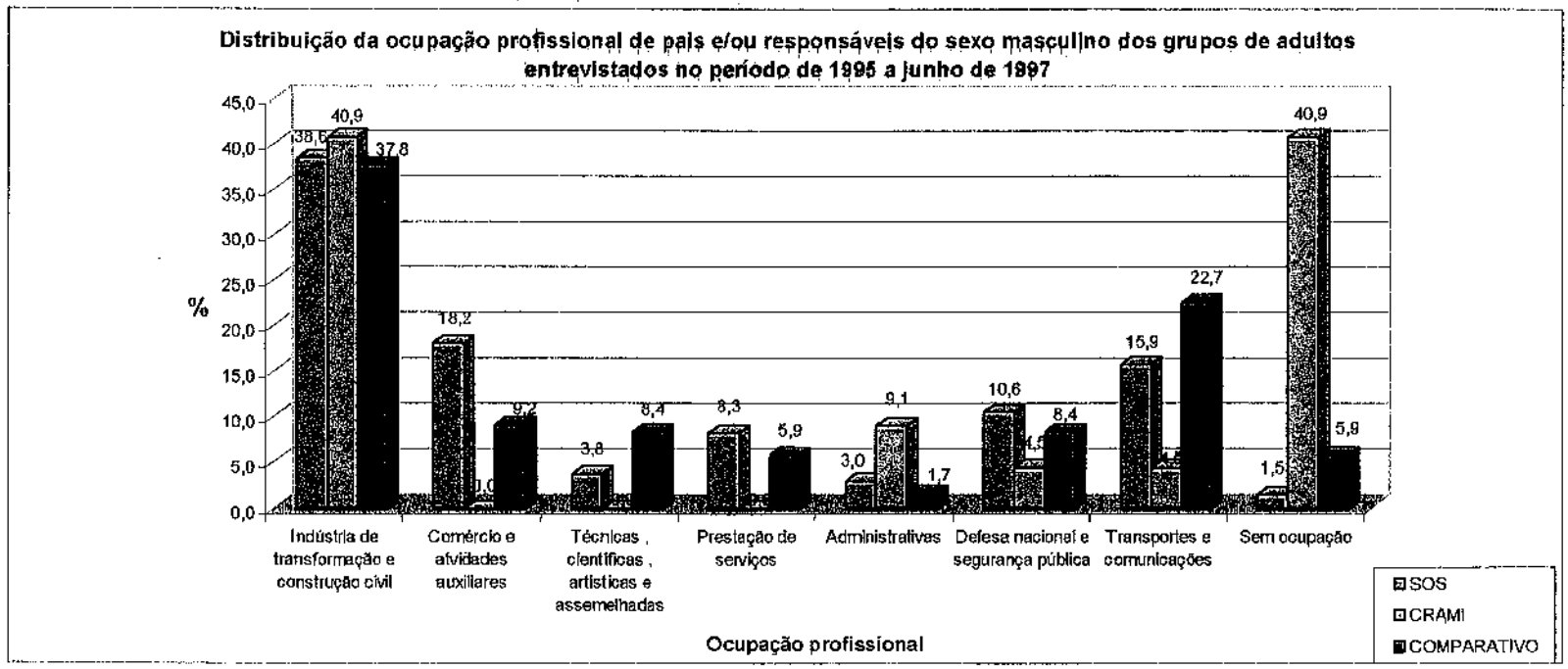


Figura 4.1.1.8b. Representação gráfica das ocupações profissionais dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Rendimento mensal familiar (Tabela e gráfico 4.1.1.9.)

Considerou-se como rendimento familiar mensal a soma do rendimento mensal de trabalho de cada membro da família[10] com o rendimento proveniente de outras fontes de cada membro da família, expressos em unidades de salário mínimo vigente na época da pesquisa (R$ 112,00). Os dados na tabela são demonstrados em intervalos qüinqüenais.

A renda mensal média da população pesquisada ficou em torno de 1 a 5 salários mínimos (SOS - 54,5%; Crami - 63,6%; comparativo - 53,8%), que parece ser compatível com as ocupações profissionais exercidas pelos grupos e os níveis de escolaridade de maior representatividade.

Observamos um percentual mais elevado nos dois grupos, SOS (22,7%) e comparativo (25,2%), na faixa salarial acima de 10 salários mínimos, revelando uma melhora substancial nos padrões de vida destas pessoas.

Os resultados apresentados pelos três grupos entrevistados foram semelhantes, estatisticamente ($p < 0.05$), de acordo com o teste do χ^2. A renda mensal ficou entre 1 e 5 salários mínimos, para os três grupos entrevistados. Ela foi compatível com as ocupações profissionais e os níveis de escolaridade, de maior representatividade.

Cerca de 20% da população do Crami entrevistada usavam os serviços assistenciais (creches, postos de saúde) e recebiam auxílio da Prefeitura (cesta básica, programa de renda familiar mínima e outros benefícios) para complementarem os seus orçamentos.

No grupo SOS, a renda familiar aumentava substancialmente, em alguns casos, pelas pensões alimentícias recebidas para as crianças e adolescentes. Encontramos, na grande maioria dos entrevistados, as mesmas dificuldades socioeconômicas comuns, determinadas pela situação crítica do país. Se levarmos em consideração que um alto percentual destas famílias tem entre dois e quatro filhos, observamos que a renda *per capita* é baixa.

[10] Neste item, considerou-se como família o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco que residissem na mesma unidade domiciliar.

O critério de renda foi pouco explicativo na situação de violência doméstica, em nosso trabalho. Em contraste com pesquisas que afirmam haver uma correlação entre a pobreza e a violência contra a criança e o adolescente (CASTILLO *et al.*,, 1988; SANTOS, 1995; YOUSSEF, *et al.*, 1998; KOTCH *et al.*, 1999).

A situação educacional da população entrevistada foi compatível com a situação socioeconômica, prevalecendo os níveis de baixa instrução (primeiro grau incompleto) em todos os grupos. Isto nos leva a supor que estes fatores, em nossa pesquisa, não foram determinantes para a violência doméstica contra as crianças e os adolescentes. Outros trabalhos científicos partilham destas afirmações (MEYER, 1988; MARQUES et al. 1994; CENTRO REGIONAL DE ATENDIMENTO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, 1995; MATTEOS, 1995; PASSETTI, 1995; TANG, 1998).

TABELA 4.1.1.9. RENDA FAMILIAR DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	RENDA FAMILIAR											
	1 a 5 salários mínimos				6 a 10 salários mínimos				Acima de 10 salários mínimos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	72	54,5	72	54,5	30	22,7	102	77,2	30	22,7	132	100,0
CRAMI	14	63,6	14	63,6	7	31,8	21	95,4	1	4,5	22	100,0
COMPARATIVO	64	53,8	64	53,8	25	21,0	89	74,8	30	25,2	119	100,0

$\chi^2 = 4.856$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 6.265$ G.L.= 4 $p<0.05$

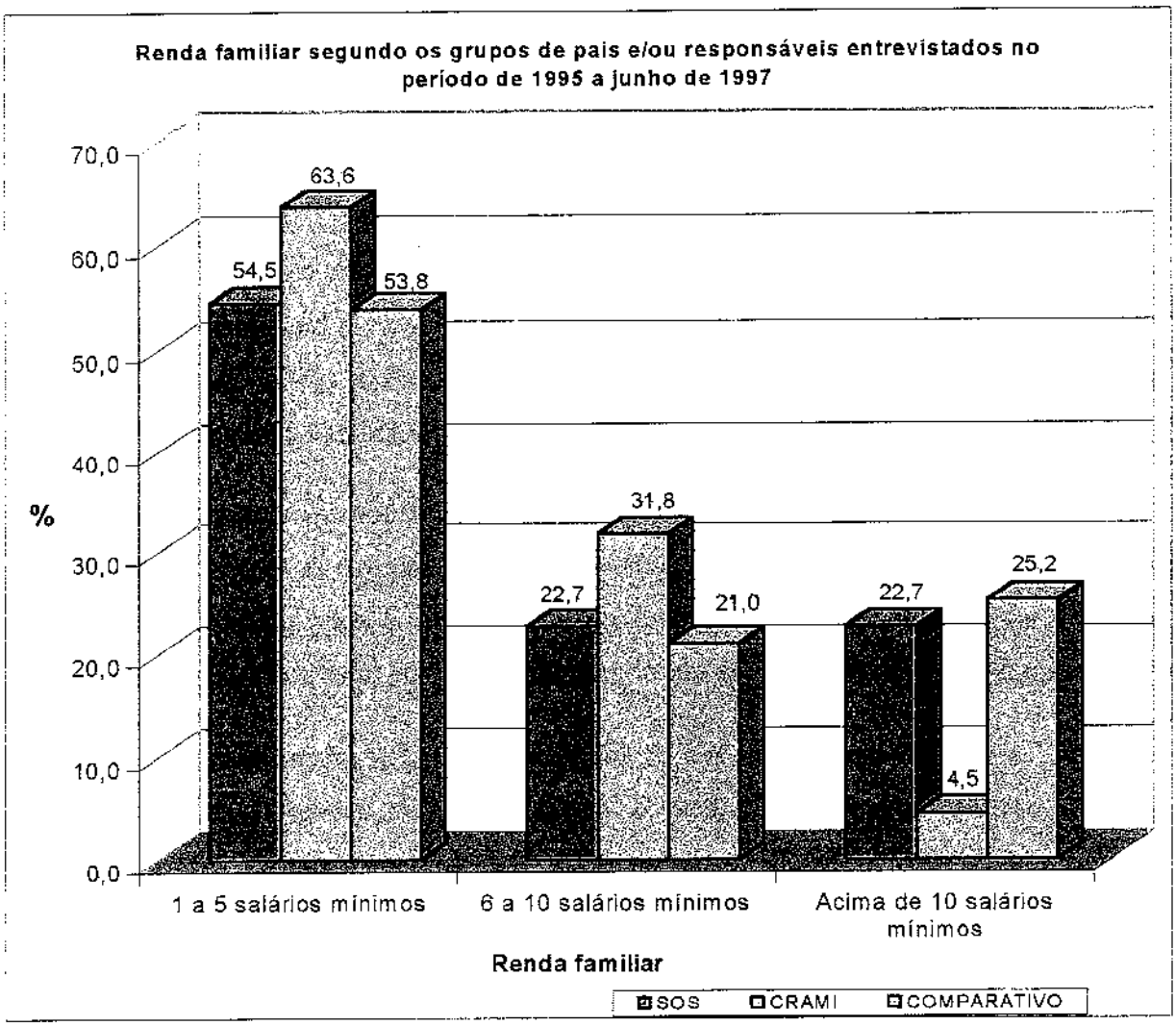


Figura 4.1.1.9. Representação gráfica da renda familiar de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Sustento do lar (Tabela e gráfico 4.1.1.10.)

Na maioria destas famílias, o valor dado ao trabalho situa-se no seu fim: prover a família. Segundo SARTI (1995), o trabalho é o instrumento que viabiliza a vida familiar. O sentido de trabalho para a família contribui para a valorização do trabalho doméstico, para a mulher, e da atividade masculina de provedor. Pela desqualificação profissional e baixos salários, essas pessoas tendem a acentuar mais esses papéis.

Quando o casal trabalha, mas o sustento do lar é provido pelo homem, o destino dos salários apresenta diferentes expectativas: o homem provê as necessidades básicas e permanentes - teto e alimentação; e a mulher, o extra - o conserto que precisa ser feito, levantar mais um cômodo porque a família cresceu, comprar um móvel,etc.

Isso significa que o homem deve cumprir a sua parte, o que muitas vezes não acontece, como foi observado em algumas famílias nos três grupos entrevistados, que eram sustentadas por mulheres mas, chefiadas por homens, segundo o modelo patriarcal [1]. Por mais paradoxal que possa parecer, historicamente, a mulher pobre sempre trabalhou remuneradamente mas, a lógica do seu trabalho inscreve-se na lógica do patriarcado.

No grupo SOS , encontramos uma incidência maior nas mulheres sustentando os seus lares (47,7%), que se agrega, na maioria dos casos, ao tipo de família predominante neste que é 'Mãe - filho (s)' (Tabela e gráfico 4.1.1.1.). Mesmo nos grupos em que não há o predomínio do sustento feminino no lar, observamos que estas proporções são altas.

Isso vem demonstrar que as mulheres, em todas as camadas sociais, estão entrando nos setores profissionais mas, o recorte por gênero, ainda é o dominante. Para BRUSCHINI (1990), há ainda uma tendência das mulheres para as profissões ditas femininas e uma certa manutenção neste padrão, mesmo com a significativa incorporação da mulher no mercado de trabalho, em geral.

Em virtude do elevado percentual de famílias chefiadas por mulheres, sendo na sua maioria, também, as provedoras do lar, vamos encontrar uma inevitável constatação:

[1] Família patriarcal - regime em que o chefe da família ou patriarca tem poder absoluto em sua casa. (MICHAELIS, 1998)

estas famílias são mais pobres. Apesar desta realidade caminhar lentamente para uma mudança mais favorável para as mulheres, ainda é evidente esta situação.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo IBGE, em 1991, *a pobreza feminina e sua pior remuneração em relação ao homem não escolhe lugar*. Na área urbana, enquanto um homem ganha em média 6 salários mínimos, uma mulher ganha 3,4. Na área rural, o homem ganha exatamente o dobro da mulher: 1,8 contra 0,9. Na Grande São Paulo, onde a renda masculina é de 8,4 salários mínimos, uma das mais altas do país, as mulheres ganham apenas 5 salários mínimos.

Segundo dados do DIEESE (1997),esta situação teve pouca alteração. O rendimento médio das mulheres, em 1996, correspondia a 60% do obtido pelos homens. Essas diferenças de rendimentos entre as mulheres e os homens verificam-se em todos os setores da atividade econômica, por posição na ocupação e, inclusive, em grupos de ocupações semelhantes.

As amostras apresentaram resultados estatisticamente diferentes ($p > 0.05$), ao aplicarmos o teste do χ^2. O sustento do lar variou segundo o grupo entrevistado ($p > 0.05$). Naqueles em que predominava o modelo familiar – 'pai / mãe / filho(s)', Crami (31,8%) e comparativo (53,8%), o pai teve maior expressividade. O grupo SOS, com predomínio do modelo 'mãe – filho(s)', teve a mãe como a principal mantenedora da família (47,7%).

TABELA 4.1.1.10. SUSTENTO DO LAR DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SUSTENTO DO LAR																							
	Pai				Mãe				Pai e Mãe				Padrasto				Mãe e Filho(s)				Outros			
	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.;	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.
SOS	17	12,9	17	12,9	63	47,7	80	60,6	43	32,6	123	93,2	2	1,5	125	94,7	7	5,3	132	100,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	7	31,8	7	31,8	4	18,2	11	50,0	6	27,3	17	77,3	3	13,6	20	90,9	2	9,1	22	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	64	53,8	64	53,8	21	17,6	85	71,4	31	26,1	116	97,5	2	1,7	118	99,2	0	0,0	0	0,0	1	0,8	119	100,0

$\chi^2 = 72.975$ G.L.= 10 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 73.263$ G.L.= 10 p>0.05

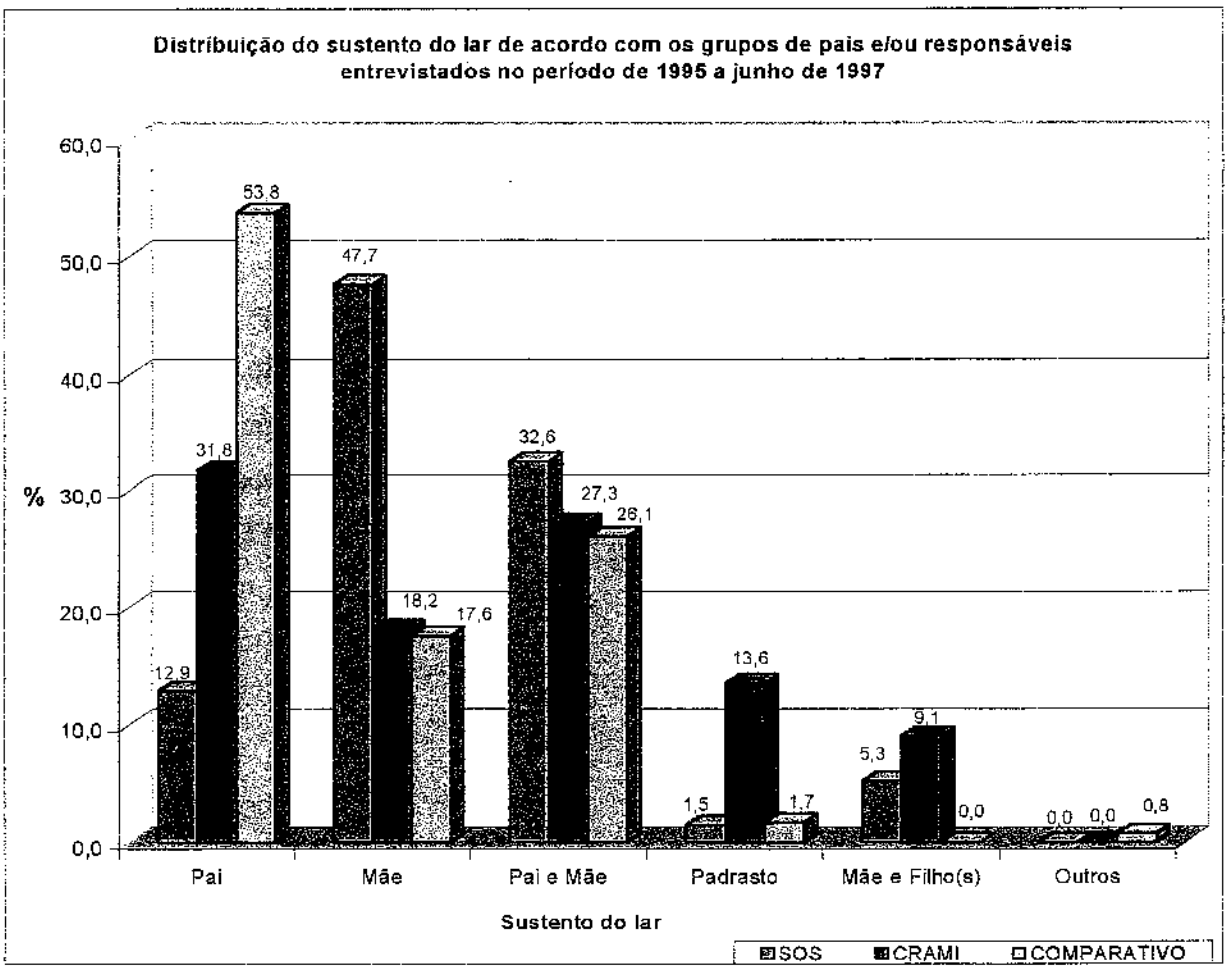


Figura 4.1.1.10. Representação gráfica do sustento do lar de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Número de moradores por domicílios (Tabela e gráfico 4.1.1.11.)

A análise estatística, pelo χ^2, revelou diferenças significativas entre as respostas das amostras ($p > 0.05$), quanto à variável população moradora no domicílio.

Vamos encontrar, nos grupos SOS (43,2%) e comparativo (35,3%) , maior concentração de respostas para 4 pessoas. Estas famílias, como foi possível observar, eram menores do que no grupo Crami (59,1%), cuja freqüência maior foi de 6 a 10 pessoas por domicílio. Neste caso, não foi possível concordar com os estudos de PASSOS (1994) e YOUSSEF *et al.*, (1998), que afirmam ocorrer nas habitações superlotadas, maior índice de violência contra a criança e o adolescente.

Nesta distribuição, percebemos que, apesar dos dados anteriores (tipos de famílias) apresentarem resultados relativamente expressivos, nas famílias do tipo ' mãe - filho(s)', principalmente no grupo SOS, quando observamos o número de moradores por domicílio, esses dados parecem ser contraditórios (dois moradores – 0,0%; três moradores – 8,3%).

A realidade com a qual nos deparamos nestas famílias é interessante. Muitas mulheres que vivem com seus filhos não conseguem mantê-los em virtude dos baixos salários, ou com a pensão do ex - marido, quando esta existe. Sendo assim, elas recorrem a várias situações: vão morar na casa dos pais, onde mantém um quarto separado ,ou fora da casa, mobiliado para ela e sua família. Pagam um aluguel bem mais baixo do que em qualquer outro lugar, para os seus pais. Mantêm uma vida independente e fazem questão de afirmar: *Minha família, sou eu e meus filhos.*

Outra situação que ocorreu, com certa freqüência, foram os irmãos ou irmãs que se separavam e iam morar com as famílias entrevistadas por algum tempo. Parentes vindos de outros Estados também foram encontrados nestas amostras. A rivalidade entre consangüíneos e afins, embora algumas vezes exista, não impede a solidariedade nestas situações.

Segundo SARTI (1995), a obrigação moral da reciprocidade pode ser expressa por meio da solidariedade entre consangüíneos. A ambigüidade das relações consangüíneas pode ser revelada nos planos de ascensão social, implicando na quebra das relações familiares recíprocas. Nestes casos, a rede familiar mais ampla torna-se 'um peso '.

TABELA 4.1.1.11. NÚMERO DE PESSOAS QUE MORAM NOS DOMICÍLIOS DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	NÚMERO DE PESSOAS																			
	Duas				Três				Quatro				Cinco				Seis a dez			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	11	8,3	11	8,3	57	43,2	68	51,5	38	28,8	106	80,3	26	19,7	132	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	22,7	5	22,7	4	18,2	9	40,9	13	59,1	22	100,0
COMPARATIVO	4	3,4	4	3,4	17	14,3	21	17,7	42	35,3	63	53,0	37	31,1	100	84,1	19	16,0	119	100,0

$\chi^2 = 29.911$ G.L.= 8 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 29.056$ G.L.= 8 p>0.05

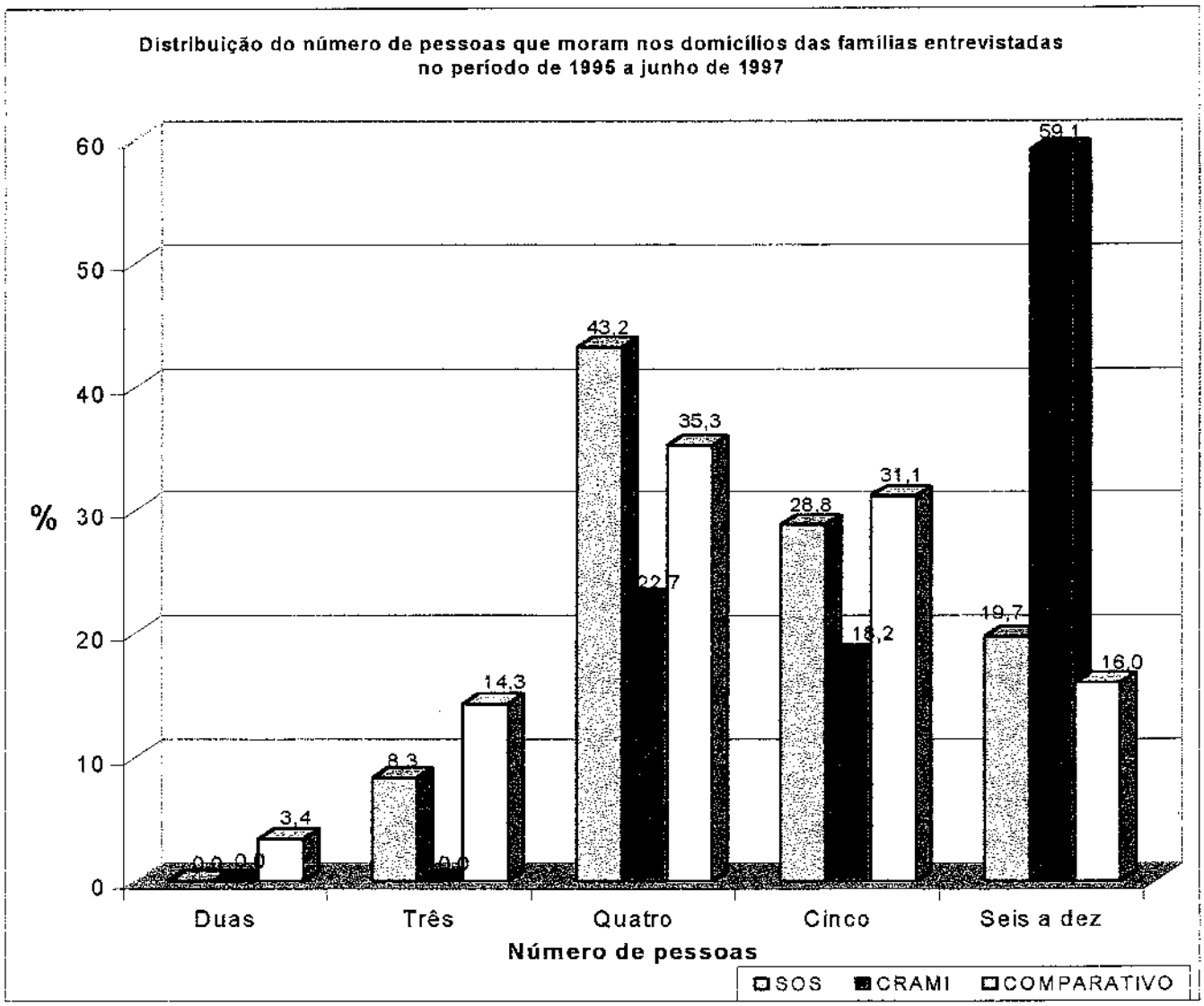


Figura 4.1.1.11. Representação gráfica do número de pessoas que moram nos domicílios das famílias entrevistadas no período de 1995 a junho de 1997

Mudança de casa (Tabelas e gráficos 4.1.1.12a. e 4.1.1.12b.)

Os movimentos migratórios impostos pelas sociedades modernas industriais têm importantes efeitos sobre o equilíbrio familiar, a inserção social deste núcleo familiar e sua repercussão sobre cada um dos membros.

A criança, pela própria fragilidade, dependência em relação aos pais, pela socialização em curso e também no processo de escolarização, encontra-se atingida por esta situação.

Além das profundas mudanças nas condições de vida, acrescenta-se a ruptura com uma parte da família, em geral os avós, e uma ruptura com os colegas de colégio e amigos do bairro.

A vida se passa, na maioria das famílias entrevistadas, no exterior da casa, em estreito contato com os outros habitantes do terreno e da vizinhança, em conversas no muro e no portão e 'peladas' de futebol na rua.

Quanto à mudança ou não de domicílio, a análise estatística dos resultados obtidos, pelo χ^2, demonstrou que as amostras eram diferentes ($p > 0.05$) (Tabela e gráfico 4.1.1.12 a.). Quanto ao número de mudanças domiciliares, as amostras apresentaram semelhanças entre elas ($p < 0.05$) (Tabela e gráfico 4.1.1.12b.), de acordo com o teste do χ^2.

Nos grupos SOS (50,0%) e comparativo (54,4%), a freqüência de 4 vezes ou mais ficou próxima de 50,0%. O Crami apresentou maiores resultados, na freqüência duas vezes e quatro vezes ou mais (35,3%).

A mais elevada instabilidade domiciliar ficou com o grupo SOS (50,0%) e comparativo (54,4%). Este fato, no caso do grupo SOS, pode ser explicado pela freqüência alta de mães e (ou) responsáveis, chefes de famílias, que tiveram menores chances no mercado de trabalho e baixos salários. Elas têm maior dificuldade de permanecer em um domicílio, principalmente, por questões financeiras.

As freqüências das mudanças de domicílios nas famílias entrevistadas ocorriam, tanto de um bairro para outro, como interestaduais. As justificativas mais apresentadas para essa situação foram a busca de emprego, mudança do terreno dos pais e melhoria nas condições econômicas. Nos casos das famílias menos favorecidas, a retomada do terreno, pelo proprietário ou pela Prefeitura.

As crianças e adolescentes entrevistados, que apresentavam alta incidência de mudanças de domicílios, eram os que mais reclamavam deste fato. Uma das crianças do grupo comparativo, entrevistada, estava tão abalada com a situação que não queria sair de casa. Ela havia sofrido duas perdas: os amigos do antigo bairro e os avós maternos. Ela expressava o seu aborrecimento dizendo: *Não quero ir para a escola nova, não quero sair de casa, porque aqui todo mundo é chato. Quero voltar para minha casa.*

Algumas mães, crianças e adolescentes, também se referiam aos problemas escolares, que surgiram após as mudanças, muitas vezes, em virtude da diferença no método do ensino; outras, por falta de adaptação ao ambiente escolar. Não foi pouco freqüente nas famílias que mudaram de domicílio, mas que continuaram próximas ao anterior, as mulheres comentarem que, quando podiam, iam conversar com as amigas do antigo bairro e aproveitavam para levar as crianças para brincar.

Por meio da avaliação destas variáveis, que podemos considerar serem fatores de risco sociais, percebemos que a miséria socioeconômica, a migração e a falta de recursos educacionais não foram fatores preponderantes para o uso da violência doméstica contra crianças e adolescentes.

TABELA 4.1.1.12a. MUDANÇA DE DOMICÍLIO DA FAMÍLIA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MUDANÇA DE DOMICÍLIO							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	120	90,9	120	90,9	12	9,1	132	100,0
CRAMI	17	77,3	17	77,3	5	22,7	22	100,0
COMPARATIVO	90	75,6	90	75,6	29	24,4	119	100,0

$\chi^2 = 11.017$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 11.441$ G.L.= 2 $p \geq 0.05$

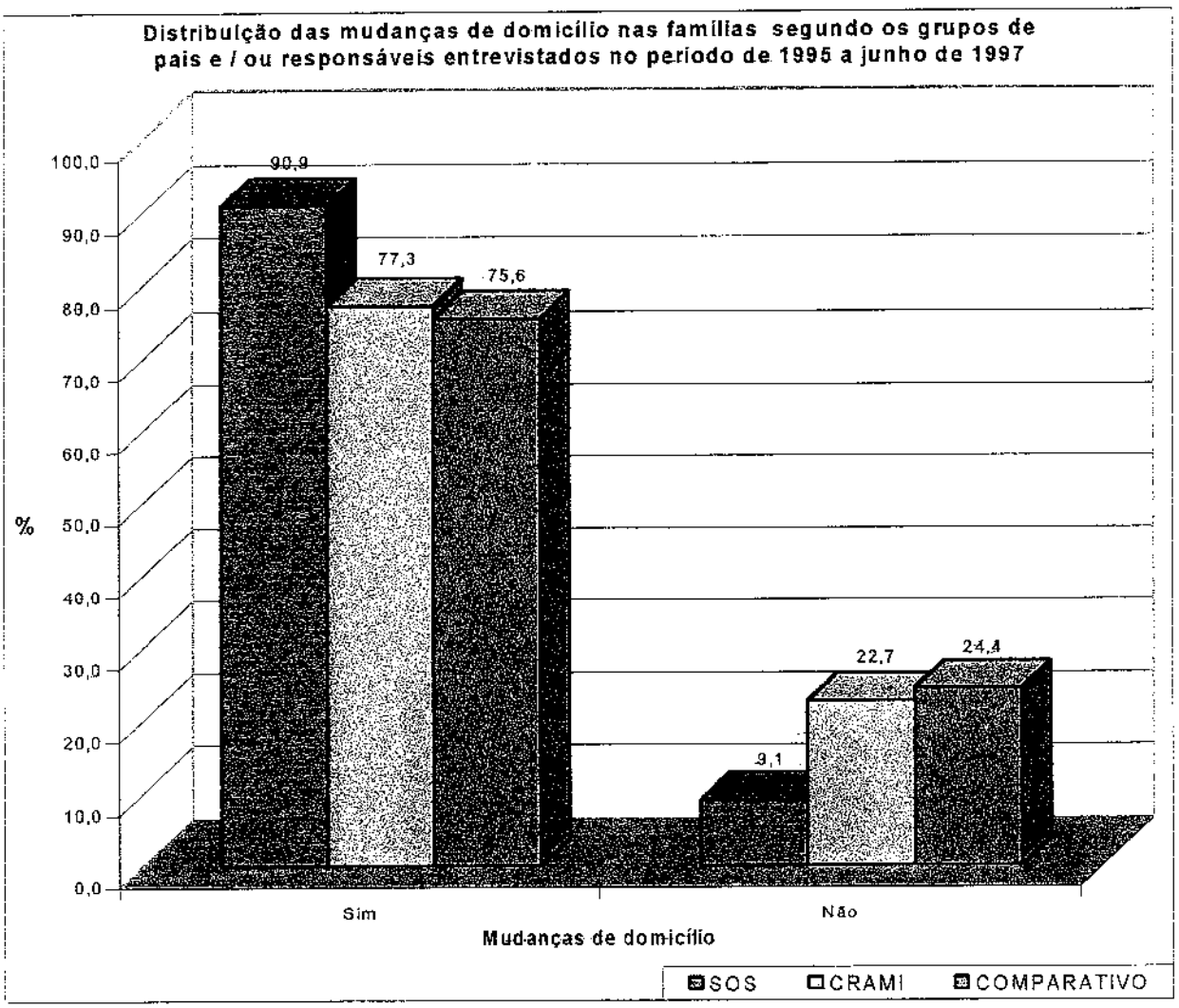


Figura 4.1.1.12a. Representação gráfica das mudanças de domicílio da família de acordo com os grupos de pais e /ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.1.12b. FREQÜÊNCIA NA MUDANÇA DE DOMICÍLIO DA FAMÍLIA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MUDANÇA DE DOMICÍLIO															
	Uma vez				Duas vezes				Três vezes				Quatro vezes ou mais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	24	20,0	24	20,0	15	12,5	39	32,5	21	17,5	60	50,0	60	50,0	120	100,0
CRAMI	1	5,9	1	5,9	6	35,3	7	41,2	4	23,5	11	64,7	6	35,3	17	100,0
COMPARATIVO	11	12,2	11	12,2	15	16,7	26	28,9	15	16,7	41	45,6	49	54,4	90	100,0

$\chi^2 = 9.496$ G.L.= 6 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 8.870$ G.L.= 6 $p<0.05$

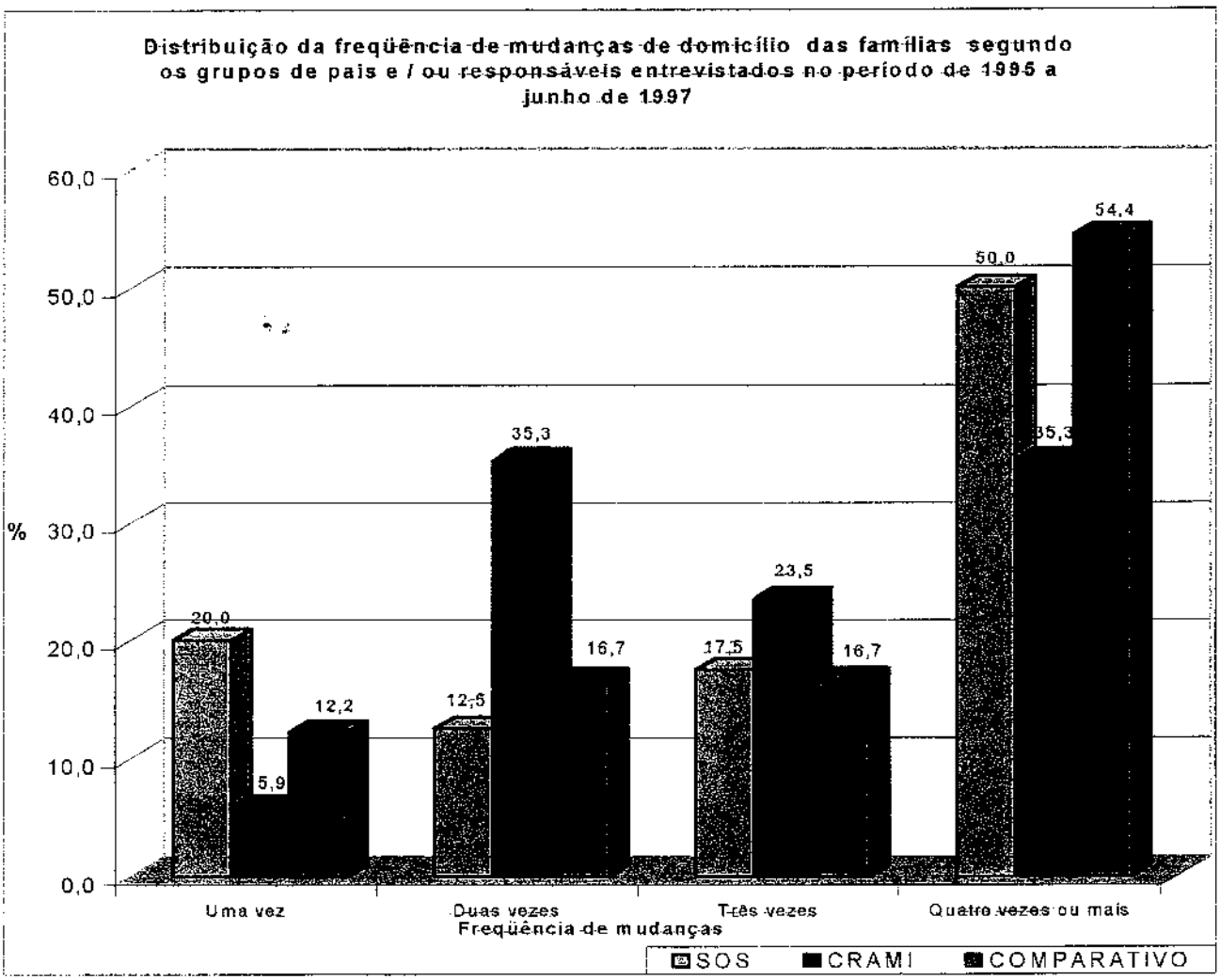


Figura 4.1.1.12b. Representação gráfica da freqüência de mudanças de domicílio da família de acordo com os grupos de pais e /ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

4.1.2. História da criança e do adolescente relatada pelos pais e/ou responsáveis entrevistados (gestação, parto, desenvolvimento da conduta, amamentação, desenvolvimento motor, manipulação e hábitos, socialização, sexualidade, escolaridade e doenças)

Gravidez (Tabelas e gráficos 4.1.2.1a . , 4.1.2.1b. e 4.1.2.1c.)

A maternidade é um momento existencial extremamente importante no ciclo vital feminino[1] que pode dar à mulher a oportunidade de atingir novos níveis de integração e desenvolvimento da personalidade. Segundo MALDONADO (1980) , durante a gravidez é que se inicia a formação do vínculo materno filial e a reestruturação da rede de intercomunicação da família. As mudanças fundamentais que ocorrem na gravidez não são apenas psicológicas ou bioquímicas , mas também, ligadas aos fatores socioeconômicos .

O fato de ter um filho acarreta conseqüências bastante significativas. Ocorre um aumento da tensão e uma intensificação da regressão [2] e da ambivalência [3], a partir de privações reais , sejam afetivas ou econômicas. A preocupação com o futuro , para MALDONADO (1980) , pode aumentar as necessidades da gestante e intensificar as suas frustrações , gerando , por conseqüência, raiva e ressentimentos que a impede de encontrar gratificação na gravidez.

É importante ressaltar que as atitudes dos homens em relação às mulheres grávidas contribuem , também, para a aceitação ou rejeição da gravidez e para a maneira como as mulheres vão vivenciar uma série de modificações como, por exemplo, as alterações corporais.

As distribuições foram realizadas segundo o desejo (Tabela e gráfico 4.1.2.1a.), planejamento (Tabela e gráfico 4.1.2.1b.) e atendimento na gestação (Tabela e gráfico 4.1.2.1c.) dos grupos de mães e (ou) responsáveis entrevistadas. Quanto ao desejo de terem filhos, notamos uma alta incidência, nos três grupos , do desejo de ser mãe. O grupo Crami foi o que apresentou na variável 'Não desejada', a mais alta percentagem (34,6%). Podemos

[1] Ciclo vital feminino - apresenta três períodos críticos : a adolescência, a gravidez e o climatério (MALDONADO , 1980).
[2] Regressão - adoção por uma pessoa de comportamentos menos desenvolvidos que os normais em sua idade (MICHAELIS , 1998) .
[3] Ambivalência - atitude que oscila entre valores diferentes e, às vezes antagônicos (MICHAELIS, 1998) .

observar adiante, na tabela e gráfico 4.1.2.3., sobre Aborto , que este grupo também apresenta a variável 'Provocado ', em maior proporção do que os outros grupos (20,0%) .

Nas entrevistas , as mulheres relataram que, pelo fato de já terem vários filhos, não tinham condições de criar mais um. Algumas gestações , apesar de não desejadas, foram planejadas , em função do desejo dos maridos de terem filhos. Segundo MALDONADO (1980) , há sempre uma oscilação entre desejar e não desejar um filho. Não existe uma gravidez totalmente aceita, ou totalmente rejeitada. Mesmo quando ocorre a predominância de um dos sentimentos , o sentimento oposto jamais está ausente.

A partir destas considerações , optamos por considerar 'Não desejada' , apenas aquelas afirmações que traduziam um completo constrangimento, incômodo e rejeição verbalizada da situação. Diferenciamos estas respostas daquelas que afirmavam , por exemplo: *No começo , eu não queria de jeito nenhum mas, depois me acostumei* (Caso 19 – Crami) . *Aceitei a gravidez, o que é que eu podia fazer ?* (Caso 92 – SOS Ação Mulher e Família) . Consideramos estas respostas 'Desejada', baseados nos pressupostos de MALDONADO (1980) , sobre a oscilação entre o 'Desejar' e o 'Não desejar' .

Os resultados obtidos, na Tabela e gráfico 4.1.2.1a. , não apresentaram diferenças estatísticas ($p < 0.05$), entre as respostas dos grupos entrevistados, ao aplicarmos o teste do χ^2.

É importante observar que ocorreu uma alta incidência , nas gestações 'Não planejadas', em todos os grupos (SOS – 67,6%; Crami – 57,7%; comparativo – 63,0%). Nesta situação , Tabela e gráfico 4.1.2.1b. , também, foram obtidos resultados estatisticamente semelhantes ($p < 0.05$) , utilizando o mesmo teste para a avaliação (χ^2).

A percepção que tivemos é a de que , em alguns casos , a gravidez ocorreu em precárias condições de vida e pela falta de esclarecimento, sem esquecermos de uma certa irresponsabilidade pessoal e situações intencionais , em outros casos. Uma das entrevistadas , ao responder a esta pergunta comentou : *Olha dona, pobre não planeja nada . Vai tendo filho e botando no mundo* (Caso 21 – Crami) .

Apesar da falta de planejamento, os cuidados físicos em relação à gestação foram tomados. Uma alta percentagem das mulheres entrevistadas , em todos os grupos, fizeram os exames pré-natais (SOS – 98,3%; Crami – 73,1%; comparativo – 90,4%). Essa proporção ficou um pouco mais baixa para as mães do grupo Crami, em função de vários fatores já discutidos, neste item e anteriormente. Os resultados encontrados , na Tabela e gráfico 4.1.2.1c. foram estatisticamente diferentes ($p > 0.05$), nos grupos entrevistados , de acordo com o teste do χ^2.

A partir dos dados levantados em nosso estudo , percebemos que as crianças e adolescentes entrevistados foram desejados (SOS – 78,0%; Crami – 65,4%; comparativo – 83,6%) ,apesar de não terem sido planejados (SOS – 67,6%; Crami – 57,7%; comparativo – 63,0%).

Os cuidados pré – natais foram dispensados , de forma diferente , nos adultos entrevistados (SOS – 98,3%; Crami – 73,1%; comparativo – 90,4%), sendo este um fator que parece não ter estabelecido ligação com o desejo ou não de ter um filho. Parece-nos que mais importante do que a questão acima mencionada foi a falta de esclarecimento sobre a importância deste tipo de cuidado, principalmente no grupo Crami (26,9%).

TABELA 4.1.2.1a. DESEJO DA GESTAÇÃO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	GESTAÇÃO							
	Desejada				Não desejada			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	135	78,0	135	78,0	38	22,0	173	100,0
CRAMI	17	65,4	17	65,4	9	34,6	26	100,0
COMPARATIVO	122	83,6	122	83,6	24	16,4	146	100,0

$\chi^2 = 4.869$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2 (G^2) = 4.566$ G.L.= 2 $p<0.05$

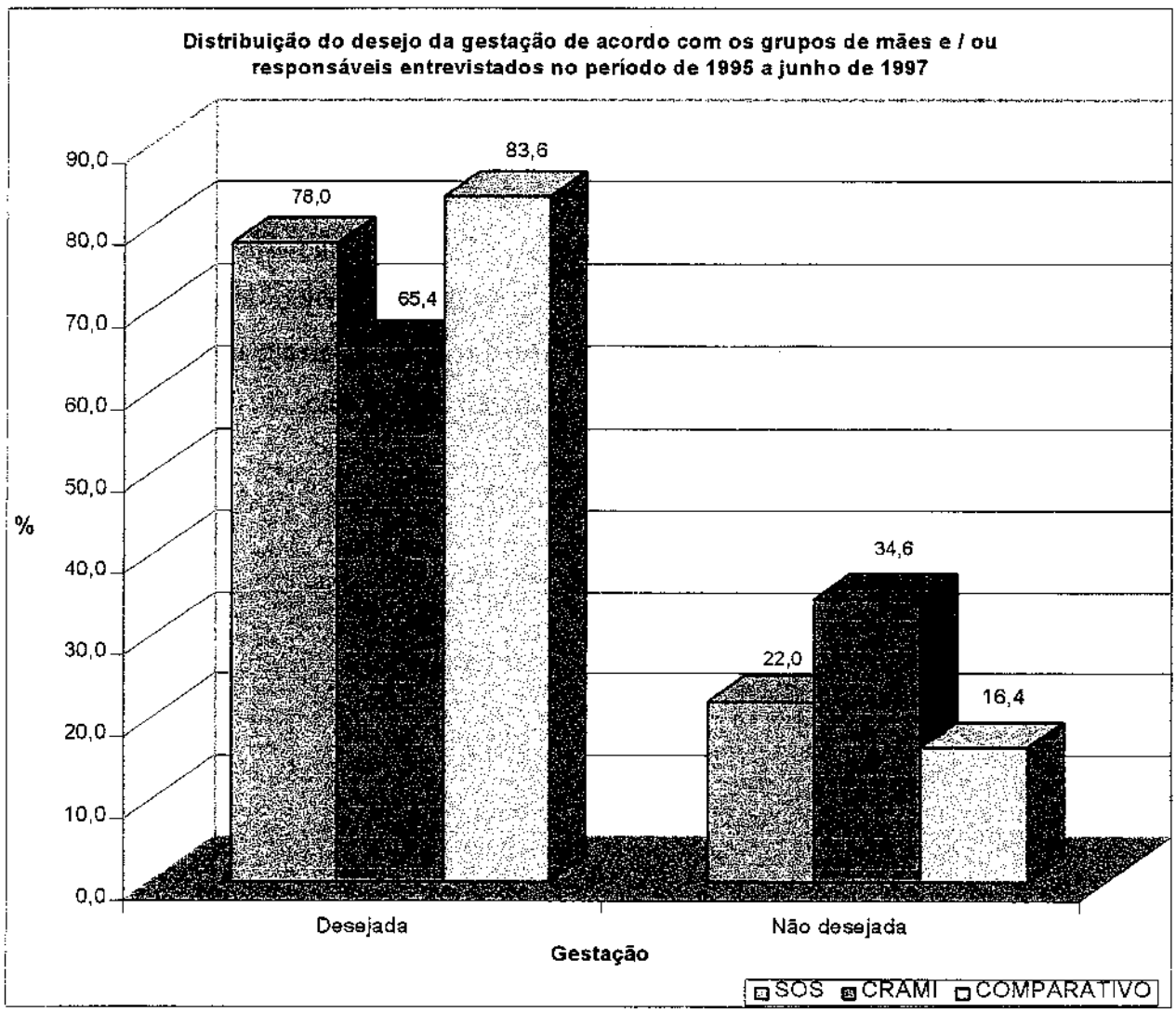


Figura 4.1.2.1a. Representação gráfica do desejo da gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.1b. PLANEJAMENTO NA GESTAÇÃO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	GESTAÇÃO							
	Planejada				Não planejada			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	56	32,4	56	32,4	117	67,6	173	100,0
CRAMI	11	42,3	11	42,3	15	57,7	26	100,0
COMPARATIVO	54	37,0	54	37,0	92	63,0	146	100,0

$\chi^2 = 1.387$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.377$ G.L.= 2 $p<0.05$

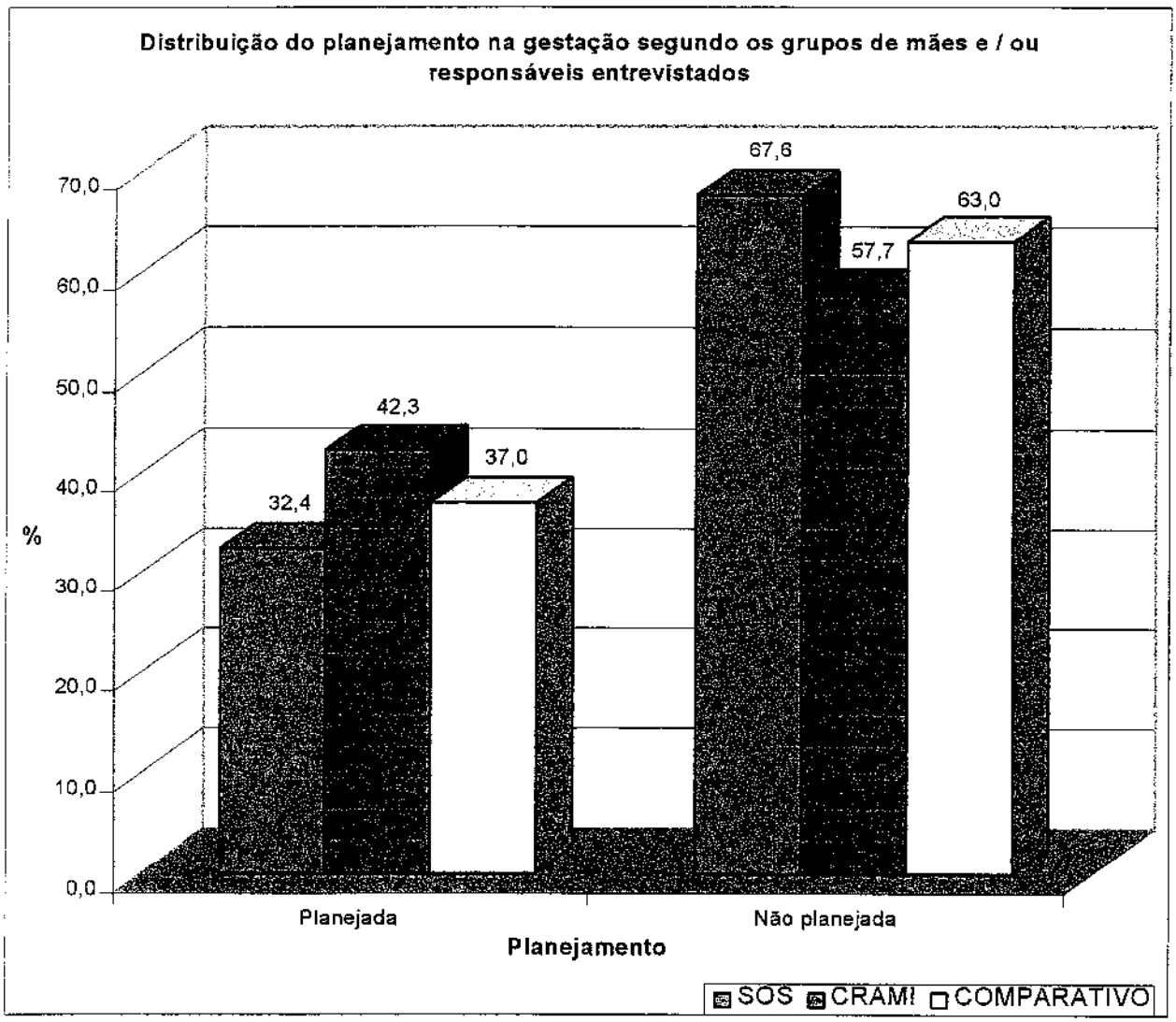


Figura 4.1.2.1b. Representação gráfica do planejamento na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistadas no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.1c. ATENDIMENTO NA GESTAÇÃO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	GESTAÇÃO							
	Com pré-natal				Sem pré-natal			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	170	98,3	170	98,3	3	1,7	173	100,0
CRAMI	19	73,1	19	73,1	7	26,9	26	100,0
COMPARATIVO	132	90,4	132	90,4	14	9,6	146	100,0

$\chi^2 = 24.867$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 21.409$ G.L.= 2 p>0.05

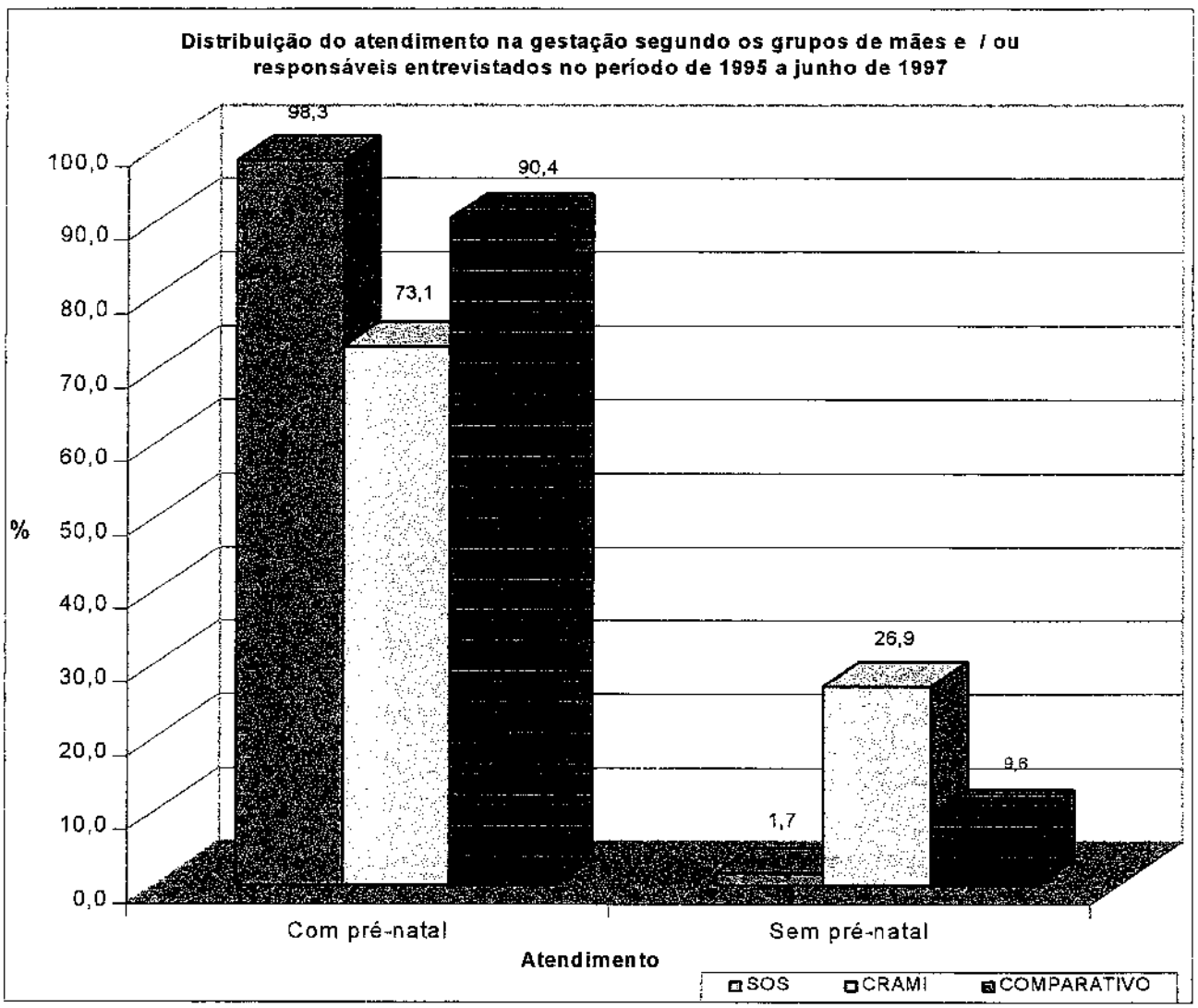


Figura 4.1.2.1c. Representação gráfica do atendimento na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Características da gestação (Tabela e gráfico 4.1.2.2.)

A gravidez é um período de tensão, biologicamente determinado , caracterizado por mudanças metabólicas complexas e um estado temporário de equilíbrio instável. É uma situação de crise[4], segundo MALDONADO (1980), em virtude das grandes perspectivas de mudanças envolvidas nos aspectos do papel social, necessidade de novas adaptações, reajustamentos interpessoais e intrapsíquicos e mudança de identidade.

É evidente que na paternidade também ocorre esse processo de mudança de identidade e de papéis. Esta, também, pode ser considerada uma situação crítica no desenvolvimento emocional de um homem. No entanto, neste estudo, não houve possibilidade de avaliarmos esta variável.

Em relação ao casamento, a gravidez pode romper uma estrutura frágil e neuroticamente 'equilibrada'. Nestas situações , ela é uma ameaça ao casamento ou ao equilíbrio pessoal. Cada membro desta unidade sofre transformações significativas sob o impacto da gravidez.

Na tabela e gráfico 4.1.2.2. , sobre a distribuição das características da gestação, estabelecemos alguns critérios para as variáveis medidas :

Tranqüila - apesar das modificações peculiares da gestação, passou por esse período sem problemas, de qualquer natureza;

Agitada - problemas situacionais mas, que não acarretaram problemas de ordem emocional ou orgânica. Ex: sustos (com doenças de parentes próximos); acidentes de carro, problemas nas famílias de origem, perda de emprego , etc.

Problemas orgânicos - várias internações por complicações orgânicas do tipo : crises de bronquite , vesícula , diabetes , etc...

Problemas emocionais - várias reações emocionais do tipo : choro compulsivo, retraimento, apatia, tristeza , reações agressivas desmedidas , etc. Sendo feito uso ou não de medicamentos específicos.

4 Crise – perturbação temporária de um estado de equilíbrio (MICHAELIS, 1998).

Os resultados apresentados foram significativamente diferentes ($p > 0.05$), entre si, em relação aos grupos entrevistados , na pesquisa, quando utilizamos o teste estatístico do χ^2.

Observamos uma alta incidência na variável 'tranqüila' , em todos os grupos entrevistados .Nos grupos SOS (24,8%) e Crami (26,9%) foram relatados grande número de incidentes que acarretaram na classificação 'agitada'.

Estes problemas derivavam , em geral, não apenas da instabilidade emocional própria deste período, mas da situação familiar e conjugal que viviam. Os relatos mais constantes nessa situação foram : *A gravidez foi agitada porque meu irmão separou da mulher e veio morar aqui. Ela veio atrás dele e era briga todo dia* (Caso 62 – SOS – Ação Mulher e Família). *Não fiquei tranqüila na gravidez de M. porque meu pai operou duas vezes* (Caso 76 – SOS Ação Mulher e Família) . *Quando eu estava grávida , meu marido sofreu um acidente* (Caso 93 – SOS Ação Mulher e Família).

Podemos supor, a partir destes dados, que a qualidade do período da gestação, nos grupos entrevistados , pode ter sido um fator importante para a ocorrência da violência contra os filhos no futuro. Uma situação que deve ser ressaltada é a do grupo Crami que rejeitou mais a gestação (34,6%) , realizou menos exames pré – natais (73,1%) e teve o maior percentual de abortos provocados (20,0%) . Quanto a esta última situação, tanto em relação à existência , quanto ao tipo de aborto, não houve diferença ($p < 0.05$), entre os grupos, que pudesse justificar alguma correlação.

Estudos internacionais realizados, enfocando a gestação e sua ligação com a violência doméstica contra crianças e adolescentes (WOLFE & KORSCH , 1994; WILSON, MIDMER, CARROL, STEWART , 1996; SAFONOVA & LEPARSKY, 1998; HARMER, SANDERSON, MERTIN, 1999) , afirmam que os fatores de risco associados a circunstâncias psicossociais pré - natais , desfavoráveis, podem afetar negativamente o relacionamento com a criança.

Mesmo que a gestação , nestas condições , não implique em danos específicos à criança, a atmosfera psicossocial (o estilo de vida da família, o clima psicológico da família e a atitude da mãe para com a criança) tem uma importante influência. A combinação de vários fatores psicossociais (conflitos familiares freqüentes, atitudes negativas dos pais,

baixa utilização dos serviços médicos, etc.) , neste período , devem ser considerados fatores de risco (SAFONOVA & LEPARSKY, 1998).

O grupo Crami , das mulheres entrevistadas , foi o único que não apresentou problemas orgânicos; no entanto , foi o que exibiu maior índice de problemas emocionais

(15,4%) . Os problemas orgânicos apresentados pelos grupos SOS (8,1%) e comparativo (3,4%), tiveram como característica o fato de serem agravamentos ou crises agudas de problemas já existentes, em outros momentos, da vida destas pessoas, como por exemplo: crises hipertensivas, crises alérgicas , etc.

TABELA 4.1.2.2. CARACTERÍSTICAS DA GESTAÇÃO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 /JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	GESTAÇÃO															
	Tranqüila				Agitada				Prob. Orgânicos				Prob. Emocionais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	97	56,1	97	56,1	43	24,8	140	80,9	14	8,1	154	89,0	19	11,0	173	100,0
CRAMI	15	57,7	15	57,7	7	26,9	22	84,6	0	0,0	0	0,0	4	15,4	26	100,0
COMPARATIVO	114	78,1	114	78,1	20	13,7	134	91,8	5	3,4	139	95,2	7	4,8	146	100,0

$\chi^2 = 21.201$ G.L.= 6 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 22.875$ G.L.= 6 p>0,05

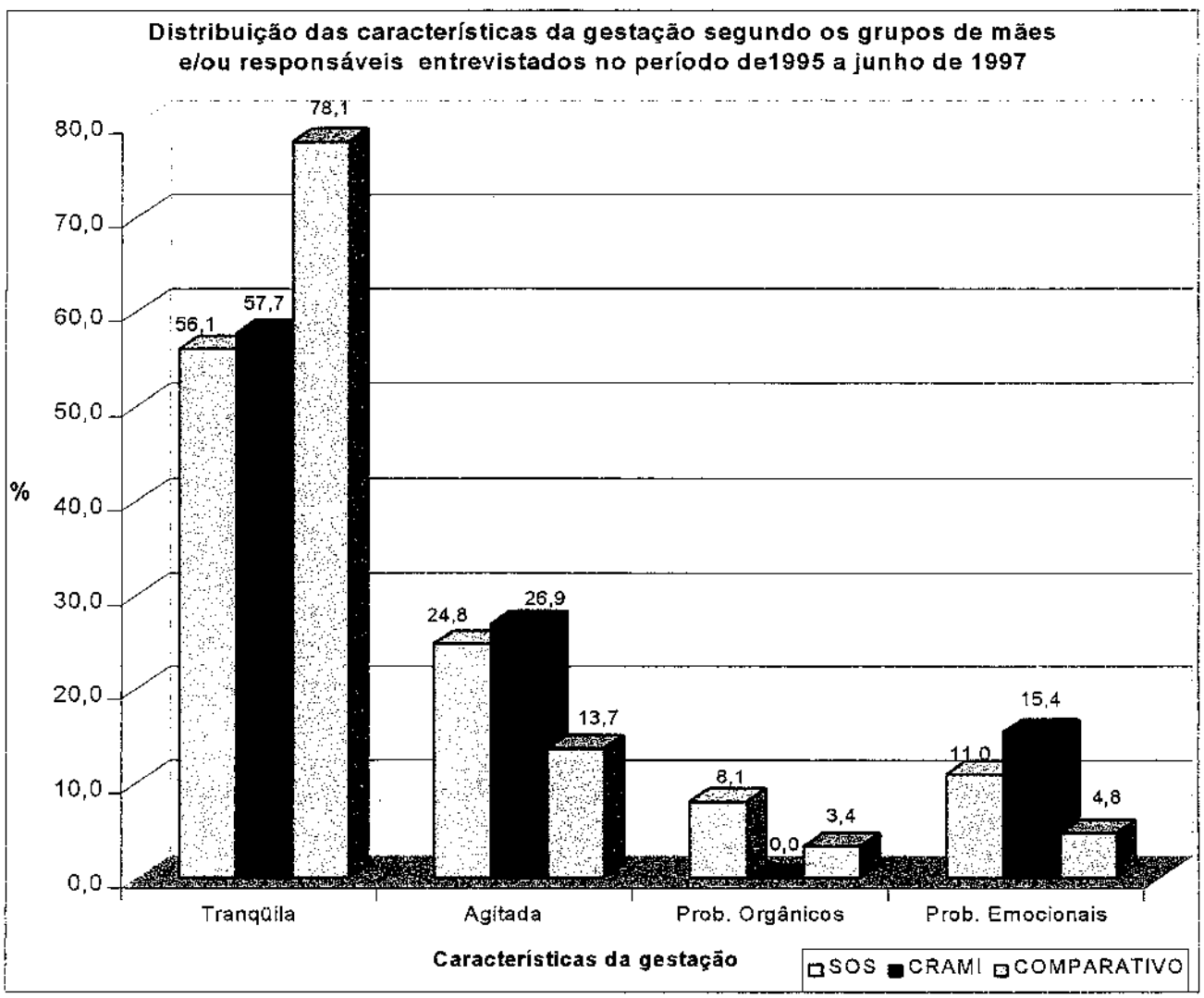


Figura 4.1.2.2. Representação gráfica das características na gestação de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Aborto (Tabelas e gráficos 4.1.2.3a. e 4.1.2.3b.)

Que o aborto é um fato complexo e conflituoso , não restam dúvidas . Que existem milhares de mulheres que o praticam, ninguém nega. Que todos têm preconceitos e medos a respeito deste assunto , também é normal.

Segundo MARIE, MORIARTY, LUND, REED, JENNESS, BROWN (1980) , encontramos muito pouca informação e matéria sobre o aborto . Uma grande parte delas , excluindo as mais recentes , colocam apenas o sentimento de culpa , a acusação do crime e o pecado.

Estes foram sentimentos , também identificados nos grupos das mulheres entrevistadas. Algumas que sofreram o aborto espontâneo chegaram a se indignar com a possibilidade de ter sido provocado. Entre as amostras avaliadas , nos casos de abortos provocados, existiram diferenças de propósitos bem delimitadas.

No grupo Crami (20,0%) , os abortos eram provocados, em sua maior parte, porque já havia número suficiente de filhos para criar . Nos outros dois grupos (SOS - 6,9%; comparativo - 9,1%), estes ocorriam, em alguns casos, porque a mulher era solteira e dependente dos pais, ou porque a gravidez foi o resultado de uma relação ocasional.

Vários psiquiatras e estudiosos do assunto afirmam que o aborto , ainda que bem realizado e planejado, significa um choque , um trauma psíquico. Sabemos , no entanto , que estes efeitos aumentam, quanto maior é o clima de censura existente na sociedade.

De acordo com MARIE *et al.* (1980) , nos países em que o aborto é legal, os estudos indicam que a maior parte das mulheres que o realizam , não sofrem qualquer dano psíquico. Eles defendem que uma gravidez não desejada, é muito mais desastrosa para o equilíbrio psíquico da mulher. Acrescentam ainda que os danos são muito piores às crianças que nascem sem serem desejadas.

Independente de qualquer postura ideológica , concordamos com GOLDBERG (1988) , que afirma ser a educação sexual um processo permanente, que exige a marca de um compromisso pessoal com uma causa que é social : a das transformações das relações sexuais e, acrescentaríamos , da relação da mulher com o seu próprio corpo.

A análise estatística pelo χ^2, revelou que as variáveis, presença e o tipo de aborto , foram semelhantes ($p < 0.05$).

TABELA 4.1.2.3a. EXISTÊNCIA DE ABORTO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ABORTO							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	29	22,0	29	22,0	103	78,0	132	27,0
CRAMI	5	22,7	5	22,7	17	77,3	22	100,0
COMPARATIVO	22	18,5	22	18,5	97	81,5	119	100,0

$\chi^2 = 0.537$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.541$ G.L.= 2 $p<0.05$

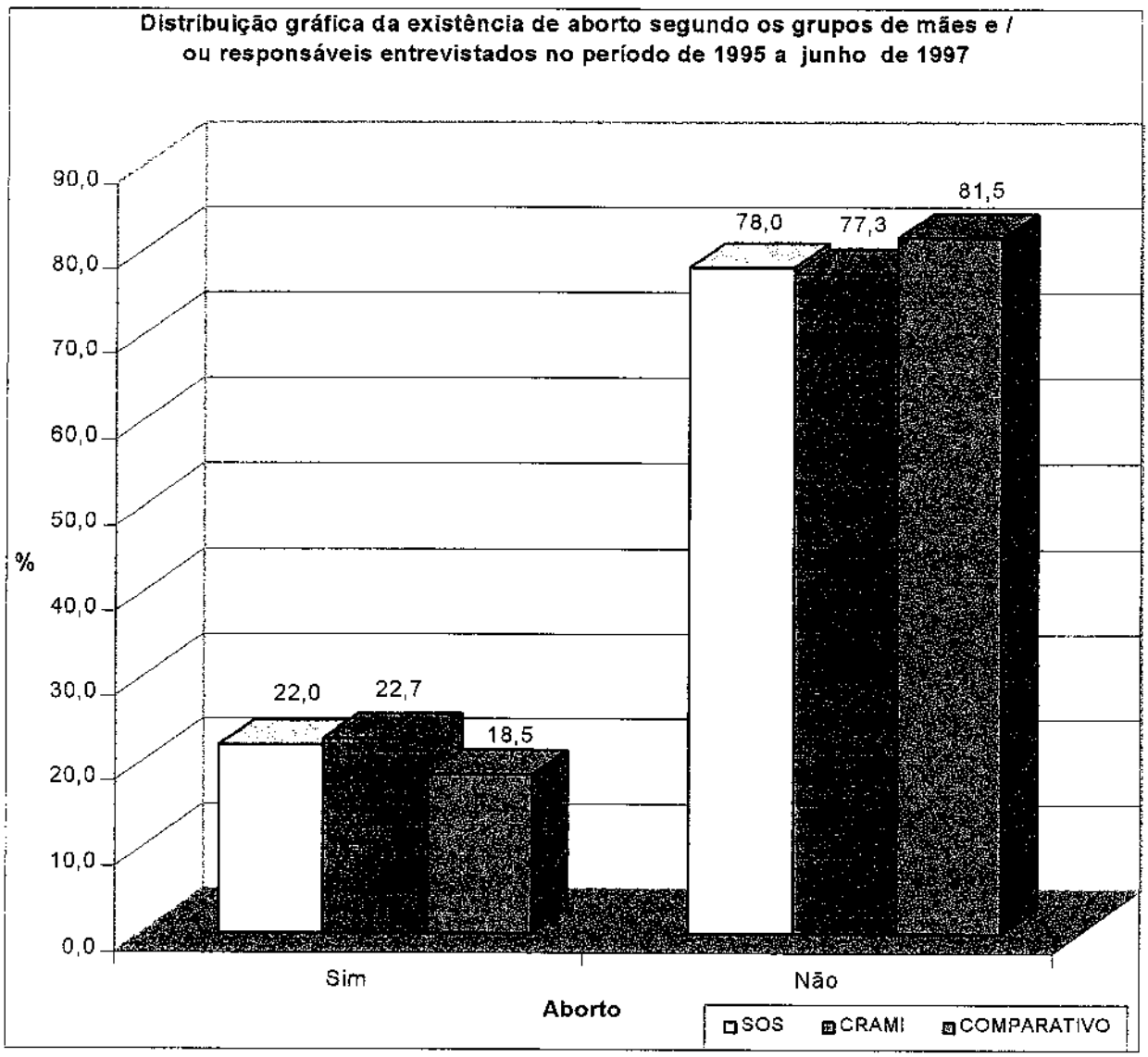


Figura 4.1.2.3a. Representação gráfica da existência de aborto ocorrido de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.3b. TIPO DE ABORTO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ABORTO							
	Espontâneo				Provocado			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	27	93,1	27	93,1	2	6,9	29	100,0
CRAMI	4	80,0	4	80,0	1	20,0	5	100,0
COMPARATIVO	20	90,9	20	90,9	2	9,1	22	100,0

$\chi^2 = 0.902$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.735$ G.L.= 2 $p<0.05$

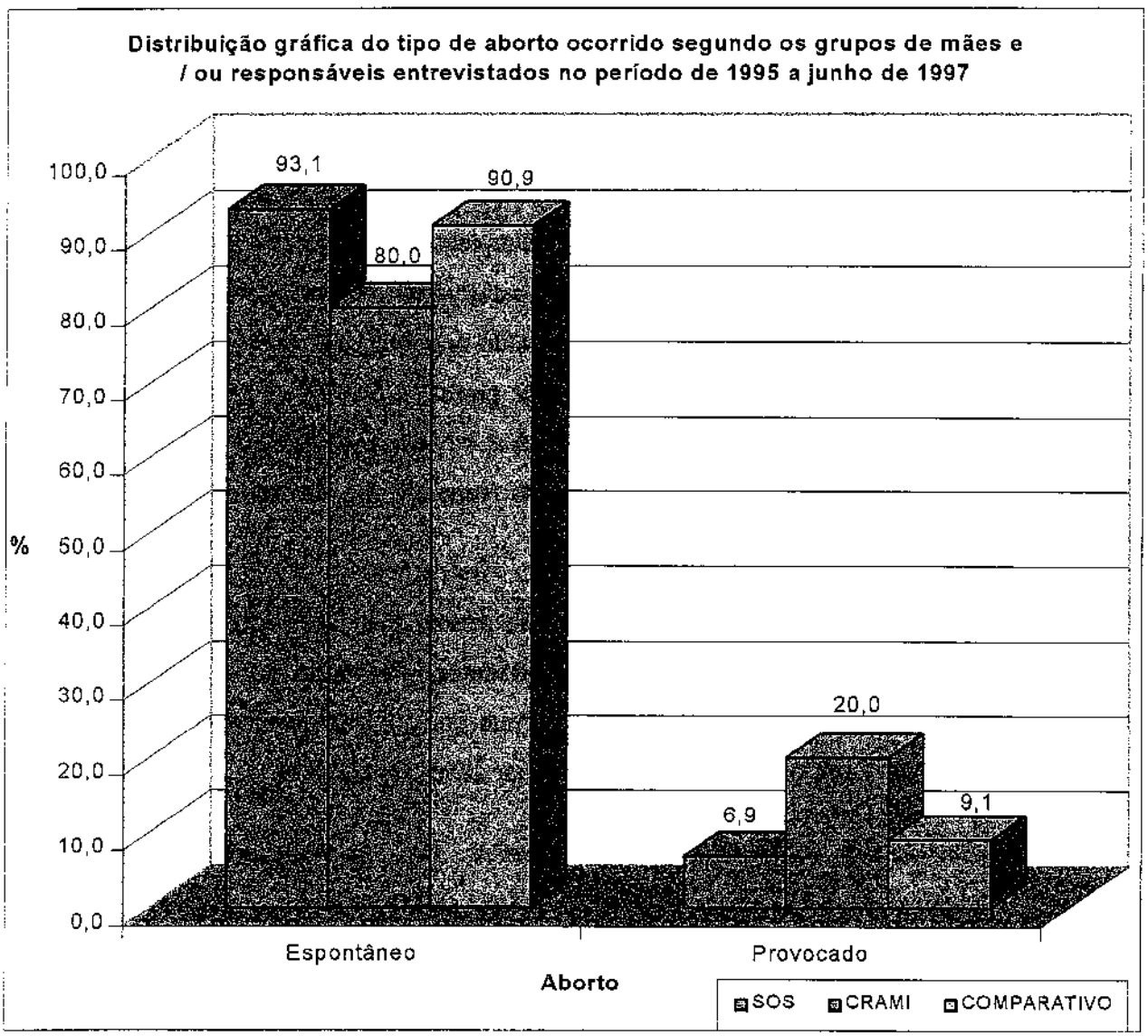


Figura 4.1.2.3b. Representação gráfica do tipo de aborto ocorrido de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Parto (Tabela e gráfico 4.1.2.4.)

A maneira como o parto e o bebê são simbolizados influi na evolução e no trabalho de parto. É importante ressaltar , no entanto, que, para melhor entendê-lo , é necessário considerar o contexto sociocultural , que influencia até mesmo como a parturiente sente e interpreta as diferentes sensações físicas do trabalho de parto (MALDONADO, 1980) .

Uma outra observação essencial é que as características pessoais da parturiente refletem-se na sua conduta durante o nascimento do bebê . Os diferentes tipos de partos exercem impactos distintos e são vivenciados e integrados à personalidade de várias maneiras.

Os partos naturais obtiveram a maior percentagem das respostas os grupos em estudo (SOS - 50,3%; Crami - 80,8%) . No grupo comparativo houve uma incidência , um pouco mais alta (48,6%) de cesáreas, sendo este resultado acompanhado pelo grupo SOS (43,9%) . Este grupo apresentou o maior número de partos a fórceps (5,8%) . Nesta situação , as mulheres entrevistadas relataram não apenas os seus sofrimentos ,mas os de seus bebês. Foram situações tão traumáticas que várias responderam não desejarem mais engravidar.

O grupo Crami apresentou o maior índice de percentagem para o parto natural (80,8%). Suas participantes , ao falar sobre esta experiência, afirmaram não terem tido qualquer dificuldade para realizá-lo. Algumas enfatizavam que , foi muito melhor do que 'operar', porque puderam voltar para casa rápido e retornar às suas ocupações.

As freqüências apresentadas nas respostas dos grupos entrevistados, apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p > 0.05$), segundo o teste do χ^2. Não achamos que esta situação possa ter influenciado , de certa forma, no relacionamento futuro dos pais com a criança e o adolescente.

TABELA 4.1.2.4. TIPO DE PARTO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPO DE PARTO											
	Natural				Cesariano				Fórceps			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	87	50,3	87	50,3	76	43,9	163	94,2	10	5,8	173	100,0
CRAMI	21	80,8	21	80,8	4	15,4	25	96,2	1	3,8	26	100,0
COMPARATIVO	70	47,9	70	47,9	71	48,6	141	96,5	5	3,5	146	100,0

$\chi^2 = 11.284$ G.L.= 4 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 12.252$ G.L.= 4 $p>0.05$

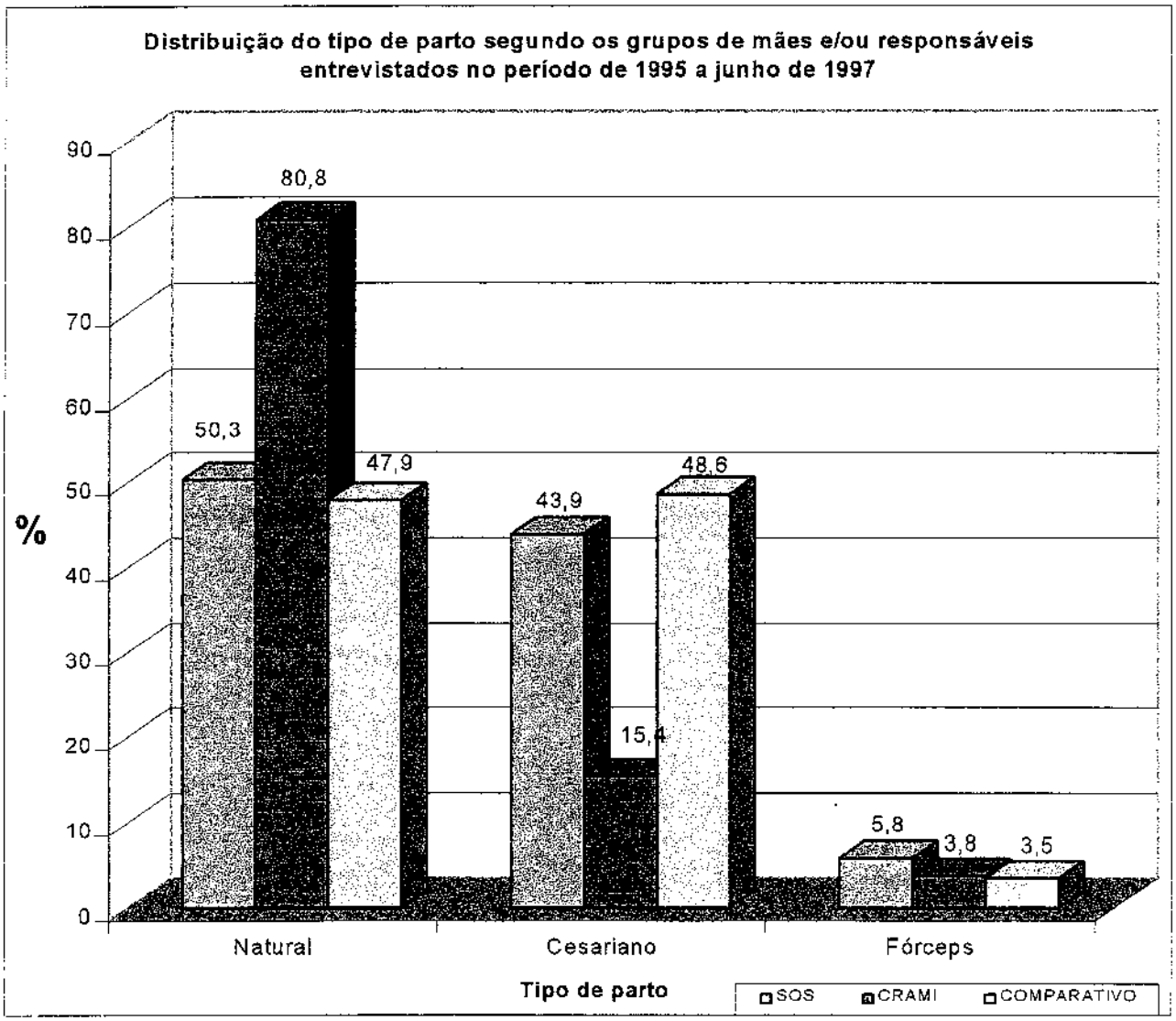


Figura 4.1.2.4. Representação gráfica do tipo de parto de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistadosno período de 1995 a junho de 1997

Condições de nascimento (Tabela e gráfico 4.1.2.5.)

As condições de nascimento das crianças e adolescentes entrevistados foram normais , para os três grupos , em altas percentagens (SOS - 94,2 %; Crami - 88,5%; comparativo - 91,8 %).

Os nascimentos descritos 'com problemas' (SOS - 5,8%; Crami – 11,5%; comparativo - 8,2%) pelas mães foram classificados como : prematuridade; circular de cordão umbilical; problemas respiratórios que levaram a criança a permanecer um espaço de tempo maior na incubadora; e outras situações associadas ao parto a fórceps, mas que não acarretaram traumas físicos a estas crianças e adolescentes.

O grupo Crami , que nas tabelas e gráficos anteriores teve menor incidência em relação aos exames pré - natais (73,1%) e o mais alto resultado percentual nos partos normais (80,8%), foi o que apresentou o maior índice de nascimentos com os problemas citados acima (11,5%). Talvez possamos associar este fato , à situação socioeconômica precária da maioria das participantes deste grupo , o que acarretaria uma dieta protéica e de vitaminas pobre e problemas de saúde, anteriores à gestação .

A análise estatística , pelo χ^2 , não apresentou diferenças significativas ($p < 0.05$), entre as respostas às condições de nascimento das crianças e adolescentes entrevistados na pesquisa.

TABELA 4.1.2.5. CONDIÇÕES DE NASCIMENTO DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	CONDIÇÕES DE NASCIMENTO							
	Normal				Com problemas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	163	94,2	163	94,2	10	5,8	173	100,0
CRAMI	23	88,5	23	88,5	3	11,5	26	100,0
COMPARATIVO	134	91,8	134	91,8	12	8,2	146	100,0

$\chi^2 = 1.471$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.401$ G.L.= 2 $p<0.05$

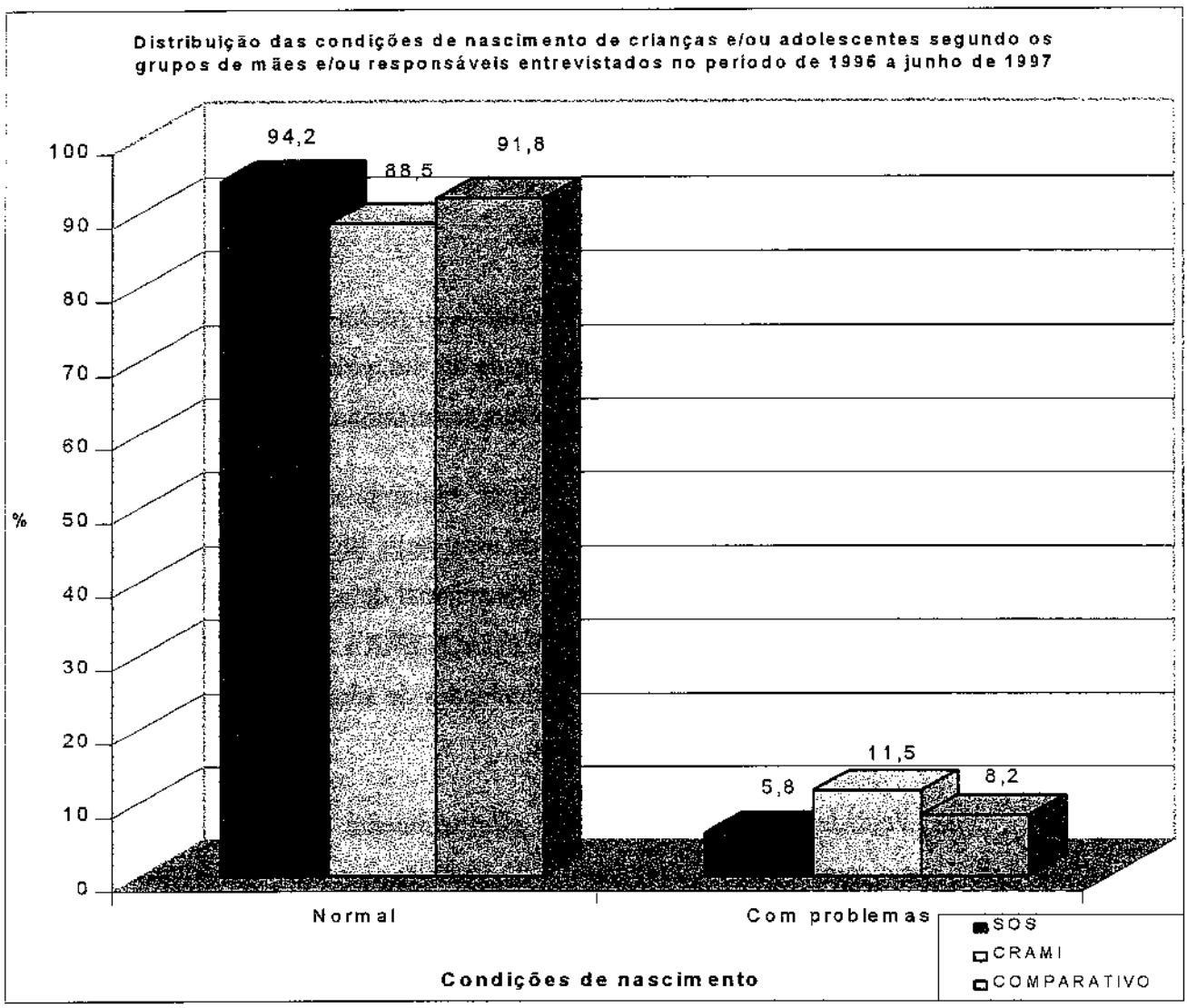


Figura 4.1.2.5. Representação gráfica das condições de nascimento de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de mães e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Adormecimento e sono (Tabelas e gráficos 4.1.2.6a. , 4.1.2.6b. e 4.1.2.6c.)

Os distúrbios do sono da criança e do adolescente são de grande variedade em todas as idades. Como conduta desviante , a significação de um distúrbio do sono não é unívoca. Ela depende da própria natureza deste distúrbio, de sua intensidade, dos sinais associados, da idade da criança e do adolescente e de sua evolução. Estes tipos de situações são codificadas no CID - 10 (1997), como transtornos não orgânicos do sono por fatores emocionais (F51).

O sono está sujeito a consideráveis variações individuais, desde o nascimento e durante a vida do sujeito. Para DEBRAY-RITZEN & MELEKIAN (1989), cada criança tem o seu ritmo e suas necessidades de sono , como também a sua individualidade. Em cada caso, a duração do sono está ligada a um contexto.

De uma necessidade puramente fisiológica no recém-nascido, ou no lactente de menos de três meses, o sono , sob a ação conjugada da ritmicidade endógena e da pressão do ambiente, transforma-se , pouco a pouco, em função relacional fundamental.

Para adormecer , a criança deve repousar, apoiar-se na imagem de ligação mãe - filho protetora, aceitar a regressão e investi-la de uma carga libidinal[5] não ameaçadora. O papel do meio é o de colocar em ordem a área transicional de adormecimento , para que a regressão seja aceita e até mesmo esperada (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986) . A freqüência das perturbações do sono, ou das dificuldades de adormecimento das crianças e adolescentes, está ligada à fragilidade desta área.

As verdadeiras perturbações no adormecimento e no sono podem ser consideradas como comportamentos incomuns , o suficiente para perturbar a vida familiar e criar uma tensão nos pais e nos outros membros da família.

15 Carga libidinal - carga de energia psíquica que , segundo Freud , provém do instinto sexual e determina toda a conduta da vida do indivíduo (MICHAELIS , 1998).

As crianças, por sua sensibilidade aguçada em perceber as falhas no meio ambiente e explorá-las a seu favor, muitas vezes tentam prolongar situações que julgam agradáveis ou simplesmente chamar atenção e tornar-se o centro da família.

O que chamamos de dificuldades do adormecimento, baseados em AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), seriam as insônias , os rituais ao deitar, fobias ao deitar , etc. As condutas patológicas que aparecem durante o curso do sono foram classificadas , por estes autores em : angústias noturnas, sonambulismo e automatismos motores, que se encontram subdivididos em agitação , bruxismo[6] e soniloqüência[7]. Na pesquisa, na classificação 'outros' foram considerados os quadros em que havia uma alternância entre as diferentes condutas patológicas no decorrer do sono.

O adormecimento, nas crianças, corresponde a um momento em que se justapõem necessidades e (ou) desejos contraditórios. As dificuldades de adormecimento são comuns, quase fazendo parte do desenvolvimento normal de qualquer criança, em particular dos dois aos cinco / seis anos de idade. Nesta fase, a criança , em plena conquista motora, não aceita com facilidade a regressão que é estabelecida pelo adormecimento. O aparecimento dos primeiros sonhos de angústia[8] transformam o sono em um estado inquietante (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986).

O manejo desta área de transição entre a vigília e o sono , que pode ser um momento de conflito, deve permitir à criança e ao adolescente estabelecerem os seus sentimentos de onipotência e crerem em suas capacidades de controlar, ao mesmo tempo, suas pulsões[9] e esta regressão. A maior parte das dificuldades de adormecimento atesta a não possibilidade de instalar esta área de transição, em virtude de vários aspectos, tais como: condições ambientais inadequadas (barulho, dormir no quarto dos pais, irregularidade excessiva no horário de deitar); pressão externa inadequada (rigidez excessiva, oposição aos pais); e estados ansiosos ou organização conflitual interna, que faz temer a regressão induzida pelo sono.

16- Bruxismo – Hábito mórbido de ranger os dentes (MICHAELIS, 1998)
17- Soniloqüência - Hábito de falar dormindo (MICHAELIS, 1998)
[8] Sonhos de angústia - este termo será melhor desenvolvido adiante.
[9]Pulsões ou impulsos instintivos - tensões produzidas por necessidades insatisfeitas e dirigidas a um objeto ou fim escolhido (TYSON & TYSON,1993).

As manifestações clínicas do adormecimento podem ser descritas como : oposição ao deitar; rituais ao deitar (a criança exige algum objeto ou alguma situação de uma determinada maneira, sempre idêntica); fobia ao deitar; *insônia vera* ou seja, a franca redução do tempo de sono (pode ser observada em crianças maiores e adolescentes , nos quais a quantidade e a qualidade do sono normal fica deslocada para o fim da noite e início da manhã); e fenômenos hipnagógicos[10] , observados entre os seis e quinze anos.

Segundo AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), não é raro observar no adolescente o ressurgimento de diversas condutas, no adormecimento, próprias da infância. Estas haviam desaparecido em parte durante o período de latência[11] . São elas : os rituais ao deitar e as fobias ao adormecimento.

Segundo DEBRAY-RITZEN & MELEKIAN (1989) , as dificuldades ligadas a essa área têm como causas a ansiedade e a insegurança. A ansiedade muitas vezes tem origem na própria ansiedade materna. A criança sente confusamente este fato que se manifesta ,na mãe, pelo medo que 'lhe aconteça algo', verifica inúmeras vezes se está coberta, tem medo que esta adoeça, etc. Por outro lado, a insegurança da criança pode surgir do medo de perder a mãe , enquanto estiver dormindo. Nestes casos, ela já presenciou , geralmente, brigas e separações traumatizantes no seu ambiente, ou tem uma mãe que se ausenta , com freqüência.

Quanto mais velha a criança, maior será a precisão da ansiedade que sente. Ela vai dispondo, com o desenvolvimento , de uma bagagem de imagens inquietantes que percebe e vive no seu cotidiano. Entrevistamos uma progenitora que se dizia preocupada porque quando o casal brigava , seu filho não dormia à noite. Isto ocorria devido ao fato das brigas do casal serem sempre muito violentas e a criança escondia ,embaixo do seu travesseiro, a arma que o pai mantinha em casa. Ele ficava vigilante durante a noite, pois seu pai sempre ameaçava matar a sua mãe nestas ocasiões.

[10] Fenômenos hipnagógicos - sensações cinestésicas, visuais e raramente auditivas, que aparecem no momento do adormecimento (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986)

[11] Período de latência - período que vai da segunda infância até a puberdade. Corresponde aos anos escolares do primeiro grau, quando a criança está voltada para a aquisição de habilidades, valores e papéis culturalmente aceitos (BARROS, 1991).

A análise das respostas, dos grupos de pais e (ou) responsáveis das crianças e adolescentes ,vítimas de violência doméstica notificada, pelas observações feitas até o momento da pesquisa , não apresentou resultados percentuais antagônicos entre os grupos. Observamos que, de uma forma geral, em todos os grupos, há uma baixa percentagem de crianças e adolescentes com dificuldade em adormecer (SOS – 15,4%; Crami – 12,3%; comparativo – 11,6%). Quando estas foram relatadas pelos pais e (ou) responsáveis, diziam respeito às condições ambientais inadequadas , em geral decorrentes , dos distúrbios de relacionamento entre o casal.

A análise estatística destes resultados (tabela e gráfico 4.1.2.6a.) demonstrou uma semelhança entre eles ($p < 0.05$) , ao ser utilizado o teste do χ^2.

Quanto às angústias noturnas, elas mereceram um certo destaque na pesquisa, colocando-se em separado das demais condutas patológicas do sono. Com relação a este termo, seguimos a divisão de AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986) . Para estes autores , na angústia noturna estão agrupadas diversas condutas que nem sempre são diferenciadas com o necessário rigor. Poderíamos classificá-las em terror noturno ou *pavore nocturnus* , sonhos de angústia e despertar ansioso.

O termo pesadelo , segundo estes autores, é equivocado, na medida em que pode designar , indiscriminadamente, os dois termos: sonho de angústia e despertar ansioso . É claro que nos ,dois casos, trata-se de um episódio agudo que interfere no sono, no entanto, ocorrem em fases diferentes [12]. No terror noturno, a criança, bruscamente, grita na cama, fica com os olhos arregalados e o rosto aterrorizado. É uma conduta alucinatória noturna. Ela não reconhece as pessoas à sua volta e parece inacessível a qualquer raciocínio. Estas crises duram , no máximo, alguns minutos. A criança volta a adormecer imediatamente. Na grande maioria dos casos ocorrem , algumas vezes, entre os três e cinco anos, e depois desaparecem . Se a sua freqüência tornar-se regular, quase diária , pode estar associada a sintomas, particularmente, de natureza fóbica.

[12] Terror noturno sobrevem por ocasião da fase de sono lento; sonho de angústia está ligado à aparição da fase do sono paradoxal (fase de movimentos oculares rápido - ou REM ou fase do sono rápido) (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986).

No plano psicopatológico, o aparecimento do terror noturno coincide com a instalação do conflito edipiano[13] , parecendo traduzir uma angústia intensa, não elaborável , que afeta o aparelho psíquico. Sua persistência assinala , geralmente, a incapacidade da criança e do adolescente em elaborar, de forma mais adequada, suas defesas psíquicas[14] .

O sonho de angústia é de grande freqüência e pode ser observado desde a idade de dois anos (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986). A criança ou o adolescente grita, geme , chora e chama por socorro. Às vezes acorda, sendo mais freqüente contar o 'sonho ruim' na manhã seguinte. Seu aparecimento é 'natural', sobretudo sucedendo a um evento traumático. É o indicador de estruturação progressiva do aparelho psíquico. Sua repetição regular , todas as noites, sua persistência além do período edipiano, ou sua associação com outros sintomas, podem traduzir uma organização psíquica psicopatológica.

Por último , temos o despertar ansioso que se situa no intermediário entre o terror noturno e o sonho de angústia. A criança e o adolescente acordam inquietos, mas sem manifestações alucinatórias.

As angústias noturnas , nos grupos estudados (SOS - 15,4%; Crami - 21,9%; Comparativo - 26,6%) , segundo relatos dos pais e (ou) responsáveis, apresentaram com maior freqüência os sonhos de angústia, do que as outras duas classificações (terror noturno e despertar ansioso).

As amostras não apresentaram resultados estatisticamente diferentes entre elas ($p < 0.05$) , ao ser aplicado o teste do χ^2.

Quanto à qualidade do sono, as respostas foram classificadas em sono tranqüilo e sono agitado. O primeiro termo era assinalado quando não era descrito nenhum fator patológico, em particular, freqüente ou esporádico. Os relatos , nestes casos, eram , por exemplo: *Tem o sono calmo; Não tem problemas para dormir; Não me dá trabalho para isso*... O sono agitado foi classificado pela existência de condutas patológicas no sono, excetuando as angústias noturnas que foram avaliadas em outro grupo de dados. Os tipos de conduta podem ser descritos da seguinte forma , segundo AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986) :

[13] Conflito edipiano - a atração proibida pelo progenitor do sexo oposto que ocorre aproximadamente dos 3 aos 5 anos (BARROS, 1991)

[14] Defesas psíquicas - dispositivos adaptativos inconscientes e automáticos pelos quais o ego protege-se contra a ansiedade estimulada por pensamentos ou sentimentos inaceitáveis. (GAP, 1990)

Sonambulismo - a criança e o adolescente, no decorrer da primeira metade da noite, levantam-se e deambulam. Às vezes , apresenta um atividade complexa, sempre idêntica. Após alguns minutos, deitam-se novamente ou deixam-se conduzir ao leito. No dia seguinte , não se recordam de nada. De forma mais reduzida, a criança, com olhos abertos, tenta levantar-se. É freqüente a existência de antecedentes familiares de sonambulismo.

Automatismos motores - selecionamos três automatismos, em particular o bruxismo ou ranger os dentes ou bricomania - produzido pela esfregação ruidosa dos dentes do maxilar superior contra os dentes do maxilar inferior; a soniloquência - a criança e o adolescente falam ou resmungam ,indistintamente , durante o sono; e as ritmias ou sono agitado - aparecem no meio da noite, duram alguns segundos e se repetem 3 a 4 vezes durante a noite, com movimentos variáveis (rolamento da cabeça para a direita e a esquerda; balanço da perna ou de um joelho fletido, etc.), podendo atingir grande intensidade e fazer bastante ruído.

Entre as condutas patológicas ,no decorrer do sono, foram, relativamente, mais elevados os resultados quanto ao sono agitado e a soniloqüência, nos grupos SOS (sono agitado - 25,4%; soniloqüência - 20,8%) e comparativo (sono agitado - 20,5%; soniloqüência - 17,1%). Podemos verificar , nestas duas amostras, que as crianças e adolescentes recorreram à fala e ao movimento para se defenderem das ansiedades, com o objetivo de poder continuar dormindo.

Verificamos resultados bem inferiores, nestas condutas, no grupo Crami (sono agitado - 3,8%; soniloqüência - 11,5%) . No entanto, há uma certa elevação nas respostas referentes ao bruxismo (7,7%), em relação às outras amostras (SOS – 2,9%; comparativo – 3,4%) . Segundo SOIFER (1982), o bruxismo corresponde a um tipo constitucional de sistema nervoso , com tendência à descarga muscular.

A análise estatística dos resultados da tabela e gráfico 4.1.2.6c. demonstrou não haver diferença entre as respostas dos grupos entrevistados ($p < 0.05$), ao utilizarmos o teste do χ^2, aos dados levantados.

Desta forma, em nossa pesquisa, não foi possível estabelecer uma relação entre a violência doméstica contra as crianças e os adolescentes e a alteração do padrão de adormecimento e sono (F51) , ao contrário da pesquisa realizada por LIPPI (1986), a partir da análise de 120 históricos de crianças atendidas e consideradas maltratadas , em uma instituição.

TABELA 4.1.2.6a. CARACTERÍSTICAS DO ADORMECIMENTO DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ADORMECIMENTO							
	Com dificuldade				Sem dificuldade			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	4	15,4	4	15,4	22	84,6	26	100,0
CRAMI	18	12,3	18	12,3	128	87,7	146	100,0
COMPARATIVO	20	11,6	20	11,6	153	88,4	173	100,0

$\chi^2 = 0.315$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.229$ G.L.= 2 $p<0.05$

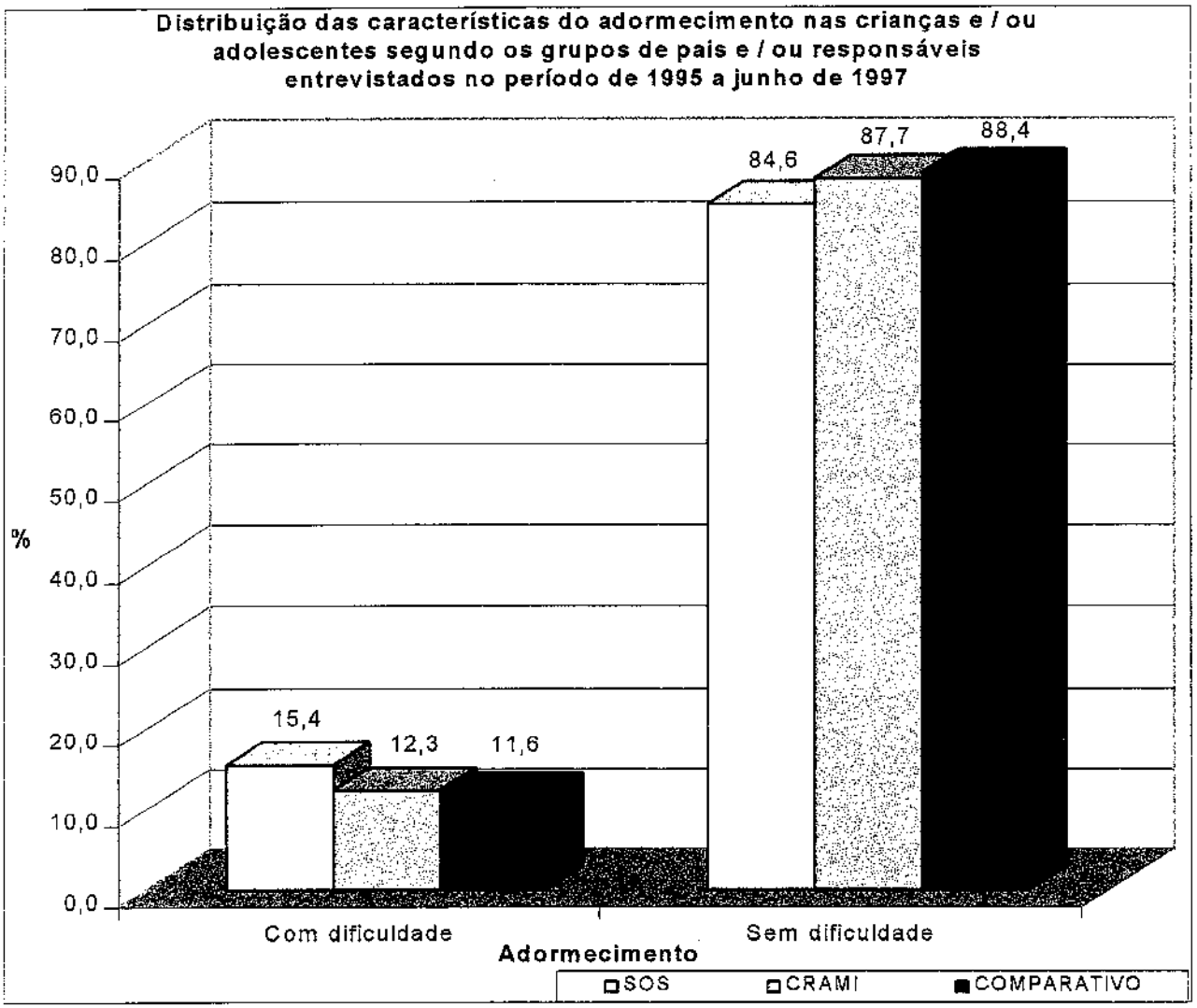


Figura 4.1.2.6a. Representação gráfica do adormecimento de crianças e/ou adolescentes de acordo com o grupo de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.6b. CARACTERÍSTICAS DO SONO DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SONO							
	Com angústias noturnas				Sem angústias noturnas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	4	15,4	4	15,4	22	84,6	26	100,0
CRAMI	32	21,9	32	21,9	114	78,1	146	100,0
COMPARATIVO	46	26,6	46	26,6	127	73,4	173	100,0

$\chi^2 = 2.045$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.133$ G.L.= 2 $p<0.05$

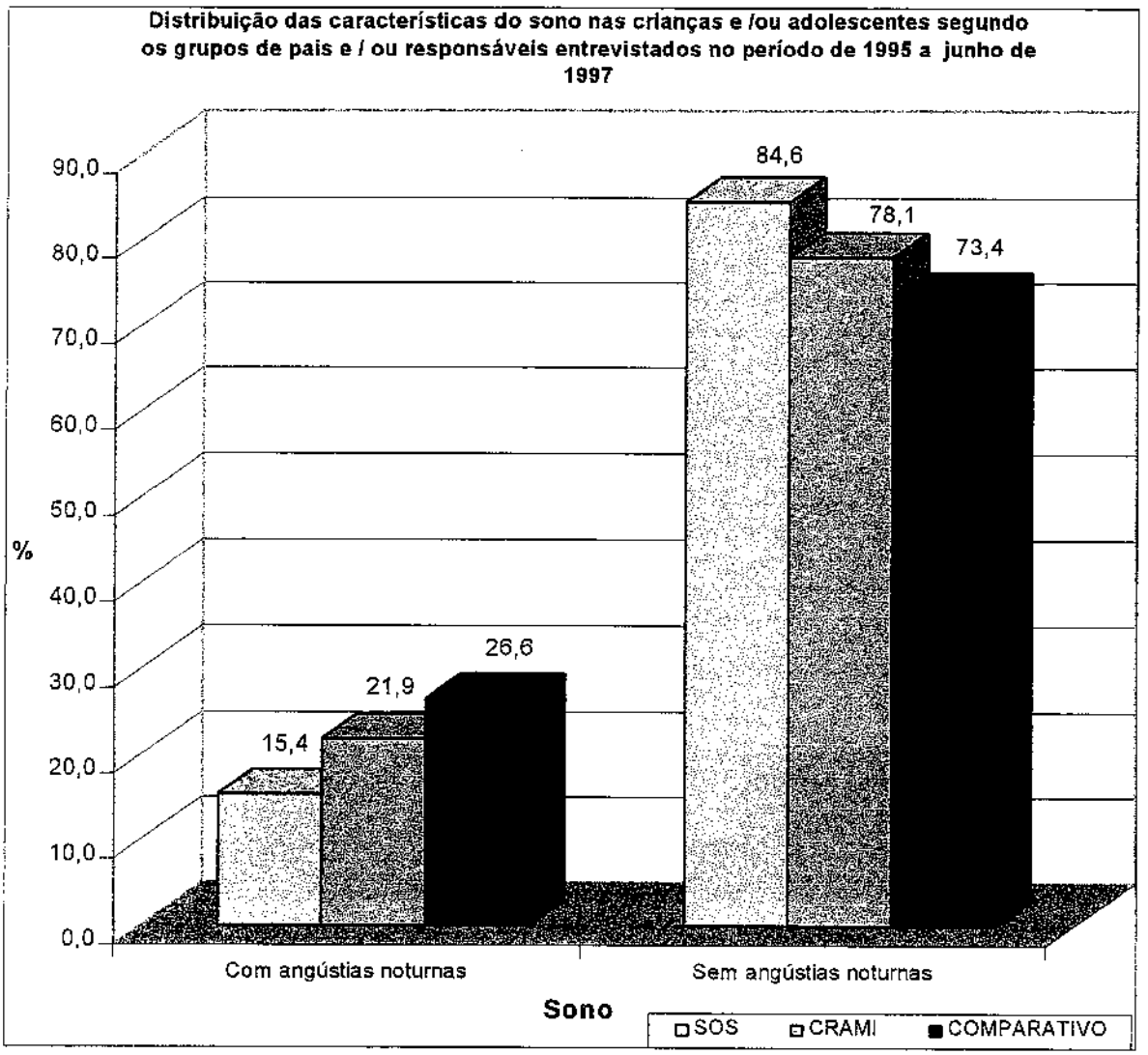


Figura 4.1.2.6b. Representação gráfica das características do sono de crianças e/ou adolescentes de acordo com o grupo de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.6c. CONDIÇÕES DO SONO DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADO	CONDIÇÕES DO SONO																							
	Tranqüilo				Agitado				Soniloqüência				Bruxismo				Sonambulismo				Outros			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	84	48,6	84	48,6	44	25,4	128	74,0	36	20,8	164	94,8	5	2,9	169	97,7	3	1,7	172	99,4	1	0,6	173	100,0
CRAMI	20	76,9	20	76,9	1	3,8	21	80,7	3	11,5	24	92,2	2	7,7	26	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIV	85	58,2	85	58,2	30	20,5	115	78,7	25	17,1	140	95,8	5	3,4	145	99,2	1	0,7	146	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 13.774$ G.L.= 10 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 15.943$ G.L.= 10 $p<0.05$

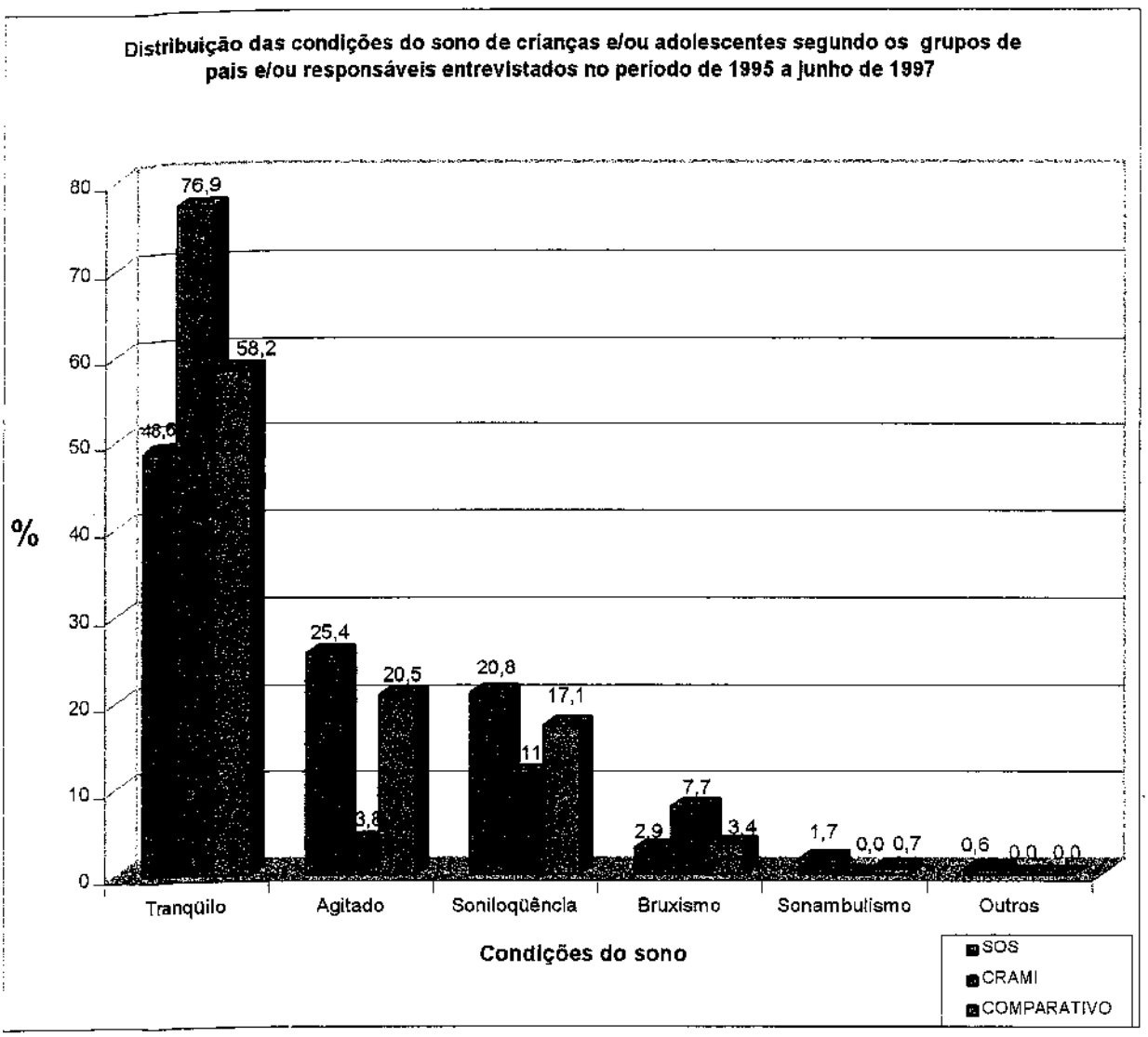


Figura 4.1.2.6c. Representação gráfica das condições do sono das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Privacidade (Tabelas e gráficos 4.1.2.7a. e 4.1.2.7b.)

Uma das primeiras experiências que o filho tem e que pode provocar alguma excitação sexual ou que pode ,mais tarde , ter um significado sexual , é deitar na cama com os pais (CONSTANTINE & MARTINSON, ,1984)

Na distribuição dos fatos , apresentamos duas situações : quartos e camas. Na primeira avaliação (Tabela e gráfico 4.1.2.7a.) , 'quarto' , observamos que uma incidência acima de 50 % em todos os grupos, apresentou quartos separados , para o casal e para os filhos (SOS – 56,6%; Crami– 53,8%; Comparativo – 66,4%). Vários fatores podem colaborar para que, cerca de 40 % da população entrevistada, não desfrute desta mesma possibilidade (SOS – 43,4%; Crami – 46,2%; comparativo – 33,6%) .

Nos casos do grupo CRAMI (sem quarto separado - 46,2%) , supomos que por ser um grupo de menor poder aquisitivo, trabalhos menos qualificados e menor grau de instrução, os seus domicílios , em geral , não apresentavam mais de um cômodo. Muitos participantes deste grupo moravam em situação precária.

A análise estatística, destes resultados, demonstrou semelhanças entre eles ($p < 0.05$), pelo teste do χ^2.

Na segunda avaliação (Tabela e gráfico 4.1.2.7b.) , 'cama' , vamos observar o grupo Crami com um elevado percentual de crianças e adolescentes que dividem suas camas com seus irmãos ou com seus pais (42,3%) . O que pode gerar uma proximidade física maior, proporcionando ou não, situações de maior intimidade, dependendo das características individuais de cada progenitor.

No grupo SOS (13,3%), a explicação apresentada para tal fato foi econômica, principalmente , pelas mães chefe de família, do tipo mãe - filho(s) : *Resolvi morar com meus filhos numa casa de um cômodo, porque é só eu e eles e fica mais fácil pagar* (Caso 6 – SOS Ação Mulher e Família) . Quanto à cama , mantendo um certo equilíbrio na distribuição dos resultados , temos os grupos SOS (86,7%) e comparativo (88,4%) , com camas individuais para todos os membros da família.

Em alguns casos dos entrevistados, encontramos situações que fugiam às questões financeiras , para justificar a permanência dos filhos na cama do casal : *o filho está doente; teve um sonho que o assustou; está com medo , por alguma razão.* Alguns casais com problemas no relacionamento, usavam os filhos como escudos , para impedir qualquer tipo de intimidade com o parceiro.

Foram relatadas situações nas quais as filhas dormiam na cama com os pais, e as mães dormiam nas camas das filhas; e outras em que as mães dormiam no quarto dos filhos, com estes. Segundo CONSTANTINE & MARTINSON (1984), tornar um filho um obstáculo entre o casal , pode ser momentaneamente agradável para a criança, mas pode criar dificuldades para ela estabelecer uma identidade sexual sadia .

Os resultados apresentados , nesta segunda situação (Tabela e gráfico 4.1.2.7b.), nos grupos entrevistados, foram estatisticamente diferentes ($p > 0.05$), segundo o teste do χ^2.

TABELA 4.1.2.7a. PRIVACIDADE DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PRIVACIDADE							
	Com quarto separado dos pais				Sem quarto separado			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	98	56,6	98	56,6	75	43,4	173	100,0
CRAMI	14	53,8	14	53,8	12	46,2	26	100,0
COMPARATIVO	97	66,4	97	66,4	49	33,6	146	100,0

$\chi^2 = 3.712$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.735$ G.L.= 2 $p<0.05$

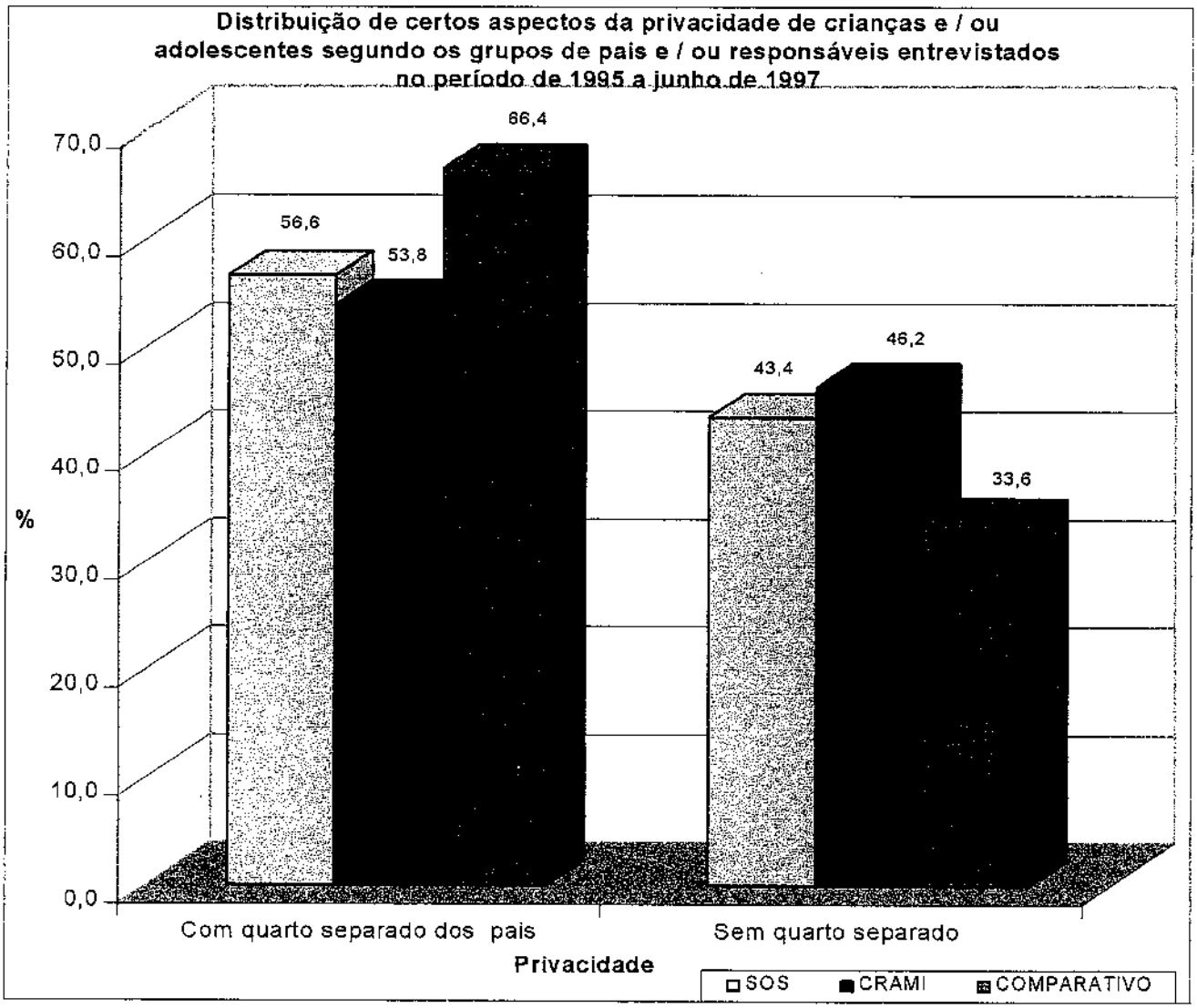


Figura 4.1.2.7a. Representação gráfica de certos aspectos da privacidade de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.7b. PRIVACIDADE DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PRIVACIDADE							
	Cama individual				Sem cama individual			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	150	86,7	150	86,7	23	13,3	173	100,0
CRAMI	15	57,7	15	57,7	11	42,3	26	100,0
COMPARATIVO	129	88,4	129	88,4	17	11,6	146	100,0

$\chi^2 = 17.083$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 12.961$ G.L.= 2 $p>0.05$

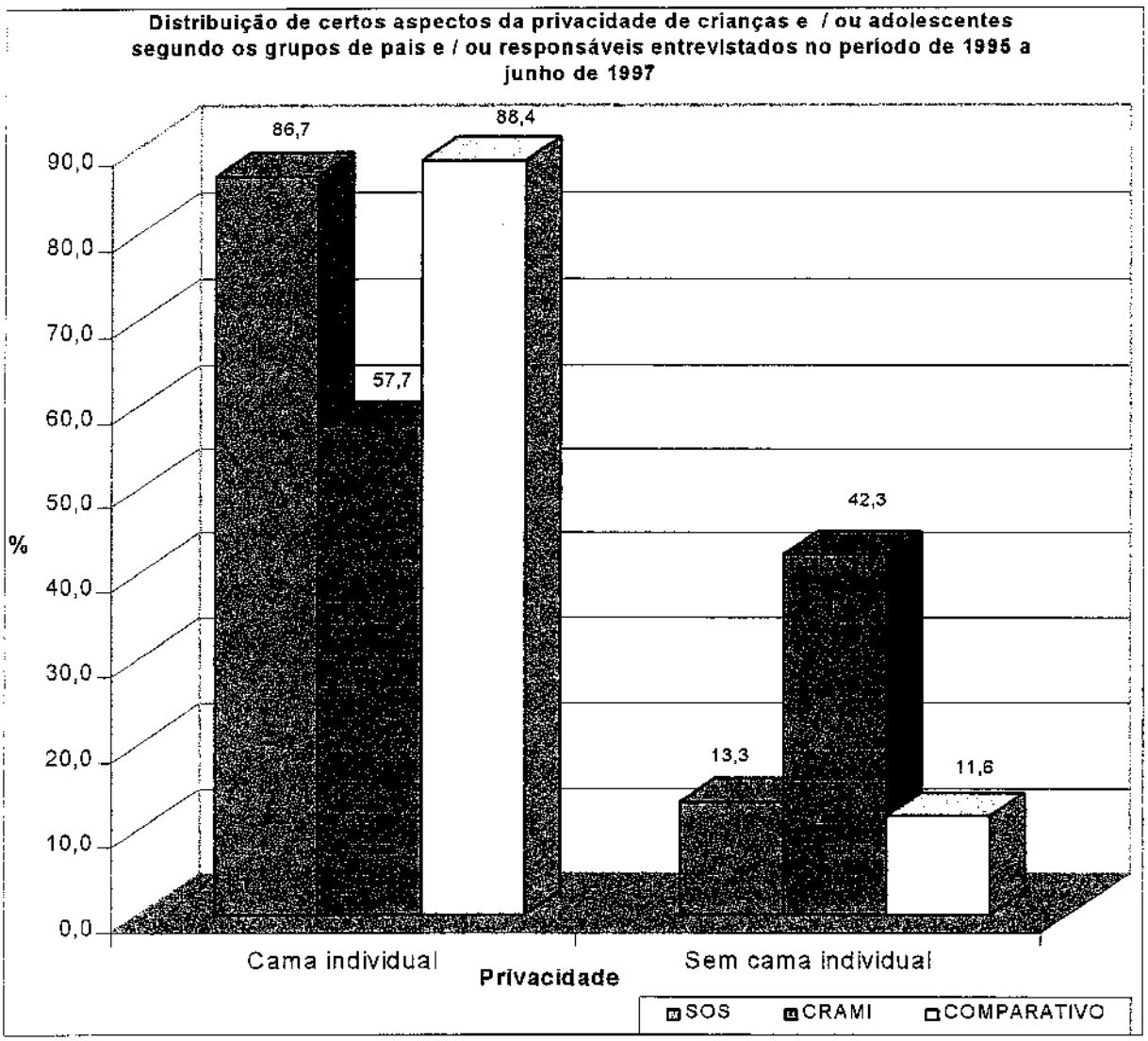


Figura 4.1.2.7b. Representação gráfica de certos aspectos da privacidade de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Amamentação (Tabela e gráfico 4.1.2.8.)

O primeiro evento social na vida de uma criança é a interação entre a mãe e o filho , na situação de alimentação. A mãe escolhe a maneira como vai alimentar o filho ,expressando , nesta decisão, as influências da sociedade , do seu estilo de vida, de sua história pessoal e de sua personalidade (MALDONADO, 1980) .

Para BADINTER (1985) , é difícil avaliar a percentagem de mulheres que amamentam, espontaneamente e por prazer, das que fazem isso mecanicamente , para obedecer a uma moda , ou , por fim, as que o fazem para não se sentirem culpadas e 'mães más', desde os primeiros dias dos filhos. Cada mãe tem as suas próprias razões para amamentar ou não, sendo um erro concluir, demasiado rápido, que a amamentação materna é um devotamento natural da mãe ao filho (BADINTER , 1985).

A amamentação, nos grupos entrevistados, obteve um alto percentual (próximo à 90%) . As justificativas para amamentar seus filhos foram as mais diversas; no entanto, uma grande proporção (50,0%), afirmava que o leite materno era melhor do que dar o industrializado para os bebês. Algumas pessoas chegaram a colocar a situação econômica como a de maior relevância.

Os grupos SOS (12,2%) e CRAMI (11,5%) foram os que apresentaram as mais elevadas taxas no 'Não aleitamento' . Estes grupos tiveram características que nos fizeram pensar numa correlação para a situação. Foi no primeiro grupo que se inseriu o maior número de mulheres que trabalhavam fora e chefiavam suas famílias.

O segundo grupo (Crami) , apresentou o menor poder aquisitivo, apesar da alta taxa de natalidade. Estas pessoas , pelas circunstâncias de suas vidas , não dispunham de tempo para o aleitamento. Precisavam com urgência voltar para os seus trabalhos e , geralmente , não possuíam vínculo empregatício, o que as tornavam mais vulneráveis a uma demissão, em caso de faltas ou atrasos freqüentes.

No grupo comparativo , apenas 6,8% da amostra não alimentaram seus filhos nos seios. As amostras foram estatisticamente semelhantes ($p < 0.05$), quanto à situação de amamentação, pelo teste do χ^2.

TABELA 4.1.2.8. AMAMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AMAMENTAÇÃO							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	152	87,8	152	87,8	21	12,2	173	100,0
CRAMI	23	88,5	23	88,5	3	11,5	26	100,0
COMPARATIVO	136	93,2	136	93,2	10	6,8	146	100,0

$\chi^2 = 2.583$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.677$ G.L.= 2 $p<0.05$

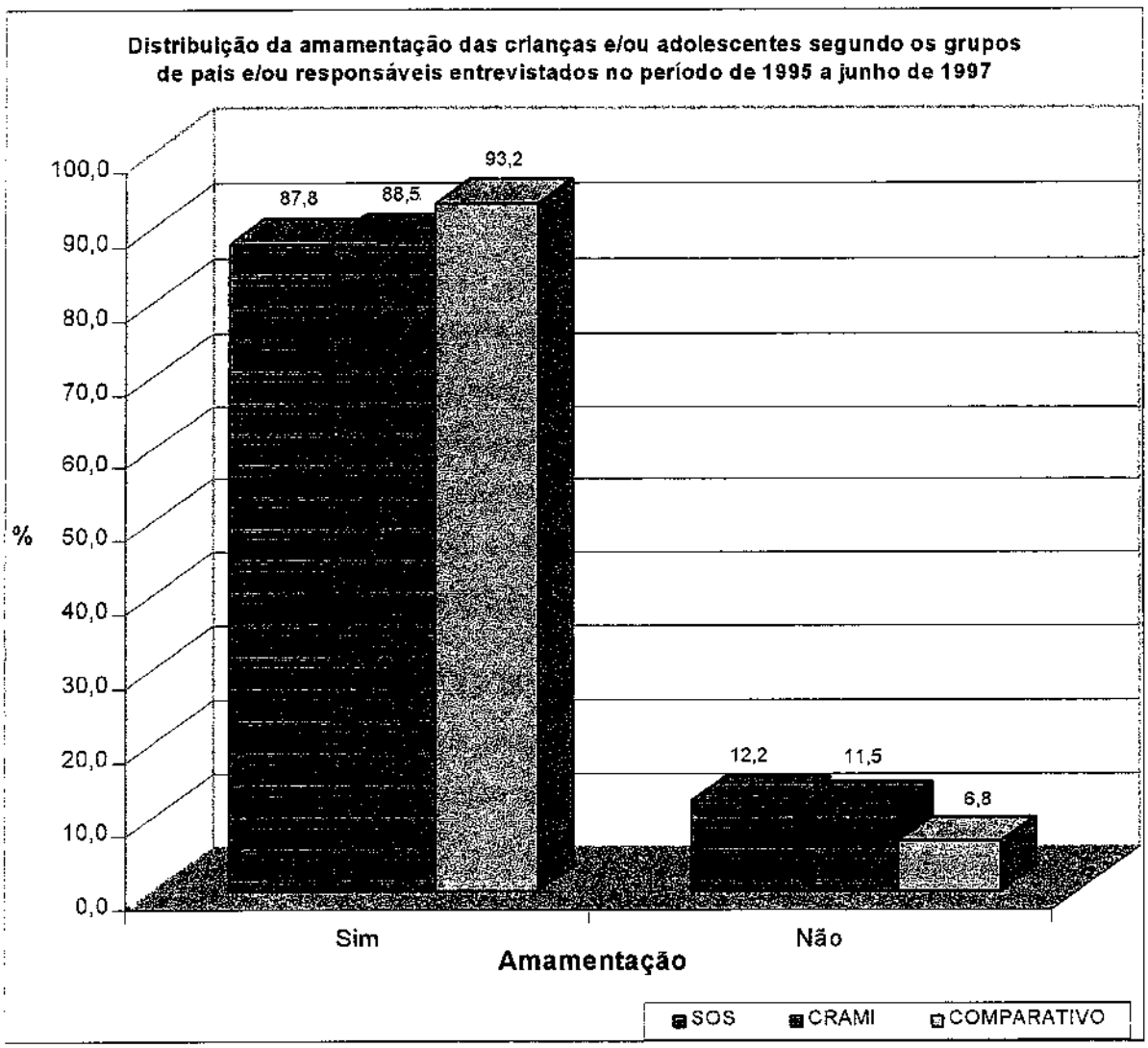


Figura 4.1.2.8. Representação gráfica da amamentação de crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Desenvolvimento motor e da fala (Tabelas e gráficos 4.1.2.9a. e 4.1.2.9b.)

O desenvolvimento é diferente em cada criança, sendo uma mistura complexa de vários padrões. Estes são determinados sobretudo pela hereditariedade. O andar tardio ou precoce, a dentição, a fala, a puberdade precoce ou tardia, estatura alta ou baixa, tudo isso sofre influência familiar. Estas características variam em uma mesma família, porque variam os caracteres hereditários de cada grupo familiar.

A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade. Ela não corresponde apenas a uma função mas, a um conjunto funcional, cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento.

Para LE BOULCH (1982), é pelas relações mútuas do organismo e do meio que a imagem do corpo organiza-se como o núcleo central da personalidade. As atividades motora e sensório - motora, graças às quais o indivíduo explora e maneja o meio, são essenciais para a sua evolução.

O desenvolvimento motor responde por habilidades como manter a cabeça firme, sentar, engatinhar, ficar de pé e andar. Há grandes variações, mesmo em crianças sadias. Nos grupos de mães e responsáveis entrevistadas encontramos,no grupo SOS, o percentual mais elevado (9,8%) para as dificuldades motoras. Segundo relatos nas entrevistas, o problema mais comum apresentado foi a demora no andar. Os demais grupos apresentaram resultados baixos neste item: Crami – 3,8% e comparativo – 3,4%.

Segundo AJURIAGUERRA & MARCELLI, (1986), na maioria dos casos de desenvolvimento motor vagaroso verificado pelos pais, trata-se de variação normal. Isto é, a avaliação da competência motora dos filhos revela uma carga de ansiedade na idealização destas crianças.

Entre os vários fatores importantes, na época em que a criança começa a andar sozinha, cumpre mencionar : peso, espaço razoável e sem perigos aparentes, doenças e experiências desfavoráveis e favoráveis à sua realização.

Não foi possível avaliar este item detalhadamente nas entrevistas, mesmo porque não era esse o nosso objetivo. Queríamos apenas fornecer uma visão da situação das crianças e do adolescente em seu aspecto motor.

Quanto à aquisição da linguagem, a maioria dos bebês começa a emitir sons por volta de um ano. Há, entretanto, crianças normais que demoram mais tempo para falar. Essa aquisição desenvolve-se conforme um plano regular.

A ontogênese da linguagem, para AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), faz-se em três etapas essenciais, cujos limites intermediários são arbitrários, mas a sucessão é regular. Distinguem-se as três fases em : pré - linguagem, até os 12,13 meses, às vezes 18 meses; pequena linguagem, 10 meses a 2,3 anos; linguagem, a partir dos 3 anos.

Entre os 4 e 5 anos, segundo estes autores (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986),a organização da linguagem torna-se mais complexa e a criança pode dispensar qualquer suporte concreto para se comunicar.

As análises estatísticas do desenvolvimento motor e da fala apresentaram semelhanças ($p < 0.05$) nos seus resultados quando foi aplicado o teste do χ^2, diferentemente dos resultados apresentados nos trabalhos de LIPPI (1986) e MARCOVICH (1986).

No desenvolvimento da fala observamos que, novamente, o grupo SOS apresenta o resultado mais alto (13,3 %), na variável 'dificuldade na fala'. Entre as mais citadas pelas mães e responsáveis foram os distúrbios da articulação, do tipo dislalias [1]; a linguagem infantil [2]; atraso simples de linguagem [3]; e a gagueira (F98.5). Os outros dois grupos obtiveram os resultados: Crami – 7,7% ; comparativo – 11,6%.

[1] Dislalias são distúrbios evolutivos, considerados como uma anormal substituição, distorção , omissão ou inserção de sons na linguagem falada. Há uma fase no desenvolvimento que as dislalias são consideradas fisiológicas (GRÜNSPUN, 1988). (F80)

[2] Linguagem infantil - é a conservação voluntária da linguagem infantilizada, que poderia ser normal , numa fase anterior (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986) (F80)

[3] Atraso simples de linguagem - caracteriza-se pela existência de uma demora do aparecimento da linguagem , na criança, que não apresenta retardo mental , surdez ou organização psicótica (AJURRIAGUERRA & MARCELLI , 1986) (F80)

O ambiente em torno da criança e como ela é tratada são aspectos importantes neste desenvolvimento. Se a mãe está tensa e silenciosa, quando faz algo para a criança, esta sente falta da comunicação, mas mantém-se calada, por não estar sendo estimulada. Por outro lado, se os adultos se dirigem a ela, com severidade, falando e dando ordens, isso pode acarretar embaraço e timidez, sempre que houver pessoas à sua volta. Às vezes, também ocorre que uma criança não aprende a falar, porque toda a sua família fica à sua disposição e lhe dá tudo, antes que seja necessário ela pedir.

Não foi nosso objetivo, nesse item, analisar em profundidade o que ocorreu ou ocorre ainda com as crianças e adolescentes, quanto a este aspecto.Talvez, em estudos futuros, possamos correlacionar esta variável com outras situações.

TABELA 4.1.2.9a. CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO MOTOR EM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	DESENVOLVIMENTO							
	Com dificuldade motora				Sem dificuldade motora			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	17	9,8	17	9,8	156	90,2	173	100,0
CRAMI	1	3,8	1	3,8	25	96,2	26	100,0
COMPARATIVO	5	3,4	5	3,4	141	96,6	146	100,0

$\chi^2 = 5.575$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.801$ G.L.= 2 $p<0.05$

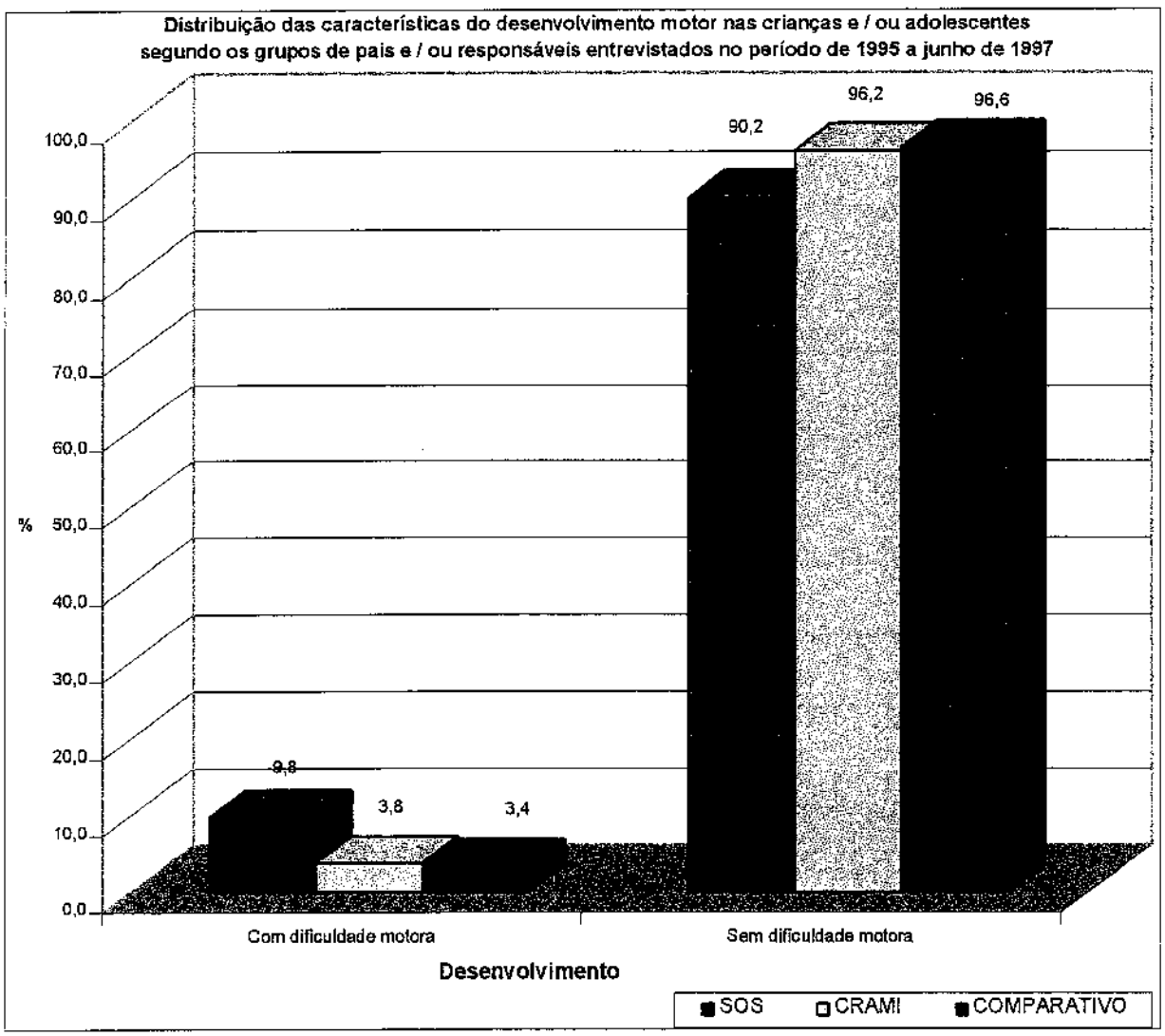


Figura 4.1.2.9a. Representação gráfica do desenvolvimento motor nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.9b. CARATERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO DA FALA EM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	DESENVOLVIMENTO							
	Com dificuldade na fala				Sem dificuldade na fala			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	23	13,3	23	13,3	150	86,7	173	100,0
CRAMI	2	7,7	2	7,7	24	92,3	26	100,0
COMPARATIVO	17	11,6	17	11,6	129	88,4	146	100,0

$\chi^2 = 0.730$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2 (G^2) = 0.790$ G.L.= 2 $p<0.05$

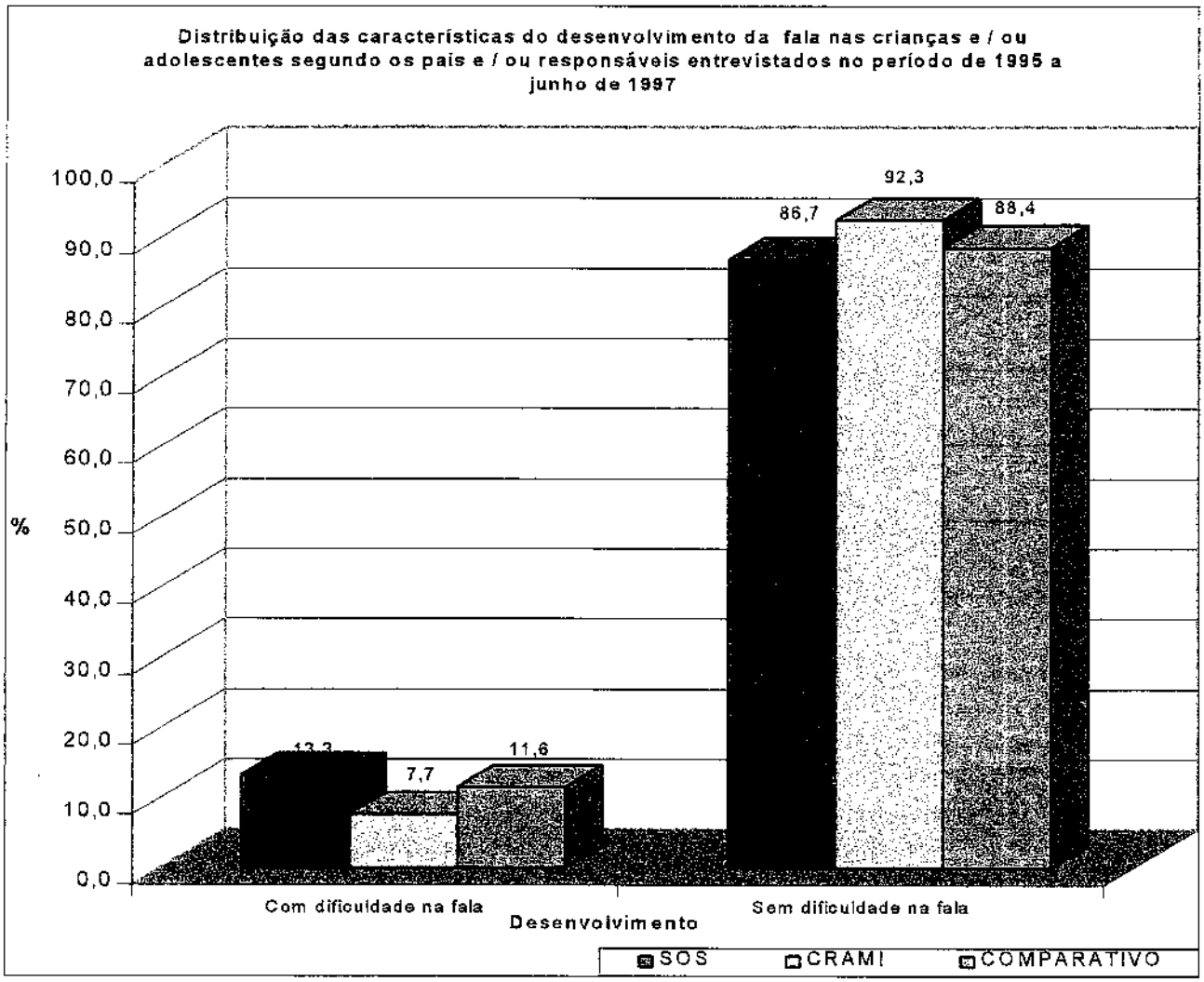


Figura 4.1.2.9b. Representação gráfica do desenvolvimento da fala nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Lateralidade (Tabela e gráfico 4.1.2.10.)

Por volta dos 3, 4 anos, começa a aparecer a preferência lateral. Isso não significa que, antes dessa idade, a criança não esboce,por seus atos, maior utilização de um lado do seu corpo do que o outro. Aos 5 anos existem ainda, segundo AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), 40% de crianças mal lateralizadas; 30%, por volta dos 5 aos 7 anos, excetuando-se os destros e os canhotos homogêneos, restarão mal lateralizados, sem que necessariamente tenham dificuldades.

O estudo da lateralidade é feito no nível de olho, mão e pé. Por lateralidade homogênea entendemos uma lateralidade dominante idêntica nos três níveis. A lateralidade contrariada, quer por um contexto de oposição, quer por forçar uma lateralização inadequada, pode acarretar fontes de dificuldades escolares posteriores.

Não parece que a taxa de morbidade dos diversos distúrbios do desenvolvimento seja significativamente diferente entre a população de destros e de canhotos. A ambidestria ocorre até durante o primeiro ano da criança, passando esta a preferir, a partir daí, a direita ou a esquerda.

Os três grupos entrevistados obtiveram alta incidência de respostas 'destro' (SOS - 91,3%; Crami - 84,6%; comparativo - 89,7%). O grupo Crami apresentou o resultado mais alto para 'canhoto' (11,5%) e 'ambidestro' (3,8%). É importante salientar que seria de grande utilidade, numa outra oportunidade, fazermos a comparação entre lateralidade e dificuldades na aprendizagem nas crianças e adolescentes que sofrem violência doméstica notificada.

A análise estatística dos resultados, pelo teste do χ^2, no que diz respeito à lateralidade, demonstrou que as amostras apresentaram respostas semelhantes ($p < 0.05$).

TABELA 4.1.2.10. LATERALIDADE DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	LATERALIDADE											
	Destro /a (s)				Canhoto/a (s)				Ambidestro/a (s)			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	158	91,3	158	91,3	12	6,9	170	98,2	3	1,8	173	100,0
CRAMI	22	84,6	22	84,6	3	11,5	25	96,1	1	3,8	26	100,0
COMPARATIVO	131	89,7	131	89,7	13	8,9	144	98,6	2	1,4	146	100,0

$\chi^2 = 1.680$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.487$ G.L.= 4 $p<0.05$

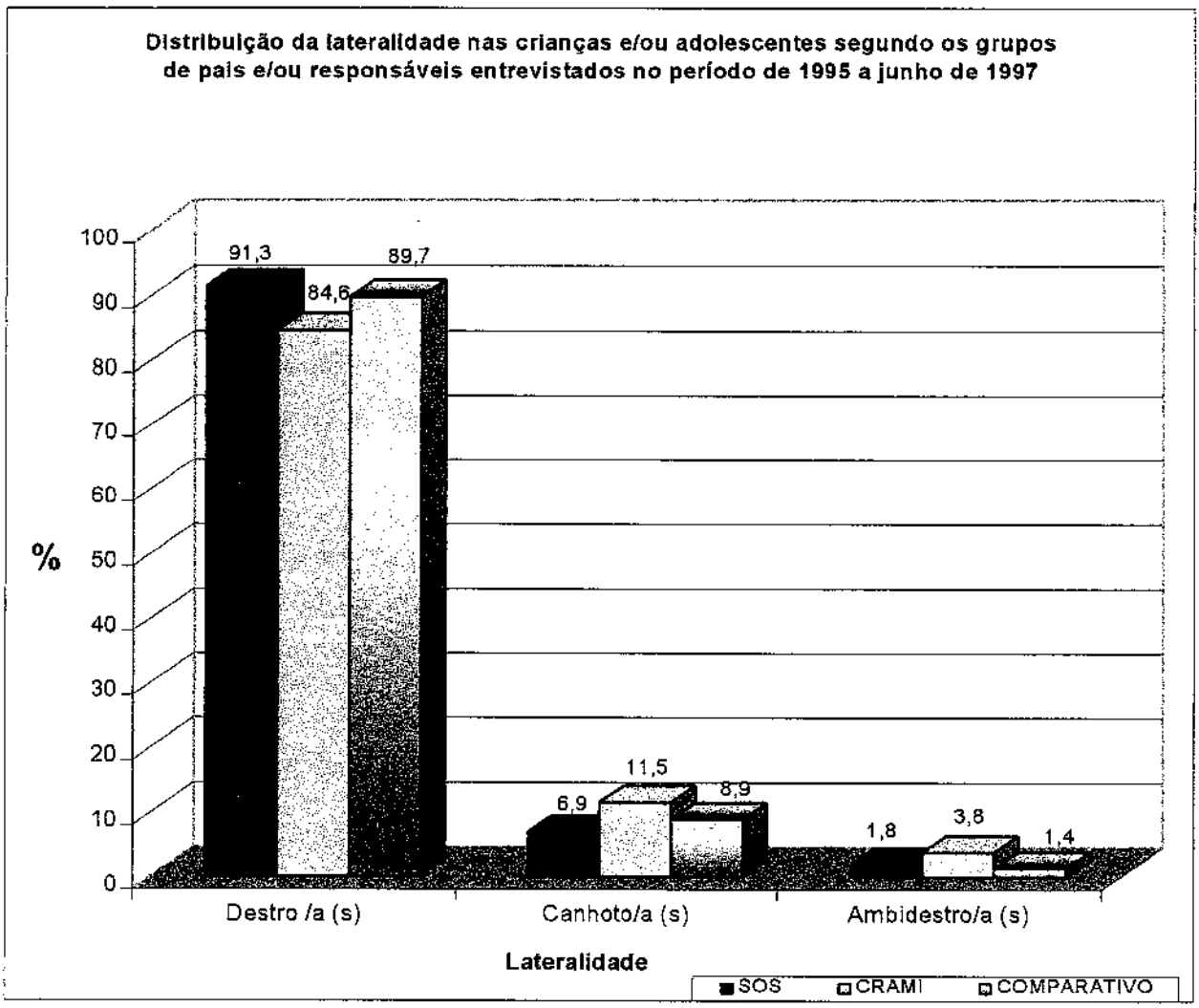


Figura 4.1.2.10. Representação gráfica da lateralidade de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Uso da chupeta (Tabelas e gráficos 4.1.2.11a. e 4.1.2.11b.)

Há uma extensa variedade de recursos de que a criança pequena se utiliza para se confortar quando está cansada ou infeliz. A partir dos seis meses de vida, quando começa a perceber e sentir que é um ente separado da mãe, a criança lança mão do recurso de usar a chupeta, muitas vezes incentivada pela própria mãe.

Desta forma, após esse período, a chupeta tem o seu significado alterado: ela deixa de ser um recurso utilizado para satisfazer a necessidade de sucção, para ser um elemento reconfortador, em horas de regressão durante o dia. Em geral, a partir dos dois anos de idade, a chupeta é abandonada pela criança, nos casos em que a mãe não encoraja o seu uso.

A proporção de crianças e adolescentes, nos grupos de pais e (ou) responsáveis entrevistados, que fazia o uso da chupeta, foi,de certa forma,regular entre os grupos (SOS – 68,2% e comparativo – 61,6%), havendo apenas uma pequena diminuição desta incidência no grupo Crami (46,2%). No entanto, seus membros apresentaram os resultados mais elevados, quando foram estabelecidos os níveis de freqüência deste hábito: 91,7 %, usaram-na durante anos (no mínimo, mais de um ano); e um adolescente de 12 anos (8,3%), ainda fazia uso até o momento da entrevista (Caso 1 – Crami).

Pelo limite de idade estabelecido para as amostras (7 a 18 anos), o uso deste objeto, mesmo na idade mínima dos entrevistados, levou-nos a pensar que estas crianças se sentem inseguras e expressam suas carências afetivas, principalmente realizando, fantasticamente, esse encontro com um objeto de satisfação. É provável que sejam pessoas menos desenvolvidas, emocionalmente,

utilizando estes recurso como uma das formas de demonstrar o precário funcionamento do seu aparelho psíquico.

Os resultados apresentados, quanto ao uso da chupeta, foram estatisticamente semelhantes nos três grupos ($p < 0.05$), quando usamos o teste do χ^2.

TABELA 4.1.2.11a. USO DA CHUPETA NAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	CHUPETA							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	118	68,2	118	68,2	55	31,8	173	100,0
CRAMI	12	46,2	12	46,2	14	53,8	26	100,0
COMPARATIVO	90	61,6	90	61,6	56	38,4	146	100,0

$\chi^2 = 5.253$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.123$ G.L.= 2 $p<0.05$

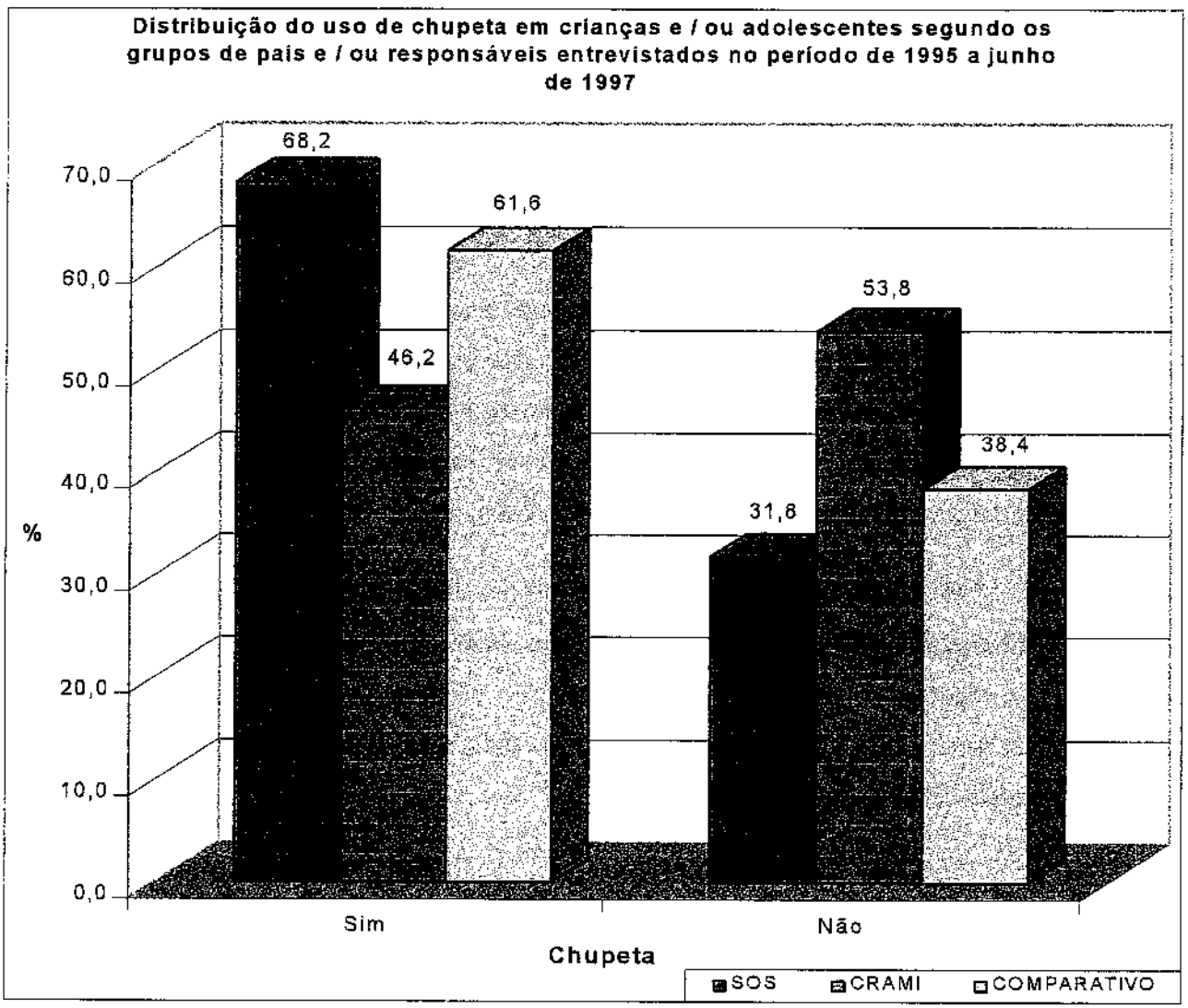


Figura 4.1.2.11a. Representação gráfica do uso da chupeta em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.11b. USO DA CHUPETA NAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE TREVISTAD	CHUPETA															
	Semanas				Meses				Anos				Até hoje			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	1	0,8	1	0,8	17	14,4	18	15,2	94	79,7	112	94,9	6	5,1	118	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	11	91,7	11	91,7	1	8,3	12	100,0
OMPARATIV	0	0,0	0	0,0	15	16,7	15	16,7	71	78,9	86	95,6	4	4,4	90	100,0

$\chi^2 = 3.433$ G.L.= 6 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.496$ G.L.= 6 $p<0.05$

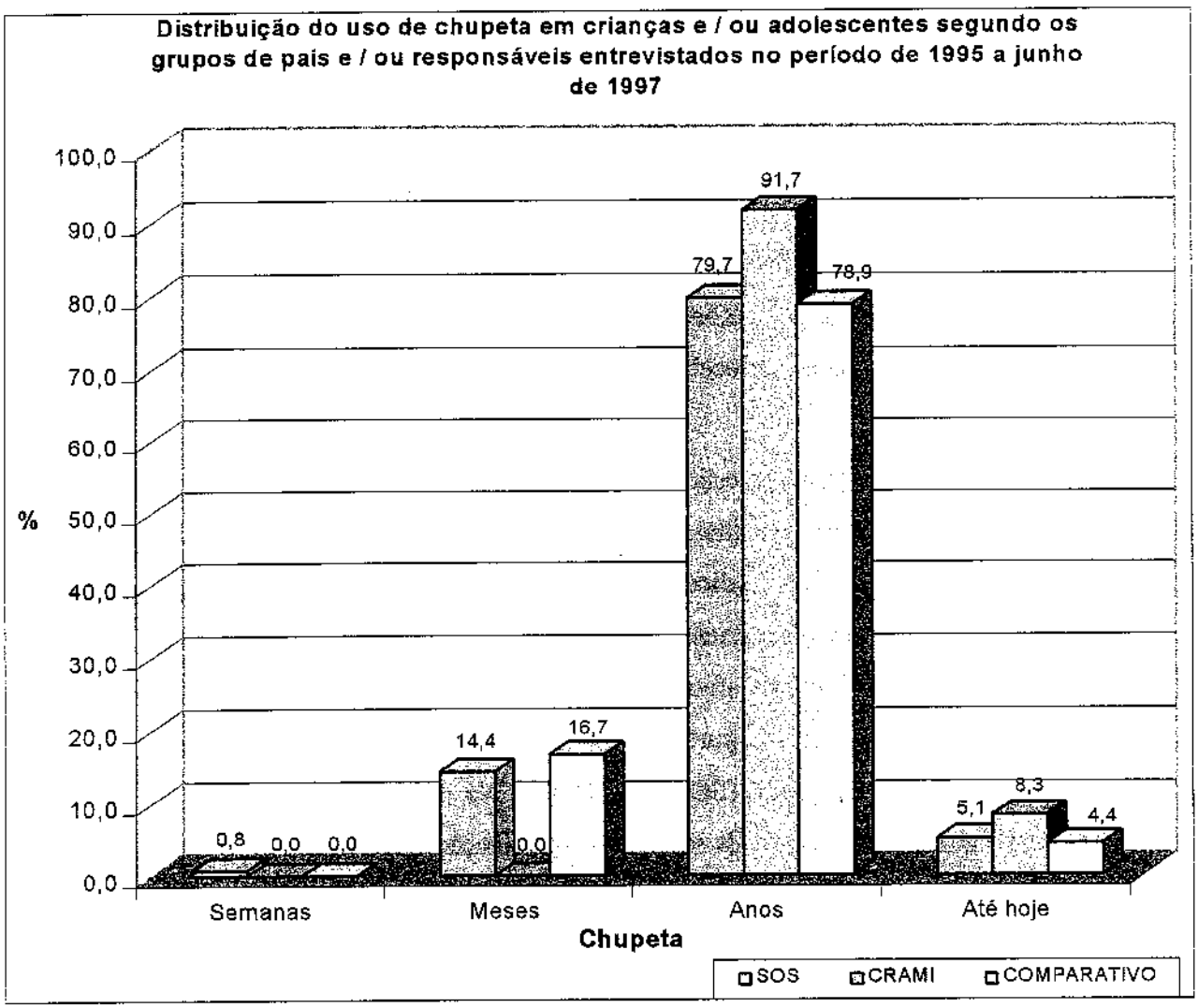


Figura 4.1.2.11b. Representação gráfica do uso da chupeta em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Sugar o dedo (Tabelas e gráficos 4.1.2.12a. e 4.1.2.12b.)

Entre as manipulações apresentadas destacamos o 'sugar o dedo', pela importância desta atitude em relação à afetividade. Escolhemos o termo 'sugar o dedo' e não 'sugar o polegar' (F98.8), porque, segundo GRÜNSPUN (1988), a sucção pode ser de qualquer dedo.

Aparentemente, toda criança põe o dedo na boca, durante certa época de sua vida. Existem, inclusive, descrições de crianças que nascem com o dedo na boca. A sucção é uma conduta inata, e parece que algumas crianças nascem com esta necessidade maior do que outras. Estes movimentos seriam involuntários até cerca dos 4 meses.

A sucção do dedo está, freqüentemente, associada à satisfação emocional (GRÜNSPUN, 1988). Muitas vezes, esta conduta está relacionada às crianças que sentem falta de afeto nos seus lares. Muitas crianças que sugam o dedo conseguem interromper esta atitude durante as horas escolares, mantendo-a apenas em casa.

Dois problemas físicos ligados a esta atitude têm sido levantados. O primeiro ligado à anatomia da boca, por deformação dos dentes e o segundo seria a irritação do dedo determinando, muitas vezes, infecções locais. Há crianças que chegam a produzir sérias lesões.

É possível observar esta situação, como patológica, a partir dos três anos de idade, sendo anteriormente, considerada usual para algumas crianças. Se houver demasiada freqüência durante o dia, pode indicar conflitos em idades anteriores. A criança que suga o dedo, depois dos seis anos, raramente apresenta este único problema; em geral, podemos encontrar associado a carências afetivas. A sucção do dedo é uma atividade auto-erótica, com a qual a criança tenta reassegurar-se e, ao mesmo tempo, expressa sua necessidade de contato emocional e corporal (SOIFER, 1982). Na maioria dos casos, são crianças parcialmente abandonadas às quais se dedica uma atenção bem menor do que normalmente é exigida por ela.

Há uma regressão à etapa oral [4], assinalando forte fixação na mesma e sérias inibições do desenvolvimento. Para SOIFER (1982), a atividade lúdica destas crianças e

[4] Etapa oral ou fase oral - o primeiro estágio do desenvolvimento libidinal corresponde aproximadamente ao primeiro ano de vida, quando se pressupõe que a principal fonte de gratificação libidinal da criança são as atividades orais prazerosas , tais como a sucção e o morder. (TYSON & TYSON, 1993)

adolescentes não se consolidou adequadamente. Se as necessidades da fase oral forem frustradas, por desmame prematuro, afastamento rigoroso dos objetos para sugar (incluindo o dedo), o ego[5] poderá ser incapaz de superar os desejos orais frustrados (BARROS, 1991)

Na etiologia deste quadro, incluso em outros transtornos emocionais e de comportamento especificados com início usualmente ocorrendo na infância e adolescência (F98.8) (CID - 10, 1997), juntamente com as causas familiares pelas quais se oferece menor estimulação e contato, encontramos, também, o excesso de assistência à televisão, desde os primeiros anos de vida. Constitui um fator, bastante freqüente, a ausência da mãe durante muitas horas do dia. A criança é cuidada por pessoas que não a substituem adequadamente. Este sintoma também pode instalar-se em crianças cuja mãe apresenta-se em pronunciado estado depressivo.

O grupo Crami (7,7%) foi o único grupo em que todos os que apresentaram este comportamento, permaneceram por anos realizando-o (100,0%). Os outros dois grupos apresentaram resultados distribuídos em quase todos os tipos de freqüência (SOS - semanas - 3,7%; anos - 29,6%; até hoje – 66,7% / comparativo - meses – 12,5 % ; anos – 37,5 %; até hoje – 50,0 %). É importante notar que, nestas amostras, uma alta percentagem de crianças e adolescentes (nos grupos SOS - 66,7% e comparativo - 50,0%), que executavam este ato, faziam-no até o momento das entrevistas. Isso talvez possa ser atribuído, não apenas à ausência física da mãe, mas ao afastamento emocional dos progenitores e (ou) responsáveis, por problemas familiares.

O resultado da análise estatística destas variáveis demonstrou que não houve diferença ($p < 0.05$) entre as respostas dos grupos entrevistados, quando foi aplicado o teste do χ^2.

Numa situação futura, seria interessante a avaliação destes dados com a idade das crianças e adolescentes e o tipo de violência que sofrem, para os grupos SOS e Crami. Seria importante observarmos em que tipos de família este comportamento também ocorre.

[5] Ego - experiência que o indivíduo possui de si mesmo , ou concepção que faz da sua personalidade (MICHAELIS , (1998).

TABELA 4.1.2.12a. ATO DE SUGAR O DEDO NAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SUGAR O DEDO							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	27	15,6	27	15,6	146	84,4	173	100,0
CRAMI	2	7,7	2	7,7	24	92,3	26	100,0
COMPARATIVO	16	11,0	16	11,0	130	89,0	146	100,0

$\chi^2 = 2.218$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.293$ G.L.= 2 $p<0.05$

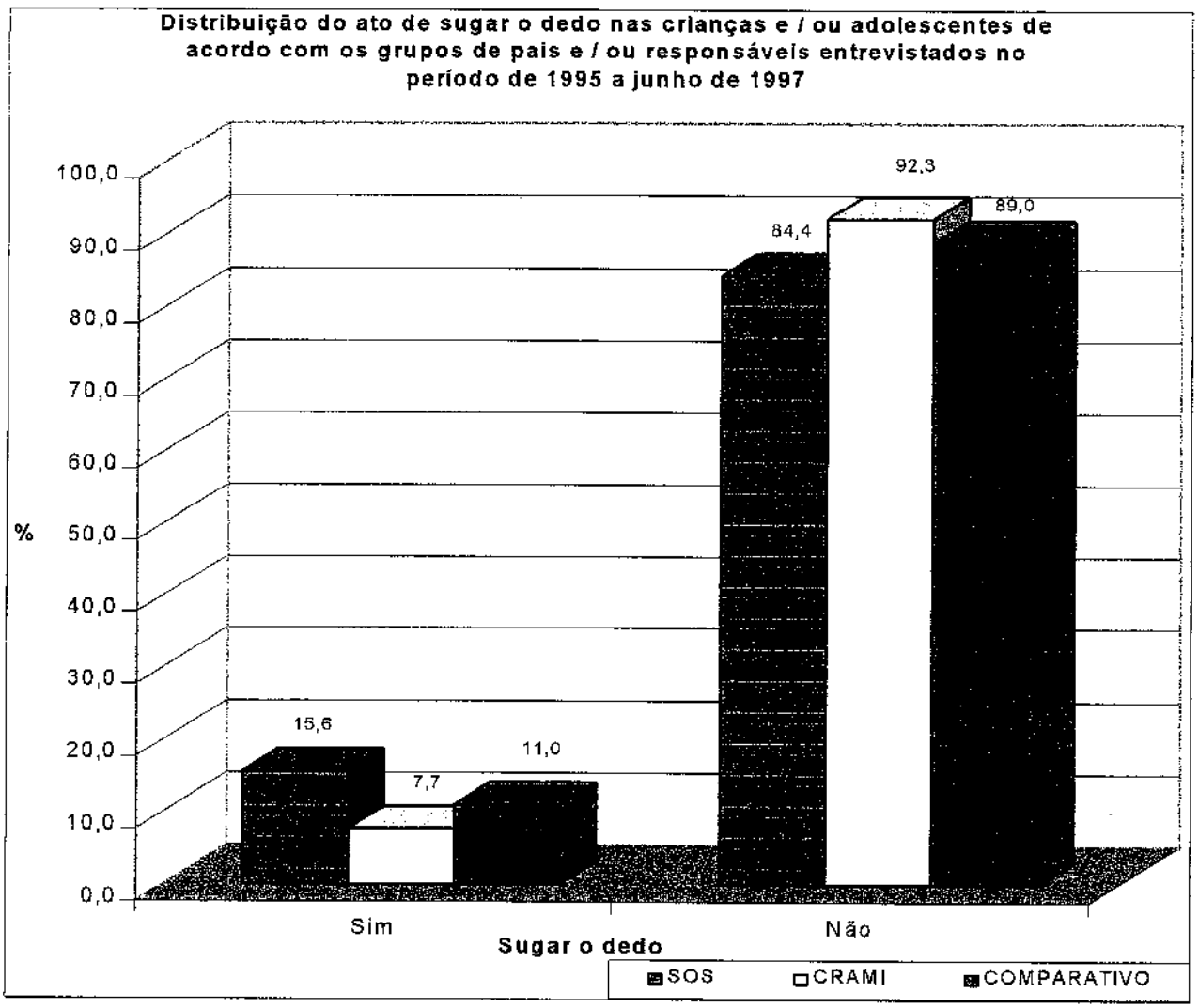


Figura 4.1.2.12a. Representação gráfica do ato de sugar o dedo em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.12b. ATO DE SUGAR O DEDO NAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADO	SUGAR O DEDO															
	Semanas				Meses				Anos				Até hoje			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	1	3,7	1	3,7	0	0,0	0	0,0	8	29,6	9	33,3	18	66,7	27	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	100	2	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	0	0,0	0	0,0	2	12,5	2	12,5	6	37,5	8	50,0	8	50,0	16	100,0

$\chi^2 = 8.604$ G.L.= 6 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2 (G^2) = 9.854$ G.L.= 6 $p<0.05$

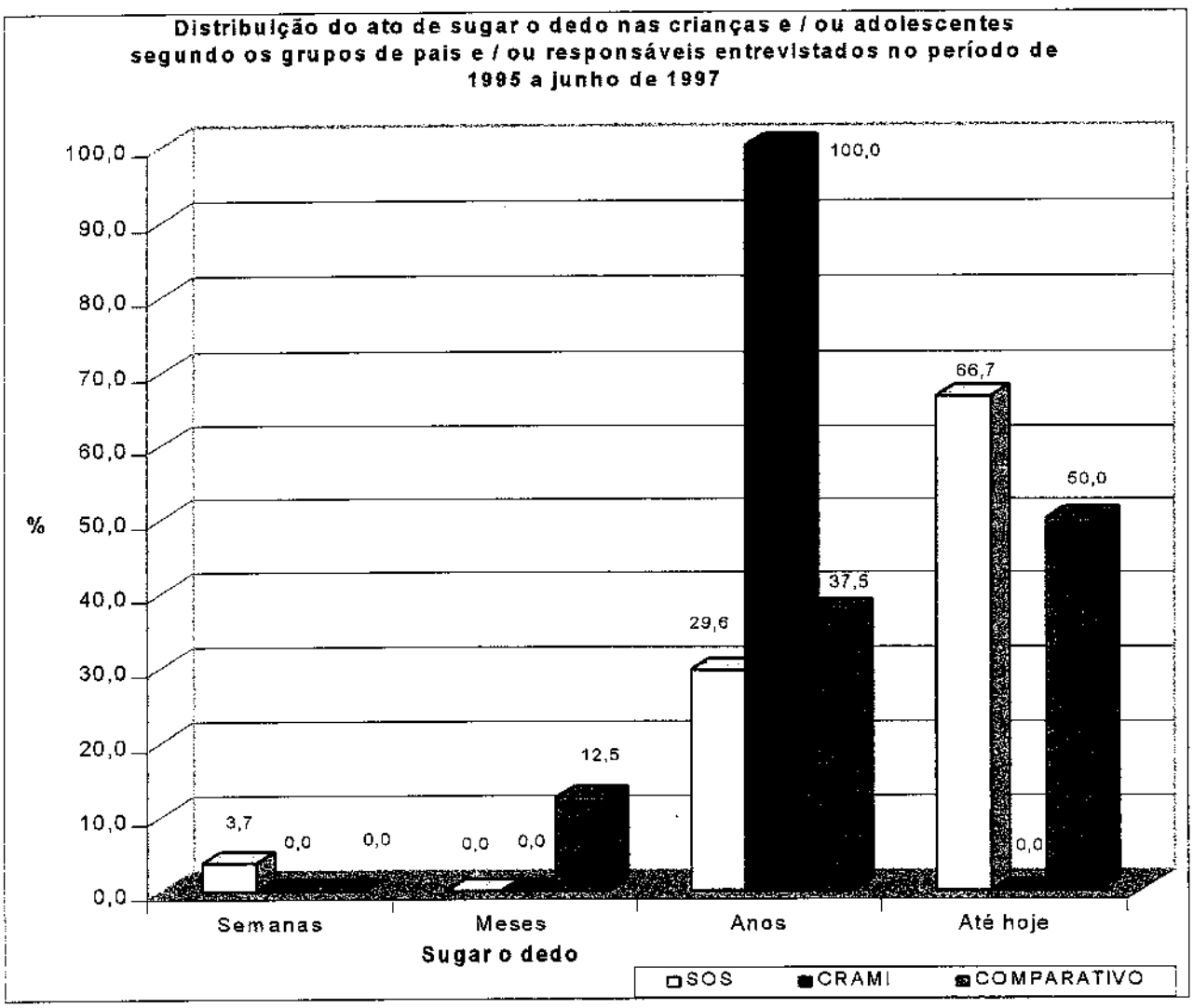


Figura 4.1.2.12b. Representação gráfica do ato de sugar o dedo em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Manipulações (Tabelas e gráficos 4.1.2.13a., 4.1.2.13b., 4.1.2.13c. e 4.1.2.13d.)

Desde os primeiros meses de vida, a criança pode manter vários hábitos[6] e manipulações[7]. Na maioria das vezes, os hábitos desaparecem no primeiro ano de vida. Os hábitos que se mantêm e que têm características de patologia são: os movimentos rítmicos do corpo, da cabeça, os devaneios durante o dia e os amigos imaginários. Os hábitos motores repetem-se de maneira idêntica, de acordo com GRÜNSPUN (1988) e, mesmo querendo, o indivíduo não consegue dominar o ato.

A manipulação, como todo distúrbio evolutivo de conduta, é um distúrbio no desenvolvimento. Pode começar muito cedo, às vezes no nascimento, e adquirir características próprias em um certo momento da vida. Existe um alto nível de conhecimento na manipulação, isto é, ela é voluntária. Parece ter sempre uma finalidade, ou seja, é agradável para quem a faz e causa um certo prazer. A manipulação pode ser repetida com todos os tipos de variações possíveis, diferenciando-se, desta forma, do tique, segundo GRÜNSPUN (1988).

Na manipulação, a criança e o adolescente sentem-se responsáveis pelo ato, conseguindo controlá-lo. As manipulações mais comuns são: sugar do polegar; roer as unhas (onicofagia) ; piscar os olhos; esfregar os olhos; colocar o dedo no nariz ; arrancar o cabelo (tricotilomania); enrolar os cabelos; morder os lábios; mão na boca, mão na orelha ou em qualquer parte do corpo (GRÜNSPUN, 1988).

De acordo com o CID - 10 (1997), estes são os chamados transtornos do desenvolvimento psicológico, como tiques (F95) e outros transtornos comportamentais e emocionais com início durante a infância ou a adolescência (F98), do tipo, estereotipias motoras (F98.4), gagueira (F98.5) e outros transtornos comportamentais e emocionais especificados, com início habitualmente na infância ou adolescência, como sugar o polegar ou roer as unhas (F98.8), não apresentaram diferenças nos seus resultados, nos grupos entrevistados ($p < 0.05$).

[6] Hábito - inclinação por alguma ação , ou disposição de agir constantemente de certo modo, adquirida pela freqüente repetição de um ato (MICHAELIS , 1998)
[7] Manipulação - operação manual (MICHAELIS, 1998) , envolvendo partes do corpo, neste caso específico.

A maior parte das manipulações das crianças e dos adolescentes relatadas nas anamneses realizadas com os pais e (ou) responsáveis, tiveram início na primeira infância. As duas exceções foram o piscar os olhos e roer as unhas, que foram apresentadas como condutas mais recentes na vida destes.

Nos grupos entrevistados de pais e (ou) responsáveis, não foram observados hábitos nos adolescentes, nem nas crianças. Entretanto, várias manipulações foram descritas e observadas no decorrer das visitas domiciliares.

A mais comum das queixas de manipulação do corpo, na pesquisa com pais e (ou) responsáveis, foi a onicofagia. Esta conduta começa, mais tardiamente, do que a sucção do polegar, após o aparecimento dos dentes. Dados relatados por GRÜNSPUN (1988), afirmam que: *no início da vida escolar cerca de 33% das crianças roem as unhas, alguns trabalhos chegaram a precisar 40 a 50% para a adolescência e outros chegaram a verificar que até 66% dos estudantes roeram as unhas alguma vez na vida.*

A onicofagia, para AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), seria encontrada em 10 a 30% das crianças. Não se pode descrever um tipo psicológico de criança ou adolescente onicófago. Geralmente são indivíduos ansiosos, vivos e ativos. Alguns teóricos assinalam, nessa conduta, um deslocamento auto-erótico que associaria o prazer a uma conotação auto-agressiva e punitiva, tanto pelas lesões provocadas, quanto pela reação de desaprovação do meio.

Roer as unhas é um sintoma mais brusco do que o dedo na boca e estaria associado a uma tensão psicológica. Algumas vezes, o dedo na boca é associado a outras manipulações como o enrolar e o arrancar os cabelos (tricotilomania). Morder os lábios, muitas vezes, é acompanhado de sucção dos lábios e é descrito em quadros de tensão. Em geral, puxar as orelhas é um dos movimentos acessórios que pode acompanhar a sucção do polegar.

Nossos resultados no item 'roer unhas' Tabela e gráfico 4.1.2.13b) foram elevados, em comparação a outros dados (SOS – 87,0 %; Crami – 100,0 % ; comparativo - 82,4 %).As demais variáveis não apresentaram resultados tão expressivos (arrancar os

cabelos – SOS – 3,9% ; comparativo – 3,5%; puxar a orelha – SOS – 2,6%; comparativo – 3,5%; morder os lábios – SOS – 6,5% ; comparativo – 10,5%).

Uma das condutas, raramente descrita na literatura, o 'morder a roupa' (tabela e gráfico 4.1.2.13d), encontramos numa freqüência maior no grupo SOS (77,8%), em relação aos outros dois grupos (Crami - 33,3%; comparativo - 50,0%).

A análise estatística das respostas dos grupos entrevistados, quanto a manipulações, não apresentou diferenças significativas ($p < 0.05$), nos resultados das amostras, pelo teste do χ^2.

TABELA 4.1.2.13a. PRESENÇA DE MANIPULAÇÕES DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MANIPULAÇÃO							
	Presença de manipulação				Ausência de manipulação			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	77	44,5	77	44,5	96	55,5	173	100,0
CRAMI	7	26,9	7	26,9	19	73,1	26	100,0
COMPARATIVO	57	39,0	57	39,0	89	61,0	146	100,0

$\chi^2 = 3.243$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.347$ G.L.= 2 $p<0.05$

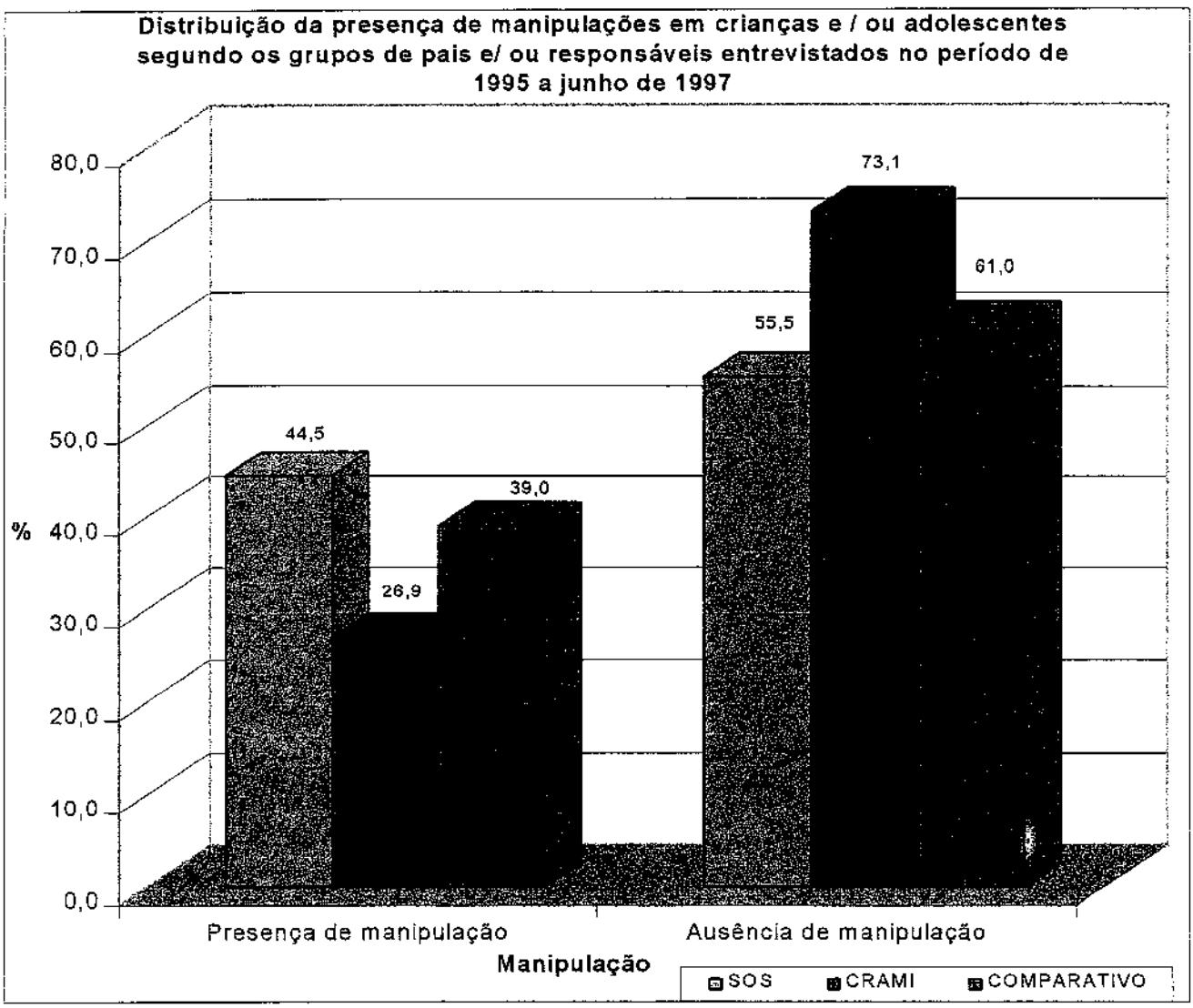


Figura 4.1.2.13a. Representação gráfica da presença de manipulações de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.13b. ALGUMAS MANIPULAÇÕES DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MANIPULAÇÃO															
	Roer unhas				Arrancar cabelos				Puxar orelhas				Morder lábios			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	67	87,0	67	87,0	3	3,9	70	90,9	2	2,6	72	93,5	5	6,5	77	100,0
CRAMI	7	100,0	7	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	47	82,4	47	82,4	2	3,5	49	85,9	2	3,5	51	89,4	6	10,5	57	100,0

$\chi^2 = 2.089$ G.L.= 6 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.024$ G.L.= 6 $p<0.05$

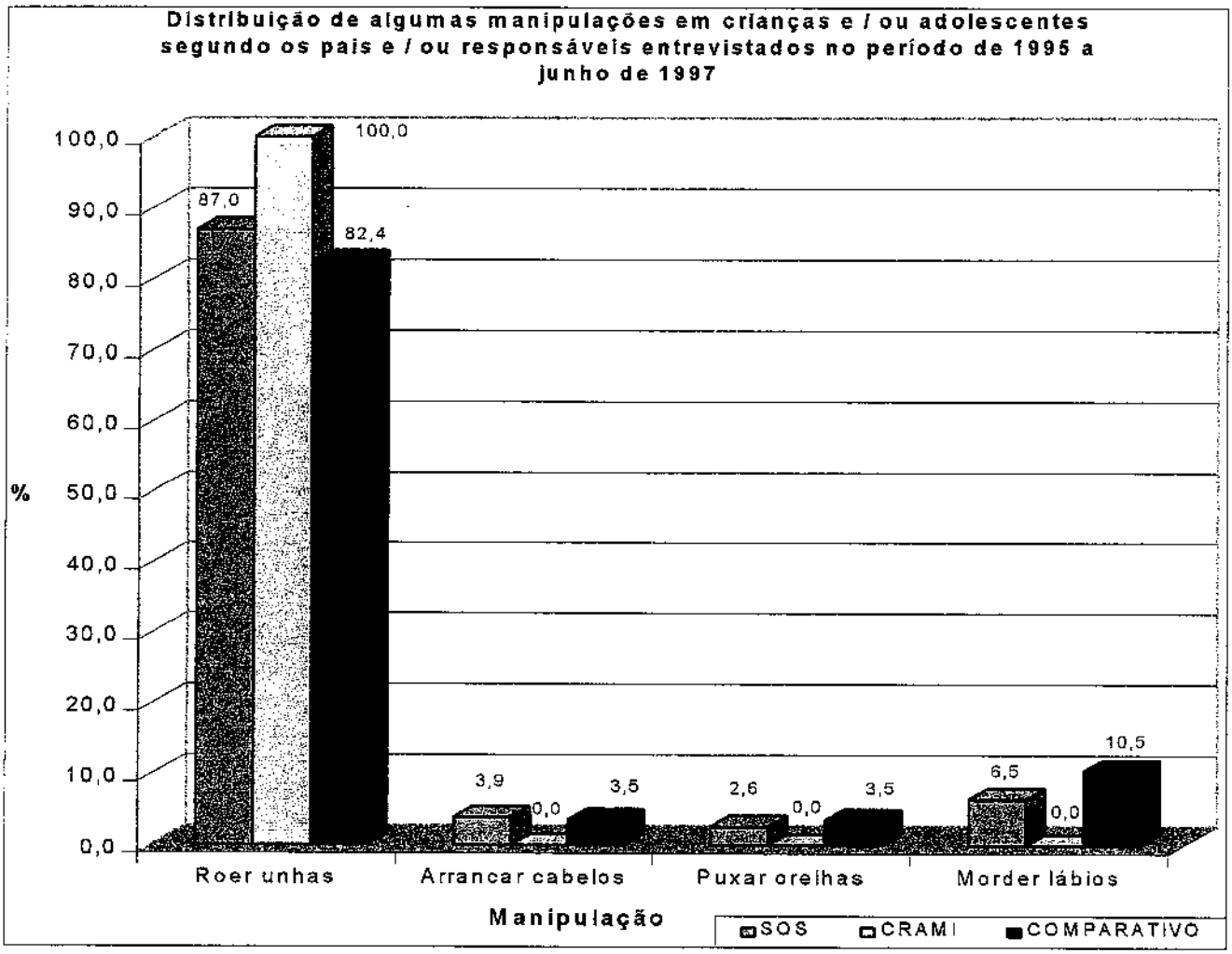


Figura 4.1.2.13b. Representação gráfica de algumas manipulações de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.13c. PRESENÇA DE MANIPULAÇÕES NAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MANIPULAÇÃO							
	Presença de manipulação				Ausência de manipulação			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	9	5,2	9	5,2	164	94,8	173	100,0
CRAMI	3	11,5	3	11,5	23	88,5	26	100,0
COMPARATIVO	10	6,8	10	6,8	136	93,1	146	100,0

$\chi^2 = 1.615$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.428$ G.L.= 2 $p<0.05$

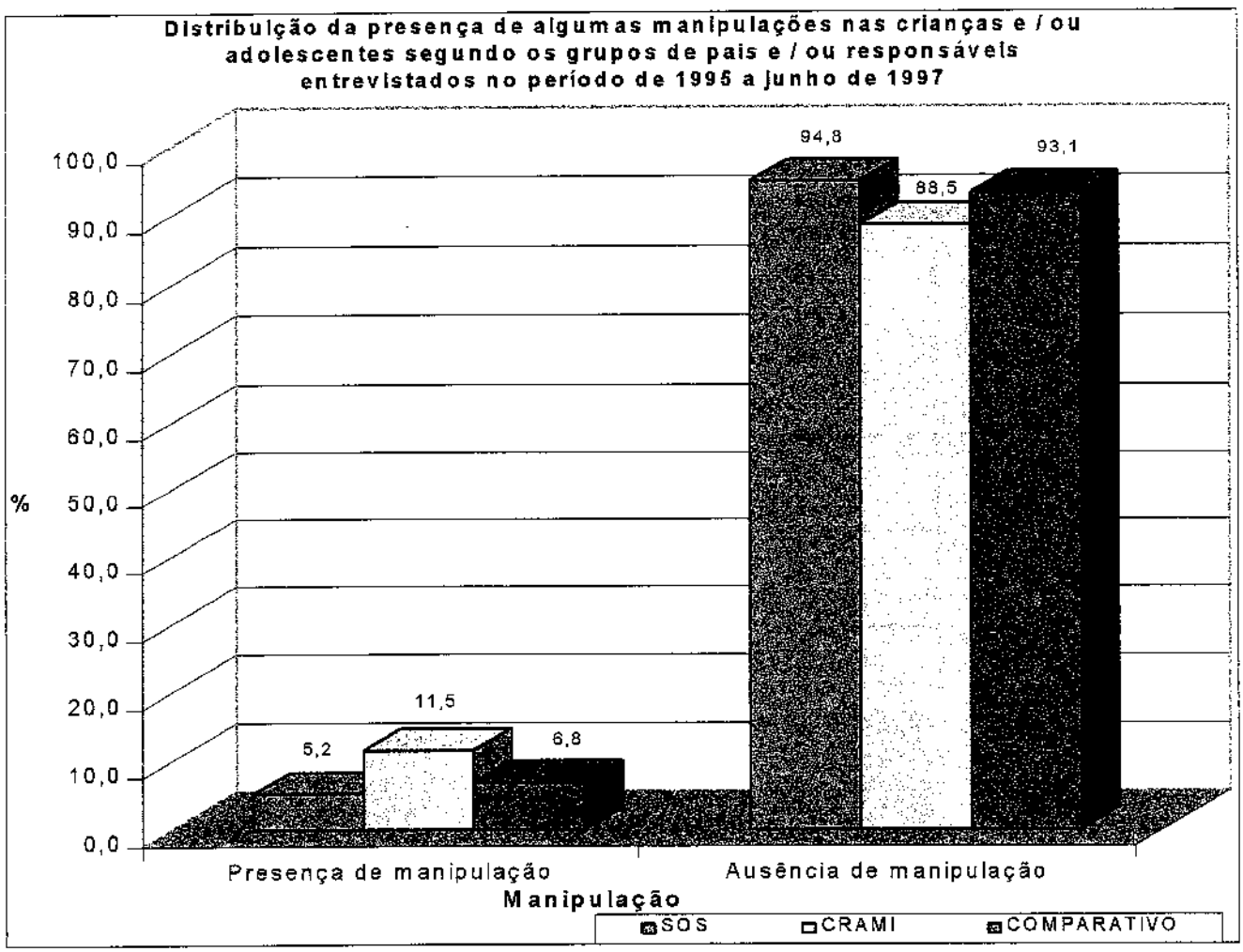


Figura 4.1.2.13c. Representação gráfica da presença de manipulações nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.13d. ALGUMAS MANIPULAÇÕES DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MANIPULAÇÕES															
	Enrolar cabelos				Dedo na boca				Morder a roupa				Piscar			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	2	22,2	2	22,2	0	0,0	0	0,0	7	77,8	9	100,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	1	33,3	1	33,3	1	33,3	2	66,7	1	33,3	3	100,0
COMPARATIVO	1	10,0	1	10,0	0	0,0	0	0,0	5	50,0	6	60,0	4	40,0	10	100,0

$\chi^2 = 11.841$ G.L.= 6 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 11.638$ G.L.= 6 $p<0.05$

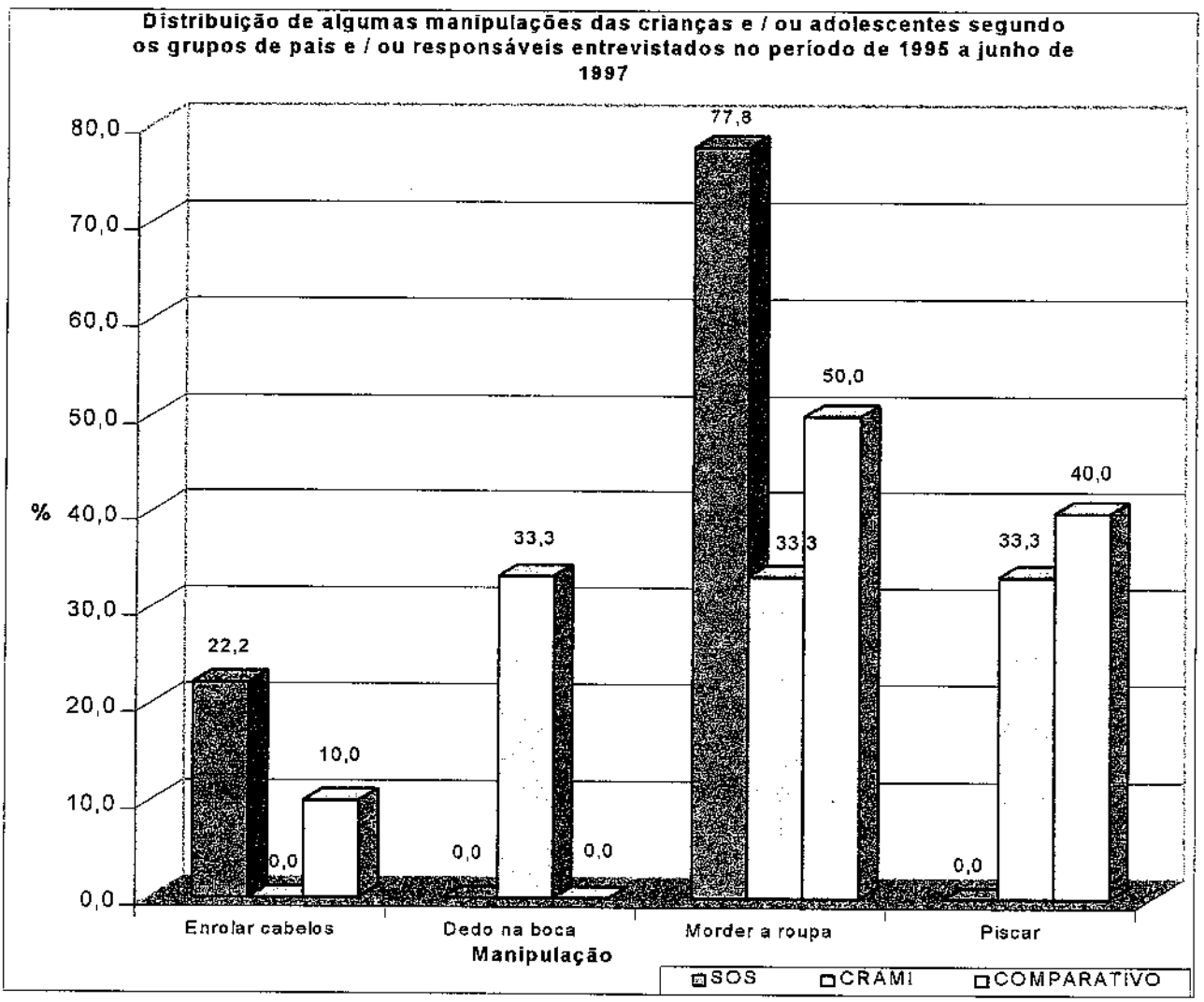


Figura 4.1.2.13d. Representação gráfica de algumas manipulações nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Socialização (Tabelas e gráficos 4.1.2.14a., 4.1.2.14b. e 4.1.2.14c.)

A socialização refere-se ao processo de aprendizagem para reconhecer valores e expectativas grupais e aumentar a capacidade do indivíduo para adaptar-se a eles. O grau em que uma criança ou adolescente satisfaz aos padrões dos grupos de pares[8] depende do montante de sua atividade social.

A criança, no seu desenvolvimento, passa por vários processos de socialização. Segundo GRÜNSPUN (1988), este processo passaria por uma sociabilidade, primariamente, individual; posteriormente, por uma fase de socialização familiar ; e, finalmente, teríamos a socialização grupal ou socialização social.

As influências dos pais e dos pares transforma o crescimento do indivíduo, de criança egocêntrica para adulto socialmente competente. Os padrões de amizade mudam profundamente com a idade. Entre os dois e três anos, o número de amizades aumenta. Depois dessa idade, a mudança principal é no estreitamento da dedicação a algumas e determinadas crianças.

As relações nos anos escolares são mais extensas, intensas e influentes do que as dos anos anteriores. As amizades pré-escolares sendo casuais, instáveis e transitórias, provavelmente, revestem-se de poucos efeitos importantes ou duradouros sobre a personalidade de uma criança (MUSSEN, 1972).

Segundo GRÜNSPUN (1988), é a partir dos quatro anos de idade que ocorre a cooperação entre amigos. Na organização do grupo, existe sempre um objetivo comum: não só o empréstimo dos brinquedos é fácil de ser realizado, como também o emprego das fantasias. É o grupo de brinquedos que servirá de modelo para as organizações sociais posteriores.

As crianças a partir da idade escolar relacionam-se com os outros de modo 'social': precisam brincar e assumir posições. A aquisição de habilidades, cada vez maior, de comunicação e interação, é uma parte significativa do processo de socialização.

[8] Grupos de pares - grupo ao qual uma pessoa pertence, ou no qual está interessada em pertencer, usualmente com uma influência modeladora sobre o indivíduo. Par , igual - companheiro da mesma idade.(PIKUNAS, 1992)

O altruísmo e a ajuda aos outros fazem com que se perceba a necessidade de ajuda ou assistência. Isso exige, por um lado, ao menos a habilidade rudimentar de se colocar 'na pele do outro'. Na medida em que o egocentrismo vai diminuindo, o altruísmo vai aumentando, no decorrer do desenvolvimento.

Com exceção dos pais e professores, os amigos da criança são, talvez, seus mais importantes socializadores e exercem um impacto direto e poderoso sobre a personalidade e o desenvolvimento social.

As relações sociais na adolescência são mais complexas e tem mais ramificações do que as das crianças. A influência dos amigos é maior, neste período, do que em qualquer fase anterior, particularmente, a respeito dos valores morais e pessoais.

Na situação de socialização das crianças e adolescentes, nos aspectos abordados nas anamneses com os pais e (ou) responsáveis entrevistados, observamos os seguintes resultados : facilidade em fazer amigos (tabela e gráfico 4.1.2.14 .) – SOS – 83,4%; Crami – 71,0%; comparativo – 83,4%; e compreensão de sentimentos (tabela e gráfico 4.1.2.14c.) – SOS – 91,4%; Crami – 83,9%; comparativo – 91,4%. A análise estatística destes dados, pelo teste do χ^2, revelou semelhanças nas respostas dos grupos entrevistados ($p < 0.05$).

Uma situação que apresentou diferença ($p > 0.05$) nas respostas dos grupos entrevistados foi a 'divisão de objetos' (tabela e gráfico 4.1.2.14b.). Os grupos SOS (89,1%) e comparativo (94,0%) apresentaram uma disponibilidade maior para esta atitude do que o grupo Crami (67,7%).

TABELA 4.1.2.14a. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DE SOCIALIZAÇÃO EM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SOCIALIZAÇÃO							
	Facilidade em fazer amigos				Dificuldade em fazer amigos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	146	83,4	146	83,4	29	16,6	175	100,0
CRAMI	22	71,0	22	71,0	9	29,0	31	100,0
COMPARATIVO	126	83,4	126	83,4	25	16,6	151	100,0

$\chi^2 = 3.028$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.682$ G.L.= 2 $p<0.05$

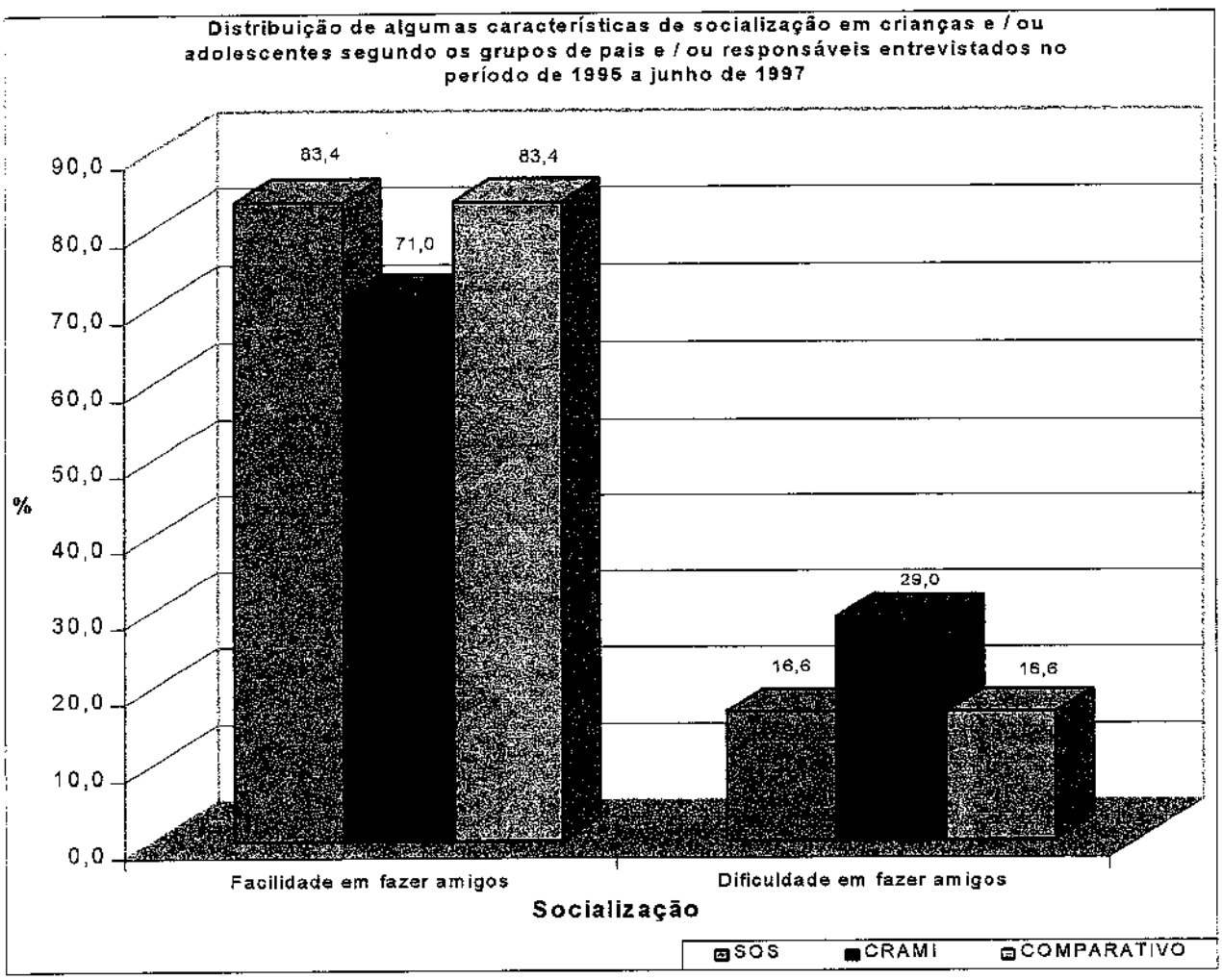


Figura 4.1.2.14a. Representação gráfica de algumas características de socialização nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.14b. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DE SOCIALIZAÇÃO EM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SOCIALIZAÇÃO							
	Divisão de objetos com colegas				Não divisão de objetos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	156	89,1	156	89,1	19	10,9	175	100,0
CRAMI	21	67,7	21	67,7	10	32,3	31	100,0
COMPARATIVO	142	94,0	142	94,0	9	6,0	151	100,0

$\chi^2 = 18.718$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2 (G^2) = 14.624$ G.L.= 2 $p>0.05$

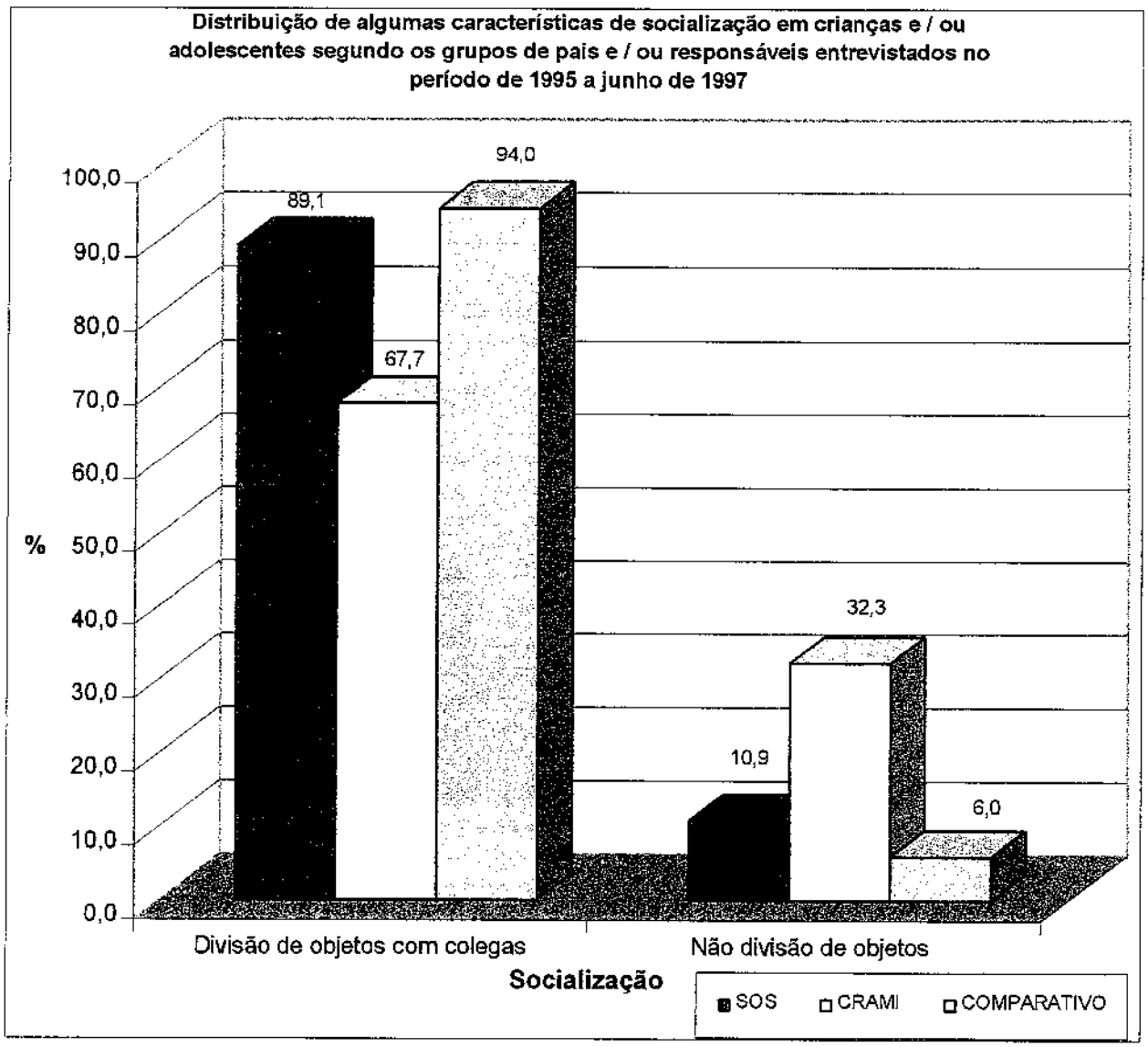


Figura 4.1.2.14b. Representação gráfica de algumas características de socialização nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.14c. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DE SOCIALIZAÇÃO EM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SOCIALIZAÇÃO							
	Compreensão de sentimentos				Não compreensão de sentimentos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	160	91,4	160	91,4	15	8,6	175	100,0
CRAMI	26	83,9	26	83,9	5	16,1	31	100,0
COMPARATIVO	138	91,4	138	91,4	13	8,6	151	100,0

$\chi^2 = 1.919$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.634$ G.L.= 2 $p<0.05$

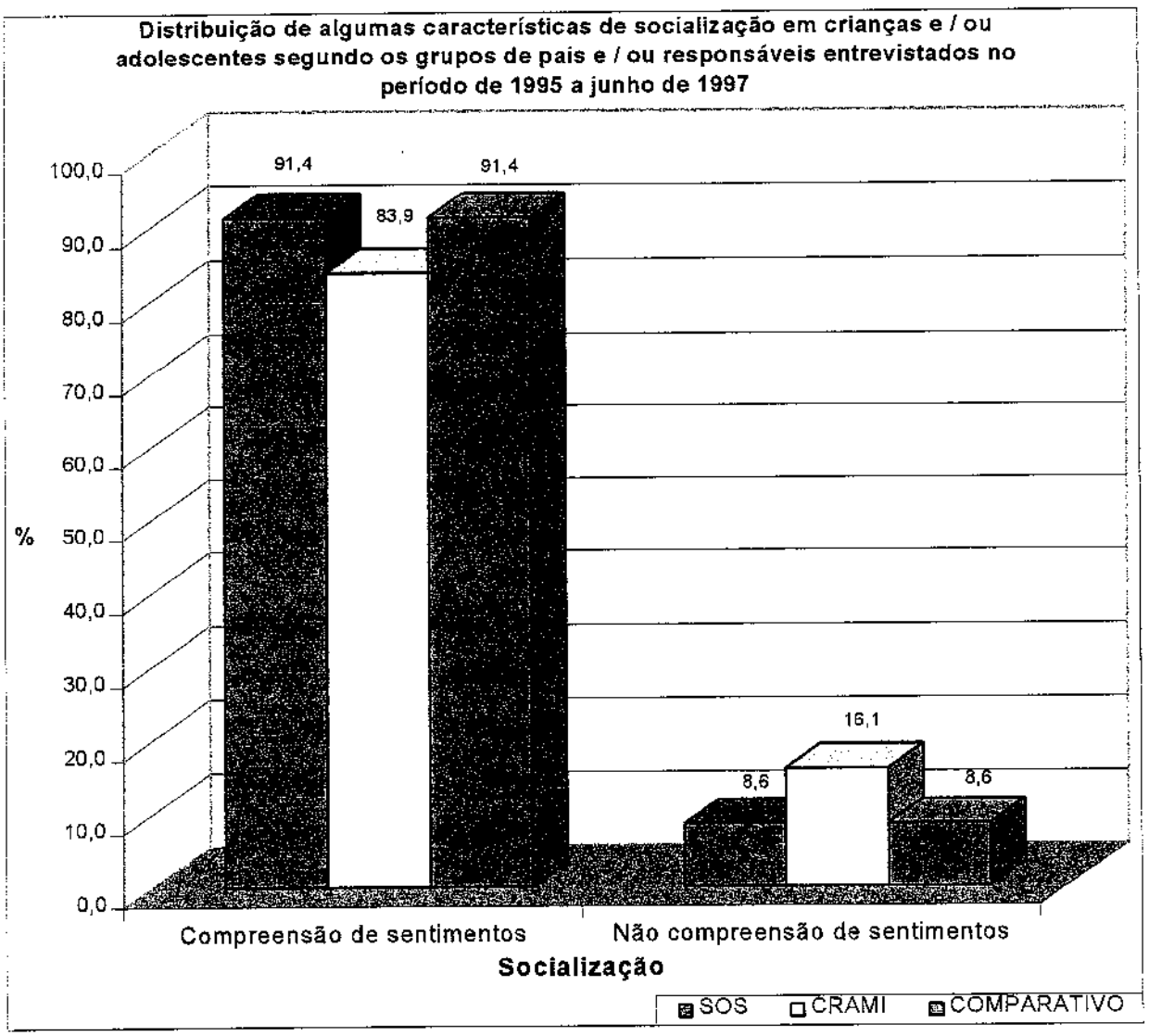


Figura 4.1.2.14c. Representação gráfica de algumas características de socialização nas crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Aborrecimentos e preocupações (Tabelas e gráficos 4.1.2.15a. e 4.1.2.15b.)

Os aborrecimentos são manifestações de desagrado, gerados pela frustração. Em nossa cultura, é impossível educação sem frustrações, sem obediências às leis externas, que são contrárias aos impulsos internos. As frustrações,que são inevitáveis, têm o objetivo de habituar a criança a suportá-las, inclusive preparando-a para o convívio fora do lar.

Nas respostas dos grupos de pais e (ou) responsáveis observamos que, na percepção destes, as crianças e adolescentes se aborrecem com facilidade (Tabela e gráfico 4.1.2.15 .), em uma alta proporção (SOS – 71,4%; Crami – 74,2%; comparativo – 68,9%) . Os resultados da análise estatística das respostas a este item foram bem semelhantes ($p < 0.05$), quando aplicamos o teste do χ^2, não havendo diferenças estatisticamente significantes nas respostas dos três grupos.

Os participantes das entrevistas,em suas declarações acerca da razão dos aborrecimentos, faziam afirmações, tais como: *quando não pode sair ou brincar fora de casa; não pode ver televisão; não pode ter o que quer...* É interessante observar como, para os adultos dos grupos entrevistados, a reação das crianças e adolescentes aos limites impostos por eles é de estranheza. Estas pessoas parecem não se dar conta do quanto suas imposições impedem as necessidades de expansão e oposição, nestas faixas etárias. As reações aos aborrecimentos, em grande número de respostas, foram de não se incomodar com esta atitude pois era uma situação passageira.

No que diz respeito à percepção de uma aparência preocupada (tabela e gráfico 4.1.2.15b.), ou a declaração explícita de preocupação, notamos que os dois grupos do estudo (SOS - 71,4%; Crami - 71,0%), apresentaram uma relativa elevação nos seus resultados, em relação ao grupo comparativo (57,6%) . Além desta elevação percentual, a análise estatística revelou diferenças nas respostas dos grupos entrevistados ($p > 0.05$), pelo teste do χ^2.

Podemos, talvez, associar o aumento, nestas respostas, em virtude da situação de vida familiar em que estas crianças e adolescentes viviam ou viveram em seus lares. Nas declarações dos pais e (ou) responsáveis dos grupos em que ocorria a violência doméstica

notificada, as preocupações explícitas das crianças e adolescentes versavam sobre a situação do casal e a preocupação com a mãe e (ou) pai.

No grupo comparativo notamos, nestas respostas, preocupações mais ligadas à escolaridade (passar de ano ou não) e à situação financeira da família. Esta última, muitas vezes, como reação ao consumismo imposto pela nossa sociedade (comprar uma roupa de tal marca, ter este ou aquele objeto, etc.).

TABELA 4.1.2.15a. ALGUNS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SENTIMENTOS							
	Aborrece com facilidade				Não se aborrece com facilidade			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	125	71,4	125	71,4	50	28,6	175	100,0
CRAMI	23	74,2	23	74,2	8	25,8	31	100,0
COMPARATIVO	104	68,9	104	68,9	47	31,1	151	100,0

$\chi^2 = 0.467$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.470$ G.L.= 2 $p<0.05$

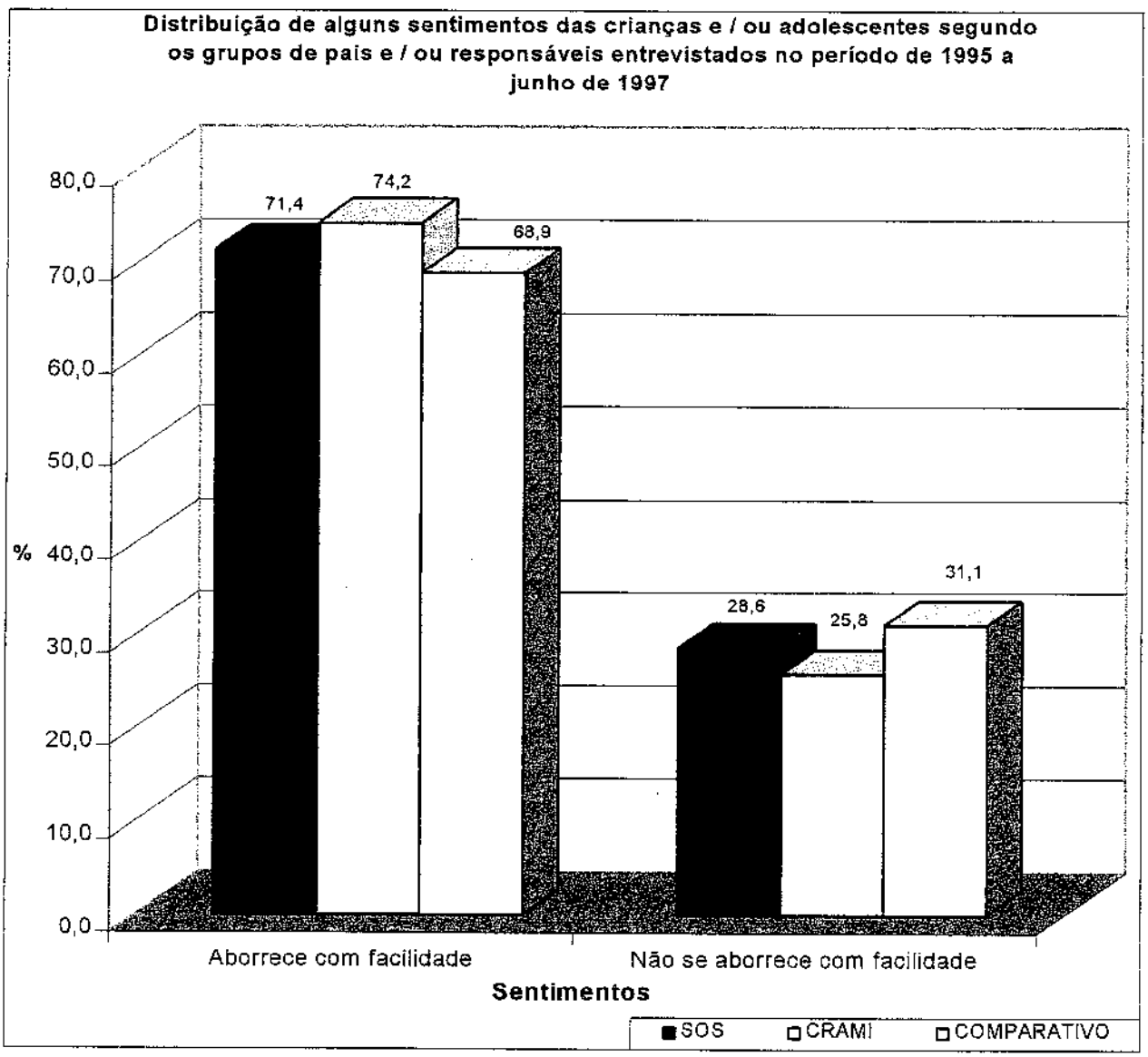


Figura 4.1.2.15a.Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ouresponsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.16b. ALGUNS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SENTIMENTOS							
	Preocupado				Despreocupado			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	125	71,4	125	71,4	50	28,6	175	100,0
CRAMI	22	71,0	22	71,0	9	29,0	31	100,0
COMPARATIVO	87	57,6	87	57,6	64	42,4	151	100,0

$\chi^2 = 7.290$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 7.257$ G.L.= 2 $p>0.05$

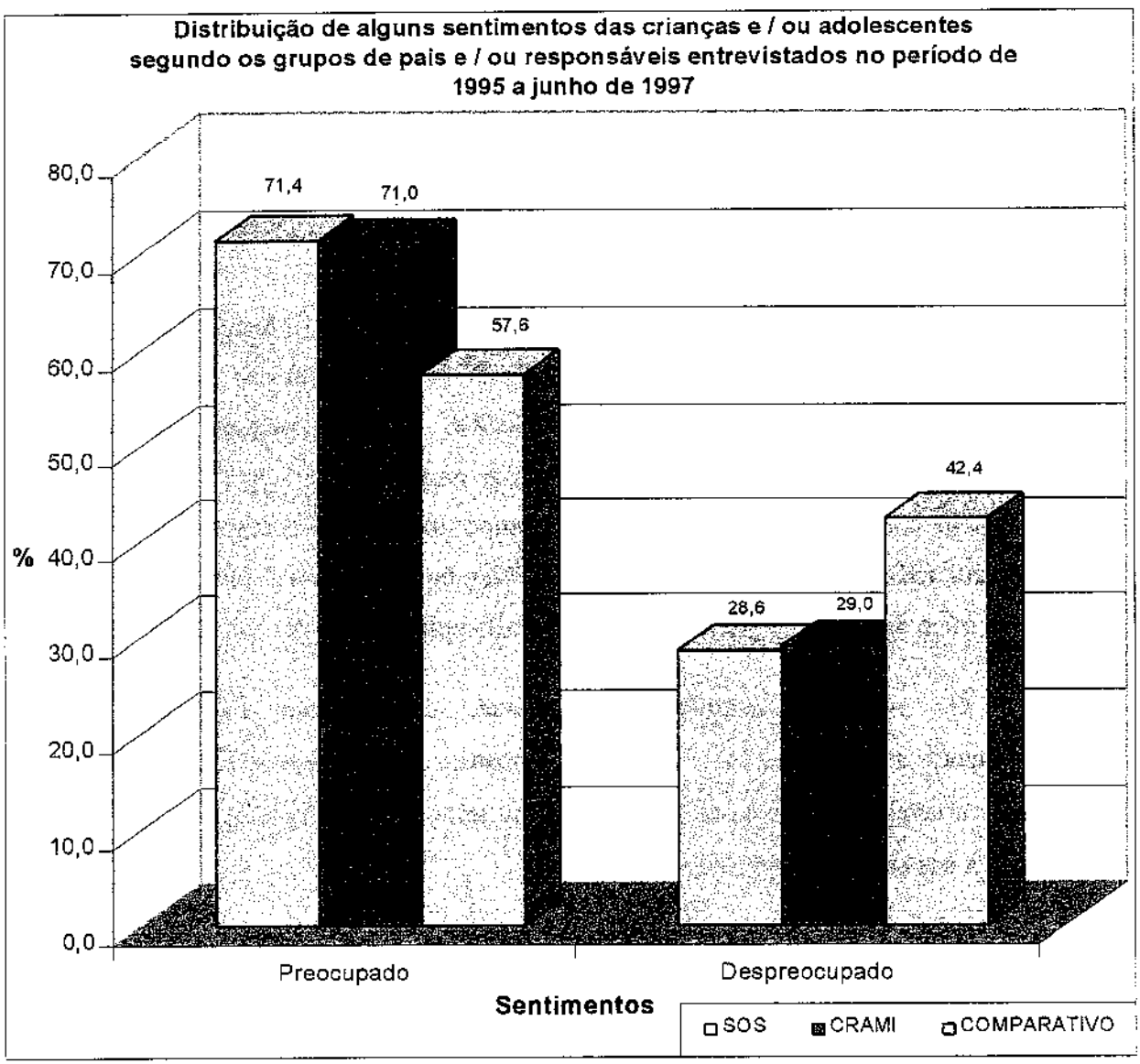


Figura 4.1.2.15b. Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ouresponsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Choro e tristeza (Tabelas e gráficos 4.1.2.16a. e 4.1.2.16b.)

Para AJURIAGUERRA & MARCELLI, (1986), é raro a criança queixar-se diretamente de um sofrimento emocional, contudo, os choros e a tristeza no rosto podem expressar estas situações. Em função da faixa etária das crianças e adolescentes, investigados na pesquisa, talvez possamos atribuir os resultados como comuns às situações do desenvolvimento e não somente ligados ao ambiente familiar.

Além das características próprias da personalidade do indivíduo, convém ressaltar que nas fases do desenvolvimento das crianças e adolescentes, escolhidas, neste trabalho, espera-se que ocorram aumento do realismo em atitudes e pensamentos e adaptação ao meio. Estes fatos acarretarão uma escala de valores morais mais discriminada. Há uma constante luta pela independência e alternância emocional em relação aos sentimentos e ao humor. São períodos que envolvem várias perdas e mudanças, tanto físicas, quanto ao nível de conduta social.

Observamos, nos resultados, um ligeiro aumento nas informações dos pais e (ou) responsáveis do grupo Crami, no item 'não chora com facilidade' (tabela e gráfico 4.1.2.16a.), 54,8%, em relação aos outros grupos(SOS – 37,7%; comparativo – 34,4%) . Este fato leva-nos a pensar que os sujeitos deste grupo apresentavam outra forma de exteriorizarem suas respostas, pois, ao mesmo tempo, tiveram um percentual próximo aos outros grupos (SOS – 49,7%; comparativo – 47,7%), no item 'tristeza sem razão aparente' (tabela e gráfico 4.1.2.16b.), apesar de ser o mais alto índice nesta variável (51,6%).

Os resultados obtidos na variável, chorar com facilidade', foram estatisticamente semelhantes ($p < 0.05$), nas amostras, ao utilizarmos o teste do χ^2. Na análise da variável 'tristeza sem razão aparente', no teste do χ^2, obtivemos uma semelhança significativa nas respostas ($p < 0.05$).

Em função dos valores observados nestas tabelas e gráficos (4.1.2.16a. e 4.1.2.16b.), podemos levantar a hipótese de que as razões para esses sentimentos são diferentes nos três grupos .

TABELA 4.1.2.16a. ALGUNS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SENTIMENTOS							
	Chora com facilidade				Não chora com facilidade			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	109	62,3	109	62,3	66	37,7	175	100,0
CRAMI	14	45,2	14	45,2	17	54,8	31	100,0
COMPARATIVO	99	65,6	99	65,6	52	34,4	151	100,0

$\chi^2 = 4.554$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 4.424$ G.L.= 2 $p<0.05$

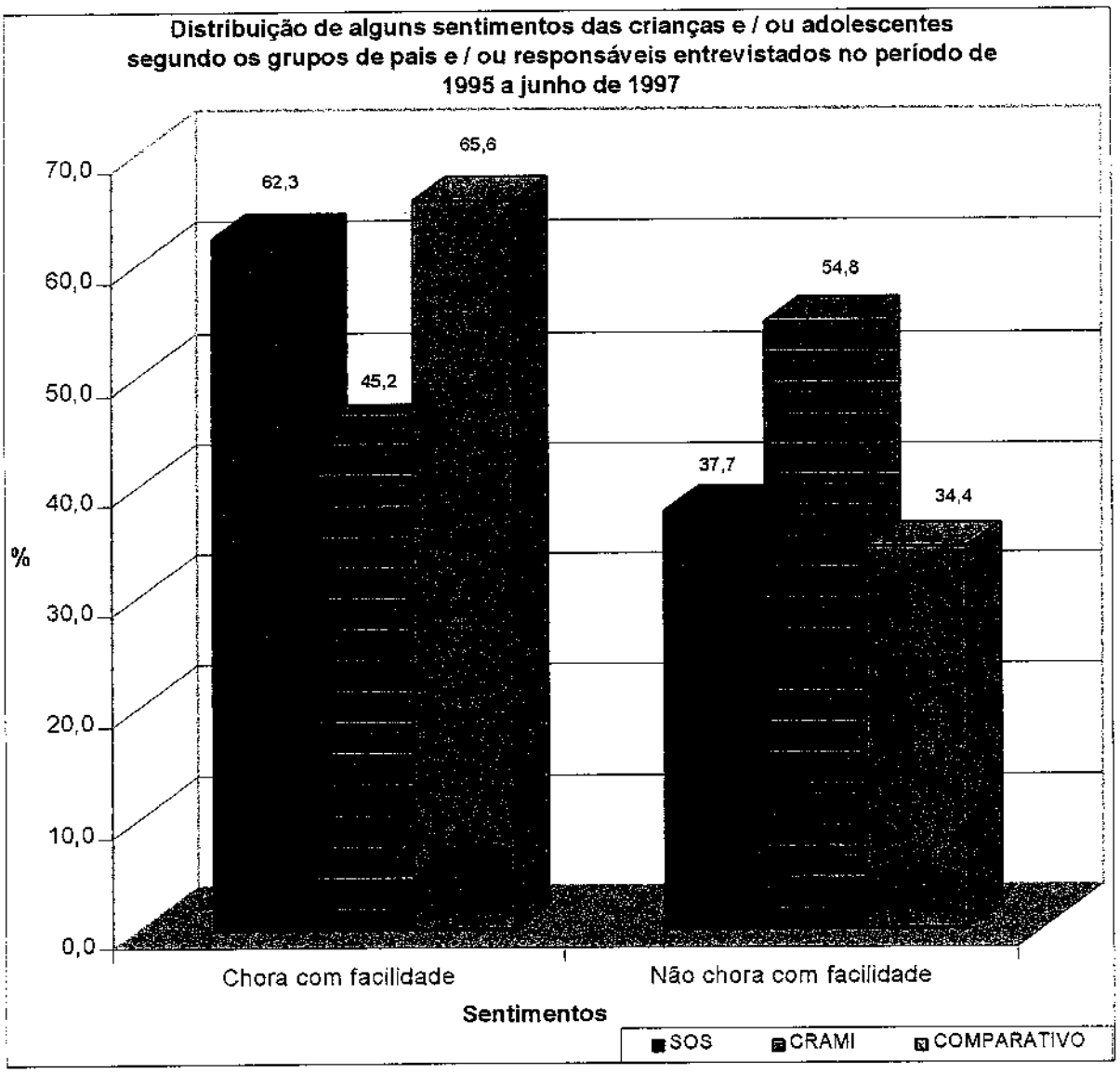


Figura 4.1.2.16a. Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.16b. ALGUNS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SENTIMENTOS							
	Sente tristeza sem razão aparente				Não sente tristeza sem razão aparente			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	87	49,7	87	49,7	88	50,3	175	100,0
CRAMI	16	51,6	16	51,6	15	48,4	31	100,0
COMPARATIVO	72	47,7	72	47,7	79	52,3	151	100,0

$\chi^2 = 0.225$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.225$ G.L.= 2 $p<0.05$

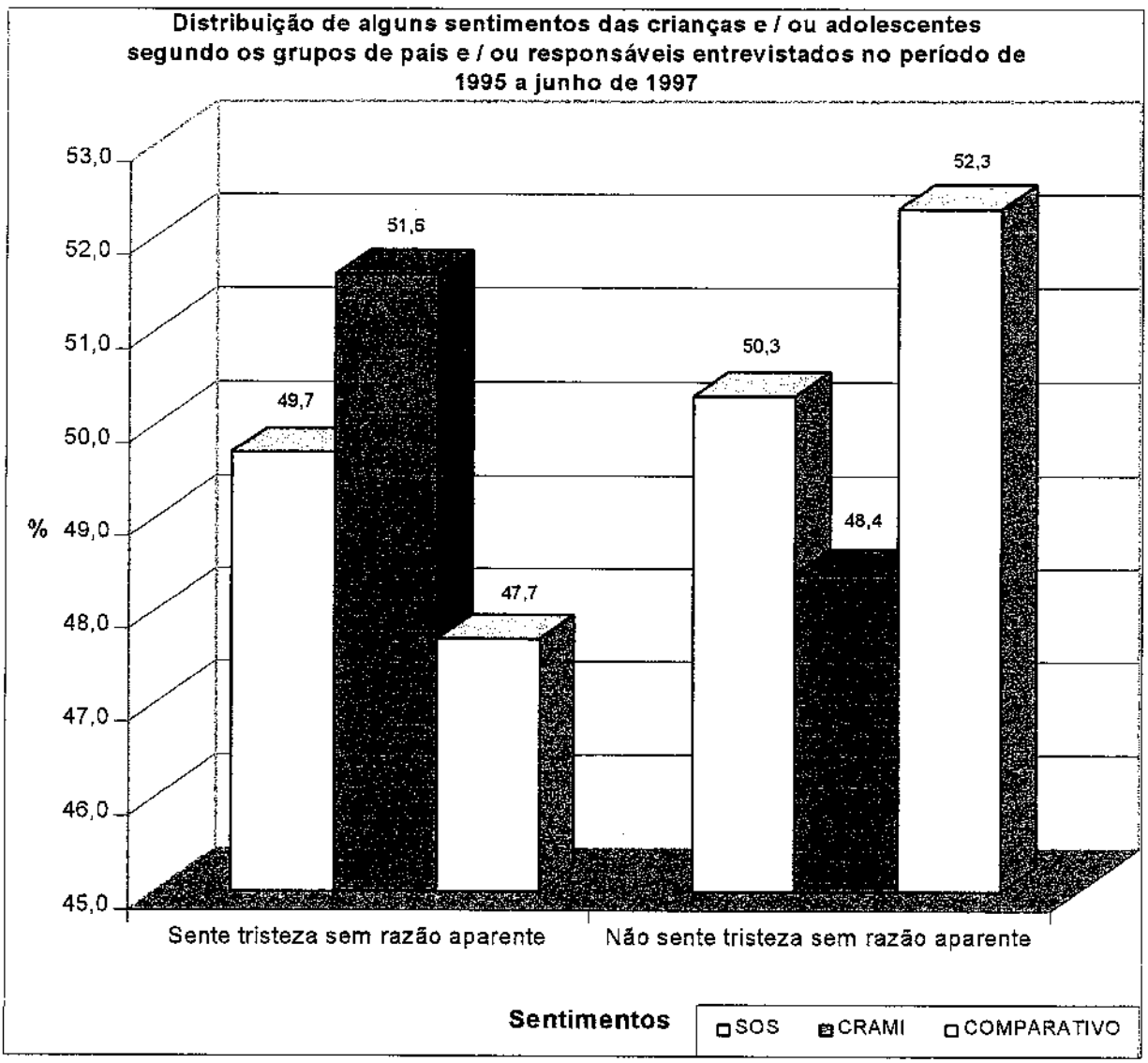


Figura 4.1.2.16b. Representação gráfica de alguns sentimentos de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Mentira (Tabela e gráfico 4.1.2.17.)

Antes da falsificação da verdade receber o nome de mentira, segundo FREUD (1971), uma série de fases do desenvolvimento terá de ser previamente percorrida e, durante as quais, não se espera veracidade da criança.

Para a criança pequena é normal esquivar-se de impressões penosas em favor das agradáveis, agir como se as primeiras não tivessem importância e ignorar ou negá-las, se elas persistirem.

A racionalização[1]dos desejos e o domínio do processo primário[2] são as forças que na criança trabalham contra a veracidade, na acepção adulta da palavra (FREUD, 1971). Algumas crianças levam mais tempo do que outras para aperfeiçoar estas funções e, portanto, continuam dizendo mentiras 'com toda a inocência'.

Outras crianças completam esse desenvolvimento de forma natural, mas são devolvidas aos níveis anteriores do desenvolvimento, quando se defrontam com excessivas frustrações e decepções nas suas vidas. Estas últimas convertem-se nas crianças fantasiosas, que enfrentam a realidade intolerável, pela regressão. Podemos encontrar, também, crianças que estão em fases avançadas do desenvolvimento, mas apresentam razões ambientais para evitar ou distorcer a verdade. Os seus motivos,em geral, são o ganho de vantagens materiais, o medo frente a autoridade, a evitação de críticas ou castigos, os desejos de aparecer, etc.

Para FREUD (1971), a etiologia da mentira consiste numa combinação das formas de mentira inocente, mentira fantasiosa e mentira delinqüente, com formas de desenvolvimento mais antigas atuando como condições prévias para as mais recentes.

[1] Racionalização - é o processo de justificar pelo raciocínio, um comportamento qualquer realizado . (MICHAELIS, 1998).

[2] Processo primário é um modo de pensar associado ao mundo interno, subjetivo ou inconsciente. Exs: sonhos, fantasias ou lapsos verbais. (TYSON & TYSON, 1993)

Segundo AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), a mentira pode ser definida como a ação de alterar conscientemente a verdade. Trata-se de um enunciado contendo uma asserção contrária à verdade. Dois componentes são importantes na mentira: sua freqüência e sua função quase vital. Se todas as crianças mentem, é porque há um motivo.

Aprende-se a mentir depois dos três anos de idade e, essa experiência é de importância crucial na evolução psicológica. Utilizada de maneira lúdica, de início, a mentira funciona como uma forma de oposição ao adulto na qual a criança não tem muitas pretensões de convencê-lo. Um dia percebe que a sua mentira é aceita e, uma vez acreditando na sua mentira, o adulto não tem o poder de conhecer o seu pensamento.

A partir deste momento, as relações da criança com o seu meio se transformam. A mentira ganha peso. O imaginário pode ser tão verdadeiro quanto o real. A independência verbal pode ser, ainda, uma tentativa de independência mais profunda. Mentir constitui para a criança a possibilidade de adquirir aos poucos a certeza de que seu mundo imaginário interno permanece sendo pessoal. A mentira é um mecanismo que reassegura e traz uma sensação de poder e culpa.

Inicialmente a criança faz pouca distinção entre a realidade e o seu mundo verdadeiro. Em contrapartida, no decorrer do seu desenvolvimento, distingue o verdadeiro do falso no mundo material que a rodeia. No entanto, essa distinção não assumirá plena significação antes dos seis a sete anos de idade. Nesta época, integram-se mais solidamente os diversos valores sociais e morais.

Mesmo que a mentira permita à criança se proteger, dizer a verdade integrar-se-á, pouco a pouco, a uma conduta social. A mentira da criança tende a diminuir progressivamente. A fabulação passa a ser usada para outros fins, de acordo com o desenvolvimento da sua habilidade para julgar e criticar.

Na representação gráfica sobre a mentira das crianças e adolescentes (tabela e gráfico 4.1.2.17.), segundo os pais e (ou) responsáveis entrevistados, cerca de um pouco menos da metade dos adultos, dos grupos SOS (41,7%) e comparativo (47,0%), consideram que estes jovens mentem de forma regular. No grupo CRAMI, esta mesma abordagem da

mentira é feita pelos pais e (ou) responsáveis, sendo que a percentagem,nesta amostra, é um pouco mais elevada (54,8%). As mentiras ocorrem em situações em que a criança e o adolescente se vêem em apuros para responder às cobranças dos adultos.

As questões que dizem mais respeito às respostas dadas são : dizer que estudou para ir brincar; responder que já arrumou a cozinha para ver televisão; esconder as notas escolares; sair sem a permissão dos pais para ir à casa de um (a) amigo (a), etc. Estas mentiras não parecem significar que estas crianças e estes adolescentes não se importam com as pessoas, mas podem demonstrar que elas estão preocupadas. Esta preocupação pode ser, entre vários fatores, a de manter para os pais e (ou) responsáveis uma auto-imagem diferente da que eles realmente são, tentando,desta forma, corresponder às expectativas que eles percebem ou acham que seus pais e (ou) responsáveis têm em relação a eles.

As respostas dos grupos de pais e (ou) responsáveis entrevistados foram, estatisticamente semelhantes ($p < 0.05$), segundo o teste do χ^2.

Desta forma, as respostas relacionadas às condutas sociais (Tabelas e gráficos 4.1.2.14a.,4.1.2.14c., 4.1.2.15a., 4.1.2.16a., 4.1.2.16b. e 4.1.2.17), de acordo com a percepção dos pais e (ou) responsáveis entrevistados nos três grupos, exceto as respostas que dizem respeito à divisão de objetos e à percepção de uma aparência preocupada ou de preocupação explícita (Tabelas e gráficos 4.1.2.14b. e 4.1.2.15b.), foram semelhantes nos três grupos entrevistados ($p < 0.05$) . Estes resultados de alguma forma contradizem certas pesquisas que enfatizam a tendência destas crianças e adolescentes a serem mais agressivos, menos empáticos, responderem a situações estressantes com colegas de forma inapropriada e serem rejeitados pelos mesmos (GEORGE & MAIN, 1979; MARCOVICH, 1986; EMERY, 1989; CARLSWELL, 1990; KLIMES - DOUGAN & KISTNER, 1990; HASKETT & KISTNER, 1991; ASSIS, 1994a;ASSIS, 1994c; DE LA BARRA *et al.*, 1995; ACKERMAN *et al.*, 1998; FERGUSSON & HORWOOD, 1998; KUNITZ *et al.*, 1998; LOPEZ & HEFFER, 1998; WOLFE *et al.*, 1998; SOLOMON & SERRES, 1999).

TABELA 4.1.2.17. MENTIRAS DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MENTIRAS							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	73	41,7	73	41,7	102	58,3	175	100,0
CRAMI	17	54,8	17	54,8	14	45,2	31	100,0
COMPARATIVO	71	47,0	71	47,0	80	53,0	151	100,0

$\chi^2 = 2.222$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.219$ G.L.= 2 $p<0.05$

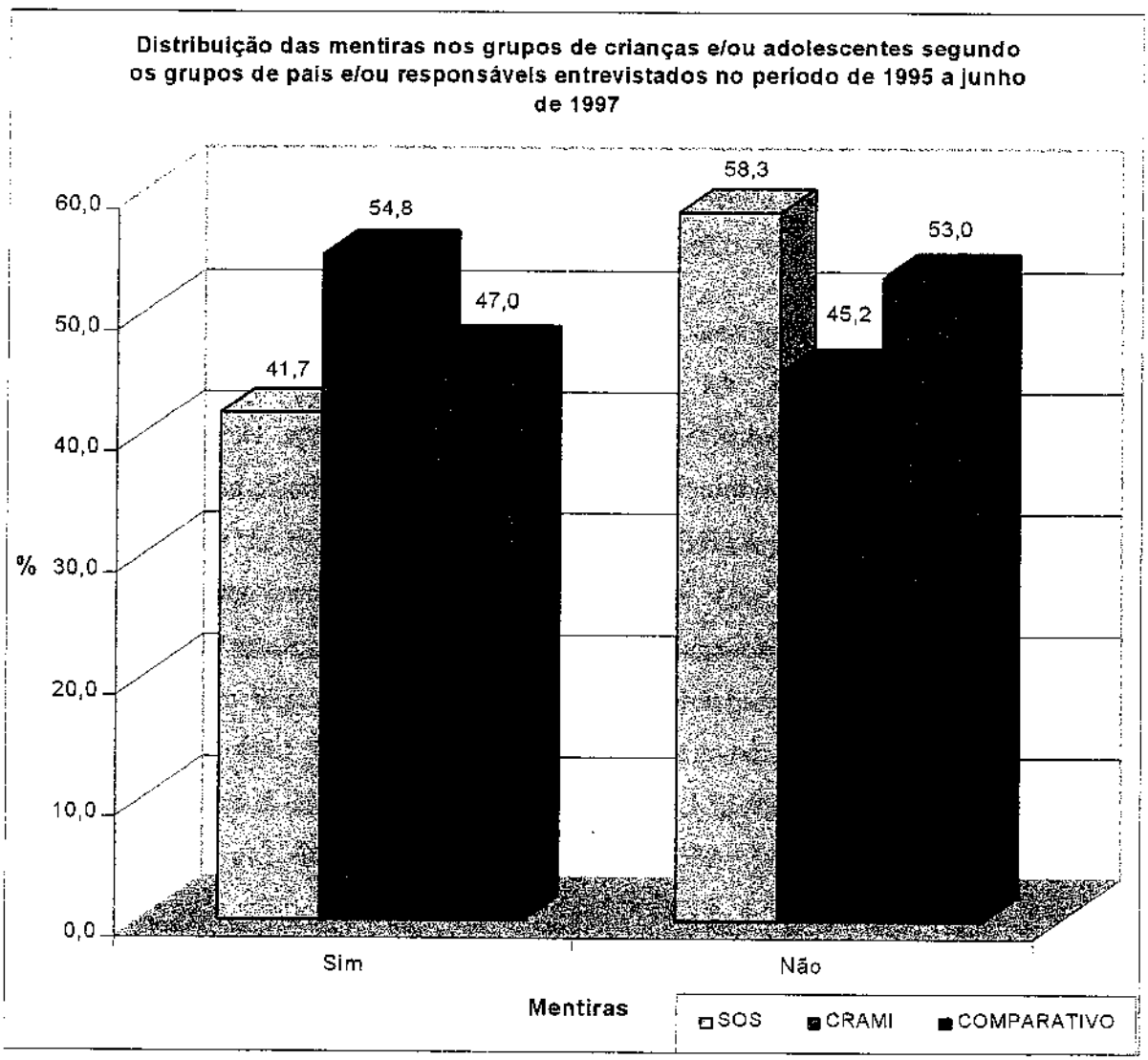


Figura 4.1.2.17. Representação gráfica da mentira de crianças e/ou adolescentes segundo os participantes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Sexualidade dos filhos (Tabelas e gráficos 4.1.2.18a., 4.1.2.18b. e 4.1.2.18c.)

Várias situações de confusão e constrangimento foram observadas em alguns pais ou responsáveis, no que diz respeito à curiosidade e informação sexual aos seus filhos.

Uma criança ou adolescente deve ter a oportunidade de aprender, a partir das experiências mais fundamentais da vida dos seus pais que, afinal, são as pessoas mais indicadas para isso. Infelizmente, a ansiedade de muitos pais não é infundada, pois eles mesmos não são tão bem informados quanto deveriam ser. Muitos pais lembram-se de suas próprias experiências traumatizantes, nesta área, e têm idéias confusas, algumas vezes originárias de informações erradas, dadas por pessoas inadequadas.

Alguns pais ou responsáveis, em geral as mães, relataram que quando eram abordadas por seus filhos sobre assuntos da área sexual, desconversavam, tinham vergonha, não falavam nada, ou ficavam aborrecidas com os filhos. Uma delas comentou com indignação : *Quando ele começa com estas perguntas bestas, mando ele calar a boca e deixar de ser safado* (Caso 3 – Crami).

Muitas mães não fornecem informações aos seus filhos sobre sexo e reprodução porque não sabem. Em geral, a maioria das crianças querem fatos concretos sobre a fisiologia, sobre quem faz o quê, onde faz, quando e como. Às vezes, os pais falam de sexo, quando a criança quer saber sobre a reprodução. Outros, nem se permitem falar.

Ouvimos o relato da mãe de uma adolescente de 13 anos, que afirmava categoricamente : *Isso, minha filha, com o tempo você vai aprender. Pergunta lá na escola, vê se suas amigas respondem mas, não me pergunta não, porque eu não gosto de falar destas coisas* (Caso 12 – SOS Ação Mulher e Família).

Evitar conversar a respeito de sexo ou reprodução com os filhos poderá formar neles a idéia de que esses assuntos são 'proibidos', 'sujos' ou 'inaceitáveis'. Uma das mães entrevistadas disse que quando a sua filha pergunta sobre sexo, ela responde: *Você não pode ser curiosa, porque é feio (*Caso 18 – SOS Ação Mulher e Família).

É importante que os pais sejam a fonte de informações dos filhos, pois são eles que melhor podem avaliar as suas necessidades. Outra pessoa, talvez, não tenha a mesma sensibilidade que os pais poderiam ter.

Outro fator marcante, nesta variável, é que a maioria dos pais e (ou) responsáveis, ao falarem de educação sexual, mesmo os mais esclarecidos e menos preconceituosos, tinham dúvidas quanto à sua realização, colocando na escola, na maior parte das vezes, a responsabilidade de executá-la. Outros pais, neste momento da entrevista, chamavam os filhos para responderem.

Segundo CONSTANTINE & MARTINSON (1984), a capacidade de sentir prazer desenvolve-se em idade precoce e, portanto, sem qualquer relação com programas de educação sexual das escolas. Como as crianças começam os seus relacionamentos no meio familiar, o seu aprendizado deveria ocorrer, primariamente, no lar. Infelizmente, os pais e (ou) responsáveis dos grupos estudados não se sentem à vontade quanto à idéia de que eles devem contribuir para este tipo de aprendizado dos seus filhos.

Um outro aspecto interessante é que os pais e (ou) responsáveis, do sexo masculino, ao serem entrevistados, responderam que eles mandavam os filhos falarem com as mães, porque *elas é que sabiam falar dessas coisas.* Essas respostas eram confirmadas pelas progenitoras e (ou) responsáveis que explicavam*: Ele não tem jeito para isso? Isso não é coisa de pai ? Imagina se ele vai saber falar dessas coisas ?*. Notamos que a tarefa de educar, nestes grupos, não é dividida e que, na área sexual, o papel masculino de orientador é, até certo ponto, desvalorizado.

Nas tabelas e gráficos 4.1.2.18a., 4.1.2.18b. e 4.1.2.18c., temos as distribuições dos dados coletados. Não podemos afirmar, a partir destes resultados, se ocorre, na realidade, falta de curiosidade sexual ou, se nestas famílias entrevistadas, a sexualidade não pode ser expressada, em virtude das dificuldades dos pais, nesta área.

Na tabela e gráfico 4.1.2.18a., obtivemos uma discreta diferença estatística ($p > 0.05$), nos resultados, nas respostas dos grupos entrevistados, segundo o teste estatístico aplicado. Observamos os grupos SOS (45,7%) e comparativo (41,7%) apresentando maiores resultados do que o grupo Crami (22,6%).

Quanto à educação sexual (tabela e gráfico 4.1.2.18b.), os resultados foram estatisticamente semelhantes ($p < 0.05$), nas respostas dos pais e (ou) responsáveis participantes da pesquisa, de acordo com o teste do χ^2.

Quanto aos educadores sexuais (Tabela e gráfico 4.1.2.18c.), estabelecemos a variável 'Outros', que representa : os amigos e parentes que moram fora do domicílio da família. É a escola que tem maior representatividade na orientação sexual, nos três grupos entrevistados (SOS - 73,7%; Crami - 50,0%; comparativo - 63,0%). Os pais do grupo comparativo têm maior representatividade, quando orientam e quando realizam este trabalho em conjunto com as mães (9,6%).

Nos grupos entrevistados, notamos que as mães são bastante solicitadas também para desempenhar o papel de orientadora sexual dos filhos (SOS - 24,2%; Crami - 40,0%; comparativo - 17,8%). Nos grupos Crami (10,0%) e SOS (1,0%), vamos encontrar duas crianças que buscaram orientação fora dos seus lares e é possível que isso tenha ocorrido em função das respostas que obtiveram ao solicitar informações sobre o assunto com seus responsáveis.

Observamos que, os pais e (ou) responsáveis delegavam às instituições de ensino, uma tarefa que também cabia a eles. Parece haver hoje em dia uma tendência cada vez maior para que as escolas exerçam e assumam funções que as famílias deveriam desempenhar, com relação à educação dos seus filhos

A análise estatística, da tabela e gráfico 4.1.2.18c., apresentou diferenças nos resultados dos grupos entrevistados ($p > 0.05$), quanto à identidade do orientador sexual, no teste do χ^2.

TABELA 4.1.2.18a. CURIOSIDADE SEXUAL EM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	Curiosidade							
	Com curiosidade				Sem curiosidade			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	80	45,7	80	45,7	95	54,3	175	100,0
CRAMI	7	22,6	7	22,6	24	77,4	31	100,0
COMPARATIVO	63	41,7	63	41,7	88	58,3	151	100,0

$\chi^2 = 5.794$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 6.163$ G.L.= 2 $p>0.05$

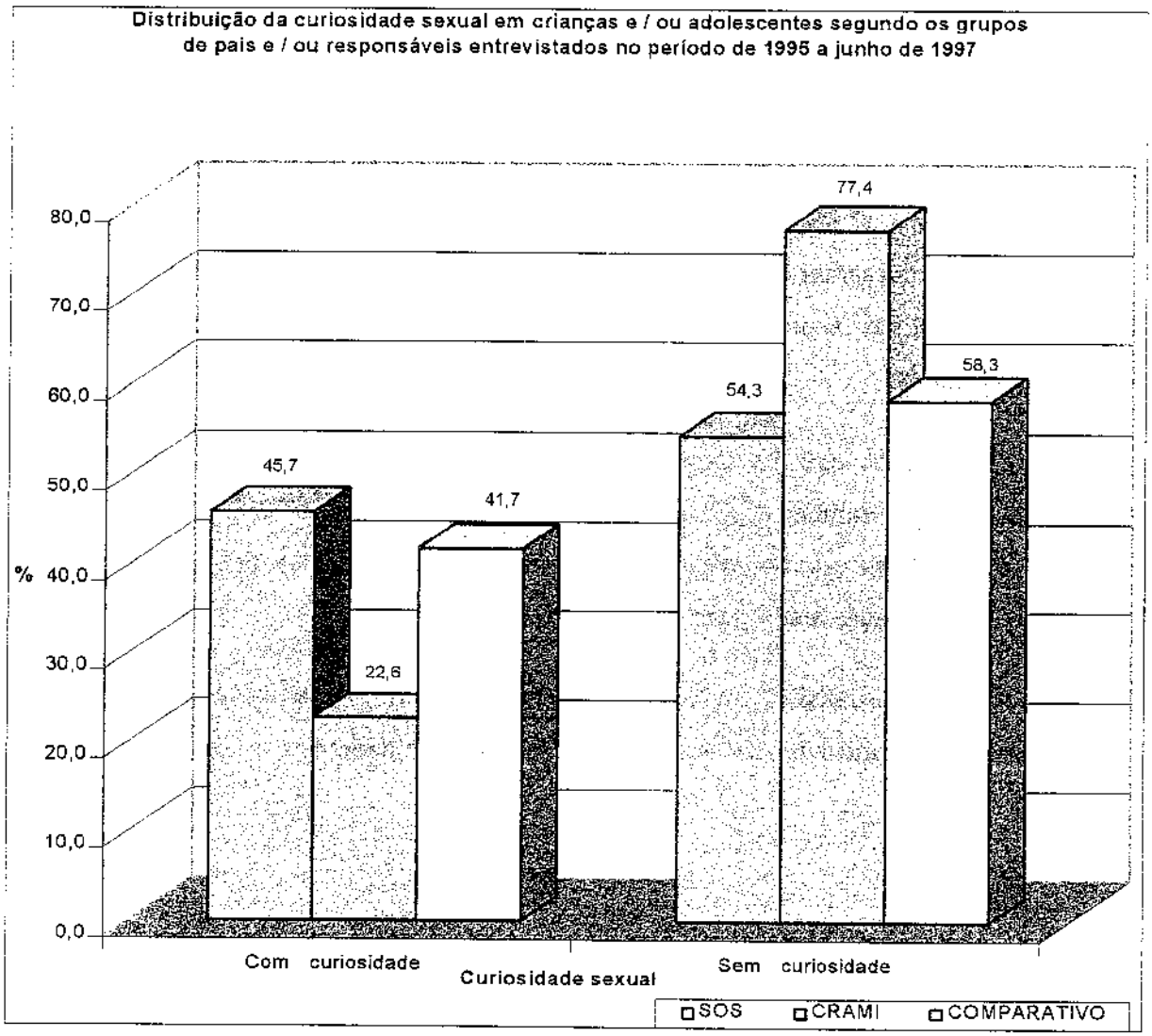


Figura 4.1.2.18a. Representação gráfica da curiosidade sexual em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.18b. EDUCAÇÃO SEXUAL EM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	EDUCAÇÃO SEXUAL							
	Educação sexual				Sem educação sexual			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	95	54,3	95	54,3	80	45,7	175	100,0
CRAMI	10	32,3	10	32,3	21	67,7	31	100,0
COMPARATIVO	73	48,3	73	48,3	78	51,7	151	100,0

$\chi^2 = 5.352$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.440$ G.L.= 2 $p<0.05$

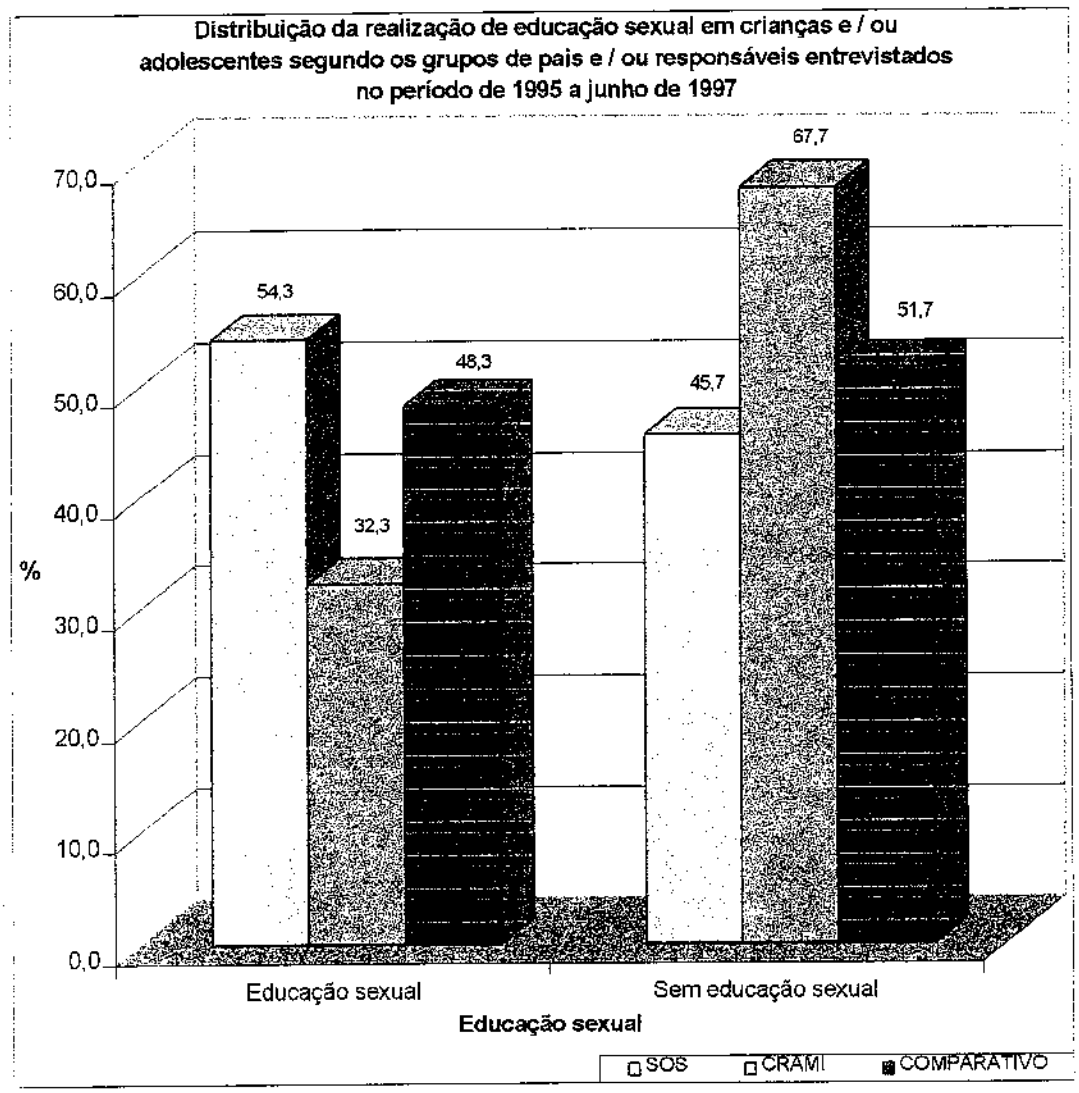


Figura 4.1.2.18b. Representação gráfica da educação sexual em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.18c. ORIENTADOR SEXUAL DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ORIENTADOR SEXUAL																			
	Escola				Pai				Mãe				Pais				Outros			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	70	73,7	70	73,7	1	1,0	71	74,7	23	24,2	94	98,9	0	0,0	0	0,0	1	1,0	95	100,0
CRAMI	5	50,0	5	50,0	0	0,0	0	0,0	4	40,0	9	90,0	0	0,0	0	0,0	1	10,0	10	100,0
CONTROLE	46	63,0	46	63,0	7	9,6	53	72,6	13	17,8	66	90,4	7	9,6	73	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 28.471$ G.L.= 8 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 27.657$ G.L.= 8 $p>0.05$

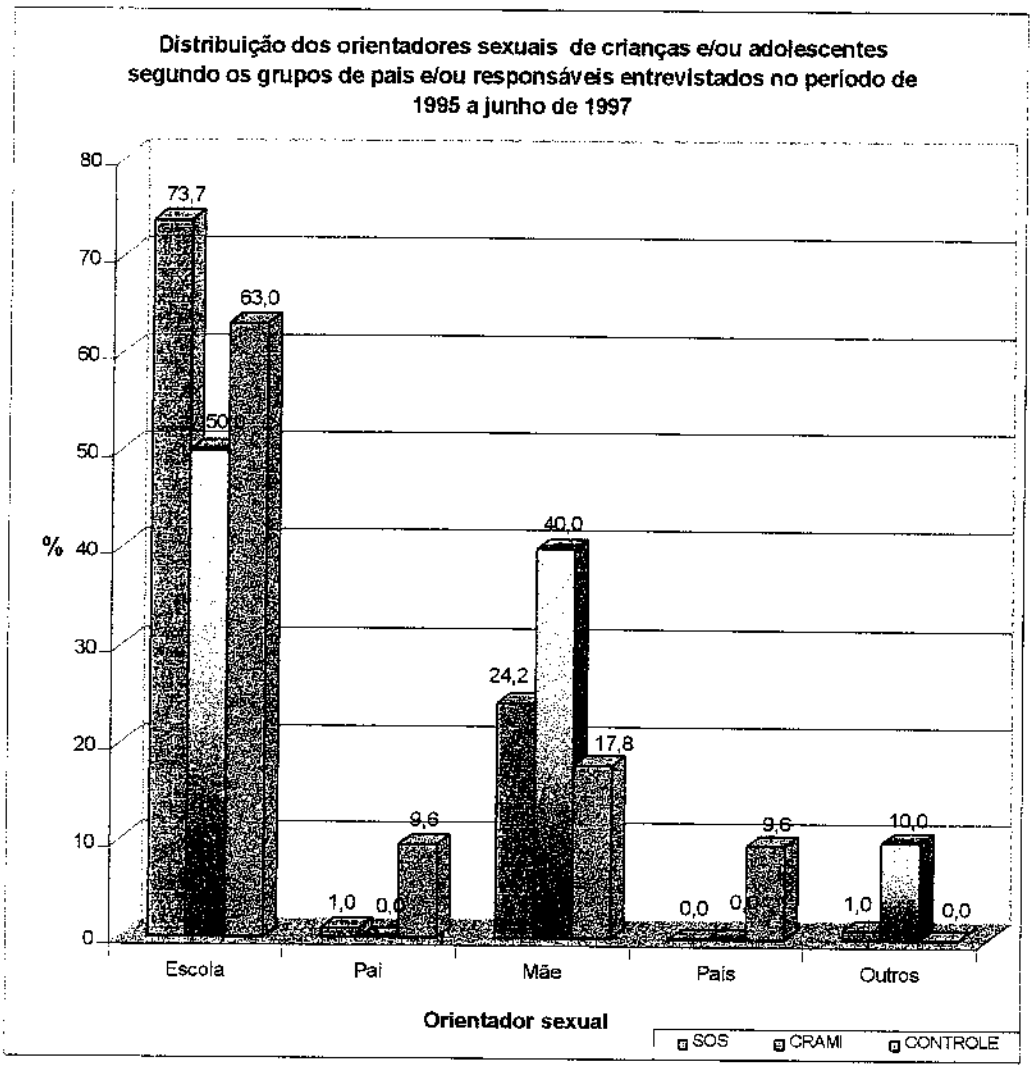


Figura 4.1.2.18c. Representação gráfica dos orientadores sexuais de crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997

Freqüência, período escolar e repetência (Tabelas e gráficos 4.1.2.19a., 4.1.2.19b., 4.1.2.19c. e 4.1.2.19d.)

A criança e o adolescente têm o direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho...

Art. 53 do Estatuto da Criança

(Lei 8.069)

A educação continua sendo um dos maiores desafios para o País. Segundo artigo do Jornal FOLHA DIRIGIDA (1998), *todos clamam pela necessidade de um urgente fortalecimento do ensino, em todos os níveis... É o caminho para abrir novas possibilidades e esperanças para milhões de brasileiros. É a única saída para se evitar a marginalização futura de uma parcela significativa de nossas crianças.*

Segundo DIMENSTEIN (1995), o número de matrículas no ensino básico aumentou nos últimos anos. Mesmo assim, cita o autor, *2, 5 milhões de crianças brasileiras, neste período, não haviam ido para a escola, nem sequer uma vez.* A desigualdade social não está apenas no número de matrículas, mas no nível de ensino que é um reflexo da qualidade do professor e de quanto ele ganha. A remuneração acaba determinando a qualificação.

Uma situação que expõe a desigualdade social, para DIMENSTEIN (1995), está nos índices de repetência e evasão escolar. A taxa mais alta de repetência ocorre na primeira série. Segundo o Ministério de Educação, de três alunos matriculados em qualquer série, apenas um não é repetente. Em média, os alunos com dificuldades de aprendizagem saem das escolas antes de completar a quarta série do primeiro grau. Isso significa que não aprenderam o mínimo necessário para que na prática não sejam considerados analfabetos.

As crianças e adolescentes vão repetindo de ano, até que a desmotivação faça com que eles procurem outro caminho a seguir. Quando estas crianças e adolescentes deixam a escola, fonte primária de cidadania, eles vão para as ruas e se transformam em mão-de-obra barata e desqualificada.

De cada cem crianças que entram na primeira série do primeiro grau, apenas 20 chegam à oitava série. Uma das explicações possíveis para este fato é a de que crianças e adolescentes, residentes em áreas desprivilegiadas da sociedade, aprendem comportamentos apropriados e úteis no ambiente do lar, mas inúteis em experiências escolares subseqüentes, não gratificadas e, portanto, não bem sucedidas.

Estas crianças e adolescentes não são incapazes de aprender, mas falta congruência entre o comportamento que elas adquiriram com suas famílias e o comportamento que é valorizado pela sociedade, de classe média, orientadora da escolaridade. Existem certos valores e habilidades, normalmente oferecidos às crianças de lares privilegiados, que não são acessíveis às crianças de famílias pobres, segundo PATTO (1991).

Este fato leva-nos à constatação da deficiência dos professores e das escolas, citado acima por DIMESNTEIN (1995), muito mais do que das crianças e adolescentes. As crianças provenientes de lares pobres podem ter desenvolvido padrões precários de aprendizagem e pouco treino para a abstração. Por outro lado, os professores ignoram as necessidades dessas crianças, tendo uma percepção deficiente de suas capacidades e faltando habilidade para lhes ensinar adequadamente (PATTO, 1991).

Crianças e adolescentes repetentes ou evadidos da escola, quando encontrados em seu meio, não são 'recipientes vazios'. Eles estão em contato com a sua própria cultura. Eles conhecem cada vez mais a sua cultura e cada vez menos a cultura da escola. Muitos deles rejeitam explicitamente a escola e seus valores; para outros, o sucesso escolar está fora do seu alcance.

Outra situação que ocorre é a relação entre a evasão e as condições de vida dos pais. Os mais pobres exigem que os filhos gerem renda. Não há tempo, muitas vezes, para que as dificuldades nesta área sejam sanadas, pois a sobrevivência das pessoas não pode aguardar. Desta forma, os sucessivos fracassos e repetências escolares ganham um só significado, de acordo com a resposta de um pai ao ser entrevistado : *Esse menino é igual a eu. Não tem cabeça prá aprender, é melhor ir trabalhar logo prá ajudar em casa* (Caso 20 – Crami).

Das 345 crianças e adolescentes entrevistados (tabela e gráfico 4.1.2.19a), apenas 21 sujeitos não freqüentavam a escola, na época da pesquisa (SOS – 3,5%; Crami – 30,8%; comparativo – 4,8%). Quanto à freqüência escolar (tabela e gráfico 4.1.2.19b.), os resultados analisados apresentaram diferenças significativas ($p > 0.05$) nas respostas dos grupos da pesquisa, segundo o teste do χ^2.

Observamos que, independente de idade, a quase totalidade dos grupos está localizada no primeiro grau (SOS – 89,2%; Crami – 100,0%; comparativo – 95,7%). No segundo grau, encontramos apenas os participantes dos grupos SOS (9,6%) e comparativo (4,3 %), com percentagens baixas. No nível superior, tivemos apenas dois adolescentes do grupo SOS (1,2%) : uma adolescente que fazia o curso de Direito; e um adolescente que fazia o curso de Educação Física. Nesta variável, periodo escolar, encontramos semelhanças estatísticas ($p < 0.05$) nas respostas do grupo, na utilização do teste do χ^2.

A análise estatística das respostas às tabelas e gráficos 4.1.2.19b. e 4.1.2.19c. obtiveram resultados semelhantes ($p < 0.05$), nos grupos entrevistados, segundo o teste do χ^2.

Nas reprovações (Tabela e gráfico 4.1.2.19c.), o maior índice ficou,no grupo Crami (53,8 %), mas os resultados dos três grupos ficaram próximos entre si : SOS (42,8%) e comparativo (38,4%). Cerca de mais da metade das crianças e adolescentes entrevistados foi reprovada apenas uma vez até então (Tabela e gráfico 4.1.2.19d.). Não foi possível afirmar, neste estudo, que a violência doméstica contra crianças e adolescentes tenha relação direta com a reprovação escolar, visto que não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos ($p < 0.05$).

TABELA 4.1.2.19a. FREQÜÊNCIA ESCOLAR DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 A JUNHO DE 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	FREQÜÊNCIA							
	Freqüenta a escola				Não freqüenta a escola			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	167	96,5	167	96,5	6	3,5	173	100,0
CRAMI	18	69,2	18	69,2	8	30,8	26	100,0
COMPARATIVO	139	95,2	139	95,2	7	4,8	146	100,0

$\chi^2 = 30.211$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 17.843$ G.L.= 2 $p>0.05$

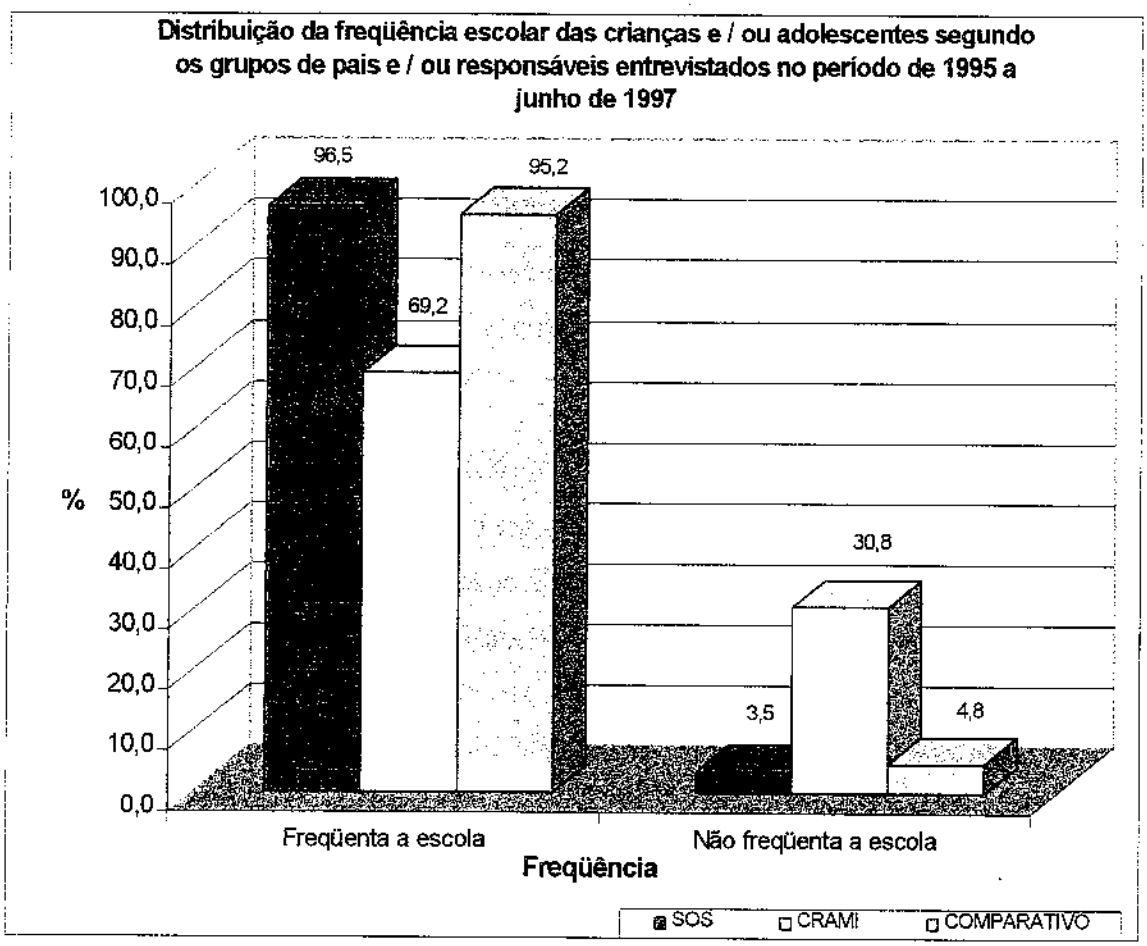


Figura 4.1.2.19a. Representação gráfica da freqüência escolar das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.19b. PERÍODO ESCOLAR DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 A JUNHO DE 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADO	PERÍODO ESCOLAR											
	Primeiro grau				Segundo grau				Superior			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	149	89,2	149	89,2	16	9,6	165	98,8	2	1,2	167	100,0
CRAMI	18	100,0	18	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIV	133	95,7	133	95,7	6	4,3	139	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 6.725$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 8.686$ G.L.= 4 $p<0.05$

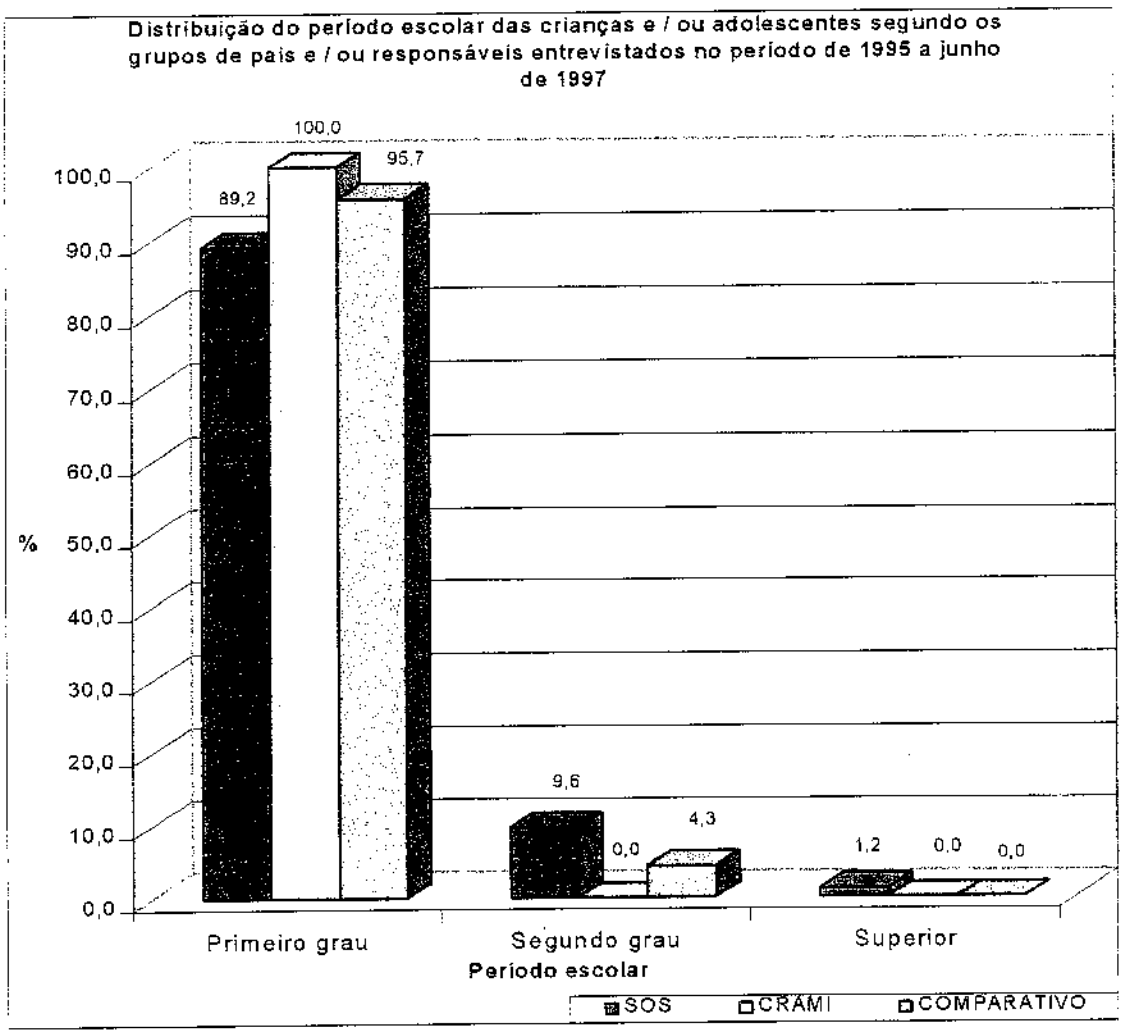


Figura 4.1.2.19b. Representação gráfica do período escolar das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.19c. REPROVAÇÃO DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	REPROVAÇÃO							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	74	42,8	74	42,8	99	57,2	173	100,0
CRAMI	14	53,8	14	53,8	12	46,2	26	100,0
COMPARATIVO	56	38,4	56	38,4	90	61,6	146	100,0

$\chi^2 = 2.331$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.310$ G.L.= 2 $p<0.05$

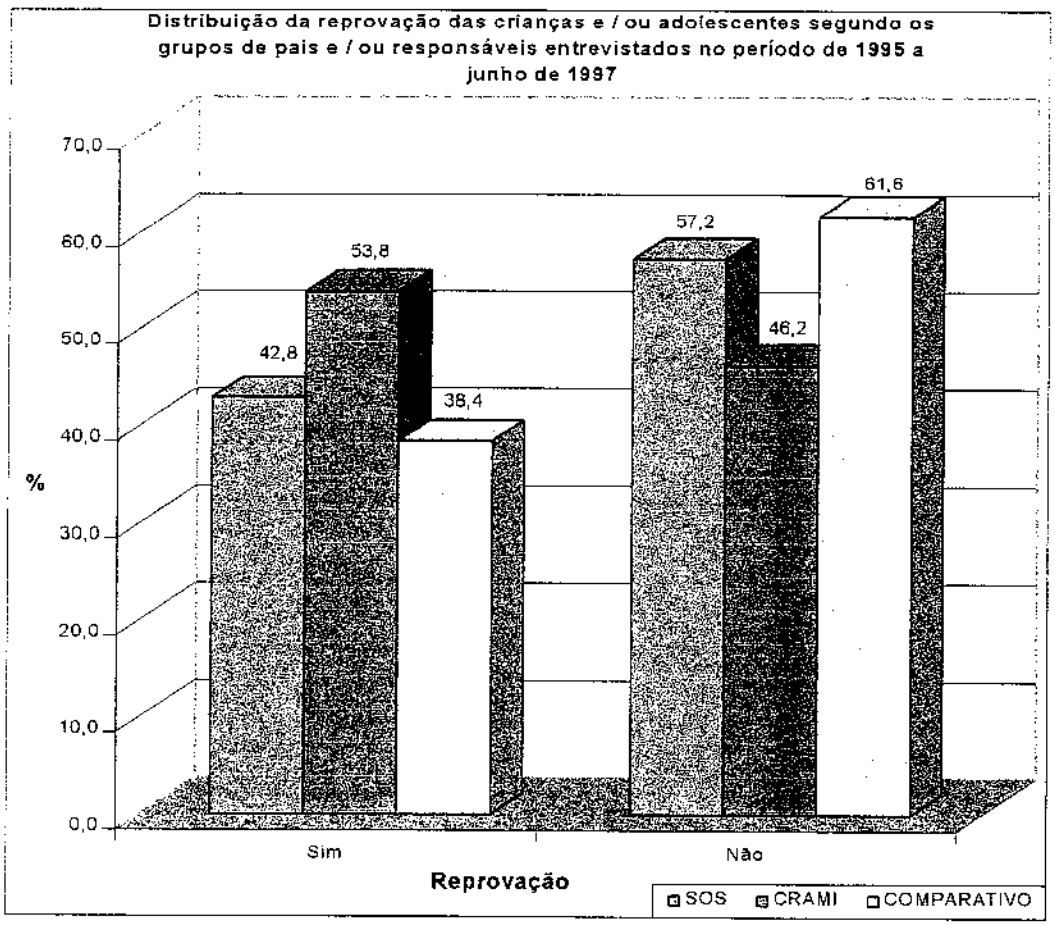


Figura 4.1.2.19c. Representação gráfica da reprovação das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.19d. REPROVAÇÃO DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	REPROVAÇÃO											
	Uma vez				Duas vezes				Três ou mais vezes			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	48	64,9	48	64,9	14	18,9	62	83,8	12	16,2	74	100,0
CRAMI	11	78,6	11	78,6	1	7,1	12	85,7	2	14,3	14	100,0
COMPARATIVO	37	66,1	37	66,1	14	25,0	51	91,1	5	8,9	56	100,0

$\chi^2 = 3.520$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.914$ G.L.= 4 $p<0.05$

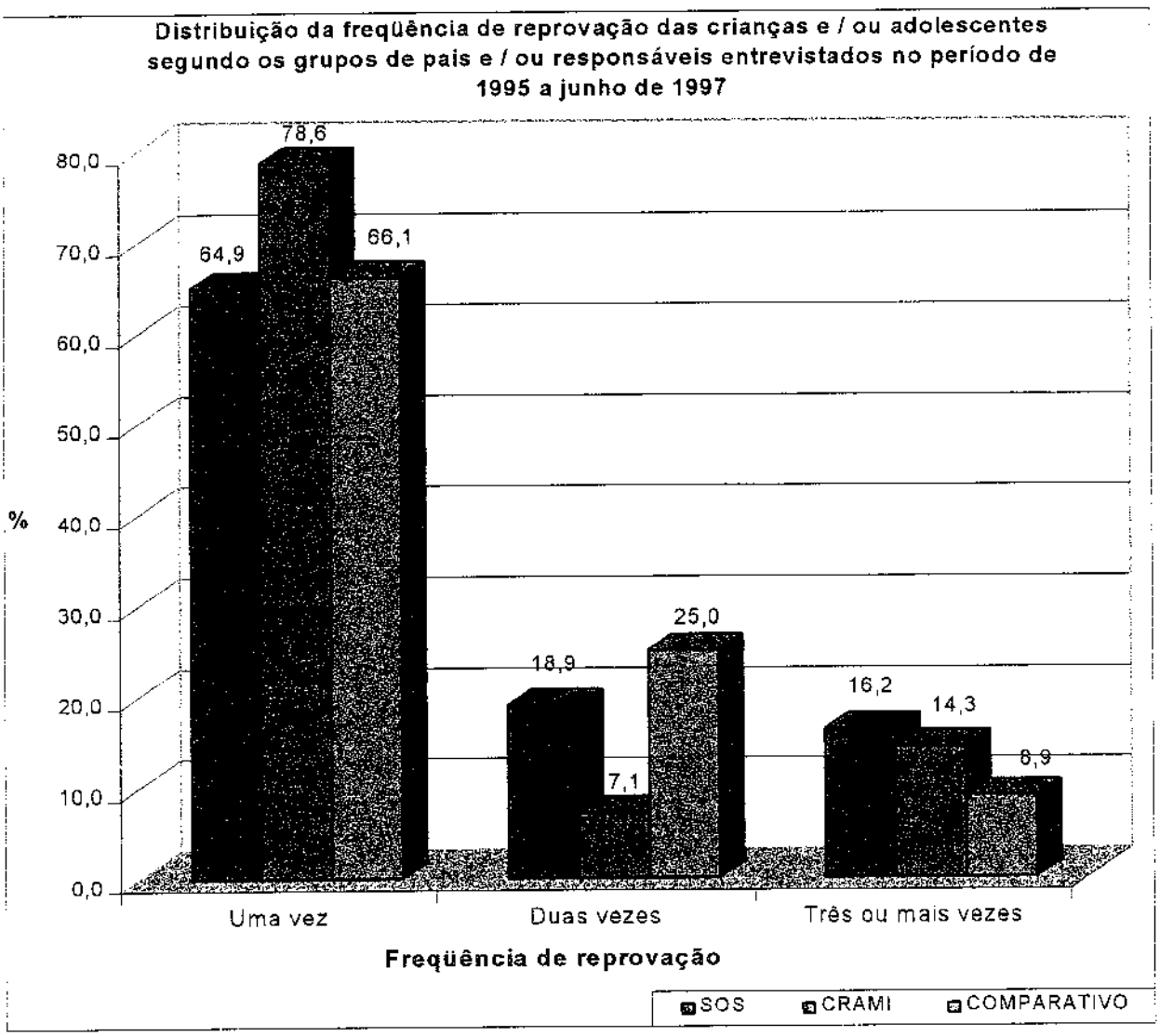


Figura 4.1.2.19d. Representação gráfica da freqüência de reprovação das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997

Aprendizagem (Tabelas e gráficos 4.1.2.20a., 4.1.2.20b., 4.1.2.20c., 4.1.2.20d., 4.1.2.20e. e 4.1.2.20f.)

É difícil compreender a aprendizagem como um processo único e científico. Essa situação ocorre em um sujeito que pertence a um grupo social particular, com um equipamento mental determinado, e cumprindo uma continuidade biológica funcional.

Existem dois tipos de condições para a aprendizagem : as externas, que dependem dos estímulos; e as internas, que dependem do sujeito (PAIN, 1985). Os problemas na aprendizagem podem ter vários fatores envolvidos.

Nesta pesquisa, não foi o nosso propósito uma investigação profunda sobre os aspectos das dificuldades de aprendizagem, visto que este não é o tema do nosso trabalho. No entanto, é importante ressaltar que, apesar de termos estabelecido a variável 'Dificuldade de aprendizagem', não podemos esquecer que estas dificuldades não compreendem um diagnóstico tão simples, que possa ser realizado apenas com uma entrevista.

Discutiremos, sucintamente, alguns fatores envolvidos nesse processo. Os fatores orgânicos acarretando dificuldades de aprendizagem abrangem as perdas sensoriais, comprometimentos neurológicos, funcionamento glandular alterado, sem esquecer da alimentação correta, em quantidade e qualidade. De acordo com PAIN (1985), o déficit alimentar crônico produz uma distrofia [1] generalizada que atinge sensivelmente a capacidade de aprender. Um outro fator importante, nesta área, é a condição de abrigo e conforto para o sono, para o aproveitamento maior das experiências diárias.

[1] Distrofia - cada uma das várias desordens neuromusculares produzidas por uma má nutrição (MICHAELIS, 1998).

Um segundo fator envolvido, PAIN (1985) qualificou-os de fatores específicos. São os problemas na área perceptivo-motora, que aparecem principalmente no nível da aprendizagem da linguagem, sua articulação, leitura e escrita, manifestando-se numa série de perturbações, sem comprometimento orgânico verificado.

Os fatores psicógenos podem ser divididos em dificuldades da aprendizagem como sintoma da repressão[2] desta atividade, pelo que representa a operação de aprender; e dificuldades da aprendizagem como inibição intelectual (PAIN, 1985). Neste último caso, vamos encontrar as pessoas que evitam o êxito, tem compulsão ao fracasso como um castigo à ambição. Nas situações em que esta pessoa está absorvida numa tarefa psíquica, não há energia disponível para a aprendizagem.

Por último, os fatores ambientais que têm um valor importante sobre o modo como o sujeito pode compensar ou descompensar com um problema que se lhe apresenta. PAIN (1985) afirma que as condições ambientais não são as relações interfamiliares, porque estes fatores estão incluídos na vida do sujeito e inseridos em sua estrutura. A autora ressalta o meio ambiente material do indivíduo como o mais importante nestes fatores; as possibilidades reais que este meio fornece quanto à qualidade, quantidade e freqüência de estímulos. O que é importante são as características de moradia, bairro, escola, locais de lazer, esportes, canais de cultura (jornal, televisão) e a abertura profissional que o meio oferece aos sujeitos.

Nas tabelas e gráficos deste item (4.1.2.20a. a 4.1.2.20f.), tentamos selecionar alguns fatores que poderiam intervir no processo de aprendizagem. Foram avaliadas algumas situações, a partir dos pais e (ou) responsáveis das crianças e adolescentes, que permaneciam na escola, até a data da entrevista. Nas variáveis 'sem dificuldades' (Tabela e gráfico 4.1.2.20a.) (SOS - 70,6%; Crami – 61,1%; Comparativo - 66,9%) e 'presta atenção na aula' (Tabela e gráfico 4.1.2.20b.) (SOS - 71,3%; Crami – 50,0 %; comparativo – 78,4%) observamos resultados em torno de 50,0% e acima desta taxa, nos três grupos entrevistados. Na análise estatística, obtivemos uma semelhança significativa ($p < 0.05$), de

[2] Repressão - processo pelo qual lembranças e motivos são impedidos de atingir a consciência, continuando a operar no subconsciente (MICHAELIS, 1998).

acordo com o teste do χ^2. As dificuldades de aprendizagem, mais citadas pelos pais e (ou) responsáveis foram as que envolviam os processos de memória e atenção.

É importante pensarmos que a aprendizagem envolve múltiplos fatores. Apesar dos pais e responsáveis relatarem os aspectos mais práticos de sua convivência diária com a criança e o adolescente, não podemos esquecer das outras questões que interferem na aprendizagem e que não tivemos oportunidade de avaliá-las (audição, visão, integridade neurológica, etc.). Outra situação que encontramos, com freqüência, foi o ambiente material precário de algumas famílias. Acreditamos que este também tenha sido um fator que pode ter influenciado nos resultados da aprendizagem.

O grupo Crami teve o maior percentual na situação de 'não presta atenção na aula' (50,0 %). Apesar deste resultado ser alto, notamos que não se trata de desinteresse pela escola (como mostra a tabela e gráfico 4.1.2.20e.). A avaliação estatística deste item pelo teste do χ^2, apresentou uma discreta diferença nos resultados ($p > 0.05$), entre os grupos entrevistados. No entanto, os resultados dos grupos SOS (71,3%) e comparativo (78,4%) estiveram, de certa forma próximos.

A maior parte das crianças e dos adolescentes, segundo os seus pais e (ou) responsáveis, não apresentava problemas com os professores (SOS - 81,4%; Crami – 88,9%; comparativo – 92,1%). A avaliação estatística das respostas dos diferentes grupos, a estas variáveis, apresentou diferenças ($p > 0.05$) no teste do χ^2 (tabela e gráfico 4.1.2.20c.).

A obediência às regras (tabela e gráfico 4.1.2.20d.), nas amostras de pais e (ou) responsáveis entrevistados, obteve um alto percentual (SOS - 87,4%; Crami – 77,8%; comparativo – 94,2%). Entretanto, nos grupos do estudo, deparamo-nos com a 'não obediência às regras', em um percentual um pouco mais elevado (SOS – 12,6%; Crami – 22,2%), do que o grupo comparativo – 5,8%. Ao realizarmos a análise estatística das respostas a esta situação, observamos diferenças nos resultados dos três grupos ($p > 0.05$), após a utilização do teste do χ^2.

Podemos supor várias razões para que estes fatos tenham ocorrido, em função de uma população tão específica, como é a estudada na pesquisa. É possível que estas crianças e adolescentes tenham regras diferentes nos seus ambientes familiares e a escola não observa estas diferenças, como foi citado por PATTO (1991), no item anterior. Uma outra hipótese seria que estas crianças sentem uma necessidade maior de colocar à prova os seus limites, ou ainda, testar novas possibilidades de reações.

O interesse das crianças e adolescentes entrevistados, pela escola (tabela e gráfico 4.1.2.20e.), segundo as respostas dos pais e (ou) responsáveis que participaram da pesquisa (SOS – 80,2%; Crami – 94,4%; comparativo – 84,2%), foi estatisticamente semelhante ($p < 0.05$), segundo o teste do χ^2. No entanto, observamos resultados diferentes ($p > 0.05$), nos três grupos, quanto à obediência às regras (SOS – 87,4%; Crami – 77,8%; comparativo – 94,2%), o que pode ter sido um dos fatores a acarretar problemas com os professores (SOS – 18,6%; Crami – 11,1%; comparativo – 7,9%), nos diferentes resultados dos três grupos entrevistados ($p > 0.05$).

Uma situação de diferença ($p > 0.05$) dos três grupos relacionou-se ao desempenho escolar com a predominância dos castigos pelas notas baixas na escola (tabela e gráfico 4.1.2.20f. - SOS – 21,6%; Crami – 11,1%; comparativo – 0,0%). Talvez possamos supor que, além das situações de disciplina, na violência contra a criança e o adolescente, em nossa pesquisa, o desempenho escolar foi um dos fatores importantes para o desencadeamento do fenômeno em estudo. Várias mulheres entrevistadas delegavam ao pai esta situação. Algumas chegavam a afirmar : *Ele não tem respeito, não quer estudar e tira nota baixa. Quando o pai dele chega, eu conto tudo prá ele e ele vai de castigo* (Caso 110 – SOS Ação Mulher e Família).

Os resultados obtidos nestas situações escolares, descritas pelos pais e (ou) responsáveis entrevistados, foram confirmados por outros trabalhos científicos, relativos ao assunto (EMERY, 1989; JAFFE *et al.*, 1986; CARLSWELL, 1990; WIDDEN, WILLIAMSON, WILSON, 1991; ASSIS, 1994 a; WOLFE & KORSCH, 1994; MAPA CENSITÁRIO, 1997; SOLOMON & SERRES, 1999).

TABELA 4.1.2.20a. ALGUMAS SITUAÇÕES EM SALA DE AULA COM AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SITUAÇÕES EM SALA DE AULA							
	Com dificuldade de aprendizagem				Sem dificuldade de aprendizagem			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	49	29,4	49	29,4	118	70,6	167	100,0
CRAMI	7	38,9	7	38,9	11	61,1	18	100,0
COMPARATIVO	46	33,1	46	33,1	93	66,9	139	100,0

$\chi^2 = 0.980$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.966$ G.L.= 2 $p<0.05$

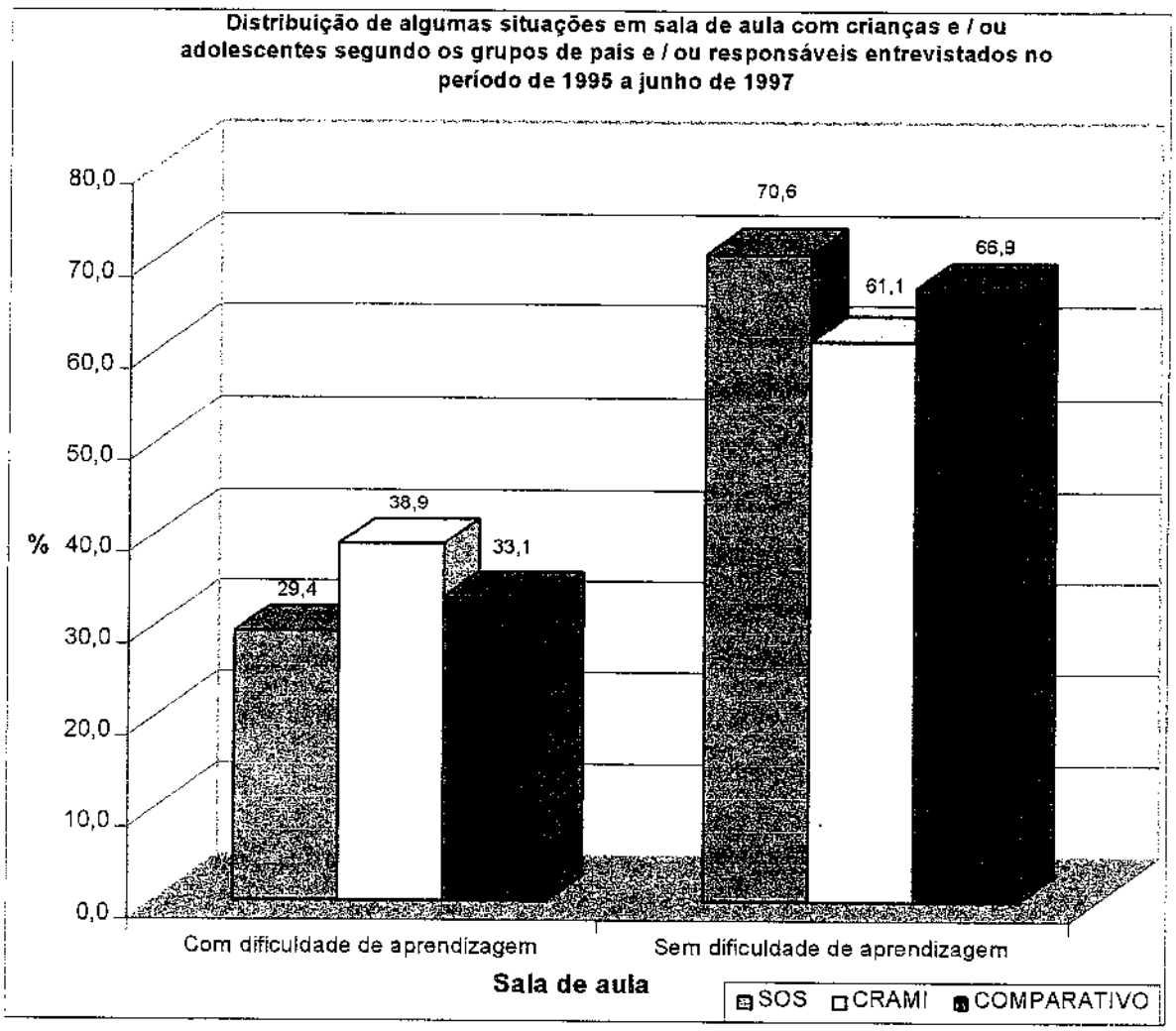


Figura 4.1.2.20a. Representação gráfica de algumas situações em sala de aula com crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.20b. ALGUMAS SITUAÇÕES EM SALA DE AULA COM AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SITUAÇÕES EM SALA DE AULA							
	Presta atenção na aula				Não presta atenção na aula			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	119	71,3	119	71,3	48	28,7	167	100,0
CRAMI	9	50,0	9	50,0	9	50,0	18	100,0
COMPARATIVO	109	78,4	109	78,4	30	21,6	139	100,0

$\chi^2 = 7.179$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 6.699$ G.L.= 2 p>0.05

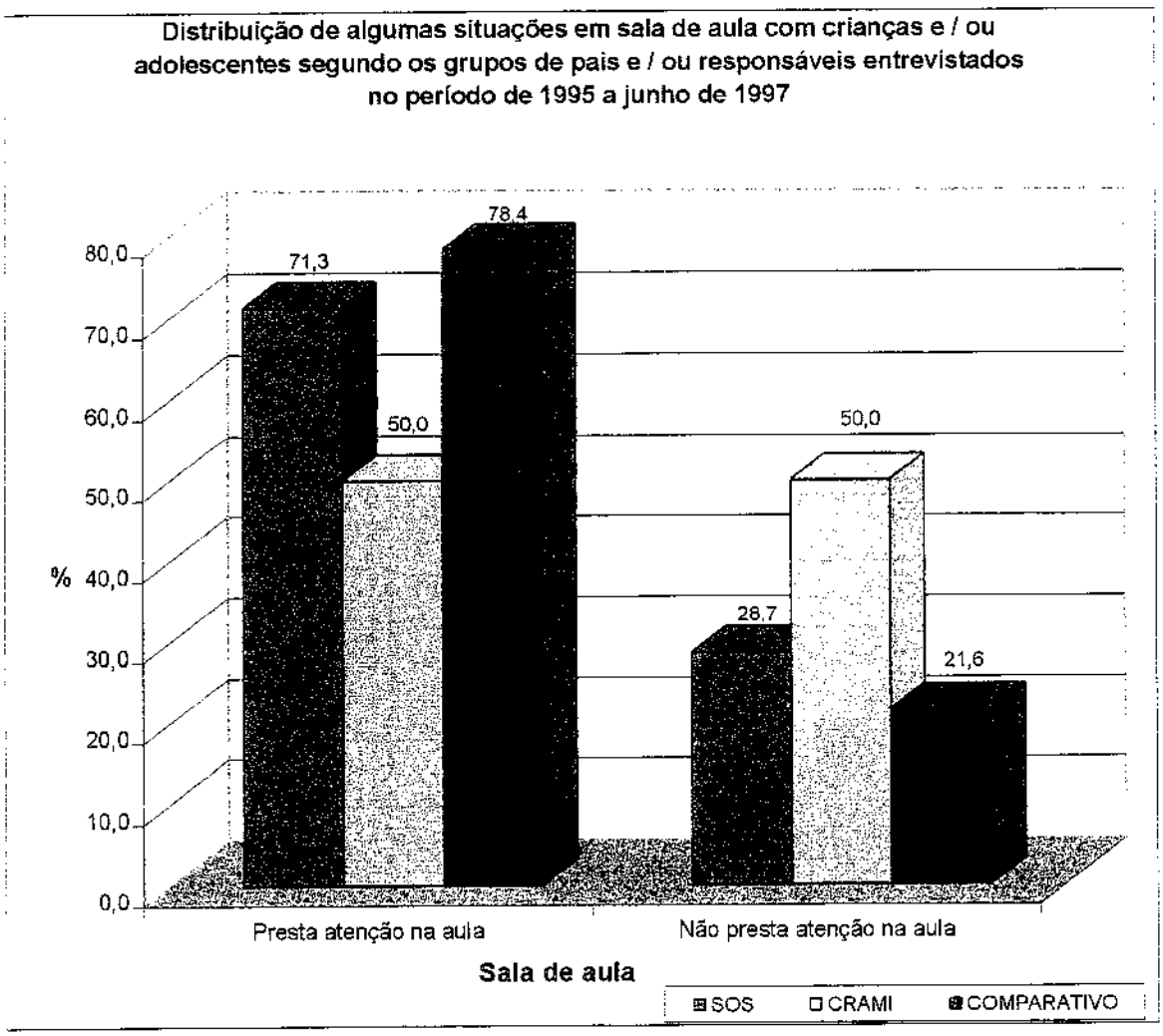


Figura 4.1.2.20b. Representação gráfica de algumas situações em sala de aula com crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.20c. ALGUMAS SITUAÇÕES EM SALA DE AULA COM AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SITUAÇÕES EM SALA DE AULA							
	Com problemas com professores				Sem problemas com professores			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	31	18,6	31	18,6	136	81,4	167	100,0
CRAMI	2	11,1	2	11,1	16	88,9	18	100,0
COMPARATIVO	11	7,9	11	7,9	128	92,1	139	100,0

$\chi^2 = 7.429$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 7.702$ G.L.= 2 p>0.05

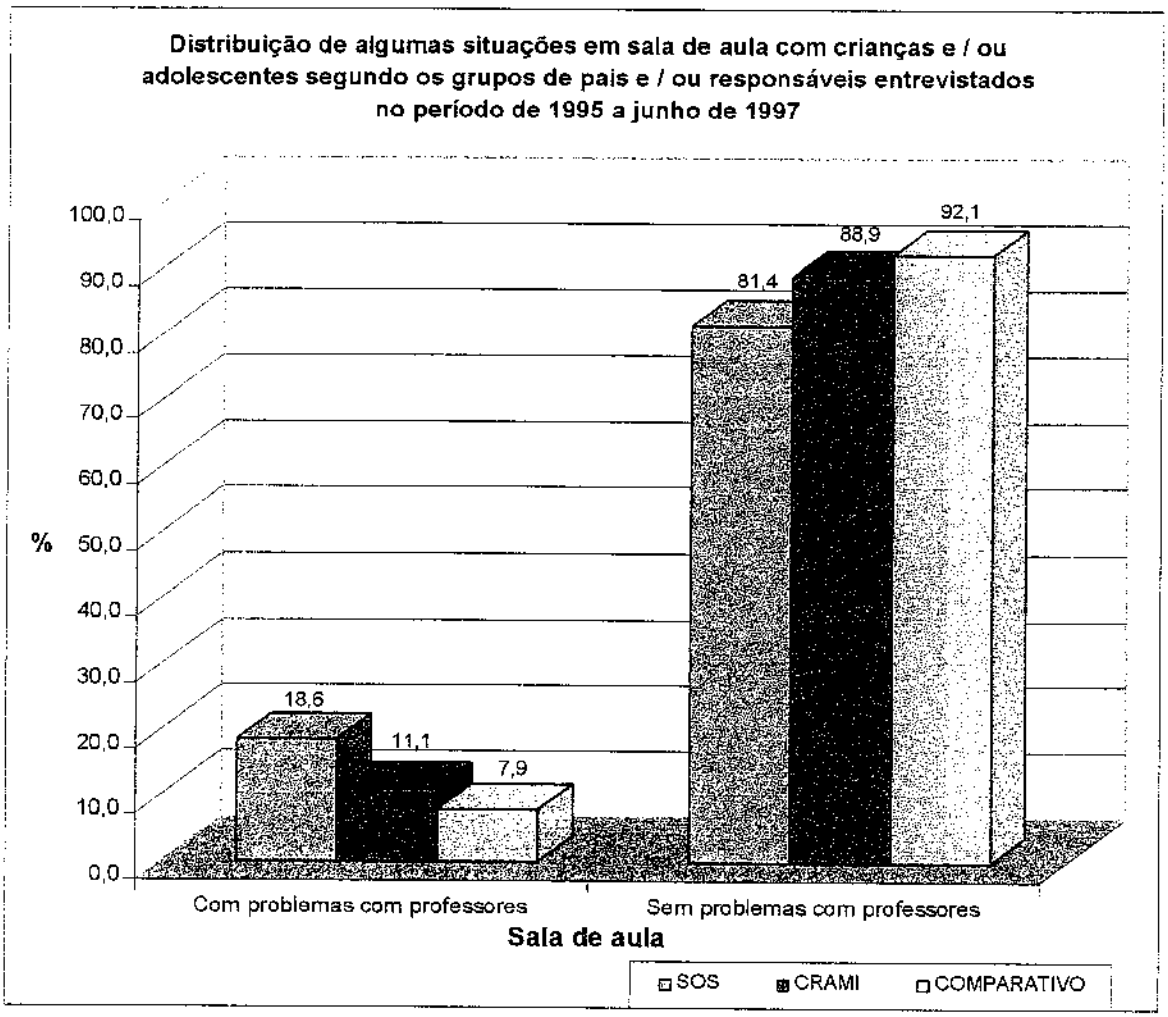


Figura 4.1.2.20c. Representação gráfica de algumas situações em sala de aula com crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.20d. ALGUMAS SITUAÇÕES COM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES LIGADAS À ESCOLA SEGUNDO OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SITUAÇÕES LIGADAS À ESCOLA							
	Obedece às regras				Não obedece às regras			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	146	87,4	146	87,4	21	12,6	167	100,0
CRAMI	14	77,8	14	77,8	4	22,2	18	100,0
COMPARATIVO	131	94,2	131	94,2	8	5,8	139	100,0

$\chi^2 = 6.875$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 6.671$ G.L.= 2 $p>0.05$

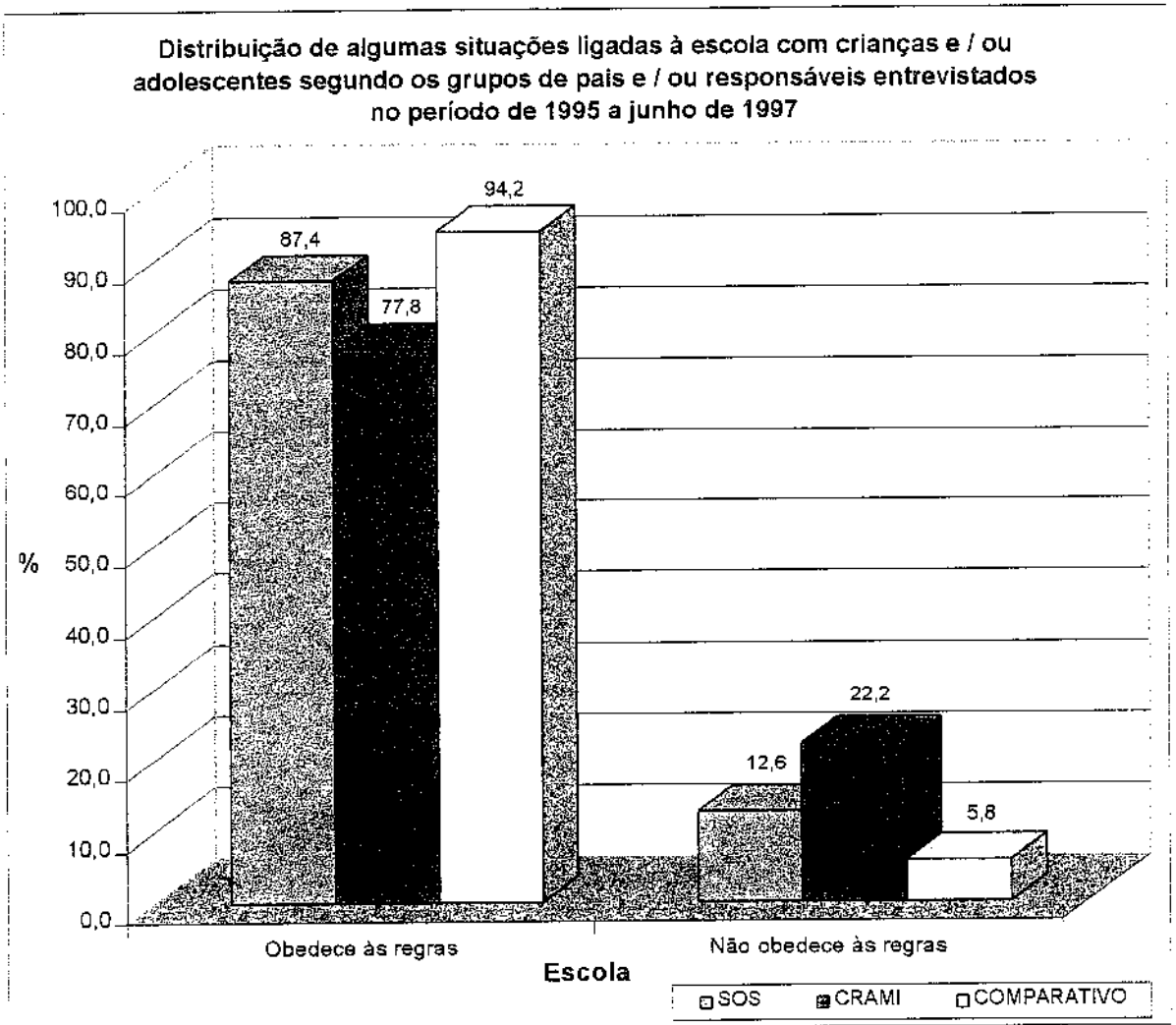


Figura 4.1.2.20d. Representação gráfica de algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.20e. ALGUMAS SITUAÇÕES COM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES LIGADAS À ESCOLA SEGUNDO OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SITUAÇÕES LIGADAS À ESCOLA							
	Interesse pela escola				Desinteresse pela escola			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	134	80,2	134	80,2	33	19,8	167	100,0
CRAMI	17	94,4	17	94,4	1	5,6	18	100,0
COMPARATIVO	117	84,2	117	84,2	22	15,8	139	100,0

$\chi^2 = 2.655$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.141$ G.L.= 2 $p<0.05$

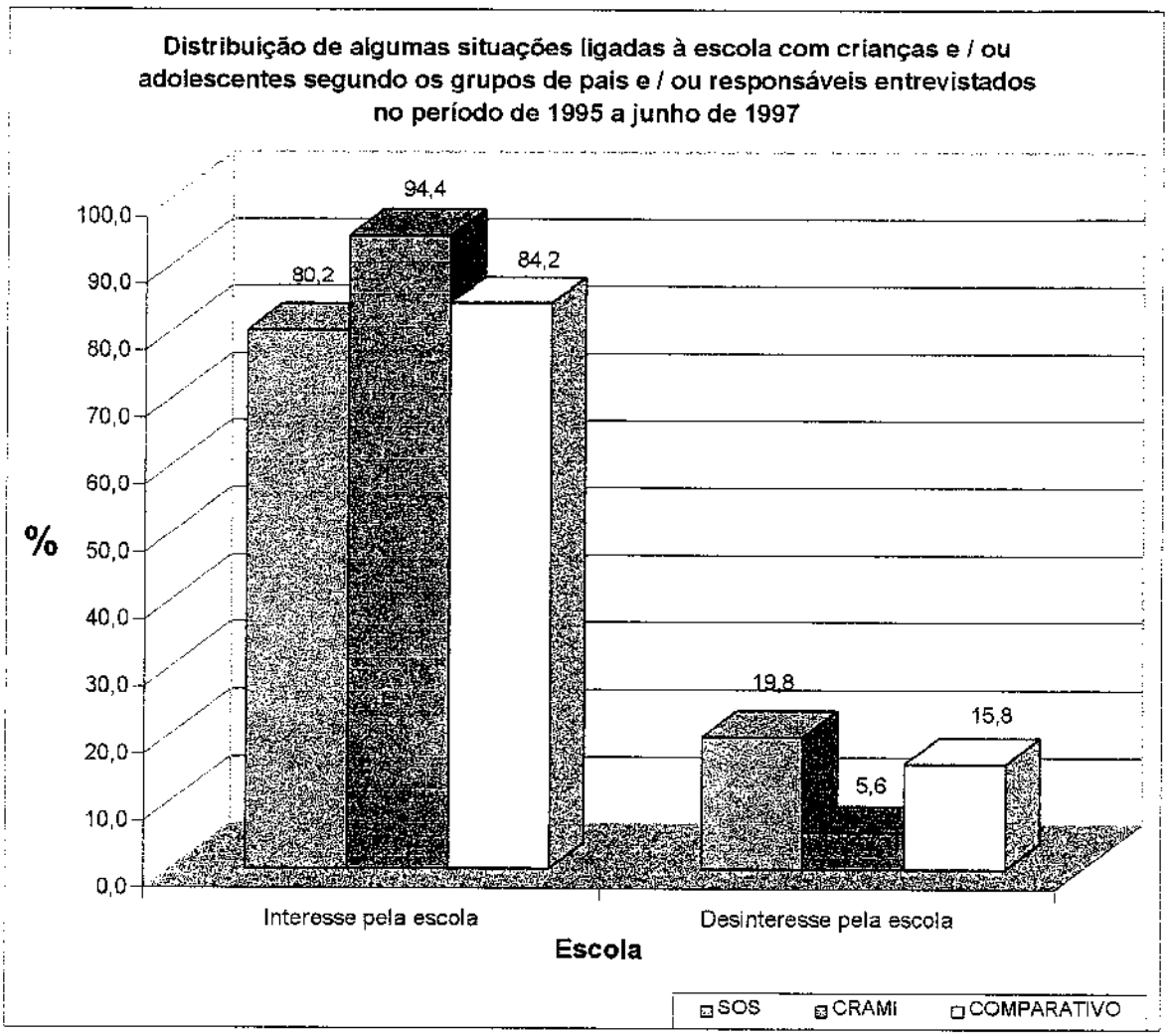


Figura 4.1.2.20e. Representação gráfica de algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.2.20f. ALGUMAS SITUAÇÕES COM CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES LIGADAS À ESCOLA SEGUNDO OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SITUAÇÕES LIGADAS À ESCOLA							
	Com castigo pela nota baixa				Sem castigo pela nota baixa			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	36	21,6	36	21,6	131	78,4	167	100,0
CRAMI	2	11,1	2	11,1	16	88,9	18	100,0
COMPARATIVO	0	0,0	0	0,0	139	100	139	100,0

$\chi^2 = 34.057$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 47.585$ G.L.= 2 p>0.05

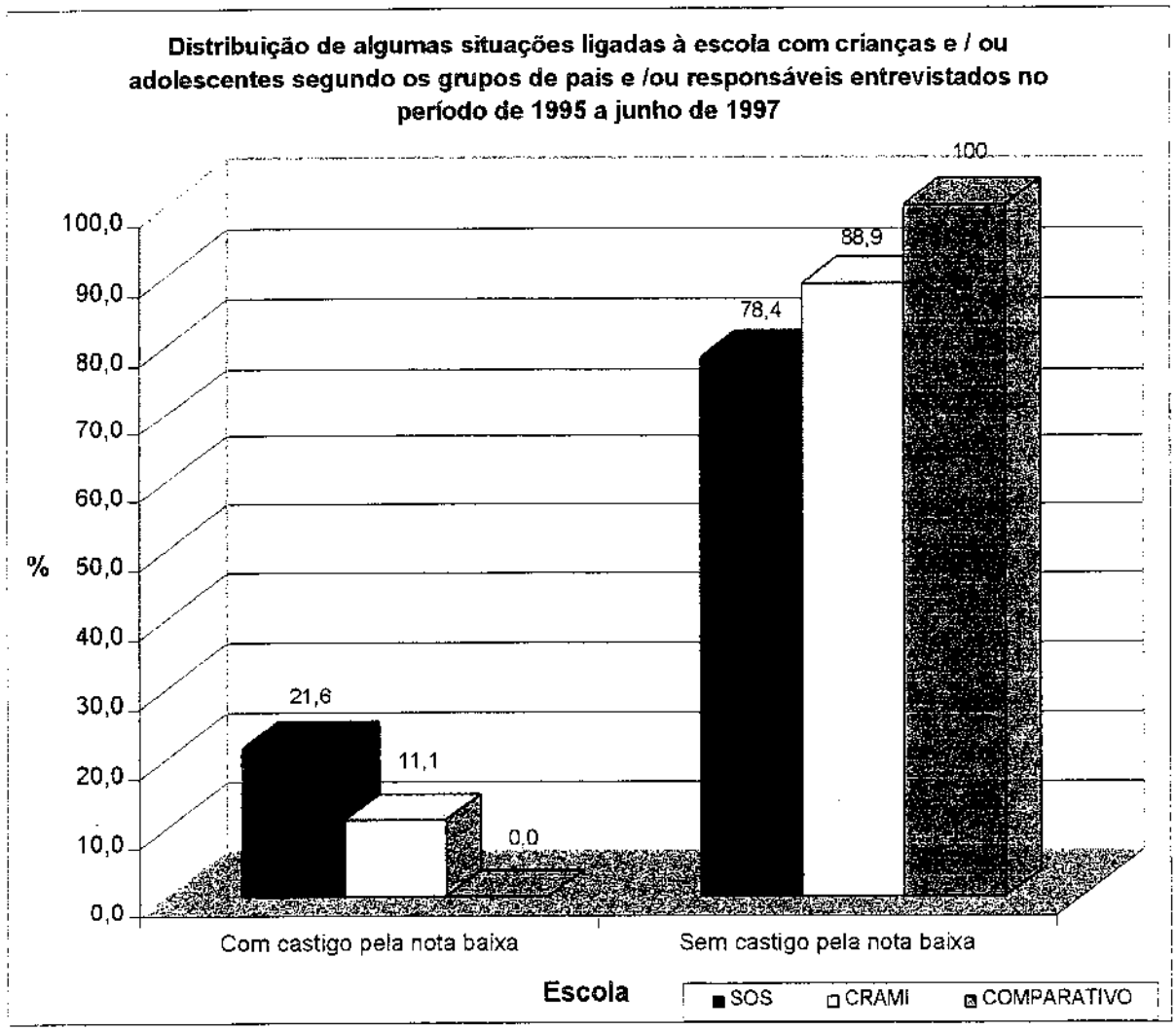


Figura 4.1.2.20f. Representação gráfica de algumas situações com crianças e/ou adolescentes ligadas à escola de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Mudança escolar (Tabelas e gráficos 4.1.2.21a. e 4.1.2.21b.)

O processo de escolarização das crianças e adolescentes está em relação direta com os efeitos do equilíbrio familiar, a inserção social da família e sua repercussão sobre cada membro.

Os movimentos migratórios dos pais podem acarretar sérios prejuízos à situação escolar. Além de profundas mudanças na vida da criança e do adolescente, também ocorrem rupturas com amigos, colegas de classe e professores.

O desinteresse escolar e a recusa escolar podem tomar conta destas crianças e adolescentes, em função das decisões de mudanças de seus pais. Na tabela e gráfico 4.1.1.12 (Mudança de domicílio na família) vamos encontrar que, em torno de 75 a 90% destas famílias que participaram da pesquisa, mudaram de domicílio, pelo menos uma vez.

As mudanças de escola tiveram um percentual, relativamente baixo (SOS – 24,3%; Crami - 30,8%; comparativo – 14,4%), em relação às mudanças de domicílio (SOS – 90,9%; Crami – 77,3%; comparativo – 75,6%). Podemos inferir, a partir destes dados, que uma grande parte de crianças e adolescentes, mesmo mudando de domicílio, permaneceu na mesma escola. Isto nos leva a supor que parte das mudanças de escola ficaram estabelecidas por critérios dos pais (escola mais forte, mais fraca, mais perto, mais longe) e das crianças e adolescentes.

Uma situação relatada, com certa freqüência, nas entrevistas, foi a falta de adaptação escolar, em crianças que estavam mudando de cidade. Alguns pais chegaram a comentar: *Parece que nessas escolas é tudo diferente. Não tem nada que o R. aprendeu.* (Caso 130 – SOS Ação Mulher e Família). Ou, ao contrário : *Tive que mudar X. de escola, porque era muito fácil para ele e ele não queria mais ir (*Caso 78 – SOS Ação Mulher e Família).

No grupo CRAMI, encontramos um resultado elevado de mudanças escolares (100,0%). Todos os entrevistados que mudaram de escola, fizeram-no três ou mais vezes. Talvez, neste grupo, outros fatores, de ordem econômica, por exemplo, estivessem envolvidos de forma mais explícita do que nos outros grupos entrevistados. As mudanças

três vezes ou mais obtiveram os resultados mais altos nos grupos (SOS – 45,2%; Crami – 100,0%; comparativo – 76,2%). Podemos inferir, a partir destes dados, que provavelmente, muitas dificuldades apresentadas na aprendizagem poderiam advir destas mudanças.

As tabelas e gráficos 4.1.2.21a. e 4.1.2.21b., na análise estatística pelo teste do χ^2, apresentaram diferenças ($p > 0.05$), nos resultados dos três grupos entrevistados.

TABELA 4.1.2.21a. MUDANÇA DE ESCOLA DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MUDANÇA DE ESCOLA							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	42	24,3	42	24,3	131	75,7	173	100,0
CRAMI	8	30,8	8	30,8	18	69,2	26	100,0
COMPARATIVO	21	14,4	21	14,4	125	85,6	146	100,0

$\chi^2 = 6.528$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 6.617$ G.L.= 2 $p>0.05$

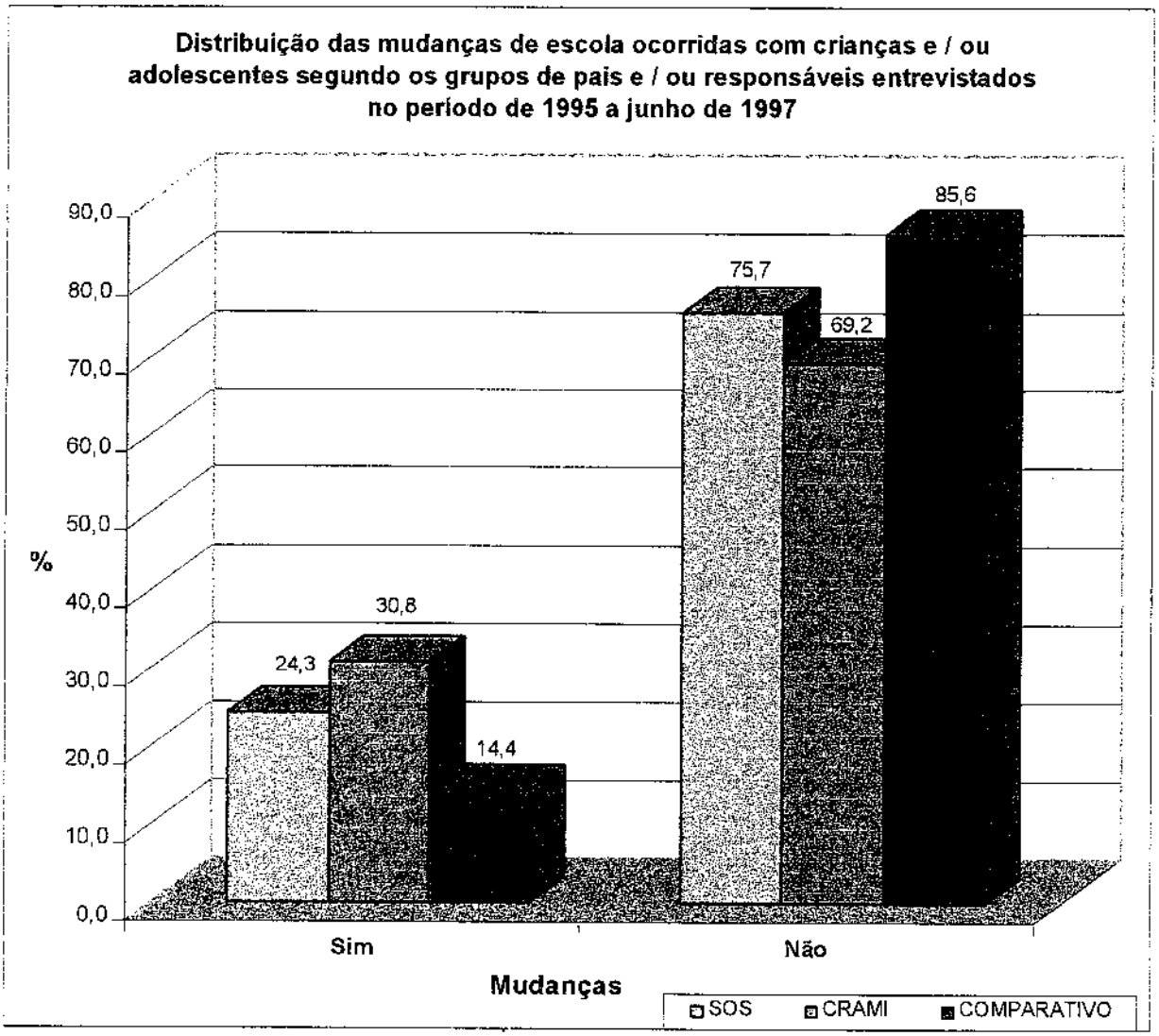


Figura 4.1.2.21a. Representação gráfica da mudança de escola das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.2.21b. MUDANÇA DE ESCOLA DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MUDANÇA DE ESCOLA											
	Uma vez				Duas vezes				Três ou mais vezes			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	8	19,0	8	19,0	15	35,7	23	54,7	19	45,2	42	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	8	100	8	100,0
COMPARATIVO	3	14,3	3	14,3	2	9,5	5	23,8	16	76,2	21	100,0

$\chi^2 = 12.301$ G.L.= 4 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 15.409$ G.L.= 4 $p>0.05$

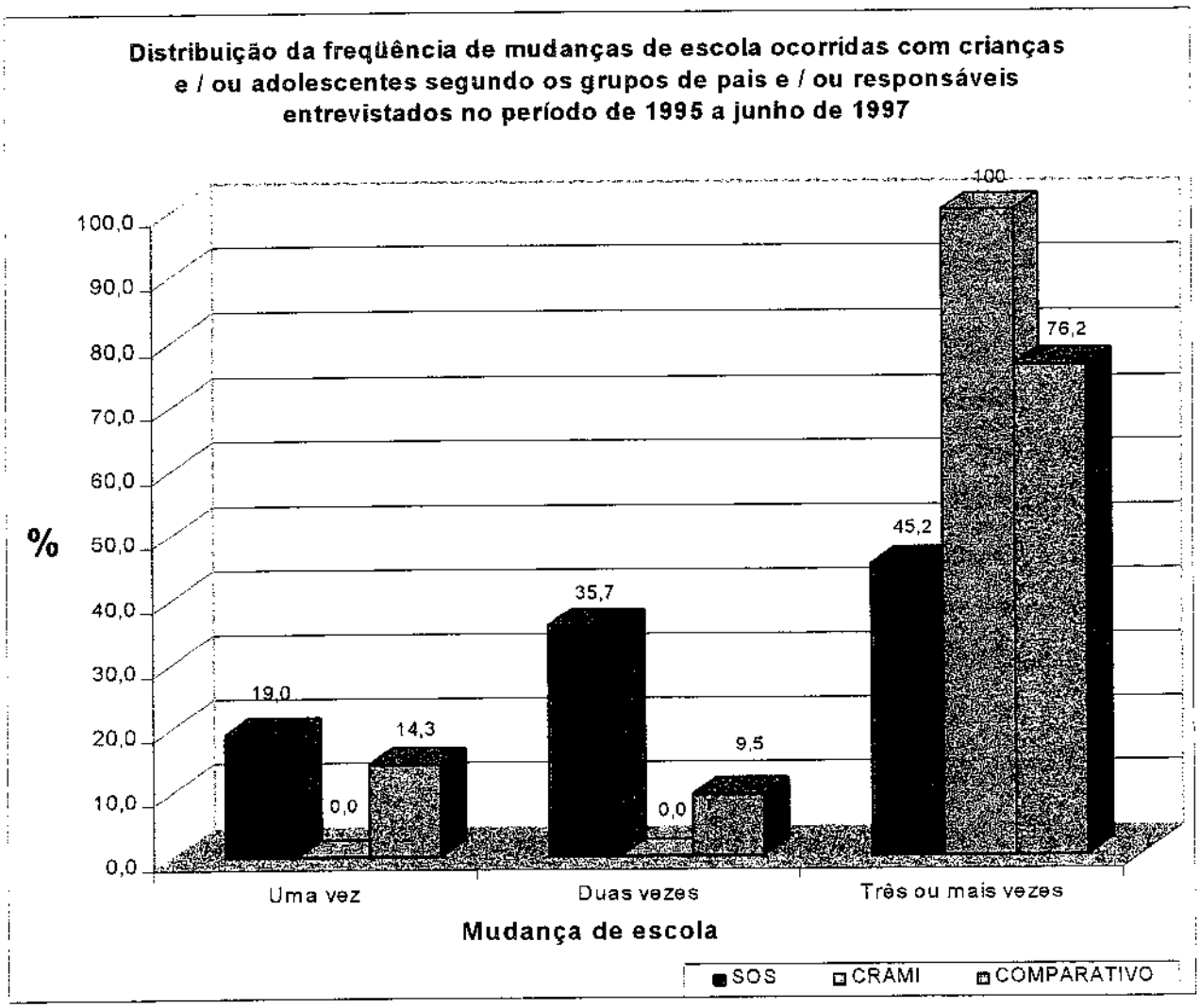


Figura 4.1.2.21b. Representação gráfica da mudança de escola das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período entre 1995 a junho de 1997

Expectativa dos pais e responsáveis sobre a escolaridade das crianças e dos adolescentes (Tabela e gráfico 4.1.2.22.)

Desde a tenra idade a sociedade e a cultura influenciam de maneira decisiva sobre a motivação humana. Segundo D'ANDREA (1991), torna-se difícil qualquer disposição da personalidade, independente dos padrões sociais e culturais do meio onde a pessoa se desenvolve.

Os pais tendem a fundamentar-se na cultura do seu meio e nos valores de sua classe social. Nesta distribuição, percebemos no grupo Crami a oscilação entre duas variáveis discrepantes: 'sem expectativa de escolaridade' (45,2%) e 'expectativa de curso superior' (32,3%). Analisando o grau de instrução das mães e (ou) responsáveis do sexo feminino deste grupo (Tabela e gráfico 4.1.1.5a.), percebemos que a escolaridade destas foi de primeiro grau completo, em 22,7%. A maior incidência ficou no primeiro grau incompleto, 63,6%.

Segundo SARTI (1995), no universo cultural dos pobres, não são dados os recursos simbólicos para a formulação de um projeto individual que pressuponha condições específicas de educação e de valores sociais. A tradição mantém-se assim, como uma referência fundamental de existência. Pensam em seu lugar no mundo, a partir da lógica da reciprocidade, onde o que conta é a solidariedade dos laços de parentesco e de vizinhança, com os quais viabilizam a sua existência. A busca de serem modernos, de usufruírem da probabilidade, dada por nossa época, de conceber e realizar projetos individuais, quando chega a ser formulada, torna-se uma busca frustrada em que aparece o peso da subordinação social.

Durante as entrevistas com os grupos, observamos que acompanhando a expectativa vinha a desesperança do sonho. Foram freqüentes frases do tipo : *Ah ! Eu quero que ele faça faculdade. Eu tô querendo mas, acho que não vai dar, não. É tudo muito difícil. Eu quero curso superior prá ele, aí imagina um filho de empregada doméstica, doutor...* (Caso 132 – SOS Ação Mulher e Família).

Nestas respostas, percebemos que há uma relação de compromisso entre os pais e (ou) responsáveis e o mundo que eles percebem. As classes menos favorecidas podem protestar contra a situação de inferioridade e transmitir isso aos seus filhos, mas ao mesmo tempo não os estimulam, de forma definida, a ultrapassar os limites desta inferioridade social.

Nos grupos SOS e comparativo, tivemos oportunidade de observar posturas diferentes, em resposta a essa pergunta. A grande expectativa em relação aos filhos é que eles façam curso superior (SOS – 74,2%; comparativo - 74,2%). As declarações eram otimistas ou identificatórias: *É claro que eu quero curso superior. Ele vai fazer o que eu sempre tive vontade, mas não pude* (Caso 116 – SOS Ação Mulher e Família); *Ele vai fazer curso superior como o pai* (Caso 28 – SOS Ação Mulher e Família).

Alguns sujeitos, nos três grupos, não apresentaram expectativa quanto à escolaridade (SOS - 8,0%; Crami - 45,2%; comparativo - 2,7%). Umas pessoas não sabiam, nunca tinham pensado nisso, ou não estavam preocupadas com os estudos dos seus filhos, até porque eles já não estudavam mais, haviam abandonado a escola. O grupo comparativo foi o único que respondeu à variável 'outros ' (1,3%), isto é *meu filho vai decidir o que ele quer*.

Os resultados apresentados, neste item, 'expectativa de escolaridade', tiveram diferenças significativas ($p > 0.05$),em relação às respostas dos grupos que participaram da pesquisa, quando utilizamos o teste do χ^2.

A partir das respostas a esses itens e comentários surgidos da situação, parecem já existir esboços de papéis a serem desempenhados, como foi citado anteriormente *(Ele vai fazer* curso *superior como o pai; Imagina um filho de empregada doméstica, doutor...)*, cumprindo um roteiro prévio.

TABELA 4.1.2.22. EXPECTATIVA DE ESCOLARIDADE PARA AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM AS RESPOSTAS DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADAS	EXPECTATIVA DE ESCOLARIDADE																			
	Sem Expectativa				Primeiro grau				Segundo grau				Técnico				Superior				Outros			
	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	14	8,0	14	8,0	1	0,6	15	8,6	15	8,6	30	17,2	15	8,6	45	25,8	130	74,2	175	100,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	14	45,2	14	45,2	1	3,2	15	48,4	5	16,1	20	64,5	1	3,2	21	67,7	10	32,3	31	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	4	2,7	4	2,7	2	1,3	6	4,0	20	13,2	26	17,2	11	7,3	37	24,5	112	74,2	149	98,7	2	1,3	151	100,0

$\chi^2 = 67.098$ G.L.= 10 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 49.452$ G.L.= 10 $p>0.05$

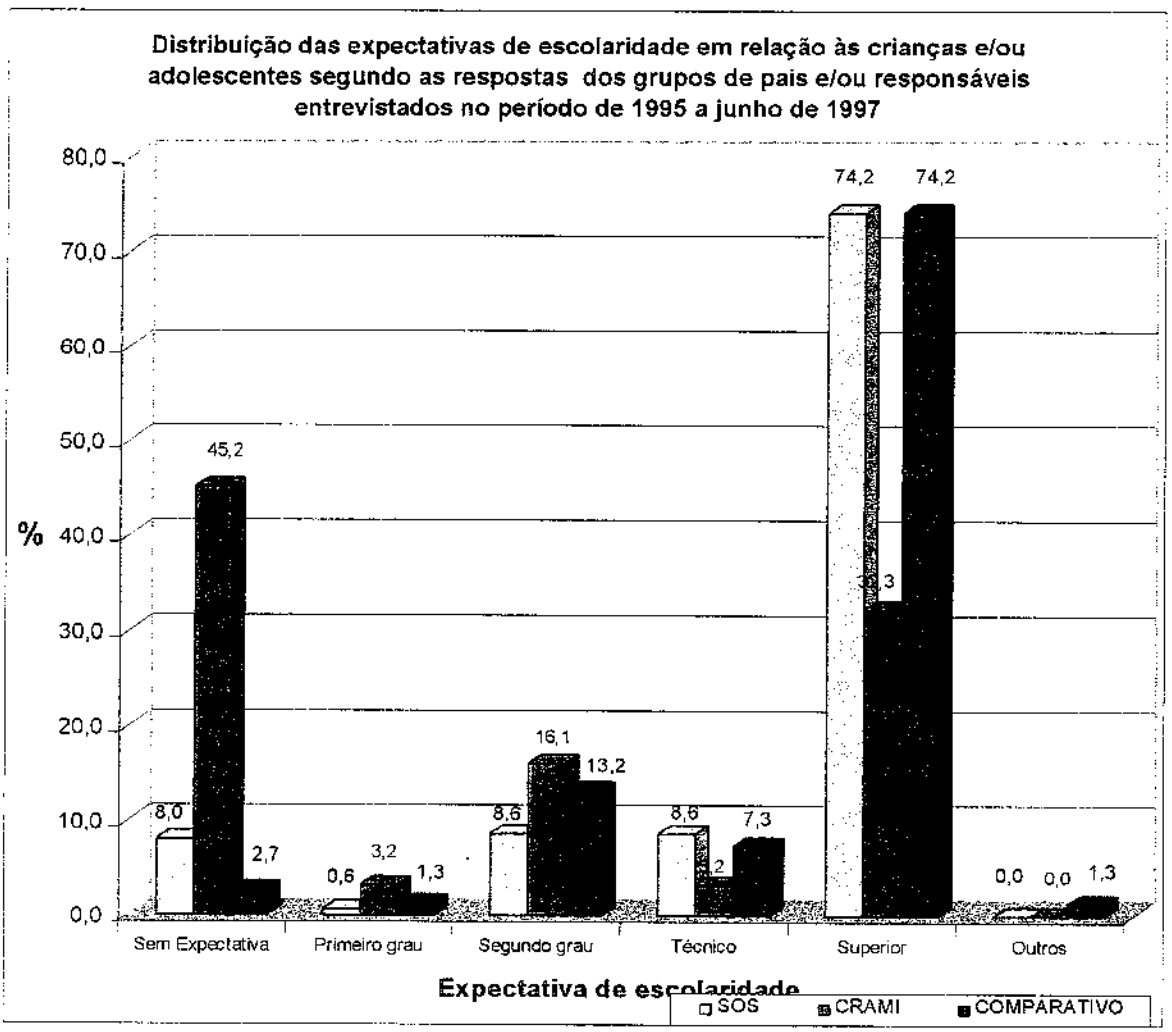


Figura 4.1.2.22. Representação gráfica da expectativa de escolaridade em relação às crianças e/ou adolescentes de acordo com as respostas dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Doenças orgânicas (Tabela e gráfico 4.1.2.23.)

A doença constitui um episódio normal e inevitável na vida de uma criança. A experiência de uma doença remete a criança a movimentos psicoafetivos diversos, como afirmam AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986). A regressão quase sempre acompanha a doença, isto é, leva a criança a um retorno de cuidados corporais e dependência da mãe. O sofrimento pode estar vinculado a uma vivência de punição pois, muitas vezes, a criança é culpabilizada pela própria doença. Dependendo da gravidade do caso, podemos ter até acometimentos do esquema corporal, impostos pela doença (paralisias, amputações).

No caso dos adolescentes, estes, em geral, não se sentem 'doentes'. Eles ignoram as ocorrências patológicas do corpo. Somente algum acidente, por vezes, os atinge. Uma doença crônica provoca marcas, principalmente, no processo psicológico em curso. Segundo MARCELLI & BRACONNIER (1989), toda afecção tem características próprias, ligadas à sua natureza e terapêutica. As doenças crônicas, quando surgem nessa fase do desenvolvimento, colocam em questão valores impostos pelos pais e pela sociedade e um desejo cada vez maior de independência em relação a eles.

O risco, a longo prazo, é o de transformar a doença em um sistema explicativo, permanente e total, de qualquer conduta, pensamento ou afeto da criança e adolescente. A doença passa a ser um sistema racionalizante que se constitui em cenário para qualquer situação. Na distribuição das respostas apresentadas a estas perguntas, constatamos que, apesar de grande parte dos membros do grupo Crami viver em situação precária, eles foram os que apresentaram o menor índice de doenças orgânicas (19,2%).

Na análise estatística, as respostas dos grupos entrevistados foram semelhantes ($p < 0.05$), segundo o teste do χ^2. Não confirmando os estudos realizados por FELITTI, ANDA, NORDENBERG, WILLIAMSON, SPITZ, EDWARDS, KOSS, MARKS (1998), que afirmam serem as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica mais suscetíveis a estas situações de adoecimento.

As afecções mais comuns relatadas pelos pais e responsáveis foram: distúrbios respiratórios, do tipo bronquite, que eram geralmente justificados pelas mudanças de temperatura e pelo descuido dos próprios filhos, em se vestir, alimentar e seguir o tratamento, adequadamente.

TABELA 4.1.2.23. PROBLEMAS ORGÂNICOS NAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PROBLEMAS ORGÂNICOS							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	62	35,8	62	35,8	111	64,2	173	100,0
CRAMI	5	19,2	5	19,2	21	80,8	26	100,0
COMPARATIVO	43	29,4	43	29,4	103	70,6	146	100,0

$\chi^2 = 3.560$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.724$ G.L.= 2 $p<0.05$

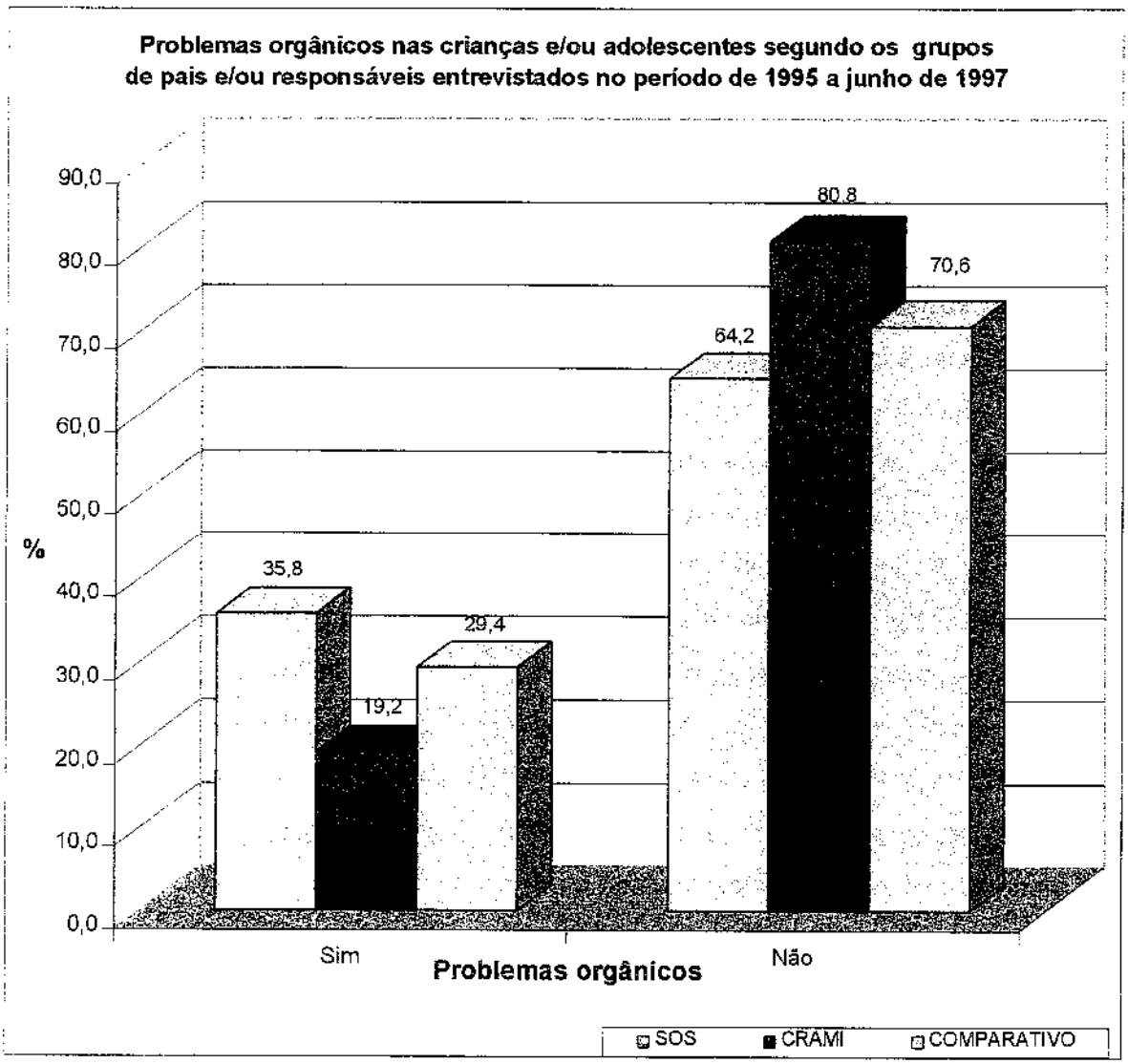


Figura 4.1.2.23. Representação gráfica dos problemas orgânicos em crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

4.1.3. Vida familiar descrita pelos pais e (ou) responsáveis pelas crianças e adolescentes entrevistados (relacionamento entre as pessoas; relacionamento entre os irmãos relacionamento entre os pais e /ou responsáveis e a criança e o adolescente; problemas familiares)

Relacionamento entre as pessoas que moram no domicílio (Tabela e gráfico 4.1.3.1.)

Segundo ACKERMAN(1986), a família pode ser considerada como um tipo de unidade de troca. Os valores que entram nesta situação são o amor e os bens materiais. Dentro de uma família, há um fluxo constante destes valores, em todas as direções; no entanto, os pais são os 'doadores primários '[3].

A distribuição da gratificação na família é governada pelos pais. Depende deles, a expectativa de qualquer membro ser satisfeita ou não, durante a infância. Se a atmosfera familiar é cheia de desvios e mudanças repentinas, podem ocorrer profundos sentimentos de frustração, acompanhados de ressentimentos e hostilidades. O intercâmbio de sentimentos entre os membros da família gira em torno da oscilação entre o amor e o ódio.

A maneira pela qual os pais demonstram seu amor um pelo outro, é muito importante na determinação do clima emocional da família. Os conflitos evocam uma tensão hostil que, quando constante, ameaça a organização. A estabilidade da família e de seus membros depende de um padrão delicado de equilíbrio e intercâmbio emocional. Para ACKERMAN (1986), o comportamento de cada membro é afetado por todos os outros. Os papéis familiares de marido e esposa, pai e mãe, pais e filhos, filhos e irmãos, são interdependentes e recíprocos. Cada pessoa enfrenta a realidade pondo em ação os mecanismos psíquicos de defesa[4] que, consciente ou inconscientemente, considera aptos para agir sobre ela e modificá-la (SOIFER, 1982). A família vai estruturando o seu agir, a partir desse modo de ser, ou seja, do mecanismo de defesa predominante entre os seus membros. Os pais transmitem de várias maneiras aos filhos, sua forma de ser. Isto implica, não só uma linguagem, mas também conteúdos emocionais que acompanham as palavras, os gestos ou os atos.

[3] Doadores primários - tanto em relação aos cuidados físicos com as crianças, quanto em termos de afetos
[4] Mecanismos de defesa - forma específica de lidar com a ansiedade e o conflito, constitui um traço de caráter, ou seja, um modo de ser (ACKERMAN, 1986).

Na distribuição sobre o relacionamento das pessoas que moram no domicílio estabelecemos quatro critérios, baseados nos fundamentos sobre as relações familiares de ACKERMAN (1986):

Bom - a família enfrenta, define e alcança uma solução realística para os seus problemas;

Regular - embora incapaz de alcançar uma solução realística, a família pode, não obstante, conter o problema e controlar os efeitos potencialmente nocivos, enquanto dá um tempo para si mesma, a fim de encontrar uma solução;

Ruim, sem agressão física ou moral - incapaz de encontrar uma solução efetiva ou de conter os efeitos destrutivos do conflito, a família responde à tensão do fracasso com afastamento e isolamento afetivo dos seus membros;

Ruim, com agressão física e (ou) moral - incapaz de encontrar uma solução efetiva ou de conter os efeitos destrutivos do conflito, a família responde à tensão do fracasso, com um tipo de "acting - out" de comportamento impulsivo, inadequado, autodestrutivo e prejudicial.

O relacionamento do tipo 'bom' abrangeu todos os grupos, em seus percentuais mais elevados (SOS - 54,3%; Crami - 61,3%; comparativo - 82,1%). O grupo comparativo não apresentou índices para o relacionamento "ruim, com agressões físicas e (ou) morais", o que nos fez supor que os mecanismos de solução dos problemas são racionalizados. Nas suas relações familiares, os membros deste grupo talvez sejam os mais respeitados.

Os dois grupos do estudo, SOS e Crami,apresentaram o predomínio de relações do tipo 'bom'. No entanto, tiveram resultados expressivos nos relacionamento de tipo 'regular' (SOS - 19,4%; Crami - 19,3%) e 'ruim, com agressão física e (ou) moral ' (SOS - 22,3%; Crami - 13,0%).

Os resultados obtidos, a partir da análise estatística do teste do χ^2, demonstraram que as respostas das amostras, dos três grupos da pesquisa, foram estatisticamente diferentes ($p > 0.05$). Observamos, desta forma, que uma certa parcela da população em estudo demonstrava física e verbalmente a instabilidade de suas relações, criando em suas famílias, o que podemos chamar de 'cultura da violência'[5].

Esta situação confirma que as famílias que apresentam mais conflitos nos seus relacionamentos demonstram uma tendência maior à agressão em suas crianças e adolescentes, como foi exposto pelos dados colhidos pelas entrevistas e também por outros trabalhos que abordaram o assunto (HILTON, 1992; MARQUES *et al.*, 1994; WOLFE & KORSCH, 1994; GAUDIN *et al.*, 1996; WILSON *et al.*, 1996; FERGUSSON & HORWOOD, 1998; MALPIQUE *et al.*, 1998).

[5] Cultura, nesta situação específica, é usada no sentido que SOIFER (1982) dá a esta palavra: *É a maneira pela qual as pessoas, as famílias, os povos e as sociedades enfrentam a realidade em seus vários aspectos.*

TABELA 4.1.3.1. RELACIONAMENTO ENTRE AS PESSOAS QUE MORAM NO DOMICÍLIO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	RELACIONAMENTO ENTRE AS PESSOAS QUE MORAM NO DOMICÍLIO															
	Bom				Regular				Ruim sem agressão física ou moral				Ruim com agressão física e/ou moral			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	95	54,3	95	54,3	34	19,4	129	73,7	7	4,0	136	77,7	39	22,3	175	100,0
CRAMI	19	61,3	19	61,3	6	19,3	25	80,6	2	6,4	27	87,0	4	13,0	31	100,0
COMPARATIVO	124	82,1	124	82,1	19	12,6	143	94,7	8	5,3	151	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 45.964$ G.L.= 6 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 61.032$ G.L.= 6 p>0.05

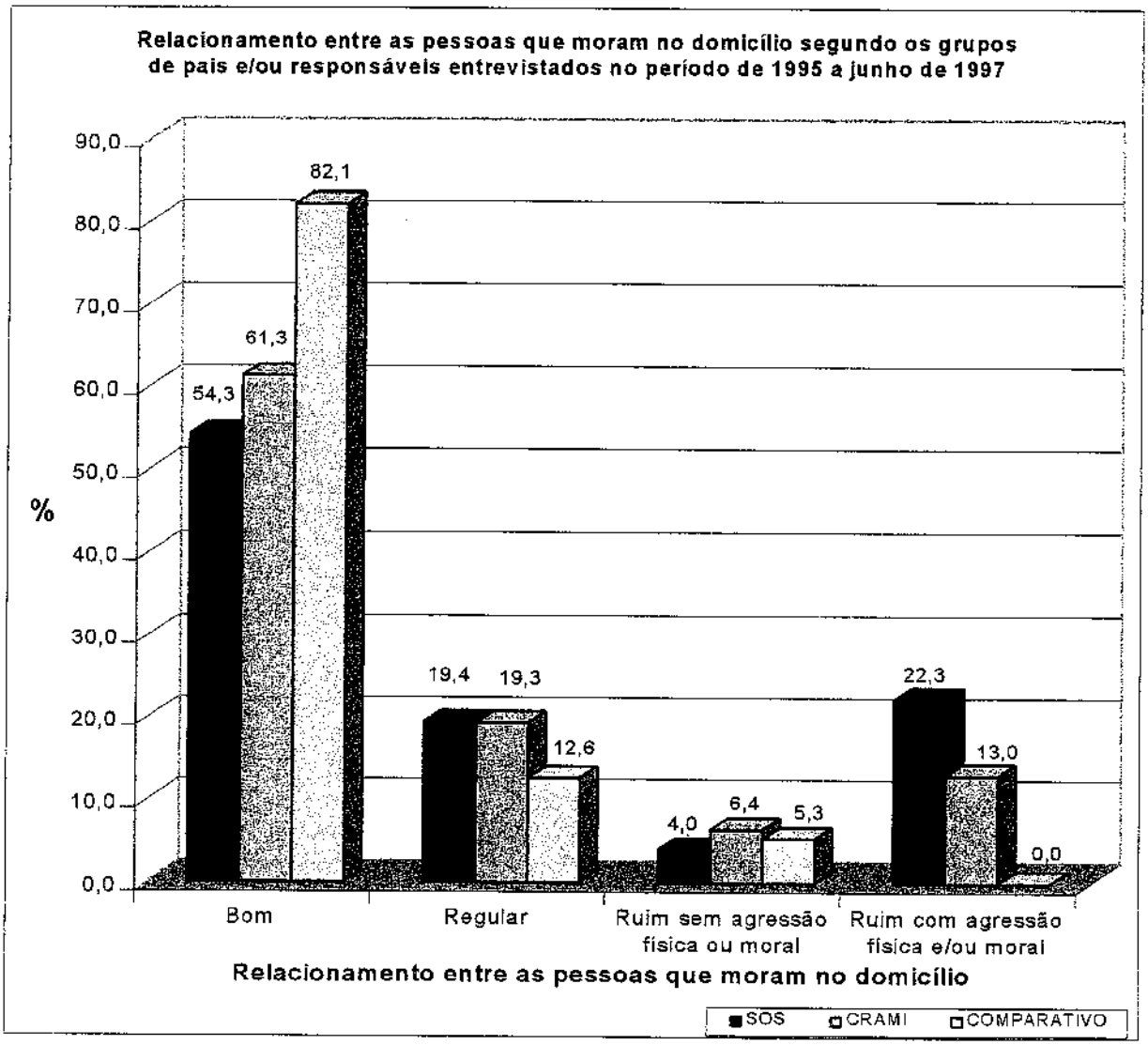


Figura 4.1.3.1. Representação gráfica do relacionamento entre as pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Conduta agressiva e problemas de relacionamento no lar (Tabelas e gráficos 4.1.3.2a.,4.1.3.2b. e 4.1.3.2c.)

Grau de parentesco nos relacionamentos com problemas no lar (Tabela e gráfico 4.1.3.2d.)

O significado de agressividade não é unívoco, há divergências. A definição da agressividade depende do lugar que o pesquisador ocupa. Em geral, podemos falar de agressividade como uma atitude, ou um ato dissociativo. No que concerne à criança, a agressividade deve ser investigada, para perceber se tem um papel maturativo ou desestruturante, se é evitável ou inevitável. Essas questões estão ligadas diretamente à maturação (AJURIAGUERRA & MARCELLI, 1986).

É importante distinguir agressividade, como estado ou potencialidade e a conduta agressiva, objetiva e observável. O início da socialização da criança caracteriza-se por uma agressividade que é normal. Segundo BEE (1977),desde cedo a criança sabe manifestar o seu desprazer. As primeiras condutas, diretamente agressivas, ocorrem no fim do segundo ano e no decorrer do terceiro ano. Por volta dos quatro anos, a criança expressa sua agressividade mais verbalmente, não mais apenas pelos gestos.

Na maioria dos casos, as condutas, diretamente agressivas desaparecem, mas existem crianças que continuam a mostrar uma certa violência em seus atos (GRÜNSPUN, 1988). Batem nos amigos, quebram objetos dos outros e seus, etc. Às vezes essa atitude é seletiva, não se produzindo a não ser em presença de certas pessoas. Mais grave ainda é o comportamento não seletivo da criança que, diante de qualquer situação, reage violentamente.

Quando essas crianças sentem que não podem dominar o grupo, exteriorizam a sua agressividade em forma de verdadeira crise, com ataques físicos diretos. Como o grupo responde com agressividade, cria-se uma situação insustentável para a criança. Ela então se isola e pode descarregar a sua agressividade contra os pais. Muitas crianças são agressivas no ambiente familiar e retraídas com estranhos.

A agressividade das crianças e adolescentes, em geral, aparece nas famílias em que as atitudes são de superproteção compensatória da rejeição ou de super autoridade. Em muitas situações de conflito entre os pais, a mãe faz o filho antagonizar-se com o pai e, com isso, alimenta a sua agressividade.

Na análise da distribuição dos resultados relativos à conduta agressiva na rua e casa (Tabelas e gráficos 4.1.3.2a. e 4.1.3.2b.), podemos perceber que em todos os grupos entrevistados, a conduta agressiva em casa (SOS – 51,4%; Crami – 48,4%; comparativo – 49,7%) obteve percentual mais alto do que na rua (SOS – 18,9%; Crami – 35,5%; comparativo – 19,2%), segundo os pais e (ou) responsáveis entrevistados.

A partir destes dados, foi possível supor que as crianças, ao selecionarem o ambiente em que iam descarregar a sua agressividade, poderiam estar fazendo isto, de forma a atingir quem estava mais próximo ou, quem sabe, os que eram passíveis de acolher mais estas condutas.

Nas entrevistas com os pais e responsáveis, foram relatadas várias situações de conduta agressiva, citaremos um exemplo do grupo SOS: *Tem dias que ele chega atacado da escola. Não sei o que acontece, bate a porta, não responde direito. Aí, eu digo, já chega o seu pai que eu aturo, você não* (Caso 44 - SOS Ação Mulher e Família). Notamos, nestas situações, a tendência da mãe em comparar as condutas agressivas do filho com as de seu pai.

As condutas agressivas do grupo comparativo (49,7%), relatadas pelos pais e (ou) responsáveis entrevistados, ficaram mais concentradas nas situações de atividades da vida diária, tais como : guardar a roupa, arrumar a casa, estudar, isto é, situações solicitadas pelos pais e respondidas agressivamente pelos filhos. As crianças e adolescentes deste grupo, por conseguinte, apresentam um menor resultado nos 'problemas de relacionamento no lar' (tabela e gráfico 4.1.3.2c.) (20,5%).

Em contrapartida, nesta variável, o grupo Crami obteve um resultado (29,0%), abaixo do grupo SOS (36,6%). No item 'conduta agressiva na rua ' (tabela e gráfico 4.1.3.2a.), o grupo Crami apresentou um percentual alto, em relação aos outros grupos (35,5%) .

A análise do χ^2, destes resultados estabeleceu que as amostras apresentaram semelhanças em suas respostas ($p < 0.05$). No entanto, estas, quanto ao item 'conduta agressiva em casa' (tabela e gráfico 4.1.2.3b), obtiveram semelhanças bem significativas ($p < 0.05$).

A resposta sobre a existência de problemas de relacionamento nos lares (tabela e gráfico 4.1.3.2c.) foram estatisticamente diferente nas três amostras ($p > 0.05$). Os grupos SOS (36,6%) e Crami (29,0%) obtiveram percentuais mais altos, em relação aos representantes do grupo comparativo (20,5%).

O grau de parentesco nos relacionamentos familiares com problemas (tabela e gráfico 4.1.3.2d.), segundo os grupos de pais e (ou) responsáveis entrevistados, atingiu uma distribuição alta no grupo SOS, na variável 'pai' (59,4%). Esse resultado, de certa forma, não surpreendeu, visto que esta população entrevistada apresentou grande percentual de mulheres, que chefiavam suas famílias e, além disso, buscaram a instituição por problemas conjugais. Veremos adiante, nas entrevistas com as crianças e adolescentes, algumas modificações nestes dados.

Muitas mães entrevistadas, nesse grupo, adotavam uma postura de vítima na situação conjugal e, freqüentemente, obrigavam a criança e (ou) o adolescente a tomar partido em relação aos pais.

No grupo Crami, observamos um resultado diferente, com os índices desta amostra concentrados, de certa forma, na mãe (33,3%) e no irmão (33,3%). Podemos supor que nesta população, a disciplina e a presença mais marcante foram as da mãe que, em alguns casos, possivelmente delegou poderes aos filhos mais velhos, na educação dos outros filhos.

No grupo comparativo, encontramos as variáveis mãe e irmão, com os mesmos percentuais (25,8%); e o padrasto e o pai, numa proporção menor (12,9%), mas também iguais. Os relacionamentos com irmão (25,8%) e irmã (19,3%) obtiveram certa expressividade em seus resultados.

A análise estatística, de acordo com o teste do χ^2, das respostas a tabela 4.1.3.2d. foram diferentes nos grupos entrevistados ($p > 0.05$).

TABELA 4.1.3.2a. CONDUTA AGRESSIVA NA RUA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	CONDUTA AGRESSIVA							
	Com conduta agressiva na rua				Sem conduta agressiva na rua			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	33	18,9	33	18,9	142	81,1	175	100,0
CRAMI	11	35,5	11	35,5	20	64,5	31	100,0
COMPARATIVO	29	19,2	29	19,2	122	80,8	151	100,0

$\chi^2 = 4.724$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 4.170$ G.L.= 2 $p<0.05$

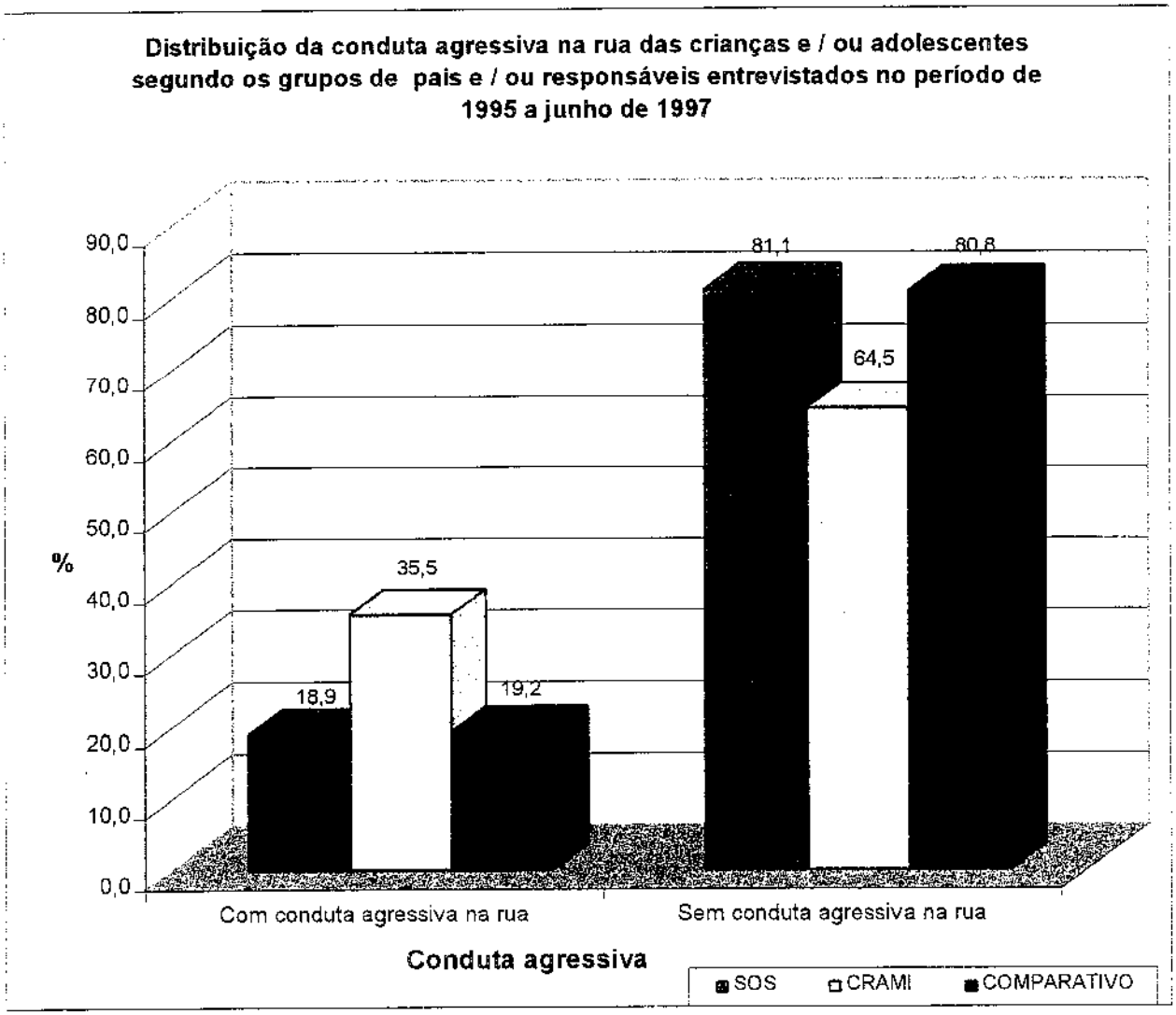


Figura 4.1.3.2a. Representação gráfica da conduta agressiva na rua das crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.2b. CONDUTA AGRESSIVA EM CASA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	CONDUTA AGRESSIVA							
	Com conduta agressiva em casa				Sem conduta agressiva em casa			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	90	51,4	90	51,4	85	48,6	175	100,0
CRAMI	15	48,4	15	48,4	16	51,6	31	100,0
COMPARATIVO	75	49,7	75	49,7	76	50,3	151	100,0

$\chi^2 = 0.157$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.157$ G.L.= 2 $p<0.05$

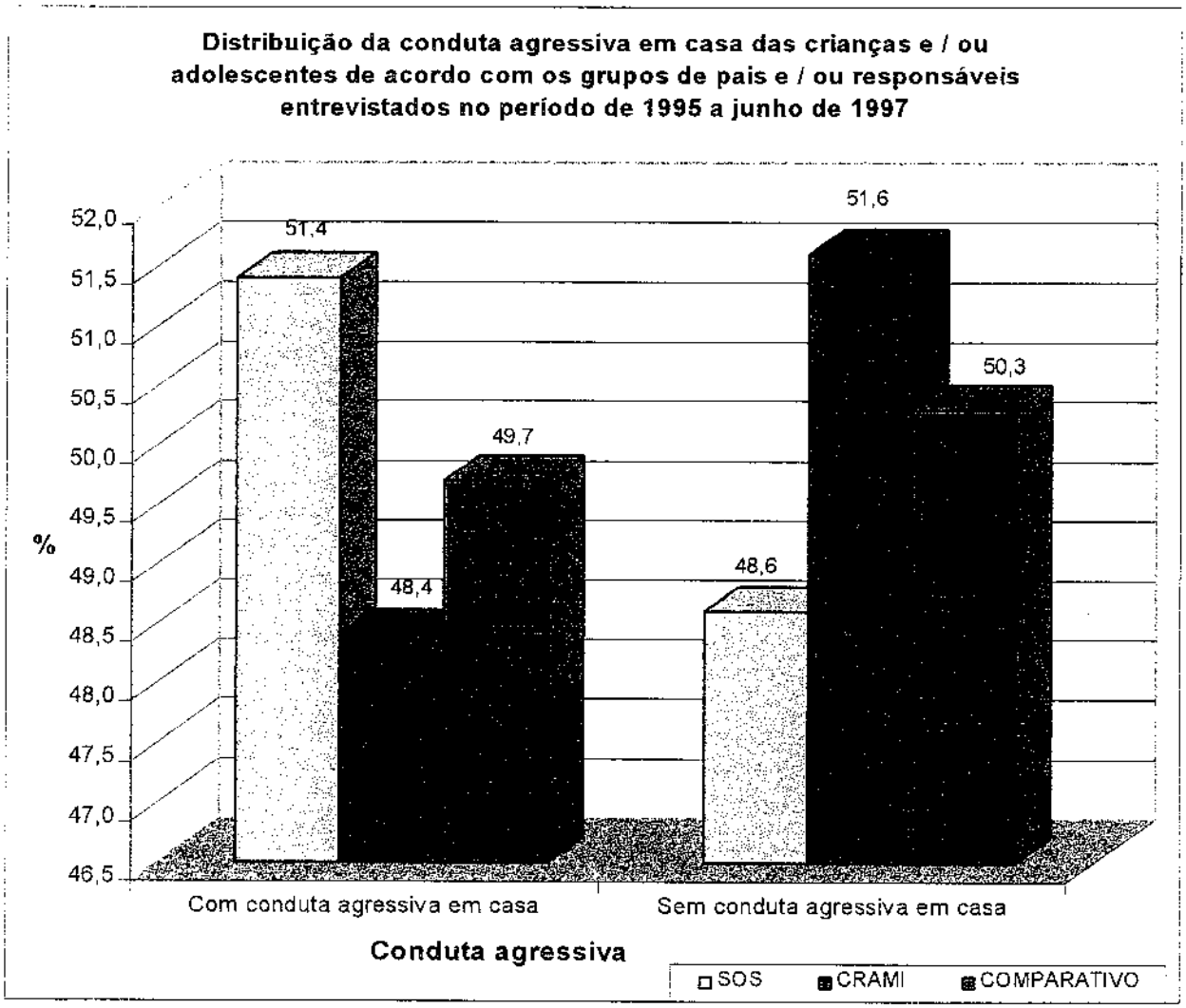


Figura 4.1.3.2b. Representação gráfica da conduta agressiva em casa das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.2c. PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO NO LAR DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO NO LAR							
	Com problemas de relacionamento no lar				Sem problemas de relacionamento no lar			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	64	36,6	64	36,6	111	63,4	175	100,0
CRAMI	9	29,0	9	29,0	22	71,0	31	100,0
COMPARATIVO	31	20,5	31	20,5	120	79,5	151	100,0

$\chi^2 = 10.104$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 10.288$ G.L.= 2 $p>0.05$

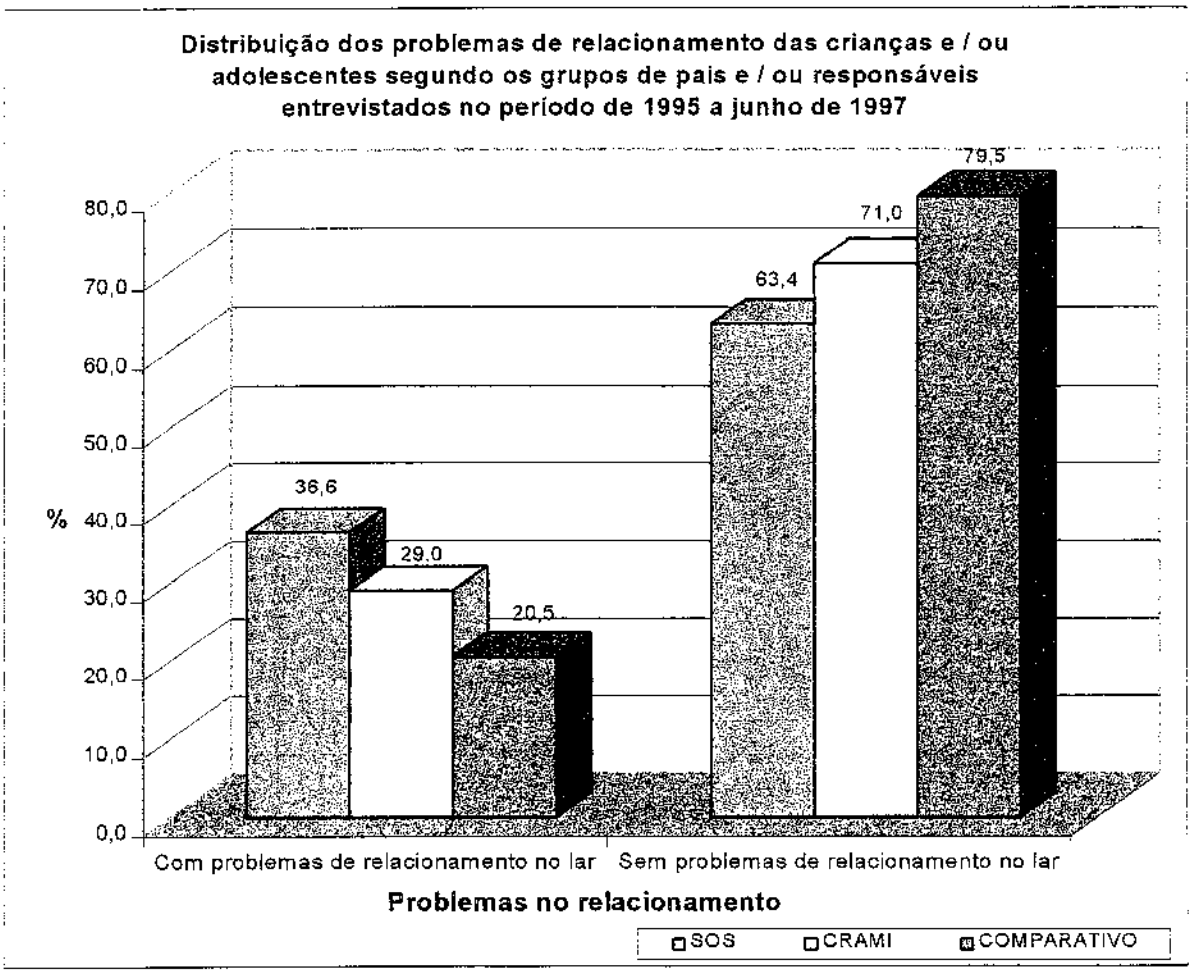


Figura 4.1.3.2c. Representação gráfica dos problemas de relacionamento no lar das crianças e/ou adolescentes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.2d. GRAU DE PARENTESCO NOS RELACIONAMENTOS COM PROBLEMAS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	GRAU DE PARENTESCO																											
	Pai				Mãe				Padrasto				Madrasta				Irmão				Irmã				Irmãos				Pais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	38	59,4	38	59,4	1	1,6	39	61,0	4	6,2	43	67,2	1	1,6	44	68,8	7	10,9	51	79,7	9	14,1	60	93,8	1	1,6	61	95,4	3	4,7	64	100,0
CRAMI	1	11,1	1	11,1	3	33,3	4	44,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	33,3	7	77,7	1	11,1	8	88,8	1	11,1	9	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	4	12,9	4	12,9	8	25,8	12	38,7	4	12,9	16	51,6	0	0,0	0	0,0	8	25,8	24	77,4	6	19,3	30	96,7	1	3,3	31	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 39.380$ G.L.= 14 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 43.246$ G.L.= 14 $p>0.05$

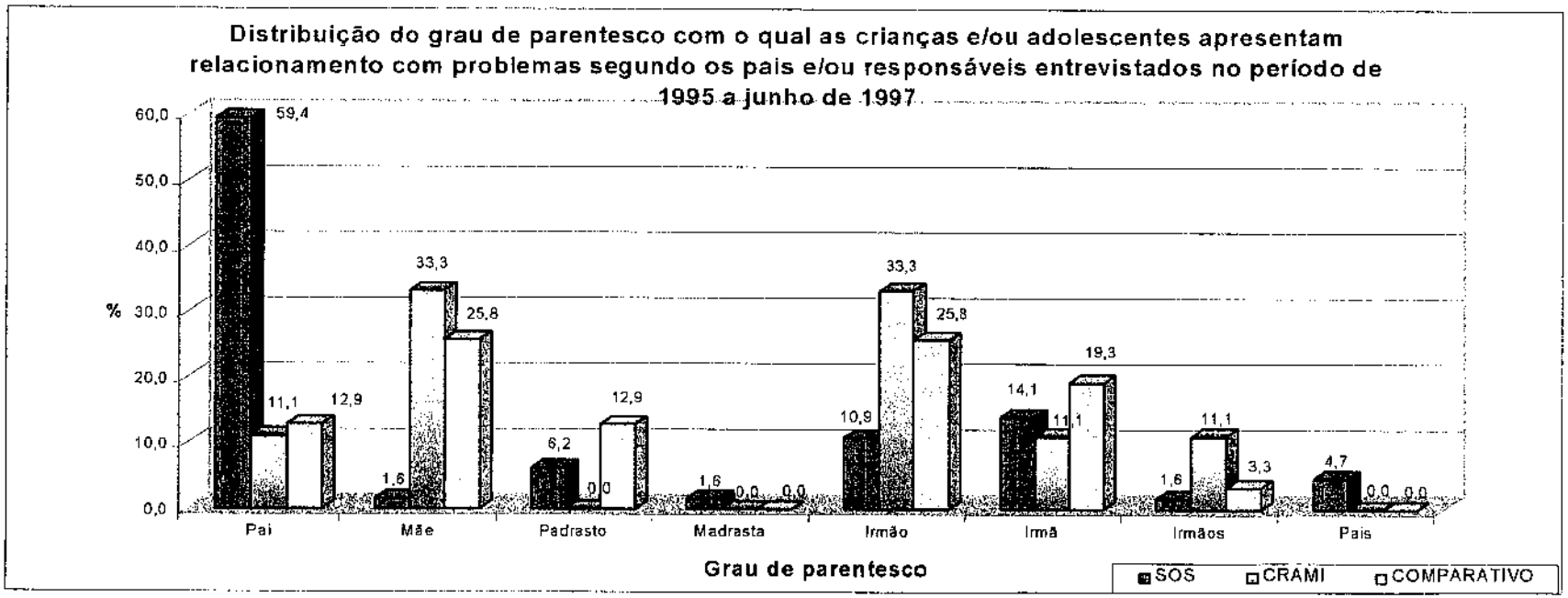


Figura 4.1.3.2d. Representação gráfica dos parentes com os quais as crianças e/ou adolescentes apresentam problemas de relacionamento nos seus lares de acordo com grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Relacionamentos dos pais e/ou responsáveis entrevistados com as crianças e adolescentes entrevistados (Tabela e gráfico 4.1.3.3.)

Julgamos procedente incluir este item, pois as situações avaliadas foram diferentes, dependendo de quem estava sendo entrevistado. Na tabelas e gráficos 4.1.3.2., observamos a distribuição dos pais e responsáveis, numa posição em que eles podiam ou não estar falando dos seus próprios problemas de relacionamento com seus filhos. A situação mais comum principalmente no grupo SOS foi a mãe afirmar que os problemas de relacionamento dos seus filhos eram com o pai.

Neste item, tentamos avaliar como os pais e (ou) responsáveis achavam que se relacionavam com seus filhos entrevistados. Os critérios de avaliação dos tipos de relacionamento foram os mesmos adotados na avaliação anterior (tabela e gráfico 4.1.3.1.). Percebemos que principalmente os participantes dos grupos SOS (93,7%) e comparativo (90,1%) consideraram os seus relacionamentos com os filhos entrevistados 'Bom'.

No grupo Crami, uma percentagem alta do relacionamento do tipo 'ruim, com agressão física e (ou) moral' (19,3%) foi admitido pelos entrevistados. Tornou-se possível supor que, de acordo com o tipo de Instituição que notificava e atendia os casos de violência doméstica e, de acordo com a denúncia, as pessoas adotavam determinadas posturas, isto é, umas mais sinceras, outras mais dissimuladas.

No grupo SOS, pelas características da Instituição, sua oferta de serviços e posição diante da violência doméstica, notamos que as pessoas entrevistadas tendiam a querer passar uma imagem de que 'o problema era o companheiro ou marido', o resto estava ' bem'. Os problemas com os filhos eram contornáveis, desde que fossem resolvidos os problemas conjugais.

O grupo comparativo, de acordo com as próprias características quanto à forma de resolver problemas e de se relacionar, apresentou uma distribuição mais concentrada entre os itens 'bom' (90,1%) e 'regular' (8,6%), seguido por uma pequena incidência de valores na resposta 'ruim, sem agressão física ou moral' (1,3%).

Os resultados apresentados, nesta tabela e gráfico 4.1.3.3., foram diferentes ($p > 0.05$) estatisticamente, de acordo com o teste do χ^2.

A partir dos dados expostos acima, nosso trabalho confirma a hipótese de alguns autores de que a violência doméstica contra a criança e o adolescente acarreta um impacto negativo nas relações pais - filhos (MC CLOSKEY, FIGUEREDO, KOSS, 1995; LOPEZ & HEFFER, 1998).

TABELA 4.1.3.3. RELACIONAMENTO DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS COM AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	RELACIONAMENTO ENTRE OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS E AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES															
	Bom				Regular				Ruim sem agressão física ou moral				Ruim com agressão física e/ou moral			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	164	93,7	164	93,7	10	5,7	174	99,4	0	0,0	0	0,0	1	0,6	175	100,0
CRAMI	16	51,6	16	51,6	7	22,6	23	74,2	2	6,5	25	80,7	6	19,3	31	100,0
COMPARATIVO	136	90,1	136	90,1	13	8,6	149	98,7	2	1,3	151	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 76.671$ G.L.= 6 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 45.619$ G.L.= 6 $p>0.05$

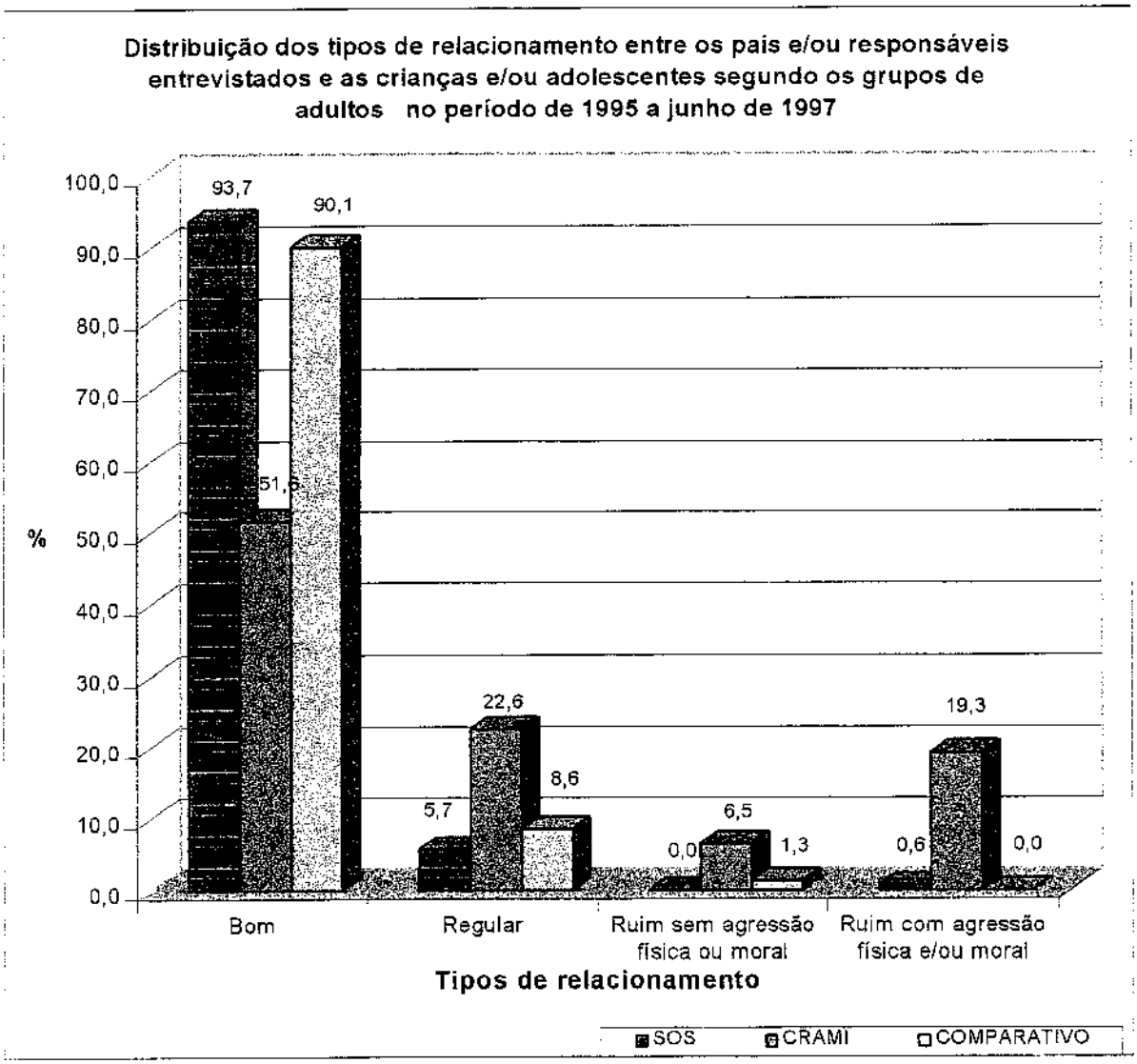


Figura 4.1.3.3. Representação gráfica do relacionamento entre os pais e/ou responsáveis entrevistados e as crianças e/ou adolescentes no período de 1995 a junho de 1997

Relacionamento entre os irmãos (Tabela e gráfico 4.1.3.4.)

O grau e a natureza da interação entre irmãos variam muito, inclusive entre estes, em épocas diferentes da vida. Nestas situações talvez o fato mais interessante, nem sempre percebido com clareza pelos pais, é que o amor e o ódio coexistem em um equilíbrio precário.

A lealdade entre irmãos é uma espécie de contrato não escrito, no qual está implícito ficar sempre 'lado a lado'. Em geral, eles procuram sempre estar juntos e ficam muito infelizes quando não conseguem este intento. Algumas vezes, esta lealdade manifesta-se, desde a infância, por algum código indecifrável pelos estranhos, feito de olhares, palavras e frases cheias de significado, apenas para os envolvidos no processo.

Estes laços geralmente tornam-se fortes quando uma crise familiar faz com que as crianças contem pouco com os pais. Muitas vezes, os pais tornam-se hostis, fracos ou ausentes e as circunstâncias internas e externas são adversas e ameaçadoras. As crianças aproximam-se entre si, isto é, cada uma é uma presença constante com a qual as demais podem contar.

Nos relatos dos pais e (ou) responsáveis, nas quais era notificada a violência doméstica contra a criança e (ou) adolescente, era comum ouvir comentários como: *Sempre que havia confusão em casa, X e Y, se metiam na frente da gente e acabavam apanhando na hora* (Caso 22 – SOS Ação Mulher e Família); *Eu ficava com muita pena das crianças verem a gente brigar porque elas ficavam bem agarradas uma com as outras e choravam* (Caso 6 – SOS Ação Mulher e Família).

Os comportamentos rotulados como rivalidade, muitas vezes mascaram outros sentimentos como a dependência ou a necessidade de uma relação intensa com um irmão ou uma irmã. No entanto, certo grau de rivalidade entre os irmãos é inevitável na infância. Esta rivalidade não é muito diferente da luta que as crianças têm para conseguir a simpatia e atenção por parte de qualquer adulto que tome conta delas.

Quando a rivalidade entre os irmãos desenvolve-se de maneira muito forte, geralmente está fundamentada em dados reais. Esta situação, muitas vezes, é o resultado de como a criança foi tratada no momento do nascimento de um irmão ou irmã. Outra situação que pode favorecer a rivalidade entre irmãos é a diferença de idade. Quanto mais próximas as idades, maior a oportunidade de poder compartilhar da atenção desta mãe ou responsável. Nos casos em que a diferença de idade é grande, maior do que cinco anos, o irmão mais velho já terá feito o seu contato com o mundo externo e sentirá menos a sensação de dividir o afeto dos pais com outra pessoa. Embora a rivalidade possa, algumas vezes, funcionar como um estímulo, em grande parte dos casos ela se revela destrutiva. Ela pode ser provocada por preferência manifesta pelos pais por algum filho; a própria atitude competitiva e agressiva do irmão, que serve como provocação e que não é limitada pelos pais; e a fofoca em família exaltando diferenças entre os irmãos, rotulando uns e outros.

Outro motivo que pode afastar os irmãos, emocionalmente, quando adultos, são os conflitos não resolvidos na infância. Estes se tornam mais difíceis quando os pais não dão chance dos irmãos enfrentá-los. Quando estas situações persistem, sem serem esclarecidas, elas geram uma percepção distorcida do irmão ou da irmã, que pode perdurar durante a vida adulta e comprometer o relacionamento.

Mesmo que nas relações entre os irmãos exista algum grau de rivalidade, em geral há uma certa dose de solidariedade. As dependências, doenças e mortes dos pais são desafios cruciais no relacionamento entre os irmãos. Ao longo da vida, os irmãos poderão servir de modelos, uns para os outros.

A família moderna determina que os irmãos, quando existem, tornem-se cada vez mais interdependentes. A ausência prolongada dos pais que trabalham fora contribui para que os irmãos estabeleçam uma relação mais próxima e íntima em que um conta com o outro.

Em uma das famílias entrevistadas, na qual era notificada a violência doméstica notificada contra as crianças e (ou) adolescentes, as crianças (em número de cinco) eram cuidadas pela irmã mais velha de onze anos. Ela estabelecia as tarefas entre os irmãos dentro de casa. O irmão de dez anos saía sempre com ela para o mercado. Havia muita cumplicidade entre eles. Quando foram entrevistados, antes de responderem as questões, entreolhavam-se, como querendo confirmar um a resposta do outro (Caso 19 – CRAMI).

Talvez a rivalidade seja um sentimento que se mantém sempre latente, e que aparece de forma mais intensa, sob determinadas pressões e circunstâncias, tanto internas quanto externas. Trata-se de um processo dialético de amor e ódio, que se desenvolve no decorrer da vida dos irmãos e tem influência nos níveis de maturidade e imaturidade que estas relações assumem.

As respostas a este item foram definidas da seguinte forma: Relacionamento bom - no qual, apesar das divergências, ocorriam também compreensão, afetividade e solidariedade;

Relacionamento regular - apesar das divergências, ocorria a compreensão das situações, mas não apareciam ou eram evidenciadas relações de afetividade ou solidariedade;

Ruim, sem agressões - com muitas divergências, falando apenas o essencial, não eram evidenciadas situações de afetividade, compreensão e solidariedade;

Ruim, com agressões - com muitas divergências, falando apenas o essencial, não são evidenciadas relações de afetividade, compreensão e solidariedade e as agressões físicas e (ou) morais constantes;

Ruim com e sem agressões - com muitas divergências, falando apenas o essencial, não são evidenciadas relações de afetividade, solidariedade e compreensão e ocorrem alternâncias de períodos com e sem atitudes agressivas morais e físicas.

Observando os resultados obtidos nos grupos de pais e (ou) responsáveis entrevistados, percebemos que o grupo comparativo apresenta um melhor relacionamento entre os irmãos (80,8%). Entretanto, é alta a percentagem do resultado 'bom', em todos os grupos (SOS - 65,1%; Crami - 64,5%). O grupo Crami foi o que obteve um escore mais alto na resposta 'ruim, com agressões' (16,0%). Neste grupo, as rivalidades e outros sentimentos parecem estar mais acirrados, o que provoca o comportamento agressivo entre os irmãos. Podemos supor que uma certa parcela da causa dos escores mais elevados nos dois grupos, Crami (16,0%) e SOS (10,8%), para a resposta 'ruim com agressões', poderia advir da identificação e imitação que estas crianças e adolescentes, consciente ou inconscientemente, estariam fazendo das atitudes agressivas dos seus pais. As respostas a estas variáveis foram estatisticamente semelhantes entre elas ($p < 0.05$) nos três grupos entrevistados, quando utilizamos o teste do χ^2.

Não foi possível confirmar a hipótese de alguns autores de que as crianças e adolescentes, em situação de violência doméstica, apresentam maiores problemas com os irmãos, em virtude das relações de implicância e agressões mútuas, além de um relacionamento mais distante (MARCOVICH, 1986; ASSIS, 1994 a; ASSIS, 1994c;). Entretanto podemos supor que a própria relação agressiva entre os irmãos pode, também, contribuir para aumentar a hostilidade no ambiente doméstico.

TABELA 4.1.3.4. RELACIONAMENTO ENTRE OS IRMÃOS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	RELACIONAMENTO ENTRE OS IRMÃOS																							
	Bom				Regular				Ruim sem agressões				Ruim com agressões				Ruim com agressões e sem agressões				Não tem irmãos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	114	65,1	114	65,1	34	19,4	148	84,5	6	3,4	154	87,9	19	10,8	173	98,7	1	0,6	174	99,3	1	0,6	175	100,0
CRAMI	20	64,5	20	64,5	4	13,0	24	77,5	2	6,5	26	84,0	5	16,0	31	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	122	80,8	122	80,8	18	11,9	140	92,7	5	3,3	145	96,0	6	4,0	151	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 15.896$ G.L.= 10 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 16.824$ G.L.= 10 $p<0.05$

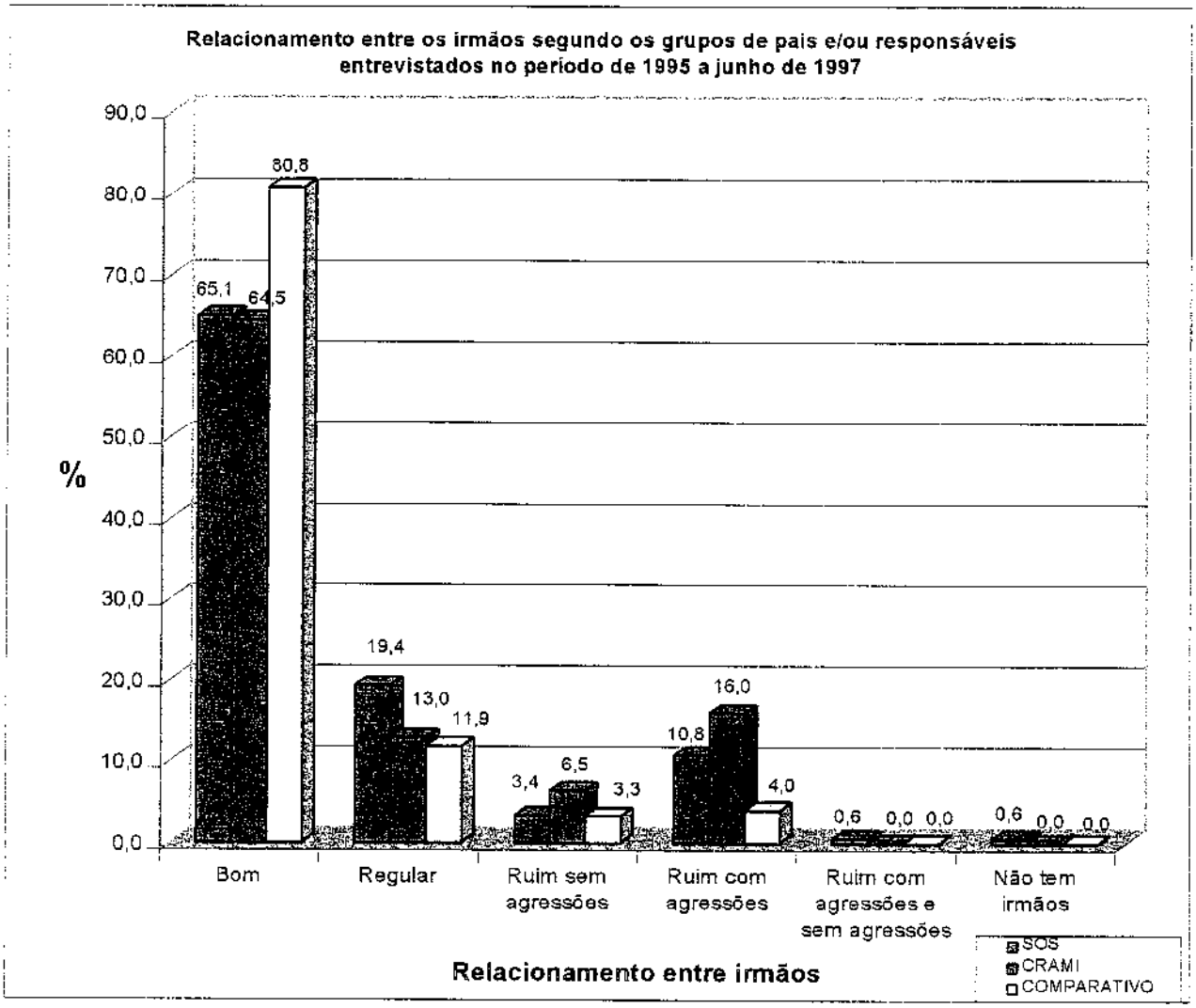


Figura 4.1.3.4. Representação gráfica do relacionamento entre os irmãos de acordo com os grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Problemas familiares

Neste item, estaremos fazendo uma breve explanação sobre alguns aspectos que foram mais significantes nas entrevistas com os adultos, em relação aos problemas de síndrome de dependência alcoólica (F10. - 2) e de substâncias psicoativas do tipo canabinóides (F12. - 2), cocaína (F14. - 2) e "crack" (F16. - 2); jogo patológico (F63.0); alguns transtornos mentais e comportamentais (F00-F99), que serão descritos no decorrer dos seus aparecimentos; e alguns problemas familiares de transtornos mentais e de comportamento (Z81) (suicídio, homicídio e mortes violentas).

Síndrome de dependência alcoólica e de substâncias psicoativas e jogo patológico (Tabelas e gráficos 4.1.3.5a., 4.1.3.5b., 4.1.3.5c., 4.1.3.5d., 4.1.3.5e. e 4.1.3.5f.)

As síndromes de dependência alcoólica e de substâncias psicoativas e o jogo patológico, embora sejam classificados pelo CID - 10 (Classificação Internacional de Doenças, 1997) como transtornos mentais e comportamentais (F10-19; F63.0), em função de sua importância para o trabalho, serão estudados separadamente.

A história pessoal de cada membro da família é única. Deste modo, os padrões de vulnerabilidade são diferentes. Quando o colapso familiar aparece, os sintomas da doença necessariamente diferem de uma pessoa para a outra. Segundo ACKERMAN (1986), cada família tende a ser caracterizada por focos típicos de ansiedade e conflito. Esses focos aparecem quando as relações familiares não conseguem satisfazer as expectativas emocionais dos seus membros.

O alcoolismo comumente chamado de síndrome de dependência alcoólica, é uma doença reconhecida como tal pela Organização Mundial de Saúde, desde 1965. É uma síndrome bastante complexa, cujas causas encontram-se entrelaçadas no universo biopsicossocial do indivíduo (MONTEIRO *et al.*, 1995).

O uso abusivo do álcool, entretanto, isoladamente, não consegue explicar a violência doméstica, visto que existem numerosos casos de alcoolistas que não agridem seus familiares, assim como há casos de filicídios e outras agressões a crianças e adolescentes cometidas por indivíduos não consumidores de álcool (CABRAL, 1989). A personalidade agressiva predisponente deve ser considerada como um fator de igual ou maior relevância nestes casos.

Observamos na distribuição da síndrome de dependência alcoólica nos pais e (ou) responsáveis, segundo os grupos de adultos entrevistados, nos grupos das mães e (ou) responsáveis, um percentual baixo, quase nulo, para os participantes do grupo comparativo (0,8%) e do SOS (0,7%). O grupo Crami, entretanto, apresentou um resultado elevado, nesta variável (29,6%), em comparação com os outros grupos (Tabela e gráfico 4.1.3.5a.). As variáveis neste item, na análise estatística do teste do χ^2, obtiveram uma diferença significativa ($p > 0.05$), nas amostras.

Durante as entrevistas com este grupo (Crami) foi freqüente encontrar mães alcoolizadas. Estas não se mostraram constrangidas pelo seu estado, ou querendo justificar tal conduta. Podemos pensar que esta situação já se achava incorporada às suas vidas.

Os resultados da síndrome de dependência alcoólica, nos grupos masculinos foram diferentes. Encontramos nos dois grupos do estudo, altas incidências (SOS - 62,7% e Crami - 44,4%) deste fator, em relação ao grupo comparativo (14,5%) (Tabela e gráfico 4.1.3.5d.). Nestas amostras, houve, também, uma diferença estatística ($p > 0.05$), nas respostas dos grupos entrevistados, com a aplicação do teste do χ^2.

A situação que parecia incomodar, em maior proporção, a população feminina, não era a síndrome em si, mas as suas conseqüências financeiras para a família. Uma das entrevistadas comentou: *Ele sempre bebe, eu nunca me incomodei. Agora deixar faltar as coisas em casa, isso eu não vou agüentar* (Caso 89 – SOS Ação Mulher e Família).

Não foi questionada, nestas situações, a possibilidade de tratamento para o marido ou companheiro e muito menos para a família. O álcool fazia parte do cotidiano, desde que este não fosse alterado por sua causa. Muitas doenças podem aparecer nos

familiares de alcoolistas, tais como o estresse, a gastrite e os problemas psicológicos, como perda da autonomia e exacerbação da agressividade. Segundo NORDBERG *et al.* (1993), numa pesquisa realizada em Estocolmo, Suécia, as crianças filhas de alcoolistas apresentavam desenvolvimento mental pobre e mais sintomas de natureza psicopatológica do que as outras crianças.

Na síndrome de dependência de substâncias psicoativas, nos grupos do sexo feminino, esta característica não foi expressiva (SOS - 0,0%; Crami - 7,4% - comparativo - 0,8%). As três participantes que apresentavam este problema tinham suas dependências estabelecidas na substância canabinóides (Tabela e gráfico 4.1.3.5b.). De uma forma aparente, segundo elas, isso não parecia afetar sua vida ou a relação com os familiares. Os resultados avaliados pelo teste do χ^2 demonstraram que as respostas das amostras foram estatisticamente diferentes entre si ($p > 0.05$)

Nos grupos de pais e (ou) responsáveis, apesar da população dependente das substâncias psicoativas não ser tão expressiva, quanto às síndromes de dependência alcoólica, ela se caracterizou pelo seu aparecimento nos três grupos (SOS - 13,4%; Crami - 18,5%; comparativo - 4,0%). Nesta situação, os resultados do grupo Crami foram mais altos do que nos outros grupos (Tabela e gráfico 4.1.3.5e.). Neste item, era muito difícil, para as mães entrevistadas, admitirem que seus maridos ou companheiros possuíam tal dependência, principalmente as que tinham filhos adolescentes. A descoberta do problema era geralmente por roubos de objetos ou dinheiro em casa e mudanças de comportamento. Os dados analisados neste item, segundo a estatística do χ^2, foram diferentes entre si ($p > 0.05$).

Os problemas familiares, principalmente os que envolviam as dependências ao álcool e às substâncias psicoativas, obtiveram respostas estatisticamente diferentes nos três grupos entrevistados. Observamos que os grupos em estudo, de ambos os sexos, apresentaram um percentual mais alto quanto a estes fatores do que o grupo comparativo ($p > 0.05$).

O abuso de substâncias pelos pais é um fator adicional nas diferentes formas de violência contra a criança e o adolescente, por sua interação com os fatores econômicos e a dinâmica familiar.

Várias pesquisas adotam o uso do álcool e a dependência à substâncias psicoativas como precursores da situação agressiva (GARBARINO & GILIANO, 1980; GOLDSTEIN, 1987; MEYER, 1988; MARQUES *et al.*, 1994; PASSOS, 1994; SANTOS, 1995; WILSON *et al.*, 1996; MAPA CENSITÁRIO, 1997; FERGUSSON & HORWOOD, 1998; KUNITZ *et al.*, 1998; MALPIQUE, *et al.*, 1998; KOTCH *et al.*, 1999)

No entanto, o alto grau de dependência a estas substâncias, nos grupos em estudo, não pode nos levar a afirmar que estas síndromes tenham relação direta com a violência doméstica. É necessário interpretar estes dados com cuidado. É possível que estes pais e responsáveis estejam em grande desvantagem econômica e social e abusem de substâncias como uma fuga ao estresse a que estão sujeitos.

De acordo com SCHWARTZ (1989), algumas estatísticas podem sugerir erroneamente que a abstinência pode indicar o fim da violência. Há uma grande variedade de formas pelas quais a adição e o comportamento violento podem se manifestar. Alguns indivíduos são violentos quando estão intoxicados; outros nunca foram violentos, nesta situação; e a maioria daqueles que cometem violência estão sóbrios.

Estes fatos têm levado os estudiosos sobre a família e a violência a afirmar que, em geral, as drogas e o álcool são desculpas ou racionalizações para o comportamento violento (SCHWARTZ, 1989) e adotam uma postura mais cuidadosa na interpretação dos seus resultados, quanto a esta variável (CASTILLO *et al.*, 1988; MEYER, 1988; CARSWELL, 1990; MONTEIRO *et al.*, 1995).

O jogo patológico (Tabela e gráfico 4.1.3.5c.) não obteve expressão nos grupos de mães e (ou) responsáveis entrevistadas. Apenas uma pessoa no grupo comparativo (0,8%), apresentou este problema, que se caracterizava no 'jogo do bicho'. Seu marido inclusive comentou durante a entrevista, que o seu 'vicio' era tal que ela não comprava comida para os filhos, com o objetivo de jogar com esse dinheiro. A avaliação estatística pelo teste do χ^2, demonstrou que as amostras eram semelhantes ($p < 0.05$) entre si.

Os pais e (ou) responsáveis dos grupos entrevistados, neste item jogo patológico (Tabela e gráfico 4.1.3.5f.), não obtiveram um alto percentual (SOS – 4,5%; Crami – 0,0%; comparativo – 0,8%). Os sete homens que apresentaram esta variável em suas condutas passaram a ser discriminados por suas companheiras, a partir do momento em que começaram a faltar ou sumir as coisas em casa. Alguns sujeitos estavam bastante comprometidos no seu orçamento. Os tipos de jogos que foram citados eram corridas de cavalo, 'jogo do bicho' e loto. A avaliação estatística realizada apresentou, como nos grupos do sexo feminino, respostas semelhantes entre si ($p < 0.05$).

TABELA 4.1.3.5a. SINDROME DE DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL NAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com dependência alcoólica				Sem dependência alcoólica			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	1	0,7	1	0,7	133	99,3	134	100,0
CRAMI	8	29,6	8	29,6	19	70,4	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 60.107$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 30.407$ G.L.= 2 p>0.05

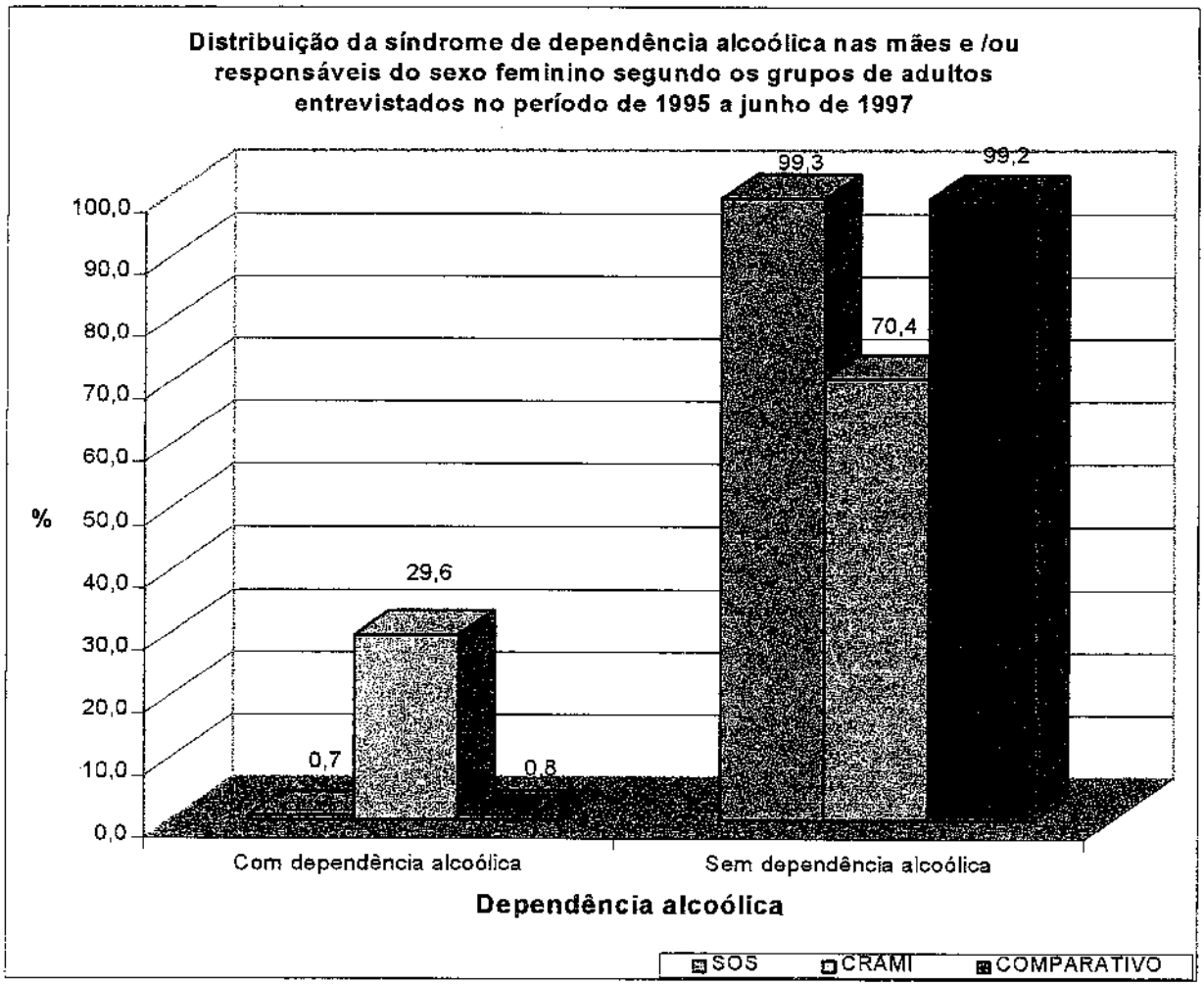


Figura 4.1.3.5a. Representação gráfica da síndrome de dependência álcoolica em mães e /ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.5b. SINDROME DE DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com dependência de substâncias psicoativas				Sem dependência de substâncias psicoativas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	134	100,0	134	100,0
CRAMI	2	7,4	2	7,4	25	92,6	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 11.966$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 7.400$ G.L.= 2 $p>0.05$

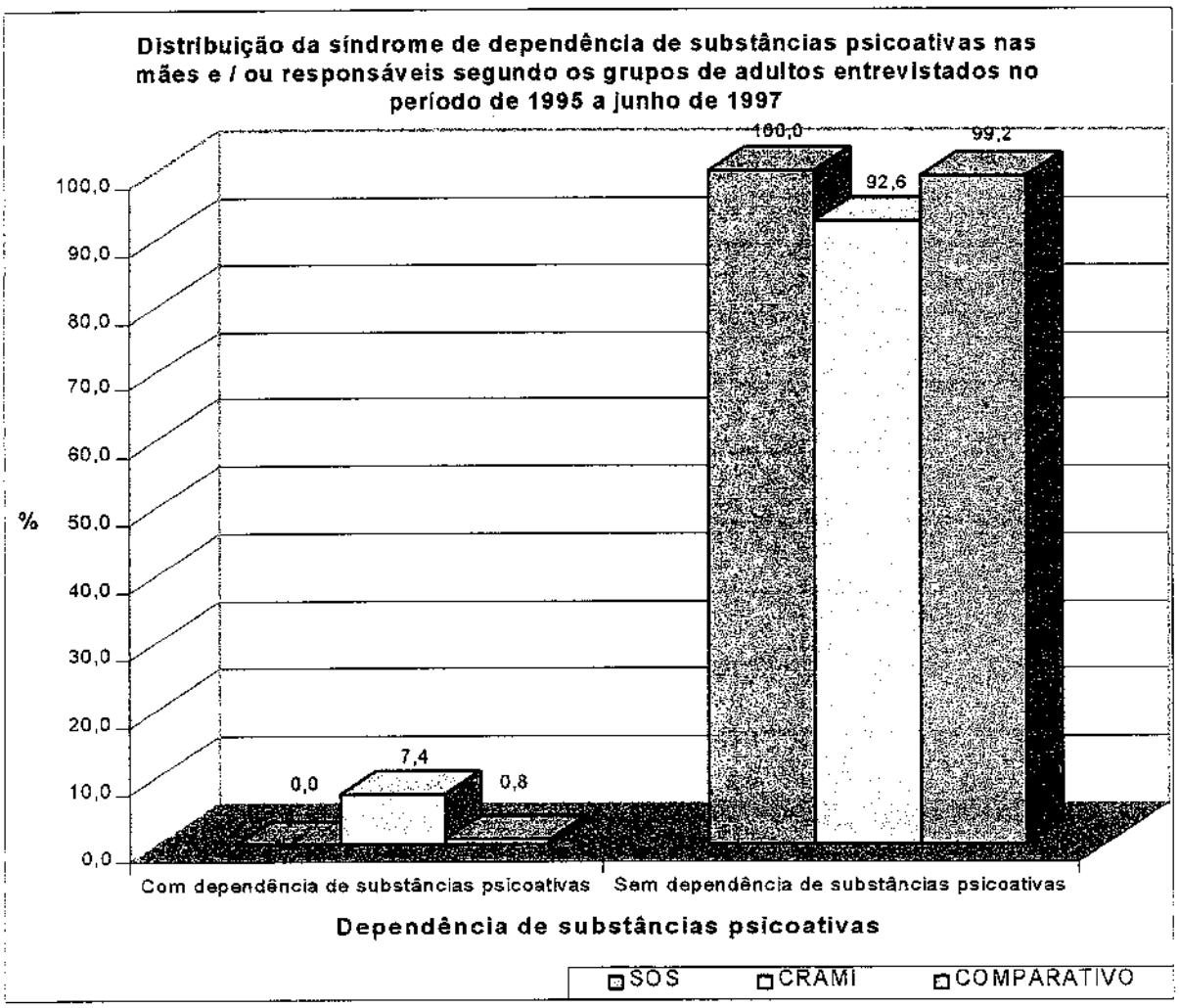


Figura 4.1.3.5b. Representação gráfica da síndrome de dependência de substâncias psicoativas em mães e /ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.5c. JOGO PATOLÓGICO NAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Jogo patológico				Sem jogo patológico			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	134	100,0	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 1.303$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.669$ G.L.= 2 $p<0.05$

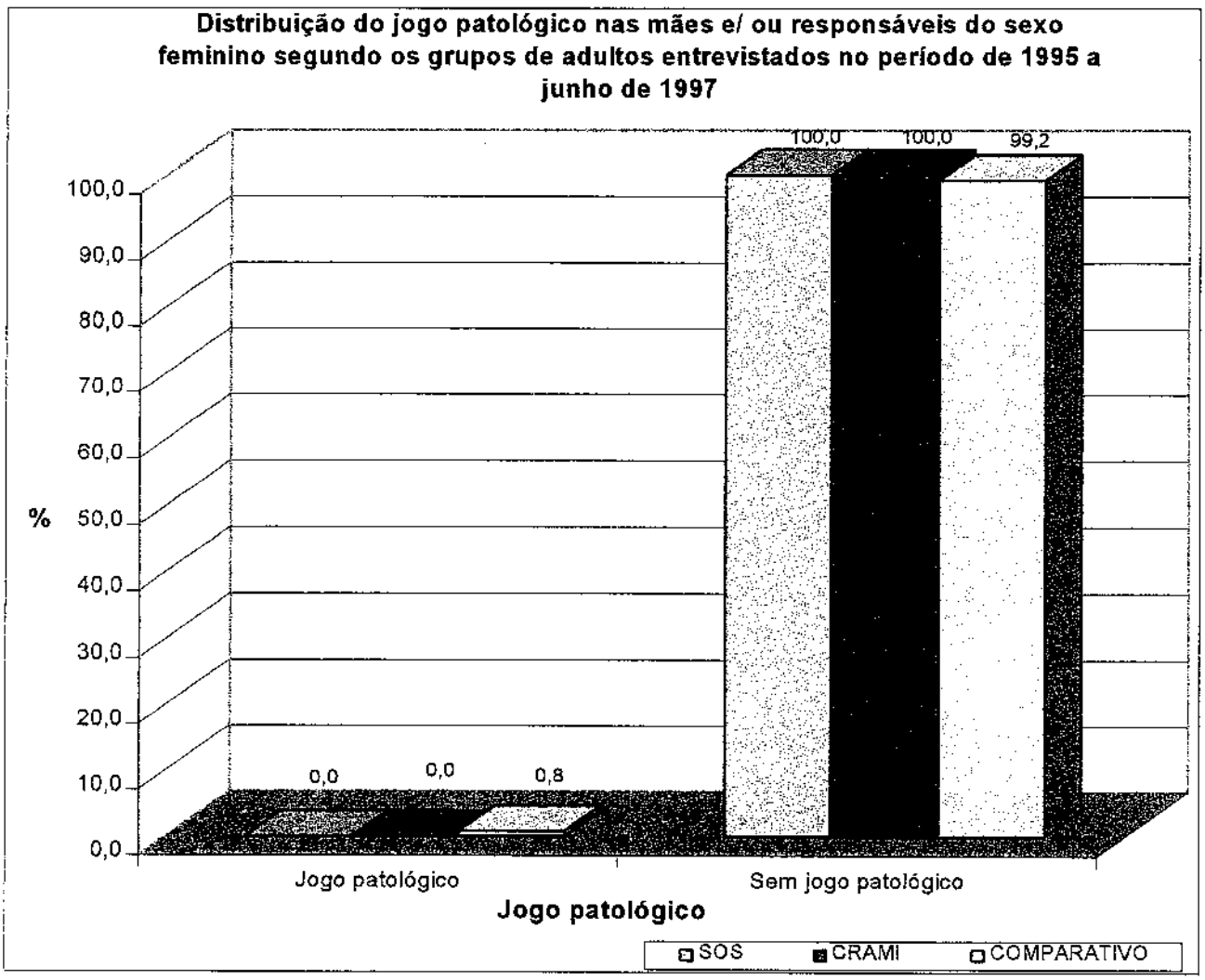


Figura 4.1.3.5c. Representação gráfica do jogo patológico em mães e /ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.5d. SINDROME DE DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL NOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADO	PAIS E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com dependência ao álcool				Sem dependência ao álcool			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	84	62,7	84	62,7	50	37,3	134	100,0
CRAMI	12	44,4	12	44,4	15	55,6	27	100,0
COMPARATIV	18	14,5	18	14,5	106	85,5	124	100,0

$\chi^2 = 62.512$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 66.752$ G.L.= 2 $p>0.05$

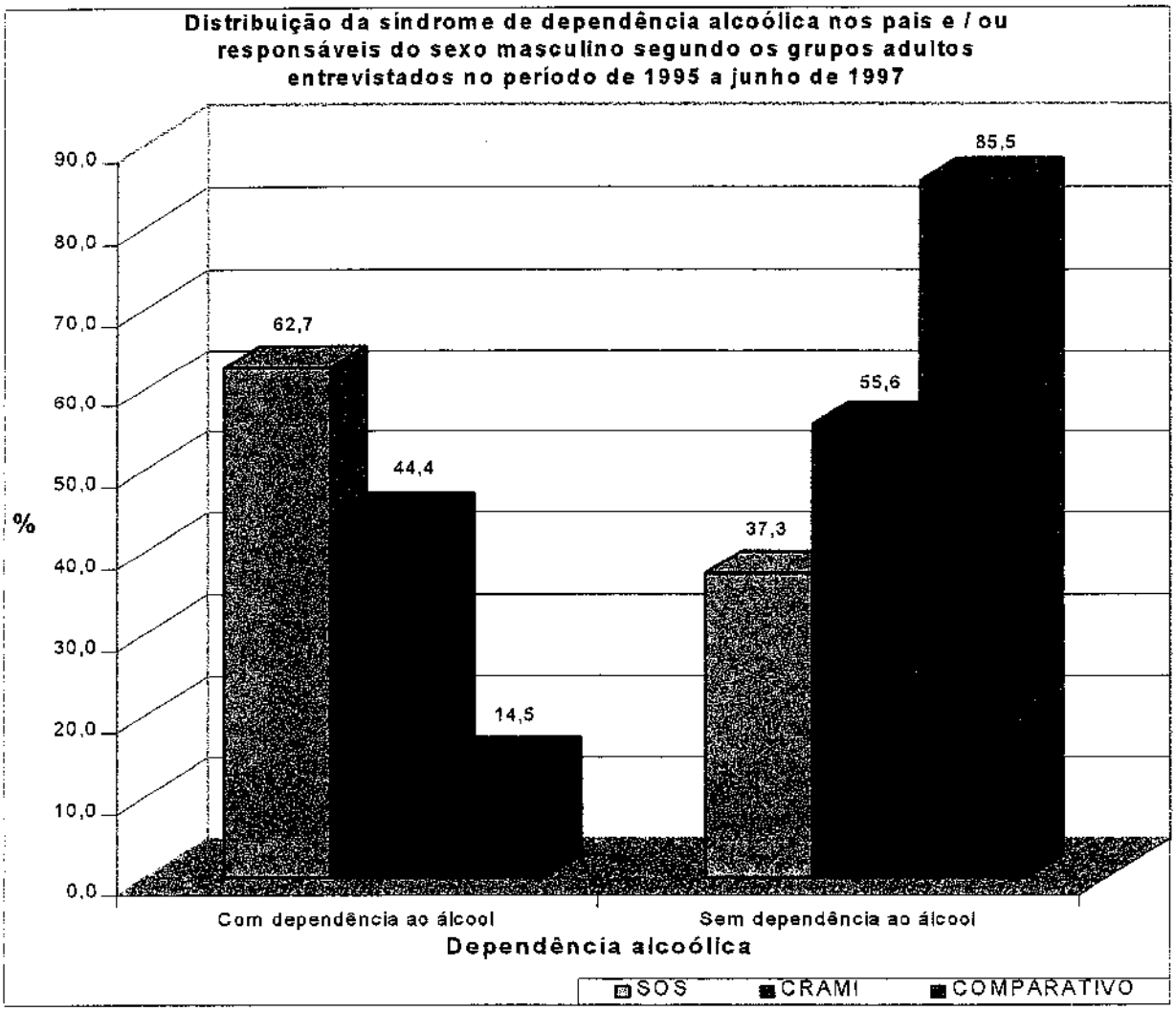


Figura 4.1.3.5d. Representação gráfica da dependência alcoólica em pais e / ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.5e. SINDROME DE DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PAIS E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com dependência de substâncias psicoativas				Sem dependência de substâncias psicoativas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	18	13,4	18	13,4	116	86,6	134	100,0
CRAMI	5	18,5	5	18,5	22	81,5	27	100,0
COMPARATIVO	5	4,0	5	4,0	119	96,0	124	100,0

$\chi^2 = 8.969$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 9.577$ G.L.= 2 $p>0.05$

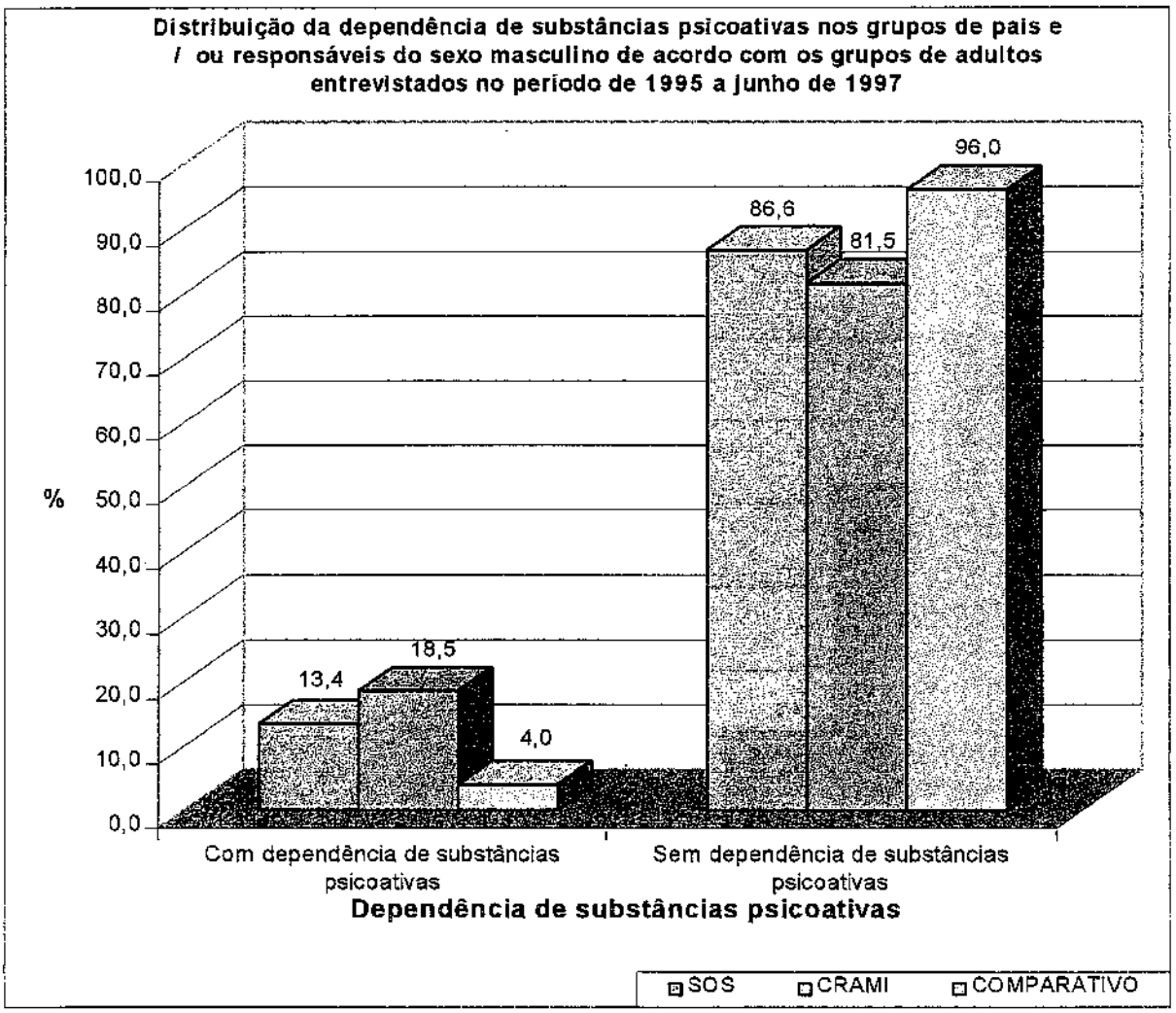


Figura 4.1.3.5e. Representação gráfica da dependência de substâncias psicoativas em pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.6f. JOGO PATOLÓGICO NOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PAIS E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com jogo patológico				Sem jogo patológico			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	6	4,5	6	4,5	128	95,5	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 4.374$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.086$ G.L.= 2 $p<0.05$

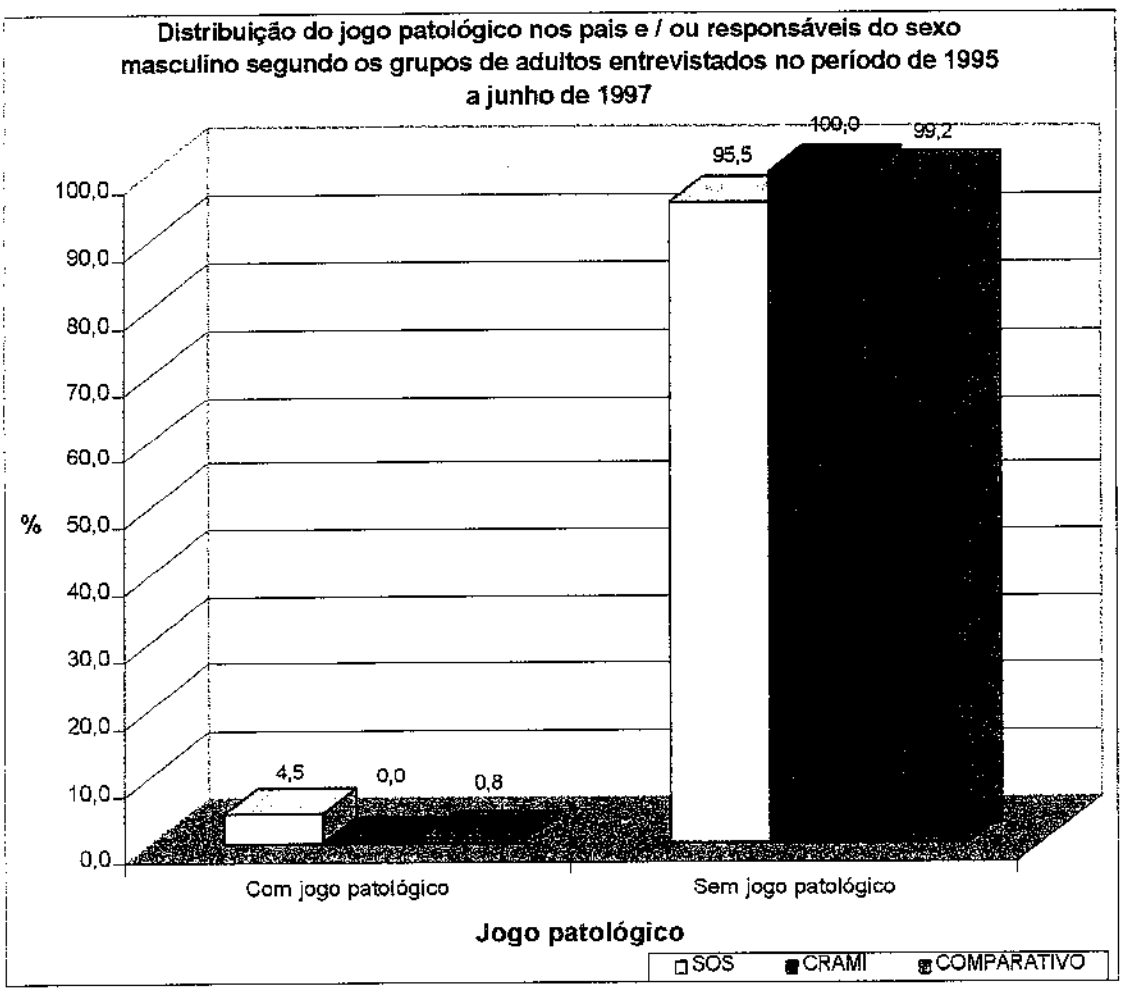


Figura 4.1.3.5f. . Representação gráfica do jogo patológico em pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Transtornos mentais e comportamentais (Tabelas e gráficos 4.1.3.5.g1. e 4.1.3.5g2.)

Segundo THOMPSON et al. (1982), os dados psiquiátricos obtidos usando informações da família devem ser interpretados com cuidado. Geralmente ele é subestimado pelos familiares.

Neste estudo exploratório, nosso interesse foi estimar magnitudes relativas dos riscos, nos vários grupos, isto é, famílias com violência doméstica notificada *vs.* famílias sem violência doméstica notificada . Para MONTEIRO *et al.*,(1995), freqüentemente os abusos em crianças estão associados às desordens psiquiátricas dos pais e (ou) responsáveis, quando utilizamos apenas a abordagem psicopatológica, ou seja utilizamos a 'unicausalidade' para justificar o fenômeno.

As manifestações de um transtorno mental apresentam indicações de alienação emocional, isolamento e construção de barreiras à comunicação. Os primeiros sinais da doença emocional não são manifestados simultaneamente em todas as áreas de adaptação. A princípio, a inadaptação pode estar localizada em um contexto de um papel familiar (ACKERMAN, 1986).

As descrições destes transtornos pelos grupos entrevistados eram bem generalizadas. Eles faziam um relato da dinâmica da doença e do que ela significou para eles. Em geral, não sabiam dizer qual o diagnóstico. Desta forma, utilizamos o critério de transtornos mentais e comportamentais (F00-70), quando havia situações de internações psiquiátricas e prescrições de medicamentos específicos.

Os relatos mais comuns eram de idéias e tentativas de suicídio, transtornos do sono, de ansiedade, de depressão, de angústia, etc. Isto, talvez, possa ser explicado pelo tipo de violência que algumas mulheres viviam em seus lares.

Observamos, na tabela e gráfico 4.1.3.5g1., uma incidência alta, nos três grupos entrevistados (SOS - 49,3%; Crami - 59,3%; comparativo – 29,8%). A população dos grupos do estudo foi a que apresentou resultados mais significativos.

Na tabela e gráfico 4.1.3.5g2., no grupo comparativo (29,7%), encontramos a 'mãe', como a pessoa que apresentou maiores problemas (freqüentes internações e tratamentos psiquiátricos). O grupo Crami obteve resultado mais expressivo na variável 'marido' (63,2%) e o grupo SOS apresentou percentual mais alto na variável 'entrevistado' (39,4%).

Algumas lembranças, em geral, eram muito tristes, principalmente as que diziam respeito às internações maternas. Outro resultado bastante expressivo, como já observamos, foi em relação aos próprios sujeitos do grupo SOS (39,4%). Nesta amostra, o início do transtorno era sempre associado ao problema conjugal e, posteriormente, comparado à situação materna. *Quando ele arranjou outra mulher, eu não conseguia fazer nada em casa, só queria ficar deitada. Não tomava banho, não comia, não fazia nada. Tive que ser internada e tomo remédio, até hoje, igual à minha mãe* (Caso 29 – SOS Ação Mulher e Família).

Alguns resultados que apareceram com certo destaque, no grupo comparativo, foram irmão 13,5%; marido – 13,5%; tio – 18,9%. Estes transtornos eram classificados como 'cabeça fraca', fala sozinho, faz coisas que ninguém entende, vive internado e só faz bobagem.

A análise das respostas, dos três grupos entrevistados, pelo teste do χ^2, apresentou diferenças nas amostras da pesquisa ($p > 0.05$). Estes resultados confirmam os transtornos mentais ou comportamentais, nos pais e /ou responsáveis, em nosso estudo,como um dos fatores predisponentes ou de risco na violência contra a criança e o adolescente, de acordo com outros trabalhos realizados na área (ACKERMAN *et al.*, 1988; PASSOS, 1994; CENTRO REGIONAL DE ATENDIMENTO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, 1995; DE LA BARRA *et al.*, 1995; AZEVEDO & GUERRA, 1997; MAPA CENSITÁRIO, 1997; MALPIQUE *et al.*, 1998; NAYAK & MILNER, 1998; TOMKIEWICZ, 1998).

É importante salientar que, em outras pesquisas, os transtornos mentais e comportamentais, nos pais e responsáveis que convivem com crianças e adolescentes, não foram tão expressivos (CARSWELL, 1990; SANTOS, 1995).

TABELA 4.1.3.5g1. TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS NOS ENTREVISTADOS E / OU NOS FAMILIARES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS							
	Com transtornos mentais e comportamentais				Sem transtornos mentais e comportamentais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	66	49,3	66	49,3	68	50,7	134	100,0
CRAMI	16	59,3	16	59,3	11	40,7	27	100,0
COMPARATIVO	37	29,8	37	29,8	87	70,2	124	100,0

$\chi^2 = 13.470$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 13.921$ G.L.= 2 $p>0.05$

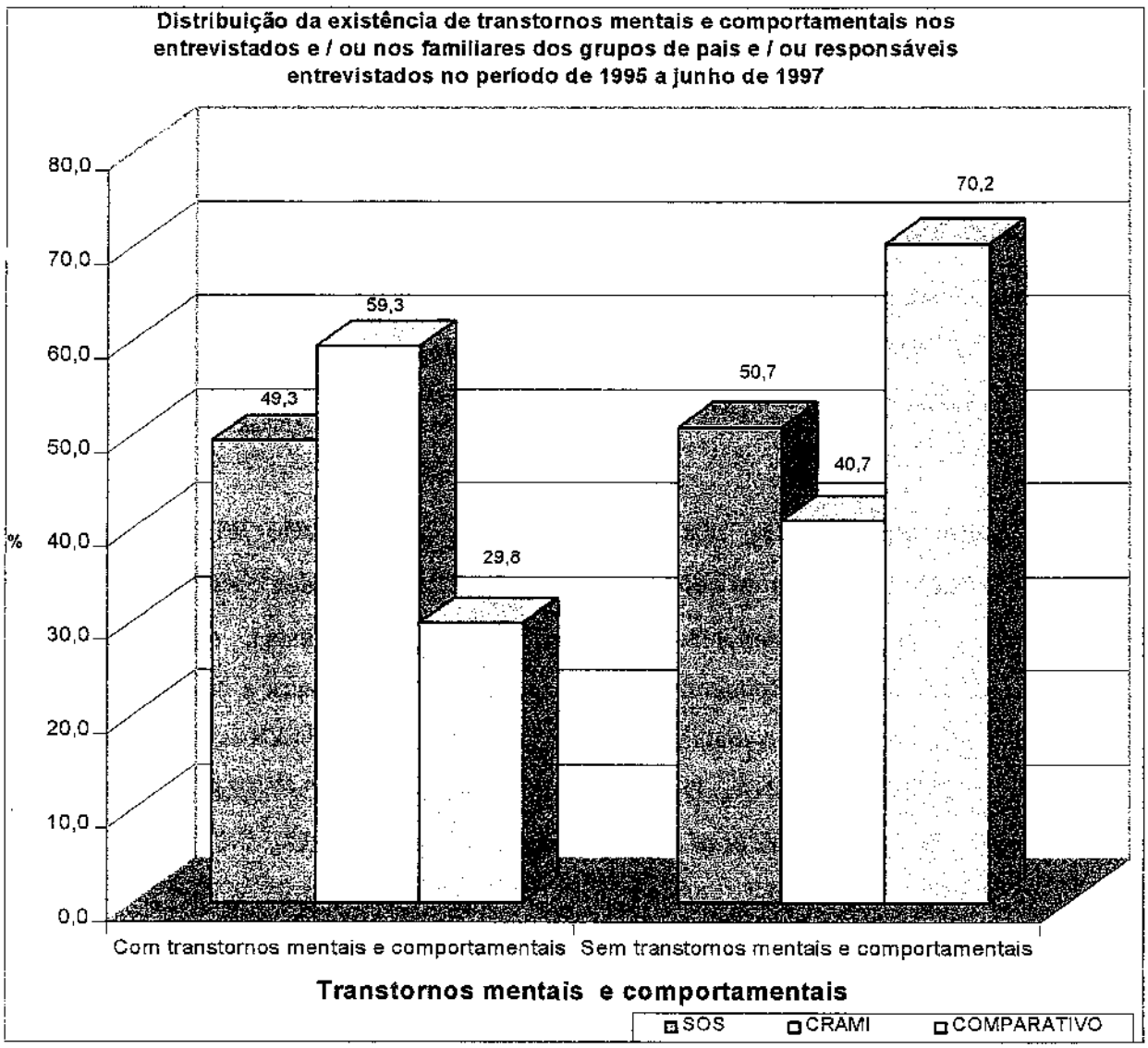


Figura 4.1.3.5g1. Representação gráfica dos transtornos mentais e comportamentais nos entrevistados e/ou familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.3.5g2. TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS NOS ENTREVISTADOS E / OU NOS FAMILIARES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS																											
	Irmão				Tio				Mãe				Pai				Marido				Irmã				Entrevistado (a) (s)			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	7	10,6	7	10,6	5	7,6	12	18,2	15	22,7	27	40,9	5	7,6	32	48,5	4	6,1	36	54,6	4	6,1	40	60,7	26	39,4	66	100,0
CRAMI	5	31,2	5	31,2	0	0,0	0	0,0	8	50,0	13	81,2	2	12,5	15	93,7	1	63,2	16	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	5	13,5	5	13,5	7	18,9	12	32,4	11	29,7	23	62,1	3	8,1	26	70,2	5	13,5	31	83,7	0	0,0	0	0,0	6	16,2	37	100,0

$\chi^2 = 38.038$ G.L.= 12 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 48.541$ G.L.= 12 $p>0.05$

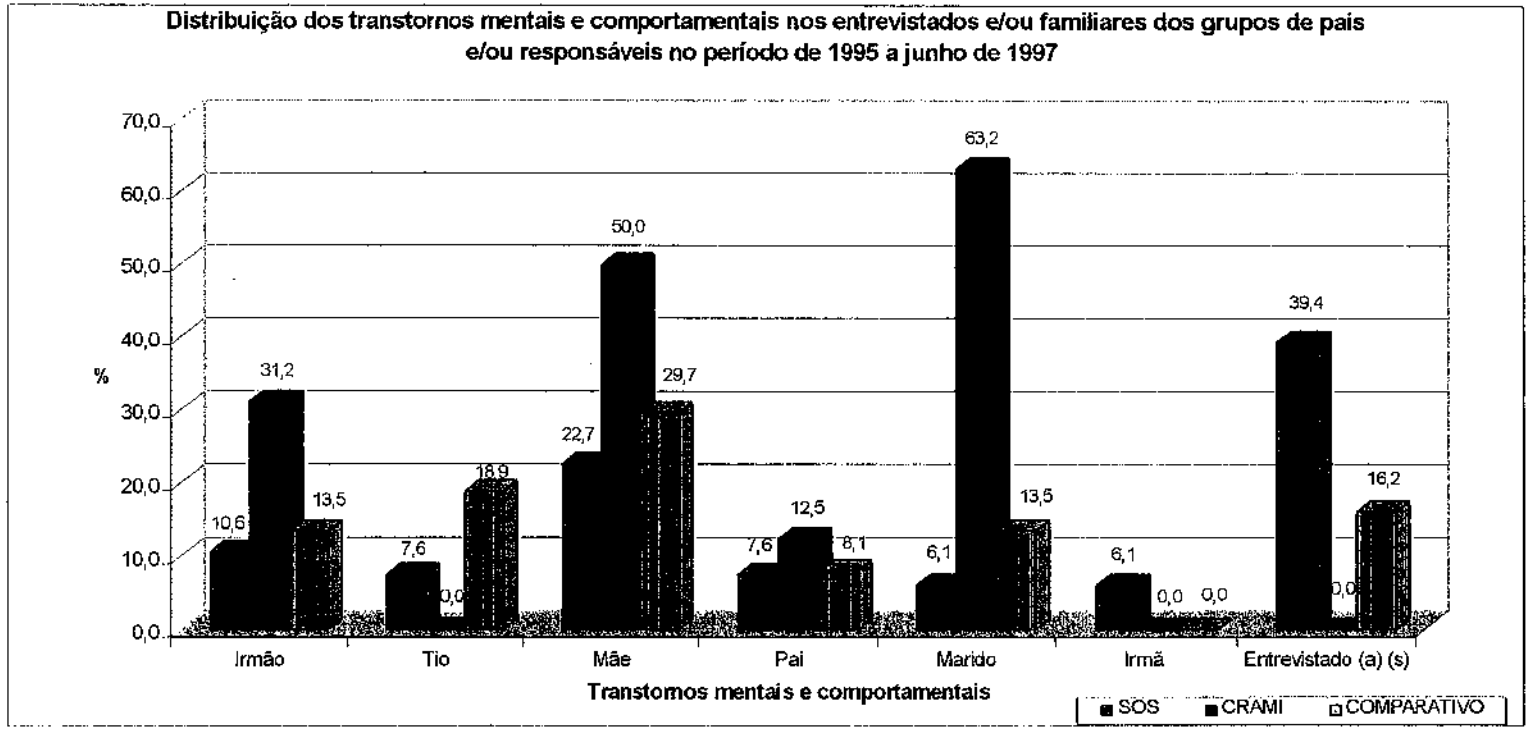


Figura 4.1.3.5g2.. Representação gráfica dos transtornos mentais e comportamentais nos entrevistados e/ou familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997.

Algumas tragédias familiares nos grupos entrevistados (Tabelas e gráficos 4.1.3.5h1., 4.1.3.5h2., 4.1.3.5h3., 4.1.3.5h4. e 4.1.3.5h5.)

As tragédias na vida das pessoas podem ter conseqüências que, de muitas formas, podem interferir nas relações interpessoais. Esses traumas [1] exteriores tornam-se interiores se entrarem em relação ou coincidirem com o aparecimento de profundas angústias ou desejos. A reação a essas situações vai colocar em jogo motivações conscientes e inconscientes.

Escolhemos as três ocorrências que foram as mais relatadas e de maiores incidências nos grupos. Durante as entrevistas, estas situações, em geral, não pareceram despertar fortes emoções nos entrevistados, a partir de suas recordações. Podemos supor que isto talvez tenha acontecido pela incidência baixa dos fatos com as figuras parentais.

Quanto à incidência dos problemas nas famílias entrevistadas (tabela e gráfico 4.1.3.5h1.), a análise estatística pelo teste do χ^2, demonstrou não existirem diferenças nas respostas dadas pelos grupos da pesquisa ($p < 0.05$). Ao analisarmos, segundo o mesmo teste (χ^2), os tipos de tragédias (tabela e gráfico 4.1.3.5h2.), percebemos uma pequena diferença nas respostas dos três grupos entrevistados ($p > 0.05$).

Nos casos de suicídio (Tabela e gráfico 4.1.3.5h3.) , o grupo comparativo, apresentou duas pessoas cujos pais haviam cometido suicídio (14,2 %) e não houve rememoração dolorosa dos fatos, porque estes ocorreram quando elas eram pequenas. Os suicídios apresentaram uma concentração alta nos parentescos, 'tio' e 'tia', em todos os grupos (Tio : SOS – 60.0 %; Crami – 66,7% - comparativo – 35,7 %; Tia : SOS – 15,0%; Crami –33,3%; comparativo – 14,3 %).

No grupo SOS houve uma certa freqüência, também, para a variável 'irmã' (20,0%). O 'irmão' suicida apareceu no grupo comparativo, com uma distribuição alta (35,7 %).

[1] Trauma - grande abalo físico, moral ou mental ; choque ou transtorno no qual desenvolve ou pode se desenvolver uma neurose. Neurose - designação geral dada a qualquer doença nervosa , em especial , aquela em que não se encontra qualquer lesão orgânica e que se caracteriza por dificuldades de ajustamento pessoal, embora mantidas as capacidades intelectuais (MICHAELIS , 1998)

Na maioria destes casos, as mortes foram acarretadas por disparos de armas e ingestão excessiva de medicamentos. De acordo com a análise estatística do teste do χ^2, realizada com as respostas dos três grupos entrevistados, nesta situação, os resultados apresentaram semelhanças ($p < 0.05$).

Os homicídios (tabela e gráfico 4.1.3.5h4.) , nos três grupos, foram,com freqüência, justificados por rixas familiares ou comportamento agressivo e explosivo do homicida. Uma das entrevistadas do grupo SOS relatou: *Meu pai matou o meu tio na frente da gente. Eles estavam discutindo por causa de dinheiro. Nós ficamos muito assustados. Ele fugiu e nunca mais voltou* (Caso 21 – SOS Ação Mulher e Família).

O grupo Crami foi o único que não teve os pais vítimas ou protagonistas da situação avaliada (Homicidas: SOS – 14,3%; comparativo – 12,5%). Os irmãos (SOS - 42,8%; Crami - 66,7%; comparativo - 25,0%) e tios (SOS - 42,8 %; Crami - 33,3%; comparativo - 62,5%) obtiveram resultados mais altos, em todos os grupos, no que diz respeito ao homicídio. Nas amostras, os resultados foram semelhantes ($p < 0.05$), segundo o teste do χ^2.

As mortes violentas (tabela e gráfico 4.1.3.5h2.), nos três grupos (SOS – 41,3%;Crami - 58,8%; comparativo - 45,0%), tiveram como maior ocorrência os desastres de automóvel. Os irmãos (Tabela e gráfico 4.1.3.5h5.) foram os mais citados, nesta situação, nos três grupos (SOS – 28,9%; Crami – 30,0%; Comparativo – 32,5%). As histórias eram muito semelhantes : *Ele não tinha juízo; Ele corria muito de carro; A gente avisava, mas ele não ligava.* Apenas uma morte não foi relatada como acidente de carro. O que ocorreu foi uma confusão na identificação das pessoas. A irmã de uma das entrevistadas,do grupo comparativo, estava entrando em um ônibus e foi assassinada por um homem que a confundiu com sua ex - mulher.

Nestas situações, observamos as maiores freqüências nos parentes que supomos serem mais jovens (primo, sobrinho, irmão), isto é, mais impetuosos e desafiadores dos limites. Nesta variável, os resultados dos três grupos do estudo foram estatisticamente semelhantes, quando utilizamos o teste do χ^2 ($p < 0.05$).

TABELA 4.1.3.5h1. PROBLEMAS DOS FAMILIARES DOS PARTICIPANTES NOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PROBLEMAS DOS FAMILIARES							
	Com problemas				Sem problemas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	109	81,3	109	81,3	25	18,6	134	100,0
CRAMI	17	63,0	17	63,0	10	37,0	27	100,0
COMPARATIVO	89	71,8	89	71,8	35	28,2	124	100,0

$\chi^2 = 5.688$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.619$ G.L.= 2 $p<0.05$

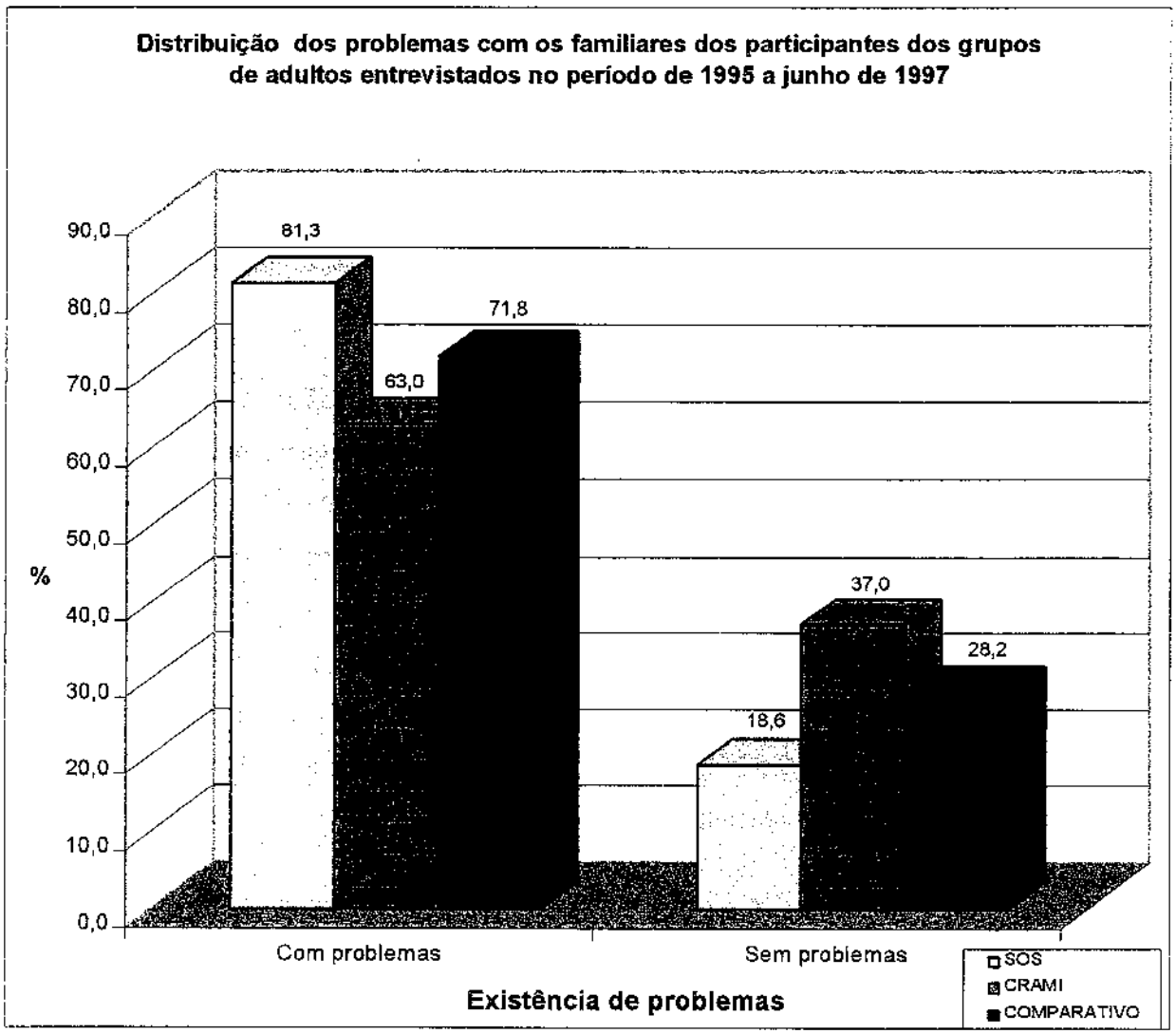


Figura 4.1.3.5h1. Representação gráfica dos problemas com os familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.3.5h2. PROBLEMAS DOS FAMILIARES DOS PARTICIPANTES NOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PROBLEMAS DOS FAMILIARES															
	Suicídio				Homicídio				Mortes violentas				Síndrome de dependência de substância psicoativa			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	20	18,3	20	18,3	14	12,8	34	31,1	45	41,3	79	72,4	30	27,5	109	100,0
CRAMI	3	17,6	3	17,6	3	17,6	6	35,2	10	58,8	16	94,0	1	5,9	17	100,0
COMPARATIVO	14	15,7	14	15,7	8	9,0	22	24,7	40	45,0	62	69,7	27	30,3	89	100,0

$\chi^2 = 5.631$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 6.834$ G.L.= 2 $p>0.05$

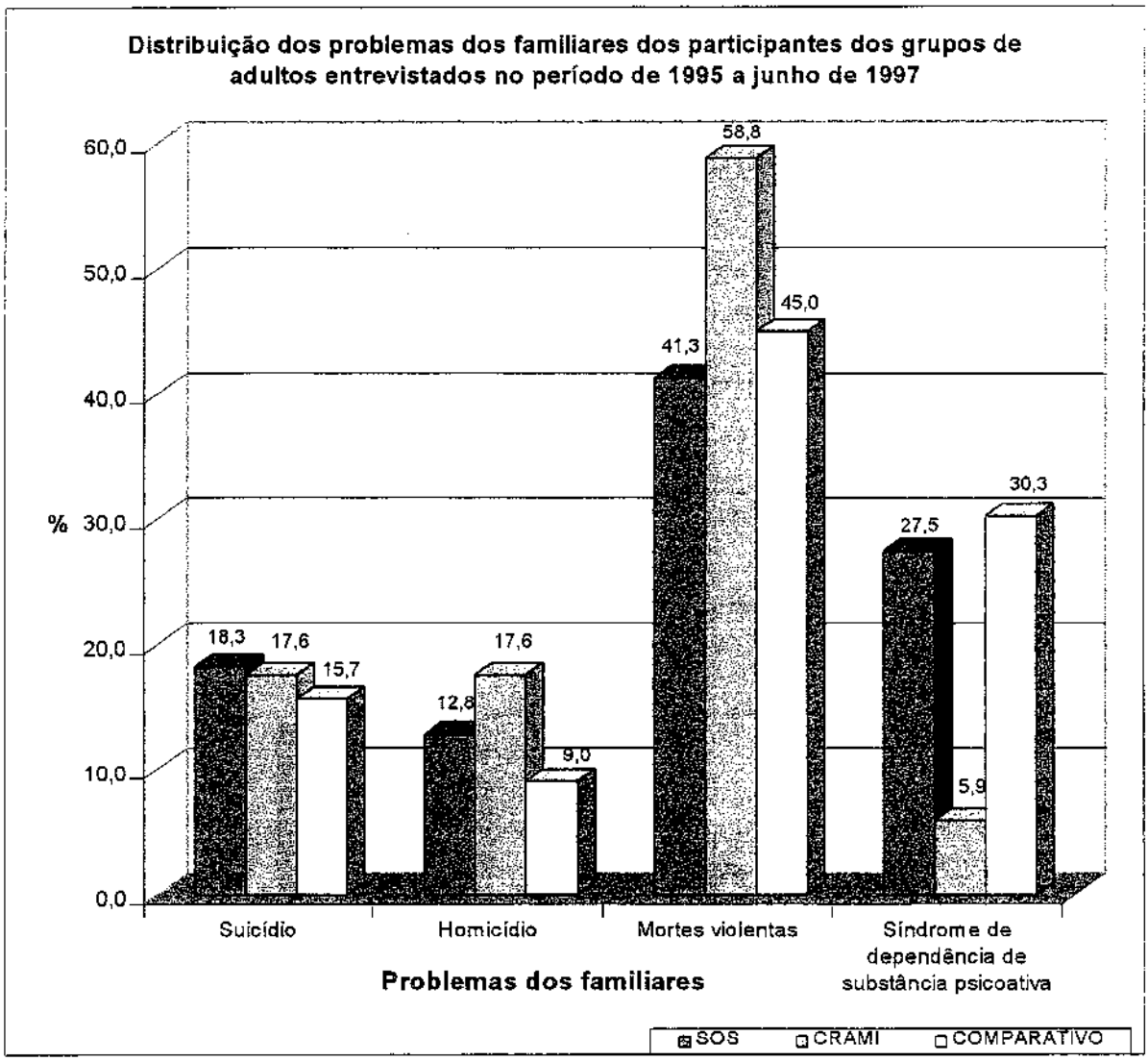


Figura 4.1.3.5h2. Representação gráfica dos problemas com os familiares dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.3.5h3. SUICÍDIO DE FAMILIARES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SUICÍDIO																							
	Mãe				Pai				Tio				Tia				Irmã				Irmão			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	12	60,0	12	60,0	3	15,0	15	75,0	4	20,0	19	95,0	1	5,0	20	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	66,7	2	66,7	1	33,3	3	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	1	7,1	1	7,1	1	7,1	2	14,2	5	35,7	7	49,9	2	14,3	9	64,2	0	0,0	0	0,0	5	35,7	14	100,0

$\chi^2 = 13.693$ G.L.= 10 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 15.966$ G.L.= 10 $p<0.05$

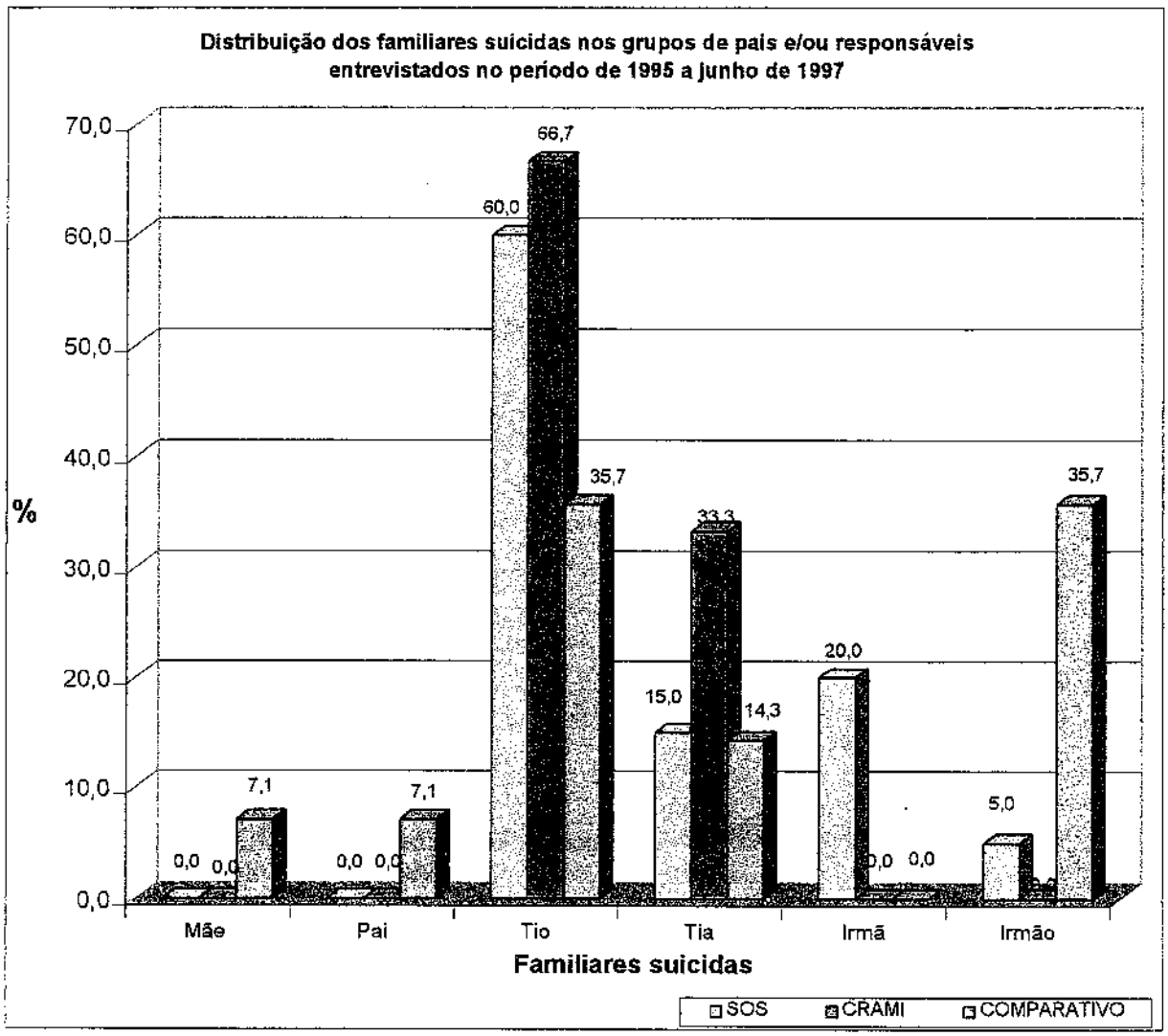


Figura 4.1.3.5h3. Representação gráfica dos parentes suicidas nas famílias dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.3.5h4. FAMILIARES HOMICIDAS NOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS NO PERÍODO DE 1995 A JUNHO DE 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	HOMICIDAS											
	Pai				Irmão				Tio			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	2	14,3	2	14,3	6	42,8	8	57,1	6	42,8	14	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	2	66,7	2	66,7	1	33,3	3	100,0
COMPARATIVO	1	12,5	1	12,5	2	25,0	3	37,5	5	62,5	8	100,0

$\chi^2 = 1.997$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.321$ G.L.= 4 $p<0.05$

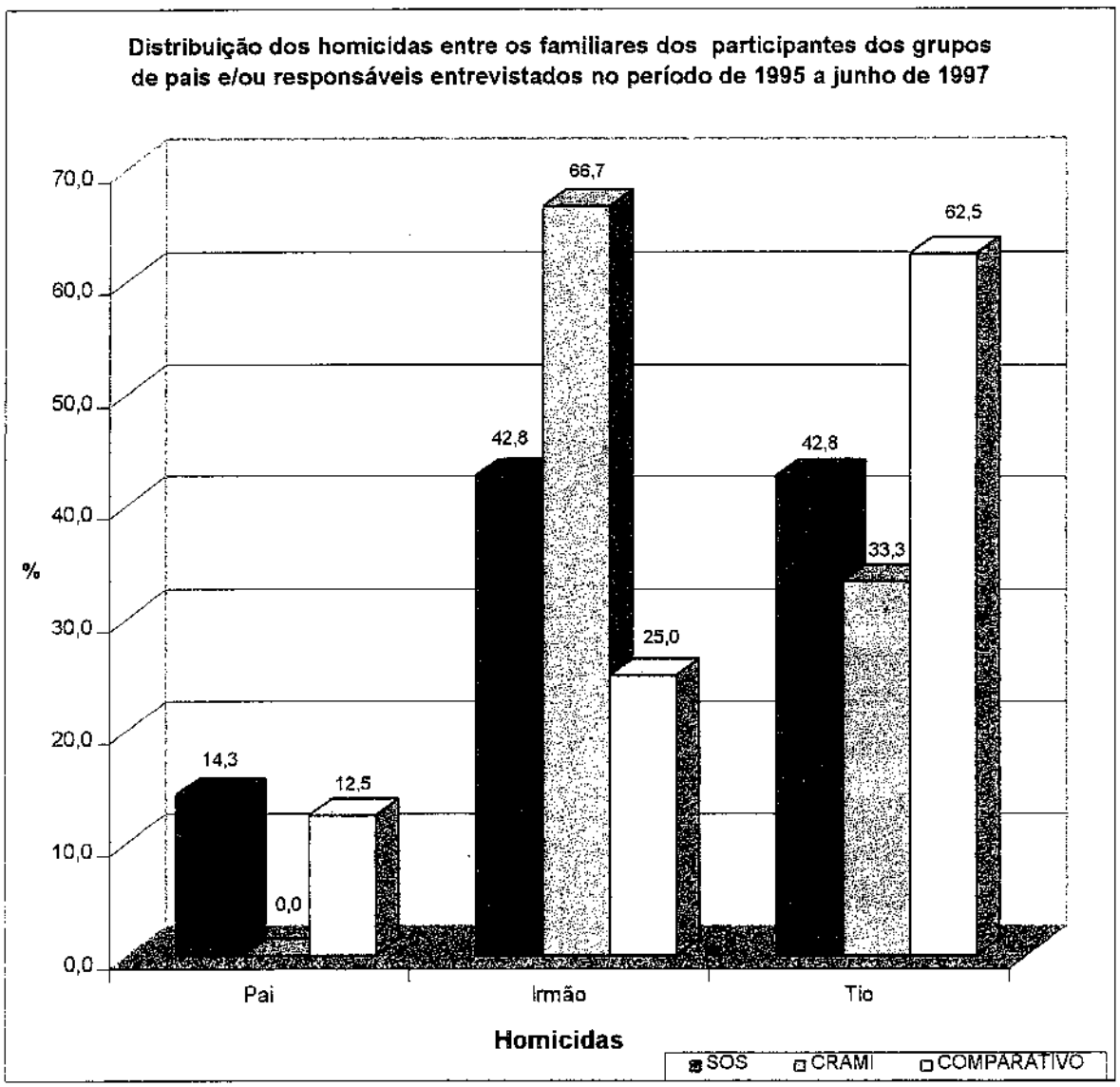


Figura 4.1.3.5h4. Representação gráfica dos familiares homicidas entre os participantes dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.3.5h5. MORTES VIOLENTAS ENTRE OS FAMILIARES DOS ENTREVISTADOS DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MORTES VIOLENTAS																											
	Pai				Mãe				Sobrinho				Irmão				Irmã				Tio				Primo				Prima			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	6	13,3	6	13,3	3	6,7	9	20,0	3	6,7	12	26,7	13	28,9	25	55,6	2	4,4	27	60,0	12	26,7	39	86,7	5	11,1	44	97,8	1	2,2	45	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	20,0	2	20,0	3	30,0	5	50,0	1	10,0	6	60,0	1	10,0	7	70,0	3	30,0	10	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	4	10,0	4	10,0	2	5,0	6	15,0	10	25,0	16	40,0	13	32,5	29	72,5	2	5,0	31	77,5	4	10,0	35	87,5	5	12,5	40	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 14.305$ G.L.= 14 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 16.066$ G.L.= 14 $p<0.05$

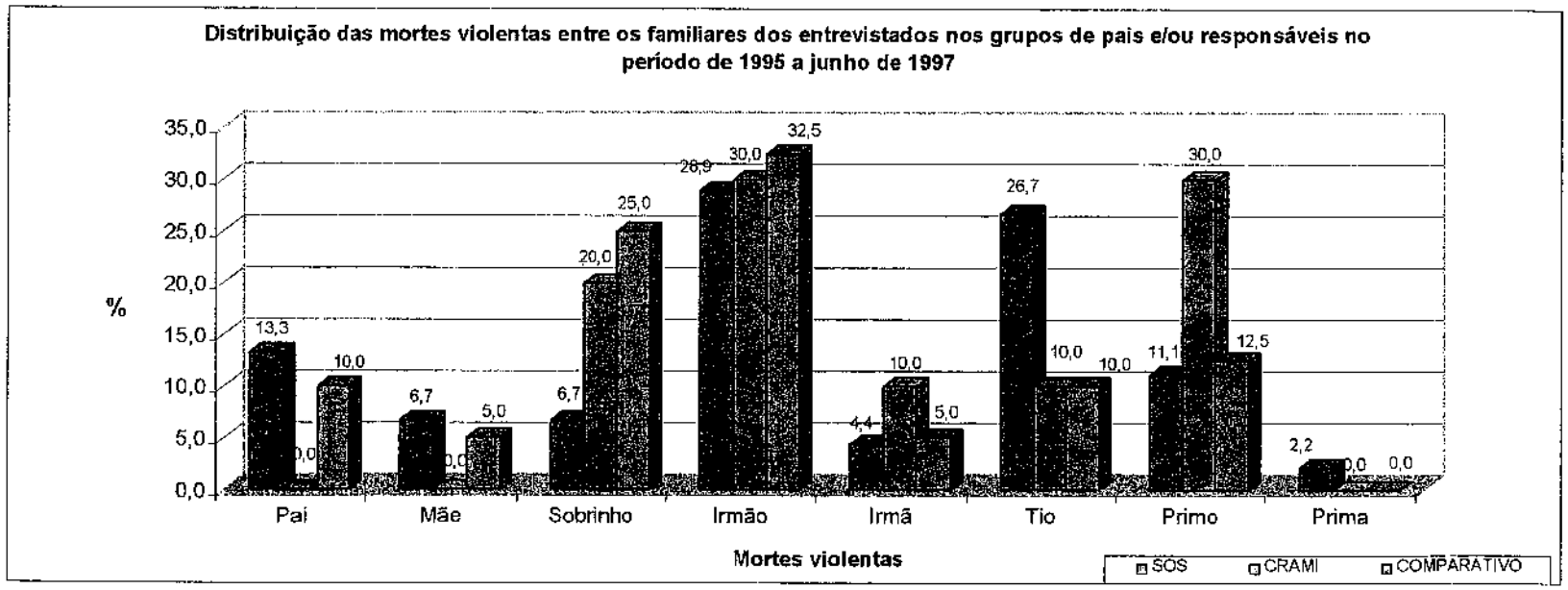


Figura 4.1.3.5h5. Representação gráfica das mortes violentas entre os familiares dos entrevistados dos grupos de pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997.

Síndrome de dependência às substâncias psicoativas (maconha, "crack" e cocaína) (Tabela e gráfico 4.1.3.5i.)

Resolvemos incluir este item, visto que, apesar de já o havermos descrito nos grupos de pais e (ou) responsáveis, seria interessante ter uma visão mais ampla e familiar deste problema.

Nos grupos SOS (83,3%) e comparativo (74,1%), notamos um percentual alto para a variável 'irmão'. Em geral, a maioria era usuária de "crack", cocaína e maconha.

Em todos os grupos, os filhos tiveram certa participação. Os filhos do grupo SOS (3,3 %) e os do grupo comparativo (7,4%) desenvolveram dependência da maconha e tinham idade próxima aos dezoito anos. O único filho, citado no grupo Crami (100,0%), usava maconha e era um adolescente (12 anos).

As respostas a esta variável foram, estatisticamente, diferentes ($p > 0.05$), na análise do teste do χ^2, para os três grupos do estudo.

TABELA 4.1.3.5i. DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ENTRE OS FAMILIARES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS															
	Irmão				Irmã				Filho (a) (s)				Pai			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	25	83,3	25	83,3	0	0,0	0	0,0	1	3,3	28	93,3	2	6,7	30	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	100,0	1	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	20	74,1	20	74,1	5	18,5	25	92,6	2	7,4	27	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 22.008$ G.L.= 6 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 16.537$ G.L.= 6 p>0.05

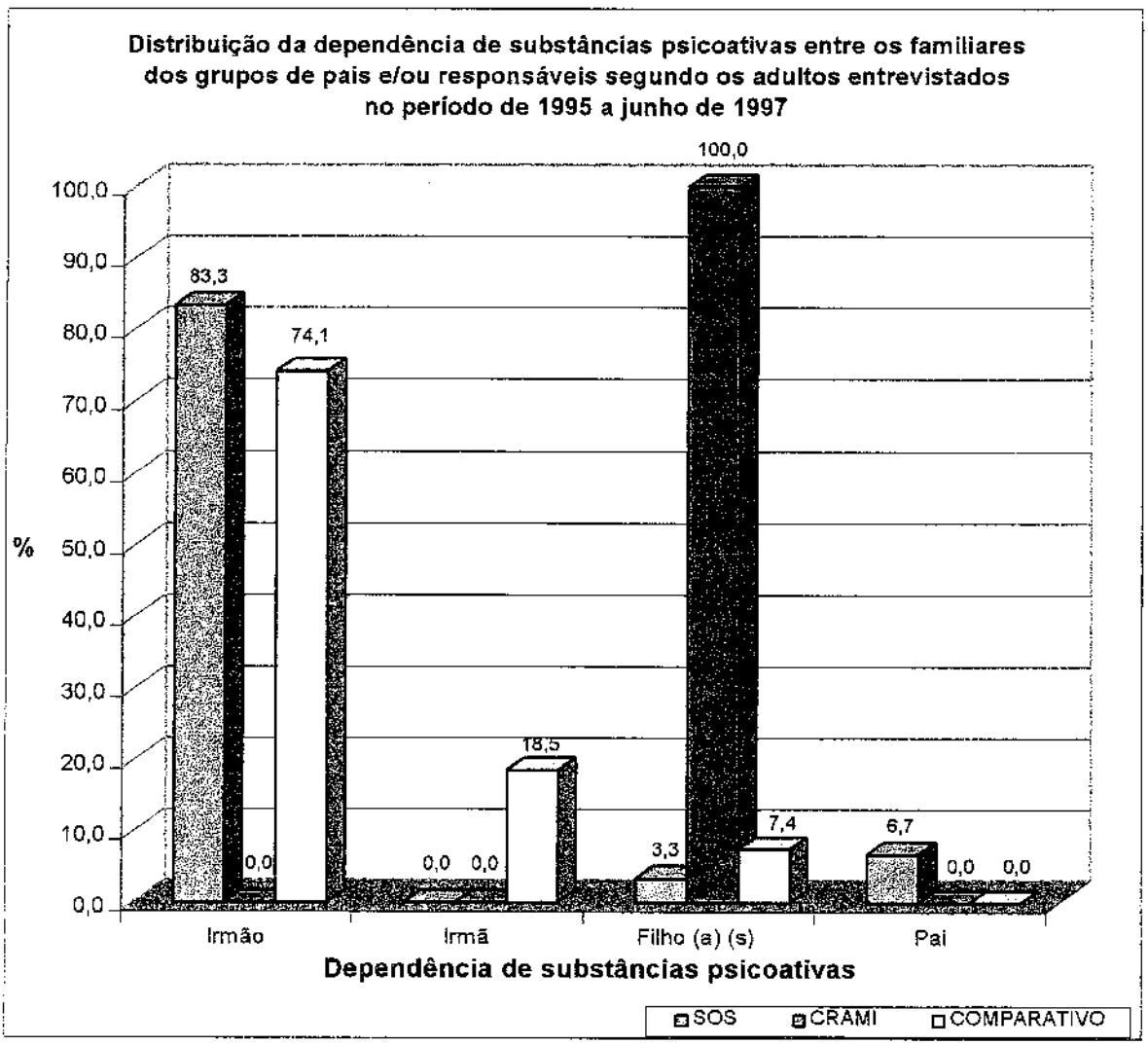


Figura 4.1.3.5i. Representação gráfica dos familiares com dependência de substâncias psicoativas nas famílias dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

4.1.4. - Relacionamento do casal (Tabelas e gráficos 4.1.4.1. a 4.1.4.7)

"Em cães, mulheres e nogueiras,

quanto mais se bate, melhor."

Antigo provérbio inglês.

(LANGLEY & LEVY, 1980)

Consideramos a situação do casal como um fator importante para a questão da violência doméstica contra crianças e adolescentes, visto que alguns trabalhos sobre o fenômeno fazem uma correlação dos distúrbios conjugais e estes tipos de violência (BERMAN, 1993; CHÉNARD, 1994; MULLENDER, 1996).

Quando se fala de violência contra a mulher, o casal típico que vem em nossa mente é pobre, compartilha de níveis mínimos de escolaridade e uma cultura que indica fidelidade da mulher e honra do homem.

A violência contra a mulher ocorre em um contexto social engendrado por clivagens de gênero, classe, raça / etnia, que atravessam as relações familiares internas e externas. O espaço familiar, segundo SAFFIOTTI & ALMEIDA (1995), constitui uma cultura propícia à rotinização das relações violentas.

Segundo CORRÊA (1983), nos casos de violência doméstica, a casa é o limite físico que contém a relação mantida pelo casal e pode assumir uma conotação importante, especialmente nos casos de abandono. Para CORSI (1994), o objetivo da conduta violenta é submeter o outro, mediante o uso da força.

De acordo com SAFFIOTTI & ALMEIDA (1995), a violência física contra a mulher não visa punir o corpo, mas dobrar a consciência do outro. A realidade corpórea é uma mediação do jogo de poder. Este, por ter eficácia relativa, não pode prescindir da força. Acrescentam as autoras que essa forma de violência denuncia a importância de quem consegue a supremacia no jogo, para manter o outro sob domínio absoluto.

Homens e mulheres vivem na mesma cultura e esta destina a cada gênero um papel diferente nas relações sociais, sejam elas conflitivas ou de aliança. A violência, todavia, está contida no homem, nas relações que construiu, graças à assimetria das relações de gênero. Problemas de ordem financeira e álcool são apenas facilitadores da violência (SAFFIOTTI & ALMEIDA, 1995; SOARES, 1993).

O mito do homem violento oculta os privilégios obtidos pelos homens, quer no plano individual, quer no plano coletivo, pela sujeição das mulheres colocadas a seu serviço. Para SAFFIOTTI & ALMEIDA (1995), a violência pertence ao nosso patrimônio cultural. O homem violento é gestado pelo ordenamento social patriarcal e nutre, por suas práticas sociais, este tipo de relação de gênero.

Segundo CHODOROW (1990) e WELZER - LANG (1991), o que está na base da construção da identidade de gênero dos homens é a insegurança da masculinidade. A competição com outros homens e o desejo de dominar encontram um terreno propício. O homem violento não tem rosto, pode assumir qualquer feição (SAFFIOTTI, SILVA, ALMEIDA, 1994).

As relações de violência conjugal são extremamente tensas e tendem a descrever uma escalada. Elas começam com agressões verbais, passando para as físicas e (ou) sexuais, podendo atingir as ameaças de morte e, até mesmo, o homicídio. O êxito do agressor depende das reações de sua vítima. Essa relação de violência implica força, não necessariamente física, mas como capacidade de determinar o destino do outro.(s).

Numericamente, é grande a incidência de violência perpetrada contra a mulher, pelo homem. Isso vem ocorrendo através dos anos, com o aperfeiçoamento das técnicas de terror e dominação, assim como explicações racionais sobre o fenômeno. Homens que cometem violência contra as mulheres são elogiados e, mesmo aplaudidos pela sociedade como natural, compreensível, tolerável, necessário, cumprindo a ordem natural dos fatos, inevitável e parte do preço do contrato conjugal (MULLENDER, 1996).

Se a violência é real ou construída, nos casos notificados e pesquisados, não podemos dizer. O que podemos atestar é que, em muitos sujeitos entrevistados, ela deixou a sua marca, seja física ou emocional. Partindo das próprias características de uma das Instituições que pertenceu ao campo de estudo, estabelecemos as seguintes definições dos termos[1]:

- Agressão sem lesão - aquela que não produz alteração patológica dos órgãos ou dos tecidos;

- Agressão com lesão - aquela que produz alterações patológicas dos órgãos ou dos tecidos (bofetadas, socos, chutes, torceduras, etc.)

- Ofensas - compreendem uma série de condutas verbais como insultos, xingamentos, críticas permanentes, desvalorizações;

- Infidelidade - transgressão da fé matrimonial, ou do dever de ser fiel, comum nos cônjuges;

- Abandono - afastamento voluntário de um dos cônjuges, do domicílio;

- Intimidação - assustar, apavorar, aterrorizar.

- Ameaça de morte - ato delituoso pelo qual alguém verbalmente, ou por escrito, por gestos ou por qualquer outro meio simbólico e inequívoco, promete, injustamente, matar a outra pessoa;

- Tentativa de homicídio - começo de execução de um delito, manifestado por atos exteriores e que não surtiu o efeito desejado pelo agente, por circunstâncias independentes de sua vontade.

- Problemas na sexualidade - problemas na expressão da atividade sexual.

[1] Estas definições foram realizadas, segundo o apoio do Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis (1998), buscando adequar as definições jurídicas, aos termos utilizados na pesquisa.

Iniciando a análise das distribuições do relacionamento do casal, percebemos que as agressões, com lesões ou sem lesões, às mulheres ocorreram em todos os grupos entrevistados (Tabela e gráfico 4.1.4.1a. e 4.1.4.1b.). O grupo comparativo obteve o menor percentual apresentado (sem lesão - 6,5%; com lesão - 2,4%), diferenciando-se dos grupos do estudo que alcançaram índices altos, nestas variáveis (SOS - sem lesão - 68,0% e com lesão - 48,5%; Crami - sem lesão - 40,7% e com lesão - 33,3%). É possível levantar a hipótese de que as relações conjugais no grupo comparativo tiveram um equilíbrio maior do que nas outras amostras. Os resultados apresentados foram analisados estatisticamente pelo teste do χ^2 e foram considerados diferentes entre si ($p > 0.05$).

No que diz respeito às agressões aos homens (Tabela e gráfico 4.1.4.2a. e 4.1.4.2b.), é surpreendente o fato da maioria das mulheres entrevistadas, não serem violentas, mesmo sob extrema provocação. Elas suportam severos abusos físicos, sexuais e torturas emocionais. De fato, algumas poucas mulheres batem em seus parceiros. DOBASH & DOBASH (1984) acharam uma amostra de 0,4% de maridos que apanhavam de suas esposas, contra 25% de esposas agredidas, em 34.000 registros policiais, estudados em Eddinburgh e Glasgow, em 1974.

As mães e (ou) responsáveis do grupo Crami mostraram-se as mais agressivas da distribuição (18,5% - sem lesão; 11,1% - com lesão). As situações caracterizavam-se pelos casais que estavam sob o efeito do álcool ou substâncias psicoativas. As lesões relatadas eram: *Bati na cabeça dele com um pedaço de pau, quando sangrou bem, fiquei assustada e levei ele para o hospital* (Caso 15 – Crami); *Ele veio prá cima de mim me pegar, e eu joguei água quente nele...* (Caso 4 – Crami). Os outros dois grupos entrevistados, SOS e comparativo, apresentaram resultados semelhantes (0,8%) nestes itens. As respostas dos três grupos entrevistados, analisadas pelo teste do χ^2, foram diferentes estatisticamente ($p > 0.05$).

As ofensas (Tabela e gráfico 4.1.4.3a.) obtiveram índices altos nos grupos em estudo, principalmente no grupo SOS com 94,0% (CRAMI – 48,2%; comparativo – 5,6%). A infidelidade e o abandono (Tabelas e gráficos 4.1.4.3b. e 4.1.4.3c.), neste grupo, também apresentaram índices elevados (infidelidade – 32,8%; abandono – 33,6%), em comparação com os outros grupos (Crami – infidelidade – 3,7%; abandono – 14,8%; comparativo – infidelidade – 0,8%; abandono – 1,6%).

Os abandonos familiares estiveram presentes em todos os grupos, de mães e (ou) responsáveis entrevistadas, com maiores resultados para os dois grupos SOS e Crami, como vimos acima. As respostas dos três grupos analisadas estatisticamente pelo teste do χ^2, foram diferentes ($p > 0.05$), no que diz respeito à infidelidade e ao abandono das mulheres.

Em contrapartida, nos grupos de pais e (ou) responsáveis do sexo masculino entrevistados, vamos encontrar, na maioria dos resultados (tabelas e gráficos 4.1.4.2a., 4.1.4.2.b.,4.1.4.4.a., 4.1.4.4b. e 4.1.4.4c.), percentuais baixos nos grupos SOS (agressão sem lesão – 0,8%; agressão com lesão – 0,8%; com ofensas – 0,7%; com infidelidade – 1,5%; com abandono – 0,0%) e comparativo (agressão sem lesão - 0,8%;. agressão com lesão – 0,8%; com ofensas – 0,8%; com infidelidade – 0,8%; com abandono – 0,8%).

Os dados mais elevados, em geral, ficaram no grupo Crami (agressão sem lesão - 18,5%; agressão com lesão - 11,1%; ofensas - 18,5%; infidelidade - 3,7%; abandono - 0,0%).Estas mulheres não abandonaram os seus lares (0,0%), submetendo-se à violência dos seus parceiros.

Com relação ao sexo masculino verificamos que as ofensas (Tabela e gráfico 4.1.4.4a.) obtiveram, pela análise estatística do χ^2, resultados diferentes ($p > 0.05$) nas respostas dadas pelos grupos entrevistados. No entanto, pelo mesmo teste (χ^2), tivemos semelhanças ($p < 0.05$) nas respostas dos três grupos entrevistados, nos itens infidelidade e abandono (Tabelas e gráficos 4.1.4.4b. e 4.1.4.4c.).

As intimidações, ameaças de morte e tentativas de homicídio (Tabelas e gráficos 4.1.4.5a., 4.1.4.5b. e 4.1.4.5c.) apresentaram um percentual expressivo no grupo SOS, de mães e (ou) responsáveis entrevistadas (intimidação - 77,6%; ameaça de morte – 53,0 %; tentativa de homicídio - 7,5%,). Os demais grupos nos itens ameaça de morte e tentativa de homicídio permaneceram com índices baixos (Crami - ameaça de morte - 0,0% e tentativa de homicídio - 0,0%; comparativo - intimidação - 2,4%; ameaça de morte - 1,6% e tentativa de homicídio - 0,8%). O grupo Crami, na variável intimidação, obteve certa expressividade (22,2%).

A análise estatística das variáveis citadas acima, utilizando o teste do χ^2, foi diferente nos itens intimidação, ameaça de morte e tentativa de homicídio ($p > 0.05$), para os resultados apresentados pelos três grupos entrevistados.

Quanto às situações de intimidação, ameaça de morte e tentativa de homicídio, percebemos que os grupos de mulheres entrevistadas que sofreram maiores agressões, não reagiram a elas, em relação aos homens. Supomos, a partir destes resultados, que o 'amor' coexistia com a violência. Segundo CORSI (1994), geralmente é um amor aditivo, dependente, baseado na insegurança.

Os grupos do sexo masculino, nas variáveis intimidação, ameaça de morte e tentativa de homicídio (Tabelas e gráficos 4.1.4.6a., 4.1.4.6b. e 4.1.4.6c.), apresentaram as mesmas percentagens de respostas, nos diferentes itens (intimidação - SOS –0,0%; Crami – 0,0%; comparativo – 0,8%; ameaça de morte – SOS – 0,0%; Crami – 0,0%; comparativo – 0,8%; tentativa de homicídio – SOS – 0,0%; Crami – 0,0%; comparativo – 0,8%). A partir destes resultados, a análise estatística, pelo teste do χ^2, revelou semelhanças nestas respostas ($p < 0.05$) nos grupos entrevistados.

O relacionamento do casal demonstrou resultados significativos, como observamos nas situações de agressões físicas e (ou) verbais, nos dois grupos em estudo, estabelecendo um padrão de relacionamento violento na família. É possível que estas relações possam, muitas vezes, aumentar o nível de insatisfação familiar, acarretando no uso da violência contra as crianças e os adolescentes.

Várias pesquisas nesta área confirmaram os resultados que obtivemos no trabalho, de forte correlação entre a ocorrência dos vários tipos de abuso contra crianças e adolescentes e as disfunções conjugais (ASSIS, 1994c; MARQUES *et al.* 1994; BEISSMAN, 1995; KILPATRICK & WILLIAMS, 1997; FELITTI *et al.*, 1998; FERGUSSON & HORWOOD, 1998; KILPATRICK & WILLIAMS, 1998; YOUSSEF *et al.*, 1998). De acordo com WOLFE & KORSCH (1998), o conflito conjugal e a violência doméstica são as maiores fontes de estresse na vida das crianças e adolescentes.

Os problemas da sexualidade (Tabelas e gráficos 4.1.4.7a. e 4.1.4.7b.) apresentados, principalmente pelos homens do grupo SOS (87,5 %), foram a impotência e a ejaculação precoce. As relações, nessa área, para as mulheres, geralmente não eram prazerosas e não dependiam de sua vontade ou desejo. Elas se queixavam, durante as entrevistas, de não sentir prazer sexual (12,5%). Em muitas destas relações, as agressões ocorriam como respostas às recusas. Nos resultados apresentados, nesta variável, foi possível observar, pelo teste do χ^2, a semelhança das respostas ($p < 0.05$) dos grupos entrevistados.

Segundo SAFFIOTTI & ALMEIDA (1995), na França, o ato sexual praticado sem o consentimento da mulher constitui crime de estupro, desde 1980. No Brasil, onde a cidadania e a condição feminina são precárias, ainda se luta para não deixar impunes os violadores de mulheres, sejam eles quem for.

O gênero corporifica a sexualidade, para SAFFIOTTI & ALMEIDA (1995), que é exercida como uma forma de poder. A sexualidade, portanto, é o ponto de apoio da desigualdade de gênero[2]. O contrato heterossexual, cuja forma clássica de expressão consiste no contrato matrimonial, especialmente legal, estabelece o controle da sexualidade feminina, por parte do homem. O 'dever conjugal', que obriga certas mulheres a manterem relações sexuais com seus companheiros, mesmo contra seus próprios desejos, expressa uma violência contida nos casamentos e à qual as mulheres cedem.

Desta forma, através do casamento, o homem procede à passivização do erotismo das mulheres. Apesar da grande variedade dos contratos matrimoniais, subsiste, em alguns, a relação necessária, e não contingente, entre conjugalidade e violência. Nesse contrato ocorre a apropriação desigual de bens econômicos, culturais e eróticos (SAFFIOTTI & ALMEIDA, 1995).

[2] Gênero - é um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor , prestígio, , posição no sistema de parentesco, status na hierarquia social, etc) aos indivíduos no interior da sociedade . (SAFFIOTTI & ALMEIDA , 1995)

TABELA 4.1.4.1a. AGRESSÃO SEM LESÃO NOS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AGRESSÃO							
	Agressão sem lesão				Sem agressão			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	91	68,0	91	68,0	43	32,0	134	100,0
CRAMI	11	40,7	11	40,7	16	59,3	27	100,0
COMPARATIVO	8	6,5	8	6,5	116	93,5	124	100,0

$\chi^2 = 102.702$ G.L.= 2 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 116.132$ G.L.= 2 p>0.05

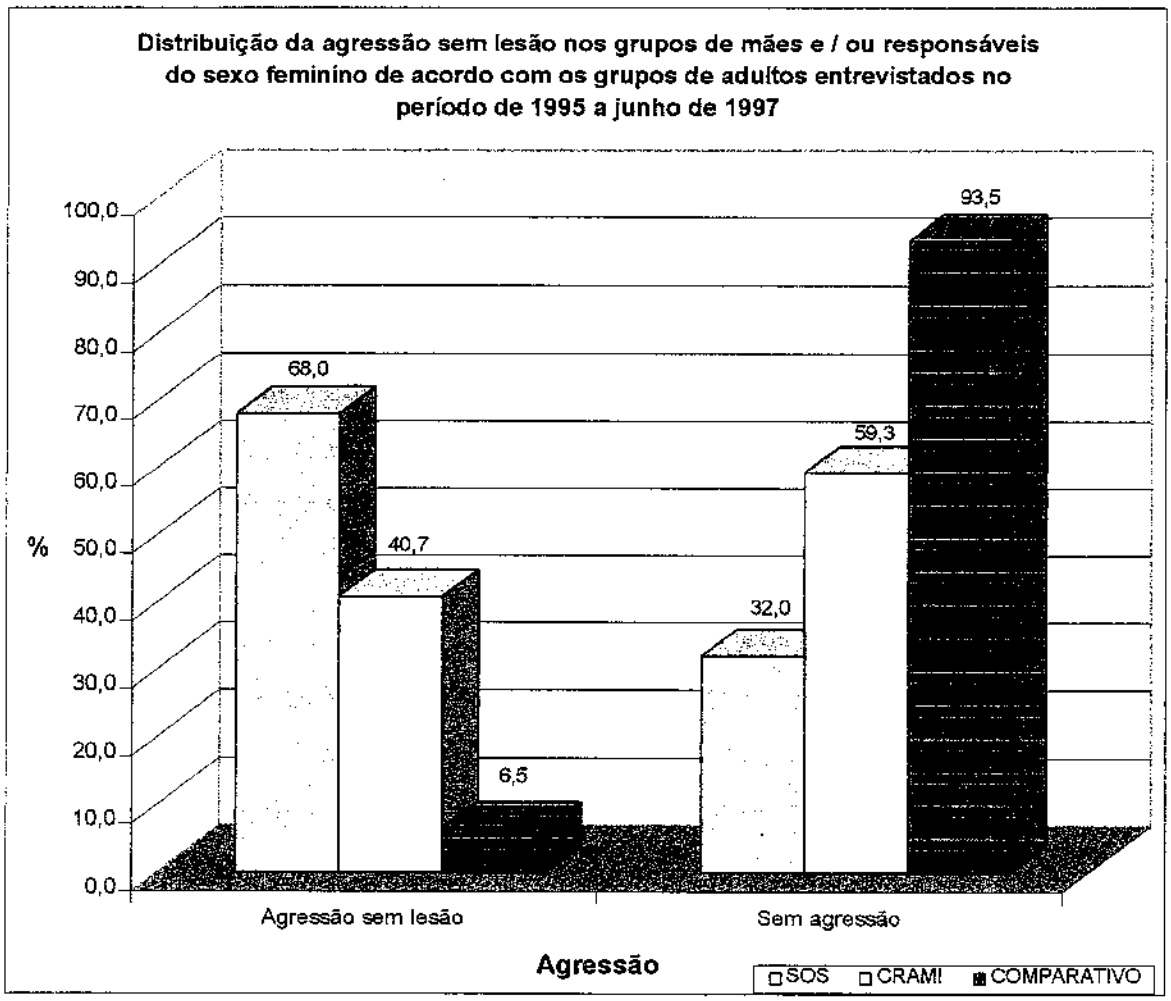


Figura 4.1.4.1a. Representação gráfica da agressão sem lesão nos grupos de mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados entre 1995 a junho 1997.

TABELA 4.1.4.1b. AGRESSÃO COM LESÃO NOS GRUPOS DE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AGRESSÃO							
	Agressão com lesão				Sem agressão com lesão			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	65	48,5	65	48,5	69	51,5	134	100,0
CRAMI	9	33,3	9	33,3	18	66,7	27	100,0
COMPARATIVO	3	2,4	3	2,4	121	97,6	124	100,0

$\chi^2 = 69.981$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 84.284$ G.L.= 2 $p>0.05$

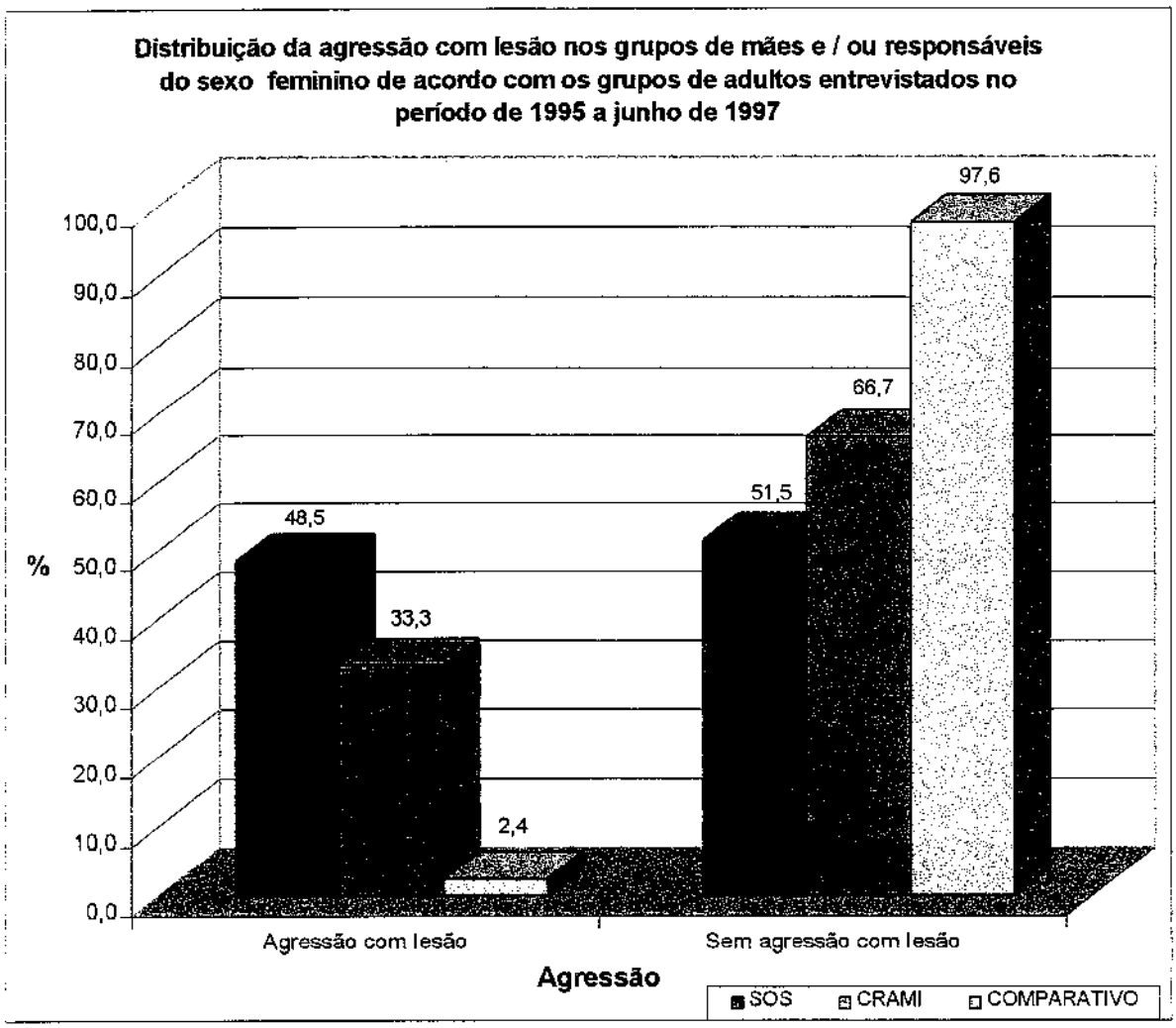


Figura 4.1.4.1b. Representação gráfica da agressão com lesão nos grupos de mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados entre 1995 a junho 1997.

TABELA 4.1.4.2a. AGRESSÃO SEM LESÃO NOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AGRESSÃO							
	Agressão sem lesão				Sem agressão			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	1	0,8	1	0,8	133	99,2	134	100,0
CRAMI	5	18,5	5	18,5	22	81,5	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 32.119$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 16.423$ G.L.= 2 $p>0.05$

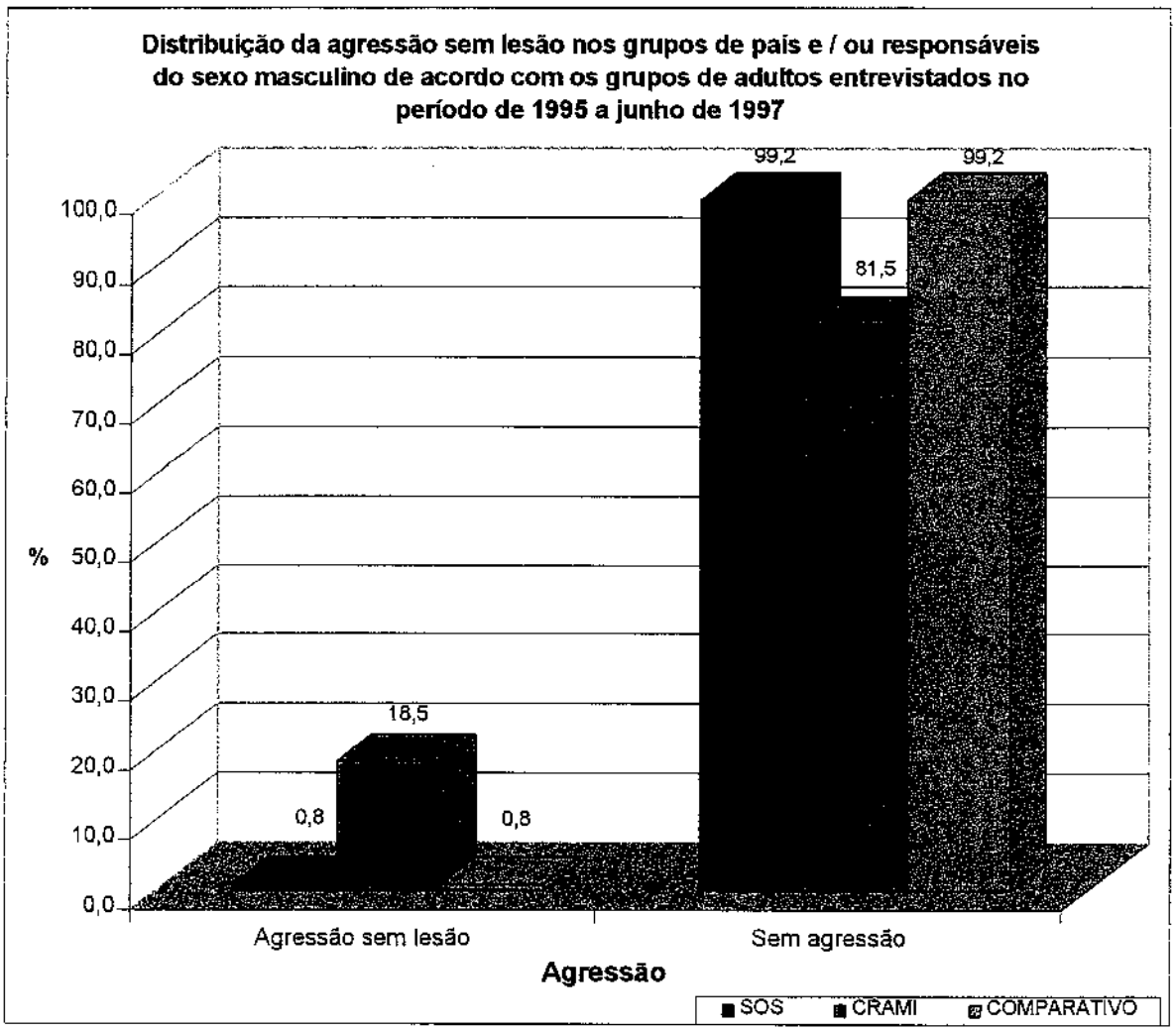


Figura 4.1.4.2a. Representação gráfica da agressão sem lesão nos grupos de pais e / ou responsáveis do sexo masculino segundo os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.2b. AGRESSÃO COM LESÃO NOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AGRESSÃO							
	Agressão com lesão				Sem agressão com lesão			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	1	0,8	1	0,8	133	99,2	134	100,0
CRAMI	3	11,1	3	11,1	24	88,9	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 15.151$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 8.085$ G.L.= 2 $p>0.05$

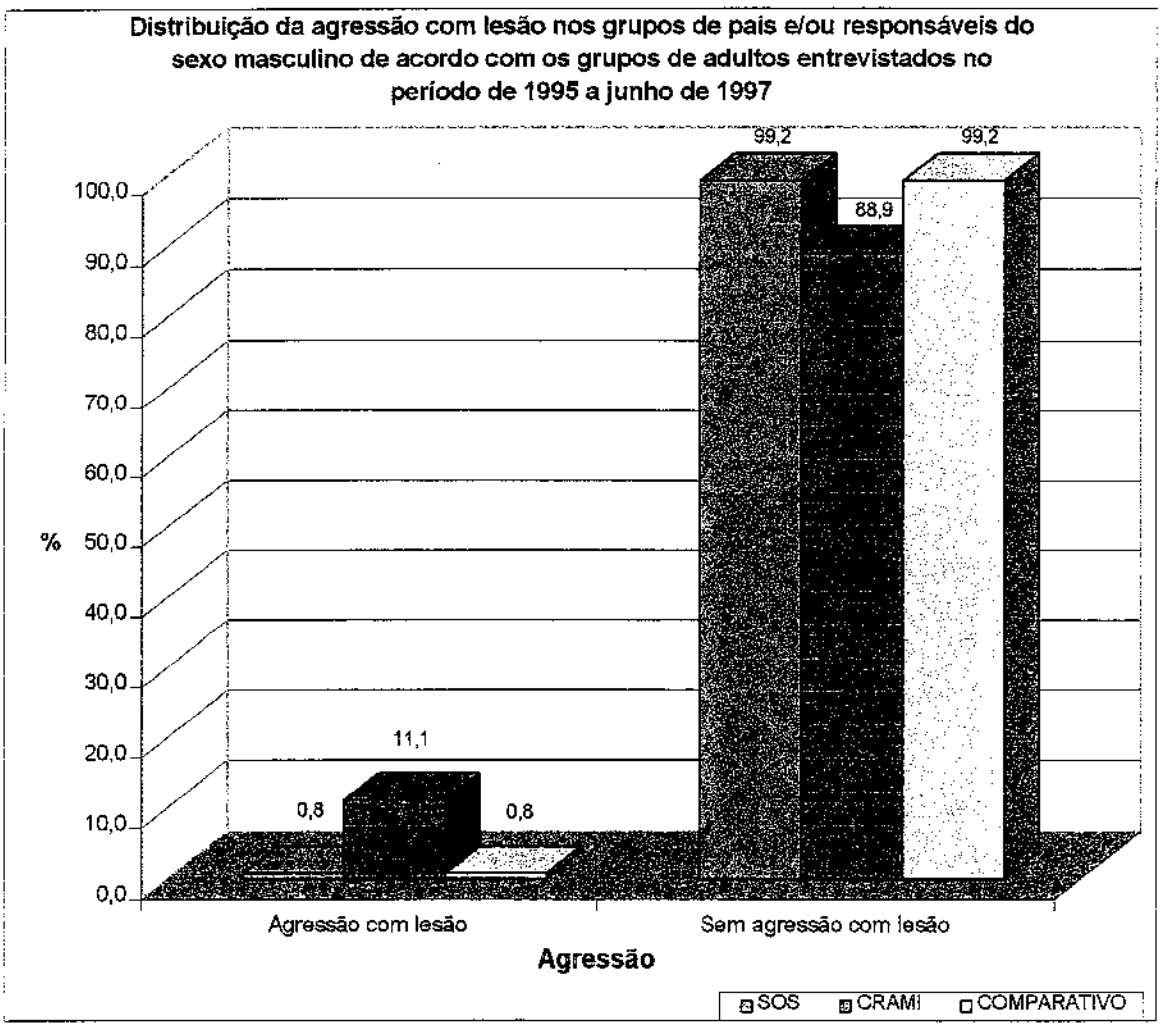


Figura 4.1.4.2b. Representação gráfica da agressão com lesão nos grupos de pais e / ou responsáveis do sexo masculino segundo os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.3a. OFENSAS ÀS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com ofensas				Sem ofensas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	126	94,0	126	94,0	8	6,0	134	100,0
CRAMI	13	48,2	13	48,2	14	51,8	27	100,0
COMPARATIVO	7	5,6	7	5,6	117	94,4	124	100,0

$\chi^2 = 201.478$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 243.084$ G.L.= 2 $p>0.05$

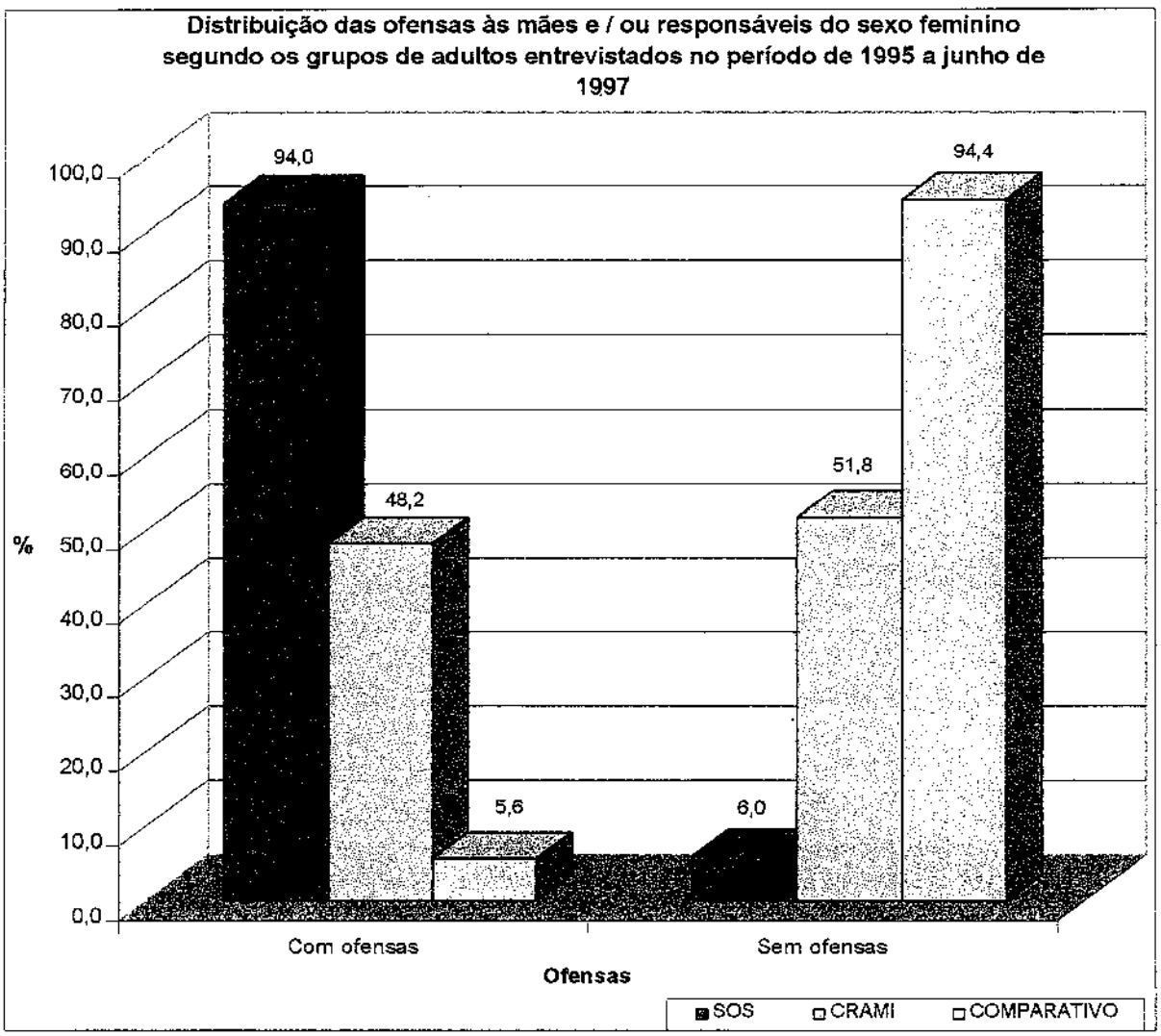


Figura 4.1.4.3a. Representação gráfica das ofensas às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.3b. INFIDELIDADE ÀS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com infidelidade				Sem infidelidade			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	44	32,8	44	32,8	90	67,2	134	100,0
CRAMI	1	3,7	1	3,7	26	96,3	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 52.221$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 62.101$ G.L.= 2 $p>0.05$

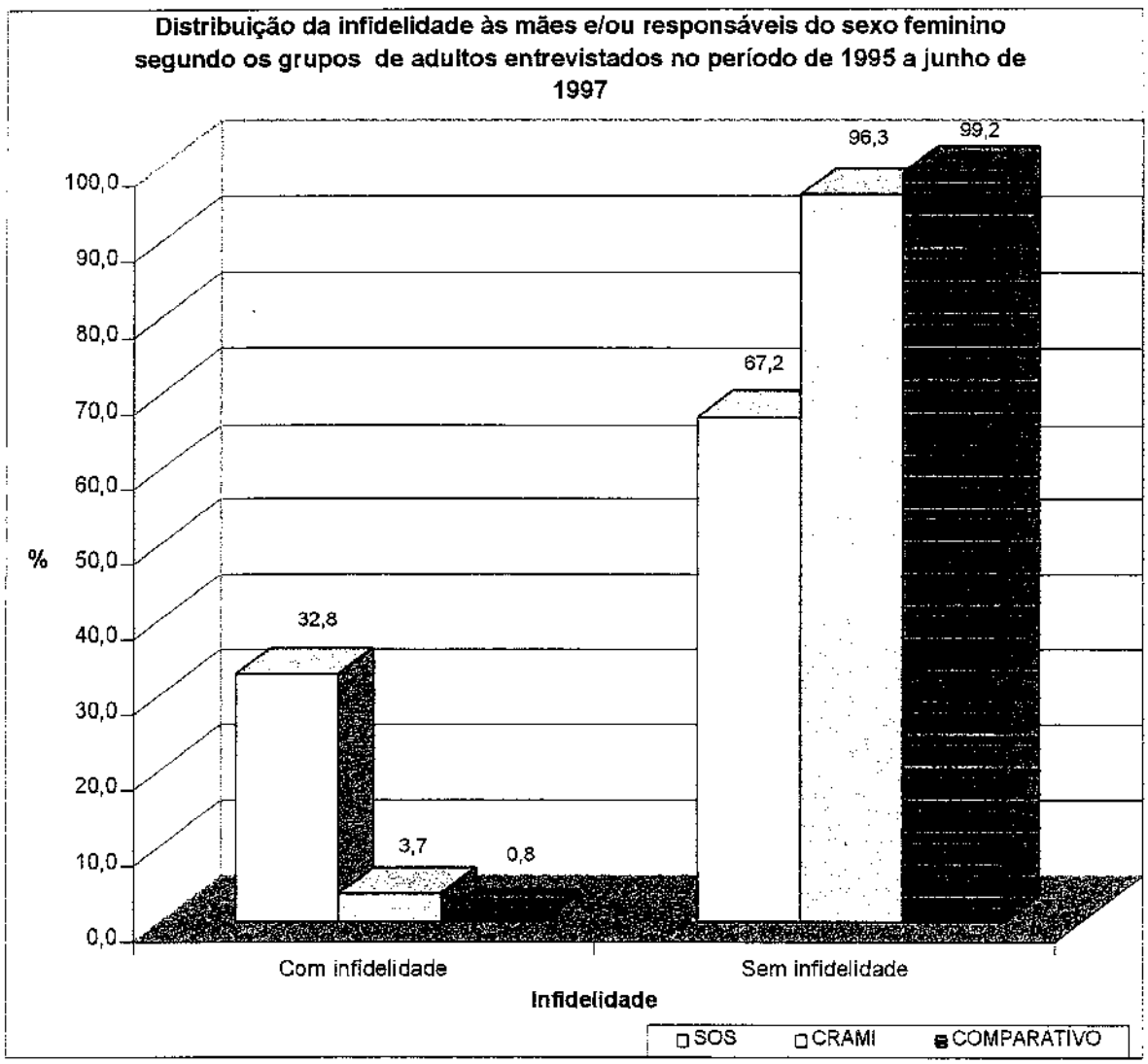


Figura 4.1.4.3b. Representação gráfica da infidelidade às mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.3c. ABANDONO DAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com abandono				Sem abandono			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	45	33,6	45	33,6	89	66,4	134	100,0
CRAMI	4	14,8	4	14,8	23	85,2	27	100,0
COMPARATIVO	2	1,6	2	1,6	122	98,4	124	100,0

$\chi^2 = 44.992$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 53.610$ G.L.= 2 $p>0.05$

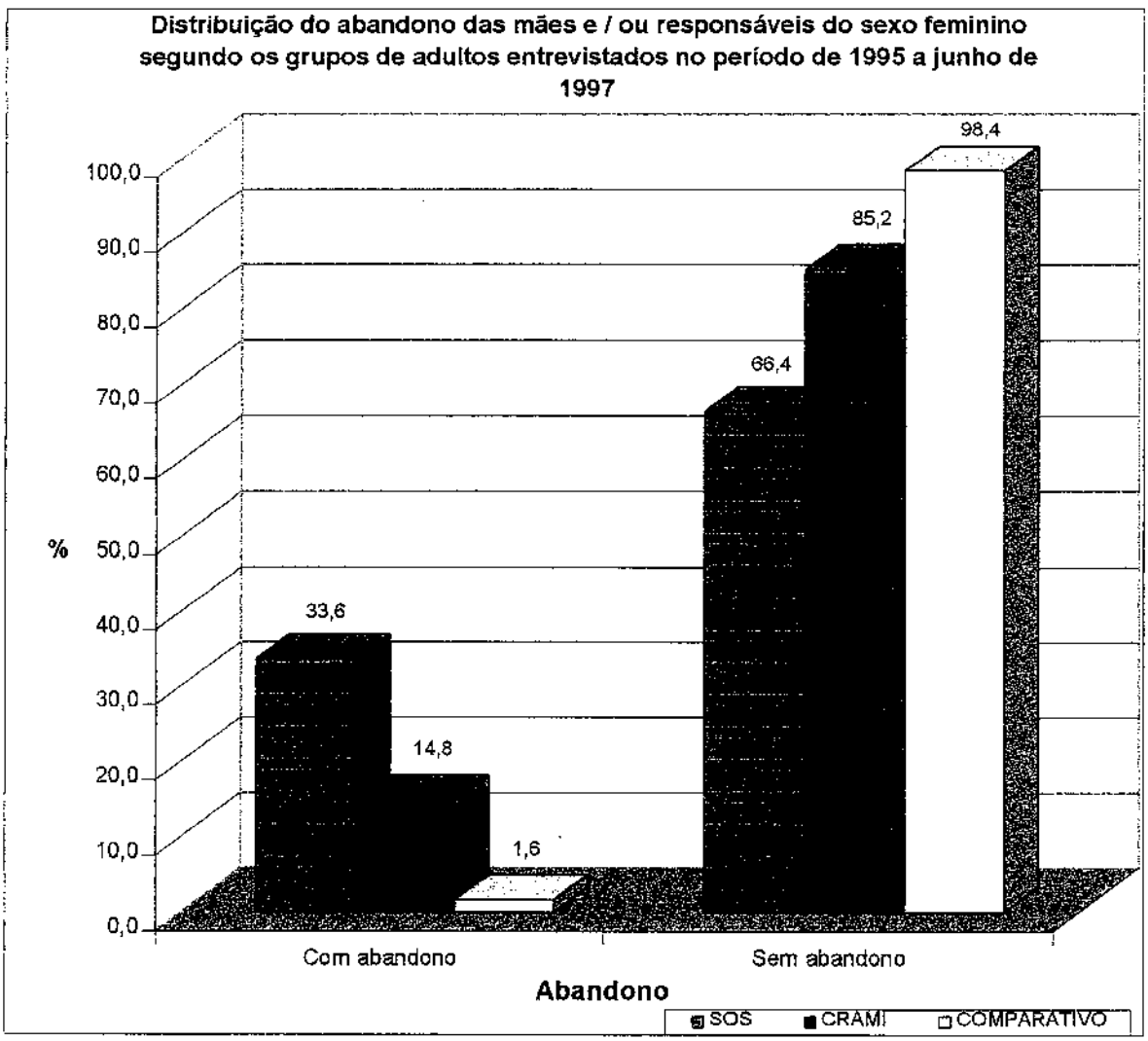


Figura 4.1.4.3c. Representação gráfica do abandono das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.4a. OFENSAS AOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	OFENSAS							
	Com ofensas				Sem ofensas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	1	0,7	1	0,7	133	99,3	134	100,0
CRAMI	5	18,5	5	18,5	22	81,5	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 32.119$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 16.423$ G.L.= 2 $p>0.05$

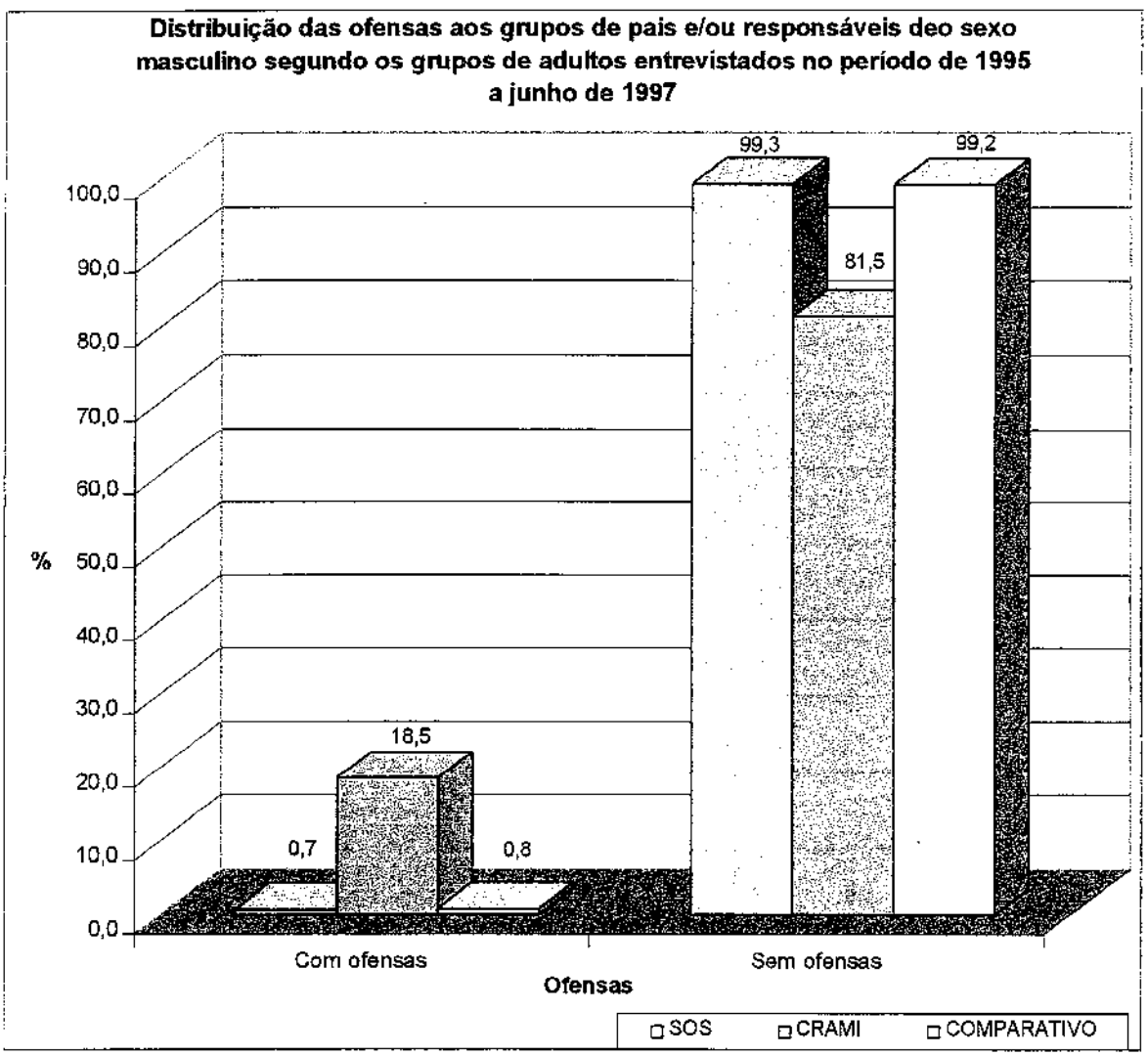


Figura 4.1.4.4a. Representação gráfica das ofensas aos pais e/ouresponsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.4b. INFIDELIDADE AOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	INFIDELIDADE							
	Com infidelidade				Sem infidelidade			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	2	1,5	2	1,5	132	98,5	134	100,0
CRAMI	1	3,7	1	3,7	26	96,3	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 1.359$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.098$ G.L.= 2 $p<0.05$

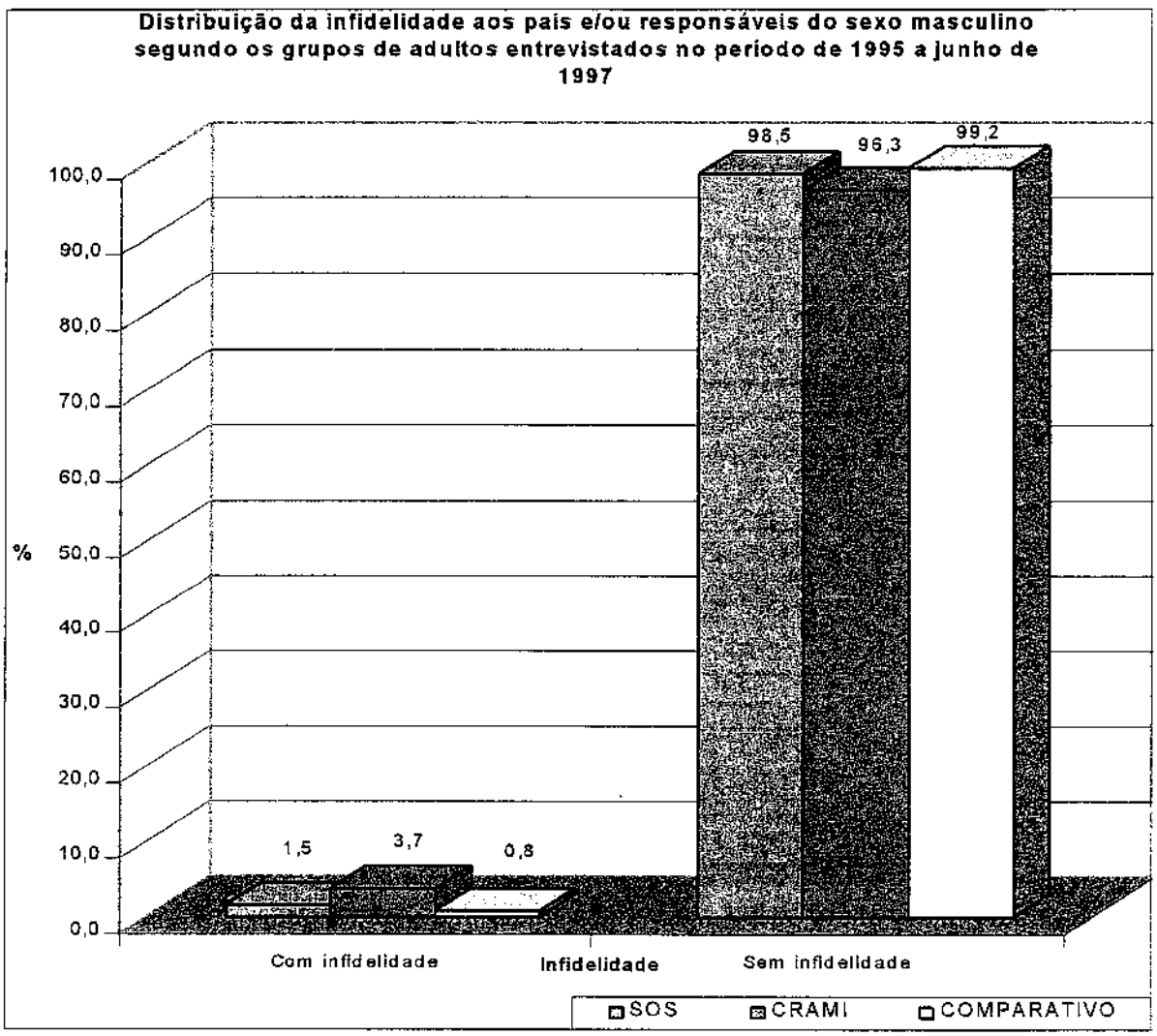


Figura 4.1.4.4b. Representação gráfica das infidelidades aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.4c. ABANDONOS NOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ABANDONO							
	Com abandono				Sem abandono			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	134	100,0	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 1.303$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.669$ G.L.= 2 $p<0.05$

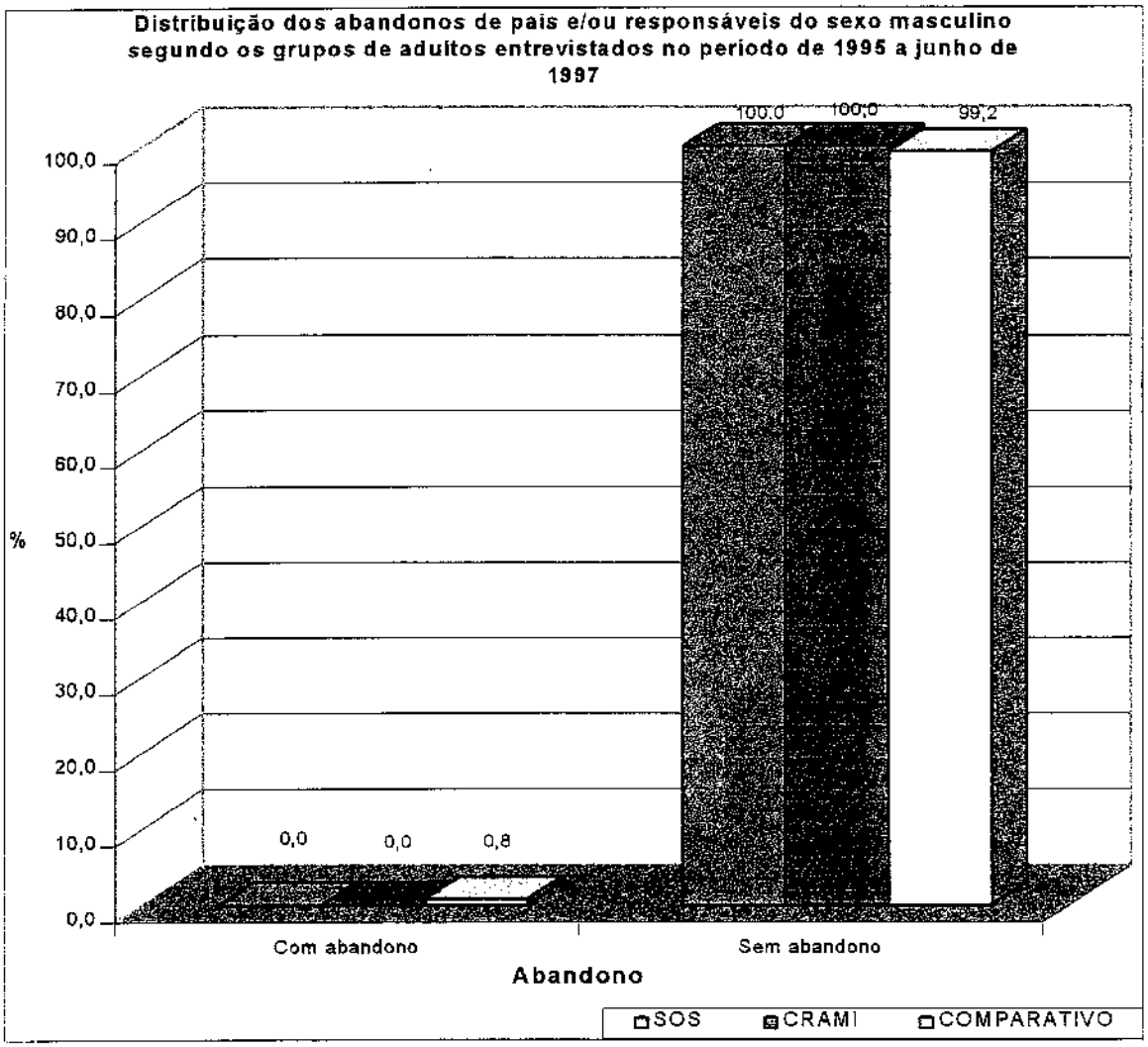


Figura 4.1.4.4c. Representação gráfica dos abandonos dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.5a. INTIMIDAÇÃO ÀS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com intimidação				Sem intimidação			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	104	77,6	104	77,6	30	22,4	134	100,0
CRAMI	6	22,2	6	22,2	21	77,8	27	100,0
COMPARATIVO	3	2,4	3	2,4	121	97,6	124	100,0

$\chi^2 = 155.959$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 183.414$ G.L.= 2 $p>0.05$

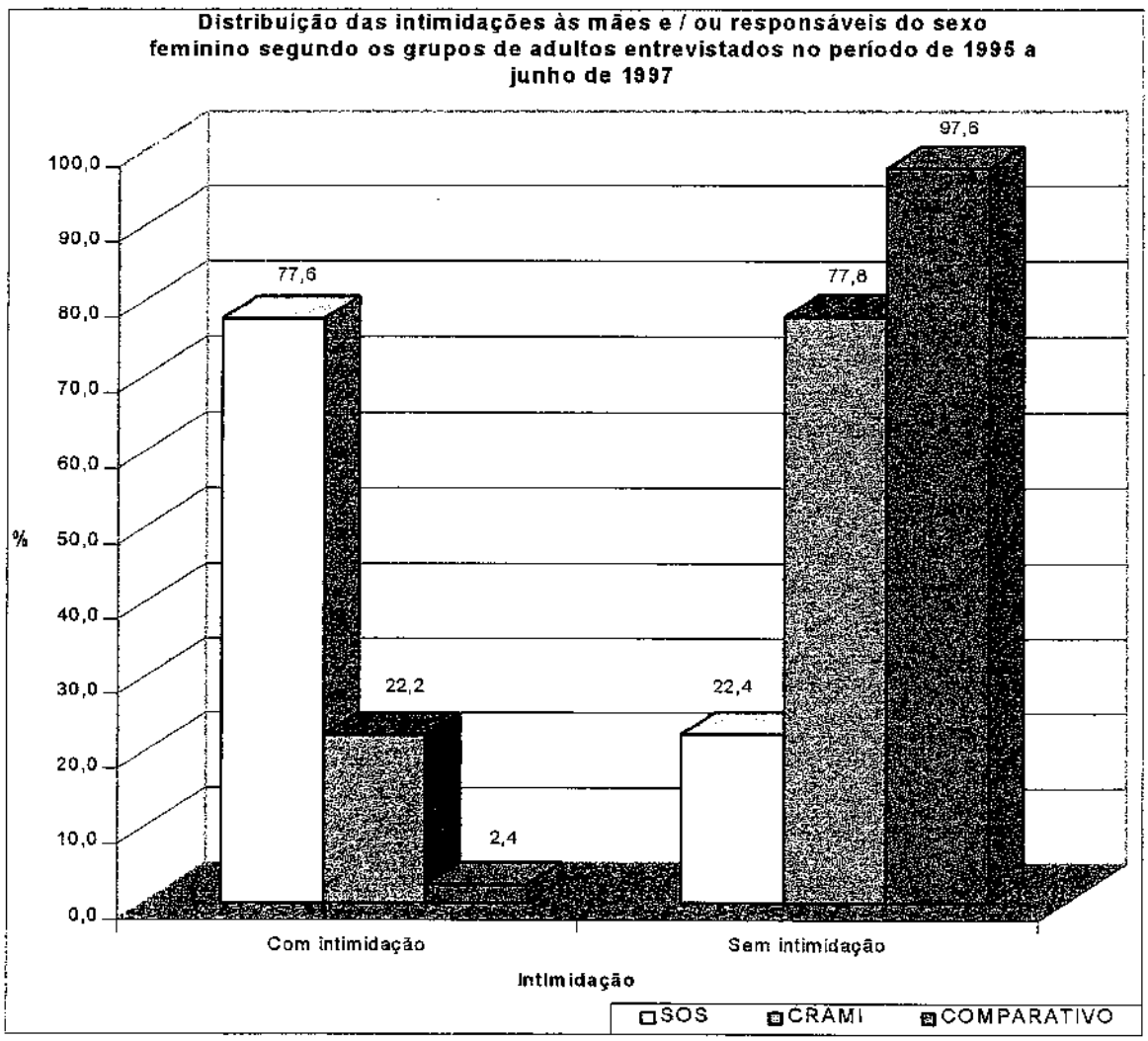


Figura 4.1.4.5a. Representação gráfica das intimidações às mães e/ou responsáveis do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.6b. AMEAÇA DE MORTE ÀS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com ameaça de morte				Sem ameaça de morte			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	71	53,0	71	53,0	63	47,0	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	2	1,6	2	1,6	122	98,4	124	100,0

$\chi^2 = 99.476$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 118.558$ G.L.= 2 $p>0.05$

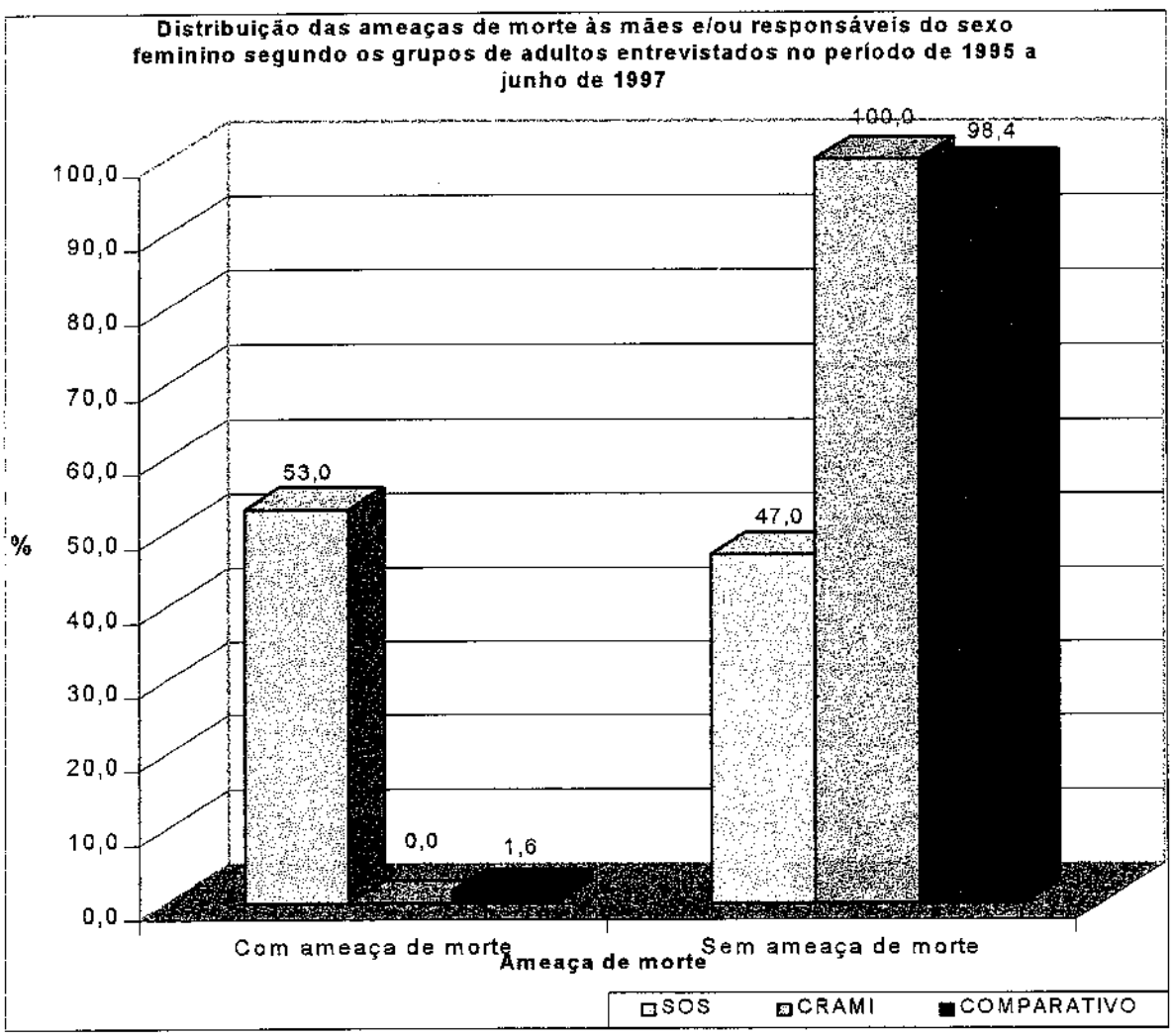


Figura 4.1.4.5b. Representação gráfica das ameaças de morte às mães e/ou responsáveis do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.5c. TENTATIVA DE HOMICÍDIO ÀS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MÃES E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com tentativa de homicídio				Sem tentativa de homicídio			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	10	7,5	10	7,5	124	92,5	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 8.887$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 10.399$ G.L.= 2 $p>0.05$

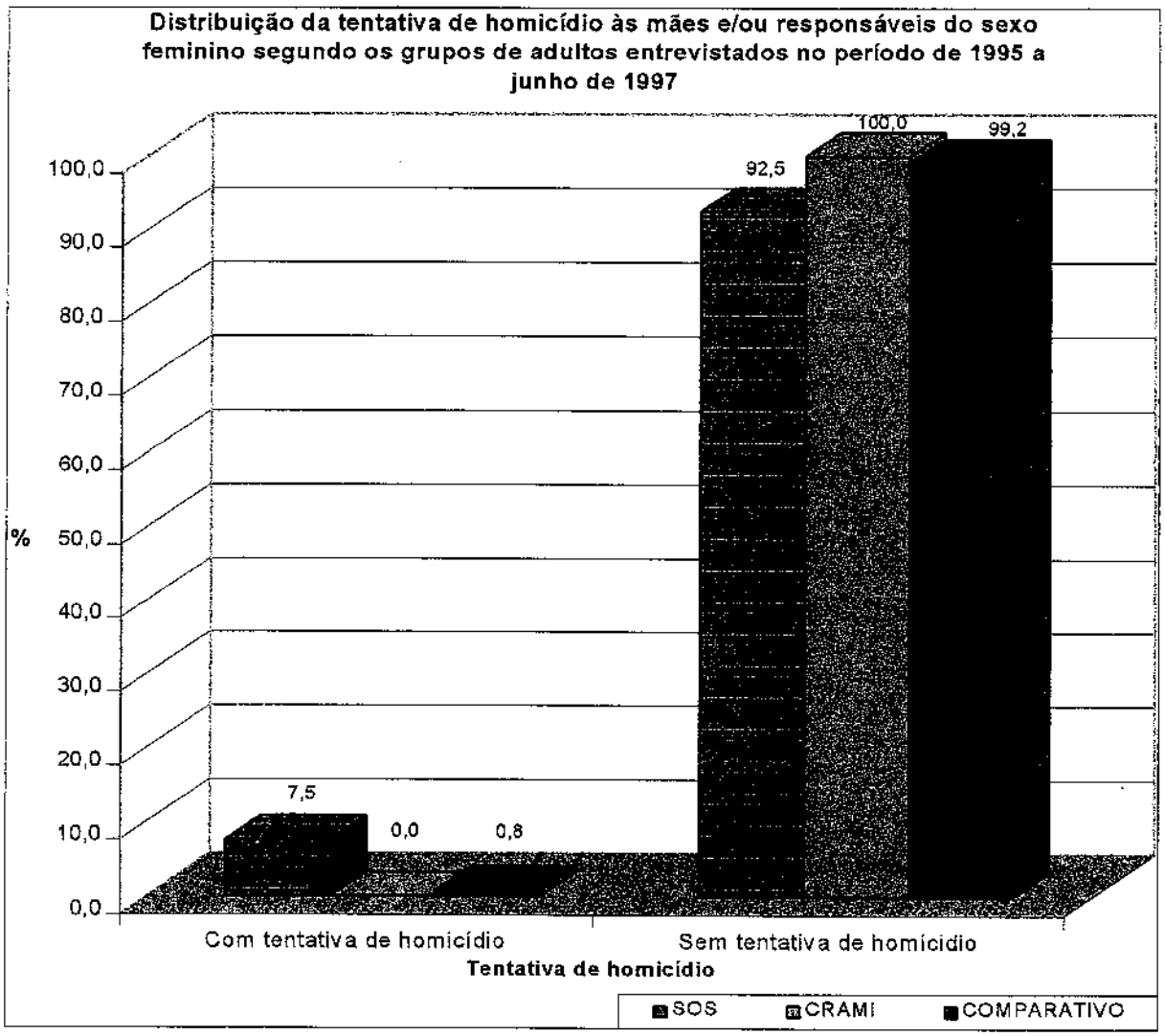


Figura 4.1.4.5c. Representação gráfica da tentativa de homicídio às mães e/ou responsáveis do sexo feminino nos grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.6a. INTIMIDAÇÃO AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PAIS E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com intimidação				Sem intimidação			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	134	100,0	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 1.303$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.669$ G.L.= 2 $p<0.05$

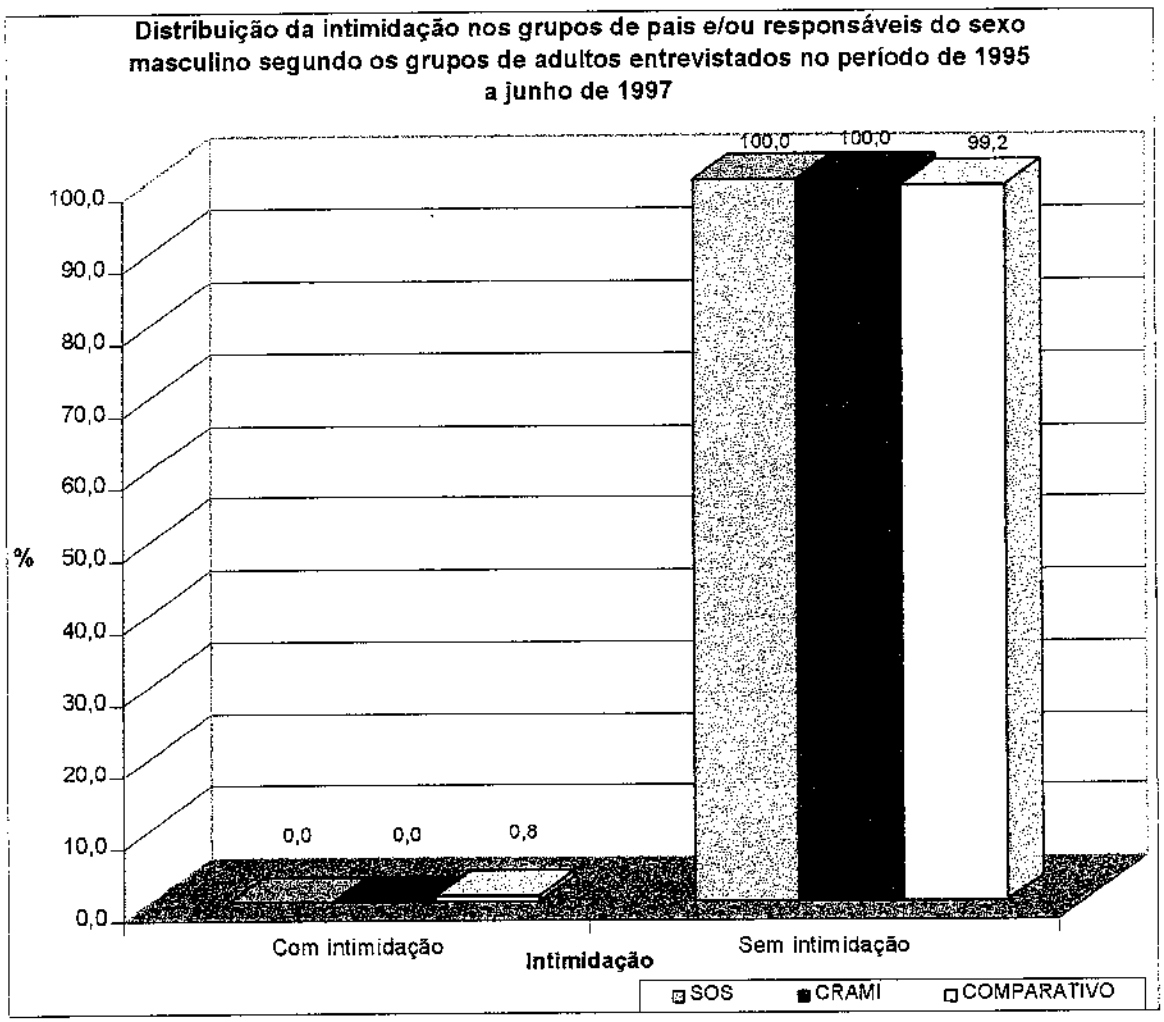


Figura 4.1.4.6a. Representação gráfica das intimidações aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.6b. AMEAÇA DE MORTE AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PAIS E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com ameaça de morte				Sem ameaça de morte			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	134	100,0	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 1.303$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.669$ G.L.= 2 $p<0.05$

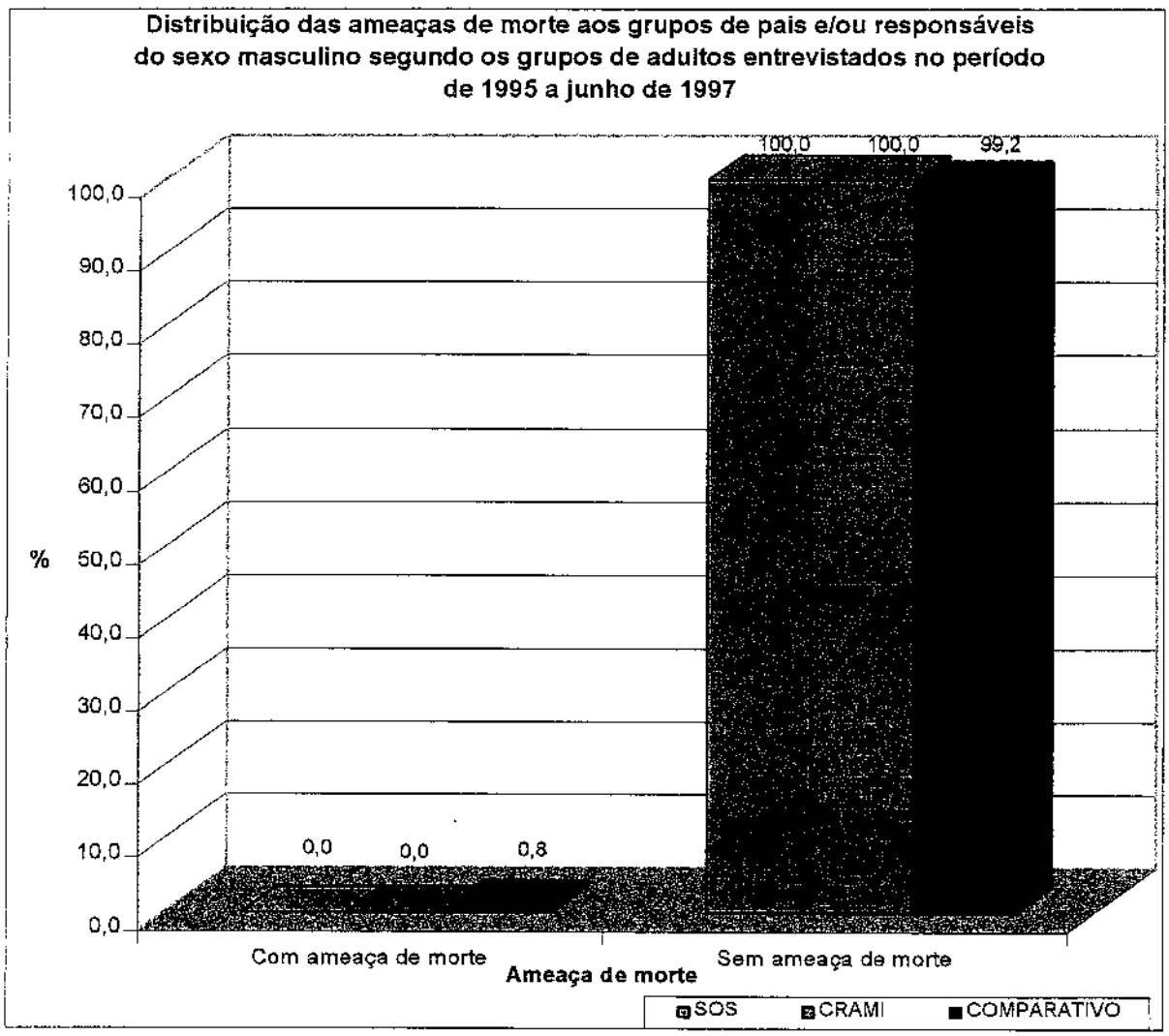


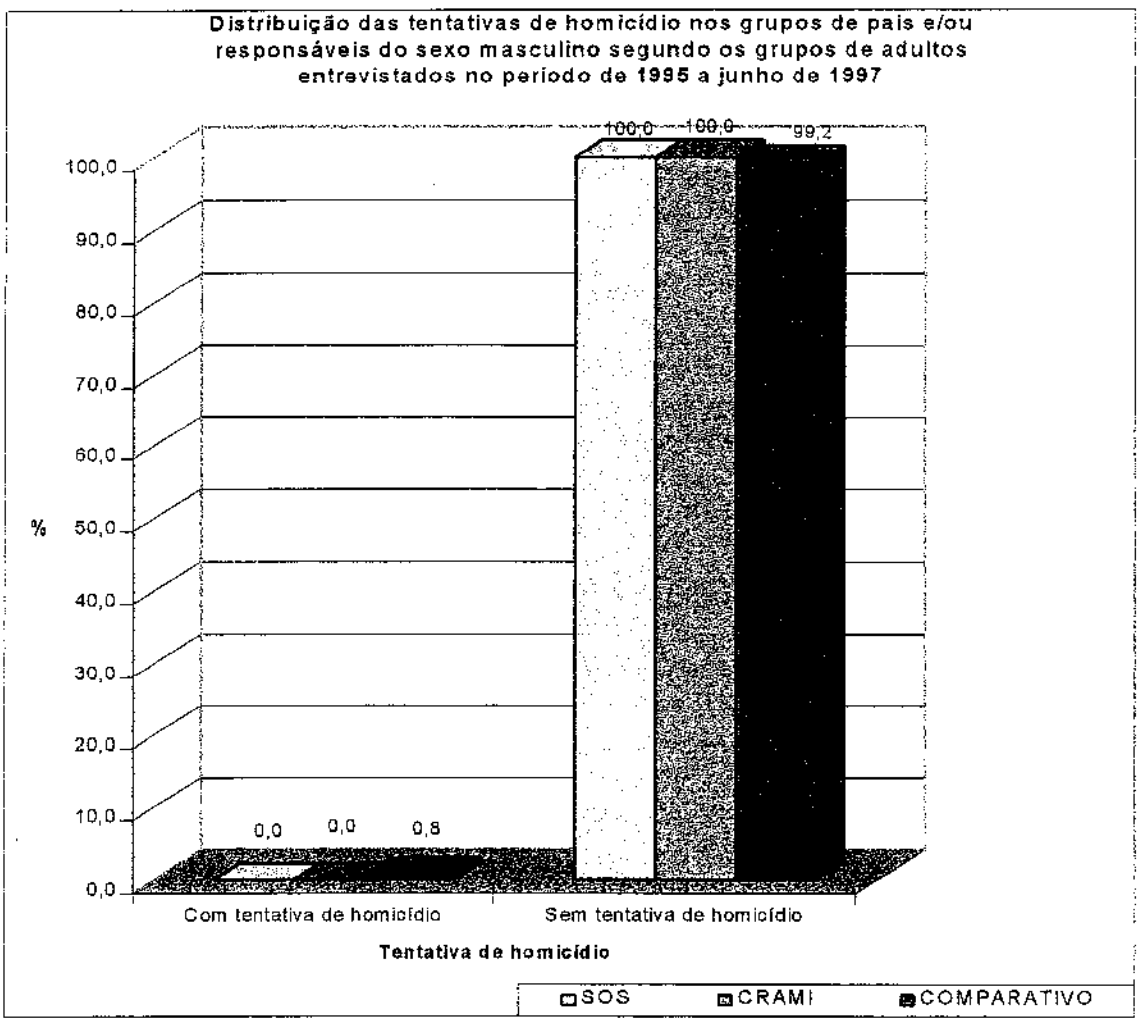
Figura 4.1.4.6b. Representação gráfica das ameaças de morte aos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.6c. TENTATIVA DE HOMICÍDIO AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PAIS E/OU RESPONSÁVEIS							
	Com tentativa de homicídio				Sem tentativa de homicídio			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	134	100,0	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	1	0,8	1	0,8	123	99,2	124	100,0

$\chi^2 = 1.303$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.669$ G.L.= 2 $p<0,05$



gura 4.1.4.6c. Representação gráfica das tentativas de homicídio aos pais e/ou responsáveis do sexo masculi de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.4.7a. PROBLEMAS NA ÁREA DA SEXUALIDADE EM PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PROBLEMAS NA SEXUALIDADE							
	Com problemas sexuais				Sem problemas sexuais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	8	6,0	8	6,0	126	94,0	134	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	27	100,0	27	100,0
COMPARATIVO	2	1,6	2	1,6	122	98,4	124	100,0

$\chi^2 = 4.696$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 5.560$ G.L.= 2 $p<0.05$

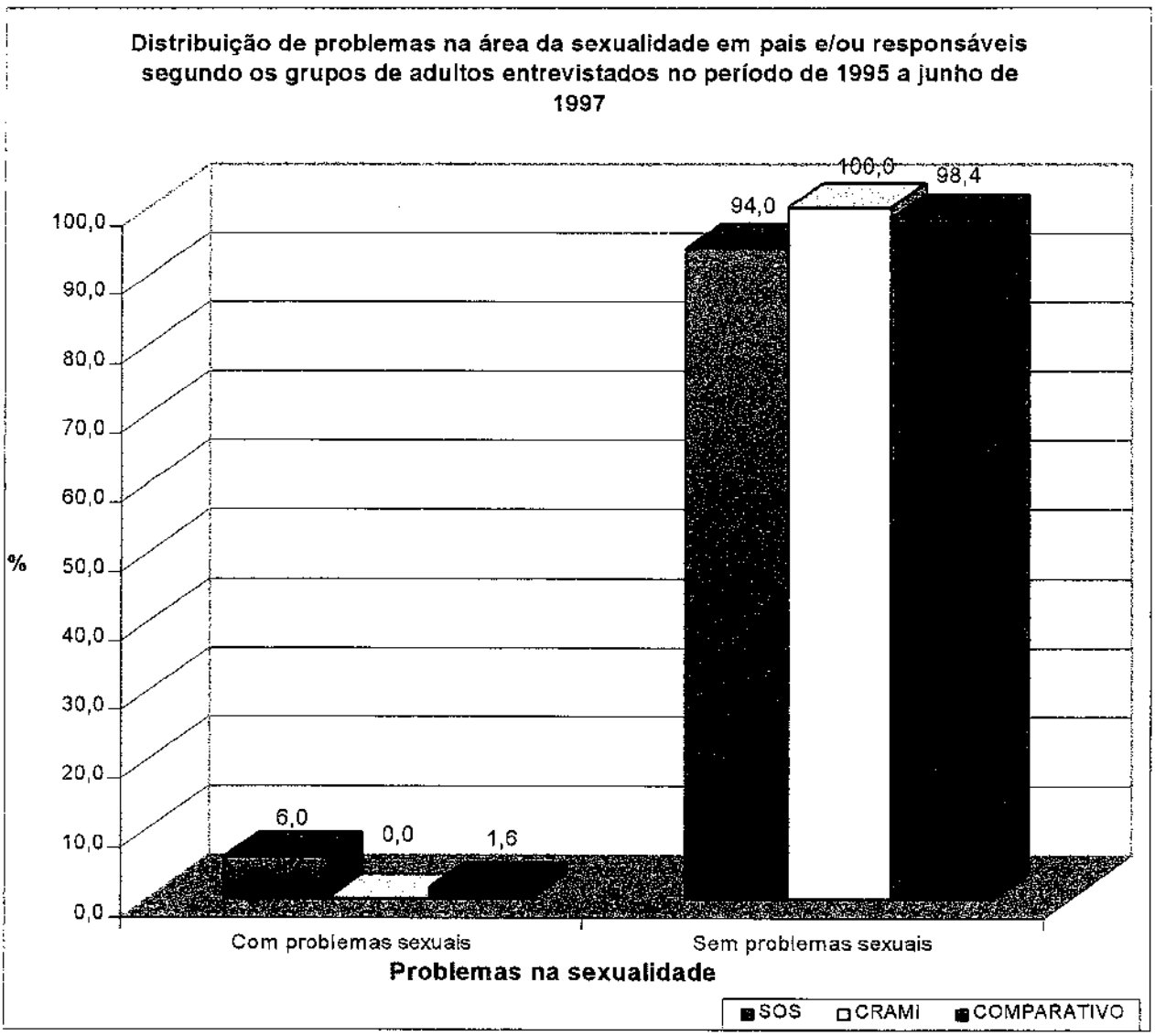


Figura 4.1.4.7a. Representação gráfica de problemas na área da sexualidade em pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.4.7b. PROBLEMAS NA ÁREA DA SEXUALIDADE EM PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PROBLEMAS NA SEXUALIDADE							
	Pais e/ou Responsáveis				Mães e/ou Responsáveis			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	7	87,5	7	87,5	1	12,5	8	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	1	50,0	1	50,0	1	50,0	2	100,0

$\chi^2 = 1.406$ G.L.= 1 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.207$ G.L.= 1 $p<0.05$

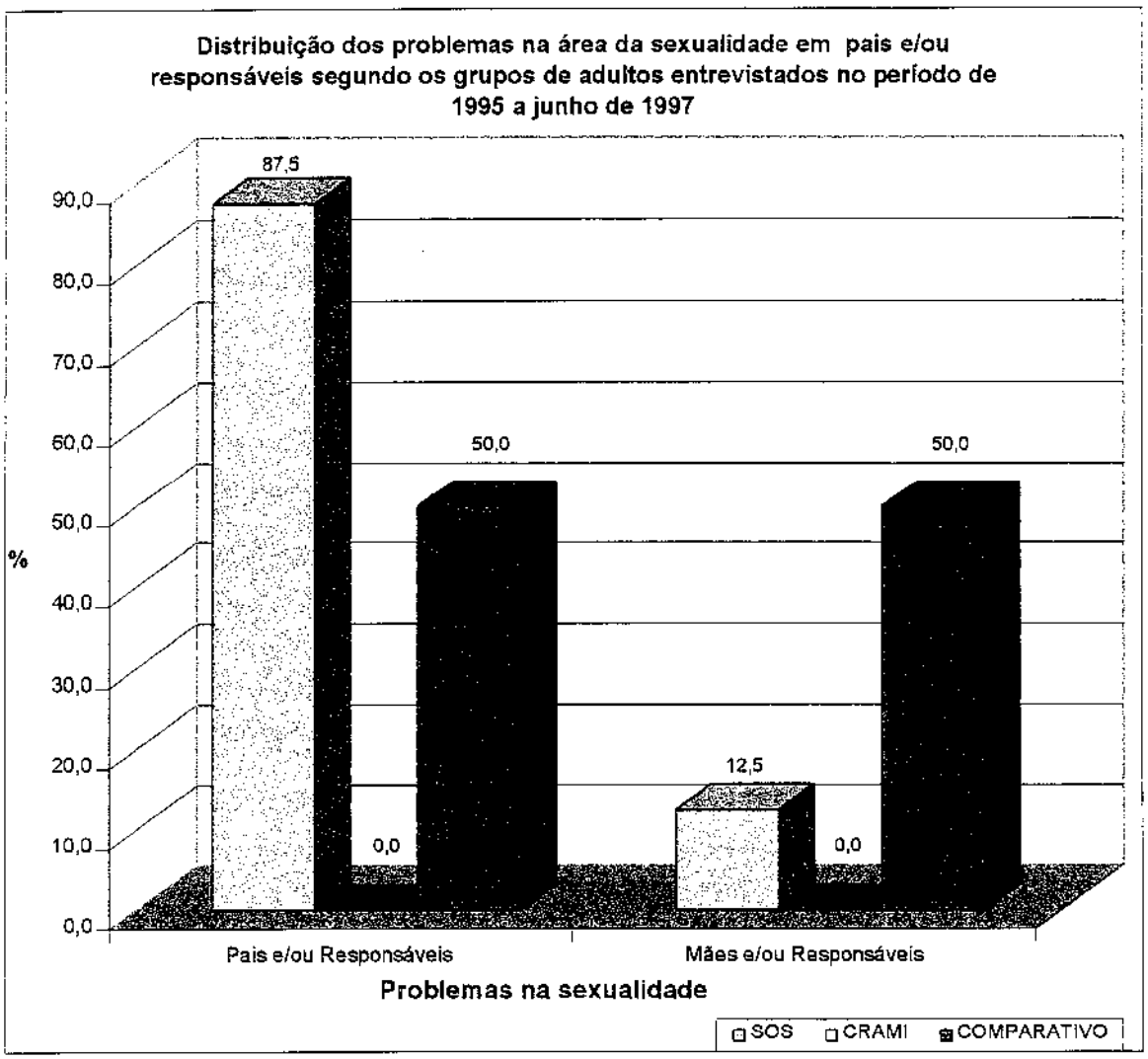


Figura 4.1.4.7b.. Representação gráfica dos problemas na área da sexualidade em pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

4.1.5. - Famílias de origem (Tabelas e gráficos 4.1.5.1. a 4.1.5.4.)

Para WINNICOTT (1989), a família constitui um grupo, cuja estrutura relaciona-se com a estrutura da personalidade do indivíduo. A adaptação da criança ao seu ambiente e a progressiva diferenciação de sua personalidade é um processo biopsicossocial (ACKERMAN, 1986).

A socialização da criança reflete a personalidade dos pais e as relações interpessoais típicas do grupo familiar. A interação mãe - filho pode ser avaliada na estrutura psicossocial da unidade mais ampla, a família. As influências culturais, inicialmente, são transmitidas às crianças por intermédio das atitudes dos pais, como mensageiros culturais. Segundo ACKERMAN (1986), a família é a agência psíquica da sociedade, o berço da personalidade.

Os abusos, durante a infância, aumentam os riscos da criança vir a tornar-se um pai abusivo. KAUFMAN & ZIGLER (1987), GELLES & STRAUS (1979), KAPLAN (1996) sugerem, em uma revisão crítica sobre violência, que aproximadamente 1/3 das pessoas que sofreram abusos físicos e (ou) sexuais, ou foram negligenciadas, maltratavam suas famílias. É importante acrescentar que este risco foi reduzido pela presença de alguns fatores, tais como, um dos pais como figura acolhedora e de suporte na infância, uma relação conjugal equilibrada e menos eventos estressantes durante a vida adulta.

Quando analisamos a violência familiar, segundo CORSI (1994), devemos considerar todos os elementos estruturais da família e os padrões de interação familiar, assim como as histórias pessoais dos seus membros. Os antecedentes que emergem das histórias pessoais daqueles envolvidos em relações violentas mostram uma percentagem alta de contextos violentos nas famílias de origem (CORSI, 1994). Os homens violentos em seus lares podem ter sido crianças maltratadas ou, ao menos, testemunhas da violência do pai contra sua mãe. As mulheres maltratadas também têm histórias de maus tratos na infância.

A violência na família de origem tem servido de modelo para a resolução de conflitos interpessoais e tem estabelecido uma certa normalização da violência. A recorrência desta conduta violenta, ao longo da vida, tem se convertido em algo tão banal, a tal ponto que algumas mulheres não são conscientes dos maus tratos que sofrem e muitos homens não compreendem quando lhes falam que a sua conduta está causando danos.

Os modelos violentos nas famílias de origem têm efeitos cruzados, quando levamos em conta a variável gênero. Os homens identificam-se com o agressor, incorporando, ativamente, em suas condutas, o que sofreram passivamente, muitas vezes. As mulheres, em troca, apresentam uma verdadeira aprendizagem da 'indefesa', que as coloca com mais freqüência, no lugar de quem é vítima de maus-tratos, nas sucessivas estruturas familiares.

CORSI (1994) afirma que há um fator comum a quem sofreu situações de violência na infância, seja homem ou mulher: a baixa auto-estima. Esta, por razões da socialização de gênero, se manifesta de maneira diferente, segundo o sexo: nas mulheres, aumenta o sentimento de indefesa e de culpabilidade; nos homens, ativa mecanismos de supercompensação, que os levam a estruturar uma imagem externa 'dura'.

As variáveis que foram estabelecidas, nas entrevistas com os grupos de adultos, em relação às suas famílias de origem, foram: violência doméstica (qualquer tipo) e a síndrome de dependência alcoólica. Para as mães e (ou) responsáveis do grupo Crami (Tabela e gráfico 4.1.5.1a.), esta situação,ocorreu em sua vida numa percentagem de 68,2%, a mais alta entre os grupos (SOS – 36,4%; comparativo – 29,4%). Contrastando, a variável dependência alcoólica (Tabela e gráfico 4.1.5.1b.), neste grupo, foi a que obteve menor valor percentual, 4,5% (SOS – 25,8%; comparativo – 16,0%).

Podemos sugerir que, neste grupo (Crami), os índices altos de dependência alcoólica não acompanham a violência doméstica, confirmando,como cita SOARES (1993), que é impróprio fazer associações diretas entre estas duas variáveis. A bebida, em alguns casos, pode funcionar, tanto como agravante, como atenuante de uma situação.

A análise estatística destas variáveis, nos grupos da pesquisa, apresentaram diferenças ($p > 0.05$), nos resultados, ao aplicarmos o teste do χ^2.

Quanto aos grupos de pais e (ou) responsáveis (Tabela e gráfico 4.1.5.2a. e 4.1.5.2b.) vamos notar mudanças, não só na distribuição da freqüência, mas também nas incidências dos diferentes grupos. O grupo SOS foi o que apresentou índice mais elevado de violência doméstica (46,2%), enquanto os outros grupos, apresentaram resultados bem inferiores a este (Crami - 14,3%; comparativo - 3,4%).

Em contrapartida, o grupo comparativo apresentou o resultado mais elevado na síndrome de dependência alcoólica (24,8%), nos pais e (ou) responsáveis dos três grupos entrevistados (SOS - 17,4%; CRAMI - 4,8%). Analisando os resultados, neste item, os grupos de mães e (ou) responsáveis apresentaram as freqüências mais altas nas duas variáveis estudadas. O grupo que apresentou o maior percentual, na situação de violência doméstica, foi o Crami (68,2%); e na dependência alcoólica, o resultado mais alto foi o do SOS (25,8%).

Verificamos, na análise dos resultados, na variável violência doméstica, uma diferença significativa ($p > 0.05$), nas respostas dos grupos, no teste do χ^2. Quanto à situação de dependência alcoólica (tabela e gráfico 4.1.5.2b.), se considerarmos apenas o teste do χ^2, teremos uma análise dos resultados semelhante ($p < 0.05$); no entanto, ao observamos a razão de verossimilhança (G^2) do χ^2, teremos uma diferença pouco significativa ($p > 0.05$), nos resultados.

Nos tipos de violência doméstica sofrida pelos pais e (ou) responsáveis dos grupos entrevistados (Tabela e gráfico 4.1.5.3.) observamos incidência alta de violência física, em todos os grupos entrevistados (SOS - 45,9%; Crami - 66,7%; COMPARATIVO - 66,7%). A violência psicológica também foi encontrada com um percentual expressivo para todas as amostras (SOS – 29,3%; Crami – 22,2%; comparativo – 20,5%).

As negligências foram marcadas, muito mais pelo abandono, do que pelos descuidos ou pouco zelo (SOS – 10,1%; Crami – 5,5%; comparativo – 12,8%). Algumas mães sofreram duplos abandonos, isto é, viveram afastadas de sua mãe e do seu pai, sendo criadas por pessoas estranhas.

Entre os grupos do estudo, o que teve menor incidência na área de violência sexual foi o Crami (5,5%). O grupo SOS, nesta variável, foi o que apresentou o índice mais alto (14,7%). Em dois casos de violência sexual, as mães foram abusadas por seus pais e reviviam com sofrimento e indignação, esta situação com suas filhas.

Como na tabela e gráfico 4.1.5.2b., se considerarmos apenas o teste do χ^2, teremos uma análise dos resultados semelhante ($p < 0.05$); no entanto, ao observamos a razão de verossimilhança (G^2) do χ^2, teremos uma diferença pouco significativa ($p > 0.05$), nos resultados.

Na tabela e gráfico 4.1.5.4., apresentamos os agressores das famílias de origem dos grupos de pais e (ou) responsáveis pelas crianças e adolescentes entrevistados. Notamos que o 'pai' e 'os pais' foram os agressores mais freqüentes nas vidas destes indivíduos (pai- SOS - 36,7%; Crami - 55,6%; comparativo - 47,7% e pais- SOS - 21,1%; Crami - 22,2%; comparativo - 47,7%).

Estes resultados confirmam as afirmações de CORSI (1994) de que os pais, do sexo masculino, que sofreram violência doméstica na infância, parecem fazer uma identificação com o agressor nas suas vidas adultas. Alguns pais entrevistados, do grupo Crami, respondiam com indignação, como por exemplo: *Essa coisa de pai não poder bater nos filhos, não sei onde vai parar. Filho tem de respeitar o pai. Eu sempre apanhei do meu pai e respeitei ele. E com meus filhos, faço o mesmo* (Caso 13 – CRAMI).

A variável 'Outros', também apresentou uma freqüência significativa no grupo SOS (17,4%). A definição de 'outros' refere-se aos cuidadores substitutos dos pais, seja por abandono, negligência, ou por motivo de trabalho.

Os resultados encontrados, em nosso trabalho, parecem confirmar que o comportamento dos adultos, dos grupos em estudo, em sua maior incidência, estava associado à própria infância. Estes pais e (ou) responsáveis estavam criando as crianças e os adolescentes do mesmo modo que foram criados. Muitos pareciam imaturos e bastante limitados na compreensão e tolerância do comportamento destes.

Muitos pais e (ou) responsáveis, durante a entrevista, queixaram-se da infância conturbada, do excesso de exigências dos pais, da falta de carinho, das agressões, das dificuldades na família, rigidez das regras e comportamentos e falta de interesse de seus pais pelo bem-estar dos filhos. Estes relatos foram confirmados por outros trabalhos na área que apresentaram esta situação como destaque (CASTILLO et al., 1988; MEYER, 1988; CARSWELL, 1990; PASSOS, 1994; MONTEIRO *et al.*, 1995; MATEOS, 1995; SANTOS, 1995; WILSON *et al.*, 1996; AZEVEDO & GUERRA, 1997; QASEM *et al.*, 1998; HARMER *et al.*, 1999).

TABELA 4.1.5.1a. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS FAMÍLIAS DE ORIGEM DAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO DOS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	FAMÍLIAS DE ORIGEM							
	Com violência doméstica				Sem violência doméstica			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	48	36,4	48	36,4	84	63,6	132	100,0
CRAMI	15	68,2	15	68,2	7	31,8	22	100,0
COMPARATIVO	35	29,4	35	29,4	84	70,6	119	100,0

$\chi^2 = 12.153$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 11.694$ G.L.= 2 $p>0.05$

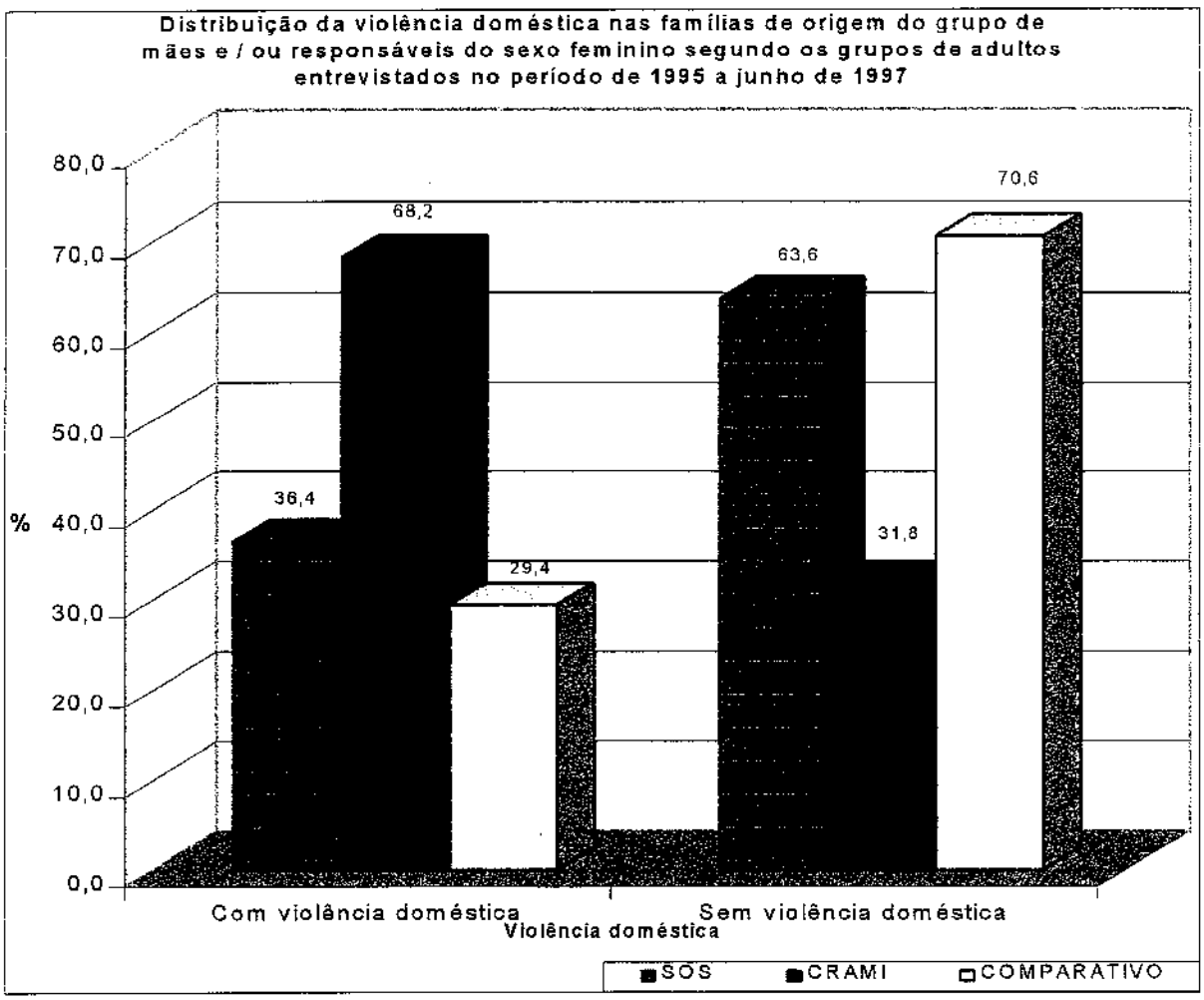


Figura 4.1.5.1a. Representação gráfica da violência doméstica nas famílias de origem das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.5.1b. SÍNDROME DE DEPENDÊNCIA ALCOÓLICA NAS FAMÍLIAS DE ORIGEM DAS MÃES E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO FEMININO NOS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	DEPENDÊNCIA ALCOÓLICA							
	Com síndrome de dependência alcoólica				Sem síndrome de dependência alcoólica			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	34	25,8	34	25,8	98	74,2	132	100,0
CRAMI	1	4,5	1	4,5	21	95,5	22	100,0
COMPARATIVO	19	16,0	19	16,0	100	84,0	119	100,0

$\chi^2 = 7.281$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 8.290$ G.L.= 2 $p>0.05$

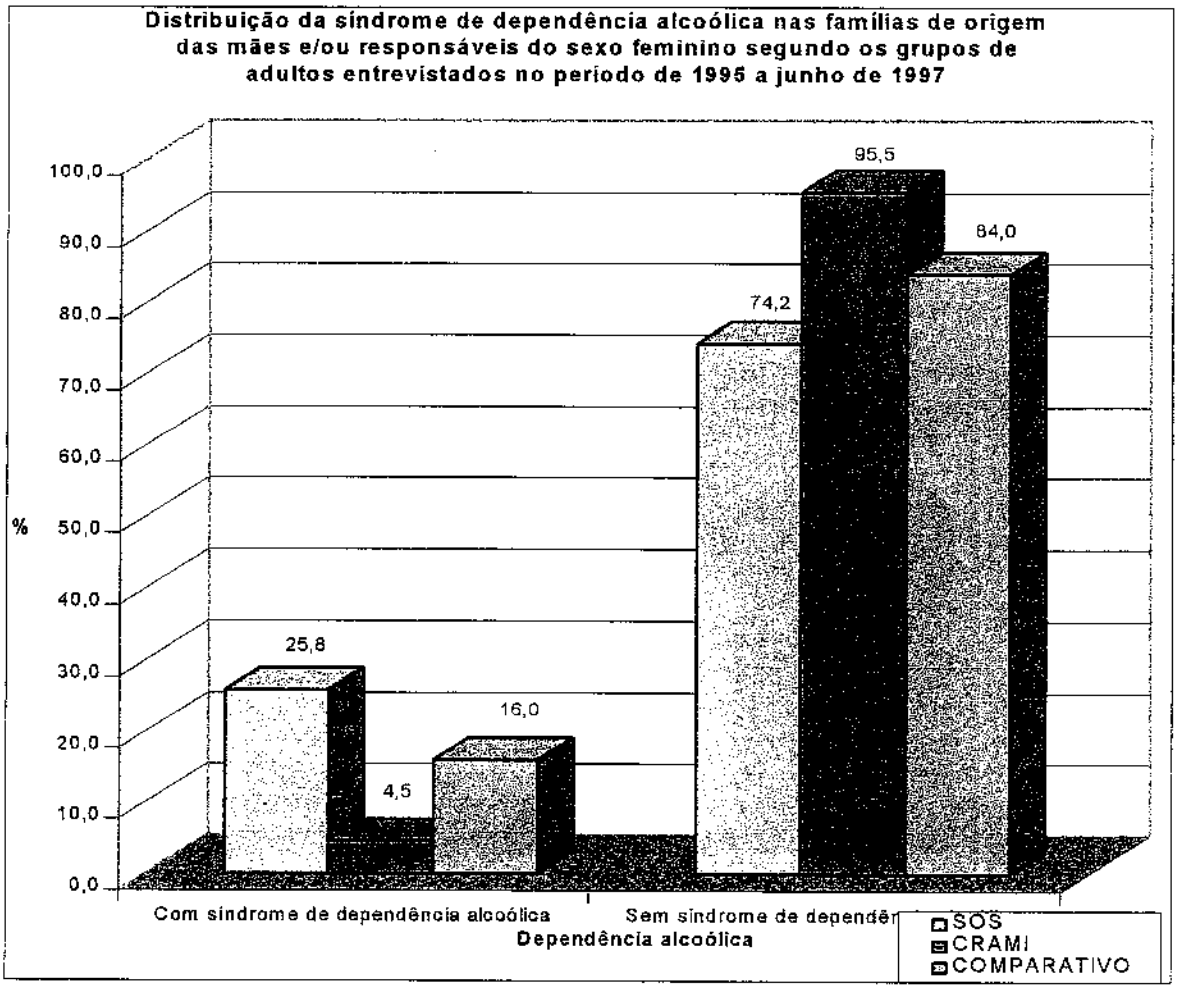


Figura 4.1.5.1b. Representação gráfica da síndrome de dependência alcoólica nas famílias de origem das mães e/ou responsáveis do sexo feminino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.5.2a. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS FAMÍLIAS DE ORIGEM DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	FAMÍLIAS DE ORIGEM							
	Com violência doméstica				Sem violência doméstica			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	61	46,2	61	46,2	71	53,8	132	100,0
CRAMI	3	14,3	3	14,3	18	85,7	21	100,0
COMPARATIVO	4	3,4	4	3,4	113	96,6	117	100,0

$\chi^2 = 61.717$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 70.429$ G.L.= 2 $p>0.05$

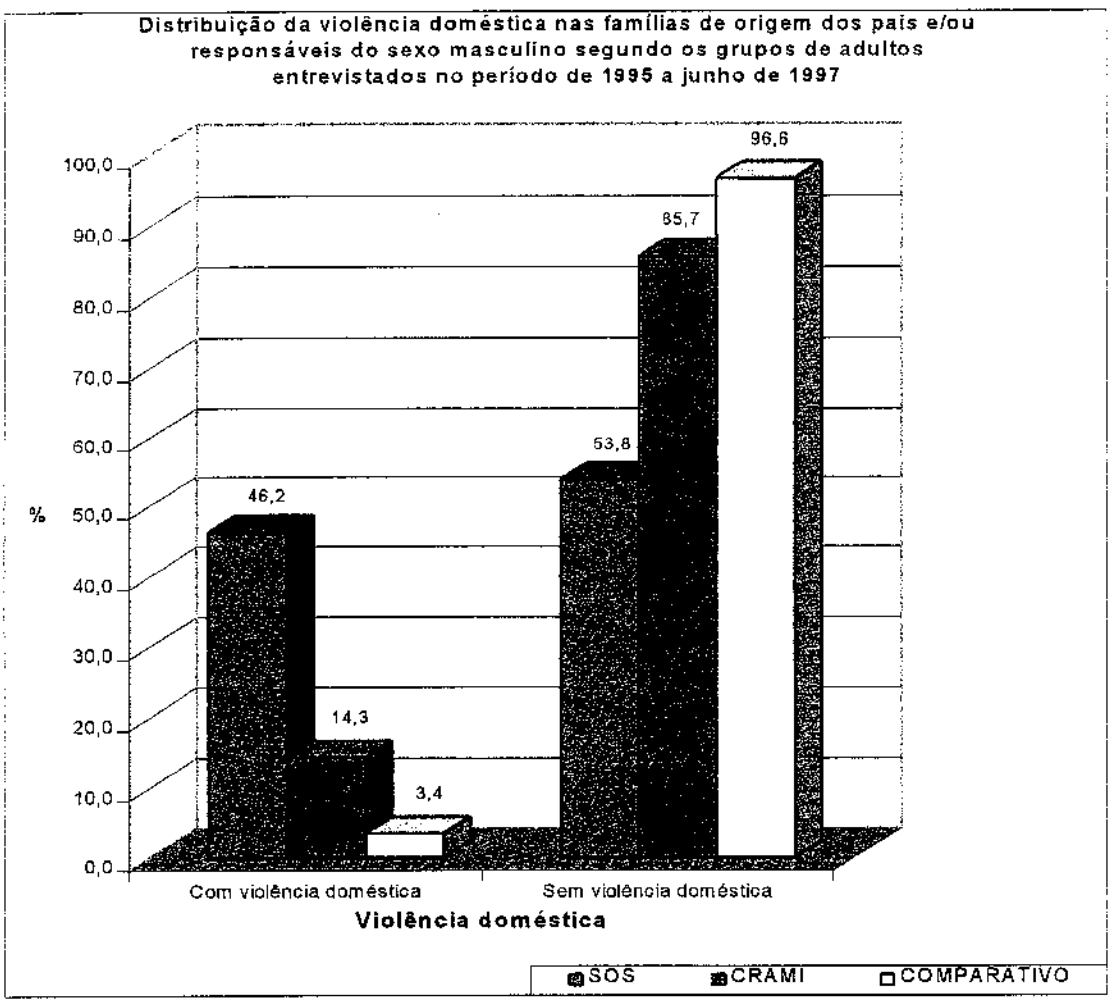


Figura 4.1.5.2a. Representação gráfica da violência doméstica nas famílias de origem dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.5.2b. SÍNDROME DE DEPENDÊNCIA ALCOÓLICA NAS FAMÍLIAS DE ORIGEM DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	FAMÍLIAS DE ORIGEM							
	Com dependência alcoólica				Sem dependência alcoólica			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	23	17,4	23	17,4	109	82,6	132	100,0
CRAMI	1	4,8	1	4,8	20	95,2	21	100,0
COMPARATIVO	29	24,8	29	24,8	88	75,2	117	100,0

$\chi^2 = 5.321$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2 (G^2) = 6.233$ G.L.= 2 $p>0.05$

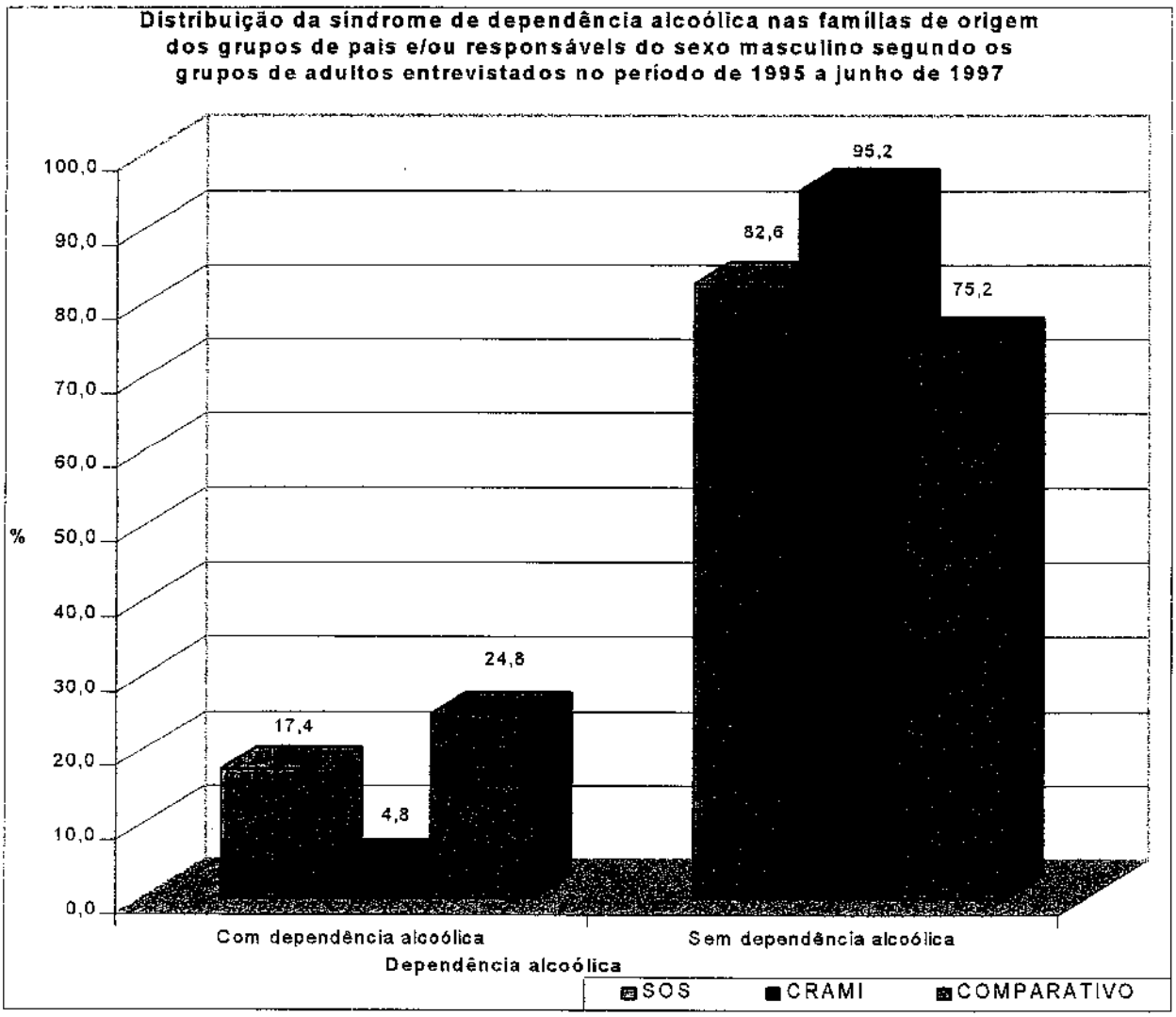


Figura 4.1.5.2b. Representação gráfica da dependência alcoólica nas famílias de origem dos pais e/ou responsáveis do sexo masculino de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.5.3. TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOFRIDA NA INFÂNCIA E/OU ADOLESCÊNCIA PELOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DOS GRUPOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA															
	Física				Psicológica				Negligência				Sexual			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	50	45,9	50	45,9	32	29,3	82	75,2	11	10,1	93	85,3	16	14,7	109	100,0
CRAMI	12	66,7	12	66,7	4	22,2	16	88,9	1	5,5	17	94,4	1	5,5	18	100,0
COMPARATIVO	26	66,7	26	66,7	8	20,5	34	87,2	5	12,8	39	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 11.158$ G.L.= 6 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 14.977$ G.L.= 6 $p>0.05$

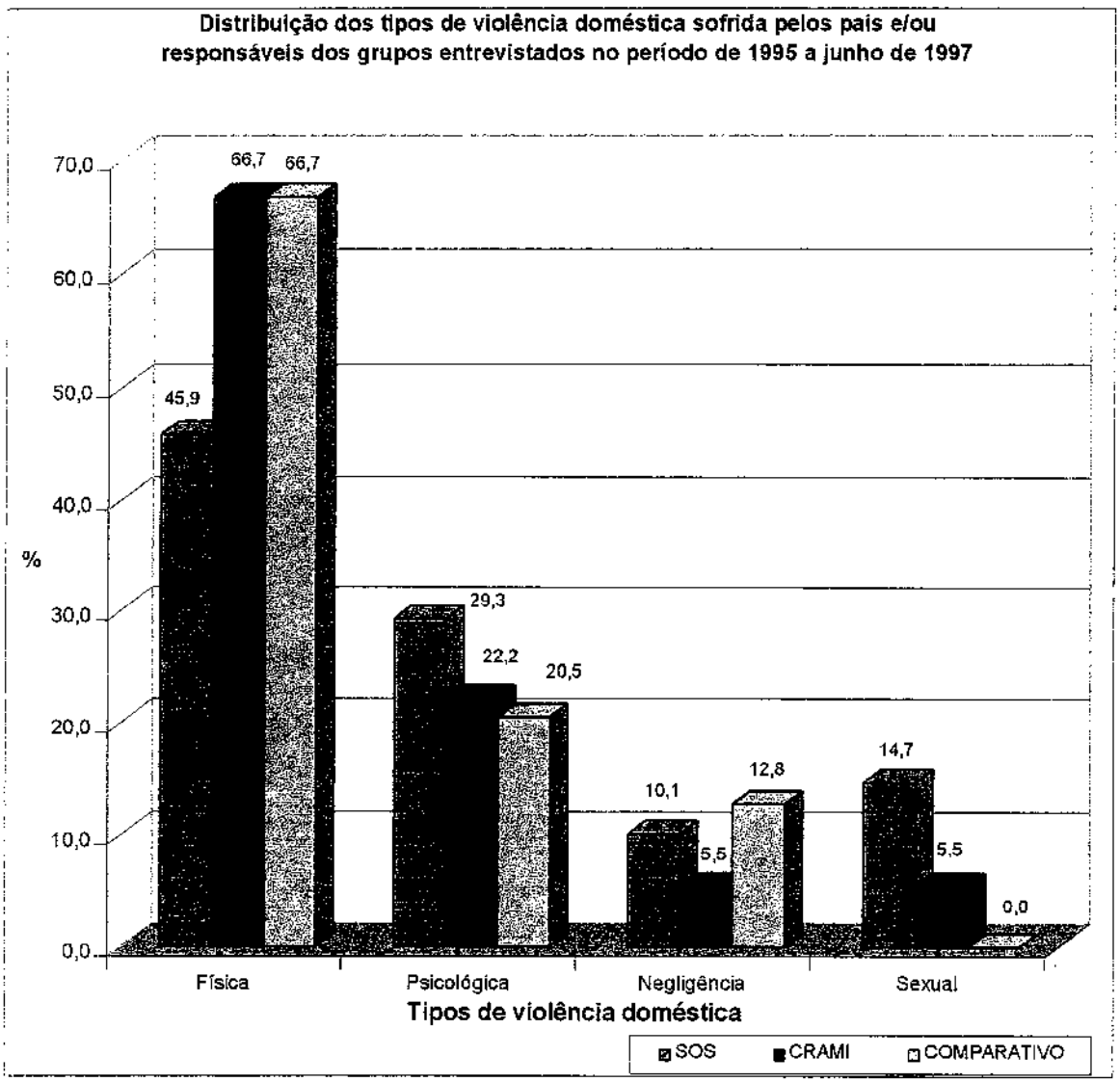


Figura 4.1.5.3. Representação gráfica dos tipos de violência doméstica sofridos na infância e/ ou adolescência pelos pais e/ou responsáveis dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.5.4. FAMILIARES AGRESSORES NA INFÂNCIA E/OU ADOLESCÊNCIA DOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS DE PAIS E/OU RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AGRESSORES																							
	Pai				Mãe				Pais				Padrasto/ Madrasta				Mãe/ Padrasto				Outros			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	40	36,7	40	36,7	14	12,8	54	49,5	23	21,1	77	70,6	0	0,0	0	0,0	13	11,9	90	82,5	19	17,4	109	100,0
CRAMI	10	55,6	10	55,6	4	22,2	14	77,8	4	22,2	18	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	18	47,7	18	47,7	2	4,6	20	52,3	19	47,7	39	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 29.689$ G.L.= 8 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 38.921$ G.L.= 8 $p>0.05$

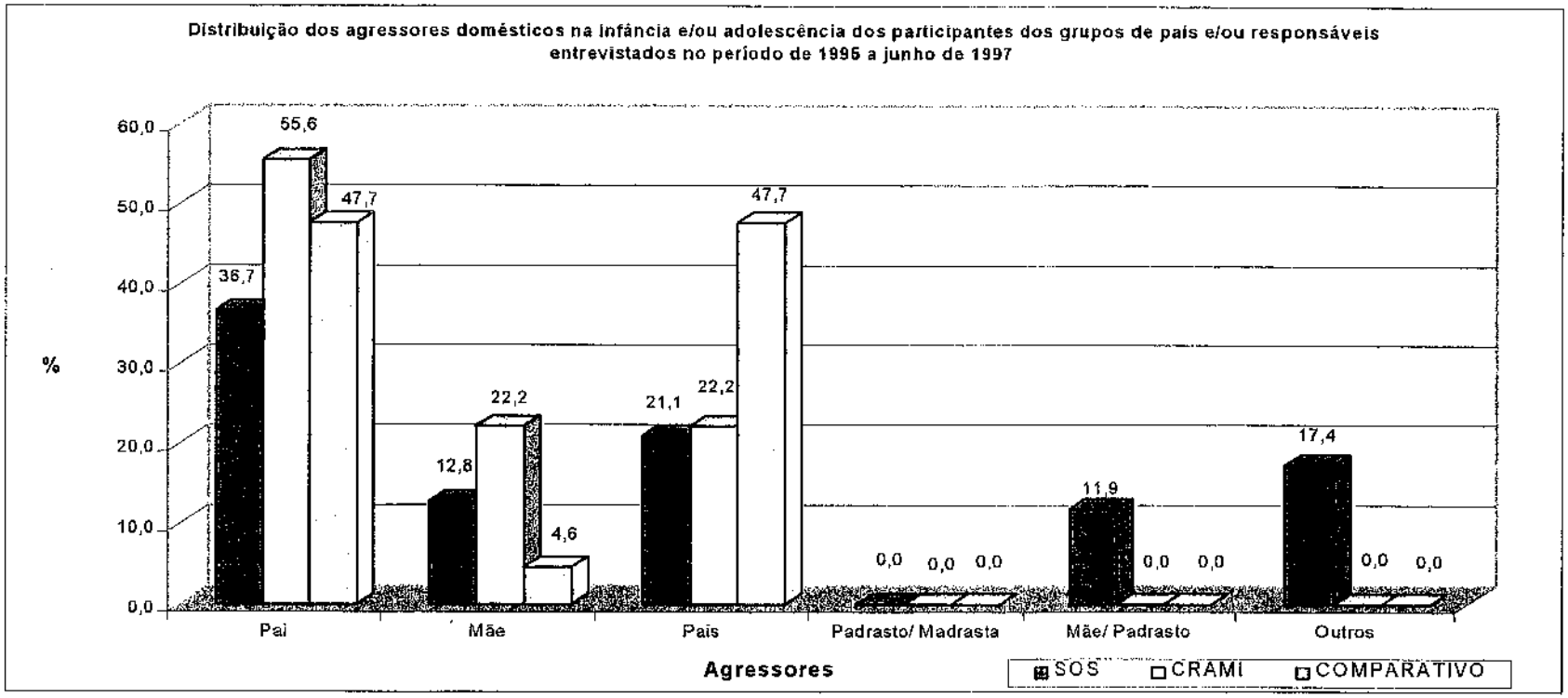


Figura 4.1.5.4 . Representação gráfica dos agressores familiares na infância e/ou adolescência dos participantes dos grupos de pais e/ou responsáveis entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

4.1.6. A história da criança e do adolescente relatada por eles nas entrevistas (sexo, número de irmãos, escolaridade, socialização, esportes, aspectos da personalidade, vida familiar, hábitos pessoais e lazer)

A maturação de uma criança é um processo permanente e contínuo. Sendo assim, nem sempre é possível ou desejável seguir uma síntese ou tabela cronológica rígida Segundo PIKUNAS (1992), o desenvolvimento humano pode ser dividido em fases, estágios, posições, pontos nodais, organizações, etapas críticas, crises, etc., com a finalidade de introduzir, neste campo, uma classificação e (ou) hierarquização de padrões evolutivos no decorrer da vida.

Desenvolvimento é um termo amplo que se refere a todos os processos de mudança pelos quais as potencialidades de um indivíduo se desdobram e aparecem novas qualidades, habilidades, traços e características correlatas. Inclui os ganhos a longo prazo e relativamente irreversíveis do crescimento, maturação, aprendizagem e realização (PIKUNAS, 1992).

A justificativa para dividir a amplitude da vida em níveis de desenvolvimento é demonstrada pela emergência de novas capacidades e qualidades motivacionais, bem como pelas mudanças significantes em atividades e realizações dentro da configuração básica do comportamento para cada idade.

Embora sejam definidos os limites gerais de idade para cada divisão, devemos ter em conta que eles são apenas aproximações de um padrão. Uma pessoa pode passar para a fase do desenvolvimento seguinte, meses ou até anos, antes ou depois, que outra pessoa da mesma idade cronológica. A passagem também pode ser parcial, isto é, em termos apenas de certos aspectos evolutivos. Devemos reconhecer que existem consideráveis diferenças socioeconômicas e raciais, entre os vários grupos, dentro de uma mesma cultura. Exigências e pressões sociais, tarefas e riscos, longevidade média, todos os aspectos envolvidos com o ser humano podem sofrer variações (PIKUNAS, 1992).

Das diversas correntes teóricas sobre o desenvolvimento, destacaremos aquelas que nos parecem ser essenciais à interpretação dos dados na pesquisa. Este recorte certamente contém algo de arbitrário e artificial, mas é inevitável, em virtude da necessidade de concisão deste trabalho. Passando para a divisão sistemática dos níveis do desenvolvimento, escolhemos o esquema estabelecido por PIKUNAS (1992), visto que este autor propõe-nos subdivisões nas diferentes etapas etárias, que nos parecem facilitadoras da compreensão de determinados comportamentos apresentados.

NÍVEIS E FASES DO DESENVOLVIMENTO

Pré - Natal

- Fecundação: unificação do óvulo e do espermatozóide.

- Zigoto: divisão celular e implantação do óvulo fecundado

- Embrionário: surgimento das principais estruturas e órgãos do corpo humano

- Fetal (dois meses até o nascimento): refinamento das estruturas fisiológicas e suposição de funções biológicas, inclusive motilidade reflexiva.

Primeira infância

- Nascimento: transição para o ambiente extra-uterino efetuado pelo parto

- Neonatal: adaptação às exigências da vida extra - uterina; ganhos em equilíbrio corporal

- Intermediária (2 a 15 meses): ampliação do mundo experiencial pela percepção e pela motilidade

- Posterior (15 a 30 meses): aquisição da comunicação verbal e consciência dos outros e de si própria

Segunda infância

- Inicial (2 anos e meio a 6 anos): formação, modificação e refinamento de traços e atitudes; ganhos em aperfeiçoamento da comunicação e autonomia; formação de autoconceito

- Intermediária (6 a 9 ou 10 anos): interação com as pessoas de fora do lar; freqüência à escola; desempenho de papéis sociais

- Posterior ou Pré - adolescência (meninas - 9 a 11 anos e meio; meninos - 10 a 12 anos e meio): desenvolvimento da identidade do sexo e relacionamentos duradouros com os pares; mentalidade grupal

Adolescência

- Puberdade ou início da adolescência (moças - 11 anos e meio a 14 anos; rapazes - 12 anos e meio a 15 anos e meio): maior autoconsciência; maturação corporal e sexual; reorganização da personalidade

- Intermediária (moças - 14 a 16 anos; rapazes - 15 anos e meio a 18 anos): desenvolvimento de intensa relação entre os pares; experiência de muitas ambigüidades e conflitos

- Posterior (moças - 16 a 20 anos; rapazes - 18 a 22 anos): preparação para o papel da vida adulta; assunção de maiores responsabilidades sociais, econômicas, etc.

Idade adulta

- Inicial (mulheres - 20 a 30 anos; homens - 22 a 35 anos): formação de padrões de vida adulta; aceitação na sociedade adulta; casamento e responsabilidades de família; consecução da capacidade global máxima

- Intermediária (mulheres - 30 a 45 anos; homens - 35 a 50 anos): participação plena na sociedade adulta; desenvolvimento da família; interesses pela família; progresso vocacional

- Posterior (mulheres - 45 a 60 anos; homens - 50 a 65 anos): declínio gradual nas capacidades físicas; cessão de algumas responsabilidades; modificação da estrutura familiar; esforços para a manutenção das capacidades

Senectude ou Senescência

- Idade avançada (mulheres dos 60 anos até a morte; homens dos 65 anos até a morte): aumento do declínio dos poderes físicos e cognitivos; restrição de interação social; dependência em relação aos outros; declínio terminal.

Nosso trabalho abrangerá apenas as etapas da vida identificadas como segunda infância, a partir do nível intermediário até a adolescência, em todos os seus níveis, pela diversidade dos mesmos quanto ao sexo e faixa etária. A personalidade de uma pessoa compreende muitas linhas interrelacionadas de desenvolvimento. Embora estas linhas possam estar separadas, arbitrariamente, para fins conceituais, como já dissemos, na experiência do funcionamento do ser humano, elas estão todas interligadas.

Cada etapa do desenvolvimento humano tem necessidades, tarefas e riscos próprios. Cada qual proporciona oportunidades para o crescimento e ajustamento, mas também para a perturbação e regressão. O desenvolvimento nas áreas física, cognitiva e intelectual, assim como o aprimoramento das relações humanas, as estratégias de competição e os estilos gerais de organização e pensamento, desejos e emoções, contribuem para o modo como o indivíduo organiza e cria sua experiência única de vida (GREENSPAN & GREENSPAN, 1993).

Cada comportamento individual é multideterminado. Quando se observa um comportamento humano é uma supersimplificação ou erro presumir um relacionamento único entre o que é observado e algum fator causal, real ou hipotético. Outra questão que se coloca é a de que uma criança pode apresentar o mesmo sentimento, ou o mesmo estado íntimo, com diferentes comportamentos. Segundo GREENSPAN & GREENSPAN (1993), uma emoção pode manifestar-se de várias formas, dependendo das situações contextuais ou de outros estados internos relacionados que a criança esteja experimentando.

Em nível descritivo tentamos, neste estudo, realizar a observação das capacidades e inclinações físicas e neurológicas, relacionamentos, afetos e emoções, padrões de comunicação temática, que nos permitiram uma visão das crianças e dos adolescentes.

Cada linha do desenvolvimento humano pode ser descrita em termos de organização e de singularidade de experiências. Apesar de toda a complexidade do estudo, urge salientar que não é importante apenas determinar o que perturba estas crianças e adolescentes, mas também compreender a organização de sua personalidade. Desta forma, estaremos evitando simplificações, como uma forma de defesa em virtude da demasiada complexidade de nossa área de trabalho.

Segundo PIKUNAS (1992), diante de uma conduta pouco habitual, é importante pensarmos se esta ou aquela manifestação apresenta um poder patogênico no funcionamento mental da criança ou adolescente, ou se assume um papel organizador. Reencontramos sempre um fio contínuo subentendido nas diversas condutas humanas, desde as que representam formas organizadoras do psiquismo até as que se observam em certos quadros psicopatológicos.

Descrições semiológicas [1] e localizações em fases de uma conduta não podem ser suficientes para definir o caráter patogênico ou organizador de um comportamento. Uma avaliação dinâmica e econômica deve ser realizada. Econômica, porque analisa em que medida uma conduta é mais do que uma formação reacional ou, ao contrário, é uma sublimação [2]. Quanto à dinâmica, não podemos perder de vista a eficácia com que a conduta sintomática pode conter a angústia conflitual e autorizar a continuação da maturação (GREENSPAN & GREENSPAN, 1993).

Para WINNICOTT (1978), as numerosas condutas julgadas patológicas pelo meio podem aparecer quer como sinais de um protesto saudável, quer como testemunhas da patologia do meio. As avaliações aplicadas às crianças e aos adolescentes devem sempre

[1] Semiologia - Ramo da Medicina que trata dos sintomas ; Sintomatologia (MICHAELIS, 1998)
[2] Sublimação - mecanismo de defesa emocional, pelo qual sentimen
tos ou tendências que se julgam inferiores, ou socialmente reprovados, se transformam em outros que não o sejam (MICHAELIS, 1998)

levar em conta o contexto. A mesma conduta pode ter um sentido muito diferente, conforme apareça em uma criança ou adolescente que se beneficia de um aporte familiar positivo ou, ao contrário, em uma criança ou adolescente que viva no meio de uma desorganização geral.

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber, nas entrevistas com os grupos, como são diferentes as interpretações das condutas das crianças e dos adolescentes, de acordo com a estruturação do contexto em que viviam. Observamos que os participantes adultos do grupo comparativo, apesar de as reações dos seus filhos serem semelhantes às dos outros grupos, não reagiam da mesma forma, seja na disciplina ou na própria interpretação dos fatos.

Na avaliação das condutas e do equilíbrio psicoafetivo de uma criança ou adolescente, o normal e o patológico não são estados distintos um do outro, separados por limites rígidos. O desenvolvimento e a maturação de crianças e adolescentes são, por excelência, fontes de conflitos.

- Sexo e idade (Tabelas e gráficos 4.1.6.1. e 4.1.6.2.)

No caso das crianças e adolescentes entrevistados, tivemos uma leve predominância da faixa etária de 10 a 12 anos e do sexo masculino. As crianças deste grupo etário e do grupo anterior (7 a 9 anos) foram encontradas com mais facilidade nos seus domicílios (7 a 9 anos - SOS - 27,2%; Crami - 34,6%; comparativo - 32,2% e 10 a 12 anos - SOS - 27,7%; Crami - 38,5%; comparativo - 34,2%). Estavam ajudando a mãe nos afazeres domésticos, fazendo os deveres escolares ou assistindo à televisão.

A incidência de meninos e rapazes, nos três grupos, apresentou uma proporção um pouco maior (SOS - 50,9%; Crami - 57,7%; comparativo - 49,3%). Uma situação que pode ter favorecido este resultado foi o fato de que, no horário de algumas entrevistas, coincidentemente o(s) filho(s) do sexo masculino estivesse (m) em casa, enquanto a(s) filha(s), não (SOS – 49,1%; Crami – 42,3%; comparativo – 50,7%).

Apesar das diferenças percentuais, as amostras foram semelhantes entre si ($p < 0.05$), quando aplicamos o testes do χ^2, no que diz respeito ao sexo (Tabela e gráfico 4.1.6.1.); e, quanto à idade (Tabela e gráfico 4.6.1.2.), estes resultados também apresentaram semelhanças ($p < 0.05$).

Nossos dados mostraram-se em concordância com os trabalhos realizados por MARCOVICH (1986); CARSWELL (1990); ASSIS(1994c); DESLANDES (1994); CATALAN *et al.* (1995); YOUSSEF *et al.*,(1998), que afirmam não haver diferença de gênero nas situações de violência.

Entretanto, outras relatam um pequena predominância do sexo masculino (SANTOS, 1995; MAPA CENSITÁRIO, 1997; TANG, 1998); e, algumas evidenciam o sexo feminino (SERPA, 1996; AZEVEDO & GUERRA, 1997).

TABELA 4.1.6.1. SEXO DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SEXO							
	Feminino				Masculino			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	85	49,1	85	49,1	88	50,9	173	100,0
CRAMI	11	42,3	11	42,3	15	57,7	26	100,0
COMPARATIVO	74	50,7	74	50,7	72	49,3	146	100,0

$\chi^2 = 0.622$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.625$ G.L.= 2 $p<0.05$

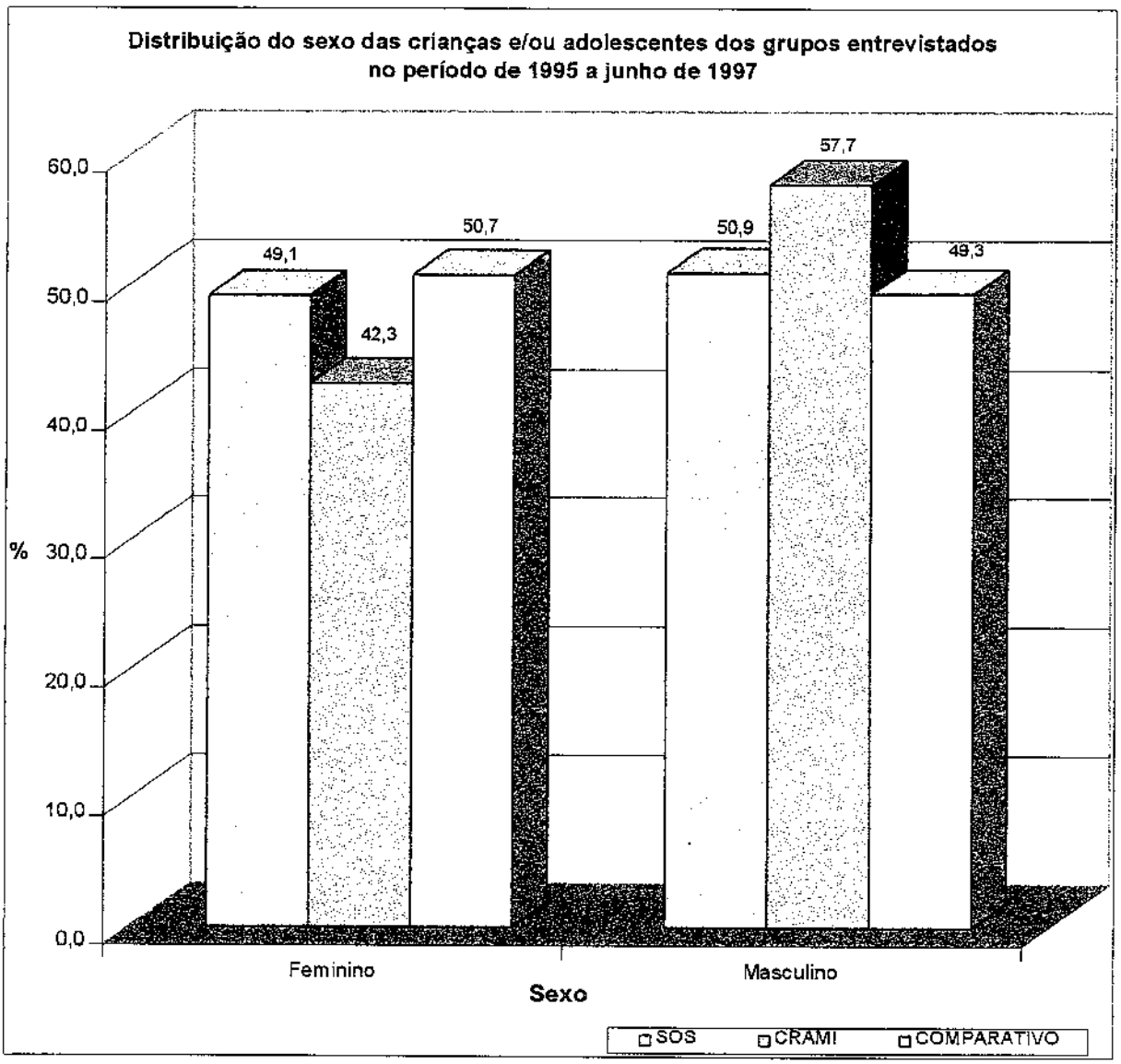


Figura 4.1.6.1. Representação gráfica do sexo de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.2 . IDADE DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	IDADE															
	7 - 9 anos				10 - 12 anos				13 - 15 anos				16 - 18 anos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	47	27,2	47	27,2	48	27,7	95	54,9	49	28,3	144	83,2	29	16,8	173	100,0
CRAMI	9	34,6	9	34,6	10	38,5	19	73,1	5	19,2	24	92,3	2	7,7	26	100,0
COMPARATIVO	47	32,2	47	32,2	50	34,2	97	66,4	36	24,7	133	91,1	13	8,9	146	100,0

$\chi^2 = 7.726$ G.L.= 6 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 7.841$ G.L.= 6 $p<0.05$

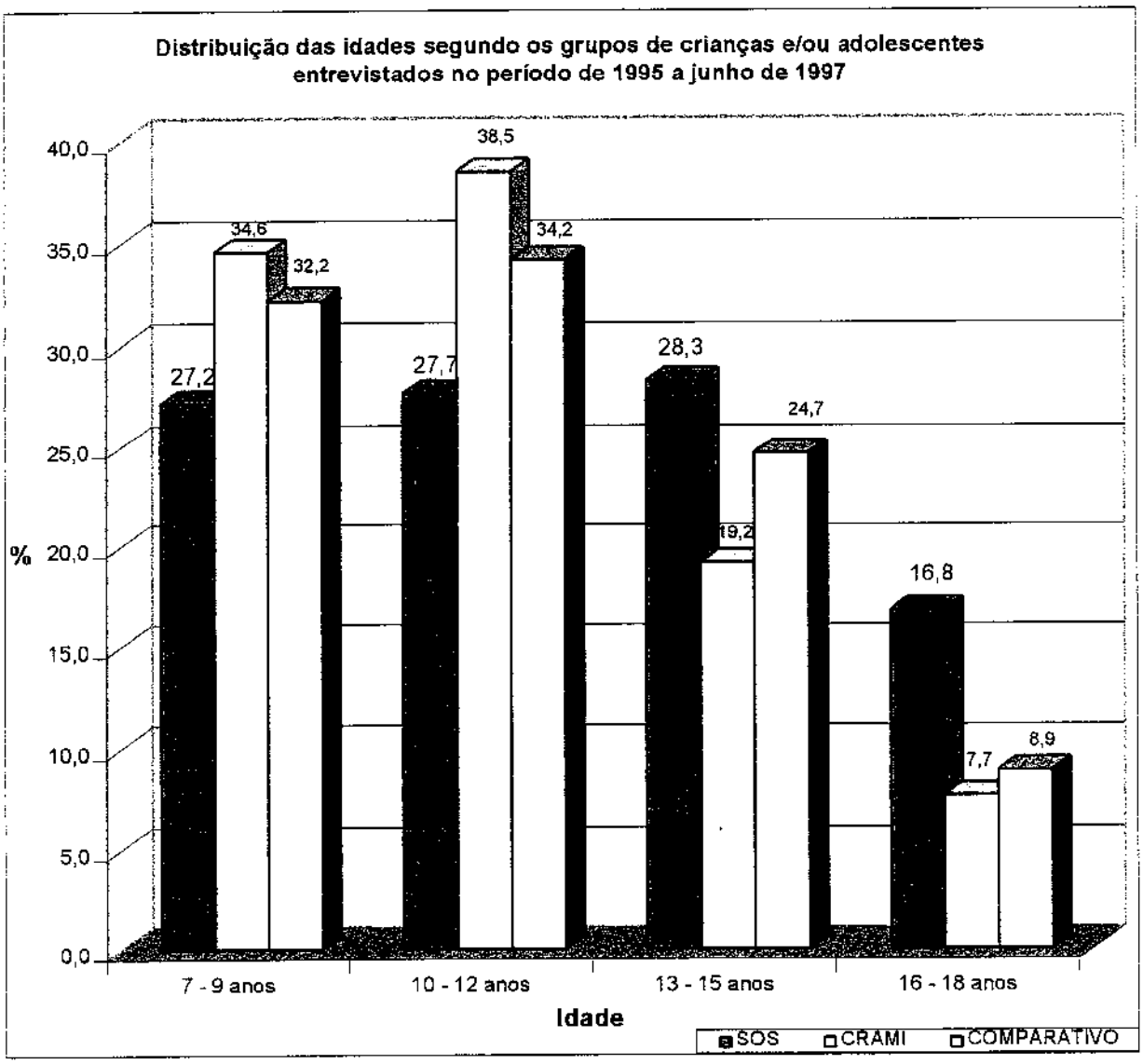


Figura 4.1.6.2. Representação gráfica das idades de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

- Número de irmãos (Tabela e gráfico 4.1.6.3.)

Um dos fatores de risco, citado em trabalhos sobre a violência doméstica contra crianças e adolescentes, é a existência de quatro ou mais filhos, numa prole, em intervalos próximos (U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 1995).

Esta é uma realidade complexa, visto que a violência doméstica contra crianças e adolescentes é encontrada em todas as culturas e classes sociais. No entanto, é nas classes populares e, conseqüentemente, com maior número de filhos, em intervalos pequenos, que essa situação ganha maior visibilidade. São elas as que mais procuram os serviços públicos e, por serem mais numerosas, contribuem, em termos absolutos, com a maioria dos casos registrados.

Segundo DESLANDES (1994), as famílias de pequena prole também praticam os maus tratos, contrariando a crença de que esse fato só ocorre com as famílias de maior número de filhos.

Na tabela e gráfico 4.1.6.3., observamos que a média de filhos nas amostras ficou em torno de 1 a 3. O grupo Crami apresentou maior incidência, 77,0%, nas variáveis 'três irmãos', 'quatro irmãos' e 'cinco ou mais' (SOS – 24,8%; comparativo – 31,5%). Os outros dois grupos obtiveram maiores freqüências entre '1' a '2' irmãos (SOS - 69,4%; comparativo - 61,6%; Crami – 23,0%).

A análise estatística, pelo teste do χ^2, demonstrou que os grupos da pesquisa apresentaram respostas diferentes ($p > 0.05$) para esta variável.

TABELA 4.1.6.3 . NÚMERO DE IRMÃOS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	NÚMERO DE IRMÃOS																							
	Nenhum				Um irmão				Dois irmãos				Três irmãos				Quatro irmãos				Cinco irmãos ou mais			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	10	5,8	10	5,8	59	34,1	69	39,9	61	35,3	130	75,2	26	15,0	156	90,2	8	4,6	164	94,8	9	5,2	173	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	5	19,2	5	19,2	1	3,8	6	23,0	8	30,8	14	53,8	6	23,1	20	76,9	6	23,1	26	100,0
COMPARATIVO	10	6,8	10	6,8	38	26,0	48	32,8	52	35,6	100	68,4	20	13,7	120	82,1	14	9,6	134	91,7	12	8,2	146	100,0

$\chi^2 = 35.439$ G.L.= 10 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 35.942$ G.L.= 10 $p>0.05$

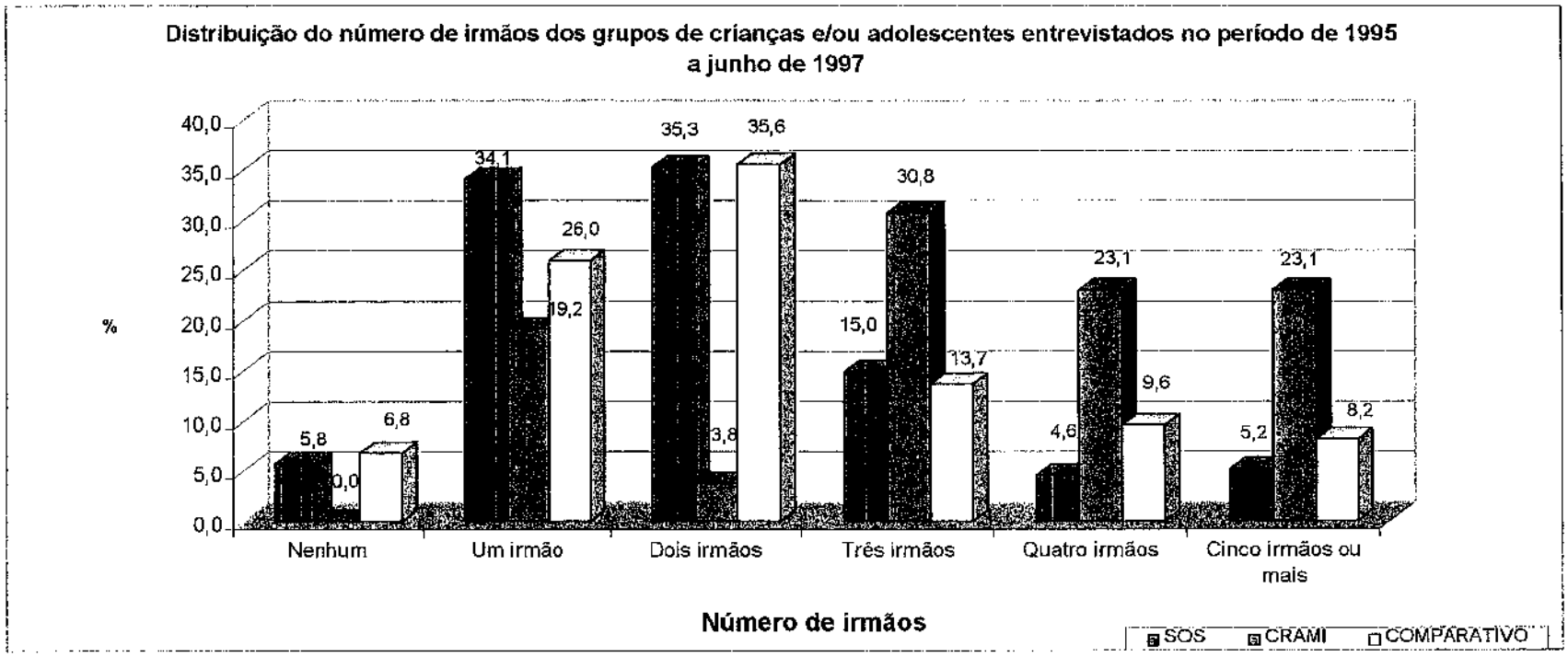


Figura 4.1.6.3 . Representação gráfica do número de irmãos dos grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Grau de escolaridade e tempo de permanência na escola (Tabelas e gráficos 4.1.6.4. e 4.1.6.5.)

O grau de escolaridade da maioria das crianças e adolescentes entrevistados foi o primeiro grau incompleto (SOS - 89,0%; Crami - 100,0%; comparativo - 90,4%). No segundo grau incompleto, tivemos pouca expressão numérica nos grupos (SOS - 8,7%; Crami - 0,0%; comparativo - 4,1%). No nível superior, encontramos dois adolescentes do grupo SOS (1,1%) que estavam cursando Educação Física e Direito.

A maior parte dos entrevistados freqüentava as instituições de ensino público. Algumas crianças e adolescentes não freqüentavam a escola (Tabela e gráfico 4.1.2.19a.). A maior incidência foi encontrada no grupo Crami, 30,8% (SOS – 3,5%; comparativo – 4,8).

A análise estatística do grau de escolaridade (Tabela e gráfico 4.1.6.4.), demonstrou diferenças ($p > 0.05$) nos resultados das amostras, ao utilizarmos o teste do χ^2.

Quanto ao tempo de permanência das crianças e adolescentes na escola (Tabela e gráfico 4.1.6.5.), o horário integral teve uma representação pequena nestas amostras (SOS - 2,3%; Crami - 3,8%; comparativo - 2,1%). A variável 'algumas horas' foi um pouco mais expressiva nos grupos (SOS - 10,4%; Crami - 3,8%; comparativo - 8,2%), no entanto, a prevalência maior ficou em 'um período', para todas as amostras (SOS - 83,8%; Crami - 61,5%; comparativo - 84,9%). Pelo que observamos, os horários escolares apresentavam relação direta com a necessidade de ajudar a família, informal ou formalmente.

O item 'algumas horas' foi, predominantemente, respondido pelos adolescentes que necessitavam trabalhar ou ajudar os pais nos cuidados com os irmãos. Eles cumpriam uma rotina típica das famílias numerosas, ou seja, os mais velhos cuidavam dos mais novos.

As respostas apresentadas, neste item, foram diferentes ($p > 0.05$), nos grupos entrevistados, segundo o teste do χ^2.

TABELA 4.1.6.4 . GRAU DE ESCOLARIDADE DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADO	GRAU DE ESCOLARIDADE																							
	Sem escolaridade				Primeiro grau incompleto				Primeiro grau completo				Segundo grau incompleto				Segundo grau completo				Terceiro grau incompleto				Terceiro grau completo			
	F	%	A	% Ac	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	A	% Ac	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	A	% Ac
SOS	0	0,0	0	0,0	154	89,0	154	89,0	2	1,1	156	90,1	15	8,7	171	98,8	0	0,0	0	0,0	2	1,1	173	100,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	26	100	26	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	7	4,8	7	4,8	132	90,4	139	95,2	1	0,7	140	95,9	6	4,1	146	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 16.695$ G.L.= 8 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2 (G^2) = 21.654$ G.L.= 8 $p>0.05$

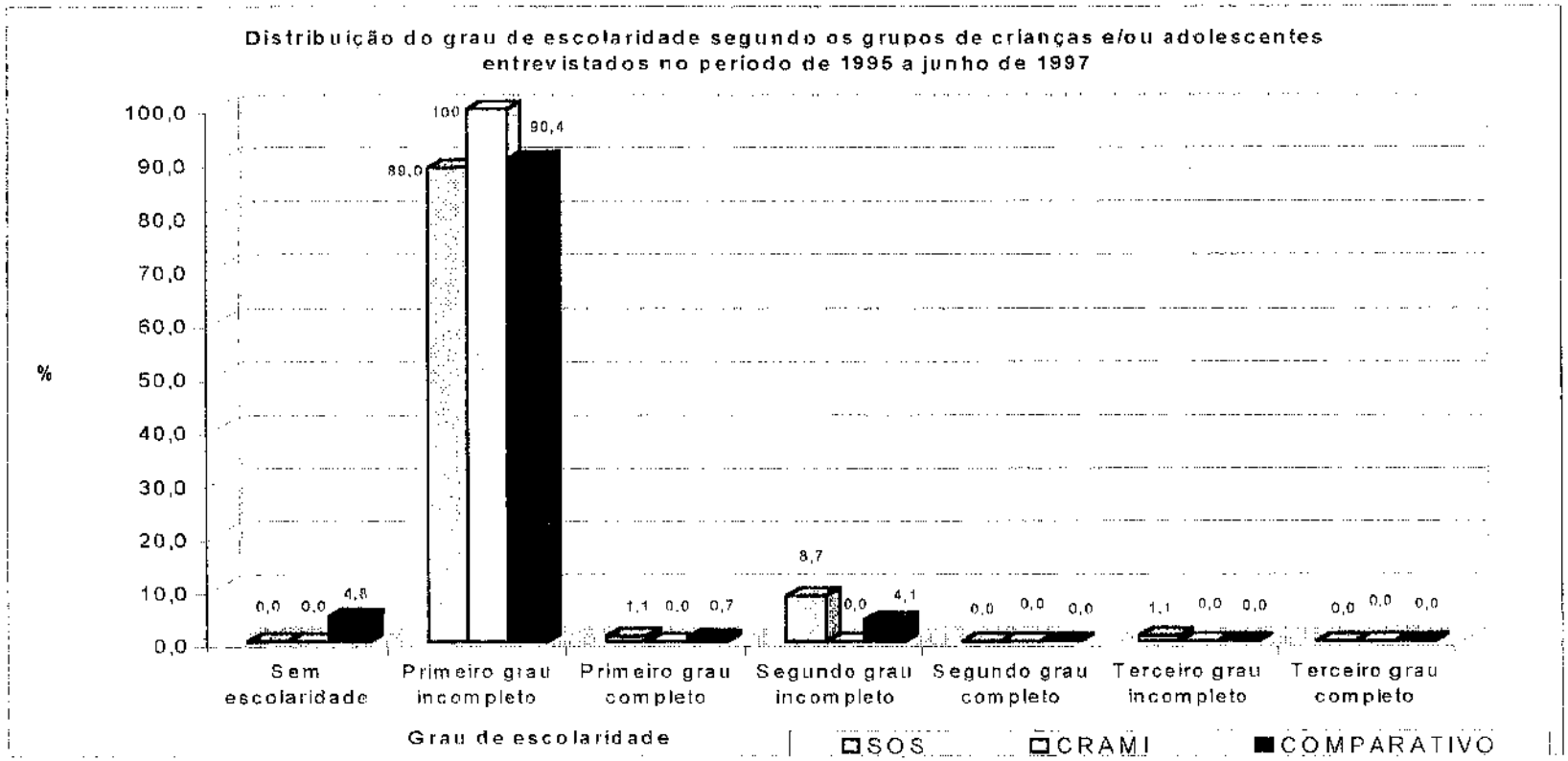


Figura 4.1.6.4 . Representação gráfica do grau de escolaridade das crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.6.5. TEMPO DE PERMANÊNCIA NA ESCOLA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PERMANÊNCIA NA ESCOLA															
	Horário integral				Um período				Algumas horas				Não freqüenta a escola			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	4	2,3	4	2,3	145	83,8	149	86,1	18	10,4	167	96,5	6	3,5	173	100,0
CRAMI	1	3,8	1	3,8	16	61,5	17	65,3	1	3,8	18	69,1	8	30,8	26	100,0
COMPARATIVO	3	2,1	3	2,1	124	84,9	127	87,0	12	8,2	139	95,2	7	4,8	146	100,0

$\chi^2 = 31.448$ G.L.= 6 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 19.199$ G.L.= 6 $p>0.05$

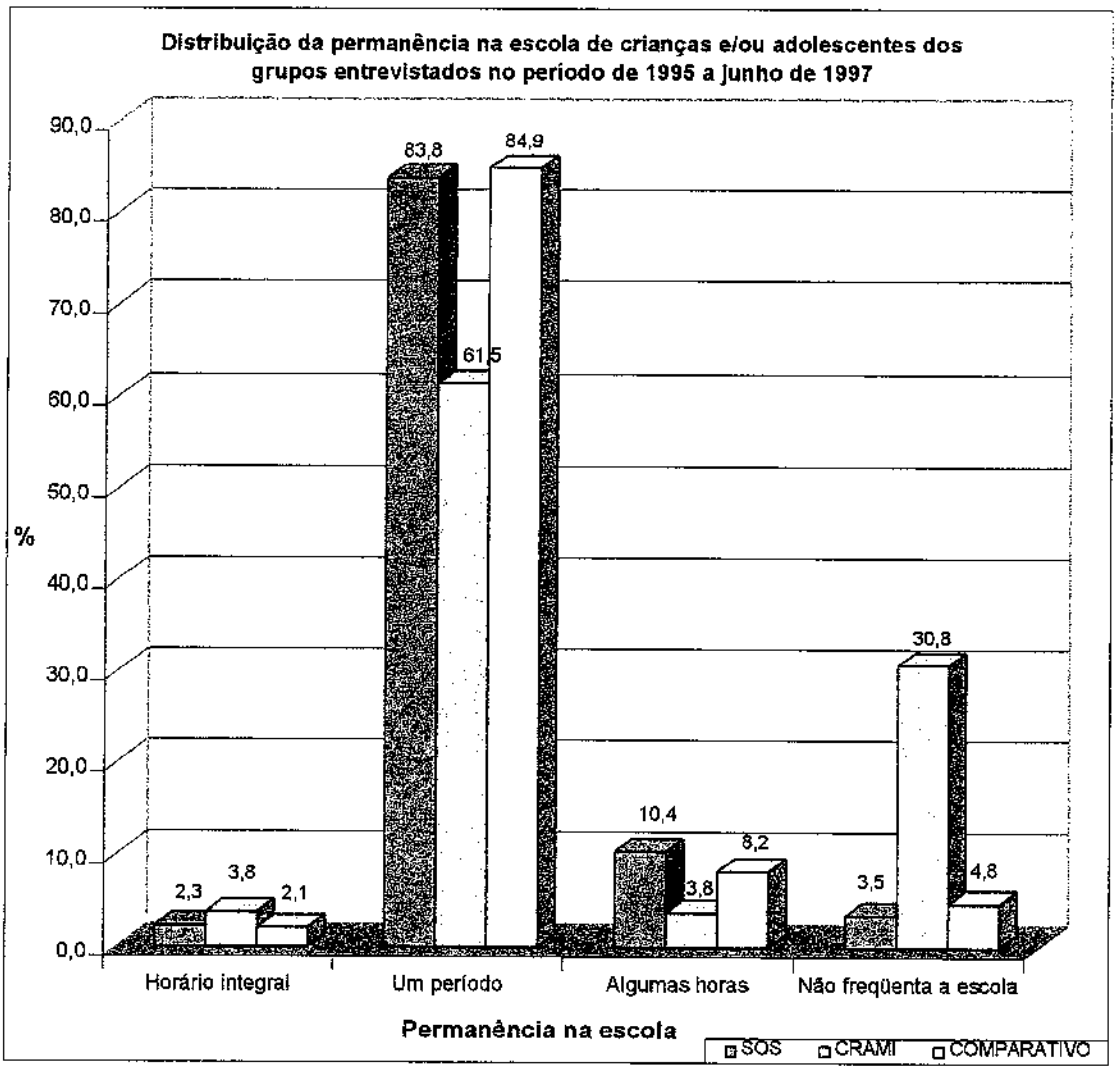


Figura 4.1.6.5. Representação gráfica do tempo de permanência na escola de acordo com as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Adaptação escolar, afinidade com os estudos e dificuldades em matérias escolares (Tabela e gráfico 4.1.6.6a., 4.1.6.6b. e 4.1.6.6c.)

Acrescentamos a este item algumas idéias que ainda não foram desenvolvidas na história da criança e do adolescente, relatada pelos seus pais e (ou) responsáveis. Segundo ASSIS (1994a), as crianças e adolescentes, vítimas de violência doméstica, são cumpridores dos seus deveres, não costumam faltar às aulas (exceto quando ocorre algum tipo de violência que os impede de ir) e não chegam atrasados. Há um lado social, na escola, que é amplamente valorizado por eles.

A escola torna-se, assim como a rua e a casa de amigos, uma válvula de escape para a situação conflitiva que vivem em seus lares. Na tabela e gráfico 4.1.6.6a., percebemos nas variáveis 'adaptação escolar' e 'não adaptação escolar' uma freqüência alta para a situação adaptativa, em todos os grupos entrevistados (SOS - 79,6%; Crami - 61,1%; comparativo - 77,0%). O prazer pelo estudo (tabela e gráfico 4.1.6.6b.) também foi enfatizado com percentagens altas (SOS- 79%; Crami- 88,9%; comparativo - 86,3%), principalmente no grupo Crami, que foi a amostra que obteve o maior índice de evasão escolar (30,8%) (Tabela e gráfico 4.1.2.19a.).

As dificuldades em algumas matérias foram altas na distribuição dos grupos (SOS - 62,9% e comparativo - 60,4%), com a incidência maior no grupo Crami (72,2%). Desta forma, podemos pensar que os membros deste grupo adaptaram-se adequadamente aos seus mundos, mas seus ambientes são relativamente simples, faltando-lhes complexidade necessária para funcionar eficientemente em ambientes socialmente mais amplos como a escola (BERNSTEIN, 1991).

Este autor, em seu estudo sobre "Estrutura social, linguagem e aprendizagem" (BERNSTEIN, 1991), elabora uma série de explicações sobre as dificuldades de aprendizagem nas populações economicamente menos favorecidas. Partindo destas idéias, podemos formular algumas hipóteses relacionadas aos grupos do estudo.

Os problemas gerais no ensino de crianças provenientes de classes menos favorecidas não se referem propriamente aos problemas de ensino que se relacionam com a capacidade inata para aprender. É possível sugerir a existência de um padrão de dificuldades sentidas por estes alunos, ao tentar enfrentar o ensino, tal como ele se processa na escola. Esse padrão não é idêntico para todos os alunos, mas segundo BERNSTEIN

(1991), há maior probabilidade de encontrá-lo, se o aluno for de classe social menos favorecida.

Estas crianças e adolescentes terão dificuldades na aprendizagem da leitura, na ampliação do vocabulário e na aprendizagem de utilização da organização dos significados verbais. A leitura e a escrita serão lentas e a capacidade de compreensão verbal será limitada, entre outras situações de dificuldades.

Era de se esperar que as crianças e adolescentes das amostras estudadas, cada uma em sua especificidade, apresentassem os problemas citados acima. Durante as entrevistas, as crianças e os adolescentes dos grupos em estudo falavam que iam à escola, mas não entendiam bem o que a professora dizia. Seus responsáveis costumavam justificar: *É que não presta atenção.*

Segundo BERNSTEIN (1991), nestes casos a duração da atenção é diminuída, o que trará problemas na manutenção da concentração. Acrescentamos a isso, a própria dificuldade de permanecer com a 'cabeça' na escola, sem saber o que está acontecendo em seus lares, principalmente, nos grupos do estudo. O intervalo entre o sentir e o fazer é curto, o que facilita a atuação de comportamentos impulsivos. A curiosidade é limitada, fato este que elimina da aprendizagem um importante elemento dinâmico.

Quanto à curiosidade, observamos nas entrevistas com os pais e responsáveis, o quanto era difícil para certas famílias lidarem com essa situação. A curiosidade era 'feia' ou 'tinha a hora certa para ser exercida'. Geralmente, esses alunos requerem uma experiência educacional bem delimitada, cujos objetivos e conteúdos sejam pouco ambíguos. Mostram-se desconfiados diante de qualquer experiência de ensino que não se assemelhe à tradicional.

Ouvimos uma criança, de 10 anos, relatar na entrevista: *Eu só faço o dever, se a professora me obrigar e tirar ponto, senão eu não faço*(Caso 1 – CRAMI). Uma mãe comentou sobre o método da escola do seu filho: *Hoje em dia, as professoras não querem nada. É só pesquisa e passeio, o tempo todo.* (Caso 120 – SOS Ação Mulher e Família).

A análise estatística, utilizando o teste do χ^2, nas tabelas e gráficos 4.1.6.6a., 4.1.6.6b. e 4.1.6.6c. foram semelhantes ($p < 0.05$) nos três grupos entrevistados.

TABELA 4.1.6.6a. ADAPTAÇÃO ESCOLAR DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ESCOLA							
	Adaptado na escola				Não adaptado na escola			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	133	79,6	133	79,6	34	20,4	167	100,0
CRAMI	11	61,1	11	61,1	7	38,9	18	100,0
COMPARATIVO	107	77,0	107	77,0	32	23,0	139	100,0

$\chi^2 = 3.230$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.905$ G.L.= 2 $p<0.05$

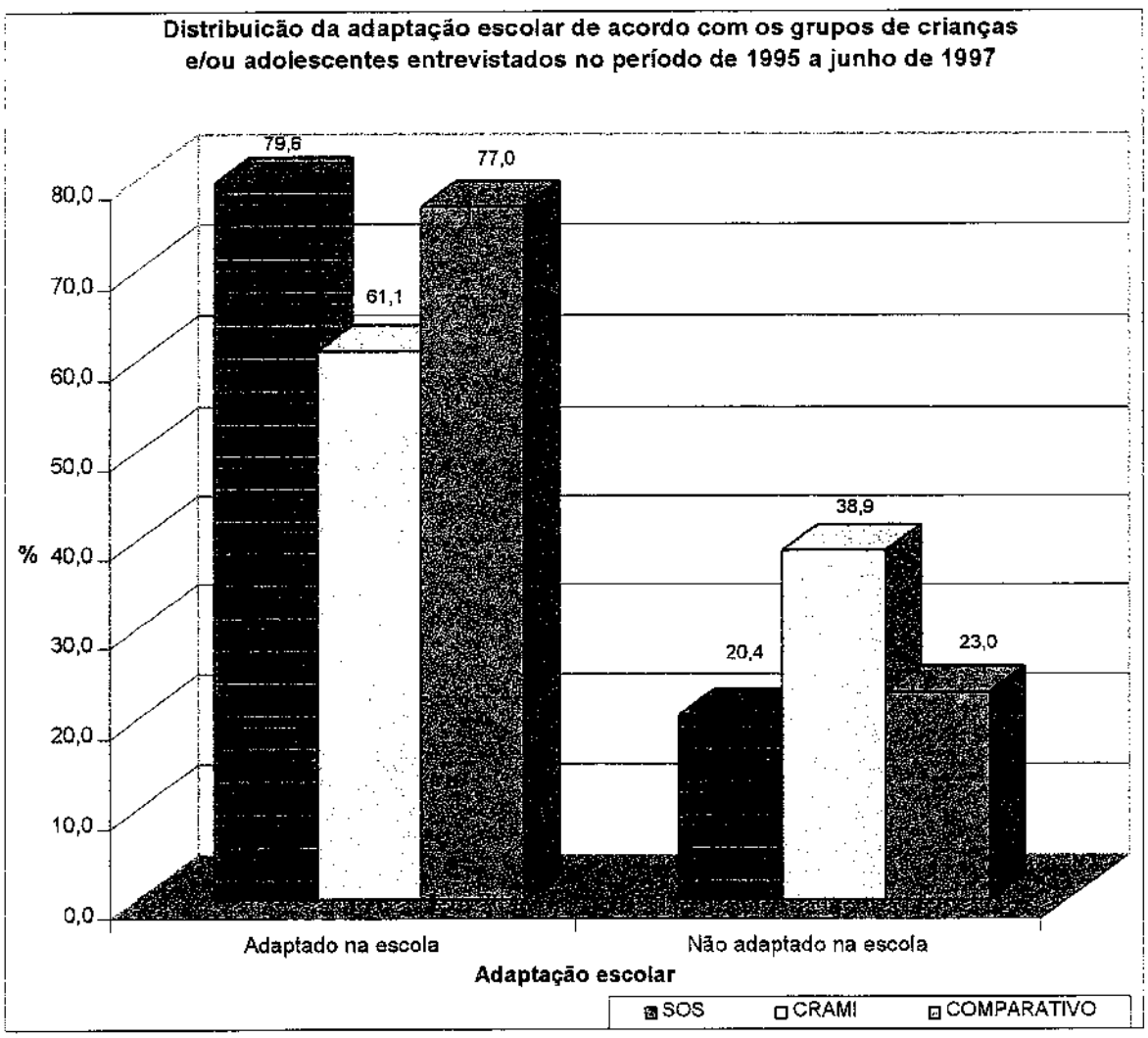


Figura 4.1.6.6a. Representação gráfica da adaptação escolar das crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.6.6b. AFINIDADE COM O ESTUDO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AFINIDADE COM O ESTUDO							
	Gosta de estudar				Não gosta de estudar			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	132	79,0	132	79,0	35	21,0	167	100,0
CRAMI	16	88,9	16	88,9	2	11,1	18	100,0
COMPARATIVO	120	86,3	120	86,3	19	13,7	139	100,0

$\chi^2 = 3.327$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.383$ G.L.= 2 $p<0.05$

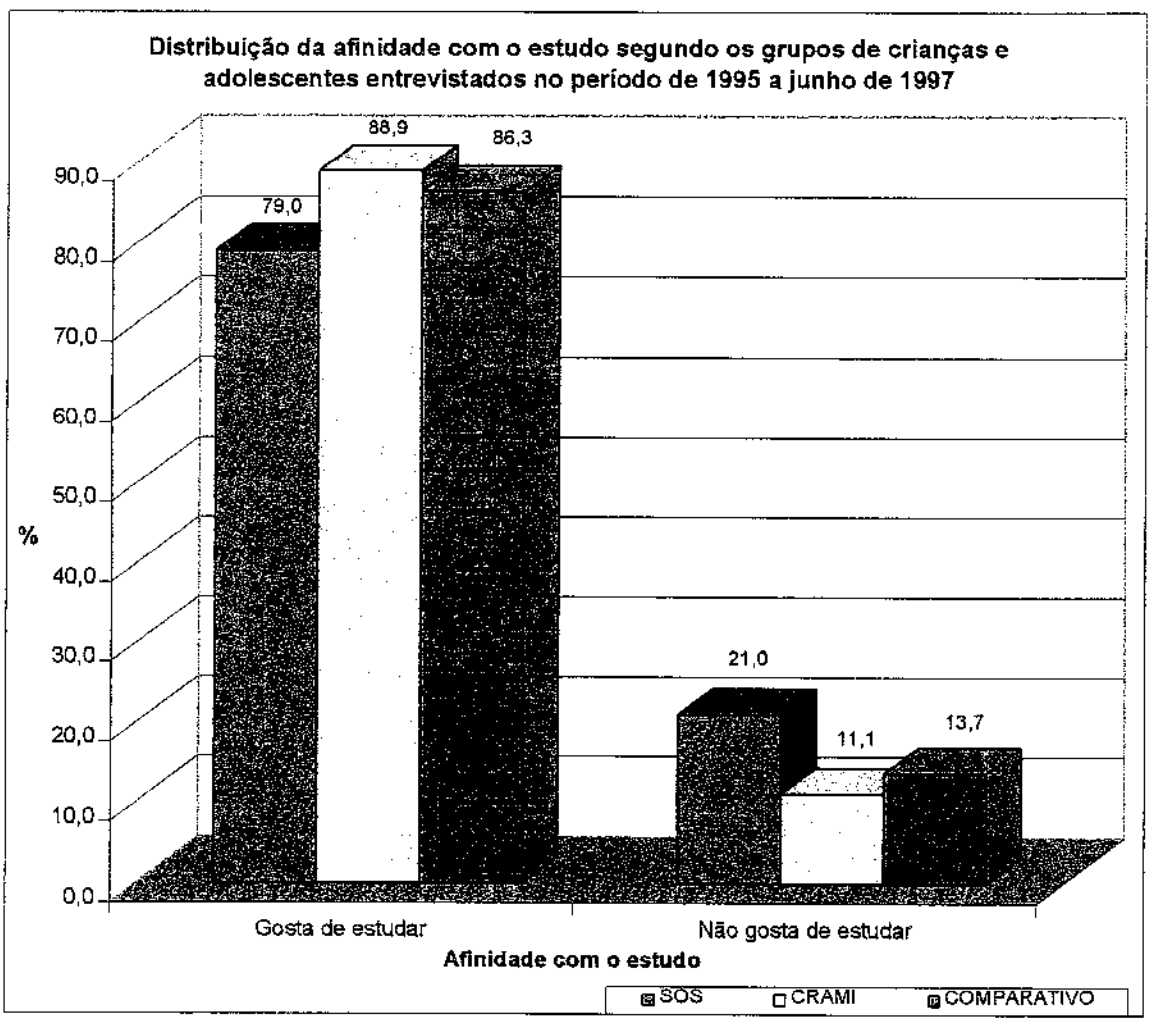


Figura 4.1.6.6b. Representação gráfica da afinidade com o estudo nas crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.6.6c. DIFICULDADES EM MATÉRIAS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	Dificuldades em alguma(s) matéria(s)							
	Dificuldades em alguma(s) matéria(s)				Sem dificuldades			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	105	62,9	105	62,9	62	37,1	167	100,0
CRAMI	13	72,2	13	72,2	5	27,8	18	100,0
COMPARATIVO	84	60,4	84	60,4	55	39,6	139	100,0

$\chi^2 = 0.985$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.017$ G.L.= 2 $p<0.05$

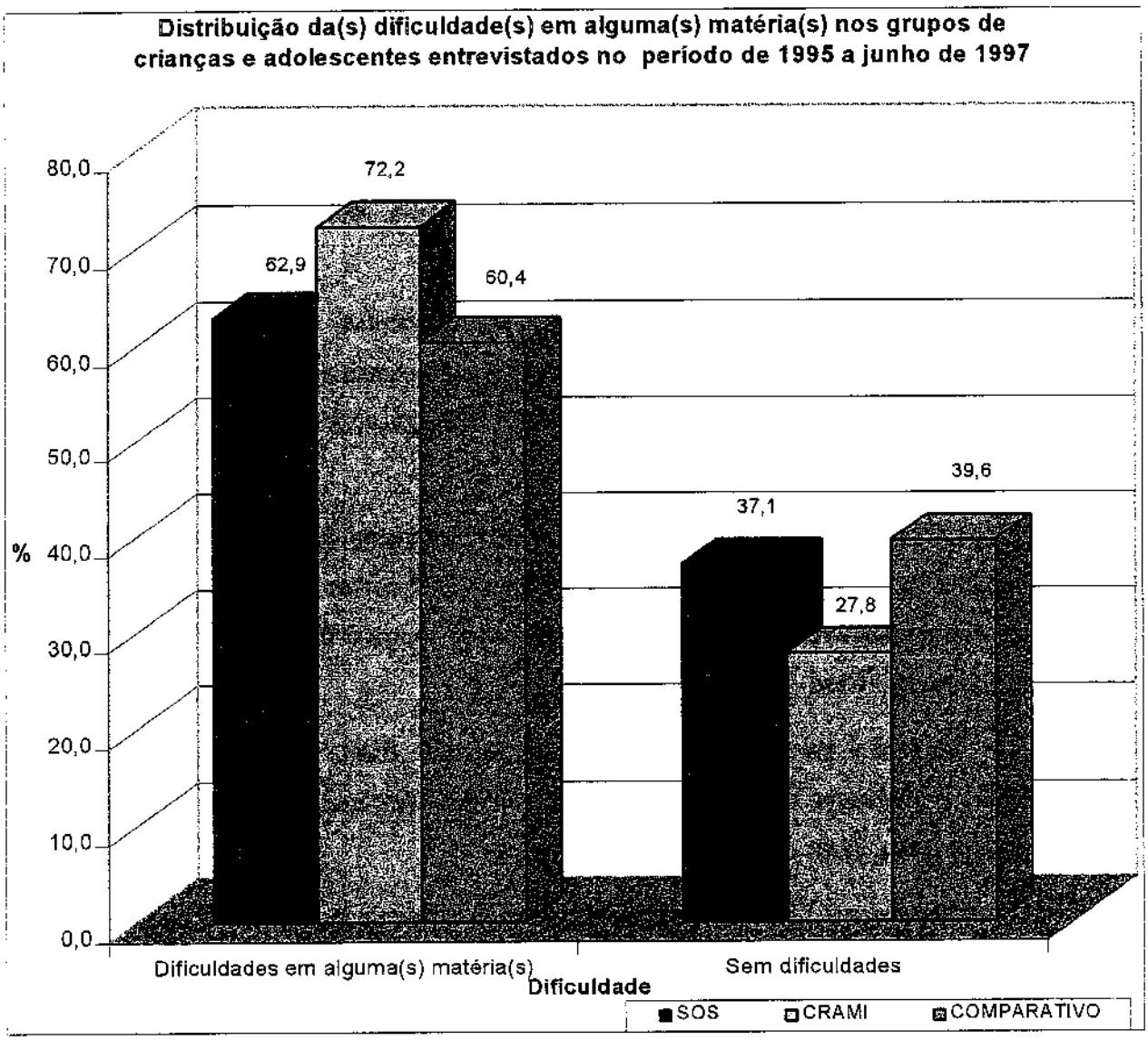


Figura 4.1.6.6c. Representação gráfica da(s) dificuldade(s) em alguma(s) matéria (s) nas crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Relacionamento com os professores (Tabela e gráfico 4.1.6.7.)

Nesta tabela e gráfico abordamos o relacionamento das crianças e adolescentes com seus professores. As variáveis medidas foram: 'bem com todos' (SOS – 82,6%; Crami – 88,9%; comparativo – 86,3%); 'alguns com problemas' (SOS – 15,6%; Crami – 11,1%; comparativo – 13,7%) e 'todos com problemas' (SOS – 1,8%; Crami – 0,0%; Comparativo – 0,0%). Este último item foi definido pelos três participantes do grupo SOS entrevistados como: *Eu não gosto daquele colégio; Todos os professores são uns chatos.* Um destes participantes, inclusive, na época da entrevista, estava suspenso por desacato ao diretor do estabelecimento de ensino.

Notamos uma incidência alta de 'bom relacionamento com todos os professores', o que justifica as respostas anteriores à adaptação e prazer em ir ao colégio. Todos os resultados apresentados ficaram acima de 80%, nas amostras (SOS – 82,6%; Crami – 88,9%; comparativo - 86,3%).

A pequena percentagem de crianças e adolescentes, que apresentou problemas com os professores (SOS – 15,6%; Crami – 11,1%; comparativo – 13,7%), estava inserida na população que não estava adaptada à escola, não gostava da mesma e apresentava dificuldades nas matérias.

Nestas pessoas, havia uma reduzida motivação para aprender e falta de envolvimento com os meios e os fins do ensino. Utilizaram reações padronizadas de objeção, que podemos pensar serem reações de defesa contra o fracasso: *Não faço o dever, porque não quero* (Caso 1 – CRAMI).

A escola para estes alunos poderia ser uma forma de reviver a situação de autoridade e violência dos seus lares, assim como, em certa medida, os problemas disciplinares que a partir daí decorriam.

Segundo BERNSTEIN (1991), às vezes o relacionamento com os professores não é bom, apontando para um frágil diálogo. Esses alunos possuem uma auto - imagem negativa, gerando um sentimento de menos valia e frágil auto- estima. Comportam-se,muitas vezes, com timidez e pouca participação.

As crianças e adolescentes, que se relacionavam 'bem com todos os professores', 'ou mal com alguns', faziam das relações positivas, suportes para suas experiências sociais. Relatou-nos uma mãe: *Quando S. volta do colégio, só quer brincar de professora e diz que é a tia M...* (Caso 95 – SOS Ação Mulher e Família).

O relacionamento com os professores, a partir do teste do χ^2, apresentou semelhanças ($p < 0.05$) nas respostas dos grupos entrevistados na pesquisa.

TABELA 4.1.6.7. RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES											
	Bem com todos				Alguns com problemas				Todos com problemas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	138	82,6	138	82,6	26	15,6	164	98,2	3	1,8	167	100,0
CRAMI	16	88,9	16	88,9	2	11,1	18	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	120	86,3	120	86,3	19	13,7	139	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 3.325$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 4.492$ G.L.= 4 $p<0.05$

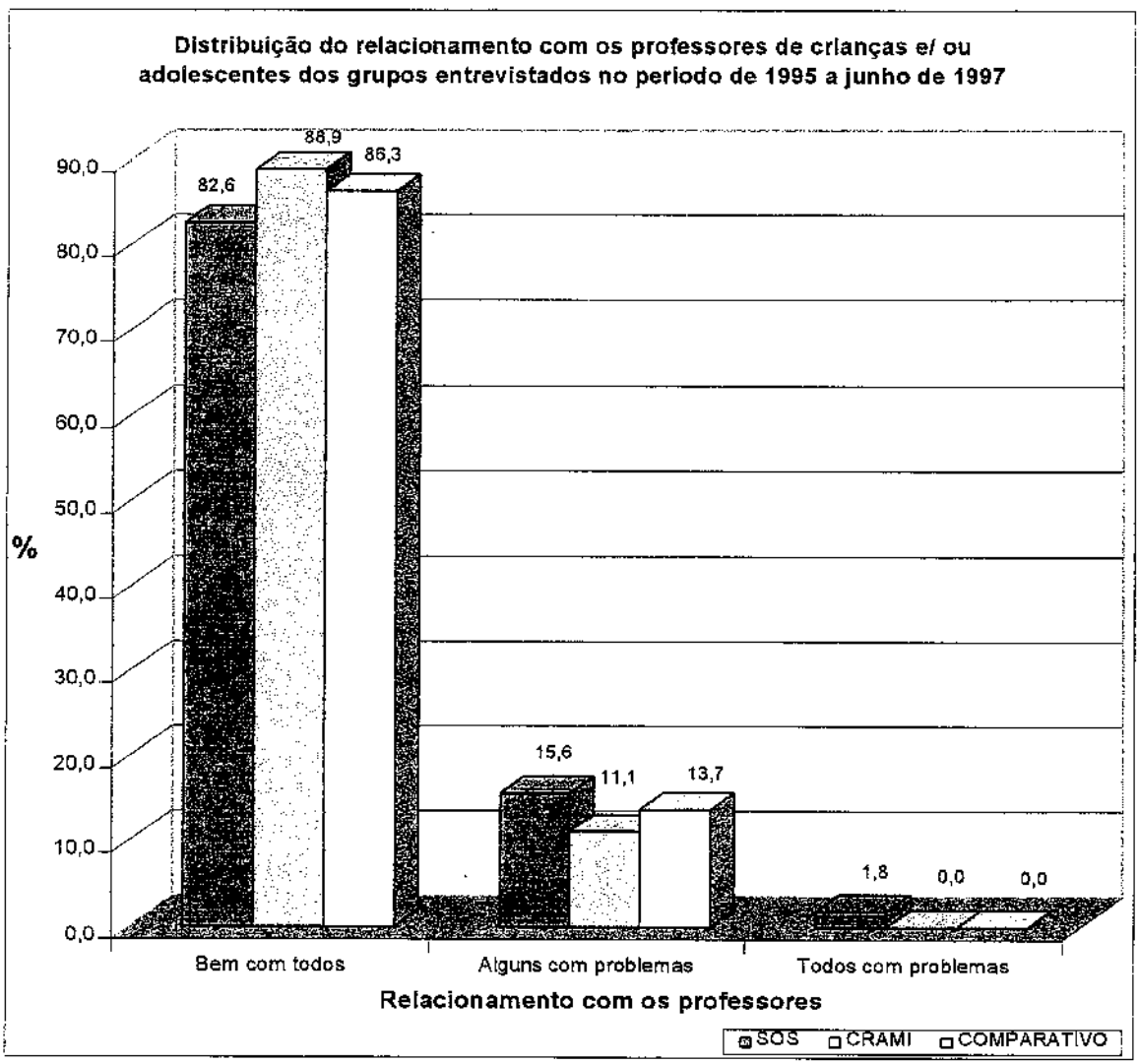


Figura 4.1.6.7. Representação gráfica do relacionamento com os professores de acordo com as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

- Dificuldades nas matérias (Tabela e gráfico 4.1.6.8)

A distribuição das matérias obedeceu ao critério de dificuldades relatado pelas crianças e adolescentes entrevistados nos três grupos. A concentração de maior percentual, nos três grupos, foi para a disciplina Matemática (SOS - 49,5%; Crami - 46,1%; comparativo - 51,2%). A outra disciplina com dificuldades foi o Português também nas três distribuições (SOS - 20,0%; Crami - 15,4%; comparativo - 21,4%). As outras matérias não apresentaram índices altos nos grupos participantes.

Vamos observar, no grupo Crami, o mesmo nível de dificuldade tanto em Português (15,4%) como nas disciplinas Ciências e Inglês. Alguns adolescentes deste grupo, quando questionados sobre essas dificuldades respondiam: *É que não tenho saco prá estudar* (Caso 58 – SOS Ação Mulher e Família). Outros alegavam falta de tempo: *Não dá, eu cuido da casa prá minha mãe trabalhar* (Caso 19 – CRAMI).

Existe uma ampla gama de diferenças individuais na aprendizagem, e estes padrões nem sempre são encontrados, em função de um ambiente social e nem são privativos de uma determinada classe. BERNSTEIN (1991) acredita que haja uma maior probabilidade de encontrarmos padrões de desempenho escolar com falhas nestas crianças e adolescentes do que nas demais.

A análise estatística dos resultados, pelo teste do χ^2, apresentou semelhanças ($p < 0.05$) nas respostas das amostras.

TABELA 4.1.6.8. MATÉRIAS COM MAIOR DIFICULDADE PARA OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MATÉRIAS																											
	Português				Matemática				Estudos sociais				Ciências				História				Geografia				Inglês			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	21	20,0	21	20,0	52	49,5	73	69,5	4	3,8	77	73,3	11	10,5	88	83,8	7	6,7	95	90,5	5	4,8	100	95,3	5	4,8	105	100,0
CRAMI	2	15,4	2	15,4	6	46,1	8	61,6	1	7,7	9	69,2	2	15,4	11	84,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	15,4	13	100,0
COMPARATIVO	18	21,4	18	21,4	43	51,2	61	72,6	4	4,8	65	77,4	7	8,3	72	85,7	2	2,4	74	88,1	6	7,1	80	95,2	4	4,8	84	100,0

$\chi^2 = 7.645$ G.L.= 12 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 8.046$ G.L.= 12 $p<0.05$

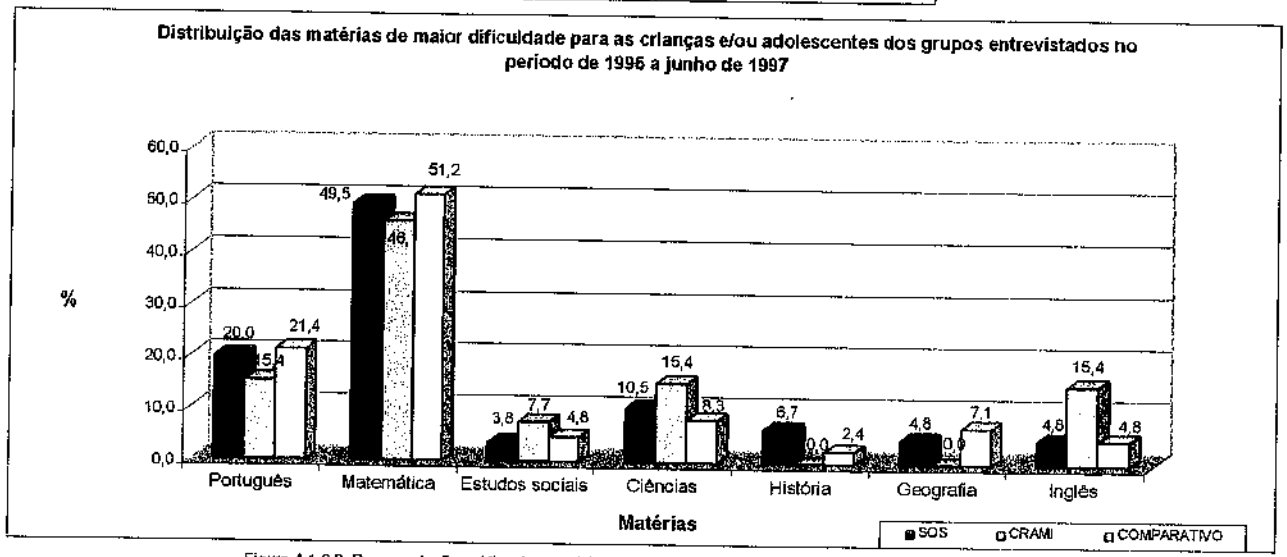


Figura 4.1.6.8. Representação gráfica das matérias mais difíceis para as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Persistência e realização de tarefas (Tabelas e gráficos 4.1.6.9a. e 4.1.6.9b.)

Os padrões de comportamento começam a se estabilizar durante os anos escolares sob a forma que terão na idade adulta (FITZGERALD; STROMMEN; MCKINNEY, 1983). A escola impõe exigências às crianças semelhantes às exigências que encontrarão como adultos, no trabalho e em outras situações. Estas incluem demandas relacionadas como ir ao trabalho todo dia, independente da disposição; responsabilidade, rapidez e conclusão de tarefas. Há demandas para aplicação e integração de técnicas cognitivas e outras relacionadas com concluir tarefas e alcançar objetivos.

Há o desenvolvimento de atitudes, interesses e expectativas, tanto a respeito delas, como quanto ao trabalho desempenhado. Independência e autonomia pessoal para lidar com tarefas cotidianas, desenvolvimento do controle interno dos impulsos e comportamento, motivação de competência ou eficiência e motivação de realização encontram-se nestas categorias. Podemos pensar, também, na persistência de tarefas, responsabilidades e possibilidade de independência.

É a partir das tentativas e práticas de diferentes tipos de técnicas que estas crianças e adolescentes vão desenvolvendo autoconceitos como competentes em algumas coisas e não em outras, ou gostando de algumas coisas e não de outras.

Na distribuição da persistência na realização de atitudes e tarefas, observamos que a maior parte dos participantes dos três grupos entrevistados apresenta grau alto de persistência, tanto nas suas atitudes (tabela e gráfico 4.1.6.9a.) como na realização de tarefas (tabela e gráfico 4.1.6.9b.) (Atitudes: SOS - 87,3%; Crami - 76,9%; comparativo - 86,3% / Tarefas: SOS - 90,8%; Crami - 76,9%; comparativo - 89,0%). Os participantes do grupo Crami foram os que tiveram menores resultados nas distribuições (76,9%); mesmo assim, não nos pareceu ser grande a diferença em relação aos outros grupos

Muitos pais e responsáveis, no momento em que as crianças e os adolescentes respondiam às perguntas, ao chegar neste item exclamavam: *Ih! Ele (a) é um chato(a), quando quer uma coisa não sossega !*. Os participantes do grupo Crami, que apresentaram respostas negativas à persistência (23,1%), passou-nos a sensação de estarem desanimados

e desesperançados com as suas situações escolares. Um menino de 9 anos relatou: *Não termino o dever porque fico sem vontade..*(Caso 13 – CRAMI).

A análise estatística, pelo teste do χ^2, comprovou semelhanças ($p < 0.05$), nas respostas dos três grupos entrevistados, nas variáveis persistência e realização de tarefas.

TABELA 4.1.6.9a. PERSISTÊNCIA NAS ATITUDES DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PERSISTÊNCIA NAS ATITUDES							
	Insiste quando quer algo				Não insiste quando quer algo			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	151	87,3	151	87,3	22	12,7	173	100,0
CRAMI	20	76,9	20	76,9	6	23,1	26	100,0
COMPARATIVO	126	86,3	126	86,3	20	13,7	146	100,0

$\chi^2 = 2.035$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.788$ G.L.= 2 $p<0.05$

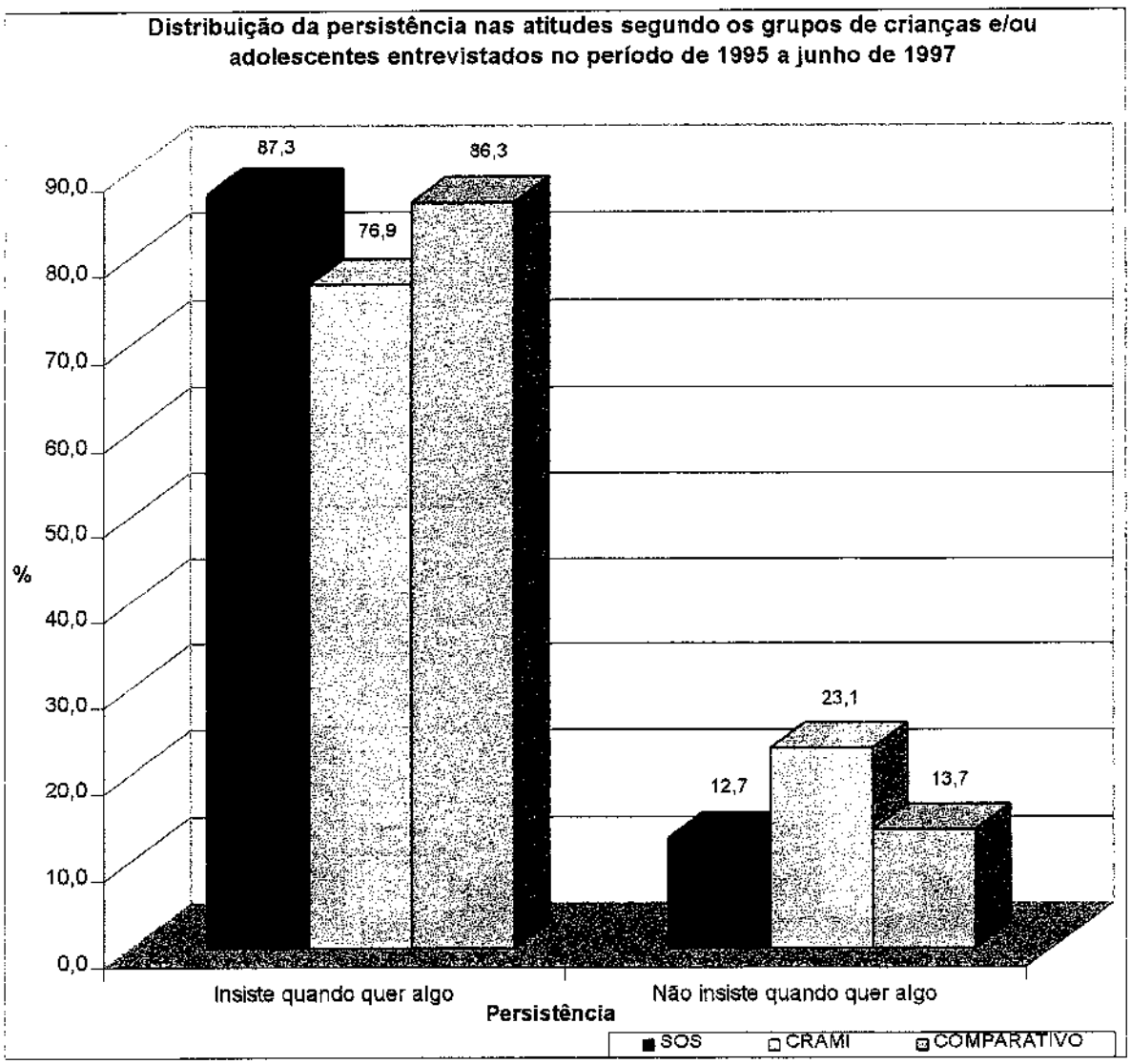


Figura 4.1.6.9a. Representação gráfica da persistência em atitudes de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.9b. PERSISTÊNCIA NAS TAREFAS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1996/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PERSISTÊNCIA NAS TAREFAS							
	Termina tarefas que inicia				Não termina tarefas que inicia			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	157	90,8	157	90,8	16	9,2	173	100,0
CRAMI	20	76,9	20	76,9	6	23,1	26	100,0
COMPARATIVO	130	89,0	130	89,0	16	11,0	146	100,0

$\chi^2 = 4.411$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.628$ G.L.= 2 $p<0.05$

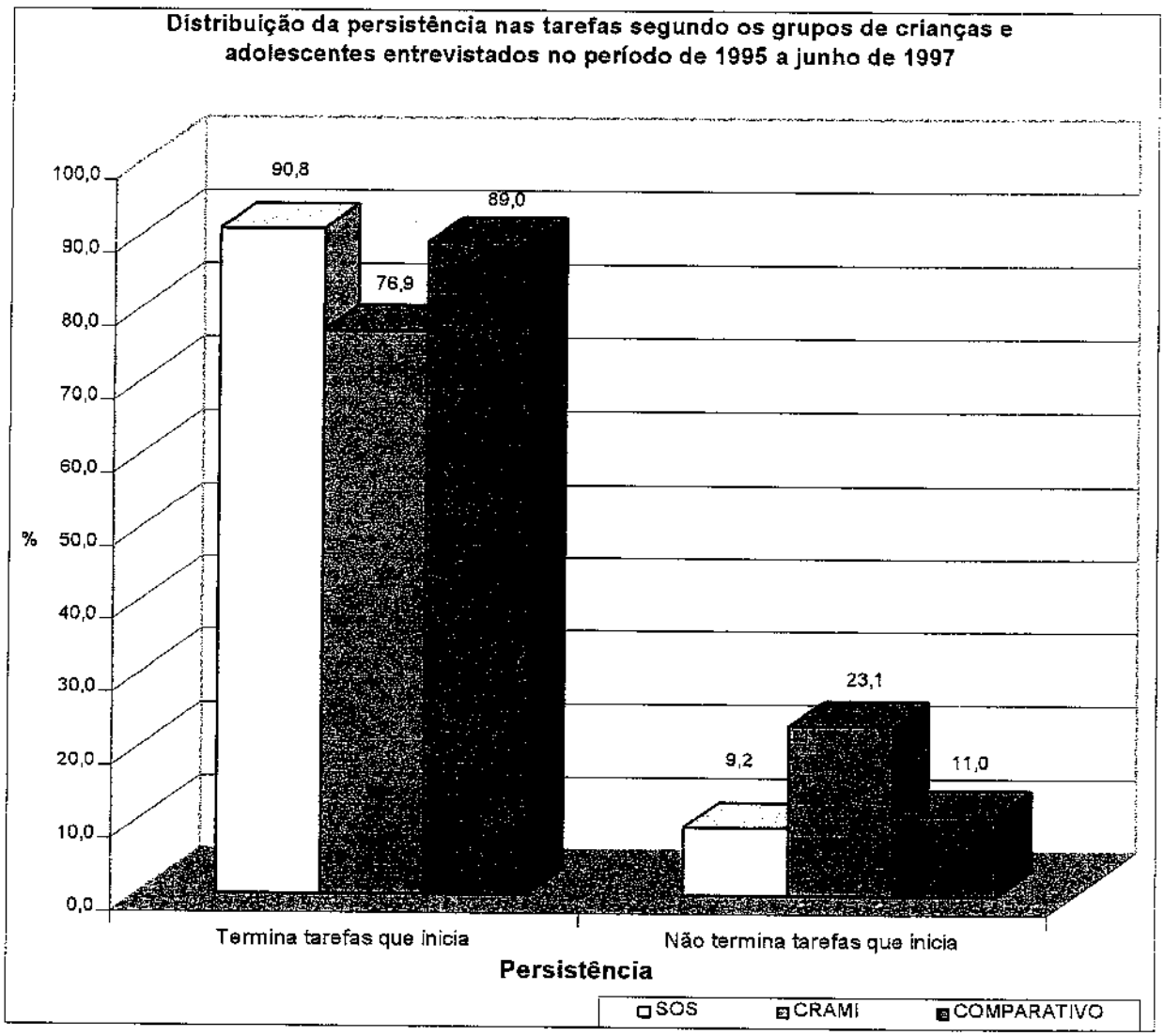


Figura 4.1.6.9b. Representação gráfica da persistência nas tarefas de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

- Habilidade artística (Tabela e gráfico 4.1.6.10.)

A criatividade desempenha um papel relevante no processo de desenvolvimento da personalidade, uma vez que favorece a livre expressão, condiciona a ação espontânea e facilita a comunicação.

A livre atividade artística, segundo NOVAES (1975), favorece a incorporação da disciplina interna, da harmonia, de novas descobertas perceptivas e experiências emocionais. O sentido de equilíbrio, proporção, ritmo, a descoberta do mundo das formas e sons favorecem na criança, uma atividade contínua de discriminação, planejamento, de organização e de assimilação racional, que irá ajudá-la a elaborar o seu universo de ação, em termos de um pensamento mais enriquecido e amplo. Por meio da arte, ela terá oportunidade de canalizar tensões, conflitos e ansiedades, buscando formas de afirmação pessoal positivas e válidas para si mesma e para o meio.

Encontramos, nesta distribuição, nos três grupos, uma pequena percentagem de crianças e adolescentes que realizavam estas atividades (SOS – 19,7%; Crami – 11,5%; comparativo – 22,6%). As artes mais aprendidas e praticadas foram as artes musicais. Os principais instrumentos foram : piano e violão. Os participantes do grupo Crami (11,5%) aprendiam esta habilidade na igreja, pois não possuíam recursos para aulas particulares, ou estudavam em colégios, onde eram oferecidas estas atividades.

Os resultados das respostas à variável habilidade artística não apresentaram diferenças significativas ($p < 0.05$) nos três grupos entrevistados, de acordo com o teste do χ^2.

TABELA 4.1.6.10 . HABILIDADE ARTÍSTICA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	HABILIDADE ARTÍSTICA							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	34	19,7	34	19,7	139	80,3	173	100,0
CRAMI	3	11,5	3	11,5	23	88,5	26	100,0
COMPARATIVO	33	22,6	33	22,6	113	77,4	146	100,0

$\chi^2 = 1.757$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.919$ G.L.= 2 $p<0.05$

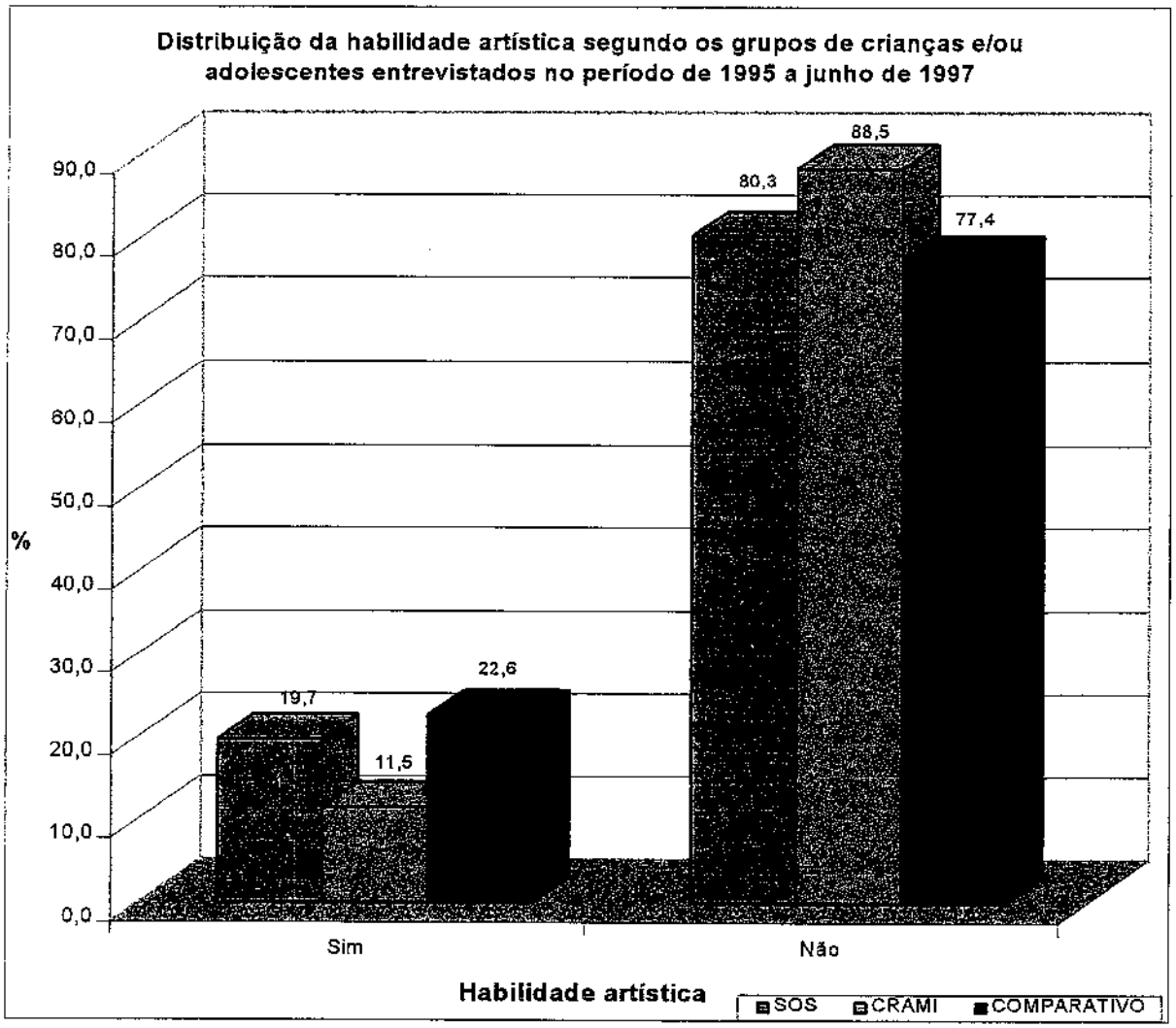


Figura 4.1.6.10. Representação gráfica da habilidade artística de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Prática de esportes e preferências (Tabelas e gráficos 4.1.6.11a., 4.1.6.11b e 4.1.6.11c.)

Segundo GALARDO (1986), a prática de esportes inclui uma aprendizagem motora perceptual. Desta forma, propicia ao desportista grande quantidade e variedade de experiências, dentro de um ambiente que lhe dá oportunidade de perceber a dinâmica interpessoal, num contexto de participação e respeito aos direitos humanos.

Na prática de esportes, há possibilidade de observarmos como as crianças e os adolescentes desenvolvem novos interesses e criam motivações pessoais para descobrir respostas adaptativas.

Nestas situações, as crianças e os adolescentes podem expressar o conhecimento de sua própria linguagem corporal e demonstrar sinais de traumas ou de algum problema subjetivo. Dependendo da condição do seu mundo interior (fantasias, desejos, pensamentos, etc.), a criança e o adolescente poderão expressar uma série de problemas de comportamento, entre os quais GALARDO (1986) destaca a interação com outras crianças e adolescentes e com adultos. É difícil para as crianças e adolescentes que sofrem violência doméstica participar da dinâmica interpessoal, de maneira adequada. Por exemplo: competir, compartilhar, defender-se, controlar agressões adequadamente, etc.

Os três grupos entrevistados apresentaram respostas aos itens 'prática' e 'preferência' (tabelas e gráficos 4.1.6.11a. e 4.1.6.11b.) muito próximas (prática: SOS - 53,2%; Crami - 61,5%; comparativo - 52,7% e preferência : SOS - 80,3%; Crami - 73,1%; comparativo - 84,2%). Aproximadamente um pouco mais de 50% dos entrevistados praticavam esportes. Um percentual mais elevado, em média 79%, estabeleceu preferências.

O grupo Crami teve o maior percentual de prática de esportes (61,5%), no entanto, obteve índice mais alto em 'sem preferência' (26,9%). Esta situação talvez possa ser justificada pelo fato destas crianças e adolescentes praticarem esportes na rua, na quadra da comunidade ou na escola. Eles não têm a vivência do esporte em um clube e talvez, por isso, sua prática não possa ser tão diversificada e sem preferências. Os participantes dos outros grupos apresentavam maiores oportunidades de prática de esportes em clubes.

A distribuição dos esportes, por preferência, (tabela e gráfico 4.1.6.11c.), teve como resposta mais freqüente o futebol em todos os grupos (SOS - 41,0%; comparativo - 45,5%), com uma incidência maior no grupo Crami (63,2%). Podemos supor que, além de ser um esporte de destaque em nosso país, apresenta várias facilidades para a sua prática oferecidas pelas administrações regionais, como campos públicos e espaços apropriados para este jogo nos bairros.

O vôlei também obteve expressão nas respostas das crianças e adolescentes entrevistados (SOS - 26,6%; Crami - 26,3%; comparativo - 25,2%). O basquete foi um outro esporte preferido pelo grupo Crami (10,5%). As outras práticas desportivas não apresentaram resultados neste grupo. Os outros esportes obtiveram apenas freqüências baixas nos grupos SOS (natação – 15,8%; ginástica – 5,8%; basquete – 7,2%; balé – 3,6%) e comparativo (natação – 13,8%; ginástica – 0,8%; basquete – 13,0%; balé – 1,6%). Supomos que algumas escolhas foram feitas em função do esporte 'da moda', no momento em que a entrevista ocorria.

Um fato interessante a ressaltar é que os esportes de luta não foram mencionados ou escolhidos por nenhum dos participantes. Apesar da grande quantidade de desenhos animados e filmes de lutas que existem atualmente à disposição nos "vídeo games", televisão e cinemas, para essa população entrevistada não houve expressividade.

Os três grupos entrevistados apresentaram resultados estatisticamente semelhantes ($p < 0.05$), quanto a estas variáveis, segundo o teste do χ^2.

TABELA 4.1.6.11a. PRÁTICA DE ALGUM ESPORTE DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ESPORTE							
	Pratica				Não pratica			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	92	53,2	92	53,2	81	46,8	173	100,0
CRAMI	16	61,5	16	61,5	10	38,5	26	100,0
COMPARATIVO	77	52,7	77	52,7	69	47,3	146	100,0

$\chi^2 = 0.715$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.722$ G.L.= 2 $p<0.05$

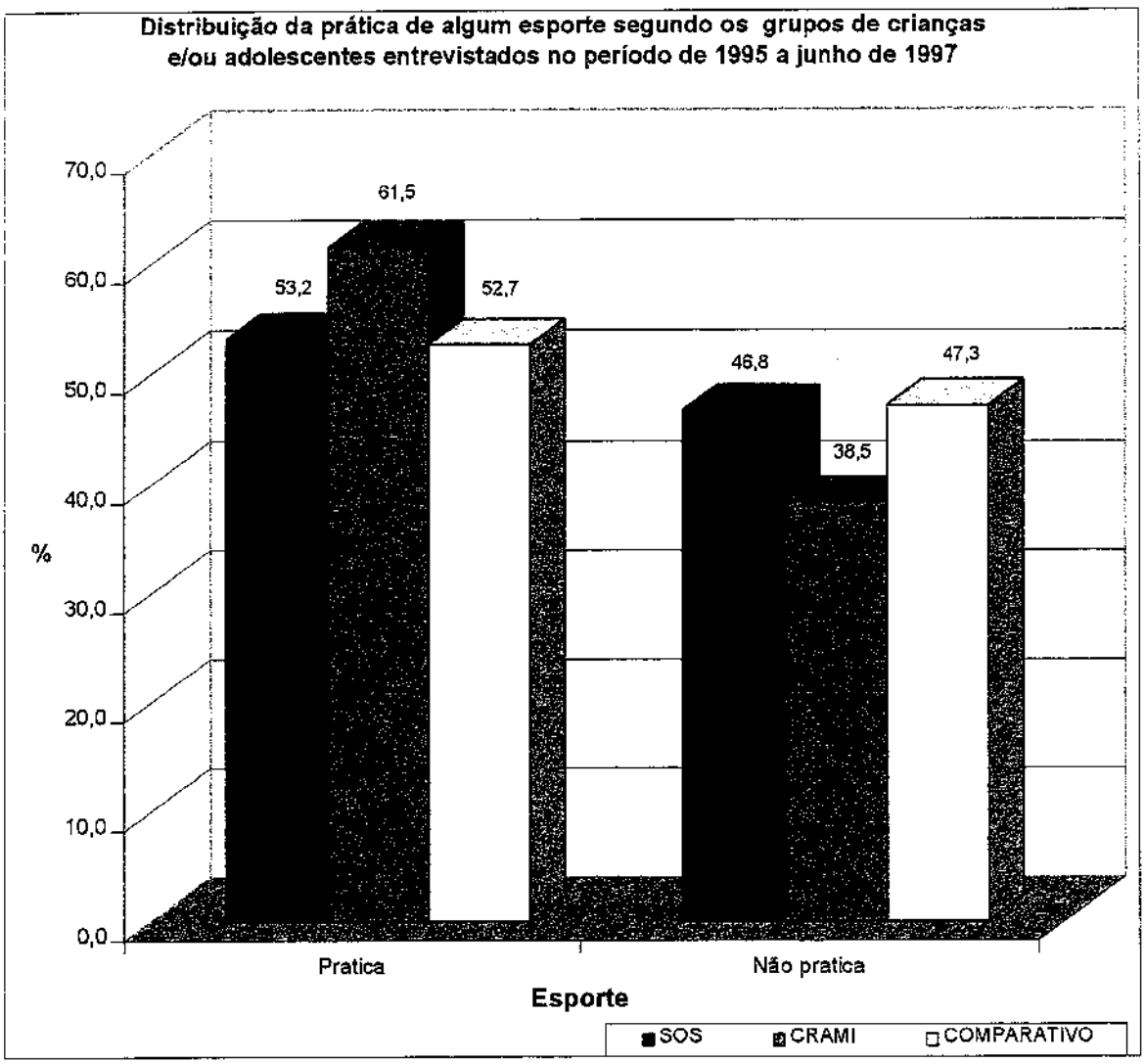


Figura 4.1.6.11a. Representação gráfica da prática por algum esporte de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.11b. PREFERÊNCIA POR ALGUM ESPORTE DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ESPORTE							
	Com preferência				Sem preferência			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	139	80,3	139	80,3	34	19,7	173	100,0
CRAMI	19	73,1	19	73,1	7	26,9	26	100,0
COMPARATIVO	123	84,2	123	84,2	23	15,8	146	100,0

$\chi^2 = 2.101$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.018$ G.L.= 2 $p<0.05$

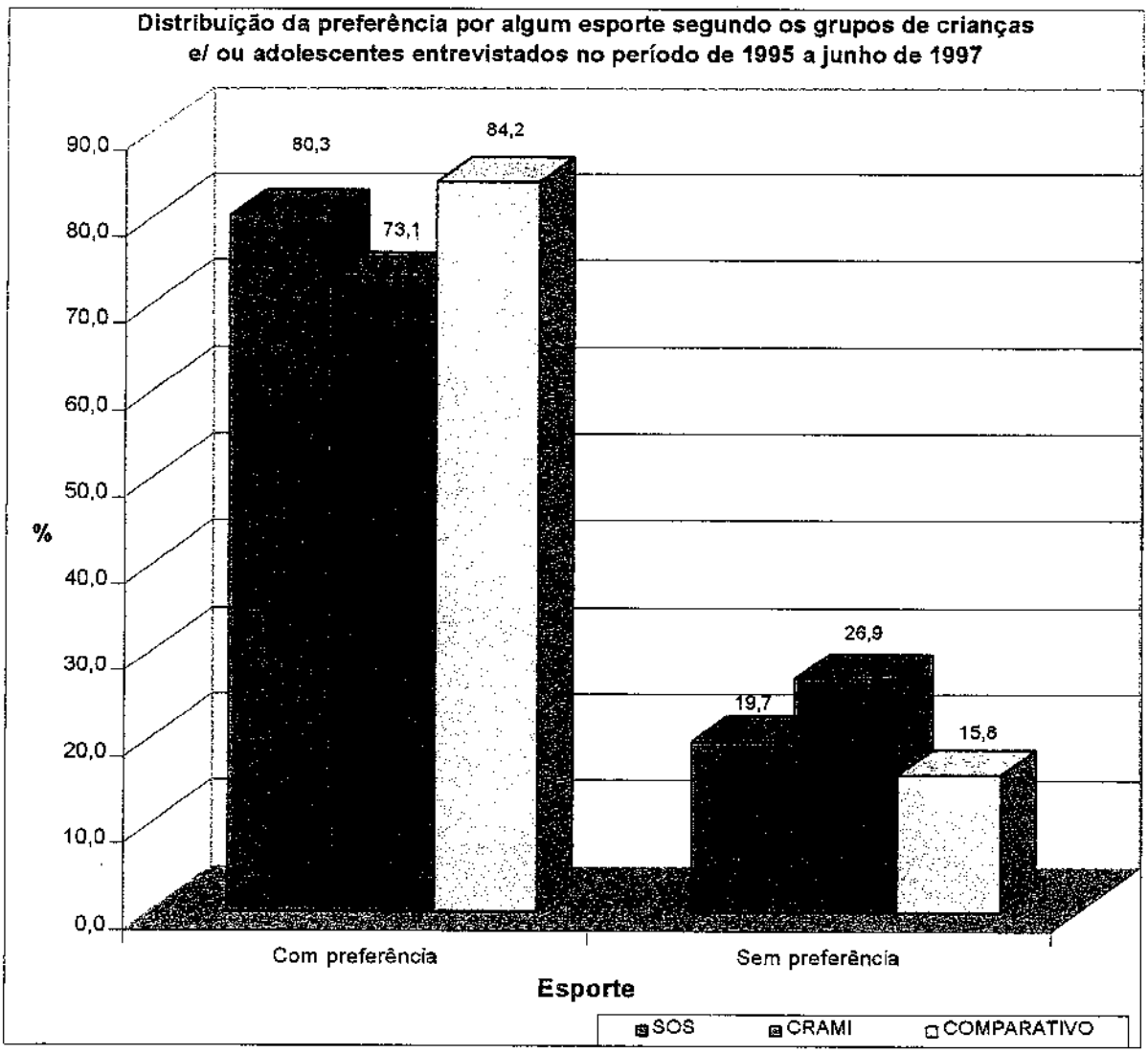


Figura 4.1.6.11b. Representação gráfica da preferência por algum esporte de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.11c . ESPORTES PREFERIDOS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE NTREVISTADO	ESPORTES																							
	Futebol				Vôlei				Natação				Ginástica				Basquete				Balé			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	57	41,0	57	41,0	37	26,6	94	67,6	22	15,8	116	83,5	8	5,8	124	89,2	10	7,2	134	96,4	5	3,6	139	100,0
CRAMI	12	63,2	12	63,2	5	26,3	17	89,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	10,5	19	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	56	45,5	56	45,5	31	25,2	87	70,7	17	13,8	104	84,5	1	0,8	105	85,3	16	13,0	121	98,3	2	1,6	123	100,0

$\chi^2 = 14.341$ G.L.= 10 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 18.261$ G.L.= 10 $p<0.05$

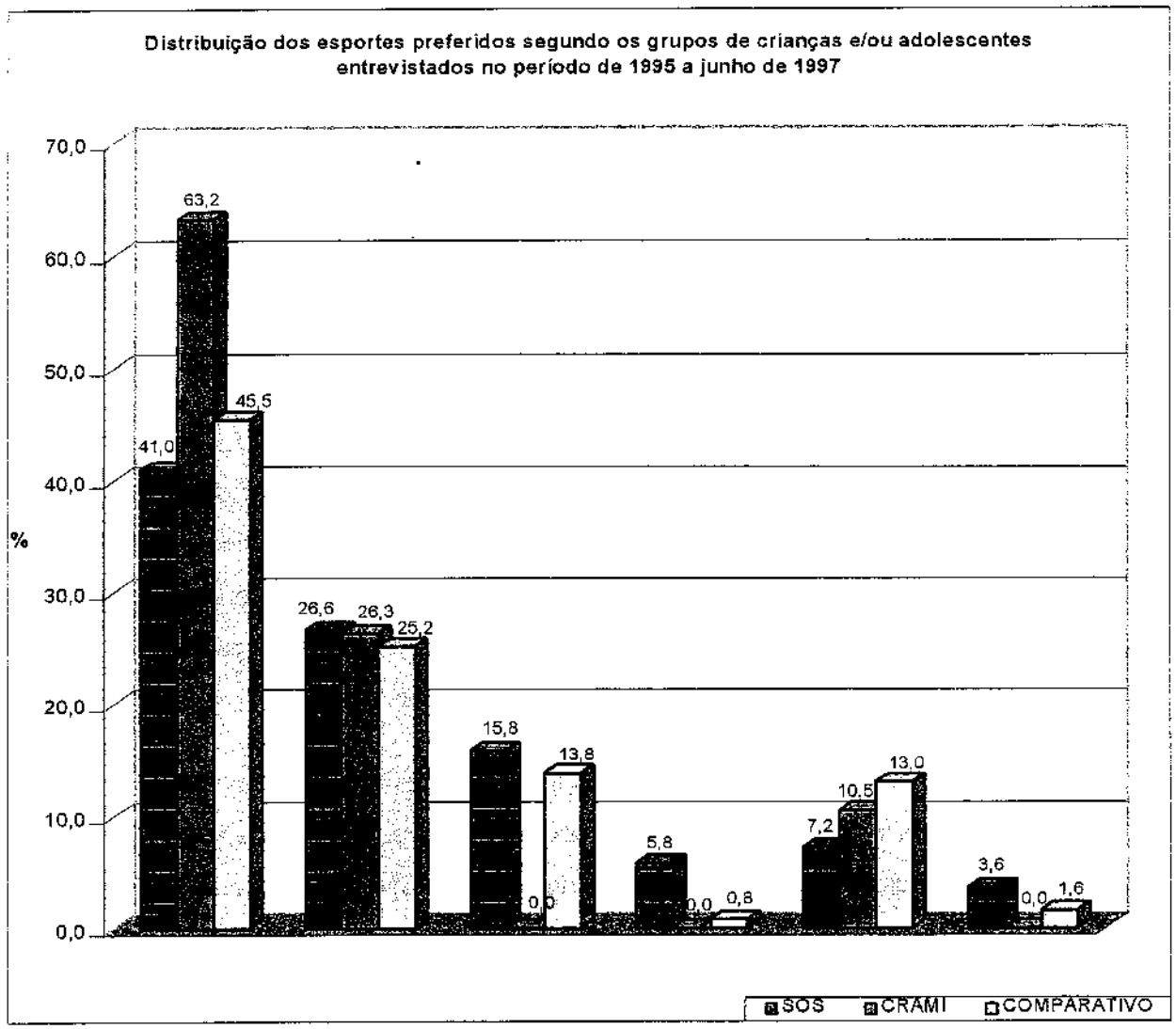


Figura 4.1.6.11c. Representação gráfica dos esportes preferidos de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Escolarização e socialização (Tabelas e gráficos 4.1.6.12a. a 4.1.6.12f.)

A faixa etária escolhida na pesquisa (7 a 18 anos) caracteriza-se pela idade da escolarização, propriamente dita. É o período em que as crianças já desenvolveram relações claramente grupais e há seleção de companheiros por idade e por sexo, tanto na escola, como na vizinhança. As amizades podem ser mais intensas e duradouras.(BEE, 1977).

Na adolescência, os grupos são mais complexos. Primeiro, há a turma, um grande grupo de adolescentes que compartilham os mesmos interesses. Esta turma divide-se em pequenos grupos, nos quais há fortes laços entre os participantes. Dentro deste pequeno grupo, pode haver relações mais profundas entre os seus membros.

Devemos ter em mente que a capacidade de fazer amizades apresenta diferenças individuais e fatores que a influenciam. Em todos os níveis de idade, a aceitação por parte dos companheiros e a popularidade estão associadas a um caráter amistoso e à disponibilidade da pessoa.

Segundo SALZINGER *et al.*, (1993), as distorções da compreensão social derivadas das crianças que são vítimas de violência familiar, podem direcionar o estabelecimento da amizade. WOLFE (1987), acrescenta que, além de serem vítimas e testemunhas da violência doméstica, estas crianças vivem em ambientes onde as interações parentais são caracterizadas por um alto grau de negatividade.

De uma forma geral, estas crianças e adolescentes são percebidos por seus colegas como mais negativos e com poucos comportamentos sociais positivos, independente de classes sociais. Para estes autores (SALZINGER *et al.*, 1993;. WOLFE, 1987), as famílias agressivas demonstram claros modelos de aquisição de comportamentos sociais agressivos, que podem ser generalizados para as relações sociais com colegas. Isto acarreta num desenvolvimento de comportamentos sociais mal adaptados e uma pobre compreensão das relações interpessoais, resultando em um *status* inferior entre seus colegas e, conseqüentemente, mal ajustamento do comportamento.

Na distribuição dos resultados da tabela e gráfico 4.1.6.12a. e 4.1.6.12b., foram avaliadas as capacidades de fazer amizades na escola e no lugar onde mora. Os resultados, nas duas variáveis, para os três grupos entrevistados, foram altos. Para 'amizade na escola', próximo a 100% (SOS - 98,2%; Crami - 100,0%; comparativo – 97,8%); e 'amizades no local onde mora', em torno de 92% (SOS - 94,2%; Crami - 88,5%; comparativo - 94,5%)..

Os grupos entrevistados apresentaram um pequeno declínio na freqüência no que diz respeito aos 'amigos no local onde mora'. Podemos supor que, a princípio, a dificuldade de fazer amizade não ocorreu em nenhum dos ambientes. No entanto, provavelmente em função da situação de violência doméstica que as crianças e adolescentes dos grupos SOS e Crami viviam, este fator tenha se tornado um impeditivo social.

Um outro aspecto que não devemos esquecer é a possibilidade de que as freqüentes mudanças de domicílio, avaliadas nas tabelas e gráficos 4.1.1.12a. e 4.1.1.12b., sejam um impedimento para o relacionamento com a vizinhança. Nos colégios, partindo dos dados já demonstrados, apesar das mudanças domiciliares ocorrerem, as mudanças de escola (Tabelas e gráficos 4.1.2.21a. e 4.1.2.21b.) não acompanhavam a sua freqüência e isto dava oportunidade para as crianças e adolescentes manterem as suas amizades, neste local.

Nas tabelas e gráficos 4.1.6.12c. e 4.1.6.12d. , avaliamos a manutenção das amizades e a tendência ao isolamento. Novamente, um percentual alto para as amizades foi observado nos três grupos entrevistados (SOS - 99,4%; Crami - 96,2%; comparativo - 99,3%). A freqüência de sujeitos que não mantêm suas amizades foi pequena nos grupos (SOS - 0,6%; Crami - 3,8%; comparativo - 0,7%).

Quanto à tendência ao isolamento (Tabela e gráfico 4.1.6.12d.), isto é, a preferência por ficar só, encontramos percentuais baixos, para os três grupos entrevistados (SOS - 5,8%; Crami - 15,4%; comparativo - 7,5%). O grupo Crami obteve o percentual mais elevado para a variável 'prefere estar só' (15,4%). Os grupos SOS e comparativo obtiveram os percentuais 20,8% e 17,1%, respectivamente, para a variável 'depende'. Nesta situação, as respostas eram muito parecidas : *Depende com quem, se for um chato, antes só do que mal acompanhado (a); Depende da pessoa; Depende do que eu vou fazer.*

As respostas aos mais velhos, ou seja, a desobediência ocorre em graus variados em todos os estágios de desenvolvimento da criança e do adolescente. A resposta nada significa, até a criança perceber que os pais ficam aborrecidos. Uma das principais tarefas da infância é descobrir a estrutura e o significado da vida, que muitas vezes se compreende descobrindo as regras, regulamentos e como as coisas acontecem. À medida que a criança vai crescendo, seu comportamento vai se tornando mais complexo e variado. Ela testará os mais velhos para descobrir discriminações mais sutis.

As tabelas e gráficos 4.1.6.12e. e 4.1.6.12f. descrevem as situações de realização dessas atitudes que as pessoas não aprovam ou aprovam e respostas aos mais velhos. Foram obtidos percentuais bem próximos nos grupos SOS (49,7%) e comparativo (49,3%), para a variável 'atitudes que as pessoas não aprovam'. Para o grupo Crami tivemos uma incidência um pouco menor (46,2%). Estas atitudes eram variadas, de acordo com a idade: as crianças associavam essas atitudes com não fazer dever, ser desobediente e mentir; os adolescentes falavam das brigas em casa, dos xingamentos e brigas com os irmãos.

A ' resposta aos mais velhos' foi uma variável com percentuais : SOS - 45,1%; Crami - 30,8%; comparativo - 38,4%. Os sujeitos dos grupos SOS e comparativo, entrevistados, tiveram os resultados mais significativos, enquanto o grupo Crami permaneceu com o percentual mais baixo. Este fato leva-nos a pensar que este grupo era mais conciliador e menos contestador. Uma certa diferença também pode ser observada nas situações de respostas aos mais velhos : as crianças respondiam mais para testar os limites, por exemplo: *Eu respondo, porque ela não deixa eu ir para a rua brincar*(Caso 120 – SOS Ação Mulher e Família). Os adolescentes partem dos seus valores morais para elaborarem as suas respostas contestatórias, por exemplo: *Eu respondo mesmo. Eles não estão certos, eu não tenho de ficar quieto* (Caso 124 – SOS Ação Mulher e Família). É possível afirmar que as duas atitudes são posturas comuns aos grupos destas faixas etárias.

As respostas às variáveis analisadas estatisticamente pelo teste do χ^2, nas tabelas e gráficos 4.1.6.12e. a 4.1.6.12f., foram semelhantes ($p < 0.05$), nos três grupos entrevistados.

TABELA 4.1.6.12a. AMIZADES NA ESCOLA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AMIZADES							
	Com amizades na escola				Sem amizades na escola			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	164	98,2	164	98,2	3	1,8	167	100,0
CRAMI	18	100,0	18	100,0	0	0,0	0	0,0
COMPARATIVO	136	97,8	136	97,8	3	2,2	139	100,0

$\chi^2 = 0.414$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.744$ G.L.= 2 $p<0.05$

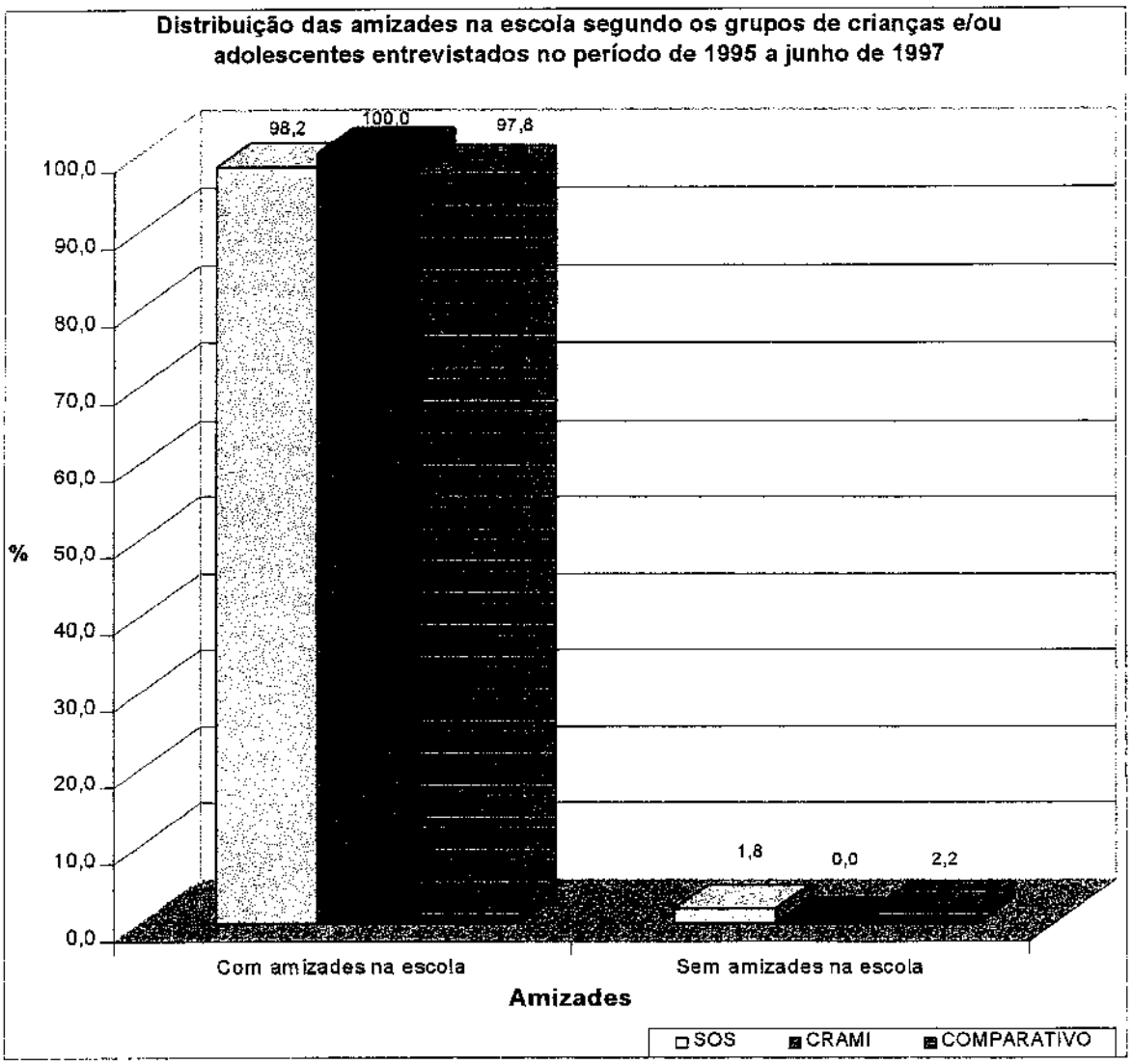


Figura 4.1.6.12a . Representação gráfica das amizades na escola de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.12b. AMIZADES NO LOCAL ONDE MORA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1996/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AMIZADES							
	Com amigos no lugar onde mora				Sem amigos no lugar onde mora			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	163	94,2	163	94,2	10	5,8	173	100,0
CRAMI	23	88,5	23	88,5	3	11,5	26	100,0
COMPARATIVO	138	94,5	138	94,5	8	5,5	146	100,0

$\chi^2 = 1.474$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.213$ G.L.= 2 $p<0.05$

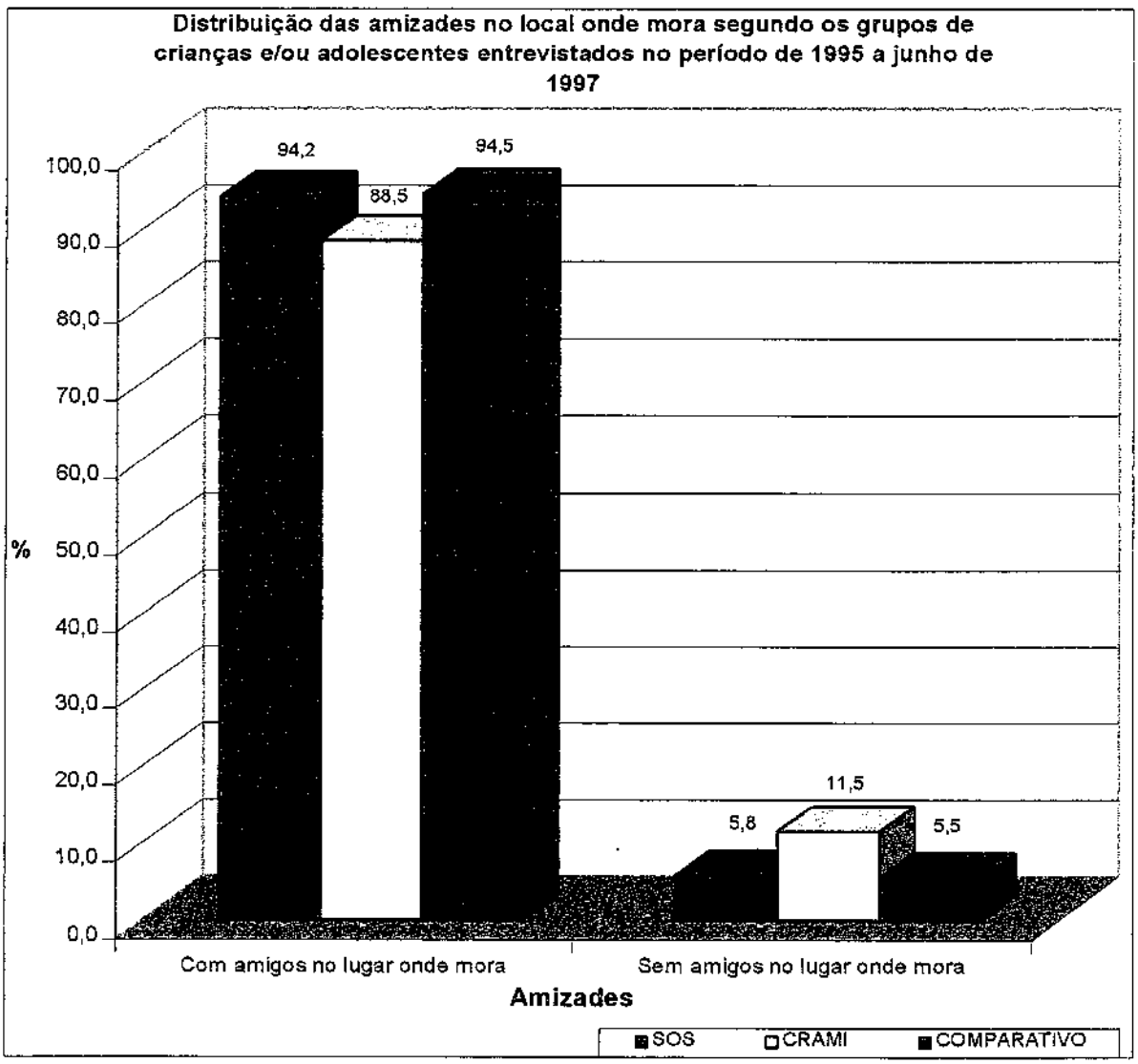


Figura 4.1.6.12b. Representação gráfica das amizades no local onde mora de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.12c. SOCIABILIDADE DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SOCIABILIDADE							
	Mantém amizades				Não mantém amizades			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	172	99,4	172	99,4	1	0,6	173	100,0
CRAMI	25	96,2	25	96,2	1	3,8	26	100,0
COMPARATIVO	145	99,3	145	99,3	1	0,7	146	100,0

$\chi^2 = 2.901$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.705$ G.L.= 2 $p<0.05$

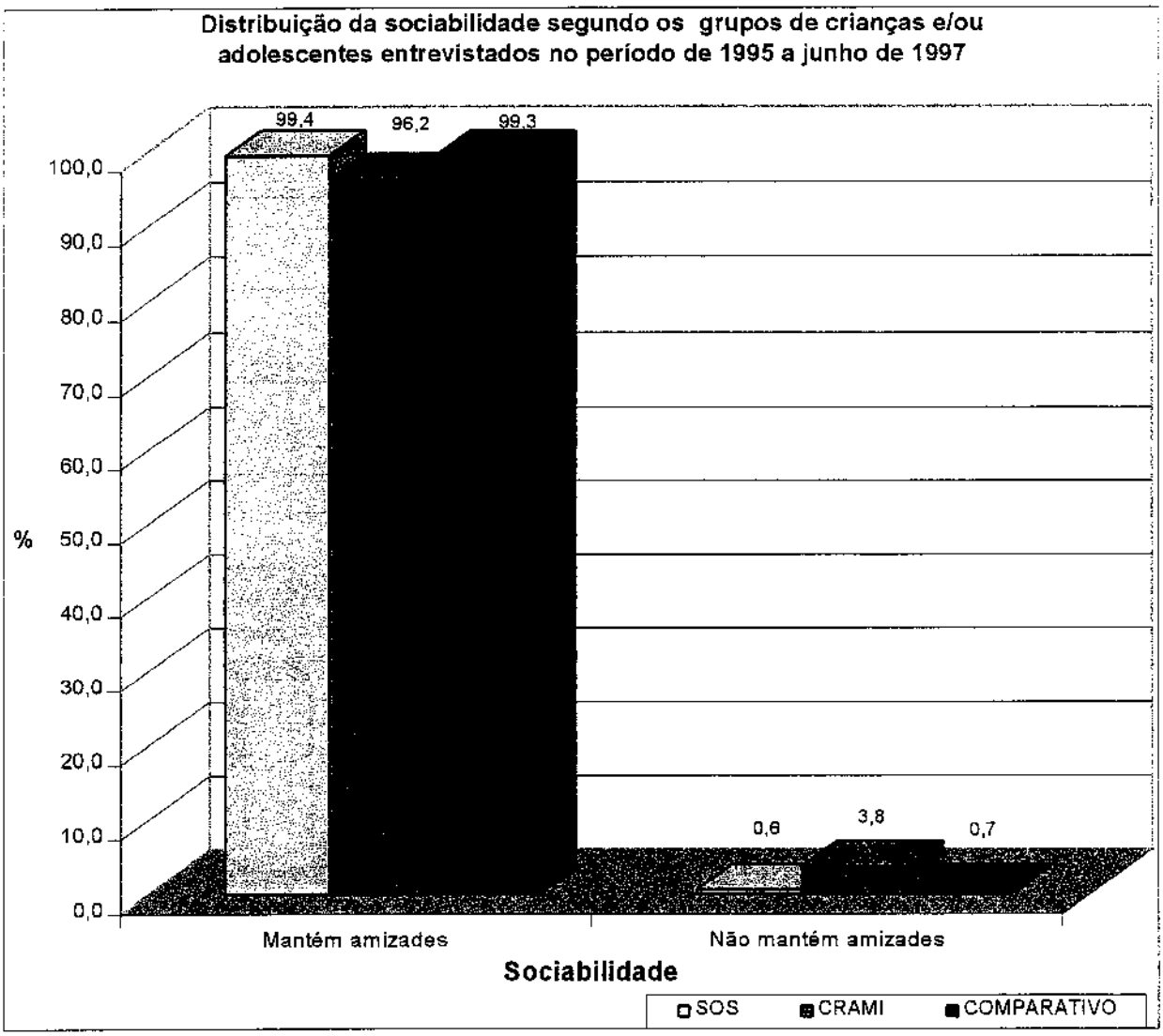


Figura 4.1.6.12c. Representação gráfica da sociabilidade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.12d. SOCIABILIDADE DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	SOCIABILIDADE											
	Prefere estar só				Prefere estar com outras pessoas				Depende			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	10	5,8	10	5,8	127	73,4	137	79,2	36	20,8	173	100,0
CRAMI	4	15,4	4	15,4	19	73,1	23	88,5	3	11,5	26	100,0
COMPARATIVO	11	7,5	11	7,5	110	75,3	121	82,8	25	17,1	146	100,0

$\chi^2 = 4.276$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.823$ G.L.= 4 $p<0.05$

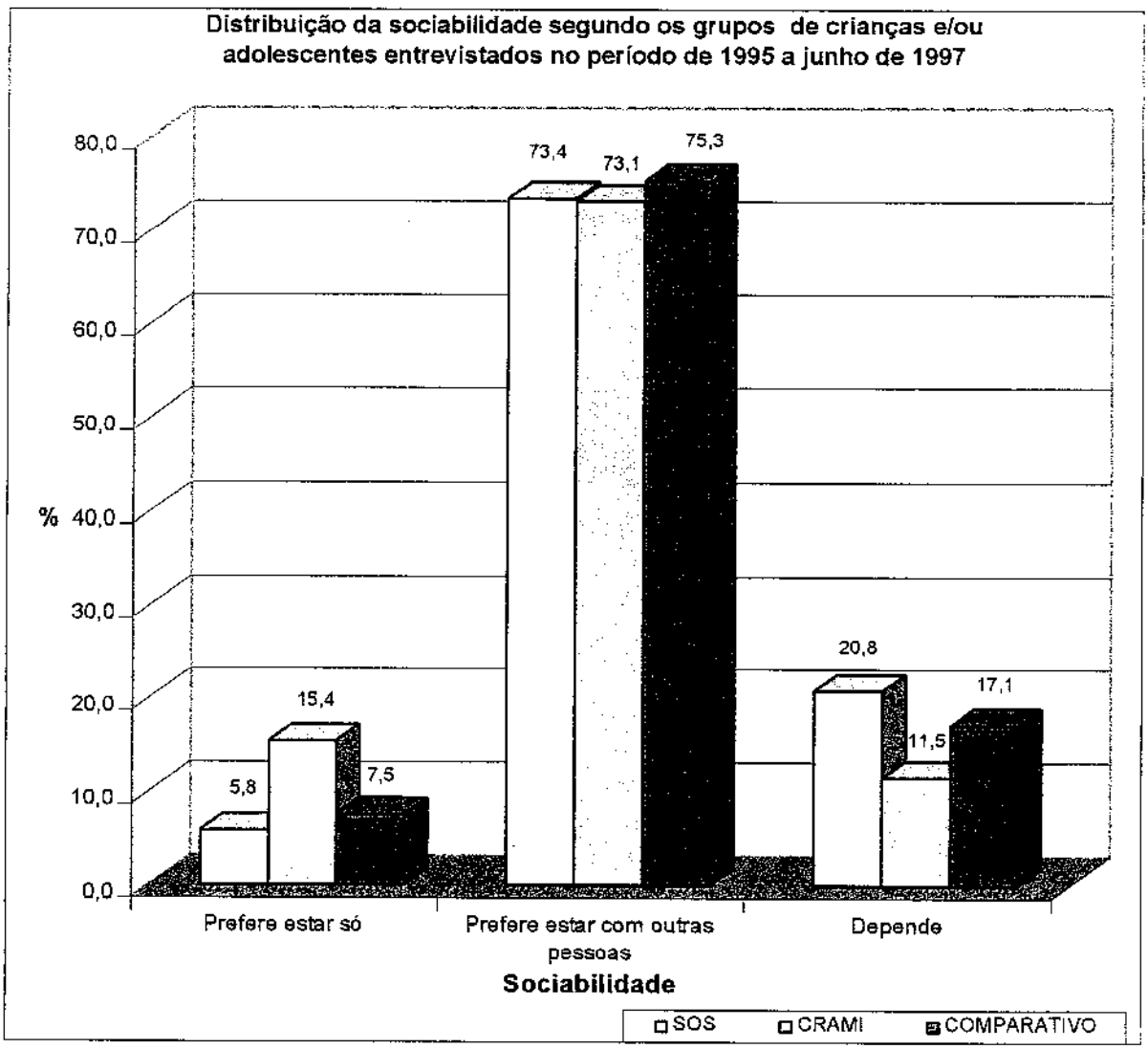


Figura 4.1.6.12d . Representação gráfica da sociabilidade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.12e. ATITUDES QUE AS PESSOAS NÃO APROVAM DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ATITUDES NÃO APROVADAS PELAS PESSOAS							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	86	49,7	86	49,7	87	50,3	173	100,0
CRAMI	12	46,2	12	46,2	14	53,8	26	100,0
COMPARATIVO	72	49,3	72	49,3	74	50,7	146	100,0

$\chi^2 = 0.115$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.115$ G.L.= 2 $p<0.05$

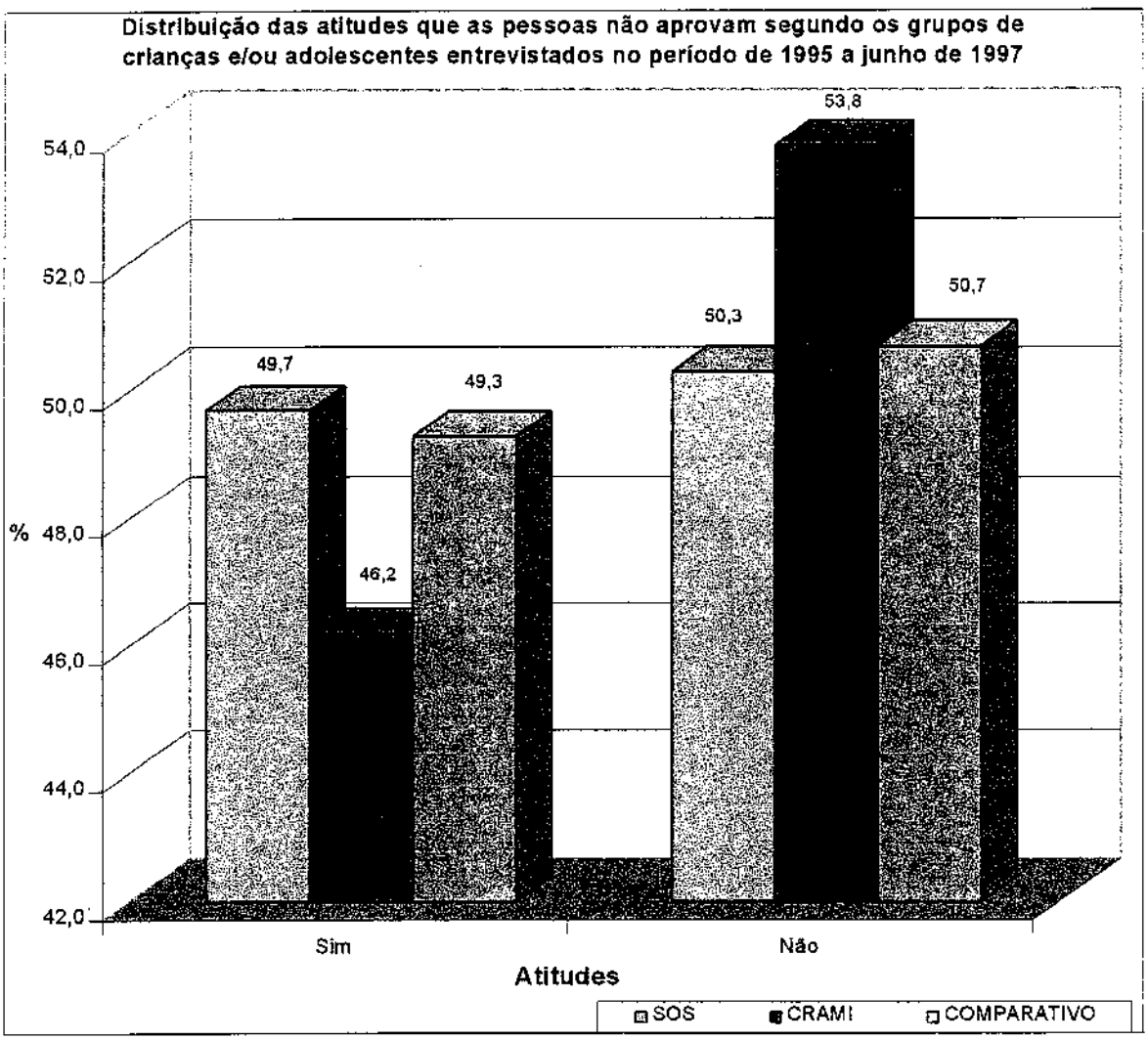


Figura 4.1.6.12e. Representação gráfica da realização de atitudes que as pessoas não aprovam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.12f. ATITUDES QUE AS PESSOAS NÃO APROVAM DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	ATITUDES NÃO APROVADAS PELAS PESSOAS							
	Responde aos mais velhos				Não responde aos mais velhos			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	78	45,1	78	45,1	95	54,9	173	100,0
CRAMI	8	30,8	8	30,8	18	69,2	26	100,0
COMPARATIVO	56	38,4	56	38,4	90	61,6	146	100,0

$\chi^2 = 2.734$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 2.769$ G.L.= 2 $p<0.05$

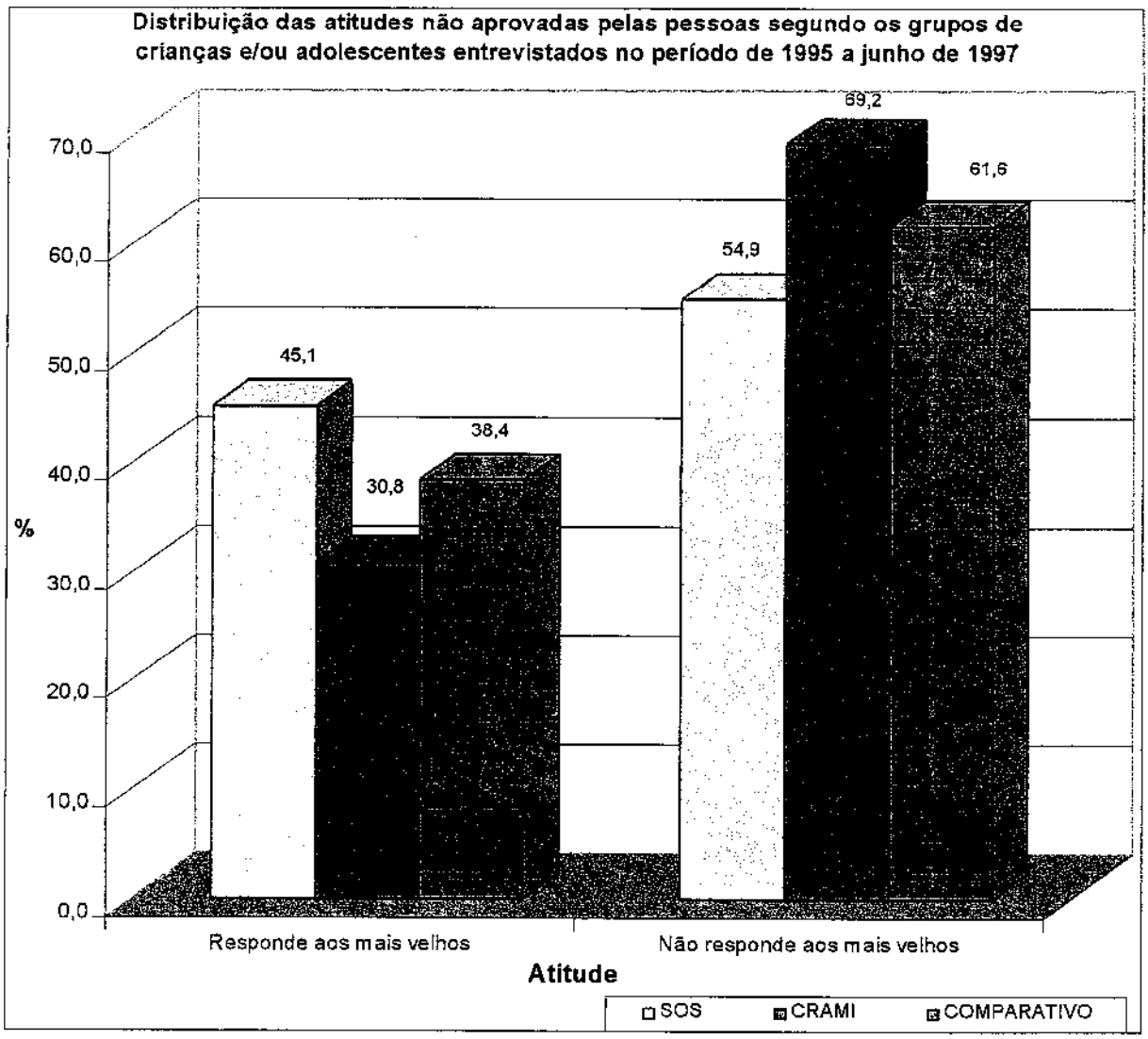


Figura 4.1.6.12f. Representação gráfica da realização de atitudes que as pessoas não aprovam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Preocupação (Tabelas e gráficos 4.1.6.13a. e 4.1.6.13b.)

Além de aprender 'o que não devem fazer', as crianças também aprendem normas morais de sua sociedade, compreendidas na frase : 'Você deve', que especificam as maneiras como devem se comportar. A consideração pelos outros é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento moral.

Na tabela e gráfico 4.1.6.13a., apresentamos a distribuição da preocupação das crianças e dos adolescentes com as pessoas de que gostam. Estes sujeitos, nesta fase do desenvolvimento escolhida para a pesquisa, olham os outros com interesse sem esperar qualquer tipo de recompensa. Notamos, nas amostras, que ocorre uma preocupação elevada, em percentuais, nos três grupos estudados. O grupo comparativo manteve o resultado mais alto (93,8%), mas não tão expressivo em relação aos dois grupos (SOS - 88,4%; Crami - 88,5%).

Não ocorreram diferenças estatísticas ($p < 0.05$) nos resultados avaliados, quanto à preocupação com as pessoas de que gostam, nos três grupos entrevistados, segundo o teste do χ^2.

A família, como um todo (pai, mãe e irmãos) foi a maior preocupação dos grupos SOS (26,8%) e comparativo (38,7%), como demonstra a tabela e gráfico 4.1.6.13b.. O grupo Crami apresentou o percentual de 34,8%, na variável 'todas as pessoas'. Os 'pais ', para este grupo, 21,7%, e as mães, para o grupo SOS, 25,5%, foram outros resultados significativos.

Segundo as notificações nas instituições selecionadas para o estudo, podemos fazer algumas associações. As preocupações dos membros grupo SOS com a 'mãe'(25,5%) podem ser pensadas como a própria situação desta que sofre violência doméstica, trabalha e cuida dos filhos. É uma mãe ameaçada o tempo todo, tanto pela presença, quanto pela ausência do agressor. Apesar da freqüência alta das respostas 'mãe', este grupo teve como maior percentual (26,8%), a 'família', nas suas respostas, fato este que acreditamos não invalidar nossos comentários anteriores.

As crianças e adolescentes entrevistados do grupo Crami apresentaram preocupação 'com todas as pessoas', em seu maior resultado (34,8%). É possível supor que seus problemas familiares são, de certa forma, diferentes do grupo citado (SOS). Isso não significa que eles não se incomodam com os pais (21,7%), mas parece-nos que se preocupam de maneira diferente.

A preocupação com a família foi a opção do grupo comparativo (38,7%). A mãe, como figura mais presente para estes, mereceu um certo destaque (16,8%). As maneiras distintas como foi respondida essa pergunta, fizeram com que levantássemos hipóteses sobre as diferenças entre os grupos.

Observamos que, na forma de responder, já encontrávamos as principais angústias destas crianças e adolescentes. Passamos a exemplificar com algumas respostas dadas pelos participantes dos grupos para uma melhor compreensão: *Eu me preocupo com a minha mãe, porque o meu pai bate nela* (resposta de uma criança de 7 anos, do grupo SOS); *Eu me preocupo com todas as pessoas, porque gosto de todo mundo* (resposta de um menino de 10 anos, do grupo Crami); *Eu me preocupo com a minha família, porque não quero que nada de mal aconteça a ela (*Resposta de uma menina de 11 anos, do grupo comparativo).

O grau de relacionamento das pessoas com quem as crianças e adolescentes se preocupavam (Tabela e gráfico 4.1.6.13b.), foi estatisticamente diferente ($p > 0.05$) pela análise do χ^2, nos três grupos entrevistados.

TABELA 4.1.6.13a. PREOCUPAÇÃO COM AS PESSOAS DE QUE GOSTAM DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PREOCUPAÇÃO							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	153	88,4	153	88,4	20	11,6	173	100,0
CRAMI	23	88,5	23	88,5	3	11,5	26	100,0
COMPARATIVO	137	93,8	137	93,8	9	6,2	146	100,0

$\chi^2 = 2.911$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.035$ G.L.= 2 $p<0.05$

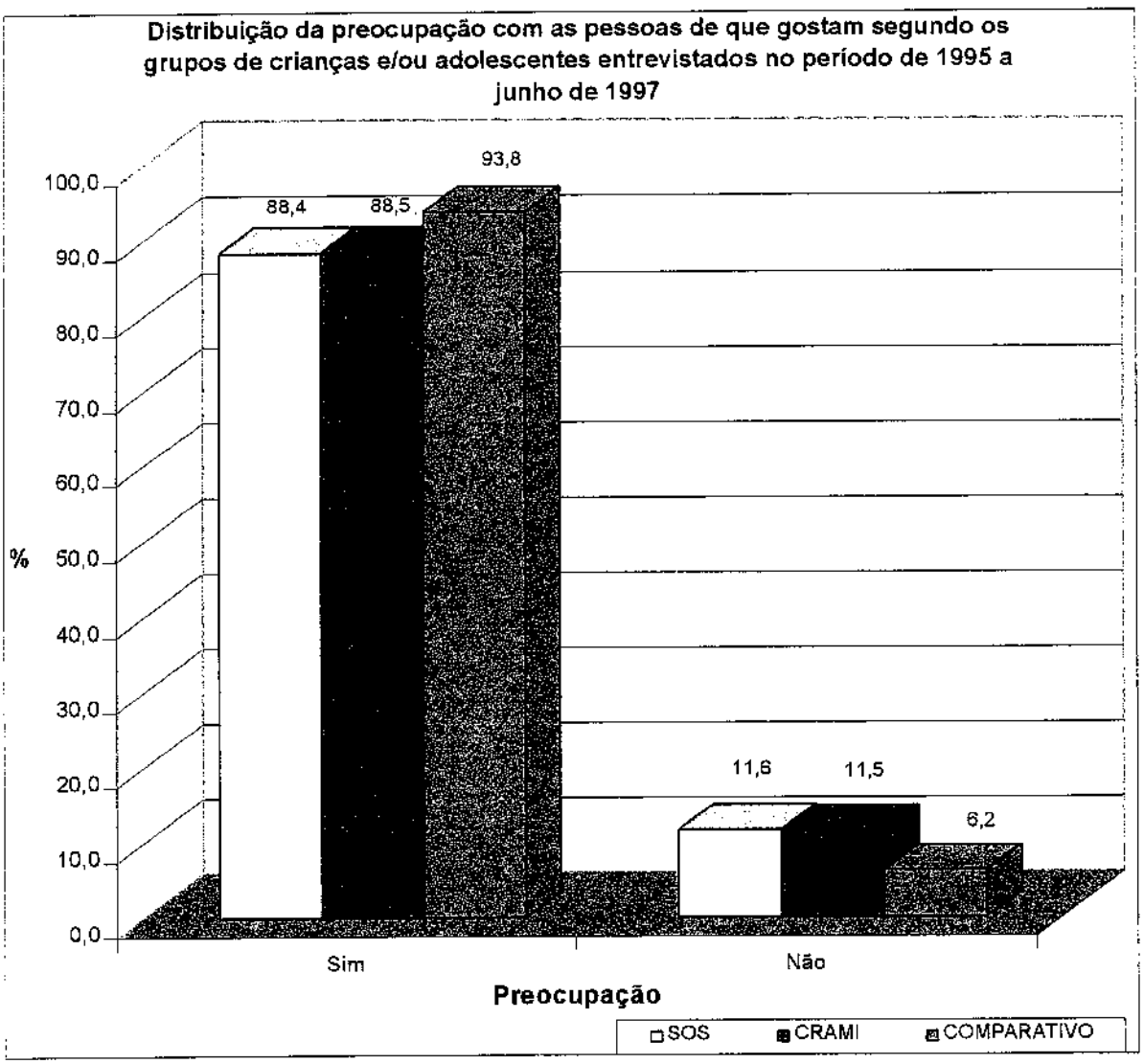


Figura 4.1.6.13a. Representação gráfica da preocupação com as pessoas de que gostam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.6.13b. PREOCUPAÇÃO COM AS PESSOAS DE QUE GOSTAM DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	GRAU DE RELACIONAMENTO																													
	Mãe				Pai				Pais				Irmão				Irmã				Parentes e Amigos				Família				Todas as pessoas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	39	25,5	39	25,5	2	1,3	41	26,8	7	4,6	48	31,4	4	2,6	52	34,0	3	2,0	55	36,0	25	16,3	80	52,3	41	26,8	121	79,1	32	20,9	153	100,0
CRAMI	3	13,0	3	13,0	2	8,7	5	21,7	5	21,7	10	43,4	0	0,0	0	0,0	1	4,3	11	47,7	0	0,0	0	0,0	4	17,4	15	65,1	8	34,8	23	100,0
COMPARATIVO	23	16,8	23	16,8	0	0,0	0	0,0	16	11,7	39	28,5	2	1,5	41	30,0	1	0,7	42	30,7	22	16,0	64	46,7	53	38,7	117	85,4	20	14,6	137	100,0

$\chi^2 = 39.653$ G.L.= 14 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 39.053$ G.L.= 14 $p>0.05$

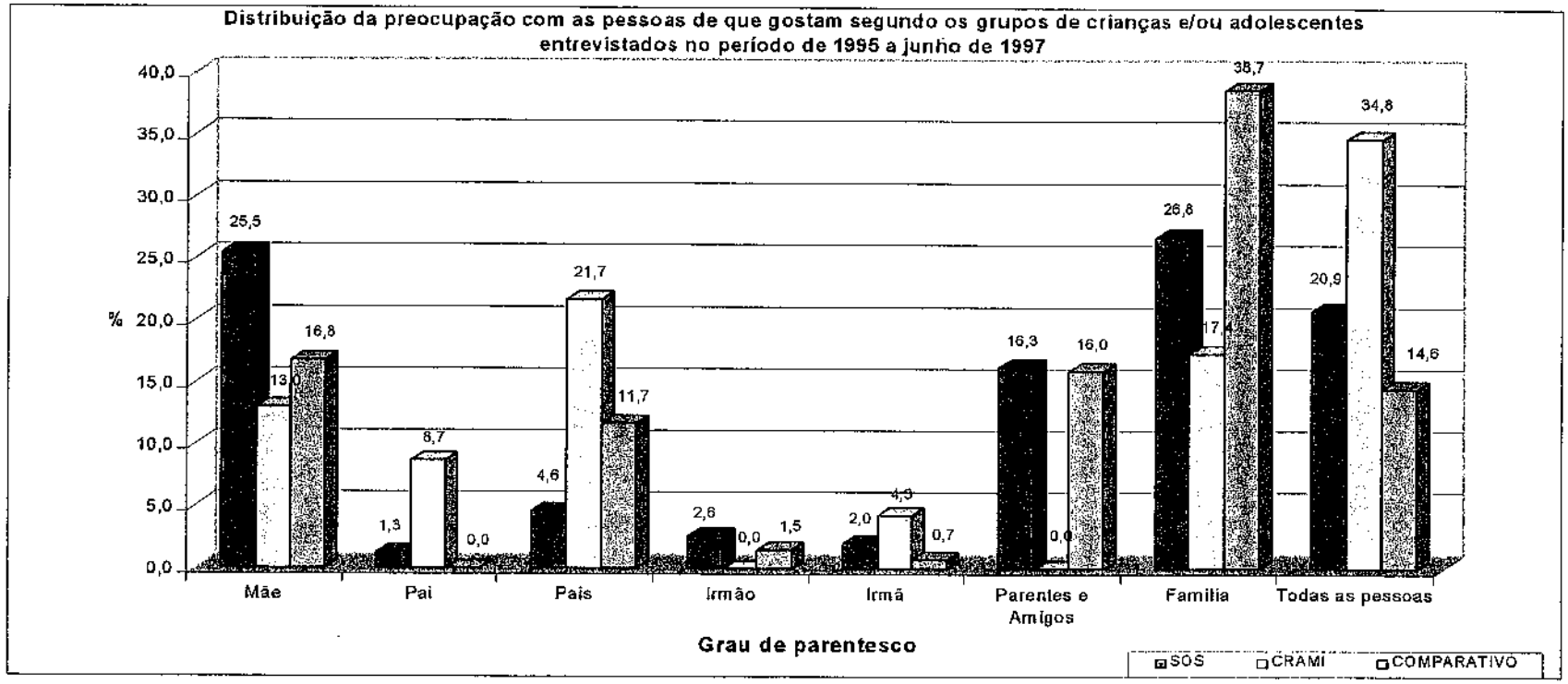


Figura 4.1.6.13b. Representação gráfica da preocupação com as pessoas de que gostam de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Reações diante dos aborrecimentos (Tabela e gráfico 4.1.6.14.)

As maiores mudanças na organização social da vida das crianças e adolescentes ocorrem na faixa etária escolhida na pesquisa. As crianças entram em uma fase de ensino formalizado e passam grande parte do seu tempo com companheiros. O contato informal com colegas adquire proporções crescentes no decorrer do tempo nestes sujeitos. Eles brincam, formam clubes, emitem opiniões, concorrem por posições sociais e se engajam numa série de atividades, uns com os outros.

Defrontando-se com colegas diferentes, aprendem a se entender uns com os outros, por suas próprias ações. O que as crianças e adolescentes aprendem nestes relacionamentos é a adequação social às outras pessoas. Segundo FITZGERALD *et al.*, (1983), aprendem a respeitar a forma como os outros são diferentes deles próprios e também como lidar e adaptar-se a estas diferenças.

Os efeitos da dependência e da agressão em relação a aceitação apresentam estilos diferentes. As crianças e adolescentes podem agir de modo dependente em relação aos colegas; de maneira mais amadurecida e socialmente apropriada, tal como dar ou procurar conselhos ou solicitar ajuda; ou de forma inadequada, socialmente imprópria ou imatura. As reações agressivas podem ser expressas para defender os direitos e atacar; ou pela agressão não provocada, indireta, hostilidade e implicância. Estas atitudes vão gerar ou não uma rejeição social dos colegas.

Nas reações diante dos aborrecimentos, consideramos a relação com qualquer pessoa do convívio social ou familiar da criança e do adolescente, visto que, mais adiante, estaremos discutindo as reações específicas diante da disciplina imposta pelos pais. A maioria dos entrevistados, nesse item (Tabela e gráfico 4.1.6.14.), falou de seus relacionamentos com companheiros de escola, de rua, ou amigos, de uma maneira geral. A resposta 'Outros' foi utilizada quando a criança e o adolescente afirmavam que não sabiam, porque ia depender de muitas coisas, principalmente de como eles estavam quanto ao humor.

A resposta 'não faz nada' obteve o maior percentual de escolha, nos grupos SOS (21,4%) e Crami (38,5%) entrevistados. Outra resposta com freqüência elevada desta vez nos três grupos foi 'Outros' (SOS - 21,4%; Crami - 26,9%; comparativo - 21,9%). Observamos que nos grupos SOS e Crami, o predomínio das respostas de conformismo ('não faz nada') e de dependência do humor para reagir podem levantar a hipótese de que alguns problemas são difíceis de ser resolvidos. Pela dificuldade da situação, muitas vezes a solução era brigar (SOS – 15,0%; Crami - 19,2%; comparativo – 13,7%). Notamos, inclusive, no grupo Crami, percentual baixo para atitudes de resolução (3,8%), em comparação com os outros grupos (SOS – 10,4%; comparativo – 12,3%).

Os integrantes do grupo comparativo apresentaram algumas mudanças nas suas reações. Dependendo do estado de humor (21,9%), eles reagiam, Mas também podiam 'dormir' (18,5%) até 'a raiva passar'. Notamos que as atitudes agressivas 'briga', obtiveram percentuais um pouco mais elevados, 13,7%, do que as de resolução de problemas, 12,3%.

A análise estatística, do teste do χ^2, demonstrou semelhanças ($p < 0.05$) nas respostas, para esta variável, nos três grupos entrevistados.

Não foram descritos, nem surgiram, a partir das entrevistas, relatos de distúrbios de conduta (F91) tais como : restritos ao contexto familiar (F91.0: não socializados (F91.1); socializado (F91.2); desafiador e de oposição (F91.3); outros transtornos de conduta (F91.8); e transtornos não específicos de conduta (F91.9). Também não foram identificados transtornos mistos de conduta e emoções (F92) do tipo depressivo (F92.0), misto (F92.8), ou não especificado (F92.9).

Os transtornos emocionais com início especificamente na infância (F93) caracterizados por transtornos ligados à angústia de separação (F93.0), transtorno fóbico ansioso (F93.1), distúrbios de ansiedade social na infância (F93.2), transtorno de rivalidade entre irmãos (F93.3), outros transtornos emocionais (F93.8) e transtornos não especificados (F93.9) também não foram apresentados pelas crianças e (ou) adolescentes da pesquisa.

Em nosso trabalho, não houve possibilidade de confirmar os resultados de algumas pesquisas que afirmam serem as crianças e adolescentes, em situação de violência doméstica, mais agressivos, menos empáticos, responderem a situações estressantes com colegas de forma imprópria e terem grande probabilidade de serem rejeitados pelos colegas (GEORGE & MAIN, 1979; KLIMES - DOUGAN & KISTNER, 1990; HASKETT & KISTNER, 1991; VERDUYN & CALAM. 1999).

Nossos resultados, nas áreas anteriormente avaliadas, mostraram que a violência contra estas crianças e adolescentes não impediu a competência social destes. Talvez isso possa ser explicado por vários fatores relacionados, inclusive pela questão do tempo e do desenvolvimento físico, social e psicológico destas pessoas (MIRABAL & JESUS, 1990; MC CLOSKEY, FIGUEREDO, KOSS, 1995; YATES, 1996).

TABELA 4.1.6.14. REAÇÕES DIANTE DOS ABORRECIMENTOS DOS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES DOS GRUPOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADO	REAÇÃO																											
	Não faz nada				Resolve				Dorme				Anda				Briga				Xinga				Outros			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	37	21,4	37	21,4	18	10,4	55	31,8	24	13,9	79	45,7	15	8,7	94	54,4	26	15,0	120	69,4	16	9,2	136	78,6	37	21,4	173	100,0
CRAMI	10	38,5	10	38,5	1	3,8	11	42,3	0	0,0	0	0,0	2	7,7	13	50,0	5	19,2	18	69,2	1	3,8	19	73,0	7	26,9	26	100,0
COMPARATIVO	28	17,8	28	17,8	18	12,3	44	30,1	27	18,5	71	48,6	9	6,2	80	54,8	20	13,7	100	68,5	14	9,6	114	78,1	32	21,9	146	100,0

$\chi^2 = 13,556$ G.L.= 12 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 17.158$ G.L.= 12 $p<0.05$

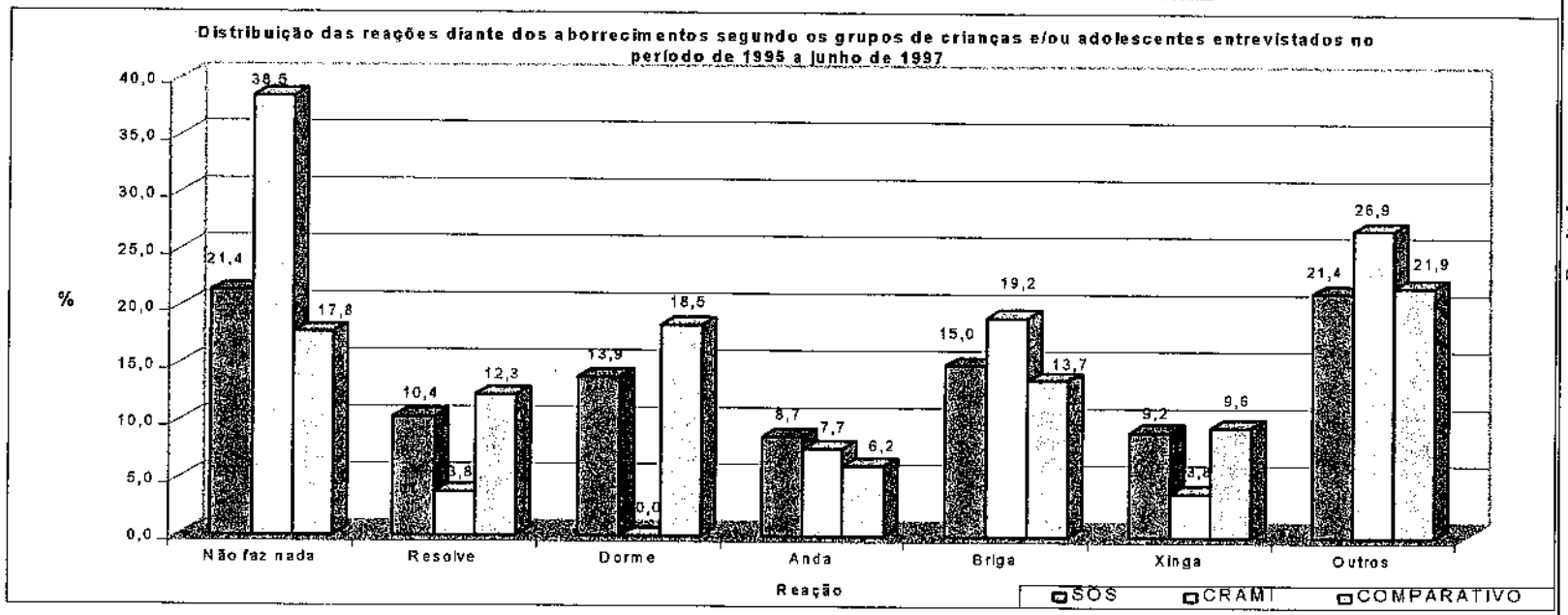


Figura 4.1.6.14. Representação gráfica das reações diante dos aborrecimentos de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Obediência (Tabelas e gráficos 4.1.6.15a. a 4.1.6.15c.)

Impedir que as crianças se comportem mal e ensinar-lhes a se comportar bem são motivos de preocupação para os pais e responsáveis. A conduta moral e a resistência ao desvio, segundo FITZGERALD *et al.*, (1983), estão relacionadas a fatores como desenvolvimento intelectual, auto-estima e capacidade de planejamento e tomada de decisão.

Apesar das crianças e adolescentes aprenderem as regras de conduta, essas regras podem ou não ser internalizadas como princípios gerais, a partir da faixa que nos propomos a pesquisar. É no início desta fase, sete anos, que as crianças se tornam capazes de inibir respostas imediatas, mesmo em situações em que haja pouco envolvimento emocional.

No entanto, as tentações de transgredir podem ser difíceis de resistir, facilitando os atos proibidos. Esta situação ocorre em qualquer idade, mas pode ser especialmente evidenciada, nessa fase, na qual as crianças estão aprendendo a aplicar sua nova capacidade de inibição.

O processo de identificação com os pais desempenha um papel importante no desenvolvimento moral dos filhos. As duplas mensagens que os pais enviam às crianças, muitas vezes apresentam um padrão próprio para eles e outro para os filhos. Em certas ocasiões, os próprios pais sustentam dois padrões e não reconhecem contradições entre eles. Por exemplo: uma mãe fuma e bebe, mas castiga o adolescente porque ele faz essas coisas; um pai repreende o filho por brigas e artes, mas alardeia com os amigos a sua coragem.

Por ser este um período em que os filhos estão se afastando e passando a maior parte do tempo fora de casa, a identificação com os pais pode ser limitada, e não tão importante como já o foi em idades anteriores. O desenvolvimento da consciência de regras será fortalecido se os pais forem cuidadosos em 'dar exemplos', tornando os seus padrões morais mais explícitos e agindo consistentemente em relação a eles. Devem assinalar as semelhanças em suas próprias decisões morais e as que enfrentam os filhos.

Para FITZGERALD *et al.*, (1983), os pais podem se tornar modelos importantes, em parte como conseqüência da percepção cada vez mais aperfeiçoada de

seus filhos e também por causa do interesse e participação destes, em preocupações adultas.

Na distribuição dos grupos entrevistados, segundo a obediência aos pais e (ou) responsáveis (Tabela e gráfico 4.1.6.15a.) obtivemos resultados elevados para a variável 'Obediência', nos três grupos (SOS - 86,7%; Crami - 88,5%; comparativo - 97,3%). Notamos uma pequena diferença, principalmente entre os grupos do estudo e o comparativo. Este fato pode estar associado ao modo como as regras são estabelecidas e as atitudes são cobradas, no seio da família.

A análise estatística, utilizando o teste do χ^2, apresentou diferenças nas respostas ($p > 0.05$) dos três grupos entrevistados, nesta variável.

A tabela e gráfico 4.1.6.15b., 'Reação dos pais frente à desobediência dos filhos' levou-nos a perceber atitudes bastante diferentes, nos três grupos, quanto à forma de lidar com os filhos. Os pais e (ou) responsáveis do grupo comparativo, diante da desobediência, conversavam (54,1%) em sua grande maioria, alguns apresentavam sentimentos de raiva (38,4%), outros não faziam nada (7,5%). Em nenhum momento agiam agressivamente ou por meio de ameaças ou proibições.

Nos outros dois grupos, a realidade foi diferente. Nos resultados apresentados pelos grupos do estudo, bater por causa da desobediência foi a atitude despertada (SOS - 27,2% ; Crami - 57,7%). Outras condutas que podiam ser realizadas, nesta situação, foram 'ficar com raiva' (SOS - 26,0% ; Crami - 11,5%) e 'não fazer nada' (SOS - 12,1% ; Crami - 11,5%). O grupo de pais e responsáveis do SOS foi o que teve participação em todas as situações ('conversar' – 1,1%; 'falar' – 10,4%; 'gritar' – 6,4%; 'xingar' – 5,8%; 'proibir de sair' – 8,7%; 'ameaçar' – 2,3%), o que não ocorreu com o grupo Crami, que não apresentou freqüência nos itens 'conversar' e 'falar' ('gritar' – 7,7%; 'xingar' – 3,8%; 'proibir de sair' – 3,8%; 'ameaçar' – 3,8%).

Os resultados analisados, pelo teste do χ^2, na tabela e gráfico 4.1.6.15b. foram estatisticamente diferentes ($p > 0.05$) nos grupos entrevistados. Algumas pesquisas enfatizam a desobediência como a origem do mau trato MEYER, 1988; CARSWELL, 1990; ASSIS, 1994c; YOUSSEF *et al.*, 1998). Nosso trabalho apresentou situações parecidas com uma pesquisa realizada na República Dominicana, em duas Instituições que

lidavam com o mau trato na infância e adolescência, na faixa etária de 7 a 18 anos. Entre os responsáveis entrevistados, apenas 18% conversavam com seus filhos, 82% batiam ou ameaçavam (RUIZ, 1986).

Diante das atitudes dos pais e (ou) responsáveis, passamos à distribuição das reações dos filhos (Tabela e gráfico 4.1.6.15c.). Entre as várias atitudes descritas, a que apresenta maior incidência foi 'aceitar'. As crianças e adolescentes aceitavam as atitudes disciplinares dos seus pais por causa da desobediência (SOS - 38,2%; Crami - 38,5%; comparativo - 57,5%). Pareceu ser mais fácil para as crianças e adolescentes do grupo comparativo aceitarem, pois como observamos, na tabela anterior, há mais diálogo nas suas relações. Uma freqüência maior de participantes deste grupo, 'chora' (19,9%) e 'resmunga' (12,3%). Outras distribuições de respostas pareceram não ter muita expressividade ('xingar' – 1,4%; 'outras reações' – 1,4%; 'dormir' – 0,7%; 'não ligar' – 6,8%). O item 'Outras reações' foi incluído, na distribuição, para justificar as situações de: 'se trancar no quarto' e 'sair de casa' para dar uma volta'.

No grupo de entrevistados do SOS, o 'chorar', também teve destaque (19,1%), no entanto, outras situações também mereceram escolha, com certa expressividade, por parte das crianças e adolescentes: 'xingar' (10,4%), 'não ligar' (9,8%), 'outras reações'(9,2%) e 'revidar' (5,8%). As condutas que obtiveram menor preferência foram 'esconder' (4,0%), 'resmungar' (2,3%) e 'dormir'(1,2%).

Para o último grupo a ser citado, Crami, encontramos para a situação 'chorar' uma distribuição de 15,4%. Nos itens 'esconder' (11,5%) e 'outras reações'(11,5%), também obtivemos resultados expressivos. Outras freqüências encontradas foram para as respostas: 'xingar' (7,7%); 'resmungar' (7,7%); 'não ligar' (3,8%) e 'revidar' (3,8%). De acordo com estes resultados, podemos pensar na hipótese de que, além das características individuais de cada criança e adolescente, para reagir diante das situações, é provável que a reação dos pais ou responsáveis, 'bater', seja muito mais ameaçadora.

Quanto a estas variáveis, da tabela e gráfico 4.1.6.15c., foram encontradas diferenças estatísticas ($p > 0.05$) nas respostas dos três grupos entrevistados, pelo teste do χ^2.

TABELA 4.1.6.15a.OBEDIÊNCIA AOS PAIS E / OU RESPONSÁVEIS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	OBEDIÊNCIA							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	150	86,7	150	86,7	23	13,3	173	100,0
CRAMI	23	88,5	23	88,5	3	11,5	26	100,0
COMPARATIVO	142	97,3	142	97,3	4	2,7	146	100,0

$\chi^2 = 11.397$ G.L.= 2 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 12.973$ G.L.= 2 $p>0.05$

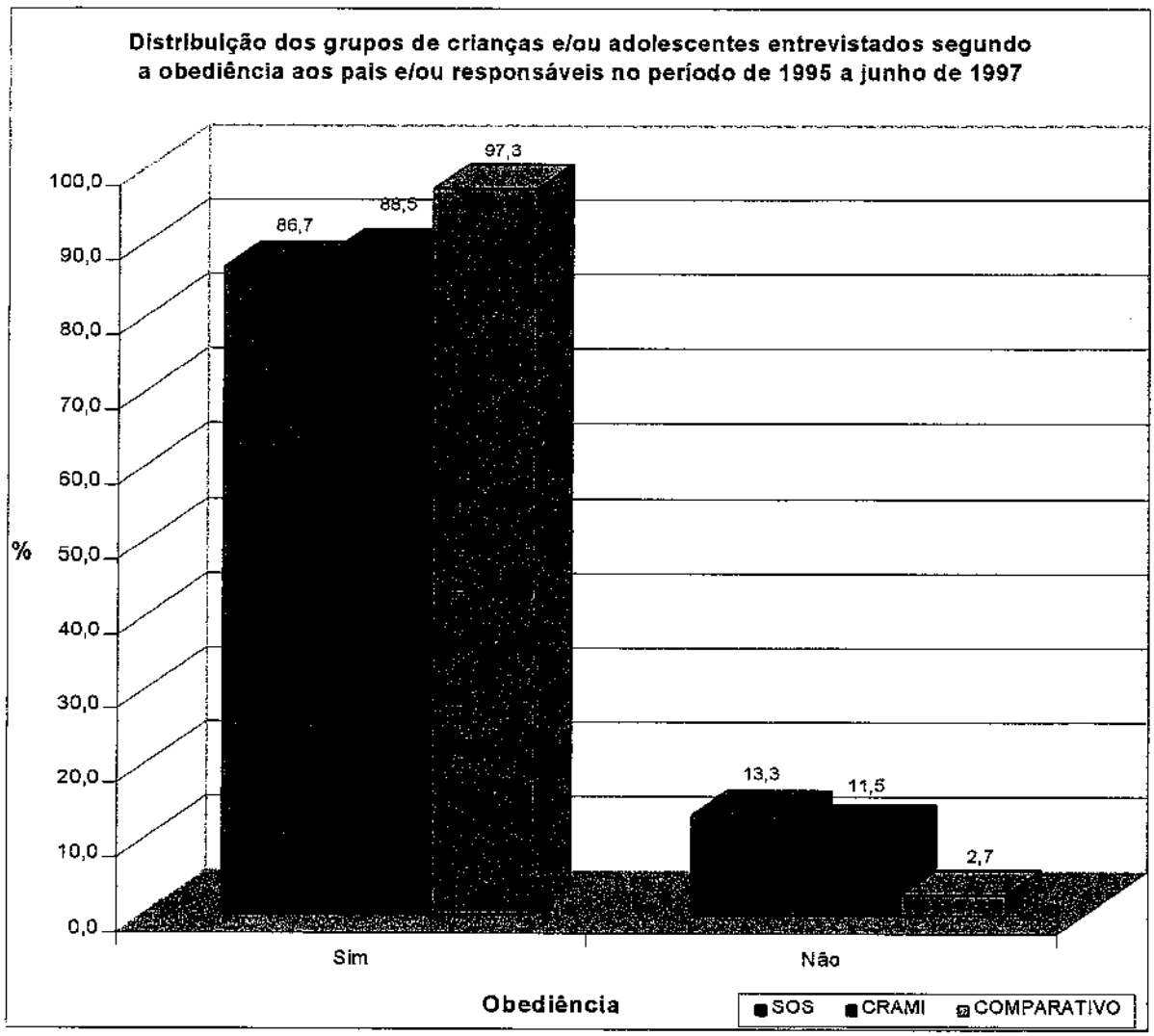


Figura 4.1.6.15a. Representação gráfica da obediência aos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.15b . ATITUDES DESPERTADAS NOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS QUANDO NÃO HÁ OBEDIÊNCIA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1996 / JUN. 1997

GRUPOS	ATITUDES																													
DE	Não fazer nada				Conversar				Ficar com raiva				Falar				Gritar				Bater				Xingar				Proibir de sair				Ameaçar			
ENTREVISTADOS	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	21	12,1	21	12,1	2	1,1	23	13,2	45	26,0	68	39,2	18	10,4	86	49,6	11	6,4	97	56,0	47	27,2	144	83,2	10	5,8	154	89,0	15	8,7	169	97,7	4	2,3	173	100,0
CRAMI	3	11,5	3	11,5	0	0	0	0,0	3	11,5	6	23,0	0	0,0	0	0,0	2	7,7	8	30,7	15	57,7	23	88,4	1	3,8	24	92,2	1	3,8	25	96,0	1	3,8	26	100,0
COMPARATIVO	11	7,5	11	7,5	79	54,1	90	61,6	56	38,4	146	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 220.099$ G.L.= 16 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 278.996$ G.L.= 16 p>0.05

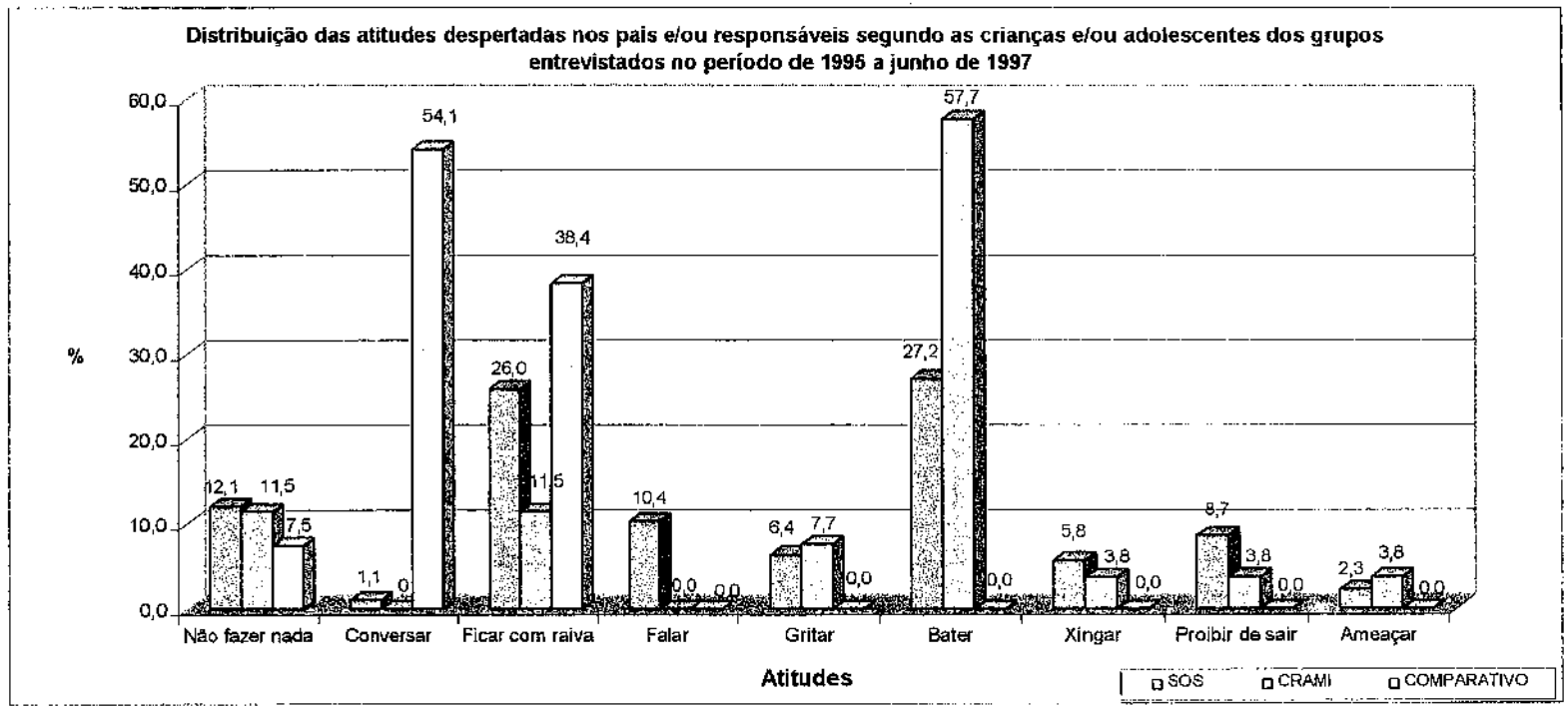


Figura 4.1.6.15b. Representação gráfica das atitudes despertadas nos pais e/ou responsáveis quando não há obediência de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.6.15c. REAÇÕES DESPERTADAS NAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES SEGUNDO AS ATITUDES DOS PAIS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	REAÇÕES DESPERTADAS																													
	Aceitar				Chorar				Xingar				Esconder				Outras reações				Resmungar				Dormir				Não ligar				Revidar			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	66	38,2	66	38,2	33	19,1	99	57,3	18	10,4	117	67,7	7	4,0	124	71,7	16	9,2	140	80,9	4	2,3	144	83,2	2	1,2	146	84,4	17	9,8	163	94,2	10	5,8	173	100,0
CRAMI	10	38,5	10	38,5	4	15,4	14	53,9	2	7,7	16	61,6	3	11,5	19	73,1	3	11,5	22	84,6	2	7,7	24	92,3	0	0,0	0	0,0	1	3,8	25	96,1	1	3,8	26	100,0
COMPARATIVO	84	57,5	84	57,5	29	19,9	113	77,4	2	1,4	115	78,8	0	0,0	0	0,0	2	1,4	117	80,2	18	12,3	135	92,5	1	0,7	136	93,2	10	6,8	146	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 60.120$ G.L.= 16 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 70.128$ G.L.= 16 p>0.05

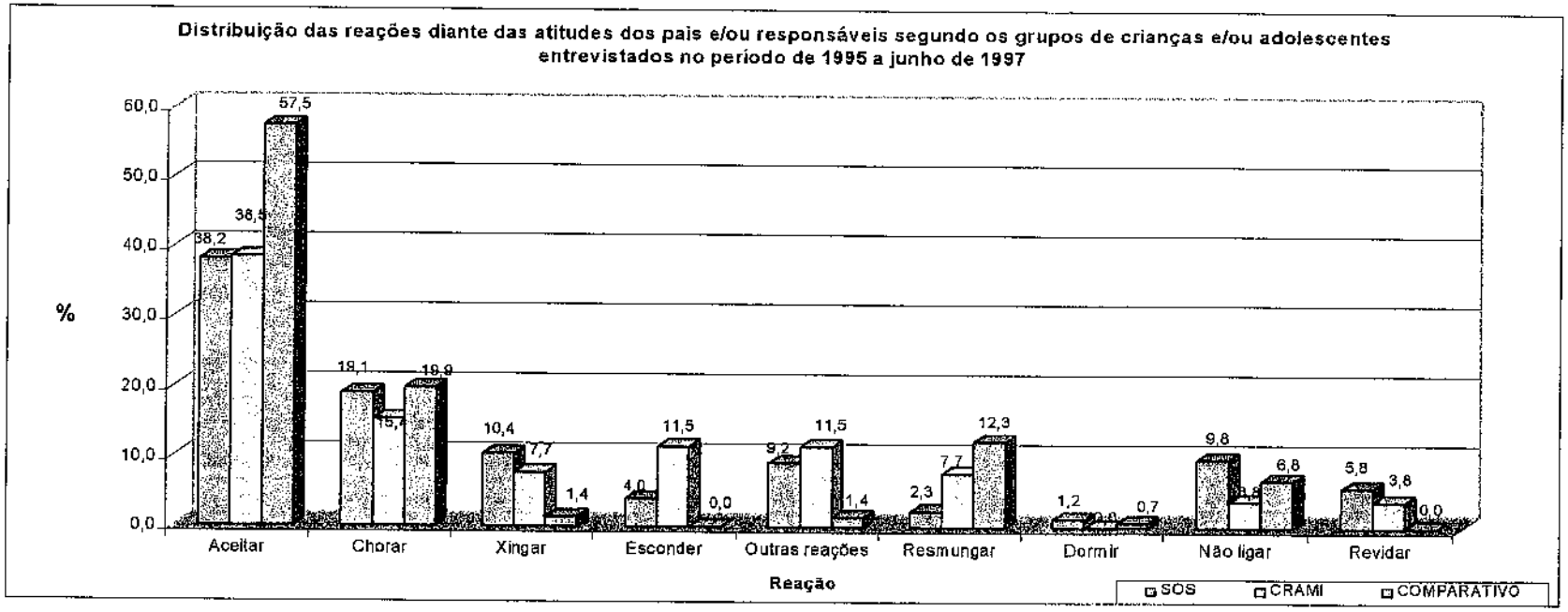


Figura 4.1.6.15c. Representação gráfica das atitudes despertadas nas crianças e/ou adolescentes diante das reações dos pais e/ou responsáveis de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Medos (Tabelas e gráficos 4.1.6.16a. a 4.1.6.16c.)

Os medos constituem, pela sua freqüência, um acontecimento quase constante no decorrer do crescimento: medo do escuro, medo de pequenos animais, medo de animais que mordem, medo de estranhos, de fantasmas, 'do bicho papão', etc. Aproximadamente por volta dos 8 anos, surge o temor existencial e o medo da morte.

Nas reações de medo, vários aspectos intervêm:

- a emergência do sentimento de individualidade de um 'eu' que é necessário preservar;

- o clima familiar pode induzir não apenas ao medo, mas também ao sentimento de insegurança;

- a aprendizagem desempenha, finalmente, um papel importante, modulando, de certa forma, o estado afetivo que acompanhou uma primeira experiência vivida. A repetição desta primeira experiência vai, pouco a pouco, ligar ou desfazer o afeto que a companha.

Na distribuição da existência e da freqüência do medo (tabelas e gráficos 4.1.6.16a. e 4.1.6.16b.), os três grupos entrevistados apresentaram um certo grau elevado de respostas (SOS - 57,2%; comparativo - 65,8%), principalmente o grupo Crami (73,1%). Os grupos, SOS e comparativo, quanto à freqüência ficaram situados na variável 'às vezes', em maior proporção (SOS - 71,7% e comparativo - 77,1%). Ao contrário do grupo Crami que teve maior número de respostas para a variável 'sempre' (57,9%).

A existência do medo (Tabela e gráfico 4.1.6.16a.), nos três grupos entrevistados, obteve resultados estatisticamente semelhantes ($p < 0.05$), nas repostas obtidas, segundo o teste do χ^2. As pesquisas realizadas por CARSWELL,1990 ; MALPIQUE *et al.*,1998; YOUSSEF *et al.*, 1998; JACKSON *et al.*.1999; e VERDUYN & CALAM, 1999, mostram como as dificuldades destas crianças e adolescentes podem se manifestar por algum comportamento observado de forma geral e freqüente em crianças e adolescentes que não sofrem maus tratos.

Quanto à freqüência (tabela e gráfico 4.1.6.16b.) com que estes apareciam, as respostas analisadas, pelo teste do χ^2, apresentaram resultados estatisticamente diferentes ($p > 0.05$). Tivemos oportunidade de observar, o medo que estas crianças e adolescentes,

vítimas de violência doméstica, apresentaram de ser abandonados ou ficar sós e alguns expressaram o medo de seus pais, não como alguém em quem pudessem confiar, mas desconfiar o tempo todo.

Quanto à distribuição dos medos (Tabela e gráfico 4.1.6.16c.), a variável 'coisa ruim', obteve maior percentual, em todos os grupos entrevistados (SOS - 41,4%; Crami - 21,1%; comparativo - 54,2%). O significado de 'coisa ruim 'podia ser: *que algo aconteça com a minha mãe / família; de fazerem coisa ruim comigo ; de acontecer alguma coisa em casa ; de não passar no colégio...*

As representações do medo no grupo comparativo, além da 'coisa ruim' (54,2%), estavam distribuídas em situações que, em geral, são aprendidas e condicionadas, a partir de atitudes dos adultos diante de situações específicas: 'morto' (15,6%) ; 'escuro' (11,5%) e 'bicho' (9,4%). Uma pequena distribuição apresentou respostas para o medo de 'tudo' e 'ladrão(3,1%), 'altura' (2,1%) e de 'sonho' (1,0%).

Para o grupo SOS, além da 'coisa ruim' (41,4%), vamos ter as seguintes proporções, com maiores freqüências: 'bicho' (12,1%) ; 'ficar só' (11,1%) e 'pai' (8,1%). O medo de ficar só, nestas crianças e adolescentes, associado ao medo do pai, leva-nos a pensar que as crianças e adolescentes não se sentiam seguros do afeto familiar., tendo medo do abandono. Muitas vezes isso podia ocorrer por causa das freqüentes ameaças do pai em abandonar o lar. Menores incidências foram obtidas nos itens: 'ladrão' (7,1%); 'morto/alma' (7,1%); 'escuro'(5,1%); 'apanhar' (3,0%); 'de tudo' (2,0%); e 'sonho', 'altura' e 'mãe' (1,0%).

No grupo Crami, além do medo de 'coisa ruim' (21,1%) e 'bicho' (15,8%), observamos que ocorreu uma homogeneidade nos resultados 'pai' (10,5%), 'mãe' (10,5%), 'ficar só' (10,5%), 'apanhar' (10,5%) e 'morto / alma' (10,5%). Percebemos que, para este grupo de crianças e adolescentes, o medo estava sempre presente e direcionado a aspectos de sua família e relações familiares. As outras respostas foram distribuídas em 'ladrão' (5,3%) e 'escuro' (5,3%).

Na avaliação estatística, pelo teste do χ^2, dos tipos de medo das crianças e adolescentes, obtivemos resultados diferentes ($p > 0.05$), de acordo com as respostas dos três grupos entrevistados.

TABELA 4.1.6.16a. EXISTÊNCIA DE MEDOS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MEDO							
	Sim				Não			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	99	57,2	99	57,2	74	42,8	173	100,0
CRAMI	19	73,1	19	73,1	7	26,9	26	100,0
COMPARATIVO	96	65,8	96	65,8	50	34,2	146	100,0

$\chi^2 = 3.902$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 3.957$ G.L.= 2 $p<0.05$

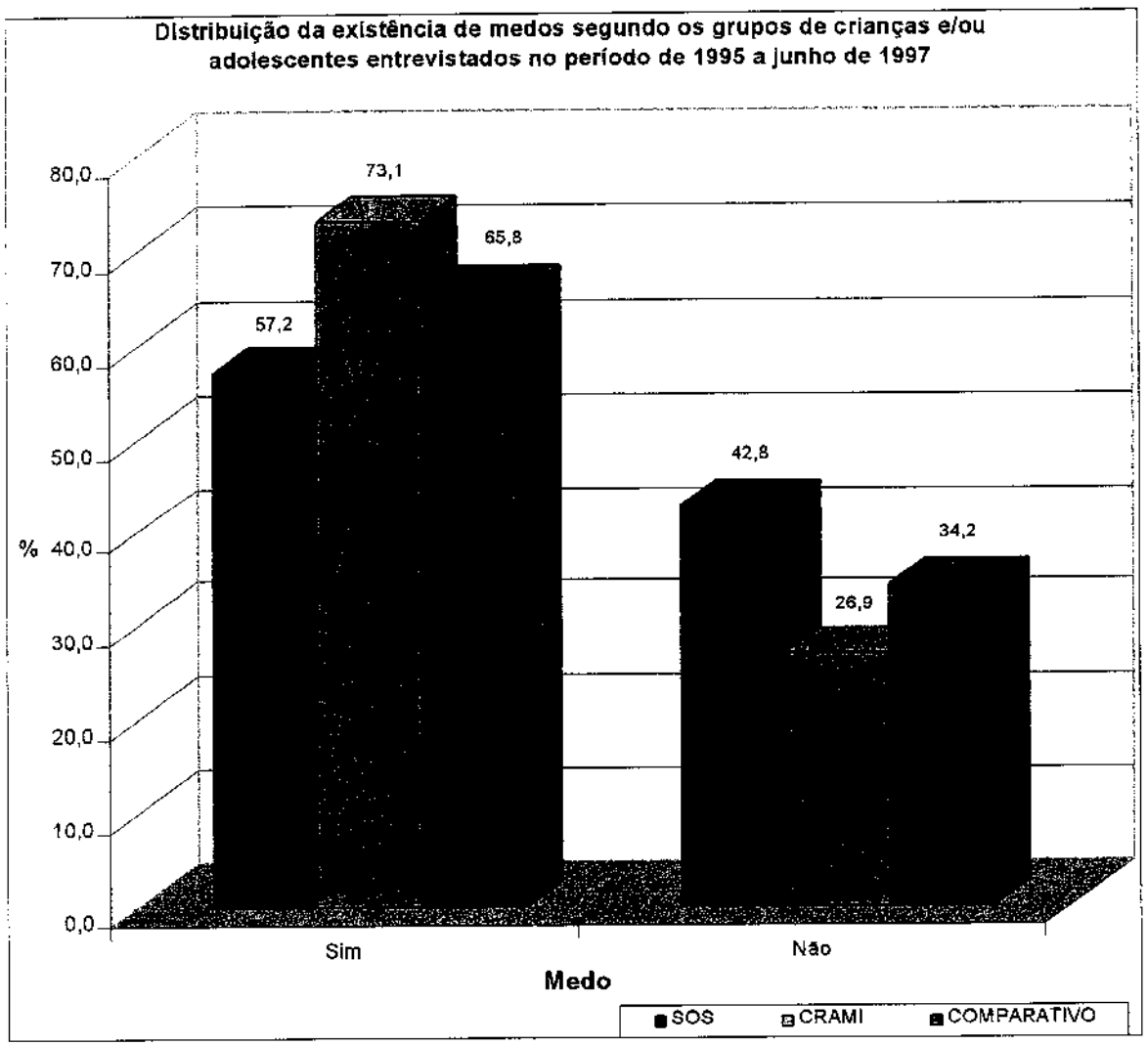


Figura 4.1.6.16a. Representação gráfica da existência do medo de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.16b. FREQÜÊNCIA DO MEDO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MEDO											
	Sempre				Às vezes				Raramente			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	25	25,3	25	25,3	71	71,7	96	97,0	3	3,0	99	100,0
CRAMI	11	57,9	11	57,9	7	36,8	18	94,7	1	5,3	19	100,0
COMPARATIVO	20	20,8	20	20,8	74	77,1	94	97,9	2	2,1	96	100,0

$\chi^2 = 12.618$ G.L.= 4 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 11.396$ G.L.= 4 $p>0.05$

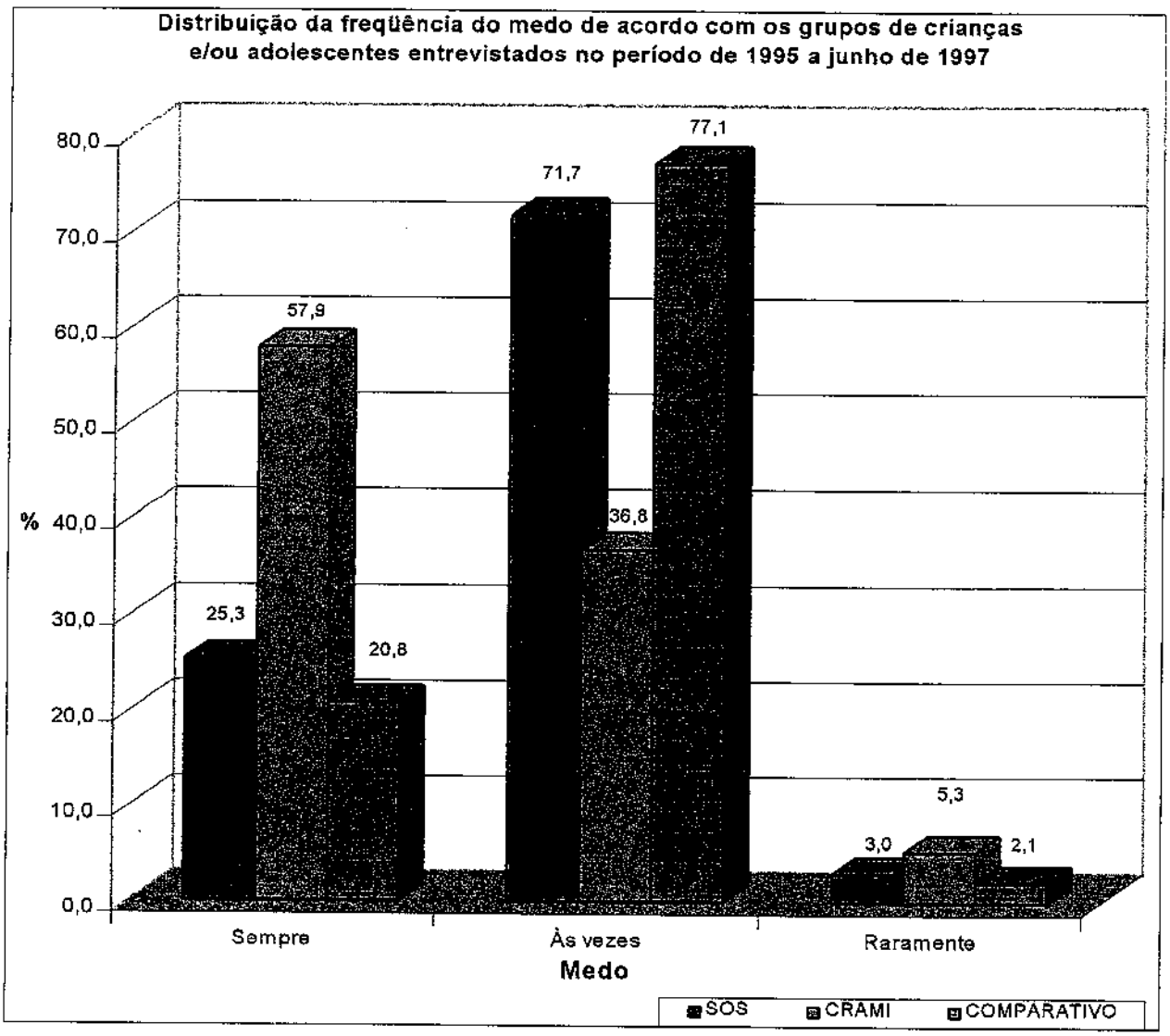


Figura 4.1.6.16b. Representação gráfica da freqüência do medo segundo os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.16c . MEDOS DOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	MEDOS																																							
	Ladrão				Morto/Alma				Escuro				Coisa ruim				De tudo				Bicho				Sonho				Altura				Pai				Mãe				Ficar só				Apanhar			
	F	%	A	% Ac	F	%	Ac	% Ac	F	%	Ac	% Ac	F	%	Ac	% Ac	F	%	A	% Ac	F	%	Ac	% Ac	F	%	A	% Ac	F	%	A	% Ac	F	%	Ac	% Ac	F	%	Ac	% Ac	F	%	Ac	% Ac	F	%	Ac	% Ac
SOS	7	7,1	7	7,1	7	7,1	14	14,2	5	5,1	19	19,3	41	41,4	60	60,7	2	2,0	62	62,7	12	12,1	74	74,8	1	1,0	75	75,8	1	1,0	76	76,8	8	8,1	84	84,9	1	1,0	85	85,9	11	11,1	96	97,0	3	3,0	99	100,0
CRAMI	1	5,3	1	5,3	2	10,5	3	15,8	1	5,3	4	21,1	8	42,2	0	0,0	0	0,0	3	15,8	11	58,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	10,5	13	68,5	2	10,5	15	79,0	2	10,5	17	89,5	2	10,5	19	100,0
COMPARATIVO	3	3,1	3	3,1	18	18,6	18	18,7	11	11,5	29	30,2	52	54,2	81	84,4	3	3,1	84	87,5	9	9,4	93	96,9	1	1,0	94	97,9	2	2,1	96	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 53.744$ G.L.= 22 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 58.100$ G.L.= 22 p>0.05

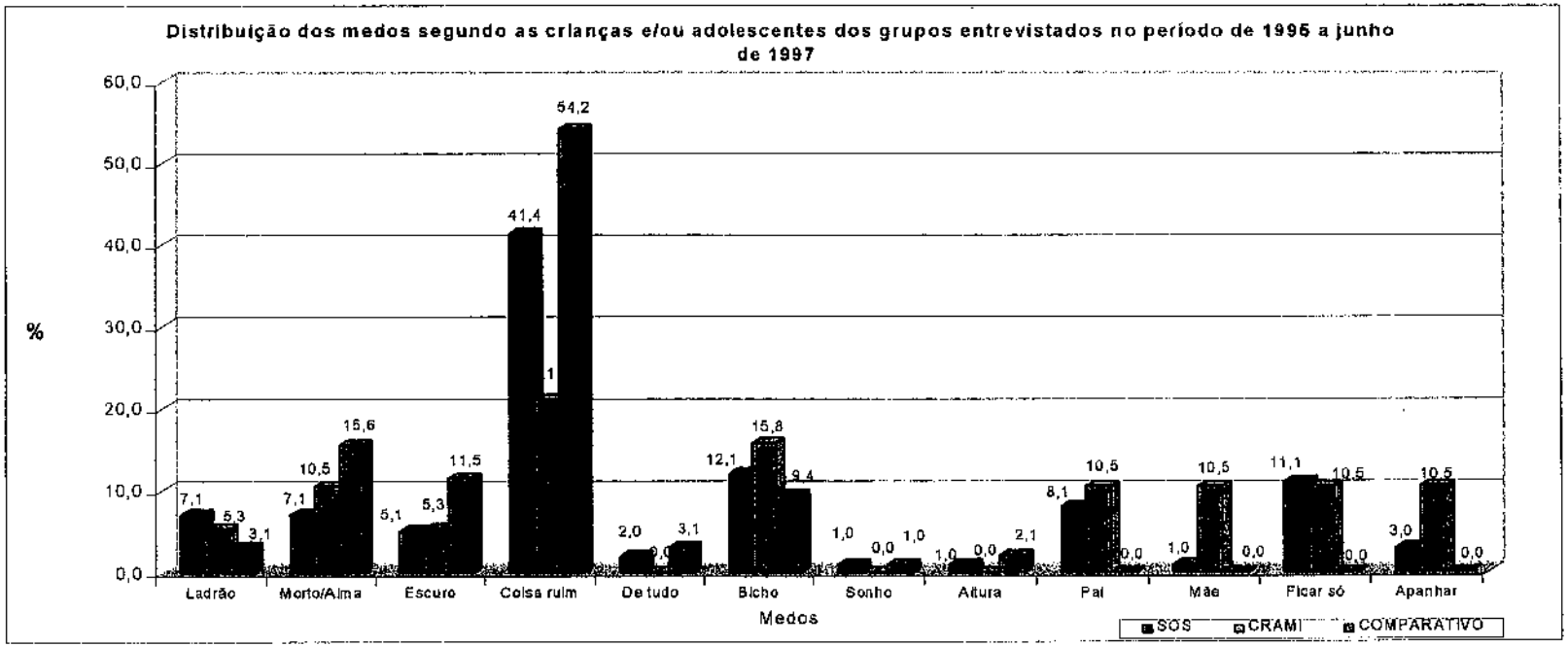


Figura 4.1.6.16c. Representação gráfica dos medos de acordo com as crianças e/ou adolescentes dos grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Tristeza e choro (Tabela e gráfico 4.1.6.17a. e 4.1.6.17b.)

Estes sentimentos aparecem dependendo do que ocorre com a criança e o adolescente. Algumas reações de choro e de tristeza podem ser provocadas por determinadas situações como o fracasso escolar ou outras decepções ; e mudanças no corpo ou na aparência física..

No decorrer do desenvolvimento, pouco a pouco, a criança vai dispondo de meios cada vez mais elaborados e diversificados para expressar a sua tristeza. Aos 7 anos, segundo AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), as expressões podem agrupar-se em duas atitudes: manifestações ligadas a um sofrimento, às vezes acompanhada de condutas de autodepreciação, autodesvalorização ou sofrimento moral expresso (*eu não consigo; eu não alcanço*); por outro lado, observamos uma luta contra estes aspectos depreciativos.

O fracasso escolar pode ser encontrado, nestes casos, acentuando a desadaptação da criança ao seu ambiente. No adolescente, estes sentimentos estão ligados aos remanejamentos afetivos, característicos dessa fase.

Os resultados da distribuição das freqüências dos entrevistados esteve, em torno de 54,0 %, para a 'tristeza sem razão aparente' (Tabela e gráfico 4.1.6.17a.) (SOS - 51,4%; Crami - 57,7%; comparativo - 52,1%) e vontade de chorar (Tabela e gráfico 4.1.6.17b.) (SOS - 56,6%; Crami - 46,2%; comparativo - 58,9%). O grupo Crami obteve o maior percentual de 'tristeza sem razão aparente' (57,7%), entretanto, foi a amostra que apresentou o valor mais baixo na 'vontade de chorar'(46,2%). Possivelmente os membros deste grupo têm uma forma diferente e alternativa de expressar a sua 'tristeza sem razão aparente'.

O grupo comparativo apresentou o maior resultado na variável 'sente vontade de chorar' (58,9%). Podemos levantar a hipótese, a partir das declarações nas entrevistas que a 'vontade de chorar' estaria mais ligada às preocupações com a família (saúde e economia) e com os fracassos escolares.

Para os participantes do grupo SOS, menor índice de tristeza 'sem razão aparente' (51,4%), a situação mostrou-se diferente. O grupo obteve 56,6% na variável 'vontade de chorar'. Suas declarações eram: *Não me sinto feliz. Fico triste com o que acontece aqui em casa.*

A análise estatística realizada pelo teste do χ^2, com os três grupos entrevistados, apresentou resultados semelhantes ($p < 0.05$), nas respostas das amostras, para as variáveis 'tristeza e choro' (Tabela e gráfico 4.1.4.17a. e 4.1.6.17b.).

TABELA 4.1.6.17a. TRISTEZA DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1996/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TRISTEZA							
	Sente tristeza sem razão aparente				Não sente tristeza sem razão aparente			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	89	51,4	89	51,4	84	48,6	173	100,0
CRAMI	15	57,7	15	57,7	11	42,3	26	100,0
COMPARATIVO	76	52,1	76	52,1	70	47,9	146	100,0

$\chi^2 = 0.355$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.357$ G.L.= 2 $p<0.05$

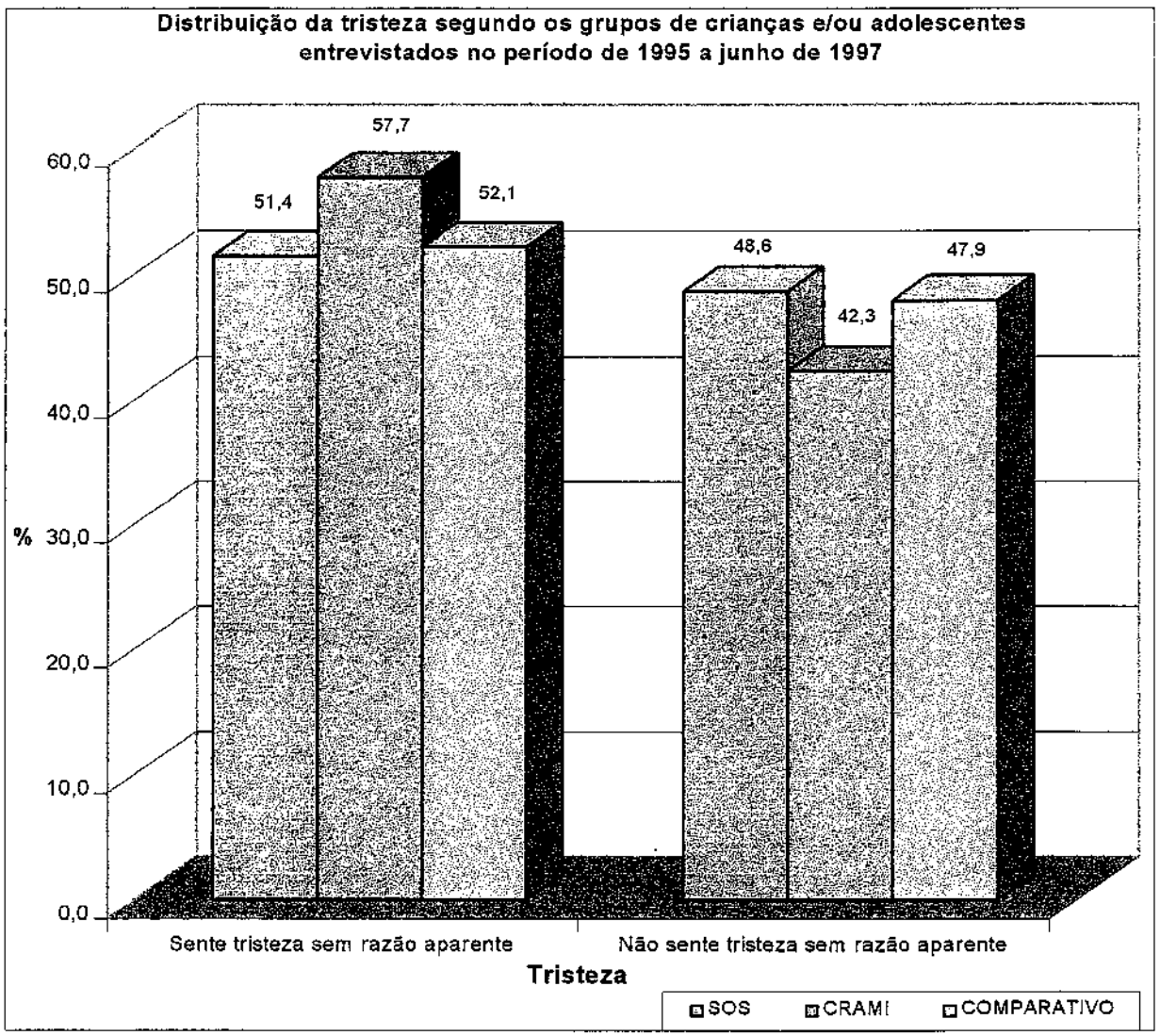


Figura 4.1.6.17a. Representação gráfica da tristeza de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.17b. VONTADE DE CHORAR DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995/JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	VONTADE DE CHORAR							
	Sente vontade de chorar				Não sente vontade de chorar			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	98	56,6	98	56,6	75	43,4	173	100,0
CRAMI	12	46,2	12	46,2	14	53,8	26	100,0
COMPARATIVO	86	58,9	86	58,9	60	41,1	146	100,0

$\chi^2 = 0.550$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.547$ G.L.= 2 $p<0.05$

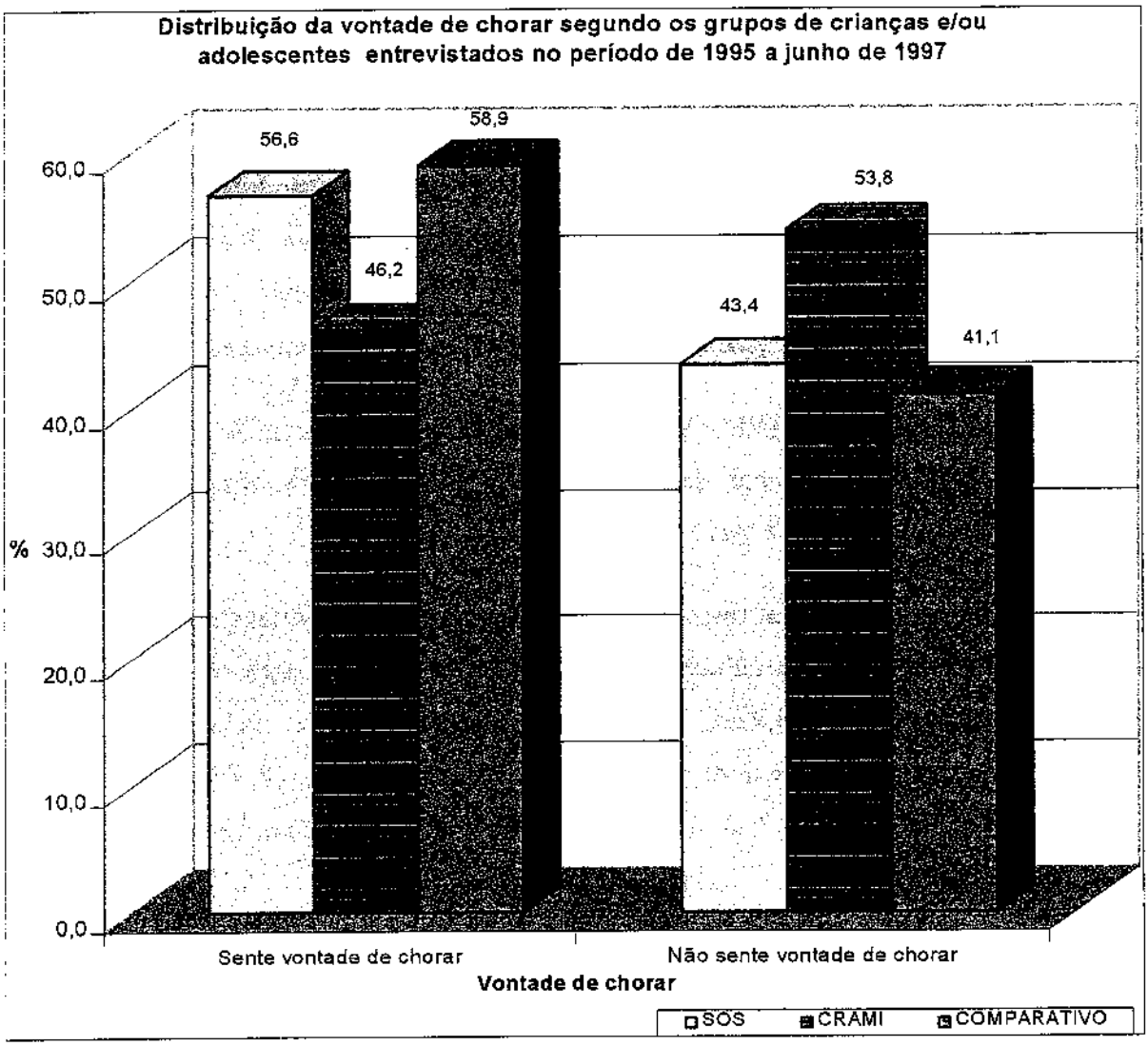


Figura 4.1.6.17b. Representação gráfica da vontade de chorar de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

Reações às situações ansiosas (Tabela e gráfico 4.1.6.18.)

As crianças e adolescentes que vivem, com muita freqüência, situações ansiosas, apresentam um sentimento vago de apreensão, como se algo terrível fosse acontecer a qualquer momento. Esses fatos tornam as crianças e adolescentes, irritadiços e facilmente inquietos em relação à saúde física. As reações a estas situações ansiosas podem ocorrer por fatores externos como doenças, mudanças de escola, mudanças de domicílio e brigas familiares.

Com a idade, a criança pode exteriorizar sua vivência em situação ansiosa, atuando de diversas formas: crises de cólera, fugas e diversos distúrbios do comportamento. O recurso à linguagem corporal é mais freqüente e normal, quanto menor for a criança. A partir dos 7 a 8 anos, encontramos as seguintes condutas: estado de inquietude permanente quanto à saúde, ou em relação a uma eventual doença; vaga fadiga que a impede de estudar ou brincar ; e dores ou mal- estar localizado em vários órgãos: cefaléias, distúrbios visuais, dores abdominais, náuseas, dores nas pernas,etc.

Segundo CHÉNARD (1994), os problemas de saúde mais freqüentes, em crianças e adolescentes, vítimas de violência intrafamiliar, são as alergias e afecções cutâneas, as dores de cabeça, a asma e os traumatismos físicos.

Na distribuição das respostas às situações ansiosas, em crianças e adolescentes dos grupos entrevistados, encontramos os mais altos percentuais para os grupos Crami (50,0%) e comparativo (32,9%), na resposta 'nenhuma reação'. Este último grupo apresentou ocorrências nas reações: onicofagia (19,2%); taquicardia (18,5%) ; sudorese nas mãos (13,7%) ; gagueira (10,9%); dor estomacal (4,1%) ; e uma pequena incidência (um caso) para tiques (0,7%).

O grupo Crami, apesar de ter obtido o índice mais alto de todas as amostras, em 'nenhuma reação' (50,0%), apresentou maior concentração de respostas nos itens: 'sudorese nas mãos' (23,1%) ; onicofagia (11,5%); dores estomacais (7,7%); e uma pequena referência à gagueira (3,8%).

Os entrevistados do grupo SOS, ao contrário do outro grupo com violência doméstica notificada, tiveram o seu maior percentual no item 'taquicardia' (26,0%). A resposta 'nenhuma reação', também foi expressiva (24,3%), assim como a onicofagia (22,0%). Os resultados mais baixos foram encontrados em sudorese (12,7%), gagueira (9,8%) e dores estomacais (4,6%).

Não houve diferença estatística ($p < 0.05$),nas respostas dos três grupos entrevistados, pela análise do teste do χ^2, nas reações às situações ansiosas.

TABELA 4.1.6.18. TIPOS DE REAÇÕES ÀS SITUAÇÕES ANSIOSAS DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	REAÇÕES ÀS SITUAÇÕES ANSIOSAS																											
	Sudorese nas mãos				Gagueira				Dor estomacal				Tiques				Taquicardia				Onicofagia				Nenhuma			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	22	12,7	22	12,7	17	9,8	39	22,5	8	4,6	47	27,1	1	0,6	48	27,7	45	26,0	93	53,7	38	22,0	131	75,7	42	24,3	173	100,0
CRAMI	6	23,1	6	23,1	1	3,8	7	26,9	2	7,7	9	34,6	0	0,0	0	0,0	1	3,8	10	38,4	3	11,5	13	49,9	13	50,0	26	100,0
COMPARATIVO	20	13,7	20	13,7	16	10,9	36	24,6	6	4,1	42	28,7	1	0,7	43	29,4	27	18,5	70	47,9	28	19,2	98	67,1	48	32,9	146	100,0

$\chi^2 = 16.871$ G.L.= 12 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 18.429$ G.L.= 12 $p<0.05$

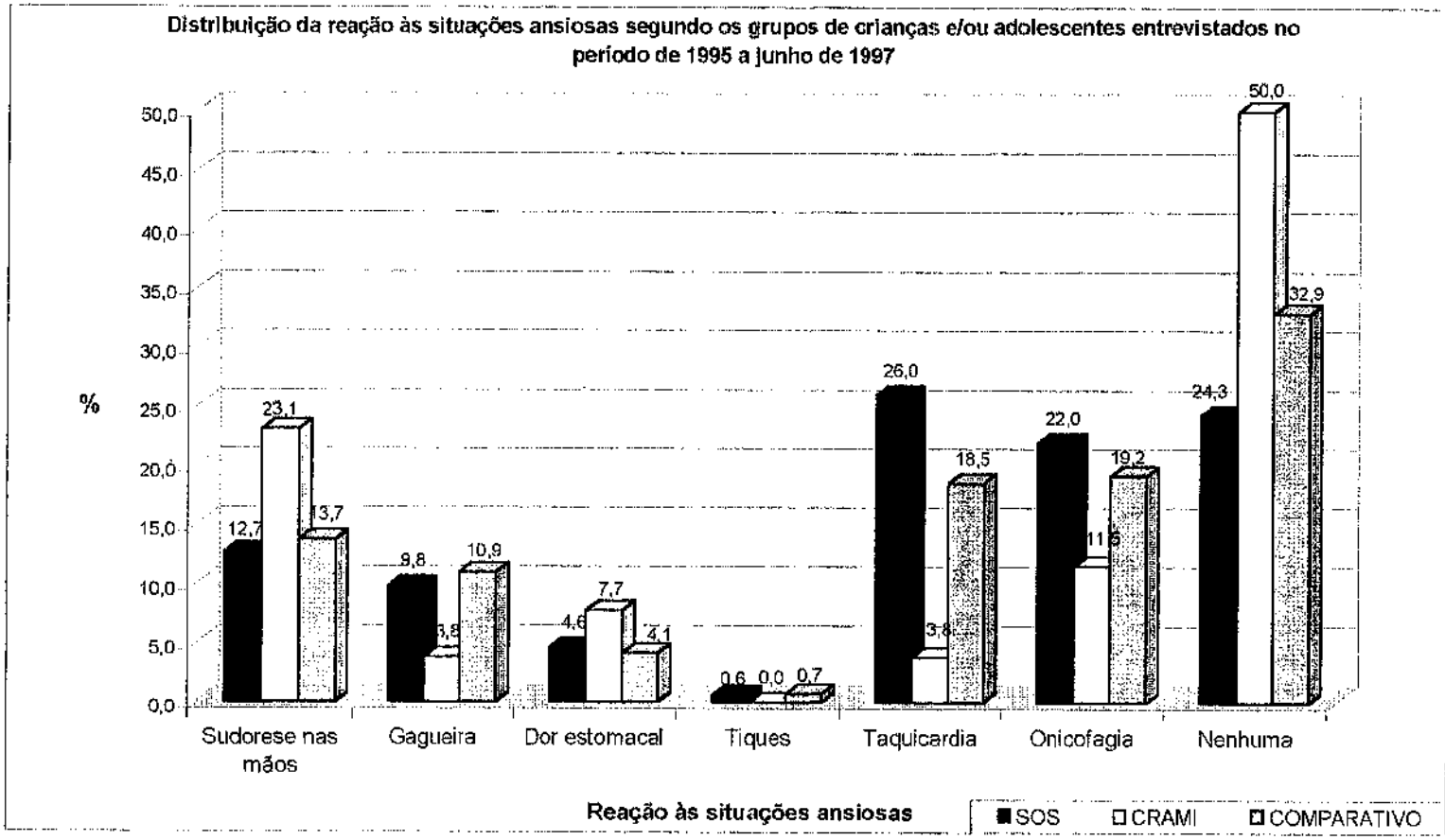


Figura 4.1.6.18. Representação gráfica das reações às situações ansiosas de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Relações entre os moradores do domicílio e as crianças e os adolescentes. Preferências (Tabelas e gráficos 4.1.6.19a. a 4.1.6.19c.)

Apesar do pouco tempo que crianças e adolescentes, nesta faixa etária, permanecem em casa, o relacionamento destes com seus parentes continua ocorrendo, ainda que modificado.

As influências dos companheiros não substituem as da família, mas a importância dos colegas aumenta a partir do momento em que as crianças entram na escola.

As famílias não são agregados de pessoas que vivem, por acaso, sob o mesmo teto. Constituem sistemas sociais, cada um dos quais, com padrões únicos de interação entre os seus membros. Esses padrões vão refletir os atributos das pessoas na família, tanto dos pais quanto dos filhos. Os padrões são também afetados pela estrutura familiar ou pelos membros da família - se um ou ambos os genitores estão ausentes, o número e o sexo dos irmãos, etc.

Existe reciprocidade nas interações pais - filhos: elas influenciam-se mutuamente. Para compreender as interações familiares não é suficiente categorizar os pais ou comparar os atributos dos filhos. A complexidade da situação está em que a criança e o adolescente têm atributos que estão mudando com o desenvolvimento. Os pais têm atributos relativamente duradouros que devem se acomodar às mudanças da criança e do adolescente.

As crianças e adolescentes nesta fase comparam seus próprios lares com os lares de colegas e, a partir desse novo conhecimento a respeito da diversidade dos hábitos das famílias, podem começar a pressionar os seus pais para terem liberdades e privilégios permitidos às outras crianças e adolescentes. Por outro lado, algumas comparações podem mostrar-lhes, não apenas contrastes negativos, mas positivos também.

Na tabela e gráfico 4.1.6.19a. demonstramos a distribuição das freqüências quanto ao relacionamento das crianças e adolescentes com as pessoas que moram no domicílio. Estabelecemos três variáveis: 'com problemas', nas quais a criança e o

adolescente não se sentiam bem morando com aquelas pessoas ; 'sem problemas ', quando as crianças e os adolescentes sentiam-se bem e integrados no ambiente ; 'razoável', em que os entrevistados respondiam, *É mais ou menos, não é bom mas, também não é ruim,* isto é, havia problemas, mas estes não tornavam a convivência insuportável.

Os grupos SOS (38,7%) e Crami (38,5%) obtiveram resultados muito próximos, para a variável 'com problemas'. As diferenças tornaram-se maiores, entre esses grupos, na distribuição entre os dois itens seguintes: 'sem problemas' (SOS - 60,7% ; Crami - 50,0%); e 'razoável'(SOS - 0,6% ; Crami - 11,5%). As crianças (2) e o adolescente que responderam a esse último item, no grupo Crami, categorizaram as suas respostas da seguinte forma: *É mais ou menos... ; Sei lá, podia ser bom ;É razoável, dá prá levar.*

O grupo comparativo apresentou o mais alto resultado na variável 'sem problemas' (84,2%). No entanto, a variável 'com problemas' obteve certa expressividade (15,1%) nas respostas dos seus participantes. As relações 'com problemas', deste grupo, eram: *Eu quero sair e chegar tarde, e ela não deixa ; Não quero fazer o dever depois da escola mas, meu pai quando chega quer ver ; Não sinto fome e sou obrigado a comer.*

Na distribuição da relação e preferência entre os entrevistados e as pessoas que moram no mesmo domicílio (tabelas e gráficos 4.1.6.19b. e 4.1.6.19c.), obtivemos mudanças nas respostas, em relação ao item anterior, decorrentes, talvez, do fato de que antes eram avaliadas as relações entre as pessoas, de uma forma geral. No entanto, nestas novas tabelas e gráficos especificamos mais as respostas, o que pode ter acarretado as mudanças.

Os percentuais mais elevados, na tabela e gráfico 4.1.6.19b., ficaram na resposta 'bem com todas as pessoas' (SOS - 69,9% ; Crami - 76,9%; comparativo - 71,9%), sendo o grupo Crami, o que obteve o percentual mais alto (76,9%). Neste mesmo grupo, não houve resposta para o item 'mal' o que nos leva a acreditar que os relacionamentos entre as pessoas no domicílio 'têm problemas', mas não atingem o seu relacionamento com algumas pessoas (23,1%) e nem se tornam ruins para eles (0,0%).

No grupo SOS, encontramos, além do resultado já comentado 'bem com todas' (69,9%), uma certa freqüência para o item 'bem com algumas pessoas' (27,2%). Para a variável 'mal' (2,9%), neste grupo entrevistado, tivemos algumas crianças (2) que responderam: *Me dou mal, porque a minha mãe briga muito com o meu pai.*

O grupo comparativo foi o que apresentou maior variação no resultado, no relacionamento com as pessoas que moram no domicílio. Encontramos para a resposta 'mal', 18,5%, seguida pelas distribuições 'bem com algumas pessoas', 9,6%, e 'bem com todas as pessoas', 71,9%.

Quanto à preferência pessoal (Tabela e gráfico 4.1.6.19c.), observamos as maiores taxas percentuais para a 'mãe' (SOS - 63,6% ; Crami - 34,6% ; comparativo - 46,6%). O grupo SOS, que apresentou na sua constituição o maior número de mães chefes de família, obteve o maior resultado (63,6%). Os outros dados mais expressivos desta população foram 'sem preferência' (21, 4%) e 'pais' (6,9%). Encontramos percentuais baixos para as respostas: 'pai' (1,7%); 'irmão' (1,7%); 'irmã' (2,3%); e 'avós' (2,3%).

No grupo Crami, apesar do percentual 'mãe' ser o mais elevado (34,6%), nas suas respostas, outras incidências elevadas ficaram para: 'pai' (15,4%); 'irmã' (15,4%); e 'sem preferência' (15,4%). Levantamos a hipótese de que, neste grupo, encontramos alguns pais que não trabalhavam e tomavam conta dos seus filhos, assim como irmãs mais velhas que ajudavam no lar e com as crianças mais novas.

O grupo comparativo obteve resultados significativos para as variáveis 'sem preferência ' (29,5%) e 'pais' (12,3%), além do maior resultado, já mencionado, 46,6%, para 'mãe'. As outras distribuições deste grupo não foram, de certa forma, expressivas ('pai'- 3,4%; 'avós' – 3,4%; 'irmão'- 2,7%; e 'irmã' – 2,1%).

A análise estatística pelo teste do χ^2, para o relacionamento entre as pessoas que moram com as crianças e os adolescentes e para o relacionamento familiar , apresentou um resultado diferente ($p > 0.05$), nas respostas dadas pelos grupos entrevistados (Tabelas e gráficos 4.1.6.19a. e 4.1.6.19b.). A preferência no relacionamento (Tabela e gráfico 4.1.6.19c.), pelo mesmo teste estatístico (χ^2), também apresentou diferenças ($p > 0.05$), nas respostas analisadas, nos três grupos.

TABELA 4.1.6.19a. RELACIONAMENTO ENTRE AS PESSOAS QUE MORAM COM AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES SEGUNDO OS GRUPOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	RELACIONAMENTO											
	Com problemas				Sem problemas				Razoável			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	67	38,7	67	38,7	105	60,7	172	99,4	1	0,6	173	100,0
CRAMI	10	38,5	10	38,5	13	50,0	23	88,5	3	11,5	26	100,0
COMPARATIVO	22	15,1	22	15,1	123	84,2	145	99,3	1	0,7	146	100,0

$\chi^2 = 44.011$ G.L.= 4 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 34.668$ G.L.= 4 $p>0.05$

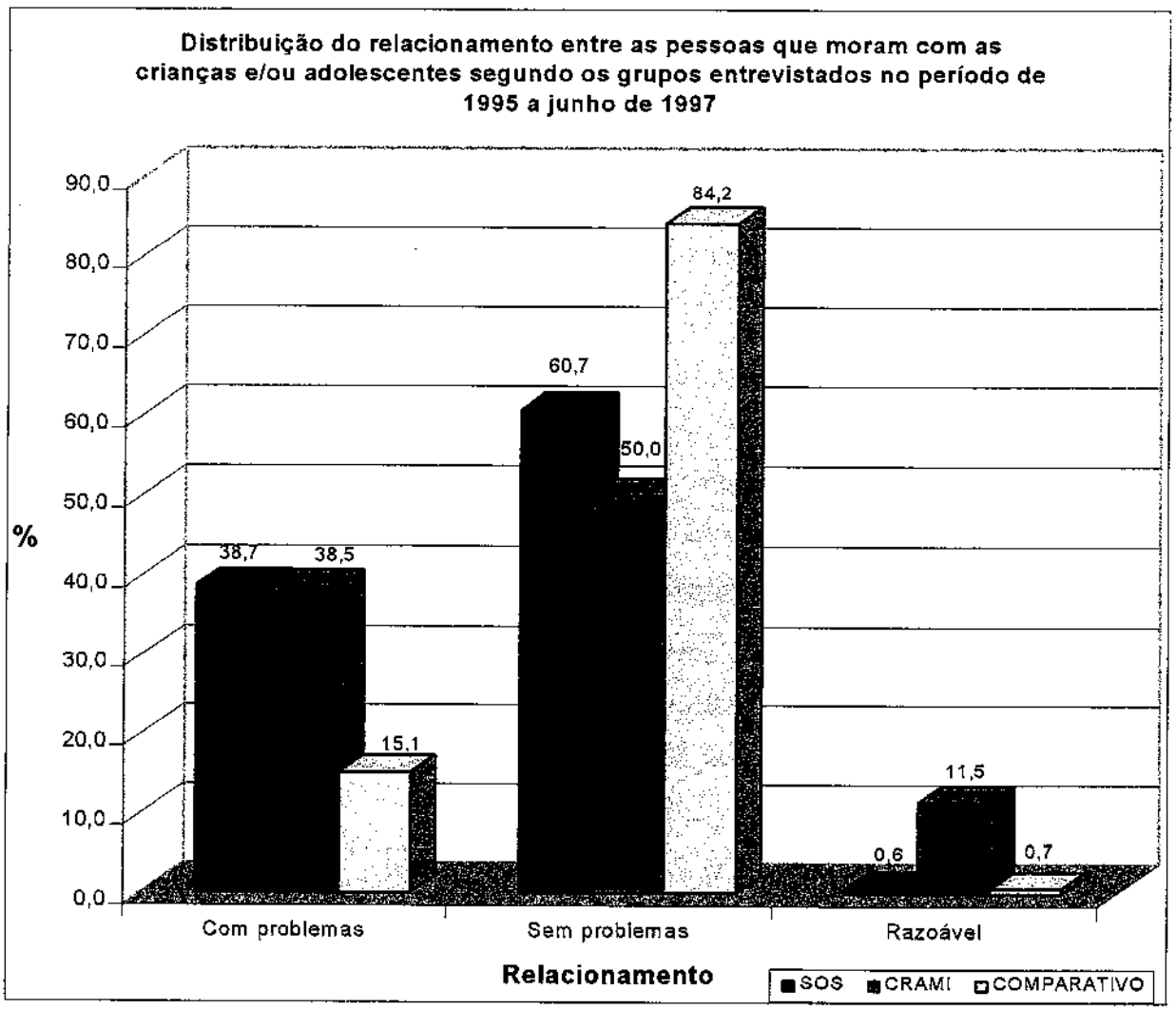


Figura 4.1.6.19a. Representação gráfica do relacionamento entre as pessoas que moram com as crianças e/ou adolescentes de acordo com os grupos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997

TABELA 4.1.6.19b. RELAÇÃO COM AS PESSOAS QUE MORAM NO DOMICÍLIO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	RELACIONAMENTO											
	Mal				Bem com algumas pessoas				Bem com todas as pessoas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	5	2,9	5	2,9	47	27,2	52	30,1	121	69,9	173	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	6	23,1	6	23,1	20	76,9	26	100,0
COMPARATIVO	27	18,5	27	18,5	14	9,6	41	28,1	105	71,9	146	100,0

$\chi^2 = 36.350$ G.L.= 4 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 39.634$ G.L.= 4 $p>0.05$

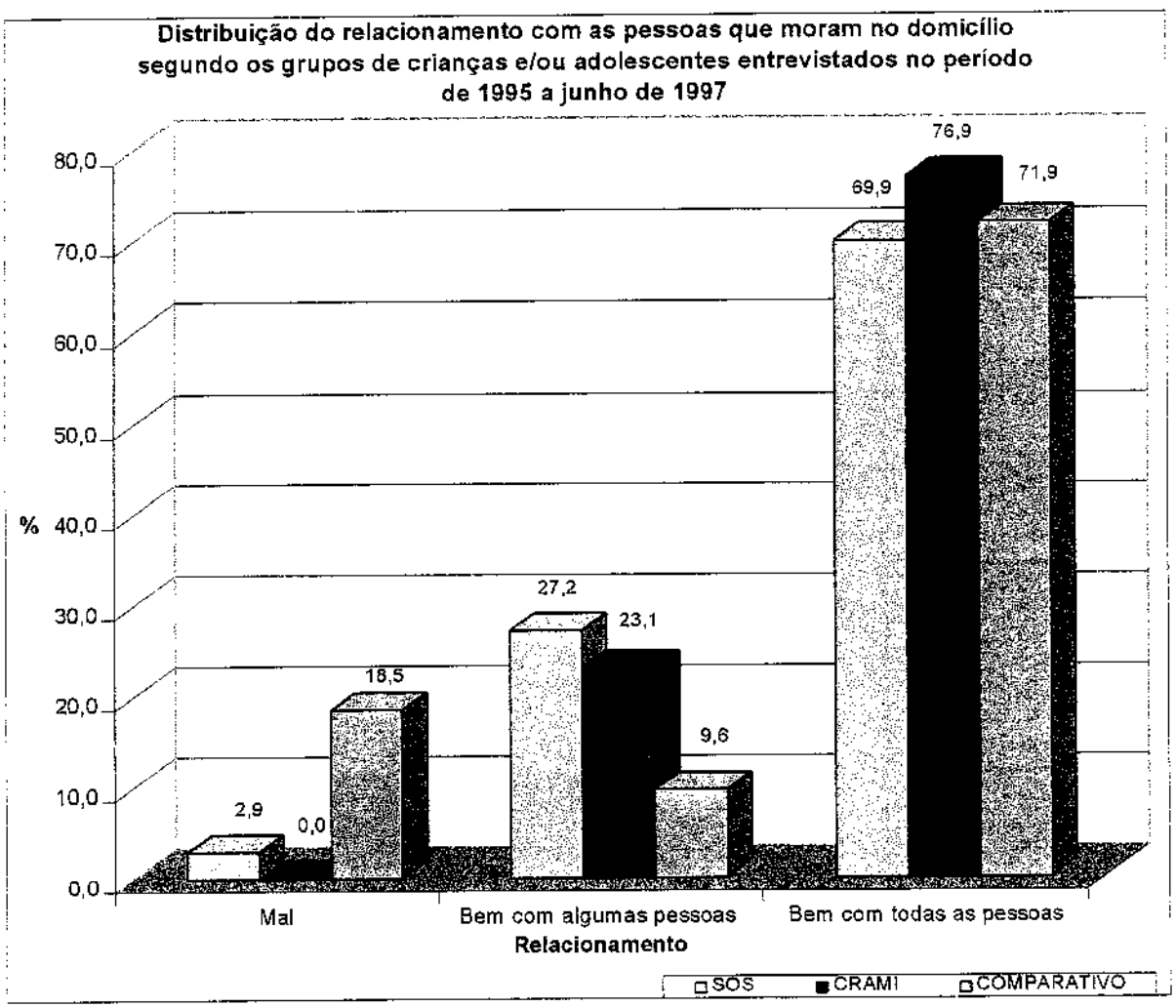


Figura 4.1.6.19b. Representação gráfica do relacionamento com as pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.6.19c. PREFERÊNCIA PELAS PESSOAS QUE MORAM NO DOMICÍLIO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	PREFERÊNCIA																											
	Mãe				Pai				Irmão				Irmã				Avós				Pais				Sem preferência			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	110	63,6	110	63,6	3	1,7	113	65,3	3	1,7	116	67,0	4	2,3	120	69,3	4	2,3	124	71,6	12	6,9	136	78,5	37	21,4	173	100,0
CRAMI	9	34,6	9	34,6	4	15,4	13	50,0	2	7,7	15	57,7	4	15,4	19	73,1	1	3,8	20	76,9	2	7,7	22	84,6	4	15,4	26	100,0
COMPARATIVO	68	46,6	68	46,6	5	3,4	73	50,0	4	2,7	77	52,7	3	2,1	80	54,8	5	3,4	85	58,2	18	12,3	103	70,5	43	29,5	146	100,0

$\chi^2 = 40.581$ G.L.= 12 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 29.683$ G.L.= 12 p>0.05

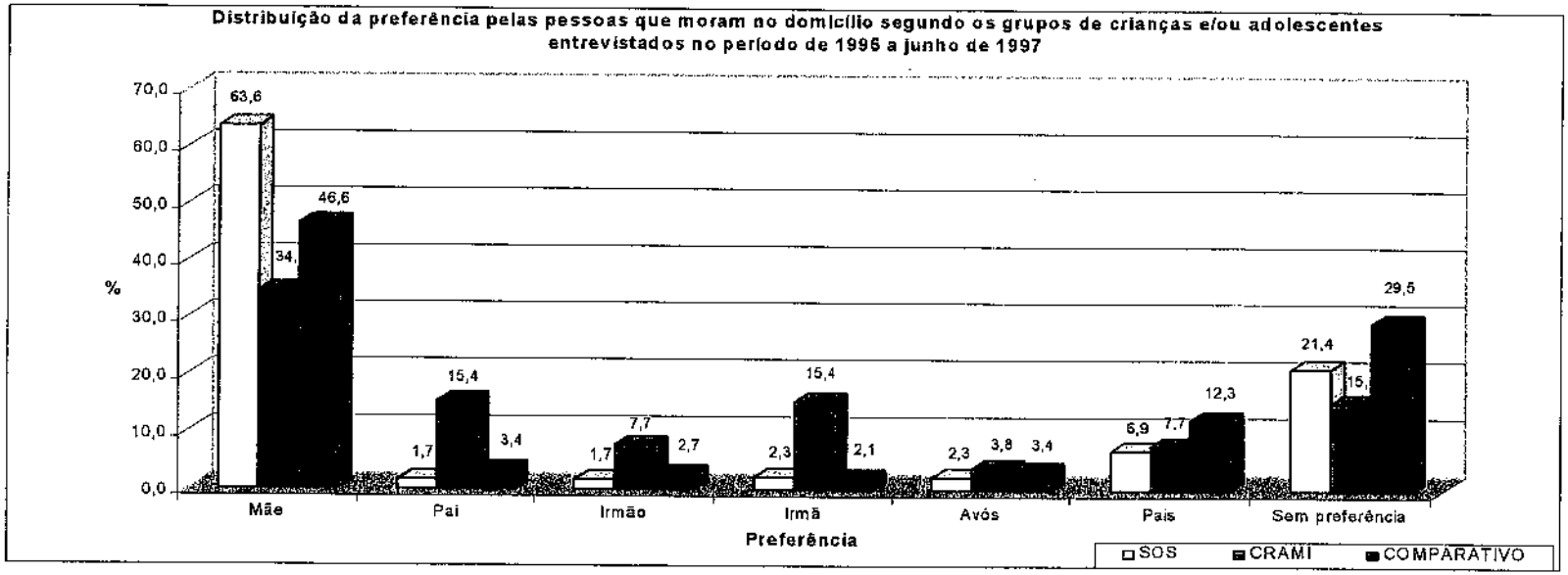


Figura 4.1.6.19c. Representação gráfica da preferência pelas pessoas que moram no domicílio de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Agressividade e direcionamento da agressividade (Tabelas e gráficos 4.1.6.20a. e 4.1.6.20b.)

Um dos antecedentes mais comuns das explosões agressivas das crianças de todas as idades é algum tipo de frustração. As crianças e adolescentes podem e aprendem outras respostas à frustração.

Há evidências, segundo BEE (1977), de que a mera observação de alguém comportando-se agressivamente e sendo recompensado por isso, aumenta a probabilidade do observador comportar-se agressivamente. Em estudos de situações familiares, as crianças que são rejeitadas podem tornar-se agressivas. Um padrão de rejeição parental, combinado com altas doses de punição física, são aspectos comuns nos antecedentes da delinqüência (BEE, 1977).

As famílias que parecem ter crianças menos agressivas são aquelas que combinam não - permissividade, não-punição e não-rejeição. Elas tentam evitar o desenvolvimento de situações explosivas e evitam discussões e brigas, separando as crianças ou adolescentes, antes que eles comecem a brigar. Quando ocorre a agressão, elas não são severamente punidas.

Nas tabelas e gráficos 4.1.6.20a. e 4.1.6.20b., analisamos as atitudes agressivas e a direção das mesmas. Os resultados evidenciaram percentuais altos para a resposta 'não bate nas pessoas', nos três grupos entrevistados (SOS - 72,8%; Crami - 69,0%; comparativo - 65,8%). Observamos, neste item, que o grupo com respostas mais altas para a atitude agressiva foi o comparativo, com a distribuição percentual de 34,2% (SOS – 27,2%; Crami – 30,8%).

No entanto, não houve diferença estatística ($p < 0.05$) nos resultados apresentados, quando aplicamos o teste do χ^2, às respostas das amostras.

No direcionamento da agressividade (Tabela e gráfico 4.1.6.20b.), novamente no grupo comparativo, encontramos o índice mais alto em relação aos 'irmãos' (48,0%). Os 'colegas' (36,0%) e as 'crianças mais novas' (16,0%), também foram os alvos para estas atitudes, nesta amostra.

O grupo Crami apresentou homogeneidade nos resultados 'colegas' e 'irmãos' (37,5%). Neste grupo entrevistado, encontramos um adolescente que batia nos pais, quando eles estavam bêbados (12,5%); e uma criança que batia em 'Outros' (12,5%), caracterizado pelas respostas dos grupos como parentes do tipo: tia, tio, avô ou avó.

No grupo SOS, o direcionamento das atitudes agressivas, com maior freqüência, foi para: 'colegas' (44,7%) e 'irmãos' (40,4%). Notamos percentuais baixos, para: 'desconhecidos' (2,1%); 'crianças mais novas'(4,3%); e 'Outros'(8,5%).

Pelo que pudemos perceber, por características do momento evolutivo destes grupos, os irmãos e os colegas podem ser as pessoas que estão em maior contato com as crianças e adolescentes, favorecendo, desta forma, qualquer tipo de interação, até mesmo a agressiva.

Quanto à direção da agressividade (Tabela e gráfico 4.1.6.20b.), os grupos entrevistados apresentaram respostas diferentes ($p > 0.05$), entre si, ao utilizarmos o teste do χ^2. A partir destes resultados, podemos afirmar que, em nosso trabalho, o padrão violento da família não elevou a freqüência da agressividade dos grupos em estudo, em relação ao grupo comparativo, como afirmam algumas pesquisas na área (ASSIS, 1994 a; STRAUS, SUGARMAN, GILES - SIMS, 1997; WOLFE *et al.*, 1998).

TABELA 4.1.6.20a. AGRESSIVIDADE DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AGRESSIVIDADE							
	Bate nas pessoas				Não bate nas pessoas			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	47	27,2	47	27,2	126	72,8	173	100,0
CRAMI	8	30,8	8	30,8	18	69	26	100,0
COMPARATIVO	50	34,2	50	34,2	96	65,8	146	100,0

$\chi^2 = 1.876$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.873$ G.L.= 2 $p<0.05$

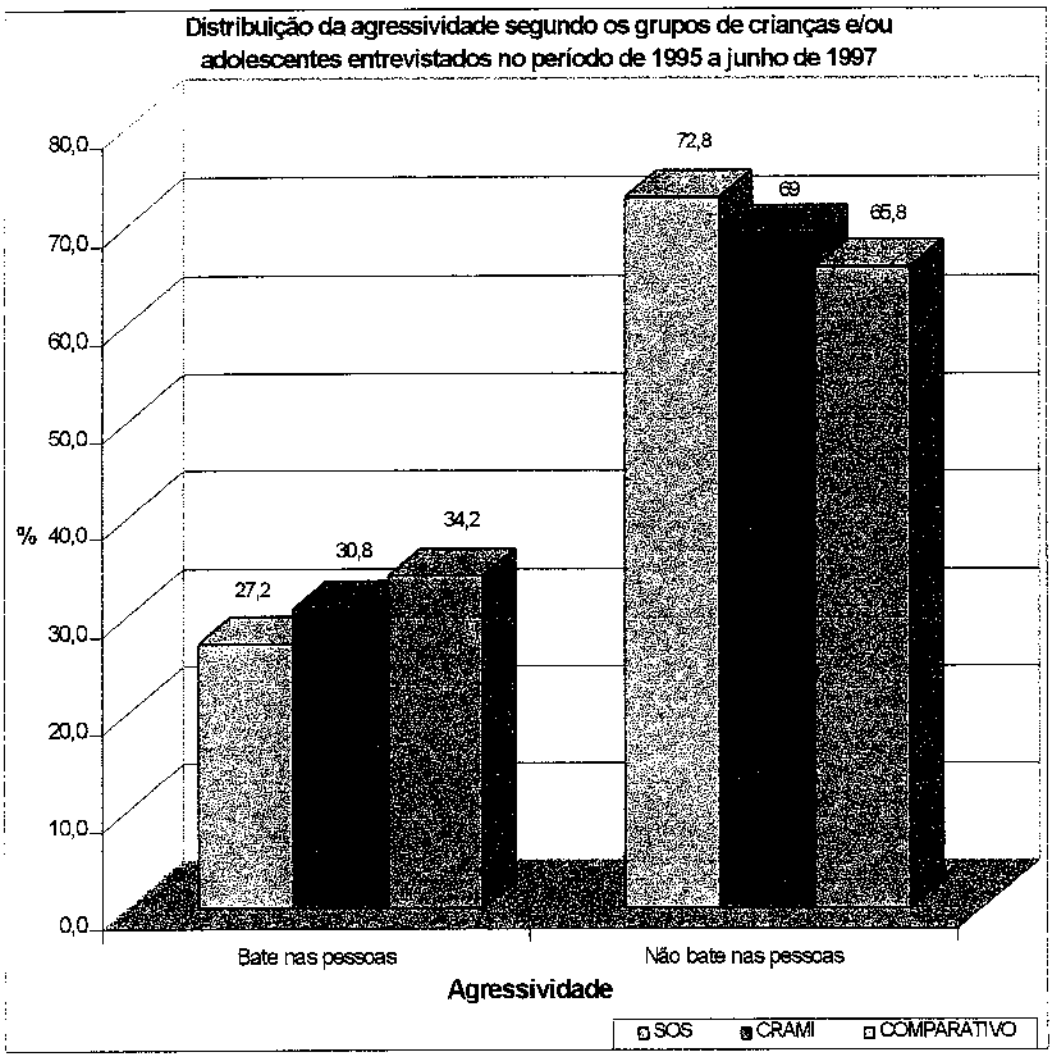


Figura 4.1.6.20a.Representação gráfica da agressividade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.6.20b. DIREÇÃO DA AGRESSIVIDADE DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	DIREÇÃO DA AGRESSIVIDADE																							
	Colegas				Irmãos				Pais				Crianças mais novas				Desconhecidos				Outros			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	21	44,7	21	44,7	19	40,4	40	85,1	0	0,0	0	0,0	2	4,3	42	89,4	1	2,1	43	91,5	4	8,5	47	100,0
CRAMI	3	37,5	3	37,5	3	37,5	6	75,0	1	12,5	7	87,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	12,5	8	100,0
COMPARATIVO	18	36,0	18	36,0	24	48,0	42	84,0	0	0,0	0	0,0	8	16,0	50	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 23.333$ G.L.= 10 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 19.275$ G.L.= 10 p>0.05

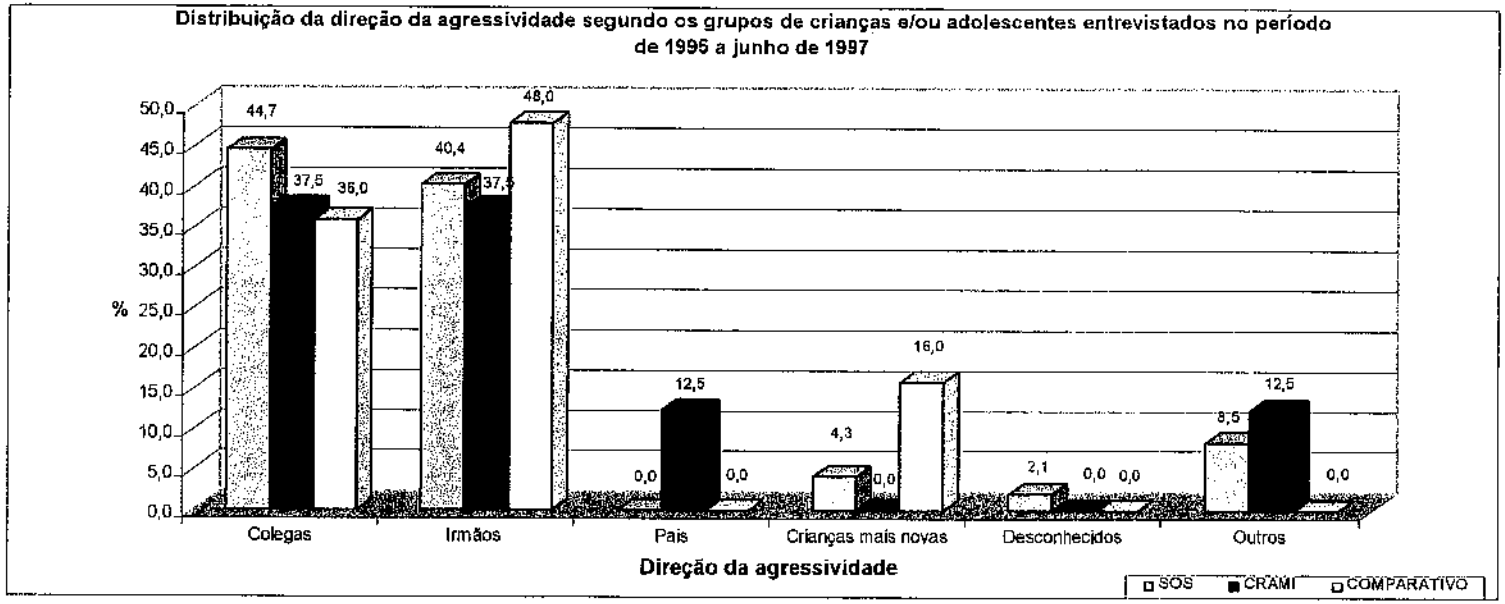


Figura 4.1.6.20b. Representação gráfica da direção da agressividade de acordo com os grupos de crianças e/ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

4.1.7. História da violência

- **Denúncia à Instituição (Tabelas e gráficos 4.1.7.1a. a 4.1.7.1c.)**

De acordo com UCHÔA (1994), a Sociedade Internacional de Prevenção ao Abuso e Negligência na Infância afirma que, por ano, existem 6,6 milhões de vítimas de violência doméstica, com menos de 14 anos, no Brasil. Apenas 40% das agressões são denunciadas. Esta estimativa é o equivalente a uma média de 18 mil por dia e 750 a cada hora.

No Estado de São Paulo, 500 mil crianças sofrem violência dos seus pais (UCHÔA, 1994). Cerca de 1370 por dia. O número de notificações à Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social cresceu 33,8%, em 3 anos. Em 1993, o SOS Criança recebeu 10926 denúncias, sendo 91% de agressões físicas, cometidas por familiares (UCHÔA, 1994).

A origem da denúncia da maior parte das violências domésticas contra crianças e adolescentes é de subúrbios, onde ocorrem mais aglomerações de habitações e, algumas vezes, moradias coletivas. Isto permite à vizinhança saber o que acontece na casa do outro com mais facilidade. Nas famílias de classe média e alta, estas violências muitas vezes são silenciadas pela distância entre uma moradia e outra.

As denúncias, segundo as instituições, foram realizadas de formas distintas e por meio de diferentes pessoas ou órgãos. O SOS Ação Mulher e Família, de acordo com as próprias características da organização, teve um predomínio, quase que absoluto de notificações do sexo feminino, nos diversos setores de atendimento. Sendo assim, para este grupo, tivemos o resultado de 100% das notificações realizadas pelas mães ou responsáveis.

No grupo Crami, cuja instituição abrangia ligações com outros órgãos e serviços da comunidade, tivemos uma distribuição de resultados diferente. Os vizinhos (40,9%) e anônimos (22,8%) foram os que mais fizeram denúncias, no período da pesquisa (1995 a junho de 1997). Os parentes maternos e a mãe apresentaram certa expressividade (9,1%). Os outros denunciantes foram o pai (4,5%), parentes paternos(4,5%), escola (4,5%); e Serviços Públicos (4,5%).

Observamos, nesta distribuição, os vizinhos e anônimos, que também podem ser vizinhos, mas que não quiseram se identificar por estarem mais próximos e participarem, indiretamente, do sofrimento das crianças e adolescentes, foram os que mais se mobilizaram para as providências desta situação. A baixa denúncia das escolas e dos Serviços Públicos pode ser entendida pelo que AZEVEDO & GUERRA (1997) denominaram de 'reticências psicológicas'[1].

Diferenças estatisticamente significativas ($p > 0.05$) ocorreram, quanto à denúncia à instituição, no SOS – 100,0% - mães e responsáveis do sexo feminino; e no CRAMI – vizinhos –40,9% e anônimos – 22,8%. Os resultados obtidos na última Instituição foram semelhantes aos de outras pesquisas realizadas no país (MARCOVICH, 1986; DESLANDES, 1994; CENTRO REGIONAL DE ATENDIMENTO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, 1995; PASSETTI, 1995; SANTOS, 1995; AZEVEDO & GUERRA, 1997).

Na tabela e gráfico 4.1.7.1b., observamos a distribuição dos tipos de violência, de acordo com a notificação realizada pela população e instituições. A maior incidência do grupo SOS ficou na violência física (54,3%), seguida da violência psicológica (43,9%). A negligência / abandono, também obteve certa expressividade, com um resultado de 38,7%. A violência sexual foi a que obteve menor índice, 9,8%.

Em relação ao grupo Crami, vamos notar algumas diferenças: o percentual da violência física foi o maior nesse grupo, 61,5%, seguido da negligência / abandono com 53,8%. A violência sexual e psicológica tiveram como resultados 7,7%.

Em nosso trabalho, houve a constatação de que a violência física é a forma de agressão mais utilizada entre os pais e (ou) responsáveis que cometem violência doméstica contra os seus filhos. Outros trabalhos realizados, sobre o assunto, confirmaram esta hipótese (LIPPI, 1986; MARCOVICH, 1986; DESLANDES, 1994; AZEVEDO & GUERRA, 1995; CENTRO REGIONAL DE ATENDIMENTO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, 1995; MATEOS, 1995; O GLOBO, 1995; PASSETTI, 1995; SANTOS, 1995; AZEVEDO & GUERRA, 1997; MAPA CENSITÁRIO, 1997).

[1] Reticências psicológicas - são as resistências pessoais dos profissionais ao tratar da violência doméstica contra crianças e adolescentes. Incluem reações de ódio, insegurança, atitudes de indiferença, descrença, pieguice, ambivalência, sentimento de mal-estar e fuga do caso . (Terminologia traduzida pelas autoras e utilizada pelo Ministério da Solidariedade, Saúde e Proteção Social da França)

Ao analisarmos as respostas das amostras entrevistadas (Tabela e gráfico 4.1.7.1b.), pelo teste do χ^2, obtivemos diferenças estatísticas ($p > 0.05$) nos resultados dos diferentes grupos entrevistados.

É possível supor que, de acordo com a população estudada, neste trabalho, alguns tipos de violência se modifiquem. Parece-nos que a alta expressividade na denúncia da violência psicológica, no grupo SOS, deve-se ao fato de que as pessoas que estão denunciando, encontram-se em conflito com seus parceiros. Em contrapartida, existe um jogo de forças atuando para atrair aliados. Sendo assim, os pais ou companheiros, segundo as denunciantes, adotam as mais diversas estratégias, como: ameaçam não dar dinheiro em casa; usam a criança como meio de comunicação entre eles; seduzem comprando roupas caras e tentando convencê-las a irem contra a mãe em sua defesa, etc.

No grupo Crami, as denúncias realizadas foram as das violências mais aparentes, isto é, a violência física e a negligência. É difícil, a não ser que a pessoa tenha uma intimidade grande com a família, perceber a violência psicológica que muitas vezes é sutil, o mesmo ocorrendo em relação à violência sexual. Muitas negligências e violências físicas, nestes casos, ocorriam quando os pais estavam embriagados, não querendo com isso dizer que a embriaguez leva, necessariamente, à violência física.

Na tabela e gráfico 4.1.7.1c., apresentamos a identidade do agressor, segundo a denúncia à Instituição. Os dois grupos, SOS e Crami, tiveram distribuições diferentes nas variáveis. No grupo SOS, a concentração da freqüência dos agressores, na sua maior parte, esteve no sexo masculino. O 'pai' (81,1%) obteve o maior percentual, sendo acompanhado pelo 'padrasto' (9,8%); 'pai / padrasto' (3,8%); e 'pai / madrasta' (3,0%). As variáveis 'pai / mãe' e 'mãe / padrasto' não apresentaram respostas (0,0%). As variáveis 'irmão '(0,7%) e 'avô paterno' (0,7%) foram casos de abuso sexual.

O grupo Crami apresentou como principais agressores a 'mãe' (45,4%); o 'pai' (22,7%); e 'pai / mãe' (13,6%). As variáveis 'irmão', 'avô paterno' e 'pai / madrasta' não apresentaram dados. Um resultado relativamente expressivo foi 'mãe / padrasto' (9,1%). Os demais itens, 'pai / padrasto' e 'padrasto'(4,5%), não apresentaram alta incidência.

A análise estatística, realizada pelo teste do χ^2, apresentou, para as respostas à tabela e gráfico 4.1.7.1c., diferenças ($p > 0.05$) nos resultados coletados nos grupos entrevistados.

TABELA 4.1.7.1a. AUTOR DA DENÚNCIA À INSTITUIÇÃO NOS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AUTOR DA DENÚNCIA																											
	Pai				Mãe				Vizinhos				Parentes paternos				Parentes maternos				Escola				Serviços Públicos				Anônimo			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	132	100,0	132	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
CRAMI	1	4,5	1	4,5	2	9,1	3	13,6	9	40,9	12	54,5	1	4,5	13	59,0	2	9,1	15	68,1	1	4,5	16	72,6	1	4,5	17	77,1	5	22,8	22	100,0

$\chi^2 = 137.910$ G.L.= 7 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 105.527$ G.L.= 7 $p>0.05$

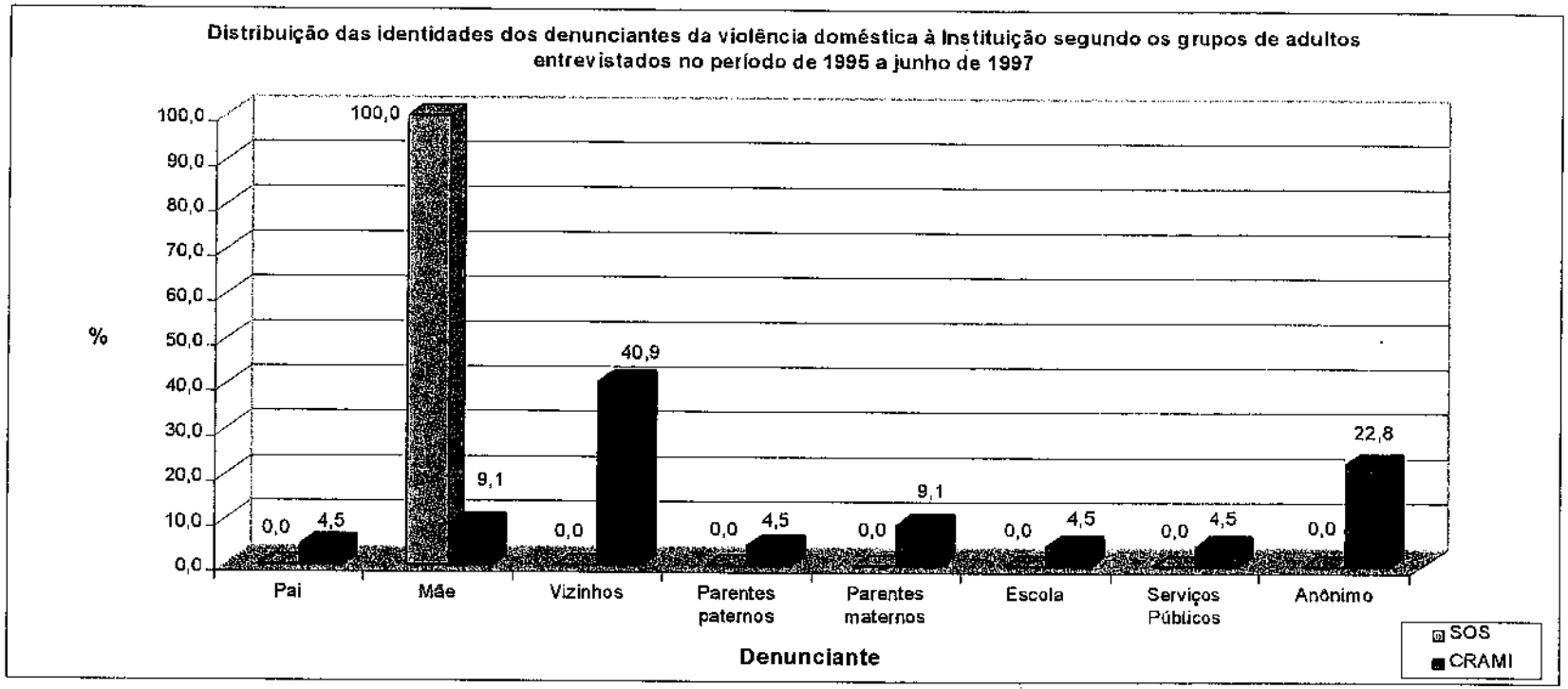


Figura 4.1.7.1a. Representação gráfica dos denunciantes da violência doméstica à Instituição de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.7.1b. TIPOS DE VIOLÊNCIA DE ACORDO COM A NOTIFICAÇÃO À INSTITUIÇÃO SEGUNDO OS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS -1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPOS DE VIOLÊNCIA															
	Sexual				Psicológica				Física				Negligência			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	17	9,8	17	9,8	76	43,9	76	43,9	94	54,3	94	54,3	67	38,7	67	38,7
CRAMI	2	7,7	2	7,7	2	7,7	2	7,7	16	61,5	16	61,5	14	53,8	14	53,8

$\chi^2 = 9.556$ G.L.= 3 p>0.05

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 11.896$ G.L.= 3 p>0.05

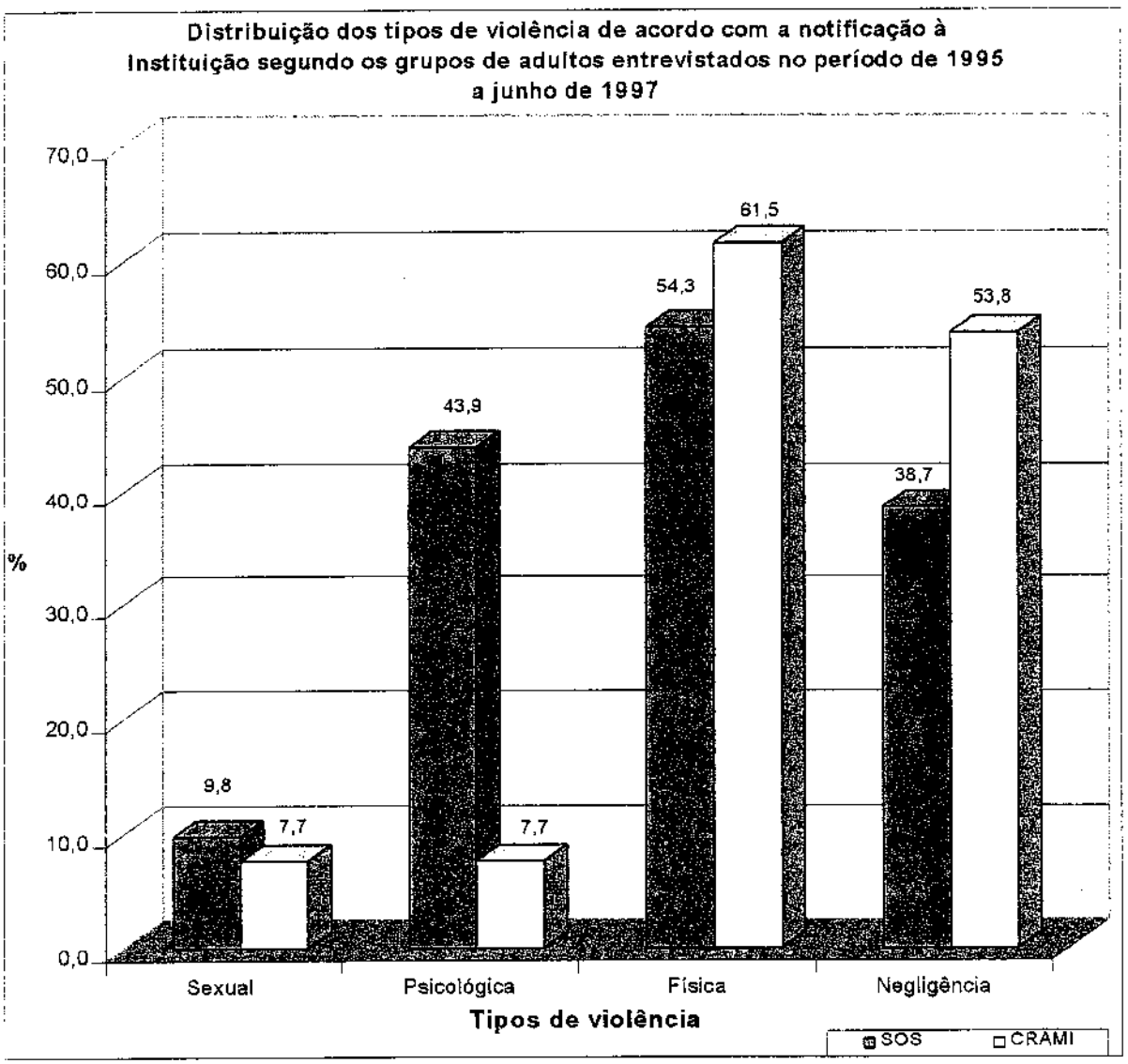


Figura 4.1.7.1b. Representação gráfica dos tipos de violência de acordo com as notificações às instituições segundo os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.7.1c. IDENTIDADE DO AGRESSOR NA DENÚNCIA À INSTITUIÇÃO NOS GRUPOS DE ADULTOS ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	IDENTIDADE DO AGRESSOR																													
	Pai				Mãe				Pai/ Mãe				Pai/ Madrasta				Mãe/ Padrasto				Pai/ Padrasto				Padrasto				Irmão				Avô Paterno			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	107	81,1	107	81,1	1	0,8	108	81,9	0	0,0	0	0,0	4	3,0	112	84,9	0	0,0	0	0,0	5	3,8	117	88,7	13	9,8	130	98,5	1	0,7	131	99,2	1	0,7	132	100,0
CRAMI	5	22,7	5	22,7	10	45,4	15	68,1	3	13,6	18	81,7	0	0,0	0	0,0	2	9,1	20	90,8	1	4,5	21	95,3	1	4,5	22	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 93.176$ G.L.= 8 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 66.138$ G.L.= 8 $p>0.05$

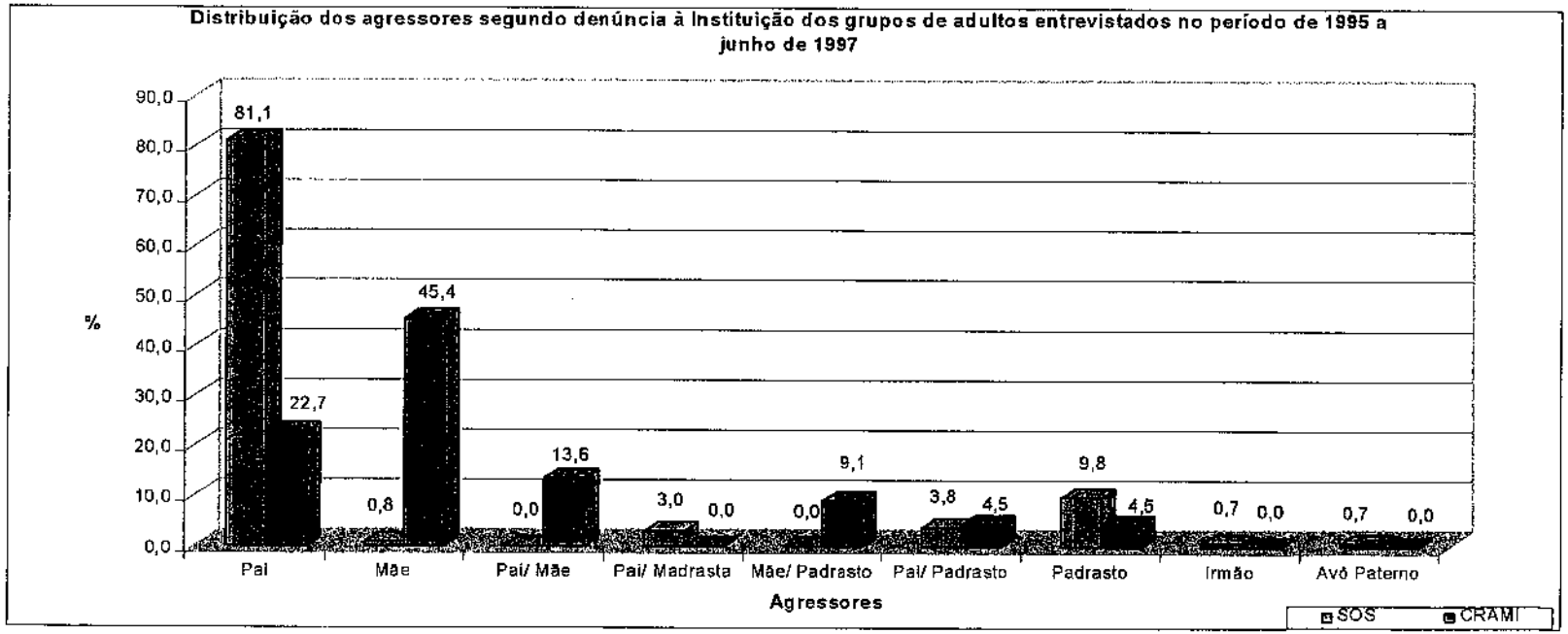


Figura 4.1.7.1c. Representação gráfica dos agressores denunciados à Instituição de acordo com os grupos de adultos entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Denúncia da vítima (Tabelas e gráficos 4.1.7.2a. a 4.1.7.2c.)

A denúncia da violência doméstica efetuada pelas vítimas não foi uma situação fácil para todos os envolvidos no processo da entrevista. As crianças e adolescentes, quando denunciavam, faziam-no com um certo temor e culpa, numa atmosfera de que estavam cometendo um crime. Algumas crianças chegavam a justificar: *Ele (a) me bate porque fica nervoso(a)*. Os adolescentes eram mais críticos e severos em seus julgamentos. Um deles declarou: *Ele me bate, porque nunca teve pai, mas isso não justifica.*

Os grupos entrevistados obtiveram resultados próximos (Tabela e gráfico 4.1.7.2a.). O grupo SOS teve como maior índice a violência física (55,5%), seguido pela violência psicológica (30,6%) e tendo como último resultado a negligência (13,9%). A violência sexual, apesar de denunciada e notificada, em alguns casos, pelos pais e/ou responsáveis, não foi relatada pelas vítimas, confirmando o "complô do silêncio "[2], nestas situações.

O grupo CRAMI obteve como maior índice percentual, a violência física (69,2%). A violência psicológica (19,2%) e a negligência (11,5%) foram os outros resultados apresentados. Neste grupo, a postura das crianças e adolescentes era diferente, um pouco mais desenvolta, inclusive em relação às condutas de violência. Um menino deste grupo confessou rindo: *Eu apronto, apanho e saio correndo para não apanhar mais.*

Para estas crianças e adolescentes parece haver uma certa tolerância à negligência e ao abandono, visto que principalmente no grupo Crami, este tipo de situação não obteve percentual tão alto (11,5%), quanto na denúncia dos adultos (38,7%). Nestas famílias, independente de suas características próprias, percebemos a violência física legitimada, como uma forma eficiente de lidar com os problemas disciplinares e escolares. A relação entre o sexo das vítimas e o tipo de violência seriam aspectos importantes para um trabalho futuro.

[2] Complô do silêncio - um grande número de casos de violência doméstica que permanece encoberto, no qual acabam sendo cúmplices os profissionais, vizinhos , parentes , familiares e até a própria vítima (AZEVEDO & GUERRA , 1995).

A análise estatística, realizada pelo teste do χ^2, apresentou semelhanças ($p < 0.05$), nas respostas obtidas nos dois grupos em estudo, de acordo com as entrevistas realizadas.

Na tabela e gráfico 4.1.7.2b., conhecemos a identidade dos agressores segundo a denúncia das crianças e adolescentes, na entrevista. Nos dois grupos observamos a 'mãe' como figura de maior índice percentual nos dois grupos: 39,9% (SOS) e 34,6% (Crami). No primeiro grupo, SOS, encontramos resultados, também expressivos para as variáveis: 'pai' (22,5%) e 'pai / mãe' (16,8%). 'Padrasto' (10,4%), 'padrasto / mãe' (9,2%), e 'irmão' (1,2%) foram resultados baixos, em comparação com os anteriores.

No grupo Crami, as 'mães' obtiveram o maior percentual (34,6%), tendo o 'pai', um resultado um pouco mais baixo (30,8%). 'Pai / mãe', nesta amostra, reuniram um resultado mais elevado do que o outro grupo (26,9%). As demais distribuições demonstraram uma freqüência bem menos expressiva ('padrasto' - 3,8%; 'padrasto/ mãe' - 3,9%).

Nesta variável (identidade do agressor), as respostas analisadas,estatisticamente, pelo teste do χ^2, foram semelhantes ($p < 0.05$), nos grupos entrevistados.

Os grupos estudados parecem confirmar as afirmações levantadas de que os maiores agressores domésticos das crianças e dos adolescentes são os pais biológicos, independente de quem denuncia à Instituição. Este resultado também ocorreu em várias pesquisas realizadas abordando o mesmo tema (CARSWELL, 1990; DESLANDES, 1994; PASSOS, 1994; AZEVEDO & GUERRA, 1995; CENTRO REGIONAL DE ATENDIMENTO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, 1995; SANTOS, 1995; AZEVEDO & GUERRA, 1997).

Em um estudo realizado com famílias abusivas, no Estado de Nova York, no período de 1975 a 1992, BROWN *et al.*, (1998), chegaram à conclusão de que, na maioria dos casos, os dados da denúncia e os dados das crianças e adolescentes entrevistados não correspondiam. Isto vem reforçar a importância dos dados serem obtidos, tanto de fontes oficiais, como de entrevistas com as pessoas envolvidas na situação.

Como afirmam THOMPSON *et al.*, (1982), os dados obtidos, usando as entrevistas como método, devem ser interpretados com cuidado e devem abranger quantos membros forem possíveis para que todas as possibilidades possam ser avaliadas.

Quanto ao tipo de punição (Tabela e gráfico 4.1.7.2c.), de acordo com os grupos de crianças e adolescentes entrevistados, a distribuição correspondeu ao critério de denúncia, no entanto, cabem alguns esclarecimentos sobre eles. As surras eram dadas de várias formas: com sapatos, com cintos, com vassoura, fio, pedaços de pau, etc. A punição de não sair de casa muitas vezes era acompanhada de não se alimentar e ficar executando trabalhos domésticos. 'De joelhos no chão' era usado em crianças menores, nunca foi denunciado pelos adolescentes. Consistia em ficar num canto da sala, exposto, de joelhos no chão, com o rosto voltado para a parede. 'Trancado no quarto' era no escuro e a saída obedecia a vontade da mãe, assim como as alimentações ou outros cuidados. 'Qualquer um dos anteriores', era o que as crianças e adolescentes afirmavam: *Depende do dia; Sei lá; Qualquer um.*

O percentual mais alto na distribuição foi o 'Sem sair de casa', no grupo SOS (32,4%), acompanhado de todas as ameaças que possam resultar em obediência. Este grupo apresentou outros resultados com índices altos: 'surra', 22,0%; e 'de joelhos no chão' - 15,6%. Um castigo com alto teor físico e o outro com a humilhação moral. Uma das crianças entrevistadas comentou: *Eu fico com vergonha, porque meus amigos passam na rua e me vêem assim* (Caso 110 – SOS Ação Mulher e Família). As variáveis 'qualquer um dos anteriores' e 'trancado no quarto' tiveram resultados também expressivos e homogêneos (15,0%).

No grupo Crami 'as surras' e o 'trancado no quarto' tiveram os mais elevados escores (30,8%). O castigo 'trancado no quarto', para algumas crianças era o pior, porque tinha de ficar no escuro e seus irmãos os amedrontavam bastante. Outro percentual relativamente alto foi o 'sem sair de casa' (23,1%). 'De joelhos no chão' (11,5%) e 'qualquer um dos anteriores' (3,8%) foram os menores resultados.

Os grupos entrevistados apresentaram semelhanças ($p < 0.05$), estatisticamente analisadas, pelo teste do χ^2, nas respostas dadas nas entrevistas.

TABELA 4.1.7.2a. TIPOS DE VIOLÊNCIA DE ACORDO COM A DENÚNCIA DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS -1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPOS DE VIOLÊNCIA															
	Sexual				Psicológica				Física				Negligência			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	53	30,6	53	30,6	96	55,5	149	86,1	24	13,9	173	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	5	19,2	5	19,2	18	69,2	23	88,4	3	11,5	26	100,0

$\chi^2 = 1.844$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.927$ G.L.= 2 $p<0.05$

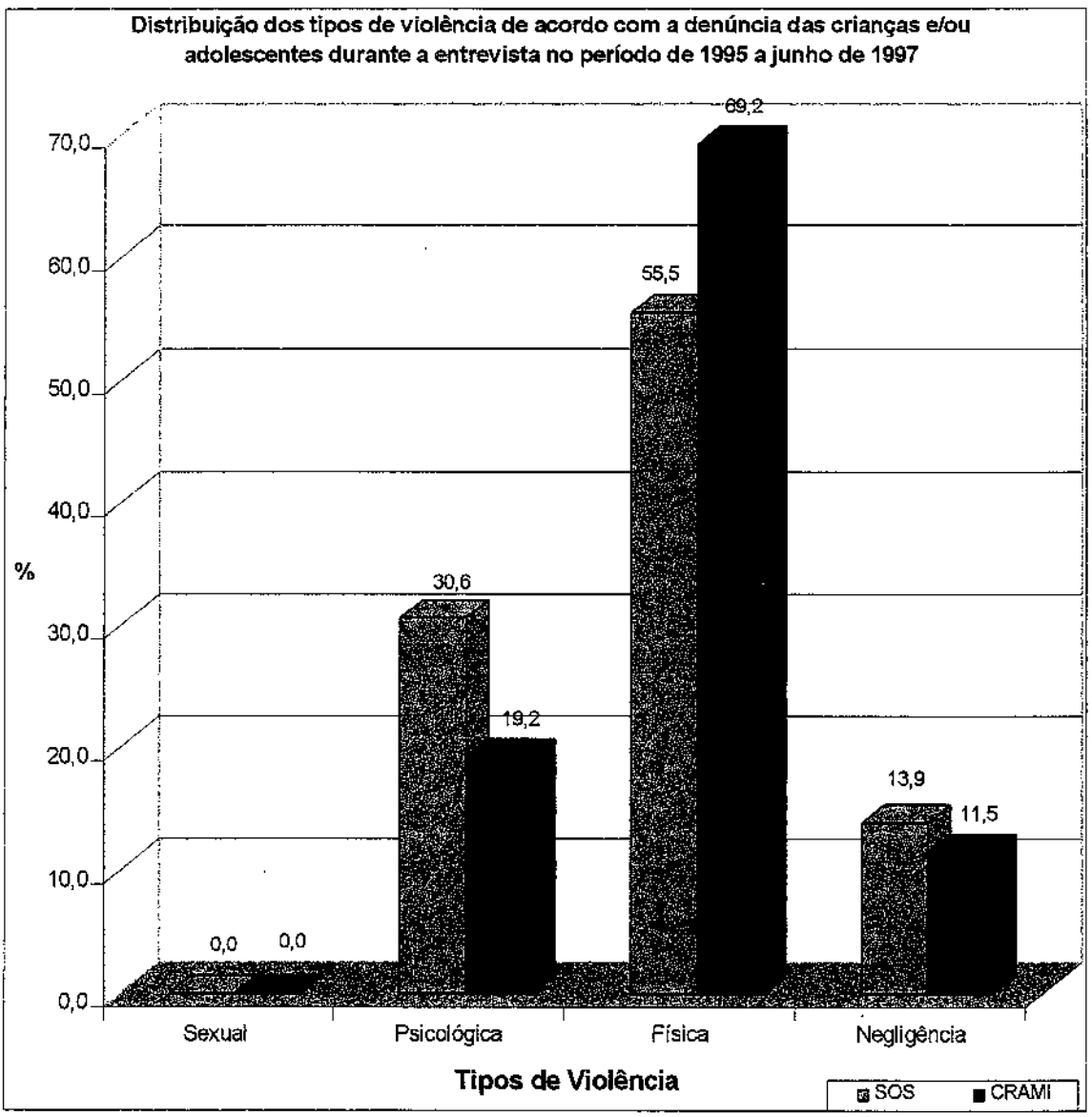


Figura 4.1.7.2a. Representação gráfica dos tipos de violência segundo a denúncia das crianças e/ou adolescentes durante a entrevista no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.7.2b. IDENTIDADE DO AGRESSOR DENUNCIADA PELAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES NA ENTREVISTA - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	IDENTIDADE DO AGRESSOR																							
	Pai				Mãe				Padrasto				Pai/Mãe				Padrasto/Mãe				Irmão			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	39	22,5	39	22,5	69	39,9	108	62,4	18	10,4	126	72,8	29	16,8	155	89,6	16	9,2	171	98,8	2	1,2	173	100,0
CRAMI	8	30,8	8	30,8	9	34,6	17	65,4	1	3,8	18	69,2	7	26,9	25	96,1	1	3,9	26	100,0	0	0,0	0	0,0

$\chi^2 = 4.189$ G.L.= 5 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 4.691$ G.L.= 5 $p<0.05$

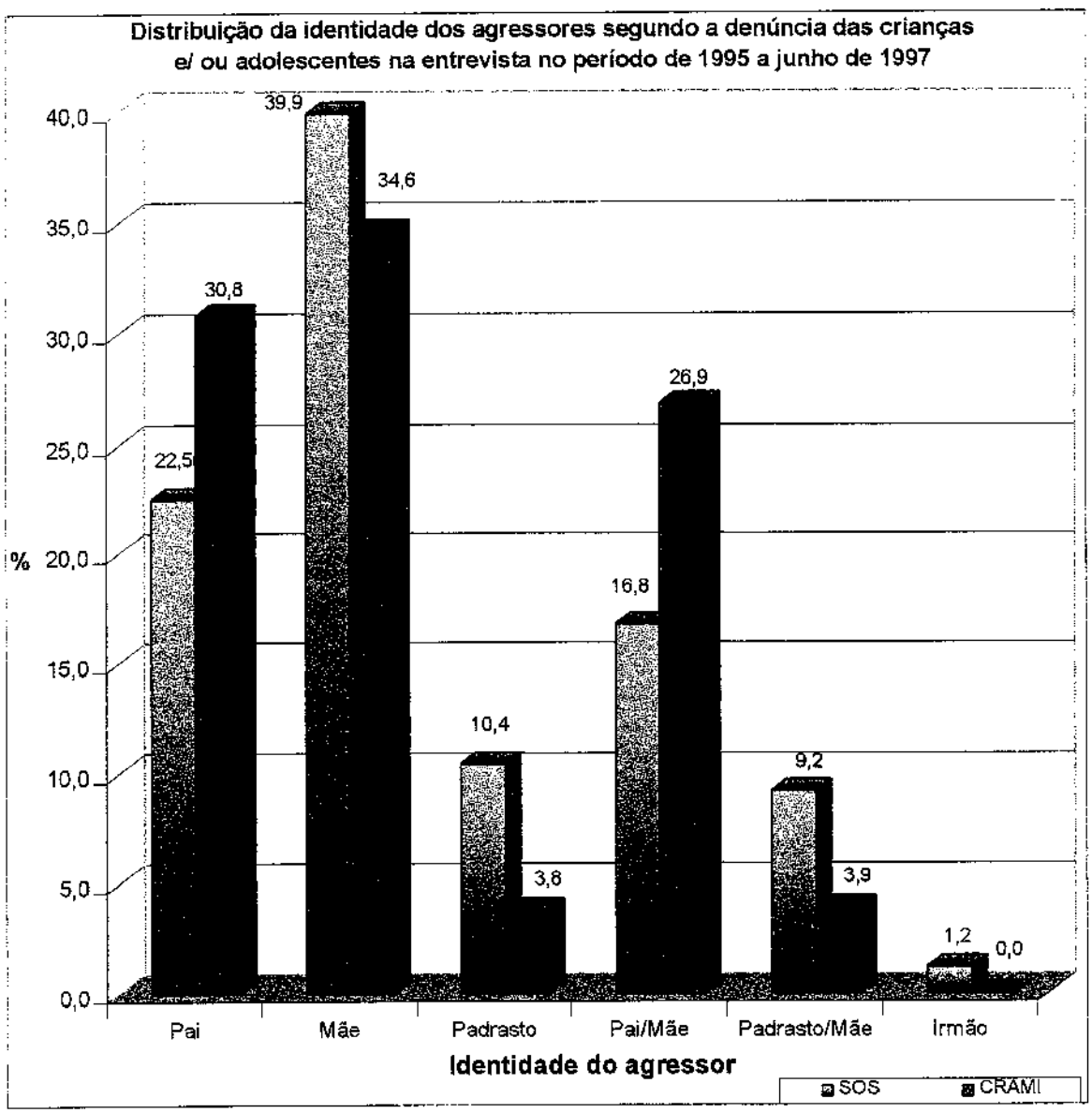


Figura 4.1.7.2b. Representação gráfica da identidade do agressor segundo denúncia das crianças e/ou adolescentes na entrevista realizada no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.7.2c. TIPO DE PUNIÇÃO DE ACORDO COM OS GRUPOS DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	TIPO DE PUNIÇÃO																			
	Surra				Sem sair de casa				De joelhos no chão				Trancado(a) no quarto				Qualquer um dos anteriores			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	38	22,0	38	22,0	56	32,4	94	54,4	27	15,6	121	70,0	26	15,0	147	85,0	26	15,0	173	100,0
CRAMI	8	30,8	8	30,8	6	23,1	14	53,9	3	11,5	17	65,4	8	30,8	25	96,2	1	3,8	26	100,0

$\chi^2 = 6.994$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 7.184$ G.L.= 4 $p<0.05$

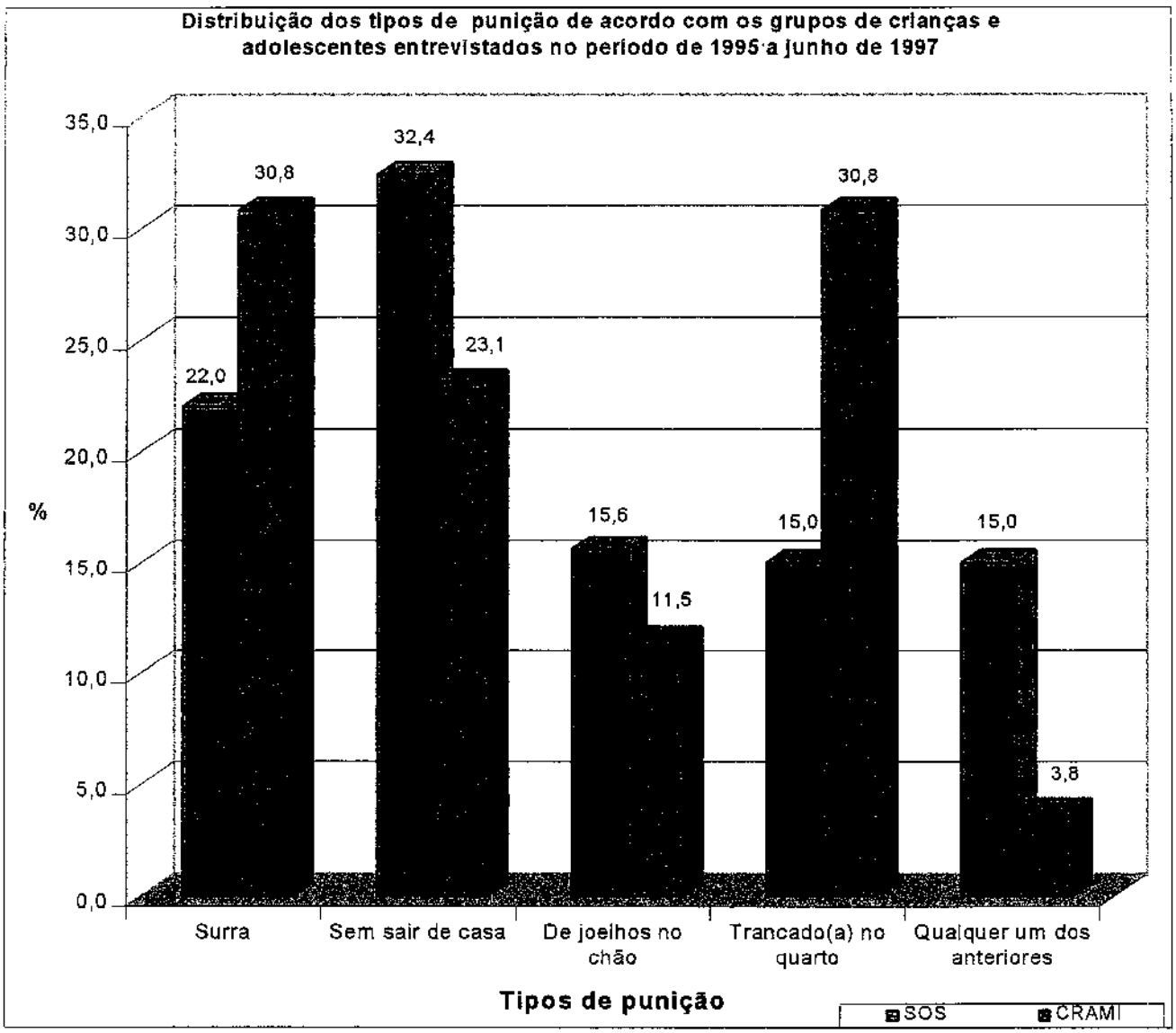


Figura 4.1.7.2c. Representação gráfica dos tipos de punição de acordo com os grupos de crianças e / ou adolescentes entrevistados no período de 1995 a junho de 1997.

Avaliação das crianças e adolescentes das atitudes dos pais e responsáveis (Tabela e gráfico 4.1.7.3.)

A violência doméstica traz em si noções cultural e socialmente construídas, tais como: a noção de proteção, de castigo como um instrumento pedagógico, de hierarquia familiar e de dominação do mais forte.

Estes valores são passados pelas gerações e podem chegar às últimas conseqüências, dependendo das características pessoais de cada indivíduo, sua história de vida e seu momento histórico, num determinado contexto cultural.

Nos resultados demonstrados na tabela e gráfico 4.1.7.3. podemos perceber que uma incidência razoável de crianças e adolescentes, já possuem espírito crítico quanto às atitudes de seus pais ou responsáveis (SOS - 60,7% e Crami - 53,8%). As justificativas de que: *Eu fui educado assim e não morri*, não tem aceitação para alguns membros destes grupos.

Esta perspectiva de mudança talvez possa estar associada ao momento do desenvolvimento que estas crianças e adolescentes estão atravessando. Isto é, o aperfeiçoamento e o aprofundamento cada vez maior das suas capacidades críticas e julgamentos morais.

Entretanto, observamos uma outra amostragem de crianças e adolescentes dos dois grupos que, apesar de todas as cicatrizes internas e externas, assumem que estas coisas acontecem porque *eles merecem* (SOS - 39,3% e Crami - 46,2%). Opiniões semelhantes foram apresentadas em uma pesquisa descrita por SANTOS (1995), numa avaliação sobre a violência física. Estes jovens consideravam o castigo ou a punição física, como uma forma de obter um resultado satisfatório, no processo disciplinar.

MEYER (1988), ao entrevistar um grupo composto por 35 mães de pré - escolares obteve como resposta de 85,7% das participantes, que era impossível criar um filho sem puni-lo fisicamente, além disso a punição física fazia parte do processo educacional (77,1%)

Ainda estamos longe da situação da França que, em 1991, pela "Fondation pour l 'enfance", entrevistou 4000 crianças entre 7 e 13 anos de idade sobre a violência doméstica. Ao serem interrogadas sobre o direito dos pais de maltratar os filhos, apenas 9,0 % responderam afirmativamente (AZEVEDO & GUERRA, 1997).

A análise estatística das respostas dos grupos entrevistados, na variável 'Avaliação da atitude dos pais', demonstrou semelhança ($p < 0.05$) nos resultados obtidos, utilizando o teste do χ^2.

Quando os pais usam a violência e outras técnicas de afirmação do poder é, segundo eles, freqüentemente, para ensinar as crianças e os adolescentes a serem 'bons'. Eles podem aprender a se submeter à autoridade adulta, fazendo o que lhes mandam, mas isso não é garantia de um comportamento futuro adequado.

TABELA 4.1.7.3. AVALIAÇÃO DOS GRUPOS DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ENTREVISTADOS DAS ATITUDES DOS PAIS E/OU REPONSÁVEIS - 1995 / JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	AVALIAÇÃO							
	Poderia ser diferente				Não poderia ser diferente			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	105	60,7	105	60,7	68	39,3	173	100,0
CRAMI	14	53,8	14	53,8	12	46,2	26	100,0

$\chi^2 = 0.441$ G.L.= 1 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 0.436$ G.L.= 1 $p<0.05$

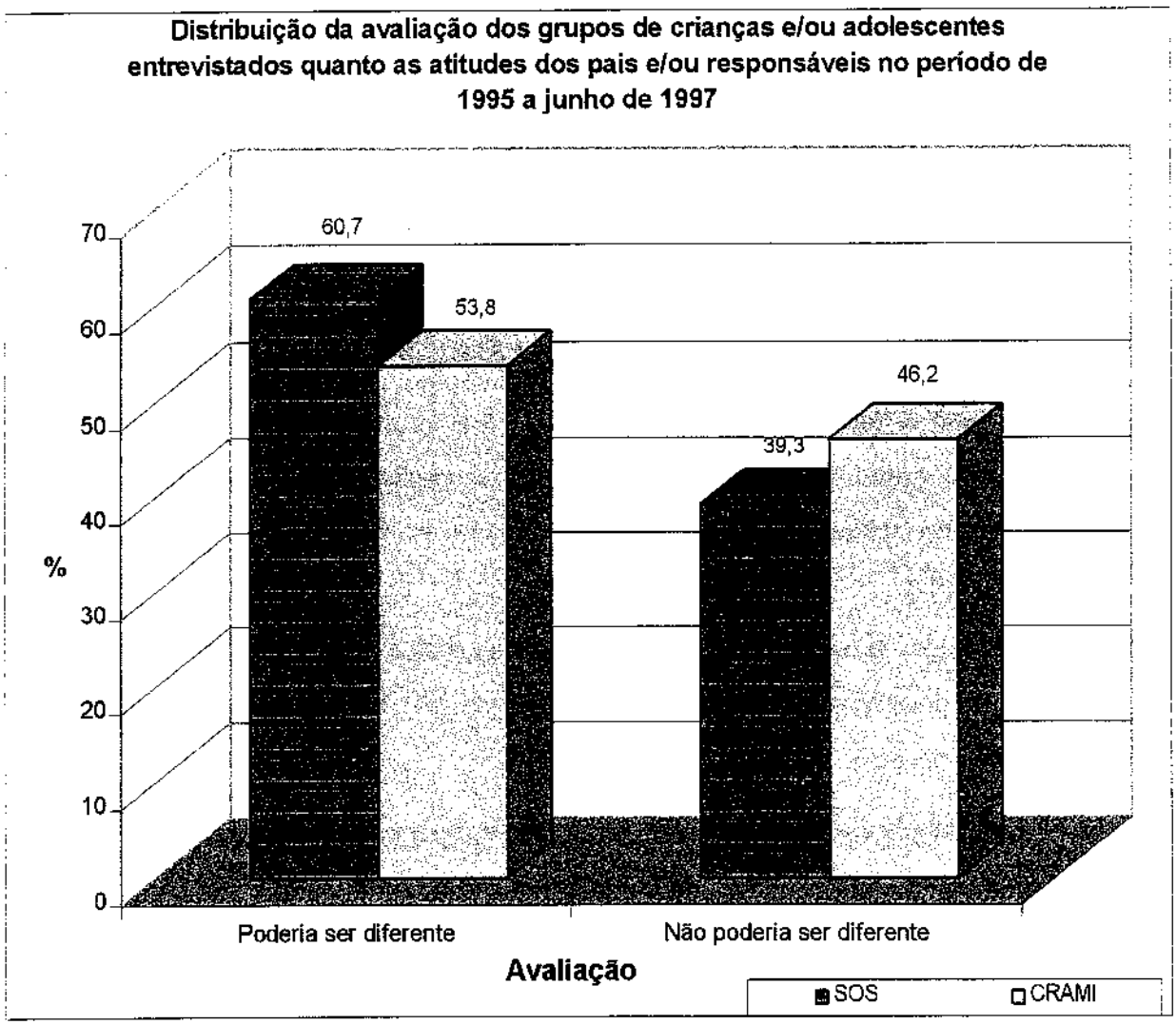


Figura 4.1.7.3. Representação gráfica da avaliação dos grupos das crianças e/ou adolescentes entrevistados quanto as atitudes dos pais e/ou responsáveis no período de 1995 a junho de 1997

Avaliação da pesquisadora (Tabelas e gráficos 4.1.7.4a. a 4.1.7.4c.)

Este item foi acrescentado pelos constantes testemunhos de violência doméstica durante as entrevistas. Gostaríamos de enfatizar que a abordagem deste item não apresenta nenhum desejo de padronização de alguma variável. É apenas a constatação *in loco* de alguns comportamentos que podem ser enquadrados dentro das definições dos vários tipos de violência doméstica contra a criança e o adolescente.

Na tabela e gráfico 4.1.7.4a., verificamos que, em 50,0% das entrevistas realizadas, houve algum tipo de violência contra a criança e (ou) adolescente, observada pela pesquisadora. Esta percentagem foi um pouco mais baixa para o grupo SOS, 16,2%. Pelo teste do χ^2, foi possível estabelecer que as amostras avaliadas apresentaram respostas estatisticamente diferentes ($p > 0.05$) para esta variável.

Na tabela e gráfico 4.1.7.4b. observamos a variável 'negligência', nos dois grupos, com valores significantes: SOS – 75,2%; Crami – 61,5%. No primeiro grupo, SOS, foi observado em uma entrevista, a violência física contra a criança,surra de chinelo (3,6%), porque esta não queria tomar banho naquela hora. A violência psicológica também obteve um índice significativo, de 21,4% e era amplamente usada nas formas de ameaças e chantagens. No grupo Crami não foi observada a violência física, diretamente, pela pesquisadora, no entanto, as ameaças, chantagens e xingamentos foram bastante expressivos (38,5%).

Quanto à avaliação estatística dos resultados sobre o tipo de violência observado pela pesquisadora não ocorreram diferenças ($p < 0.05$), nas variáveis estudadas, segundo o teste do χ^2.

Na tabela e gráfico 4.1.7.4c., vamos ver os diferentes agressores, na observação da pesquisadora. A maior concentração de agressores foi estabelecida na variável 'mãe', visto que elas foram a grande maioria nas entrevistas. Apresentamos, nos dois grupos, resultados bem altos, SOS - 71,4% e Crami - 53,8%. No grupo SOS, tivemos uma certa representatividade dos 'padrastos' (10,7%), sendo que um deles, mesmo presente à entrevista, durante todo o tempo, recusou-se a participar, mas nem por esta razão parou de ameaçar a todos em casa. A variável 'pai / mãe' apresentou um certo índice, na distribuição (17,9%), que não deve ser desprezado.

O grupo CRAMI obteve certa representação no item 'madrasta' (15,4%). Entretanto, os valores mais altos, nesta amostra, ficaram com a 'mãe' (53,8%), acompanhados de 'pai/mãe' (23,1%). Um pai deste grupo (7,7%), no momento da entrevista, chegou alterado emocionalmente e começou a gritar e ameaçar a todos.

Os resultados apresentados,na tabela e gráfico 4.1.7.4c., pelo teste do χ^2, foram discretamente diferentes, de acordo com o método utilizado. Ao aplicarmos o teste do χ^2 obtivemos semelhanças nos resultados ($p < 0.05$); no entanto, ao aplicarmos a razão de verossimilhança do χ^2, encontramos uma pequena diferença nas respostas analisadas ($p > 0.05$).

TABELA 4.1.7.4a. EXISTÊNCIA DE VIOLÊNCIA DE ACORDO COM A OBSERVAÇÃO DA PESQUISADORA DURANTE A ENTREVISTA - 1995 /JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	VIOLÊNCIA							
	Com violência na entrevista				Sem violência na entrevista			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	28	16,2	28	16,2	145	83,8	173	100,0
CRAMI	13	50,0	13	50,0	13	50,0	26	100,0

$\chi^2 = 15.800$ G.L.= 1 $p>0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 13.216$ G.L.= 1 $p>0.05$

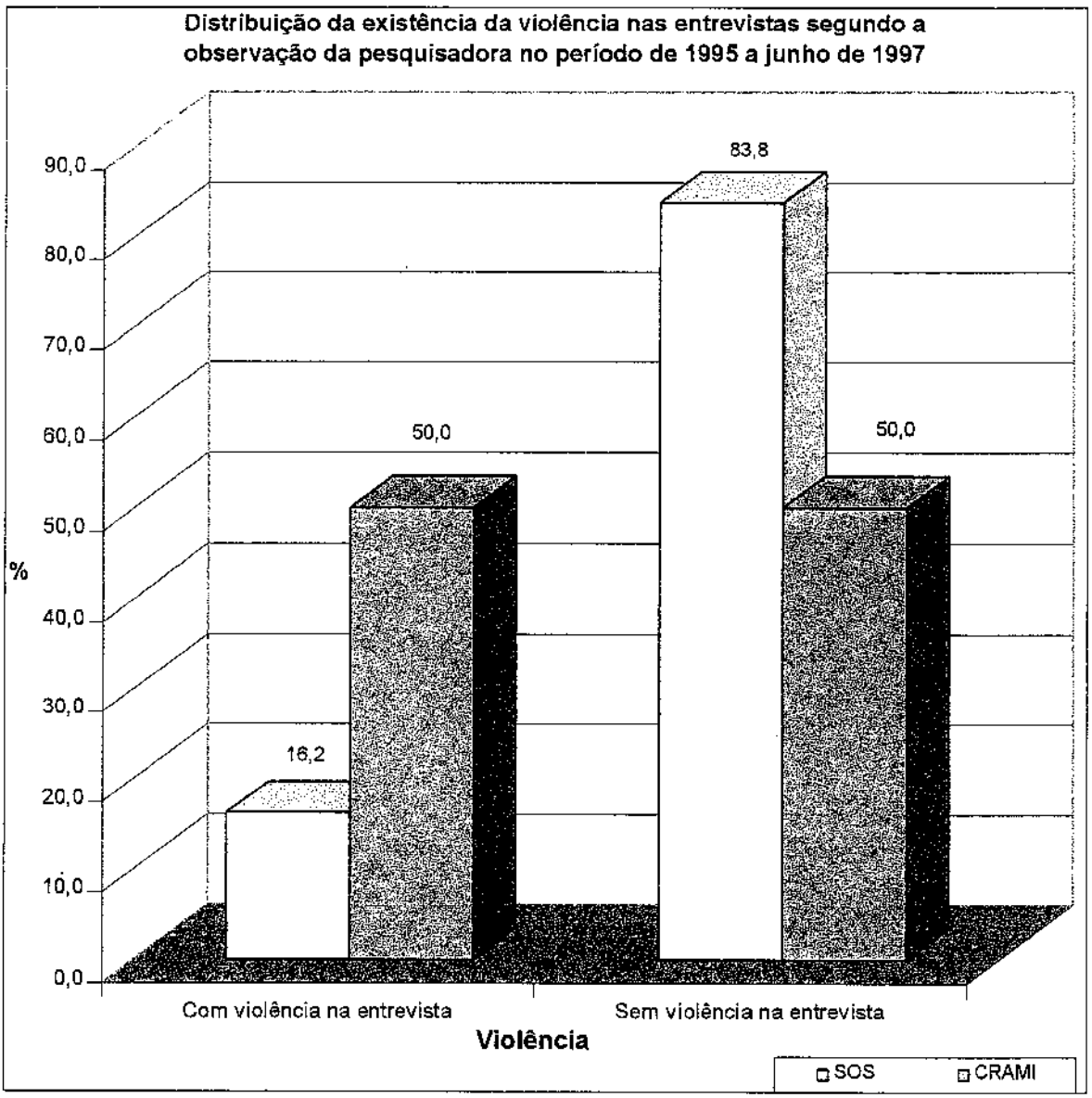


Figura 4.1.7.4a. Representação gráfica da existência da violência de acordo com a observação da pesquisadora durante as entrevistas no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.7.4b. TIPOS DE VIOLÊNCIA DE ACORDO COM A OBSERVAÇÃO DA PESQUISADORA - 1995 /JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADO	TIPOS DE VIOLÊNCIA															
	Sexual				Psicológica				Física				Negligência			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	6	21,4	6	21,4	1	3,6	7	25,0	21	75,0	28	100,0
CRAMI	0	0,0	0	0,0	5	38,5	5	38,5	0	0,0	0	0,0	8	61,5	13	100,0

$\chi^2 = 1.652$ G.L.= 2 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 1.900$ G.L.= 2 $p<0.05$

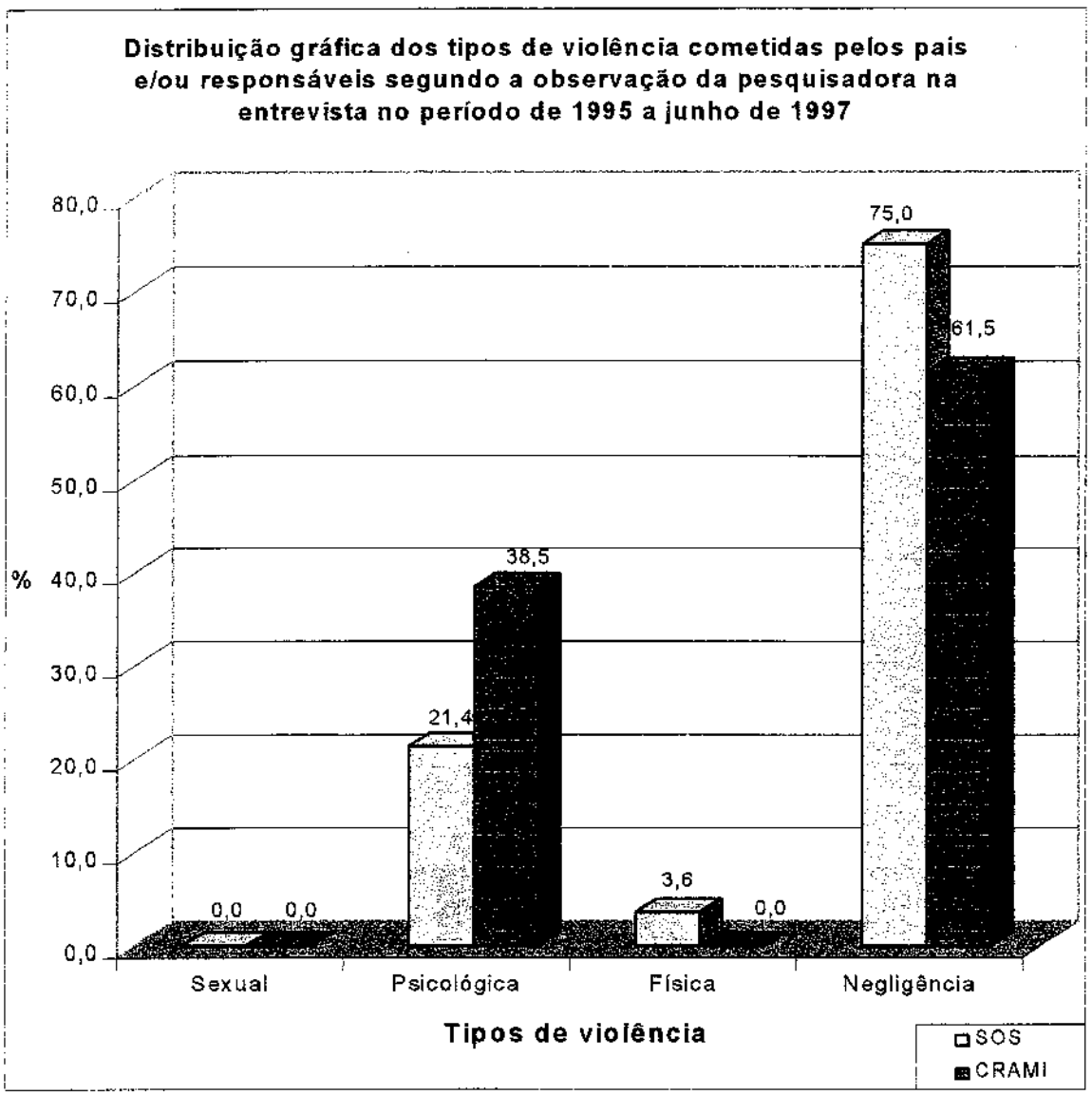


Figura 4.1 7.4b. Representação gráfica dos tipos de violência de acordo com a observação da pesquisadora durante a entrevista no período de 1995 a junho de 1997.

TABELA 4.1.7.4c. IDENTIDADE DO AGRESSOR DE ACORDO COM A OBSERVAÇÃO DA PESQUISADORA - 1995 /JUN. 1997

GRUPOS DE ENTREVISTADOS	IDENTIDADE DO AGRESSOR																			
	Pai				Mãe				Padrasto				Madrasta				Pai/Mãe			
	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.	F	%	F. Ac.	% Ac.
SOS	0	0,0	0	0,0	20	71,4	20	71,4	3	10,7	23	82,1	0	0,0	0	0,0	5	17,9	28	100,0
CRAMI	1	7,7	1	7,7	7	53,8	8	61,5	0	0,0	0	0,0	2	15,4	10	76,9	3	23,1	13	100,0

$\chi^2 = 8.395$ G.L.= 4 $p<0.05$

Razão de verossimilhança do $\chi^2(G^2) = 9.733$ G.L.= 4 $p>0.05$

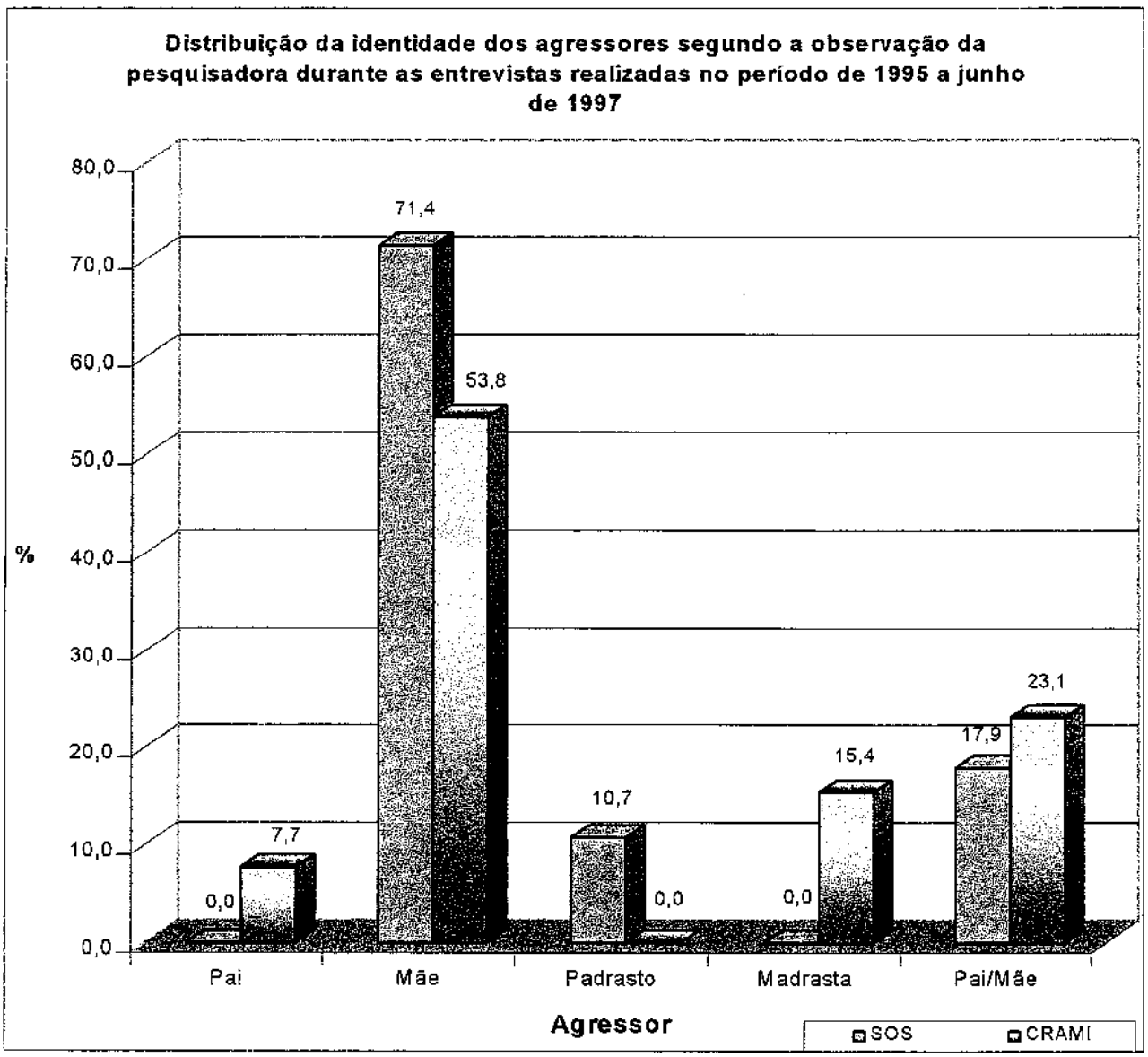


Figura 4.1.7.4c. Representação gráfica da identidade do agressor de acordo com a observação da pesquisadora durante a entrevista no período de 1995 a junho de 1997.

4.2. Análise qualitativa - análise do conteúdo de alguns temas mais freqüentes nas entrevistas

4.2.1.Casal

Tema - eixo:

- Casamento

Namoramos dois anos, fiquei grávida e casamos (Caso 1 – SOS Ação Mulher e Família).

Minha família forçou o meu casamento com J. porque achavam ele trabalhador e honesto (Caso 2 - - SOS Ação Mulher e Família).

Conheci S. com 15 anos e fugi de casa para casar. Meu pai era muito ruim com a gente (Caso 4 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu fugi com D. porque a minha família não gostava dele e não aceitava o casamento (Caso 6 - SOS Ação Mulher e Família).

Namorei A., noivei e um ano antes de nós casar, acabamos. Ele arranjou outra. Depois voltamos e fiquei grávida da S.. Minha mãe não queria que eu casasse mas, a família ia falar mal (Caso 12 - SOS Ação Mulher e Família).

Namoramos um ano e meio e eu engravidei. Aí, nós casamos, em seguida (Caso 14 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu namorei J. contra a vontade dos meus pais, quando eu engravidei, casamos meses depois(Caso 22 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu tinha 16 anos e fugi para casar com L. (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu casamento foi tumultuado porque a família de M. não me aceitava, não sei por quê... (Caso 72 - SOS Ação Mulher e Família).

Casei com J. porque estava apaixonada. Contrariei meus pais e sofro até hoje (Caso 73 - SOS Ação Mulher e Família).

Casei com 17 anos. Namorei 15 dias e fugi para casar (Caso 75 - SOS Ação Mulher e Família).

E. foi meu primeiro homem. Casei grávida (Caso 100 - SOS Ação Mulher e Família).

Engravidei com 16 anos do J.. Ele me largou e um ano depois voltou e fomos viver juntos (Caso 109 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu tinha 16 anos e engravidei do L.. Saí de casa e fui viver com ele (Caso 113 - SOS Ação Mulher e Família).

Conheci o O. e fui viver junto com ele. A família dele não queria, dizia que eu não prestava (Caso 128 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu casei grávida e nosso relacionamento sempre foi ruim (Caso 131 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu casei por causa de R.. Achei que a vida com A. podia ser melhor do que lá em casa (Caso 2 – Crami).

Namorei com M. e me casei com ela contra a vontade de minha família. Eles diziam que não ia dar certo, porque ela bebia (Caso 5 – Crami).

Meu casamento aconteceu. Minha sogra não queria de jeito nenhum (Caso 16 – Crami).

Casei com 15 anos, grávida de seis meses (Caso 22 – Crami).

São muitos os fatores conscientes e inconscientes que determinam a escolha de um parceiro, a decisão de casar-se e a manutenção do casamento. Um aspecto importante é a valorização do casamento, principalmente, em algumas classes sociais nas quais, em tese, as pessoas casadas são mais dignas e mais respeitáveis, que as solteiras ou separadas. Para alguns homens, isso reflete em oportunidade de emprego, ou promoção; para algumas mulheres,casar e procriar são o centro do próprio destino.

As pressões familiares são elementos poderosos, segundo MALDONADO (1986), na decisão de casar ou manter o casamento. Observamos, nos grupos entrevistados, duas situações: o casamento por causa da gestação e o casamento forçado, sem gestação.

Em muitas famílias, ao acontecer a gravidez, estas pressionam demasiadamente e o rapaz e a moça decidem casar-se entrando, prematuramente, no casamento. Em nossa amostra, tivemos relatos de pessoas que engravidaram muito jovens. Elas acabaram eliminando etapas no desenvolvimento da maturidade, antes de atingirem a autonomia efetiva e (ou) econômica, em relação aos familiares. Estes vínculos de dependência afetiva e (ou) econômica com a família de origem, dificultam a formação da nova família. O casal fica exposto a pressões e controle.

Outra questão importante é a gestação na adolescência. Ela é um problema biológico e social. Uma das preocupações sobre esta situação é a adequação das jovens mães às suas crianças. Reunimos em nosso grupo 41 mulheres que foram mães entre os 13 e 17 anos. Segundo STIER *et al.* (1993), a maior dificuldade das adolescentes é serem mães adequadas, porque elas apresentam mais déficits nos cuidados e interação com as crianças, do que mães de faixa etária mais elevada. Na pesquisa de STIER *et al.* (1993), qualquer tipo de mau trato pode ocorrer, com maior freqüência, em crianças de mães jovens. No entanto, estes pesquisadores só encontraram a negligência como significativa nos seus resultados.

Para algumas famílias, a perda da virgindade torna o casamento obrigatório como uma indenização para 'salvar a honra'. Algumas mulheres dos grupos entrevistados casaram não só porque haviam perdido a virgindade, mas também porque já estavam namorando há muito tempo e a vida estava se tornando monótona.

Os casamentos realizados como 'tábua de salvação', sair da casa dos pais, livrar-se do controle familiar significam, muitas vezes, entrar em 'outra prisão'. Percebemos, nos grupos entrevistados, algumas mulheres que, acostumadas à opressão e à violência doméstica nos seus lares de origem, acabam escolhendo um cônjuge opressor, repetindo o ciclo.

4.2.2.Pai

Temas - eixo:

- Papel do pai

A. já esfaqueou o filho e ele foi embora de casa, antes de haver uma desgraça (Caso 18 – SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai, eu não converso com ele (Caso 21 - SOS Ação Mulher e Família).

As meninas têm medo do pai. Quando ele está em casa, elas ficam muito assustadas (Caso 24 - SOS Ação Mulher e Família).

N. bate sempre nas crianças. Agora ele manda V. bater no irmão, prá ele aprender a não apanhar na rua (Caso 25 - SOS Ação Mulher e Família).

L. trata as filhas como empregadas. Quando tá na hora dele chegar, elas correm prá cama e fingem que tão dormindo.

Tenho medo sempre do meu pai (Caso 26 - SOS Ação Mulher e Família).

A. briga com todos os filhos. Quando eu vou trabalhar ou estudar, mando as crianças sair de casa, se o pai tiver lá (Caso 29 - SOS Ação Mulher e Família).

M. é uma menina sofrida, revoltada contra o pai (Caso 30 - SOS Ação Mulher e Família).

C. nunca se preocupou em se controlar, quando as crianças estavam presentes. Colocava revólver na minha cabeça, me ameaçava com faca e dizia que ia me matar. As crianças ficavam muito assustadas (Caso 32 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu saia prá trabalhar, J. não dava comida prás crianças e ainda batia nelas, se elas choravam. Meu filho passou a fugir de casa e ir pedir esmola na rua, prá comer (Caso 33 - SOS Ação Mulher e Família).

...com meu pai, não nos falamos (Caso 38 - SOS Ação Mulher e Família).

N. corria atrás dos filhos com uma faca prá matar eles. Meu filho L. já disse que um dia vai matar o pai (Caso 39 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando R. tinha meses, ele deu um tapa na cara dela, porque ela tava chorando. Foi tão forte que machucou ela. Teve uns anos que elas tavam tão assustadas com o pai, que pediram prá morar com a avó e eu deixei (Caso 41 - SOS Ação Mulher e Família).

M. saiu de casa e não dá nada pras crianças. Ainda me ameaça que se acontecer alguma coisa com P., eu vou pagar caro (Caso 45 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando vivi com meu pai, eu sofri muito. Ele me batia por qualquer coisa. Estou preocupado com minha irmã que deve estar apanhando dele (Caso 47 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai fica xingando a gente, quando bebe (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

Estou separada há 3 anos e A. só me procurou duas vezes, para saber dos filhos (Caso 51 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pena dele, porque ele é dependente de mim (Caso 52 - SOS Ação Mulher e Família).

Minhas filhas têm medo do pai (Caso 53 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu falei de separação, ele ameaçou de matar as crianças (Caso 57 - SOS Ação Mulher e Família).

Tem cinco meses que J. saiu de casa, não vê os filhos, nem dá dinheiro prá eles (Caso 58 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando V. bebia, batia em todo mundo em casa. Com a D. além de bater, xingava ela de 'biscate' e outras coisas (Caso 60 - SOS Ação Mulher e Família).

*J. fica com raiva do pai, quando ele bota cigarro na boca do irmão dele (*Caso 62 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando os meninos vão prá casa do pai, voltam dizendo que não são bem tratados e que vivem na rua, o dia inteiro (Caso 65 - SOS Ação Mulher e Família).

J. vivia falando que os meninos eram uma cruz em sua vida e que tinha vontade de matar eles (Caso 70 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu gosto do meu pai, só acho chato que a gente tem de se falar na rua, porque a mulher dele não quer que eu vá na casa deles (Caso 71 - SOS Ação Mulher e Família).

Um dia J. me amarrou, pegou uma faca e disse que ia me matar na frente de todo mundo em casa. Outro dia, prendeu o dedo do meu menino na porta, de propósito. Ele já abriu até o gás com nós dentro de casa (Caso 73 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele chama o F. de marginal (Caso 77 - SOS Ação Mulher e Família).

A. não agride mas ofende e ameaça todo mundo. Minha filha mais velha saiu de casa por causa do pai. Agora ele foi prá cima do namorado da outra com faca... (Caso 81 - SOS Ação Mulher e Família).

O pai dos meninos um dia saiu de casa prá trabalhar e não voltou mais (Caso 82 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele odeia o filho de treze anos, diz isso prá ele, mas não diz por que (Caso 86 - SOS Ação Mulher e Família).

C. já partiu prá cima de F. e ele prá se defender jogou uma cadeira na sua cabeça (Caso 87 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu filho já enfrentou o pai numa briga. Minha filha, foi se meter uma vez e ele derrubou ela no chão, pelos cabelos e xingou ela de todos os nomes (Caso 91 - SOS Ação Mulher e Família).

Teve uma época que I. ameaçava o D. de morte... (Caso 94 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele é mau, desinteressado, estúpido e agressivo, comigo e com os meninos (Caso 98 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que meus filhos vivem pressionados pelo pai. Mesmo ele não fazendo nada, nunca deu atenção para eles, nem dinheiro para ajudar na casa (Caso 100 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando J. bebe, ele fala que vai matar a S. porque ela namora (Caso 102 - SOS Ação Mulher e Família).

O. aparece quando quer e desaparece depois (Caso 103 - SOS Ação Mulher e Família).

O R. é gago porque o pai bate muito nele (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu sustento a casa e pago as contas de J. na rua mas, pros filhos, ele é um herói (Caso 107 - SOS Ação Mulher e Família).

Cada gravidez que eu tinha, N. arranjava namoradas (Caso 112 - SOS Ação Mulher e Família).

Desde que L. perdeu o emprego, não dá mais atenção prá gente em casa (Caso 113 - SOS Ação Mulher e Família).

As crianças estão muito tristes, desde que J. nos abandonou. Ele era um bom pai (Caso 115 - SOS Ação Mulher e Família).

Meus filhos estão tristes com o abandono do pai. Eu estou preocupada com ele, como ele está... (Caso 117 - SOS Ação Mulher e Família).

A. é muito apegado à S.. Faz todo tipo de chantagem emocional para conquistá-la e tê-la ao seu lado. Compra coisas caras e diz que eu não posso dar essas coisas para ela, só ele. Acho que ele está causando um desequilíbrio emocional nela (Caso 119 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu filho, está morando com o pai, mas, reclama da falta de atenção dele (Caso 120 - SOS Ação Mulher e Família).

J. não tinha paciência com as crianças e espancava elas (Caso 122 - SOS Ação Mulher e Família).

Com os anos I. não deu mais atenção para a família e passou a xingar nossa filha mais velha (Caso 123 - SOS Ação Mulher e Família).

Minhas filhas não suportam o pai, ele bate em todos aqui em casa (Caso 124 - SOS Ação Mulher e Família).

Tem um mês que J. saiu de casa e ninguém sabe prá onde foi (Caso 126 - SOS Ação Mulher e Família).

Depois que nosso último filho nasceu, a gente brigou mais e J. resolveu sair de casa, do emprego e sumiu (Caso 127 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu relacionamento com meus filhos é ruim, com agressões físicas e verbais (Caso 5 – Crami).

Eu sou um trabalhador e só (Caso 6 – Crami).

F. está saindo de casa, aos poucos, já não dá mais nada pros filhos (Caso 7 – Crami).

L. um dia, disse que ia cortar os dedos de S.. Eu conversei com ele, prá ele se acalmar... (Caso 8 – Crami).

O filho traz o boletim com nota baixa, ele espanca o menino (Caso 9 – Crami).

O papel do pai varia segundo as diferentes idades do filho e muitas vezes a falta de adequação a novas necessidades faz com que o bom pai de um menino de dois anos, transforme-se num pai incompreensivo ou ausente para o filho adolescente. Há pais, segundo ABERASTURY & SALAS(1984), que não só perdem o contato afetivo com os filhos, mas que não podem desfrutar a paternidade, porque não sentem o filho como próprio.

Os dois momentos mais difíceis para assumir o papel paterno são o primeiro ano de vida e a adolescência (ABERASTURY & SALAS, 1984). O pai jovem, como encontramos, em vários casos dos grupos estudados, pode estar mais próximo do filho e compreender algumas de suas necessidades e pode, em troca, estar demasiadamente ocupado com o seu próprio crescimento, abandonar este papel, cansar-se ou sentir-se sobrecarregado por uma dupla responsabilidade: crescer e fazer crescer ao mesmo tempo.

A falta de normas, a fraqueza do pai, sua ausência real ou psicológica, trazem como resultado uma severidade doentia nas cobranças aos adolescentes e às crianças. A falta de limites não gera uma imagem boa do pai mas, ao contrário, uma imagem de abandono e solidão. O pai ausente obriga o filho a tomar o seu papel em um processo de identificação. Não foi raro observar nos casos de separação dos grupos estudados, a mãe, com freqüência, levar os filhos para sua cama, insistindo que não gosta de dormir sozinha, ou filhos assumindo os cuidados da família e preocupações, pelo pai.

Neste estudo, encontramos pais com muitas dificuldades internas, não só em elaborar este papel, mas de esposo também. Era mais fácil,para alguns, comportarem-se como filhos, exigindo atenção e dedicação da mulher, em todos os momentos em que estavam em casa. No entanto, como observamos, pelos fragmentos dos discursos acima transcritos, podemos caracterizar esta filiação à esposa ou companheira, como algo tirânico e manipulador.

Os estereótipos de gênero estavam bem demarcados nos exemplos. Os homens eram apresentados e se comportavam, pelas falas de suas companheiras ou esposas, como a autoridade máxima da casa, independentes (mesmo que na realidade fossem dependentes destas), livres, individualistas, objetivos e racionais, ou seja, juizes, em última instância. Sendo assim, segundo LOTO (1994), a socialização masculina cria estratégias de resolução de conflitos (cólera defensiva / externalização da culpa) que, quando fracassam, podem gerar uma escalada de violência, para chegar ao domínio da situação.

- Irresponsabilidade

Eu sustento a casa e ele quer que eu saia, porque a casa é dos pais deles. Não saio, porque não tenho para onde ir, senão eu já estava longe (Caso 1 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu devolvo o dinheiro que ele paga de pensão, pensando que ele vai botar comida em casa. Mas, ele gasta tudo em bebida (Caso 4 - SOS Ação Mulher e Família).

D. não se preocupa com nada. Gasta todo o salário com aparelho de som e depois quebra nas brigas da gente (Caso 6 - SOS Ação Mulher e Família).

Nunca pude contar com o dinheiro de H., porque ele gastava com mulheres e bebidas (Caso 11 - SOS Ação Mulher e Família).

W. se aposentou e passa o dia na rua. Eu sustento a casa e resolvo tudo sozinha (Caso 16 - SOS Ação Mulher e Família).

A. está brincando comigo. Ele fica dizendo que eu sou vagabunda e tenho de botar comida dentro de casa, enquanto ele não faz nada. Um dia, eu mato ele (Caso 18 - SOS Ação Mulher e Família).

Há 8 anos, D. só bebe, não trabalha, não quer fazer nada. Qualquer coisa que ganha, vai logo comprar bebida (Caso 19 - SOS Ação Mulher e Família).

A. não trabalha, passa o dia inteiro comendo, bebendo e dormindo, ou na rua. Não quer nada (Caso 29 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu saía para trabalhar e J. cuidava das crianças. Só que ele não cuidava, ele batia nelas (Caso 33 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu problema com C. foi que ele não trabalhava. Eu sustentava a casa, ele e as crianças. Desde que nos separamos, ele não nos procurou mais (Caso 35 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu quase não tive marido nesses 8 anos de casada. Eu sustentei as crianças e agora ele vem me dizer que só oficializa a situação se não der pensão para os filhos e quando vier à Campinas para vê-los, ficar em minha casa hospedado (Caso 36 - SOS Ação Mulher e Família).

W. nunca se desligou dos pais. Uma vez ficou na casa dos pais 6 meses e eu com os meninos em casa, precisando de tudo (Caso 49 - SOS Ação Mulher e Família).

A. nunca foi bom pai. Há 3 anos estamos separados, ele nunca deu nada para os filhos e só veio vê – los duas vezes, nesse tempo todo (Caso 51 - SOS Ação Mulher e Família).

C. não liga mais pra gente, só pra bebida. Não trabalha mais e se sente bem com isso (Caso 53 - SOS Ação Mulher e Família).

Trabalho duro prá sustentar essa casa e as crianças. J. não pára em emprego nenhum (Caso 55 - SOS Ação Mulher e Família).

Criei minhas filhas sozinha porque A. é irresponsável. Nunca sustentou a família,, nem a casa (Caso 56 - SOS Ação Mulher e Família).

V. há anos, só bebe e não ajuda em casa (Caso 60 - SOS Ação Mulher e Família).

L. depois de 3 anos de casado passou a ser sustentado por mim e a mãe dele (Caso 61 - SOS Ação Mulher e Família).

N. vende tudo dentro de casa para comprar bebida. Trabalho e tenho de depender dos meus pais para sustentar meus filhos (Caso 62 - SOS Ação Mulher e Família).

Vivo da ajuda da minha igreja e da minha família. D. não trabalha, não faz nada (Caso 63 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai me sustenta e moro de favor, na casa do meu irmão. P. não dá nada para os filhos (Caso 65 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando tínhamos 6 anos de casados, C. saiu do emprego e não se firmou mais em lugar nenhum. Eu sempre sustentei a casa e a família (Caso 78 - SOS Ação Mulher e Família).

J. está casado há 7 anos, com outra pessoa. Nunca mais viu os filhos ou deu algo para eles (Caso 79 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu sustento a casa há anos e, agora, que eu pedi a separação, ele quer uma indenização (Caso 81 - SOS Ação Mulher e Família).

Um dia, o pai das crianças foi trabalhar e não voltou mais. Eu não liguei, porque eu já estava acostumada a cuidar de tudo (Caso 82 - SOS Ação Mulher e Família).

A. não ligava prá ninguém em casa. Era só farra e mulher. Nunca deu nada pros filhos, só desgosto (Caso 92 - SOS Ação Mulher e Família).

E. está preso, graças a Deus. Ele nunca deu nada para os meninos, nem atenção (Caso 100 - SOS Ação Mulher e Família).

O. aparece e desaparece de casa. Já me acostumei, porque sou independente (Caso 103 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu pago as despesas do J. na rua, porque ele está doente. Esse está sendo um momento dificil na vida dele (Caso 107 - SOS Ação Mulher e Família).

J. gasta dinheiro com bebida e mulher. Não gosta de gastar o dinheiro em casa (Caso 109 - SOS Ação Mulher e Família).

W. só registrou a criança porque eu exigi. Nunca mais viu o filho, nem deu dinheiro para ajudar(Caso 111 - SOS Ação Mulher e Família).

Desde que S. saiu de casa por causa daquela 'mulherzinha', não aparece mais. Nem lembra que tem um filho prá sustentar (Caso 114 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele é como uma criança. Eu fico muito preocupada com ele (Caso 117 - SOS Ação Mulher e Família).

Não adianta ele sair do emprego prá não pagar pensão prás filhas, porque eu posso trabalhar e sustentar a minha família (Caso 123 - SOS Ação Mulher e Família).

Tem um mês que J. sumiu de casa. As meninas estão revoltadas(Caso 126 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando tive R. as brigas ficaram piores e J. foi embora. Procurei ele no emprego, na casa dos pais, mas ele sumiu (Caso 127 - SOS Ação Mulher e Família).

F. não quer mais nada em casa. Está indo embora e acha que não tem de dar dinheiro, nem atenção prás crianças (Caso 7 – Crami).

M. não trabalha, não faz nada e ainda bate nas crianças (Caso 9 – Crami).

Eu já não agüento mais nem olhar prá cara dele. Ele não faz nada o dia inteiro, nem cuida das crianças (Caso 19 – Crami)

Segundo LANGLEY & LEVY (1980), estes homens sentem-se insatisfeitos nos seus trabalhos, com os salários que recebem ou com o sustento da família. Em geral, abandonam os estudos, em algum ponto, e a sua obrigação de prover a casa funciona como fonte de sérios conflitos. Estes sentimentos intensificam-se quando as esposas ou companheiras têm um nível de instrução melhor, vêm de uma família 'melhor' ou ganham mais do que eles.

Em geral, estes homens,quando são entrevistados, recorrem a racionalizações para justificar as suas condutas. Grande parte atribui suas ações às provocações de suas esposas ou companheiras ou filhos, evitando,deste modo, sua responsabilidade pela situação. Alguns aceitam a responsabilidade, porém, minimizam sua freqüência e suas conseqüências.

- Isolamento

Não posso ter amigas na vizinhança, porque ele implica com as pessoas (Caso 9 - SOS Ação Mulher e Família).

Estava passando por aqui e aproveitei para ver se a senhora podia fazer a entrevista agora. Não quero que a senhora tenha trabalho de ir lá em casa (Caso 29 - SOS Ação Mulher e Família).

É melhor eu me encontrar com a senhora na minha irmã porque C. não respeita ninguém. Ele diz palavrões, ameaça bater em qualquer pessoa que vai lá em casa (Caso 30 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não posso ter visitas em casa, que ele fica assim...(C. gritava o nome da esposa o tempo todo, mandando que ela entrasse) (Caso 34 - SOS Ação Mulher e Família).

P. é muito indecente. Quando está em casa, não respeita ninguém. Anda nu, diz palavrão, quebra as coisas... (Caso 38 - SOS Ação Mulher e Família).

É melhor a gente conversar aqui, na minha mãe, porque L. é muito violento e não suporta estranhos em casa (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

Vamos conversar depois. Como é que você deixa qualquer mulher (pesquisadora) *entrar na sua casa ? Você vai ver mais tarde...* (Caso 80 - SOS Ação Mulher e Família).

J. não deixa eu receber visitas ou amigas em casa, porque ele diz que elas só sabem reparar as coisas (Caso 105 - SOS Ação Mulher e Família).

Uma razão bastante comum para o isolamento baseia-se no fato de que é importante, para este homem, que a família tenha o mínimo de contato com outras pessoas, porque, desta forma, não haverá possibilidade de mudanças dentro dela e seu controle poderá ser exercido, sem tensão.

Em várias famílias, entrevistadas, os encontros tinham de acontecer no horário de trabalho dos maridos ou nos portões, porque estes não permitiam estranhos dentro de suas casas e, em alguns casos, nem os familiares (mãe, pai, irmãos, tios,...). As pessoas viviam isoladas. Os horários de colégio e de trabalho eram rigidamente controlados por eles. O uso da televisão era restrito à sua vontade e aos momentos em que estava em casa.

Segundo LOTO (1994),parece haver um padrão coerente de controle mediante a coerção, que inclui o abuso verbal, as ameaças, a manipulação psicológica, a coerção sexual e o controle dos recursos econômicos. O isolamento social reduz a autonomia da família e as acusações de infidelidade ou descuido da família servem para que os seus membros limitem seus contatos com amigos, colegas de escola e familiares.

- Atitudes agressivas

J. bate muito em M. R.. Quase sempre sem razão, às vezes, ele não faz nada, nem responde, e o pai bate dizendo que é mal educado e respondão. Parece que tem implicância com ele (Caso 2 – SOS Ação Mulher e Família).

O pai das crianças é um estúpido batia em todo mundo de casa (Caso 3 – SOS Ação Mulher e Família).

Tenho medo do meu pai bater com força (Caso 4 – SOS Ação Mulher e Família).

A. é autoritário e violento. Quando o meu filho mais velho tinha 10 anos, ele espancou o menino, derrubou ele no chão e depois chutou o garoto. Ele não quer saber se tem gente vendo ou não.Isso acontece em qualquer lugar, a qualquer hora (Caso 5 – SOS Ação e Família).

D. bate tanto em W., que ele já tem marcas nas costas, das surras do pai (Caso 6 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que A. não está bem. Outro dia S. estava assistindo TV e ele pediu uma tesoura a ela. Ela não escutou e ele pediu de novo. Quando ela levou a tesoura prá ele, ele deu um chute nela, e ela caiu (Caso 12 – SOS Ação Mulher e Família).

V. já botou um revólver na cabeça de uma das meninas. Eu fico sempre muito preocupada (Caso 15 – SOS Ação Mulher e Família).

Meu filho de 18 anos já foi furado de faca pelo pai mas ficou por isso mesmo. Não aconteceu nada (Caso 18 – SOS Ação Mulher e Família).

Quando o pai não está em casa, as meninas ficam aliviadas. Elas têm medo dele, porque ele já as espancou (Caso 24 – SOS Ação Mulher e Família).

N. bate muito na V. e fica falando o tempo todo prá ela bater no irmão, prá ele aprender a se defender (Caso 25 - SOS Ação Mulher e Família).

L. xinga as meninas de tudo quanto é nome (Caso 26 – SOS Ação Mulher e Família).

A. bateu com a mangueira de borracha em E. Quando a gente foi levar ele pro hospital, ele não deixou. Tive de cuidar do menino em casa. Ele passou muito mal, teve uns febrões... (Caso 29 – SOS Ação Mulher e Família).

Eu deixava as crianças com J. prá trabalhar e ele batia nelas e não dava comida prá elas (Caso 33 – SOS Ação Mulher e Família).

Quando J. bebe, quer espancar o C. para educá-lo (Caso 105 - SOS Ação Mulher e Família).

O. bate em J. porque diz que ele é muito parado e bobo. Quer fazer dele um homem. Ele apanha em casa, prá aprender a se defender na rua. Eu deixo porque é pro bem dele (Caso 128 - SOS Ação Mulher e Família).

*Eu bato neles porque eles xinga e faz raiva. Tenho de educar meus filhos e bater não faz mal (*Caso 13 – Crami).

B. chega bêbado em casa e bate nos meninos. Diz que ele está educando as crianças (Caso 15 – Crami).

Bati e bato em W. e Y.. Meu pai me criou assim e eu me tornei um homem de bem. Essas coisas de não bater em criança, é só prá eles começar a mandar na gente. Comigo, não é assim: ou obedece, ou apanha (Caso 20 – Crami).

O tipo de cultura em que vivemos contribui muito para gerar e manter a violência. Ela é criadora de tensões para o indivíduo e concede aos pais o poder absoluto sobre os filhos. Este poder também significa dever. E o dever pode transformar-se, algumas vezes, em fonte de tensão, aumentando o sentimento de impotência. Segundo CORDEIRO (1986), esta é uma contradição trágica: o agressor só encontra significado, destruindo aquilo que pode gerar.

A violência praticada pelos adultos contra as crianças e adolescentes associa-se a inúmeros fatores, dentre eles, o que se define como 'socialização da violência ' (GELLES, 1979; STRAUS & GELLES, 1986; MARQUES, FRANCO, BARISON, PAIVA, 1994). Para estes pesquisadores, o modelo de interação predominante na família de origem de um pai ou uma mãe violenta, levará ao impedimento do desenvolvimento de relações saudáveis entre pais e filhos. A violência contra as crianças e adolescentes, para estes estudiosos, é um padrão de comportamento aprendido, representando uma forma de reação à própria criação violenta. Os pais repetem com os filhos, o modelo de educação violento vivenciado por eles na sua infância.

Devemos ter cuidado pois não podemos afirmar que todos os pais reproduzem com os filhos o padrão de interação violento experimentado na infância. Alguns relatos denunciam o uso da violência como forma de disciplina. Nos exemplos acima, percebemos,com clareza, estes dois padrões. GARBARINO & GILIANO (1980) não concordam que a violência seja resultado de um comportamento aprendido. Os adultos agressores não vivenciaram necessariamente situações de agressão na infância. MARQUES *et al.*, (1994) consideram que a tendência a evitar o uso de castigo corporal, pelos que o sofreram na infância é tão forte quanto a tendência a continuar o ciclo de violência nas gerações seguintes.

- Separação

S. quer separar, mas quer levar metade do que é meu. Quem disse que eu quero dar alguma coisa prá ela ? (Caso 1 - SOS Ação Mulher e Família).

J. reage, quando eu peço a separação, me ameaçando de morte e dizendo que tenho outros homens, na frente das crianças. Aí, eu fico quieta e não falo mais nisso (Caso 2 - SOS Ação Mulher e Família).

Uma vez, eu procurei o advogado, porque queria saber dos meus direitos. Quando W. soube, me deu uma surra (Caso 16 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu sei que tenho de me separar, mas tenho medo dele. Acho que ele não vai aceitar, porque eu já comentei uma vez e ele foi logo gritando comigo (Caso 34 - SOS Ação Mulher e Família).

P. não tem respeito por ninguém. Quando falo em separar, ele quebra as coisas dentro de casa e diz que tenho homens. Depois, pega meu filho e diz que vai sumir com ele (Caso 38 - SOS Ação Mulher e Família).

Não sei o que fazer. N. diz que não se separa, nem sai de casa (Caso 39 - SOS Ação Mulher e Família).

J. não quer se separar, quando falo nisso, ele ameaça a gente dizendo que vai matar todos nós (Caso 40 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que vou fugir para São Paulo. Só assim vou me ver livre de L. (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

C. não quer sair de casa. Já fui no advogado, assinei a papelada dizendo que eu quero me separar, mas ele continua aqui. Bebe o dia inteiro (Caso 53 - SOS Ação Mulher e Família).

P. saía à noite com mulheres e eu sempre fiquei só com as crianças. Quando pedi a separação, ele ameaçou de matar as crianças (Caso 57 - SOS Ação Mulher e Família).

N. não me deixa em paz. Falo em separar e ele me ameaça com a faca (Caso 62 - SOS Ação Mulher e Família).

J. me põe medo. Grita muito comigo. Quando digo que é melhor a gente se separar, ele diz que me mata. Acho que tenho de fugir ou me matar (Caso 64 - SOS Ação Mulher e Família).

P. não quer ficar afastado da gente, mas não posso aceitar ele, depois do que ele fez com a minha filha. Ele diz que vai roubar nosso filho (Caso 67 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu saio de casa com as crianças, mas ele vai atrás me buscar. aí eu volto, porque ele começa a falar as coisas ruim que ele pode fazer com os meninos (Caso 76 - SOS Ação Mulher e Família).

Agora que consegui botar E. na cadeia, acho que vou ter paz. Ele não fazia nada, só confusão e não queria sair de casa (Caso 100 - SOS Ação Mulher e Família).

Estou de bem com a vida. Consegui assustar D., porque ele não queria se separar. Disse que se ele não saísse de casa, eu ia na Justiça pedir pensão (Caso 101 - SOS Ação Mulher e Família).

Sempre que peço prá separar, J. me ameaça de morte (Caso 102 - SOS Ação Mulher e Família).

I. me pediu uma chance, porque não quer se separar. Eu dei, ma, acho que não vai adiantar nada (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

N. não queria se separar, eu tive de sair de casa com as crianças (Caso 129 - SOS Ação Mulher e Família).

M. não queria se separar, aí eu fiz a família dele toda se meter e levar ele de casa. Não dava mais (Caso 130 - SOS Ação Mulher e Família).

L. se arrepende, diz que não quer separar, mas não muda (Caso 131 - SOS Ação Mulher e Família).

G. não quer sair de casa. Eu digo prá ele que também não saio. Aí, fica essa 'brigalhada' (Caso 132 - SOS Ação Mulher e Família).

Segundo LANGLEY & LEVY (1980), alguns homens violentos têm uma auto-imagem vulnerável. Muitas frustrações que estes homens não conseguem superar, estão relacionadas com seus empregos, com a opinião de si e de sua esposa ou companheira, e com a impossibilidade de alcançar as suas metas.

Uma baixa tolerância à frustração é uma tendência encontrada em vários tipos de homens. Isso é observado, desde a infância, segundo LANGLEY & LEVY (1980), nas relações de dominação e rejeição da mãe nas quais ele se sujeita passivamente a ela. Na idade adulta, esta dependência é transferida para a esposa.

Quando eles sentem que suas gratificações de dependência estão sendo negadas, eles atacam abertamente seus objetos de frustração, suas esposas, companheiras ou filhos. O conflito estabelecer-se-á entre a hostilidade contra eles e a sua dependência a eles.

A hostilidade estava sendo mantida sob controle, enquanto a dependência estava sendo correspondida. Como observamos, foram relatados pelas mulheres entrevistadas vários casos de homens que não aceitavam a separação. A partir daí, as agressões intensificaram-se. A ameaça de abandono físico e psíquico é intolerável para estes sujeitos que não conseguem manter o controle da sua própria hostilidade.

As situações que ocorreram, nestes casos, foram várias: maridos ou companheiros que não queriam se separar; homens que, apesar de separados, não aceitavam o fato e tentavam exercer o domínio sobre a mulher; homens que se separaram, mas foram morar na casa dos fundos da ex – companheira ou esposa e exigiam os mesmos 'direitos', de quando era casado; e homens que não se separaram para não dividir os bens.

- Culpa

S. gosta de escândalo. Quando ela começa a gritar, eu corro prá cima dela, prá ela parar (Caso 1 - SOS Ação Mulher e Família).

Uma vez, ele foi bater no meu filho mais velho e eu fui separar a briga. Aí, ele se voltou prá cima de mim, dizendo que eu era culpada de tudo, e que ele ia me matar para resolver as coisas (Caso 13 - SOS Ação Mulher e Família).

A. grita o tempo todo com as crianças e diz que elas tiram a paciência dele (Caso 18 - SOS Ação Mulher e Família).

J. diz que bate em S. porque ele é bom menino, não dá trabalho como os filhos dele (Caso 40 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que P. desconta os seus problemas nas crianças (Caso 65 - SOS Ação Mulher e Família).

J. vivia falando que os filhos eram uma cruz em sua vida. A vontade dele era matar as crianças (Caso 70 - SOS Ação Mulher e Família).

J. disse que C. gostava que ele passasse a mão nos peitos dela e ela até se esfregava nele (Caso 75 - SOS Ação Mulher e Família).

F. me culpa da morte de nossa filha. Passou um tempo e ele disse que queria me matar (Caso 86 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu bato nos meninos porque não gosto de mentira. Eles me provocam. Não estudam e mentem (Caso 5 – Crami).

Desde que vocês vieram na minha casa, minha vida está um inferno. Minha família está destruída (Caso 8 – Crami).

L. traz o boletim da escola e quando tem nota baixa, E. espanca ele (Caso 9 – Crami).

I. me bate porque eu não quero dar dinheiro prá ele beber e comprar droga (Caso 10 – Crami).

Eu bato neles, porque eles xinga. Eles faz raiva na gente (Caso 13 – Crami).

D. começou a bater em A. quando ela arranjou um namorado (Caso 16 – Crami).

Eu bato neles porque eles não me escutam (Caso 20 – CRAMI).

Como observamos pelos exemplos, alguns homens atribuíam a culpa pelo comportamento agressivo aos filhos e às mulheres. Estas situações geralmente ocorriam quando se sentiam ameaçados com as mudanças que estavam acontecendo em casa. Algumas delas foram citadas como precipitadoras da violência: a esposa passou a trabalhar fora, conseguiu um bom emprego, tornou-se mais independente e menos submissa, os filhos cresceram e tornaram-se mais reativos às situações em casa.

Uma vez que a passividade era dominante há anos, estas mudanças foram sentidas como ameaças. As atitudes agressivas muitas vezes ocorriam para assustar os familiares e fazê-los voltar ao que eram. Quando estes homens agrediam os filhos, obedeciam aos mesmos critérios construídos para as mulheres, no que diz respeito à criação de uma imagem de força e de poder.

4.2.3. Mãe

Temas - eixo:

- Submissão, auto-estima e culpa

Casei com J. porque minha família obrigou. Diziam que não ia conseguir ninguém prá casar. Me sujeitei a viver com esse homem vinte anos (Caso 2 - SOS Ação Mulher e Família).

Sou sugestionada pelo que os outros falam. Me sinto culpada por não ter tido compreensão suficiente para mudar o quadro (Caso 5 - SOS Ação Mulher e Família).

Não sei dizer como me sinto. Sou um ser vivo cumprindo minha obrigação (Caso 7 - SOS Ação Mulher e Família).

I. me trata como uma empregada. Acho que faz isso por pura maldade (Caso 8 - SOS Ação Mulher e Família).

Todos os dias G. me xinga, me chama de vagabunda e inútil... Me sinto calma e compreensiva. Torço pela paz (Caso 9 - SOS Ação Mulher e Família).

A. grita, me xinga, parece que não está satisfeito com nada. Ele nunca deixou que eu trabalhasse ou estudasse. Eu sempre aceitei porque gostava dele. Agora, quando eu vou para a igreja, ele diz que vou andar com o pastor (Caso 14 - SOS Ação Mulher e Família).

Me separei de V. porque descobri que ele andava com outras mulheres. Ele não tinha prá onde ir e deixei ele morar na casa dos fundos. O problema é que ele só não mora mais junto, mas ele exige as coisas como se fosse 'o chefe da casa'. Quer comida feita, roupa lavada e até sexo (Caso 15 - SOS Ação Mulher e Família).

A. trabalha de noite, quando ele chega de manhã, começa a gritar e não deixa mais ninguém dormir. Eu preciso descansar porque sou eu que sustento a casa e meus filhos. Quando reclamo ele ainda diz: Ô vagabunda, você é obrigada a trabalhar prá por comida dentro de casa (Caso 18 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu gostava muito de R.. e achei que o casamento podia mudá-lo. Não adiantou. Ele me bate, me chuta...Sei que tenho defeitos, mas sou responsável. Passei minha vida me anulando. Não me sinto mais gente (Caso 24 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que E. ficava violento, porque ele vinha bêbado e eu explodia. Sou explosiva, mas boa de coração" (Caso 27 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele sempre controlou a minha vida e eu sempre fiz as suas vontades. Ele me ofendia, humilhava e agredia. Eu reagia e só piorava. Agora, não tento mais mudar a situação e as coisas se acertaram. Acho que eu não estava sabendo conquistar a minha liberdade (Caso 28 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu tenho muito medo dele. Ele me xinga e me humilha na frente dos outros. Estou dormindo no quarto das crianças porque ele me expulsou da cama da gente. Mas, não saio de casa. Eu ajudei a construir essa casa.... Acho que sou um sangue de barata (Caso 30 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu engravidei M. começou a ficar agressivo. Gritava, me ameaçava com facas e me dava sempre socos e murros na cabeça e na nuca. Ele nunca poupou nem as crianças. Uma vez, colocou um revólver engatilhado na minha cabeça e disse que ia me matar (Caso 32 - SOS Ação Mulher e Família).

Sinto medo de C., por isso não consigo me separar dele (Caso 34 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele me batia e me xingava de prostituta, mas quem saía com outras mulheres era ele" (Caso 35 - SOS Ação Mulher e Família).

P. era muito agressivo, me ofendia e me ameaçava com armas (Caso 36 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele bebe muito, durante anos ia buscá-lo nos bares. Ele me xingava e dizia que eu tinha amantes. Às vezes eu sou chata porque gosto das coisas certas (Caso 38 - SOS Ação Mulher e Família).

N. não sai mais de casa. Às vezes, quando volto do trabalho, ele não me deixa entrar em casa. Aí, eu tenho de ficar na casa dos outros (Caso 39 - SOS Ação Mulher e Família).

A cada briga parece que estou paralisada, me sinto arrasada (Caso 40 - SOS Ação Mulher e Família).

Desde que casei com A. nunca tive carinho. Uma vez ele quebrou os ossos da minha cara com um soco. Agora estou feliz porque Deus resolveu o meu problema. Acho que talvez isso tudo tenha acontecido comigo, porque eu mereci (Caso – 41 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu nunca estudei porque ele não deixava, dizia que essas coisas não eram prá mim (Caso 45 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu me submeti a várias 'perversões' de W.. Ele tinha problemas. Quando ele bebia, ficava louco. Cuspia até na minha cara (Caso 47 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho o meu corpo marcado de faca do J. (Caso 48 - SOS Ação Mulher e Família).

Não agüento mais viver com L.. A gente discute muito. Ele me ameaça com faca e espeto de churrasco. De noite, L. não me deixa dormir (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

S. achava que era dono de mim. Eu tinha de servi-lo na cama, na mesa, no banheiro e dar dinheiro prá ele comprar bebida (Caso 52 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele diz que na nossa separação, eu não tenho direito a nada. Eu não discuto, porque eu tenho medo dele (Caso 60 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não sei mais o que faço. N. não me deixa em paz. Me ameaça e ainda vende as coisas dentro de casa prá comprar bebida (Caso 62 - SOS Ação Mulher e Família).

Logo que a gente casou, D. começou a me agredir e me xingar. Eu não contava prá ninguém porque tinha vergonha (Caso 63 - SOS Ação Mulher e Família).

A minha vida tem sido um inferno. Não posso sair de casa, que é prá arranjar homem. Ele me trata como um patrão...Eu sinto medo e ódio dele.... Às vezes, tenho dó de mim mas, isso não existe... (Caso 64 - SOS Ação Mulher e Família).

J. me humilhava na frente de qualquer pessoa e eu não fazia nada. Me acho compreensiva, porque tenho paciência (Caso 70 - SOS Ação Mulher e Família).

J. bebe e quando está deste jeito bate em todo mundo. Outro dia, ele me amarrou numa cadeira e disse que ia me matar com uma faca na frente de todo mundo em casa. J. me pediu uma chance, eu estou dando. Acho que não vai adiantar (Caso 73 - SOS Ação Mulher e Família).

J. teve vários casos, até com a vizinha teve um filho.... C. me disse que J. tava passando a mão nos peitos dela e que ele contava o que nós fazia na cama (Caso 75 - SOS Ação Mulher e Família).

J. é um homem caseiro, trabalhador. Ele paga as contas da casa, mas não compra nada prá nós. Ele é seco, mas não tem vícios (Caso 81 - SOS Ação Mulher e Família).

T. saiu de casa prá viver com outra. Quando ele morava com a gente, ele me dava tapa, soco, empurrão e me xingava de tudo que era nome (Caso 83 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando A. me batia, eu me sentia um lixo (Caso 84 - SOS Ação Mulher e Família).

J. me humilhava na frente de qualquer pessoa. Até com a empregada aqui em casa ele quis ter um caso. Agora, que eu arranjei um emprego para ele, ele quer se separar (Caso 85 - SOS Ação Mulher e Família).

Logo que perdemos nossa filha, F. ficou muito bravo. Batia em todo mundo em casa, dizia que ia me matar e um dia quis me forçar a tomar veneno (Caso 86 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando E. quebrava tudo em casa, eu não podia fazer nada, mas me sentia revoltada. Ver um homem bêbado todo dia, quebrando o que se tem (Caso 88 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu me sentia impotente para aliviar as coisas para os meus filhos (Caso 91 - SOS Ação Mulher e Família).

A. começou a implicar com T., quando a gente foi morar junto. Ele me ofende e ameaça de morte. Um dia jogou um balde de água em mim e atirou uma faca na minha direção (Caso 95 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu queria sumir, quando G. começava a bater, gritar e ameaçar a gente em casa (Caso 97 - SOS Ação Mulher e Família).

M. já quebrou um dente, com um soco na minha cara. Acho ele mau, desinteressado, estúpido e agressivo comigo e com os meninos (Caso 98 - SOS Ação Mulher e Família).

M. me batia, me chamava de vagabunda e apontava uma arma de fogo prá mim, na frente das crianças (Caso 99 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto 'cagada', porque luto e não saio da merda (Caso 101 - SOS Ação Mulher e Família).

J. quebra as coisas dentro de casa, urina onde quer, me xinga a mim e à minha filha. Fico arrasada, quando isso acontece (Caso 102 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando O. me xinga, me sinto explorada (Caso 103 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu fico com vergonha de ter relação com minhas filhas no quarto, mas ele me obriga. Ele ameaça nós de morte. Me sinto muito fraca, acho que sou uma inútil por ter esses problemas (Caso 104 - SOS Ação Mulher e Família).

J. tem olhado prá mim com cara de ódio. Eu tenho medo porque ele tem um revólver. Eu não confio nele. Acho que muita coisa eu podia ter evitado se eu não fosse tão ambiciosa (Caso 105 - SOS Ação Mulher e Família).

Fico muito mal, quando tem confusão em casa. H. já colocou fogo na casa, uma vez, e quebrou nossa televisão com um chute (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

Fico muito abalada com a violência de J.... Não dá para explicar como me sinto como pessoa (Caso 107 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sentia péssima quando J. era agressivo e estúpido conosco (Caso 109 - SOS Ação Mulher e Família).

V. começou a bater em nós de novo.... Às vezes sou boa; às vezes sou ruim (Caso 110 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho de resolver a minha situação, porque as minhas filhas estão me cobrando uma atitude digna.... Me sinto um lixo.... Acho que não vou conseguir fazer nada certo.... Fui omissa como mãe e como mulher (Caso 112 - SOS Ação Mulher e Família).

Não consigo gostar de mim, porque tudo o que tento fazer, eu paro (Caso 113 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto uma pessoa boa e inteligente. Mas, às vezes fico pensando e sinto que a culpada dessas coisas sou eu. Como é que pode, duas vezes, a mesma coisa... (Caso 116 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que estas coisas aconteceram, por causa de mim e das pessoas que viveram comigo (Caso 121 - SOS Ação Mulher e Família).

E. bate em todos, aqui em casa. Ele me joga no chão e tenta me enforcar. Quantas vezes ele quebrou móveis em cima de mim... (Caso 124 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto muito insegura, porque eu tento proteger meus filhos, mas não tenho quem me defenda (Caso 131 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu estou perdida com o que está acontecendo. Não tenho palavras, me sinto avoada (Caso 132 - SOS Ação Mulher e Família).

A violência é uma forma de controle que se apodera da liberdade e da dignidade de quem a sofre. A violência familiar é uma das manifestações que reflete a dominância masculina e a subordinação feminina. É uma conduta que realiza um grave decréscimo na auto-estima, impedindo o desenvolvimento da pessoa como ser humano independente.

A tendência das mulheres maltratadas em sentir vergonha, culpa e medo, segundo DOHMEN (1994) tem raízes nas características femininas tradicionais. Estas situações potencializam, de forma mais acentuada, a passividade, a tolerância, a falta de afirmação, a obrigação de cumprir o papel doméstico e a crença de que só é alguém com um homem do lado.

As mulheres, que sofrem violência doméstica, geralmente, suportam o maltrato emocional, além do físico. Algumas não percebem o quanto se denigrem ao receber maus tratos de forma permanente. Ocorrem insultos, humilhações, são desautorizadas na frente dos filhos, desqualificadas e desvalorizadas, por seu marido ou companheiro. Outras tinham noção do comprometimento destes, em relação à situação, mas se sentiam cumprindo suas obrigações. Elas se assumiam culpadas, responsáveis e merecedoras do castigo, pois não supriam de alguma forma as expectativas dos seus maridos.

Algumas mulheres entrevistadas conseguiram chegar à conclusão de que as exigências impostas pelo marido eram extremas e estavam sendo depositadas nela. Tudo tinha uma explicação e uma responsável: a mulher. Elas sentiam vergonha, culpa e medo por terem ido buscar ajuda externa para os seus problemas.

- Separação ou não e suas justificativas

Acho que tudo o que aconteceu podia não ter acontecido. Se dependesse de mim, estava com ele até hoje (Caso 3 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que tudo podia não ter acontecido se eu tivesse começado a ir à igreja evangélica antes. Talvez, eu conseguisse contornar as coisas (Caso 12 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não tenho medo de A., tenho medo de ficar sozinha. E se eu adoeço, como é que vai ser ? (Caso 13 - SOS Ação Mulher e Família).

As situações de violência aconteciam, quando eu saía do limite da passividade. Acho que tudo podia ser evitado, se ele dialogasse (Caso 28 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe passou pela mesma coisa que eu passo. Muitas vezes dormimos na rua, enquanto esses caras ficam numa boa lá dentro de casa. Casei prá me livrar disso e meus filhos estão passando por isso mesmo... (Caso 29 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que foi o destino que fez estas coisas acontecerem na minha família. Não sei, falta de sorte, talvez... (Caso 34 - SOS Ação Mulher e Família).

Não posso evitar que as coisas aconteçam, é do caráter de N.. Talvez se eu tivesse reagido, quem sabe... (Caso 39 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que o que falta na nossa situação é diálogo (Caso 40 - SOS Ação Mulher e Família).

Foi Deus que resolveu o meu problema, foi um alívio para todos a morte de A. (Caso 41 - SOS Ação Mulher e Família).

Se A. parasse de beber, tudo podia ser diferente (Caso 44 - SOS Ação Mulher e Família).

Tudo isso podia ser evitado, se J. fosse embora (Caso 73 - SOS Ação Mulher e Família).

A bebida é a causa dos problemas aqui em casa. Tudo podia ser evitado se C. conseguisse ficar sóbrio (Caso 87 - SOS Ação Mulher e Família).

A. é uma pessoa agressiva porque é inseguro (Caso 95 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que tudo poderia ter sido evitado, se soubesse escolher melhor (Caso 98 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que as coisas acontecem, por nada, por temperamento e por dinheiro (Caso 103 - SOS Ação Mulher e Família).

Isso acontece porque ele não tem família (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu acho que o J. é violento, pela bebida e pela parte espiritual. Isso podia ser evitado se houvesse diálogo, compreensão e apoio da família (Caso 107 - SOS Ação Mulher e Família).

Sou revoltada pelo que passei na minha vida, isso aconteceu por falta de planejamento (Caso 113 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não aceito essa situação, me sinto fraca sem J. (Caso 115 - SOS Ação Mulher e Família).

O álcool fez ele se perder, mas se ele quisesse podia ter evitado tudo isso (Caso 120 - SOS Ação Mulher e Família).

J. perdeu o respeito, estou muito triste mas, acho que não dá mais...(Caso 122 - SOS Ação Mulher e Família).

Ele abandonou nós. Tem um mês que ele sumiu. Acho que ele nunca gostou de mim (Caso 126 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu agora quero lutar para vencer na vida e criar meus filhos, se O. quiser me acompanhar, acho que vai ter que parar de beber (Caso 128 - SOS Ação Mulher e Família).

Se ele parasse de beber e houvesse carinho e diálogo, tudo estava diferente (Caso 132 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto ótima com meus filhos, mas E. me incomoda. Se ele fosse embora era melhor (Caso 9 – Crami).

Minha sogra é a culpada da minha separação. Se ela não se metesse na nossa vida, era tudo diferente (Caso 14 – Crami).

Eu fico revoltada com B. fiz a denúncia na delegacia e a situação melhorou, um pouco (Caso 15 – Crami).

Eu não aceito o que D. fez. Ele quase matou A. (Caso 16 – Crami).

Estou 'dando um tempo' de S.. Vamos ver se ele se amansa, para poder voltar (Caso 18 – Crami).

Me sinto incomodada por A.. Já tomei implicância dele... (Caso 19 – Crami).

A manutenção do casamento e, conseqüentemente, da violência familiar, para alguns autores (CORSI, 1994; DOHMEN, 1994), não é casual, nem produto de uma estrutura de relação sadomasoquista. É fruto de um ciclo de violência familiar.

A repetição do ciclo da violência familiar e a vivência recorrente deste, instaura a 'sindrome da mulher maltratada' (DOHMEN, 1994). Esta situação promove um estado de paralisia progressiva da mulher, vítima de violência conjugal. A mulher aprende que, faça o que fizer, será sempre maltratada. Elas não podem controlar ou deter a conduta dos maridos e qualquer ação que ela fizer poderá provocar uma piora da situação para ela e para os filhos.

Em geral, a socialização tradicional do papel de gênero, recebido por estas mulheres, reforça a impossibilidade de agir. Elas foram educadas para dar amor, serem boas donas de casa, boas esposas, boas mães. Romper este estereótipo, sair de casa, denunciar o marido, pedir a separação, criará grande culpa por causa da sua formação e do meio em que vive (família de origem, vizinhos, amigos, companheiros de trabalho, etc.)

As justificativas para permanecer nesta situação de violência, juntamente com seus filhos são inúmeras. Foi possível observar, nas situações anteriormente descritas, as dificuldades que eram colocadas para saírem do ciclo de violência com seus filhos.

As situações que normalmente levaram as mulheres a enfrentar os seus temores em modificar as situações, foram ocorrências que, segundo suas características, ideologia ou gravidade, não puderam mais ficar contidas na estrutura familiar. Foram elas: o mau trato físico e (ou) emocional dos filhos levado a extremos; incesto; tentativa de homicídio contra ela e (ou) os filhos; e infidelidade, em alguns casos.

Geralmente, segundo DOHMEN (1994), quando a situação se apresenta impossível de reverter, aparece associado à vontade, o 'valor de sobrevivência', nestas mulheres, com idênticas sensações dos prisioneiros de guerra.

- Problemas psicológicos, psiquiátricos e doenças orgânicas

Estou muito nervosa com tudo isso. Tenho sentido sempre dores no estômago... Já pensei em me matar, mas olho para minha filha e desisto (Caso 1 - SOS Ação Mulher e Família).

Venho me sentindo tão perturbada que, às vezes, penso em me matar. Não saio de médico. Eles dizem que eu estou com gastrite e agora também apareceu estas caspas na minha cara (Caso 2 - SOS Ação Mulher e Família).

Parei de trabalhar porque não consigo mais dormir, com medo dele. Sinto dor no meu corpo todo. Já desmaiei e fiquei fora de mim três vezes. Estou muito nervosa. Já tentei me matar umas vezes. Duas vezes tomei veneno e uma vez, me enforquei (Caso 4 - SOS Ação Mulher e Família).

Há três anos, A. arranjou uma amante e não escondia de ninguém. Ela era a sua secretária. Eu peguei uma virose, depois descobriram que era câncer de útero. Fiz a cirurgia e fiquei um bom tempo tomando remédio para dormir e me sentir calma com tudo isso (Caso 5 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu fico nervosa, agitada, com o que acontece em casa, às vezes, fico calma (Caso 12 - SOS Ação Mulher e Família).

Já tentei me matar duas vezes. Hoje faço tratamento psicológico, mas continuo pensando em morrer. Antes, eu apanhava e saía normal; hoje, quando acontece, eu me deprimo, não como, tenho vontade de me matar (Caso 16 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto triste. Penso em tomar veneno(Caso 21 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto agitada, com um nervoso do que pode acontecer (Caso 23 - SOS Ação Mulher e Família).

Não me sinto tranqüila com ele em casa. Não durmo bem e tenho medo. Uma vez, ele tentou afogar a minha cabeça no tanque lá de casa... Como estou operada (câncer de pele), vim prá casa da minha mãe. Aqui, eu fico bem (Caso 26 - SOS Ação Mulher e Família).

Venho sofrendo de depressão, tem um tempo, e faço tratamento com remédios para dormir(Caso 28 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto uma pessoa nervosa, porque não consigo ter amor a nada.. Quando M. me batia ficava revoltada e queria me matar (Caso 45 - SOS Ação Mulher e Família).

Já fui internada muitas vezes, por nervoso (Caso 48 - SOS Ação Mulher e Família).

L. não me deixa dormir à noite. Fica me ameaçando... (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

Faço tratamento com psiquiatra porque tenho muita dor de cabeça, sinto dificuldade para dormir e me sinto deprimida, com o que acontece em casa (Caso 52 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto nervosa, mas não consigo fazer nada (Caso 62 - SOS Ação Mulher e Família).

Não sei o que faço. Quero fugir de casa, porque ele não quer separar, mas também penso em me matar (Caso 64 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto nervosa e agressiva, porque as coisas não estão como eu quero(Caso 66 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto nervosa e arrasada com o que está acontecendo (Caso 77 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando I. começou a me bater e a ameaçar D. de morte, não conseguia mais dormir. Hoje, me sinto 'meio abafada' (Caso 94 - SOS Ação Mulher e Família).

Fui ao psiquiatra e ele disse que eu estava com depressão. Faço tratamento até hoje (Caso 98 - SOS Ação Mulher e Família).

Sou calma e nervosa. Perdia o controle quando E. me batia (Caso 100 - SOS Ação Mulher e Família).

Já fui ao médico psiquiatra e fiz tratamento 4 anos. Era depressão. Não adiantou nada, continuo me sentindo fraca e sem força para resolver a minha situação (Caso 104 - SOS Ação Mulher e Família).

Fui ao psiquiatra, porque estava agoniada. Ele me deu esse remédio, Lexotan, e disse que eu estava com ansiedade (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu estou com câncer, mas está tudo sob controle. Eu tomo medicamento e faço tratamento radioativo (Caso 107 - SOS Ação Mulher e Família).

Agora, eu estou com 'amnésia'. Eu esqueço o que faço, me dá uns brancos (Caso 114 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho me sentido fraca para enfrentar o que está acontecendo. Estou chorando à toa (Caso 115 - SOS Ação Mulher e Família).

Depois que E. batia nas meninas, me sentia péssima e deprimida (Caso 124 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu estou me sentindo muito nervosa com o que aconteceu (Caso 129 - SOS Ação Mulher e Família).

Não tenho palavras, estou 'avoada' (Caso 132 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto revoltada e descontrolada (Caso 1 – Crami).

Bebo por causa dos problemas (Caso 4 – Crami).

Eu tenho um nervoso por dentro, que não sei o que é (Caso 6 – Crami).

Na hora do nervoso, nem me reconheço; depois reconheço(Caso 7 – Crami).

Sou nervosa, porque sou só (Caso 11 – Crami).

Me sinto muito nervosa, a culpa é da minha sogra (Caso 14 – Crami).

Um grande número de mulheres relatou que apresentavam problemas emocionais, advindos de situações que estavam vivenciando. Algumas faziam uso de medicamentos, haviam sofrido internações, pensavam em suicídio, sofriam de insônia.

As situações descritas mais comuns foram: desesperança, apatia, abatimento, crises de choro, alterações do sono e perda do apetite. Algumas entrevistadas afirmavam que desenvolveram doenças orgânicas, após o casamento. As doenças citadas foram: úlcera, psoríase, gastrite e câncer.

Segundo CABRAL & CARNEIRO (1997), em Campinas, estima-se ter 3.000 inquéritos de violência contra a mulher, em andamento. Algumas não procuram a Justiça, mas os serviços de Saúde Mental, com queixas conversivas, depressivas, transtornos alimentares, abuso de drogas e, até mesmo, crises psicóticas.

KÉROUAC & TAGGART (1994), em pesquisa realizada no Canadá, afirmam que uma porcentagem significativa de mulheres que sofrem violência doméstica, apresentam problemas de saúde crônica(46,2%) e problemas agudos (30,8%). Os problemas declarados por esta população foram: a insônia, a fadiga, o nervoso, as dores variadas, tais como, dores de cabeça, dores nas articulações e anemia. A qualidade do sono é pobre nestes casos, além disso, apresentam depressão, ansiedade e tendência à somatização.

O estado de tensão permanente que preenche sua vida faz com que estas mulheres se tornem mais vulneráveis às doenças. Segundo KÉROUAC & TAGGART, as múltiplas formas de violência a que estão submetidas, nada mais fazem do que exacerbar as reações biofísicas e psicológicas dos seus organismos.

- Filhos

Não tenho para onde ir com as crianças. Tenho de ficar aqui mesmo (Caso 4 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sujeitei a tudo, pelos meus filhos (Caso 8 - SOS Ação Mulher e Família).

Não me separo, porque penso muito nos meus filhos (Caso 39 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho quatro filhos prá sustentar. Como é que vai ser ? (Caso 80 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sentia péssima quando J. era agressivo e estúpido, mas suportava por causa dos filhos (Caso 109 - SOS Ação Mulher e Família).

Entre os problemas e ameaças que muitas entrevistadas sofriam havia o medo da perda do vínculo com os filhos. Elas falavam sobre várias situações apresentadas pelos maridos e fantasiadas por elas. As mais freqüentes foram que seus filhos não entenderiam sua atitude diante das promessas do pai sobre mudanças; do marido que promete retirar os filhos do seu poder; dos filhos não entenderem o seu sofrimento; do fato de receber insultos, reprovações e desprezo dos filhos porque deixou o pai e destruiu a família; dos filhos decidirem ficar com o pai porque o percebem mais desprotegido ou o temem.

Os filhos, nestas situações, encontram-se, com freqüência, tão confusos quanto as mães. Isso se deve ao fato de serem usados, geralmente, como objeto de manipulação dos pais, para conquistar aliados. Em muitas situações, algumas crianças podem apresentar a saúde física e mental precárias, em função da situação que estão vivendo.

Uma pesquisa realizada por CHÉNARD (1994), no Canadá, com crianças vítimas e testemunhas de violência doméstica, apresentou como problemas de saúde mais freqüentes mencionados os problemas mentais; as alergias e afecções cutâneas; as dores de cabeça; a asma; e os traumatismos. Os problemas respiratórios, as afecções respiratórias agudas; as gripes; as rinites; a asma; a bronquite e o enfizema, totalizavam ¼ dos problemas de saúde relatados.

- Projeção[1] e Racionalização[2]

Quando G. não bebe, a gente se dá bem. O problema é a bebida (Caso 9 – SOS Ação Mulher e Família).

A bebida de H. é que causa tudo na família (Caso 11 - SOS Ação Mulher e Família).

[1] Projeção - Processo pelo qual uma pessoa atribui à outra os motivos dos seus próprios conflitos. (MICHAELIS , 1998).

[2] Racionalização - Processo de justificar , pelo raciocínio, um comportamento qualquer , depois de realizado , atribuindo-se-lhe outros motivos que não os reais.(MICHAELIS, 1998)

E. é uma pessoa trabalhadora, quando bebe, fica outra pessoa (Caso 27 - SOS Ação Mulher e Família).

Nada de violência ia acontecer,mas estas situações só acontecem por causa da outra pessoa que ele tem (Caso 30 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto normal que nem tem que ser. Tenho medo de me separar de C..... As coisas na minha vida acontecem, não sei,falta de sorte... (Caso 34 - SOS Ação Mulher e Família).

Essas situações de violência na minha família, tenho certeza de que foi o destino (Caso 36 - SOS Ação Mulher e Família).

Não posso evitar estas situações, é do caráter dele (Caso 39 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho que as coisas acontecem em casa pela bebida e pela falta de diálogo (Caso 40 - SOS Ação Mulher e Família).

Tudo acontece por causa da bebida. Acho que muita coisa podia ser evitada, se eu tivesse uma família, apoio e amparo (Caso 42 - SOS Ação Mulher e Família).

A violência acontecia aqui em casa, porque ele tinha outra. Nada podia ter acontecido, mas foram as más companhias (Caso 43 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho vontade de matar ele, mas se ele parasse de beber, tudo podia ser diferente (Caso 44 - SOS Ação Mulher e Família).

Foram as amizades que ele andava, que não prestavam (Caso 58 - SOS Ação Mulher e Família).

Tudo aconteceu pela bebida (Caso 62 - SOS Ação Mulher e Família).

Os problemas aqui em casa foram a bebida e outras coisas (Caso 74 - SOS Ação Mulher e Família).

O problema foi a bebida (Caso 76 - SOS Ação Mulher e Família).

A bebida é a culpada da minha infelicidade (Caso 77 - SOS Ação Mulher e Família).

T. é culpado por tudo o que aconteceu. As brigas começavam pela bebida e pelo temperamento dele (Caso 83 - SOS Ação Mulher e Família).

SOS Ação Mulher e Família).

Tudo começou quando A. arranjou outra mulher. Acho que ele podia ter evitado isto, se quisesse (Caso 84 - SOS Ação Mulher e Família).

A bebida é a causa dos problemas em casa (Caso 87 - SOS Ação Mulher e Família).

Os problemas da gente começaram pela bebida de A. (Caso 92 - SOS Ação Mulher e Família).

Foi tudo por causa da droga (Caso 94 - SOS Ação Mulher e Família).

Se não fosse a bebida, a violência não existia na família (Caso 96 - SOS Ação Mulher e Família).

G. era um cabeça fraca (Caso 97 - SOS Ação Mulher e Família).

A culpa é da bebida de J. (Caso 102 - SOS Ação Mulher e Família).

Isso acontece porque ele não tem família (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

Não dá para explicar como me sinto quando J. é violento. Mas, acho que é pela bebida e pela parte espiritual (Caso 107 - SOS Ação Mulher e Família).

J. é estúpido por causa da falta de dinheiro, ciúmes e bebida (Caso 109 - SOS Ação Mulher e Família).

Foram as mulheres que A. arranjava (Caso 119 - SOS Ação Mulher e Família).

As brigas com O. acontecem por ciúmes e bebida. Quando O. chega alterado em casa, todo mundo paga por isso (Caso 128 - SOS Ação Mulher e Família).

Não precisava nada disso acontecer se ele parasse de beber e houvesse carinho e diálogo (Caso 132 - SOS Ação Mulher e Família).

É só ele não vir aqui, que está tudo bem (Caso 4 – Crami).

Bato neles, por provocação deles. Não estudam e mentem (Caso 5 – Crami).

M. tem problema de nervos (Caso 6 – Crami).

Tudo isso aconteceu porque eu me sinto só (Caso 7 – Crami).

*Essas confusões acontecem, pelo gênio dele. É só ele ver que não é certo (*Caso 9 – Crami).

Ele ficou desse jeito, depois que ele bebeu o sangue do irmão morto (Caso 10 – Crami).

Aconteceu por causa da droga (Caso 11 – Crami)

Isso acontece porque eles faz raiva (Caso 13 – Crami).

Eu estou educando as crianças (Caso 15 – CRAMI).

Ele começou a ficar assim porque A. arranjou um namorado (Caso 16 – Crami).

Acho que as coisas aconteceram pela influência da família da ex – mulher do A. (Caso 20 – Crami).

Algumas entrevistadas viviam uma atmosfera de aceitação da violência conjugal. Estas mulheres comparavam, nas entrevistas, a quantidade de castigo que recebiam,com as recompensas do seu casamento: casa, alimentação, carro, etc.

Elas projetavam para a sociedade, as razões de sua infelicidade, numa tentativa de poder conviver melhor. Elas raramente abandonavam o cônjuge, 'sumindo', como muitas vezes, eles o faziam, reaparecendo, quando queriam. Anulavam-se como pessoas, assumindo papéis confusos e tornando seus objetivos mais afastados da situação real. Quando falavam de suas vidas, quase não se referiam a si mesmas, incluindo sempre os seus parceiros. Notamos esta questão, nas várias respostas ao item: *Fale - me sobre você... Como você se sente como pessoa...*E a resposta de muitas era: *Não sei.*

Foi uma constante, também, no discurso das mulheres entrevistadas dos grupos em estudo, a racionalização para manterem a situação. É o parceiro que teria de mudar, elas não. O que estas mulheres não levavam em conta, é que mudar exige condições internas, individuais e, externas, do meio ambiente.

A propensão destas mulheres a sentirem vergonha, culpa e medo tem raízes em características de suas personalidades e educação, que potencializam-se, a partir da relação abusiva, de forma mais acentuada em: passividade, tolerância, falta de afirmação, obrigação de cumprir o dever doméstico e a crença de que só é alguém com um homem ao seu lado.

Segundo DOHMEN (1994), muitas vezes, a mulher só admite denunciar o seu companheiro, porque o considera doente ou porque atribui ao seu comportamento fatores externos que provocam efeitos negativos nas suas relações familiares.

4.2.4.Filhos

Temas - eixo:

- Violência familiar e sentimentos

Me sinto muito preocupado com a situação de minha família. Não dá prá ir à escola, porque fico pensando aqui em casa. Me sinto inocente, vivendo com meus pais, Algumas vezes respondo aos meus pais, professores e pessoas mais velhas, porque eles não tem razão, eles falam coisas que não são verdades (Caso 2 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu gosto mais da minha mãe, porque ela nunca me bateu. Meu pai já deixou nós marcada. Quando o meu pai me batia e eu ficava marcada, nunca que sumia o roxo. Acho ruim ser como o meu pai. É ruim viver assim (Caso 3 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho medo do meu pai matar a minha mãe. Não dá prá viver uma vida dessas com meu pai. Tenho medo do meu pai me bater com força. Um dia, ele me bateu de cinta e a fivela da cinta entrou na minha mão (Caso 4 - SOS Ação Mulher e Família).

Fico triste sempre que acontecem muitas coisas... Tenho vontade de chorar, porque eu vejo algumas coisas... Tenho medo sempre do meu pai matar a minha mãe... (Caso 6 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai briga muito com a minha mãe. É ele que arruma encrenca....Eu não ligo muito de viver com eles... Podia ser diferente se meu pai fosse embora e nos deixasse em paz (Caso 8 - SOS Ação Mulher e Família).

Fico com a cabeça complicada pelas brigas dos meus pais. Meu pai podia parar de beber e deixar de ser folgado (Caso 9 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto mal vivendo com meus pais (Caso 11 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe tem um gênio bom. Meu pai tem um gênio difícil. Com ele, eu não converso e nem ele fala comigo... Com ele não consigo viver bem. Prefiro que ele saia de casa (Caso 12 - SOS Ação Mulher e Família).

Gosto deles, mas parece que eles não se entendem. Me sinto meio constrangido vivendo com eles... Tenho más recordações da minha infância...Nenhum dos dois tem força de vontade para mudar de vida (Caso 13 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é legal, às vezes fica brava...Meu pai é legal, mas bebe... Me sinto pouco bem, pouco mal, vivendo com eles (Caso 14 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho eles mais ou menos. Às vezes eles voltam, às vezes eles separam... Eles podiam ser mais legais e unidos (Caso 15 - SOS Ação Mulher e Família).

Eles são legais, mas meu pai fala muito palavrão. Hoje ele não bate mais em mim e também não dá dinheiro.É ruim viver com eles, às vezes fica um clima chato (Caso 16 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai quando bebia, xingava a gente. Me sinto bem vivendo com a minha mãe... (Caso 17 – SOS Ação Mulher e Família)

Quando ele bebe, briga com a minha mãe e ele tenta bater na gente e a gente corre (Caso 18 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é boa, meu pai começou a me tratar bem. Ele era agressivo prá caramba... Fico com medo do que ele pode fazer com a minha mãe... (Caso 19 – SOS Ação Mulher e Família)

Minha mãe, de vez em quando, é chata. Meu pai, eu não converso com ele (Caso 20 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai briga muito com a minha mãe. Meu pai já cortou a mão da minha mãe... Ele me trata mal...Ele me bate... Eu xingo ele... Ele gosta de mim, eu não gosto dele (Caso 21 - SOS Ação Mulher e Família).

Às vezes fico preocupado porque meu pai bate na minha mãe. Eu não gosto de ver briga. Tenho vontade de chorar, às vezes, quando o meu irmão bate em mim e o meu pai bate na minha mãe (Caso 22 - SOS Ação Mulher e Família).

Meus pais são bons prá mim. Tenho tudo o que quero... Sou filho e tenho de fazer alguma coisa para ajudar os meus pais (Caso 23 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho minha mãe legal, meu pai, não sei. Me sinto bem, quando ele está bom (Caso 24 - SOS Ação Mulher e Família).

Não acho nada dos meus pais (Caso 25 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho medo sempre do meu pai. Gosto mais da minha mãe, porque eu acho que ela não é igual a ele (Caso 26 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é boazinha. Meu pai não fica muito em casa, às vezes é carregado bêbado prá casa... É muito ruim viver com eles...Podia ser diferente, a minha mãe separar do meu pai (Caso 29 - SOS Ação Mulher e Família).

Não tem uma vida boa os dois e isso prejudica os filhos (Caso 30 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu fico nervosa, saio batendo (Caso 31 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai é legal e nervoso. Minha mãe é legal. Me sinto bem mais ou menos, vivendo com eles (Caso 32 - SOS Ação Mulher e Família).

Era muito ruim viver com meus pais (Caso 36 - SOS Ação Mulher e Família).

Me preocupo com minha mãe, porque ela é a única pessoa que pode cuidar de mim. Meu pai é mais ou menos legal. Às vezes, ele me dá um presente (Caso 37 - SOS Ação Mulher e Família).

Com a minha mãe me dou bem, com meu pai não nos falamos. Na minha casa, todo mundo briga. Uma coisa é conseqüência da outra (Caso 38 - SOS Ação Mulher e Família).

Me dou bem com a minha mãe. Meu pai, eu não aceito o que ele faz com a minha mãe (Caso 39 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho vontade de chorar, às vezes, porque fico lembrando das coisas que aconteceu (Caso 41 – SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai não me reconheceu, minha mãe teve problemas com bebida e eu vivia na casa de Juiz e internada (Caso 42 – SOS Ação Mulher e Família).

Tenho vontade de chorar, às vezes, pelas preocupações com a minha casa. Meus pais são mais ou menos chatos, e não gostam das coisas que peço para eles (Caso 43 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe, eu acho legal. Quando o meu pai brigava com a minha mãe, eu ficava com raiva dele (Caso 45 - SOS Ação Mulher e Família).

Antes, eu gostava do meu pai e desgostei. Agora, gosto do G. (padrasto), como se ele fosse o meu pai (Caso 47 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho vontade de chorar, às vezes, porque eu tenho vontade de enfiar a faca em mim (Caso 48 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é legal. Meu pai fica xingando a gente, quando bebe... Meu pai devia melhorar (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

É difícil, não quero falar sobre meus pais (Caso 51 - SOS Ação Mulher e Família).

Um é legal, o outro é chato. A gente devia conversar, em vez de gritar... É porque a minha mãe é nervosa (Caso 52 - SOS Ação Mulher e Família).

Gosto mais da minha mãe, porque ela sofreu nove meses comigo (Caso 54 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu choro, é porque eu tenho raiva de tudo... (Caso 55 - SOS Ação Mulher e Família).

Me preocupo com minha mãe, porque meu pai quando estava em casa, a gente nunca sabia o que ia acontecer. Meu pai é uma pessoa chata, não gosto dele. Da minha mãe, eu gosto (Caso 60 - SOS Ação Mulher e Família).

Eles são legais, mas de vez em quando, pisam na bola (Caso 66 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é legal; o G. (padrasto) me batia, até me espancar... (Caso 69 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe dá prá ir; meu pai, eu não suporto (Caso 70 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é legal, às vezes, o meu pai bebendo, eu não gosto (Caso 73 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho minha mãe legal, simpática, não é egoísta. Meu pai, às vezes, é bruto, não sabe se relacionar (Caso 75 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho vontade de chorar, às vezes, por causa dos problemas... Minha mãe é trabalhadora, quer sempre o melhor. Meu pai, antes ele conversava, hoje ele só bebe (Caso 77 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai é meio mentiroso, minha mãe é boazinha... (Caso 78 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu fico nervoso, quebro as coisas dentro de casa... Acho que não devia ter pancadas. Por isso, quero conhecer meu pai e morar com ele... (Caso 80 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai é ruim; a minha mãe é boa... É briga sempre, briga sempre... (Caso 81 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe, eu acho legal, eu gosto muito dela. Agora do meu pai, eu já não gosto muito dele... (Caso 85 - SOS Ação Mulher e Família).

Não vou falar sobre os meus pais, não quero me comprometer com ninguém (Caso 87 - SOS Ação Mulher e Família).

Não é muito bom viver com meus pais. Prefiro viver com meu pai... (Caso 88 - SOS Ação Mulher e Família).

Fico preocupado com meus pais, porque se eles morrerem, eu fico só (Caso 90 - SOS Ação Mulher e Família).

Acho minha mãe exigente, meu pai é calmo... (Caso 96 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é compreensiva e agora está mais calma. Meu pai, não sei onde está (Caso 97 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não estou preocupado com ninguém, só com as minhas coisas (Caso 99 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é compreensiva, meu pai, o inverso. Em casa, é ruim, o clima é chato (Caso 102 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai exagera. Sempre foi agressivo e batia em todos... A vida em família não tem sido boa... (Caso 112 - SOS Ação Mulher e Família).

Me sinto mais ou menos inseguro (Caso 116 - SOS Ação Mulher e Família).

Me preocupo com meu pai, porque ele é desligado... Vivo bem com meu pai, alguém tem de tomar conta dele... (Caso 118 - SOS Ação Mulher e Família).

Me preocupo com minha mãe, porque ela sofre muito (Caso 120 - SOS Ação Mulher e Família).

Gosto deles, mas brigam muito (Caso 124 - SOS Ação Mulher e Família).

A minha mãe acho carinhosa e certa; meu pai, eu acho que ele não tem dignidade e respeito... Porque ele desrespeitou a minha irmã e sempre discutiu com a minha mãe (Caso 125 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é boa, me dá o que eu quero; meu pai é ruim porque não me dá nada e nem vem me ver (Caso 127 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho medo que a minha mãe morra, porque é a única pessoa que tenho (Caso 129 - SOS Ação Mulher e Família).

Não tenho nada para falar sobre meus pais (Caso 130 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe é legal, meu pai, de vez em quando, fica estranho comigo, aí fica ruim (Caso 131 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho medo de perder minha mãe porque é meu apoio (Caso 132 - SOS Ação Mulher e Família).

Não sei como me sinto vivendo com essa família (Caso 5 – Crami).

Fico preocupado com meu pai porque ele ameaça as pessoas... Ele podia ficar legal, porque eu acho que ele está doente... (Caso 9 – Crami).

Fico preocupada com meus pais, pelas conseqüências do que pode acontecer. Gosto mais da minha mãe, meu pai é um chato, meu irmão um estúpido" (Caso 16 – Crami).

Eles não são bons. Maltratam e não dão alimento prá gente (Caso 17 – Crami).

Acho que eles se importam com a gente. A minha mãe é a que mais se importa. É estranho viver com eles, porque a minha mãe é de um jeito e o meu pai é de outro (Caso 19 – Crami).

Os filhos ficam confusos pelas mensagens contraditórias a que estão expostos. Por um lado, recebem amor, e pelo outro, maus tratos, como vítimas ou testemunhas da violência e do sofrimento dos pais. Mesmo que o pai seja agressvivo com os filhos, ele ainda continua sendo pai, estão unidos por um vínculo e não desejam perdê-lo, mesmo que esta relação seja estabelecida pelas agressões.

Existe o risco de que os filhos de um casal que sofre a violência doméstica possam se identificar tanto com o agressor, quanto com a vítima. Às vezes não podem tomar partido por nenhum deles e permanecem paralisados. Alguns reprovam os pais por sua maneira de agir e não interferem, mesmo quando solicitados, por algum deles, ou por ambos, em momentos diferentes.

As crianças e adolescentes entrevistados, nos grupos em que ocorreram violência doméstica notificada, durante o relato de suas mães, mantinham-se em silêncio, sem demonstrar emoção, como se estivessem assistindo a um filme, já visto muitas vezes.

Notamos que as percepções que estes pais têm dos filhos, estão mais ligadas aos estados subjetivos do que com a realidade destas crianças e adolescentes. Muitos não conseguem captar as possibilidades e necessidades destes, em seus estágios específicos de desenvolvimento. Não conseguem respeitá-los e muito menos dar-lhes condições de uma formação adequada. A maior parte das crianças e adolescentes entrevistados, dos grupos em estudo, se sentiam mal e revoltada, vivendo com seus pais.

No plano da personalidade, segundo AJURIAGUERRA & MARCELLI (1986), as crianças que sofrem violência doméstica apresentam dificuldades em desenvolver um sentimento de identidade estável e satisfatório. Duvidam de si mesmas e não possuem uma boa auto-estima. Apresentam tendência a desvalorizar e subestimar o que fazem e a dificuldade acompanhada de fracasso acarreta em retraimento.

Entre as crianças e adolescentes entrevistados, o que nos chamou a atenção, foi a dificuldade de verbalização das emoções e de tomar contato com os seus sentimentos. Em perguntas abertas, muitos respondiam: *Não sei...* Um aspecto que apareceu,com certa freqüência, foi a identificação com o agressor. Acostumada a este ambiente de violência, pouco a pouco, passa a considerá-lo como normal e, depois, como a principal forma das pessoas se relacionarem. Esta situação torna-se mais fácil, porque o pai é uma das figuras de identificação, para os seus filhos.

Segundo FREUD (1971), a identificação com o agressor é um dos principais mecanismos que a criança usa para se defender de inevitáveis invasões do meio ambiente. Ela pode submeter-se na relação com o adulto, mas pode utilizar esse modo defensivo com as demais pessoas que a cercam, principalmente, os mais jovens. Algumas vezes, elas desenvolvem uma instabilidade reacional, que serve de justificativa para o reforço de sua conduta e, também, do adulto.

Os sentimentos mais freqüentes nas entrevistas foram: revolta, crítica e preocupação. Algumas crianças dos grupos em estudo faziam tratamento psicológico, no momento da pesquisa, em função de problemas que apresentavam na escola (dificuldades na aprendizagem).

- Sonhos

Sonho com coisas más...Com um monte de olhos vermelhos...(Caso 1 – SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com meu pai brigando e matando a minha mãe (Caso 4 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com brigas (Caso 7 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos com mortes (Caso 16 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho sonhos, quando acontecem as coisas em casa (Caso 18 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com coisas más...Com assassinos (Caso 21 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com morte e tarado (Caso 54 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho sempre com um leão que quer matar a minha mãe (Caso 63 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos com mortos (Caso 66 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com vampiros (Caso 69 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos de estar morrendo (Caso 75 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com fantasmas e que a minha mãe está morrendo (Caso 79 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelo de morte (Caso 88 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho sonhos destrambelhados e pesadelos com mortos vivos (Caso 90 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos com meu pai brigando pela casa (Caso 91 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com o que pode acontecer em casa (Caso 99 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos com as coisas que acontecem em casa (Caso 102 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos de que morri (Caso 105 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com coisas do mal (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com bandidos e mortes (Caso 110 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho com morte, alegria e tristeza.... Tenho pesadelos com o meu pai matando a minha mãe e eu matando o meu pai (Caso 114 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho que morro (Caso 117 - SOS Ação Mulher e Família).

Sonho como vou morrer (Caso 120 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos com meu padrasto (Caso 125 - SOS Ação Mulher e Família)

Tenho pesadelo de dormir e não conseguir acordar (Caso 130 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelo da minha mãe e o meu pai brigando no carro e o carro perdeu o freio (Caso 131 - SOS Ação Mulher e Família).

Tenho pesadelos com brigas (Caso 132 - SOS Ação Mulher e Família).

A fase em que as crianças e adolescentes entrevistados se encontravam, apresentava uma ansiedade mais precisa. A criança é impressionável e tem medos. Ela tem uma bagagem razoável de imagens inquietantes que recolheu em conversas, observações sobre os meios que freqüenta e nos diversos lugares por onde passa.

Os sonhos, segundo FREUD (1900), são fenômenos passivos de descarga dos desejos inconscientes. Ele é o 'guardião do sono'. Observamos, nas amostras de crianças e adolescentes que sofreram violência doméstica notificada, vários relatos de sonhos ou 'pesadelos', segundo chamavam, referentes à situação dos seus pais.

Estes 'pesadelos' caracterizavam-se pelos temas angustiantes, em geral, relacionados à violência nos seus lares. Expressavam angústias extremas e formas de elaboração das defesas psíquicas, aos ataques que o seu meio social, na situação de vigília lhes apresentava.

Dependendo do nível de violência que estas crianças e adolescentes sofriam, a situação de relaxamento e falta de estímulos que caracterizam o sono, não eram desfrutados de forma tranqüila. Isto se refletia em perda da concentração, diminuição da capacidade de memorização, instabilidade, irritabilidade e isolamento social

- Disciplina (Obediência, Reação, Justificativa e Alternativa)

Meu pai começa a brigar e a ameaçar... Eu xingo... Porque eu não gosto da forma como eles me tratam (Caso 7 - SOS Ação Mulher e Família).

Apanhava de cinta do meu pai...Eu xingava... Porque ele grita, eu grito também...Se ele falasse com educação e eu obedecesse mais, podia ser diferente... (Caso 12 - SOS Ação Mulher e Família).

A minha mãe quando eu não obedeço quer dar com o cabo de vassoura em mim. Eu corro dela e xingo... (Caso 19 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não atendo o meu pai porque ele me trata mal, aí ele me bate...Eu xingo... Porque ele gosta de mim e eu não gosto dele (Caso 21 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe fica brava, quando eu não obedeço. Eu fico emburrado. Podia ser diferente, se eu obedecesse. Acho que isso acontece porque eu tenho o gênio ruim (Caso 40 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe me bate... Eu choro... Podia ser diferente. Porque é conversando que a gente se entende (Caso 50 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe me bate e eu xingo ela. Podia ser diferente sim, a gente devia conversar, em vez de gritar, mas minha mãe é nervosa (Caso 52 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando não atendo os meus pais apanho e fico de joelhos (Caso 54 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não obedeço, porque tenho preguiça. Eles reclamam, mas não me incomodo (Caso 59 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe fica brava, quando não obedeço. Acho que não precisava disso. Isso acontece porque tem vezes que ela está com raiva e quer descontar em alguém (Caso 60 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu não atendo meus pais, quando eles pedem ou falam, aí eles me batem (Caso 61 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe me dá castigo e cintada. Podia ser diferente, ela não bater. Ela me bate, porque meu irmão briga comigo (Caso 68 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu apanho. Podia ser diferente, falar e não bater (Caso 76 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha irmã me bate. Ela podia ser mais amiga e não bater... Ela faz isso porque não apanha (Caso 78 - SOS Ação Mulher e Família).

*Acho que não devia ter pancadas. Por isso, quero conhecer meu pai e morar com ele (*Caso 80 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe me bate, porque sou preguiçoso (Caso 84 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eles me castigam, eu choro e xingo. Acho que ninguém podia dar castigo (Caso 85 - SOS Ação Mulher e Família).

Ia ser bom se minha mãe não me batesse mais. Eu sei que ela me bate porque eu desobedeço (Caso 90 - SOS Ação Mulher e Família).

Eles ficam com raiva e me xingam quando não atendo eles. Eu aceito. Podia ser diferente, eu ser mais obediente, porque é o gosto das pessoas (Caso 93 - SOS Ação Mulher e Família).

De vez em quando eu apanho. Podia ser diferente sim, eu podia chorar mais (Caso 94 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu atendo mais ou menos eles. Quando não atendo, eu apanho. Eu choro. Acho que não podia ser diferente (Caso 96 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu não obedeço vem o ataque emocional da minha mãe. Acho que não podia ser diferente, eu sou meio 'paradão' (Caso 97 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando não obedeço, a pessoa devia de ser educada (Caso 98 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando não atendo, eu apanho. Isso acontece, porque eles gostam de mim (Caso 99 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu apanho da minha mãe. Eu aceito, porque eu não obedeço (Caso 100 - SOS Ação Mulher e Família).

Fico nervoso, porque a minha mãe fala e fala, quando eu não obedeço (Caso 103 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu não obedeço, eles me batem. Não sei se podia ser diferente... (Caso 106 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu aceito o que a minha mãe fala. Não podia ser diferente, porque eu xingo (Caso 108 - SOS Ação Mulher e Família).

Eles me xingam, quando eu não obedeço. Acho que podia ser diferente, em vez de xingar conversar (Caso 109 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai me bate de machucar. Às vezes, eu me escondo. Podia ser diferente, sem apanhar (Caso 110 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe podia não me bater mais (Caso 111 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu não atendo, minha mãe bate. Não pode ser diferente, porque eu faço coisa errada (Caso 113 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu fico de joelhos e levo cintada da minha mãe. Podia ser diferente, se eu fosse mágico. Porque aí, eu ia escapar (Caso 114 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe bate, não sei por que. Aí, eu vou deitar (Caso 115 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu apanho e choro. Eu apanho, porque faço coisa errada (Caso 117 - SOS Ação Mulher e Família).

Mamãe me coloca, no alto, em cima da máquina de lavar, para eu ficar pensando o que eu fiz... Eu aceito... Podia ser diferente, eu podia ficar trancada no quarto, porque em cima da máquina eu tenho medo (Caso 119 - SOS Ação Mulher e Família).

Eu fico sem sair, quando não obedeço. Eu respondo, porque fico irritado (Caso 120 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando não atendo, eu apanho. Não pode ser diferente, porque eu faço bagunça e apronto (Caso 122 - SOS Ação Mulher e Família).

Quando eu não atendo eles, eles me xingam. Eu me tranco no quarto. Acho que não podia ser diferente, porque eu irrito eles também, às vezes (Caso 123 - SOS Ação Mulher e Família).

Eles me xingam, quando não obedeço, aí, eu xingo eles, também. Acho que podia ser diferente, se a situação fosse outra e se houvesse amizade entre todos (Caso 124 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe fica brava, quando não atendo. Eu aceito.Podia ser diferente, ela podia me bater. Ela não faz isso, porque ela gosta de mim (Caso 127 - SOS Ação Mulher e Família).

Meu pai fica zangado, quando eu não atendo ele. Não podia ser diferente, porque os castigos que ele me dá é bom prá eu ser uma pessoa boa quando crescer (Caso 128 - SOS Ação Mulher e Família).

Minha mãe bate muito (Caso 1 – Crami).

Minha mãe grita comigo. Eu aceito. Não podia ser diferente, porque eu não obedeço (Caso 2 – Crami).

Eu fico trancado no quarto escuro. Minha mãe faz isso, porque eu apronto (Caso 3 – Crami).

O couro come, quando não atendo minha mãe. Porque eu faço coisas que ela não quer (Caso 4 – Crami).

Eu apanho do meu pai. Eu choro e fico nervoso. Acho que podia ser diferente: ter um pai legal (Caso 5 – Crami).

Minha mãe me bate. Podia ser diferente, ela não bater na gente, porque dói (Caso 6 – Crami).

Às vezes, eu apanho. Eu aceito. Não podia ser diferente, porque eu faço coisa errada (Caso 8 – Crami).

Eu levo surra do meu pai. Ele me xinga e eu falo. Acho que podia ser diferente, ele ficar legal, porque eu acho que ele está doente (Caso 9 – Crami).

Meu pai e minha mãe me batem. É porque eu faço bagunça (Caso 10 – Crami).

Minha mãe me bate, porque fica nervosa (Caso 11 – Crami).

Minha mãe me bate e dá bronca. Eu aceito. Podia ser diferente, sim. Minha mãe não bater. Isso acontece porque tem vezes que eu não obedeço (Caso 12 – Crami).

Meu pai me bate, eu xingo ele. Não sei se podia ser diferente. É porque ele manda eu fazer as coisas e eu não faço (Caso 13 – Crami).

Isso tudo podia ser diferente, eles não batendo em mim (Caso 14 – Crami).

Eu apanho da minha mãe, de cinta, devagar; e, de chinelo. Eu me escondo. Não podia ser diferente porque eu fico brincando e mando ela esperar (Caso 15 – Crami).

Quando eu não obedeço o meu pai, a casa cai. Ele começa a me bater, eu xingo ele. Ele diz que eu sou a causa de tudo. Tudo o que acontece com ele, sou eu. Acho que podia ser diferente, ele compreendendo mais. A bebida incomoda e não leva a nada (Caso 16 – Crami).

Eles não são bom. Maltrata e não dá alimento prá gente. Quando eu não atendia na hora que eles falava, eles me batia (Caso 17 – Crami).

Minha mãe, ela me coloca atrás da porta. Meu pai fica bravo comigo. Eu choro. Podia ser diferente, porque quando ele fala, eu fico chateado (Caso 20 – Crami).

Meus pais são legais. Eles me batem, porque eu faço bagunça (Caso 22 – Crami).

A disciplina é indispensável para uma criança ou um adolescente. Ela é essencial para o crescimento e o desenvolvimento sadios e constitui parte integrante do aprendizado. No entanto, ela não é sinônimo de castigo e, também, não justifica que este seja usado de forma indiscriminada e violenta.

O que observamos, na maioria dos relatos das crianças e adolescentes, castigados, era a dissociação do castigo, em geral, da disciplina. Muitas vezes, nem chegava a ocorrer um mau comportamento e a criança ou o adolescente eram penalizados de forma brutal. Parecia que, em algumas ocasiões, esta situação era usada para satisfazer ou resolver conflitos internos dos agressores.

Estas atitudes geravam expressões e sentimentos de revolta em uma parte desta população entrevistada. As relações com os progenitores agressivos eram confusas e acarretavam sentimentos de desproteção e insegurança, no relacionamento com os mesmos.



5. CONCLUSÃO

Neste estudo, procuramos compreender a família segundo a abordagem da Teoria Crítica. Consideramos a família como uma unidade de relacionamento social, no interior da qual hábitos, valores e padrões de comportamento são transmitidos a seus membros, configurando, assim, unidades de socialização e de reprodução ideológica (BRUSCHINI, 1993).

A família é um grupo social composto de indivíduos diferenciados pelo sexo e pela idade, que se relacionam gerando uma complexa trama de emoções. A divisão interna de papéis pode ser a expressão de importantes relações de poder, dominação e submissão, visto que, de acordo com BRUSCHINI (1993), se configura numa distribuição de privilégios, direitos e deveres dentro do grupo.

Desta forma, em nosso estudo, o aspecto semi – estruturado do instrumento utilizado permitiu que, mediante as respostas a algumas situações, viessem à tona opiniões e atitudes dos pais e (ou) responsáveis, dos grupos SOS e Crami em relação à violência doméstica contra as crianças e os adolescentes. Suas respostas evidenciaram que a maioria destes, ao utilizar, rotineiramente, o castigo físico como forma de disciplina, acreditava na sua eficiência, o que contrastou com os pais do grupo comparativo.

Pela análise das histórias de vida foi possível constatar gestações não desejadas ou ocorridas sem um planejamento e, em alguns casos, a falta de amadurecimento físico e emocional, levando a uma união igualmente imatura. As situações de 'fuga para o casamento' também foram relatadas como formas de 'resolver' o problema da violência em seus lares.

As mães e (ou) responsáveis entrevistadas apresentaram os pais e (ou) responsáveis das crianças e (ou) adolescentes como figuras bastante agressivas, às vezes emocionalmente comprometidas, com atitudes manipuladoras nas situações domésticas. A irresponsabilidade e a exploração do trabalho, em casa, foram fatores freqüentemente relatados .

Os poucos pais e (ou) responsáveis, do sexo masculino, que aceitaram ser entrevistados, de alguma forma correspondiam, por seus discursos, aos modelos criados pelas mães e (ou) responsáveis. Eles tinham poucas obrigações nos lares, não se sentiam tão responsáveis pela manutenção da casa, principalmente quando a mulher trabalhava fora. Alguns se comportavam como verdadeiros filhos mais velhos, acarretando às mulheres uma responsabilidade a mais. Esta, na maioria das vezes, era assumida por elas como um 'destino' ou um ofício, que deveria ser bem desempenhado, para que pudesse lhes trazer uma melhora na sua auto – estima e diminuição da culpa pelo que acontecia com a sua família.

As dificuldades em dissolver as uniões eram tanto dos pais e (ou) responsáveis quanto das mães e (ou) responsáveis, em geral. As justificativas eram várias e, na maioria das vezes, fundamentadas nos aspectos econômicos. Algumas mulheres relataram transtornos mentais e comportamentais, além de distúrbios orgânicos, em suas histórias de vida. No entanto, eram mais fortes as projeções e racionalizações descritas, na tentativa de manter ou justificar as situações.

Os sentimentos colocados pelas crianças e adolescentes diante das cenas de violência vividas em seus lares, eram, com freqüência, tristes e de revolta. Eles se sentiam confusos e, muitas vezes, obrigados a 'tomar partido', na relação. Os sonhos apresentavam conteúdos de terror e de angústia, expressando, simbolicamente, o que ocorria durante o dia, em suas vidas.

Na disciplina, as atitudes se misturavam em : rebeldia, revolta, complacência, indiferença, compreensão e, algumas vezes, culpa. Algumas crianças elaboravam estratégias para se livrar da punição; outras, tentavam substituições para estas.

A partir dos dados quantitativos coletados com relação à primeira hipótese constatamos que foi possível confirmar a existência de maior incidência dos fatores de risco à segurança e integridade psicofísica das crianças e adolescentes, nas famílias agressivas, que suportam e mantêm o comportamento agressivo entre os seus membros, em relação ao grupo comparativo.

SUMÁRIO – Volume III

	PÁG.
5. CONCLUSÃO	1
6. SUMMARY	9
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	12
8. ANEXOS	38

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Percebemos na nossa pesquisa os mesmos fatores de risco ocorrendo em todas as famílias, muitos deles em proporções mais altas nos grupos em estudo, apresentando resultados significativos em relação ao grupo comparativo. Destacamos entre eles : relação conjugal violenta (agressão sem lesão – SOS – 68,0%; Crami – 40,7%; comparativo - 6,5%; agressão com lesão – SOS – 48,5%; Crami – 33,3%; comparativo – 2,4%); a gestação agitada (SOS – 24,8%; Crami – 26,9%; comparativo – 13,7%) e com problemas emocionais (SOS – 11,0%; Crami – 15,4%; comparativo – 4,8%); violência doméstica, nas famílias de origem das mães e (ou) responsáveis do sexo feminino (SOS - 36,4%; Crami - 68,2%; comparativo - 29,4%); violência doméstica, nas famílias de origem dos pais e (ou) responsáveis do sexo masculino (SOS – 46,2%; CRAMI – 14,3%; COMPARATIVO – 3,4%); transtornos mentais e comportamentais nos entrevistados e (ou) nos familiares dos grupos de pais e (ou) responsáveis (SOS - 49,3%; Crami - 59,3%; comparativo - 29,8%); dependência alcoólica nos grupos de pais e (ou) responsáveis, do sexo masculino - SOS - 62,7%; Crami - 44,4%; comparativo - 14,5%; síndrome de dependência de substâncias psicoativas, do sexo masculino - SOS - 13,4%; Crami 18,5%; comparativo - 4,0%); e castigo pelo baixo desempenho escolar (SOS – 21,6%; Crami – 11,1%; comparativo – 0,0%).

A partir dos dados quantitativos levantados na pesquisa, podemos dizer que as relações familiares violentas foram os eventos que se mostraram mais significantes, nesta área do estudo. É possível que estas relações possam, muitas vezes, aumentar o nível de insatisfação familiar, acarretando no uso da violência contra as crianças e os adolescentes . Estes aspectos foram confirmados pelas histórias de vida dos participantes dos grupos em estudo. A violência doméstica, nas famílias de origem dos pais e (ou) responsáveis, e o desempenho escolar baixo, levando à punição, mostraram-se fatores de risco importantes, que também devem ser ressaltados.

É importante afirmar que o abuso de substâncias psicoativas e a dependência alcoólica dos grupos em estudo são fatores adicionais nas diferentes formas de violência doméstica contra a criança e o adolescente, por suas interações com os fatores da dinâmica familiar. Em geral, a maioria daqueles que cometem violência estão sóbrios.

Foi possível perceber, pelos relatos no decorrer das entrevistas, que as formas como os fatores de risco eram vivenciados, nas famílias em situação de violência doméstica, eram, qualitativamente, mais intensas e com conseqüências para todos os seus membros. Podemos ainda supor, que os dados quantitativos, anteriormente descritos, foram fatores importantes no desencadeamento da situação desestruturante na família.

Convém destacar que apesar de uma de nossas amostras ter sido coletada em uma Instituição cujo objetivo é acolher denúncias de violência conjugal, esta situação não deixou de ocorrer no outro grupo em estudo (Crami), em um percentual alto, em relação ao grupo comparativo.

Não foi possível confirmar a hipótese de maior incidência de transtornos do desenvolvimento psicológico (F80 a F89), do comportamento e emocional que aparecem habitualmente durante a infância e adolescência (F90 a F98), nas crianças e (ou) adolescentes vítimas de violência doméstica, que pudessem prejudicar os seus desenvolvimentos psicossociais, em relação ao grupo comparativo.

Alguns resultados em relação ao comportamento das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica foram estatisticamente diferentes em relação ao grupo comparativo. A obediência às regras, de forma geral (SOS - 87,4%; Crami - 77,8%; comparativo - 94,2%), o que pode ter sido um dos fatores a acarretar problemas com os professores (SOS - 18,6%; Crami - 11,1%; comparativo - 7,9%).

A obediência aos pais e (ou) responsáveis obteve uma pequena diferença entre os grupos do estudo e o grupo comparativo (SOS - 86,7%; Crami - 88,5%; comparativo - 97,3%), provavelmente associada ao modo como as regras são estabelecidas e as atitudes são cobradas, no seio da família.

Em virtude da situação de vida familiar em que estas crianças e adolescentes viviam ou viveram em seus lares, havia uma percepção maior por parte dos pais e (ou) responsáveis, dos grupos do estudo, de uma aparência preocupada ou a declaração explícita deste sentimento pelos seus filhos (SOS - 71,4%; Crami - 71,0%; comparativo - 57,6%). Nas

respostas dos pais e (ou) responsáveis destes grupos seus filhos estavam preocupados com a situação do casal ou com um dos responsáveis. O grupo comparativo apresentou respostas de preocupações ligadas à escolaridade e à situação financeira da família.

Pode ser constatado, durante as entrevistas, que muitas destas crianças e adolescentes dos grupos do estudo, apesar de sofridos e marcados, física e psicologicamente, por seus pais e (ou) responsáveis, ainda encontravam forças ("resilience") para 'driblar' este destino inevitável, até aquele momento, e seguiam suas vidas, sonhando, esperançosos, com um futuro melhor. Entretanto, apesar destas dificuldades muitos deles demonstraram bom desempenho social. Segundo alguns autores, (BERMAN, 1993; HELLER *et al.*, 1999),ao se voltarem para os seus colegas estão criando um caminho para o seu dia-a-dia e poderão, no futuro, construir um ambiente de paz., o inverso.

É importante destacar que, apesar do nosso trabalho ter chegado a estas conclusões, não foi considerado o tempo de exposição à situação violenta. É provável que algumas agressões denunciadas, na época, com o decorrer do tempo, possam ser agravadas e acarretar efeitos mais danosos a estas crianças e adolescentes, quanto à sua saúde mental. O instrumento utilizado para a avaliação dos fatores emocionais, numa outra ocasião, poderá ser mais específico para esse fim, como por exemplo, um inventário para a avaliação de comportamentos na infância e adolescência, assim como, um instrumento que possibilite a avaliação das relações familiares.

Uma outra situação a ser ressaltada é a idade da amostra das crianças e adolescentes, em nossa pesquisa, que facilita o seu relacionamento fora do meio familiar, permitindo uma maior autonomia.

Muitos trabalhos (BROWN,1991; CONSENTINO *et al.*, 1993; LIVINGSTON *et al.*, 1993; SALZINGER *et al.*, 1993; BALBERNIE, 1994; LUNTZ *et al.*, 1994; MIAN *et al.*, 1994; STEIN, 1994) que afirmavam haver maior incidência de transtornos emocionais e de comportamento, com início usualmente na infância e adolescência, prejudicando o desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes que sofrem violência doméstica, não utilizavam grupo comparativo, trabalhavam com amostras de adultos vítimas de

violência doméstica na infância ou usavam amostras de crianças e adolescentes afastados de seus lares, isto é, sós, em situações institucionais, ou acompanhados de suas mães em casas-abrigo.

Desta forma, podemos pensar na importância da família para estas crianças e adolescentes. É preferível, quando há possibilidade, manter a criança ou adolescente junto à família, no seu meio social, porém com tratamento. Em casos extremos, quando ocorre a necessidade de separação da criança e do adolescente do seu lar, isto não deve significar uma ruptura dos laços familiares. Devemos, como profissionais, fazer o máximo para que esta separação tenha um caráter terapêutico, isto é, crie a possibilidade de estabelecer, a partir de um tratamento, um novo tipo de relação, mais satisfatória, entre pais e filhos.

Em trabalhos futuros, seria interessante avaliarmos aspectos psicossociais de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, que tiveram de ser afastados dos seus lares, a inserção deles em famílias substitutas ou instituições apropriadas e as medidas terapêuticas e judiciais utilizadas, nestes casos, em relação à família, ao (à) agressor (a) e à (s) criança (s) e (ou) adolescente (s) em situação de violência doméstica.

Outro aspecto importante seria avaliarmos algumas características da personalidade das crianças e dos adolescentes em situação de violência doméstica, afastados de seus lares, em relação a outros que permanecem em seus lares e ainda, um grupo comparativo de crianças e adolescentes que não passaram por esta situação.

Segundo AZEVEDO & GUERRA (1989), a infância ,vítima de violência, é tão variada quanto os meios de violentar crianças e adolescentes. As crianças vítimas de violência formam, no Brasil, um país chamado Infância, que está longe de ser risonho e franco. Para DIMENSTEIN (1995), tudo é urgente. *É urgente estabelecer como meta que nenhuma criança deveria ficar fora da escola.* E acrescenta : *Não existem crianças abandonadas, existem famílias abandonadas* .

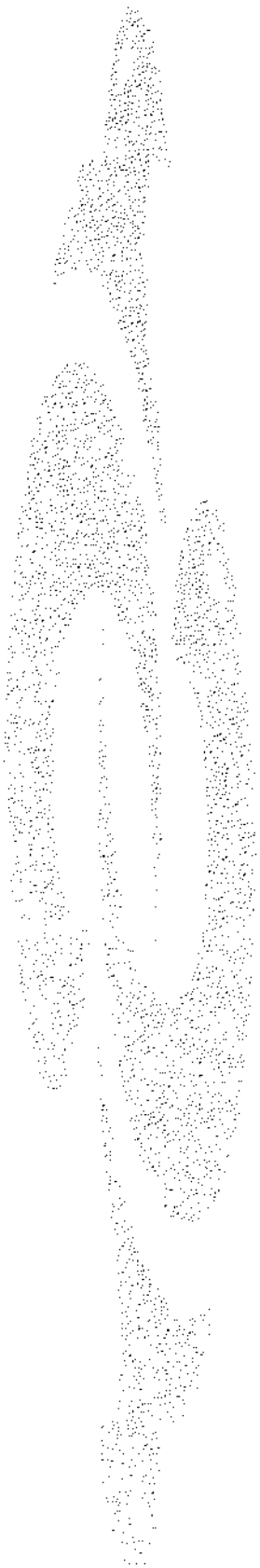
É necessário trabalharmos pelo surgimento de uma nova 'cultura' da infância e do adolescente, numa sociedade mais democrática que valorize estes jovens na prática e não, apenas, no discurso. Enquanto a família for um meio privilegiado de desigualdades de gêneros e de gerações, vamos encontrar todos os tipos de violências. A prevenção da violência na família não deve simplesmente limitar-se ao desenvolvimento de discriminações perceptuais e superficiais, sem abranger as relações entre pais e filhos.

A realidade da violência doméstica somente será conhecida a partir da disseminação do conhecimento sobre o tema, estimulando um amplo debate sobre as normas educativas familiares em todas as instituições sociais. É de real importância a criação de espaços de reflexão sobre a relação entre pais e filhos, em torno das questões concretas com que se defrontam e que estão sujeitas aos mais variados tipos de estresses.

É preciso aumentar a visibilidade deste fenômeno, tirá-lo da clandestinidade e romper o complô do silêncio de que ele se nutre para sobreviver e atacar cada vez mais nossas crianças e adolescentes. Projetos de prevenção não acabarão com a violência doméstica contra as crianças e adolescentes, mas seguramente, viabilizam caminhos que permitem uma abordagem mais real e digna desta problemática.

De acordo com AZEVEDO & GUERRA (1989), uma compreensão crítica do processo de produção da violência doméstica no contexto socioeconômico e cultural da sociedade deve ser realizada. Uma política eficaz que realmente previna e combata a violência necessitaria de um resgate da cidadania destas crianças e adolescentes.

Parafraseando ARENDT (1994): **"O que todos os seres humanos necessitam é de um lugar no mundo que dê significado às opiniões e realidades dos atos. Só a perda da cidadania expulsa o homem da humanidade".**



6. SUMMARY

The purpose of this study was to investigate the psychosocial aspects of domestic violence practiced against children and adolescents. Various aspects of life affect the family and produce this phenomenon, which cannot be understood without considering the situations in which these families live and the effect it has on their relationships.

An investigation was conducted of the demographic, socioeconomic, environmental and cultural aspects of families with reports of domestic violence and families where there was no domestic violence. The objective was to identify the influence of these aspects on the phenomenon of violence. A survey of the personality traits of the children and (or) adolescents, the victims and the non –victims, was conducted. The domestic aggressors were identified through the reports registered at institutions and based on the victims' accusations.

The study sample consisted of 154 families with reports of domestic violence registered at different institutions (SOS Woman and Family and Crami); 119 families with no reports of domestic violence; 199 children and adolescents who had suffered domestic violence; and 146 children and adolescents against whom no domestic violence was practiced up to this date.

The adults, children and adolescents belonging to the SOS Woman and Family and Crami groups and the children in the control group were interviewed at their homes using semi- structured interviews to collect data. These interviews consisted of open and closed questions on the life history of these families and their inter- relationships (dating , marriage, pregnancies , relationships etc.) and also included specific as well as general questions on the different aspects of domestic violence .

Quantitative analysis was carried out using non parametric statistical methods and qualitative analysis by analyzing the most frequent topics that appeared in the reports submitted by family members on domestic violence against children and (or) adolescents.

When families with cases of violence against children and (or) adolescents were compared to families without any history of violence, the most predominant risk factors were marital violence (aggressions with or without lesions), domestic violence by parents

and /or members responsible for the family, tumultuous pregnancies accompanied by emotional problems and poor performance at school. When this group of children and adolescents who had suffered domestic violence were compared with the control group they did not present any psychological disorders (F80 – 89) or behavioral and emotional problems that commonly appear during childhood and adolescence and hamper their psychosocial development.

The most effective measures for preventing and facing domestic violence are interdisciplinary action and the wholehearted participation of the entire society.



7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. & SALAS, E. - **A paternidade. Um enfoque psicanalítico.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1984. 95p.

ACKERMAN, N. - **Diagnóstico e tratamento das relações familiares.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1986. 355p.

ACKERMAN, P.; NEWTON, J.; MCPHERSON, W.; JONES, J. DYKMAN, R. Prevalence of post traumatic stress disorder and other psychiatric diagnoses in three groups of abused children (sexual, physical and both). **Child abuse and neglect, 22 (8):** 759 - 774, 1998.

ADORNO,T & HORKHEIMER, M. Sociologia da Família. **In**: CANNEVACCI, M. - **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva.** São Paulo, Brasiliense, 1976. p. 213 -222.

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. (Org.). - **Temas básicos de Sociologia** São Paulo, Cultrix, 1978. 137p.

AJURIAGUERRA, J. & MARCELLI, D. - **Manual de psicopatologia infantil.** Porto Alegre, São Paulo, Artes Médicas, Masson, 1986. 454p.

ALMEIDA FILHO, N. - Development and assessment of the QMPI: a brazilian children's behaviour questionnaire for completation by parents **Soc.Psychiatry 16**;205-211,1981.

ARENDT, H. - **Sobre a violência.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994. 114p.

ARIÈS, P. - **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978. 279p.

ASSIS, S. - **Crescer sem violência. Um desafio para educadores.** Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz / CLAVES, 1994a. 32p.

ASSIS, S. - Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. **Cad. Saúde Públ., 10** (supl. 1.): 126 - 134, 1994b.

ASSIS, S. - O abuso físico na adolescência. In: MARQUES, M. A. (Org.) - **Violência doméstica contra crianças e adolescentes.** Petrópolis, Vozes, 1994c. p. 35 - 49.

AZEVEDO, M. A. Notas para uma teoria crítica da violência familiar contra crianças e adolescentes. In: AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. N. de A. (Org). **Infância e violência doméstica: as fronteiras do conhecimento.** São Paulo, Cortez,1993. p.25 – 47.

AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. - **Apostila IV TELELACRI - Infância e Violência doméstica.** São Paulo, Laboratório dos Estudos da criança / USP, 1997. 3 vol.

AZEVEDO, M A. & GUERRA, V. - **A violência doméstica na infância.** São Paulo, Robel, 1995. 125p.

AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. - Vitimação e vitimização: questões conceituais. **In**: _____. - **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.** São Paulo, Iglu, 1989. 211p.

BACHELARD, C. - A poética do espaço: In: **Os pensadores**. São Paulo, Abril Cultural S.A., 1988. 155p.

BADINTER, E. - **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 370p.

BALBERNIE, R. There is no such thing as an abused child. **British J. of Psychot.11(1)**: 20-31,1994.

BARDIN, L. - **Análise do conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1991. 227p.

BARROS, C.S.G. - **Pontos de Psicologia do desenvolvimento.** São Paulo, Ática, 1991. 174p.

BEE, H. - **A criança em desenvolvimento.** São Paulo, Harper & Row, 1977. 319p.

BEEZLEY, P. J. - Modernas opções de tratamento. In. AZEVEDO,M. A. & GUERRA, V. N. (Org.) **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.** São Paulo, Iglu, 1989. p. 185 – 197.

BEIGUELMAN, Bernardo. - **Curso prático de Bioestatística**. Ribeirão Preto, Rev. bras. Gen, 1994. 231p.

BEISSMAN, D. Pesquisa revela que mulher reage à violência. **FOLHA DE SÃO PAULO. Folha Sudeste. Comportamento.** 22 de janeiro de 1995.

BELSKY, J. - Child maltreatment. Na ecological integration. **American Psychologist, 35(4):** 320 - 335, 1980.

BERMAN, P. S. – Impact of abusive mairtal relationships on children. In: HANSEY, M. & HARWAY, M. – **Battering and family therapy. A feminist perspective.** London, Sage, 1993. 134 – 146p.

BERNSTEIN, B. - Estrutura social, linguagem e aprendizagem. **In**: PATTO, M. A. **Introdução à Psicologia escolar.** São Paulo, Queirós, 1991. 128 – 151p.

BOCK, A. M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. – **Psicologias. Uma introdução ao estudo da Psicologia.** São Paulo, Saraiva, 1993. 320p.

BOTT, E. - **Família e rede social.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. 276p. BRONFENBRENNER, V. - **The ecology of human development experiments.** Cambridge, Harvard Press, 1979. 256p.

BROWN, G. & ANDERSON, B. Psychiatric morbidity in adult inpatients with childhood histories of sexual and physical abuse. **Am.J. Psychiatry 148(1):**55-61,1991.

BROWN, J.; COHEN, P.; JOHNSON, J.; SALZINGER, S. A longitudinal analysis of risk factors for child maltreatment: findings of a 17- year prospective study of officially recorded and self-reported child abuse and neglect. **Child abuse and neglect, 22 (11):** 1065 - 1078, 1998. BRUSCHINI, C. - **Mulher, casa e família.** São Paulo, Fund. Carlos Chagas / Vértice,1990. 221p.

BRUSCHINI, C. - Teoria crítica da família. **In**: AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. (Org.). - **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento.** São Paulo, Cortez, 1993. p. 49 – 79

CABRAL, M. A. A. - **Estudo descritivo de 62 histórias de vida de presidiários confinados em cárceres superpopulosos na região de Campinas - São Paulo.** Campinas, 1989. (Tese de Livre Docência em Psiquiatria e Saúde Mental - Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP).

CABRAL, M. A. & CARNEIRO, S. L. M.A. **Estudo de agressões domésticas não notificadas judicialmente na população de mulheres atendidas no Ambulatório de Saúde Mental do Hospital Central da UNICAMP em 1997.** Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 1997. Trabalho de Pesquisa.

CAMBRIDGE International Dictionary of English. – Cambridge, University of Cambridge,1996. 1774p.

CANNEVACCI, M. – Adorno e Horkheimer. **In**: CANNEVACCI M. (Org.) – **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva.** São Paulo, Brasiliense, 1976. p. 210-212.

CARSWELL, W. A. - Perfil de um grupo de pais perpetradores de maus tratos e dos filhos - suas vítimas. Ribeirão Preto, 1990. (Tese de Doutorado em Enfermagem - Faculdade de Enfermagem, Universidade de São Paulo).

CASTILLO, M.; GOMEZ, H.; FRIAS, J. Maltrato infantil: revisión de 25 casos. **Arch. Domin. Pediatr., 24 (1):** 7 - 14, 1988.

CATALAN, N.; LÓPEZ, D.; PÉREZ, P.; ZÚÑIGA, P.; TOR, G.; CIOCCA, P. Parental attitude and practice regarding physical punishment of school children in Santiago de Chile. **Child abuse and neglect, 19 (9):** 1077 - 1082, 1995.

CÉLIA, Salvador. Maltrato e negligência. Intervenção a nível preventivo. In: LIPPI, J.R. da S. (Ed). - **Abuso e negligência na infância. Prevenção e direitos.** Rio de Janeiro, CEN, 1990. 219p. p. 43-50.

CENTRO REGIONAL DE ATENÇÃO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA. - **Relatório de atividades anual.** Campinas, 1995. 20p.

CHÉNARD, L. -... et les enfants. **In**: RINFRET – RAYNOR, M. &

CANTIN,S. **Violence conjugale. Recherches sur la violence faite aux femmes en milieu conjugale.** Québec, Gaëtan Morin, 1994. p. 113 – 130.

CHESNAIS, J. C. - **Histoire de la violence en Occident de 1800 à nos jours.** Paris, Robert Laffond, 1981. 436p.

CHODOROW, N. - **Psicanálise da maternidade.** Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990. 319p.

CIOL, M. **Correspondência referente ao o tamanho da amostra.** Campinas, Comissão de Pesquisa FCM - UNICAMP. Março, 1996.

COHEN, C. - **O incesto. Um desejo.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993. 177p.

CONSENTINO, C.; MEYER-BAHLBURG, H.; NAT, R.; ALPERT, J.; GAINES, R. Cross-gender behaviour and gender conflict in sexually abused girls. **J. Am. Acad. Child Adolesc .Psychiatry, 32(5):** 940 – 947,1993.

CONSTANTINE, L. & MARTINSON, F. - **Sexualidade infantil. Novos conceitos. Novas perspectivas.** São Paulo, Roca 1984. 255p.

COOPER, D. - **A morte da família.** 3 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1994. 157p.

CORDEIRO, A. M. - A criança e seus pais: amada ou violada ? **In**: STEINER, M. H. (Org.) **Quando a criança não tem vez. Violência e desamor.** São Paulo, Pioneiras Sociais, 1986. 55 – 62p.

CORRÊA, M. – A cidade de menores: uma utopia dos anos 30. In: FREITAS, M. C. de. (Org.) – **História social da infância no Brasil.** São Paulo, Cortez/ USF, 1997. p. 77 – 95.

CORRÊA, M. - **Morte em família.** Rio de Janeiro, Graal, 1983. 315p. CORRÊA, M. – Repensando a família patriarcal brasileira. Notas para o estudo da organização familiar no Brasil. In: _____. (Org.) **Colcha de retalhos. Estudos sobre a família no Brasil.** Campinas, UNICAMP, 1993. p.15 – 42.

CORSI, J. (Org.) - **Violência familiar: una mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social.** Buenos Aires, Paidós, 1994. 252p.

CUMMINGS,E.; ZAHN – WAXLER, C.; RADKE – YARROW, M. – Young 's children responses to expression of anger and affection by others in the family. **Child development, 52:** 1274 – 1282, 1981.

CURY, M.; SILVA, A.; MENDEZ, E. (Coord.) **Estatuto da criança e do adolescente comentado. Comentários jurídicos e sociais.** São Paulo, Malheiros, 1996. 783p.

D'ANDREA, F. - **Para que nasci ? Um estudo sobre as motivações da criança na idade escolar.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S. A., 1991. 120p.

DAMAZIO, R.L. - 3 ed. **O que é criança ?** São Paulo, Brasiliense, 1994. 57p.

DAMERGIAN, S. - Entre a vida e a morte: a violência contra a infância nos

grandes centros urbanos. In: STEINER, M. H. F. (Org.) - **Quando a criança não tem vez: violência e desamor.** São Paulo, Pioneira, 1986. p. 1 – 16.

DEBRAY – RITZEN, P. & MELEKIAN, B. – **Perturbações do comportamento da criança.** São Paulo, Círculo do Livro S. A. 1989. 176p.

DE LA BARRA, F.; ALVAREZ, P.; TOLEDO, V.; RODRIGUEZ, J.; NAVARRO, L. Pesquisa de maltrato infantil y juvenil. **Rev. Chil. Pediatr., 66(2):** 112 - 117, 1995.

DEL PRIORE, M. – O papel do branco, a infância e os jesuítas da Colônia. In: _____. (Org.)- **História da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. p. 10 – 27.

DEL PRIORE. M. & LONDOÑO, F. - Introdução. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991.p. 7-9.

DESLANDES, S. - **Prevenir a violência: um desafio para os profissionais de Saúde.** Rio de Janeiro, FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 1994. 39p.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Sócio Econômicos. - **Cresce a participação da mulher no trabalho.** Maio, 1997.

DIMENSTEIN, G. - **O cidadão de papel. A infância, a adolescência e os Direitos humanos no Brasil.** São Paulo, Ática, 1995. 157p.

DOBASH, R. P. & DOBASH, H. R. - The nature and antecedents of violent events. **British Journal of Criminology, 24 (3):** 269-288, 1984.

DODGE, K.; BATES, J. E; PETIT, G. S. Mechanisms in the cycle of violence. **Science, 250**: 1678-1683, 1990.

DOHMEN, M. L. - Abordaje interdisciplinario del sindrome de la mujer espancada. **In:** CORSI, J. (Org.) - **Violência familiar: una mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social.** Buenos Aires, Paidós, 1994. 252p.

DONZELOT, J. – **A polícia das famílias.** Rio de Janeiro, Graal, 1986. 209p.

EMERY, E. R. Family violence. **American Psychologist, 44 (2):** 321 - 328, 1989.

FELITTI, V. & ANDA, R. & NORDENBERG, D. & WILLIAMSON, D. & SPITZ, A. EDWARDS, V. & KOSS, M. & MARKS, J. Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. **Am. J. Prev. Med., 14 (4):** 245 - 258, 1998.

FERGUSSON, D. & HORWOOD, L. Exposure to interparental violence in childhood and psychological adjustment in young adulthood. **Child abuse and neglect, 22 (5):** 339 - 357, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. - **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

FITZGERALD, H.; STROMMEN, E.; MCKINNEY, J. P. - **Psicologia do desenvolvimento.** Rio de Janeiro, Campus, 1983. 3v. FOLHA DIRIGIDA. - **Suplemento especial sobre Educação.** Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1998. p.1.

FONTANA, V. J. – Physical abuse of children. **Pediatrics, 45:** 509 - 510, 1970. FORWARD, S. & BUCK, C.- **A traição da inocência**. Rio de Janeiro, Rocco,1983. 221p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade. I. A vontade de saber.** Rio de Janeiro, Graal, 1979. 152p.

FREIRE, P. - **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 150p.

FREITAG, B. – **A teoria crítica ontem e hoje.** São Paulo, Brasiliense, 1994. 184p.

FREITAS, M. C. - Para uma sociologia histórica da criança. In: FREITAS, M. C. - **História social da infância no Brasil.** São Paulo, Cortez, 1997. 9 -16p.

FREUD, A. **Infância normal e patológica.** Rio de Janeiro, Zahar, 1971. 213p. FREUD, S. (1900) La interpretacion de los sueños. In:_____. – **Obras completas. Tomo I.** Madrid, Nueva, 1973. p. 343 – 720.

FURTADO, B. Guerra à miséria que mora ao lado. **O GLOBO. O PAÏS.** 11 de junho de 1995. p. 8.

GABLE, S. - School age and adolescent children's perceptions of family functioning in neglectful and non - neglectful families. **Child Abuse and Neglect, 22 (9)**: 859- 867, 1998.

GALARDO, J. P. - As crianças mártires: o ponto de vista de um especialista em Educação Física. **In**: STEINER, M.H. (Org.) - **Quando a criança não tem vez. Violência e desamor.** São Paulo, Pioneira, 1986. p.17 -28.

GARBARINO, J. & GILIANO, G. - **Understanding abusive families.** Massachussetts, Lexington Books, 1980. 354p.

GAUDIN, J.; POLANSKY, N.; KILPATRICK, A.; SHILTON, P. Family functioning in neglectful families. **Child abuse and neglect, 20 (4):** 367 - 377, 1996.

GELLES, R. J. **Family violence.** London, Sage Pub., 1979. 289p. GELLES, R. J. Poverty and violence toward children. Special issue: the impact of poverty on children. **Am. Behav. Sc., 35**: 258 - 274, 1992.

GELLES, R. & STRAUS, M. - Violence in american family. **J. of Social Issues, 35** (2): 15 - 28, 1979.

GEORGE, C. & MAIN, M. Social interactions of young abused children: approach, avoidance and aggression. **Child development, 47:** 306 - 318, 1979.

GEUSS, R. - **Teoria crítica. Habermas e a Escola de Frankfurt.** Campinas, Papirus, 1988. 160p.

GIANNOTTI, J. - Notas sobre a categoria 'modos de produção'para uso e abuso dos sociólogos. In: **Estudos CEBRAP, 17:** 258, 1976.

GIL, D.G. – Physical abuse of children: findings and implications of a nationwide survey. **Pediatrics (Suppl.), 44:** 857- 864, 1969.

GOLDBERG, M. A. - **Educação sexual: uma proposta, um desafio.** São Paulo, Cortez, 1988. 117p.

GOLDSTEIN, J.; FREUD, A.; SOLNIT, A. O terrível dilema: muito cedo, muito tarde, muito, muito pouco... **In**: - AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. In: - **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.** São Paulo, Iglu, 1989. 171 – 173.

GOLDSTEIN, P. Targeting interventions at substance abuse problems - impact of drug related violence. **Pub. Health Rep., 102:** 625 - 627, 1987.

GORDON, L. - **Heroes of their own lives. The politics and history of family violence. Boston 1880 - 1960.** New York, Penguin Books, 1988. 383p.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Normas para a apresentação gráfica de dados: tabelas.** Governo do Estado do Paraná. Curitiba: IPARDES, 1995. 57p.

GREEN, A. H. Child abuse, dimensions of psychological trauma in abused children. **J. Am. Acad. Child Psychiatry, 22(3):** 231 - 237, 1983.

GREENSPAN,S. & GREENSPAN, N. - **Entrevista clínica com crianças.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. 247p.

GREVEN, B. - **Spare the child.** New York, Vintage Books, 1992. 387p. GRIZENKO, N & FISHER,C. - Review of studies of risk and protective factors for psychopathology in children. **Can.J.Psychiatry 37:** 711-721,1992.

GROUP FOR THE ADVANCEMENT OF PSYCHIATRY. GAP. - **Distúrbios psicopatológicos na infância. Teoria e classificação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1990. 165p.

GRÜNSPUN, H. - **Distúrbios neuróticos da criança.** Rio de Janeiro, Atheneu, 1988. 635p.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada.** São Paulo, Cortez, 1998. 262p.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas.** São Paulo, Cortez, 1985. 233p.

GUERRA, V. N. A. & LEME, B. - Um tema controvertido: a negligência. In: **Apostila Infância e Violência doméstica.** São Paulo, IV TELELACRI / USP, 1997. V. I. p. B – I.

HARMER, A.; SANDERSON, J.; MERTIN, P. Influence of negative childhood experiences on psychological functioning, social support, and parenting for mothers recovering from addiction. **Child abuse and neglect, 23 (5):** 421 – 4 33, 1999.

HARRY B.;PIERSON,T.; KUSNETZOV, A. - Correlates of sex offender and offense traits by victim age. **J.Forensic Sci. 38(5):** 1068-74,1993.

HART, S. N. & BRASSARD, M. R. - Psychological maltreatment: progress achieved. **Development and psychopathology, 3:** 61-70, 1991.

HASKETT, M. & KISTNER, J. - Social interactions and peer perceptions of young physically abused children. **Child development, 62:** 979 - 990, 1991.

HELFER, R. - The neglect of our children. **Pediatric Clinics of North America, 37 (4):** 923-942, 1990.

HELLER,S. & LARRIEU, J. & D 'IMPERIO, R. & BORIS, N. Research on resilience to child maltreatment: empirical considerations. **Child abuse and neglect, 23(4):** 321 – 338, 1999.

HILTON (1992) N. Battered women's concerns about their children witnessing wife assault. **J. Interpers. Violence, 7:** 77 - 86, 1992.

HUGHES, H.; PARKINSON, D.; VARGO, M. Witnessing spouse abuse and experiencing physical abuse. **Journal of family violence, 4:** 197 – 209, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. - **Censo demográfico**. Rio de Janeiro, 1991. 178p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. - **Informações estatísticas geocientíficas.**

http://www.ibge.gov.br/informações/pnad/Sint96/conceito.html

JACKSON, S.; THOMPSON, R.; CHRISTIANSEN, E.; COLMAN, R.; WYATT, J.; BUCKENDAHL, C.; WILCOX, B. PETERSON, R. Predicting abuse – prone parental attitudes and discipline practices in a nationally representative sample. **Child abuse and neglect, 23 (1):** 15 –29, 1999.

JAFFE, P.; WOLFE, D.; WILSON, S. ZAK, L. Emotional and physical health problems of battered women. **Can. J. Psychiatry, 31:** 625 - 629, 1986.

JORNAL DO BRASIL. - Família de alcoólico também precisa de apoio. **Jornal do Brasil. Saúde.** Rio de Janeiro, 28 de abril de 1996. p. 24.

JUNQUEIRA, L. Aspectos sócio – jurídicos na intervenção. **In**: AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. In: - **Crianças vitimizadas: a síndrome do equeno poder.** São Paulo, Iglu, 1989. 171 – 173.

KAPLAN, H.; SADOCK, B.; GREBB, J. - **Compêndio de Psiquiatria. Ciências do comportamento e Psiquiatria clínica.** 7 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. 1169p.

KAPLAN, S. **Family Violence. A clinical and legal guide**. Washington, American Psychiatric Press, 1996. 332p.

KAUFMAN J. & ZIEGLER, E. Do abused children become abusive parents ? **Am. J. Orthopsychiatry, 57:** 186-92, 1987.

KEMPE, C.; SILVERMAN, F. N.; STEELE, B. F.; DROEGEMUELLER, W.;SILVER, H. K. - The battered child syndrome. **J. Am. Med. Ass., 181:** 17 – 24, 1962.

KENT, A. & WALLER, G. - The impact of childhood emotional abuse: an extensio of the child abuse and trauma scale. **Child Abuse and Neglect, 22 (5):** 393 - 399, 1998.

KÉROUAC, C. & TAGGART, M. E. – Portrait de la santé des femmes aux prises avec la violence conjugale. **In**: RINFRET – RAYNOR, M. & CANTIN, S. **Violence conjugale. Recherches sur la violence faites aux femmes en milieu conjugale.** Québec, Gaëtan Morin, 1994. p.97 – 111.

KILPATRICK, K & WILLIAMS, I. Post – traumatic stress disorder in child witnesses to domestic violence. **Am. J. Orthopsychiatry,67(4):** 639 – 644, 1997.

KILPATRICK, K. & WILLIAMS, L. Potential mediators of post - traumatic stress disorder in child witness to domestic violence. **Child abuse and neglect, 22 (4):** 319 - 330, 1998.

KLIMES - DOUGAN, B. & KISTNER,J. Phisically abused preschoolers responses to peers distress. **Developmental Psychology, 26:** 599 - 602, 1990 KNOBEL, M. - **Psiquiatria infantil psicodinâmica.** Buenos Aires, Paidós, 1977. 187p.

KOTCH, J.; BROWNW, D.; DUFORT, V.; WINSOR, J. Predicting child maltreatment in the first 4 years of life from characteristics assessed in the neonatal period. **Child abuse and neglect, 23 (4):** 305 – 319, 1999.

KRYNSKI, S. - Considerações gerais sobre a "criança maltratada". **In**: _____ (Coord.) **A criança maltratada.** São Paulo, Almed, 1986. p.1 – 10.

KUNITZ, S.; LEVY, J.; McCLOSKEY, J.; GABRIEL, K. Alcohol dependence and domestic violence as sequelae of abuse and conduct disorder in childhood. **Child abuse and neglect, 22 (11):** 1079 - 1091, 1998.

LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA. - **Apostila Epi info. Curso básico.** Laboratório de Informática. Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, 1996.

LAJOLO, M. – Infância de papel e tinta. **In**: FREITAS, M. C. (Org.) **História social da infância no Brasil.** São Paulo, Cortez?USF, 1997. p. 225 – 246.

LANGLEY, R. & LEVY, R. - **Mulheres espancadas.** São Paulo, Círculo do Livro S. A, 1980. 238p.

LASCH, C. - **Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada ?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. 252p.

LE BOULCH, J. - **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1982. 220p.

LEITE, M. L. A infância do século XIX segundo memórias e livros de viagem. **In**: FREITAS, M. C. (Org.) **História social da infância no Brasil.** São Paulo, Cortez / USF, 1997. p. 17 – 50.

LESNIK – OBERSTEIN, M. O abuso emocional da criança. **In**: KRYNSKI, S. (Coord.). – **A criança maltratada.** São Paulo, Almed, 1986. p.59 – 65.

LIMA, L. L. & VENÂNCIO, R. P. – O abandono de crianças negras no Rio de Janeiro. **In**: DEL PRIORE, M. (Org.). – **História da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. p. 61 – 75.

LIPPI, J. R. - Maltrato: um grave problema humano. **In**: KRYNSKI, S. (Coord.) - **A criança maltratada.** São Paulo, Almed, 1986. p.11 - 18.

LIPP, M. N.; SOUZA,E.; ROMANO, A.; COVOLAN, M. - **Como enfrentar o stress infantil**. São Paulo, Icone, 1991. 93p.

LIVINGSTON, R.; LANSON,L.; JONES, J. - Predictors of self-reported psychopathology in children abused repeatedly by a parent. **J.Am.Acad.Child Adolesc.Psychiatry, 32(5):** 948-53,1993.

LOBO, L. Nossas crianças maltratadas e tão espancadas. **In**: LIPPI, J. R. (Ed.)**Abuso e negligência na infância. Prevenção e direitos.** Rio de Janeiro, ECN, 1990. p. 27 – 30.

LONDOÑO, F. T. A origem do conceito de menor. **In**: DEL PRIORE. M. (Org.) – **A história da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. p. 129 145.

LOPES NETO, L. **ABRAPIA: maus tratos contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção. Guia de orientação para profissionais de saúde.** Rio de Janeiro, Autores e Agentes Associados, 1993.

LOPEZ, M. & HEFFER, R. - Self - concept and social competence of university student victims of childhood physical abuse. **Child abuse and neglect, 22 (3):** 183-195, 1998.

LOTO, S. S. Masculinidad y violencia. El trabajo con hombres violentos. **In**: CORSI, J. (Org.). **Violencia familiar. Una mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social.** Buenos Aires, Paidós, 1994. p133-167

LUNTZ, B.& WIDOM,C.S. - Antisocial personality disorder in abused and neglected children grow-up. **Am.J. Psychiatry 151(5):**670-673,1994.

LYMAN, R. B. - Barbarie y religión: la infancia a fin de la epoca romana y comenzo de la edad media. **In**: DE MAUSE, L. (Org.) - **Historia de la infancia.** Madrid, Alianza Editorial, 1982. p. 93-120. MADONNA P.; VAN SCOYK, S.; JONES, D. - Family interactions within incest and nonincest families. **Am.J.Psychiatry 148(1):** 46-49,1991.

MALDONADO, M. T. - **Casamento: término e reconstrução.** Petrópolis, Vozes, 1986. 223p.

MALDONADO, M. T. - **Psicologia da gravidez.** Petrópolis, Vozes, 1980. 118p.

MALPIQUE, C.; BARRIAS, P.; MORAIS, L.; SALGADO, M.; PINTO, I.; RODRIGUES, M. Violence and alcoholism in the family: how are the children affected ? **Alcohol, 33 (1):** 42 - 46, 1998.

MAPA CENSITÁRIO - Trabalho de levantamento de dados realizado no Centro Regional de Atendimento aos Maus Tratos, em Campinas, no período de abril de 1997. IV Telecurso de Especialização em violência doméstica contra crianças e adolescentes. São Paulo, LACRI - Laboratório de Estudos da Criança / PSA - IPUSP, 1997. 65p. (Mimeogr.)

MARCELLI, D. & BRACONNIER, A. - **Manual de psicopatologia da adolescência.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.429p.

MARCÍLIO, M. L. A roda dos expostos e a crianàos7a abandonada na história do Brasil. 726 – 1950. **In**: FREITAS, M. (Org.). **História social da infância no Brasil.** São Paulo, Cortez / USF, 1997. p. 51 – 76.

MARIE, E.; MORIARTY, C.; LUND, C.; REED, E.; JENNES, L.; BROWN, - **Aborto. Um direito da mulher sobre o seu próprio corpo.** São Paulo, Proposta Editorial Ltda, 1980. 78p.

MARCOVICH, J. A criança maltratada. **In**: KRYNSKI, S. (Coord.) - **A criança maltratada.** São Paulo, Almed, 1986. p.19 – 23.

MARQUES. A. & DRAPPER, D. – **Dicionário inglês/ português, português / inglês.** São Paulo, Ática, 1991. 560p.

MARQUES, M. A.; FRANCO, D.; BARISON, M.; PAIVA, C. - A disciplina como forma de violência contra crianças e adolescentes. **In**: MARQUES, M. A. (Org.) - **Violência doméstica contra crianças e adolescentes.** Petrópolis, Vozes, 1994. p. 21 - 33.

MATTA, R. da – **A casa & A rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro, Rocco, 1997a. 163p.

MATTA, R. da - **O que faz o brasil, Brasil ?** Rio de Janeiro, Rocco, 1997b. 125p.

MATEOS, S. Violência em casa atinge 500 mil crianças a cada ano. **O GLOBO.** O PAÍS. 21 de maio de 1995. p. 12.

MATTOSO, K. Q. – O filho da escrava. **In**: - DEL PRIORE, M. (Org.). – **História da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. p. 76 – 97.

MAYRINK, J. Nova família é desafio para a igreja e para a escola. **Jornal do Brasil.** Brasil. 27 de fevereiro de 1994. p. 14.

MC CLOSKEY, L.; FIGUEREDO, A.; KOSS, M. - The effects of systemic family violence on chidren's mental health. **Child Dev., 66 (5):** 1239 - 61, 1995.

MC LAREN, R. - Les problèmes des enfants victimes de mauvais traitments et de Négligence. In: **Santé Mentale au Canada,** Sept., 1989. (Relatório)

MC LEER, S.; DEBLINGER; E.; HENRY, D.; ORVASCHEL, H. - Sexually abused children at high risk for post-traumatic stress disorder. **J.Am.Acad.Child Adolesc.Psychiatry 31(5):**875-79,1992.

MEDINA, C. A. - Família, ontem, hoje, amanhã. **In**: **Debates sociais, 26:** 13 - 27, 1997.

MEYER, M..P.S. - **Violência contra a criança: uma questão social emergente.** Porto Alegre, 1988. 136p. (Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica).

MIAN, M. - Familial risk factors associated with intrafamilial and extrafamilial sexual abuse of three to five years old girls. **Can.J. of Psychiatry 39(6):**348- 53,1994.

MICHAELIS.- **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo, Melhoramentos,1998. 2259p.

MICHAUD, Y. - **A violência.** São Paulo, Ática, 1989. 116p. MINAYO, M.C. **Bibliografia comentada da produão científica sobre violência e saúde.** Rio de Janeiro, ENSP, 1990. 286p.

MIRABAL, B. & JÉSUS, H. La detección temprana y el rescate cognoscitivo del niño abusado. **Bol. Asoc. Med. P. R., 82 (5):** 200- 203, 1990.

MONTEIRO, M.; CABRAL, M.; MORGADO, A. – Aspectos psicossociais de pais agressores. **J. bras. Psiq. 44(1):**7 – 13, 1995.

MOSER, G. - **A agressão.** São Paulo, Ática, 1991. 103p. MOTIL, L.- Pedofilia e pederastia no Brasil. **In**: DEL PRIORE, M. (Org.).- **História da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. p. 44 –60.

MOURA, E. B. – Infância operária e acidente de trabalho em São Paulo. **In**: DEL PRIORE, M. (Org.). – **História da infância no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. p. 112 – 128.

MOURA, G. – **Citações e referência a documentos eletrônicos.** http://elogica.com.br/users/gmoura/refere.html

MULLENDER, A. - **Rethinking domestic violence. The social work and probation response.** London, Routledge, 1996. 432p.

MUSSEN, P. **Desenvolvimento psicológico da criança.** Rio de Janeiro, Zahar, 133p.

NAYAK, M. & MILNER, J. Neuropsycological functioning: comparison of mothers at high – and low risk for child physical abuse. **Child abuse and neglect, 22 (7)**: 687 – 703, 1998.

NEWELL, P. - **Children are people too.** Londres, Bedford Square Press, 1975. NORDBERG, L.; RYDELIUS, P. A.; ZETTERSTRÖM, R. - Children of alcoholic parents: health, growth, mental development and psychopathology until school age.**Acta Paediatrica, 82** (supplement 387): 1-24, 1993.

NORMAS PARA PRUBLICAÇÕES DA UNESP / Coordenadoria Geral de Bibliotecas e Editora UNESP. – São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1998. 95p.

NOVAES, M. H. - **Psicologia escolar.** Petropólis, Vozes, 1975. 357p.

NOVAIS, F. A. - Condições da privacidade na Colônia. **In**: _____.- **História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada da América Portuguesa.** São Paulo, Companhia das Letras, 1997. 14 - 39p., v. 1.

OCHOTORRENA, J. P.et alii. **Maltrato y abandono infantil: identificación de factores de risgo.** Vitoria Gasteiz, Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco,1988.

ODALIA, N. - **O que é violência ?** São Paulo, Brasiliense, 1991. 93p. O GLOBO. Morte violenta aumenta 53,7%. **O GLOBO.** O PAÍS. 3 de dezembro de 1995. p. 18.

O 'HAGAN, K. 4 ed. **Emotional and psychological abuse of children.** Buckingham, Open University Press, 1996. 168p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. - **Classificação de transtorno mentais e de comportamento da CID - 10. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. 351p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **CID - 10. / OMS.** 10 ed. São Paulo, EDUSP, 1997. 1192p.

OSÓRIO, L.C. - **Família hoje.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996. 152p. PAIN, S. - **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre,Artes Médicas, 1985. 85p.

PASSETTI, E. O menor no Brasil Republicano. **In**: - DEL PRIORE, M. (Org.) **A história da criança no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1991. p. 146 – 175.

PASSETTI, E. (Coord.) - **Violentados: crianças,adolescentes e Justiça.** São Paulo, Espaço Imaginário, 1995. 175p.

PASSOS, J. Violência em família, dolorosa rotina no cotidiano americano. **O GLOBO.** O Mundo. 20 de novembro de 1994. p. 47.

PATTO, M. H. - **Introdução à Psicologia Escolar.** São Paulo, Queirós, 1991. 430p.

PIKUNAS, J. - **Desenvolvimento humano. Uma ciência emergente.** São Paulo, McGraw Hill, 1992. 471p.

PHILLIPS, B. **Pesquisa social. Estratégias e táticas.** Rio de Janeiro, Agir, 1974. 510p.

POSTER, M. - **Teoria crítica da família.** Rio de Janeiro, Zahar, 1979. 251p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Informações sobre a Cidade. http: // www. Campinet.sp.gov.br/inforida.htm (1998)

QASEM, F.; MUSTAFA, A.; KAZEM, N.; SHAH, N. Attitudes of Kuwait parents toward physical punishment of children. **Child abuse and neglect, 22(12):** 1189 - 1202, 1998.

QUEIROZ, M. I. P. de - **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo, CERU e FFLCH/USP, s.d. (Col. Textos,n ° 4)RICHARDSON, R. - **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo, Atlas, 1989. 350p.

ROIG, A. M. I. - Aspectos epidemológicos del maltrato en el Estado español. Medidas de prevención. **In**: AZEVEDO, M. A & GUERRA, V. N. de A. **Infância e violência: fronteiras do conhecimento.** São Paulo, Cortez,1993. p. 180 – 194.

RUDIO, F. V. – **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis, Vozes, 1978. 121p.

RUIZ, Z. Dinâmica familiar e o abuso da criança. **In:** KRYNSKI, S. (Coord.) **A criança maltratada.** São Paulo, Almed, 1986. p.41 - 52.

SABÓIA, J. Trabalho infanto juvenil no Brasil dos anos 90. **Caderno de Políticas Sociais.** Série Documentos para discussão. n. 3, out.1996. p. 1 –14.

SAFFIOTI, H. - A síndrome do pequeno poder. **In**: AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V. (Org.). - **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.** São Paulo, Iglu, 1989. p. 13 - 21.

SAFFIOTI, H. & ALMEIDA, S. - **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro, Revinter, 1995. 216p.

SAFFIOTI, H.; SILVA, M.; ALMEIDA, S. - **Violência doméstica: questão de polícia e da sociedade.** Trabalho mimeografado. Setembro, 1994.

SAFONOVA, T. & LEPARSKY, E. A. The unwanted child. **Child abuse and neglect 22(2):** 155-157, 1998.

SALZINGER,S.; FELDMAN, R.; HAMMER, M.; ROSARIO, M. - The effects of physical abuse on children's social relationships. **Child 4 Development 64:**169-87,1993.

SANTOS, B. R. – Comentário sobre o capítulo V. Art.60 do ECA. In: CURY, M.; SILVA, A. F.; MENDEZ, E. G. (Coord.) **Estatuto da criança e do adolescente comentado: comentários jurídicos e sociais.** São Paulo, Malheiros, 1996. p.183.

SANTOS, H. O. - **Crianças acidentadas.** Campinas, Papirus, 1988. 91p. SANTOS, H. de O. - **Crianças espancadas**. Campinas, Papirus, 1987. 132p. SANTOS, H. de O. - **Crianças esquecidas.** Campinas, Pontes, 1995. 127p.

SANTOS, H. O. - **Crianças violadas.** Campinas / São Paulo, CBIA – CRAMI, 1991. 114p.

SANTOS, H. O.; PALHARES, F. B.; OLIVO, L. - Maus tratos na infância: uma proposta de atuação multidisciplinar à nível regional. **Jornal de Pediatria 64** (9): 384 - 388, 1988.

SARTI, C. A. - O valor da família para os pobres. **In**: RIBEIRO, I. & RIBEIRO, A. C. (Org.) - **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira.** São Paulo, Loyola, 1995. p.131 – 150.

SARTI, C. A. - **A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres.** Campinas, Autores Associados, 1996. 128p.

SCHWARTZ, I. Alcohol and family violence. **JAMA, 262(3):** 351 - 352, 1989. SEGAL, U. Child abuse by the middle class ? A study of professionals in India. **Child abuse and neglect, 19 (2):** 217 - 231, 1995.

SEIFER.R.; SAMEROFF, A.; BALDWIN, C.; BALDWIN, A. - Child and family factors that ameliorate risk between 4 and 13 years of age. **J. Am.Acad.Child Adolesc. Psychiatry 31(5):** 893-903,1992.

SERPA, D. - Castigo e crime. **Revista Marie Claire.** São Paulo, Ed. Globo, 1996. P. 63-72.

SMITH, S. Child abuse syndrome. **Br. Med. J., III:** 666 - 670,1972.

SMITH, S. - **The battered child syndrome.** London, Butterworth and Co. (Pub.) Ltd, 1975. 291p.

SOARES. L. E. (Coord.) - **Violência contra a mulher: levantamento e análise de dados sobre o Rio de Janeiro em contraste com informações nacionais.** Rio de Janeiro, Núcleo de Pesquisa / ISER / FAPERJ, 1993.

SOIFER, R. - Psicodinamismos das famílias com crianças: terapia familiar com técnica de jogo. Petrópolis, Vozes, 1982. 271p.

SOLOMON, C. & SERRES, F. Effects of parental verbal aggression on children's self – esteem and school marks. **Child abuse and neglect, 23 (4):** 339 – 351, 1999.

SOS AÇÃO MULHER E FAMÍLIA. **Folheto explicativo da Instituição.** Campinas, UNICAMP - Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, 1998.

STEIN, B.A. - The relationship between life events during adolescence and affect personality functioning. **Can.J. Psychiatry 39(6):** 354-57, 1994.

STIER, M.; LEVENTHAL, J.; BERG, A.; JOHNSON, L.; HERGER, J.. - Are children born to young mothers at increased risk of maltreatment ? **Pediatrics, 91 (3):** 642-48, 1993.

STRAUS, M. & GELLES. R. - Societal change and change in family violence from 1975 to 1985 as revealed by two national surveys. **Jornal of Mariage and Family, 48:** 465-479. 1986.

STRAUS, M.; SUGARMAN, D.; GILES - SIMS, P. - Spanking by parents and subsequent antisocial behaviour of children. **Arch.Pediatr. Adolesc. Med., 151**: 761-767, 1997.

TANG, C. -The rate of physical child abuse in chinese families: a community survey in Hong Kong. **Child abuse and neglect, 22 (5):** 381 - 391, 1998.

THOMPSON, W. D.; ORVASCHEL,H.; PRUSOFF,B.; KIDD, K. - An evaluation of the family history method for ascertaining psychiatric disorders.

Arch. Gen. Psychiatriy, 39: 53-8, 1982. TOMKIEWICZ, S.- Psychological mechanisms of violent behavior against children. **Child abuse and neglect, 22(10):** 947 - 957, 1998.

TRIPODI, T. - **The assessment of social research.** Illinois, Peacock Pub., 1983. 278p.

TYSON, P. & TYSON, R.- **Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: um integração**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. 306p.

UCHÔA, M. Violência doméstica atinge 750 menores por hora. **O Estado de São Paulo.** Geral. 20 de fevereiro de 1994.

U. S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. - **National study and incidence and severity of child abuse and neglect.** Washington D. C., Government Printing Office, 1989.

U. S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. **National Center on Child Abuse and Neglect: Child maltreatment, 1993: Reports from the States to the National Center on Child Abuse and Neglect**. Washington D. C., Government Printing Office, 1995.

VASCONCELOS, R. - Sociogênese da violência contemporânea. **J. bras. Psiq., 44(7):** 333 - 339, 1995.

VEJA. - "Mamãe sabe tudo ". In: **Veja.** Família. 11 de outubro de 1995. p. 62-69.

VELHO, G. - Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. **In**: VELHO. G. & ALVITO, M. (Org.) - **Cidadania e violência.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Editora FGV, 1996. 10-24p.

VERDUYN, C. & CALAM, R. Cognitive behavioral interventions with Maltreated children and adolescents. **Child abuse and neglect 23 (2):** 197 – 207, 1999.

VEYNE, P. - O Império Romano ao Ano Mil. **In**: ARIÈS, P. & DUBY, G. **História da vida privada**. V.1. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. p. 19 - 224

VICTIMS OF FAMILY VIOLENCE - COUNCIL ON SCIENTIFIC AFFAIRS. – Adolescents as victims of family violence. **JAMA 270(15):** 1850- 56,1993.

VILHENA, J. de - Mito e fantasia: conjunções e disjunções no grupo familiar. **Gradiva 36(6):** 17, 1986.

WELZER - LANG, D. - **Les hommes violents.** Paris, Lierre Coudrier Ed., 1991.

WIDDEN, S.; WILLIAMSON, W.; WILSON, G. Children of battered women: developmental and learning profiles. **Clin. Pediatr., 30:** 299 - 304, 1991.

WILSON, L.; MIDMER, D.; CARROL, J.; STEWART, D. Antenatal psychosicial risk factors associated with adverse postpartum family outcomes. **Can. Med. Assoc. J., 154 (6):** 785 - 799, 1996.

WINNICOTT, D. **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978. 526p.

WINNICOTT, D. - **Tudo começa em casa.** São Paulo, Martins Fontes, 1989. 211p.

WOLFE, D. - **Child abuse: implications for child development and psychopathology.** Newbury Park, C. A., Sage Pub., 1987.

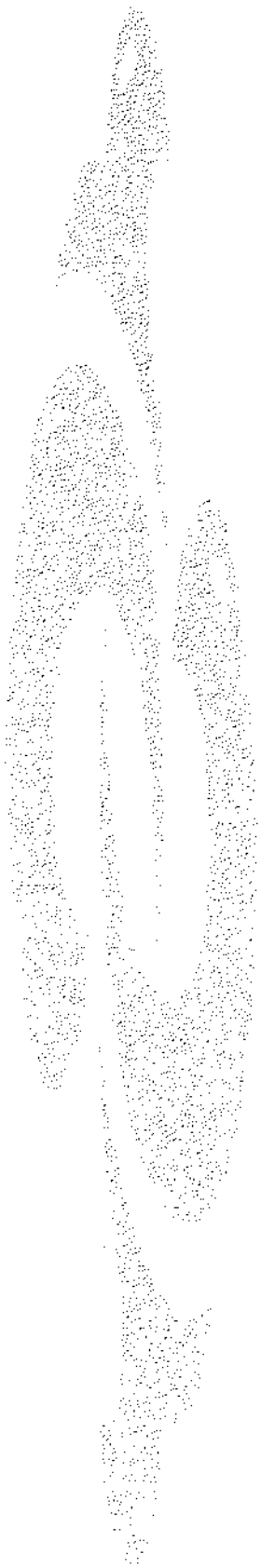
WOLFE, D. & KORSCH, B. Witnessing domestic violence during childhood and adolescence: implication for pediatric practice. **Pediatrics, 94 (4):** 594 - 599, 1994.

WOLFE, D. & WEKERLE, C. & REITZEL - JAFFE, D. & LEFEBVRE, I. Factors associated with abusive relationships among maltreated and nonmaltreated youth. **Dev. Psychopathol., 10 (1):** 61 - 85, 1998.

WYMAN, P - Interviews with children who experienced major life stress: family and child attributes that predict resilient outcomes. **J. Am. Acad. Child Adolesc. Psychiatry 31 (5):**904-10,1992.

YATES, A. When children witness domestic violence. **Hawaii Med. J., 55(9):** 162 - 163, 1996.

YOUSSEF, R.; ATTIA, M.; KAMEL, M. Children experiencing violence I parental use of corporal punishment. **Child abuse and neglect, 22 (10):** 959 - 973, 1998.



8. ANEXOS

N° DO CASO : DATA:

NOME:

ENDEREÇO:

FILHOS (SEXO - IDADE) :

CÔNJUGE :

TIPO DE VIOLÊNCIA COM O (S) FILHO(S) (OU ENTEADOS) :

IDADE DOS PAIS(OU PARCEIROS) : HOMEM -
MULHER -

ESCOLARIDADE DOS PAIS (OU PARCEIROS) : HOMEM -
MULHER -

PROFISSÃO DOS PAIS (OU PARCEIROS) : HOMEM -
MULHER -

RELIGIÃO DOS PAIS (OU PARCEIROS): HOMEM -
MULHER-

VIOLÊNCIA SOFRIDA PELA MULHER OU PARCEIRA :

CARACTERÍSTICAS DO AGRESSOR (A):

PROBLEMAS COM A FAMÍLIA DE ORIGEM :
HOMEM -

MULHER -

RENDA SALARIAL -
HOMEM -
MULHER -

DOCUMENTO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

PESQUISA: Violência doméstica contra a criança e o adolescente

RESPONSÁVEL: Stella Luiza Moura Aranha Carneiro

Doutoranda em Saúde Mental - UNICAMP

RA 955456

Eu, _____, _____ anos, RG nº_____, Processo nº _____, residente à _____, responsável pelo (a) menor _____, informo para os devidos fins que autorizo a Dra. Stella Luiza Moura Aranha Carneiro, portadora do RG nº 03.192.255-2 IFP, a ir à minha casa e, também, entrevistar o (a) menor acima citado (a), que participará de sua pesquisa. Estou ciente de que as respostas que forem dadas pelo (a) menor serão usadas apenas no trabalho da pesquisadora e, havendo publicação do mesmo, a identidade deste (a) jamais será revelada.

Campinas, _____

_____ _____

Stella Luiza Moura Aranha Carneiro

Responsável pela pesquisa

Telefones para contato:

Stella Luiza Moura Aranha Carneiro: (021) 265-6248

Comissão de Ética : (0192) 39-8656

DOCUMENTO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

PESQUISA: Violência doméstica contra a criança e o adolescente

RESPONSÁVEL: Stella Luiza Moura Aranha Carneiro

Doutoranda em Saúde Mental - UNICAMP

RA: 955456

Eu, _____, _____ anos, RG nº_____, Processo nº _____, residente à _____, informo para os devidos fins que autorizo a Dra. Stella Luiza Moura Aranha Carneiro, portadora do RG nº 03.192.255-2 IFP, a ir à minha casa e, também, que participarei de sua pesquisa, respondendo ao questionário que a mesma irá aplicar.

Estou ciente de que as respostas, que forem por mim dadas, serão usadas apenas no trabalho da pesquisadora e, havendo publicação do mesmo, minha identidade jamais será revelada.

Campinas,_____

_____ _____

Stella Luiza Moura Aranha Carneiro

Responsável pela Pesquisa

Telefones para contato:

Stella Luiza Moura Aranha Carneiro: (021) 265-6248

Comissão de Ética Médica : (0192) 39-8656

ANAMNESE - QUESTIONÁRIO COM PAIS OU RESPONSÁVEIS PELA CRIANÇA OU ADOLESCENTE (Mãe ou Responsável)

1) Identificação do responsável :

Nome:_____

Nome do menor : _____

Idade: _____ Sexo : ☐ F ☐ M Cor _____

Estado civil atual: solteiro(a) casado(a) amancebado(a) o utros

Escolaridade : sem escolaridade 1° grau completo 1° grau incompleto

2° grau completo 2° grau incompleto superior completo s uperior incompleto

Ocupação atual : _____

Endereço : _____

Naturalidade : _____ Nacionalidade: ☐ brasileiro(a)

☐ estrangeiro (a)

2) História da criança ou adolescente

- Gestação :

A criança foi desejada ? sim não Por quê ?_____

_____

Planejada ? sim não Por quê ? _____

_____

Nasceu quanto tempo após a união ? _____

Como foi a gestação ? ☐ tranqüila ☐ agitada ☐ com problemas de saúde

☐ com problemas emocionais ☐ outros

Fez tratamento pré-natal ? sim não Por quê ?_____

Sofreu algum trauma na gestação ? sim não De que tipo ? _____

_____

Ordem da gestação :_____Ordem do nascimento: _____

Teve algum aborto ? sim não De que tipo : natural provocado

- Parto :

Tipo de parto : natural cesariana fórceps outros

Por quê ? _____

Condições da criança ao nascer: ☐ normal ☐ com problemas

Que tipo de problema ? _____

- Desenvolvimento da conduta :

A- Sono

Como é o sono da criança ou adolescente ? ☐ tranqüilo ☐ agitado ☐ fala dormindo

☐ range os dentes ☐ sonâmbulo(a) ☐ outros

Tem dificuldade para dormir ? sim não Acorda gritando ? sim não

Tem pesadelos ? sim não Com que freqüência ? ☐ diariamente

☐ raramente ☐ às vezes

Dorme em quarto separado dos pais ? sim não

Até quando dormiu, no quarto dos pais ? ☐ nunca ☐ semanas ☐ meses

☐ anos ☐ até hoje ☐ outros

Por quê ? _____

Qual a atitude tomada para separá-lo (a) ? _____

Tem cama individual ? sim não Dorme com outra pessoa no quarto? sim não

Quem ? _____

Acorda e vai para a cama dos pais ? sim não Atitude dos pais : _____

_____

B- Alimentação

Foi amamentado(a) ? sim não Quanto tempo ? _____

Atitude no desmame : seio _____

mamadeira _____

Como é a sua alimentação ? ☐ sólida ☐ líquida ☐ sólida/líquida ☐ outros

Se alimenta: ☐ só ☐ precisa de ajuda É ou foi forçado(a) a comer ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

C- Desenvolvimento motor

Quando: sorriu _____; sentou _____; engatinhou _____;andou _____

Teve dificuldades ? ☐ sim ☐ não Quais ? _____

Por quê ? _____

Quando começou a falar ? _____ Teve dificuldades ? ☐ sim ☐ não

Qual (ais) ? _____

Apresenta gagueira ? ☐ sim ☐ não

Com que idade começou a pedir para fazer coco? _____

Costuma fazer cocô nas calças ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

Há quanto tempo ? _____

Urina na cama ou nas calças ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

Há quanto tempo ? _____

Como foi ensinado o controle de esfíncter : anal _____

vesical _____

É: ☐destro ☐sinistro ☐ ambidestro

D- Manipulação e hábitos

Usou chupeta ? ☐ sim ☐ não Até quando ? _____

Chupou dedo ? ☐ sim ☐ não Até quando ? _____

Tem alguma mania ? ☐ sim ☐ não Qual ? _____

Há quanto tempo ? _____

Rói unhas ? ☐ sim ☐ não Há quanto tempo ? _____

Arranca os cabelos ? ☐ sim ☐ não Há quanto tempo ? _____

Puxa as orelhas ? ☐ sim ☐ não Há quanto tempo ? _____

Morde os lábios ? ☐ sim ☐ não Há quanto tempo ? _____

Qual a atitude tomada diante desse(s) hábito (s) ?

_____

E- Sociabilidade

Tem facilidade em fazer amigos ? ☐ sim ☐ não

Compreende os sentimentos dos outros ? ☐ sim ☐ não

Divide suas coisas com os colegas ? ☐ sim ☐ não Quando ? _____

Por quê ? _____

Se zanga com facilidade ? ☐ sim ☐ não Quando ? _____

Por quê ? _____

É brigão ou agressivo, na rua : ☐ sim ☐ não Em casa : ☐ sim ☐ não

Quando ? _____Por quê ? _____

Tem problemas de relacionamento com alguém, em casa ? ☐ sim ☐ não

Quem ? _____

Como costuma tratar crianças menores e animais ? _____

Chora com facilidade ? ☐ sim ☐ não Fica triste sem razão ?☐ sim ☐ não

É preocupado ? ☐ sim ☐ não Com o quê ? _____

Alguma vez já falou que sente as pessoas não gostarem dele (a)? ☐ sim ☐ não

Quando ? _____ Por quê ? _____

É tímido ou retraído ? ☐ sim ☐ não Quando ? _____

Costuma contar mentiras ? ☐ sim ☐ não De que tipo ? _____

Quando ? _____

Alguma vez já tirou algo de colegas ou familiares e negou que o tenha tirado ? ☐ sim ☐não

Quando ?_____Por quê ?_____

F- Sexualidade

Apresenta curiosidade sexual ? ☐ sim ☐ não

Atitude dos pais : _____

Masturbação : ☐ sim ☐ não Com que idade ? _____

Freqüência : ☐ raramente ☐ às vezes ☐ nunca

Atitude da família : _____

Foi feita educação sexual ? ☐ sim ☐ não Por quem ? ☐ responsável

☐ irmão (ã) ☐ parente ☐ amigo ☐ escola ☐ rua ☐ outros

Quando ? _____

G- Escolaridade

Está cursando a escola regularmente ? ☐ sim ☐ não Por quê ?_____

Tem dificuldade em acompanhar o ensino? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

Tem dificuldade em aprender ? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

_____

Mudou muito de escolas? ☐ sim ☐ não Quantas vezes ? _____

Por quê ? _____

É esquecido ? ☐ sim ☐ não Presta atenção nas coisas ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Tem problemas com os professores ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

Foi reprovado alguma vez ? ☐ sim ☐ não Qual (is) matéria(s) ? _____

_____Por quê ?_____

Qual a série ? _____

Tem interesse pela escola ? ☐ sim ☐ não Obedece as regras ? ☐ sim ☐ não

É castigado quando não tira boas notas ? ☐ sim ☐ não Por quem ? ☐ pai

☐ mãe ☐ outros

Quer ficar sempre perto de um adulto ou responsável ? ☐ sim ☐ não

Por quê? _____

- **Doenças**

Doenças na infância : ☐ sim ☐ não Quais ? _____ Teve algum

problema sério de doença?☐ sim não ☐ Quando ? _____

Sofreu algum tipo de operação ? ☐ sim ☐ não Qual ?_____

Quando ? _____

_____

Sente falta de ar ?☐ sim ☐ não Tem ataques de birra ? ☐ sim ☐ não

Tem dor de barriga ?☐ sim ☐ não Desmaios ? ☐ sim ☐ não

Reclama de dores de cabeça ? ☐ sim ☐ não Já teve alguma convulsão ?☐ sim☐ não

Se machuca com freqüência ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

Vai constantemente ao médico ? ☐ sim☐ não Por quê?

_____

3- Vida Profissional

Você trabalha ? sim não

Em que ? _____

Quantas pessoas trabalham na família? ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ mais de 4

Qual o salário da família ? ☐ até 1 SM ☐ de 1,5 Sm até 3 SM ☐ de 3,5 SM até 5 SM

☐ de 5,5 SM até 7 SM ☐ acima de 7 SM

Quantas são as horas de trabalho diárias de cada membro que trabalha na família ?

☐ 4 horas ☐ 6 horas ☐ 8 horas ☐ 10 horas ☐ outros

Qual o seu nível de satisfação com o trabalho que realiza ? ☐ bom ☐ razoável ☐ ruim

Ao sair para trabalhar, seu filho (a) fica em casa ? ☐ sim☐ não

Se fica em casa, com quem ? ☐ só ☐ com irmão (s) ☐ com empregada ☐ outros

Se não fica em casa, fica onde ? ☐ na escola ☐ na rua ☐ com parentes ☐ outros

A família tira férias anuais ? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

Há conflitos entre o casal ou na família por causas econômicas ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

4- Vida Conjugal

Como ocorreu o casamento ?_____

Houve e há intervenções por parte da família ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Como é o relacionamento do casal ? ☐ bom ☐razoável ☐ ruim

Como são resolvidas as discussões e desentendimentos ? ☐ conversando

☐ com agressões físicas ☐ com agressões morais ☐ não são resolvidas ☐ outros

Quem procura compreender ou resolver as situações de briga ? ☐ ninguém

☐ os dois ☐ o próprio(a) ☐ o parceiro (a)

Houve separação do casal ? ☐ sim☐ não Por quê? _____

Quando ? _____

Há casos de separações na família ? ☐ sim ☐não De quem ? _____

Por quê ? _____

Já ocorreram agressões verbais ou físicas entre o casal ? ☐ sim ☐ não

Foram notificadas ? sim não

Quando ? _____ Por quê? _____

5- Vida familiar /mudanças familiares

Como é o relacionamento entre as pessoas que moram em casa ? ☐ bom

☐ regular ☐ ruim sem agressões físicas ou verbais ☐ ruim com agressões físicas e verbais

☐ outros

Como é o relacionamento entre os irmãos ? ☐ bom ☐ regular ☐ ruim sem agressões físicas ou verbais ☐ ruim com agressões físicas ou verbais ☐ outros

Como é o relacionamento entre você e a(s) criança(s) e/ou adolescente(s) ? ☐ bom

☐ regular ☐ ruim sem agressões físicas ou verbais ☐ ruim com agressões físicas ou verbais ☐ outros.

Por quê ?_____

Tem preferência por alguém em casa ? ☐ sim ☐ não Quem ? _____

Por quê? _____

Quais são os seus hábitos em casa ? _____

Sente-se incomodado (a) por alguém em casa ? ☐ sim☐ não Quem ? _____

Por quê? _____

Como são resolvidos os problemas familiares ? ☐ conversando ☐ não são resolvidos

☐ com agressões físicas ☐ com agressões morais ☐ outros

A família tem relacionamento com parentes mais próximos ? ☐ sim ☐ não Por quê?

_____

Visitam-se ? ☐ sim ☐ não Com que freqüência ? ☐ diária ☐ semanal

☐ quinzenal ☐ mensal ☐ semestral ☐ anual ☐ raramente

Quantas vezes a família mudou de casa ? ☐ nunca ☐ 1 vez ☐ 2 vezes

☐ 3 vezes ☐ 4 vezes ☐ mais de 4 vezes ☐ outros

De cidade ? ☐ nunca ☐ 1 vez ☐ 2 vezes

☐ 3 vezes ☐ 4 vezes ☐ mais de 4 vezes ☐ outros

Por quê ?_____

Como foi a mudança de escola para as crianças e adolescentes ? ☐ com problemas

☐ sem problemas ☐ outros

Como foi a mudança de amigos para você ? ☐ com problemas ☐ sem problemas

☐ outros

A casa em que moram atualmente é : ☐ própria ☐ alugada ☐ outros

Descreva a sua casa:_____

_____

6- Nível cultural

Você estuda atualmente ? ☐ sim ☐ não O quê ? _____

Por quê ? _____

Tem o hábito de ler ? ☐ sim ☐ não O quê ? _____

Assiste à televisão ? ☐ sim ☐ não Que tipo de programas ? _____

Com que freqüência ? ☐ o dia todo ☐ metade do dia ☐ algumas horas diárias ☐ fins de semana ☐ nunca ☐ outros

Qual a expectativa de escolaridade para os seus filhos ? ☐sem expectativa ☐primeiro grau ☐ segundo grau ☐ técnico ☐ superior ☐ outros

7- Religião

Você pratica algum tipo de religião ? ☐ sim ☐ não Qual ? _____

Freqüenta as obrigações religiosas ? ☐ sim ☐não

Com que freqüência ? ☐ diária ☐ semanal ☐ mensal ☐ outros

Seus filhos são obrigados a freqüentar as obrigações religiosa ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Existem problemas familiares por causa da religião ? ☐ sim ☐ não

De que tipo ? _____

8- Antecedentes familiares e patológicos

Os pais tem relação de consangüinidade: Sim ☐ ☐ Não

Você tem algum problema de doença ? ☐ sim ☐ não Qual ?

_____

E os seus pais ? ☐ sim ☐não Qual ? _____

Alguém na família tem ou teve "problema dos nervos "? ☐ sim ☐ não De que tipo?

_____

Quem ? _____ Precisou ser internado (a) ? ☐ sim ☐ não

Toma medicação? ☐sim ☐ não Alguma outra doença séria na família ?

☐ sim ☐ não Algum parente próximo se matou ? ☐ sim ☐ não

Matou alguém ? ☐ sim ☐ não Quem ? _____

Quando ? _____ Como ? _____

Por quê ? _____

Algum familiar tem história de mortes violentas ? ☐ sim☐ não

Quem ? _____ Como ocorreram ? _____

_____

Você bebe ? sim não

Com que freqüência ? uma vez por dia várias vezes ao dia nos finais de semana

raramente outros

Você fuma ? sim não

Com que freqüência ? um maço por dia mais de um maço por dia ½ maço por dia

às vezes outros

Alguém na família é dependente de drogas ? ☐ sim ☐ não

Que tipo de droga ? ☐ maconha ☐ cocaína ☐ crack

☐ LSD ☐ barbitúricos ☐ outros

Com que freqüência ? ☐ às vezes ☐ várias vezes ao dia ☐ uma vez por dia

☐ esporadicamente ☐ outros

Já foi internado por causa da dependência ? ☐ sim ☐ não Já sofreu alguma punição legal por causa da dependência ? ☐ sim ☐ não Qual ?

_____

9- Histórias do comportamento violento (para responsáveis das famílias agressoras)

Como você se percebe como pessoa? _____

_____

Por que ?_____

Quando ocorriam as situações de violência, você sentia algo antes delas acontecerem ?

☐dores ☐ouvia vozes ☐ visão turva ou enevoada ☐ formigamentos ☐ pressentimentos

☐outros

Como essas situações de violência aconteciam ? Descreva algumas delas._____

_____

_____

Você notava que essas situações de agressão ocorriam com alguma freqüência ? ☐ sim

☐ não Qual ? ☐ diária ☐ semanal ☐ quinzenal ☐ outros

Por quê ?_____

Como você se sentia e o que fazia durante e depois das situações de violência?_____

_____

_____

_____

Você alguma vez já passou por alguma situação de violência quando era criança?

☐ sim ☐ não

Descreva essa situação, inclusive como você reagia._____

_____

Antes de você fazer parte dessa família, você passou por alguma situação de violência na idade adulta? ☐ sim ☐ não

Descreva essa situação, inclusive como você reagiu_____

_____.

Por que você acha que tudo isso aconteceu na sua família ?_____

_____

_____

Esses fatos poderiam ter sido evitados ? ☐ sim ☐ não Por quê ?_____

_____

_____

9- Histórias de comportamentos violentos (para responsáveis **das famílias não agressoras)**

Como você se percebe como pessoa ? _____

_____

_____

Por quê? _____

_____

Já ocorreram situações de violência na sua família? ☐ sim ☐ não Quando?

_____

Como foram essas situações ? _____

_____

Com que freqüência essas situações ocorriam ? ☐ diária ☐ semanal

☐ quinzenal ☐ outros

Aconteceu algo que você possa relacionar para essa(s) situação (ões) ter (em) ocorrido ?

☐ sim ☐ não O quê ? _____

_____

Como você se sentiu e o que fez quando isso aconteceu ?_____

_____

Você alguma vez já passou por uma situação de violência quando era criança ?

☐ sim ☐ não

Descreva a situação e como você reagiu _____

_____

Antes de você constituir essa família, você passou por alguma situação de violência na idade adulta ? ☐ sim ☐ não

Descreva a situação e inclusive como você reagiu _____

_____

Por que você acha que isso aconteceu ? _____

_____

Esses fatos poderiam ter sido evitados? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

_____

10- Pergunta livre

Você gostaria de falar algo mais sobre seu (sua) filho (a) que, por acaso, não tenha sido perguntado, ou que você tenha vontade de falar? _____

_____

_____

Denúncia realizada por :
Tipo de violência :
Agressor :

ANAMNESE - QUESTIONÁRIO COM PAIS OU RESPONSÁVEIS PELA CRIANÇA OU ADOLESCENTE (PAI/RESPONSÁVEL)

1) Identificação do responsável :

Nome:_____

Nome do menor : _____

Idade: _____ Sexo : ☐ F ☐ M Cor _____

Estado civil atual: solteiro(a) casado(a) amancebado(a) o utros

Escolaridade : sem escolaridade 1° grau completo 1 ° grau incompleto

2° grau completo 2° grau incompleto superior completo s uperior incompleto

Ocupação atual : _____

Endereço : _____

Naturalidade : _____ Nacionalidade: ☐ brasileiro(a)

☐ estrangeiro (a)

2) História da criança ou adolescente

A criança foi desejada ? sim não Por quê ?_____

_____

Planejada ? sim não Por quê ? _____

- Desenvolvimento da conduta

Sociabilidade

Tem facilidade em fazer amigos ? ☐ sim ☐ não

Compreende os sentimentos dos outros ? ☐ sim ☐ não

Divide suas coisas com os colegas ? ☐ sim ☐ não Quando ? _____

Por quê ? _____

Se zanga com facilidade ? ☐ sim ☐ não Quando ? _____

Por quê ? _____

É brigão ou agressivo na rua : ☐ sim ☐ não Em casa : ☐ sim ☐ não

Quando ? _____ Por quê ? _____

Tem problemas de relacionamento com alguém em casa ? ☐ sim ☐ não

Quem ? _____

Como costuma tratar crianças menores e animais ? _____

Chora com facilidade ? ☐ sim ☐ não Fica triste sem razão ?☐ sim ☐ não

É preocupado ? ☐ sim ☐ não Com o quê ? _____

Alguma vez já falou que sente as pessoas não gostarem dele (a)? ☐ sim ☐ não

Quando ? _____ Por quê ? _____

É tímido ou retraído ? ☐ sim ☐ não Quando ? _____

Costuma contar mentiras ? ☐ sim ☐ não De que tipo ? _____

Quando ? _____

Alguma vez já tirou algo de colegas ou familiares e negou que o tenha tirado ? ☐ sim ☐não

Quando ?_____Por quê ?_____

Sexualidade

Apresenta curiosidade sexual ? ☐ sim ☐ não

Atitude dos pais : _____

Masturbação : ☐ sim ☐ não Com que idade ? _____

Freqüência : ☐ raramente ☐ às vezes ☐ nunca

Atitude da família : _____

Foi feita educação sexual ? ☐ sim ☐ não Por quem ? ☐ responsável

☐ irmão (ã) ☐ parente ☐ amigo ☐ escola ☐ rua ☐ outros

Quando ? _____

Escolaridade

Está cursando a escola regularmente ? ☐ sim ☐ não Por quê ?_____

_____

Tem dificuldade em acompanhar o ensino? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

Tem dificuldade em aprender ? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

_____

Mudou muito de escolas? ☐ sim ☐ não Quantas vezes ? _____

Por quê ? _____

É esquecido ? ☐ sim ☐ não Não presta atenção nas coisas ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Tem problemas com os professores ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

Foi reprovado alguma vez ? ☐ sim ☐ não Qual (is) matéria(s) ? _____

_____Por quê ?_____

Qual a série ? _____

Tem interesse pela escola ? ☐ sim ☐ não Obedece as regras ? ☐ sim ☐ não

É castigado quando não tira boas notas ? ☐ sim ☐ não Por quem ? ☐ pai

☐ mãe ☐ outros

Quer ficar sempre perto de um adulto ou responsável ? ☐ sim ☐ não

Por quê? _____

3- Vida Profissional

Você trabalha ? sim não

Em que ? _____

Quantas pessoas trabalham na família? ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ mais de 4

Qual o salário da família ? ☐ até 1 SM ☐ de 1,5 Sm até 3 SM ☐ de 3,5 SM até 5 SM

☐ de 5,5 SM até 7 SM ☐ acima de 7 SM

Quantas são as horas de trabalho diárias de cada membro que trabalha na família ?

☐ 4 horas ☐ 6 horas ☐ 8 horas ☐ 10 horas ☐ outros

Qual o seu nível de satisfação com o trabalho que realiza ? ☐ bom ☐ razoável ☐ ruim

Ao sair para trabalhar, seu filho (a) fica em casa ? ☐ sim☐ não

Se fica em casa, com quem ? ☐ só ☐ com irmão (s) ☐ com empregada ☐ outros

Se não fica em casa, fica aonde ? ☐ na escola ☐ na rua ☐ com parentes ☐ outros

A família tira férias anuais ? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

Há conflitos entre o casal ou na família por causas econômicas ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

4- Vida Conjugal

Como ocorreu o casamento ?_____

Houve e há intervenções conflitantes por parte da família ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Como é o relacionamento do casal ? ☐ bom ☐razoável ☐ ruim

Como são resolvidas as discussões e desentendimentos ? ☐ conversando

☐ com agressões físicas ☐ com agressões morais ☐ não são resolvidas ☐ outros

Quem procura compreender ou resolver as situações de briga ? ☐ ninguém

☐ os dois ☐ o próprio(a) ☐ o parceiro (a)

Houve separação do casal ? ☐ sim☐ não Por quê? _____

Quando ? _____

Há casos de separações na família ? ☐ sim ☐não De quem ? _____

Por quê ? _____

Já ocorreram agressões verbais ou físicas entre o casal ? ☐ sim ☐ não

Foram notificadas ? sim não

Quando ? _____ Por quê? _____

5- Vida familiar /mudanças familiares

Como é o relacionamento entre as pessoas que moram em casa ? ☐ bom

☐ regular ☐ ruim sem agressões físicas ou verbais ☐ ruim com agressões físicas e verbais☐ outros

Como é o relacionamento entre os irmãos ?☐ bom ☐ regular ☐ ruim sem agressões físicas ou verbais ☐ ruim com agressões físicas ou verbais ☐ outros

Como é o relacionamento entre você e a(s) criança(s) e/ou adolescente(s) ? ☐ bom ☐ regular ☐ ruim sem agressões físicas ou verbais ☐ ruim com agressões físicas ou verbais ☐ outros.

Por quê ?_____

Tem preferência por alguém em casa ? ☐ sim ☐ não Quem ? _____

Por quê? _____

Quais são os seus hábitos em casa ? _____

Sente-se incomodado (a) por alguém em casa ? ☐ sim☐ não Quem ? _____

Por quê? _____

Como são resolvidos os problemas familiares ? ☐ conversando ☐ não são resolvidos ☐ com agressões físicas ☐ com agressões morais ☐ outros

A família tem relacionamento com parentes mais próximos ? ☐ sim ☐ não Por quê?

_____

Visitam-se ? ☐ sim ☐ não Com que freqüência ? ☐ diária ☐ semanal ☐ quinzenal ☐ mensal ☐ semestral ☐ anual ☐ raramente

Quantas vezes a família mudou de casa ? ☐ nunca ☐ 1 vez ☐ 2 vezes ☐ 3 vezes ☐ 4 vezes ☐ mais de 4 vezes ☐ outros

De cidade ? ☐ nunca ☐ 1 vez ☐ 2 vezes ☐ 3 vezes ☐ 4 vezes ☐ mais de 4 vezes ☐ outros

Por quê ?_____

Como foi a mudança de escola para as crianças e adolescentes ? ☐ com problemas ☐ sem problemas ☐ outros

Como foi a mudança de amigos para você ? ☐ com problemas ☐ sem problemas ☐ outros

A casa em que moram atualmente é : ☐ própria ☐ alugada ☐ outros

Descreva a sua casa:_____

_____

6- Nível cultural

Você estuda atualmente ? ☐ sim ☐ não O quê ? _____

Por quê ? _____

Tem o hábito de ler ? ☐ sim ☐ não O quê ? _____

Assiste à televisão ? ☐ sim ☐ não Que tipo de programas ? _____

Com que freqüência ? ☐ o dia todo ☐ metade do dia ☐ algumas horas diárias ☐ fins de semana ☐ nunca ☐ outros

Qual a expectativa de escolaridade para os seus filhos ? ☐sem expectativa ☐primeiro grau ☐ segundo grau ☐ técnico ☐ superior ☐ outros

7- Religião

Você pratica algum tipo de religião ? ☐ sim ☐ não Qual ? _____

Freqüenta as obrigações religiosas ? ☐ sim ☐não

Com que freqüência ? ☐ diária ☐ semanal ☐ mensal ☐ outros

Seus filhos são obrigados a freqüentar as obrigações religiosa ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Existem problemas familiares por causa da religião ? ☐ sim ☐ não

De que tipo ? _____

8- Antecedentes familiares e patológicos

Os pais tem relação de consangüinidade: Sim ☐ ☐ Não

Você tem algum problema de doença ? ☐ sim ☐ não Qual ?

_____

E seus pais ? ☐ sim ☐não Qual ? _____

Alguém na família tem ou teve "problema dos nervos "? ☐ sim ☐ não De que tipo?

_____

Quem ? _____ Precisou ser internado (a) ? ☐ sim ☐ não

Toma medicação? ☐sim ☐ não Alguma outra doença séria na família ?

☐ sim ☐ não Algum parente próximo se matou ? ☐ sim ☐ não

Matou alguém ? ☐ sim ☐ não Quem ? _____

Quando ? _____ Como ? _____

Por quê ? _____

Algum familiar tem história de mortes violentas ? ☐ sim☐ não

Quem ? _____ Como ocorreram ? _____

_____

Você bebe ? sim não

Com que freqüência ? uma vez por dia várias vezes ao dia nos finais de semana

raramente outros

Você fuma ? sim não

Com que freqüência ? um maço por dia vários maços por dia ½ maço por dia

às vezes outros

Alguém na família é dependente de drogas ? ☐ sim ☐ não

Que tipo de droga ? ☐ maconha ☐ cocaína ☐ crack

☐ LSD ☐ barbitúricos ☐ outros

Com que freqüência ? ☐ às vezes ☐ várias vezes ao dia ☐ uma vez por dia

☐ esporadicamente ☐ outros

Já foi internado por causada dependência? ☐ sim ☐ não Já sofreu alguma punição legal por causa do dependência ? ☐ sim ☐ não Qual ?

_____

9- Histórias do comportamento violento (para responsáveis das famílias agressoras)

Como você se percebe como pessoa? _____

_____Por

quê?_____

Quando ocorriam as situações de violência, você sentia algo antes delas acontecerem ?

☐dores ☐ouvia vozes ☐ visão turva ou enevoada ☐ formigamentos ☐ pressentimentos

☐outros

Como essas situações de violência aconteciam ? Descreva algumas delas._____

_____

_____

Você notava que essas situações de agressão ocorriam com alguma freqüência ? ☐ sim ☐ não Qual ? ☐ diária ☐ semanal ☐ quinzenal ☐ outros

Por quê ?_____

Como você se sentia e o que fazia durante e depois das situações de violência?_____

_____

_____

Você alguma vez já passou por alguma situação de violência quando era criança?

☐ sim ☐ não

Descreva essa situação, inclusive como você reagia._____

_____

Antes de você fazer parte dessa família, você passou por alguma situação de violência na idade adulta? ☐ sim ☐ não

Descreva essa situação, inclusive como você reagiu_____

_____

Por que você acha que tudo isso aconteceu, na sua família ?_____

_____

_____

Esses fatos poderiam ter sido evitados ? ☐ sim ☐ não Por quê ?_____

_____

_____

_____

9- Histórias de comportamentos violentos (para responsáveis **das famílias não agressoras)**

Como você se percebe como pessoa ? _____

_____

_____

Por quê?_____

_____

Já ocorreram situações de violência na sua família? ☐ sim ☐ não Quando?

_____

Como foram essas situações ? _____

_____

Com que freqüência essas situações ocorriam ? ☐ diária ☐ semanal

☐ quinzenal ☐ outros

Aconteceu algo que você possa relacionar para essa(s) situação (ões) ter (em) ocorrido ?

☐ sim ☐ não O quê ? _____

Como você se sentiu e o que fez, quando isso aconteceu ?_____

_____

Você alguma vez já passou por uma situação de violência, quando era criança ?

☐ sim ☐ não

Descreva a situação e como você reagiu _____

_____

Antes de você constituir essa família, você passou por alguma situação de violência na idade adulta ? ☐ sim ☐ não

Descreva a situação e inclusive como você reagiu a ela._____

_____

Por quê você acha que isso aconteceu ? _____

_____

Esses fatos poderiam ter sido evitados? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

_____

10- Pergunta livre

Você gostaria de falar algo mais sobre seu (sua) filho (a) que, por acaso, não tenha sido perguntado ou que você tenha vontade de falar? _____

_____

_____

Denúncia realizada por :
Tipo de violência :
Agressor :

ENTREVISTA SEMI - ESTRUTURADA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

1- Dados pessoais

Nome: _____

Idade : _____ Escolaridade : ☐ sem escolaridade

☐ primeiro grau completo ☐ primeiro grau incompleto ☐ segundo grau completo

☐ segundo grau incompleto ☐ técnico ☐ outros

Cor : _____ Sexo: ☐ M ☐ F

Nome do pai: _____

Nome da mãe: _____

Número de irmãos (idade e sexo) : _____

Endereço : _____

2- Motivo da entrevista

Você sabe por que eu estou aqui ?_____

_____

3- Vida escolar

Como você está na escola ? ☐ adaptado ☐ não adaptado ☐ não está na escola ☐ outros

Quanto tempo você passa na escola ? ☐ o dia todo ☐ parte do dia ☐ poucas horas

☐ não vou à escola ☐ outros Por quê? _____

Quem o (a) leva para a escola ? ☐ vai só ☐ com amigo(s) ☐ com irmão(s)

☐ com responsável(is) ☐ com parente (s) ☐ outros

Você gosta de estudar ? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

Presta atenção nas aulas ? ☐ sim ☐ não Por quê ?_____

Como você se relaciona com os seus professores ? ☐ bem com todos

☐ alguns com problemas ☐ todos com problemas ☐ outros

Você acha difícil algumas matérias ? ☐ sim ☐ não

Quais ?_____

_____

Você tem amigos na escola ? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

Você participa de outras atividades na escola ? ☐ sim ☐ não Quais ? _____

O que você faz nos recreios ? ☐ brinco ☐ converso ☐ como

☐ brigo ☐ nada ☐outros

Quando você volta da escola, você dedica algum tempo para estudar ? ☐ sim ☐ não

Por quê?_____

4- Vida social

Você gosta do lugar onde você mora ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

Tem amigos ali ? ☐ sim ☐ não É fácil para você fazer amigos ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Você mantém as suas amizades ? ☐ sim ☐ não

Prefere estar : ☐só ☐ com outras pessoas ☐ depende ☐ outros

O que você faz quando está com outras pessoas da sua idade ? ☐ nada ☐ brinco

☐ converso ☐ escuto ☐ me aborreço ☐ outros

Você pratica algum esporte ? ☐ sim ☐ não Qual ? _____

Onde ? ☐ no clube ☐ na rua ☐ na escola ☐ outros

Tem preferência por algum esporte ? ☐ sim ☐ não Qual ? _____

O que você gosta de fazer quando está sozinho(a) ? _____

Entre seus amigos há meninas (os) ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

Qual a sua opinião sobre as (os) meninas (os) ? _____

5- Vida íntima

Você já namorou ? ☐ sim ☐ não Fale sobre seus namoros

_____

Você já teve um contato mais íntimo com outra pessoa? ☐ sim ☐não Como foi ?

_____

_____

Você se masturba ? ☐ sim ☐ não Com que freqüência ? ☐ freqüentemente

☐ às vezes ☐ raramente ☐ outros

Já foi repreendido por causa disso ? ☐ sim ☐ não

Por quem ? ☐ responsável(is) ☐ irmão (s) ☐ parente(s) ☐ amigo(s)

☐ desconhecido(s) ☐ outros Como foi a repreensão ? ☐ conversa

☐ castigo ☐ surra ☐ ameaça ☐ gritos ☐ outros

Qual a sua reação ? _____

6- Aspectos da personalidade

Você tem atitudes que as pessoas não aprovam ? ☐ sim ☐ não

Quais são elas ? _____

Você gosta que lhe digam o que você deve fazer ? ☐ sim ☐ não

Fica preocupado com coisas ruins que podem acontecer com você ou com as pessoas de quem

você gosta ? ☐ sim ☐ não Com quem ?_____

Por quê ? _____

O que você faz quando se aborrece? ☐ nada ☐ procuro resolver ☐ vou dormir

☐ ando ☐ brigo ☐ xingo ☐ outros

Você costuma mentir, às vezes, para conseguir o que quer ? ☐ sim não☐

Por quê ? _____

Você costuma responder a seus pais, professores ou pessoas mais velhas em geral ?

☐ sim ☐ não Por quê ? _____

Você fica triste sem razão ? ☐ sim ☐ não Por quê? _____

Tem vontade de chorar? ☐ sim ☐ não Quando ?☐ sempre ☐ às vezes ☐ raramente

Por quê ? _____

Você tem medos ? ☐ sim ☐ não Quando ? ☐ sempre☐ às vezes ☐ raramente

De quê ? _____

Quando você quer algo, insiste até conseguir ? ☐ sim ☐ não Por quê ?_____

Quando você inicia uma tarefa, é capaz de terminá-la ? ☐ sim ☐não ☐ às vezes

Costuma bater nas pessoas ? ☐ sim ☐ não Em quem ? ☐ colegas

☐ crianças mais novas ☐ Irmãos ☐ responsáveis ☐ desconhecidos ☐ outros

6- Vida familiar

Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)? ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐mais de 6

Quantos cômodos tem sua casa ? ☐ até 3 ☐ até 4 ☐ até 5 ☐ até 6 ☐ mais de 6 Você e seus irmãos têm um quarto só para vocês ?

☐ sim☐ não Onde vocês dormem ? _____

Como você se relaciona com as pessoas que moram na sua casa ? ☐ mal com todas as pessoas

☐ bem com todas as pessoas ☐ mal com algumas pessoas ☐ outros

Como as pessoas se relacionam entre si ? ☐ com problemas ☐ sem problemas ☐ outros

De quem você gosta mais na sua casa ? _____ Por quê ?

_____

Vocês vão a lugares juntos ? ☐ sim ☐ não Onde ? _____

Com que freqüência vocês saem juntos ? ☐ sempre ☐ às vezes ☐ raramente ☐ outros

7- Hábitos pessoais

Como é o seu sono ? ☐ calmo ☐ agitado ☐ interrompido ☐ outros

Você costuma sonhar ? ☐ sim ☐ não Como são estes sonhos ?

_____

Você tem pesadelos ? ☐ sim ☐não Como são eles ? _____

_____

Costuma sonhar acordado ? ☐ sim ☐ não Com o quê ? _____

Sente-se assustado na hora de dormir ? ☐ sim ☐ não Por quê ? _____

_____

Quando fica nervoso durante o dia, faz xixi na cama, à noite ? ☐ sim ☐ não

Como é a sua alimentação ? ☐ boa ☐ razoável ☐ ruim ☐ outros

_____

Tem preferência por alguma comida ? ☐ sim ☐ não Qual ?_____

Onde você faz suas refeições ? ☐ em casa ☐ na escola ☐ na rua ☐ outros

Precisa de ajuda para se vestir ? ☐ sim ☐ não Quem escolhe suas roupas ? _____

Por quê ? _____

Quando você fica nervoso: ☐sua nas mãos ☐ gagueja ☐ tem dor de barriga ☐ tique nervoso ☐coração bate depressa ☐rói unhas ☐ outros

Você já experimentou drogas ? ☐ sim ☐ não De que tipo ? ☐maconha ☐cocaína ☐ crack ☐ LSD ☐ barbitúricos cola ☐ outros Com que freqüência ? ☐ às vezes ☐ uma vez ☐ várias vezes ☐ outros Por quê?

_____

Alguém sabe disso ? ☐ sim ☐ não Quem ? _____

Já foi punido por causa disso ? ☐ sim ☐ não Que tipo de punição ? ☐surra ☐ameaça ☐ castigo ☐ gritos ☐ conversa ☐ outros

8- Lazer

Quanto tempo ou quantas horas por dia ou por semana você se dedica a algum lazer ou passatempo ?_____

Quais são os seus lazeres ou passatempos preferidos ?_____

_____

Por que eles são os preferidos ?_____

Você os realiza : ☐ sozinho(a) ☐ em grupo ?

Quem faz parte desse grupo ?_____

Tem alguma habilidade artística ou manual ? ☐ sim ☐ não Qual ?_____

Você a pratica ? ☐ sim ☐ não Onde ?_____

Alguém o incentiva para isso ? ☐ sim ☐ não Quem ? _____

Você assiste à televisão ? ☐ sim ☐ não Que tipo de programas? _____

Com que freqüência ? ☐ o dia todo ☐ metade do dia ☐ algumas horas diárias ☐ fins de semana ☐ nunca ☐ outros

9- História da violência

_____

Fale-me sobre os seus pais _____

_____

_____

Como você se sente, vivendo com eles ? _____

_____

Em sua casa é usado algum tipo de castigo, para punir certas atitudes ? ☐ sim ☐ não

Qual o tipo de castigo ? _____ Quem o aplica ? _____

Você costuma atender a seus pais naquilo que eles lhe pedem ou falam ? ☐ sim ☐ não

Por quê ? _____

Quando você não atende, o que acontece ? Descreva uma situação._____

_____

_____

Como você reage a isso ? ☐ aceita ☐ chora ☐ xinga ☐ se esconde ☐ outros

Você acha que poderia ser diferente ? ☐ sim ☐ não Como ? _____

_____

Por que você acha que tudo isso acontece? _____

_____

10- História do abuso (apenas para crianças ou adolescentes que foram vítimas deste tipo de violência)

(Após uma pequena preleção sobre o abuso sexual, no sentido de tranqüilizar o menor)

Como foi que tudo aconteceu ? _____

Como você se sentia ? _____

Procurou conversar com alguém sobre isso ? ☐ sim ☐ não Quem ?

_____

Qual a reação dessa pessoa ? _____

E agora, como você se sente ? _____

O que você sente pela pessoa que participou disso com você ? _____

_____

Você já havia feito isso com alguém ? ☐ sim ☐ não Quem ?_____

Como estão as pessoas em sua casa? _____

Você acha que essa situação modificou algo em sua família ? ☐ sim ☐ não

O quê ?_____

RESUMO DAS ANAMNESES*

Caso 1: Família composta por: pai (C.P.) - 29 anos; mãe (S.P.) - 27 anos ; e F - 7 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai - caminhoneiro; mãe - auxiliar de serviços gerais. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança (s) e (ou) adolescente (s) : pai - violência psicológica(denunciada pela mãe no S.O.S. Ação mulher e Família) ; mãe - violência física (denunciada pela criança na entrevista).

OBS. : A pesquisadora, ao chegar à casa de S., foi atendida por seu marido, que não sabia da visita. A chegada de S. foi aguardada do lado de fora de sua casa, que parece estar em construção. S., ao chegar, foi apanhar sua filha na escola. Ao retornar para sua casa, ela explicou ao marido sobre a pesquisa e este não pareceu muito satisfeito. Ele foi convidado a participar da entrevista. Não aceitou, respondendo que ia para a aula (Supletivo), e não tinha tempo. Não se ausentou da sala, enquanto ocorreu a entrevista de S. e D. Ficou curioso em saber como seria uma entrevista com ele, porque se fosse igual à de S., ele aceitaria fazê – la. Suas dúvidas foram esclarecidas e ele participou da pesquisa.

S. relata que namoraram quase dois anos. Ela ficou grávida e se casaram. Desde o início do casamento, S. sofre agressões físicas. S. acha que a filha está comprometida emocionalmente. Ela chora muito quando o pai está para chegar. Na escola, está revoltada: não quer ir à aula, sabia escrever mas, não quer mais fazê-lo. *D. tem problemas de aprendizagem, desde que começaram os problemas aqui em casa.* O pai grita demais com a criança.

S. é quem sustenta a casa, o marido quer que ela saia, mas ela não tem para onde ir. Há 20 dias, ela passou a dormir na cama da filha e esta dorme na cama com o pai. *D. dorme na cama com o pai porque não temos espaço dentro da casa. Esta foi a melhor solução. D. tem me perguntado sobre sexo, mas eu nunca falo a verdade. Eu a engano.* S. está muito nervosa e tem freqüentes dores no estômago. *Me acho muito sofrida pela vida. Já pensei em me matar, mas olho para minha filha e desisto.* O pai de S. era alcoolista e batia na mãe. *Acho que minha mãe sofreu muito com meu pai. Ela tem problema de nervos. Se morde, puxa os cabelos, nunca foi internada, mas toma bastante remédio.*

* Os erros de concordância gramatical nos discursos diretos dos sujeitos da pesquisa são tentativas de manter a fidedignidade dos relatos

C. acusa a mulher de ser esbanjadora. Atualmente, ele não liga mais para ela. Ela faz o que quer e ele não sabe nem por onde ela anda. Ela quer se separar, mas quer a metade dos bens dele e ele não aceita dividir nada com ela. Ele tem renda própria. Afirma que ela gosta de escândalo e ele, não. Ele a acha uma artista, gosta de baixaria, grita e ele tenta contê-la. Uma vez ele a 'derrubou' no chão e ela 'se ralou' de propósito para depois ir à Delegacia de Defesa das Mulheres. *Já passei por muita coisa e se ela acha que vai me vencer, está enganada. Eu sei me defender. S. acha que D. tem problemas por causa das brigas em casa. Quando o meu pai bebia, me trancava no banheiro e eu ficava com medo, mas isso não me causou trauma. Meu pai é fraco dos nervos. Foi internado muitas vezes e toma muitos remédios.*

D. nasceu 5 meses após o casamento dos seus pais. Segundo S., *D. veio por acaso.* A gestação foi agitada. Sua amamentação durou apenas 8 dias, porque o leite de S. secou. O desenvolvimento motor foi normal. Usou chupeta até os 5 anos e há dois anos rói as unhas. D. chora com facilidade. É uma criança pensativa, preocupada e quieta. Quer sempre ficar perto da mãe. Quase nunca sorri. Fala apenas quando alguém lhe pergunta alguma coisa. *Você costuma sonhar, D ? Sim. Sonho com coisas más. Você tem pesadelos, D ? Sim. Com um monte de olhos vermelhos.*

Ao final da entrevista, o casal se desentendeu por questões de dinheiro para o supermercado. D., durante a briga, permaneceu agarrada à mãe. C. apareceu no ponto de ônibus, quando a pesquisadora estava esperando pela condução e disse que S. pede dinheiro a ele, de propósito, na frente dos outros, para criar uma situação de briga e fazer ele passar por 'miserável'.

Caso 2: Família composta por: pai (J. M.) - 44 anos; mãe (M.M.) - 42 anos; e filhos : F1 - 19 anos; F2 - 17 anos ; e M - 13 anos. Escolaridade do casal: pai -1° grau incompleto; mãe - 1° grau completo. Religião do casal : sem religião. Profissão do casal : pai - porteiro; mãe - balconista. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física ((denunciada pela mãe no S. O. S. Ação Mulher e Família); mãe – violência psicológica (avaliada pela pesquisadora durante a visita domiciliar).

M. está na casa do seu pai com o filho, para participar da entrevista. Está muito confusa emocionalmente e seu discurso é sempre entrecortado com prolongados silêncios. As filhas estão com o marido em sua casa. Ela espera vender a casa e poder comprar outra, para mudar. Tem gastrite e psoríase. A família forçou o casamento com J., e ela tem se sujeitado a ele durante 20 anos. O marido reage à separação com ameaças de morte e acusações diante dos filhos de que ela tem outros homens. Ela não suporta mais que ele a toque. J. tentava forçá-la a ter relações sexuais e os filhos, freqüentemente, escutavam os seus gritos. M. diz que está tão perturbada que pensa em se matar. Tem atitudes estranhas, às vezes relata querer se ver livre dos filhos e ter uma vida melhor; outras vezes, parece alheia a tudo. M. teve uma infância complicada, com um pai excessivamente violento com a mãe e os filhos. Tem um irmão que é dependente químico e uma irmã epiléptica.

M.R., o filho de 13 anos, não foi desejado, nem planejado. Segundo M. *pobre não planeja.* A gestação foi bastante agitada, por problemas orgânicos e emocionais. O desenvolvimento psicomotor foi normal. Começou e interrompeu um tratamento psicológico de grupo, porque a mãe alegou falta de dinheiro e tempo. Tem problemas de relacionamento com a irmã mais velha e com o pai. Não consegue mais estudar, nem ir à escola, porque está perturbado pelos problemas da mãe e pelos seus problemas com seu pai. Preocupa - se muito com a situação de sua família.

M. lamenta - se o tempo todo perto do filho, que presta muita atenção ao que ela fala. *Como se sente vivendo com seus pais, M.R. ? Inocente. Algumas vezes respondo aos meus pais, professores e pessoas mais velhas porque eles não têm razão, eles falam coisas que não são verdades.*

Ao final das entrevistas, M. disse que tomou a decisão de se separar por causa do filho, que apanhava demais do pai, o qual parece ter implicância com ele. Ela agora está seguindo os conselhos da médica que a atendeu por causa da psoríase*: Só faço o que gosto, a partir de agora. Saí da igreja (protestante) e até cortei meu cabelo. Não uso mais aquelas roupas horrorosas.*

Caso 3: Família composta por: mãe (Q. N.) 24 anos; e filhos : F1 - 10 anos; F2 - 8 anos ; F3 - 7 anos; F4 - 4 anos; M1 - 2 anos ; e M2 - 4 meses. Escolaridade da mãe - 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – violência física e violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – violência física (denunciada por uma das crianças na entrevista); mãe – violência psicológica e negligência (avaliada pela pesquisadora durante a visita domiciliar).

O pai é agressivo com os filhos. Espanca-os com uma cinta. A filha mais velha revelou à avó que o pai tentou 'agarrá-la à força'. A irmã de oito anos também se queixou de que acordou com o pai colocando o dedo na sua 'xereca'. O caso foi levado à Vara da Infância e da Juventude, pela avó, e o juiz determinou o afastamento do pai, de casa.

Conheceu o marido com 13 anos. Namoraram 2 meses e se casaram. Atualmente, está morando com seus seis filhos em um barraco com um cômodo. Resolveu denunciar o marido, no S. O. S. Ação Mulher e Família, porque ele batia e machucava, tanto ela quanto as crianças. Todas as gestações foram tranqüilas. *Não sei o que acontece comigo, eu tomava pílula e engravidava.* Apesar de uma família numerosa, Q. nunca passou por situações de violência na sua infância.

Quanto às situações depois de casada, durante algum tempo viveram bem. Depois, ele começou a xingá-la que ela não prestava, que devia vender o corpo e que igual a ela ele achava em qualquer lugar. Afirma*: Me sentia péssima, com vontade de me matar. Tomei remédio 4 vezes para morrer.* Acha que os fatos que aconteceram na sua família poderiam ter sido evitados de alguma forma e *se dependesse de mim, estava com ele até hoje.*

A filha mais velha, de dez anos, se recusou a participar da entrevista. Q. tentou obrigá-la e ela começou a chorar. Foi solicitado a ela que não forçasse a criança, porque não haveria problemas se ela não quisesse conversar. Q. falou bem alto e com raiva, olhando para a pesquisadora : *Desde que ela foi estuprada pelo pai está assim, toda esquisita.* F., de oito anos, parecia alheia a tudo à sua volta, durante toda a entrevista. Só queria brincar e ria de qualquer coisa.

No entanto, a filha de sete anos apresentou um nível de maturidade além da sua idade. Enquanto a família parece desestruturada, ela mantém uma atitude séria, reflexiva

e crítica sobre tudo o que está acontecendo à sua volta. *Não gosto do lugar onde moro, porque tem muita coisa que acontece. Tarado, gente que invade a casa da gente. Eu gosto mais da minha mãe porque ela nunca me bateu. Meu pai já deixou nós marcada. Quando o meu pai me batia e eu ficava marcada, nunca que sumia o roxo". Me sinto assustada na hora de dormir, com alguém que pode aparecer na minha frente. Você acha que tudo isso podia ser diferente ? Acho. Porque é ruim ser como meu pai. É ruim viver assim.*

Caso 4 : Família composta por : pai – 31 anos; mãe (M. L.) 26 anos; e filhos : M - 10 anos e F - 5 anos. Escolaridade do casal : pai - 1° grau completo; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : sem religião. Profissão do casal : pai – ajudante de serviços gerais em obras ; mãe - do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

OBS.: M. estava esperando desde cedo pela visita, pois, comentou haver pensado que seria mais cedo. A casa estava bem arrumada e as crianças de banho tomado e roupas limpas. Parecia, o tempo todo, que M. queria causar boa impressão. Sua moradia é um barraco, que foi doado pelo seu pai ao casal e está construído em um terreno da Prefeitura.

M. relata que conheceu S. quando tinha 15 anos, fugindo de casa para se casar e escapar do domínio do pai. Na época, S. parecia ser uma boa pessoa. Após um ano de convivência, ele passou a ter uma conduta agressiva com M. e, posteriormente, com as crianças.

Está separada, judicialmente, há um ano, mas S. não aceita a separação e mora na mesma casa. Faz ameaças constantes de morte a M. e obriga-a a devolver-lhe o que é descontado mensalmente de salário como pensão alimentícia. Esse dinheiro, segundo M., é gasto em bebidas no bar. *Toda vez que ele chega bêbado, eu corro para a casa da vizinha e só volto quando ele está dormindo.* A situação entre os dois é insustentável, mas quando a polícia chega, devido a reclamações dos vizinhos, ele se intimida e muda a sua conduta.

M. parou de trabalhar porque não consegue mais dormir. Sente dores em todo o corpo. *Já desmaiei e fiquei fora de mim três vezes. Estou muito nervosa. Já tentei me matar algumas vezes. Duas vezes tomei veneno e uma vez me enforquei. Não tenho para onde ir com as crianças. Tenho de ficar aqui mesmo. O pai de S. morreu de tanto beber, quem sabe ele não morre assim ?*

S. contou a M. que quando ele era jovem tentou matar a própria mãe, sendo assim, matá-la não seria problema. Quando o casal começava a brigar, as crianças corriam e pegavam o facão na cozinha e davam para M. atacar S..

A., de dez anos, é um menino ativo, que durante toda a entrevista não conseguiu ficar parado, estava sempre mexendo em alguma coisa. Sua gestação foi desejada, planejada e tranqüila, segundo M. Atualmente, ele é muito preocupado com sua mãe, temendo que seu pai a mate. *Sonho com meu pai brigando e matando a minha mãe. Como você se sente com este sonho ? Mal, porque não dá para viver uma vida dessas com o meu pai.*

É uma criança de aparência triste, que vem apresentando prejuízo no seu rendimento escolar. Já foi reprovado uma vez, pois, não ia à escola, para ficar na rua ou na casa de vizinhos. *Você fica triste, A. ? Fico. Por quê ? Porque meu pai bate em mim. Você tem medo, A. ? Tenho. Quando ? Sempre. De quê ? Do meu pai me bater com força. Um dia ele me bateu de cinta e a fivela da cinta entrou na minha mão.*

Caso 5 : Família composta por: pai (A. F.) - 42 anos ; mãe (S.F.) - 40 anos; e filhos : M1 - 18 anos; M2 - 15 anos; e M3 - 13 anos. Escolaridade do casal: pai -2° grau incompleto ; mãe - 1° grau completo. Religião do casal : pai - católica ; mãe - espírita. Profissão do casal : pai - comerciante ; mãe - secretária. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

S., a princípio, parecia que não iria ser muito participativa na entrevista, pois, proibiu a pesquisadora de falar com seus filhos, justificando que isto poderia lhes fazer mal. A entrevista foi marcada, mesmo com essas limitações, pensando-se na possibilidade de que, após S. conhecer o conteúdo do trabalho, mudasse sua opinião. Isto, no entanto, não aconteceu. O encontro foi marcado pela manhã, em um horário em que seus filhos ainda estavam dormindo e seu marido já havia saído de casa para trabalhar.

A família vive numa casa grande e luxuosa, decorada com móveis caros e de bom gosto, em um bairro de classe média na cidade de Campinas. S. foi bastante receptiva e tem um nível de comunicação e de vocabulário muito bom. Foi observado o cuidado de S. em fechar a porta da sala, que faz comunicação com os quartos, e sentar-se bem próxima à pesquisadora, falando baixo e olhando a todo momento para a porta. Num determinado instante, um dos seus filhos abriu a porta de comunicação e S. pediu-lhe que a fechasse, pois, ela estava conversando com uma 'amiga do Centro Espírita'.

Conheceu A., namorou, noivou e casou-se depois de algum tempo. Nos preparativos para o casamento, A. só queria fazer prevalecer a sua vontade. Após o casamento, A. foi ficando cada vez mais autoritário e violento com ela e, posteriormente, com os filhos, especialmente o mais velho. Este apresenta-se sempre calado e fechado, como o pai. Quando ele tinha dez anos, A. espancou-o e quando ele caiu no chão, chutou - o. Isto ocorreu na frente de várias pessoas. Essas cenas foram repetidas em outras ocasiões e, também, com S.. Ele a esbofeteia, puxa seus cabelos, derruba-a no chão e chuta-a contra a parede.

Os filhos são revoltados com essa situação. Há três anos, A. arranjou uma amante e não fez questão de esconder o fato, nem dela nem dos filhos. Neste período, o filho mais novo começou a fazer cocô na cama, à noite, e S. pegou uma 'virose', que, após vários exames, foi diagnosticada como um câncer de útero, sendo submetida a cirurgia.

S. ficou um longo tempo tomando tranqüilizantes. Afirma que se não faz o que A.quer (por exemplo: ter relações sexuais 'como animais'), ele deixa faltar as coisas em casa e agride a ela e aos filhos com maior freqüência. Sua auto - imagem é bastante desvitalizada. *Como você se percebe como pessoa, S. ? Sou sugestionada pelo o que os outros falam. Me sinto culpada por não ter tido compreensão suficiente para mudar o quadro.*

As situações de violência na infância de S. estão vivas na sua memória e parecem se repetir no seu presente. *Como as situações de violência acontecem na sua casa, S. ? É só A. chegar em casa que ele fica nervoso...Você passou por situações de violência na sua infância, S. ? Sim. Descreva-as por favor, S. ? Meu pai alugava uma casa nos fundos do nosso terreno. Quando ocorriam problemas por causa dessa situação, ele chegava em casa e nos batia, sem a mínima razão.*

S. se preocupa, principalmente, com o filho mais velho e solicitou, insistentemente, à pesquisadora, uma indicação de um profissional para atendê-lo pois, acha-o *muito trancado, muito dentro dele.* Apesar de reconhecer a importância de um atendimento psicoterápico para o seu filho, manteve a proibição de entrevistá-lo.

Caso 6 : Família composta por: mãe (V.S.) - 31 anos; e filhos : M1 - 10 anos; e M2 - 8 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe: costureira. Agressor (es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe - violência física (denunciada por uma das crianças na entrevista).

V. vive numa casa afastada, no final de uma rua sem calçamento. Não há vizinhos, próximos de sua moradia. A residência tem um cômodo onde existem várias máquinas industriais de costura, um fogão, um beliche e uma cama de casal. Tem um quintal grande, onde V., da janela, vê seus filhos brincando. No dia marcado para a entrevista, V. esqueceu-se e estava bastante atarefada com costuras para entregar numa confecção. Seu filho mais velho, W., estava ajudando-a nos acabamentos das roupas.

Ela conheceu D. na adolescência e, como sua família não gostava dele, V. fugiu para casar. Este fato fez com que ela nunca contasse aos seus familiares o que se passava na sua casa, achando que deveria arcar com as conseqüências dos seus atos. Há tempos, V. sofre agressões físicas, junto com os filhos, e até ameaças de morte, da parte de D. No início, ele só agredia os filhos, atualmente, agride V., também.

O filho mais velho, W., é que vem sofrendo mais agressões: surras de cinta e de vara. O menino tem cicatrizes nas costas. Numa certa ocasião, quando viu o pai agredir a mãe com um canivete, teve uma paralisia do lado esquerdo do corpo. Atualmente, faz tratamento com um médico que usa Florais de Bach. O filho mais novo faz tratamento psicológico na PUC, em Campinas, pois, passou a fugir de casa após ter presenciado uma agressão do pai ao irmão mais velho. No prazo de um mês, fugiu quatro vezes de casa.

D. fez vários exames para ver se descobria a origem de sua agressividade. Por orientação médica, foram receitados tranqüilizantes, que ele não tomou. Não se preocupa com o sustento da família, gastando o seu salário com aparelhos de som, que são quebrados nas discussões do casal.

V. está separada, atualmente, de D., mas, se sente amedrontada. *Eu fico com medo à noite porque estou sozinha aqui com as crianças. D. falava dormindo e um dia eu escutei ele falando "deixa, cara, eu compro a arma. Eu só quero que você faça o serviço". Já pensou se o serviço é me matar ? Como é que vão ficar essas crianças ?*. V. se

preocupa com o comportamento, principalmente, do seu filho mais velho, W., no futuro. *"Eu queria que ele se interessasse em estudar para ter um bom emprego. Mas, eu quero, também, que ele não seja agressivo.*

W. é um menino esperto e sorridente. V. fez tratamento para engravidar. Foi uma criança desejada e planejada, no entanto, V. teve uma gestação agitada, com problemas de saúde. W., apesar de sua aparência despreocupada, apresenta lembranças e, provavelmente, marcas de sua situação familiar. *Você fica triste, W. ? Fico. Quando ? Sempre que acontecem muitas coisas. Você tem vontade de chorar, W. ? Tenho, às vezes, porque eu vejo algumas coisas. Você tem medo, W. ? Tenho. Quando, W. ? Sempre. De quê ? Do meu pai matar a minha mãe.*

V. relata que, na última agressão de D., ele a espancou e, num determinado momento, correu para pegar um canivete que carrega dentro de sua bolsa. Não o encontrou, pois, este já havia sido retirado do local por W.

Caso 7 : Família composta por: pai (J. F.) - 49 anos ; mãe (E. F.) - 35 anos; e filhos : M1 - 17 anos ; M2 - 15 anos ; M3 - 13 anos; e F - 10 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai - operador de caldeira ; mãe - faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai - violência psicológica (denunciada por um dos adolescentes na entrevista).

E. estava esperando a pesquisadora em sua casa, que, apesar de estar em construção, estava muito limpa e arrumada. E. apresenta boa aparência, assim como suas crianças. Seu marido, J., chegou durante a entrevista com a família. Não cumprimentou ninguém, olhou a visitante sem muita simpatia e saiu. Sua aparência e atitude não causaram boa impressão. E. pareceu incomodada com o incidente.

Inicia a entrevista contando que o relacionamento afetivo até o casamento foi normal, sem problemas e passando pelas tradicionais fases de namoro e noivado. No entanto, atualmente, o relacionamento de J., tanto com ela quanto com os filhos, tem se tornado cada vez mais agressivo.

J. a obriga a ter relações sexuais, freqüentemente, e contra a sua vontade. Agride-a, nestes momentos, jogando-a no chão. Seus filhos vêm defendê-la e ele os agride. Além deste fato, as agressões ocorrem por qualquer discussão, sobre qualquer coisa. E. parece sentir-se, de certa forma, merecendo essa situação. *Como você se percebe como pessoa, E. ? Não sei dizer. Sou um ser vivo, cumprindo minha obrigação.*

Sua filha apresenta problemas de adaptação, na escola. Reclama que seus irmãos batem nela, mas ela também bate neles. O relacionamento entre os membros da família, para ela, é difícil, com algumas pessoas. Seus sonhos parecem resumir o ambiente familiar. *Você costuma sonhar ? Sim. Como são estes sonhos, E. ? Com brigas.*

Os filhos do casal, de 15 e 13 anos, expressam a mesma opinião sobre o relacionamento das pessoas em casa, ou seja, *com problemas.* Ambos apresentam ressentimentos quanto à situação em que seus pais vivem e que de alguma forma lhes afeta. *Fale - me sobre seus pais, M2. ? Minha mãe é legal e briga comigo de vez em quando. Meu pai é ranzinza.... Quando você não atende a seus pais, o que acontece, M2. ? Meu pai começa a brigar e ameaçar. Como você reage a isso ? Xingo. Por que você acha que estas coisas acontecem ? Porque eu não gosto da forma como eles me tratam.*

Caso 8 : Família composta por: pai (I. P.) - 45 anos ; mãe (C.P.) - 41 anos; e filhos : F - 20 anos e M – 12 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai - motorista ; mãe - doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A localização da casa é péssima, no entanto, é uma casa espaçosa e limpa. C. é uma pessoa agradável, que trabalha e conta com o apoio de sua mãe, que supervisiona a casa, na sua ausência. A filha mais velha casou-se e, atualmente, moram na residência, C., I. e o filho.

Seu marido passa, às vezes, dias sem voltar para a casa. Ao retornar, faz sempre grosserias. Ele a trata como uma empregada, fazendo-a levantar-se às 4:30 hs da manhã para acordá-lo. C. diz que ele faz isso por 'pura maldade'. Sujeitou-se a todas essas humilhações pelos filhos, até mesmo esconder as brigas do casal.

C. acha que ele não a respeita por ter sido submissa. I. a expulsou do quarto e a expulsa de casa a todo momento. Ela alega que não sai porque não tem para onde ir. Atualmente, dorme com seu filho, no quarto deste. Mantém uma atitude de conformismo diante da situação. *Por que você acha que isso aconteceu na sua família, C. ? Não sei. Estes fatos poderiam ter sido evitados ? Sim. Como ? Se I. fosse mais compreensivo.*

O filho mais novo aconteceu na vida do casal, porque C. tinha problemas para engravidar. Ele passa os dias deitado no sofá, enrolado em um cobertor, vendo TV. Tem poucos amigos e não se sente adaptado, na escola. Ele apresenta opiniões sobre seus pais e a situação do seu lar, que vão do envolvimento à indiferença com tudo o que está acontecendo. *Fale-me sobre os seus pais... Meu pai briga muito com a minha mãe. Ele é que arruma encrenca. Como você se sente vivendo com eles ? Não ligo muito. Você acha que a sua vida podia ser diferente ? Sim. Como? Se meu pai fosse embora e nos deixasse em paz.*

Caso 9 : Família composta por: pai (G.R.) - 45 anos ; mãe (M.R.) - 30 anos; e filhas : F1 - 10 anos e F2 – 9 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai - soldador ; mãe – do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai e mãe – violência física (denunciada pelas crianças na entrevista).

As filhas de M. esperavam a pesquisadora no portão. Estavam bem vestidas, pareciam ir à uma festa. Apesar da pouca idade, estavam usando maquiagem. A casa era confortável, pequena e limpa, com um enorme quintal em frente.

M. estava muito nervosa, temendo que seu marido aparecesse em casa. A situação no lar é tensa, apesar de, no momento, G. ter parado de cometer violência física. M. chamou seu pai para ficar na casa, durante o tempo da entrevista, como uma garantia de que não teríamos problemas.

G. é alcoolista e muito agressivo. Tentou agredi-la fisicamente, várias vezes, e isto fez com que ela se afastasse dele, que, por enquanto, não tentou mais esse tipo de agressão. Todos os dias a agride moralmente, chamando-a de vagabunda e inútil. Faz ameaças de morte, ofende e grita com as filhas, que não podem brincar, pois, sempre têm de estar realizando alguma tarefa doméstica com a mãe.

Ele não dá carinho à família. Acha que, dando coisas materiais às meninas, resolve os seus problemas. Não tem amigos na vizinhança, pois, ele implica com as pessoas. Apesar da situação familiar tensa, M. apresenta uma atitude esperançosa diante da vida. *Me acho calma e compreensiva. Torço pela paz. Você acha que as situações de violência poderiam ser evitadas ? Sim. Por quê? Porque quando G. não bebe, a gente se dá bem.*

A filha mais velha, segundo sua mãe, *é esquecida, mais devagar.* Suas respostas na entrevista, de fato, foram menos elaboradas e afetivas, não só no que diz respeito à sua idade, mas, também, em comparação à sua irmã, de 9 anos. Ela apresenta uma postura crítica e madura, para a sua idade, quanto aos conflitos que sua família atravessa. *Fale – me sobre os seus pais, D... Fico com a cabeça complicada pelas brigas dos meus pais. Como você se sente vivendo com eles ? Com a cabeça complicada. Você acha que as coisas em casa podiam ser diferentes ? Sim. Como ? Meu pai podia parar de beber e deixar de ser folgado.*

Caso 10 : Família composta por: amásio (R. P.) – 28 anos; mãe (I. S.)- 39 anos; e filhos : M - 22 anos e F – 15 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : sem religião. Profissão do casal : amásio – vendedor; mãe – auxiliar de limpeza. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

I. mora numa casa agradável. A pesquisadora não foi convidada a entrar, sendo recebida na varanda e lá permanecendo todo o tempo da entrevista. O marido de I. saiu de casa porque se apaixonou por outra pessoa. Nesse período, ela arranjou um namorado e seu marido resolveu retornar para casa, pois, achou que os dois estavam se aproveitando do que era "seu". Isso fez com que I. se mudasse.

No decorrer da marcação da entrevista e da realização desta, I. começou a ter problemas com sua filha, que se rebelou contra a sua autoridade. O pai levou-a para morar com ele e a cerceou tanto que ela fugiu para a casa de uma amiga. Ficou escondida por uns dias, mas mantinha contato com sua mãe.

Atualmente, seus filhos moram com uma tia materna e a avó. I. vive com seu companheiro. É uma pessoa insatisfeita com a sua situação profissional, porque não gosta do que faz. Seu ex – marido quer vender a casa que pertencia aos dois e dividir o dinheiro, com o que ela não concorda.

Apesar de ter convivido certo tempo com o pai de seus filhos, antes de casar-se, ela se ressente de suas atitudes. *Como você se percebe como pessoa, I. ? Acho que não é isso o que eu queria para mim. Por quê ? Porque vejo que não estou realizada. Por que você acha que essas coisas aconteceram na sua família, I. ? Porque eu não estava preparada para casar. Estes fatos poderiam ter sido evitados ? Sim. Como ? Porque eu não tinha orientação sexual.*

A. tem quinze anos É uma adolescente simpática e bastante sincera. Parecia muito contente por estar participando da entrevista. Atualmente, não tem um bom relacionamento nem com seu irmão nem com sua tia materna, porque são dominadores. Gosta mais de sua avó, porque a 'entende'. Já foi pega por ela fumando maconha escondida e o fato não teve maiores conseqüências. Fuma, até o momento, e só a avó materna sabe.

Quanto a sua opinião sobre os pais, é algo que parece ser difícil para A. *Fale-me sobre seus pais, A.... Não sei. Como se sente vivendo, atualmente ? Agora, bem... Muito bem.*

Caso 11 : Família composta por: mãe (C. S.) - 37 anos; e filhos : M1 - 14 anos e M2 – 7 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : evangélica. Profissão da mãe : mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

C. chegou meia hora atrasada, alegando não acreditar que a pesquisadora fosse à sua casa. Disse que telefonou para o S.O. S., isto é, sua patroa, porque não acreditou que fosse uma pesquisa. Pensou ser sua cunhada, que vem lutando para ter a posse e guarda de uma sobrinha que C. está criando. Ela alega ter mais recursos financeiros. A criança foi abandonada por sua irmã com um ano de idade e, desde então, C. tem a sua guarda. Essa disputa pela criança dura alguns anos e parece que C. vem sofrendo ameaças e ligações telefônicas anônimas desta pessoa.

Manteve, durante a entrevista, uma atitude bastante cuidadosa e desconfiada. Mora no morro, em um barraco de difícil acesso, principalmente pela escada que leva até a sua casa. A entrevista ocorreu no quintal, que fica abaixo da casa. As crianças ficam sós, durante o dia, quando C. sai para trabalhar, pois, o marido não está mais morando com a família. Ao lado de sua casa, há um ponto de venda e uso de drogas. Durante a entrevista, houve um constante entra e sai de pessoas, neste local, e o odor exalado, de maconha, era muito forte.

H. a ofendia com palavrões, jogava coisas em cima dela, dava chutes, tapas, murros e a ameaçava de morte. As crianças, inclusive a sobrinha, além de presenciar as agressões, também as sofriam. Nunca pôde contar com o dinheiro de H. para as necessidades da família, pois, este era gasto com mulheres e bebidas.

C. namorou, noivou e se casou, no entanto, acha que não fez a escolha certa. Acha que a bebida foi a causa mais importante no comportamento violento de H. *Como as situações de violência aconteciam, C. ? Por bebida. Por que você acha que isso aconteceu na sua família ? Não sei. Acho que não escolhi a pessoa certa. Estes fatos podiam ter sido evitados, C. ? Podiam, quando as pessoas se gostam realmente.*

O filho mais novo faz tratamento no Posto de Saúde, porque é muito apegado ao pai e não aceita o fato de ele ter saído de casa. Durante a entrevista, falou do pai e ficou tentando chamar a atenção, por meio de atitudes inadequadas. O primogênito foi mais reservado. Ficou assistindo à TV dentro de casa, só aparecendo quando foi solicitado.

O adolescente foi reticente em suas respostas, dando a impressão de que gostaria de passar a imagem de que 'está tudo bem'. *Fale-me sobre seus pais, A. São bons. Como você se sente vivendo com sua mãe ? Muito bem. Você acha que as coisas na sua casa poderiam ser diferentes ? Sim. Como ? Não sei. Por que você acha que isso acontece ? Não sei.*

A criança de sete anos pareceu mais sincera e autêntica. Estava com desejo de falar sobre as situações na sua casa. Expressou sua predileção pelo pai, porque compra tudo o que ele pede. Apesar de ser o agressor, o pai parece ser uma figura presente na vida dele. *Fale – me sobre seus pais... Da minha mãe, eu não sei nada. Meu pai é legal. Como você se sentia vivendo com seus pais ? Mal.*

Caso 12 : Família composta por: pai (A.S.) - 37 anos ; mãe (M. S.) - 35 anos; e filhas : F1 - 15 anos, F2 – 13 anos ; e F3 – 3 anos. Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto. Religião dos pais : evangélica. Profissão dos pais : pai – manutenção de box ; mãe – auxiliar administrativo. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física e psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência psicológica (denunciada por uma das filhas durante a entrevista).

M. e o marido não se falam. Ela afirma que ele é uma pessoa esquisita, não tem amizade com ninguém e é bastante rancoroso. Passaram a dormir em quartos separados, desde a última gestação, quando A. quebrou o seu braço, pois, desconfiava que ela mantinha um caso extraconjugal com um colega de trabalho. Além das agressões físicas, ocorrem as agressões à sua reputação.

A família mora num porão de uma casa cedida pela mãe de A. Este não se relaciona com a família de origem e, quando o relacionamento ocorre, as agressões, de sua parte, são constantes e desmedidas. Um dia, uma de suas filhas levou um chute, porque não lhe deu, no momento em que ele pediu, uma tesoura.

M. namorou, noivou e, um ano antes do casamento, rompeu a relação. Quando reataram, ela engravidou e se casaram, apesar de sua mãe não concordar. Acha que suas filhas estão muito nervosas com toda essa situação. Ela acredita que a religião poderia ser a solução dos seus problemas. *Fico nervosa, agitada, às vezes fico calma. Por que você acha que essas situações aconteceram na sua família ? Pelo gênio dele. Estes fatos poderiam ter sido evitados, M. ? Sim. Se eu tivesse começado a ir à igreja evangélica antes. Talvez conseguisse contornar as coisas.*

A filha mais velha, S., é uma adolescente típica para sua idade. M. teve problemas de saúde e emocionais na sua gestação. Fica preocupada com sua mãe e irmãs, porque, segundo ela, *nunca se sabe o dia de amanhã.* Tem vontade de chorar, quando se lembra de coisas do passado, e tem medo do futuro. É bem consciente quanto à situação familiar. *Fale-me sobre seus pais, S.... Minha mãe tem um gênio bom. Às vezes eu atendo o que ela pede ou manda. Meu pai tem um gênio difícil, com ele eu não converso e nem ele fala comigo. Como se sente vivendo com seus pais ? Com ele, não consigo viver bem. Prefiro que ele saia de casa.*

S. relata que apanhou de cinta do pai e reagia xingando. Para ela, isto poderia ter sido evitado. *S., você acha que estas situações poderiam ser diferentes ? Sim. Como? Se ele falasse com educação e eu obedecesse mais. E por que isso acontece ? Porque ele grita, eu grito também.*

Caso 13 : Família composta por: pai (A.A.), - 37 anos ; mãe (M. A.) - 36 anos; e filhos : M1 – 18 anos e M2 – 8 anos. Escolaridade do casal: pai - 1° grau completo ; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : evangélica. Profissão do casal : pai – vendedor ; mãe – vendedora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física e psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A família mora numa casa pequena, porém, confortável. Parecem viver, materialmente, sem problemas. M. é bastante comunicativa. Ela estava com medo que seu filho mais velho tivesse esquecido o horário de nossa entrevista.

Minutos depois da minha chegada, o adolescente apareceu. Ele estava mal humorado e M. pediu à pesquisadora que falasse com ele sobre a pesquisa e seu objetivo, porque ele não acreditava nela. A solicitação de M. foi atendida e, aos poucos, o adolescente foi se descontraindo. No final da entrevista, reclamou porque tinha acabado tão rápido.

Um amigo apareceu e ele saiu de carro, se despedindo, alegremente. O filho mais novo chegou, no final da entrevista, e M. foi preparar-lhe o lanche. M. se queixa da forma como A. trata a família. É um homem sem vícios, trabalhador, mas, agressivo com ela e o filho mais velho. Com o filho mais novo, ele é carinhoso e o trata muito bem. M. não gostaria de se separar, mas o filho mais velho quer sair de casa, devido aos maus tratos do pai.

A. não sai com a família. Vai sempre só para o sítio ou pescar. M. foi agredida várias vezes, fisicamente. Ele lhe dá chutes, tapas e tenta enforcá-la. Numa briga de A. com o primogênito, ao tentar separar os dois, ele foi para cima dela com uma faca, dizendo que a solução de tudo seria matá-la. M. diz que gosta de A. Não tem medo dele, mas não o enfrenta.

Ela tem medo de ficar só e se sentir desprotegida, principalmente, em caso de doença. Reconhece, apesar disso, que não tem muito amor próprio. Tem alguma percepção do quanto o comportamento do casal interfere nos filhos. *Como é o seu relacionamento com seus filhos, M. ? Regular. Por quê ? Eu não sei, é pelo clima de casa. Eles ficam revoltados.*

O filho mais velho parou de estudar. Diz que é preguiçoso, apesar de nunca ter tido dificuldades na escola. Como o seu pai, gosta de pescar e, atualmente, dedica-se ao teclado, incentivado pela namorada. Trabalha em entrega de leite, desde os 17 anos.

Quanto aos pais, parece preocupado com a situação deles. *Fale-me dos seus pais... Gosto deles mas, parece que eles não se entendem. Meu pai é muito nervoso. Como você se sente vivendo com eles ? Mal. Meio constrangido. Tenho más recordações da minha infância. Por que você acha que estas coisas aconteceram na sua família ? Porque nenhum dos dois tem força de vontade para mudar de vida.*

Caso 14 : Família composta por: pai (A.L.) - 39 anos ; mãe (R.L.) - 38 anos; e filhos : F – 15 anos; M1 – 14 anos ;e M2 – 12 anos. Escolaridade do casal: pai - 1° grau incompleto ; mãe - 1° grau completo. Religião do casal : pai – católico; mãe – Igreja Universal do Reino de Deus. Profissão do casal : pai – motorista ; mãe – do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente (s) : pai - violência física e psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa é pobre, apesar de estar localizada em um bairro de classe média de Campinas. Está situada nos fundos da casa da mãe de R. Seu marido já criou problemas com a sogra, que, inclusive, chamou a polícia e fez um Boletim de Ocorrência contra ele.

Namoraram durante um ano e meio e R. engravidou, casando-se em seguida. Desde antes do casamento, A. era alcoolista e as agressões já ocorriam. A mãe de R., atualmente, interfere nas brigas do casal e, quando A. está para chegar em casa, tanto R. quanto as crianças correm para a casa da avó.

A. grita, xinga, faz ameaças de morte e não está satisfeito com nada. Quando R. vai à igreja, ele diz que ela vai andar com o pastor. Nunca admitiu que ela trabalhasse ou estudasse. R. sempre se submeteu às suas exigências.

Durante a infância, R. viu, várias vezes, seu pai agredir a sua mãe. Ele também era violento com os filhos. Numa certa ocasião, chegou a puxar o revólver para matar a sua mãe. R. tem noção de suas dificuldades e de suas limitações, no momento. *Sou muito preocupada. Quero enxergar mais do que posso.*

O filho primogênito parece ser o mais preocupado e sensível com o que está acontecendo no momento e expressa a sua dor. Quando foi falar do pai e da situação familiar, teve uma crise de choro, fazendo com que a entrevista fosse interrompida, até ele se acalmar.

A pessoa de quem ele mais gosta, na família, não são os seus pais, mas, seu avô. Segundo ele, *meu avô mostra segurança.* Este o incentiva nos trabalhos manuais de marcenaria. A casa tem diversos objetos feitos por ele, em madeira. Quanto a sua opinião sobre os pais, ele mostra-se reticente. *Fale –me sobre seus pais, A.... Não tem uma relação boa. Como você se sente vivendo com eles ? Inseguro. Por que você acha que essas situações acontecem na sua família ? Porque cada um é na sua.*

O filho mais novo consegue expressar mais diretamente os seus sentimentos em relação aos pais. É um menino expansivo e parece ser mais alegre do que o seu irmão. Fala dos pais com desenvoltura. *Fale-me sobre os seus pais... Minha mãe é legal, às vezes fica brava. Meu pai é legal, mas bebe. Como você se sente vivendo com eles ? Pouco bem, pouco mal.*

Caso 15 : Família composta por : mãe (M. S.) 50 anos; e filhos : F1 – 26 anos; M – 24 anos ; F2 – 18 anos ;e F3 – 17 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa fica situada numa rua sem saída. Apesar de não ter "luxo", ela é muito limpa e os seus cômodos são amplos. Parece uma família feliz, formada apenas por mulheres. M. está no seu emprego há vinte anos. Atualmente, a filha mais nova está aguardando um emprego, que está sendo arranjado por sua mãe, pois, ela é a *mais despachada.*

M. tem uma preferência declarada pela filha mais nova, chegando a comentar que a outra (de 18 anos) é *retardada*, o que não me pareceu verdadeiro. Há dois anos está separada do pai de suas duas filhas mais novas, pois descobriu que ele tinha vários relacionamentos com mulheres. A partir da descoberta, começou a maltratá-la e às filhas. Já encostou a arma na cabeça de uma delas, o que acarretou muita apreensão.

O ex – companheiro (V.), apesar de separado, mora nos fundos da casa e exige *os direitos de chefe da casa :* comida feita, roupa lavada e sexo. A família tem medo de doenças sexualmente transmissíveis, devido à sua promiscuidade. Os pais de M. eram separados. Seu pai tinha uma pensão, em Campinas, e quando ela estava com 10 / 11 anos foi raptada por um pensionista e abusada sexualmente por este.

Antes de ir viver com V. foi casada, durante 3 anos, com um homem que a espancava e bebia. Desta união, nasceram seus dois primeiros filhos (26 anos e 24 anos). A filha de 18 anos em nenhum momento da entrevista fez referência ao pai. Nas suas preocupações, sua irmã está em destaque. Quanto à pessoa de que mais gosta na família, não tem dúvidas em apontar sua mãe. Ao ser solicitada para falar dos pais, mais uma vez exclui o pai. *Fale – me sobre seus pais... Acho minha mãe legal, só que às vezes fica brava.*

A filha mais nova tem uma atitude mais crítica quanto ao relacionamento dos seus pais. *Fale – me sobre os seus pais... Acho mais ou menos. Às vezes eles voltam, às vezes separam. Você acha que poderia ser diferente a situação na sua casa ? Sim. Como ? Eles podiam ser mais legais e unidos. Por que você acha que isso acontece ? Por causa da bebida.*

Caso 16 : Família composta por: pai (W. P.), 51 anos ; mãe (M. G.) 49 anos; e filhas : F1 – 20 anos e F2 – 17 anos. Escolaridade do casal: 2º grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – vendedor ; mãe – vendedora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência psicológica (denunciada pela adolescente durante a entrevista); mãe - negligência (avaliada durante a entrevista pela pesquisadora).

A casa é bem decorada e ampla. M. e sua filha F., de 17 anos, são bastante simpáticas. M., antes de se casar, ajudou o marido a comprar esta casa. No noivado, ele começou a agredi-la fisicamente. Após o casamento, as brigas foram constantes. Certa vez, procurou um advogado para uma possível separação; ao saber do fato, W. lhe deu uma surra. Ela sustenta a casa, pois ele não trabalha, passa o dia na rua.

Atualmente, F. dorme com o pai e M., com a filha mais velha. Ela tem medo que W. 'mexa' com F. Disse que sabia ser isto errado mas, *não podia fazer nada pois, ele não sai de casa*. Às vezes escuta ' barulhos' à noite, mas tem medo de ir 'verificar'. F. escuta sua mãe com atenção, parece constrangida com a situação, no entanto não fala nada. Fica sempre escutando o que sua mãe fala, de cabeça baixa.

M. não sabe se W. usa drogas. Ele fala só, sentado na cama, e baba, segundo ela. A situação nesta casa é bastante delicada. M. tentou suicídio duas vezes e, apesar de estar em tratamento psicológico, há algum tempo, continua reafirmando sua vontade de morrer, em função de tudo isso. *Como as situações de violência acontecem, M. ? Não sei. Antes, eu apanhava e saía normal. Hoje, quando acontece, eu me deprimo, não como, tenho vontade de me matar.*

A gestação de F. foi agitada por problemas emocionais. Ela tomou mamadeira até os 11 anos de idade e apresenta o sono agitado, falando dormindo. Relata que tem medo dos seus sonhos e se sente incomodada por eles. *Você costuma sonhar, F. ? Sim. Como são os seus sonhos ? Tem vezes que é bom, tem vezes que é ruim. Tenho pesadelo com mortes.* Apresenta uma atitude crítica em relação ao pai e à sua conduta. *Fale – me dos seus pais, F.... Eles são legais, mas meu pai fala muito palavrão. Hoje ele não bate mais em mim e também não dá dinheiro. Como você se sente vivendo com eles ? É ruim, às vezes fica um clima chato.*

Caso 17 : Família composta por : mãe (S. D.) 32 anos; e filhos : F1 – 14 anos; M – 11 anos ; F2 – 8 anos; e F3 – 8 meses. Escolaridade da mãe: 1° grau completo. Religião da mãe : evangélica. Profissão da mãe : auxiliar de serviços gerais. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – negligência (avaliada pela pesquisadora na visita domiciliar).

A casa é desarrumada, com roupas espalhadas por todos os lugares. É um ambiente pobre, sujo, onde não há muita preocupação com a higiene. O bebê de 8 meses coloca tudo o que encontra e o que lhe é dado na boca. Até a sua chupeta, quando cai no chão, não é lavada.

S. engravidou de sua filha mais velha de uma pessoa que não quis assumir a paternidade, nem responsabilidade alguma sobre a criança, abandonando- a. Dois anos após o nascimento da menina, S. casou- se com R., que era seu amigo e confidente. Este registrou sua filha (L.) e tiveram mais 3 filhos. Eram vistos como um casal legal. Sexualmente, segundo S., não tinham problemas.

As suspeitas começaram a ocorrer quando sua filha começou a ficar muito colada à ela. Queria que S. dormisse com ela, gostava de ficar sempre por perto e passou a querer ir para o seu trabalho, para não ficar mais só em casa. Foi a irmã de S. que contou sobre o abuso sexual, porque a filha não teve coragem. Na primeira vez, S. duvidou de todos, porque não havia razão para isto estar acontecendo.

A filha e a tia materna combinaram uma situação favorecedora, para que a mãe pudesse testemunhar o que ocorria. De fato, ele foi pego nu, no banheiro, com a adolescente. Ele a fazia 'pegar' no seu pênis e, caso ela se recusasse, ele a forçava. Quando S. testemunhou a cena, chamou a polícia e ele passou uma noite na cadeia. R. negou tudo e pediu, insistentemente, para voltar, mas S. recusou.

S. cresceu em um ambiente conturbado pelas brigas constantes de seus pais. Sua mãe tinha vários amantes e seus pais, nas brigas, chegavam a se esfaquear. A relação de S. com a filha mais velha não é boa. As duas têm muitos atritos; no entanto, com as outras crianças, a relação é de muito carinho, tanto da parte de S. quanto de sua filha.

L., a filha mais velha, é uma adolescente risonha. Relaciona-se bem com os irmãos, inclusive cuida da irmã – bebê (8 meses), para a mãe ir trabalhar. Respondeu desconfiadamente às perguntas da entrevista e não quis falar sobre o abuso sexual. Sua preocupação maior é com a mãe e o irmão. Apesar dos atritos, expressa uma opinião favorável sobre S. : *Ela é legal.*

Caso 18 : Família composta por: pai (A. S.), 40 anos ; mãe (B. P.) 45 anos; e filhos : F1 – 19 anos ; M1 – 18 anos ; F2 – 16 anos ; M2 – 15 anos; M3 – 12 anos; F3 – 9 anos; e F4 – 8 anos. Escolaridade do casal : pai – sem escolaridade ; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – armador de construção civil ; mãe – ajudante de cozinha. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai- violência física e psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência física e psicológica (denunciada pelos filhos na entrevista); pai e mãe – negligência (avaliada pela pesquisadora na visita domiciliar).

A casa é muito pobre e suja. O terreno é cheio de restos de comida espalhados. As crianças estão sujas e rasgadas, brincando com coisas espalhadas pelo quintal. A. estava em casa, bêbado, deitado, assistindo à televisão. Gritava o tempo todo com as crianças e as ameaçava.

As crianças vivem num clima de tensão, principalmente a filha mais nova. Quando ela participou da entrevista, falava muito baixo e olhava, constantemente, para dentro da casa, como se a qualquer momento seu pai pudesse surgir. As filhas mais velhas, de 19 e 16 anos, não vão mais em casa, durante a semana, dormindo nas casas em que trabalham.

O ambiente é ruim. A. afirma que vai começar a trabalhar, para comprar uma arma e matar B.. O trabalho de B. é noturno e quando ela retorna para casa, pela manhã, ele não a deixa dormir, gritando o tempo todo com as crianças.

Ele é alcoolista e agride, fisicamente, com freqüência, a ela e aos filhos. O filho mais velho já foi esfaqueado pelo pai. Ela é quem sustenta a família e A. afirma : *Ô vagabunda, você é obrigada a trabalhar para pôr comida dentro de casa.* B. acha que qualquer dia pode haver uma morte, pelo jeito que as coisas vão.

Ela acredita que essas situações de violência aconteceram porque ela não escutou o conselho das pessoas sobre A. : *Por que você acha que estas situações acontecem, B. ? Porque fui morar junto. Estes fatos poderiam ter sido evitados, B. ? Sim. Como ? Mas eu não escutei conselhos.*

O adolescente de 12 anos, W., parece sofrer conseqüências desta situação familiar. Sente *medos* e tem sonhos, *quando acontecem coisas* em casa. Sobre seus

pais, tem uma opinião formada. *Fale – me sobre seus pais, W.... Meu pai quando bebe xinga a gente. Como você se sente vivendo com eles ? Bem, com a minha mãe.*

A filha mais nova, S., sente vontade de chorar, sempre, *porque meu pai briga com a minha mãe.* Tem a costura como habilidade manual, apesar de não ser incentivada. Sente-se mal vivendo com os pais. Descreve, durante a entrevista, o que pode ser caracterizado como um modelo da relação estabelecida por seus progenitores : *Quando ele bebe briga com a minha mãe e ele tenta bater na gente e a gente corre.*

Caso 19 : Família composta por: pai (D. D.), 37 anos ; mãe (D. D.), 33 anos; e filhos : F – 18 anos e M – 15 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – sem profissão ; mãe –copeira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai- violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela adolescente na entrevista).

A casa é pobre, mas bem limpa. D. D. (mãe) parece estar 'de bem com a vida'. É muito simpática e falante. Casou-se com 14 anos. Com dois meses de casada, seu marido já tinha casos com mulheres.

Há oito anos, ele apenas bebe, e não trabalha mais. Às vezes, faz um serviço para arranjar dinheiro e comprar bebida. Já a agrediu com uma pá de pedreiro e a proibiu de ir ao hospital fazer curativo no ferimento. Ela afirma que gostava muito dele e aceitava estas situações porque pensava que iria melhorar. Após ter tomado a decisão de se separar, ela afirma: *Me sinto feliz. Venci na vida.*

Seu filho L. apresenta problemas no crescimento físico. É um rapaz franzino para os seus 15 anos, e iniciou tratamento endocrinológico. Conserva, até hoje, algumas atitudes infantis, como 'chupar um paninho', a qualquer hora do dia. Avalia o relacionamento dos seus pais com muita pertinência e expressa seus medos em relação ao que ocorre na família. *L., fale –me sobre seus pais...Minha mãe é boa, meu pai agora começou a me tratar bem. Ele era agressivo prá caramba. Como é que você se sente vivendo com eles ? Fico com medo do que ele pode fazer com a minha mãe.*

Durante a entrevista, L. relatou sobre a agressividade de sua mãe, em relação a ele. *O que acontece, L., quando você não atende aos seus pais ? A minha mãe quer dar com um cabo de vassoura em mim. Como você reage a isso? Eu corro dela e xingo.*

Caso 20 : Família composta por: mãe (I. S.), 32 anos; e filhos : F1 – 14 anos; M – 11 anos; F2 – 6 anos; e F3 – 3 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai- violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

I. se divorciou do marido por causa da bebida. Não se sentia preparada para ser mãe. Não desejou nem planejou a sua primeira gravidez. Atualmente, para sustentar a sua família, trabalha 14 horas por dia, como garçonete num bar e fazendo faxinas.

Mora numa casa pequena, comprada com economias do seu trabalho. Ressente-se de ter se casado para se ver livre de sua mãe, que a agredia bastante. Acredita que sua vida teria outro rumo, se sua mãe tivesse sido diferente com ela.

P. tem 14 anos e se sente discriminada no local onde mora, pelo seu jeito de ser. Reconhece essas atitudes, dizendo: *Sou muito chata e ignorante*. Nas perguntas em que P. poderia expressar a sua opinião, a resposta mais freqüente foi *não sei.*

Você costuma responder aos seus pais ou pessoas mais velhas, P.? Sim. Por quê ? Não sei. Você tem medo, P. ? Sim. Quando ? Às vezes. De quê ? Não sei. De quem você gosta mais na sua casa ? Da minha irmã. Por quê ? Não sei. Qual o seu passatempo preferido, P. ? Assistir TV. Assisto o dia inteiro. Por que ele é o preferido ? Não sei.

Quanto ao relacionamento familiar, P. parece ter problemas com seu pai. *Fale – me dos seus pais, P.... Minha mãe, de vez em quando é chata. Meu pai, eu não converso com ele.*

Caso 21 : Família composta por: pai (J. L.), 41 anos ; mãe (G. C.), 42 anos; e filhos* : F1 – 9 anos e F2 – 4 anos. Escolaridade do casal : pai – sem escolaridade ; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – vigilante ; mãe – costureira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : avô paterno - violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência física (denunciada pela criança na entrevista).

J. é alcoolista e ofende G., constantemente, com palavrões. Bate portas, quebra vidraças e vive mandando-a embora de casa. Ela já ameaçou jogar água quente nele e ele a chama de assassina. G. tem uma fita gravada com as ofensas do marido. As crianças assistem sempre às cenas e ficam muito assustadas.

O avô paterno violentou M., a filha mais velha, quando ela estava com 6 anos de idade. G. denunciou-o à polícia e ele ficou seis meses preso. Na época, J. quis matar o pai. Atualmente, não fala mais com ele.

G. viveu numa família com muita violência. Seu pai era uma pessoa muito violenta e, numa discussão, matou o cunhado. Ele espancava G., com freqüência. Ela se sente infeliz, por causa das brigas em sua casa. *Como você se sente nestas situações de violência, G. ? Me sinto triste e penso em tomar veneno. Se alguém conversasse comigo quando era mocinha, não tinha me casado com J..*

A gestação de M. foi desejada e planejada. Nasceu sem problemas mas, antes de completar um ano, teve meningite, prejudicando o seu desenvolvimento, principalmente, a parte motora. Atualmente, consegue acompanhar o ensino escolar e freqüenta a escola regularmente.

M. é uma criança comunicativa e participou da entrevista sem muitas dificuldades. Relatou as brigas dos seus pais, com detalhes, e parece ser influenciada pelo ambiente de violência em que vive. *Meu pai briga muito com a minha mãe. Meu pai já cortou a mão*

da minha mãe. O que você faz quando se aborrece, M. ? Quero enfiar a faca na pessoa. Você costuma sonhar, M. ? Sim. Com o quê ? Com coisas más. Você tem pesadelos ? Sim. Como são eles ? Com assassinos.

A relação com o pai é difícil, porque ela tem muitas reclamações sobre os seus maus tratos. *Fale-me sobre seus pais, M.... Meu pai briga com a minha mãe. Como você se sente vivendo com eles ? Mal. Você atende seus pais naquilo que eles pedem ou falam, M. ? Não. Por quê ? Porque ele me trata mal. Quando você não atende, o que acontece, M.? Ele me bate. E você, como reage, M. ? Xingo. Por que você acha que isso acontece ? Porque ele gosta de mim e eu não gosto dele.*

Caso 22 : Família composta por: mãe (C. T.), 37 anos; e filhos : F – 16 anos; M1 – 15 anos ; e M2 – 7 anos. Escolaridade da mãe : superior incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

C. mora numa casa confortável, cedida por seu irmão. Estava chegando do trabalho, no horário marcado para a entrevista. A casa tinha roupas espalhadas, tanto para passar, quanto para lavar, por todos os lugares.

Ela está em processo de separação e não sabe como suportou tanta coisa. J. é alcoolista e muito agressivo. Namorou contra a vontade de sua família e engravidou, casando-se meses depois. Atualmente, vinha enfrentando as humilhações e agressões de J. Ela não gostava desta situação e seus filhos mais velhos começaram a enfrentar o pai. Antes de sair de casa, J. esperava os filhos saírem para agredir C..

Ela se sente vitoriosa por estar conseguindo levar adiante o seu processo de separação. *Como você se percebe como pessoa, C. ? Tenho garra demais. Por quê ? Tenho enfrentado maus pedaços.*

A gestação do filho mais novo, K., não foi planejada, pois seus filhos já estavam crescidos. Ele é uma criança amadurecida para a sua idade, talvez pelo convívio que tem com seus familiares, adultos e (ou) adolescentes. Faz referência, várias vezes, no decorrer da entrevista, às situações de agressão dos pais. *Às vezes fico preocupado porque meu pai bate na minha mãe. Eu não gosto de ver briga. Tenho vontade de chorar, às vezes, quando o meu irmão bate em mim e o meu pai bate na minha mãe.*

Caso 23 : Família composta por: pai (J. F.), 43 anos ; mãe (M. F.), 35 anos; e filhos : M – 15 anos e F – 13 anos. Escolaridade do casal: 1 grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – motorista ; mãe – supervisora de comércio. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança (s) e (ou) adolescente(s) : pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A entrevista ocorreu na sede do S.O.S. Ação Mulher e Família, pois M. está na casa da sua chefe, após uma briga com J. Ela acha que seus filhos estão confusos com esta situação. Eles passam a semana com a mãe e o final de semana com o pai.

O casamento entrou em crise há um ano, coincidindo com o início de problemas financeiros. As agressões verbais passaram a ser uma constante no relacionamento do casal. Há dias, ele a ameaçou com uma tesoura e machucou a sua perna. Seu filho interferiu, separando os pais que se agrediam.

Os pais de M. se separaram, quando ele era uma criança. Seus seis irmãos e ela foram colocados em um orfanato, pois sua mãe foi trabalhar como doméstica. Na segunda união de sua progenitora, os problemas começaram a aparecer, quando as meninas ficaram 'mocinhas' e o padrasto começou a assediá-las sexualmente.

Está preocupada com sua situação porque *gosta das coisas corretas e justas.* Sente-se tensa e inquieta. Seu filho parece estar na mesma situação. Seus medos e preocupações são em relação aos pais.

Apesar dos conflitos familiares, afirma que seus pais são bons para ele. *Tenho tudo o que quero.* Sente-se de certa forma responsável por eles. *Sou filho e tenho de fazer alguma coisa para ajudar os meus pais.*

Caso 24 : Família composta por: pai (R. S.), 37 anos ; mãe (C. S.), 39 anos; e filhos : F1 – 10 anos e F2 – 8 anos. Escolaridade do casal : pai - 1° grau completo; mãe - 2° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – vigilante ; mãe – funcionária pública. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pelas crianças na entrevista).

Moram em um bairro de classe média de Campinas, numa casa pequena, porém, confortável. C. namorou R. durante quatro anos. Neste período, ele começou a usar drogas e a ingerir bebidas alcoólicas. Como gostava muito dele, C. achou que com o casamento tudo mudaria. Após dois meses de união, ele passou a espancá-la, chutá-la e bater na sua cabeça. Por vergonha, não contava a ninguém. As agressões eram mais freqüentes, quando R. estava alcoolizado.

Na primeira gestação, R. colocou uma faca na barriga de C., porque ele não desejava a gravidez. Foi ameaçada de morte várias vezes. As filhas têm medo do pai, porque já as espancou. Sentem-se aliviadas quando ele não está em casa.

C. cresceu vendo o seu pai beber e bater na sua mãe e nos filhos, inclusive nela. Quando a mãe ficou viúva, seu novo companheiro bateu em C.. Ela acha que as situações de agressão que vive *são fatalidades e destino. Acho que é uma maldição de família, que tem de ser quebrada.*

Quanto ao estado emocional em que se encontra, parece estar abalada e desvalorizada em função do que vem ocorrendo. *Sei que tenho defeitos, mas sou responsável. Passei minha vida me anulando. Não me sinto mais gente.*

A filha mais velha, D., apresenta preocupações sobre a segurança de sua mãe. Ao falar dos seus pais e de sua vida com eles, expressa clara preferência pela figura materna. *Acho minha mãe legal. Meu pai, não sei. Como você se sente vivendo com eles, D. ? Bem, quando ele está bom.*

S., a filha mais nova, expressa preocupações quanto à segurança da mãe, da irmã e dela. Quanto aos pais, qualifica-os, quando é solicitada a falar deles. *Fale – me sobre os seus pais, R.... São legais e bonitos.*

Caso 25 : Família composta por: pai (N. P.), 30 anos ; mãe (M. P.), 24 anos; e filhos : F1 – 7 anos; M – 5 anos ; e F2 – 4 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : crente. Profissão do casal : pai – porteiro ; mãe – costureira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pelas crianças na entrevista); pai e mãe – negligência (avaliada pela pesquisadora na visita domiciliar).

A família mora em uma favela, com acesso bastante precário. Não há esgoto e o lixo é jogado nas vielas. Para chegar à casa de M., é preciso atravessar um barranco. Seus vizinhos não apresentam uma atitude amistosa diante de estranhos.

A casa é pobre, mas limpa. As crianças estavam bem sujas e M. estava com a perna enfaixada devido a um *'tombo'*. Eles têm apenas um rádio para se distraírem, pois, assistem à televisão no Posto de Saúde. As crianças dormem todas juntas numa mesma cama.

Namoraram dois anos e se casaram. Houve muita interferência da família dele, que não queria o casamento. Como não tinha carinho do marido, acabou se envolvendo, durante um tempo, com outra pessoa. N. descobriu, aceitou a situação, mas, vive relembrando-a.

Ele bate muito nas filhas e instiga a mais velha a bater no irmão, com a justificativa de que tem de aprender a se defender. Existem problemas religiosos entre o casal. N. obriga M. a seguir a sua religião. Ameaça – a de matá-la com freqüência, mas ela não o denuncia, porque acha que não vai adiantar.

M. sente-se revoltada no ambiente de violência em que vive. As situações acontecem a qualquer hora, por qualquer coisa. Acha que tudo isso ocorre por causa do temperamento dele e que ele deveria se controlar. No que diz respeito à sua pessoa, suas opiniões não são tão claras. *Como você se percebe como pessoa, M.? Difícil explicar.*

A gestação da filha mais velha, V., não foi desejada. Ela urina nas calças, até hoje, principalmente quando fica nervosa. Sente-se bem vivendo com seus pais, mas, quando é solicitada a falar deles, se cala. *Fale – me sobre seus pais, V.... Não acho nada.*

Caso 26 : Família composta por: pai (L. A.), 36 anos ; mãe (M. A.), 36 anos; e filhos : F1 – 16 anos; F2 – 11 anos; F3 – 9 anos ; e F4 – 2 anos. Escolaridade do casal : pai - 1° grau completo; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – serralheiro ; mãe – funcionária pública. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. está casada há doze anos. No entanto, há dez anos vem sofrendo maus tratos do marido. Ele é alcoolista e, quando chega em casa alterado, começa a quebrar as coisas e termina agredindo-a fisicamente ou verbalmente.

Ela sente vergonha de suas filhas. Tem uma filha de dezesseis anos, fruto de um relacionamento anterior ao seu casamento. A adolescente está morando com a avó materna, porque não gosta do padrasto. Na verdade, todas em casa vivem aterrorizadas. M. tem medo do que pode acontecer, quando ele chega do trabalho.

L. gosta de usar as filhas como serviçais, além de agredi-las verbalmente. Quando está próximo do seu horário de chegar em casa, todas correm para as camas e fingem estar dormindo.

Nunca houve ameaça de morte explícita, mas L. já tentou afundar a cabeça de M. no tanque. Devido às várias agressões, M. não consegue mais dormir tranqüila, tem medo. Sempre que a situação chega a um limite insuportável, ela foge com as filhas para a casa da sua mãe. Volta, em seguida, devido às promessas e pedidos de perdão de L..

Atualmente, M. se restabelece da operação de um câncer de pele. Está abatida e sente muitas dores. Tem pensado em se separar, pelo bem das filhas. Sua auto-estima está afetada por tudo o que vem acontecendo. *Como você se percebe como pessoa, M. ? Quando estou chateada me sinto nada de pessoa. Por quê ? Ele me faz sentir pequena. Como você se sente quando as situações de violência acontecem, M. ? Um lixo.*

M., a filha de 11 anos, parece muito traumatizada com as situações que vêm ocorrendo. *Você tem medos, M. ? Sim. Quando ? Sempre. De quê ? Do meu pai.* Ela afirma que não se relaciona com o pai e o discrimina quanto ao afeto em relação à mãe. *De quem você gosta mais na sua casa, M. ? Da minha mãe. Por quê ? Porque eu acho que ela não é igual a ele.* Tem pesadelos com seu pai e se sente assustada na hora de dormir, pensando no que ele pode fazer.

A situação de medo, na hora de dormir, também é relatada por K., a filha de 9 anos. *Você se sente assustada na hora de dormir, K. ? Sim. Por quê ? Que aconteça algo sem eu saber aqui em casa.* K. se ressente do ambiente em casa e expressa certa ambigüidade em relação aos sentimentos para com seu pai. *Fale – me sobre os seus pais, K.... Meu pai eu gosto dele mas, quando ele briga com a minha mãe eu não gosto. Como você se sente vivendo com eles, K. ? Mal.*

Caso 27 : Família composta por: pai (E. B.), 51 anos ; mãe (L. B.), 52 anos; e filhos : F1 – 20 anos; F2 – 18 anos; e M – 17 anos. Escolaridade do casal : pai - 1° grau completo; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – estoquista ; mãe – do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa está situada em um bairro nobre de Campinas. É a única casa em ruínas na rua. Por dentro, a impressão de descuido é evidente. Existe um entra e sai constante de pessoas. Não existe privacidade.

Logo após o casamento, E. bebia, mas, o casal se dava bem. Após o nascimento dos filhos, ele passou a chegar tarde em casa, discutir e implicar com os filhos. E. é uma pessoa trabalhadora, mas, quando bebe, fica transtornado.

Para L., atualmente, está tudo bem. Afirma que E. mudou, parou de beber e não deixa faltar nada em casa. Quanto às situações de violência que aconteciam em casa, E. justifica não apenas o alcoolismo de E., como também a sua reação a ele. *Como aconteciam as situações de violência L. ? Ele vinha bêbado, e eu explodia. Como você se percebe como pessoa, L. ? Sou explosiva, mas boa de coração.*

Seu filho, C., parou de estudar, não tendo completado o 1° grau. Durante a entrevista, pareceu querer se livrar da situação, que o estava incomodando. À maioria das perguntas em que foi solicitada uma explicação (Por quê ?), ele respondeu : *Sei lá.*

A situação nesta casa, quando cheguei, era um caos. Estava havendo uma discussão, com várias pessoas falando palavrões e gritando. Ao perceberem minha presença, à porta, a briga foi interrompida. L. tinha uma aparência descuidada, em contraste com E. que chegou em casa ao final da entrevista. Ao sair do local, ouvi, novamente, os gritos e palavrões, como se a briga estivesse continuando.

Caso 28 : Família composta por: pai (C. M.), 36 anos ; mãe (M. M.), 30 anos; e filhos* : F – 10 anos e M – 7 anos;. Escolaridade do casal: pai – superior completo ; mãe - 2º grau completo. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – biólogo ; mãe – professora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. estava temerosa em relação à entrevista porque, segundo ela, seu marido não maltrata as crianças. Tranqüilizou-se ao ser informada que nem toda agressão era física, podia haver outras formas de cometer violência contra as crianças.

O apartamento está localizado em um condomínio de luxo em Campinas. A residência é decorada com bom gosto e requinte. M. fez questão de dizer que *agora as coisas se acertaram. Eu não estava sabendo conquistar a minha liberdade.*

M. começou a namorar C. na adolescência e, aos 18 anos, casaram-se. Ele sempre controlou a sua vida, subjugando-a às suas vontades. Ele a ofendia com palavrões, humilhava-a e a agredia com socos. Vinha tentando mudar a situação e, por isso, o relacionamento estava se agravando.

O pai de C. é muito nervoso e maltratou a esposa e os filhos. Além de presenciar várias vezes as agressões de seu pai, C. traz no seu corpo as marcas destas. É descendente de uma família importante e abastada. Apesar de não ter problemas financeiros, C. é extremamente controlador, quanto a dinheiro.

M. vem sofrendo de depressão, há algum tempo. Tem feito tratamento medicamentoso para dormir. Seu pesadelo mais freqüente é de estar sendo esfaqueada pelo marido. Ela está preocupada com seu filho, pois vem notando que ele está copiando o modelo do pai.

As situações de violência na família aconteciam quando M. mudava sua postura. *Como as situações de violência aconteciam, M. ? Quando eu saía do limite da passividade. Estes fatos podiam ter sido evitados, M. ? Sim, se ele dialogasse.*

Apesar de M. estar pouco à vontade com a minha presença, ao final da entrevista estava mais solta. Seus filhos gostaram muito de responder as minhas perguntas e queriam mais. As respostas das duas crianças foram semelhantes, na maioria dos itens. Quanto ao relacionamento com os pais, os dois foram unânimes *: São legais.*

O casal, apesar da violência, consegue manter com os filhos uma relação satisfatória. A violência psicológica exercida pelo pai não parece alterar o carinho que as crianças dispensam a ele.

Caso 29 : Família composta por: pai (A. D.), 39 anos ; mãe (S. D.), 32 anos; e filhos : M1 – 14 anos; M2 – 11 anos ; e M3 – 8 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – porteiro ; mãe – cozinheira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

S. surpreendeu a pesquisadora indo à sede do S.O.S. Ação Mulher e Família, pela manhã, no dia em que estava marcada a entrevista domiciliar. Apresentou, como justificativa da sua atitude, o fato de *estar passando por ali*, com o seu filho, e poupar o trabalho da pesquisadora de ir até a sua casa. Pareceu, na verdade, que S. estava com medo de que algo pudesse ocorrer nessa visita.

A. não trabalha. Passa o dia na rua ou comendo, bebendo e dormindo, em casa. S. está com problemas em relação ao seu filho mais velho, E., que vem enfrentando o pai, quando este o provoca. Certa vez, A. bateu com a mangueira de borracha em E., deixando – o muito machucado e impedindo – o de ir ao hospital para ser medicado.

Várias vezes A. avançou em S. para bater, mas sempre aparece alguém para socorrê-la. Quebra pratos, copos e ameaça arrebentar a porta do quarto dos filhos, onde S. dorme. A. briga com todos os filhos. Quando S. vai trabalhar ou para a escola, à noite, recomenda que os filhos saiam de casa, caso o pai esteja bêbado.

Os pais de A. e S. eram alcoólatras e agressivos. S. diz: *Minha mãe passou pela mesma coisa que eu passo e muitas vezes dormimos na rua, enquanto esses caras ficam numa boa lá dentro. Casei para me livrar disso e meus filhos estão passando por isso mesmo.* Ressentida, S. continua: *Não posso levar ninguém lá em casa. Até parente ele dá em cima.* Sua percepção como pessoa está abalada por tudo que vem ocorrendo em sua casa. *Como você se percebe como pessoa, S. ? Sei lá.*

E. tem 14 anos. É um adolescente com aparência triste. Parece ansioso para que sua mãe resolva sua situação. Trabalha durante o dia e estuda à noite. É ajudante numa oficina mecânica. Antes de ir para a escola, passa em casa para tomar banho, se o seu pai estiver em casa, independente do tempo, ele toma banho frio, pois este desliga o aquecedor, de propósito. Não expressa opinião em relação ao pai, quanto aos seus sentimentos. *Fale – me sobre os seus pais, E.... Minha mãe é boazinha. Meu pai não fica muito em casa, às vezes é carregado bêbado para casa. Como você se sente vivendo com eles, E. ? Muito ruim. Poderia ser diferente ? Minha mãe separar do meu pai.*

Caso 30 : Família composta por: pai (C. C.), 53 anos ; mãe (H. C.), 49 anos; e filhos : F1 – 30 anos; F2 – 26 anos; F3 – 19 anos; F4 – 16 anos ; e M – 15 anos (excepcional). Escolaridade do casal: pai – sem escolaridade; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – pedreiro ; mãe – do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A entrevista ocorreu na casa da irmã de H., que é próxima à sua. Isto porque, quando C. chega em casa, está bêbado e não respeita ninguém. Diz palavrões e ameaça bater em qualquer pessoa. H. tem muito medo dele.

Ela chegou atrasada trinta minutos. H. parece ter comprometimento mental. Ela tem um filho deficiente mental e sua irmã, uma filha, com o mesmo tipo de problema.

Sua irmã está muito revoltada com o que vem acontecendo, mas diz que não adianta falar com H. O filho excepcional está roubando coisas das casas das pessoas. Sua outra filha adolescente, M., de 16 anos, *é uma menina sofrida e revoltada contra o pai,* segundo sua tia.

C. há dois anos vem tendo um caso extraconjugal. Ele ofende, humilha e inferioriza H. na frente das pessoas. Ele a expulsou do quarto e, a partir desta época, ela dorme no quarto com os filhos. Não está satisfeita com a vida que leva, mas, não quer sair da casa que construíram juntos.

A percepção de H. sobre a sua pessoa é bastante desvalorizada. *Como você se percebe como pessoa, H. ? Sou um sangue de barata. Por quê? Não gosto de bagunça.* Ela faz questão de dizer que o problema não está na relação, está fora dela. *Por que você acha que estas situações ocorreram na sua família, H.? Por causa da outra pessoa que ele tem.*

M. é uma adolescente que trabalha e estuda. Está revoltada com a situação de sua família e mantém uma atitude crítica permanente. *Fale – me sobre seus pais, M....Não têm uma boa vida os dois e isso prejudica os filhos. Como você se sente vivendo com eles ? Com ele, ruim. A vida podia ser diferente, M. ? Se eu fosse uma pessoa que respeitasse meus pais e eles fossem normais. Por que você acha que estas situações acontecem, M. ? Por causa dele.*

Caso 31 : Família composta por: mãe (S. B.), 25 anos; e filhos : F1 – 10 anos; F2 – 8 anos; M – 1 anos e seis meses; e F3 – 6 meses. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : evangélica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pelas crianças na entrevista); mãe – negligência (avaliada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A localização da casa é péssima. A favela é de difícil acesso. A situação de S. é precária. As crianças estão muito sujas e não têm a mínima noção de higiene. S. é negligente em relação aos seus filhos. Ao chegar no seu barraco, ela não estava, parece que havia ido à casa da vizinha. Uma pilha de louça estava amontoada na pia para lavar, juntando uma quantidade enorme de moscas. O bebê estava fechado num cômodo, no chão de terra batida, deitado, chorando.

A pesquisadora foi ao local acompanhada da mãe de S., que mora na rua acima. Esta, ao ver a situação da casa, começou a berrar por S., que, ao chegar, foi repreendida por sua progenitora. S. tem uma irmã que mora em frente ao seu barraco. Ela é dependente de maconha e outras drogas e levou, há pouco tempo, um tiro de revólver do seu companheiro. Essa moça, durante a entrevista, falava em tom alto que a sua irmã era otária, porque deveria cobrar para falar.

Atualmente, S. vive só. As duas filhas mais velhas são de uma união que durou 8 anos. Ele bebia e usava drogas na frente das filhas. Era uma pessoa nervosa, xingava S. e dava tapas.Com o passar do tempo, começou a bater nas filhas. Ela interferia e apanhava, também. Resolveu abandoná-lo e foi morar na casa da mãe com as meninas. Engravidou de um namorado, que a abandonou ao saber da gestação. Com oito meses de gravidez do filho, conheceu o pai da sua última filha. Viveu com ele dois anos e mandou-o embora porque não trabalhava, só bebia.

S. está tão envolvida com seus problemas materiais que não consegue elaborar respostas subjetivas. *Como você se percebe como pessoa, S. ? Está difícil. Por quê ? Tem horas que acho que não vou conseguir sustentar meus filhos.* Afirma que, quando era criança, sua mãe batia nela com borracha e isso a fez ficar *com ódio guardado.*

K., a filha mais velha, parece fazer o que pode para ajudar a mãe. Durante a entrevista, ao perceber que a sua mãe não iria pegar no colo o bebê que chorava sem parar, ela ia socorrê-lo. Ficava algum tempo com ela no colo, até a sua mãe mandar colocá-la no chão úmido do cômodo escuro. De alguma forma, as situações de violência parecem estar deixando modelos de comportamento em K.. *Quando você fica nervosa K., o que você faz ? Eu saio batendo.*

Caso 32 : Família composta por: mãe (M. S.), 34 anos; e filhos : M – 13 anos e F – 12 anos. Escolaridade da mãe : 3° grau incompleto. Religião da mãe : espírita. Profissão da mãe : professora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica ((denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

Atualmente, M. está separada. Mora com a filha em um apartamento. O filho está residindo com o pai, por um tempo, porque, segundo ela, *está precisando de maior vigilância por causa da idade.*

M. conheceu o marido, C., quando estava noiva de outra pessoa. Após seis meses de namoro, foram morar juntos e se casaram. Ao engravidar, descobriu o lado agressivo dele. Ele gritava, xingava e dava socos e murros, sempre na sua cabeça ou nuca. Ela sentia medo dele e de enfrentar a vida sozinha. Ele nunca poupou os filhos das cenas de violência. Colocava revólver engatilhado em sua cabeça, ameaçava-a com facas, além de falar que iria matá-la.

O pai de C. era violento, sobretudo com os filhos. Várias vezes, sua mãe trancou-o no armário para poupá-lo da fúria do seu progenitor. C. vem sofrendo de depressão e cada vez está se isolando mais.

Os pais de M. são separados. Seu pai era igual ao de C. Várias vezes entrou em briga corporal com ela, para livrar a sua mãe do espancamento. Atualmente, admite que reproduziu a relação dos seus pais.

A separação parece ter dado a M. a sensação de que terá capacidade de seguir a sua vida sem a presença de C.. *Como você se percebe como pessoa, M.? Alegre, depois de muito tempo, e mais madura.*

S., sua filha de 12 anos, é uma adolescente simpática e gentil. É obesa como a sua mãe. Apesar da exposição às situações de violência que seu pai a submetia, S. parece ter uma boa relação com seu pai. Observa-se em S. uma atitude reticente quanto à vida em família. *Fale – me sobre seus pais, S....Meu pai é legal e nervoso. Minha mãe é legal. Como você se sentia vivendo com eles ? Bem, mais ou menos...*

Caso 33 : Família composta por: mãe (M. S.), 33 anos; e filhos : F1 – 15 anos; M1 – 13 anos ; F2 – 10 anos; F3 – 7 anos ; e M2 – 5 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência psicológica (denunciada pelas crianças na entrevista); pai e mãe – negligência (avaliada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A casa, dentro do possível, estava arrumada. Ao chegar, as crianças estavam sós. M. chegou, logo depois, arrumada e pintada, contrastando com seu filhos, que estavam sujos e vestiam roupas bem rasgadas.

M. é uma pessoa muito educada e parece 'de bem com a vida'. Ela delega autoridade aos filhos, para tomarem conta uns dos outros. Eles se xingam e se batem, várias vezes, durante a entrevista. A impressão que M. passa é a de que ela não liga para os filhos, no sentido afetivo e quanto à higiene e cuidados pessoais.

No começo do casamento com J. e durante oito anos, o relacionamento foi bom. Depois desse período, ele começou a beber e a agredir a filha mais velha e M. Esta menina é fruto de um relacionamento que M. teve antes de conhecê - lo.

M. sempre sustentou a família. Quando ela saía para trabalhar, J. não deixava as crianças comerem e batia nelas. Seu filho de 13 anos passou a pedir esmolas nas ruas. Ela foi chamada na Casa Amarela e, atualmente, participa do Projeto Renda Mínima.

Apesar da atitude solícita, M., durante a entrevista, pareceu não querer se expor. Nas perguntas subjetivas, que a levariam a falar mais de si, foi bastante reticente. *Como você se percebe como pessoa, M. ? Não sei.Por que você acha que estes fatos aconteceram na sua família, M. ? Não sei. Estes fatos poderiam ter sido evitados ? Talvez.*

R., a filha de 15 anos, apesar de gostar de estudar, não se sente adaptada na escola. Não gosta do lugar onde mora *"porque é chato"*. Ao falar dos pais, suas respostas, que até então eram bem estruturadas, tornaram-se curtas. *Fale – me sobre seus pais, R.... Acho bom. Como você se sente vivendo com eles, R. ? Com minha mãe acho bom...*

K., a filha de 7 anos, estabelece seu critério de intensidade do gostar, a partir da violência. *De quem você gosta mais na sua casa, K. ? Da minha mãe. Por quê? Porque não me bate.*

Caso 34 : Família composta por: pai (C. S.), 42 anos ; mãe (M. S.), 34 anos; e filhos ; F – 18 anos e M – 14 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – pedreiro ; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. é uma pessoa amedrontada pelo seu marido. A pesquisadora ficou do lado de fora da casa, porque ele estava lá dentro. Durante a entrevista, C. ficava gritando o seu nome. Ela falou mal do marido, todo o tempo em que ocorreu a entrevista, mas não consegue separar-se dele. Começou a perceber que seus filhos estão sofrendo com a situação, no entanto, tem medo.

M. conheceu C., namorou, noivou e se casou. Com o passar dos anos, ele começou a beber e a relação foi ficando difícil. A convivência com parentes próximos foi ficando rara, porque C. não permitia. M. pareceu vaga, nas suas respostas a perguntas pessoais. *Como você se percebe como pessoa, M. ? Normal, que nem tem que ser."* Quanto às situações de violência, o destino é o responsável. *Por que você acha que essas situações de violência aconteceram na sua vida, M. ? Não sei, falta de sorte.*

Seu filho, L., é um adolescente amedrontado pela figura do pai. Durante a entrevista, ficou bastante ansioso com o pai gritando o nome de sua mãe, a todo instante, dentro da casa. Vem apresentando, no decorrer dos anos escolares, problemas de aprendizagem. Quanto à sociabilidade, não tem facilidade de fazer amigos, porque *não tenho coragem.*

Ao falar de seus pais, L. exclui o pai. *Fale – me sobre os seus pais, L.... Minha mãe é legal.* Sua maior preocupação é com ela e seu medo é *de morrer uma pessoa que gosto.*

Caso 35 : Família composta por: mãe (C. A.), 26 anos; e filhos : M – 11 anos; F1 – 7 anos ; e F2 – 4 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência ; padrasto – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa, apesar de pobre e pequena, é limpa e arrumada. Está situada em um tipo de 'cortiço', com várias habitações em um mesmo terreno. C. parece ser uma mãe zelosa e afetuosa, tratando com muito carinho os seus filhos. A família, mãe e filhos, parece estar tranqüila. As crianças brincam alegremente e sem atritos.

No primeiro relacionamento de C. não houve violência. O problema era que o seu marido não trabalhava. Ela sustentava a casa e os dois filhos. Após a separação, o pai das crianças não as procurou mais, abandonando-as afetiva e financeiramente.

Na segunda união de C. houve muita agressão. Seu companheiro batia nela com freqüência, mas, de forma a não deixar marcas. Ele a xingava de prostituta, no entanto, quem 'saía' com outras pessoas era ele.

J. rejeita o filho mais velho de C.. No início da relação, a criança morava com a avó materna ; quando veio morar com a mãe, parece ter sido o pretexto para J. sair de casa. Ameaça, constantemente, C. de que vai seqüestrar as meninas (uma delas, a mais velha, não é sua filha natural).

Na infância, C. sofreu vários traumas. O primeiro, uma tentativa de estupro realizada por uma pessoa estranha; o segundo, sua retirada da escola por seu pai. Atualmente, faz o supletivo 1° grau.

M., o filho de 11 anos, não relatou nenhuma situação de conflito. É um pré – adolescente envolvido com situações de adaptação às mudanças do seu corpo. Sua relação com a mãe é sem problemas e nem o pai nem seu padrasto foram mencionados. *Fale – me sobre os seus pais, M.... Minha mãe é legal.*

P., a filha de 7 anos, também não menciona o pai ou o padrasto. Tem a percepção de que a relação das pessoas não é tão satisfatória quanto gostaria. *Como as pessoas se relacionam entre si, na sua casa, P. ? As pessoas grandes com problemas. De quem você gosta mais na sua casa, P. ? Da mamãe. Por quê ? Porque eu amo ela.*

Caso 36 : Família composta por: mãe (R. C.), 28 anos; e filhos : M1 – 7 anos e M2 – 3 anos. Escolaridade da mãe : mãe - 2° grau completo. Religião da mãe : sem religião. Profissão da mãe : auxiliar de escritório. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança na entrevista).

R. foi surpreendida com a minha visita. Ela confundiu o dia marcado. Estava desconcertada, se desculpando pela casa estar uma bagunça (o que não era verdade). Vive com os filhos e uma babá, em uma casa espaçosa e confortável, construída em um terreno atrás da residência dos seus pais.

Afirma que, em oito anos de casada, viveu mais tempo longe do marido do que perto. Ele sempre se preocupou com a família de origem, que mora em outro Estado, viajando freqüentemente, para ajudá-los. Nestes períodos, não dava atenção afetiva nem material ao seu lar.

P., seu ex – marido, era agressivo. Insultava e ofendia R., além de fazer ameaças com armas. Atualmente, estão separados. Ele concorda em oficializar a situação, desde que não pague a pensão alimentícia dos seus filhos e, quando tiver vontade de vir a Campinas, seja hospedado por R. em sua casa.

Ela se ressente muito das atitudes de P. e do que teve de suportar quando estavam juntos (agressões, escândalos, drogas e álcool). Neste momento, acha que está reconstruindo, aos poucos, a sua vida. *Como você se percebe como pessoa, R.? Hoje acho que tenho algo para lutar. Por quê? Vivia por viver.* Quanto à razão dessas situações de violência ocorrerem em sua família, R. é taxativa*: Foi o destino.*

P., o filho de sete anos, é uma criança esperta e falante. Gosta do local onde mora e parece se sentir protegido por ter a mãe e os avós por perto. Não tem boas recordações da vida com os pais. *Como você se sentia vivendo com seus pais, P.? Muito ruim. Como você se sente agora ? Com minha mãe é bom.*

Caso 37 : Família composta por: mãe (C. F.), 31 anos; e filhos : M – 11 anos e F – 8 anos. Escolaridade da mãe : 2° grau completo. Religião da mãe : sem religião. Profissão da mãe : recepcionista. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

C., atualmente, vive com os pais, os filhos e um irmão. Ela não tem privacidade, pois mora num quarto e, durante a entrevista, levou-me para dentro dele, porque todos ficavam na sala participando e dando palpites nas suas respostas.

Foi casada onze anos e está separada há três. M. envolvia-se com mulheres e era agressivo com ela e os filhos. Ele tentou reatar o relacionamento, porém, seu filho de onze anos fez pressão, não aceitou o pai, e isto fez com que ela mantivesse a separação.

Ela tem noção de que se casou para fugir de casa. A vida com seus pais era ruim. Seu pai tinha várias mulheres. Sua mãe, deficiente visual (cega) aceitava a situação. C., até hoje, não fala com o pai. Tem dificuldades quanto à percepção de si mesma como pessoa : *Sei lá.* No entanto, quando fala das situações de violência que enfrentava, não tem dúvidas em afirmar : *Ficava com desejo de vingança.*

Y., a filha de oito anos, tem na figura do tio materno o substituto do pai. M. não visita os filhos, nem os ajuda financeiramente. Y. se sente preocupada com sua mãe e afirma : *Porque ela é a única pessoa que pode cuidar de mim.* Quanto ao pai, Y. não hesita *: Ele é mais ou menos legal. Às vezes me dá um presente.*

A disciplina é aplicada pelo tio, que se tornou a figura que as crianças respeitam, quanto aos limites e castigos.

Caso 38 : Família composta por: pai (P. N.), 40 anos ; mãe (V. N.), 36 anos; e filhos : F1 – 19 anos; F2 – 17 anos ; e M – 7 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – metalúrgico ; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência física (denunciada pela criança na entrevista).

V. afirma que a situação em casa é insuportável. Seu marido é sem limites e inconveniente. Não respeita ninguém, principalmente as filhas. Tira a roupa na frente delas, que se sentem humilhadas. A filha mais velha casou-se há pouco tempo, como se estivesse sendo expulsa de casa.

P. fala palavrões, quebra objetos e ofende V., dizendo que ela tem amantes. Quando é ameaçado, diz que vai sumir com o filho. Ele bebe e, por anos, V. foi buscá-lo nos bares. À noite, ele fala alto e não deixa ninguém dormir.

Todos em casa têm medo de P. A percepção de V. em relação à sua própria pessoa é de *às vezes, sou chata, porque gosto das coisas certas.* Ela se sente mal em relação às atitudes de P. e afirma que a vida em família *podia ser melhor*, mas, não esclarece como.

Sua filha, A., não suporta o pai. Tem ressentimentos quanto à vida em família e expressa a sua relação com os pais da seguinte forma : *com minha mãe me dou bem, com meu pai não nos falamos.* Ao relatar o que acontece em casa ela esclarece e justifica a situação *: Na minha casa, todo mundo briga. Uma coisa é conseqüência da outra.*

R., o filho de sete anos, teve meningite quando era bebê e apresenta sérios problemas de aprendizagem, atualmente. As pessoas de quem R. mais gosta, em sua casa, são suas irmãs. Não expressa seus sentimentos em relação aos pais, falando, apenas de forma generalizada, sobre as situações agressivas. *Quando você não atende seus pais, R., o que acontece ? Ele me bate.*

Caso 39 : Família composta por: pai (N. R.), 53 anos ; mãe (I. R.), 47 anos; e filhos : M1 – 24 anos ; F – 19 anos; e M2 – 17 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – vigia noturno (aposentado) ; mãe – auxiliar de laboratório. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

Está casada há 25 anos. N. é uma pessoa comprometida emocionalmente, além de ser bastante agressivo. Atualmente, está aposentado pelo INSS por invalidez. Segundo I., ele sofre de depressão e já fez vários tratamentos, sem efeito. Ele não sai de casa e, às vezes, quando ela retorna do trabalho, não a deixa entrar.

Poucos meses após o nascimento do primeiro filho, ele correu atrás dela com uma faca, para matá-la. Depois, esse comportamento se repetiu em relação aos filhos. O filho mais velho, de vinte e quatro anos, saiu de casa por causa do pai. O mais novo não suporta mais essa situação e diz que vai matá-lo. N. diz que não sai de casa, nem se separa.

Tem pena do marido e se sente responsável por ele, porque ele perdeu a mãe quando era criança, assassinada a facadas pelo pai. Ela justifica suas atitudes, pensando nos filhos. *Como você se percebe como pessoa, I. ? Acho que sou forte e luto para vencer e ter as coisas. Por quê? Penso nos meus filhos...* Sente-se arrasada com as situações de violência (espancamentos) pelas quais passa. No entanto, acha que estas não podem ser evitadas porque *é do caráter dele. Talvez, se eu tivesse reagido, quem sabe...*

O filho L., de 17 anos, chorou durante a entrevista. Não está mais suportando a situação em casa. Sente-se assustado na hora de dormir, porque tem medo da violência em casa. Quando fala dos pais, expressa sua revolta : *Me dou bem com a minha mãe. Meu pai, eu não aceito o que ele faz com a minha mãe. Você acha que poderia ser diferente, L. ? Sim. Meus pais pararem de brigar, ou separar.*

Caso 40 : Família composta por: padrasto (J. S.), 45 anos ; mãe (M. M.), 36 anos; e filhos : M1 – 14 anos e M2 – 5 meses. Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto. Religião dos pais : católica. Profissão dos pais : padrasto – segurança ; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. mora numa casa pobre, mas limpa. Seu companheiro é alcoolista, quebra as coisas em casa e a agride. Já tentou enforcá-la e uma vez teve de chamar a polícia, pois ele quase matou o seu filho mais velho. J. diz que bate em S., seu enteado, *porque ele é um bom menino e não dá trabalho, como os seus filhos.*

J. não quer se separar e ameaça matar a todos, caso ela continue insistindo. M. se acha uma pessoa *trabalhadora* e diz que as situações de violência em sua casa acontecem *pela bebida*. No entanto, admite uma outra explicação para isso, quando fala especificamente do assunto: *Por que você acha, M., que isso aconteceu na sua família ? Falta de diálogo.* Relata que tem a sensação de estar *paralisada* com o que vem acontecendo e se sente *arrasada* depois das brigas.

S., o filho mais velho, não se sente adaptado, na escola, apesar de gostar de estudar. Não se refere ao padrasto em nenhum momento da entrevista. Entre as pessoas de quem mais gosta estão a mãe e o irmão. Quanto aos seus medos, ele é bastante específico: *Você tem medos, S. ? Tenho. Quando ? Às vezes. De quê ? De acontecer alguma coisa e eu ficar paralítico.*

No relacionamento, em casa, afirma se dar mal com algumas pessoas, mas, não discrimina quem. Parece que S. tem dificuldades de falar do que acontece com sua família e, de certa forma, assume parte da responsabilidade dos conflitos familiares: *Quando você não obedece, S., o que acontece ? Minha mãe fica brava. E você, como reage a isso ? Fico emburrado. Você acha que podia ser diferente, S.? Acho. Como ? Eu obedecendo. Por que você acha que isso acontece ? Porque tenho o gênio ruim.*

Caso 41 : Família composta por: mãe (E. A.), 43 anos; e filhas : F1 – 14 anos e F2 – 12 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : crente. Profissão da mãe: doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa estava bem arrumada. E. é obesa e apresenta as pernas muito inchadas, andando com dificuldade. Desde que se casou, nunca teve carinho do marido. Ele era uma pessoa agressiva. Certa vez, quebrou os ossos do seu rosto com um soco. Neste momento, E. está muito feliz, porque ele morreu há quatro meses, internado em um hospital. Teve uma série de complicações orgânicas, por causa do alcoolismo.

Quando a filha mais nova tinha meses, ele deu um tapa no rosto da criança, porque esta chorava, machucando- a. As filhas ficavam nervosas e assustadas, quando pai estava em casa. Pediam à mãe para deixá-las morar com a avó materna. E. trabalha em casa de família e, com a ajuda da patroa, sustenta as filhas.

E. afirma que *foi Deus que resolveu o seu problema.* Foi um alívio para todos, a morte de A. Ela apresenta uma atitude conformista em relação ao que aconteceu na sua vida conjugal. *Por que estas situações de violência aconteceram na sua família, E. ? Não sei. Talvez, eu mereci.*

Suas filhas estavam arrumadas para irem à igreja. Durante toda a entrevista, brigaram entre elas, parecendo haver uma competição, pela atenção da mãe e das pessoas, em geral. S., a filha mais velha, tem medo das pessoas. Não conseguiu falar dos seus pais e apenas afirma : *Agora, me sinto bem vivendo com a minha mãe.* Reage às críticas, discutindo, e acha que teria sido melhor a sua vida, se as situações de violência não tivessem ocorrido.

R., a filha mais nova, é menos introvertida do que sua irmã. Tem vontade de chorar, às vezes, *porque fico lembrando das coisas que aconteceu.* Sua mãe ocupa posição de destaque em sua vida. *De quem você gosta mais na sua casa, E. ? Da minha mãe. Por quê ? Porque me dá tudo e cuida de mim*". Ao falar dos seus pais, E. responde: *"Minha mãe é pouco liberal, mas razoável.*

Caso 42 : Família composta por: amásio (J. S.), 32 anos ; mãe (D. B.), 46 anos; e filhos : F1 – 23 anos ; M – 19 anos; e F2 – 18 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : amásio – ajudante de pedreiro ; mãe – vendedora de salgados. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): irmão – violência física, violência sexual e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai e mãe – negligência (denunciada pela adolescente na entrevista) ; mãe – negligência (avaliada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A casa fica localizada no fim de uma rua, próxima a um barranco, perto de uma favela em Campinas. A situação é precária. D. vive com uma pessoa mais jovem, que parece exercer a função de segurança da sua integridade física, pois é ameaçada de morte, constantemente, pelo seu filho. No dia da entrevista, ela estava com o braço engessado, fraturado, resultado de uma agressão deste.

D. teve três filhos com parceiros diferentes. A filha mais velha foi registrada somente no seu nome. O filho foi registrado pelo pai da filha mais nova, que não a registrou, porque se separou de D., antes dela nascer. Nesta separação, este levou o menino com ele, criando – o até os oito anos. Devolveu-o para D., porque era alcoolista e estava se separando de uma companheira, não se sentindo em condições de criá – lo sozinho.

Quando o filho retornou para a casa de sua mãe, veio com uma série de problemas de aprendizagem e de conduta. Roubava, tentava fazer sexo com a irmã e passava a maior parte do tempo na rua. Foi internado em uma instituição para 'menores delinqüentes' e, ao retornar, estava pior. Atualmente, ele tem relações sexuais com a irmã e é bandido (faz pequenos assaltos). D. já solicitou à Justiça a proibição de sua entrada na casa, mas até o momento, nada foi determinado.

A história de D. é uma sucessão de perdas. Seu pai abandonou a família quando ela estava com dois meses. Durante a sua infância, seu irmão mais velho batia muito nela. Aos oito anos de idade, sua mãe faleceu e ela foi enviada para um orfanato. Na idade adulta, desenvolveu dependência ao álcool, sendo internada, várias vezes, em clínicas para tratamento.

D. não conseguiu colocar, em palavras, como se percebe como pessoa :*"É difícil.* Acredita que todos esses desajustamentos aconteceram na sua família por causa do

alcoolismo. No entanto, acha que tudo isso poderia ter sido evitado, isso é, *se tivesse uma família, apoio e amparo.*

Para D., sua filha é *oligofrênica, não pensa direito.* Acredita que a vida não foi fácil para nenhum dos seus filhos, porque quando era internada, para tratar de sua dependência alcoólica, a menina era colocada em um orfanato. Atualmente, ela é agressiva e irrequieta. D., certa vez, a encontrou em uma *casa de drogados*, 'chapada' por "crack". Ela já saiu de casa, por duas vezes, para morar com traficantes conhecidos no bairro.

M., a filha, tenta passar uma imagem completamente diferente da que sua mãe relatou. Diz que é uma boa pessoa, sem vícios e não faz nada de errado. As pessoas de quem mais gosta em sua casa são a mãe e o irmão, *porque são da família.* A maior parte do tempo, durante a entrevista, M. tentou evitar as perguntas, para relatar histórias de tentativas de estupros, que ocorreram com ela, algumas plenas de fantasias, impossíveis de acontecer.

Ao falar sobre os seus pais, esclarece: *Meu pai não me reconheceu, minha mãe teve problemas com bebida e eu vivia na casa de juiz e internada.* Não conseguiu justificar por que essas coisas aconteceram na sua família e, simplesmente, responde: *Sempre foi assim.*

Caso 43 : Família composta por: mãe (F. B.), 38 anos; e filhos : M1 – 15 anos; F – 13 anos; e M2 – 11 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe: doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e negligência ; madrasta – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física e psicológica (denunciada pela criança na entrevista).

F. e seus três filhos moram com o pai e sua companheira. Apesar de não se relacionar com a mulher de seu pai, afirma que *agora, as coisas parecem bem.*

Foi casada durante sete anos. Seu ex – marido, E., arranjou uma outra pessoa e passou a não dar mais assistência em casa. Começou a agredir, fisicamente, os filhos e ela. Eles se separaram. Durante um período, os filhos foram morar com o pai, pois F. não tinha como sustentá-los. Tempos depois, retornaram, alegando que a madrasta batia muito neles.

A partir desta época, E. não visitou mais os filhos e estes são revoltados com a situação de abandono pelo pai. O filho mais novo culpa F., pela separação. Esta parece ter dificuldades em perceber a responsabilidade de E. diante das situações que ocorreram na família. *Como as situações de violência aconteciam, F. ? Porque ele tinha outra. E por que você acha que isto ocorreu na sua família ? Por causa da outra. Estes fatos poderiam ter sido evitados, F. ? Podiam. Como ? Foram as más companhias.*

T., o mais velho, se sente bem com a situação atual. Acha que vive numa família boa. Gosta de sair à noite, mas, quando fala dos seus medos, fica um pouco constrangido: *Você tem medos, T. ? Sim. Quando ? Às vezes. De quê ? De dormir sozinho. Por quê ? Sei lá.*

F., a filha de 13 anos, é muito preocupada com a sua imagem perante os colegas. A situação em casa é expressa da seguinte forma: *Você tem vontade de chorar, F. ? Sim.*

Quando ? Às vezes. Por quê ? Pelas preocupações com a minha casa. Relata, durante a entrevista, que apenas a sua mãe é boa para ela. Sonha com namorados, que nunca teve. Sobre os pais, esclarece: *Eles são mais ou menos chatos, e não gostam das coisas que peço para eles.* Quanto a vida familiar, *é aborrecida, porque não gosto que se intrometam na minha vida.*

B., o filho mais moço, é o que se ressente mais da situação dos seus pais. Preocupa-se com sua mãe, *porque quando ela morrer, não tenho outra mãe.* Costuma sonhar com seu pai, mas seus pesadelos são com a madrasta. *Como são os seus pesadelos, B. ? São de medo de apanhar da minha madrasta.*

Caso 44 : Família composta por: pai (A. S.), 40 anos ; mãe (O. S.), 38 anos; e filhos : F1 – 21 anos; M – 17 anos; e F2 – 14 anos. Escolaridade do casal : pai – sem escolaridade ; mãe - 1° grau incompleto. Religião do casal : pai – espírita; mãe - católica. Profissão do casal : pai – sapateiro ; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

O. está casada há vinte anos. A. quebra tudo em casa e põe fogo nas cobertas. O clima familiar é tenso. A filha mais velha, de um outro relacionamento de O., é mãe solteira e mora com o filho de um ano, nesta casa.

O. se sente infeliz, no entanto sua auto – estima é elevada. *Sou ótima, sou boa mãe... A casa sem mim, não anda.* Nas situações de conflito, O. relata que várias vezes perdeu a cabeça. Numa delas, espancou tanto o seu marido, com um cabo de vassoura, que teve de ser internado no hospital. *Como você se sente nas situações de violência, O. ? Tenho vontade de matar ele.* No entanto, admite: *Se ele parasse de beber, tudo podia se diferente.*

Seu filho A., de dezessete anos, se recusou a participar da entrevista, apesar da insistência de sua mãe. Passou o tempo todo trancado no quarto, escutando som em alto volume e cantando. A. parou de estudar, sem haver concluído o primeiro grau. Apesar de não ter comprometimento mental, segundo sua mãe, chupa o dedo, até hoje.

C., a adolescente de quatorze anos, tem dificuldades de fazer amigos, *porque tem vergonha.* Não consegue explicar por quê. Quanto aos medos, responde: *Tenho medo de tudo.* Em relação aos seus pais, afirma: *Gosto mais da minha mãe, porque é quem me dá mais atenção.* Quanto ao pai, C. não emite opinião.

Caso 45 : Família composta por: mãe (C. S.), 33 anos; e filhos : F1 – 14 anos; M – 10 anos; e F2 – 5 anos. Escolaridade da mãe: sem escolaridade. Religião da mãe : Igreja Quadrangular. Profissão da mãe: doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A casa é muito pobre. C. faz o supletivo porque não sabe ler, nem escrever. Seu marido (M.) sempre foi agressivo e mulherengo. Atualmente, está fora de casa e não tem colaborado no sustento dos filhos. Ele quer que C. venda a casa e divida a quantia com ele. Ela tem sustentado os três filhos com dois salários mínimos e a ajuda da Igreja.

Durante o relacionamento com M., C. foi bastante espancada. Seus filhos presenciavam estas cenas e apresentam, atualmente, sérias dificuldades escolares. Segundo a psicóloga do colégio, numa entrevista com C., afirmou que são as conseqüências das atitudes do pai. A autoridade que ela exerce perante os filhos é fraca, e M. se aproveita desta situação para ameaçá-la : *Se acontecer algo com P. (a filha de 14 anos), você vai pagar caro.*

Todas estas vivências abalam C., que afirma : *Me sinto uma pessoa nervosa. Por quê, C. ? Não consigo pegar amor a nada.* Quanto à violência sofrida, declara : *Ficava revoltada, queria me matar.*

P. tem quatorze anos e está na terceira série do primeiro grau, apesar de gostar de estudar. Afirma ter vontade de chorar sempre, ao lembrar : *quando o meu pai estava batendo na minha mãe, eu ficava entrando no meio da briga.* Sobre os pais, relata: *Minha mãe acho legal. Quando o meu pai brigava com a minha mãe, eu ficava com raiva dele". Como você se sente agora, P. ? Com minha mãe, legal.*

R. tem dez anos e está na segunda série do primeiro grau. Seus medos são aterrorizantes. *Você tem medos, R. ? Sim. Quando ? Às vezes. De quê ? De alguém entrar e matar nós. Você se sente assustado na hora de dormir, R. ? Sim. Por quê ? Porque tenho medo da minha mãe voltar só da escola e o homem pegar ela.* Ao falar sobre os pais, R. não os qualifica, apenas relata um incidente que deve ter sido marcante para ele: *Fale –me sobre seus pais, R.... Uma vez, ele bateu na minha mãe e tirou sangue...*

Caso 46 : Família composta por: mãe (G. B.), 49 anos; e filhos : F1 – 19 anos; F2 – 18 anos; e F3 – 16 anos. Escolaridade da mãe : 2º grau completo. Religião da mãe : espírita. Profissão da mãe : costureira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

G. casou por amor. C., seu ex – marido, era fechado, mas não agia agressivamente. Teve dificuldade para engravidar e, após os nascimentos das filhas, ele tornou-se violento. Não podia ser contrariado, caso contrário, agredia fisicamente G. e as meninas.

A família é bem posicionada na sociedade. G. é uma pessoa de maneiras finas e educadas. Relata que, após a separação, *se encontrou.* A dissolução do casamento só ocorreu porque as filhas a incentivaram e apoiaram. Trabalha em casa e tem prazer no que faz. C. visita as filhas, com freqüência, mas elas mantêm um relacionamento distante, com ele.

Apesar da harmonia que é observada na família, G. se sente, ainda, um pouco insegura com a nova situação. *Como você se percebe como pessoa, G. ? Tenho dificuldades de me adaptar no mundo. Sou uma pessoa muito reservada.* Quanto a C., tem uma opinião bastante segura: *É um desequilibrado.*

B., a filha de dezesseis anos, vê na mãe, *a pessoa que mais gosta em casa.* Além disso, é a sua companheira de bares e boates. Atualmente, se sente melhor vivendo apenas com as irmãs e a mãe.

Caso 47 : Família composta por: padrasto (G. M.) - 35 anos ; mãe (M. S.), 28 anos; e filhos : M1 – 15 anos; M2 – 6 anos; F1 – 6 anos (adotada) ; e F2 – 4 anos. Escolaridade do casal : padrasto – 2° grau completo ; mãe – 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – vendedor ; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. começou a namorar com quatorze anos. Após o casamento, descobriu que W. (seu ex – marido) tinha desvios na área sexual. Ela era submetida a *várias perversões*. Sofreu três abortos provocados: dois por espancamentos e um por medicação. Quando W. bebia, *ficava louco*, chegando a cuspir em seu rosto.

Na separação, W. levou o filho de quinze anos e a filha adotiva para uma cidade do Nordeste, onde vivia sua família de origem, e proibiu as crianças de terem contato com M.. Atualmente, ela está amasiada com uma pessoa que tem muito carinho pelos seus filhos.

R., o filho de quinze anos, conseguiu fugir da casa do pai e está morando com M., em Campinas. A menina ainda está em poder de W. e M. não tem conseguido reavê-la, por intermédio da Justiça. M. parece estar bloqueada, quando é solicitada para falar sobre a sua pessoa: *É difícil.* Quanto às situações de violência, descreve-as esquematicamente: *Bebida e violência com as crianças.*

R. não está estudando, devido ao fato de ter voltado recentemente e não haver vaga na escola. Está na quinta série, pela quinta vez, e não tem interesse pelos estudos. Está preocupado com a irmã, que ainda vive com seu pai. Afirma que ela está sofrendo e apanhando muito, como aconteceu com ele. Tem vontade de chorar, *quando lembra o que passou.*

Seu padrasto parece ter conquistado o seu carinho, o que fica revelado quando fala dos seus pais: *Antes gostava do meu pai e desgostei. Agora gosto do G. (padrasto) como se ele fosse meu pai.*

Caso 48 : Família composta por : mãe (E. P.), 31 anos; e filhos : M1 – 8 anos; F1 – 4 anos ; F2 – 2 anos; e M2 – 11 meses. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe: crente. Profissão da mãe : doméstica . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A situação é de muita miséria. A casa é úmida, cheirando a mofo. As crianças estão sujas e com roupas rasgadas. E. trata-as com muito carinho e paciência.

Durante os dez anos de casada sofreu agressões físicas e teve o seu corpo marcado com uma faca, por seu marido (J.). Sofreu dois abortos, acredita que provocados *por sustos :um foi uma ameaça com faca e o outro um chute.* J. já atirou com um revólver em E., mas acertou na porta. Ele a mandava embora da casa, e quando ela ia, ele a buscava com freqüentes ameaças.

E. foi internada várias vezes *por nervoso,* mas *agora Deus resolveu o problema.* J. envolveu-se numa grande 'confusão' e foi assassinado, há dois meses. Ela está aliviada, mas, confusa. Sua situação financeira está precária e seu filho mais velho vem apresentando sérios distúrbios emocionais.

Ela não consegue se descrever como pessoa : *nem sei.* Nunca pensou por que tudo isso aconteceu com a sua família, apenas afirma : *Se eu não tivesse me envolvido com ele... Sei lá se era diferente...*

O filho F., de oito anos, se sente uma criança má. Fala sobre as suas atitudes, que as pessoas não aprovam, como se fossem *maldades.* Fica triste quando fica em casa. Ao falar sobre a sua vontade de chorar, revela uma atitude que está preocupando e deixando desorientada a sua mãe. *Você tem vontade de chorar, F. ? Tenho. Quando ? Às vezes. Por quê ? Porque eu tenho vontade de enfiar a faca em mim.*

Sobre o seu pai, F. não faz nenhuma consideração de qualquer situação ou sentimento que o envolva. Apenas, na hora de dormir, faz uma observação: *Você se sente assustado na hora de dormir, F. ? Sim. Por quê ? Fico com medo de aparecer assombração de gente morta.*

Caso 49 : Família composta por : mãe (C. M.), 41 anos; e filhos : M1 – 17 anos; F – 13 anos ; e M2 – 10 anos. Escolaridade da mãe : 2° grau completo. Religião da mãe : batista. Profissão da mãe : auxiliar de enfermagem . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A casa está em construção. C. e seus filhos parecem pessoas felizes. O ambiente é bastante afetivo.

C. sempre teve problemas no seu casamento porque W. (seu ex – marido) era muito ligado à família de origem. Certa vez, ficou afastado de casa por seis meses, na companhia dos pais.

Nas gestações, C. sofria traumas físicos e emocionais, sendo um período muito difícil. Após a separação, ela afirma ter recuperado sua auto –estima. *Como você se percebe como pessoa, C. ? Eu sou maravilhosa! Por quê ? Sou muito trabalhadeira.* C. assume com segurança a sua participação nos acontecimentos da sua vida e não hesita quando fala : *Essas coisas aconteceram na minha vida porque eu deixei. Eu não devia ter me envolvido com ele.*

P., a filha de treze anos, é uma adolescente típica. Muito falante, adora viajar, falar no telefone, namorar e dançar. Gosta de desenhar e pratica esta habilidade em casa. Quando fala dos pais, é reticente: *Fale-me sobre os seus pais, P.... Ah... Acho bom...*

Z. está com dez anos e afirma que conversa e faz bagunça na escola, por isso não se sente muito adaptado. Apesar disso, gosta de estudar. Preocupa-se com sua mãe, mas não consegue explicar o porquê. Sua vontade de chorar acontece, às vezes, só quando fica triste. Quanto aos medos, responde: *Você tem medos, Z. ? Sim. Quando ? Às vezes. De quê ? Que alguém entre aqui em casa.* A pessoa de quem mais gosta na sua casa é a sua mãe, no entanto, quando é solicitado para falar dos seus pais, ele generaliza : *São legais.*

Caso 50 : Família composta por : pai (L. A.), 42 anos ; mãe (V. A.), 39 anos; e filhos : M1 – 22 anos; M2 – 18 anos; e F – 10 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : evangélica. Profissão do casal : pai – motorista; mãe – funcionária pública. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

V. não permitiu que a entrevista ocorresse em sua casa, porque seu marido é violento e não suporta estranhos em seu lar. Ela está querendo fugir para São Paulo devido ao fato de L. não aceitar a separação. V. não agüenta mais viver com ele.

Tinha dezesseis anos, quando fugiu para se casar com L.. Viveram bem dez anos. A partir daí, começaram as agressões, isto é, a violência psicológica. Eles discutem muito. L. a ameaça com facas, espetos de churrasco e não a deixa dormir à noite.

Ele foi despedido do seu trabalho, há quatro anos, por estar constantemente alcoolizado. Desde então, não trabalhou mais. Sua mãe e um irmão eram alcoolistas e morreram de cirrose hepática. O pai de V. também bebia e agredia fisicamente a família.

P., a filha de dez anos, não está adaptada, no colégio, e tem problemas no relacionamento com alguns professores. Quanto às suas preocupações, estão voltadas para uma amiga *porque o pai dela bate nela.* Tem medo de ficar só e se sente assustada na hora de dormir, porque tem medo de seus pesadelos.

Sua mãe é a pessoa de quem mais gosta e explica : *porque ela me dá atenção.* No que diz respeito aos seus pais, P. é esclarecedora: *Minha mãe é legal. Meu pai fica xingando a gente quando bebe. Como você se sente vivendo com eles, P. ? Meu pai devia melhorar...*

Quanto à disciplina, a situação é relatada por P., com muita pertinência : *Quando você não atende os seus pais, o que acontece, P. ? Minha mãe me bate. E você, como reage ? Eu choro. Você acha que podia ser diferente, P. ? Sim. Como ? Porque é conversando que a gente se entende.*

Caso 51 : Família composta por : pai (A. P.), 39 anos ; mãe (M. P.), 33 anos; e filhos : M – 15 anos; F1 – 14 anos; F2 – 11 anos; F3 – 7 anos; e F4 – 6 anos. Escolaridade dos pais: 1° grau completo. Religião dos pais : católica. Profissão dos pais : pai – motorista ; mãe – caixa de estabelecimento comercial. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. vive uma situação bastante precária. Sua vida é cheia de lutas e trabalho. Sua mãe a ajuda nos cuidados com seus filhos. Ela permaneceu casada por dezesseis anos e, há três anos, saiu de casa com os filhos por causa das agressões físicas do ex – marido (A.).

Ele espancava, principalmente, o filho. Certo dia, a polícia foi chamada para intervir, pois A. chegou a rasgar as roupas do rapaz, quando o agrediu. Ele, neste período de separação, procurou M. apenas duas vezes, para saber notícias dos filhos.

Atualmente, M. e sua família vivem um problema sério com a filha de quatorze anos. Ela já saiu de casa várias vezes e diz querer se libertar de todos. Parou de estudar e não sabe o que quer fazer. É agressiva e não se relaciona com ninguém em casa. Ao ser solicitada para fazer a entrevista, ela e sua irmã de sete anos não aceitaram.

Apesar das situações difíceis pelas quais M. passa, ela não se abate e afirma : *Me acho bem, porque a minha vida é trabalhar para criar meus filhos.* J., o filho de quinze anos, trabalha e estuda à noite. Ajuda a mãe com os irmãos menores. Pela manhã, as crianças vão para a escola, à tarde ficam aguardando que o irmão os pegue e os leve para casa. No período da noite, enquanto J. vai para a escola e sua mãe retorna do trabalho, a irmã de quatorze anos assume os cuidados relativos à alimentação.

J. fica preocupado com sua mãe e sua avó. Gosta de todos em casa e se sente bem, agora, com a vida familiar. Sua irmã, G., de onze anos, não está adaptada, na escola. Afirma não ter problemas de relacionamento com ninguém em casa. Quanto aos pais, recusou-se a falar. *Fale – me sobre os seus pais, G.... É difícil, não quero falar.*

Caso 52 : Família composta por : mãe (M. F.), 31 anos; e filhas : F1 – 11 anos e F2 – 6 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau completo. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista)

M. foi casada durante treze anos e, desde o início, o casamento foi uma decepção para ela. S., seu ex – marido, lhe prometeu não beber e nunca conseguiu cumprir a sua promessa. Sentia-se dono de M. : ela devia servi-lo na cama, na mesa, no banheiro e ainda lhe dar dinheiro para comprar bebida e cigarro.

Ela faz tratamento com um psiquiatra, porque tem fortes dores de cabeça, dificuldade para dormir e se sente deprimida. Atualmente, está mais segura porque aguarda a sua separação judicial. Para ela, seu 'único problema' é estar trabalhando como diarista, quando, na verdade, é montadora eletrônica. *Como você se percebe como pessoa, M. ? Estou melhor, me aceito mais...*

Apesar de sua decisão sobre a dissolução do seu casamento, M. revela : *Tenho pena dele, porque ele é dependente de mim.* M., aos treze anos, sofreu um estupro praticado por um desconhecido. Sua irmã, mais nova, também estava presente e, além de ser estuprada, foi amarrada, espancada e teve os seus cabelos cortados. O autor deste ato foi preso por seis anos e prometeu matá-las ao sair da prisão.

As filhas de M. não suportavam a presença do pai em casa e se sentiam mal, fisicamente, quando S. estava presente. J., a filha de onze anos, responde que *se relaciona mal com algumas pessoas em casa e que sua família tem problemas.* Quanto aos seus sonhos, pode ser percebido o quanto a situação familiar é difícil para ela : *Você costuma sonhar, J. ? Sim. Como são estes sonhos ? Com uma vida melhor, sem brigas.* Em relação aos pais, não hesita em discriminar : *Um é legal, o outro é chato.* Revela que apanha de sua mãe e reage xingando –a, no entanto, acha que podia ser diferente : *A gente devia conversar, em vez de gritar.* E justifica : *É porque a minha mãe é nervosa.*

Caso 53 : Família composta por : pai (C. R.), 38 anos ; mãe (E. R.), 38 anos; e filhas : F1 – 16 anos; F2 – 14 anos; F3 – 11 anos; e F4 – 9 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – pedreiro; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física, violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista)

E. sente – se orgulhosa de suas filhas, que são muito bonitas e simpáticas. Está em fase de separação do marido, mas ainda vivem fisicamente juntos.

A entrevista foi prejudicada pela chegada de C., bêbado, o que criou um clima de constrangimento em todos. Sua atitude foi a de ficar escorado na parede da sala, encarando a todos. Suas filhas ficaram muito tensas, como se alguma tragédia pudesse acontecer a qualquer momento.

Após um ano de casamento, C. começou a ficar agressivo. Não liga para a família e nem se sente responsável por ela. Atualmente, ele tem piorado, pois, abandonou o serviço e não trabalha mais. As filhas têm medo do pai.

M., a filha de dezesseis anos, não está mais na escola. Sente-se preocupada com suas irmãs e, segundo ela, a única pessoa mais velha a quem responde é ao seu pai. Quanto à percepção dos seus pais, ela foi firme em sua resposta : *Prefiro não falar.*

V. tem onze anos e é mais extrovertida. Está adaptada, na escola, e tem muitos amigos, tanto no colégio quanto no bairro. Apesar do seu medo em relação ao pai e sua revelação de que apanha da mãe, ela expressa os seus sentimentos declarando : *São legais.*

S., com nove anos, como sua irmã mais velha, responde ao pai e o desafia. Tem medo, às vezes, de ficar só e gosta de todos em casa. Também revelou que apanha, mas, afirmou que *podia ser diferente.* Ela só não sabe explicar como.

Caso 54 : Família composta por : mãe (J. R.), 39 anos; e filhos : M1 – 14 anos; F1 – 11 anos ; M2 – 10 anos; F2 – 7 anos ; F3 – 5 anos; e M3 – 3 meses. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência psicológica (denunciada pela criança durante a entrevista); mãe – violência física e violência psicológica (presenciada pela pesquisadora)

J. vive numa casa muito pobre. Ela está trabalhando em frente ao local onde mora, como doméstica. Não está satisfeita com a situação porque prefere trabalhar de vendedora ambulante. Separou –se do marido e está vivendo apenas com a metade dos filhos : o filho de quatorze anos; a filha de onze anos e o bebê de três meses. As outras crianças estão na companhia do pai, temporariamente.

É uma pessoa nervosa, grita com as crianças, bate nelas e a todo momento pergunta : *Quer ficar de joelhos ou quer apanhar de borracha ?* O bebê de J. é fruto de uma relação afetiva, após a separação. E., o ex – marido, ao saber da situação, ficou furioso e quer que ela saia de casa. Ele deseja criar os seus filhos sozinho.

Apesar da vida que vem levando e dos problemas pelos quais vem atravessando, J. não diminuiu a sua auto-estima. *Como você se percebe como pessoa, J. ? Me sinto ótima e inteligente. Por quê ? Só não consigo aproveitar isso.* Quando criança, sua mãe batia demais nela, levando-a a ficar *com o coração apertado e triste.*

Entre os quatro filhos maiores de sete anos, apenas a filha de onze anos aceitou fazer a entrevista. Apresenta-se assustada quanto ao lugar em que mora. *Você fica preocupada com coisas ruins que podem acontecer com você ou com as pessoas de quem você gosta ? Sim. Com quem ? Comigo. Por quê ? Porque tem meninos que pulam o muro de casa. Você tem medo? Sim. Quando ? Sempre. De quê ? De tarado. Você costuma sonhar ? Sim. Com o quê ? Com morte e tarado.* (J. ri bastante ao ouvir estas respostas da filha).

A pessoa de quem mais gosta na casa é a sua mãe, e explica : *porque ela sofreu nove meses comigo.* Quanto aos castigos : *Você costuma atender os seus pais naquilo que eles pedem ou falam ? Sim. Quando você não atende, o que acontece? Apanho e fico de joelhos.*

Caso 55 : Família composta por : pai (J. C.), 36 anos ; mãe (E. C.), 33 anos; e filhos : M1 – 13 anos; M2 – 11 anos; e F1 – 9 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – pintor de paredes ; mãe – limpeza de firmas. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica ; avô paterno – violência sexual com o neto de 13 anos (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai e mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista); mãe – negligência (observada pela pesquisadora durante a entrevista).

As condições da casa são precárias. As crianças andam sujas, rasgadas, assim como E. No entanto, os cães e gatos da casa comem ração (Dogui e Cat). Antes de começar a entrevista, E. compra, no caminhão de frutas : uva rubi, ameixa e abacaxi, em boa quantidade. Estas são devoradas, rapidamente, por ela e seus filhos. No seu armário, em que aloja os mantimentos, há, apenas, um saco de feijão. As panelas, em cima do fogão, contêm somente poucos restos de comida.

E. se diz muito abalada, emocionalmente. Trabalha bastante para sustentar a casa, pois, J. não pára em emprego. Ele a agride, com freqüência, e os filhos acabam interferindo na situação e apanhando, também. Durante um período, ele a ameaçou de morte e ela dormia com um facão embaixo do travesseiro. Não está mais adotando essa tática, porque tem *medo de matar um filho, por engano.*

Todos os filhos são revoltados com o que acontece em casa, mas o de onze anos, segundo E., é o mais *carente.* Ele quer toda a sua atenção, bate nos irmãos, joga-se na parede para se agredir e ameaça de se matar. Faz tratamento psicológico há um ano. O pai de J. também é violento e alcoolista. Quando ele se separou da esposa, foi morar com eles. Certo dia, o filho mais velho contou que o avô tentou abusar dele sexualmente. J. não acreditou, mas um dia pegou o seu pai, em flagrante, com o filho. Ele deu uma surra no pai e expulsou – o de sua casa.

As crianças estão indo mal no colégio. E. parece paralisada diante de tantos problemas. Sua família de origem também apresenta histórias de violência (espancamentos, assassinatos, drogas, etc.). Quanto ao seu estado emocional atual, pode ser avaliado pela sua resposta : *Como você se percebe como pessoa, E. ? Um desastre. Por quê ? Sei lá. Não consigo fazer nada certo na minha vida.*

F., o filho de treze anos, é um rapaz triste. Preocupa-se com a mãe e o irmão, com medo que *se machuquem.* Fala que apanha da mãe, quando não obedece. No entanto, se sente bem vivendo com ela mas, com o pai, não. Durante a entrevista, relata uma cena, que parece ser corriqueira em sua vida : *Minha mãe é boa, meu pai, quando bebe, bate em nós todos.*

J., o filho de onze anos, além do mesmo nome, parece ter as mesmas características do pai : nervoso e agressivo. Durante a entrevista, antes de responder a cada pergunta, olhava para a sua mãe, como se pedisse a sua autorização. Ela sorria e balançava a cabeça, discretamente. J. afirma que *quando chora é porque tem raiva de tudo.* Acha seus pais: *bom.* E se sente *ótimo, vivendo com eles.*

Caso 56 : Família composta por : mãe (L. M.) - 37 anos; e filhas : F1 – 18 anos e F2 – 17 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : crente. Profissão da mãe: balconista. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

L. e sua filha mais nova moram numa casa de dois cômodos, em um bairro nobre de Campinas. A., seu ex – marido, era irresponsável, nunca manteve a casa, nem ajudou no sustento das filhas.

A. abusou, sexualmente, da filha mais nova, quando esta tinha quinze anos. Até os dias de hoje, segundo L., ela permite as aproximações do pai : ele passa a mão em seu traseiro, a abraça maliciosamente e vive procurando-a em casa. A filha mais velha não permite que A. se aproxime dela. Casou-se, meses atrás, com uma pessoa que bebe, não trabalha e a maltrata. Ela sustenta o lar, parecendo repetir uma situação vivida pela sua mãe.

A auto-estima e o estado emocional de L. estão abalados: *Como você se percebe como pessoa, L. ? Me acho péssima. Por quê ? Sei lá.* Tinha vontade de sumir, nas situações de violência, pois quando era criança via sua mãe viver o que lhe aconteceu.

R., a filha de dezessete anos, é uma moça educada e de maneiras finas. Aprende a tocar órgão, apesar de não ter o incentivo de ninguém em sua casa. Quando é solicitada a falar de seus pais, é reticente : *Não sei...* Não mencionou o nome do pai, em nenhum momento da entrevista, e se recusou a falar sobre o abuso sexual.

Caso 57 : Família composta por : mãe (S. S.) - 31 anos; e filhos : F – 10 anos; M1 – 9 anos; e M2 – 5 anos. Escolaridade da mãe : 2 ° grau completo. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : comerciante. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

Fui recepcionada pelas vizinhas de S., pois ela estava trabalhando na sua loja. Ela é uma pessoa simpática e dinâmica. Sua vida é uma correria, pois tem de adequar trabalho e filhos, porque não tem ninguém para ajudá-la. Conseguiu se separar, há pouco tempo, e afirma que só está arrependida de não o ter feito antes.

Há alguns anos, P., seu ex – marido, sofreu um acidente e passou a desrespeitá-la e agredi –la fisicamente. Ele tinha uma vida noturna intensa e, quando era comentada a possibilidade de separação, ele ameaçava matar os filhos.

S. está tranqüila e, segundo ela, *com a auto- estima renovada. Como você se sente como pessoa, S. ? Me acho boa. Por quê ? Porque faço o bem para todos.* Quando S. expressa algum ressentimento, é contra si própria, por não ter resolvido antes a sua situação.

R., a filha de dez anos, é uma menina cercada por amizades. Sente-se bem, atualmente, morando com a mãe e os irmãos. Sobre os pais, ela responde : *Minha mãe é legal; meu pai batia muito na gente.*

Caso 58 : Família composta por : mãe (M. S.) - 38 anos; e filhos : M1 – 19 anos; M2 – 15 anos; e M3 – 14 anos. Escolaridade da mãe : 1 ° grau incompleto. Religião da mãe : Testemunha de Jeová. Profissão da mãe : costureira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família)

A casa é grande e bem arrumada. Quando cheguei, na hora marcada por M., ela me disse que já estava indo embora para a igreja, pois estava atrasada. Um dos seus filhos foi saindo, alegando que ia para o culto.

J. foi o seu primeiro namorado. Casaram-se, mas, ele não lhe era fiel. Começou a não dormir várias noites em casa e aumentou a freqüência de ingestão de bebida alcoólica. J. era uma pessoa muito calada e, certo dia, M. descobriu que ele vivia com outra pessoa, há cinco meses. Ela solicitou que ele saísse de casa. J. aceitou, no entanto, desde esse dia, não vê os filhos, nem os ajuda materialmente.

M. se acha *uma pessoa normal,* e afirma: *Porque tenho um bom relacionamento com as pessoas. Sou feliz".* Esclarece que J. não foi o único responsável pelo que aconteceu na família : *Foram as amizades que ele andava, que não prestavam.*

R. tem 14 anos e é um adolescente bastante sociável. Acha seus pais *bons*, e se sente bem, vivendo com sua mãe. Quanto aos castigos, relata que não ocorrem, na sua casa, e acrescenta: *Tento ser disciplinado.*

Caso 59 : Família composta por : mãe (M. R.) - 38 anos; e filhos : M1 – 17 anos; M2 – 15 anos; e F – 13 anos. Escolaridade da mãe : 1 ° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : sem profissão. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família)

M. mora em uma casa nos fundos de um terreno, onde está construída a casa dos seus pais. É uma residência simples, arrumada, com poucos móveis. Durante a entrevista, não houve, por parte das pessoas da casa, respeito, pois, o volume da TV estava muito alto e continuou, até o final do encontro.

Foi casada durante quinze anos com O.. Ele tinha uma amante e ela não aceitou esta situação. Na separação, ele ficou com uma pequena instalação comercial e afirma que M. não tem direito a nada. De certa forma, ela não questiona pois, tem medo dele. Sente-se *uma pessoa humana, porque tem bom relacionamento com todos.*

Seu filho de dezessete anos é um desportista. Tem muitas amizades e se diverte saindo com amigos. Gosta de todos, em casa, e se vê muito mais voltado para as suas coisas do que para os problemas do seu lar.

T., a filha de treze anos, se preocupa com a mãe. Fica triste, às vezes, sem razão, *porque dá um negócio ruim dentro.* Quanto aos seus pais, acha – os : *Legal.* Não atende aos pedidos, nem obedece a eles, *porque tem preguiça.* Por outro lado, não se incomoda quando eles reclamam com ela.

Caso 60 : Família composta por : mãe (G. L.) - 36 anos; e filhos : F – 16 anos; M1 – 14 anos; e M2 – 7 anos. Escolaridade da mãe: 1 ° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - violência física, violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família)

G. mora em um barraco com seus três filhos. A casa é extremamente limpa. Há cinco anos, V., seu ex – marido, começou a beber, cada vez mais, e a agredir a família. Ameaçava G. com facas e a agredia fisicamente. Quanto à filha, além de cometer violência física, xingava-a de 'biscate' e outras palavras mais fortes.

Quando não bebia, ficava calado. V. saiu de casa porque o ambiente tornou-se insuportável. Sua filha parou de estudar, porque preferiu trabalhar para ajudar a mãe em casa, com a saída do pai. G. é uma pessoa agradável, que gosta de conversar, mas quando se descreve, comenta: *Acho que sou quieta, pelo sofrimento que passei.* E acrescenta: *Eu sentia revolta porque ele machucava eu e os meus filhos.*

D., a filha de dezesseis anos, é uma adolescente de aparência normal, o que não acontece com seu irmão (que chegou quando a entrevista tinha acabado), que é pequeno para a sua idade, quatorze anos. Ele parece ser o filho de sete anos, no entanto, G. afirma que *ele é assim, porque o pai é baixo.*

A adolescente, a princípio, estava reservada. mas, no decorrer da entrevista, ela foi se tornando mais solta. Preocupa-se com sua mãe e justifica : *Porque meu pai quando estava em casa, a gente nunca sabia o que ia acontecer.*

Tem preferência por sua mãe, porque ela lhe dá mais liberdade. Sobre os seus pais, declara: *Meu pai é uma pessoa chata, não gosto dele. Da minha mãe, eu gosto.* Quanto à disciplina, D. parece entender a situação emocional que a sua mãe vem atravessando: *Quando você não atende, D., o que acontece ? Minha mãe fica brava. Você acha que podia ser diferente ? Acho, não precisava disso. E por que você acha que isso acontece ? Porque tem vezes que ela está com raiva e quer descontar em alguém.*

Caso 61 : Família composta por : padrasto (L. A.) - 25 anos ; mãe (M. C.) - 29 anos; e filhos : M – 10 anos; F1 – 8 anos; e F2 – 4 anos. Escolaridade do casal : 1 ° grau incompleto. Religião do casal : crente. Profissão do casal : padrasto – auxiliar de serviços gerais ; mãe – ajudante de lavanderia. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai e mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A casa é de alvenaria, muito pobre, sem reboco e suja. M. está vivendo com um rapaz, membro da igreja. Durante a entrevista, um grupo da igreja chegou para assistir uma gravação religiosa e a casa parecia estar em festa. As crianças têm uma aparência triste e parecem contidas e acuadas, no meio desta confusão de gente entrando na casa e saindo.

M. casou-se com dezoito anos. Até os três anos de casada, seu ex – marido não bebia e mantinha a casa. Após esse período, passou a ser sustentado pela mulher e a mãe. Atualmente, não dá atenção afetiva nem material aos seus filhos. Tem outra família e um filho. M. se descreve como *boazinha e calma,* não gostando de discussão.

W., o filho de dez anos, relata que bate nas pessoas, *quando é contrariado.* Sente-se preocupado com coisas ruins que podem acontecer com ele e tem medo de *histórias.*

A., a filha de oito anos, afirma que tem medo, *às vezes, da escola.* Ao falar sobre seus pais, generaliza: *Bom.* Descreve que não atende os pais quando eles pedem ou falam algo e a conseqüência disso é : *Eles batem.*

Caso 62 : Família composta por : pai (N. D.) - 42 anos ; mãe (M. D.) - 33 anos; e filhos : M1 – 8 anos e M2 – 3 anos. Escolaridade do casal : 1 ° grau incompleto. Religião do casal : evangélica. Profissão do casal : pai – sem profissão ; mãe – babá. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

M. está morando em uma casa semi – construída, muito pobre, onde habitam várias pessoas. É um entra e sai constante de gente. Uma tia e a avó materna tomam conta das crianças.

As pessoas da família estão mobilizadas com a situação de M., que está trabalhando como babá, ganhando metade de um salário mínimo. N. não a deixa em paz. Faz ameaças com faca, no entanto não a agride mais, fisicamente. Vende as coisas de dentro de casa, para comprar bebida. Ela recebe ajuda material de sua família, para sustentar os filhos. Seu filho está revoltado com a situação. Fica indignado, quando o pai põe um cigarro na boca do irmão de três anos.

M. está apática e confusa com o que ocorre e expressa: *Nem eu entendo eu mesma.* Sente-se nervosa e toda justificativa de alguma ocorrência fica representada pela bebida. *Por que você acha que isso aconteceu na sua família, M.? Pela bebida.*

J., o filho de oito anos, estava dormindo na hora da entrevista. Isto acarretou uma certa má vontade, de sua parte, na resposta às perguntas. Ele tem medo, *às vezes, de apanhar,* e quando fica nervoso durante o dia, faz xixi na cama, à noite. Não expressa seus sentimentos sobre os pais, nem sobre a convivência com eles. Fala apenas do castigo para punir certas atitudes suas: *Eu apanho deles.*

Caso 63 : Família composta por : mãe (M. S.) - 25 anos; e filhos : M1 – 8 anos; M2 – 7 anos; e F – 3 anos. Escolaridade da mãe : 1 ° grau incompleto. Religião da mãe : Assembléia de Deus. Profissão da mãe: professora de música. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física, violência sexual (filha) e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

M., atualmente, mora com a mãe, que é costureira, em um condomínio em Campinas. Casou-se muito nova, contra a vontade de seus pais. D., seu ex – marido, quando solteiro, usava drogas. Após o casamento, passou a agredi-la fisicamente e a ofendê – la com palavrões. M. tinha vergonha do que estava acontecendo e não falava com ninguém.

O pai de D. tem uma oficina mecânica e D. vai, de vez em quando, trabalhar com ele. Após a separação, não deu mais suporte financeiro nem afetivo à família. M. tem sobrevivido graças à ajuda de seus parentes e da igreja.

A separação do casal ocorreu após uma agressão física notificada e a partir da denúncia, da filha de três anos, sobre as atitudes sexualizadas do pai (carícias genitais). Esta agressão também foi notificada, após a comprovação, por meio de exame, dos órgãos genitais da menina.

M. é uma pessoa alegre e tenta fazer o que pode por seus filhos. Os meninos têm uma aparência triste e tensa. Eles são bastante prejudicados, principalmente, quanto à fala e à expressão dos seus sentimentos. O filho mais velho está aguardando ser chamado para fazer tratamento fonoaudiológico. A menina já fez tratamento psicoterápico, por causa do abuso sexual. Ela é irrequieta, chora, constantemente, por qualquer coisa e grita muito.

O entusiasmo de M., pelas aulas de música que vem dando na vizinhança, faz com que ela consiga ir criando seus filhos de maneira otimista. Está confiante de que vai ultrapassar esta fase da sua vida. Quanto às situações de violência, descreve-as como : *inesperadas.* Sua sensação, nestes momentos, era de *tristeza e constrangimento.*

L. H., seu filho de oito anos, tem pesadelos constantes, *com um leão que quer matar a mãe.* Quando fala sobre os seus pais, seleciona : *A minha mãe, eu acho boa.* Durante toda a entrevista, o pai foi omitido, tanto na expressão de afeto quanto na opinião acerca dele.

L. A., de sete anos, parece menos limitado do que seu irmão. Tem pesadelos que classifica e explica como : *ruins.* Também para essa criança, o pai é excluído da expressão dos seus afetos : *Fale – me sobre seus pais, L.... Gosto da minha mãe.*

Caso 64 : Família composta por : pai (J. L.) - 40 anos ; mãe (I. L.) - 33 anos; e filho : M – 13 anos. Escolaridade do casal : 1 ° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai –soldador ; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – negligência (observada pela pesquisadora durante a entrevista).

A autorização para a entrevista foi dada pela mãe de I. Ao chegar em sua casa, esta não queria participar, pois alegava que havia ocorrido um engano. Não havia violência em sua família. I. foi lembrada sobre a sua denúncia ao S. O. S. e tranqüilizada sobre o sigilo de sua identidade. Ela acabou cedendo e, no decorrer da entrevista, foram aparecendo a violência doméstica e os problemas emocionais que o seu filho vem apresentando.

I. parece uma pessoa comprometida emocionalmente. As unhas são bem roídas e fala de uma forma estranhamente lenta (como uma pessoa com algum grau de deficiência mental). Sua mãe ficou ao seu lado, todo o tempo, como se estivesse tomando conta dela. Fiquei no portão, porque J. estava em casa e a minha presença podia perturbá-lo. I. tem muito medo dele.

Sua vida tem sido *um inferno.* Ela vai trabalhar ou sai de casa, e J. afirma que ela vai encontrar outros homens. Para I., ele tem dupla personalidade: na rua, é uma pessoa amável, ótima; em casa, vive aos gritos, *como um patrão.* Ele a intimida e ela sente medo e ódio dele. Quer fugir de casa, porque ele a ameaça de matá-la, caso ocorra uma separação; ao mesmo tempo, tem vontade de se matar.

Ela afirma que está perdendo a noção de si mesma. A sua percepção como pessoa é confusa. *Como você se percebe como pessoa, I. ? Às vezes tenho dó de mim, mas isso não existe.* Acha que as situações de violência acontecem por duas razões : *por bebida e por não poder separar problemas.*

A., seu filho, é pouco desenvolvido para a idade, mas bem esperto. Vem apresentando problemas emocionais que, de acordo com I., *ele vai ter de se virar por si mesmo, porque não tenho dinheiro, nem tempo de colocá-lo em tratamento psicológico.* É preocupado com seus pais, no entanto, não sabe explicar por quê. Gosta mais de sua mãe, visto que ela faz tudo o que ele quer.

O comprometimento de A. parece estar mais localizado nas situações afetivas de desenvolvimento de hábitos: abandonou a mamadeira aos seis anos e a chupeta, aos dez.

Caso 65 : Família composta por : mãe (C. R.) - 29 anos; e filhos : M1 – 8 anos; M2 – 7 anos; F1 – 4 anos; e F2 – 3 anos. Escolaridade da mãe : 1 ° grau incompleto. Religião da mãe : crente. Profissão da mãe : do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

C. mora na casa de um irmão e é sustentada pelo seu pai. P., o ex – marido, não dá atenção afetiva nem material aos filhos.

Foram casados durante seis anos e, até pouco tempo, mantinham um relacionamento afetivo. Atualmente, P. está casado. Quando os filhos vão visitá-lo, são maltratados por ele e vivem na rua. C. está procurando emprego, porque a sua situação está ficando cada vez mais difícil.

Ela se acha uma pessoa *extrovertida* e afirma que as situações de violência aconteciam porque *ele descontava os seus problemas nas crianças.* Sentia-se muito mal com isso, e acha que P. *é um doente.*

As crianças sofreram muito, principalmente M., o filho mais velho. Ele interferia nas brigas dos pais, apanhava e era ameaçado por este. Ele é o mais tranqüilo dos filhos; seus irmãos são agitados. Todos falam errado (trocam e omitem letras) mas, para C. *isso passa.*

M. é preocupado com coisas ruins que podem acontecer na sua família. A opinião que tem sobre os pais é a seguinte: *Meu pai, eu gosto mais ou menos; a minha mãe, eu gosto à beça.*

Caso 66 : Família composta por : pai (S. S.) - 48 anos ; mãe (M.S.)- 40 anos; e filhos : M – 18 anos e F – 14 anos. Escolaridade do casal : pai - 2° grau completo ; mãe – superior completo. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – militar ; mãe – professora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. acha que seu marido tem *distúrbios emocionais*. Não se comunica com a família, vivendo em um mundo apenas seu. Não dá atenção nem a ela nem aos filhos. Ela se sente acomodada a esta situação. Esse comportamento começou a piorar quando perderam a filha mais jovem, de treze anos, num acidente de carro, em que M. estava ao volante.

Entre o casal, na frente dos filhos, já ocorreram intimidações, ofensas e espancamentos com lesões. A percepção de M. sobre si e sobre a situação é clara : *Me sinto nervosa e agressiva, porque as coisas não estão como eu quero.* Ela acha que *foram as idéias contrárias e o desgaste do casamento* que aumentaram mais a distância entre o casal.

D., o filho de dezoito anos, é um rapaz atlético. Já está na Faculdade e trabalha. Faz Educação Física e se identifica com o lugar onde mora, por ser sossegado. Relaciona-se bem com todos, mas, em suas respostas, percebe-se a marca da ausência de sua irmã mais nova. *Você tem pesadelos, D. ? Tenho. Como são eles ? Com mortos. Você costuma sonhar acordado, D. ? Sim. Com o quê ? Com pessoas que já se foram.* Em relação aos seus pais, é crítico: *Eles são legais, mas de vez em quando, pisam na bola.*

S., a filha de quatorze anos, é uma moça bonita e agradável. Não fala sobre a irmã morta, apesar de ser muito parecida com ela (existem vários retratos dela espalhados pela casa). Suas preocupações estão voltadas para uma amiga, *que é como se fosse uma irmã".* A percepção dos seus pais é feita com um certo tom de pesar: *São legais mas, às vezes, brigam à toa.* Quanto ao seu relacionamento com eles, acha que poderia ser diferente, *com eles compreendendo melhor as minhas razões.*

Caso 67 : Família composta por : mãe (M. S.) - 28 anos; e filhos : F – 10 anos e M – 3 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe: doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência; padrasto – violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

M. mora com seus filhos, numa casa confortável. Seu primeiro marido, pai de sua filha, era alcoolista, agredia – a fisicamente e com palavras, além de ameaçá – la, várias vezes, de morte. Ao se separar, conheceu P. e, até o momento, já ocorreram várias separações e voltas. A última foi em decorrência do abuso sexual à sua filha.

P. não aceita ficar afastado de casa e nega o abuso sexual. Ele a ameaça de raptar seu filho, mas, M. afirma que *não tem mais medo dele.* Ela teve uma infância difícil, criada pela madrinha, sem os pais. O ambiente era de violência e falta de liberdade. Afirma que se casou porque queria ser independente.

Sua auto - percepção é desvalorizada, provavelmente pelas decepções que ocorreram no decorrer da sua vida. *Como você se percebe como pessoa, M. ? Às vezes penso que sou uma pessoa até boba. Por quê ? Porque as pessoas mentem para mim.*

G., sua filha, estava bastante tensa com a situação da entrevista. Às vezes parecia relaxar; outras vezes, se fechava. Devido ao estado emocional apresentado por G., não foi possível abordar, de forma específica, a violência sexual. Ela se preocupa com a mãe e suas amigas, mas, acrescenta: *Minha mãe é minha família.* No que diz respeito a como se sente, vivendo, atualmente, sem a presença do padrasto, G. é enfática : *No paraíso.*

Caso 68 : Família composta por : mãe (Z. L.) - 34 anos; e filhos : M1 – 13 anos e M2 – 9 anos. Escolaridade da mãe: 2° grau completo. Religião da mãe : evangélica. Profissão da mãe :do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

Z. é uma pessoa gentil e simpática. Sua casa é impecável. Não existem problemas financeiros. Está muito contente porque conseguiu se separar de V. Foi casada durante quinze anos e, quanto ao aspecto financeiro, não tem queixas. Suas reclamações estão localizadas na esfera afetiva.

Z. sempre se viu presa a valores materiais, *por não trabalhar.* Ela tem se preocupado, porque os filhos estão crescendo e ela não gostaria que eles tivessem esse modelo de pai. Expressa sua percepção, como pessoa, de maneira orgulhosa: *Agora, eu gosto de mim.*

Segundo Z., seus filhos estão ótimos, depois de sua decisão : *Parecem mesmo aliviados.* R., o filho de nove anos, tem vontade de chorar, às vezes, *quando a mãe bate.* Ao mesmo tempo, afirma que ela é a pessoa de quem mais gosta em casa, e justifica : *porque ela é legal.*

R. reclama dos castigos e das surras de cinta aplicadas por sua mãe. Acha que podia ser diferente, ou seja, *ela não bater.* No entanto, ele acrescenta : *Ela me bate, porque meu irmão briga comigo.*

Caso 69 : Família composta por : mãe (N. C.) - 30 anos; e filhos : M1 – 8 anos e M2 – 4 anos. Escolaridade da mãe : 1º grau incompleto. Religião da mãe: católica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : padrasto – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); padrasto e mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

N. está morando com sua mãe e seus dois filhos, em um quarto. Antes de iniciar a entrevista, houve uma confusão entre ela e o G.(seu ex - companheiro). Os ânimos estavam alterados, sua mãe se envolveu na situação e, com a chegada da pesquisadora, a situação se acalmou.

A casa é pobre, mas limpa e arrumada. As crianças estavam tensas por causa da discussão. Eles sempre foram criados pela avó materna e N. desconhece uma série de fatos sobre eles, quanto aos seus desenvolvimentos físicos. Durante a maior parte da entrevista, N. recorreu à sua mãe para responder às perguntas.

Até a separação, N. sustentou a casa. G. era agressivo: jogava ferro quente em cima dela, chutava-a, batia com a sua cabeça na parede e ameaçava-a de morte (comprava várias facas e dizia que eram para matá-la). As crianças também sofriam estas ameaças. O clima era de terror. Atualmente, se acha *normal mas, irritada.* Afirma que estes fatos ocorreram na sua família, *por falta de vergonha.*

W. tem oito anos, é uma criança preocupada. Fica triste sem razão, porque *às vezes fica pensando na mãe*. Sonha e tem pesadelos freqüentes com *vampiros.* No entanto, quando sonha acordado, *é com o lobo mau.*

Ao falar dos seus responsáveis, W. é descritivo quanto à violência que sofria: *Minha mãe é legal; o G. me batia até me espancar.*

Caso 70 : Família composta por : mãe (M. N.) - 41 anos; e filhos : M1 – 20 anos; M2 – 17 anos; F – 16 anos; e M3 – 14 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. e seus filhos estão morando com seus pais e contam com o apoio da família, que é muito unida. A casa é visitada por vários netos, num entra e sai constante de crianças e adolescentes. O filho de quatorze anos está trabalhando e a filha de dezesseis anos está estudando mais tranqüila.

Ela foi casada, durante vinte anos, com J., que era trabalhador, mas tinha várias amantes e, com freqüência, a humilhava. Com os filhos, ele tinha um péssimo relacionamento: batia, colocava-os de castigo de cabeça para baixo e expulsou o primogênito de casa.

Os filhos não suportavam o pai. J. vivia falando que eles eram uma *cruz em sua vida* e sua vontade era de *matá-los.* M. fala sobre a sua pessoa, com uma certa tolerância: *Me acho compreensiva, porque tenho paciência.* Justifica as situações de violência na sua família *por causa da educação dele.*

Sua filha, V., parece estar aproveitando bem a situação na casa dos avós. Gosta de estar perto da família de sua mãe, porque se *sente mais protegida.* Afirma que tem o *estopim curto,* mas sabe ser amiga das pessoas. Quanto à percepção dos seus pais, ela declara: *Minha mãe, dá para ir ; meu pai, eu não suporto.*

Caso 71 : Família composta por : padrasto (L. M.) - 35 anos ; mãe (S. P.) - 33 anos; e filho : M – 15 anos. Escolaridade do casal: 1° grau completo. Religião do casal : católica. Profissão do casal : padrasto – serralheiro ; mãe – operadora de telemarketing. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – negligência ; madrasta – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

O casal é muito agradável. Na separação de S., o ex - marido ficou com a guarda da criança, porque ele se recusava a pagar a pensão alimentícia. L., o filho, com o passar dos anos, teve a sua situação na casa do pai insuportável, porque a madrasta o perseguia. Certo dia, ligou para a mãe, implorando para ficar com ela.

Atualmente, L. está com a avó materna, porque só desta forma o seu pai aceita pagar a pensão. No entanto, vive na casa de sua mãe. S. é uma pessoa alegre e comunicativa, parecendo lidar de forma tranqüila com estas situações. Ela tem uma percepção otimista da sua pessoa : *Me acho legal.* Ficava arrasada, quando as situações de violência aconteciam, porque *lembrava da mãe sendo espancada pelo pai.*

L. gosta muito do seu pai, mas este não o procura. Quando se encontram, isto ocorre na rua, porque a madrasta não quer este relacionamento. Sente-se adaptado, tanto na escola, quanto em qualquer outro ambiente. A percepção que tem dos seus pais é : *Legal.* A disciplina é aplicada pela avó materna. O castigo utilizado é *não sair.*

Caso 72 : Família composta por : mãe (G. P.) - 25 anos; e filhos : F - 8 anos e M – 7 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe: católica. Profissão da mãe : atendente de enfermagem. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

G. mora com uma tia materna, numa casa ampla e arrumada. Essa senhora toma conta dos seus filhos, desde que eles nasceram. A mãe de G. 'sofre dos nervos' e não tem bom relacionamento com ela. G. vê pouco os seus filhos, pois vai para casa apenas uma vez por semana, e quer descansar.

O casamento foi tumultuado, porque a família de M. não aceitava a união. Certo tempo após o matrimônio, ele teve um caso amoroso com uma empregada da fazenda dos pais. Ele assumiu a criança que nasceu deste envolvimento e pediu a G. que *desse um tempo*. A partir daí, não deu mais notícias. Abandonou a família e, certo dia, chegou o pedido de separação.

As crianças são lentas na organização dos seus pensamentos ou talvez, estejam apresentando embotamento afetivo. M. tem oito anos e respondeu à maior parte das perguntas *não sei*. Como é observado: *Fale – me sobre os seus pais, M.... Não sei. De quem você gosta mais, na sua casa ? Não sei.*

J., que está com sete anos, é um pouco mais preciso nas suas respostas. Sente-se preocupado com a mãe e a tia. Tem medo de ladrão. Ao ser solicitado para falar de seus pais, é monossilábico : *Bom.*

Caso 73 : Família composta por : pai (J. C.) - 37 anos ; mãe (M. C.) - 34 anos; e filhos : M1 - 16 anos; M2 – 13 anos; e F – 11 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : cristã. Profissão do casal : pai – pedreiro ; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela criança durante a entrevista).

M. estava tensa, no momento da entrevista, porque resolveu dar uma chance ao seu marido. Intimamente, acha que não vale a pena, mas vai tentar. J. é alcoolista e agride, constantemente, a ela e aos filhos. Certo dia, amarrou-a e pegou uma faca para matá-la, na frente de todos, em casa. Numa outra ocasião, prendeu o dedo de um dos filhos na porta, de propósito, para machucá-lo. Já abriu o gás com a família dentro de casa e ameaça, sempre, a todos, de morte.

Ela se casou, contrariando os seus pais, que não queriam esse casamento. Uma vez, quando foi conversar sobre o que estava ocorrendo em sua casa, seu pai afirmou: *Casou, vai ter que levar isso para o resto da vida.* A percepção de M., como pessoa, está relacionada aos filhos: *Como você se percebe como pessoa, M. ? Me acho vitoriosa. Por quê ? Porque tenho três filhos.* Como não tem coragem para separar-se, M. adota a seguinte postura: *Estas situações de violência poderiam ter sido evitadas, M. ? Claro, se ele fosse embora.*

Seus filhos estão traumatizados com o que vem ocorrendo. Os dois adolescentes entrevistados associaram a minha presença com o *caso da mãe.* E., o filho de treze anos, foi reprovado esse ano. Seus pesadelos estão associados ao pai: *Você tem pesadelos, E. ? Sim. Como são eles ? Quando o meu pai vai chegando e quebrando as coisas.* Sua percepção está voltada para o pai, havendo pouco espaço para falar sobre a sua mãe. *Fale – me sobre os seus pais, E.... Quando o meu pai bebe, eu não acho bom. Você acha que podia ser diferente ? Sim. Como ? Se ele parasse de beber.*

V., a filha de onze anos, tem medo do pai. Sonha sempre com ele, mas *não lembra como são esses sonhos.* Quando fala dos pais, a ênfase recai sobre a bebida: *Fale – me sobre os seus pais, V.. Minha mãe é legal, às vezes o meu pai bebendo eu não gosto. Você acha que poderia ser diferente ? Sim. Meu pai conversar com a gente. Por que você acha que isso acontece, V. ? Por causa da bebida.*

Caso 74 : Família composta por : mãe (R. F.) - 27 anos; e filhos : M1 - 8 anos e M2 – 2 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : vendedora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

R. mora na casa dos pais, com seus filhos, em um quarto bastante confortável. Ela é muito revoltada com a sua situação. Não se mostrou muito receptiva à entrevista, apesar de ter concordado em participar.

Casou-se com A. e, desde o início da união, as brigas eram constantes, porque ele estava freqüentemente desempregado. Ocorreram muitas brigas, no entanto, sem agressões físicas. Seu filho mais velho não foi assumido pelo pai biológico, mas pelo A..

Sua percepção como pessoa é : *Sou normal, porque não sou agressiva.* Atribui as situações de briga a *bebidas e outras coisas,* que não quis esclarecer. W. tem oito anos, entretanto, apresenta uma aparência física e um desenvolvimento mental de uma criança de menos idade. Seu irmão mais novo, em muitas situações, parece ser mais esperto do que ele.

W. não consegue elaborar respostas de acordo com a sua idade, principalmente, as que levam em conta sentimentos: *Fale – me sobre seus pais, W....Bom. Como você se sentia vivendo com eles ? Bom.*

Caso 75 : Família composta por : pai (J. C.) - 36 anos ; mãe (A. C.) - 34 anos; e filhos : F – 15 anos e M – 6 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – pedreiro ; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – violência psicológica e violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A. está muito abalada com o que vem acontecendo. Casou-se aos dezessete anos, após namorar quinze dias e fugir de casa. A partir daí, J. começou a maltratá-la. Ele teve vários casos amorosos, inclusive com uma vizinha, com quem teve um filho. Esta situação fez com que ele se afastasse de casa por seis meses. Ao retornar, estava menos agressivo.

Foram para o interior, onde A. deixou a filha com sua mãe. A menina ficou desesperada com a separação e tentou se enforcar, sendo salva por um tio materno. A partir daí, voltou para a sua família. J. não se relaciona com a filha. Quando ela chega perto dele, ele a afasta.

C., a filha, fez quinze anos, contou para a mãe que seu pai estava passando a mão nos seus seios e lhe contava o que ele fazia com A. na cama. J. ao ser interpelado por A., disse que C. gostava disso e até se esfregava nele. Várias vezes, A. surpreendeu J. acariciando C., quando ela estava dormindo. Atualmente, ele tem incentivado o filho de seis anos a olhar, com ele, C. tomar banho.

A. parece uma pessoa alienada dos problemas, ou seja, bloqueada em suas reações. Percebe-se como uma pessoa extrovertida e acrescenta : *porque estou com problemas e dou risadas.* Foi uma criança traumatizada pelas situações de violência em sua família. Seu pai corria atrás de sua mãe com um machado para matá-la. Além disso, seus irmãos não tinham bom relacionamento entre eles.

C. é uma jovem introvertida. Preocupa-se com a mãe, o irmão e as amigas. Fica triste *sem razão*, porque *pensa no passado.* Seus pesadelos são *de estar morrendo.* Ao falar sobre os seus pais, esclarece: *Acho minha mãe legal, simpática, não é egoísta. Meu pai, às vezes é bruto, não sabe se relacionar.*

Sobre a história do abuso, C. relata que tudo começou com o seu pai pegando nos seus seios e vendo – a tomar banho. Sentia-se mal e procurou conversar com a mãe, que *ficou brava com ele.* C. fica chateada com o que acontece, mas ao ser questionada sobre

os seus sentimentos em relação à pessoa que participou disso com ela, responde: *Sinto bastante carinho por ser meu pai.* Com relação à família, acha que essa situação modificou-a : *As pessoas ficaram muito diferentes e pensativas.*

Caso 76 : Família composta por : mãe (A. M.) - 29 anos; e filhos : M1 – 7 anos; M2 – 5 anos; e F – 8 meses. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A. está vivendo, com seus filhos, na casa dos seus pais. A casa é bem pobre. Ela parece estar tranqüila, trata com carinho os filhos, dando a impressão, certas vezes, de estar lidando com bebês. O filho de cinco anos é portador de Síndrome de Down. É uma criança cheia de vontades e manias. Não se expressa de maneira compreensível e A. tem muita paciência com ele.

Ela saiu de casa com os filhos, por causa dos espancamentos. F., seu ex – marido, é alcoolista e dependente de maconha e "crack". A. abandonou o lar seis vezes, mas sempre retorna, por causa das ameaças de F.. Acha-se uma pessoa *normal*. Durante toda a entrevista, desviava suas respostas, invariavelmente, para *a bebida.*

C., o filho de sete anos, usa chupeta o tempo todo. Em um primeiro momento, parece uma criança comprometida mentalmente, mas durante a entrevista, deu respostas bastante pertinentes. Tem vontade de chorar, *sempre que a mãe bate.* No entanto, ela é a pessoa de quem mais gosta. Sobre o seu pai, não fala nada. Não responde, também, a respeito de como se sentia vivendo com os pais. Sua reclamação é quanto ao apanhar e, para isso, tem uma solução: *Falar e não bater.*

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Caso 77 : Família composta por : pai (O. S.) - 44 anos ; mãe (M. S.) - 44 anos; e filho : M – 16 anos. Escolaridade do casal: 1° grau completo. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – almoxarife ; mãe – zeladora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. vive com o marido e o filho numa casa confortável e, aparentemente, tem uma boa qualidade de vida. Sente-se arrasada com o que está acontecendo. Casaram-se quando tinham vinte e cinco anos. Viveram bem os primeiros dez anos; depois, O. começou a beber. Atualmente, ele está desempregado e é violento em casa com M., a sogra e o filho, a quem chama de *marginal.*

Ela se sente revoltada, porque, além de estar submetida a esta situação familiar, é auxiliar de odontologia, mas, não consegue emprego nesta área. Sua percepção como pessoa está ligada ao passado: *Como você se sente como pessoa, M. ? Eu acho que era alegre; a única coisa que me alegra hoje é a igreja.* Ela se ressente de ter se casado e culpa a *bebida*, pela sua infelicidade.

F., o filho de dezesseis anos, está sofrendo muito com as atitudes do seu pai. Tem vontade de chorar, *às vezes, por causa dos problemas.* Sobre os seus pais, apresenta o mesmo discurso de sua mãe, em relação à bebida: *Fale – me sobre os seus pais, F....Minha mãe é trabalhadora, quer sempre o melhor. Meu pai, antes ele conversava, hoje ele só bebe.*

Caso 78 : Família composta por : mãe (M. O.) - 38 anos; e filhos : F1 – 21 anos; F2 – 18 anos; M1 – 16 anos; M2 – 13 anos; M3 – 12 anos; e F3 – 8 anos Escolaridade da mãe : superior incompleto. Religião da mãe : sem religião. Profissão da mãe : auxiliar de enfermagem. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); F2 – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A casa é um caos: suja e desarrumada. São muitas pessoas em um espaço pequeno. Moram em um apartamento de dois quartos: M., os filhos e um neto de dois anos. As crianças ficam com a filha de dezoito anos, para que M. possa trabalhar. Ela trata os filhos e o neto com carinho, parecendo ser uma pessoa dedicada à família. Seu neto é muito apegado a ela.

Foi casada com C. durante vinte e um anos. Sua família não queria o casamento, porque ele era usuário de drogas. Após seis anos de casados, C. saiu do emprego e, desde então, não se fixou em nenhum lugar. A primeira agressão a M. foi com um ferro de passar roupa. Separaram - se por um período e M. passou a viver com outra pessoa. Seus filhos começaram a pressioná-la para voltar para casa, pois, o pai estava diabético. Eles acusavam M. de tratar dos outros mas não cuidar do próprio marido doente. Ela retornou ao lar.

Atualmente, está separada. Acha-se auto-suficiente, *porque vai à luta.* Relaciona a violência ao uso de drogas, mas também tem a percepção de que, quando vivia com C., estava presa à situação. Acha que foi imatura, deixando esses fatos perdurarem tanto tempo. M. assume a sua participação nos fatos : *Estes fatos poderiam ter sido evitados, M. ? Sim. Eu já sabia de tudo, nunca fui enganada.*

B., o filho de doze anos, é sociável e estudioso. Dedica seu tempo às brincadeiras e gosta muito de praticar esportes. Sua irmã L., de oito anos, não está bem na escola e não gosta do lugar onde mora. Tem muitas preocupações com ela e seus pesadelos são *com gente.* Parece magoada com seu pai e expressa: *Meu pai é meio mentiroso, minha mãe é boazinha...*

A filha mais velha não suporta o pai. Sua irmã, de dezoito anos, é quem toma conta dos irmãos menores e do sobrinho. Ela faz uso da violência física para manter a disciplina em casa. Segundo L., sua atitude poderia ser diferente : *Ela podia ser mais amiga e não bater.* E acrescenta: *Ela faz isso porque não apanha.*

Caso 79 : Família composta por : mãe (M. C.) - 51 anos; e filhos : M – 14 anos e F – 10 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s) : pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

G. saiu de casa há sete anos e constituiu outra família. A partir desta época, não visitou os filhos, nem ajudou na manutenção dos mesmos. M. passa por dificuldades financeiras. Mora numa casa em construção, porque não tem dinheiro para terminá-la. A umidade dentro dela é muito grande.

Nunca sofreu violência física, mas não perdoa o marido pelo que fez. Acha-se uma pessoa *boa e meiga,* porque *se preocupa com os outros.* Afirma que estas situações ocorreram *por irresponsabilidade dele.*

L., a filha de dez anos, tem o sono agitado e se preocupa muito com sua mãe, por ser *de idade.* Costuma sonhar e ter pesadelos com : *Fantasmas e que a minha mãe está morrendo.*

Sente a falta do pai, pessoa com quem conviveu e viu apenas até os três anos de idade. Ao falar sobre os pais, afirma : *Acho o meu pai legal.* E continua: *Minha mãe é legal também.* Viver com a mãe e o irmão, para L., é algo que não lhe causa problemas e a faz sentir-se bem.

Caso 80 : Família composta por : padrasto (J. S.) - 44 anos ; mãe (O. P.) - 35 anos; e filhos : M – 15 anos; F1 – 13 anos; F2 – 5 anos; e F3 – 3 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : padrasto – evangélica; mãe - sem religião. Profissão do casal : padrasto – armador de construção civil ; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto– violência física e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); padrasto – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista); mãe – negligência (observada pela pesquisadora durante a entrevista).

A situação é grave. As duas crianças mais novas estão na rua, em locais perigosos, totalmente abandonadas. Apresentam-se sujas, descalças, os cabelos sem asseio e com piolhos. Os dois filhos mais velhos parecem mais asseados. O. deixa as crianças soltas, expostas a qualquer imprevisto e parece não ter preocupação.

Seu companheiro, J., é uma pessoa agressiva e com uma aparência um tanto assustadora. Brigou com O., ao ver a pesquisadora dentro de sua casa, e disse que depois conversaria com ela, por deixar *qualquer mulher entrar no seu lar.* Essa expressão foi contestada pela profissional, mostrando o seu crachá e expondo o objetivo de seu trabalho e ida a este local.

Apesar dos pedidos insistentes de O., seu companheiro permaneceu, durante todas as entrevistas, de pé, observando a situação. A sensação que se tem da casa e de seus componente é de uma 'panela de pressão', prestes a explodir.

O. vive há seis anos com J. e tem dois filhos dessa união. Não sabe nada sobre o seu passado, apenas que já foi casado duas vezes e tem quatro filhos das ligações anteriores. Ele paga as contas em casa, mas, não compra nada nem para ela nem para os filhos. É um homem *seco, caseiro e sem vícios.* Essas atitudes têm piorado, após a sua entrada para a Igreja Evangélica.

A entrevista com O. foi prejudicada por causa da pressão exercida por J. Sente-se bastante incomodada por ele, mas, está confusa, sem saber o que fazer e acrescenta : *Tenho quatro filhos para sustentar. Como é que vai ser ?*

W., o filho mais velho, quer conhecer o seu pai e ir morar com ele. O problema maior quanto a essa situação é que O. teve W. quando era solteira, e o pai abandonou –a na gravidez. Ela nunca mais teve notícias dele. O rapaz fantasia o encontro com o pai e pressiona sua mãe para que isso ocorra o mais breve possível. As pessoas de que gosta mais, em sua casa, são suas irmãs e parece ressentido com O. Quando W. fica nervoso, quebra as coisas dentro de casa. Quanto à disciplina, acha que podia ser diferente e afirma : *Acho que não devia ter pancadas. Por isso, quero conhecer meu pai e morar com ele.*

E., a filha de treze anos, é fruto de uma relação mais duradoura de O. Gosta de todos em casa e parece mais adaptada à situação e ao padrasto. É estudiosa e não tem problemas quanto à disciplina.

Caso 81 : Família composta por : pai (A. O.) - 46 anos ; mãe (J. O.) - 46 anos; e filhos : F1 – 24 anos; F2 – 20 anos; e M - 10 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai - pedreiro; mãe – auxiliar de limpeza. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência psicológica (denunciada pela criança na entrevista).

J. quer se separar porque não admite mais conviver com maus tratos. A. é alcoolista, não agride fisicamente a família, mas ofende, faz ameaças de agressão e de morte. A filha mais velha saiu de casa, aos dezesseis anos, por causa das agressões do pai. O namorado da filha de vinte anos já foi ameaçado com faca por A.. Após alguns dias, estes incidentes são negados por ele.

O clima em casa é de terror. J. está vendo suas filhas saírem de casa e se sente impotente quanto a isso, porque A. exige indenização para deixar o lar. Ela não tem o dinheiro e ele continua ameaçando a família. Diz que *vai jogar álcool em todos, quando estiverem dormindo, e tocar fogo.*

Ela sustenta a casa e sua percepção como pessoa é : *Me comunico bem, vivo bem com todos.* Acha que as situações de violência acontecem *por causa do álcool e do temperamento dele.* Ao mesmo tempo, não sabe como evitá-las.

C., o filho de dez anos, é uma criança obesa. Nasceu após quatorze anos de casamento. Não está adaptado, na escola. Vive atemorizado e expressa o seu medo da seguinte forma: *Você tem medos, C. ? Sim. Quando ? Sempre. De quê ? De coisas que o meu pai pode fazer.* Quando fica nervoso, C. tem ânsias de vômito, o que ocorre com freqüência nas brigas dos pais.

A o falar sobre os seus pais, C. é enfático : *Meu pai é ruim, a minha mãe é boa.* Sua sensação de viver neste ambiente com a família é a seguinte : *Briga sempre, briga sempre...*

Caso 82 : Família composta por : padrasto (M. S.) - 43 anos ; mãe (N. S.) - 37 anos; e filhos : F – 17 anos e M - 15 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : padrasto – empreiteiro ; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

N., atualmente, está feliz. Vive com uma pessoa que, apesar de não ter condições financeiras favoráveis, respeita a família. Seu marido, um dia, saiu para trabalhar e não voltou mais. Sua vida de casada foi péssima, pois ele sumia, constantemente, deixando com ela todas as responsabilidades da casa e os cuidados com os filhos.

Nunca mais foi visto. Seus filhos se ressentem desta situação, mas consideram o padrasto como um pai. N. se considera *uma pessoa boa, porque tem dó de tudo.* Afirma que as situações com o marido poderiam ter sido evitadas, *se ele conversasse.*

C., a filha de dezessete anos, não está mais na escola. Preferiu trabalhar, não concluindo o segundo grau. Gosta de passear e tem muitos amigos. Quanto aos 'pais' (mãe e padrasto), acha – os *legais.* Sente-se bem e tranqüila, vivendo com eles.

Caso 83 : Família composta por : mãe (C. O.) - 46 anos; e filhas : F1 – 21 anos e F2 - 17 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : cristã. Profissão da mãe : auxiliar de serviços gerais hospitalares. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai – violência psicológica (denunciada pela adolescente durante a entrevista).

C. foi casada, durante um ano, e separou-se, ficando com a filha, porque o marido não queria trabalhar. Viveu com T. vinte anos e tiveram uma filha. Atualmente, ele saiu de casa para viver com outra pessoa. Todos esses anos, ele foi violento. C. era agredida com tapas, socos, empurrões e palavrões.

T. foi embora, mas a ameaça. Sua percepção como pessoa é de que *é boa, porque gosta de ajudar.* Acredita que as situações violentas aconteceram *pela bebida e pelo temperamento dele.* C. culpa T. por todos os seus problemas e tem certeza de que tentou evitá-los. *Estas situações de violência poderiam ter sido evitadas, C. ? É claro. Por quê ? Porque eu falava que ele estava errado e ele vinha gritando.*

K., a filha de dezessete anos, se sente triste, porque é xingada, sem razão, pelo seu pai. A pessoa de que mais gosta, em casa, é a sua mãe e esclarece: *Porque é a única pessoa que eu tenho.* Apesar dos problemas familiares, acha os pais *legais.* É uma pessoa aparentemente tranqüila, e tem um bom relacionamento com sua mãe.

Ela toma conta do sobrinho, com muito carinho. No entanto, o que causa estranheza é a forma como ela o coloca para dormir. K. o acaricia na região anal, como se fosse uma masturbação, e fica por longo tempo fazendo esses movimentos. A criança permanece quieta e logo adormece.

Caso 84 : Família composta por : mãe (M. S.) - 29 anos; e filhos : M1 – 10 anos e M2 - 7 anos. Escolaridade da mãe : 2° grau completo. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : professora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

M. foi casada durante nove anos e sofreu várias agressões. A., o ex – marido, teve vários relacionamentos amorosos e nunca teve carinho pelos filhos. A mãe de M. não aprovava a separação, no entanto, a situação tornou-se insustentável no dia em que ele ameaçou de espancá-la e ela pegou álcool e fósforos, para colocar fogo nele.

Atualmente, M. está separada e parece uma pessoa feliz. Está namorando uma pessoa por quem tem muito carinho e que trata as crianças com atenção e zelo. Afirma que : *Hoje me gosto. Sou comunicativa.* Antes, nas situações agressivas, se sentia *um lixo.* Relaciona os acontecimentos, em sua família, à presença de outra mulher, mas tem certeza de que tudo podia ter sido evitado.

R., o filho de dez anos, é muito apegado à mãe. Durante toda a entrevista provocou várias situações para chamar a sua atenção. Fica preocupado com coisas ruins que possam acontecer com ela e conclui: *Porque não consigo viver sem minha mãe.* Seus medos também dizem respeito à figura materna: *Você tem medos, R. ? Tenho. Quando ? Sempre. De quê ? De minha mãe sair e não voltar mais.* Ao falar sobre seus pais, R. faz discriminações entre eles : *Minha mãe é maravilhosa, bonita e boa. Meu pai é meio chato.*

D., o mais novo, é mais extrovertido. Gosta de fazer bagunça. Diz que tem vontade de chorar, *às vezes,* quando o irmão lhe bate. A mãe também é a sua pessoa mais querida, no entanto, reclama: *Mamãe me bate, porque sou preguiçoso.* Quanto ao afeto pelos pais, afirma : *Amo os dois.*

Caso 85 : Família composta por : mãe (M. O.) - 35 anos; e filhos : M – 13 anos e F - 10 anos. Escolaridade da mãe : 2° grau completo. Religião da mãe : crente. Profissão da mãe : auxiliar de enfermagem. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física(denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. vive com seus filhos numa casa inacabada. As crianças ficam sós, em casa, durante todo o dia, com amigos, enquanto M. trabalha.

J. era estúpido e violento. Não a agredia fisicamente, mas a humilhava com palavras na frente de qualquer pessoa. Ele ficou sem trabalhar por um longo período. Ficava em casa com os filhos e a empregada. Esta, depois de um certo tempo, pediu demissão porque ele a assediava. M.arranjou – lhe um emprego e, agora, ele quer se separar.

A percepção de M. é de vítima, *por ter sido enganada e traída por J.*. W., o filho mais velho, gosta muito de sua irmã e de sua mãe. Tem pesadelos *de brigas* e se sente assustado na hora de dormir, *com medo de uma coisa aparecer no quarto.* Sobre os seus pais, afirma : *Meu pai, eu acho legal. A minha mãe é boa para mim.*

Sua irmã, F., é mais crítica em suas respostas. Tem medo de *muitas coisas*, mas, não as define. Costuma sonhar e ter pesadelos com *monstros.* Conta que *era ruim viver com os pais.* Sobre os seus sentimentos em relação a eles, esclarece : *Minha mãe, eu acho legal, eu gosto muito dela. Agora do meu pai, eu já não gosto muito dele.* Nos castigos, ela chora e xinga. Além disso, conclui: *Acho que ninguém podia dar castigo.*

Caso 86 : Família composta por : pai (F. V.) - 58 anos ; mãe (E. V.) - 44 anos; e filhos : M1 – 29 anos ; F1 - 28 anos; M2 – 24 anos; F2 – 22 anos; F3 – 18 anos; M3 – 17 anos; M4 – 14 anos; M5 – 13 anos ; e M6 – 12 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : crente. Profissão do casal : pai – motorista ; mãe – do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A situação nesta casa é delicada, pois já houve denúncia ao Crami (Centro Regional de Atendimento aos Maus Tratos na Infância), sobre maus tratos ao filho de doze anos, que é deficiente mental e paralisado cerebral. A entrevista foi confundida com a visita do Crami. Apesar do mal-entendido ter sido esclarecido, todos se sentaram à mesa e ficaram observando. A família não parecia muito à vontade, nem colaboradora. F. foi muito agressivo, em atitudes e palavras, durante a entrevista e, E. passiva, em demasia.

No final da entrevista, os pais fizeram questão de mostrar o filho excepcional, que estava em um quarto trancado, deitado nu, em uma cama de casal e gritando. Era uma cena grotesca. E. diz que cuida muito bem do filho *: Ele está limpo e alimentado.* Não se fala de tratamento para a criança.

Os três primeiros anos do casamento foram bons, apesar das brigas. Após a morte de uma das filhas, por problemas cardíacos, F. tornou – se mais agressivo. Ele ameaçava-a de matá- la e queria forçá –la a tomar veneno. E. conseguiu interná-lo uma vez num hospital psiquiátrico, mas sua família retirou –o e levou – o para casa. Ao retornar, revoltado, F. espancou E.. Ele declara odiar o seu filho de treze anos, no entanto, não justifica o seu sentimento. Afirma, várias vezes, que vai matar E. e beber o seu sangue.

E. se percebe como *uma pessoa inteligente, que gosta de fazer amizades.* Seu filho R. tem uma moto e parece direcionar toda a sua atenção para o veículo. Aceitou participar da pesquisa, após uma 'eleição', feita pela família. Ainda está no primeiro grau porque não gosta de estudar. Acha os seus pais *legais,* mas, não se preocupa se eles gostam ou não de suas atitudes.

Caso 87 : Família composta por : pai (C. S.) - 41 anos ; mãe (M. S.) - 36 anos; e filhos : M1 – 16 anos ; M2 – 13 anos; e M3 – 3 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai –vitrinista ; mãe – secretária. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

C., quando bebe, ameaça a família de morte. Na casa paira um clima de tensão. O pai já agrediu o filho mais velho e este jogou uma cadeira em sua cabeça. M. vive preocupada com o que pode acontecer. Sente-se revoltada com a situação. Ela justifica que *a bebida é a causa dos problemas em casa.* Afirma, com convicção, que : *Tudo podia ser evitado se C. conseguisse ficar sóbrio.*

F., o filho mais velho, é um adolescente muito agitado. Trabalha como ajudante, no mesmo local de trabalho de sua mãe. Sua atitude é 'a de má vontade com o mundo'. Há dois anos, estava fazendo uma pipa e outro garoto a pegou. F. resolveu o problema enfiando um canivete no menino. Apresenta problema de encoprese, até hoje não solucionado.

A impressão que F. dá é a de estar entediado com a vida. Gosta de estar só, apesar de ter amigos. Faz questão de não expressar opinião sobre os seus pais e afirma: *Não quero me comprometer com ninguém.*

Caso 88 : Família composta por : mãe (M. M.) - 36 anos; e filhos : F – 18 anos e M – 15 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; pai e mãe – violência psicológica (denunciada pelo adolescente durante a entrevista) ; mãe – violência psicológica (observada pela pesquisadora durante a entrevista).

M. foi casada durante vinte anos. Está separada, há sete meses, e mora nos fundos da moradia dos seus pais. Esta é uma casa bastante freqüentada : entra e sai gente, o tempo todo.

E., seu ex – marido, quando bebia, tornava – se violento. Gritava e ofendia a família com palavrões, além de quebrar as coisas em casa. Atualmente, mora na casa de um irmão e não ajuda financeiramente a sua família.

A percepção de M. sobre a sua pessoa é de *ser sofrida* e justifica : *Porque nada está bom.* Nas situações de violência se sentia impotente, mas ao mesmo tempo, não conseguia aceitar as atitudes de E. : *Me sentia revoltada. Ver o homem todo dia bêbado, quebrando o que se tem.*

Seu filho, R., fugiu de casa, assim que soube da chegada da pesquisadora. Sua mãe contou-lhe que receberia a visita da 'Assistente Social do Juizado de Menores', que iria levá –lo para ser internado. M. falava rindo, ao mesmo tempo que ficava gritando pelo seu nome da janela da casa. Ao ser questionada sobre a sua atitude, respondeu : *Eu gosto de dar susto nele, de vez em quando, para ver se ele obedece. Se não for assim, não tem jeito.*

Após um período de espera, R. apareceu e foi esclarecida a visita. Ele, então, concordou em participar. Parou de estudar porque ficou desestimulado, pois não conseguiu terminar o primeiro grau. Tem pesadelos *de morte* . Acha seus pais *bom.* Entretanto, quando expressa como se sente, atualmente, responde : *Não é muito bom. Prefiro viver com meu pai.* Revela, também, que as coisas em casa podiam ser diferentes, *sem xingar.*

Caso 89 : Família composta por : mãe (M. N.) - 32 anos; e filhos : M1 – 13 anos e M2 – 12 anos. Escolaridade da mãe : superior incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : comerciante. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. mora numa casa confortável. É uma mulher bonita, apesar de estar pouco conservada para a sua idade. Viveu com R., durante quinze anos, e se separaram por causa de outra mulher. Foi procurar ajuda jurídica no S.O.S. Ação Mulher e Família, para conseguir a pensão dos seus filhos. Relata que teve "uma lição de vida " na Instituição. Sentia-se *coitadinha e não percebia seus recursos pessoais.* Parou para pensar em *como a sua vida era boa em comparação com algumas pessoas.*

F., o filho mais novo, pratica vários esportes. Está adaptado, no colégio, e não sente dificuldade em nenhuma matéria. Preocupa-se com a família e tem *medo de ladrão.* Seu pai não faz parte do seu grupo de lazer. O avô materno parece substituí – lo em relação a afeto, companheirismo e admiração.

Caso 90 : Família composta por : mãe (C. B.) - 33 anos; e filhas : F1 – 8 anos e F2 – 4 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe: sem religião. Profissão da mãe : mãe – arrumadeira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência sexual e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

Atualmente C. está separada de seu marido, A., morando na casa dos seus pais. Foi casada durante oito anos e saiu, há dois meses, do lar, por causa da dependência deste à maconha e à cocaína injetável.

As agressões eram físicas e verbais, com freqüência. A. tentou tratamento mas, não obteve resultados. C. sustentava a casa com seu trabalho noturno, de arrumadeira, em um hotel nesta cidade. Sua mãe dormia com as crianças, em sua casa, mas, o pai exigia que P., a filha mais velha, fosse dormir com ele no quarto do casal.

Há dias, P. chora e não quer mais ir dormir na casa do pai e este insiste dizendo que 'não quer dormir sozinho'. C. pergunta à P. porque ela não quer ficar com o pai e a criança responde apenas que dorme na cama com o pai e *acontecem coisas de noite.* A família está preocupada, no entanto C. não me autorizou a falar sobre o assunto com a filha.

C. gosta do seu jeito de ser. Não suportava mais viver com A. e, durante a vida conjugal, tentou, várias vezes, envenená –lo. Declara que foi *burra,* e justifica : *Porque não devia ter me envolvido com ele.*

P. se preocupa com seus pais e afirma : *Porque se eles morrerem eu fico só.* Costuma ter sonhos, segundo ela, *destrambelhados* e seus pesadelos são *com mortos vivos.* Acha os seus pais *legal.* Revela que seria bom se a sua mãe não batesse mais nela, no entanto, explica : *Eu sei que ela me bate porque eu desobedeço.*

Caso 91 : Família composta por : mãe (A. S.) - 41 anos; e filhos : M1 – 20 anos; F – 18 anos; M2 – 16 anos ; e M3 – 15 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe: espírita. Profissão da mãe : representante comercial. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A. esteve casada durante vinte e um anos. No início, a relação era boa, apesar de M., seu ex – marido, ser agressivo e ciumento. Quando a filha tornou –se adolescente, seus ciúmes se estenderam às duas mulheres da casa. Sem qualquer justificativa, M. agredia a filha com palavrões.

Quando chegava bêbado em casa, M. era injusto com todos. Seu filho de quinze anos já enfrentou o pai, fisicamente, para defender a mãe. Certo dia, ele chegou bêbado e ofendeu a sua sogra. Sua filha foi interferir e ele a agrediu, jogando-a no chão, pelos cabelos, e gritando ofensas.

Eles estão separados há pouco tempo e A. é crítica quanto a sua pessoa: *Como você se percebe como pessoa, A. ? Tem coisas que eu gostaria de mudar. Por quê ? Porque sou uma pessoa fechada para relacionamentos íntimos.*A sua descrição quanto aos sentimentos diante da violência, levou-a às lágrimas : *Eu me sentia impotente em aliviar as coisas para os meus filhos.*

C., a filha, é bastante estudiosa. Tem pesadelos com : *Meu pai brigando pela casa.* Com a separação recente dos seus pais, afirma : *Me sinto bem melhor.* Quanto aos seus sentimentos em relação a eles, expressa : *Minha mãe é compreensiva ; meu pai, não.*

Caso 92 : Família composta por : mãe (M. C.) - 43 anos; e filhos : F1 – 25 anos; F2 – 23 anos; F3 – 20 anos ; F4 – 19 anos; F5 – 16 anos; F6 – 13 anos; M – 8 anos; e F7 – 3 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau completo. Religião da mãe : evangélica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A família mora em uma casa que parece abandonada. Dentro há uma área interna grande, com várias portas, para diferentes cômodos e, em cada um destes, habita uma família. São inúmeras crianças, gritos, sujeiras e materiais de construção. M. aparenta ser uma pessoa descuidada com sua aparência e higiene. Apesar de tantos filhos, apenas um deles aceitou participar da pesquisa.

M. teve oito filhos vivos: seis foram do seu marido; os dois mais novos são de duas relações eventuais de M.. Seu ex – marido, A., tinha várias amantes, vivia na farra e era uma pessoa muito violenta. Não dá atenção aos filhos, nem afetiva, nem material. A filha mais nova de M. é prematura e apresenta um atraso no seu desenvolvimento. Seu pai é casado e, também, não participa de sua existência.

A percepção de M. como pessoa é a de *ser feliz*. E ela acrescenta : *Porque quando se tem paz e harmonia, tem tudo. Eu me considero a mulher mais feliz do mundo.* Quando fala dos problemas da relação conjugal, é afirmativa : *Eles começaram pela bebida de A..*

F., a filha de treze anos, a única a aceitar participar da pesquisa, está adaptada, na escola, e gosta de estudar. Tem vontade de chorar, *às vezes,* porque *se sente só.* A pessoa de que mais gosta, em sua casa, *é a mãe, porque ela é mais legal.* Ao falar sobre seus pais, confirma a sua preferência: *Fale – me sobre seus pais, F....Eu acho eles legal. Gosto muito da minha mãe.*

Caso 93 : Família composta por : mãe (M. L.) - 41 anos; e filhos : M – 16 anos ; F1 – 15 anos; e F2 – 10 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau completo. Religião da mãe : sem religião. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência psicológica (denunciada pela criança durante a entrevista).

M. está separada do marido (E.) e parece que a família está menos tensa. Segundo ela, E. sempre foi *desestruturado*. É dependente de drogas, álcool e *faz tudo para atrapalhar* a vida de M.. Todos os amigos se afastaram dela, inclusive a sua família, no período em que esteve casada. Por várias vezes, ela encontrou drogas em seu armário. Ele justificava, dizendo que estava guardando para uma pessoa.

Atualmente, M. sente-se *muito feliz, porque vive como quer.* F., o filho de dezesseis anos, se preocupa com os amigos e parentes. Gosta de todos em casa e tem medo de ficar só. Seu desejo é que todos estejam sempre juntos.

P., a filha de quinze anos, não está adaptada, na escola. Tem vontade de chorar, *às vezes,* por causa de *uma tristeza do nada.* Como seu irmão, acha os pais *legal.* Sente-se bem vivendo com a sua mãe, apesar de criticá – la, quanto à forma de disciplina que aplica. *Quando você não atende a sua mãe, o que acontece, P. ? Ela me xinga. Você acha que poderia ser diferente ? Sim. Podia discutir o caso.*

A filha de dez anos, V., se preocupa com os pais, com *medo que algo lhes aconteça.* Em casa, gosta mais de sua mãe, porque é a pessoa que cuida dela. Em relação aos pais, como seus irmãos, não tem críticas, só elogios. Quanto à disciplina, parece acomodada à situação. *Quando você não atende seus pais, o que acontece V.? Eles ficam com raiva e me xingam. E você, como reage ? Aceito. Você acha que podia ser diferente, V. ? Sim. Eu ser mais obediente. Por quê ? É o gosto das pessoas.*

Caso 94 : Família composta por : mãe (C. S.) - 30 anos e filho : M – 11 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

O bairro é ruim e a casa está precisando de reparos. C. está morando com seu filho, na casa dos pais. Até o ano passado, I., seu ex – marido, era ótimo. Passou a usar "crack", e o seu comportamento foi sendo modificado. Passou a agredi – la fisicamente e a ameaçar, o filho, de morte. C. afirma que, neste período, *não conseguia mais dormir de nervoso.*

I., segundo C., *sofria de ataques de medo e se escondia.* Nestas ocasiões, agarrava-se a ela e ao filho. Depois, começou a vender os objetos da casa, para comprar drogas. Na família de I., seus cinco irmãos e seu pai foram assassinados. C. não usa drogas, mas já foi presa com I.. No início, quando se separaram, seu filho ficou com o pai. Atualmente, mora com ela.

C. está ressentida pela situação em que está vivendo. Era caixa, em um estabelecimento comercial, foi despedida e, hoje, trabalha como doméstica. Sua percepção como pessoa é de estar *meio abafada.* Nas situações de violência, se sentia *um lixo.* A justificativa para o que aconteceu na sua vida é a seguinte : *Foi tudo por causa da droga.*

D., seu filho, tem sido um motivo de orgulho. Ele está fazendo testes para modelo fotográfico infantil e espera trabalhar em novelas ou comerciais. Ele é preocupado com *coisas ruins*, que podem acontecer com seu pai e sua mãe. Não apresenta queixas ou críticas quanto aos pais, mas em relação a ele. *Quando você não atende seus pais, D., o que acontece ? De vez em quando eu apanho. Podia ser diferente ? Sim. Eu podia chorar mais.*

Caso 95 : Família composta por : padrasto (A. S.) - 25 anos ; mãe (E. T.) - 33 anos; e filha : F – 10 anos. Escolaridade do casal : padrasto - 1° grau incompleto; mãe - 2° grau completo. Religião do casal : sem religião. Profissão do casal : padrasto – motorista ; mãe – assistente contábil. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

Conheceram – se há três anos. Após quatro meses de namoro, resolveram morar juntos. A. dizia que sua ex – esposa *era mau caráter.* Na véspera de iniciarem a vida conjugal, começaram a se desentender, por causa da filha de E. Ele começou a implicar com a menina, falar grosseiramente, ofender e ameaçar E. de morte. Certo dia, após uma discussão, jogou um balde de água em E., ameaçou matá –la, deu um tapa no rosto da enteada e atirou uma faca em sua direção.

E. justifica as agressões de A., *pela sua insegurança.* Tem o corpo marcado por facadas que, segundo ele, foram atos de sua ex – esposa. Pelo gênio explosivo, A. perde sempre seus empregos. E. é independente, financeiramente. Afirma que é uma pessoa *espontânea e gosta da verdade.*

T., sua filha, é uma criança simpática e falante. Costuma sonhar *com artistas.* Tem medo de briga e sobre seus pais, acha-os *legal.* Afirma que as situações acontecem na sua vida, *porque não tem outro jeito.*

Caso 96 : Família composta por : mãe (S. B.) - 33 anos; e filhos : F1 – 16 anos; F2 – 14 anos; M1 – 11 anos ; e F3 e M2 – 9 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

S., a princípio, estava relutante em participar da pesquisa. Já está separada, sustenta seus filhos e vive bem. Apesar de continuar em dúvida, após uma pequena explicação, quanto aos objetivos do trabalho, aceitou. S. saiu de casa com seus cinco filhos,, devido ao alcoolismo e à violência de A. (seu ex – marido), e foi morar com seus pais.

Há coisas estranhas na sua casa. Seu pai e um irmão são alcoolistas. Este último, durante a presença da pesquisadora na casa, entrou e saiu várias vezes da sala e, depois, permaneceu no recinto, aparentemente nu, enrolado por uma toalha na cintura.

A casa é pequena. Os homens e os meninos dormem em um quarto; as mulheres e as meninas, em outro quarto. A filha mais velha está amasiada com uma pessoa que S. não aceita. Ela se percebe como *uma pessoa legal, e se não fosse a bebida, a violência não existia na família.*

K., a filha de quatorze anos, tem uma opinião favorável em relação ao pai, discordando do relato de sua mãe. *Acho a minha mãe exigente; meu pai é calmo.* Leva bronca, quando não obedece, mas acha que *não pode ser diferente, eu não obedeço mesmo...*

D., o filho de onze anos, tem preocupações com ele e sua família. Costuma sonhar *com garotas* e gosta de mexer com elas. Ao falar sobre os pais, responde : *Legal.* Quanto à disciplina, afirma : *Você costuma atender seus pais naquilo que eles pedem, D. ? Mais ou menos. E quando você não atende, o que acontece ? Eu apanho. Como você reage a isso, D. ? Eu choro. Você acha que poderia ser diferente ? Não.*

Caso 97 : Família composta por : mãe (M. N.) - 46 anos; e filhos : F1 – 20 anos; F2 – 17 anos; e M – 16 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : operadora de produção. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência(denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. mora sozinha com seus filhos. No início da entrevista, estava muito tensa. Sua filha, de dezessete anos, estava em casa, mas trancou-se no quarto, porque não queria participar da pesquisa. Segundo M. todos se sentem melhor, após a separação e o desaparecimento de G., seu ex – marido.

Foram casados durante oito anos. Separaram –se por causa da bebida e violência de G. Há dois anos, voltaram a viver juntos, porque ele parou de beber. Os filhos não aceitaram esse retorno, mas por um ano e meio viveram bem. Neste período, a filha mais velha casou-se e G. voltou a beber, discutir com os filhos e ameaçar M. A decisão de separar-se novamente foi apressada pela imposição do seu filho : *ou ele, ou eu.*

M. tem uma percepção otimista de sua pessoa. *Me acho ótima, porque vejo gente que não faz nada.* Afirma que *queria sumir,* quando as situações de violência aconteciam, e justifica : *G. era um cabeça fraca.*

F., o filho de dezesseis anos, se acha *meio fechado.* Ao falar sobre os pais, determina: *Minha mãe é compreensiva e agora está mais calma. Meu pai, não sei onde está.* Atualmente, *se sente bem, vivendo com a mãe e a irmã.* Quanto à disciplina, esclarece : *Quando eu não obedeço, vem o ataque emocional de minha mãe. Você acha que poderia ser diferente, F. ? Não, eu sou meio 'paradão'.*

Caso 98 : Família composta por : pai (M. S.) - 41 anos ; mãe (S. S.) - 39 anos; e filhos : M1 – 18 anos e M2 – 13 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : evangélica. Profissão do casal : pai – motorista ; mãe – assistente administrativa no Serviço Público. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai e mãe – violência física (denunciada pelo adolescente durante a entrevista).

A casa é arrumada e limpa. S. é uma pessoa bonita, simpática e não aparenta a sua idade real, parece ser bem mais jovem. É uma pessoa calma e ainda vive com o marido, apesar do seu filho mais velho ter saído de casa por causa deste.

S. casou-se com dezessete anos, para fugir da violência de seu pai. M. sempre foi agressivo, batendo em S. desde o início do casamento, inclusive já lhe quebrou um dente com um soco na sua boca. Ela o descreve da seguinte forma : *Ele é mau, desinteressado, estúpido e agressivo comigo e os meninos.* S. faz tratamento psiquiátrico para depressão, há um ano.

Ela justifica a sua permanência nessa situação, *por pena de M., às vezes ele melhora. É quando ele se apega à religião.* Sua percepção como pessoa é : *sou uma pessoa boa, porque sou sincera e trabalhadora.* No entanto, acha que *tudo poderia ter sido evitado se soubesse escolher melhor.*

R., o filho de treze anos, fica *triste, às vezes, porque gritam e batem.* Sente-se assustado, na hora de dormir, por *coisas* que podem atacá –lo. Sobre os seus pais, não tem reclamações : *Acho bom.* Sua sensação em viver com eles é *normal.* Mas, acrescenta: *quando não obedeço, a 'pessoa' devia ser educada.*

Caso 99 : Família composta por : mãe (A. A.) - 31 anos; e filhos : M1 – 12 anos; F – 11 anos ; e M2 – 9 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe: católica. Profissão da mãe: doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai e mãe – violência física (denunciada pelo adolescente durante a entrevista); mãe – negligência (observada durante a entrevista pela pesquisadora).

A casa onde A. mora com seus filhos é pobre e muito suja. Parece que toda a sua família de origem reside neste local. Ela dorme com as crianças em um quarto, do lado de fora da casa principal, sem piso, muito pequeno e sujo. Atualmente, está separada.

M., seu ex – marido, espancava-a e a ofendia, acusando –a de *vagabunda.* Por várias vezes, apontou uma arma de fogo contra A., na frente dos filhos, que ficavam desesperados. Atualmente, ela afirma estar bem. Declara que estas situações de violência aconteceram *pela bebida* e assume uma certa participação nelas, colocando : *Eu podia ter evitado isso, mas não evitei.*

L., o filho mais velho, parece estar voltado para ele próprio. Em vários momentos, pelas suas respostas, parece apresentar certa imaturidade emocional. Ao falar sobre suas preocupações revela: *Eu não estou preocupado com ninguém, só com as minhas coisas.* Tem medo de *ser picado por cobra* e *costuma sonhar com o que pode acontecer.* Ao falar sobre os seus pais, não faz referência à figura paterna : *Minha mãe é legal.* Quanto à disciplina utilizada em sua casa, parece ter uma atitude compreensiva em relação aos progenitores: *O que acontece quando você não atende a seus pais, L. ? Eu apanho. Por que você acha que isso acontece ? Porque eles gostam de mim.*

Caso 100 : Família composta por : mãe (M. A.) - 32 anos; e filhos : M1 – 11 anos e M2 – 6 anos. Escolaridade da mãe : 2° grau completo. Religião da mãe : sem religião. Profissão da mãe : auxiliar de laboratório. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pelo adolescente durante a entrevista).

M. vive em um apartamento limpo e arrumado. É uma pessoa extrovertida. No dia da entrevista estava muito alegre, no entanto, cheirava a bebida. E., seu marido, foi o seu primeiro namorado, tendo se casado grávida.

E. está preso, porque ela mesma o denunciou à polícia. Ele foi interceptador de aparelhos de som para carros, roubados. M. sentiu –se aliviada com a sua prisão. Ele nunca deu atenção aos filhos ou contribuiu no sustento do lar. Afirma estar mais calma, assim como os seus filhos, que viviam pressionados pelo pai.

Existe uma situação que preocupa M. : são as férias escolares. Seus filhos ficam o dia inteiro sozinhos em casa, até ela retornar do trabalho. M. se percebe como uma pessoa *normal*, e acrescenta : *Porque sou calma e nervosa*. Ficava *descontrolada*, nas situações de violência, e afirma, com convicção: *Fui enganada*. Acredita que esses fatos poderiam ter sido evitados, *se alguém tivesse ajudado.*

L., o filho de onze anos, é um menino preocupado com todos. Acha os pais *legal*. Quanto à disciplina, concorda com a sua forma e, além disso, justifica – a. *Você costuma atender seus pais naquilo que eles lhe pedem, L. ? Não. Quando você não atende, o que acontece ? Eu apanho da minha mãe. E você, como reage, L. ? Eu aceito porque eu não obedeço.*

Caso 101 : Família composta por : mãe (E. S.) - 29 anos; e filhos : M – 8 anos e F – 4 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau completo. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe :comerciante. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai e mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

O bairro em que E. mora é de difícil acesso e pobre, no entanto, a casa é relativamente confortável. E. é bastante vaidosa : espalhados pela casa existem vários retratos seus, em poses de modelo fotográfico. Afirma sentir-se tranqüila, no momento, porque parece que conseguiu assustar seu marido, D. , que não quer separar-se.

Namorou com D. durante três meses e descobriu que estava grávida do namorado anterior. Seus pais a expulsaram de casa e eles foram morar juntos. D. assumiu a paternidade da criança, no entanto, era muito ciumento e sempre havia discussões. Certa vez, esmurrou – a no rosto e na boca e, depois, tentou estuprá - la. E. tem uma percepção, sobre a sua pessoa, desvalorizada, como relata : *Me sinto 'cagada'. Por que, E. ? Porque luto e não saio da merda.* Sente-se *'arrasada'*, por ter passado pelas situações de violência. Tem certeza de que tudo poderia ter sido evitado, *caso ele confiasse.*

J., o filho de oito anos, é obeso. Não gosta do lugar onde mora e acha as meninas *'ruim'.* Tem vontade de chorar, quando o pai bate nele e, ao mesmo tempo, vive constantemente com medo de que ele venha a fazer isso. A pessoa de que mais gosta em casa é a sua mãe e esclarece: *Porque ela é mais boa.* Sonha com *um monte de coisas,* mas, tem pesadelos *com monstros.* Ao falar sobre os seus pais, é monossilábico : *Fale – me sobre seus pais, J.... Bom.* Entretanto, relata que se sente *melhor,* atualmente, vivendo apenas com a mãe.

Caso 102 : Família composta por : pai (J. R.) - 40 anos ; mãe (A. R.) - 38 anos; e filha : F – 17 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – motorista; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A. mora numa casa ampla e confortável. Faz questão de mostrar a casa, durante a entrevista, porque caso ocorra a separação, ela terá de ser vendida, por exigência de J. Mãe e filha têm um excelente relacionamento.

J. ameaça A. de morte, constantemente, sempre que ela pede a separação. Quando alcoolizado, ele fala em matar a filha, porque namora. Quebra as coisas dentro de casa, urina em qualquer lugar e ofende mãe e filha com palavrões, expulsando –as do lar. Em estado de 'grande alteração', corre atrás de A. com uma faca, para matá – la.

No período da infância de A., por várias vezes, ela e seus irmãos tiveram de correr para o mato, porque o pai chegava alcoolizado em casa e espancava a mãe. Sua percepção como pessoa é de ser *normal, porque sei lá. Trabalho e luto.* Acha que 'a bebida' foi o motivo da violência de J. e afirma que se sente *'arrasada'*, nessas situações.

S., a filha, é apavorada em relação ao seu pai. Várias vezes, teve de sair correndo de casa, para não ser espancada pelo mesmo. Tem dificuldade para dormir à noite, com medo de que seu pai possa *'fazer algo'*, durante esse período. Ao mesmo tempo, tem medo do que pode acontecer ao pai, por causa da bebida. Seus pesadelos são *com as coisas que acontecem em casa.* Sobre os pais, S. afirma: *Minha mãe é compreensiva; meu pai, o inverso.* A convivência em casa é descrita da seguinte forma : *É ruim, o clima é chato.*

Caso 103 : Família composta por : pai (O. S.) - 49 anos ; mãe (I. O.) - 47 anos; e filhos : M1 – 12 anos e M2 – 10 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : evangélica. Profissão do casal : pai – auxiliar de serviços gerais ; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

I. vive com seus filhos, em uma casa que apresenta necessidade de reparos (rachaduras e paredes descascadas). No entanto, os móveis são de excelente qualidade. Eles têm : aparelho de vídeo, de som e TV a cabo. Ela parece ser uma pessoa tranqüila e diz que está *de bem com a vida.* Seu marido aparece e desaparece, segundo as suas conveniências. As agressões, quando ocorrem, são verbais e I., aparentemente, está acomodada com a situação.

Ela apresenta uma percepção confiante de sua pessoa : *Sei criar e sustentar meus filhos.* Acha que as situações de violência acontecem *por nada, por temperamento e por dinheiro.* Nestes momentos, se sente *explorada.* Quanto à justificativa para esses desentendimentos, I. associa à sua personalidade: *Por que você acha que isso aconteceu, na sua família, I. ? Porque sou muito independente.*

E., seu filho de dez anos, é uma criança educada e apegada à mãe. Está adaptado, no colégio, e se preocupa com coisas ruins que possam acontecer aos seus amigos. Toca bateria na igreja e é incentivado para se profissionalizar. Fala sobre os seus pais, de forma 'casual', até mesmo indiferente. Quanto à disciplina utilizada em sua casa, descreve: *Fico nervoso, porque a minha mãe 'fala e fala', quando eu não obedeço.*

Caso 104 : Família composta por : pai (S. N.) - 29 anos ; mãe (M. N.) - 37 anos; e filhas : F1 – 9 anos e F2 – 7 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : evangélica. Profissão do casal : pai – vigilante; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física, violência psicológica e violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

M. mora em uma casa construída no terreno da família do marido. O relacionamento com estes não é bom. A casa é humilde, mas limpa e arrumada. S. é alcoolista. Quebra objetos em casa, joga os pertences de M. fora e, constantemente, a expulsa do lar. Ela sente –se constrangida, principalmente quando ele a obriga a ter relações sexuais com as filhas no quarto, fazendo ameaças constante de morte a todas.

Ela submeteu –se a tratamento psiquiátrico durante quatro anos, porque estava deprimida. Sente –se fraca e sem forças para mudar essa situação. Sua percepção como pessoa é desvalorizada: *Como você se percebe como pessoa, M. ? Me sinto uma inútil, por ter esses problemas.*

A. tem nove anos e está traumatizada com tanta violência. Durante anos vem sofrendo gritos, agressões e palavrões de seu pai. Faz tratamento psicológico, porque não consegue sair da segunda série. Não gosta do lugar onde mora e seu medo freqüente é *de apanhar.* Tem um bom relacionamento com as pessoas e, na sua família, a pessoa de quem mais gosta é a sua mãe. Ao falar sobre os seus pais, enfatiza : *A minha mãe é boa; meu pai não.*

Caso 105 : Família composta por : pai (J. M.) - 45 anos ; mãe (E. P.) - 41 anos; e filho : M – 8 anos. Escolaridade do casal : 1° grau completo. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – motorista ; mãe – atendente de enfermagem. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa é ampla e bem arrumada. J. estava em casa, mas não saiu da cozinha. O que causou estranheza foi o fato de E. ter comentado que não podia receber visitas ou amigas, porque J. não permitia. Havia vários jovens na varanda, escutando música e conversando.

Há dez anos, vivem juntos. E. está sofrendo, porque J. não lhe dá mais atenção. Ela não quer se separar, apesar de ele ser agressivo, sair todas as noites com mulheres e fazer escândalos na sua presença. Quando bebe, quer espancar o filho *para educá – lo.* Quando se conheceram, J. era separado e tinha um filho. Ele não tem amigos e não gosta de sair com a família.

Atualmente, E. está com medo do seu 'olhar de ódio', dirigido a ela. Sente – se ameaçada e não confia nele, porque ele tem um revólver. Está *infeliz.* Não sabe por que esses fatos aconteceram na sua família, mas, acha que poderiam ter sido evitados e justifica: *Se eu não fosse tão ambiciosa.*

C., o filho, é uma criança assustada. Tem medo das ameaças do pai e, nos momentos de agressão, grita sempre por ajuda. Quanto aos seus pesadelos descreve – os da seguinte forma : *Você tem pesadelos, C. ? Tenho. Como são eles ? De que morri.* De certa forma, apesar das descrições de violência, ele tenta passar uma imagem de família *sem problemas.* Ao falar sobre seus pais, qualifica – os: *"Fale – me sobre os seus pais, C.... Meu pai é bonzinho, minha mãe é boa.*

Caso 106 : Família composta por : pai (H. L.) - 40 anos ; mãe (I. L.) - 38 anos; e filhos : M1 – 19 anos; M2 – 14 anos; e F – 7 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – operador de torno ; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai e mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A família mora numa casa confortável. H. tem um caminhão e, nas horas vagas, faz alguns serviços com ele. I. relatou que ele lhe pediu uma chance. Ela resolveu aceitar, mas, não acredita que dará certo. Ele é uma pessoa rude, no modo de falar e de tratar as pessoas. Em relação à filha de sete anos, ele parece nem notá – la.

H. foi o primeiro namorado de I. Viveram bem apenas por seis meses. Após esse período, começaram as agressões e o consumo exagerado de bebidas alcóolicas. Ele já colocou fogo na casa e quebrou a televisão com um chute. O filho de quatorze anos é o mais espancado por H. e apresenta gagueira. As agressões a I., atualmente, ocorrem quando o filho de dezenove anos não está em casa, pois, é ele quem a defende contra o marido.

I. vem apresentando problemas de ansiedade e está tomando medicamento específico para esse problema. Percebe-se como uma pessoa *lega"*, e explica : *Porque só procuro fazer o bem.* Fica péssima, quando as situações de violência ocorrem, mas justifica as atitudes de H., afirmando : *Isso acontece porque ele não tem família.*

J., a filha de sete anos, é uma criança esperta e sensível. Fica triste quando os pais brigam e costuma sonhar *com coisas de mal.* Quanto a sua percepção dos pais, declara : *Minha mãe é boazinha ; meu pai é bravo.* Em relação à disciplina, descreve: *Você costuma obedecer aos seus pais naquilo que eles pedem, J. ? Sim. E quando você não obedece, o que acontece ? Eles me batem. Podia ser diferente, J. ? Não sei.*

Caso 107 : Família composta por : pai (J. C.) - 38 anos ; mãe (M. C.) - 41 anos; e filhos : F – 16 anos e M – 13 anos. Escolaridade do casal : pai - 1° grau completo; mãe – superior completo. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – funcionário público; mãe – analista de recursos humanos. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

J. saiu de casa em 1994 e retornou no ano seguinte. M. está com câncer, mas, controla com medicamento e tratamento radioativo. Ela justifica o alcoolismo do marido como uma *fuga*, pelo seu adoecimento. Afirma que está sendo um momento difícil na sua vida.

Seus filhos não a respeitam. O relacionamento entre eles não é bom, inclusive o seu filho de dezesseis anos a agride fisicamente. Não se sente abalada por isso, pois a *religião vai ajudar a controlar os filhos*. M. descreve o 'mal' de J. como espiritual. Seu sogro é espírita e ela desconfia de que ele faz 'trabalhos', para o filho ficar assim. J. sempre foi agressivo com ela, no entanto, piora com o uso de drogas e álcool.

M. sustenta a casa e paga as dívidas que J. faz na rua. Para os filhos, o pai é uma pessoa muito respeitada e um herói. Sua filha, antes de participar da entrevista, gritou, desrespeitou a mãe e bateu a porta do seu quarto. A situação foi constrangedora, mas M. permaneceu impassível.

Sua percepção como pessoa é de ser *exigente, porque gosta das coisas certas.* Fica muito abalada com as situações de violência e, em várias respostas, não consegue esclarecer. *Como você se sente nas situações de violência, M. ? Não dá para explicar.* Justifica o que ocorre em sua família pela *bebida* e pela *parte espiritual*, e acrescenta: *Isso podia ser evitado se houvesse diálogo, compreensão e apoio da família.*

C., a filha, não foi muito participativa na entrevista. Suas respostas foram monossilábicas. Em perguntas que exigiam um retorno, com uma elaboração maior do pensamento e expressão dos seus sentimentos, ela respondia de imediato : *Não sei.* Sua mãe não foi citada por ela na entrevista e o comentário mais extenso que fez foi : *Meu pai é ótimo.*

Caso 108 : Família composta por : mãe (M. L.) - 27 anos; e filhos : M – 8 anos e F – 6 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau completo. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : costureira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – negligência (observada pela pesquisadora durante a entrevista).

A casa é humilde e inacabada. Tem um quarto, uma cozinha e um terreno pequeno na frente. M. trabalha e sustenta a casa e os filhos. A situação financeira parece muito difícil.

Ela é uma pessoa de aparência triste. O que chamou a atenção foi a tranqüilidade com que M. permitiu que seu filho brincasse com uma faca de cozinha. Primeiro, ele fincou –a no espaço entre os seus dedos, a seguir, passou –a pelo corpo, colocou – a na boca, raspou – a na mesa e brincou com a irmã, ensinando –a a manejá – la.

A percepção de M. como pessoa está voltada para a realização e não para a emoção. *Como você se percebe como pessoa, M. ? Sei lá. Acho que trabalho muito. Por quê ? Porque preciso.* Quanto às situações de violência, afirma que tudo poderia ter sido evitado *da parte dele.*

B., o filho, preocupa-se com *qualquer um,* sonha e tem pesadelos *com qualquer coisa.* Quando fica nervoso, ele gagueja. Ao ser solicitado para falar sobre seus pais, afirma : *Acho bom.* Em relação à disciplina, aceita o que a mãe fala e acha que não podia ser diferente, justificando : *Porque eu xingo.*

Caso 109 : Família composta por : mãe (O. G.) - 30 anos; e filhos : F1 – 13 anos; M1 – 12 anos ; M2 – 11 anos; e F2 – 3 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : montadora de óculos. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - violência psicológica(denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência psicológica (denunciada pelo(s) adolescente (s) durante a entrevista).

O. está morando com sua mãe, numa casa muito humilde. São três cômodos, para doze pessoas. Apesar da situação financeira precária, as crianças estavam limpas e com roupas adequadas. Ela está tentando arrumar um outro local, para morar com seus filhos.

Engravidou com dezesseis anos e foi abandonada por J. (seu ex – marido), neste período. Um ano depois, ele voltou arrependido e pediu para viverem juntos. Após cinco anos de convivência, uma das crianças sofreu um acidente (atropelamento) e J. culpou – a pelo ocorrido, espancando –a.

J. gasta seu ordenado em bares e com mulheres, em casas noturnas. Era agressivo e estúpido com todos em casa. O. justifica as atitudes dele pela *situação financeira, ciúmes e bebida.* Acha que ficou impossível evitar as situações de violência, porque ela tentava, mas, só atingia o objetivo por um período curto de tempo. Nestes momentos, ela se sentia *péssima, mas suportava por causa dos filhos.*

M., a filha de treze anos, sente-se assustada *pelos bandidos.* Acha os pais *legais* e afirma já estar acostumada aos pais brigarem com ela e não se importa mais. Atualmente, sente-se *muito bem,* vivendo apenas com a mãe e os irmãos.

G. tem onze anos e, em sua casa, gosta mais da mãe, *porque ela é boa.* Reclama, durante a entrevista, dos xingamentos a que é submetido pelos pais. Isso lhe dá vontade de chorar e apresenta uma proposta diferente para a situação da disciplina: *Você acha que podia ser diferente, quando você não obedece os seus pais, G. ? Acho. Como ? Em vez de xingar, conversar.*

Caso 110 : Família composta por : pai (V. S.) - 39 anos ; mãe (M. S.) - 41 anos; e filhos : F1 – 18 anos; M1 – 13 anos ; M2 – 11 anos; e M3 – 8 anos. Escolaridade do casal : 1º grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – servente de obra; mãe – cozinheira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - violência física, violência psicológica e violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai– violência física (denunciada pelo(s) adolescente (s) durante a entrevista).

A casa é pobre e há vários cachorros de rua transitando por ela. V. estava presente à entrevista e permaneceu ao lado de M.. O casal parece estar se relacionando bem. Ela sorria o tempo todo para ele e solicitava, várias vezes, a sua ajuda para responder às perguntas sobre o desenvolvimento do filho.

Quando V. afastou – se da sala para atender uma pessoa no portão, M. sentiu –se à vontade para falar do relacionamento. São treze anos de casamento, com várias separações. Ele bate muito, tanto em M. quanto nos filhos, deixando –os sempre muito machucados. O Crami (Centro Regional de Atendimento aos Maus Tratos na Infância) foi chamado para intervir e houve uma certa interrupção na violência. No entanto, atualmente, recomeçou a bater em todos.

A filha de dezoito anos foi registrada por V., mas é fruto de uma relação anterior de M. Essa adolescente não mora mais com a família, por causa das agressões e do assédio sexual do pai. Ele passava os dias atrás dela, a falar obscenidades e fazer –lhe convites. Ela está morando com uma tia materna e fala para todos que *odeia o pai.*

M. apresentou muita dificuldade nas respostas que exigiam uma elaboração mais subjetiva. Talvez, isso tenha ocorrido pela presença do marido. Respondeu à maioria das questões colocadas de forma direta, apenas a que dizia respeito a sua pessoa, pareceu hesitar: *Como você se percebe como pessoa, M. ? Às vezes sou boa; às vezes sou ruim. Por quê ? Não sei.*

F. tem treze anos e era o único filho presente no momento da entrevista. Não está adaptado, no colégio, e tem problemas de relacionamento com alguns professores. Costuma sonhar com *ser cantor* e tem pesadelos *com bandidos e mortes.* Quanto à disciplina, F. não se intimidou em falar. Apesar de achar os pais *Bom,* relatou que para punir certas atitudes, *o pai coloca de joelhos.* Quando não atende aos pais, F. relata : *Meu pai me bate de machucar. E você, como é que reage a isso ? Às vezes, eu me escondo. Você acha que podia ser diferente, F. ? Acho. Sem apanhar.*

Caso 111 : Família composta por : mãe (S. S.) - 24 anos; e filho : M – 8 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : auxiliar de escritório. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência(denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

S. está morando com os pais, em uma casa construída com papelão e madeira. O banheiro é uma casinha, do lado de fora, sem água encanada ou luz. Seus pais são idosos. Ela é filha única e, apesar da precariedade em que vive, parece estar feliz.

Namorou quatro anos o pai de seu filho (W.) e engravidou. Ele registrou a criança, mas não ajuda no seu sustento nem o vê. Chegaram a viver juntos, porém, não deu certo, porque ele é usuário de drogas. S., atualmente, tem um namorado, que trata seu filho muito bem. Ela se percebe como uma pessoa *legal, porque sabendo me levar, consegue tudo.*

K. tem oito anos e é bastante apegado à mãe. Tem vontade de chorar, quando ela sai à noite. Ao falar dos pais, ele é reticente : *Fale – me sobre seus pais, K.... É mais ou menos....* Sente-se bem vivendo apenas com a mãe, no entanto, faz sua reclamação : *Minha mãe podia não me bater mais.*

Caso 112 : Família composta por : pai (N. L.) - 50 anos ; mãe (M. J.) - 51 anos; e filhas : F1 – 23 anos : F2 – 21 anos; e F3 – 18 anos. Escolaridade do casal: pai – superior completo; mãe – superior incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – consultor ; mãe – professora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – violência física (denunciada pela adolescente durante a entrevista).

M. é uma pessoa infeliz, porque não agüenta mais viver com N., mas não tem autonomia financeira, segundo ela, para se separar. Suas filhas lhe dão apoio e cobram de M. *uma atitude digna.*

Casou – se jovem e, no período da gravidez, descobriu que ele não era separado judicialmente da primeira mulher. Eles se afastaram, mas depois voltaram a viver juntos. A partir deste retorno, a cada gestação de M. ele arranjava namoradas. N. sempre quebrou as coisas dentro de casa e agrediu M. fisicamente. Há poucos dias, a filha mais nova foi agredida com tapas no rosto.

A percepção de M. como pessoa é muito desvalorizada : *Me sinto um lixo.* A sua sensação mais freqüente é de *impotência,* diante da situação. Além disso, a sua menos valia é generalizada: *Fui omissa como mãe e como mulher.*

L., a filha de dezoito anos, estuda Direito. Sente-se preocupada com a mãe e as irmãs. Às vezes, se acha agressiva ao se relacionar com as pessoas. Ao falar dos pais, exclui sua mãe e afirma : *Meu pai exagera. Sempre foi agressivo e batia em todos.* Atualmente, declara que *a vida em família não tem sido boa* mas, está esperando que sua mãe tome uma decisão.

Caso 113 : Família composta por : pai (L. M.) - 24 anos ; mãe (A. M.) - 23 anos; e filho : M – 7 anos. Escolaridade do casal: pai – 2° grau incompleto; mãe – 1° grau incompleto. Religião do casal: evangélica. Profissão do casal : pai – pintor industrial ; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A. continua vivendo com o marido, numa casa simples, limpa e arrumada. Afirma que a vida tem melhorado e está esperançosa quanto ao seu casamento. É uma moça bonita, que afirma não querer ter mais filhos, pois ficou traumatizada com a gestação e com tudo o que lhe ocorreu.

Aos dezesseis anos, engravidou e saiu de casa para morar com L. Ele estava sempre bêbado e batia muito nela, mas, não deixava marcas, para que ela não o denunciasse. Entraram para uma igreja evangélica e ele melhorou. Há algum tempo, teve uma *recaída*, perdeu o emprego e passou a não dar atenção a ela e ao filho. Os problemas familiares fizeram com que A. também perdesse o seu emprego.

Atualmente, parece que a situação está melhorando. A atenção de L., em relação ao filho, ainda não ocorreu, mas ele arranjou um emprego e está estudando à noite. A auto-estima de A. está abalada e esse fato pode ser notado, pelas suas respostas: *Como você se percebe como pessoa, A. ? Não consigo gostar de mim. Por quê ? Porque tudo o que tento fazer paro.* Sente-se revoltada pelo que passou e acha que, na sua vida, as coisas acontecem *por falta de planejamento.*

T. tem sete anos e parece feliz em viver com seus pais. *Como você se sente vivendo com seus pais, T. ? Gostoso.* Ele conta que, quando não atende aos pedidos dos seus pais, sua mãe *bate*, mas *não pode ser diferente*, e acrescenta : *Porque eu faço coisa errada.*

Caso 114 : Família composta por : mãe (N. T.) - 30 anos; e filho : M – 8 anos. Escolaridade da mãe: 1º grau completo. Religião da mãe : evangélica. Profissão da mãe : vendedora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - violência física, violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

A casa de N. é simples, mas arrumada e limpa. Ela exerce diversas atividades para gerar sua renda : faz salgados, vende semi – jóias, etc. S. saiu de casa para viver com outra pessoa e não tem ajudado na manutenção do filho.

Viveram juntos por oito anos. O relacionamento era ruim. Ele a maltratava e a desvalorizava na frente do filho. Ele, certa vez, tentou matá –la e, para defender – se, ela o esfaqueou. Para N., *ele é um bêbado, mentiroso e agressivo.*

N. sofre, segundo ela, de *amnésias*. As situações de violência aconteciam porque ela perdia o controle, com as agressões que sofria, e batia em S.. Justifica as suas atitudes pela sua percepção como pessoa :*Eu gosto das coisas certas.* Durante toda a entrevista, responsabilizou S. pelos problemas que aconteceram na sua vida.

O filho, D., apresenta distúrbios no desenvolvimento físico, hipodesenvolvimento. Parece apresentar problemas emocionais pelo que passou, viu e continua sofrendo na sua vida. Para N., seu filho *é uma criança ótima e sem problemas.* Ele costuma sonhar, freqüentemente, com *morte, alegria e tristeza*. Seus pesadelos são descritos da seguinte forma: *Sonho com o meu pai matando a minha mãe e eu matando o meu pai.* Seu melhor programa, na TV, são os filmes de terror, que assiste diariamente.

A percepção de D. sobre os pais está fundamentada pelos valores materiais. *Fale – me sobre os seus pais, D.... Minha mãe é mais boa do que meu pai, porque ela compra tudo que eu quero.* Quanto aos castigos, ele explica : *Eu fico de joelhos e levo cintada da minha mãe.* Ele acha que poderia ser diferente e a solução parte dele : *Se eu fosse mágico. Por quê, D. ? Porque aí eu ia escapar.*

Caso 115 : Família composta por : mãe (M. M.) - 36 anos; e filhas : F1 – 7 anos e F2 – 5 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau completo. Religião da mãe: católica. Profissão da mãe : doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai - negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

M. e suas filhas estão muito abaladas com o que aconteceu. J., seu marido, abandonou – as e está vivendo com outra mulher. As crianças sentem muito a sua falta porque, segundo M., *ele era um bom pai.*

Não havia conflitos no relacionamento, nem agressões. As discussões eram resolvidas conversando e as pessoas não entendem o que aconteceu para acarretar essa atitude de J. Ela está se sentindo *'fraca'* e chora com facilidade.

B., a filha de sete anos, ao falar dos seus sentimentos sobre a pessoa de que mais gosta em sua casa, afirma que é a sua tia. Acha os seus pais *bom* e se sente *feliz,* vivendo apenas com a sua mãe. Nas situações de disciplina, B. relata que a sua mãe *bate.* Ela não sabe o porquê, e vai deitar.

Caso 116 : Família composta por : mãe (C. S.) - 34 anos; e filhos : M – 15 anos e F – 3 anos. Escolaridade da mãe: 2° grau completo. Religião da mãe : Testemunha de Jeová. Profissão da mãe : secretária. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

M. está morando na casa de sua irmã, enquanto não arranja um emprego. Saiu de sua casa, em outra cidade, por causa da intolerância e violência de J., seu companheiro.

No seu casamento sempre ocorreram brigas. Há dez anos, a situação está insustentável. Tem um filho de dezessete anos, fruto de uma primeira união, e uma filha de três anos, do atual companheiro. J. rejeita o filho de C. Não se falam, já ameaçou o rapaz e, nestes dias, expulsou - o de casa.

Para C. este foi o impulso de que precisava para tomar uma atitude, pois, *sempre tinha medo.* Atualmente, está tentando refazer a sua vida. Como pessoa, se acha *boa e inteligente.* Relata que, no primeiro casamento, a situação foi parecida, a relação foi se desgastando. E acrescenta : *Sinto que a culpada, às vezes, sou eu. Como é que pode, duas vezes a mesma coisa...*

Seu filho, V., tem quinze anos. É um adolescente voltado para a sua vida e as suas conquistas. Não está estudando, porque teve de se mudar inesperadamente. Gosta da sua mãe, mas em função da vida que tem levado, se sente *mais ou menos inseguro.* Quanto ao padrasto e o incidente que acarretou a separação de sua mãe, V. não faz nenhum comentário.

Caso 117 : Família composta por : mãe (M. O.) - 34 anos; e filhos : M1 – 18 anos; M2 – 13 anos; e M3 – 8 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau completo. Religião da mãe : evangélica. Profissão da mãe : cabeleireira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

E., seu marido, foi embora de casa, deixando M. com os três filhos. Ele estava sempre desempregado. Durante um período, foi vendendo objetos do lar e M. achava que era para ajudá – lo em algum investimento. Depois, passou a roubar o seu dinheiro, falsificar a sua assinatura e passar cheque sem fundos. M. foi despedida do seu emprego no banco, onde ocupava o cargo de secretária. A partir daí, descobriu que ele era usuário de cocaína.

M. está preocupada com E., como se ele fosse um outro filho : *Onde será que está ? Será que está se alimentando bem ? O que ele está fazendo ?"*A família parece unida. Os rapazes estão tristes com o abandono do pai. Ela está tentando reagir à situação e abriu um salão de cabeleireiro, na frente da sua casa.

Ainda está se refazendo da surpresa. Percebe-se como uma pessoa *legal,* porque *o que pode fazer de bem faz.* No entanto, não consegue explicar como tudo aconteceu. L., o filho de treze anos, está namorando. Preocupa-se com a mãe e *com coisas ruins que podem acontecer.* Relata que, quando não atende a sua mãe, *apanha, mas, se defende.* Ao mesmo tempo, justifica : *Ela bate porque fica nervosa.*

J. tem oito anos e é bem desenvolvido para a sua idade. Tem medo de escuro e costuma sonhar *que morre.* Quando não obedece, J. também apanha, mas, reage *chorando.* No entanto, a sua justificativa é outra: *Eu apanho porque faço coisa errada.*

Caso 118 : Família composta por : padrasto (R. M.) – 40 anos; mãe (M. C.) - 38 anos; e filhas : F1 – 19 anos; F2 – 17 anos; e F3 – 15 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – porteiro; mãe - costureira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa de M. está em construção. Ela parece muito feliz. Seu atual companheiro é bastante educado. Foi casada com uma pessoa (L.) que era acomodada, durante vinte anos. Ela pagava a maior parte das contas da casa e sustentava as filhas.

Há cinco anos, envolveu – se com uma pessoa e foi viver com ela. Suas filhas moram com o pai, mas são muito apegadas a ela. L. não se conforma com a separação e tenta colocar as filhas contra a mãe : inventa histórias e faz difamações. M. se sente muito bem com a vida que está levando e acrescenta : *Eu me adoro.* Acredita que as situações de violência aconteceram na sua família, *pelo temperamento dele.*

C., a filha de quinze anos, apesar das proibições do pai, visita sua mãe com freqüência. Preocupa-se com o progenitor, porque *ele é desligado.* Quanto à sua mãe, afirma que ela é *exigente.* Vive bem com o seu pai e justifica : *Alguém tem de tomar conta dele.*

Caso 119 : Família composta por : mãe (N. R.) - 40 anos; e filhas : F1 – 20 anos e F2 – 8 anos. Escolaridade da mãe : 2º grau completo. Religião da mãe : espírita. Profissão da mãe : recepcionista. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família) ; mãe – violência psicológica (denunciada pela criança durante a entrevista).

N. foi casada, durante sete anos, e desta união nasceu a sua primeira filha. Após a separação, acarretada por violência e bebida, envolveu-se com um amigo de infância (A.). Morou com ele, durante dois anos, e teve a segunda filha. Neste período, o companheiro engravidou a sua primeira esposa e abandonou N.

A. nunca perdeu o contato com a filha. Pelo contrário, é muito apegado a ela e faz todo o tipo de chantagem emocional para conquistá – la e tê – la ao seu lado. N. está percebendo que as atitudes do pai estão causando um desequilíbrio emocional na criança. As brigas entre os pais são constantes e a menina as presencia. Atualmente, S., a filha de oito anos, rói as unhas das mãos e dos pés.

A percepção de N. sobre a sua pessoa é de normalidade, porque *gosto das minhas filhas.* Tem ressentimentos em relação às situações de violência pelas quais passou e justifica: *Foram as mulheres.* S. é uma criança de aparência assustada. Preocupa-se com sua mãe, *porque gosta dela.* Costuma sonhar *com brincadeiras,* mas, tem pesadelos *com monstros.*

Quanto aos seus pais, S. acha que eles são *legal.* Em relação à disciplina, ela esclarece: *Mamãe me coloca, no alto, em cima da máquina de lavar, para eu ficar pensando o que eu fiz.* S. aceita o castigo, mas, ao mesmo tempo, acha que podia ser diferente e acrescenta: *Eu podia ficar trancada no quarto, porque em cima da máquina eu tenho medo.*

Caso 120 : Família composta por : mãe (R. C.) - 40 anos; e filhos : M1 – 16 anos; M2 – 10 anos; e M3 – 8 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : manicure. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

A casa é pequena e não tem quase ventilação. R. está deprimida porque quer o seu marido de volta, mas ele está quase morando com outra pessoa e afirma que não vai voltar. O casal tinha pequenas desavenças. R. passou a trabalhar fora para ajudar na manutenção da casa e J. se acomodou. Numa das brigas do casal, ele a mandou embora de casa. Ela saiu e, logo após, os dois filhos mais novos foram morar com ela.

O filho mais velho permaneceu com o pai. Ele se envolveu com drogas e J. passou a surrá – lo. Esse adolescente já fez vários tratamentos, mas, até o momento, o problema não está resolvido. O adolescente reclama da falta de atenção do pai.

As crianças mais novas estão perdidas com a situação e mobilizadas com o sofrimento da mãe. R. se percebe, como pessoa, por meio da maternidade e expõe: *Acho que sou uma boa mãe, porque sou ordeira.* Coloca o álcool como o gerador da violência e acrescenta : *Se ele quisesse, podia ter evitado tudo isso.*

G. tem dez anos e é obeso. Está preocupado com sua mãe, porque *ela sofre muito.* Costuma sonhar com *como vai morrer.* Ao falar sobre os seus pais, esclarece: *Meu pai é nervoso; minha mãe é mais calma.* Acha que as situações podiam ser diferentes, *se o pai parasse de ser nervoso.*

L., de oito anos, tem um bom vocabulário para a sua idade. Gosta de jogar xadrez e prefere estar só. Preocupa-se com a mãe, porque *ela fica sofrendo.* Tem pesadelos de estar dentro de cavernas. Sua opinião sobre os pais é : *São legais.* Quanto à disciplina aplicada, explica : *Eu fico sem sair, quando não obedeço.* L. acha que deveria aceitar e não responder, mas justifica : *Eu respondo, porque fico irritado.*

Caso 121 : Família composta por : padrasto (P. F.) - 30 anos ; mãe (C. A.) - 42 anos; e filhos : F1 – 25 anos; F2 – 24 anos; M1 - 22 anos; M2 – 16 anos; e F3 – 14 anos. Escolaridade do casal : 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : padrasto – eletricista ; mãe – acompanhante de idoso. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência psicológica e violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

C. está querendo se separar porque P. bebe e a espanca, como o seu primeiro marido. Há dois anos, começaram as brigas: agressões físicas e verbais. Elas vêm aumentando porque, atualmente, ele provoca tanto C. quanto a filha mais nova. Na última briga, P. queimou as roupas da enteada.

Quando L., a enteada de quatorze anos, estava com nove anos, P. tentou abusar sexualmente da menina. Atualmente, ela não mora mais com a mãe; está sob os cuidados de uma senhora no mesmo bairro. C. tem certa percepção da situação e da sua responsabilidade nisso. Entretanto, faz questão de não falar muito sobre o assunto. Ela se acha uma pessoa *forte, pelo sofrimento que passou.* A responsabilidade pelo que aconteceu na sua família é dividida. Segundo C., *estas coisas aconteceram por causa de mim e das pessoas que viveram comigo.*

Sua filha, L., tem vontade de chorar, *`as vezes,* e explica : *Porque dá vontade de desabafar.* Apesar de não morar com a mãe, é ela que mantém a disciplina, quanto aos horários de chegada e saída. Estas situações geram discussões que, para L., poderiam ser dirigidas de forma diferente, isto é, *conversando.* No entanto, alega que não é possível, *por causa do nervoso da mãe.* A história do abuso não pôde ser esclarecida, porque L. não quis falar sobre o assunto.

Caso 122 : Família composta por : padrasto (J. P.) - 34 anos ; mãe (S. Z.) - 33 anos; e filhos : M1 – 10 anos; M2 – 8 anos; e M3 - 4 anos. Escolaridade dos pais: padrasto - 1° grau completo ; mãe – 1° grau incompleto. Religião dos pais: sem religião. Profissão dos pais : padrasto – comerciante ; mãe – do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência física (denunciada pela criança durante a entrevista).

S. está muito abatida, pois lutou bastante para manter esse relacionamento. J. é negro e seus pais não o aceitavam. Namoraram e, devido ao preconceito racial, S. rompeu com sua família e foram morar juntos.

O relacionamento com ela é bom mas, com as crianças, J. não tem paciência e as espanca. Certa ocasião, S. foi operada e, durante a sua ausência, J. colocou uma mulher para dormir na casa com ele e os filhos de S. As crianças, que vivem amedrontadas, apóiam a separação da mãe.

W., de dez anos, preocupa-se com sua mãe, sua avó e seus amigos. Tem medo de escuro, e chora, *às vezes,* sem saber por quê. Sente-se bem vivendo na sua casa. Quanto à disciplina, quando não atende, *apanha.* No entanto, explica: *Não pode ser diferente, porque faço bagunça e apronto.*

R. tem oito anos. Ao falar dos pais, afirma : *Acho ótimo.* Parece receber menos ordens do que W.. Apesar de achar que a reação de sua mãe podia ser diferente, aceita – a e acrescenta : *É porque eu faço bagunça.*

Caso 123 : Família composta por : mãe (E. L.) - 37 anos; e filhas : F1 – 12 anos e F2 - 4 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau completo. Religião da mãe: católica. Profissão da mãe : vendedora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai e mãe – violência psicológica (denunciada pela adolescente durante a entrevista).

E. é uma pessoa alegre. Está vivendo com as duas filhas, em uma casa nos fundos do terreno de sua mãe. Ela e as meninas estão mais tranqüilas com a separação, apesar de I. (seu ex – marido) ter saído do emprego, *para não pagar pensão.* Sua mãe toma conta das netas para que E. possa trabalhar e sustentar sua família.

Namoraram e noivaram em quatro meses. Nessa época, I. a ofendia, às vezes. Com o passar dos anos, ele passou a não se interessar mais pela família, e começou a ofender, também, a filha mais velha. A percepção de E. sobre a sua pessoa é a seguinte : *Sou uma pessoa bacana, que não merecia isso.*

M. tem doze anos. É insegura e expressa esse comportamento, colocando : *Falo uma hora uma coisa, outra hora falo outra.* A pessoa de que mais gosta na sua casa é a mãe, *porque ela é legal.* Sente-se assustada na hora de dormir, *com medo de alguém entrar.*

Sobre os seus pais, M. afirma : *São legais.* Sente-se bem vivendo com sua mãe. Quanto à disciplina, responde : *Quando eu não atendo eles, eles me xingam. E você, como reage ? Eu me tranco no quarto. Você acha que podia ser diferente, M. ? Acho que não, porque eu irrito eles também, às vezes.*

Caso 124 : Família composta por : pai (E. O.) - 44 anos ; mãe (H. O.) - 43 anos; e filhas : F1 – 19 anos; e F2 – 17 anos. Escolaridade do casal: pai - 2° grau completo ; mãe – 1° grau completo. Religião do casal: pai – católica; mãe – espírita. Profissão do casal : pai – torneiro mecânico; mãe – copeira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai e mãe – violência psicológica (denunciada pela adolescente durante a entrevista).

H. é uma pessoa dócil e bastante gentil. Moram num condomínio de luxo, com piscina e outros serviços, num bairro nobre de Campinas. Está muito infeliz com o que vem acontecendo e quer se separar.

E. é uma pessoa rude. Durante a entrevista, ele ficou na cozinha, batendo panelas, portas de armário e fazendo todos os barulhos que conseguia. As filhas não suportam o pai.

Está casada há vinte e um anos e vive, segundo ela, num inferno. Ele bate em todos de casa : com H., joga – a no chão, tenta enforcá – la e, várias vezes, quebrou móveis em cima dela ; na filha mais velha, principalmente, bate com qualquer coisa que encontra à mão.

Ela nunca interferiu nas agressões às filhas, porque tinha medo. As filhas corriam para ela e H. apanhava, também. Afirma que, após esses episódios, *se sente péssima e deprimida.* Relaciona a sua escolha afetiva à infância. *Por que você acha que isso aconteceu na sua família, H ? Porque eu não soube escolher. Trouxe alguém igual ao meu pai para viver comigo.*

D., a adolescente de dezessete anos, estava muito agitada, na hora da entrevista. Não conseguia ficar sentada e ria à toa. Em relação aos seus pais, ela afirma *: Gosto deles, mas brigam muito.* Não se sente bem em assistir às brigas dos pais e reclama que eles a xingam, quando ela não lhes obedece. Isso acarreta a mesma forma de resposta : *Eu xingo eles, também.* Acha que podia ser diferente e explica : *Se a situação fosse outra, e se houvesse amizade entre todos.*

Caso 125 : Família composta por : mãe (I. S.) - 37 anos; e filhos : F1 – 14 anos; F2 – 10 anos; e M – 2 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto Religião da mãe: católica. Profissão da mãe : auxiliar de laboratório. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); padrasto – violência psicológica (observada pela pesquisadora durante a entrevista).

I. é uma mãe carinhosa. Suas filhas gostam muito dela. A casa é simples, mas, limpa. As meninas se dividem nos cuidados do lar e do irmão. V., a filha de quatorze anos, vive em um clima de terror, em relação ao padrasto. Quando ele vai visitar os filhos, fica no portão, afastado da casa, aguardando que I. lhe entregue as crianças. Mesmo assim (sem contato com V., por determinação do Juiz), ela fica transtornada: treme e começa a suar. Sua mãe e irmã, nestes momentos, tentam acalmá – la, dizendo que ele não pode entrar.

Quando V. tinha seis anos, aconteceu o primeiro abuso sexual : ele passou a mão nas partes íntimas dela. I. não fez nada porque se sentia acuada, pois, ele andava armado. J. falava, para todos, que V. não era sua filha, parecendo querer justificar os seus atos.

No último abuso sexual, I. denunciou – o à polícia e saiu de casa com os filhos. Além de não colocar chaves nas portas, J. aumentava o espaço de todas as fechaduras das portas da casa. Ele foi ficando cada vez mais estranho. Certo dia, I. descobriu uma roupa de V. queimada, com ácido, na região genital.

V. é uma adolescente calada. Tem vontade de chorar, *`as vezes, porque pensa nas coisas.* Quanto aos seus medos, ela é esclarecedora :*Tenho medo sempre, da vida.* Seus pesadelos são sempre *com o padrasto.* Sobre seus pais, afirma: *Minha mãe, é mãe.*

L., a filha de dez anos, é surpreendentemente amadurecida para a sua idade. Tem participado de tudo o que aconteceu com a irmã e apresenta, para com esta, uma postura protetora. Sobre os seus pais, ela responde: *A minha mãe acho carinhosa e certa; meu pai, eu acho que ele não tem dignidade e respeito. Por quê, L. ? Porque ele não respeitou a minha irmã e sempre discutiu com a minha mãe". Essas situações poderiam ser diferentes, L. ? Sim, se meu pai fosse diferente. Por quê ? Porque ele não respeita ninguém.*

A abordagem específica sobre o abuso não pôde ser realizada devido ao fato de V. ter ficado muito nervosa, com a presença do padrasto no portão, e não querer falar.

Caso 126 : Família composta por : mãe (S. C.) - 33 anos; e filhos : F1 – 14 anos; F2 – 11 anos; F3 – 5 anos ; e M – 2 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

S. mora numa casa confortável e limpa. Namorou J. (o marido), durante três meses e se casaram. As infidelidades não demoraram a aparecer e as agressões morais tornaram – se constantes. S. sentia – se sozinha, porque a sua família nunca aceitou o seu casamento.

Há um mês, J. saiu de casa e não viu mais os filhos. Ninguém sabe para onde foi. As duas filhas mais velhas estão revoltadas; os dois menores sentem muito a falta do pai.

S. se percebe *uma pessoa nervosa.* Quanto à responsabilidade do abandono do lar, afirma que é dele e justifica : *Acho que ele nunca gostou de mim.*

E., a filha de quatorze anos, parece estar adaptada à situação. Gosta do local onde mora, *porque tem segurança.* Namora, sai e se diverte, nos finais de semana. Quanto aos pais, ela acha *legal*, entretanto *não sabe* porque tudo isso aconteceu.

C. tem onze anos e parece estar se sentindo desprotegida, neste momento. Várias respostas revelaram o seu medo de *assaltos* (em preocupações, sonhos e pesadelos). No que diz respeito a viver com os pais, é explícita quanto a sua preferência: *Viver com a minha mãe só é melhor do que viver com meu pai.*

Caso 127 : Família composta por : mãe (M. M.) - 39 anos; e filhos : M1 – 13 anos e M2 – 2 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto. Religião da mãe : católica. Profissão da mãe : mãe – atendente de enfermagem. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – negligência (denunciada pelo adolescente durante a entrevista).

M. e seus filhos moram em uma casa pobre, sem muito conforto. Ela é uma pessoa dedicada aos meninos e se desdobra para agradá-los, principalmente ao mais velho. No entanto, parece que não atinge o seu objetivo. O pai faz muita falta para o adolescente.

Eles não se casaram mas, viviam razoavelmente bem. Com o nascimento do último filho, a relação foi se desgastando. As brigas começaram a ser mais freqüentes, até o momento em que J. (seu companheiro) resolveu sair de casa, do emprego e sumir.

Apesar dessa situação, M. se percebe uma pessoa *feliz.* E acrescenta : *Porque trabalho, estudo e crio meus filhos.* L. é um adolescente de aparência triste. Ficou observando a mãe, atentamente, durante toda a entrevista. Nas respostas sobre os sentimentos em relação aos pais, L. expôs como está se sentindo: *Fale – me sobre os seus pais, L.... Minha mãe é boa, me dá o que eu quero; meu pai é ruim porque não me dá nada e nem vem me ver.*

Quanto à disciplina, é interessante a forma como L. a interpreta. *Quando você não atende aos seus pais, L., o que acontece ? Minha mãe fica brava. E como você reage ? Eu aceito. Você acha que podia ser diferente ? Sim. Como, L. ? Ela podia me bater. E por que isso não acontece ? Porque ela gosta de mim.*

Caso 128 : Família composta por : pai (O. C.) - 31 anos ; mãe (M. M.) - 28 anos; e filhos : M1 – 8 anos; F1 – 5 anos; M2 – 4 anos; e M3 – 2 anos. Escolaridade do casal : pai – 1° grau incompleto; mãe - 2° grau incompleto Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai - pedreiro; mãe – faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – negligência (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – violência psicológica (denunciada pela criança durante a entrevista); pai e mãe – negligência (observada pela pesquisadora durante a entrevista).

A casa é pobre, suja e não tem água encanada. As crianças andam sujas e descalças, por locais de acesso a carros. O. estava deitado e M. plantava flores, enquanto seus filhos vagavam pela redondeza, sem nenhuma proteção. Na casa havia roupas e louças sujas espalhadas por todos os cantos. No decorrer da entrevista, O. permaneceu deitado e algumas crianças foram ficar com ele. Em vários momentos gritou com os filhos e, quando se dirigia à M., era sempre muito ríspido.

Eles se conheceram e foram viver juntos. A família de O. não queira a união. O relacionamento do casal apresenta agressões físicas e morais. As situações de violência aconteceram, segundo M., *por ciúmes e bebida.* E complementa: *Quando O. chega alterado em casa, todo mundo paga por isto.*

M. se percebe uma pessoa *lutadora", porque não tem medo de trabalho.* Quando criança, sofreu abuso sexual de um estranho, mas acha que *isso já está superado.* Sua meta, agora, *é vencer na vida e criar os filhos.* Acha que O. deve parar de beber, para poder acompanhá-la.

J., o filho de oitos anos, tem apresentado problemas com sua professora, na escola: acha que *ela é má.* A criança não explica a razão pela qual qualifica a professora desta forma, nem os pais foram ao colégio saber o que está acontecendo. J. está com medo de não passar de ano. Acha seus pais *legal.* Quanto à disciplina, relata : *Meu pai fica zangado comigo quando eu não atendo ele. Você acha que podia ser diferente, J. ? Não. Por quê ? Porque os castigos que ele me dá é bom para eu ser uma pessoa boa quando crescer.*

Caso 129 : Família composta por : mãe (I. B.) - 31 anos; e filhos : F1 – 11 anos; M – 4 anos; e F2 – 1 ano e três meses. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto. Religião da mãe : Congregação Cristã. Profissão da mãe : do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência sexual (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – negligência; mãe– violência psicológica (denunciada pela criança durante a entrevista).

I. se separou e está morando com os filhos na casa dos seus pais. É um ambiente cheio de gente, pois além dos seus pais, moram seus irmãos com filhos. O local parece um abrigo.

Viveu onze anos com N. (pai das crianças de quatro e um ano e três meses). Há um ano, ele começou a abusar da enteada. Ela, ao descobrir, o denunciou. Ele começou a ameaçá – la para retirar a queixa. Ela não o fez e saiu de casa. I. está muito abalada com o que aconteceu à sua filha, pois, passou por isso com seu pai, na infância. Percebe-se, *muito nervosa* e acha que tem de ser *mais paciente com a filha.*

Ela responsabiliza N. pelo que aconteceu e declara : *Isso aconteceu por sem vergonhice dele.* Mas, acrescenta: *Isso podia ser evitado, se ela me contasse antes.*

H. é uma jovem bonita. Tem medo que a sua mãe morra, *porque é a única pessoa que tem.* No entanto, quando é solicitada a falar sobre os seus pais, responde: *Acho legal. Faz tempo que eu não vejo o meu pai. Ele não veio mais me ver.* Reclama porque sua mãe *xinga,* quando ela não obedece, mas conclui: *Acho que podia ser diferente se eu obedecesse.*

Sobre a situação de abuso, H. não se recusou a falar. *Sempre que mamãe saía, ele segurava a minha mão e mexia em mim embaixo. Eu falava para parar e ele dizia que não era para contar nada. Eu tinha medo de contar e ela bater em mim. Agora que você contou sobre o que aconteceu, como você se sente, H. ? Me sinto boa, porque tinha uma impressão ruim. O que você sente pela pessoa que fez isso com você ? Raiva. Você acha que essa situação mudou a sua família ? Não. Ficou a mesma coisa porque tem muita briga lá em casa. Meu avô implica.*

Caso 130 : Família composta por : mãe (T. M.) - 33 anos; e filhos : M1 – 12 anos; M2 – 11 anos; e M3 – 5 anos. Escolaridade da mãe: 1° grau incompleto Religião da mãe : protestante. Profissão da mãe : faxineira. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família).

T. parece irmã dos seus filhos. Faz bagunça como se fosse da idade deles. A casa estava desarrumada, porque ela estava chegando em casa do trabalho, no horário da entrevista. Os meninos são irrequietos e têm uma aparência de tristeza nas suas faces. Ela acusa o ex - marido (M.) por todos os problemas que vem atravessando com seus filhos. Acha que M. tem uma influência muito forte sobre o mais novo, que já fala em suicidar – se.

Eles namoraram, noivaram e se casaram, apesar da família de M. não querer o casamento. O relacionamento do casal foi ruim desde o início. As discussões não eram resolvidas e a separação ocorreu por causa das atitudes violentas de M. Atualmente, T. se percebe como *uma pessoa calma* e se qualifica como *brincalhona*.

R., o filho mais velho, não está adaptado, na escola. Esquivou-se das perguntas, na entrevista, respondendo *não sei* ou *não acho nada* a quase todas. T. gargalhava, a cada resposta de R., como se tudo o que estava acontecendo fosse muito engraçado. Enquanto isso, os dois outros irmãos implicavam um com o outro.

N., que tem onze anos, foi mais acessível em suas respostas. É obeso e parece comprometido emocionalmente. É muito tenso, fica nervoso e grita por qualquer coisa. Não está adaptado, no colégio, e tem problemas com alguns professores. Tem pesadelos *de dormir e não conseguir acordar.* Sobre os seus pais, respondeu : *Não tenho nada para falar.*

Caso 131 : Família composta por : pai (L. S.) - 36 anos ; mãe (E. S.) - 34 anos; e filhos : M – 15 anos e F – 9 anos. Escolaridade do casal: pai – 1° grau incompleto; mãe - 1° grau completo. Religião do casal : pai – sem religião; mãe – presbiteriana. Profissão do casal : pai – vendedor; mãe – digitadora. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); pai – violência psicológica (denunciada pela criança durante a entrevista).

O casal mora em um apartamento confortável. E. casou-se grávida e o relacionamento do casal foi ruim, desde o início, porque L. era dependente químico. Ele agredia E. e as crianças, com ofensas físicas e morais. Há quatro anos, se separaram, mas L. se arrependeu, pedindo a E. para voltar, porque iria mudar. E. resolveu aceitá – lo.

Atualmente, L. tem abusado das drogas e E. não agüenta mais. Como pessoa, se define : *Sou uma pessoa que tento manter uma família.* Ela está desanimada, não vendo retorno na situação. Sente-se insegura e afirma : *Tento proteger meus filhos, mas não tenho quem me proteja.*

R., a filha, gosta de estudar, além de praticar esportes no Clube. Tem *medo de ser esquecida* e, às vezes, *chora, porque se sente só.* A pessoa de que gosta mais, em casa, é a sua mãe e justifica : *Porque ela faz quase tudo o que eu quero e me dá conselhos.*

Sobre os pesadelos de R., o mais freqüente parece ser o de uma situação vivida na realidade. *Tenho pesadelo da minha mãe e meu pai brigando no carro e o carro perdeu o freio.* Quanto aos seus pais, responde : *Minha mãe é legal, meu pai, de vez em quando, fica estranho" comigo, aí fica ruim.*

Caso 132 : Família composta por : pai (G. Z.) - 45 anos ; mãe (E. Z.) - 34 anos; e filhos : F – 14 anos e M – 6 anos. Escolaridade do casal: 1° grau incompleto. Religião do casal : católica. Profissão do casal : pai – pintor de paredes; mãe – doméstica. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada pela mãe no S.O.S. Ação Mulher e Família); mãe – violência psicológica (denunciada pela adolescente durante a entrevista).

A casa em que moram é pequena, tem apenas dois cômodos. A relação do casal está muito abalada e ruim. São constantes as agressões físicas e morais. O relacionamento nessa casa é permeado pela violência: entre o casal, entre os pais e os filhos e entre os irmãos. Parece uma reação em cadeia.

E. se sente muito abalada com o que vem ocorrendo e expressa: *Não tenho palavras, estou avoada*. Sente medo de G., em relação a ela e aos filhos. Afirma que tudo poderia ter sido evitado *se ele parasse de beber e houvesse carinho e diálogo.*

A. tem quatorze anos e está confusa, nesta situação. Tem *medo de perder a mãe, porque é o apoio*. Tem pesadelos constantes, com brigas. Sobre os seus pais, em nenhum momento fala sobre a figura paterna. Algumas de suas declarações são : *Minha mãe é legal. Minha mãe fica brava. Minha mãe me xinga.*

RESUMO DAS ANAMNESES *

Caso 1 : Família composta por: padrasto (A. R.) - 40 anos ; mãe (M. R .), 40 anos; e filhos : M1 – 19 anos; F1 – 17 anos; M2 – 12 anos ; e F2 – 5 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : padrasto – catador de papel ; mãe – catadora de papel . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – violência física e negligência (denunciada ao Crami) ; mãe – violência física (denunciada pela criança na entrevista); mãe – negligência (observada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A entrevista ocorreu no quintal do barraco, onde a família mora. Devido à profissão dos responsáveis, o ambiente é repleto de ferro velho, lixo, papelão, objetos quebrados, além de bichos (galinhas, gatos, galos e cachorros). A situação econômica é péssima. A denúncia foi feita pela filha mais velha, já casada, que não se conforma com os maus tratos e a negligência da mãe, em relação aos seus irmãos.

A . era noivo da irmã de M . e acabou este relacionamento para morar com ela. Vivem mal. Discutem muito e, freqüentemente, ocorrem agressões físicas e verbais. O casal participou da entrevista e, em vários pontos ,foram discordantes. A . parece querer manter uma certa aparência de tranqüilidade no ambiente, que não é confirmada por M .

Ele se percebe como pessoa *passando pelo que não queria estar passando.* M . é mais radical, *não se acha nada.* Além disso, sente-se *revoltada e descontrolada.* Não gosta de falar de sua infância e justifica os seus problemas atuais *pela mãe ter ficado só e o pai ir embora.* A . , por outro lado, acha que as situações aconteceram na sua vida *por falta de juízo.*

R . é uma criança franzina e não aparenta ter doze anos. Associou a visita da pesquisadora à de profissionais encarregados da avaliação da sua situação no lar. *Você sabe por que eu estou aqui , R. ? Sei , para conversar comigo para eu me endireitar.* Ele ainda usa chupeta, no entanto, "cheira cola e fuma maconha". Não freqüenta a escola , porque , segundo M. , *a professora implica com ele.* Seus medos ocorrem *às vezes* e justifica: *Minha mãe bate muito.*

* * Os erros de concordância gramatical nos discursos diretos dos sujeitos da pesquisa são tentativas de manter a fidedignidade dos relatos

No que diz respeito às experiências com drogas, R . afirma que usa *às vezes.* Quando questionado sobre o uso responde : *Os outros fala que é bom.* Quanto aos seus pais, explicou que *são muito carinhosos* e vive *muito bem com eles.* Ao final da entrevista, A . acrescentou que R . tem razão quando, às vezes, reclama que está sendo deixado de lado, e explica: *Certa vez , ele foi atropelado e quebrou a cabeça.*

Caso 2 : Família composta por: pai (A . S.) , 35 anos ; mãe (I. S .), 30 anos; e filhos : F1 – 11 anos; F2 – 8 anos; M – 7 anos ; F3 – 5 anos; e F4 – 1 ano . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : evangélica . Profissão dos pais : pai – sem profissão ; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – negligência (denunciada ao Cramí) ; mãe – violência psicológica (denunciada pela pré – adolescente na entrevista).

Segundo os vizinhos, que fizeram a denúncia, I . sai e as crianças ficam na rua. Os moradores das redondezas é que cuidam delas: dão comida e já os salvaram , várias vezes, de atropelamentos.

I . casou – se em função da gravidez de R . , que é a sua filha mais velha. O relacionamento do casal é *regular, porque não há violência física*; o dos irmãos é *ruim, com agressões físicas e verbais.* A mãe de I . apresenta 'problemas mentais' e seu pai, na sua infância, assassinou uma pessoa e fugiu, abandonando a família.

A autopercepção de I . é definida da seguinte forma : *Como você se percebe como pessoa, I . ? Não dá para explicar; falta bastante para eu fazer o que é melhor.* R . é uma pré – adolescente alegre. Fica preocupada com coisas ruins que podem acontecer com seus pais, porque *eles são muito legal.* Sente-se *bem,* vivendo com eles. Quanto à disciplina , ela esclarece: *Minha mãe grita comigo. E como você reage a isso, R . ? Aceito. Você acha que poderia ser diferente ? Não. Por quê ? Porque eu não obedeço.*

Caso 3: Família composta por: pai (J . A.) , 36 anos ; mãe (D. A .), 30 anos; e filhos : F – 16 anos; M1 – 13 anos ; M2– 10 anos; e M3 – 1 ano e 6 meses . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : pai –pedreiro; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai e mãe – violência física (denunciada ao Crami) ; mãe – violência psicológica (denunciada pelo adolescente na entrevista).

A casa é pequena, mas parece abrigar, razoavelmente, toda a família. O relacionamento do casal é bom , atualmente. Já ocorreram agressões físicas entre eles, o que acarretou separação , por um período de tempo.

A autopercepção de D . é feita em função da maternidade . *Como você se percebe como pessoa , D. ? Como mãe, uma pessoa que luta.* A denúncia partiu da escola de P. , o filho de treze anos. Ele , constantemente, ia para a aula com marcas nas costas e no pescoço. Já foram feitas duas notificações de espancamento com cabo de vassoura, que deixaram marcas profundas e vários hematomas no seu corpo. A razão dos espancamentos parece ser a dificuldade que P . tem em acompanhar o ensino na escola e assimilar os conteúdos das aulas.

D . , quando fala da situação de violência a que submete o filho, distorce a história contada pelo adolescente e afirma: *Eu bati uma vez só no P. , porque ele estava fazendo arte e fui corrigir. Ele não teve mais problemas. Eu sei que errei e não gostei do que fiz.*

Para P . , a pessoa de quem mais gosta é o pai , *porque saem juntos.* Afirma que o castigo para punir certas atitudes é *ficar trancado no quarto escuro.* Ele aceita a situação e acrescenta : *Minha mãe faz isso porque eu apronto.*

Caso 4 : Família composta por: padrasto (V. C.) , 33 anos ; mãe (R. P .), 33 anos; e filhos : M1 – 16 anos; M2 –11 anos ; F – 8 anos; e M3 – 4 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : padrasto – católica; mãe – sem religião . Profissão dos pais : padrasto – servente ; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – violência física (denunciada ao Crami) ; mãe – violência física (denunciada pelos adolescentes na entrevista).

A casa é um barraco, localizado em um bairro desprivilegiado de Campinas. A denúncia de violência física da mãe , em relação aos filhos , foi realizada pelos vizinhos . V . e R . estavam em casa ,alcoolizados. Vivem há cinco anos juntos e o relacionamento é regular. O ex – marido de R . , pai dos seus três primeiros filhos, continua aparecendo , segundo V . , *'para perturbar'*. Ele é dependente químico e já foi internado, mas não consegue seguir um tratamento.

V . parece acomodado `a vida que vem levando. Trabalha como servente, quando aparece serviço. Sente-se *bem* consigo mesmo e justifica os problemas em sua casa pela presença do ex – marido de R. . Afirma : *É só ele não vir aqui, que está tudo bem.*

R. apanhou muito do ex – marido , principalmente nas gestações. Afirma ser alcoolista e que não consegue parar, *'por causa dos problemas'*. Sua auto-estima é baixa e pode ser confirmada pelas suas respostas, na entrevista: *Como você se sente como pessoa , R . ? Me sinto mal , que nem sei explicar .* Esclarece que agride os filhos , *porque eles provocam,* mas, *fica nervosa , depois que bate e fica de cama dois dias.* Apresenta discriminação em relação ao filho mais velho, concluindo : *A . não dá certo comigo, os outros são ótimos.*

A . tem dezesseis anos e não está na escola , *porque não quer.* Faz xixi na cama, *`as vezes*, quando *fica nervoso.* Preocupa-se com *qualquer um* e já agrediu sua mãe com pontapés, *para se defender dela.* Descreve e justifica a situação da seguinte forma: *Você costuma atender seus pais naquilo que eles pedem ou falam , A . ? Não. Por quê ? Porque não. Quando você não atende , o que acontece ? Minha mãe vem prá cima e bate. E você ,como reage , A . ? Eu bato. Você acha que poderia ser diferente ? Sim . Como ? Se a minha mãe parasse de beber.* Quanto aos pais, A . esclarece: *Meu pai verdadeiro é um chato; meu padrasto , às vezes é legal.*

P . , o filho de onze anos, apesar de estar na escola, não se sente adaptado à mesma. Não gosta de estudar , *porque é chato.* Suas preocupações estão voltadas para *o pai.* Não consegue falar sobre os seus pais e *não sabe como se sente vivendo com essa família.* Afirma que *o couro come,* quando não atende sua mãe. Não sabe se poderia ser diferente, mas, acha que isso acontece *porque faz coisas que ela não quer.*

Caso 5 : Família composta por: pai (C. M.) , 37 anos ; mãe (M. M .), 34 anos; e filhos : M1 – 16 anos; M2 – 8 anos ; e F – 5 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : pai – pedreiro ; mãe – faxineira . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada ao Crami) ; pai – violência física (denunciada pela criança na entrevista); pai - violência física e violência psicológica (relatada pelo próprio na entrevista) ; mãe – negligência (observada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A denúncia da violência de C . com os filhos foi anônima. Ele é uma pessoa rude e não hesita em afirmar , durante a entrevista, que seu relacionamento com os filhos é *ruim, com agressões físicas e verbais.* Namorou e se casou com M . contra a vontade de sua família, *porque ela bebia.* Como pessoa, C . se percebe *normal, porque não gosta de mentira.* Relata que bate nos filhos , *por provocação deles, porque não estudam e mentem.*

M . ,durante a entrevista, parece querer tentar passar uma imagem de que *está tudo bem aqui em casa.* Como pessoa , se acha *o máximo, porque não tem medo da vida.* Descreve as situações de violência como se assistisse a um filme não interessante: *Como as situações de violência acontecem , M . ? As crianças chegam com reclamações da escola e C. começa a espancar. E você , como reage M . ? Eu não posso fazer nada ...*

G . tem oito anos. É gago e não tem facilidade para fazer amigos, pois diz que os outros riem dele. Tem medo *de apanhar, sempre.* A pessoa de quem mais gosta, em sua casa, é a sua *irmã, porque ela é legal.* Ao falar sobre os seus pais, declara: *Às vezes são legais; às vezes são chatos.* A disciplina em sua casa é aplicada pelo pai e descrita da seguinte forma: *Em sua casa é usado algum castigo para punir certas atitudes , G. ? Sim. Qual o castigo ? Apanha. Quem o aplica ? Meu pai. Como você reage a isso ? Choro e fico nervoso.* No entanto , a criança tem uma solução para esta situação: *Você acha que poderia ser diferente , G . ? Acho. Como ? Ter um pai legal.*

Caso 6 : Família composta por: pai (J. A .) , 41 anos ; mãe (M. A .), 32 anos; e filhos : F - 9 anos ; M - 7 ; os cinco filhos restantes eram menores de 6 anos e a mãe não soube precisar a idade deles . Escolaridade dos pais: sem escolaridade . Religião dos pais : pai – católico ; mãe – sem religião . Profissão dos pais : pai – sem profissão ; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – violência psicológica e negligência (denunciada ao Crami) ; mãe – violência física (denunciada pelo pai e pela criança na entrevista); pai e mãe – negligência (observada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A denúncia foi anônima. A família mora em um barraco de dois cômodos. Os filhos, alguns dormem no chão, outros na cama de casal e o restante numa cama de solteiro. O relacionamento do casal é bom, mas já se separaram uma vez , porque segundo J . , *M . é 'briguenta'.* Ele se percebe, como pessoa, *um trabalhador.* Descreve as situações de violência da seguinte forma: *Quando eles faz arte, M . bate neles, mas é de vez em quando. E você, como se sente, nestas situações , J . ? Me sinto muito bem , para eles não fazer mais.* E justifica: *M. tem problema de nervos.*

M . está com o pé engessado. Explica que caiu. Seu gesso está imundo. Relata que tem *um nervoso por dentro, que não sabe o que é.* Sua percepção como pessoa está voltada para bens materiais: *Como você se percebe como pessoa, M . ? Tenho vontade de ter uma casa.* Quanto às situações de violência , M. não fala sobre o assunto, apenas diz que *passava fome , quando era criança.*

R. tem nove anos e ainda não foi alfabetizada. Ela está na escola, mas, não consegue aprender. Preocupa-se com *seus pais* e gosta de ficar *sempre perto da mãe.* Costuma atender seus pais, quando eles falam, porém quando isso não acontece, ela afirma : *Minha mãe me bate.* Ela aceita, no entanto acha que poderia ser diferente, isto é, *ela não bater na gente, porque dói.*

Caso 7 : Família composta por: pai (F. R.) , 40 anos ; mãe (M. C .), 36 anos; e filhos : M1 – 19 anos; F1 – 16 anos ; F2 – 15 anos ; F3 – 9 anos; F4 – 4 anos; e M2 – 2 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais: católica. Profissão dos pais : pai – pedreiro ; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – negligência (denunciada ao Crami) ; pai – negligência (denunciada pela mãe na entrevista).

A família mora em uma 'casa' de dois cômodos. Os dois filhos, mais velhos, trabalham para ajudar na manutenção da família. M . é uma pessoa envelhecida. F . está saindo de casa, aos poucos , e M . o culpa de todas as situações que ocorrem no lar e , também , de estar abandonando os filhos. Não dá dinheiro em casa e nem atenção às crianças.

M . se sente *sofrida, mas jovem.* Afirma que *na hora do nervoso, nem me reconheço; depois reconheço.* Acha difícil o relacionamento com os filhos e declara que : *Tudo isso aconteceu porque eu me sinto só.*

A denúncia de negligência foi feita pelos vizinhos, que observam a filha de quinze anos, A . , ficar até tarde na rua, pedir esmolas e voltar sempre com algum objeto para casa.

A . é uma adolescente calada. Gosta de estudar e está na quinta série. Tem medo de ficar só e a pessoa de quem mais gosta em casa é a sua *mãe.* O castigo usado pela progenitora, segundo A . , *é proibir de sair.*

Caso 8 : Família composta por: pai (L. C.) , 28 anos ; mãe (V. C .), 26 anos; e filhos : F1 – 11 anos e F2 – 9 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : espírita . Profissão dos pais : pai – sem profissão; mãe – faxineira . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada ao Crami) ; pai – violência física (denunciada pela mãe e pela pré - adolescente na entrevista); pai - violência psicológica (observada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A família mora na casa da sogra , que tem três cômodos. V. recebeu muito bem o convite para participar da entrevista. Durante a permanência da pesquisadora, L . chegou em casa, estava bêbado e confundiu a situação com mais uma visita do CRAMI. Começou a falar alto: *Desde que vocês vieram na minha casa, minha vida está um inferno. Minha família está destruída.* L . está desempregado há três meses e a denúncia ao Crami foi realizada por vizinhos.

V . e suas filhas parecem não se intimidar com os seus gritos. O relacionamento do casal é bom, segundo V. , e *resolvem os seus problemas conversando.* Nunca existiram agressões ou separações entre o casal. Ela se percebe como *uma pessoa bondosa, porque está sempre pronta para ajudar.* Relata que não gosta de violência, pois, sua mãe, quando ela era criança, dava pauladas em sua cabeça. Quando L . bate nas filhas ou as ameaça, como um dia disse que ia cortar os dedos de uma delas, V . não gosta e tenta conversar para que ele se acalme. Justifica a confusão que reina em sua família pela vinda e permanência da sogra, em sua casa, há cinco meses . *Foi muito sacrifício*, explica V . .

Há dois meses, após uma situação de violência com o pai, as duas irmãs fugiram para a casa da avó materna, perto da Rodoviária. Como não sabiam onde era, ficaram na rua , até as duas horas da manhã, quando foram recolhidas pela Polícia. S. , a filha de onze anos, esteve envolvida em um roubo de dinheiro na escola. Ela já fez tratamento psicológico. Segundo sua mãe, ela recebeu alta , porque, de acordo com a profissional que atendia S . , *os seus problemas, agora, eram da idade.*

S . se preocupa com a família. A pessoa de quem mais gosta é a sua *mãe , porque é mãe.* Quanto aos seus pais, afirma: *Acho legal, às vezes dão bronca.* Em relação à disciplina, descreve: *Quando você não atende aos seus pais, o que acontece , S . ? Às vezes, eu apanho. Como você reage a isso ? Aceito. Poderia ser diferente , S . ? Não. Por quê ? Porque eu faço coisa errada.*

Caso 9 : Família composta por: pai (E. S.) , 41 anos ; mãe (M. B .), 33 anos; e filhos : M – 12 anos e F – 7 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : pai – segurança; mãe – faxineira . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada ao Crami) ; pai – violência física e negligência (denunciada pela mãe na entrevista); pai – violência física e violência psicológica (denunciada pelo adolescente na entrevista).

A família mora numa casa de dois cômodos, com um banheiro do lado de fora. M . apanha de E . , desde o início do casamento. Sente – se revoltada com esta situação e , também , por sustentar sozinha a casa. Seu relacionamento com os filhos é ótimo, mas se sente incomodada pela presença do marido. A denúncia da violência foi feita por M ., ao Crami.

A percepção de M. sobre a sua pessoa é em função do que faz: *me acho trabalhadeira e responsável* . As situações de violência ocorrem , principalmente, em relação às notas escolares. Ela descreve : *O filho traz o boletim com nota baixa, ele espanca. Como você se sente nessa situação, M . ? Eu sinto vontade de matar ele.* Afirma que essas cenas acontecem *pelo gênio dele* e *era só ele ver que não é certo.*

L . , o filho, interpretou a minha visita com a seguinte expressão : *Você está aqui porque meu pai bate muito na gente.* Não está adaptado, no colégio, mas, diz que *gosta de estudar.* E acrescenta : *Porque ficar em casa , não dá.* Preocupa-se com seu pai , *porque ele ameaça as pessoas* e *gosta mais da mãe e da irmã.*

Sobre os seus pais , L . é esclarecedor: *Meu pai é chato , porque ameaça; minha mãe é legal porque não briga.* A disciplina empregada é a *surra* e quem aplica é *o pai.* Outra situação, descrita por L . , são os xingamentos . Ele reage falando, mas, acha que podia ser diferente: *Ele ficar legal.* E justifica: *Porque eu acho que ele está doente.*

Caso 10 : Família composta por: pai (I. S.) , 35 anos ; mãe (M. S .), 27 anos; e filhos : F – 7 anos; M1 – 6 anos ; M2 – 4 anos; e M3 – 3 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica. Profissão dos pais : pai – sem profissão ; mãe – doméstica . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – negligência (denunciada ao Crami) ; pai– violência física, violência psicológica e negligência (denunciada pela mãe na entrevista); pai e mãe – violência física (denunciada pela criança na entrevista); mãe – negligência (observada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A denúncia foi realizada pelos vizinhos. I. está afastado de casa, em função das agressões a M . e aos filhos. A casa é muito suja , com restos de comida espalhados pelo chão de terra. As crianças estão sujas e maltratadas, em sua aparência física. Os meninos mais novos ficam pelo chão, colocando coisas, que encontram, na boca. M . parece alheia ao que acontece à sua volta.

Seu relacionamento com os filhos *é bom.* Percebe-se como *uma pessoa trabalhadora e boa.* Ressalta que as situações de violência aconteciam porque *ele não trabalhava e batia porque queria dinheiro para beber e comprar droga.* Justifica que I . ficou 'desse jeito', depois que seu irmão decepou a mão no trabalho e morreu. I . estava presente e disse para M . que *ele bebeu o sangue do irmão morto.*

S . , a filha de sete anos, é uma menina esperta , apesar da pouca idade. Tem vontade de chorar *sempre* ,mas não sabe por quê. Ao falar sobre os seus pais, é direta: *Minha mãe , eu gosto; meu pai , não gosto.* Conta que o castigo usado em sua casa *é bater.* Os autores da punição são o seu pai e a sua mãe. Ela acha que podia ser diferente , mas justifica: *É porque eu faço bagunça.*

Caso 11 : Família composta por: mãe (M. O .), 39 anos; e filhos : M1 – 17 anos; M2 –16 anos ; F1 – 12 anos; M3 – 10 anos; F2 – 8 anos; e M4 – 4 anos. Escolaridade da mãe : 1° grau incompleto . Religião da mãe : católica . Profissão da mãe: doméstica . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – violência física e negligência (denunciada ao Crami) ; padrasto – violência sexual (denunciada pela mãe na entrevista); mãe – violência física (denunciada pelos adolescentes na entrevista).

M . e seus filhos moram em uma casa de dois cômodos. Teve três parceiros , que são os pais dos seus filhos. O último , progenitor da criança de quatro anos, estuprou a adolescente de doze anos. Vive sem companheiro, atualmente. Revela que se sente bastante incomodada pelo filho mais novo , no entanto, não sabe o porquê. A denúncia foi anônima.

Suas relações conjugais sempre envolveram violência física e / ou psicológica. É alcoolista , *como o pai.* Foi despedida do seu emprego , há poucos dias. É uma pessoa *'nervosa',* e justifica: *Porque sou só.* Explica que as situações de violência aconteceram na sua família , *por causa da droga.*

W. , de dezessete anos, apresenta fortes dores de cabeça , até hoje não esclarecidas. Não estuda , *porque não tem interesse.* Tem vontade de chorar, *às vezes, porque a mãe bebe.* Seus medos parecem estar relacionados `a conduta de sua mãe: *Você tem medos, W . ? Tenho. Quando ? Sempre. De quê ? Da minha mãe machucar os moleques.* Ao falar sobre a sua relação com drogas, relata que já foi *pego com maconha e sofreu ameaças da polícia.* Sobre os pais, conhece apenas a sua mãe e gosta dela, *porque me sustenta.* Afirma que ela bate nele e em seus irmãos *porque fica nervosa.*

D. tem dezesseis anos e já foi pego pela polícia, duas vezes, portando maconha. Também não está na escola , *porque não gosta de estudar.* A pessoa de quem mais gosta em sua casa é a irmã de doze anos, *porque às vezes , vão a pagodes juntos.* Gosta de ir à casa de amigos , *para ver televisão.* Quanto à dependência química, afirma que *não usa mais: foi só para experimentar.* Obedece a sua mãe, *às vezes,* e acrescenta: *Quando não obedeço , não acontece nada , não sou otário.*

Caso 12 : Família composta por: padrasto (A. B.) , 40 anos ; mãe (R. C .), 33 anos; e filhos : F1 – 16 anos; M1 – 14 anos ; F2 – 11 anos; e M2 – 8 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : padrasto – pedreiro ; mãe – passadeira . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – violência física e negligência (denunciada ao Crami) ; mãe – violência física (denunciada pela pré – adolescente na entrevista).

A família mora em um barraco com um cômodo. Há pouca privacidade, pois todos dormem no mesmo local. O chão é de terra, mas é uma casa limpa. A denúncia foi feita por um órgão do Governo , que os atende na área social. R . bebe bastante e tem pouca ligação com os filhos. Eles são desobedientes e ficam , a maior parte do dia, na rua.

Durante a entrevista, uma vizinha alcoolizada entrou, trôpega, no recinto. Ficou mexendo nas coisas de R . e falava palavras desconexas. Sua presença tornou – se incômoda mas, para R . , era como se não houvesse ninguém em sua casa. A referida mulher saiu e foi criar uma confusão na rua, com um homem, que deveria ser o seu companheiro.

A assistente social da Prefeitura da cidade arranjou um trabalho e colégio para a adolescente de dezesseis anos; R . não aceitou. Ela afirma que seus filhos têm vergonha dela , *porque é pobre e de cor.* Seu relacionamento com eles *é ruim , com agressões físicas e verbais, porque eles não obedecem.*

A percepção de R . , como pessoa , é *sou boa, porque não nego nada.* Acha que as situações de violência acontecem porque *ela fica nervosa e os filhos respondem.* Para ela, isso poderia ser evitado, *porque eles deviam compreender... .*

M . , a filha de onze anos, gosta de estudar. Preocupa-se com seus pais e acha – os *legal.* Sente-se bem vivendo com eles, *porque morar com os outros , eles joga na cara.* A disciplina é aplicada pela mãe e descrita da seguinte forma: *Quando você não atende, M . , o que acontece ? Minha mãe me bate e dá bronca. E você, como reage? Eu aceito. Podia ser diferente , M ? Sim. Minha mãe não bater. E por que isso não acontece ? Porque tem vezes que eu não obedeço.*

Caso 13 : Família composta por: pai (P. M.) , 34 anos ; mãe (M. M .), 30 anos; e filhos : F – 11 anos; M1 – 9 anos; M2 – 4 anos; e M3 – 1 ano . Escolaridade dos pais: sem escolaridade. Religião dos pais : evangélica . Profissão dos pais : pai – pedreiro; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – negligência (denunciada ao Crami) ; pai – violência física (denunciada pela mãe e pela criança na entrevista); pai – violência física (denunciada pelo próprio); mãe – negligência (observada na visita domiciliar pela pesquisadora).

O local é sem asfalto nas ruas e de extrema pobreza. A casa está em péssimo estado. P . e M . estão à porta e as crianças mais jovens, seminuas , na rua. A denúncia foi feita pela irmã de M . e o cunhado, que se preocupam pelas crianças.

As cenas que ocorrem, no interior da casa, durante a entrevista, são grotescas. Os meninos menores ficam pelo chão urinados. O filho mais velho dá comida para o irmão de um ano. A comida cai no chão, a criança de quatro anos come. O mais velho bate no mais novo. Ocorre uma confusão entre as crianças; o pai se irrita , a mãe parece não ligar.

M . está muito suja e descalça, com os cabelos despenteados. Ela parece ignorar as crianças e P . lembra o tempo todo: *Olha as crianças, M . Tem que dar comida , M .* O pai parece ser mais zeloso do que ela, no entanto, a princípio, é pouco cordial e fala, agressivamente, com a pesquisadora.

O relacionamento entre P . e as crianças é descrito por ele como: *ruim , com agressões físicas e verbais.* E acrescenta : *Porque eles xingam.* As situações de violência acontecem , então, *porque eles faz raiva.* Não se arrepende das suas atitudes , *porque se arrepender , eles fica sem vergonha.* E conclui: *Tenho que educar e bater não faz mal.* Quanto à bebida , admite: *Quando bebo fico nojento, nervoso... .*

Durante a entrevista com M . , nas questões sobre o relacionamento do casal , houve um desentendimento entre eles. M . falou: *Ele pega pau prá me matar.* E P. respondeu: *Seu cunhado quer separar nós. Você some, eu fico nervoso.* M . não consegue se descrever como pessoa. Sobre a violência do marido, relata: *Ele bebe e bate nas crianças. Eu tento parar, aí eu fico nervosa, vou para a rua e espero isso acabar.*

W . , de nove anos, parece, às vezes, assumir o lugar dos pais nos cuidados com os irmãos. Conta que dorme no chão com os irmãos, *a cama é para os pais.* Sobre eles, sua opinião é a seguinte: *Minha mãe é boazinha; meu pai, não, ele é bravo.* Não se sente bem vivendo com os pais. Quanto à disciplina, esclarece: *Meu pai me bate, eu xingo ele. Você acha que poderia ser diferente , W . ? Não sei. E por que isso acontece ? Porque ele manda fazer as coisas e eu não faço.*

Caso 14 : Família composta por: pai (M. C.) , 40 anos ; mãe (N. C .), 34 anos; e filhos : M – 7 anos e F – 2 anos . Escolaridade dos pais: pai - 2° grau completo; mãe - 1° grau completo . Religião dos pais : pai – católica; mãe – evangélica . Profissão dos pais : pai – funcionário público; mãe – do lar. Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – violência física e negligência (denunciada ao Crami) ; pai e mãe – violência física (denunciada pela criança na entrevista); mãe – violência psicológica (observada pela pesquisadora na entrevista).

O local em que a família mora é amplo. A casa é bem conservada. M . apresenta uma atitude desconfiada quanto à entrevista, pois acha que as suas respostas poderão favorecer o marido quanto à guarda das crianças. Estão separados há dez dias, mas não há nada definitivo quanto à separação. Ela está muito nervosa e atribui os seus problemas à sua sogra.

A denúncia foi apresentada pela sogra e continha as seguinte queixas: N . deixa as crianças o dia inteiro sem comer, para se vingar do pai. Certo dia , bateu tanto no filho , que teve de levá-lo ao Pronto Socorro.

Antes de começar a responder as perguntas da entrevista, fala alto, como se quisesse que todos a ouvissem : *Eu não preciso de ninguém , de psicóloga, de nada. Eu tenho a Igreja.* Desde que se casou com M . , a sua vida não foi fácil , por causa da família dele. Sobre o desenvolvimento do filho , é observada a necessidade de N . mantê – lo como um bebê e, também, solucionar os seus problemas emocionais não resolvidos. Ele não dorme em quarto separado , porque N . *não gosta de dormir sozinha*; usou chupeta até os cinco anos , porque *ela achava bonito.*

N . se percebe como uma pessoa *alegre e aberta.* F . , o filho , é uma criança triste. Apresenta problemas na fala e passa minutos 'olhando para o vazio'. A pessoa de quem mais gosta em sua casa *é o pai.* Apesar disso, ao falar sobre ele , inverte a opinião: *Fale – me sobre os seus pais , F . ...Meu pai é meio ruim; minha mãe é boa, porque não me bate.* No final da entrevista , F . se contradiz , novamente, quando fala sobre a disciplina usada em sua casa: *Isso tudo podia ser diferente , eles não batendo em mim.*

Caso 15 : Família composta por: padrasto (B. M.) , 40 anos ; mãe (M. P .), 35 anos; e filhos : M1 – 11 anos e M2 – 7 anos. Escolaridade dos pais: padrasto - 1° grau completo; mãe - 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : padrasto – mecânico ; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência física (denunciada ao Crami) ; pai – violência física (denunciada ao Crami); padrasto – violência física e violência psicológica (denunciada pela mãe na entrevista); padrasto e mãe – (violência física denunciada pelo pré – adolescente na entrevista).

A denúncia foi realizada por M . , que não suportava mais a violência contra ela e seus filhos. A casa é pobre, está em construção, mas, é limpa. As crianças estão bem tratadas. Após o primeiro Boletim de Ocorrência contra B . , a situação melhorou um pouco. M . é portadora de deficiência auditiva e a compreensão das perguntas, muitas vezes ficou prejudicada, tendo que ser repetida até seu correto entendimento.

Conheceram-se há dois anos e, pouco tempo depois, ele foi morar com ela e os filhos. M . relata que, quando B . chega bêbado, *bate nos meninos.* Quando ela tenta evitar , apanha , também. Várias vezes ,na madrugada, B . acorda os meninos para que alimentem os cachorros. O seu primeiro marido , pai dos seus filhos, espancava as crianças. M . não consegue se definir , como pessoa. Sente-se revoltada, com o amásio, principalmente quando ele diz *que está educando as crianças.*

E . tem onze anos. É um jovem esperto e responsável com suas tarefas. Preocupa-se com seus amigos, sua mãe e seu irmão, *porque são legais.* A pessoa de quem mais gosta em casa é a *mãe, porque faz tudo o que quer.* Sobre os seus responsáveis , fala: *Minha mãe é boa , não briga comigo; o meu padrasto agora está bom, antes brigava.* Sente-se bem vivendo com eles. No entanto , quanto à disciplina se contradiz: *Quando você não atende os seus pais E . , o que acontece ? Eu apanho da minha mãe de cinta, devagar , e de chinelo. Como você reage ?Eu me escondo. Podia ser diferente , E . ? Não, porque eu fico brincando e mando ela esperar.*

Caso 16 : Família composta por: pai (D. P.) , 42 anos ; mãe (M. P .), 47 anos; e filhos : M – 14 anos e F – 13 anos . Escolaridade dos pais: 1° grau incompleto . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : pai –auxiliar de serviços gerais; mãe – doméstica . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada ao Crami) ; pai – violência física (denunciada pela mãe na entrevista); pai – violência física e violência psicológica (denunciada pela adolescente na entrevista).

A família mora numa casa confortável. M . parece ser uma mãe carinhosa. A denúncia ,ao Crami, parece ter sido feita por pessoas conhecidas da família. Seu casamento aconteceu , apesar da discordância da sogra. As agressões físicas de D . a M. começaram sete dias após o nascimento da sua filha.

M . não consegue se definir como pessoa. As situações de violência à filha começaram quando ela iniciou um namoro e 'matava' aula , para ficar com o namorado. Não aceita o que D . fez , pois além de ser alcoolista e violento, quase matou a filha, espancando –a .

A . é uma adolescente revoltada. Fica preocupada com seus pais e justifica: *Pelas conseqüências do que pode acontecer.* A pessoa de quem mais gosta, em casa, é a sua mãe, *porque o pai é um chato; o irmão um estúpido.* Costuma obedecer apenas à sua mãe, *porque o pai não faz as coisas que se pede.*

Descreve , com certa emoção, uma cena de violência : *Quando eu não obedeço o meu pai , a casa cai. Ele começa a me bater; eu xingo ele. Ele diz que eu sou a causa de tudo. Tudo o que acontece com ele , sou eu.* No entanto, A . fala com esperança: *Acho que podia ser diferente, ele compreendendo mais. A bebida incomoda e não leva a nada.*

Caso 17 : Família composta por: avó – 55 anos ; e netos : F1 – 11 anos; F2 – 7 anos ; M1 – 6 anos; e M2 – 2 anos . Escolaridade da avó : 1° grau incompleto . Religião da avó : cristã . Profissão da avó :sem profissão . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai e mãe – violência física (denunciada ao Crami) ; pai e mãe – violência física e negligência (denunciada pela pré – adolescente na entrevista).

A casa é pobre, mas, limpa. A denúncia foi realizada contra os pais pelos vizinhos do casal. As crianças são cuidadas pela avó materna , porque os pais são incompetentes para fazê – lo. A dependência química não os capacita para cuidar dos filhos. Elas ainda não estão na escola e apresentam desnutrição.

A avó das crianças, desde o início , foi contra a união de sua filha. O relacionamento da filha e do genro era péssimo. M . tem onze anos e está ansiosa para voltar a estudar. Fica preocupada com *a avó e os irmãos.* Tem medo de *perder parentes.* Sobre os seus pais, esclarece: *Eles não são bons. Maltratam e não dão alimento prá gente.* Quanto à disciplina , M . descreve: *Quando eu não atendia na hora que eles falavam , eles me batiam.*

Caso 18 : Família composta por: padrasto (S. C.) , 30 anos ; mãe (N. F .), 27 anos; e filhos : F – 8 anos; M1 – 3 anos ; M2 – 2 anos; e M3 M4 – 1 ano . Escolaridade dos pais: padrasto - 1° grau incompleto; mãe – sem escolaridade . Religião dos pais : sem religião . Profissão dos pais : padrasto – pedreiro ; mãe – serviços gerais . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): padrasto – violência física (denunciada ao Crami) ; padrasto – violência física (denunciada pela criança na entrevista); mãe – negligência (avaliada na visita domiciliar pela pesquisadora).

O local é uma favela. A situação é caótica : miséria e falta de higiene. As crianças estavam sujas e desnutridas, principalmente os gêmeos. Um deles estava nu , era esquálido e apresentava diarréia. Suas fezes se espalhavam por toda casa e ninguém as limpava. Ao chegar, a pesquisadora encontrou N . conversando e rindo com amigas, do lado de fora do barraco.

As crianças são agressivas, umas com as outras. Mãe e filha parecem alheias a tudo. Em certas ocasiões, a menina imita a atitude da mãe. Esta a solicita , a todo instante, para que cuide dos irmãos mais novos. Ela o faz com desatenção e má vontade, enquanto N. continua se divertindo com as amigas.

A denúncia foi realizada por N . . Atualmente, *está dando um tempo de S.* , por causa das agressões físicas e morais que ocorriam entre os dois. N . não consegue expor como se percebe como pessoa. Justifica as situações de violência em sua família, *porque S . bebe, tem temperamento e é ignorante.* Ela se sente uma pessoa marcada pela vida , pois com quinze anos foi estuprada por um estranho.

V . , a filha de oito anos, tem *medo das coisas que acontecem.* Não se preocupa com ninguém e gosta de brincar de 'casinha'. Sente-se *mal*, vivendo com o padrasto , *porque ele bate.*

Caso 19 : Família composta por: pai (A. S.), 30 anos ; mãe (C. S .), 28 anos; e filhos : F1 – 11 anos; M1 – 10 anos ; M2 – 8 anos; F2 – 7 anos; M3 – 4 anos ; e M4 – 3 anos . Escolaridade dos pais: pai - 1° grau incompleto; mãe - 1° grau completo . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : pai – sem profissão; mãe – comerciária . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai e mãe – negligência (denunciada ao Crami) ; pai e mãe – negligência (avaliada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A visita foi marcada para a noite. Às dezenove horas , as crianças estavam sozinhas em casa, ainda não havia nada para jantar, e não haviam ido à escola , *porque estava frio.* C . chegou quase uma hora mais tarde. A . apareceu , rapidamente , em casa, e perguntou se era *entrevista do Crami, aquele lugar que vive mandando carta para ele.* Ao ser esclarecido sobre o objetivo da visita e convidado a participar, saiu rápido , fazendo bastante barulho com os pneus do seu carro.

O ambiente da casa é de insatisfação. A denúncia foi realizada por vizinhos , que se compadecem do que ocorre na casa. A situação é de abandono total. C . está grávida, novamente, e não parece ser uma pessoa pouco esclarecida para não tomar precauções e não engravidar. Com exceção da primeira filha, as outras gestações não foram desejadas. Sente-se *incomodada* pela presença do marido, *porque já tomou implicância dele.*

A . , segundo C . , é dependente químico *'de tudo'.* Foi internado e punido , legalmente, por causa desta situação. Sua percepção como pessoa é desvalorizada: *Acho que sou burra. Me irrito comigo, porque faço tudo errado.* Brigam, diariamente. A . se sente arrependida de suas atitudes e complementa: *Podia ter pensado melhor.*

As crianças captam a situação e sofrem as conseqüências do relacionamento dos seus pais. P . , a filha de onze anos, é quem toma conta da casa e substitui a mãe nos cuidados com os irmãos. Ela é uma pré – adolescente tensa. Fica preocupada com coisas ruins que podem acontecer com sua mãe, *porque às vezes ela sai e demora.* Quanto à tristeza, P . responde : *Sei lá , às vezes dá solidão.* Ao falar sobre os seus pais, ela fica pensativa e responde: *Acho que eles se importam com a gente. A minha mãe é a que mais se importa.* A sensação de viver com eles, para P . , *é estranha, porque a minha mãe é de um jeito e o meu pai é de outro.*

F . tem dez anos. A pessoa de que mais gosta em casa é a sua irmã P . , *porque ela é legal e sempre me ajuda.* Sempre saem juntos *para comprar comida para a casa.* Ao

falar sobre os seus pais , qualifica – os : *'briguentos'.* Além disso, afirma que *não gosta de viver com eles".* F . coloca que , quando não atende ao que eles pedem ou mandam , sua mãe responde : *tanto faz.* É crítico em relação ao pai e expõe sua posição nas propostas de mudanças: *Você acha que essa situação podia ser diferente, F.? Acho, se meu pai fosse mais igual aos outros pais.*

Caso 20 : Família composta por: pai (A. A.) , 30 anos ; madrasta (S. G .), 24 anos; e filhos : M1 – 10 anos; M2 – 9 anos ; e F – 5 meses . Escolaridade dos pais: pai - 1° grau incompleto; madrasta - 1° grau completo . Religião dos pais : católica . Profissão dos pais : pai – pedreiro ; madrasta – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): pai – violência física (denunciada ao Crami) ; pai – violência física e psicológica ; mãe – violência psicológica (denunciada pela criança na entrevista) ; madrasta – violência psicológica (avaliada pela pesquisadora na visita domiciliar).

A denúncia foi realizada pela família materna das crianças. A casa em que moram é muito limpa, apesar de modesta. S . é uma pessoa jovem e bonita, no entanto, é muito fria em relação aos enteados : não os olha nem lhes dirige a palavra.

A . é uma pessoa , aparentemente, tensa. É bastante afetivo , tanto com os filhos da primeira união quanto com o bebê. O casal justifica tudo que estão passando como responsabilidade da primeira mulher de A . .

Ele tem mais dois filhos dessa união , que vivem com esta : um menino ,de oito anos, e uma menina , de quatro anos. O relacionamento com S . é *bom.* Percebe-se como uma pessoa *normal, às vezes nervoso por causa do dia-a-dia.* Esclarece que as situações de violência ocorreram ,três vezes, quando os meninos fugiram de sua casa e foram para o lar da avó materna. Disse que *não queria fazer isso.* E explica : *tudo isso aconteceu porque eles não me escutaram.*

Para S., tudo se justifica pela família da mãe das crianças. *Por que você acha que tudo isso aconteceu , S . ? Pela influência da família da ex – mulher do A . Estes fatos poderiam ter sido evitados ? Sim. Se essa família orientasse melhor as crianças. Eu não tenho nada a ver com isso.*

O nível de agressividade entre os meninos é grande. Eles olham para o pai de forma aterrorizada. W . tem dez anos e não está adaptado, na escola. Fica preocupado com ele e em não passar de ano. Tem vontade de chorar *sempre, porque o pai fala e a gente não entende.* Apesar de ter medo deste , ele é a pessoa de quem W . mais gosta.

Ao falar sobre os pais , W . conclui: *Minha mãe , às vezes, acho legal; e , às vezes, chata.* Quanto ao castigo , esclarece: *Em sua casa , W . , é usado algum castigo para punir certas atitudes ? É . Quem o aplica ? Meu pai . Qual é o castigo ? Ficar ajoelhado. E quando você não atende aos seus pais, o que acontece ? Eu apanho. E você ,como*

reage , W . ? Eu choro . Podia ser diferente ? Podia . Porque a gente pode ficar ajoelhado quando está sentado.

Y . , o filho de nove anos, se preocupa com seus amigos. Parece ter dificuldades de demonstrar suas emoções , como fica visível em suas respostas : *Você fica triste sem razão, Y . ? Fico . Por quê ? Não sei . Você tem vontade de chorar , Y ., nessas horas ? Tenho, sempre, mas não consigo...* Qualifica os seus pais como : *'meio nervosos'.* O castigo utilizado para punir certas atitudes é aplicado pela *mãe.* E acrescenta : *Ela me coloca atrás da porta.* Quanto à desobediência, descreve: *Meu pai fica bravo comigo. E você, como reage a isso , Y . ? Eu choro. Podia ser diferente ? Podia , porque quando ele fala, eu fico chateado.*

Caso 21 : Família composta por: mãe (M. P .), 38 anos; e filhos : M1 – 9 anos; M2 – 8 anos ; F1 – 5 anos; e M3 – 2 anos . Escolaridade dos pais: mãe - 1° grau completo . Religião dos pais : católica . Profissão da mãe : do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – negligência (denunciada ao Crami) ; vários pais – negligência (denunciada pela mãe) ; mãe – violência psicológica e negligência (avaliada na visita domiciliar pela pesquisadora).

A denúncia foi anônima, mas suspeita –se que tenha sido realizada por vizinhos. A casa é imunda e pequena. Há sujeira e um odor de podre por todo o local. O ambiente é de muita miséria. M . estava alcoolizada. Sua relação com os filhos é de 'vítima', principalmente quando eles se desentendem : ela berra, se excomunga , chantageia e tudo se transforma num tumulto. Durante a entrevista , gatos saem de dentro do armário e pulam em cima das pessoas.

As crianças , cada uma delas , são filhas de um pai diferente. M . vive das pensões dos filhos. Apesar de alcoolizada, afirmou que *não bebe, apenas fuma*. Sua percepção como pessoa é de ser *boa demais.*

Seu filho , W . , tem nove anos. A pessoa de quem mais gosta na família é a *avó materna*. Relata que, quando fica nervoso, *quebra tudo.* Ao falar de sua mãe, *acha bom.* Quanto à disciplina, quando não atende a sua mãe, responde: *Fico com medo do que pode acontecer comigo*. Mas, não consegue definir o que seria.

Caso 22 : Família composta por: pai (M. I.) , 35 anos ; mãe (V. G .), 25 anos; e filhos : F1 – 9 anos; F2 – 7 anos ; F3 – 6 anos; e M – 2 anos . Escolaridade dos pais: pai - 2° grau completo; mãe - 1° grau completo . Religião dos pais : pai – católico; mãe - evangélica . Profissão dos pais : pai –funcionário público ; mãe – do lar . Agressor(es) e tipo(s) de violência(s) contra a(s) criança(s) e (ou) adolescente(s): mãe – negligência (denunciada ao Crami) ; pai e mãe – violência física (denunciada pela criança na entrevista).

A família vive em um condomínio fechado. A casa é arrumada e não parece haver problemas financeiros. V . é uma jovem bonita , que se casou com quinze anos, grávida de seis meses. M . tinha muito ciúme de V . , no entanto, tinha várias amantes, que eram apoiadas pela sua mãe, segundo relata a esposa.

O relacionamento foi se desgastando com o nascimento dos filhos. M . e V . estão separados , temporariamente. A denúncia ao Crami foi realizada por M ., que alega que V. , durante este período de separação, tem saído para se encontrar com homens e deixa as crianças sozinhas em casa. Elas ficam desesperadas e os vizinhos, preocupados com os choros dentro do apartamento. *Certo dia, uma das filhas estava tentando sair pela janela*, segundo declaração do pai , na denúncia.

V . acha isso tudo mentira. Considera-se uma mãe excelente. Quando sai , tem sempre um adulto na sua casa para olhar os filhos. Acha que essa situação, *é despeito de M .*"Como pessoa , se percebe *fácil de fazer amizades.*

N . , a filha de nove anos, é uma criança aparentemente assustada com a visita da pesquisadora. Mantém uma atitude desconfiada, ficando todo o tempo perto da mãe. Suas preocupações são : *tirar nota baixa, repetir o ano e ficar doente.* A pessoa de quem mais gosta, na família, é a *mãe, porque ela é mãe.* Ao falar sobre os pais, relata: *Eles são legais. Eles me batem porque eu faço bagunça.* Sente-se feliz, como está vivendo.

Para: Stella Luiza Moura A. Carneiro
De: Marcia A. Ciol
Ref: Tamanho da amostra para seu trabalho de doutorado

Campinas, 15 de Março de 1996.

De acordo com o seu projeto de pesquisa, os objetivos de seu trabalho são os seguintes:
- descrever a história de vida das crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica notificada, realçando aspectos do seu desenvolvimento psicossocial;
- identificar alguns fatores de risco presentes nos diferentes tipos de violência contra a criança e o adolescente;
- pesquisar a composição das famílias agressoras, em comparação com as não agressoras;
- estudar alguns traços de personalidade das crianças e adolescentes do grupo de estudo, em comparação com o grupo controle;
- estudar dados demográficos e sociais das crianças e adolescentes vitimados.

Esses objetivos são essencialmente de caráter descritivo. Dessa forma, podemos definir seu estudo como exploratório em vez de confirmatório. As ramificações desta classificação, do ponto de vista estatístico, são as seguintes:
- os resultados obtidos no estudo servirão para *levantar hipóteses* sobre a origem das diferenças entre os grupos de vítimas e controles, e não para *confirmar* hipóteses já existentes;
- quaisquer testes realizados terão caráter exploratório e não devem ser interpretados como comprovação estatística de hipóteses;
- o tamanho da amostra e o poder dos testes é menos crucial do que em estudos confirmatórios.

O tamanho da amostra está estreitamente relacionado com o tamanho das diferenças e o poder (= probabilidade de encontrar-se uma diferença quando ela realmente existe). É perfeitamente razoável que agências financiadoras de pesquisa preocupem-se com o tamanho da amostra em estudos confirmatórios (onde hipóteses pré-estabelecidas são testadas). Existem fórmulas para cálculo do tamanho de amostra para algumas situações em estudos confirmatórios.

Em estudos descritivos, no entanto, o interesse maior está na qualidade da coleta das observações. Isso não diminui a validade do trabalho. Ele é essencial para o levantamento de hipóteses que possam (no futuro) ser testadas com estudos planejados, de forma a ter-se maior controle sobre as variáveis e, portanto, resultados considerados confirmatórios.

É óbvio que você procurará obter o máximo possível de observações. Quanto maior sua amostra, mais informação sobre a violência contra a criança e o adolescente o seu estudo trará. Como conversamos, há várias dificuldades no seu trabalho. As maiores, segundo me recordo, são a acessibilidade (via CRAMI e SOS) às famílias onde a violência ocorreu,

aceitação voluntária da família em participar do estudo, faixa etária da vítima (7-18 anos), e tempo.

Em nossa conversa abordamos formas de aumentar a sua amostra. A mudança de faixa etária para 4-18 anos foi sugerida por um revisor de seu projeto, mas foi descartada porque a criança precisa entender corretamente as perguntas para que as respostas obtidas sejam próximas da realidade. Aumentar o tempo de coleta de dados (de um para dois anos, por exemplo) traz outros problemas. Tanto a incidência da violência, quanto os motivos pelos quais ela ocorre podem estar mudando ao longo do tempo. Quanto mais tempo você levar para fazer seu estudo, maior a chance de que você estará estudando populações que são essencialmente diferentes.

Minha sugestão é a seguinte: delimite o tempo de coleta e observe todos os casos possíveis dentro daquele período. Faça um resgistro de todos os casos que recusaram-se a participar do estudo, ou que não puderam ser incluídos (em caso de separação judicial, por exemplo). Aumente seus esforços (na medida do possível) para conseguir mais participantes dentro do período de coleta, em vez de estender esse período.

Até a data em que conversamos, você já tinha 13 casos confirmados e de 60 a 70 pendentes. Destes últimos, assumo que você perderá um bom número de casos. Se você delimitar seu período de coleta até o final do ano, por exemplo, e conseguir nesse período pelos menos 50 casos (e respectivos controles), eu, como profissional de estatística, já ficaria feliz.

Estou à disposição para qualquer esclarecimento sobre o material acima, bem como para outras dúvidas que possam surgir.

Atenciosamente,

Marcia A. Ciol, PhD
Bioestatística
Comissão de Pesquisa, FCM

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
20 de novembro de 1995

COMISSÃO DE ÉTICA MÉDICA DO HC/UNICAMP

CONSULTA No. 312/95-C.Ética

ASSUNTO: Projeto de Pesquisa - "Quando tudo começa em casa. A violência notificada contra a criança e o jovem na família"

INTERESSADO: Stella Luiza Moura Aranha Carneiro

RELATOR: Prof. Dr. Ubirajara Ferreira

PARECER

O estudo é adequado e atual. Os objetivos são precisos e compatíveis. A autora enuncia, inclusive, algumas hipóteses interessantes para explicar a agressão às crianças.

O Termo de Consentimento Pós-Informação está dentro dos padrões exigidos por esta Comissão. Portanto, a Comissão de Ética Médica manifesta-se favorável à realização do estudo.

Prof. Dr. Ubirajara Ferreira
MEMBRO RELATOR

Dra. Cristina Alba Lalli
MEMBRO CO-RELATOR

Dra. Maria Tereza M. Baptista
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ÉTICA MÉDICA
HC/UNICAMP